

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

EDSON GALVAO MAIA

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE – ALSAM

**(VOLUME I)**

Londrina
2018

EDSON GALVÃO MAIA

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE – ALSAM
## (VOLUME I)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Maia, Edson Galvão.
Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM / Edson Galvão Maia. - Londrina, 2018.
845 f. : il.

Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Dialetologia Pluridimensional - Tese. 2. Atlas Linguístico - Tese. 3. Mesorregião do Sul Amazonense - Tese. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

EDSON GALVÃO MAIA

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE – ALSAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

_____

Orientadora: Profª. Dra. Vanderci de Andrade. Aguilera
Universidade Estadual de Londrina – UEL

_____

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

_____

Profª. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

_____

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina – UEL

_____

Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 12 de junho de 2018.

*Aos meus amados pais, Maria das Graças Galvão e Francisco Taumaturgo, por todas as renúncias e por todo amor.*

## AGRADECIMENTOS

*“Um galo sozinho não tece a manhã:*
*ele precisará sempre de outros galos.*
*De um que apanhe esse grito que ele*
*e o lance a outro: de outro galo*
*que apanhe o grito que um galo antes*
*e o lance a outro; e de outros galos*
*que com muitos outros galos se cruzam*
*os fios de sol de seus gritos de galos*
*para que a manhã, desde uma tela tênue,*
*se vá tecendo, entre todos os galos”*

*João Cabral de Melo Neto*

Meus mais sinceros agradecimentos primeiramente a Deus pela graça infinita com que me cobre todas as manhãs.

A minha família, alicerce necessário, apoio incondicional, com a qual posso contar sempre e onde encontro abrigo em dias de tempestade.

A minha orientadora, Vanderci Aguilera, por receber, abraçar minhas ideias e acreditar em mim. Acima de tudo, pelo zelo com o trabalho, digno da minha mais sincera admiração, e por tudo que me ensinou nesses quatro anos. Muito obrigado!

À familia UEL, meus professores e colegas de turma, em especial minhas queridas Taci, Cássia e Danny. Vocês são um presente de Deus. Muito obrigado por me acolher, me receber em suas casas, me apresentar suas famílias (isso representou muito para mim) e dividir comigo os momentos mais felizes e mais angustiantes desta conquista. Tudo fica muito mais fácil com vocês. Sonhamos juntos e realizamos juntos! Espero cada uma de vocês no meu Amazonas.

A meu grande amigo Thiago Bordinhão, o irmão que Londrina me trouxe. Mano, obrigado por todos os momentos que dividimos, pelos conselhos, pelas distrações necessárias em alguns momentos, por todo carinho e principalmente pelo incentivo que você sempre me deu.

A minha grande amiga, Flávia Martins, por todos os conhecimentos compartilhados desde a graduação, por todo suporte recebido, pelas muitas horas dispensadas em me ajudar nesta tese, nunca medindo esforços. Eu não tenho

palavras para dizer o quanto tem sido importante para mim poder contar com você e nem para expressar o tamanho da minha gratidão. Essa conquista também é sua.

À professora Maria Luiza Cruz-Cardoso por ter acreditado em mim quando tudo começou, por todo apoio recebido e, principalmente, por proporcionar não apenas a possibilidade de sonhar com esse trabalho, mas também a experiência necessária para realizá-lo.

Aos amigos que têm sonhado comigo a conclusão dessa tese, Laura, Vandreza, Branca, Eduardo, Jameson, Jacque, Naeglisson, Dávilla, Júnior, Gisely, Rafael e Hariele. Muito obrigado pela companhia sempre agradável. Obrigado por me provarem que ainda existem amizades verdadeiras, livres de interesses que não sejam os de compartilhar grandes e inesquecíveis momentos.

Aos informantes dessa pesquisa e a cada pessoa que me acolheu nas cidades por onde passei para realizá-la. Nada disso seria possível sem vocês. Sou

eternamente grato!

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas pelo apoio recebido sempre que precisei me ausentar para o desenvolvimento deste trabalho e aos colegas de trabalho pelo incentivo. Gostaria de agradecer especialmente aos amigos Judson Medeiros, por não medir esforços em me ajudar no momento mais conturbado dessa caminhada e por entender minhas necessidades, Manoel Galdino por se dispor a me ajudar na arte final das capas do atlas, e Fabiann Matthaus pelo suporte tecnológico dispensado sempre com sorriso no rosto e boa vontade. Muito obrigado!

À Fundaçao de Amparo à pesquisa do Amazonas pelo apoio financeiro, por meio de seu programa de bolsas de doutorado.

Enfim, meus mais sinceros agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, são responsáveis por, juntamente comigo, “tecer a manhã”, permitindo que os raios de sol surjam sempre brilhantes. É um prazer dividir mais essa conquista com vocês.

*“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos”*
*(Marcel Proust)*

MAIA, Edson Galvão. **Atlas linguístico do sul amazonense – ALSAM**. 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

## RESUMO

Esta tese trata de uma investigação sobre o falar de seis municípios da mesorregião do Sul Amazonense – Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba – em alguns de seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. Além da dimensão diatópica, abrangeu ainda as dimensões diastrática, diassexual e diageracional, segundo o que preceitua a Dialetologia Pluridimensional. A pesquisa contou com 48 informantes, estratificados em sexo, idade (20-35 anos e 50-65 anos) e escolaridade (4-7 anos de escolaridade e 10-13 anos de escolaridade), e se deu por meio da aplicação de questionários (Questionário Semântico-lexical e Questionário Fonético-fonológico). Os dados coletados e transcritos deram origem a 435 cartas linguísticas (640 na versão em CD) que compõem o *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*, das quais 285 no âmbito lexical e 150, no fonético. Esses mapas representam uma amostra do falar sul amazonense do qual se destacam: (i) a realização fechada das vogais médias pretônicas; (ii) a pronúncia alveolar do /S/ em coda silábica; (iii), a concorrência entre o apagamento e a presença do /R/ em coda final; (iv) a pronúncia alveolar da lateral antes de vogal [i]; (v) a semivocalização e o apagamento da nasal palatal, além de outras características no campo fonético. No campo lexical, revelam a variação observada nas áreas semânticas Meio Físico, Meio Biótico e Meio Antrópico e em suas respectivas subáreas. Em todas se observam as influências das configurações geográficas, históricas, socioeconômicas e culturais da mesorregião. As variáveis sociais foram consideradas na cartografia das formas lexicais, o que gerou um número de 172 cartas pluridimensionais. A análise multivariada evidenciou a influência da vogal tônica fechada e da nasalidade fonológica na vogal tônica para a realização fechada da vogal média anterior pretônica, da antecedência ao /S/ em coda silábica para o alçamento dessa vogal e das vogais tônicas baixa, médias baixas (abertas) e altas para sua realização aberta. Da mesma forma, constatou-se que as vogais tônicas médias altas e altas são favorecedoras do fechamento da vogal média posterior pretônica, assim como o maior nível de escolaridade, a posição inicial, a proximidade com a vogal tônica e as localidades de Humaitá, Manicoré e Tapauá, enquanto a presença em hiato, a posição medial e as vogais tônicas altas e médias altas favorecem o alçamento dessa vogal e as vogais baixa e médias baixas, a nasalidade fonológica da vogal tônica e a distância da tônica favorecem a sua abertura. Já a palatalização da lateral antes de [i] é favorecida pelas localidades de Manicoré e Borba, pelo sexo feminino e pelo contexto subsequente a consoantes palatais e vogal baixa [a]. A palatalização do /S/ em coda silábica, por sua vez, recebe influência do contexto subsequente, em que a oclusiva alveolar [t] e a africada [tʃ] se apresentam como favorecedoras desse fenômeno, além da localidade de Manicoré e Borba, do nível mais alto de escolaridade, do sexo feminino e da posição medial no vocábulo. O enfraquecimento do /S/ em coda recebe influência do contexto subsequente a laterais, africadas, oclusiva alveolar sonora /d/ e nasal, além das localidades de Manicoré e Borba, do nível mais baixo de escolaridade e da presença do fonema /S/ em sílaba átona.

**Palavras-chave:** Dialetologia pluridimensional. Atlas linguístico. Mesorregião do sul amazonense.

MAIA, Edson Galvão. **Linguistic Atlas of the South of the State of Amazonas – ALSAM**. 2018. 310 p. Thesis (Doctorate in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

## ABSTRACT

This thesis deals with an investigation on the speech of six municipalities in the Southern Mesoregion of the state of Amazonas – Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré and Borba – in some of its phonetic-phonological and lexical-semantic aspects. Besides diatopical dimension, it has also covered diastratic, diasexual and diagerational dimensions, according to what stated the Pluridimensional Dialectology. The research counted with 48 informants, stratified on sex, age (20-35 years and 50-65 years) and schooling (4-7 years of schooling and 10-13 years of schooling), through means of questionnaires application (Lexical-semantic Questionnaire and Phonetic-phonological Questionnaire). The data collected and transcribed gave origin to 435 linguistic map (640 in the CD version) that make up the *Linguistic Atlas of the South of the state of Amazonas – ALSAM*, from which 285 were in the lexical scope and 150 in phonetic. These maps represent a sample of the speech from the South of the state of Amazonas, of which the following stand out: (i) the closed pronunciation of pretonic mid vowels; (ii) the alveolar pronunciation of /S/ in syllabic coda; (iii) the concurrence between the deletion and the presence of /R/ in final coda; (iv) the alveolar lateral pronunciation before vowel [i]; (v) the L-vocalization and the deletion of the nasal palatal, in addition to other features in the field of phonetics. In the lexical field, the observed variation in the areas of Physical, Biotic and Anthropic Environment semantics, and in their respective subareas, are revealed. It is observed, in all of them, the influences of the geographical, historical, socio-economic and cultural influences of its mesoregion. The social variables were considered in the mapping of lexical forms, which generated a number of 172 multidimensional maps. The multivariate analysis showed the influence of the stressed closed vowel and the phonological nasality in stressed vowel to the closed pronunciation of mid pretonic front vowel, from the advance to the /S/ in syllabic coda for the rising of this vowel and low tonic vowels, medium to low (open) and high to its open execution. Similarly, it was found that stress medium high vowels and high, are favoring of the closure of the pretonic back mid vowels, as well as the higher level of schooling, the initial position and the proximity to the stressed vowel and the localities of Humaitá, Manicoré and Tapauá. While the presence in gap, the medial position, and the high and medium high stressed vowels favor the rising of this vowel, and the low and mid low vowels, the phonological nasality of the stressed vowel and the distance from stress favor its opening. As of the lateral palatization before [i], it is favored by the localities of Manicoré and Borba, by females and by the context following palatal consonants and low vowels [a]. The palatalization of /S/ in syllabic coda, in turn, is influenced by the context that follows, in which the occlusive alveolar [t] and the affricate [tʃ] are presented as favorers of this phenomenon, besides the localities of Manicoré and Borba, from the highest level of schooling of the female sex, and medial position in wording. The weakening of /S/ in coda receives the influence of the subsequent context to laterals, affricates, voiced occlusive alveolar /d/ and nasal, in addition to the localities of Manicoré and Borba, the lowest level of schooling and the presence of the phoneme /S/ in unstressed syllable.

**Key-words:** Pluridimensional dialectology. Linguistic atlas. Southern mesoregion of the amazon.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES


**Figura 1** – Mapa de localização da Mesorregião Sul Amazonense.....33
**Figura 2** – Mapa hidrográfico da Mesorregião Sul Amazonense.....35
**Figura 3** – Vista aérea do rio Madeira .....36
**Figura 4** – Usina Hidrelétrica de Santo Antônio .....36
**Figura 5** – Vista aérea do rio Purus.....37
**Figura 6** – Município de Boca do Acre .....43
**Figura 7** – Igreja Matriz de Boca do Acre .....44
**Figura 8** – Vista aérea de Boca do Acre.....45
**Figura 9** – Município de Lábrea.....47
**Figura 10** – Vista aérea de Lábrea.....48
**Figura 11** – Praça Coronel Labre .....49
**Figura 12** – Praia de Lábrea durante a Festa do Sol .....50
**Figura 13** – Município de Tapauá.....51
**Figura 14** – Vista aérea de Tapauá.....52
**Figura 15** – Casas flutuantes na confluência dos rios Ipixuna e Purus, na frente da cidade de Tapauá .....53
**Figura 16** – Igreja Matriz de Tapauá .....54
**Figura 17** – Município de Humaitá .....55
**Figura 18** – Igreja Matriz de Humaitá .....56
**Figura 19** – Vista aérea de Humaitá.....57
**Figura 20** – Rodeio na Exposição Agropecuária de Humaitá (Expohuma).....59
**Figura 21** – Município de Manicoré .....60
**Figura 22** – Igreja Matriz de Manicoré.....61
**Figura 23** – Vista aérea de Manicoré .....62
**Figura 24** – Desfile na Festa da Melancia em Manicoré .....64
**Figura 25** – Município de Borba .....65
**Figura 26** – Igreja Matriz de Borba.....66
**Figura 27** – Vista aérea de Borba .....67
**Figura 28** – Mosaico de fotos dos Festejos de Santo Antônio em Borba.....69
**Figura 29** – Rede de Pontos do ALSAM ..... 138
**Figura 30** – Exemplo de transcrição dos dados do ALSAM ..... 155

**Figura 31** – Base cartográfica para as cartas linguísticas do ALSAM ..... 157
**Figura 32** – Carta-síntese S015 - /S/ em coda silábica no Sul Amazonense ..... 196
**Figura 33** – Carta-síntese S014 – Lateral precedendo vogal [i] no Sul Amazonense ..... 196
**Figura 34** – Carta-síntese S016 – Nasal palatal no Sul Amazonense ..... 197
**Figura 35** – /S/ em coda silábica em dados das diversas pesquisas realizadas no Amazonas ..... 268

## LISTA DE TABELAS


**Tabela 1** – Vogal média anterior pretônica no Sul Amazonense ..... 162
**Tabela 2** – Vogal média posterior pretônica no Sul do Amazonas..... 163
**Tabela 3** – Vogal média posterior postônica medial (não-final) no Sul Amazonense ..... 165
**Tabela 4** – Nasalização da vogal por consoante nasal da sílaba seguinte no Sul Amazonense ..... 168
**Tabela 5** – Timbre da vogal média em sílaba tônica no Sul Amazonense..... 168
**Tabela 6** – Vogal epentética no Sul Amazonense ..... 169
**Tabela 7** – Ditongo decrescente oral /ej/ no Sul Amazonense..... 170
**Tabela 8** – Ditongo decrescente oral /ow/ no Sul Amazonense..... 171
**Tabela 9** – Ditongo decrescente oral /aj/ no Sul Amazonense..... 172
**Tabela 10** – Ditongo crescente oral final /jo/ no Sul Amazonense ..... 173
**Tabela 11** – Ditongo decrescente nasal final /ẽj/ no Sul Amazonense ..... 174
**Tabela 12** – Ditongo nasal postônico final /ãw/, em cantaram, no Sul Amazonense ..... 174
**Tabela 13** – Hiato e ditongo –oa (*coador*) e –ui (*ruim*) no Sul Amazonense..... 176
**Tabela 14** – Número de sílaba e acento tônico nas proparoxítonas no Sul Amazonense ..... 177
**Tabela 15** – Apagamento do /R/ em coda silábica no Sul Amazonense178
**Tabela 16** – Lateral alveolar /l/ precedente à vogal [i] no Sul Amazonense ..... 181
**Tabela 17** – Lateral palatal no Sul Amazonense..... 183
**Tabela 18** – /S/ em coda silábica no Sul Amazonense ..... 184
**Tabela 19** – Nasal palatal no Sul Amazonense ..... 187
**Tabela 20** – Grupo consonantal –nd do gerúndio no Sul Amazonense ..... 189
**Tabela 21** – Oclusiva bilabial sonora /b/ em assobio no Sul Amazonense ..... 192
**Tabela 22** – Oclusiva velar /g/ em *munguzá* no Sul Amazonense ..... 193
**Tabela 23** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica* ..... 239
**Tabela 24** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica* ..... 239

**Tabela 25** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a *variável localidade* ..... 240
**Tabela 26** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade* ..... 240
**Tabela 27** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *nasalidade fonológica da vogal tônica* ..... 241
**Tabela 28** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica* ..... 241
**Tabela 29** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *nasalidade fonológica da vogal tônica* ..... 242
**Tabela 30** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *distância da vogal tônica* ..... 242
**Tabela 31** – Cruzamento entre as variáveis *antecedência ao /S/ em coda silábica* e *distância da vogal tônica* para a realização da vogal alta [i] ..... 243
**Tabela 32** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade* ..... 243
**Tabela 33** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade* ..... 244
**Tabela 34** – Frequência e probabilidade de vogal médiaɛ baixa (aberta) [ɛ] no Sul Amazonense, segundo a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica* ..... 244
**Tabela 35** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɛ] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica* ..... 245
**Tabela 36** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɛ] no Sul Amazonense, segundo a variável *distância da vogal tônica* ..... 245
**Tabela 37** – Cruzamento entre as variáveis *vogal tônica* e *distância da vogal tônica* para a realização da vogal média baixa [ɛ] ..... 246

**Tabela 38** – Cruzamento entre as variáveis *distância da vogal tônica* e *antecedência ao /S/ em coda silábica* para a realização da vogal média baixa [ɛ] ..... 246
**Tabela 39** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável vogal tônica ..... 248
**Tabela 40** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *nasalidade fonológica da vogal tônica* ..... 248
**Tabela 41** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *presença em hiato* ..... 249
**Tabela 42** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade* ..... 249
**Tabela 43** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *posição no vocábulo* ..... 250
**Tabela 44** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *distância da vogal tônica* ..... 250
**Tabela 45** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade* ..... 250
**Tabela 46** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *presença em hiato* ..... 251
**Tabela 47** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *posição no vocábulo* ..... 251
**Tabela 48** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica* ..... 252
**Tabela 49** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade* ..... 252
**Tabela 50** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade* ..... 253
**Tabela 51** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɔ] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica* ..... 254

**Tabela 52** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɔ] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica* ..... 254
**Tabela 53** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɔ] no Sul Amazonense, segundo a variável *distância da vogal tônica* ..... 255
**Tabela 54** – Frequência e probabilidade de palatalização da lateral diante de vogal alta anterior [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*..... 260
**Tabela 55** – Frequência e probabilidade de palatalização da lateral diante de vogal alta anterior [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *contexto precedente* ..... 261
**Tabela 56** – Frequência e probabilidade de palatalização da lateral diante de vogal alta anterior [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *sexo* ..... 262
**Tabela 57** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *contexto subsequente*..... 265
**Tabela 58** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável l*ocalidade* ..... 266
**Tabela 59** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade* ..... 269
**Tabela 60** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *sexo*..... 269
**Tabela 61** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *posição no vocábulo*..... 269
**Tabela 62** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *contexto precedente* ..... 270
**Tabela 63** – Cruzamento entre as variáveis *contexto subsequente* e *contexto precedente* para a realização do /S/ em coda silábica ..... 271
**Tabela 64** – Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *contexto subsequente* ..... 273

**Tabela 65** – Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade* ..... 273
**Tabela 66** – Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade*..... 274
**Tabela 67** – Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a *variável tonicidade*..... 274

## LISTA DE QUADROS


**Quadro 1** – Variáveis e número de cartas fonéticas do ALiB referentes às capitais ..... 88

**Quadro 2** – Variação fonética nas capitais brasileiras, de acordo com o ALiB ..... 89

**Quadro 3** – Variáveis e variantes lexicais nas capitais brasileiras, de acordo com o ALiB ..... 92

**Quadro 4** – Resultados apresentados no *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas* e no *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro* comparados aos resultados fonéticos do *Atlas Linguístico do Amazonas* ..... 105

**Quadro 5** – Contextos favorecedores do alçamento das vogais médias /e/ e /o/ em dados de Itacoatiara em Silves (CORRÊA, 1980) ..... 117

**Quadro 6** – Contextos linguísticos determinantes para a realização das vogais médias /e/ e /o/ em dados do Amazonas (CRUZ, 2004; MAIA, 2009 e QUARA, 2012) ..... 123

**Quadro 7** – Origem etimológica dos itens lexicais apresentados em Barbosa (2013) ..... 130

**Quadro 8** – Outras pesquisas dialetológicas realizadas no Amazonas ..... 133

**Quadro 9** – Informações básicas sobre a rede de pontos do ALSAM ..... 139

**Quadro 10** – Estratificação social dos informantes ..... 146

**Quadro 11** – Vogal média anterior pretônica e variáveis linguísticas ..... 163

**Quadro 12** – Vogal média posterior pretônica e variáveis linguísticas ..... 164

**Quadro 13** – Distribuição social das ocorrências de alçamento da vogal média posterior tônica no ALSAM ..... 167

**Quadro 14** – Ditongo crescente oral /ej/ e contexto subsequente ..... 170

**Quadro 15** – Ditongo decrescente oral /ow/ e posição no vocábulo ..... 172

**Quadro 16** – Apagamento do /R/ em coda silábica e posição no vocábulo ..... 179

**Quadro 17** – /R/ em coda silábica final e variável classe gramatical ..... 180

**Quadro 18** – Lateral alveolar /l/ precedente à vogal [i] e contexto precedente ..... 182

**Quadro 19** – Iotização e apagamento da lateral palatal e variáveis sociais ..... 183

**Quadro 20** – /S/ em coda silábica e variáveis posição e contexto subsequente ..... 185
**Quadro 21** – Nasal palatal sucedendo [i] e demais contextos ..... 188
**Quadro 22** – Redução do encontro consonantal dr- para /d/ em comadre e variáveis sociais ..... 191
**Quadro 23** – Ocorrências de ['vɾidʊ] para vidro e variáveis sociais ..... 191
**Quadro 24** – Variação fonética observada no ALSAM em comparação à observada nos demais atlas fonéticos amazonenses (ALAM, AFBAM e ALFARiN) ..... 193
**Quadro 25** – Variação lexical na subárea semântica *Terra e água* no Sul Amazonense ..... 199
**Quadro 26** – Variação lexical na subárea semântica *Fenômenos atmosféricos* no Sul Amazonense ..... 202
**Quadro 27** – Variação lexical na subárea semântica *Fauna (aves)* no Sul Amazonense ..... 207
**Quadro 28** – Variação lexical na subárea semântica *Fauna (peixes)* no Sul Amazonense ..... 209
**Quadro 29** – Variação lexical na subárea semântica *Flora* no Sul Amazonense ..... 210
**Quadro 30** – Variação lexical na subárea semântica *Alimentação e cozinha* no Sul Amazonense ..... 211
**Quadro 31** – Variação lexical na subárea semântica *Habitação* no Sul Amazonense ..... 215
**Quadro 32** – Variação lexical na subárea semântica *Relações sociais (festas e divertimentos)* no Sul Amazonense ..... 219
**Quadro 33** – Variação lexical na subárea semântica *Vida urbana* no Sul Amazonense ..... 224
**Quadro 34** – Variação lexical na subárea semântica *Atividades de produção (agricultura)* no Sul Amazonense ..... 226
**Quadro 35** – Variação lexical na subárea semântica *Atividades de produção (pesca)* no Sul Amazonense ..... 232

**Quadro 36** – Agrupamento diatópico Purus x Madeira em 22 cartas semânticolexicais do ALSAM ..... 234

**Quadro 37** – Agrupamento diatópico Borba e Manicoré x demais localidades em 12 cartas semântico-lexicais do ALSAM ..... 235
**Quadro 38** – Agrupamento diatópico Boca do Acre e Lábrea x demais localidades em 09 cartas semântico-lexicais do ALSAM ..... 236
**Quadro 39** – Variáveis linguísticas e sociais consideradas para a análise multivariada da vogal média anterior pretônica..... 238
**Quadro 40** – Variáveis linguísticas e sociais consideradas para a análise multivariada da vogal média posterior pretônica..... 247
**Quadro 41** – Contextos linguísticos determinantes para a realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em dados do Amazonas (CRUZ ,2004; MAIA, 2009; QUARA, 2012), incluindo os do ALSAM..... 256
**Quadro 42** – Variáveis linguísticas e sociais consideradas para a análise multivariada da lateral alveolar antes de vogal alta [i]..... 258
**Quadro 43** – Variáveis linguísticas e sociais consideradas para a análise multivariada do /S/ em coda silábica..... 264

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| AFBAM | Atlas dos Falares do Baixo Amazonas |
| ALAM | Atlas Linguístico do Amazonas |
| ALEAL | Atlas Linguístico do Estado de Alagoas |
| ALECE | Atlas Linguístico do Estado do Ceará |
| ALERS | Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul |
| ALES | Atlas Linguístico do Espírito Santo |
| ALF | Atlas Linguístico da França |
| ALFARiN | Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro |
| ALiAC | Atlas Linguístico do Acre |
| ALiB | Atlas Linguístico do Brasil |
| ALiMAT | Atlas Linguístico do Estado do Mato Grosso |
| ALiPA | Atlas Geossociolinguístico do Pará |
| ALiPE | Atlas Linguístico de Pernambuco |
| ALiRN | Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte |
| ALiRO | Atlas Linguístico de Rondônia |
| ALISPA | Atlas Linguístico Sonoro do Pará |
| ALiTTETO | Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado de Tocantins |
| ALMS | Atlas Linguístico do mato Grosso do Sul |
| ALPB | Atlas Linguístico da Paraíba |
| ALPR | Atlas Linguístico do Paraná |
| ALS | Atlas Linguístico de Sergipe |
| ALSAM | Atlas Linguístico do Sul Amazonense |
| APFB | Atlas Prévio dos Falares Baianos |
| BASA | Banco da Amazônia S.A |
| CD | *Compact Disc* |
| Cel. | Coronel |
| CIRC. | Circunstante |
| COSAMA | Companhia de Saneamento do Amazonas |
| EALMG | Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IDEB | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica |

| | |
|---|---|
| IDHM | Índice de Desenvolvimento Humano Municipal |
| INF. | Informante |
| Inint. | Ininteligível |
| INQ. | Inquiridor |
| IPTU | Imposto sobre Propriedade Predial e Territorial Urbana |
| MicroAFERJ | Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro |
| Pe. | Padre |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| QFF | Questionário Fonético-Fonológico |
| QMS | Questionário Morfossintático |
| QSL | Questionário Semântico-Lexical |
| SGVCLin | *Software* para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas |
| SPVE | Superintendência do Plano de Valorização da Borracha |
| UEA | Universidade do Estado do Amazonas |
| UEL | Universidade Estadual de Londrina |
| UFAM | Universidade Federal do Amazonas |
| UNIFEI | Universidade Federal de Itajubá |
| VarbRul | *Variable Rules Analysis* |

**SUMÁRIO**

**Volume I**

**INTRODUÇÃO** ..... 24

**1 MESORREGIÃO SUL AMAZONENSE** ..... 31
1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS ..... 32
1.2 ASPECTOS HISTÓRICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS ..... 38
1.3 LOCALIDADES INVESTIGADAS ..... 42
1.3.1 Boca do Acre ..... 42
1.3.2 Lábrea ..... 46
1.3.3 Tapauá ..... 51
1.3.4 Humaitá ..... 54
1.3.5 Manicoré ..... 59
1.3.6 Borba ..... 64
1.4 RURALIDADES E URBANIDADES DAS LOCALIDAES INVESTIGADAS ..... 69

**2 A DIALETOLOGIA NO BRASIL: DE MONODIMENSIONAL A PLURIDIMENSIONAL** ..... 73
2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA BÁSICA ..... 73
2.1.1 Objeto de Estudo da Dialetologia: Dialeto, Falar e Variedade ..... 73
2.1.2 Sociolinguística e Dialetologia: A Abordagem Pluridimensional ..... 76
2.2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS ..... 83
2.3 ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL E SEUS PRIMEIROS RESULTADOS ..... 87
2.4 ESTUDOS DIALETAIS NO AMAZONAS ..... 100
2.4.1 Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM e os Atlas Fonéticos do Baixo Amazonas e Alto Rio Negro ..... 101
2.4.2 Aspectos Relevantes para a Caracterização do Falar Amazonense ..... 108

2.4.2.1 Variação fonética ..... 109
*2.4.2.1.1 Realização do /S/ em coda silábica* ..... 109
*2.4.2.1.2 Alçamento da vogal posterior em sílaba tônica* ..... 114
*2.4.2.1.3 Realização das vogais médias pretônicas* ..... 117
2.4.2.2 Variação lexical ..... 126
2.4.3 Outros Estudos e Considerações Gerais sobre a Dialetologia no Amazonas ..... 133

**3 PRINCÍPIOS E PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS** ..... 137
3.1 REDE DE PONTOS ..... 137
3.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA ..... 140
3.2.1 Questionário Fonético-Fonológico – QFF ..... 143
3.2.2 Questionário Semântico-Lexical – QSL ..... 143
3.2.1 Questões de Discursos Semidirigidos ..... 144
3.3 INFORMANTES ..... 145
3.4 APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA ..... 148
3.5 TRATAMENTO DOS DADOS ..... 153
3.5.1 Transcrições Grafemática e Fonética ..... 154
3.5.2 Cartografia Linguística ..... 155
3.5.2.1 Cartografia automatizada: Software para Geração e Visualização de Cartas Linguística – SGVCLin ..... 157
3.5.3 Tratamento Estatístico ..... 158

**4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FALAR SUL AMAZONENSE** ..... 160
4.1 CARACTERIZANDO O FALAR SUL AMAZONENSE ..... 160
4.1.1 Variação Fonética ..... 160
4.1.1.1 Vocalismo ..... 161
4.1.1.2 Consonantismo ..... 177
4.1.2 Variação Lexical ..... 198
4.1.2.1 Meio físico ..... 198
4.1.2.2 Meio biótico ..... 206
4.1.2.3 Meio antrópico ..... 211
4.2 APROFUNDANDO ASPECTOS RELEVANTES DO FALAR SUL AMAZONENSE ..... 237

4.2.1 Vogal Média Anterior Pretônica ..... 238
4.2.2 Vogal Média Posterior Pretônica ..... 247
4.2.3 Consoante /l/ em Contexto Precedente à Vogal [i] ..... 256
4.2.4 Consoante /S/ em Coda Silábica ..... 263

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 275

**REFERÊNCIAS** ..... 283

**APÊNDICES** ..... 295

**SUMÁRIO**

**Volume II**

APRESENTAÇÃO.....04
QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – QFF.....07
NOTAÇÃO FONÉTICA .....17
APRESENTAÇÃO DAS CARTAS FONÉTICAS E SÍNTESE.....20
LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS.....27
CARTAS INTRODUTÓRIAS .....38
CARTAS FONÉTICAS .....43
CARTAS-SÍNTESE ..... 143

**SUMÁRIO**

**Volume III**

APRESENTAÇÃO.....04
QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL – QSL.....08
APRESENTAÇÃO DAS CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS.....32
LISTA DE CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS .....38
CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS .....53

## INTRODUÇÃO

A Geolinguística ou Geografia Linguística é um método da Dialetologia cuja origem remonta ao final do século XIX, com os estudos de Wenker, na Alemanha, consolida-se com a elaboração do *Atlas Linguístico da França (ALF, 1910-12)*, no início do século passado, e vem se aperfeiçoando a partir do advento da Sociolinguística, na década de 1960. Esse método possibilita o conhecimento das variedades linguísticas de uma região, considerando ainda aspectos de sua realidade social.

O resultado de uma pesquisa de campo dessa natureza é um conjunto de mapas que apresenta um panorama geral do falar da região em estudo, além de constituir-se numa fonte de informação preciosa sobre a história cultural daquele território. No Brasil, os estudos dialetais têm contribuído significativamente para a caracterização do português, registrando e analisando os seus diversos falares.

Desde a publicação, em 1963, do primeiro atlas regional brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB,* a Dialetologia no Brasil tomou um rumo diferente do percorrido em outros países onde primeiramente se elaborava um atlas nacional para, em seguida, elaborar atlas regionais. Os precursores da Dialetologia no Brasil, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Nelson Rossi e Celso Cunha, acreditavam ser necessário criar uma mentalidade dialetológica entre os pesquisadores da Linguística brasileira para então dar início a um atlas nacional, conforme definido pelo decreto 30.643, de 20 de março de 1952.

Essa mentalidade dialetológica foi formada e tal empreendimento deve muito à elaboração dos atlas estaduais que, nos últimos 55 anos, têm revelado a realidade linguística de norte a sul de um país territorialmente extenso e culturalmente diverso, possibilitando a formação de dialetólogos nos mais diversos centros de estudos brasileiros. Esses autores de atlas estaduais de natureza diatópica passaram a integrar uma equipe preparada para a elaboração do tão sonhado *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB, iniciado em 1996 e atualmente em fase de análise e publicação[1].

Sob a influência da execução do ALiB, começaram a surgir os

[1] Os dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (volume introdutório e volume de cartas), contendo dados das capitais brasileiras, foram publicados em outubro de 2014, durante o *III Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística*, na cidade de Londrina – PR.

primeiros trabalhos estaduais e regionais de cunho geossociolinguístico, dentre os quais se destaca o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, desenvolvido como tese de doutoramento de Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso, em 2004. O ALAM revela os aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais de nove municípios representativos das nove microrregiões do Estado[2].

Fala-se do maior estado brasileiro em extensão territorial (1.559.146,876 km$^2$, IBGE, 2010), formado por 62 municípios desenvolvidos de forma quase isolada se considerarmos as distâncias da capital e as dificuldades de acesso a cada um deles. Acrescente-se a essa realidade a distribuição de seus 4.063.614 habitantes (IBGE, 2017), a maior parte concentrada na capital, Manaus, atribuindo ao Estado uma particularidade ímpar, uma vez que, ao lado do desenvolvimento da metrópole que se forma, também se encontram localidades totalmente isoladas. Pode-se afirmar, assim, que ainda há muito a ser feito para que se caracterize o falar amazonense, nas palavras de Corrêa (1980), o falar "caboco"[3], em suas variadas formas e regiões.

Nesse contexto, insere-se o *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM* que, depois de concluído, será o quinto atlas regional desenvolvido no Estado, ao lado do *Atlas Linguístico dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM* (BRITO, 2010), do *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARIN* (JUSTINIANO, 2012) e do *Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira* (TAVARES, 2017), elaborados como dissertações de mestrado na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, sob orientação da professora doutora Maria Luíza de Carvalho Cruz-Cardoso.

O ALSAM investiga a mesorregião[4] do Sul Amazonense, constituída pelas microrregiões de Boca do Acre, Purus e Madeira. À microrregião de Boca do Acre pertencem os municípios de Boca do Acre e Pauini. À do Purus, Lábrea, Canutama e Tapauá. À do Madeira, por sua vez, pertencem os municípios de

[2] De acordo com a divisão político-administrativa da Constituição Estadual de 05/10/1989, na qual se baseou o ALAM.

[3] Corrêa (1980) propositadamente utiliza o termo caboco escrito da forma como é pronunciado no Amazonas, sem o encontro consonantal final, inclusive no título de sua dissertação, como forma de marcar a identidade cultural do homem amazônico.

[4] Mesorregião é uma subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Foi criada pelo IBGE e é utilizada para fins estatísticos e não constitui, portanto, uma entidade política ou administrativa. Foi substituída, em 2017, por uma nova divisão regional, na qual as unidades federativas estão divididas em regiões geográficas imediatas (que correspondem às microrregiões) e regiões geográficas intermediárias (que correspondem às mesorregiões).

Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã, Apuí e Borba. Dessa forma, a Mesorregião Sul Amazonense compreende 10 municípios, dos quais cinco já tiveram seu falar investigado por alguma pesquisa dialetal de cunho fonético ou lexical, por meio dos trabalhos de Cruz (2004), Campos (2009) e Maia (2012).

Diante dessa realidade, indaga-se: Quais seriam as particularidades linguísticas das comunidades do sul amazonense? Como os fatores linguísticos, históricos e sociais têm definido a fala desses grupos humanos?

Para responder a essas questões, certamente, faz-se necessário o conhecimento dos falares que individualizam cada grupo social existente nessa região, de modo a detectar o legado de nossos antepassados neles ainda presente, e as contribuições das novas gerações, retratando, assim, a dinâmica não só da língua, mas também da cultura de seus usuários, pois é na língua que se refletem os complexos valores dos grupos sociais.

Para isso, propuseram-se os seguintes objetivos:

(i) Objetivo Geral:

A pesquisa que deu origem à presente tese objetivou, primordialmente: Investigar, documentar e descrever parte da realidade linguística da mesorregião Sul Amazonense no que diz respeito à língua portuguesa falada, em seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais, por meio da elaboração do Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM;

(ii) Objetivos Específicos:

Pretendeu-se, especificamente:

a. Identificar possíveis tendências linguísticas a agrupamentos de variantes que permitam localizar geograficamente diferenças linguísticas nos níveis fonético-fonológico e semântico-lexical na área investigada;

b. Observar a influência das variáveis sociais escolaridade, sexo e idade na constituição do falar sul amazonense, assim como de variáveis linguísticas (contextos fonológicos) em alguns fenômenos fonéticos característicos da região em estudo.

c. Realizar estudos interpretativos dos fenômenos considerados na perspectiva de sua interface com outras áreas do conhecimento, com vistas a

contribuir para a fundamentação teórica acerca da natureza da implementação e desenvolvimento da língua portuguesa falada na região em estudo;

d Disponibilizar a estudiosos e interessados nos estudos linguísticos dados que possam ser comparados a diferentes realidades linguísticas na região amazônica e no Brasil.

e. Contribuir para a caracterização do falar amazonense, especialmente do falar sul-amazonense e para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento de comunicação social diversificado, porém possuidor de uma unidade sistêmica.

Para cumprir esses objetivos e responder às perguntas formuladas, a pesquisa que ora se apresenta buscou descrever e analisar os fenômenos linguísticos sob os seguintes aspectos:

1) Semântico-Lexicais:

Registro de formas lexicais distribuídas nos campos semânticos Meio Físico (Terra e águas e Fenômenos atmosféricos), Meio Biótico (Fauna e Flora) e Meio Antrópico (Características físicas; Alimentação e cozinha; Saúde e medicina caseira; Habitação; Vestuários e acessórios; Crenças, superstições e lendas; Relações e comportamentos sociais; Expressões populares; Vida urbana; Atividades de produção e Transporte fluvial).

2) Fonético-fonológicos:

a. Vocalismo: realização dos fonemas vocálicos em diferentes posições no vocábulo, com especial destaque para as vogais médias pretônicas; redução dos ditongos /ei/ e /ou/ e alçamento da vogal média posterior tônica;

b. Consonantismo: realização das vibrantes, das laterais, do /S/ em coda silábica, assim como os fenômenos de palatalização da nasal e das oclusivas alveolares precedentes à vogal /i/ e da assimilação do grupo –nd a [n].

A primeira hipótese formulada diz respeito às formas lexicais estudadas: esperava-se uma forte influência do falar nordestino, principalmente maranhense e cearense, tendo em vista o processo migratório ocorrido na região no século XIX. Da mesma forma, esperava-se que a influência indígena fosse mais frequente nesse nível.

A segunda hipótese foi dirigida às formas fonéticas: considerava-se também a influência nordestina. Quanto ao vocalismo, esperava-se que as vogais

médias pretônicas se realizassem principalmente como abertas (m[ɛ]lhor, s[ɔ]ldado; e que os ditongos passassem geralmente pelo processo de monotongação (*r[o]pa, mad[e]ra, c[a]xa*), pois já é possível afirmar, com base nos estudos dialetológicos e sociolinguísticos, que este fenômeno é geral nos falares brasileiros. Alicerçado nas pesquisas de Corrêa (1980) e Cruz (2004), esperava-se que o índice de vogais médias posteriores tônicas alçadas fosse inexpressivo, tendo em vista a diminuição desse fenômeno em duas décadas quando comparadas as duas pesquisas. Quanto ao consonantismo, de modo geral, esperava-se o uso categórico do R forte como fricativa glotal *([h]ato, cu[h]al*); a lateral alveolar em contexto precedente à vogal i *([l]ivro*); a vocalização da lateral em contexto de coda silábica (*Brasi[w]*); a variante alveolar do /S/ em coda silábica (*ca[s]ca, lu[s]*); a iotização da nasal em ataque silábico (*ama[j̃]ã*); a palatalização das oclusivas dentais precedente à vogal i (*bo[tʃ]inho, per[dʒ]ido*); e a assimilação do grupo –nd para –n (*rema[n]o*).

A terceira hipótese diz respeito à influência da maior ou menor distância e ligação das localidades estudadas em relação às capitais do Amazonas, Rondônia e Acre. Esperava-se uma aproximação também linguística entre as cidades da rede de pontos e as capitais com as quais se ligam. Assim, uma das hipóteses que se levantou nesta tese é de que a variedade linguística observada em Lábrea e Humaitá se aproximaria da variedade linguística de Porto Velho, enquanto a observada em Boca do Acre estaria mais próxima da de Rio Branco e a variedade linguística de Tapauá, Borba e Manicoré, se assemelharia à de Manaus

É importante ressaltar que as hipóteses acima referem-se a uma análise linguística geral, no entanto, a partir da análise dos fatores sociais considerados na pesquisa, acreditava-se que as formas consideradas de menor prestígio fossem evitadas pelos falantes mais escolarizados e mais velhos, principalmente as mulheres, conforme preconizam as pesquisas sociolinguísticas. Assim, esperava-se, por exemplo, que esses falantes evitassem o alçamento da vogal posterior tônica, o enfraquecimento e o apagamento do /S/ em coda silábica, a iotização da lateral palatal e a assimilação do grupo –nd. Da mesma forma, tinha-se por hipótese que fatores linguísticos como os segmentos precedentes e subsequentes, o acento, a posição, dentre outros, representassem forças que,

muitas vezes, sobrepõem-se a influências de ordem social. Cita-se, nesse caso, o uso categórico da variante alveopalatal do /S/ em contexto de coda silábica quando este antecede a oclusiva dental surda /t/, tal como ocorre nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, que contraria a forma alveolar, a qual caracteriza o falar desses municípios na maioria dos outros contextos (MAIA, 2012). Logo, nesse caso, considerando a presença desses municípios nesta pesquisa, acreditava-se no uso da variante alveopalatal neste contexto também nas demais localidades estudadas. Da mesma forma, esperava-se, por exemplo que, por harmonização vocálica, as vogais médias pretônicas se tornassem altas quando antecedessem sílabas tônicas com vogais altas. Essas e outras hipóteses foram consideradas na elaboração dos instrumentos de pesquisa. Para isso, observaram-se outros estudos acerca dos fenômenos analisados, conforme mencionado anteriormente.

Mais um trabalho dialetal sobre o português brasileiro por si só já representa uma contribuição relevante, tendo em vista a necessidade de conhecer os falares regionais e reconhecer a língua como objeto diversificado e sujeito a mudanças. Tal reconhecimento, por sua vez, tem implicações sobre um ensino-aprendizagem da língua mais concreto e mais real, considerando a diminuição da distância entre o saber linguístico compartilhado na escola e o saber linguístico compartilhado fora dela. Esta pesquisa, inédita na região do sul amazonense, apresenta-se com esse caráter.

Alcançados os objetivos propostos nesta tese, o Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM poderá subsidiar futuras pesquisas na área em estudo, tendo em vista não só o banco de dados organizado, mas também sua configuração enquanto elemento norteador de possíveis temas de pesquisa. Esse empreendimento foi possível devido à confiabilidade de um método rigoroso, o método geolinguístico, já consolidado por inúmeras pesquisas e orientação metodológica deste trabalho.

Esta tese está constituída por três volumes: a tese propriamente dita (volume I), um conjunto de cartas fonéticas (volume II) e um conjunto de cartas semântico-lexicais III.

O volume I, em seu capítulo inicial, denominado “Mesorregião Sul Amazonense”, apresenta a tradicional abordagem em estudos dessa natureza dos aspectos históricos, geográficos, sociais e culturais da região investigada, assim como traz informações particulares sobre esses aspectos de cada localidade que

compõe a rede de pontos do ALSAM.

O segundo capítulo, de base teórica e intitulado “A Dialetologia no Brasil: de monodimensional a pluridimensional” apresenta, na primeira parte, os pressupostos da Dialetologia, os conceitos básicos, sua origem e desenvolvimento no Brasil, assim como uma breve discussão sobre os primeiros resultados publicados pelo Atlas Linguístico do Brasil que levaram em consideração os dados das capitais brasileiras, e, na segunda parte, uma revisão bibliográfica sobre os estudos dialetais no Amazonas, abordando principalmente as bases teóricas sobre os principais aspectos considerados para a caracterização do falar amazonense.

O capítulo seguinte, “Princípios e percursos teórico-metodológicos”, apresenta o método e a fundamentação para a realização da pesquisa do ALSAM: a rede de pontos, os informantes, os procedimentos de coleta e tratamento dos dados.

O quarto capítulo, “Considerações sobre o falar sul amazonense”, expõe os resultados deste estudo em duas partes: a primeira descreve, por meio de frequência e ocorrências, os dados de todas as variáveis consideradas e a segunda aprofunda, por meio de análise estatística e comparativa, os aspectos linguísticos (fonéticos) mais relevantes observados na região.

O volume I termina com as considerações finais sobre o trabalho realizado, no qual se discutem o cumprimento dos objetivos e a confirmação ou não das hipóteses, à luz dos principais resultados obtidos na pesquisa.

O volume II traz uma apresentação do ALSAM com informações sobre as cartas, os informantes e a rede de pontos, as notações fonéticas, quatro cartas introdutórias e as 100 cartas fonéticas e 50 cartas-síntese fonéticas.

O volume III, por sua vez, traz as 285 cartas semântico-lexicais do Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM.

Para melhor conhecimento e aproveitamento dos dados, foi organizado um CD com uma versão estendida do ALSAM, contendo todas as 644 cartas linguísticas elaboradas antes que se selecionassem aquelas que seriam utilizadas para a versão impressa. São quatro cartas introdutórias, 400 cartas semântico-lexicais, 190 cartas fonéticas e 50 cartas-síntese fonéticas.

# 1 MESORREGIÃO SUL AMAZONENSE

É incontestável a importância dos conhecimentos geográficos, históricos, econômicos e sócio-culturais da região investigada desde a seleção das localidades que comporão a rede de pontos de um atlas linguístico, passando pela composição dos questionários da pesquisa (que devem atender à realidade local), pela logística que será necessária à coleta de dados, até a compreeensão e discussão dos dados linguísticos coletados.

Para Ferreira e Cardoso (1994, p. 25) “mister se faz que se venha a dispor de acurado estudo sócio-econômico e geográfico-histórico da área para que se possa, de maneira abalizada, justificar e definir a opção (...)” . As autoras afirmam a necessidade de (i) considerar a história da área com suas etapas de desenvolvimento desde sua fundação; (ii) o grau de isolamento e, por que não, de mobilidade da área (considerando o mundo moderno e a situação populacional brasileira, hoje muito mais urbana); (iii) a antiguidade da região, para a observação do estágio no processo de povoamento brasileiro a que se encontra; (iv) a natureza de seu desenvolvimento econômico, observando se a localidade se apresenta mais como difusora ou como receptora de influências e mudanças, muito embora reconheçam que toda área pode tanto produzir transformações quanto sofrer transformações; e (v) o estabelecimento de uma rede que de fato represente a região investigada do ponto de vista da densidade demográfica e da equidistância entre os pontos para recobrir harmonicamente sua área.

Este capítulo objetiva apresentar essas informações de modo não só a justificar a escolha da área investigada e sua rede de pontos, conforme se verá em 3.1, mas também, e principalmente, para auxiliar na busca pela compreensão dos fatos linguísticos observados, considerando a relação irrefutável entre língua e sociedade.

O interesse pela região investigada na pesquisa desta tese é devido, como tem sido comum entre os dialetólogos, a naturalidade do pesquisador. Desde o primeiro contato com a Dialetologia na iniciação científica, por meio do *Atlas Línguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004), nasceu o desejo de investigar a região em que se encontra a cidade de Lábrea, berço do pesquisador. Conforme se desenvolvia a carreira acadêmica, sempre tendo como foco a variação linguística, era eminente a necessidade de ampliar os estudos dialetais amazônicos. Assim,

durante a coleta de dados para a dissertação *A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá*, defendida, em 2012, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), já se definia o projeto para o Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM, tendo como área investigativa a mesorregião sul amazonense.

A mesorregião do Sul Amazonense é constituída por três microrregiões – a microrregião de Boca do Acre, a microrregião do Purus e a microrregião do Madeira – e por dez municípios: Boca do Acre, Pauini, Lábrea, Canutama, Tapauá, Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã, Apuí e Borba. Conforme se apresenta em 3.1, a rede de pontos do ALSAM conta com seis desses municípios, selecionados por critérios diversos (geográficos, históricos, socioeconômicos) – Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba.

Em 2017, o IBGE propôs uma nova divisão regional brasileira[5], porém, pelo fato de o município de Borba fazer parte da rede de pontos do ALSAM, optou-se por continuar considerando a divisão administrativa de 1989, em mesorregiões e microrregiões, conforme estabelecida no projeto de pesquisa, elaborado em 2013. É importante ressaltar também que o título do atlas elaborado continua contemplando a região onde se encontram os municípios investigados, o sul do estado do Amazonas, ainda que se considere a divisão regional atual do IBGE.

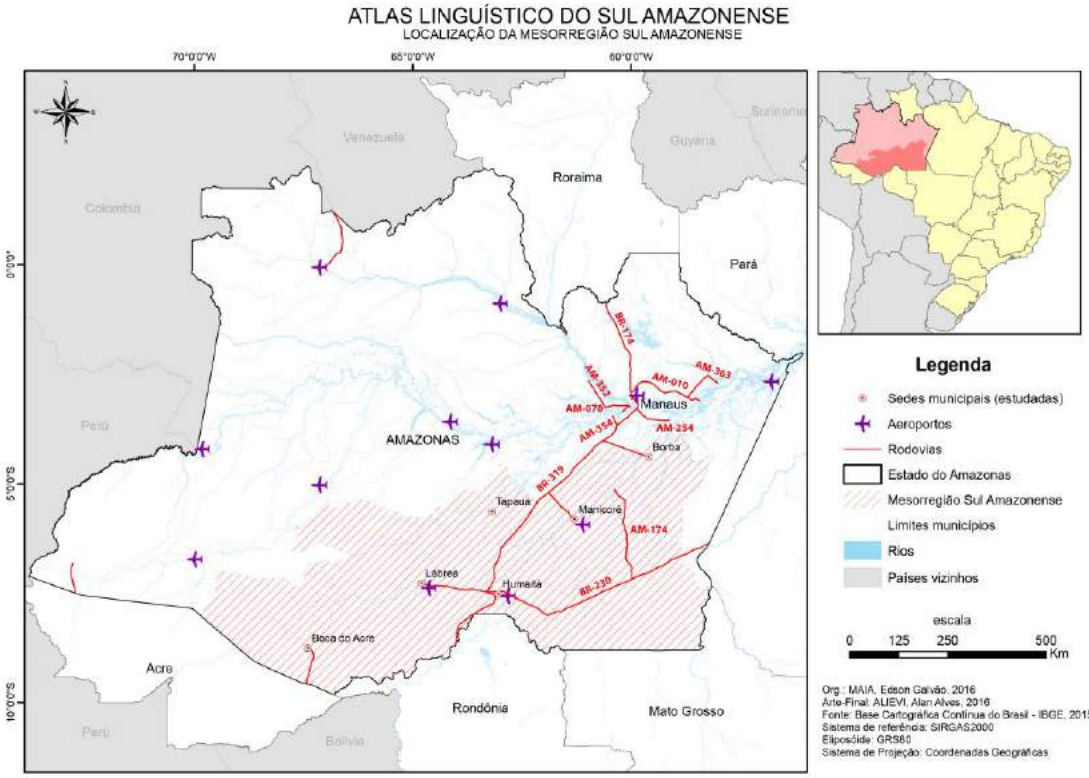
A seguir, apresentam-se os aspectos geográficos, históricos, sócio-econômicos e culturais da mesorregião estudada e as particularidades de cada localidade que forma a rede de pontos.

## 1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Conforme se pode observar na figura 1, a mesorregião do Sul Amazonense localiza-se, como o próprio nome sugere, no sul do estado do Amazonas, onde se limita com as mesorregiões Sudoeste Amazonense e Centro Amazonense e com os estados do Acre, Rondônia e Mato Grosso.

[5] Em 2017, o IBGE, considerando expressivo o aumento verificado na diferenciação interna do espaço territorial brasileiro, como resultado de modificações econômicas, demográficas, políticas e ambientais vivenciadas nas últimas décadas, publicou uma nova divisão regional do Brasil, extinguindo as mesorregiões e microrregiões, divisão elaborada em 1989, e estabelecendo as regiões geográficas intermediárias e imediatas. Os municípios da mesorregião do Sul Amazonense estão, assim, incluídos na região geográfica intermediária de Lábrea que, por sua vez, é constituída pelas regiões geográficas imediatas de Lábrea e Manicoré, com exceção do município de Borba, o qual agora pertence às regiões geográficas imediata e intermediária de Manaus.

**Figura 1** – Mapa de localização da Mesorregião Sul Amazonense




**Fonte:** Organização do autor por meio da Base Cartográfica Contínua do Brasil (IBGE, 2015).

Compreende os dez municípios amazonenses citados anteriormente, os quais totalizam uma área de 474.021,814 km$^2$, onde habitam cerca de 327.127 sul-amazonenses, conforme a atual estimativa populacional (IBGE, 2017). Dessa forma, a densidade demográfica da mesorregião corresponde a 0,69 hab./km$^2$.

O relevo da região, assim como de quase todo o estado do Amazonas, apresenta características bastante peculiares. São três níveis de altitude: o igapó, a várzea e a terra firme. O primeiro abrange áreas constantemente inundadas, cuja flora se compõe de árvores com raízes profundas e adaptadas a ficar sob as águas; o segundo corresponde a áreas um pouco mais elevadas que apenas são inundadas periodicamente na época das cheias dos rios, período que ocorre na região entre os meses de dezembro a maio e enriquece o solo, tornando-o mais propício à agricultura; por sua vez, o último compõe as terras altas, fora do alcance das águas, mesmo no período de cheia.

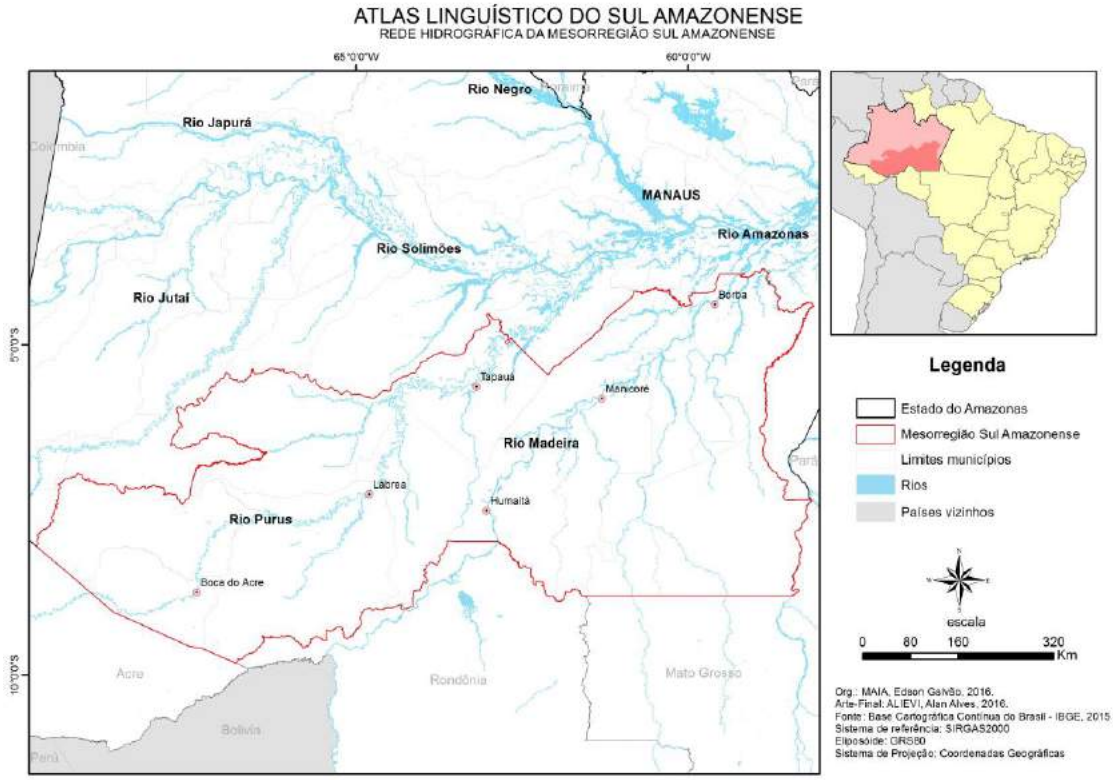
Os climas da região são o equatorial quente e úmido e o clima monçônico (Köppen-Geiger, 1928). O primeiro utilizado para classificar o clima das zonas geográficas caracterizadas pela elevada temperatura média do ar, entre 24 °C e 27 °C, com média mensal sempre superior a 18 °C, e pela alta pluviosidade (superior 2000 mm de precipitação total anual e precipitação média mensal superior a 60 mm em todos os meses do ano). O segundo utilizado para designar o clima das regiões tropicais onde o regime de pluviosidade, e a consequente alternância entre estações seca e chuvosa, é governado pela monção – ventos sazonais, em geral associados à alternância entre a estação das chuvas e a estação seca, que ocorrem em grandes áreas das regiões costeiras tropicais e subtropicais.

A temperatura média anual na mesorregião varia em torno de 24˚ e 27˚ mm/ano. Não existem estações definidas, uma vez que a região, situando-se próxima à linha do Equador, apresenta tendências às altas temperaturas e à influência dos verões dos dois hemisférios, elevando os índices de evaporação e, consequentemente, de precipitação durante todo o ano. No entanto, pode-se observar um período de estiagem que ocorre na região enquanto é inverno no hemisfério sul, a partir do mês de junho até o mês de dezembro, período esse em que os rios atingem os mais baixos níveis e as temperaturas se tornam mais elevadas (principalmente entre os meses de agosto e outubro), fazendo com que o amazônida popularmente o denomine como verão em contraposição à época das chuvas mais frequentes e da cheia dos rios, chamada de inverno. De igual modo, não ocorrem eventos climáticos extraordinários na região, além da “friagem”, período de mais ou menos uma semana que pode ocorrer entre os meses de maio e junho, em que as temperaturas baixam, podendo chegar a 10˚, por influência da massa polar atlântica que atinge o Brasil no inverno do hemisfério sul.

A hidrografia sul amazonense possui dois rios principais, os rios Madeira e Purus, que, junto com seus muitos afluentes, são a figura central da vida do sul-amazonense, suas estradas e seu sustento, seja pela abundância de sua fauna fluvial, seja pela dinâmica de subida e descida de suas águas, que inundam as terras e as tornam férteis e excelentes para o cultivo. Os rios Purus e Madeira são dois dos principais afluentes do Rio Solimões/Amazonas, estando inseridos na bacia Amazônica, maior bacia hidrográfica do mundo, a qual concentra 25% da água doce do planeta. De acordo com a classificação de Siolli & Klinge (1964), são rios de águas brancas (ou barrentas). Esses rios carregam sedimentos com alto teor de

Ferro e $SiO_2$, têm pH neutro (em torno de 7,2) e, pelo transporte e deposição de sedimentos, são os grandes formadores das grandes planícies fluviais. Esses são geralmente rios jovens, uma vez que ainda estão em fase de definição de seus leitos e por isso a queda de suas barrancas deixa o rio com cor barrenta, mais forte ou mais fraca de acordo com a época do ano.

**Figura 2** – Mapa hidrográfico da Mesorregião Sul Amazonense




**Fonte:** Organização do autor por meio da Base Cartográfica Contínua do Brasil (IBGE, 2015)

O Rio Madeira tem suas nascentes nos Andes bolivianos, onde ainda com o nome de rio Beni, segue na direção norte e encontra o rio Mamoré-Guaporé. De lá, já com o nome de Madeira, faz a fronteira entre Bolívia e Brasil até encontrar o rio Abunã e seguir na direção nordeste até sua desembocadura no Rio Amazonas. Esse percurso abrange cerca de 3300 km, dos quais 1.500 km estão em território brasileiro (GOULDING *et al.* 2003).

**Figura 3** – Vista aérea do Rio Madeira



**Fonte**: Ian Sulock (s/a).

A bacia hidrográfica do Madeira possui uma área de 1,4 milhões de km$^2$, distribuídas entre os territórios boliviano (40%), peruano (10%) e brasileiro (50%), o que representa cerca de 20% da bacia amazônica e faz desse rio o principal tributário do Rio Amazonas. Seus afluentes principais encontram-se na margem direita (GOULDING *et al.* 2003).

Além de representar um potencial socioeconômico para a região, o rio Madeira, no estado de Rondônia, movimenta as usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, que juntas formam o complexo hidrelétrico do rio Madeira, o que atesta também seu potencial na geração de energia, além, é claro, de seu potencial mineral, que atrai muitos garimpeiros à região.

**Figura 4** – Usina Hidrelétrica de Santo Antônio



**Fonte**: Cleris Muniz (s/a).

O rio Purus, por sua vez, percorre aproximadamente 3325 km de sua nascente, nas colinas do Arco Fitzcarrald, na floresta baixa Peruana dos departamentos de Ucayali e Madre de Dios, um dos lugares mais inacessíveis do Peru, onde se chama rio Pucani, até o desemboque no rio Solimões, já em território brasileiro. Sua bacia hidrográfica, formada por vários afluentes, compreende uma área aproximada de 376.000 km² (73% no Estado do Amazonas, 21% no Estado do Acre, 5,5% no Peru e 0,5% na Bolívia). De acordo com Ferrarini (2009, p. 14), acredita-se que o nome Purus se origine da nação indígena Puru-puru, habitante do sertão do alto Purus até suas nascentes. Segundo ele, puru-puru também designa uma doença de pele que ataca esse povo, conhecida na Colômbia como Caratê.

**Figura 5** – Vista aérea do rio Purus



**Fonte**: Loránd Jelényi (s/a).

A região da bacia do rio Purus não sofreu muitas ações humanas e apresenta-se em patamares superiores em termos de conservação de seus ambientes naturais. No entanto, atualmente, por meio da logística permitida pelas rodovias BR-364, BR-319 e BR-230, a região situada entre a porção leste do estado do Acre e a divisa com o Amazonas tem sido cenário de expansão de fronteira agrícola, e, consequentemente, concentra o impacto da ocupação na bacia, associada, principalmente, às atividades madeireiras e agropecuárias (SOUSA JUNIOR *et al*., 2006 e REID *et al*., 2005).

A fauna e a flora da região também são riquíssimas em espécies. A floresta amazônica é considerada a maior área florestal do planeta, contendo áreas que encerram os maiores índices de biodiversidade do mundo.

## 1.2 ASPECTOS HISTÓRICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

Oliveira (1988), apesar de reconhecer a dificuldade de estabelecer períodos da ocupação amazônica, com base em aspectos econômicos, culturais e sociais, apresenta quatro momentos históricos que se destacam pelas transformações sociais, culturais e econômicas ocorridas na região:

a. A expansão portuguesa (século XVII), que alterou as fronteiras portuguesas na Amazônia e iniciou os processos de destribalização e desculturação indígenas por meio da escravização e da ação catequizadora dos missionários. Os colonos portugueses, por sua vez, também tiveram que se adaptar à tecnologia indígena para sobreviver;

b. Ação de Francisco Xavier de Mendonça Furtado (século XVIII), que fez acontecer a política pombalina na Amazônia, transformando as missões em vilas e cidades, geralmente com nomes portugueses, expulsando os missionários e criando o Diretório dos Índios e, consequentemente, aumentando a pressão para o aportuguesamento e integração do índio à sociedade colonial;

c. A expansão causada pela procura da borracha (século XIX), que substituiu a mão-de-obra indígena pela nordestina, o que acarretou um aumento demográfico para a região e o desalojamento do índio de seu território, e expandiu o território brasileiro com a anexação do Acre;

d. Ação das políticas desenvolvimentistas da Amazônia (século XX), a partir dos anos 60, que ligaram por via terrestre a Amazônia ao Centro-Oeste, principalmente com Brasília, por meio da construção de rodovias e ferrovias na região e trouxeram forte migração do sul do país, principalmente para Rondônia, Acre e o sul do Amazonas.

Considerando esses momentos e analisando a história dos municípios que pertencem à mesorregião do Sul Amazonense, observa-se que esta região participa de todos esses momentos, ora de modo mais brando ora mais acentuado. Em termos físicos, considerando as distâncias, o sul do Amazonas sofre menos a ação missionária e escravocrata do início da colonização portuguesa e mais a ação das políticas de desenvolvemento da Amazônia implementadas no século XX, principalmente os municípios de Humaitá, Lábrea e Boca do Acre. Também em termos de abundância natural das seringueiras dos rios Madeira e Purus, o sul do Amazonas passa a ser uma das regiões mais afetadas pela busca do “ouro branco”,

o látex. É essa região que recebe o maior número de imigrantes nordestinos para servir de mão-de-obra para a indústria da borracha.

Por tal razão, é comum a divulgação acadêmica de que a história da região está intimamente relacionada à expansão extrativista da borracha, de modo que a impressão que fica é a de que essa região estava totalmente inabitada antes desse período, desprovida assim de história, de cultura e sociedade. De fato, embora as primeiras notícias da região remontem aos primeiros cronistas navegantes do Amazonas no século XVI, os interesses nessa região só foram intensos no final do século XIX, em virtude da boa qualidade de suas seringueiras. Todavia, é importante lembrar que antes da chegada do não-nativo na região, os rios Purus e Madeira eram habitados por milhares de nativos, organizados cultural e socialmente e falando línguas e dialetos diferentes.

Sabe-se que a visão da “não-ocupação” e da “aculturação” é reflexo do tipo de colonização estabelecida no Brasil com a chegada dos portugueses e não é objetivo deste trabalho discutir essa questão. Observa-se, no entanto, que a historiografia tradicional preocupa-se apenas em destacar a presença dos chamados primeiros desbravadores do rio. Essa é a visão do colonizador/desbravador que nunca considerou as populações indígenas em seus relatórios além do vislumbre de mão-de-obra para a exploração de potenciais riquezas que a região pudesse oferecer. Aliás, daí pode-se extrair um mérito de nossos primeiros desbravadores: apresentavam importantes informações sobre a região, uma vez que eram enviados pelo controle político-governamental por razão de seus conhecimentos de Geografia, Cartografia, Engenharia, entre outros.

Em virtude da visão do colonizador, o encontro do desbravador com o nativo quase nunca foi pacífico. Verdadeiros genocídios ocorreram em diversos rios das bacias do Madeira e do Purus. Longe das cidades, os seringueiros buscavam mulheres entre os nativos, mas, para isso, as aldeias passavam por inúmeras violências. De igual modo, a fim de se livrarem do nativo ocupante da terra, os seringueiros não hesitavam em matar homens, mulheres e crianças, destruir plantações e casas. Também se vendiam índios para os seringais vizinhos, sem falar nas mortandades advindas das doenças trazidas pelo homem branco. Diante de tais brutalidades e enfermidades, os remanescentes indígenas tiveram que migrar para outros locais, se refugiando no interior da floresta e margens de pequenos rios e igarapés. Foi assim que o ciclo da Borracha levou a novas redefinições sociais e

territoriais: fragmentação dos grupos indígenas, migrações, miscigenação, formação e reconfiguração de comunidades, grupos e cidades (SANTOS, 2011, p. 18).

Como apresentado, a ideia que se forma do seringueiro é bastante negativa. Porém, importa lembrar que o grande vilão não é o seringueiro. Muito pelo contrário, é ele apenas mais um explorado pelo sistema de aviamento[6] instaurado nos seringais pelo coronel da borracha, o único que lucrava com a extração e tratamento da goma elástica. O seringueiro, geralmente retirante nordestino, fugindo das áreas secas do sertão, chegava à região atraído pela promessa de enriquecimento, de fartura, de melhores condições de vida. Em seus planos estava geralmente um dia retornar à sua terra natal e resgatar a parentalha dos difíceis castigos do clima sertanejo, no entanto esse sistema de aviamento imobilizava-o nos seringais amazônicos pela relação de trabalho lá estabelecidas. Na teoria, enquanto extrator de borracha, era considerado um homem livre, entretanto, na prática, a dívida que contraía e que dificilmente conseguia pagar o obrigava a tornar-se escravo do próprio trabalho e de seu patrão imediato.

A Província do Amazonas, criada em 1850, só ganha relevância econômica no período áureo da borracha (1880 a 1913). A capital, Manaus, onde viviam os coronéis e suas famílias, passa a ostentar grande riqueza. Com seus palacetes luxuosos, é considerada a “Paris dos trópicos”, por imitar culturalmente a capital francesa. A maior parte dessa ostentação era custeada pelo suor do seringueiros, principalmente os do rio Purus. Já em 1883, o Purus despontava entre os demais com um valor oficial de 3.156.878$070 e receita de 114:155$803. Em 1902, o Purus também já era o rio “mais povoado” com população estimada em 120 mil habitantes, enquanto todo o Amazonas contava com 249.756 habitantes, 50.300 em Manaus (FERRARINI, 2009, p. 59 e 69).

Entretanto, em 1876, o botânico inglês Sir Henry Wickham, de modo clandestino, enviou grande quantidade de sementes de seringueira à Inglaterra, que, depois de cultivadas em estufa, foram plantadas em Ceilão, Malásia e outras colônias britânicas e holandesas. Bem adaptadas ao meio, produziram látex de melhor qualidade e menor custo. Esse fato, anos mais tarde, causa o declínio do

[6] Aviar significava fornecer mercadoria a alguém em troca de outro produto. Assim, o sistema de aviamento era uma cadeia de fornecimento de mercadorias a crédito, baseada no endividamento prévio e contínuo do seringueiro com o patrão, a começar pelo fornecimento das passagens. O patrão lhe fornecia todo o material logístico necessários à produção da borracha e a sua sobrevivência. Portanto, o seringueiro já começava a trabalhar endividado e era quase impossível se libertar do patrão.

monopólio brasileiro da borracha.

Vários foram os esforços para alavancar novamente a economia gumífera no estado, todos sem muito sucesso. Em 1923, uma comissão norte-americana e brasileira percorre os rios Acre e Purus, com vistas a reconhecer condições de plantio sistemático da *Hevea* em grande escala. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o controle do Japão sobre o oriente e os países exportadores de borracha, os olhares se voltam novamente para a Amazônia. Estados Unidos e Brasil unem forças para viabilizar um rápido crescimento da produção do látex. Surgem o *Banco de Créditos da Borracha* (mais tarde *Banco de Créditos da Amazônia S.A* e, em seguida, *BASA*) e a *Superintendência do Plano de Valorização da Borracha (SPVEA)* e, mais uma vez, a região recebe uma leva de nordestinos, então chamados soldados da Borracha. Porém, o fim da grande guerra traz com ele também rapidamente novo desinteresse pela borracha amazônica.

Com a ruína do período gumífero, os seringueiros, que não tinham como retornar à terra de origem, se dedicaram a outras atividades para não sucumbirem, destacando-se o corte de lenha para as embarcações.

A rotina do seringueiro, antes empenhado em cortar a mata pelas estradas de seringa, se amplia e ele passa também a preparar e cuidar da sua roça, de onde tiraria parte do sustento de sua família e, dependendo do esforço, ainda poderia vender parte de sua produção ao seringalista ou aos regatões. É assim que a produção agrícola da região vai aumentando e se diversificando. Juntamente com a borracha, que ainda continua sendo por bastante tempo o principal produto da região, o ribeirinho cultiva a mandioca, o feijão, o arroz, o fumo, a cana-de-açúcar. As paisagens também vão se modificando, as matas fechadas dos seringais vão dando lugar aos roçados e às margens dos rios nas várzeas, com sua terra sempre fertilizada pelas enchentes periódicas, se exibem grandes áreas de plantação.

Outras atividades que ganharam destaque na região foram o extrativismo, cujo principal produto é a castanha-do-brasil, e as atividades criatórias, com destaque para os gados bovinos, suínos, ovinos e caprinos.

Essas atividades agropecuárias acarretaram muitas transformações culturais, econômicas e sociais no sul do Amazonas, principalmente a partir da década de 70, com a expansão da fronteira agrícola e a migração de um contingente grande de sulistas para a região, principalmente para Apuí e Humaitá. Essa atividade atualmente é que mais movimenta o PIB da região, mas também tem

colocado a região entre as que possuem os maiores índices de desmatamento do país.

É importante ressaltar que nem de longe esta mudança na economia substituiu a riqueza gerada pela economia do látex, entretanto, com raras exceções, é essa agricultura, extrativismo e pecuária de subsistência que movimentam a economia da região até os dias de hoje.

## 1.3 LOCALIDADES INVESTIGADAS

Nesta seção, apresentam-se, resumidamente, informações importantes sobre os municípios selecionados para compor a rede de pontos do ALSAM, por meio de critérios históricos, geográficos, sócio-econômicos e culturais, conforme está exposto na seção 3.1. São eles Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba.

Considerando a ainda precariedade no que se refere a informações sobre os municípios amazonenses em livros, a escrita desta seção está baseada em fontes como o IBGE, através do site https://cidades.ibge.gov.br[7], informações coletadas em sites de notícias, nas prefeituras e paróquias dos municípios ou mesmo com moradores, além das observações do pesquisador na ocasião da coleta de dados.

### 1.3.1 Boca do Acre

Boca do Acre é um município do Estado do Amazonas, localizado na mesorregião so Sul Amazonense e na microrregião de Boca do Acre. Possui área de 21.936 km$^2$ e população de 34.176 habitantes (IBGE, 2017), que atendem pelo gentílico de bocacrenses. A densidade demográfica é de 1,55 habitantes por quilômetro quadrado. Sua sede está localizada à margem direita do rio Purus, na confluência com o rio Acre, a 67.39˚ de longitude e -8.75˚ de latitude e dista 950 quilômetros da capital do estado, Manaus. Limita-se ao norte e oeste com o

[7] O *site* apresenta como fontes: Censo Demográfico 2010, Estimativas da população 2017, Ensino – Matrículas, docentes, rede escolar 2015 (INEP/MEC), Serviço de saúde 2004, Morbidades hospitalares 2014 (DATASUS/MS), Pesquisa nacional de saneamento básico 2008, Produto Interno Bruto 2014, Finanças públicas 2014 (STN/MF), Pecuária 2016, Lavoura permanente 2016, Extração vegetal e silvícola 2015, Produção agrícola municipal – cereais, leguminosas e oleaginosas 2007, entre outras.

município de Pauini – AM, ao sul com o Estado do Acre, ao leste com o município de Lábrea – AM.

**Figura 6** – Município de Boca do Acre




**Fonte**: Google Maps (https://www.google.com.br/maps/place/Boca+do+ Acre+-+AM)

A história do município remonta ao ciclo econômico da borracha (século XIX). Habitavam as terras do atual município de Boca do Acre os índios Capanas e Aripuanãs. Em 3 de fevereiro de 1878, ancorou nas proximidades da foz do rio Acre, onde esse encontra o rio Purus, o navio Anajás, da Companhia de Navegação do Rio Amazonas, sob o comando do Comendador João Gabriel de Carvalho e Melo, que já havia adquirido fortuna explorando borracha na região. Ele e seus companheiros instalaram-se em diversos pontos do território que hoje constitui o município Boca do Acre. No território onde hoje se encontra a sede do município instalou-se Alexandre de Oliveira Lima, o Barão de Boca do Acre. Na vila de Floriano Peixoto (Antimari) que foi primitivamente a sede do município, instalaram-se Antônio Escolástico e Firmino Alves dos Santos.

O Município foi criado pelo decreto n˚ 67, de 22 de Outubro de 1890, do Governo do Estado do Amazonas, com território desmembrado de Lábrea, recebendo como doação, uma légua de terras para a construção do patrimônio municipal. Foi originalmente denominado “Antimari”, tendo por sede a vila de igual nome, fundada por Manoel Felício Maciel, nas confluências dos rios Antimari e Acre.

Extinto pela Lei Estadual n˚ 110, de 28 de março de 1895, o município foi restaurado por meio da Lei n˚166, de 15 de maio de 1897, com o nome de

Floriano Peixoto. O Decreto n˚ 232, de 09 de março de 1898, transferiu a sede municipal para um planalto à margem esquerda do rio Purus.

A Lei Municipal n˚ 08, de 18 de setembro de 1902, criou o Distrito de Boca do Acre. Em 1934, a sede municipal de Floriano Peixoto transferiu-se para o Distrito de Boca do Acre, que foi elevado à categoria de Vila em 27 de março do mesmo ano.

Em conformidade com o Decreto-lei Estadual n˚ 68, de 31 de março de 1938, o município de Floriano Peixoto passou a denominar-se Santa Maria da Boca do Acre, e em 1943 recebeu a atual denominação de Boca do Acre.

**Figura 7** – Igreja Matriz de Boca do Acre



**Fonte**: arquivo pessoal do autor

Localizado em terras baixas (área de várzea), as circunstâncias naturais, como as enchentes periódicas dos rios, obrigaram o então governador do Amazonas, o Cel. João Valter de Andrade, a transferir a sede do município para o Platô do Piquiá, com alusão a uma nova cidade que se chamaria Valterlândia, em homenagem ao seu fundador. Tal lugar é hoje um bairro da cidade, afastado dos demais por 6 km, no qual se encontram a maior parte dos órgãos públicos, os bancos e o hospital.

**Figura 8** – Vista aérea de Boca do Acre



**Fonte**: Gleyson Figueiredo (s/a)

Atualmente a comunicação com outras cidades somente pode ser feita pela BR 317, que liga a cidade a Rio Branco – AC (meio mais utilizado pelos moradores), ou pelos rios da região. Com Rio Branco, o município mantém o mais estreito laço de reciprocidade comercial. A proximidade com a capital acreana tem facilitado a vida da população bocacrense.

O município conta com hotéis, agências bancárias, agência de correios, canal de rádio e de televisão e, ainda, com telefonia móvel. A energia elétrica é fornecida por meio de termelétrica a base de diesel, pela Eletrobrás Amazonas Energia e a água pela COSAMA (Companhia de Saneamento do Amazonas). Maior parte das ruas é pavimentada. Apresenta 6% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 4,2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 2,8% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (IBGE, 2010).

Na área de Educação, o município tem se destacado entre os municípios amazonenses, com suas mais de 270 escolas, tanto na zona urbana, quanto na zona rural, que oferecem a educação infantil e básica a 8946 alunos (IBGE, 2015). Possui ainda um polo da Universidade do Estado do Amazonas – UEA que, desde 2002, tem oferecido alguns cursos superiores à população. De acordo como o IBGE, em 2015, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade tiveram nota média de 6.1 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de

4.5. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na primeira posição entre os municípios do estado. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava à segunda. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 88% em 2010.

A economia da região é movimentada principalmente pela pecuária e pela agricultura. Segundo o IBGE, o PIB a preço corrente do município, em 2015, foi de 286.187,49 (R$ x 1.000) e o PIB per capita de R$8.543,42. O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, foi de 0,588. Em 2015, o salário médio mensal era de 1,6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 6,4%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 49.7% da população nessas condições.

Em 2014, de acordo com dados do IBGE, a taxa de mortalidade infantil média na cidade era de 10,93 para 1.000 nascidos vivos. O município conta com um hospital e alguns postos de saúde para atendimento da população.

A cultura, por sua vez, tem grandes marcas nas festas populares. Festas culturais tradicionais e religiosas como a de São Francisco e a do padroeiro São Pedro, na qual se faz uma passeata tanto terrestre quanto fluvial, expressam a religiosidade e a cultura da região. Essas festas trazem a realização de danças folclóricas típicas da época junina. O festival de Praia que acontece no mês de agosto é um evento que consegue trazer razoável número de turistas de outros estados à cidade. Nesse festival, acontecem torneios esportivos, as pessoas se banham nas águas do rio, acontecem desfiles e atrações musicais.

### 1.3.2 Lábrea

Lábrea é um município do Estado do Amazonas, localizado na mesorregião do Sul Amazonense e na microrregião do Purus, com uma área de 68.233,96 quilômetros quadrados que abrigam uma população estimada em 44.861 habitantes (IBGE, 2017), os quais atendem ao gentílico de labrenses. Assim, a densidade demográfica do município é de 0,65 habitantes por quilômetro quadrado. Sua sede está localizada à margem direita do rio Purus, a 64.79˚ de longitude e -7.25˚ de latitude. Seu clima é o amazônico, tropical monçônico. Limita-se ao norte com o município de Tapauá – AM, ao oeste com os municípios de Pauini – AM e

Boca do Acre - AM, ao leste com o município de Canutama – AM e ao sul com os Estados de Rondônia e Acre. Distancia-se da capital do estado, Manaus, 783 km.

**Figura 9** – Município de Lábrea




**Fonte**: Google Maps (https://www.google.com.br/maps/place/Lábrea+-+AM)

Sua história remonta às primeiras expedições ao rio Purus. No final do século XIX, este rio, juntamente com os rios Juruá e Madeira, servia de vias de comércio nessa parte do Amazonas e atraía muitos extrativistas devido à boa qualidade de suas seringueiras. No ano de 1847, João Cunha Correa, conhecido como João Cametá, navega o Purus, chegando à foz do Ituxi. Em 1852, parte de Manaus, a mando do então presidente da Província, João Batista Tenreiro Aranha, uma expedição chefiada por Serafim da Silva Salgado, com o objetivo de encontrar ligação, através das campinas, entre os rios Purus e Madeira, atendendo a um dos principais interesses do governo durante longos anos. Essa primeira tentativa, bem como todas as outras foram mal sucedidas.

Dois anos mais tarde, em 1854, frei Pedro Coriana funda a primeira missão de índios no rio Purus, sob o nome de São Luís Gonzaga. O maior contingente de nordestinos aporta a região em 1871, vindos do Maranhão e chefiados pelo Coronel Antônio Pereira Labre. Habitam a terra denominada de Maciari, que em língua indígena significa “doente eu caio” ou “terra firme doentia”. Construiu-se logo ali uma capela de palha, mais tarde reconstruída de alvenaria pelo Padre Francisco Leite Barbosa. Estavam lançados os alicerces da vila de Lábrea.

Em 15 de maio de 1873, Lábrea é elevada à categoria de Freguesia com o nome de Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Ituxi e um ano mais tarde cria-se o Distrito de Paz de Lábrea. Enfim, em 14 de maio de 1881, pela Lei Provincial n˚ 523, institui-se o Município de Lábrea, com território desmembrado de Manaus, por proposta do então deputado Pereira Labre. A freguesia, por sua vez, também passa a vila. No entanto o município, por questões logísticas, apenas é instalado em 7 de março de 1886. Essa demora gera divergências entre os moradores a respeito da data de aniversário do município, hoje comemorado em 7 de março. Lábrea é elevada à categoria de cidade em 1894, pela Lei Estadual n˚ 97, com denominação de São Luiz da Lábrea.

**Figura 10** – Vista aérea de Lábrea



**Fonte**: Edmar Barros (s/a)

Atualmente a cidade conta com um aeroporto em atividade, embora apenas duas empresas operem voos duas vezes por semana para a capital amazonense e cinco vezes para a capital rondoniense. Outra alternativa é o transporte pelo rio, no entanto trata-se de viagens demoradas, considerando a distância com relação às outras cidades. Lábrea também conta com uma rodovia, a BR 230, sendo o ponto final da transamazônica, no entanto este trecho é o mais intrafegável pela falta de pavimentação e pelas constantes chuvas na região. Ainda assim, pela proximidade com o estado de Rondônia, Lábrea mantém boas relações comerciais com a cidade de Porto Velho, principalmente nos meses de verão.

**Figura 11** – Praça Coronel Labre



**Fonte:** Edmar Barros (s/a)

A cidade apresenta uma rede hoteleira suficiente para atender aos visitantes, agências bancárias, agência de correios, canais de TV e de rádio e serviço de telefonia móvel. A energia elétrica ainda é termelétrica, fornecida à população pela Eletrobrás Amazonas Energia e a água é fornecida pela COSAMA. Apresenta 18% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 64,4% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 9,4% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (IBGE, 2010).

A economia do município volta-se, principalmente para a agricultura, a pecuária e o extrativismo. Destacando-se o cultivo de mandioca, arroz, abacaxi, batata-doce, cana-de-açúcar, fumo, milho e principalmente o feijão-caupi (feijão-de-praia), produto em que o município desponta como maior produtor do Estado. Nas culturas permanentes, destacam-se ainda o abacate, a banana, a laranja e o limão. O município tem sido destaque também na extração de castanha, borracha, madeira, açaí e óleo de copaíba. A pesca é basicamente de subsistência e o rebanho de gado bovino vem crescendo na região. Nos últimos anos vêm se organizando na cidade cooperativas que facilitam a vida dos pequenos produtores e pescadores da região.

Segundo o IBGE, o PIB a preço corrente do município, em 2015, foi de 390.985,04 (R$ x 1.000) e o PIB per capita de R$ 9.037,40. O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, foi de 0,531. Em 2015, o

salário médio mensal era de 1,7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 4,6%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 52,7% da população nessas condições.

O município possui uma rede de aproximadamente 145 escolas, nas zonas urbana e rural, que atendem 11.676 alunos desde a pré-escola até o Ensino Médio (IBGE, 2015). Atualmente estão instalados na cidade um polo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e um *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), que juntos têm levado o ensino técnico e superior não só aos moradores de Lábrea, mas também dos demais municípios da calha do Purus.

Em 2015, segundo dados do IBGE, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade tiveram nota média de 4,3 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3,7. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 85,7% em 2010.

A população, além do Hospital Regional de Lábrea, também pode contar com os postos de saúde espalhados por todos os bairros da cidade e com as casas de saúde nas aldeias indígenas e comunidades ribeirinhas. A taxa de mortalidade infantil média na cidade, em 2014, segundo dados do IBGE, foi de 19,64 para 1.000 nascidos vivos.

**Figura 12** – Praia de Lábrea durante a Festa do Sol




**Fonte:** Edmar Barros (s/a)

As manifestações culturais se realizam por meio de festas tradicionais, das quais destacam-se o Aniversário do Município (março), a Gincana do Trabalhador (maio), os Festivais Folclóricos (junho), a Festa da Padroeira Nossa Senhora de Nazaré (setembro) e principalmente a Festa do Sol, evento que ocorre em três dias entre os meses de agosto e setembro quando a Praia de Lábrea torna-se mais propícia para os banhistas. Na ocasião dessa festividade, a cidade recebe muitos visitantes, principalmente de cidades vizinhas e de Rondônia.

### 1.3.3 Tapauá

Tapauá é um município do Estado do Amazonas, localizado na mesorregião do Sul Amazonense e microrregião do Purus, com uma área de 89.325,274 km$^2$, população estimada em 17.930 habitantes (IBGE, 2017), que atendem ao gentílico de tapauenses, e densidade demográfica de 0,20 habitantes por quilômetro quadrado. Sua sede está localizada à margem esquerda do rio Purus, na confluência com o rio Ipixuna, a 63.18˚ de longitude e -5.62˚ de latitude, e dista da capital amazonense 565 km.

**Figura 13** – Município de Tapauá




**Fonte:** Google Maps (https://www.google.com.br/maps/place/Tapauá+-+AM)

Dos municípios amazonenses do Purus é o mais novo e sua história liga-se à de Lábrea nos primeiros anos, uma vez que seu atual território já fora

inicialmente território labrense e posteriormente território canutamense.

Em 1938, subordinado ainda ao município de Canutama, é criado o Distrito denominado Boca do Tapauá pela Lei Estadual nº 176, de 01 de dezembro. Esse distrito é elevado à categoria de município com a denominação de Tapauá, pela lei estadual nº 96, de 19 de dezembro de 1955, desmembrado do município de Canutama e com sede na vila da Boca de Tapauá, elevada pela mesma lei à categoria de cidade com o nome de Tapauá. O município foi então instalado em 31 de janeiro de 1956.

**Figura 14** – Vista aérea de Tapauá



**Fonte**: Edmar Barros (s/a)

Como os demais municípios da região também tem sua economia voltada para a agricultura e o extrativismo, com destaque para a mandioca, o milho, o feijão e a banana, além da castanha. A pesca é basicamente artesanal e de subsistência e não há representação significativa para o Estado na pecuária.

Segundo o IBGE, o PIB a preço corrente do município, em 2015, foi de 201.183,23 (R$ x 1.000) e o PIB per capita de R$ 11.083,25. O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, foi de 0,502. Em 2015, o salário médio mensal era de 1,6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 5,2%. Possui 52,9% dos domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa.

A cidade apresenta boa infraestrutura com agências bancárias, agência de correios e serviço de telefonia móvel. Os serviços de água e energia elétrica

ainda são fornecidos pela COSAMA e Eletrobrás Amazonas Energia, respectivamente. Apresenta 17,2% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 6.8% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 7,8% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (IBGE, 2010).

Não existem rodovias na cidade, sendo o transporte feito quase exclusivamente pelo rio. O aeroporto da cidade também se encontra desativado, apenas são feitos voos em aviões pequenos de cinco lugares, dependendo da necessidade. Aspecto curioso na cidade é o número de casas flutuantes que se localizam na frente da cidade, formando um bairro inteiro sob as águas, onde vivem muitas famílias tapauenses.

**Figura 15** – Casas flutuantes na confluência dos rios Ipixuna e Purus, na frente da cidade de Tapauá



**Fonte:** arquivo pessoal do autor

A população pode contar com uma rede de 182 escolas que atenderam, em 2015, segundo dados do IBGE, da pré-escola ao Ensino Médio, 5452 estudantes. No mesmo ano, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade tiveram nota média de 4,5 no IDEB e os alunos dos anos finais, nota de 4,2. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 79,5% em 2010. O Ensino Superior é contemplado com um polo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), mas a maioria dos estudantes ainda precisam se deslocar para outras cidades como Lábrea, Humaitá e Manaus para cursar uma faculdade.

A cidade conta com oito estabelecimentos de saúde, mas atendimentos mais graves ainda precisam ser realizados na capital do estado. A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 5,22 para 1.000 nascidos vivos.

As manifestações culturais são realizadas por meio de festas tradicionais como os Festejos da Padroeira Santa Rita de Cássia, que ocorre na praça da cidade.

**Figura 16** – Igreja Matriz de Tapauá



**Fonte**: arquivo pessoal do autor

### 1.3.4 Humaitá

Humaitá é um município do Estado do Amazonas, localizado na mesorregião so Sul Amazonense e na microrregião do Madeira. Possui área de 33.111,16 km$^2$ e população de 53.383 habitantes (IBGE, 2017), que atendem pelo gentílico de humaitaenses. A densidade demográfica é de 1,61 habitantes por quilômetro quadrado. Sua sede está localizada à margem esquerda do rio Madeira, a uma latitude 07º30'22" sul e a uma longitude 63º01'15" oeste, estando a uma altitude de 90 metros e distando 675 quilômetros da capital do estado, Manaus.

**Figura 17** – Município de Humaitá




**Fonte:** Google Maps (https://www.google.com.br/maps/place/Humaitá+-+AM)

As origens de Humaitá remontam ao ano de 1693, com a fundação da Missão de São Francisco, fundada pelos jesuítas na confluência do rio Preto com o rio Madeira. Os primeiros habitantes da região foram, principalmente, os índios Torá (que viviam às margens do rio Maici), os índios Tenharim (que habitavam as margens do rio Marmelo) e os índios Parintintin, Pama, Arara e Mura (que povoavam as margens do rio Madeira). Essas etnias praticavam a economia de subsistência, como a caça, a pesca, o extrativismo e a agricultura familiar. A missão de São Francisco era encarregada de manter a pacificação entre os índios Torá e Arara. Em 1885, por meio da Lei n.º 686, de 02 de junho de 1885, a missão é elevada à condição de freguesia, subordinada ao município de Manicoré e mantendo-se a denominação de São Francisco.

O comerciante José Francisco Monteiro, vindo do Maranhão, foi um dos primeiros colonizadores que em busca de riquezas, se interessou em ficar definitivamente na região. Instalou-se num lugar chamado Pasto Grande, onde mantinha um grande comércio de extração, compra e venda de produtos regionais, principalmente a borracha. O local recebia constantes ataques dos índios Parintintin e, por essa razão, o comendador Monteiro, juntamente com todos os serigueiros e suas famílias desceram o rio Madeira em busca de um local que oferece melhores condições. Foi assim que, no dia 15 de maio de 1869, desembarcaram em um local alto, cheio de palmeiras de babaçu, em cuja frente o rio era largo e sem ilhas,

oferecendo boa visibilidade. Lá já existiam algumas barracas de seringueiros e logo mais abaixo estava a sede do distrito de Cratos, o que permitiu acomodações provisórias a todos. Aos poucos foram se instalando e fundaram o povoado, denominado por seu fundador, o comendador Monteiro, de Humaitá, em homenagem à vitória dos brasileiros na batalha de Humaitá, em ocasião da guerra do Paraguai.

Estabelecido o povoado, o comendador pediu autorização para a construção de uma capela consagrada a Nossa senhora da Conceição, padroeira de Humaitá. Essa obra é considerada a pedra fundamental do povoado e foi construída com recursos próprios.

**Figura 18** – Igreja Matriz de Humaitá




**Fonte**: Sáimon Rios

Como a sede da Freguesia de São Francisco deveria ser central, pois iria facilitar o desenvolvimento da região e o povoado às margens do rio Preto era de difícil acesso, a sede da Freguesia foi transferida para Humaitá, nos termos da Lei Provincial Nº 790, de 13 de novembro de 1888, com a denominação de Freguesia de Nossa Senhora do Beém de Humaitá.

O município foi criado pelo Decreto Nº 31 de 4 de fevereiro de 1890, tendo sua área territorial desmembrada do município vizinho de Manicoré, através do Decreto-Lei nº 95-A, de 10 de abril de 1891, assinado pelo governador Eduardo Ribeiro. No ocasião, o povoado foi transformado em vila. Em 4 de outubro de 1894,

no auge do Ciclo da Borracha, Humaitá foi elevada à categoria de cidade.

**Figura 19** – Vista aérea de Humaitá



**Fonte**: humaita-am.blogspot.com.br

Humaitá possui um aeroporto que já funcionou comercialmente, porém hoje não existem empresas aéreas operando para a cidade, devido a pouca procura, já que a rodovia que dá acesso a Porto Velho, BR 319, encontra-se em perfeitas condições de pavimentação. Além da BR 319, a cidade está ligada a Lábrea e Apuí por meio da Transamazônica (BR 230), ainda que a estrada não ofereça boas condições de tráfego o ano inteiro, considerando as condições naturais e a ausência de pavimentação. Com Porto Velho, o município mantém o mais estreito laço de reciprocidade comercial. A proximidade com a capital rondoniense tem facilitado a vida da população humaitaense. Sendo a porta de entrada do Amazonas para quem vem do Centro Sul do país, o município vem se tornando um centro regional importante. Em alguns aspectos ele já se destaca em relação ao estado do Amazonas.

O município conta com boa rede hoteleira, agências bancárias, agência dos correios, canal de rádio e televisão, através de antenas parabólicas, além de telefonia móvel. A energia elétrica é fornecida por meio de termelétrica a base de diesel, pela Eletrobrás Amazonas Energia e a água pela COSAMA (Companhia de Saneamento do Amazonas). Apresenta 14,9% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 11,9% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização

e 3,8% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (IBGE, 2010).

Segundo o censo escolar, em 2015, contavam-se 188 escolas no municípios, entre as das redes pública e privada, tanto na zona urbana, quanto na zona rural, e 13775 matrículas (IBGE, 2015). Nesse mesmo ano, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade tiveram nota média de 4,6 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4,1. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 90,4% em 2010. A cidade possui um *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, que oferece ensino básico (por meio do ensino médio) e técnico à população, assim como com um *campus* da Universidade Federal do Amazonas e um polo da Universidade Estadual do Amazonas – UEA, que levam o ensino superior para a região.

Em Humaitá, prevalece a agricultura de subsistência, na qual se destacam as produções de mandioca, milho, feijão, banana, soja e arroz. A pesca não tem grande expressão no município, no entanto a piscicultura já ganha bastante espaço no município, com a criação de tambaqui. A pecuária também vem ganhando destaque no município, principalmente a produção de bovinos, ovinos e suínos. No extrativismo destacam-se o açaí, a borracha, a sorva, a castanha-do-brasil e a copaíba (IBGE, 2016). É importante lembrar que a região também vem sendo exploradas pelos garimpeiros. É muito comum se ver balsas de extração ao longo do curso do rio Madeira.

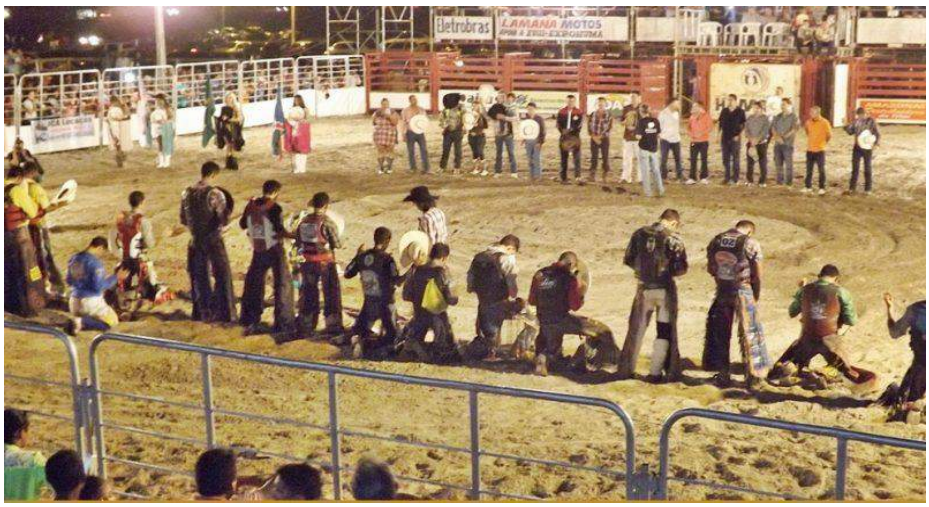
Segundo o IBGE, o PIB a preço corrente do município, em 2015, foi de 450.349,93 (R$ x 1.000) e o PIB per capita de R$ 8.778,41. O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, foi de 0,605. Em 2015, o salário médio mensal era de 1,8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 5,8%.

Humaitá possui 10 estabelecimentos de saúde, incluindo um hospital com boa estrutura física e corpo médico para atender a população. Em 2014, de acordo com dados do IBGE, a taxa de mortalidade infantil média na cidade era de 10,33 para 1.000 nascidos vivos.

A cultura do município tem grandes marcas nas festas populares: festas tradicionais e religiosas como a de Nossa Senhora Imaculada Conceição, padroeira da cidade (dezembro), os festejos juninos, o aniversário da cidade (maio) e, principalmente a Expohuma, exposição agropecuária de Humaitá (setembro), com

shows e rodeio e a famosa cavalgada que sai do centro da cidade e vai até o centro de exposição.

**Figura 20** – Rodeio na Exposição Agropecuária de Humaitá (Expohuma)




**Fonte:** barrancas.com.br

### 1.3.5 Manicoré

Manicoré é um município do Estado do Amazonas, localizado na mesorregião do Sul Amazonense e na microrregião do Madeira. Sua sede está localizada à margem direita do rio Madeira, a uma latitude 05º48'32" sul e a uma longitude 61º18'00" oeste e está a 390 quilômetros da capital do estado, Manaus. Limita-se ao sul e oeste com o município de Humaitá – AM, ao oeste com o município de Tapauá – AM, ao norte com o município de Beruri – AM, ao norte e leste com o município de Borba – AM, ao leste com o município de Novo Aripuanã – AM e ao sul com o estado de Rondônia. Possui área de 48.315,02 km$^2$ e população estimada de 54.708 habitantes (IBGE, 2017), atendendo ao gentílico de manicoreenses. A densidade demográfica é de 1,13 hab./km$^2$.

**Figura 21** – Município de Manicoré




**Fonte:** Google Maps (https://www.google.com.br/maps/place/Manicoré+-+AM)

A história de Manicoré remonta ao ano de 1637, na ocasião da expedição de Pedro Teixeira, militar e explorador português. No entanto as origens do povoado que originou a cidade de Manicoré datam do século XVIII, com a fundação da povoação de Crato.

O escoamento do ouro, oriundo do Centro-Oeste brasileiro, em parte, era realizado por meio da ligação entre Vila Bela, no Mato Grosso, e o Grão-Pará, por meio dos rios Guaporé, Madeira e Amazonas. A distância do percurso, bem como as dificuldades enfrentadas pelos navegantes ao descer e subir esses rios, tais como doenças e ataques de indígenas, justificaram a criação de povoações que servissem de ponto de apoio a essa rota comercial. Assim surgiu inicialmente a vila de Trocano (atual cidade de Borba). Em seguida, por ordem do então governador do Grão-Pará, Mendonça Furtado, foi realizado um estudo para a fundação de um outro povoado que deveria estar em um lugar saudável, com boa água e longe de agromerados indígenas, para servir de apoio entre Trocano e o Forte Príncipe da Beira, cuja construção se deu ainda  em 1783, à margem direta do rio Guaporé (atualmente no território do município de Costa Marques – RO), com o intuito de consolidar a ocupação na região disputada com os espanhóis. Nascia, assim, em 1797, a povoação de Crato, dando-se de imediato a construção da igreja em homenagem a São João Batista. Lá eram feitos os registros do ouro que, em canoas, desciam de Mato Grosso.

Após Crato, surge nova povoação no rio Madeira, denominada São Carlos do Jamari, que não obtendo êxito, foi transferida para Crato, a qual, por sua vez, recebeu denominação de Colônia Nova, por ordem do Presidente do Pará, porém essa denominação jamais foi aceita por seus moradores. Em 1804, o governador da província, buscando incentivar a produção de farinha de mandioca, enviou a Crato algumas famílias de índios da Missão de Vila Nova Rainha. Em 1828, chegou ao povoado mais reforço de povoamento, porém os moradores estavam pouco acostumados à agricultura e revoltados. O sargento Manoel Batista de Carvalho, insatisfeito com a miséria existente, incendeia os barracões, queimando tudo e restando apenas a igreja de São João Batista do Crato.

A população migrou, então, para a freguesia de Baetas e, em seguida para a foz do rio Manicoré, local onde o major mandou construir uma igreja em homenagem a Nossa Senhora das Dores, dando origem á cidade de Manicoré. A denominação de “Manicoré” provém do rio Manicoré, afluente do rio Madeira. O nome do rio procede de “Anicoré”, tribo indígena que habitava a região.

Em 1858, a Lei n° 96, de 04 de julho, cria a freguesia de São João Batista do Crato e 10 anos depois a Lei n° 177, de 06 de julho, transfere a sede da freguesia para o povoado de Manicoré, que recebe a nova denominação de Nossa Senhora das Dores de Manicoré.

**Figura 22** – Igreja Matriz de Manicoré




**Fonte**: Altemar Reis (s/a)

No ano de 1877, a Lei n° 362, de 04 de junho, eleva Manicoré à categoria de vila e cria o termo judiciário. No ano seguinte, em 1878, pela Lei n° 386, Manicoré passa a ser sede da Comarca do Rio Madeira. Em 12 de dezembro de 1881, dá-se a instalação da comarca. A partir de então, Manicoré passou a receber intensa migração de nordestinos, fugidos principalmente da Grande Seca de 1877-1878 e atraídos também pelo Ciclo da Borracha, que teve lugar no Amazonas e em regiões do estado do Acre. Por sua localização geográfica privilegiada, Manicoré era passagem dos migrantes que se destinavam ao Acre. Foi elevada à categoria de cidade em 15 de maio de 1896, pela Lei nº. 137.

**Figura 23** – Vista aérea de Manicoré



**Fonte:** http://portalriomadeira.webnode.com.br/manicore/

Em Manicoré, a comunicação com outros municípios se dá, principalmente, pelos rios. Diariamente partem lanchas a jato (meios de transporte mais velozes que os barcos regionais comuns) com destino a Manaus e com escalas em Novo Aripuanã, Borba e Nova Olinda do Norte, durando a viagem até Manaus em torno de 12 horas. Também é possível se deslocar por terra até a capital por meio BR 174, a qual recentemente teve o trecho de 84 km, entre a cidade e a BR319, recuperados. Por meio da BR 319 é possívell seguir até Manaus ou até Humaitá e Porto velho. Como a maioria das rodovias do estado, esse trecho não é

pavimentado e em épocas de chuvas torna-se difícil o tráfego.

O município possui bons hotéis, agências bancárias, agência dos correios, canal de rádio e televisão, através de antenas parabólicas, além de telefonia móvel. A energia elétrica é fornecida por meio de termelétrica a base de diesel, pela Eletrobrás Amazonas Energia e a água pela COSAMA (Companhia de Saneamento do Amazonas). Apresenta 7,9% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 17,5% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 3% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (IBGE, 2010).

Em 2015, de acordo com dados do censo, possuia uma rede de 306 escolas, todas públicas, tanto na zona urbana, quanto na zona rural e registraram-se 14.451 matrículas (IBGE, 2015). Ainda em 2015, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade obtiveram nota média de 4,9 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4,3. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 90,3% em 2010. A Universidade do Estado do Amazonas – UEA mantém um centro de estudos superiores no município, oferecendo alguns cursos superiores à população.

A economia de Manicoré é movimentada pelos setores primário (agropecuária) e terceário (serviços), Sua produção agropecuária é baseada, principalmente, no cultivo da melancia, banana e mandioca, além da extração do açaí, castanha-do-pará, madeira, borracha e óleo de copaíba. A pecuária é representada principalmente por bovinos, galináceos e suínos. A pesca, embora abundante, é praticada artesanalmente e capaz de, além de atender ao consumo local, comercializar o excedente em Manaus e Porto Velho, sendo o peixe liso (de couro) exportado para todo Brasil. Também já é comum a Aquicultura, na qual se destacam as criações de matrinxã, pirarucu e tambaqui (IBGE, 2016). Ocorre ainda o extrativismo mineral, tendo como principal atividade a exploração de ouro, porém ainda possui várias jazidas de cassiterita, no Igarapé Preto, São Francisco, etc.

Segundo o IBGE, o PIB a preço corrente do município, em 2015, foi de 493.014,07 (R$ x 1.000) e o PIB per capita de R$ 9.292,86. O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, foi de 0,582. Em 2015, o salário médio mensal era de 1,8 salários e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 3,8%.

Manicoré possui 13 estabelecimentos de saúde, incluindo um hospital

com boa estrutura física e corpo médico para atender a população. Em 2014, de acordo com dados do IBGE, a taxa de mortalidade infantil média na cidade era de 10,44 para 1.000 nascidos vivos.

A cidade possui vários atrativos turísticos, entre eles o balneário do Atininga e as cachoeiras do Rio Manicoré. É conhecida internacionalmente pela pesca esportiva do Tucunaré. Como atividades culturais, destacam-se a festa religiosa em homenagem à padroeira Nossa Senhora das Dores (setembro), a Festa da Melancia e a Expomani, Exposição Agropecuária de Manicoré (setembro), os forrós de rua, que transformam as vias de cidade em verdadeiros celeiros dançantes, e o Festival das Quadrilhas (junho), no qual cada bairro envia seu grupo. Também merece destaque a festa do açaí, realizada na Comunidade do Estirão, no mês de abril.

**Figura 24** – Desfile na Festa da Melancia em Manicoré



**Fonte**: https://noamazonaseassim.com.br/festa-da-melancia-2014/

### 1.3.6 Borba

Borba é um município do Estado do Amazonas, pertencente à mesorregião do Sul Amazonense e à microrregião do Madeira. Sua sede está localizada à margem direita do rio Madeira, a uma latitude de 04º 23' 16" sul e uma longitude de 59º 35' 38" oeste. Sua altitude é de 45 metros em relação ao nível do

mar e está distante a 250 quilômetros da capital do estado, Manaus. O município de Borba faz limites territoriais ao Norte com os municípios amazonenses de Autazes, Nova Olinda do Norte e Careiro, ao oeste com Beruri, ao sul com Novo Aripuanã e Manicoré e ao leste com Maués. Possui área de 44.236,18 km$^2$ e população estimada em 40.464 habitantes (IBGE, 2017), que atendem ao gentílico de borbenses. A densidade demográfica é de 0,91 hab./km$^2$.

**Figura 25** – Município de Borba




**Fonte**: Google Maps (https://www.google.com.br/maps/place/Borba+-+AM)

O Berço da cidade de Borba é a Missão de Trocano, fundada pelo Pe. João Sampaio, jesuíta Português. O Pe. João Sampaio iniciou sua vida missionária em Canumã e Abacaxis por volta de 1712, com o objetivo de reanimar a fé católica e difundir o catolicismo. Mais tarde subiu o rio Madeira catequizando índios, erigindo casas, igrejas e formando núcleos de povoações. Em 1728 aportou na localidade chamada de Sapucaia-Oroca, à margem direta do rio Madeira, onde se agrupavam alguns índios muras e fundou a Missão de Trocano. O nome Trocano origina-se de um instrumento de larga percussão que servia para chamar os índios dispersos à distância, com o qual se dava o aviso de guerra e/ou de festa (MELLO, 1967, p. 92).

As autoridades do Grão-Pará, achando a aldeia de Santo Antonio das Cachoeiras muito longe e exposta aos ataques dos índios selvagens, ordenou que se retirassem dela para mais perto da sede da capitania, e se estabelecessem no lugar denominado Trocano.

A Aldeia de Trocano, que era então a mais alta povoação do Rio madeira, teve apenas 14 ou 15 anos de vida Jesuítica, a partir de 1755 passou ao domínio dos carmelitas. O Pe. Aleixo Antonio trouxe para a aldeia muitos índios do Rio Negro, pois a aldeia já tinha boas casas e angariavam-se fundos para a construção de uma igreja.

**Figura 26** – Igreja Matriz de Borba



**Fonte**: César Augusto Rodrigues (s/a)

Após a criação, em 1755, da Capitania de São José do Rio Negro, que deu origem ao Estado do Amazonas, o governador e capitão general do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado veio pessoalmente a Trocano e, com o objetivo de povoar a capitania, inaugurou a vila de Trocano, primeira vila da recém-criada capitania, a qual nomeou de Borba, a Nova.

Entre as iniciativas tomadas por Mendonça Furtado para incrementar o povoamento da região do atual município de Borba e da capitania, estão a concessão de favores políticos e ofertas de instrumentos agrícolas aos portugueses que aceitassem manter casamento com índias. Essas uniões matrimoniais, entre portugueses e nativos, iniciaram-se em um curto período em Borba.

O apogeu de Borba deu-se a partir de 1785, quando a vila passou a cultivar café e exportar para Belém, até então capital do Grão-Pará. Após a independência do Brasil, em 1822, nativistas insuflaram os índios muras, que acabaram por invadir a vila em 1833, à cata de portugueses. Entre 1835 e 1839,

Borba resistiu aos cabanos, apesar de registrar violentos ataques destes.

A partir de 1833, inicia-se uma série de atos normativos que uma hora a destituem ou a elevam aos Foros de Vila e de Comarca e Freguesia. Apenas em 1938, o Decreto-lei nº 68, de 31 de março, dando a execução ao Decreto-lei nacional nº 311 do mesmo ano, elevou a Vila à categoria de Cidade, com a mesma denominação de Borba, sendo inaugurada em 1 de janeiro de 1939.

Dessa forma, Trocano, Araretama, Borba, a primeira vila criada no Amazonas, foi a que mais sofreu alterações na sua denominação. A cidade ainda preserva alguns prédios que imitaram a arquitetura portuguesa, “resultando numa verdadeira arquitetura caricata da europeização na Amazônia” (CAMPOS, 2009, p. 68).

**Figura 27** – Vista aérea de Borba



**Fonte:**http://www.transamazonas.com.br/transporte-fluvial-em-balsa-para-borba-amazonas/

Em Borba a comunicação com outros municípios se dá, a exemplo de Manicoré, principalmente, pelos rios. As viagens de lanchas a jato até Manaus tem duração de 6 horas e faz escala em Nova Olinda do Norte.

O município possui uma boa rede hoteleira, para receber visitantes, principalmente durante a tradicional festa religiosa de Santo Antônio de Borba. Conta com agências bancárias e de correios, telefonia móvel e canais de rádio e de televisão, através de antenas parabólicas. A energia elétrica é fornecida por meio de termelétrica a base de diesel, pela Eletrobrás Amazonas Energia e a água pela COSAMA. Apresenta 8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 86,1%

de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 2,6% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (IBGE, 2010).

Em 2015, de acordo com dados do censo, o município possuia 292 escolas e foram registradas 11.185 matrículas (IBGE, 2015). Ainda em 2015, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade tiveram nota média de 4,4 no IDEB, enquanto os alunos dos anos finais receberam a nota média de 3.6. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 91,2% em 2010. O ensino superior não é oferecido no município.

O setor primário em Borba é bem desenvolvido e constitui-se como a principal base da economia. Entre as produções da agricultura do município, destacam-se a banana, a melancia, a mandioca e milho. Na pecuária merecem destaque a criação de bovinos, bubalinos, galináceos e suínos. A aquicultura dá luz à produção de matrinxâ e tambaqui. O extrativismo é representado pelo açaí, a castanha-do-pará, a madeira, a borracha e o oléo de copaíba (IBGE, 2016).

Segundo o IBGE, o PIB a preço corrente do município, em 2015, foi de 260.501,33 (R$ x 1.000) e o PIB per capita de R$ 6.629,88. O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, foi de 0,560. Em 2015, o salário médio mensal era de 1,7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 4,1%. Possuia 55% dos domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa.

Borba possui sete estabelecimentos de saúde. Em 2014, de acordo com dados do IBGE, a taxa de mortalidade infantil média na cidade era de 16,93 para 1.000 nascidos vivos.

Como atividade cultural, destaca-se a festa religiosa em homenagem ao Santo Antônio de Borba. A festa tem início no dia 1º de junho e se estende até o dia 13 do mesmo mês. O evento é realizado ininterruptamente há mais de 200 anos, sendo o evento de mais expressiva representação de fé do povo interiorano realizado no Amazonas. Os peregrinos vêm de diversas partes do país e do mundo para homenagear o santo milagreiro. Na zona rural, ocorre também a dança do gambá. O gambá é um ritmo centenário na região. A dança ocorre por volta do mês de dezembro, e obedece a determinados rituais, como a visita a residências, as quais atribuem o donativo. A festa é um misto de religiosidade e profanação, que homenageia São Benedito ou o Divino Espírito Santo (CAMPOS, 2009).

**Figura 28** – Mosaico de fotos dos Festejos de Santo Antônio em Borba




**Fonte**:http://www.prefeituradeborba.am.gov.br

## 1.4 RURALIDADES E URBANIDADES DAS LOCALIDAES INVESTIGADAS

Um atlas linguístico deve expressar a cultura da comunidade, considerando-se a natureza da comunidade de fala escolhida e os hábitos dos possíveis informantes. Assim, ao definir que as entrevistas para o ALSAM seriam realizadas nas sedes dos municípios e não nas comunidades ribeirinhas do interior, devido ao acesso que, se é difícil nas sedes, o é muito mais nas comunidades do interior, foi necessário se questionar até que ponto as sedes dos municípios do interior do Amazonas, assim como muitas outras no Brasil, podem ser consideradas urbanas.

Para Veiga (2001), a origem do problema encontra-se no decreto-lei 311 de 1938 que transforma em cidades todas as sedes municipais existentes até então, sem considerar suas características estruturais e funcionais. Em 1991, o IBGE passou a identificar três tipos de categorias urbanas e quatro tipos de categorias rurais. São urbanas áreas urbanizadas e não urbanizadas, tendo como critério a intensidade da ocupação humana, além de áreas isoladas, separadas da sede distrital por áreas urbanas ou por outro limite legal. São rurais os aglomerados do tipo extensão urbana (fora do perímetro urbano, mas parte de uma cidade ou vila ou por elas englobados), povoados isolados sem caráter privado ou empresarial, núcleos isolados que pertençam a um único proprietário e outros aglomerados que não se enquadrem em nenhuma dessas categorias.

Outro problema sério para a definição dos limites entre o rural e o urbano encontra-se na legalidade do Perímetro Urbano, limite oficial entre esses espaços. O Perímetro Urbano vem sendo definido pelas prefeituras sem nenhum critério e em muitos casos está sendo usado como artifício para aumentar a arrecadação do IPTU, uma vez que é considerado como base tanto para fins urbanísticos quanto para fins tributáveis (VEIGA, 2001). Acrescenta-se a isso o fato de que legalmente todos os moradores de sedes municipais e distritais são considerados urbanos mesmo que vivam em espaços de natureza pouco artificializada, o que tem inflado as taxas de urbanização do país. Taxas essas questionadas pelo autor, quando inicia seu trabalho com a seguinte afirmação, presente no resumo do artigo: “O Brasil é menos urbano do que se calcula”.

Candiotto e Corrêa (2008) enfatizam a existência de duas correntes interpretativas sobre a relação campo/cidade. A primeira é a visão dualista, dicotômica e tradicional que apresenta o campo como sinônimo de atraso e a cidade como sinônimo de moderno. A segunda é a corrente do continuum rural-urbano, fundamentada na ideia de que o avanço no processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade em geral, atingindo também o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana. Essa corrente, por expressar melhor a dinâmica atual dos espaços rural e urbano, vem sendo mais bem aceita.

A primeira impressão que a ideia de contínuo transmite é de que a homogeneização espacial e social levará ao fim do rural. Também é essa a impressão que se tem ao analisar as taxas de urbanização apresentadas pelo IBGE ao longo dos anos. No entanto, muitos geógrafos, dentre os quais Wanderley (2001), refutam essa ideia, ao considerar o *continuum* rural-urbano como uma relação que aproxima e integra dois polos extremos, na qual a ideia central não destrói as particularidades de cada espaço.

Nesse sentido, o espaço rural se reestrutura, assume novas funções que não são apenas as atividades agrícolas como lazer, turismo, segundas residências e aposentadorias rurais. Por outro lado, crescem cada vez mais atividades de lazer que buscam um resgate às tradições culturais de determinadas áreas e valorizam os costumes da vida rural, ocorrendo tanto em áreas rurais quanto urbanas (LINDNER *et al*., 2009).

O conceito que tenta dar conta desse dinamismo é o neologismo “rurbano”, que vem sendo difundido em pesquisas da Geografia, da Sociologia Rural

e da Sociolinguística com uma boa aceitação no meio acadêmico. Esse conceito aparece de duas formas distintas. Primeiramente encontra-se em Veiga (2001) uma referência ao termo como utilizado por Gilberto Freyre para designar os municípios nordestinos com menos de 50 mil habitantes e densidade demográfica de 80 hab./km$^2$. Termo que assume em sua pesquisa como parte da seguinte classificação: i) Municípios urbanos (aglomerados metropolitanos, não metropolitanos e centros urbanos); ii) Municípios rurbanos (entre 50 mil e 100 mil habitantes ou menos de 50, mas com densidade demográfica de pelo menos 80 hab./km2); iii) Municípios rurais (menos de 50 mil habitantes). O termo também é apresentado por Graziano da Silva (2001) como urbanização do rural por meio da inserção de novas atividades econômicas, principalmente as não agrícolas, isto é, o rurbano representa o novo rural.

Considerando objeções ao termo “rurbano”, bem como sua dualidade de significado na literatura, opta-se por considerar nesta pesquisa os conceitos de ruralidade e urbanidade, uma vez que estes se mostram mais coerente à abordagem pretendida do que aquele.

Entende-se por ruralidade e urbanidade ações e objetos característicos dos espaços rural e urbano, que não ocorrem, porém, exclusivamente nesses espaços. Assim, o apego à terra e às atividades de cultivo, a criação de animais, o modo de falar, o orgulho em ser do campo, são elementos de ruralidade presentes no meio rural. Por outro lado, esses elementos muitas vezes estão presentes nas cidades por meio da ideia do campo como lugar de descanso, do contato com a natureza e até mesmo por meio de manifestações culturais tipicamente rurais como músicas, festas, cultivo de hortas, etc. Da mesma forma, aspectos identitários do espaço urbano (ritmo acelerado de vida, competitividade, individualismo, poluição sonora e visual, etc.), presentes na percepção de indivíduos e grupos sociais, representam as urbanidades e, estando evidentemente presentes em indivíduos urbanos, não deixam de estar também em indivíduos rurais por meio da inserção dos meios de comunicação (TV, internet), da modernização da agricultura e da inserção de novas atividades de trabalho no campo, como a preocupação com a aparência, a migração para áreas rurais, entre outros elementos.

Em outras palavras, os conceitos de ruralidade e urbanidade têm sido trabalhados como referências a territorialidades de indivíduos e grupos sociais, tanto socioculturais, quanto econômicas e políticas e procuram incorporar as novas

dinâmicas presentes na configuração do espaço geográfico (CANDIOTTO E CORRÊA, 2008).

Lindner *et al.* (2009) investiga a presença da ruralidade em municípios gaúchos, tomando como exemplo o município de Silveira Martins (RS). De acordo com a pesquisadora, pequenas cidades e vilarejos mantêm características eminentemente rurais, possuindo grande carga cultural, traduzida pelo apego às tradições muito evidenciado nas relações sociais da população, suas festividades, gastronomia e economia. “Esse conjunto de fatores representa a identidade social da comunidade, a qual reproduz o modo de vida do campo na cidade, ou seja, as ruralidades” (p. 02).

Nesse contexto se inserem os municípios da mesorregião do Sul Amazonense. São municípios que carregam fortes marcas de ruralidade mesmo em suas sedes. Essas marcas estão presentes no hábito da cultura de subsistência, principalmente da mandioca, do feijão e da banana. É comum que se encontrem, mesmo dentro das cidades, casas de farinha onde famílias produzem os derivados da mandioca. Comum também é encontrar crianças brincando na rua, rodas de conversas na frente das casas, o que indica uma relação social mais próxima entre os moradores. Também é um forte elemento a realização de festividades em homenagem a santos católicos, como a festa de Santo Antônio de Borba, festividades em torno de produtos alimentares cultivados na região ou a astros, como a Festa da Melancia em Manicoré e a festa do Sol em Lábrea, festas agropecuárias, como a festa a Exposição Agropecuária em Humaitá e Manicoré, entre outras que exemplificam a cultura rural presente nos municípios.

Quase todos os municípios pesquisados no ALSAM, pela classificação de Veiga (2001), poderiam ser considerados Municípios Rurais, pois não possuem mais que 50 mil habitantes. As únicas exceções seriam os Municípios de Humaitá e Manicoré que, por possuírem mais de 50 mil habitantes, poderiam ser considerados municípios rurbanos. Para o IBGE, por sua vez, os moradores das sedes desses municípios são urbanos. Neste trabalho, acredita-se que se trata de municípios rurbanos que, em suas sedes, abrigam pessoas com forte identidade social rural.

# 2 A DIALETOLOGIA NO BRASIL: DE MONODIMENSIONAL A PLURIDIMENSIONAL

Esta tese se inscreve no campo da Dialetologia, disciplina linguística que “tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15). Nesse sentido, apresentam-se, brevemente, neste capítulo, os fundamentos teóricos, pelos quais se norteia a tese.

Inicialmente busca-se definir o objeto de estudo da disciplina e apresentar conceitos fundamentais para a compreensão dos estudos da variação linguística. Em seguida objetiva-se demonstrar as bases teóricas para a evolução da Dialetologia. Logo após, apresenta-se um breve histórico da Dialetologia brasileira, mostrando como ela acompanhou a evolução da disciplina por meio dos atlas regionais e do projeto e primeiras publicações do atlas nacional. Por fim, situa-se o estudo da disciplina no campo de investigação desta tese, o estado do Amazonas, apresentando uma revisão bibliográfica sobre os estudos dialetais amazonenses que serviram de base comparativa para a investigação realizada neste trabalho.

## 2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA BÁSICA

Nesta seção, apresentam-se os fundamentos básicos para a compreensão da Dialetologia enquanto disciplina linguística: a definição de seu objeto de estudo, os diferentes aspectos da variação e seus principais condicionadores, a ideia e a possibilidade de demarcação geográfica da variação.

### 2.1.1 Objeto de Estudo da Dialetologia: Dialeto, Falar e Variedade linguística

Quando se pensa em uma disciplina voltada para a identificação e descrição da diversidade linguística, pensa-se em uma gama de termos que designam essa diversidade: dialetos, falares, variedade linguística. Mas afinal como a Linguística conceitua esses termos e quais as suas relações com a Dialetologia?

Para definir dialeto é necessário que se entenda também o conceito de língua e os estudos da Linguística vêm demonstrando que nem sempre é facilmente perceptível a distinção entre língua e dialeto.

Brandão (1991) apresenta a classificação de Alvar (1961), segundo a qual língua é um sistema linguístico de uma comunidade, com alto grau de diferenciação e de nivelação, por veicular a tradição literária e por impor-se a outros sistemas de sua própria origem, ao passo que dialetos são esses sistemas divergentes de uma língua, normalmente dotados de pouca diferenciação entre outros de mesma origem, porém com concreta limitação geográfica (ALVAR, 1961 *apud* BRANDÃO, 1991, p. 13). Ainda Alvar (1961) diferencia dialetos de falares regionais. Estes tratam de particularidades da língua, no entanto carentes da coerência interna que aqueles possuem. Além disso, o autor busca diferenciar falares regionais de falares locais, sendo estes "estruturas linguísticas de traços pouco diferenciados, mas com matizes característicos dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circustâncias geográficas, normalmente de carater administrativo" (ALVAR, 1961 *apud* BRANDÃO, 1991, p. 13). Brandão (1991) lembra que é difícil na prática estabelecer a diferença entre dialetos e falares e que alguns linguistas questionam os critérios utilizados para este fim, geralmente critérios de ordem social, e evidencia a tendência atual em empregar o termo dialeto a qualquer variedade linguística, seja ela de natureza geográfica ou social (sociodialeto).

Para Chambers e Trudgill (1980), língua e dialeto podem ser distintos pelo que chamam de critério de mútua inteligibilidade. Assim, "*A language is a collection of mutually intelligible dialects*" (p. 03). Dialeto, nesse sentido, é uma sub-parte de uma língua. Por outro lado, os próprios autores reconhecem que tal caracterização não abarca todas as línguas[8]. Reconhecem, assim, outras razões de ordem social para explicar tais exceções. Importa ainda observar que Chambers e Trudgill (1980) entendem que a Dialetologia engloba o estudo de todos os dialetos, sejam eles espaciais ou sociais.

Por outro lado, costuma-se associar os dialetos à fala de pessoas incultas, de grupos desprestigiados da sociedade, desvios da norma, aberrações de uma forma correta de língua e, portanto, inferiores a ela. Da mesma forma, o termo tem sido aplicado para designar formas linguísticas de falantes das partes mais isoladas do mundo e que não possuem a modalidade escrita (CHAMBERS;

[8] As línguas escandinavas (norueguês, sueco, dinamarquês), embora com o status de língua, são mutuamente inteligíveis e deveriam, portanto, de acordo com esse critério, ser consideradas dialetos. O alemão, por sua vez, que é considerado uma única língua, possui formas (dialetos) ininteligíveis entre os falantes.

TRUDGILL, 1980, p. 03). Para fugir a esse estigma é que alguns autores, dentre eles, Chambers e Trudgill (1980), Ferguson (1964), Fishman (1971) e Tarallo (1990), preferem o uso do termo variedade linguística, termo neutro e livre de preconceitos. Os primeiros chegam mesmo a classificar a língua como uma "variedade autônoma" constituída de "variedades heterônimas", dependentes, que seriam os dialetos, esclarecendo ainda que os papéis podem se reverter e essas variedades heterônimas, por alguma razão extrínseca a elas, tornarem-se autônomas, originando novas línguas.

Coseriu (1982), por sua vez, compartilha da noção de dialeto como subsistema e apresenta uma distinção de base histórica entre língua e dialeto, ao definir este como uma língua menor, incluída em outra maior (língua histórica ou idioma). Dessa forma, a distinção dialeto/língua é apenas uma questão de *status* histórico, uma vez que, por questões outras (políticas, históricas, sociológicas, geográficas, etc.), um dialeto pode vir a tornar-se uma língua. Observa-se que Coseriu reconhece o fator social da variação, no entanto, diferentemente de Chambers e Trudgill (1980), atribui o termo somente às variações diatópicas (geográficas), limitando o estudo da Dialetologia a essa dimensão, cabendo à Sociolinguística o tratamento da dimensão diastrática (social) e à Estilística o da dimensão diafásica (de estilo).

Da mesma visão compartilha Elia (1989), ao afirmar que não existem diferenças estruturais entre dialeto e língua, pois os dialetos podem cumprir qualquer função linguística. O autor atribui a diferença aos aspectos social e histórico, que subordinam os dialetos às línguas, já que estas, enquanto instrumentos de expressão dos Estados organizados nacionalmente, detêm maior prestígio social e acumulam um grande patrimônio cultural. Logo a língua é "o falar de uma comunidade, estruturalmente diferenciado, portador de apreciável tradição cultural e reconhecido oficialmente por um Estado como forma de expressão em suas relações internas e externas" (ELIA, 1989, p. 15). O dialeto, por sua vez, é o "falar de uma comunidade, parte de uma comunidade maior, com cujo falar mantém afinidades estruturais, praticado geralmente como forma oral e não reconhecido por um Estado como forma de comunicação em suas realizações internas e externas" (ELIA, 1989, p. 15).

Diante dessa discussão, percebe-se que uma distinção entre dialeto e língua não poderá ser categórica e entende-se, como a maioria dos autores, que o

termo dialeto refere-se à variação de uma língua condicionada pelos mais diversos fatores (históricos, sociais, geográficos), assim como que nenhum dialeto é superior a outro. É nesse sentido que o termo se torna sinônimo dos termos variedade linguística e falar, o que justifica a opção de utilizar nesta tese o último, cuja consagração na Dialetologia brasileira, de acordo com Brandão (1991), vem desde 1953, quando Antenor Nascentes reformula sua proposta de divisão dialetal do Brasil em dois falares (norte e sul) e seis subfalares (amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista).

### 2.1.2. Sociolinguística e Dialetologia: A Abordagem Pluridimensional

A compreensão da natureza não apenas regional, mas também social da variação linguística se deve às influências de outra disciplina linguística que, a partir da década de 1960, tem como interesse de estudo a variação, a Sociolinguística. Segundo Mollica (2008), esta disciplina estuda “a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (p.09). A Sociolinguística considera a heterogeneidade da linguagem, abandonada por Saussure (1916) para que a Linguística alcançasse *status* de ciência, e considera a língua como um sistema heterogêneo dotado de variação, porém ordenado por um conjunto de regras, não apenas categóricas, mas também variáveis, mais ou menos aplicadas a depender do ambiente linguístico e/ou social. As variantes, por sua vez, são explicadas não só por fatores linguísticos, mas também, e principalmente, por fatores extralinguísticos como sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, entre outros (COELHO *et al.*, 2015).

Têm espaço na Teoria da variação e mudança linguística, a qual tem como principal expoente os estudos de Willian Labov, os conceitos de variação, variável e variante que são utilizados nesta tese.

Variação refere-se ao processo pelo qual duas formas linguísticas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo significado (valor referencial). Uma variação não se limita a um único nível da gramática de uma lingua, assim, pode-se falar em variação fonética, morfológica, lexical, etc. (COELHO *et al.* , 2015).

No ALSAM, consideraram-se apenas as variações nos nível fonético-fonológicos e semântico-lexicais. Tomando como exemplo a variação expressa na

carta semântico-lexical 050 (Cupuaçu), observaram-se três formas linguísticas: *cupuaçu*, *cupu* e *pupu*. Embora a questão que deu origem à carta seja de natureza semântica, observa-se que as formas *cupu* e *pupu*, quando relacionadas entre si, revelam um caso de variação fonética, ao passo que essas, quando relacionadas à forma *cupuaçu*, revelam um caso de variação lexical.

A variação linguística pressupõe, então, formas linguísticas alternativas. Chamam-se variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, entendido, por sua vez, como aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação (MOLLICA, 2008). É importante observar que, quando se fala em variável, tanto pode-se referir ao fenômeno em variação quanto ao grupo de fatores condicionadores da variação. No primeiro caso, temos a variável dependente, assim chamada ao compreender que o emprego das variantes não é aleatório e sim influenciado por grupo de fatores, neste caso, chamados também de variáveis independentes. Estas variáveis, por sua vez, podem ser de ordem linguística ou social. Exemplificando, os grupos de cartas fonéticas do ALSAM, denominadas cartas-síntese, nada mais são que mapas que reúnem um grupo de cartas fonéticas que compartilham da mesma variável dependente. Assim, a carta-síntese fonética S015 reúne os dados de todas as cartas da variável dependente /S/ em coda silábica. Essa variável dependente apresentou quatro variantes que concorrem, ou seja, apresentam-se como alternativas possíveis para se referir ao mesmo fonema (variável dependente): as alveolares [s, z] (me[z]ma), as palatais [ʃ, ʒ], (me[ʒ]ma), as glotais [h, ɦ], (me[ɦ]ma) e o zero fonético ou apagamento (mema).

As sequências de cartas de S015a a S015g referem-se à reunião de dados de acordo com a variável independente (grupo de fatores) *contexto precedente* (consoante nasal, lateral, oclusiva, etc.), que influencia diretamente na articulação de uma ou outra variante. Nesse caso, trata-se de uma variável independente de ordem estrutural, linguística, também chamada de grupo de fatores intralinguísticos, no entanto, ainda poderiam ser observados outros fatores condicionadores da variação (ou variáveis independentes) de ordem social, como *sexo, idade* e *escolaridade,* chamados também de grupos de fatores extralinguísticos.

Importa observar também que, no modelo laboviano, interessa não o

indivíduo, mas a comunidade de fala[9], pois é nela que se dá a interação entre língua e sociedade e onde ocorrem a variação e a mudança linguística (COELHO *et al*., 2015).

Observa-se, assim, que nessa teoria, o indivíduo é um ser estratificado, um tipo social que se caracteriza por um conjunto de fatores. Observa-se, na pesquisa, por exemplo, uma pessoa do sexo masculino, que faz parte da faixa etária de 20 a 35 anos e da faixa de 4 a 7 anos de escolaridade, nascido e residente na zona urbana do município de Borba, esse tipo pertence a várias comunidades de fala observadas nesta tese: a dos homens, a dos jovens, a dos menos escolarizados, a de Borba, bem como aquela que reúne alguns ou todos esses tipos.

No que se refere à variação, as formas variantes geralmente recebem valores diferentes pela comunidade. Por tais razões se ouvem termos como variantes padrão (que estão de acordo com os compêndios prescritivos ou o mais próximas deles) e variantes não-padrão (que se afastam desses modelos). As variantes padrão costumam ser mais prestigiadas pela comunidade, embora um número reduzido de falantes as dominem, e costumam também ser mais conservadoras, fazendo parte há mais tempo do repertório linguístico da comunidade. Por outro lado, as variantes não-padrão costumam ser estigmatizadas por essa comunidade, gerando comentários negativos às formas ou aos falantes que as usam, bem como costumam ser mais inovadoras na comunidade (COELHO *et al*., 2015).

Diante dos esclarecimentos de alguns conceitos de base sociolinguística utilizados nesta tese, entende-se que a variação não é caótica por ser heterogênea, pois é sistemática, além de probabilística e sujeita a técnicas quantitativas para a observação das regularidades que a regem e dos fatores sociais ou linguísticos que podem estar atuando de modo significativo nesse processo. De acordo com Labov (2008 [1978], p. 291), não existe possibilidade de avanço rumo à compreensão do mecanismo de mudança sem um estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística.

---

[9] O conceito de comunidade de fala gera grande discussão teórica, a qual não objetivamos aprofundar, porém compartilha-se da noção apresentada por Guy (2000) que a define de acordo com essas três característica: (a) os falantes compartilham traços linguísticos usados na comunidade, mas não fora dela; (b) os falantes possuem entre si uma densidade de comunicação interna relativamente alta, ou seja, as pessoas falam mais frequentemente com pessoas que pertencem ao grupo do que com os que não pertencem; (c) os falantes devem compartilhar normas e atitudes em relação ao uso linguístico.

Dessa forma, segundo Mollica (2008, p. 11):

> Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.

A Dialetologia, por sua vez, conforme se mencionou anteriormente, ao longo de sua tradição, vem demonstrado maior interesse pelas variedades geográficas, principalmente a variedade rural. Os primeiros dialetólogos partiam do princípio de que quanto mais isolada a comunidade pesquisada, mais fácil seria chegar ao vernáculo da língua, o falar daquela comunidade de fala, sem influências. Para este fim, sempre contou com a Geolinguística ou Geografia Linguístca, entendida como método[10] para a representação cartográfica da variação existente em um território.

A Geolinguística consiste, assim, numa série determinada de passos metodológicos, como a definição de uma área de interesse linguístico e de uma rede de pontos para a representação dessa área, a elaboração de questionários que permitam a obtenção das formas linguísticas em uso na área investigada, a aplicação desses questionários a informantes também selecionados de modo a representar os perfis sociais desejados, a transcrição das formas obtidas para facilitar o tratamento dos dados de fala obtidos e, enfim a representação "*en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria em una red de puntos de um território determinado*" (COSERIU, 1991, p.104).

Ao conjunto de mapas que abrangem grande número de fenômenos linguísticos denomina-se atlas linguístico. Os atlas linguísticos, por sua abrangência no que se refere à quantidade de fenômenos investigados, têm se mostrado eficientes para a descrição da variação linguística de determinadas áreas geográficas, principalmente para apontar possíveis tendências referentes à variação e mudança linguísticas. No entanto, a geolinguística também possibilita estudos de um ou apenas alguns fenômenos linguísticos por meio de trabalhos monográficos, nos quais a variável é investigada mais profundamente.

---

[10] Atualmente alguns pesquisadores, como García Mouton (1996), defendem uma abordagem da Geolinguística enquanto subdisciplina ligada à Dialetologia. Para melhor compreensão dessa abordagem cf. Romano (2014).

Por meio da representação cartográfica dos dados linguísticos é possível delimitar áreas geográficas onde predominam uma ou outra variante, ou seja, é possível traçar isoglossas. De acordo com Chambers e Trudgill (1980), o termo isoglossa fora usado pela primeira vez por J. G. A. Bielenstein, em 1892, e significa literalmente "língua igual" (iso + gloss). Ao conceituar isoglossas, os autores, assumem que: "*presumably, the term is intended to convey the fact that a line drawn across a region will show two areas on either side of it which concur on some aspect of linguistic usage but which disagree with each other*" (CHAMBERS e TRUDGILL, 1980, p. 103) [11]. Nas palavras de Ferreira e Cardoso (1994, p. 12), isoglossa é "uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas".

Quanto à natureza dos fatos linguísticos analisados, a isoglossa poderá ser lexical (isoléxica), fônica (isófona), morfológica (isomorfa) ou mesmo sintática (isosintagmática) (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 13).

Partindo desse conceito, as autoras apresentam dialeto como um "feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outra" (p. 16). Um ponto deve ser destacado, a "relativa homogeneidade". As autoras reconhecem a inexistência de limites rígidos entre as línguas, pois toda língua histórica constitui-se de um conjunto de dialetos.

Embora tenha sido muito produtivo desde sua origem, a Dialetologia monodimensional, por meio do método geolinguístico tradicional, vinha sofrendo críticas, principalmente no que dizia respeito à delimitação de seu campo de interesse principal: a dimensão espacial da variedade linguística. Blanch (1978), por exemplo, lembra que "se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das variedades regionais quanto das sociais, tanto no eixo horizontal quanto no vertical" (p. 42). Radtke e Thun (1996), por sua vez, afirmam que o tratamento monodimensional restringe a análise ao eixo horizontal e chegam mesmo a dizer que um tratamento pluridimensional reuniria no mesmo enfoque os eixos horizontal e vertical (social) da variação linguística, tornando-se assim a Dialetologia "a verdadeira ciência da variação" (p. 30).

[11] Presumivelmente, o termo intenciona transmitir o fato de que uma linha traçada ao longo de uma região mostrará duas áreas em cada lado, que concordam em algum aspecto do uso linguístico, mas que discordam entre si (tradução nossa).

Assim, a dinâmica do mundo moderno, no qual a palavra da vez é globalização e a maioria das pessoas, que vive em zonas urbanas, está conectada, se comunicando, indo e vindo, fez emergir a necessidade de a Dialetologia acompanhar essa dinâmica. Essa modernização da disciplina foi possível com a absorção das ideias sociolinguísticas ao método geolinguístico que passou a controlar, de forma sistemática e rigorosa, também os fatores sociais que interferem na linguagem. Logo, "a dialetologia e especificamente os estudos geolinguísticos deixam de apresentar-se numa visão dominantemente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social" (CARDOSO, 2010, p. 61).

Essa tendência moderna da disciplina passa a ser denominada de Geossociolinguística (RAZKY, 1998), Sociogeolinguística (CRISTIANINI, 2012)[12] ou Dialetologia Pluridimensional (RADTKE E THUN, 1996). Nesta tese opta-se por utilizar os termos Dialetologia e Geolinguística Pluridimensional para designar a "nova geolinguística [que] se caracteriza pelo alargamento do seu campo de observação e por um trabalho de profundidade mais desenvolvido" (THUN, 2000, p. 407), ao controlar sistematicamente as variáveis sociais, além da já consagrada variação espacial, e cartografar a incrível quantidade de dados advindos dessa metodologia.

Cardoso (2006) salienta que as bases para o que chama de "redefinição de prioridades" estão longe de ser apenas linguísticas. São sócio-históricas e políticas. Ora, os contextos sociais e históricos estão em constantes modificações e um método para ser eficiente e dar conta de todas essas transformações também precisa se transformar, se desenvolver.

Assim, se no modelo tradicional importava para o estudo de uma área, um falante ideal (ou dois), aquele nascido na localidade, com pais também da área, geralmente homem, do meio rural, mais velho, com pouca ou nenhuma mobilidade e grau de instrução, no modelo moderno buscam-se informantes com diferentes perfis, a fim de se manter o controle de todas as dimensões. Isso fica evidente no excerto seguinte:

> Os parâmetros que regem, assim, a escolha e o perfil de informantes passam a se revestir de uma multiplicidade de aspectos, pondo em destaque um complexo rol de variáveis a considerar. O falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções. Os instrumentos de recolha de dados, por sua vez, vão

[12] Segundo a autora, o termo foi empregado inicialmente pelo Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística da Universidade de São Paulo – GPDG/USP, em 2004.

> se tornando capazes de captar a variação nas suas diferentes manifestações. Os questionários se diversificam; a natureza do interrogatório, da inquirição, atinge alto grau de especificidade; as formas de registro de dados captam não apenas a emissão, mas também as condições de que se reveste o ato de fala naquele momento, permitindo amplas considerações de ordem pragmática (CARDOSO, 1996, p. 10).

Nessa perspectiva, de acordo com Thun (2005), um atlas linguístico pluridimensional pode, a partir do controle de variáveis sociais, contemplar diversas dimensões da variação:

a. dimensão dialingual, se envolve duas ou mais línguas;

b. dimensão diatópica, se envolve apenas informantes naturais dos espaços geográficos pesquisados;

c. dimensão diatópico-cinética, se envolve tanto informantes de caráter topoestático (naturais da localidade), quanto informantes topodinâmicos, isto é, informantes naturais de outras localidades que vivem na localidade investigada ou que possuem mobilidade entre duas regiões linguísticas;

d. dimensão diassexual ou diagenérica, se envolve informantes dos dois gêneros (homem e mulher);

e. dimensão diageracional, se envolvem infomantes de diferentes faixas etárias (informantes jovens, adultos, idosos);

f. dimensão diastrática, ao envolver informantes de diferentes estratos socioculturais (informantes de classe alta, classe média, classe baixa ou ainda informantes mais escolarizados, menos escolarizados e analfabetos, por exemplo);

g. dimensão diafásica, ao envolver distintos graus de interlocução, ou seja, diferenças de estilo expressivo do falante em contextos diferentes de enunciação (discurso controlado por questionário, elocução livre semidirigida, leitura de textos, etc.);

h. dimensão diarreferencial, se envolvem questões objetivas e/ou metalinguísticas da língua.

Os rumos que os estudos dialetológicos vêm tomando no Brasil, por meio da elaboração dos atlas regionais e especialmente com o desenvolvimento do projeto Atlas Linguístico do Brasil, permitem dizer que se passa de uma dialetologia monodimensional, centrada apenas nas diferenças diatópicas das línguas, para uma dialetologia pluridimensional, que busca considerar também diferenças diatópico-

cinéticas, dialinguais, diassexuais, diageracionais, diastráticas, diafásicas, diarreferenciais, entre outras.

Dois dos nossos atlas regionais publicados, o Atlas Linguístico de Sergipe e o Atlas Linguístico do Paraná, são apontados por Thun (*apud* CARDOSO, 2006, p. 12) entre os três primeiros atlas sistematicamente pluridimensionais, ao lado do microatlas araniano (monografia de Otto Wilkelmann, 1989), pois acrescentam à dimensão diatópica a dimensão diassexual. A esses seguiram todos os outros publicados posteriormente, e também o Projeto ALiB, sempre considerando o fator social da língua sem deixar de ser essencialmente diatópicos[13]. O ALSAM, seguindo essa tendência, se inscreve na perspectiva pluridimensional ao considerar as dimensões diatópica, diassexual, diageracional e diastrática da variação.

## 2.2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS

Ao tratar da Dialetologia no Brasil, é necessário considerar a extensão territorial do país e as dificuldades de comunicação e de locomoção que ele ainda apresenta. Áreas relativamente isoladas se revelam como fontes riquíssimas a pesquisas linguísticas, mas, ao mesmo tempo, representam um grande desafio ao pesquisador.

Além disso, o Brasil ainda é um país de grandes contrastes regionais e sociais, tendo em vista o processo de colonização a que foi submetido, as condições em que se deu a sua independência política e seu desenvolvimento. Um retrato fiel da realidade brasileira colocaria lado a lado: executivos de grandes empresas; técnicos que manipulam com desenvoltura o computador; operários de pequenas, médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandioca em humildes roças; pombeiros que comercializam pelo sertão e indígenas aculturados (BRANDÃO, 1991).

Acrescentam-se ainda os imigrantes e seus descendentes, concentrados em algumas regiões, e os migrantes, os quais, motivados pelo crescimento acelerado de alguns centros urbanos, têm “provocado uma alteração

[13] De acordo com Cardoso (2010, p. 67) [...] a geolingüística assume outros parâmetros que não o diatópico ao tomar em consideração variáveis sociais, mas permanece diatópica, como afirma Contini e Tuaillon (1996, p. 7): ‘A dialetologia tem por finalidade essencial estudar a variação geolinguística’. E nisso está sua ‘identidade’, a definição do seu campo, a afirmação dos seus objetivos próprios [...].

profunda no tabuleiro linguístico regional, rapidamente nivelado pela influência avassaladora da norma que delas (as migrações internas) emana" (CUNHA, 1979 *apud* BRANDÃO, 1991, p. 17).

Não menos importante ressaltar ainda a desigualdade existente dentro da mesma área, como nas grandes cidades, onde se encontram áreas luxuosas em contraste com a periferia, na qual comunidades vivem à margem do progresso.

Todavia, certa é a necessidade de conhecer as variedades regionais do português brasileiro e, mesmo frente às grandes dificuldades, muito se tem feito com a elaboração de trabalhos monográficos nas mais diversas áreas do país, elaboração e publicação de atlas regionais, e principalmente o projeto de um atlas nacional, o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, em andamento desde 1996.

Nesta seção, objetiva-se refazer o percurso trilhado pela Dialetologia no Brasil a partir da divisão cronológica proposta por alguns dialetólogos, precursores e atuais (NASCENTES, 1952, 1953; Ferreira e Cardoso, 1994; Romano, 2013; Cuba, 2015).

As duas primeiras fases da história da Dialetologia brasileira são propostas por Nascentes (1952, 1953). A primeira tem como marco inicial o estudo comparativo entre o português de Portugal e o português do Brasil, feito por Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca, para integrar o *Atlas Ethnographique du Globe*, de autoria do geógrafo vêneto Adrien Balbi, datando de 1826. Os estudos que fazem parte dessa fase caracterizam-se fundamentalmente por sua natureza lexical (glossários, dicionários, vocabulários e léxicos regionais). A segunda tem como marco a publicação, em 1920, de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. Essa fase é marcada, por sua vez, pelos trabalhos monográficos, empenhados em estudar determinadas áreas no intuito de descrever os fenômenos linguísticos que as caracterizam não apenas sob a ótica lexical e semântica, mas também nos níveis fonético-fonológico e morfossintático. Nota-se ainda nessa fase, principalmente nas obras de Amadeu Amaral, Antenor Nascente e Mário Marroquim, uma nova forma de olhar a realidade linguística brasileira, com a preocupação de observá-la *in loco*[14].

Ferreira e Cardoso (1994) apontam como marco da terceira fase o

[14] Para uma análise mais detalhada das obras de Amadeu Amaral, Antenor Nascentes e Mário Marroquim, que marcaram essa segunda fase da história da Dialetologia no Brasil, cf. Ferreira e Cardoso (1994) e Cardoso, 2010).

decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que criou o Centro de Pesquisa Casa de Rui Barbosa e que, em seu artigo 3º, estabeleceu como principal finalidade da Comissão de Filologia, a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Essa fase é caracterizada pelo início dos estudos da geolinguística com a publicação, em 1963, do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, o primeiro atlas regional brasileiro. A essa fase pertencem então os pioneiros Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha e Nelson Rossi, os quais acreditavam ser necessário que se investisse na elaboração de atlas regionais antes de se realizar um projeto de atlas nacional[15].

A retomada do projeto do Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, é apontada, assim, por Mota e Cardoso (2006) como o marco inicial de uma possível quarta fase da dialetologia brasileira, caracterizada pela implementação de princípios sociolinguísticos ao método da Geografia Linguística, que sai do plano apenas horizontal (eixo da arealidade) para um plano também vertical (eixo da socialidade); e pela superação da crise da geolinguística românica, apresentada por Radtke e Thun (1996), uma vez que mostra-se cada vez mais crescente o interesse pelos estudos dialetais dentro das universidades, onde se observa um número significativo de publicações, comunicações e congressos, trabalhos de pós-graduação e, especialmente, a elaboração dos atlas regionais. As autoras não deixam de lembrar ainda que nessa nova fase os campos de estudo "não se restringem mais a dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos [...], incorporando dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos e etc." (p. 23); além do fato de que as formas de apresentação dos dados vêm se revestindo dos mais modernos instrumentos como cartas comentadas e CDs que reproduzem a voz do informante.

Cuba (2015), partindo dos estudos realizados após a proposta de Mota e Cardoso (2006), sugere a adoção de uma nova fase (a quinta) que se caracterizaria pela elaboração de novos atlas pluridimensionais e relacionais que consideram, na dimensão diatópica, não só o parâmetro topoestático, mas também o topodinâmico, atlas que consideram os movimentos migratórios, sobretudo os internos que ocorreram no Brasil na segunda metade do século XX e início do século XXI.

Romano (2013), considerando apenas os estudos geolinguísticos,

[15] Sobre as contribuições teóricas desses autores, as obras Guia para estudos dialetológicos e Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil, fundamentos para qualquer trabalho dialetal brasileiro, bem como a discussão sobre a importância de se elaborar atlas regionais antes de um atlas nacional, defendida por eles, cf. Cardoso (2010).

considera duas fases, cujo divisor de águas é o ano de 1996, quando se iniciam as atividades do projeto do atlas nacional (ALiB): a primeira parte da publicação do APFB em 1963 e vai até 1996, englobando os atlas pioneiros, monodimensionais (dimensão diatópica apenas) ou bidimensionais (dimensão diatópica e diassexual); a segunda parte de 1996 e vai até os dias atuais, envolvendo os atlas que "apresentam influência dos pressupostos metodológicos do ALiB e caminham para uma visão pluridimensional da variação" (ROMANO, 2013, p. 207). Segundo o pesquisador, nesta fase "há um incremento prodigioso da elaboração dos atlas linguísticos de pequeno domínio, a partir de projetos incentivados pelos diretores científicos do ALiB" (ROMANO, 2013, p. 207).

A história da Dialetologia brasileira demonstra que os precursores estavam corretos sobre o melhor caminho para o desenvolvimento das pesquisas no país, por meio dos atlas regionais. Desde 1963 até o presente momento, foram publicados 11 atlas linguísticos regionais (nos estados de Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe, Paraná, Pará, Mato Grosso do Sul, Ceará e Amapá e na região Sul), oito foram concluídos como tese de doutorado (nos estados de Amazonas, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Pernambuco, Alagoas e Tocantins e no território incaracterístico estabelecido por Nascentes) e nove estão em andamento (nos estados do Pará, Rondônia, Maranhão, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Piauí e Acre). Nos apêndices desta tese, apresenta-se um Quadro (Apêndice 1) com esses atlas regionais brasileiros, elaborado com base em Aguilera (2005) e Romano (2013), no qual também se acrescentam projetos de que se teve notícias após 2013. Não se pretende fazer uma abordagem exaustiva sobre cada um dos atlas linguísticos publicados, reservando-se apenas a seção 2.4.1 para uma discussão dos resultados obtidos pelos atlas regionais amazonenses[16].

Somam-se a esses atlas muitos outros, denominados de atlas de pequeno domínio, que vão sendo elaborados como dissertações e teses principalmente nas universidades brasileiras ligadas ao projeto ALiB e, correspondendo a uma área de menor domínio que um estado, "vêm complementar as pesquisas de maior invergadura, revelando aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, de maneira mais pormenorizada, da língua falada em determinada região" (ROMANO, 2013, p. 231). Para uma lista detalhada desses trabalhos é

[16] Para maiores informações sobre os atlas linguísticos publicados, concluídos e em andamento cf. Aguilera (2006) e Romano (2013)

importante conferir Romano (2013), no entanto destacamos os três atlas elaborados no Amazonas, o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (BRITO, 2011), Atlas dos Falares do Alto Rio Negro (JUSTINIANO, 2012) e o Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira (TAVARES, 2017), além do Atlas Linguístico dos Falares de Manaus, que se encontra em fase conclusiva.

Todos esses atlas regionais que investigam uma região, um estado ou uma área geográfica de menor proporção (atlas de pequeno domínio), assim como os inúmeros trabalhos monográficos realizados em todas as regiões do país atestam a eficácia do método geolinguístico e o impulso gerado pela agregação de preceitos sociolinguísticos e a efetivação do Projeto ALiB no desenvolvimento da Dialetologia brasileira.

## 2.3 Atlas Linguístico do Brasil e seus Primeiros Resultados

Enquanto os atlas regionais vêm sendo desenvolvidos, o sonho de um atlas único que cobrisse todo o território nacional, nascido em meados do século XX, foi retomado em 1996, por um grupo de professores e pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, em virtude do Seminário “Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil”. Nasce, assim, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, envolvendo 17 instituições universitárias brasileiras, sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, constituído de uma diretora-presidente, Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA); uma diretora executiva, Jacyra Andrade Mota (UFBA) e atualmente nove diretores científicos, representantes dos atlas regionais publicados e em andamento.

O Projeto ALiB apresenta a seguinte metodologia: 250 localidades investigadas em todo território brasileiro, entre elas as capitais dos estados, com exceção apenas de Palmas e Brasília; 1.100 informantes, distribuídos em duas faixas etárias: 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, homens e mulheres, com nível de instrução no máximo a 7ª série do ensino fundamental (ou cursando a 8ª) e superior (apenas nas capitais); Questionários: Semântico Lexical; Morfossintático; Fonético-fonológico; Pragmático; Temas para discursos semidirigidos; Texto para leitura. Tal metodologia permite ao atlas se enquadrar nos modelos da Dialetologia

Pluridimensional, uma vez que privilegia além da dimensão diatópica, as dimensões diassexual, diafásica, diageracional e diastrática[17].

As entrevistas começaram em 2001 e foram finalizadas em 2013, considerando as dificuldades de financiamento enfrentadas pelas equipes, aliadas às dificuldades logísticas que nosso estado maior ainda oferece.

Até o momento, foram publicados dois volumes, em 2014: i) um volume de introdução que trata da história do ALiB desde sua idealização em 1952 até a primeira publicação em 2014 (CARDOSO, 2014), bem como o seu papel no Quadro da Dialetologia brasileira (ARAGÃO, 2014) e a metodologia utilizada, por meio de discussões sobre a rede de pontos (ISQUERDO, TELES E ZÁGARI, 2014), questionários e informantes (MOTA, 2014), coleta de dados (AGUILERA, 2014) e cartografia dos dados (TELES E RIBEIRO, 2014); ii) um volume de cartas, onde se encontram uma apresentação das cartas (MOTA E TELES, 2014), uma análise da história e da toponímia das 25 capitais brasileiras investigadas (ISQUERDO, 2014), uma análise do perfil dos informantes baseada na ficha social informada durante a coleta (ISQUERDO, PAIM E ROMANO, 2014), a indicação dos inquiridores e auxiliares e informações sobre os inquéritos (como a data, por exemplo) e sobre os informantes das capitais, além das cartas introdutórias, fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas com dados referentes a essas capitais. Dados sobre as localidades do interior ainda não foram divulgados.

A seguir apresentam-se alguns dos principais resultados apresentados pela equipe no segundo volume. Esse volume apresenta 159 cartas linguísticas – 46 cartas fonéticas, 106 cartas semântico-lexicais e sete cartas morfossintáticas.

As cartas fonéticas englobam 18 variáveis linguísticas, conforme Quadro 1.

**Quadro 1** – Variáveis e número de cartas fonéticas do ALiB referentes às capitais

| VARIÁVEL FONOLÓGICA | EXEMPLO(S) | Nº DE CARTAS |
|---|---|---|
| Vogal média anterior pretônica | t**e**rreno | 4 |
| Vogal média posterior pretônica | t**o**rneira | 4 |
| Vogal média anterior postônica não final | núm**e**ro | 4 |
| Vogal média posterior postônica não final | fósf**o**ro | 4 |
| /l/ antes de [i] (todos os contextos) | **l**iquidificador e famí**l**ia | 1 |

[17] Para maiores informações sobre os objetivos e a metodologia do Projeto ALiB, cf. Cardoso (2010), Questionários ALiB – 2001 e o *site* do projeto Disponível no endereço eletrônico: www.alib.ufba.br.

| | | |
|---|---|---|
| /l/ diante de [i] em início de vocábulo | **l**iquidificador | 3 |
| /l/ diante de [i] e antecedendo [i] | famí**l**ia | 3 |
| /R/ em coda silábica externa (em nomes) | calo**r** | 2 |
| /R/ em coda silábica externa (em verbos) | trabalha**r** | 2 |
| /R/ em coda silábica interna (em nomes e verbos) | pe**r**dão, fe**r**vendo | 2 |
| /S/ em coda silábica externa e interna | arro**z**, ca**s**ca | 1 |
| /S/ em coda silábica externa | arro**z** | 3 |
| /S/ em coda silábica interna | ca**s**ca | 4 |
| /t,d/ diante de [i] < /i/ e [i] < /E, ɪ/ | est**i**ar, **d**iabo, noi**t**e, tar**d**e | 1 |
| /t,d/ diante de [i] < /i/ | est**i**ar, **d**iabo | 3 |
| /t,d/ diante de [i] < /E, ɪ/ | noi**t**e, tar**d**e | 3 |
| Entoação dos enunciados assertivos | Você vai sair hoje. | 1 |
| Entoação dos enunciados interrogativos totais | Você vai sair hoje? | 1 |
| | **Total de cartas fonéticas** | **46** |

**Fonte**: Elaboração do autor com base em dados do ALiB, v. 2 (CARDOSO *et al*., 2014)

Para a cartografia dos dados foram consideradas as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade na maioria das variáveis do Quadro 1. No Quadro 2, a seguir, apresentam-se sintetizados os resultados abstraído da leitura das cartas fonéticas:

**Quadro 2** – Variação fonética nas capitais brasileiras, de acordo com o ALiB

| VARIÁVEL FONOLÓGICA | VARIANTES CONSIDERADAS | DISTRIBUIÇÃO (COM BASE NA VARIANTE PREDOMINANTE) |
|---|---|---|
| Vogal média anterior pretônica | [e] X [ɛ] | **[e]**: Capitais do Sul, Sudeste e Centro-Oeste e Boa Vista, Macapá, Belém e Porto Velho (N);<br>**[ɛ]**: Capitais do Nordeste e Manaus e Rio Branco (N). |
| Vogal média posterior pretônica | [o] X [ɔ] | **[o]**: Capitais do Sul, Sudeste e Centro-Oeste e Norte (com exceção de Rio Branco), Natal e Teresina (NE);<br>**[ɔ]**: São Luís, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Recife e Salvador (NE);<br>**[o] e [ɔ]**: Rio Branco (N) e Fortaleza (NE). |
| Vogal média anterior postônica não final | [e] X [ɛ] | **[e]**: Capitais do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte e Fortaleza (NE);<br>**[ɛ]**: São Luís, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Recife e Salvador (NE);<br>**[e] e [ɛ]**: Teresina (NE). |
| Vogal média anterior postônica não final | [e] X [ɪ] | **[e]**: Todas as capitais brasileiras. |
| Vogal média posterior postônica não final | [o] X [ɔ] | **[o]**: Capitais do Sul (com exceção de Curitiba), Sudeste (com exceção de Vitória), Centro-Oeste e Norte e Fortaleza (NE);<br>**[ɔ]**: Capitais do Nordeste (com exceção de Fortaleza, João Pessoa e Teresina), Curitiba (S) e Vitória (SE);<br>**[o] e [ɔ]**: João Pessoa e Teresina (NE). |
| Vogal média posterior postônica não final | [o] X [ʊ] | **[o]**: Capitais do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte e Fortaleza, São Luís, Natal e João Pessoa (NE);<br>**[ʊ]**: Teresina, Aracaju, Maceió, Salvador e Recife (NE). |

| | | |
|---|---|---|
| /l/ diante de [i] em início de vocábulo | [l] X [ʎ] | **[l]**: Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju e Salvador (NE), Rio Branco (N) e Florianópolis (S);<br>**[ʎ]**: Capitais do Sul (com exceção de Florianópolis), Sudeste, Centro-Oeste e Norte (com exceção de Rio Branco) e São Luís, Fortaleza e Teresina (NE). |
| /l/ diante de [i] e antecedendo [i] | [l] X [ʎ] | **[ʎ]**: Todas as capitais brasileiras. |
| /R/ em coda silábica externa (em nomes) | Presença<br>X<br>Ausência | **Presença**: Capitais do Sul, Sudeste e Centro-Oeste e Porto Velho, Boa Vista, Belém e Macapá (N);<br>**Ausência**: Capitais do Nordeste e Rio Branco (N);<br>**Presença e Ausência**: Manaus (N). |
| R/ em coda silábica externa (em nomes) | [h, ɦ] X [x, ɤ]<br>X [ʈ] X [ɾ] | **[h, ɦ]**: Capitais do Norte e Nordeste, Belo Horizonte (SE) e Florianópolis (S);<br>**[x, ɤ]**: Rio de Janeiro (SE) e Goiânia (CO);<br>**[ʈ]**: Cuiabá e Campo Grande (CO);<br>**[ɾ]**: Porto Alegre, Curitiba (S) e São Paulo (SE);<br>**[h, ɦ] e [x, ɤ]**: Vitória (SE). |
| /R/ em coda silábica externa (em verbos) | Presença<br>X<br>Ausência | **Presença**: Belo Horizonte (SE);<br>**Ausência**: Demais capitais brasileiras. |
| /R/ em coda silábica externa (em verbos) | [h, ɦ] X [x, ɤ]<br>X [ʈ] X [ɾ] | **[h, ɦ]**: Capitais do Norte e Nordeste, Belo Horizonte (SE) e Cuiabá (CO);<br>**[x, ɤ]**: Rio de Janeiro e Vitória (SE);<br>**[ʈ]**: Campo Grande e Goiânia (CO);<br>**[ɾ]**: Porto Alegre, Curitiba (S) e São Paulo (SE);<br>**[h, ɦ] e [x, ɤ]**: Florianópolis (S). |
| /R/ em coda silábica interna (em nomes e verbos) | Ausência<br>X<br>Presença | **Presença**: Todas as capitais brasileiras;<br>**Ausência**: os casos registrados ocorrem nas capitais do Nordeste (com exceção de Fortaleza), Manaus e Porto Velho (N), Vitória (SE) e Florianópolis (S). |
| /R/ em coda silábica interna (em nomes e verbos) | [h, ɦ] X [x, ɤ]<br>X [ʈ] X [ɾ] | **[h, ɦ]**: Capitais do Norte e Nordeste, Belo Horizonte, Vitória (SE) e Florianópolis (S);<br>**[x, ɤ]**: Rio de Janeiro (SE)<br>**[ʈ]**: Capitais do Centro-Oeste;<br>**[ɾ]**: Porto Alegre, Curitiba (S) e São Paulo (SE). |
| /S/ em coda silábica externa | [s, z] X [ʃ, ʒ] | **[ʃ, ʒ]**: Rio de Janeiro (SE), Belém, Macapá (N) e Florianópolis (S);<br>**[s, z]**: Demais capitais brasileiras. |
| /S/ em coda silábica interna | [s, z] X [ʃ, ʒ] | **[ʃ, ʒ]**: Rio de Janeiro (SE), Florianópolis (S), Belém, Macapá, Manaus (N) e Recife (NE)<br>**[s, z]**: Demais capitais brasileiras. |
| /S/ em coda silábica interna antes de [tʲ] [tʃ] | [s, z] X [ʃ, ʒ] | **[s, z]**: Curitiba e Porto Alegre (S);<br>**[ʃ, ʒ]**: Demais capitais brasileiras |
| /S/ em coda silábica interna antes de [t] | [s, z] X [ʃ, ʒ] | **[s, z]**: Capitais do Centro-Oeste, Curitiba e Porto Alegre (S), Belo Horizonte, São Paulo e Vitória (SE);<br>**[ʃ, ʒ]**: Demais capitais brasileiras |
| /S/ em coda silábica interna antes de outras consoantes | [s, z] X [ʃ, ʒ] | **[ʃ, ʒ]**: Rio de Janeiro (SE), Florianópolis (S), Belém, Macapá (N) e Recife (NE)<br>**[s, z]**: Demais capitais brasileiras. |
| /t,d/ diante de [i] < /i/ | [t] X [tʲ,tʃ] e<br>[d] X [dʲ e dʒ] | **[t] e [d]**: Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju (NE);<br>**[tʲ,tʃ] e [dʲ, dʒ]**: Demais capitais brasileiras. |
| /t,d/ diante de [i] < /E, ɪ/ | [t] X [tʲ,tʃ] e | **[t] e [d]**: Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju (NE), Cuiabá (CO) e Curitiba (S); |

| | | |
|---|---|---|
| | [d] X [dʲ e dʒ] | **[tʲ,tʃ] e [dʲ, dʒ]**: Demais capitais brasileiras. |
| Entoação dos enunciados assertivos | Contorno entoacional nos acentos pré-nuclear e nuclear | **Acento pré-nuclear proeminente**: São Luís, Fortaleza, Natal, João Pessoa Recife, Maceió (NE), Boa Vista e Porto Velho (N)<br>**Acento pré-nuclear proeminente e acento pré-nuclear proeminente com ligeira ascendência da F0 na sílaba final**: Aracaju, Salvador (NE), Macapá e Belém (N);<br>**Acento pré-nuclear e acento nuclear em níveis semelhantes**: Cuiabá, Goiânia (CO), São Paulo e Rio de Janeiro (SE);<br>**Acento pré-nuclear proeminente e acento pré-nuclear e acento nuclear em níveis semelhantes**: Manaus, Rio Branco (N) e Campo Grande (CO);<br>**Acento pré-nuclear e acento nuclear em níveis semelhantes e acento pré-nuclear e acento nuclear em níveis semelhantes com alinhamento tardio no pico**: Belo Horizonte e Vitória (SE);<br>**Acento pré-nuclear e acento nuclear em níveis semelhantes e acento nuclear proeminente**: Curitiba (S);<br>**Acento nuclear proeminente**: Florianópolis e Porto Alegre (S) |
| Entoação dos enunciados interrogativos totais | Contorno entoacional nos acentos nuclear | **Acento nuclear ascendente-descendente**: Capitais do Sul (com exceção de Florianópolis), Sudeste e Centro-Oeste, Teresina, Fortaleza (NE), Boa Vista, Macapá, Belém e Rio Branco (N);<br>**Acento nuclear ascendente-descendente e contorno ascendente hospedado na tônica e postônica**: Florianópolis (S), São Luís, Natal, João Pessoa, Recife, Salvador (NE), Manaus e Porto Velho (N);<br>**Acento nuclear ascendente-descendente e contorno ascendente hospedado na postônica**: Maceió e Aracaju (NE). |

**Fonte:** Elaboração do autor com base em dados do ALiB, v. 2 (CARDOSO *et al.*, 2014).

O Quadro 2, no que se refere às vogais pretônicas (anteriores e posteriores), revela que a tradicional divisão proposta por Nascentes (1953) vem sofrendo algumas modificações na região Norte, por ele classificada com base na incidência de vogais abertas. O que se observa nas capitais dessa região é uma forte concorrência entre as duas variantes, já prevalecendo em todas as capitais a variante fechada da vogal posterior.

Quanto às vogais médias em posição postônica não final, prevalece a variante fechada quando comparada com a aberta e com a alta, com exceção de algumas capitais do Nordeste, além de Curitiba e Vitória apenas no caso da vogal posterior (realizações abertas).

A palatalização diante de vogal i, tanto da lateral /l/ quanto das oclusivas dentais /t/ e /d/ predomina em todas as regiões brasileiras, tendo como

exceção apenas a maioria das capitais nordestinas, Rio Branco e Florianópolis, no que se refere à lateral, e Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju, na região Nordeste, além de Cuiabá e Curitiba, no que se refere às oclusivas dentais.

O /R/ em coda silábica externa (fim de vocábulo) apresenta maiores índices de apagamento em verbos em todo país (com exceção de Belo Horizonte). Já em nomes, o apagamento apenas é mais frequente nas capitais do Nordeste e em Rio Branco. O /R/ em coda silábica interna (meio de vocábulo) apresenta casos de apagamento apenas nas capitais do Nordeste (com exceção de Fortaleza), Manaus, Porto Velho, Vitória e Florianópolis. Quanto às variantes do /R/ em coda silábica, observa-se a fricativa glotal como mais frequência nas capitais do Norte e do Nordeste, além de Belo Horizonte, Florianópolis e Vitória. A fricativa velar é mais frequente no Rio de Janeiro e, em contextos específicos, em Vitória, Florianópolis e Goiânia. O tepe alveolar predomina em Porto Alegre, Curitiba e São Paulo. A vibrante retroflexa, por seu turno, é mais frequente nas capitais do Centro-Oeste.

A palatalização do /S/ em coda silábica é mais frequente nas capitais Rio de Janeiro, Belém, Macapá e Florianópolis, quando se trata de coda externa (final de vocábulo). Em coda interna, acrescenta-se à lista as capitais Manaus e Recife. Observa-se, ainda, que em coda interna os contextos seguintes [t] e [tʲ, tʃ] são fortes motivadores da palatalização do /S/ nas capitais, com as seguintes exceções: Curitiba e Porto Alegre, antes de [tʲ, tʃ], e Curitiba, Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Vitória e as capitais da região Centro-Oeste, antes de [t].

As cartas semântico-lexicais publicadas englobam, por sua vez, oito áreas semânticas e 25 conceitos, cujas variantes são cartografas em cartas que envolvem todo o território brasileiro e ainda por região, na maioria dos casos. No Quadro 3, a seguir, apresentam-se esses conceitos e as variantes registradas pelo ALiB nas capitais.

**Quadro 3** – Variáveis e variantes lexicais nas capitais brasileiras, de acordo com o ALiB

| ÁREA SEMÃNTICA | CONCEITO/VARIÁVEL | VARIANTES[18] | Nº DE CARTAS |
|---|---|---|---|
| Fenômenos Atmosféricos | Granizo | chuva de granizo, c. de gelo c. de pedra, c. de neve, c. de granito, c. de pedra de gelo | 6 |
| | Orvalho | orvalho, sereno, neblina, garoa, | 1 |

[18] As variantes foram organizadas em ordem de frequência, da mais frequente à menos frequente.

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | neve | |
| | Neblina | neblina, cerração, neve, nevoeiro, névoa, fumaça, sereno | 1 |
| | Semasiologia de Neblina | 1. nevoeiro que dificulta a visão ou orientação espacial, 2. orvalho da manhã e da noite e significado 1 | 1 |
| Atividades Agropastoris | Tangerina | tangerina, mexerica, poncã, maricote, bergamota, laranja-cravo, tanja, mimosa, carioquinha | 6 |
| | Penca de banana | penca, palma, cacho, concha | 1 |
| | Extremidade da inflorescência da bananeira | mangará, umbigo, flor (da banana, da bananeira), coração (do boi, do cacho), pendão, buzo da bananeira, coração da bananeira, mangal, pêndulo, buzina | 6 |
| | Aipim | macaxeira, mandioca, aipim | 1 |
| | Mandioca | mandioca, mandioca brava, macaxeira brava | 1 |
| | Semasiologia de Mandioca | 1. raiz venenosa usada apenas para produção de farinha e ração animal, 2. raiz não venenosa utilizada na culinária e significado 1 | 1 |
| Fauna | Galinha d´angola | galinha d´angola, tô-fraco, capote, guiné, picote, capão, galinha d´água, cocar, angolista, saqué, catraia, galinhola | 6 |
| | Libélula | libélula, helicóptero, bate-bunda/lava-bunda/lava-cu, jacinta, zigue-zigue, cigarra, cavalo-do-cão, lavadeira, cachimbal, cavalo, catirina, macaco, mané-magro, assa-peixe, olho-de-peixe | 6 |
| | Bicho da Goiaba | bicho da goiaba, larva, tapuru, lagarta, coró, broca, gongolô, bicho da fruta | 6 |
| | Pernilongo | pernilongo, mosquito, muriçoca, carapanã, praga | 1 |
| Convívio e Comportamento Social | Prostituta | prostituta, mulher (da vida, de programa, piranha, de vida fácil, galinha, de rua, à toa, de aluguel, de zona), puta,rapariga, meretriz, rameira/rampeira e outras ocorrências únicas | 12 |
| | Cigarro de palha | cigarro de palha, c. de fumo, c. de tabaco, porronca, palheiro, pito, pacaia, c. de papel, mata-rato, boró/bororó, c. de corda, brejeiro, pé-de-burro, pé-duro | 6 |
| Jogos e Diversões Infantis | Cambalhota | cambalhota (e variantes fonéticas), carambela/carambola (e variantes fonéticas), cambota (e variantes fonéticas), bunda-canastra (e variantes fonéticas), pirueta, mortal, aú, cabriola, cambona, cangapé e virar/virando perereca | 6 |
| | Bolinha de gude | bola/bolinha de gude, peteca, bola/bolinha de vidro, biloca/birosca, bolita, bila, bola de fona, cabeçulinha, marraio, ximbra, búrica, boreca, tilica | 6 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | Estilingue | estilingue, baladeira (e variantes fonéticas), atiradeira, badogue (e variantes fonéticas), funda, estilete, peteca, seta, setra | 6 |
| | Brinquedo de empinar (com varetas) | papagaio, pipa, raia, pandorga, cangula, curica, rabiola, coruja, peixinho, quadrado, pepeta e outras ocorrências únicas | 6 |
| | Brinquedo de empinar (sem varetas | pipa, papagaio, raia, avião, periquito, capocheta, ratinho, bolachinha, caixotinho(a), jereco, pandorga e outras ocorrências únicas | 6 |
| | Cabra-cega | Cabra-cega, cobra-cega, pata-cega, paga-pega, gata-cega e outras ocorrências únicas | 1 |
| | Amarelinha | amarelinha, macaca/macacão/macaco, academia, cancão, maré, avião, caracol, sapata e outras ocorrências únicas | 6 |
| Alimentação e Cozinha | Bala | bala, bombom, caramelo, confeito, queimado | 1 |
| Vestuário e Acessórios | Sutiã | sutiã, corpete, califom, porta-seio, goleiro, bustiê | 1 |
| | Ruge | ruge, *blush*, carmim | 4 |
| Vida Urbana | Semáforo | sinal, semáforo, sinaleiro, farol, sinaleira, luminoso | 1 |
| **Total de cartas semântico-lexicais** | | | **06** |

**Fonte:** Elaboração do autor com base em dados do ALiB, v. 2 (CARDOSO *et al.*, 2014)

Embora os dados divulgados sejam apenas das capitais, é possível observar algumas tendências no que se refere ao agrupamento de variantes em algumas regiões do país.

As variantes para a variável granizo, *chuva de granizo* e *chuva de gelo,* estão presentes em todo território brasileiro, no entanto a variante *chuva de neve* apenas tem maior frequência no Nordeste, enquanto *chuva de pedra* a tem nas capitais do Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

As variantes registradas para neblina estão espalhadas pelas capitais, porém *neve* apenas se observa no Norte e no Nordeste, além de Vitória.

O mesmo ocorre com tangerina, cujas variantes *maricote*, *bergamota* e *mimosa* se registram em regiões específicas, a primeira no Centro-Oeste e em São Paulo, a segunda em Florianópolis e Porto Alegre e a terceira em Curitiba.

A variável penca de banana também parece mostrar alguns agrupamentos lexicais. Enquanto a variante *penca* predomina nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, a variante *palma* é mais frequente nas regiões Norte (com

exceção de Porto Velho e Macapá) e Nordeste, onde aparece com mais frequência em Natal, Recife e Maceió e apenas não é registrada em Salvador.

Para designar a extremidade da inflorescência da bananeira, os informantes da maioria das capitais do Norte e do Nordeste utilizaram mais frequentemente a variante *mangará*, variante não registrada em nenhuma capital das demais regiões. A variante *coração (da bananeira, do boi, do cacho)*, ainda que ocorra em algumas capitais do Centro-Oeste e do Nordeste, é mais frequente no Sul e em São Paulo.

A variável aipim tem agrupamentos bem determinados: *macaxeira* predomina nas capitais do Norte e do Nordeste (com exceção de Salvador); *mandioca* é predominante nas capitais do Centro-Oeste, em São Paulo e Belo Horizonte; *aipim,* por sua vez, predomina nas capitais do Sul, em Vitória, Rio de janeiro e Salvador.

A variante *galinha d´angola*, que nomeia a variável, é a mais frequente no país e está distribuída por todo o território, todavia a variante *picote* apenas se registra e é mais frequente nas capitais do Norte (com exceção de Rio Branco); a variante *guiné* se registra nas capitais do Nordeste (com exceção de São Luís e Fortaleza), sendo mais frequente na maioria delas; *tô-fraco* se registra no Nordeste e no Sul (com exceção de Curitiba); *capote* é registrada apenas em algumas capitais do Norte e do Nordeste; *cocar* apenas em Goiânia e Cuiabá, no Centro-Oeste; e angolista apenas em Porto Alegre e Florianópolis, no Sul. Nas capitais Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Campo Grande a variante *galinha d´angola* é categórica, o que também é um agrupamento, uma vez que se trata de capitais vizinhas.

Para a variável libélula, registra-se apenas nas capitais do Norte a variante *jacinta* e na maioria das capitais do Nordeste a variante *zigue-zigue.* Ainda é possível identificar variantes que foram registradas em capitais específicas: *macaco* em São Luís, *catirina* em Teresina, *cavalo* em Salvador e Recife, *olho-de-peixe* e *assa-peixe* em Cuiabá e *besouro* em Florianópolis.

*Bicho da goiaba* e *larva* para bicho da goiaba são variantes presentes em todas as regiões, no entanto a variante *tapuru* apenas se registra no Norte, em cuja maioria das capitais é mais frequente, e em algumas capitais do Nordeste; *lagarta* é mais frequente entre as capitais do Nordeste; e *coró* predomina nas três capitais do Centro-Oeste.

As variantes para pernilongo também se apresentam bem distribuídas pelas capitais brasileiras: *carapanã* predomina nas capitais da região Norte e *muriçoca* nas da região Nordeste, enquanto *mosquito* e *pernilongo* se concentram nas demais capitais, com exceção de Goiânia.

Na variável cigarro de palha, as variantes *porronca* e *palheiro* estão agrupadas em capitais vizinhas. Esta se registra apenas nas capitais do Sul e do Centro-Oeste, além de Belo Horizonte; aquela está registrada apenas nas capitais do Norte e em São Luís e Teresina, as duas capitais nordestinas mais próximas da região Norte.

Para cambalhota, registra-se *carambela/carambola* nas capitais do Norte e em São Luís e Teresina; *cambalhota* predomina nas capitais das regiões Norte (com exceção de Macapá), Sudeste e Centro-Oeste; *bunda-canastra* está registrada apenas na região Nordeste, com exceção apenas de São Luís, Aracaju e Salvador; registra-se *cambota* nas capitais da região Centro-Oeste e Sul (com exceção de Florianópolis), sendo predominante nesta última.

No que se refere à variável bolinha de gude, embora a variante *bola/bolinha de gude* já seja recorrente em todas as regiões brasileiras, na região Norte se registra predominantemente a variante *peteca*, com exceção apenas para Manaus; *bolita* é mais frequente em Cuiabá e Campo Grande, capitais do Centro-Oeste, e também se registra em Porto Alegre, na região Sul; *bola de vidro* está registrada nas capitais do Sudeste e em Florianópolis e Natal.

Distribuição parecida é a da variável estilingue, cuja variante *estilingue,* ainda que esteja presente em todo o território brasileiro, não predomina nas regiões Norte e Nordeste, nas quais se registra principalmente a variante *baladeira*. Ainda na região Nordeste se registra a variante *badogue*, predominante em Recife e Salvador. A variante *funda*, por sua vez, apenas se registra nas regiões Sul e Centro-Oeste, sendo predominante em Porto Alegre, Florianópolis e Cuiabá. Nas capitais do Sudeste predomina *estilingue*, com exceção do Rio de Janeiro, onde a variante mais frequente é *atiradeira*, que também está registrada na maioria das capitais nordestinas e em Macapá.

A distribuição das designações para brinquedo de empinar com varetas não apresenta muitos agrupamentos, uma vez que as duas variantes mais frequentes *pipa* e *papagaio* estão espalhadas em todo território brasileiro, não obstante a variante *raia*, presente na maioria das regiões, não se registra em

nenhuma capital da região Norte e a variante *pandorga* apenas se registra nas capitais do Sul e do Centro-Oeste.

Na variável brinquedo de empinar (sem varetas), observa-se a presença da variante *curica* se agrupando apenas nas capitais da região Norte, nas quais também predomina, além de São Luís (onde é categórica) e Teresina, no Nordeste. A variante *raia* se registra na maioria das capitais do Sul e do Sudeste, além de Goiânia, no Centro-Oeste.

Já a carta referente à variável cabra-cega demostra que a variante *pata-cega* é frequente nas capitais da região Norte (com exceção de Rio Branco), enquanto as variantes *cobra-cega e cabra-cega* o são nas demais regiões (com exceção de Florianópolis), sendo a primeira mais frequente na região Centro-Oeste e a segunda nas regiões Nordeste e Sudeste (com exceção de São Paulo). Na região Sul, em cada capital predomina uma variante: *cabra-cega* em Porto Alegre, *pata-cega* em Florianópolis e *cobra-cega* em Curitiba.

Na variável amarelinha, observa-se que a variante *amarelinha* está presente em todo o território brasileiro, no entanto é mais frequente entre as capitais da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste, sendo categórica em Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Campo Grande e Cuiabá. A variante *macaca* predomina nas capitais do Norte (com exceção de Porto Velho). A região Nordeste apresenta maior número de variantes, sendo *amarelinha* mais frequente em São Luís, Fortaleza e Salvador, *academia* em Natal, João Pessoa e Recife, *cancão* em Teresina, *macacão* em Aracaju e *avião* em Maceió.

A variável bala continua sendo determinante na definição de áreas linguísticas brasileiras. A variante *bala* está distribuída em todo território, contudo é categórica nas regiões Sul e Sudeste. A variante *bombom* é a mais frequente nas capitais da região Norte, além de Fortaleza, São Luís, Teresina e João Pessoa, na região Nordeste. A variante *caramelo* concorre com *bala* no Centro-Oeste. *Confeito* se registra nas capitais nordestinas Natal, João Pessoa, Recife e Maceió, enquanto *queimado* é registrada e predominante apenas em Salvador.

A carta para a variável sutiã demonstra que *sutiã* é a variante mais frequente em todas as capitais brasileiras, porém a variante *califom* apenas se registra entre as capitais do Nordeste e a variante *corpete* é mais frequente entre as capitais do Norte e do Nordeste.

Quanto à variável ruge, observa-se a concorrência das variantes *ruge* e *blush* na maioria das capitais brasileiras, no entanto as cartas que observaram as variáveis sociais revelam que *ruge* é mais frequente entre os homens, entre os mais velhos (50 a 65 anos) e entre os informantes com nível de escolaridade fundamental, ao passo que *blush* o é entre as mulheres, entre os informantes mais jovens 18 a 35 anos) e entre os informantes com nível de escolaridade universitário, revelando o caráter inovador e de prestígio do estrangeirismo. Registra-se ainda a variante *carmim* no Rio de Janeiro e em Campo Grande, também na fala de informantes femininas, da segunda faixa etária.

Por fim, também é possível identificar alguns agrupamentos no que se refere à variável semáforo, apesar de as variantes *semáforo* e *sinal* estarem presentes em todas as regiões brasileiras. A variante *sinaleiro*, por exemplo, é mais frequente entre as capitais das regiões Sul (com exceção de Florianópolis que adota a versão feminina *sinaleira*) e Centro-Oeste, se estendendo até Porto Velho. *Farol*, que predomina em São Paulo, também se registra em Curitiba, Vitória, Salvador e João Pessoa. *Luminoso* se registra apenas em Goiânia e Campo Grande, capitais do Centro-Oeste.

Conforme se observa nesta distribuição, baseada apenas nos dados das capitais, o campo lexical é o mais fértil para o conhecimento das variedades linguísticas do português brasileiro e a definição de áreas dialetais brasileiras. Espera-se que os dados das localidades do interior venham somar com esses esforços, no entanto já é possível observar que a realidade linguística observada por Nascentes (1953), ainda que venha sofrendo mudanças significativas no que se refere à difusão de algumas formas lexicais, principalmente do Sul e Sudeste, regiões de maior prestígio no país, para as demais regiões, como, por exemplo, as formas lexicais *bala*, *estilingue, amarelinha* e *galinha d´angola*, ainda revela uma distinção clara entre os falares das regiões Norte e Nordeste e os falares das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste em muitos aspectos.

Nesta tese, acredita-se que as proximidades geográficas com as capitais também aproximem linguisticamente as localidades de Humaitá e Lábrea a Porto Velho e a localidade de Boca do Acre a Rio Branco, enquanto as demais localidades investigadas no ALSAM se aproximam mais de Manaus. Assim, com vistas a uma comparação com os dados do ALSAM, elaboraram-se dois Quadros (Apêndices 2 e 3), com os resultados do ALiB, referentes às três capitais que

circundam o sul amazonense: Manaus, Porto Velho e Rio Branco, que serviram de base para a análise realizada no capítulo 4.

O volume de cartas publicado sobre as capitais ainda apresenta sete cartas morfossintáticas que versam sobre o plural de degrau, o tratamento do interlocutor (tu e você), a flexão de menos e o uso dos verbos ter e haver com sentido existencial, as quais não se exploram os resultados nesta tese pelo fato de o nível morfossintático não ser objeto deste trabalho.

É importante observar que, publicando seus primeiros resultados, o ALiB não substitui os atlas regionais, muito menos "se interpõe como obstáculo à continuidade de investida nessa dimensão geográfica" (CARDOSO, 2010, p. 167). Eles continuam sendo o maior interesse, uma vez que penetram mais densamente na realidade de cada área, revelando as especificidades de forma mais intensiva.

Considerando a inexistência ainda hoje de dados que permitam traçar divisões dialetais no território brasileiro, além da divisão de Nascentes (1953), baseada na realização das vogais médias pretônicas, Aguilera (2005) assinala a importância de um projeto nacional ao mencionar a respeito da opção por um novo e único projeto e não a reunião de projetos regionais:

> Preliminarmente, esses atlas publicados (os regionais), embora todos pautados pelos princípios da geografia Linguística – e não poderia ter sido outro o caminho – seguem metodologias próprias na escolha de informantes, no tipo de questionário aplicado, na forma de registro dos dados, nas prioridades estabelecidas. Em segundo lugar, os dados vêm sendo recolhidos em diferentes momentos de que resultam diferentes sincronias espelhadas nos resultados cartografados (p. 05).

Nesse sentido, o atlas nacional permitirá traçar os limites linguísticos brasileiros, no que diz respeito à língua portuguesa, de forma mais uniforme, porém é o desenvolvimento de estudos por estado e regiões que permitirá um conhecimento mais acurado da realidade linguística brasileira.

Na seção seguinte, apresenta-se um panorama da Dialetologia no Amazonas, área de interesse desta tese, por meio de uma revisão bibliográfica das principais pesquisas que fundamentam uma análise preliminar dos falares regionais amazonenses.

## 2.4 ESTUDOS DIALETAIS NO AMAZONAS

A partir da elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004), primeiro trabalho no Estado na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, os estudos dialetais no Amazonas ganham um impulso significativo por meio de estudos monográficos ou de atlas linguísticos que buscam confirmar hipóteses ou ampliar aspectos estudados pelo ALAM. Porém, o primeiro registro dialetal do Amazonas mais abrangente se deve à iniciativa de Hidelvídea Côrrea em sua dissertação de mestrado intitulada *O Falar do "Caboco" Amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves,* defendida em 1980.

Essa pesquisa objetivou caracterizar o falar do amazonense de Itacoatiara e Silves por meio do registro de formas lexicais e alguns aspectos fonético-fonológicos, como o alçamento da vogal tônica /o/, como em *boto*, pronunciada [ˈbutʊ]. A pesquisadora aplicou, inicialmente, um pré-teste que consistiu em um levantamento do léxico que serviu de base para o QSL definitivo e para observações das variações fonético-fonológicas para a formulação de hipóteses. Após esse levantamento, para a confirmação das hipóteses, foram aplicados o QSL e o QFF definitivos a 42 informantes naturais das localidades estudadas e de família também originária da mesma localidade, iletrados (analfabetos ou com escolaridade mínima), com mais de 30 anos e de profissão variável, preferencialmente juteiros, roceiros e pescadores.

Os resultados revelaram a produtividade dos fenômenos fonético-fonológicos de alçamento de /e/ e /o/ pretônicos (*d[i]pois, c[u]paíba*); de alçamento do /o/ tônico (*can[u]a*); de abaixamento de /u/ tônico (*b[o]rro*); e de monotongação dos ditongos /ej/ e /ow/ (*p[e]xe, r[u]pa*); bem como a variação lexical nos campos semânticos: a) Família (parentesco, saúde, alimentação) – *mano, curumim, caboco, cobrero, vento causado, andiroba, chibé, moquear, sarapatel*; b) Habitação (estrutura, mobília, utensílios) – *japá, tupé, jirau, corador, esteio, tramela, tamborete*; Vida Social ou Ciclo de Vida (festas, folclore, crendices, lendas, superstições) – *piloro, leilão, matim, rasga-mortalha, quebranto, benzer, põe-mesa, boto-vermelho*; Atividades de Produção (roça, juta, pesca) – *aceiro, mamãe-poca, gamela, crueira, arubé, pé-de-moleque, tapioca, lavação, jangaba, matrinxã, arpão, espinhel*; Meios de Transporte (fluvial) – *montaria, voadeira, canoa, proa, varadouro*; Terra (rios,

fenômenos naturais, vegetação) – *chavascal, cacaia, vitória-régia, rebojo, pororoca, banzeiro, repiquete, terra firme, igarapé*; e Modos de Dizer (palavras, expressões, provérbios) – *acesa, avexado, caipora, desconforme, ficar bocó, gitinho, lesa, como já então!?, olha já, quede, tibei.*

Esse trabalho, pioneiro no estudo linguístico da variação de duas localidades do Amazonas, serviu de base, mais de 20 anos depois, para a elaboração de uma pesquisa que, nos moldes da geolinguística moderna, propôs um retrato da fala amazonense e impulsionou novas pesquisas dialetais no Estado, o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004).

### 2.4.1 Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) e os Atlas Fonéticos do Baixo Amazonas (AFBAM) e Alto Rio Negro (ALFARiN)

Defendido como tese de doutoramento, *o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004) investiga nove localidades representativas de cada uma das microrregiões do Estado: Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Itacoatiara (Microrregião do Médio Amazonas) Lábrea (Microrregião do Purus), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Parintins (Microrregião do Baixo Amazonas) e Tefé (Microrregião do Jutaí-Solimões-Juruá), mapeando a variação linguística em seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais.

Em cada uma dessas localidades, a autora realizou o inquérito com seis informantes, estratificados, de acordo com preceitos sociolinguísticos, segundo o *sexo* e *faixa etária*, o que totalizou 54 informantes naturais da localidade, com pais e cônjuges também naturais da localidade, analfabetos ou com, no máximo, até a 4ª sério do Ensino Fundamental. O atlas inova ao apresentar em sua metodologia uma divisão em três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante), objetivando maior representatividade etária.

Os inquéritos resultaram em 257 cartas, sendo 107 fonéticas e 150 semântico-lexicais que revelam a diversidade linguística amazonense. No que se refere ao vocalismo, a pesquisa privilegiou as vogais médias pretônicas, os ditongos [ej] e [ow], as vogais tônicas /o/ e /u/, conforme se apresentam a seguir:

a. As vogais médias pretônicas se realizam em sua maioria como

abertas, no entanto essa realização está condicionada a determinados contextos internos:

- A vogal média anterior, em sua maioria, realiza-se como aberta em vocábulos que apresentam vogal tônica aberta (*m[ɛ]lh**o**r*) e com nasalidade de natureza fonológica (*pr[ɛ]s**en**te*); como fechada em vocábulos cuja vogal tônica é fechada (*dir[**e**]t**o**ra*), alta (*b[**e**]b**i**da*) e apresenta nasalidade de natureza fonológica (*[**e**]ducaç**ã**o*); e como alta, quando antecede –S em coda silábica (*[**i**]**s**tragada*);
- A vogal média posterior, em sua maioria, realiza-se como aberta em vocábulos que apresentam vogal tônica aberta (*af[ɔ]g**a**r*) e em vocábulos com vogal tônica fonologicamente nasal (*in[ɔ]c**en**te*); como fechada, quando a vogal tônica é fechada (*c[**o**]lh**e**ita*), alta (*b[**o**]t**i**nho*) ou quando a vogal média posterior apresenta nasalidade de cunho fonológico (*c[**o**]**n**versando*); e como alta, quando se encontra em contexto de hiato (*mag[**u**]**a**do*);

b. O ditongo [ej] apresenta índices consideráveis de manutenção (58,3%) mesmo em contextos condicionadores de forte redução (monotongação) como antecedendo [ʃ] e [ɾ] (*p[**ej**]**x**inho, mad[**ej**]**r**a, l[**ej**]lão*);

c. O ditongo [ow] também é bastante produtivo no falar amazonense (49,3%), contrariando a tendência de redução do português brasileiro[19] (*[**ow**]tubro, r[**ow**]pa*);

d. Os dados de alçamento da vogal tônica /o/ são inexpressivos (b[**o**]to, can[**o**]a) e os dados de abaixamento da vogal tônica /u/ são inexistentes (b[**u**]rro), o que levou a pesquisadora a levantar a hipótese de extinção desse fenômeno tão característico do falar amazonense, conforme dados de Corrêa (1980).

No que se refere ao consonantismo, Cruz (2004) buscou destacar variáveis cujas variantes se mostrassem mais ou menos frequentes em determinadas variedades regionais e que pudessem indicar processo de mudança, como é o caso do /S/ em coda silábia, a vibrante /R/ em posição de ataque e coda

[19] Cf. Veado (1983), Bisol (1991b), Paiva (1996), Cabreira (1996), Lopes (2002), Silva (2004), Costa (2004), Pereira (2004), Hora e Ribeiro (2006), Carvalho (2007), entre outros, sobre a produtividade do fenômeno de monotongação de [ow] para [o] no Português Brasileiro. Esse aspecto já é inclusive reconhecido por Azeredo (2009), na Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, quando afirma haver variação livre entre o ditongo e a vogal simples, o que resulta no desaparecimento da oposição entre [ow] e [o].

silábica, a lateral alveolar em contexto de coda, a lateral palatal, a nasal palatal e as oclusivas /t/ e /d/, principalmente antecedendo à vogal /i/, conforme se apresentam a seguir:

a. O /S/ em coda silábica concretiza-se como alveolar ([s], [z]) e alveopalatal ([ʃ], [ʒ]), com predominância, no geral, da primeira (*mo[s]quito*). No entanto, considerando o fator diatópico, observa-se a concentração da variante alveopalatal nos municípios de Barcelos, Itacoatiara e Parintins (*mo[ʃ]quito*), o que levou a pesquisadora a estabelecer uma hipótese de isófona, referente a esse fenômeno: falares do rio Negro e Amazonas privilegiam a variante alveopalatal, enquanto os falares do rio Solimões e afluentes privilegiam a variante alveolar;

b. A vibrante é descrita em três contextos: /R/ forte pré-vocálico inicial de vocábulo (ataque), /R/ forte intervocálico e /R/ pós-vocálico (coda silábica). Nos dois primeiros contextos, a vibrante realiza-se prioritariamente como fricativa glotal [h] (***[h]****ato, bu[****h****]o*), como pequenos índices de fricativa velar [x]. No último contexto, a realização da vibrante está condicionada a sua posição no vocábulo: se interna, predomina a fricativa glotal (*ce[****h****]to*) e casos raros de vibrante alveolar [r] e de apagamento; se externa (final de vocábulo), há o predomínio do apagamento, principalmente em verbos no infinitivo (*afogaø*);

c. A lateral alveolar em contexto de coda realiza-se categoricamente como semivogal posterior [w], velarização (*rea[****w****]*), quando não é apagada;

d. A lateral palatal realiza-se majoritariamente como [lʲ] (73%), *pio[****l̚ʲ****]o*. A despalatalização e a iotização apresentam índices baixíssimos apenas no vocábulo *mulher* (*mu[****j****]er*);

e. A nasal palatal mostra-se pouco produtiva nos falares amazonenses. Geralmente, ocorre o apagamento dessa consoante e o espraiamento do traço nasal para a vogal antecedente com a inserção ou não de uma semivogal (iode), peix[**ĩ**]ø, pamo[**j̃j̃**]a, ou, ainda, o uso da variante [nʲ] (espi[**nʲ**]a);

f. As oclusivas /t/ e /d/ realizam-se como na maioria dos dialetos brasileiros: africadas [tʃ] e [dʒ] diante da vogai [i] (no[**tʃ**]ícia, [**dʒ**]iretora) e alveolares [t] e [d] nos demais contextos ([**t**]omate, bebi[**d**]a).

No que se refere às cartas lexicais, estas foram organizadas em uma perspectiva propriamente onomasiológica e ainda por meio de arquiconceitos que

reúnem diferentes conceitos, derivados de outras cartas, e revelam a variedade linguística amazonense de homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, por meio dos campos semânticos *Meio Físico* (Terra, Rios e Fenômenos Atmosféricos), *Meio Biótico* (Fauna e Flora) e *Meio Antrópico* (Homem e suas Características Físicas, Relações Familiares, Alimentação, Saúde, Habitação, Vestuário, Crenças, Relações Sociais e Atividades de Produção).

Os resultados revelam que, a exemplo da possível isófona do /S/ em coda silábica que dividiria os falares dos rios Negro e Amazonas dos falares do rio Solimões, alguns itens lexicais podem, a partir de estudos futuros mais aprofundados, revelar deferenças linguísticas também entre essas duas áreas. É o caso das variantes *corisco/raio, jacuba/chibé, corpete/sutiã, xarapim/xará, caneco/púcaro, menino e garoto/curumim, menina e garota/cunhantã*, nas quais a primeira de cada par é mais frequente nos municípios do rio Solimões e afluentes (Tefé, Benjamin Constant, Lábrea, Humaitá e Eirunepé) e a segunda nos municípios do rio Negro e Amazonas (Barcelos, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins). É importante observar, ainda, a respeito dessas variantes, a questão da preservação. As formas *cunhantã, curumim* e *púcaro* parecem estar em desuso. Dessa forma, apresentam-se na segunda área mencionada, na qual se encontram as cidades mais antigas, e na fala dos mais idosos.

Chamou a atenção de Cruz (2004) o fato de não haver variação para o conceito *arco-íris*, considerada a diversidade encontrada em outras regiões brasileiras e até em atlas europeus. Com relação aos itens *cambalhota, amarelinha e bola de gude*, comuns em atlas brasileiros, o ALAM registrou predominantemente as formas *carambola, macaca e peteca*, respectivamente.

O *Atlas Linguístico do Amazonas* impulsionou diversos trabalhos dialetais no Estado, seja por meio de atlas linguísticos, seja em monografias, dos quais se destacam os dois atlas fonéticos apresentados como dissertações de mestrado em programas de pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas, orientados pela autora do ALAM – o *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas* (BRITO, 2011) e o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro* (JUSTINIANO, 2012). Essas pesquisas seguem a metodologia do ALAM, o que permite uma comparação entre eles, bem como é possível ainda considerá-las extensões do ALAM.

O *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM* investigou cinco municípios da microrregião do Baixo Amazonas, Barreirinha, Boa Vista do Ramos,

Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará e o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN* dois municípios da microrregião do Alto Rio Negro, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira.

Para ilustrar o que se expôs, apresenta-se o Quadro 4 como resumo dos principais resultados dessas duas dissertações, em relação ao consonantismo e ao vocalismo, comparados aos resultados do ALAM.

**Quadro 4** – Resultados apresentados no *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas* e no *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro* comparados aos resultados fonéticos do *Atlas Linguístico do Amazonas*

| | **ALAM** | **AFBAM** | **ALFARiN** |
|---|---|---|---|
| **Vogal pretônica /e/** | Vogal aberta [ɛ], mas também contextos em que predominam as realizações fechada [e] e alta [i] | Vogal fechada [e] (50,3%), seguida da vogal aberta [ɛ] (26,2%) e da vogal alta [i] (20,2%)[20] | Vogal fechada [e] (53,7%), seguida da vogal aberta [ɛ] (33,7%) e da vogal alta [i] (12,5%) |
| **Vogal pretônica /o/** | Vogal aberta [ɔ], mas também contextos em que predominam as realizações fechada [o] e alta [u] | Vogal fechada [o] (51,5%), seguida da vogal alta [u] (30,2%) e da vogal aberta [ɔ] (18,1%) | Vogal fechada [o] (66,6%), seguida da vogal aberta [ɔ] (22,6%) e da vogal alta [u] (8,6%) |
| **Vogal tônica /o/** | Vogal [o], com raras ocorrências de alçamento | Vogal [o], com raras ocorrências de alçamento | Vogal [o] categórica |
| **Ditongo /ej/** | Ditongo [ej] (58,3%) mesmo em contexto anterior a /ɾ/ e /ʃ/ | Predomínio da monotongação /ej/ > [e] | Predomínio de monotongação /ej/ > [e] (55%), principalmente em contexto anterior a /ɾ/ e /ʃ/ |
| **Ditongo /ow/** | Monotongação /ow/ > [o] (51,7%) | Predomínio da monotongação /ow/ > [o] | Predomínio de monotongação /ow/ > [o] (83,3%) |
| **/S/ em coda silábica** | Distribuição espacial bem definida: alveopalatal [ʃ] nas microrregiões do Alto Rio Negro, Médio e Baixo Amazonas e alveolar [s] nas demais microrregiões | Alveopalatal [ʃ] categórica | Predomínio de Alveopalatal [ʃ] (94,7%) |
| **/R/ inicial e intervocálico** | Fricativa glotal [h], com pequenos índices de fricativa velar [x]. | Predomínio da fricativa glotal [h] | Predomínio da fricativa glotal [h] |
| **/R/ em coda silábica medial** | Fricativa glotal [h], com casos raros de tepe [ɾ] e de apagamento | Predomínio da fricativa glotal [h] | Fricativa glotal [h] (40%), com índices expressivos de vibrante múltipla [r] (27,5%) e apagamento (23,7%) |
| **/R/ em coda silábica final** | Predomínio de apagamento, principalmente em verbos no infinitivo | Predomínio da fricativa glotal [h] | Predomínio de apagamento (84,2%) |

[20] Nem sempre foi possível apresentar os resultados em termos de percentuais, tendo em vista a natureza dos trabalhos e a apresentação dada por cada autor.

| | | | |
|---|---|---|---|
| **Oclusivas alveolares /t/ e /d/ antes de [i, j]** | Africadas [tʃ] e [dʒ] categóricas | Africadas [tʃ] e [dʒ] categóricas | Predomínio de africadas [tʃ] e [dʒ][21] |
| **Lateral palatal /ʎ/** | Lateral palatalizada [lʲ] e raros casos de semivocalização [j] | Lateral palatal [ʎ] e raros casos de semivocalização [j] | Lateral palatalizada [lʲ] e raros casos de semivocalização [j] |
| **Lateral antes de [i, j]** | Lateral palatalizada [lʲ] no vocábulo *família*[22] | Lateral palatal [ʎ] no vocábulo *família* | Lateral palatalizada [lʲ] no vocábulo *família* |
| **Lateral em coda silábica** | Semivocalização categórica | Semivocalização categórica | Semivocalização categórica |
| **Nasal palatal /ɲ/** | Apagamento, semivogal nasalizada [j̃] ou a variante [nʲ] | - | Vogal alta nasal [ĩ] e semivogal nasalizada [j̃] |
| **Grupo –nd** | - | Não ocorre a redução para [n] | - |

**Fonte**: Elaboração do autor a partir dos dados do ALAM, AFBAM e ALFARiN

O Quadro 4 demonstra que os dois atlas elaborados após o ALAM confirmam, em tese, os resultados apresentados por esse atlas estadual.

É importante observar a formação do Quadro vocálico amazonense, no que se refere às vogais pretônicas. Nascentes (1953), propondo uma divisão dialetal do Brasil, aponta para o comportamento das vogais pretônicas como elemento fundamental para a distinção entre os falares do Norte e do Sul, sendo a pronúncia das vogais fechadas característica dos falares sulistas, ao passo que a pronúncia das vogais abertas caracterizaria os falares nortistas. De fato, os dados do ALAM corroboram essa afirmação, porém a concorrência entre vogais abertas e fechadas é muito grande e a vogal fechada chega a ser predominante nos dados do AFBAM e do ALFARiN. É importante que se considerem os ambientes linguísticos que condicionam fenômenos como a abertura, o fechamento e o alçamento das pretônicas, em análises mais aprofundadas; no entanto, observa-se que o Quadro descrito por Nascentes pode estar se modificando na região Norte, se comparado, por exemplo, a dados apresentados para a região Nordeste (SILVA, 1991; SILVA, 1992; MAIA, 1986).

A manutenção dos ditongos /ej/ e /ow/, observada por Cruz (2004), também não foi encontrada nos dados de Brito (2011) e Justiniano (2012), nos quais predomina a monotongação.

Chama a atenção, nos resultados apresentados no ALFARiN para a

[21] A atlas registra apenas um caso de oclusiva alveolar [t].
[22] A única questão do QFF que contempla o fenômeno é do conceito *família*.

microrregião do Alto Rio Negro, a realização da vibrante múltipla [r] em mais de 27% dos casos de /R/ em coda medial, em especial em São Gabriel da Cachoeira. Justiniano (2012, p. 98-99), observando a ausência desse fonema no nheengatu e sua pouca expressividade no tukano, línguas indígenas também faladas pelos informantes[23], levanta uma hipótese sobre esse fenômeno. O uso dessa variante ocorreria por influência das migrações de militares das várias regiões brasileiras para o Alto Rio Negro e/ou do contato com o espanhol, uma vez que se trata de uma região fronteiriça com a Colômbia e a Venezuela.

As variáveis sociais, na maioria dos casos, não se mostraram tão expressivas, todavia é possível tecer algumas observações:

a. Sobre os falares do Baixo Amazonas:

- Mesmo com índices poucos expressivos, as mulheres utilizam mais as variantes abertas e fechadas da vogal pretônica anterior, enquanto os homens utilizam mais a vogal alta;
- Quanto à vogal pretônica posterior, a variante aberta apresenta índices mais altos entre as mulheres;
- No que se refere aos ditongos, embora ambos os sexos e todas as faixas etárias apresentem índices maiores de monotongação, os homens e a 3ª faixa etária (idosos) apresentam mais monotongação do que as mulheres e as demais faixas. Além disso, em Nhamundá e Barreirinha, o ditongo é mais utilizado pelas mulheres e pela 2ª faixa etária (adultos);
- Em relação à vibrante, em todos os contextos, de modo geral, as diferenças em relação à variante mais difundida [h], ocorrem entre os homens da 2ª e da 3ª faixas etárias;

b. Sobre os falares do Alto Rio Negro:

- A vogal posterior fechada tende a ser mais realizada entre as mulheres e na 3ª faixa etária (idosos);
- Em Santa Isabel do Rio Negro, o ditongo /ey/ sofre mais o

[23] O Alto Rio Negro concentra um grande número de população indígena. São Gabriel da Cachoeira, por exemplo, tem mais de 90% de sua população composta por índios de diferentes etnias que falam, além do Português, mais de 20 línguas, entre elas o Nheengatu, o Tukano e o Baniwa, consideradas línguas oficiais no município ao lado do Português. Dessa forma, todos os informantes do ALFARiN são bilíngues.

processo de monotongação do que em São Gabriel da Cachoeira. Ainda sobre a redução desse ditongo é destacável também nas 1ª e 2ª faixas etárias, ao passo que, na 3ª, há concorrência entre manutenção e redução. Esse ditongo, também, se mantém muito mais entre as mulheres;

- No que se refere à lateral palatal, em São Gabriel da Cachoeira, presencia-se discreta concorrência entre [l$^{j}$ ] e [ʎ];
- O /R/, em contexto de coda medial, apresenta-se de forma expressiva como vibrante múltipla [r], no gênero masculino e na 1ª faixa etária;
- As poucas ocorrências de alveolares do /S/ em coda silábica são encontradas em São Gabriel da Cachoeira, no gênero masculino e na 1ª faixa etária.

Os resultados apresentados no ALAM também despertaram o interesse de outros pesquisadores em estudar os fenômenos linguísticos muito mais no nível fonético, com a investigação de três fenômenos variáveis considerados relevantes para a caracterização do falar amazonense a saber: o comportamento fonético-fonológico do /S/ em coda silábica (MARTINS, 2007; QUARA, 2007; MARTINS E MARGOTTI, 2012; MAIA, 2012; MAIA, 2016), o alçamento da vogal média posterior tônica /o/ para [u] (MAIA, 2006; MARTINS, 2006; DIAS, 2007; SILVA, 2009; CAMPOS, 2009) e a realização fonética das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (MAIA, 2009; SILVA, 2009; QUARA, 2012; AZEVEDO, 2013). Todavia, a alguns pesquisadores também interessou a investigação lexical (BARBOSA, 2013; AZEVEDO, 2013; SILVA, 2015; GOLÇALVES, 2015).

A seguir, apresentam-se essas outras pesquisas – de caráter monográfico – que vêm caracterizando o falar amazonense, seja em seu aspecto fonético, seja em seu aspecto lexical.

### 2.4.2 Aspectos Relevantes para a Caracterização do Falar Amazonense

Além dos atlas linguísticos apresentados, que permitem uma visão macro da realidade linguística amazonense, a realização de um número expressivo de trabalhos monográficos permite também uma visão mais aprofundada dos

fenômenos relevantes para a caracterização do falar amazonense. Apresenta-se a seguir um levantamento bibliográfico no campo fonético e lexical, focos da análise deste trabalho, priorizando os autores que servirão de base para uma análise comparativa nesta tese, a fim de situar a variedade sul amazonense na composição do dialeto amazonense.

### 2.4.2.1 Variação fonética

Como se observa nos resultados dos atlas regionais, o falar amazonense tem apresentado particularidades fonéticas no que se refere à realização do /S/ em coda silábica, da vogal posterior tônica e das vogais médias pretônicas. A respeito da primeira, almeja-se contribuir para a confirmação ou não da hipótese de isófona levantada por Cruz (2004); sobre a segunda, objetiva-se saber se se trata de um fenômeno em extinção, tendo em vista a produtividade da variante alta registrada por Corrêa (1980) em contraposição a sua improdutividade nos dados do ALAM e dos atlas subsequentes, vinte anos depois; a terceira, por sua vez, é alvo de investigações que buscam corroborar ou não a divisão dialetal de Nascentes (1953), que caracteriza o falar nortista pelo uso da variante aberta das vogais pretônicas.

#### *2.4.2.1.1 Realização do /S/ em coda silábica*

O /S/ em coda silábica foi tema inicialmente das pesquisas de Martins (2007)[24] e Quara (2007)[25], que utlizaram os dados de elocução livre coletados por Cruz (2004), para a composição do ALAM, porém não utilizados para a elaboração dos mapas. Essas pesquisas de iniciação científica confirmaram, em dados de elocução livre, os resultados que Cruz (2004) identificou em dados de pesquisa dirigida por questionários, em termo de frequência geral. No entanto, observados os contextos fônicos, ambas as pesquisadoras identificaram mudanças no comportamento do /S/ em coda silábica entre os contextos medial e final de

[24] Esta pesquisa investigou o /S/ em coda silábica em seis municípios investigados pelo ALAM, Parintins, Barcelos, Itacoatiara, Manacapuru, Benjamin Constant e Tefé, nos dados referentes à conversação livre.
[25] Esta pesquisa, por sua vez, investigou o /S/ em coda silábica nos demais municípios investigados pelo ALAM, Lábrea, Humaitá e Eirunepé, nos dados referentes à conversação livre.

vocábulo. Nos municípios em que, no quantitativo geral e no contexto final, prevalece a pronúncia alveolar, a variante alveopalatal ocorre com um pouco mais de frequência, no contexto medial, chegando a prevalecer em Benjamin Constant, Manacapuru (MARTINS, 2007) e Humaitá (QUARA, 2007). Martins (2007) atribui essa alteração nos resultados do contexto medial em relação ao contexto final ao segmento subsequente [t], contexto favorecedor da alveopalatal. Sobre a variante glotal, as pesquisadoras observaram seu favorecimento no contexto precedente à nasal [m] e à oclusiva dental [d]. No primeiro caso, o resultado foi atribuído, nos dois trabalhos, pela grande incidência dessa variante no vocábulo "mesmo/a". Por sua vez, o apagamento foi recorrente no contexto final de palavras, quando o /S/ é morfêmico, o que se explica pela característica do português brasileiro em marcar a presença da variante formal de plural, -s, em elementos não nucleares antepostos ao núcleo, assim como em núcleos na primeira posição[26].

Martins e Margotti (2012) investigaram o /S/ em coda silábica na fala de Manaus, utilizando os dados coletados para o *Atlas Linguístico do Brasil*. Foram analisados os dados referentes ao fenômeno em todos os questionários e não apenas os dados do questionário fonético-fonológico. Também foram consideradas na análise as repetições de palavras.

De modo geral, os resultados apontam para uma distribuição homogênea entre as variantes alveolar e alveopalatal na posição medial de vocábulo, que atingem índices de frequência de 50,1% e 47%, respectivamente. A variante glotal também é registrada, porém com um pequeno índice de 2,8% dos dados e é atribuída à recorrência da palavra "mesmo", o que indica ser um caso de difusão lexical. Em posição final, o /S/ em coda silábica se realiza predominantemente como alveolar (67,1%), a variante alveopalatal apresenta índices de 32,8% e não se registram casos de enfraquecimento (variante glotal).

No que se refere à variável social *sexo*, os resultados apontaram para o *status* de prestígio da variante alveopalatal, ao demonstrar a preferência de uso dessa variante pelas mulheres tanto em posição medial quanto em posição final (69% e 63%, respectivamente), enquanto os homens utilizam preferencialmente a variante alveolar também nas duas posições (68% em posição medial e 92,3% em

[26] Cf. Scherre (1998), Fernandes (1996), Carvalho (1997), Lopes (2001), Baxter (2009), Santos (2010), Brandão (2011), Silva (2011) e Martins (2013) sobre a variável independente *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo e posição linear*. Cada um desses autores investiga a concordância nominal de número em diferentes regiões brasileiras.

posição final). Como têm demonstrado os estudos de natureza sociolinguística, mulheres costumam ser mais sensíveis às formas socialmente prestigiadas.

A análise da variável social *idade* revela que, em posição medial, não é significativa a diferença de uso das variantes entre as duas faixas etárias, todavia, em posição final, embora ambas as faixas utilizem preferencialmente a variante alveolar, o índice da variante alveopalatal é maior entre os jovens (38,2%) do que entre os mais velhos (27%). Reconhecendo que a análise da posição medial é afetada por fatores estruturais, os pesquisadores observaram que, conforme preceitos sociolinguísticos, o grupo dos jovens costuma ser mais sensível às variantes inovadoras. Logo, se se correlacionam os dados da variável *idade*, em posição final, com os da variável *sexo*, constata-se que as mulheres lideram a mudança linguística (usam as variantes inovadoras), em se tratando de variantes prestigiadas, o que pode confirmar esse *status* para a variante alveopalatal e permite pensar na hipótese de mudança linguística em curso na fala manauara, em relação ao /S/ em coda silábica, de alveolar para alveopalatal.

Essa hipótese é reforçada ao analisar os dados referentes à variável social *escolaridade*. Em posição medial, a variante alveolar se faz mais frequente na fala de informantes com ensino fundamental (58,7%), enquanto a variante alveopalatal é mais presente entre os informantes com ensino superior (55,6%). Em posição final, ainda que a variante alveolar seja mais presente em ambos os grupos de informantes, no grupo dos informantes com ensino superior a variante alveopalatal apresenta índices maiores de uso em relação ao grupo dos informantes com ensino fundamental (36,8% e 28,9%, respectivamente). Assim, os dados da pesquisa parecem sinalizar para o caráter inovador e de prestígio da variante alveopalatal, pois o grau de escolaridade é apontado em estudos sociolinguísticos como fator preponderante para a realização de formas padrão, no caso de um grau mais elevado, ou não padrão, no caso de um grau menos elevado.

Seguindo a metodologia do ALAM, no que diz respeito à distribuição social dos informantes, Maia (2012) estuda o /S/ em coda silábica na fala de 18 informantes de três municípios da microrregião do Purus: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. A pesquisa, por sua vez, apresentou questionário fonético-fonológico próprio, o que possibilitou o controle ainda maior das variáveis linguísticas que poderiam estar atuando ou não sobre o fenômeno. Os resultados apontaram a frequência de uso da variante alveolar na região (57,9%), corroborando os

resultados do ALAM para a microrregião em estudo. Maia (2012) atribui esse resultado ao fator histórico, com a forte presença nordestina na região, principalmente cearenses e maranhenses, à época do povoamento dos municípios estudados[27].

A variante alveopalatal, por sua vez, obteve 20,3% de ocorrência, a glotal/aspirada 12,7% e zero fonético 8,9%. Por meio da análise da variável linguística *contexto seguinte*, a pesquisa registrou o contexto medial anterior à oclusiva [t] como categoricamente favorecedor ao uso da variante alveopalatal; os contextos precedentes à lateral, à nasal e à africada [tʃ] como principais favorecedores da variante glotal; e o contexto final, quando o /S/ se apresenta como morfema de plural, como favorecedor do apagamento (zero fonético).

Essas especificidades do fonema, do ponto de vista linguístico, em cada contexto, são explicadas à luz de teorias fonológicas, principalmente a teoria clássica de traços distintivos de Chomsky e Halle (1968) e a teoria da sílaba, por meio da escala de sonoridade proposta por Jaspersen (1904, *apud* HOOPER, 1976), segundo a qual se observou que quanto mais sonoro na escala é o segmento seguinte, mais enfraquecido se torna o fonema /S/. Por essa razão, a lateral e a nasal, que são os segmentos consonantais com mais pontos na escala de sonoridade, são comumente os ambientes mais propícios à variante glotal (enfraquecida) do /S/ em coda silábica, ao passo que as fricativas e oclusivas surdas, segmentos que ocupam o nível mais baixo na escala de sonoridade, o são para a variante alveolar.

A análise das variáveis sociais, a exemplo de Cruz (2004), não apresentou tanta relevância ao estudo do fenômeno, no entanto pode-se dizer que a pronúncia alveolar se apresentou como mais conservadora, enquanto a aspirada parece ser a mais inovadora. Tais considerações demonstram ainda que a localidade de Tapauá parece ser mais conservadora do que as demais, utilizando menos a variante glotal e mais a variante alveolar, e a localidade de Lábrea parece ser a mais inovadora pela maior incidência de aspiração. Essa caracterização pode

[27] Essa explicação encontra reforço nos resultados apresentados na carta F05 C 1 do *Atlas Linguístico do Brasil*, sobre a palatalização do /S/ em coda silábica (interna e externa) nas capitais. Nas capitais do Nordeste, os índices de palatalização são baixos, principalmente Fortaleza – CE e São Luís – MA (26 a 50% em coda medial e 0% em coda final). É importante lembrar que a coda final reflete melhor a variante utilizada pelos falantes, pois é menos condicionada por fatores linguísticos.

ser explicada, segundo o pesquisador, pelo maior isolamento daquela em relação a esta.

Maia (2016), por sua vez, em trabalho de iniciação científica, estudou o /S/ em coda silábica, por meio do *corpus* coletado por Martins (2013), para sua tese de doutorado. Essa pesquisa investigou a concordância de número na fala de cinco municípios da região do Alto Solimões, porém Maia (2016) apenas utilizou os dados referentes ao município de São Paulo de Olivença. Dessa forma, analisou a fala espontânea de 12 informantes naturais da localidade, estratificados em *sexo*, *idade* (18-35, 36-55 e mais de 55 anos) e *escolaridade* (4-8 e 9-11 anos de escolaridade). Além desses grupos de fatores sociais clássicos, foram observados *localismo, ocupação* e *mobilidade*. Também foram controlados os seguintes grupos de fatores linguísticos: *contexto seguinte, posição na palavra* e *tonicidade*.

Os resultados da pesquisa revelaram que a variante mais frequente entre os informantes de São Paulo de Olivença é a alveopalatal (67,5%), seguida da variante alveolar (25,7%) e da glotal (6,1%). Também se registraram dados de apagamento (0,7%). Curiosamente, esses resultados não confirmaram os resultados apresentados por Cruz (2004) e Martins (2006) para o município de Benjamin Constant, que representou no ALAM a microrregião do Alto Solimões. Nessa localidade predomina a variante alveolar.

Para a análise das variáveis indepedentes, a pesquisa considerou, como aplicação da regra, a variante alveopalatal e contou com o auxílio do pacote estatístico *Goldvarb X*, cuja seleção, em ordem de relevância para o fenômeno variável, foi *contexto seguinte, tonicidade, ocupação, localismo, sexo* e *posição na palavra*, não sendo selecionadas, dessa forma, *idade, mobilidade* e *escolaridade*.

Ao que tudo indica, a realização do /S/ em coda silábica é um fenômeno primordial para a delimitação de áreas dialetais no Amazonas, como bem observou Cruz (2004), todavia, para que tais limites sejam determinados com melhor precisão é necessário que se ampliem ainda mais as áreas investigadas pelo *Atlas Linguístico do Amazonas*. Esforços realizados não só por meio da elaboração de outros atlas, a exemplo do AFBAM e do ALFARiN, como das pesquisas aqui elencandas revelam que, em muitos casos, a hipótese de isófona proposta por Cruz (2004) vem sendo confirmada, a exemplo das pesquisas de Martins, 2007; Quara, 2007 e Maia, 2012. Por outro lado, as pesquisas de Martins e Margotti (2012) e Maia (2016) revelam aspectos interessantes a serem considerados na análise do

fenômeno. A primeira sugere uma mudança em curso da variante alveolar para a alveopalatal, que parece ser mais prestigiada na capital amazonense; e a segunda apresenta dados divergentes aos de Cruz (2004), ao apresentar a variante alveopalatal como mais frequente na fala de um dos municípios do Alto Solimões, São Paulo de Olivença. A pesquisa para a tese que aqui se apresenta poderá contribuir ainda mais para a sinalização de tendências de uso das variantes do /S/ em coda silábica no Amazonas, por meio da ampliação da microrregião do Madeira, que também constitui o Sul Amazonense.

*2.4.2.1.2 Alçamento da vogal posterior em sílaba tônica*

Por sua vez, o alçamento da vogal posterior tônica /o/ é objeto de estudo inicialmente das pesquisas de Maia (2006), Martins (2006) e Dias (2007), pesquisas em nível de iniciação científica, que abrangeram juntas todas as localidades pesquisadas pelo ALAM e puderam validar a hipótese de extinção do fenômeno de alçamento da vogal tônica /o/ também em situação de fala espontânea, uma vez que foram registrados poucos casos dessa realização nas três pesquisas.

Esse fenômeno também foi abordado por Silva (2009), na dissertação *O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves*. Também seguindo a metodologia do ALAM, essa pesquisa reúne um acervo de 132 cartas fonéticas e constatou mais uma vez a baixa ocorrência do fenômeno de alçamento.

Campos (2009), em sua tese de doutorado, investiga o fenômeno de alçamento da vogal posterior em sílaba tônica na fala dos habitantes de Borba – AM, a fim de descrevê-lo sob a ótica da Dialetologia e da Sociolinguística, analisando-o a partir de fatores estruturais e sociais.

A pesquisa conta com um total de 24 informantes naturais das comunidades investigadas, divididos em quatro grupos, distribuídos geograficamente em todo território do múnicípio em estudo, sendo três na zona rural e um na zona urbana. Esses informantes também foram estratificados segundo o *sexo* e a *idade* – jovens, de 14 a 20 anos; adultos, de 21 a 54 anos; e idosos, de 55 anos ou mais. A coleta de dados deu-se, inicialmente, por meio de entrevistas gravadas *in loco*, com média de duração de 30 minutos de fala distensa.

Ao contrário do que observou Cruz (2004) e os demais atlas fonéticos

elaborados no Amazonas, os resultados da pesquisa de Campos (2009) demonstraram uma forte incidência de alçamento da vogal posterior tônica, apesar de a análise dos fatores sociais, principalmente do fator *idade*, demonstrar que esse fenômeno vem sofrendo enfraquecimento em relação à variante padrão (vogal fechada), o que pode reforçar a hipótese de extinção do fenômeno apresentada por Cruz (2004). Em percentuais, o alçamento alcançou um índice de 68% das 1391 ocorrências.

A pesquisa mensurou ainda quais contextos linguísticos possuem maior influência sobre a realização do fenômeno. Os dados revelaram que o fenômeno é frequente em todos os contextos analisados, que incluíam os antecedentes e subsequentes a consoantes oclusivas, fricativas, laterais, nasais e tepe, em posição inicial, medial e final de palavras, bem como contextos em que a vogal é posterior a encontros consonantais e quando forma ditongos, sendo, nestes útimos, bastante recorrente. Ainda assim, foi possível apontar os três contextos mais favorecedores do alçamento da vogal posterior tônica: i) Vogal e semivogal alta na mesma sílaba (29% das ocorrências), como em c[u]isa; ii) vogal alta em sílaba(s) adjacente(s) (29%), como em mintir[u]so; iii) sílaba final, como em senh[u]r (27%). A pesquisadora, concluiu, assim, que a presença de uma vogal alta mostra-se fundamental para a realização do fenômeno, seja por meio de assimilação completa (nos casos em que ocorre monotongação), seja por meio de assimilação parcial (nos casos em que o ditongo permanece) ou ainda por meio de hamonização vocálica (nos casos em que a vogal alta se encontra em sílabas adjacentes).

No que se refere ao eixo diatópico, a pesquisa apontou o grupo 1, formado por comunidades rurais localizadas no sentido “para baixo” do rio Madeira[28], entre a sede do município de Borba e o município de Nova Olinda do Norte, como aquele em que o fenômeno apresenta maior índice de incidência (76,4%) em relação à variante padrão. Em seguida, encontra-se o grupo 2, formado por comunidades rurais localizadas acima da sede, no que se refere ao curso do rio Madeira, com frequência de 62,2%, seguido do grupo 3, grupo mais distante e também acima da sede e do grupo 2 e mais próximo do município de Novo Aripuanã, com um índice de 47,8% de ocorrência do fenômeno. Assim, a pesquisadora concluiu que quanto mais distante da sede, menor a incidência de

[28] Seguindo o curso do rio, os moradores se localizam por meio das direções “para baixo” ou “para cima” do rio, se referindo ao caminho das águas da nascente à foz.

alçamento da vogal posterior em sílaba tônica.

No eixo diastrático e em relação ao *sexo*, os dados apresentados reforçaram a preferência das mulheres por variantes de maior prestígio, pois, ainda que o fenômeno investigado se mostre bastante relevante tanto na fala dos homens quanto na das mulheres, aquela apresenta uma diferença de seis pontos percentuais a mais de alçamento (71,1%) em relação a esta (64,8%).

Em relação à *idade*, observa-se que a incidência menor de alçamento pertence ao grupo dos jovens (45,7%), em relação ao dos adultos (77,6%) e dos idosos (72,4%), o que indica um processo de enfraquecimento, em relação à variante padrão, reforçado ainda pelo fator *escolaridade*, considerado qualitativamente na análise, uma vez que, ao considerar a dinâmica escolar nas comunidades ribeirinhas de Borba, são os jovens também aqueles que apresentam maior grau de escolaridade.

A análise do *corpus* formado pelo grupo de controle, representado pelos informantes da sede do município (zona urbana), confirmou os resultados encontrados nos demais grupos, tanto no eixo diatópico, quanto no eixo diastrático. Estando o índice de frequência do fenômeno bem próximo ao encontrado no grupo mais próximo da sede, o grupo 2 (60,5% no grupo de controle e 62,2% no grupo 2), observou-se que quanto mais abaixo do rio esteja a localidade, maior a incidência do fenômeno. Também na sede, a fala das mulheres apresentou frequência de uso da vogal posterior tônica alçada um pouco maior do que a dos homens. Porém, no que se refere à *idade*, o fenômeno se mostra menos incidente na fala de adultos do que na fala de jovens, a que se atribui a influência do grau de escolaridade, uma vez que nesse grupo, por se tratar de um grupo urbano, os adultos apresentam grau de escolaridade maior em relação aos jovens, diferentemente da caracterização dos grupos rurais, destacando o papel da escola no reforço da variante padrão e no enfraquecimento da variante regional. No que se refere ao grupo dos idosos, as expectivas se confirmam quando este se configura como o que apresenta maior número de ocorrência de alçamento.

Como se pode observar, os dados de Cruz (2004), coletados por meio de questionário, bem como os de Maia (2006), Martins (2006) e Dias (2007), coletados em situação de fala distensa, se contrapõem aos dados de Campos (2009), até mesmo àqueles coletados na zona urbana de Borba por meio do grupo de controle. Aqueles apresentam-se irrisórios, ao passo que estes apresentam

grande produtividade, embora comecem a sofrer enfraquecimento, constatado na fala dos jovens borbenses. Tais resultados apenas podem ser explicados pelo fator diatópico, uma vez que o município de Borba não integrara a rede de pontos do ALAM. Nesse sentido, os resultados deste trabalho poderão contribuir para essa discussão ao apresentar dados de Borba e de outras localidades do sul do Amazonas.

*2.4.2.1.3 Realização das vogais médias pretônicas*

Os estudos que investigam a realização das vogais médias pretônicas no Amazonas têm início, na década de 80, com as pesquisas de Corrêa (1980) e de Cunha e Silva (1980). Ambas, com orientações gerativas, preocuparam-se em apresentar regras fonológicas para o uso dessas vogais.

A primeira, abordada neste texto, na seção 2.4, investigou aspectos fonético-fonológicos da fala do "caboco" nos municípios de Itacoatiara e Silves. No que se refere à realização das pretônicas, observou que o alçamento, tanto da vogal anterior /e/ quanto da vogal posterior /o/, foi bastante produtivo e ocorreu em todos os contextos observados, conforme se verifica no Quadro 5.

**Quadro 5** – Contextos favorecedores do alçamento das vogais médias /e/ e /o/ em dados de Itacoatiara em Silves (CORRÊA, 1980)

| Contextos | /o/ para [u] | /e/ para [i] |
|---|---|---|
| Antes de vogal: [a], [e] e semivogal [j] | c[u]ar<br>p[u]eira<br>g[u]iaba | |
| Antes de consoantes não-contínuas: [p], [b], /t/, /d/, [k] e [g] | s[u]berba<br>b[u]tinho<br>r[u]diar<br>c[u]paíba<br>af[u]gar | b[i]bida<br>d[i]pois<br>[i]ducação<br>pr[i]guiça |
| Antes de consoantes estridentes: [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ] | des[u]var<br>r[u]çado<br>p[u]sição<br>g[u]star<br>m[u]jica | [i]vita<br>[i]spinhel |
| Antes de líquidas não-laterais: [x], /R/ e [ɾ] | f[u]rnada<br>m[u]rreu<br>temp[u]ral | p[i]rigoso<br>s[i]rviço |
| Antes de líquidas laterais: [l] e [ʎ] | p[u]lvilho<br>f[u]lhinha | m[i]lindrosa |
| Antes de nasal: /N/ | c[ũ]forto | [ĩ]causado<br>[ĩ]pachado |

**Fonte**: Elaboração do autor a partir dos dados de Itacoatiara e Silves (CORRÊA, 1980).

Os resutados expostos no Quadro 5 permitiram que Corrêa (1980) estabelecesse duas regras sobre a realização do fenômeno nos municípios investigados à época em que foi realizada a pesquisa, embora a pesquisadora lembre que essas regras expressem uma tendência que, intuitivamente, se acredita ser geral, uma vez que, para uma afirmação mais conclusiva, seria necessário maior volume de dados:

Regra 1: /o/ se realiza como [u] em qualquer posição;

Regra 2: /e/ se realiza como [i] em posição átona pretônica.

É importante ressaltar que a regra 1 é apontada pela pesquisadora como característica do falar do caboclo do interior, em oposição à fala do centro urbano (Manaus).

A realização das vogais médias pretônicas na fala de Manaus é objeto de estudo da segunda pesquisa levada a efeito na década de 80, por Cunha e Silva (1980). O trabalho objetivava distinguir, sob esse aspecto, a fala manauara da fala carioca, considerada como padrão brasileiro. Sendo esta caracterizada pelas realizações fechadas, partia-se do pressuposto que aquela seria caracterizada pelas realizações abertas, de acordo com que determinava Nascentes (1953) em sua conhecida divisão dialetal do território brasileiro.

Foram investigados 30 informantes, naturais de Manaus e com o mínimo possível de contato com outros dialetos, 10 em cada um dos três níveis de escolaridade – analfabetos e semianalfabetos, 2º grau completo e curso superior (completo ou cursando a partir do 3º ano de faculdade).

Os resultados confirmaram a hipótese de uso das vogais abertas pelos falantes de Manaus na época, pois essas se realizaram na maioria dos contextos, ao passo que a ocorrência de vogais fechadas obedecia a regras de assimilação de traços distintivos entre não contíguas e contínguas e entre contíguas e tônicas por proximidade. Observou-se ainda que, mesmo com a atuação da regra de fechamento comum da contígua quando a tônica é fechada, foi frequente a realização da vogal aberta na pretônica não contígua. A abertura da vogal também se manteve em sílabas travadas pelas consoantes /l/ e /r/, ainda que contíguas a

uma tônica fechada ([ɛ]rpeto, [ɛ]lpelho)[29].

Além dos casos de abertura e fechamento da vogal, registrou-se o alçamento de /o/ para [u] e de /e/ para /i/ antes de fricativa alveopalatal [ʃ] – [i]xtrato; antes de hiato – v[u]ar); e antes de vogal alta posterior [u] – p[i]ru. Esses resultados diferem dos encontrados por Corrêa (1980) no interior do Amazonas, no mesmo ano, o alçamento como variante mais produtiva e presente em todos os contextos.

Conforme já assinalado, o interesse pela dialetologia do Amazonas, após esses trabalhos, só é despertado novamente com a elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas*, a partir de 2004. Quanto às vogais médias pretônicas, como descrito em 2.4.1, realizaram-se, no falar das nove localidades que compõem a rede de pontos do ALAM, em sua maioria como abertas, porém essa realização está condicionada a determinados contextos linguísticos. É importante ressaltar que, apesar desse predomínio de abertura em termos de percentuais gerais, a pesquisa apontou fortes índices de fechamento e alteamento, sendo aqueles até categóricos em alguns contextos, o que pode indicar uma mudança na fala amazonense sob esse aspecto fonético, se compararmos esses dados às observações de Nascentes (1953) e os dados das pesquisas de Corrêa e Cunha e Silva, realizadas em 1980. Em termos de percentuais gerais, essa tendência se acentua com as pesquisas de Brito (2011) e Justiniano (2012), expostas no Quadro 7, que apontam predomínio da vogal fechada nas microrregiões do Baixo Amazonas e Alto Rio Negro.

O mesmo resultado foi observado por Maia (2009), em dados de elocução livre do ALAM, no município de Itacoatiara (Médio Amazonas). Nessa pesquisa o fechamento das vogais médias pretônicas atingiu um índice de 41,4% para a anterior e 47,2% para a posterior, com maior concorrência, nos dois casos, pela vogal alta (35% e 28,5%, respectivamente). A vogal aberta, por sua vez, foi a variante menos frequente no falar de Itacoatiara, representando 23,5% e 24,3%, respectivamente.

Quanto à variável *sexo*, percebeu-se a preferência na fala masculina pela vogal fechada: 54,5% para a anterior e 66% para a posterior. Já as mulheres apresentaram índices elevados de alçamento das médias pretônicas – 38% para a anterior e 31,9% para a posterior, sendo o primeiro o maior índice entre as três

[29] A pesquisa de Cunha e Silva (1980) utilizou-se de inquérito fonético específico, que incluía a leitura de palavras forjadas, criadas para os condicionamentos sem exemplos na língua, como os exemplos aqui reproduzidos, erpeto e elpelho.

variantes.

Quanto à variável *idade*, no que se refere à vogal pretônica anterior, a 1ª faixa etária (18-35 anos) optou pelo alçamento (51,4%), enquanto as demais faixas optaram pelo fechamento (49,4% na 2ª e 40,1% na 3ª faixa etária). Por sua vez, nas ocorrências da vogal média posterior, todas as faixas etárias apresentaram os maiores índices para a concretização fechada da vogal.

A análise dos contextos favorecedores dos fenômenos que atuam na realização das vogais pretônicas mostrou que a vogal anterior apresenta-se: (i) aberta prioritariamente em vocábulos com vogal tônica com nasalidade fonológica; (ii) fechada prioritariamente em vocábulos com vogal tônica fechada; (iii) alta em vocábulos com a vogal tônica aberta, antecedendo /S/ em coda silábica e em vocábulos com a vogal tônica alta. A vogal posterior é frequententemente: (i) aberta em contextos cuja vogal tônica apresenta nasalidade fonológica; (ii) fechada em vocábulos com a vogal tônica aberta, em vocábulos com a tônica fechada e em vocábulos cuja vogal posterior apresenta nasalidade de natureza fonológica; (iii) alta em contexto de hiato e em vocábulos cuja vogal tônica é alta. Como se pode observar sobre o fenômeno de alçamento atua a regra de harmonização vocálica, como preconizam muitos autores, inclusive Bisol (1981), Bortoni *et al* (1992) e Viegas (1987). Não obstante, sob o fenômeno de abertura da vogal não parece atuar essa regra, uma vez que a tônica aberta não atua na abertura da pretônica.

Silva (2009), além de investigar a vogal posterior tônica, conforme apresentado em 2.4.2.1.2, analisou a realização das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves. Os resultados gerais demonstraram que a vogal anterior é realizada como fechada (42,4%) e alta (42,4%) em Itapiranga e como alta (43,1%) em Silves. A vogal aberta apresentou os menores índices de uso, 8,3% em Itapiranga e 11% em Silves. Por sua vez, a vogal posterior realizou-se com mais frequência como fechada em Itapiranga (39,4%) e como alta em Silves (42,8%). Vale lembrar que a localidade de Silves apresentou, na pesquisa de Corrêa (1980), forte atuação do fenômeno de alçamento. Os dados de Silva (2009), coletados 30 anos depois, demonstraram que o alçamento ainda é bastante produtivo na localidade em comparação a Itapiranga, mas bem menos recorrente do que já foi.

A análise da variável social *sexo* revela equilíbrio entre as realizações fechada e alta da vogal anterior /e/ em Itapiranga, sendo o fechamento um pouco mais frequente na fala de mulheres e o alçamento na fala de homens. Em Silves,

tanto homens quanto mulheres realizam essa vogal como alta na maioria dos casos, sendo a concorrência com a vogal fechada um pouco menor em relação a Itapiranga. Por sua vez, a vogal posterior /o/ como fechada é predominante na fala de homens e mulheres de Itapiranga, porém com forte concorrência da vogal alta em ambos os sexos.

Quanto à variável *idade*, verificou-se que a variante fechada da vogal anterior /e/ é preferência dos informantes mais jovens (18-35 anos) em Itapiranga, ao passo que a preferência da faixa intermediária (36-55 anos) e da faixa dos idosos (56 anos em diante) é o alçamento, o que pode indicar uma mudança em curso, se se consideram também os dados de Corrêa (1980). É interessante lembrar ainda que os informantes de Corrêa (1980) tinham idade superior a 35 anos e que foi observado o uso categórico de alçamento na região, embora não fosse diretamente na cidade de Itapiranga. Em Silves, houve um equilíbrio quanto à distribuição das variantes, sendo o alçamento predominante em todas as faixas etárias. A vogal média pretônica posterior /o/ apresentou resultados semelhantes em Itapiranga, com a 1ª faixa etária utilizando com mais frequência a vogal fechada, enquanto as demais registraram a vogal alta. No entanto, em Silves, é a 2ª faixa etária que difere das demais ao utilizar maior frequência a variante fechada, ao passo que as outras preferem a forma alçada da vogal.

Com o objetivo de apresentar uma comparação com os dados de Cruz (2004), que representam a fala interiorana, Quara (2012) fez um estudo das vogais médias pretônicas na fala de Manaus, capital do estado. O questionário fonético-fonológico teve como base as questões analisadas em Cruz (2004) e Silva (2009) e foi aplicado a 24 informantes, moradores de quatro bairros manauaras – São Raimundo, Centro, Colônia Antônio Aleixo e Parque Dez de Novembro, e estratificados, de acordo com a metodologia do ALAM, em *sexo* e *idade*. Os informantes deveriam ser preferencialmente analfabetos ou ter cursado no máximo até o 9º ano do Ensino Fundamental.

Os resultados tomados de modo geral apontaram para a realização da vogal pretônica como fechada no falar de Manaus com índice de 46,3%, seguida da realização alta e tendo a aberta como a menos frequente entre as três. Consideradas especificamente, as vogais anterior e posterior mantiveram as mesmas colocações quanto à predominância das variantes.

Quanto às variáveis sociais, tanto para a vogal anterior, quanto para a

vogal posterior, houve um equilíbrio entre o uso das variantes por homens e mulheres em termo de frequência. Ambos os sexos utilizaram preferencialmente as vogais fechadas, com frequências entre 41 e 43% para anterior e 49 e 50% para a posterior. Da mesma forma, houve equilíbrio entre as três faixas etárias, nas quais predominou a variante fechada tanto da vogal anterior quanto da vogal posterior. Também em relação às outras, a primeira faixa etária utilizou mais essa variante (49,1% para a vogal anterior e 56,8% para a posterior).

A pesquisa procurou determinar ainda os contextos linguísticos favorecedores do uso de cada variante das vogais pretônicas, conforme a seguir:

a. Vogal anterior:

- Fechada: Vocábulo com vogal tônica fechada, vocábulo com vogal tônica alta e vogal pretônica de nasalidade fonológica;
- Aberta: Vocábulo com vogal tônica aberta e vocábulo com nasal tônica de nasalidade fonológica;
- Alta: vocábulos iniciados com de(s)- (prefixo ou não) e vogal iniciando silába travada por /S/.

b. Vogal posterior:

- Fechada: Vocábulos com vogal tônica fechada e vogal pretônica de nasalidade fonológica;
- Aberta: Vocábulos com vogal tônica aberta e vocábulos com vogal tônica de natureza fonológica;
- Alta: Vocábulos com vogal tônica alta e vogal pretônica em contexto de hiato.

Assim, com relação aos contextos linguísticos que favorecem o uso de uma ou outra variante da vogal média pretônica no Amazonas, podemos comparar os resultados de Cruz (2004), Maia (2009) e Quara (2012) no Quadro 6:

**Quadro 6** – Contextos linguísticos determinantes para a realização das vogais médias /e/ e /o/ em dados do Amazonas (CRUZ, 2004; MAIA, 2009 e QUARA, 2012)

| **Vogal Anterior /e/** | | | |
|---|---|---|---|
| **CONTEXTO LINGUÍSTICO** | **CRUZ (2004)** | **MAIA (2009)** | **QUARA (2012)** |
| Vogal tônica fechada | Vogal fechada | Vogal fechada | Vogal fechada |
| Vogal tônica alta | Vogal fechada | Vogal alta | Vogal fechada |
| Vogal tônica aberta | Vogal aberta | Vogal alta | Vogal aberta |
| Vogal tônica de nasalidade fonológica | Vogal aberta | Vogal aberta | Vogal aberta |
| Com nasalidade fonológica | Vogal fechada | - | Vogal fechada |
| Em de(s)- (Prefixo ou não | Vogal alta | - | Vogal alta |
| Antecedendo /S/ em coda silábbica | Vogal alta | Vogal alta | Vogal alta |
| **Vogal Posterior /o/** | | | |
| **CONTEXTO LINGUÍSTICO** | **CRUZ (2004)** | **MAIA (2009)** | **QUARA (2012)** |
| Vogal tônica fechada | Vogal fechada | Vogal fechada | Vogal fechada |
| Vogal tônica alta | Vogal fechada | Vogal alta | Vogal alta |
| Vogal tônica aberta | Vogal aberta | Vogal fechada | Vogal aberta |
| Vogal tônica com nasalidade fonológica | Vogal aberta | Vogal aberta | Vogal aberta |
| Com nasalidade fonológica | Vogal fechada | Vogal fechada | Vogal fechada |
| Em hiato | Vogal alta | Vogal alta | Vogal alta |

**Fonte:** Elaboração do autor a partir dos dados de pesquisas no Amazonas (CRUZ, 2004; MAIA, 2009 e QUARA, 2012)

Conforme se observa no Quadro 6, os resultados das pesquisas de Cruz (2004), Maia (2009) e Quara (2012) são muito semelhantes no que se refere ao contexto linguístico determinante da realização das vogais médias pretônicas. As divergências ocorrem apenas nos contextos em que a vogal tônica é alta e aberta. Em relação ao primeiro, essa divergência não ocorre relativamente, uma vez que em todas as pesquisas o que ocorreu foi uma grande concorrência entre as variantes fechada e alta, predominando por poucos pontos percentuais uma ou outra em cada trabalho. Quanto ao segundo contexto, é dado curioso a pesquisa de Maia (2009) apresentar como predominante a variante fechada ou alta quando o que se espera pela regra de harmonização vocálica é o uso da variante aberta, como ocorre nos dados de Cruz (2004) e Quara (2012). É importante ressaltar os tipos de instrumentos de pesquisas utilizados – Maia (2009) utiliza dados de fala distensa, enquanto as demais pesquisas utilizaram questionário estruturado.

Por fim, o trabalho mais atual sobre a realização das vogais médias pretônicas é a tese de doutoramento de Azevedo (2013), que comparou duas regiões amazônicas – o Baixo Amazonas (PA) e o Médio Solimões (AM) – nesse aspecto fonético, além do aspecto lexical, como será abordado na seção 2.4.2.2.

A pesquisa, realizada *in loco*, contemplou uma rede de 9 pontos, sendo dois do Baixo Amazonas – Igarapé do Juruti-Velho (comunidade) e a Vila do Juruti-

Velho (distrito) – e sete no Médio Solimões – Ariri (comunidade), Saubinha (comunidade), Itapéua (vila), Anamã (cidade), Coari (cidade) e Codajás (cidade). Os informantes foram estratificados segundo o *sexo*, a *idade* (18-30 anos e 50-65 anos) e a *escolaridade* (analfabetos ou com no máximo a 4ª série do Ensino fundamental e escolaridade acima da 4ª série do Ensino Fundamental).

De modo geral, considerando as duas regiões, a vogal anterior apresentou-se majoritariamente como aberta (34%), com forte concorrência da vogal fechada (31%) e da vogal alta (24%); já a vogal posterior apresentou-se em sua maioria como fechada (31%), com forte concorrência da vogal alta (26%) e da vogal aberta (25%). Na região do Médio Solimões, que mais interessa a esta tese no momento, por pertencer ao território amazonense, no que se refere à vogal anterior, sua maior incidência encontra-se na variante aberta (37%), seguida da vogal fechada (28%) e da vogal alta (24%). Essa concorrência é bem mais forte no que se refere à vogal posterior, sobre a qual se observa um empate técnico entre as variantes – 28% para a variante fechada, 28% para a alta e 27% para a aberta. A região do Baixo Amazonas apresenta, tanto para a vogal /e/ quanto para a vogal /o/, índices de vogais fechadas mais elevados (41% nos dois casos), tendo as demais variantes índices mais próximos entre si, prevalecendo a abertura no que se refere à vogal anterior (25% a 24%) e o alçamento no que se refere à vogal posterior (21% a 20%).

Com relação aos contextos linguísticos, Azevedo (2013) observou que no Médio Solimões, de modo geral, “predominam as variantes [ɛ] e [ɔ] na maioria dos contextos com registros percentuais, respectivamente, de 42% e de 35%, caracterizando, assim o fenômeno do abaixamento vocálico de /e/ e de /o/” (AZEVEDO, 2013, p.585). Por outro lado, o Baixo Amazonas caracteriza-se pela vogal fechada, na medida em que ela foi predominante na maioria dos contextos analisados (53% tanto para a vogal anterior quanto para a posterior).

No Médio Solimões, o fator diatópico mostrou equilíbrio em relação ao uso da variante aberta da vogal /e/, mais recorrente na região, porém a localidade de Coari obteve maior percentual de uso para essa variante. Quanto ao /o/, a variante fechada ocorreu com mais frequência em Ariri, Coari e Itapéua, enquanto a alta foi mais recorrente em Costa do Juçara, Saubinha, Codajás e Anamã. Quanto ao *sexo*, nessa região, tanto homens quanto mulheres utilizaram mais a variante aberta /e/

com índices muito próximos. A vogal /o/, por sua vez, foi realizada mais como alta pelos homens e mais como fechada pelas mulheres. O fator *escolaridade* não mostrou relevância quanto ao uso da vogal /e/, pois os dois níves analisados privilegiaram a vogal aberta com índices iguais, todavia, concernente à vogal /o/, há confirmação da hipótese sociolinguística, uma vez que os menos escolarizados utilizaram com mais frequência o alçamento e os mais escolarizados preferiram manter a vogal fechada. Da mesma forma, o fator *idade* foi irrelevante para as realizações de /e/ pelos mesmos motivos e primordiais para as de /o/. A variante fechada [u] foi mais recorrente na fala dos mais idosos, enquanto a variante fechada [o] o foi na fala dos mais jovens.

A conclusão a que se chega, após esse levantamento de pesquisas sobre as vogais médias pretônicas, é que não se pode mais caracterizar o falar amazonense, quiçá o subfalar amazônico, na divisão dialetal proposta por Nascentes (1958), como um falar em que predomina a realização aberta, pois o que se observa é uma grande concorrência entre as vogais fechadas, abertas e altas, prevalecendo uma ou outra sempre com diferenças percentuais mínimas, a depender da região investigada, dos contextos privilegiados na análise e dos diversos fatores sociais que atuam sobre o fenômeno.

Não obstante a constatação da vogal aberta como menos incidente entre as três principais variantes em algumas pesquisas (MAIA, 2009; SILVA, 2009; QUARA (2012), Cruz e Brandão (2005), ao comparar os dados do ALAM e do ALiSPA, chamam atenção para o fato de que, embora a variante aberta ainda atinja índices expressivos nos estados do Amazonas e do Pará – 28,5% e 18,3% no ALAM e 36% e 21,1% no ALiSPA – são bem menores do que os índices encontrados em pesquisas realizadas no Nordeste, como por exemplo a de Silva (1991) sobre a fala de Salvador (60,3% para a vogal /e/ e 57,8% para a vogal /o/). Corroborando esses resultados, apresentam-se os dados do Acre, analisados em Dorneles e Chaves (2013), a partir de dados do projeto em andamento do *Atlas Linguístico do Acre – ALiAC*. Os autores analisaram a realização da vogal média anterior /e/ e constataram forte concorrência entre as vogais fechadas e abertas. Ainda que neste estado prevaleça a pronúncia de [ɛ] (41,4%), a pronúncia de [e] aparece com 38,5% do total de ocorrências.

Azevedo (2013), também lembra:

> Se fôssemos computar os dados de todas as pesquisas realizadas no Amazonas e no Pará, os maiores estados da região Norte em dimensão territorial e em número de habitantes, haveria uma predominância relativa em favor das variantes médias altas [e] e [o]. Em Manaus, que concentra a metade da população do Estado do Amazonas, predominam as variantes fechadas, conforme pesquisa de Quara (2012). Nas principais cidades do Estado do Amazonas, as quais [sic] conseguimos computar os dados do ALAM, ou seja, Parintins, Itacoatiara, Manacapuru e Tefé, predominam de forma expressiva as variantes médias altas [e] e [o] (p. 581).

Espera-se que os resultados apresentados nesta tese possam contribuir ainda mais para a caracterização do falar amazonense e nortista, no que concerne à realização das vogais médias pretônicas, uma vez que, à exceção dos munícipios de Lábrea e Humaitá, investigados no ALAM, o Sul do Amazonas ainda não foi alvo de nenhuma pesquisa envolvendo esse fenômeno.

#### 2.4.2.2 Variação lexical

É o nível lexical que melhor reflete a maneira como a comunidade de fala vê o mundo. Nesse nível, transparecem os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma sociedade, bem como as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas que ocorreram nessa comunidade (OLIVEIRA e ISQUERDO, 2001). Portanto, conhecer as variantes lexicais permite ao estudioso conhecer melhor a comunidade investigada.

De acordo com Oliveira (2001), no português brasileiro, existem muitas marcas de regionalismo diferenciadas entre si no que se refere ao campo lexical, geradas pela grande extensão territorial brasileira, pelo isolamento de muitas regiões do país e pela diversidade de influências exercidas pelos processos migratórios na ocupação dessas regiões.

O homem amazonense ainda vive da agricultura de subsistência, da pesca, da caça e da extração de produtos da floresta. Nesse universo permanecem vivas em seu imaginário as lendas, as crendices, as simpatias. O léxico amazonense, assim, é construído socialmente na relação do homem com a natureza (os rios, as matas, o tempo) e com os outros homens, nas brincadeiras infantis e outras diversões, nas negociações, nas festas populares, nas comidas típicas. Partindo desse pressuposto, observa-se que o léxico do Amazonas, assim como de toda a região amazônica, é repleto de palavras próprias, muitas de origem indígena,

nos nomes de milhares de espécies e plantas de animais da nossa fauna e flora, de palavras relacionadas ao cultivo principalmente da mandioca, da extração da juta e da pesca. Nem mesmo os habitantes dos grandes centros estão alheios a esse universo lexical regional, uma vez que estão cercados de produtos relacionados a essas produções.

Por outro lado, o Amazonas também passa por um processo de crescimento e desenvolvimento das cidades e até mesmo das comunidades ribeirinhas; um processo de escolarização mais efetivo de sua população nas mais longíquas comunidades; de inserção no universo tecnológico pelas novas gerações por meio da internet (principalmente das redes sociais), da televisão e outros meios de comunicação em massa; o contato com outras culturas por meio da migração de pessoas de diferentes regiões que encontram nesse contexto as possibilidades de melhores empregos. É natural que se observem, assim, transformações no léxico do homem amazonense, por meio da inserção de novas palavras e da extinção de outras. Tudo isso sem falar nas diferenças culturais e históricas de cada localidade, considerando a imensidão do território do estado. Esse Quadro define a variação lexical presente no léxico do homem amazonense de diferentes regiões do estado, de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, entre outros.

Os estudos dialetais no Amazonas, sob a perspectiva lexical, têm início também com os estudos de Corrêa (1980) sobre o falar “caboco” de Itacoatiara e Silves. Para apresentar o universo do caboclo amazonense, a pesquisadora procedeu a um levantamento das lexias que caracterizam o falar amazônico no que se refere aos taxemas *Família* (parentesco, saúde, alimentação), *Habitação* (estrutura, mobília, utensílios), *Vida Social* (festas, folclore, crendices, lendas, superstições*), Roça* (preparo do terreno, etapas da plantação, utensílios, qualidade de maniva, produtos alimentícios, etc.), *Juta* (cultura, local de plantação, local de armazenamento, local de secagem, qualidade da juta, etc.), *Pesca* (peixes de escama, peixes lisos, quelônios, instrumentos de pesca, tipos de pescaria, etc.), *Meios de Transporte* (transporte fluvial, partes componentes, etc.), *Terra* (fenômenos naturais, vegetação) e *Modos de Dizer* (palavras, expressões, provérbios). Foram coletadas 600 lexias em todos os domínios semânticos descritos acima, seja por meio das entrevistas, seja por meio de observações assistemáticas. Os taxemas que apresentaram maior número de lexias foram os da *Pesca*, com 133 lexias, da *Mandioca*, com 122 lexias, e da *Juta*, com 72 lexias, que representam as atividades

de produção do caboclo amazonense de Itacoatiara e Silves.

Essas lexias foram analisadas de acordo com o modelo de Pottier (1978) em lexia simples (palavra tradicional), lexia composta (resultado de integração semântica manifestada formalmente), lexia complexa (sequência em vias de lexalização) e lexia textual (lexia complexa presente em um enunciado ou texto). Foram identificadas 180 lexias simples, 242 lexias compostas, 176 lexias complexas e duas lexias textuais.

A pesquisa aponta ainda os aspectos onomasiológicos e semasiológicos das lexias coletadas, os quais se mostram bastante úteis para a análise comparativa que se pretende apresentar nesta tese, uma vez que, a partir desses aspectos, é possível determinar as formas, os significantes ou as designações para os significados que têm expressão linguística dentro do contexto e situação estudados – aspecto onomasiológico – e obter as significações por meio da relação entre as lexias integradas em mais de um contexto ou situação, determinando os diferentes significados que apresentam – aspecto semasiológico. Em outras palavras, Corrêa (1980) apresenta as variações de formas lexicais para o mesmo conceito (significado) e de conceitos para a mesma forma lexical presentes no falar do caboclo amazonense de Itacoatiara e Silves.

Dessa forma, elaborou-se um Quadro (Apêndice 4) onde se registram as lexias coletadas por Corrêa (1980) que apresentaram variação na análise dos aspectos onomasiológicos e correspondem aos conceitos contemplados no questionário semântico-lexical (QSL) do ALSAM, para efeitos comparativos.

É importante observar que a pesquisa de Corrêa (1980) objetivou fazer um levantamento de lexias para apresentar o falar do caboclo, mas foi o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004) a pesquisa pioneira em mapeamento da variação linguística do Amazonas, considerando todas as microrregiões do estado. Os resultados mais relevantes do ALAM, no âmbito lexical, bem como a formatação de sua metodologia, foram apresentados na seção 2.4.1. O Apêndice 5 traz, também para fins comparativos, as variações lexicais encontradas por Cruz (2004) para as questões do QSL comuns ao ALAM e ao ALSAM.

As cartas do ALAM que apresentaram divergência entre a variante mais incidente no estado e a mais incidente no sul do Amazonas (dados das microrregiões do Purus e Madeira) foram sombreadas no Quadro. As variantes coletadas no sul do Amazonas foram colocadas na célula em ordem de incidência.

Dessa forma, observa-se a divergência dos resultados de 17 cartas nesta análise. Assim, *sereno* é mais recorrente no sul do Amazonas em detrimento de chuvisco, mais frequente no Estado, *maria-de-barro* é usado para joão-de-barro, *bolacha* para rótula, *pé-inchad*o para bebarrão/bêbado/bebedor, *corredeira* para correnteza, *calambota* para carambola, *barco* para batelão, *ferida de boca* para afta, entre outras diferenças apresentadas no Quadro do Apêndice 5.

É importante observar que as linhas no Quadro marcadas pelo asterisco (*) não apresentam formas em variação, pois se trata de cartas derivadas (DER) de questões diversas. Uma das opções metodológicas usadas para a formulação dessas cartas foi a reunião de conceitos previamente estipulados para cada questão que as gerou com base em um conceito original ou um arquiconceito. Dessa forma a carta 124, *Peixe de couro da família pimelodidae,* reúne respostas das questões QSL 075 (peixes mais conhecidos da região), QSL 077 (Jaraqui) e QSL 082 (Pirarara). Logo, não se pode falar em variantes nesse caso. O que se apresenta são as formas mais citadas, as quais podem ser entendidas como as mais conhecidas na região. Essas cartas foram muito produtivas em relação aos campos semânticos da fauna, da flora, de remédios caseiros e de superstições.

Fato também interessante para a pesquisa realizada pelo ALSAM é que a análise das cartas semântico-lexicais do ALAM mostrou não só as diferenças entre os falares do sul amazonense e os falares amazonenses, mas também as diferenças até mesmo no Sul do Amazonas, entre as microrregiões do Purus (Purus e Boca do Acre nesta pesquisa) e do Madeira. Por exemplo, na carta 148, a variante *casco* é predominante no Madeira enquanto a variante *canoa* o é no Purus; na carta 146, verifica-se maior incidência da variante *garera* no Madeira e *gamela* no Purus; a carta 106 mostra a forma *espinhel* em ambas as microrregiões, mas apenas *groseira* para a microrregião do Madeira, entre outras.

A fim de contribuir para o registro e compreensão do léxico amazonense, Barbosa (2013) fez um levantamento da variedade linguística de Santa Tereza do Matupi, Boa Fé e São Pedro, comunidades povoadas por afrodescendentes e autorreconhecidas como quilombolas, situadas no município de Barreirinha, Baixo Amazonas.

Os informantes investigados, 18 no total, são naturais das localidades, analfabetos ou com pouca escolaridade, com pouco contato com falantes de outras localidades. Foram distribuídos por *sexo* e *idade*, de acordo com a estratificação do

ALAM. O questionário aplicado foi o QSL do *Atlas Linguístico do Amazonas*, que contempla, como observado na seção 2.4.1, as variadas atividades cotidianas comuns ao homem rural. Os dados foram cartografados e geraram 272 cartas que apresentam um recorte do léxico das comunidades investigadas.

Quanto aos resultados, a autora analisa a origem de 53 itens lexicais que chamam atenção por sua origem, por sua produtividade e por sua comparação com os dados do ALAM. Por tal comparação, observa-se que

> seu sistema linguístico (das comunidades investigadas) não é o mesmo de outras comunidades amazônidas e muito menos ao do restante das comunidades brasileiras. Da mesma forma que não é estranho nem alheio em sua comparação com outros falares quilombolas, amazônidas ou brasileiros (p.84).

O estudo mostra marcas da africanidade no léxico dessas comunidades em palavras como *goronga, banguela, caçula, cangote, catinga*, entre outras tão comuns na língua portuguesa falada no Brasil, mas também mostra a influência de línguas indígenas (principalmente do tronco tupi) em vocábulos como *mutirão, mandioca, mingau*, entre outros.

Os resultados apresentados sobre a origem etimológica dos itens lexicais identificados estão descritos no Quadro 7.

**Quadro 7** – Origem etimológica dos itens lexicais apresentados em Barbosa (2013)[30]

| CAMPO SEMÂNTICO | ORIGEM ETIMOLÓGICA |
|---|---|
| Meio Físico: A Terra e os rios | **Latim: 51%**, Tupi: 28%, Bantu: 5%, Outras: 16% |
| Meio Físico: Fenômenos atmosféricos | **Latim: 94%**, Espanhol: 6% |
| Meio Biótico: Aves | **Tupi: 38%**, Latim: 38%, Espanhol: 13%, Língua geral ou Nhengatu: 13% |
| Meio Biótico: Peixes | **Tupi: 69%**, Língua geral ou Nhengatu: 19%, Bantu: 6%, Caribe: 6%, Latim: 6% |
| Meio Biótico: Quelônios e mamíferos | **Tupi: 44%**, Latim: 22%, Italiano: 11%, Bantu: 11%, Língua geral ou Nhengatu: 11% |
| Meio Biótico: Flora aquática e terrestre | **Língua geral ou Nhengatu: 50%**, Latim: 33%, Tupi: 17% |
| Meio Antrópico: Homem | **Latim:47%**, Bantu: 24%, Espanhol: 12%, Tupi: 6%, Outras: 12% |
| Meio Antrópico: Homem, alimentação e saúde | **Tupi: 38%**, Regionalismos brasileiros: 25%, Bantu: 19%, Outras: 18% |
| Meio Antrópico: Atividades de produção, a roça, o cultivo da mandioca, caça e pesca | **Tupi: 39%**, Latim: 36%, Francês: 14%, Outras: 11% |

**Fonte:** Elaboração do autor a partir dos dados de Barbosa (2013).

[30] Barbosa (2013) não apresenta critérios para separar o latim das línguas de origem românica, como o italiano, o francês e o espanhol. A autora apenas apresenta, em um quadro (Anexo D de seu trabalho), as fontes que classificaram a origem de itens lexicais como tais.

Por esses resultados, Barbosa (2013) conclui que as línguas africanas do grupo bantu contribuem para o léxico dos moradores das comunidades investigadas, mas não de forma predominante, e atribui esse resultado ao fato de os fundadores terem se unido maritalmente com pessoas da região (indígenas ou não) que falavam a língua portuguesa, segundo relatos dos moradores das comunidades. As contribuições do bantu são mais abundantes no campo meio antrópico, sendo raros os casos de africanismos em outros campos.

Como se observa no Quadro 7, as maiores contribuições são do tupi e do latim, o que parece demonstrar que os negros, por estarem cercados por falantes mais numerosos de português e da línguas indígenas, adotaram o linguajar da região (BARBOSA, 2013, p. 113).

A pesquisa de Azevedo (2013) também faz uma análise comparativa do léxico de duas regiões amazônicas, uma no estado do Amazonas (Médio Solimões) e outra no estado do Pará (Baixo Amazonas). Essa pesquisa apresenta 61 cartas semântico-lexicais cujos resultados refletem o universo léxico das duas regiões investigadas e mostram diferenças entre ambas. A região do Baixo Amazonas apresenta um falar mais homogêneo dentre as localidades investigadas. Nessa região, 21 itens lexicais não apresentaram variação, enquanto na região do Médio Solimões apenas dois itens lexicais ocorreram de forma categórica, demonstrando maior heterogeneidade lexical entre as localidades investigadas. O pesquisador atribui esse resultado à diferença de abrangência de uma região para outra. Enquanto as investigações no Baixo Amazonas compreendem apenas duas comunidades de um único município, as do Médio Solimões compreendem sete localidades em três municípios.

No que se refere aos fatores sociais (sexo, idade, escolaridade), a variação foi insignificante, estando a análise pautada principalmente em parâmetros diatópicos, segundo os quais se constata não haver muita variação no que concerne, por exemplo, ao nome de frutas. Esses nomes são empréstimos indígenas ao português brasileiro. No entanto ainda é possível registrar formas diferentes para o mesmo referente como *catauari*, presente no Baixo Amazonas, e *catoré*, no Médio Solimões, para designar a fruta que o tambaqui come; e ainda, *araçá* e *camu-camu (camon-camon)*, presentes no léxico do Baixo Amazonas e do Médio Solimões, respectivamente.

Outras diferenças entre as regiões investigadas podem ser citadas

como exemplo, sendo o primeiro referente ao Baixo Amazonas e o segundo ao Médio Solimões: *apapá* e s*ardinhão* (carta 1), *pratinho* e *bolacha* (carta 16), *muchila* e *cupim* (carta 44), *culhão* e *ovo* (carta 45), entre outras. No entanto, Azevedo (2013) conclui:

> Embora, tenha havido algumas divergências quanto à escolha das variantes lexicais, em se tratando de um mesmo referente, entre os pontos de inquérito tanto do Médio Solimões quanto do Baixo Amazonas, no cômputo regional houve destaque para uma mesma variante lexical como sendo a mais expressiva, mantendo, assim, a unidade linguística entre os falantes da região solimoense e entre os falantes da região jurutiense (p. 574).

Mais recentemente, Gonçalves (2015) elegeu como objeto de investigação a variação lexical amazonense, examinando o léxico de migrantes do interior do estado (Itacoatiara, Manacapuru e Tefé) que vivem há pelo menos cinco anos na capital do estado, Manaus. Com esse estudo, Gonçalves (2015) buscou saber se houve mudança na identidade linguística desses migrantes. Para isso, a pesquisadora comparou seus dados às pesquisas do ALAM (CRUZ, 2004) e do dicionário regional Amazonês (SOUZA, 2011), o primeiro, como parâmetro do falar do interior e o segundo, com o da capital.

A pesquisa apresentou um gráfico com a frequência das variantes para cada questão e Tabelas comparativas dos resultados com os dados das pesquisas de Cruz (2004) e Souza (2011). Os resultados apontaram um índice de mudança em relação ao ALAM de 59% das palavras e de assimilação de termos do Amazonês em 40%. A análise da identificação de caboclo, atribuída aos migrantes interioranos revela que estes estão muito confortáveis em relação a essa atribuição e sentem até orgulho de ser assim identificados. Logo, “a identidade linguística não é consonante com a identidade ética” (GONÇALVES, 2015, p. 267). Por outro lado, a assimilação em relação ao falar da capital em apenas 40% dos dados é explicada pela relação social dos informantes, restritas ao ambiente familiar e de trabalho.

Gonçalves (2015) apresenta também uma análise da origem das palavras que não coincidiram com as pesquisas investigadas, observando, a exemplo de Barbosa (2013), que a origem das palavras que compõem o léxico dos informantes é em sua maioria latina/portuguesa (45%), seguida da origem tupi (16%) e africana (9%), o que já se esperava, considerando o processo sócio-histórico-cultural brasileiro.

As pesquisas aqui elencadas apresentam múltiplos recortes do léxico

amazonense, considerando as influências principalmente das línguas indígenas e africanas na língua portuguesa falada em um contexto ainda tão primitivo que é o contexto do caboclo amazônico, por meio de seus aspectos econômicos (a roça, a juta, a caça) ou culturais (as festas, a música, as lendas, a medicina caseira). No entanto, a sociedade amazonense comporta inúmeras localidades tão distantes umas das outras, as quais também vêm passando por um processo de urbanização constante, o que implica a necessidade de realização de muitas outras pesquisas como essas para a caracterização do léxico do caboclo amazonense, bem com a compreensão de todo esse processo de mudança linguística pelo encurtamento das distâncias e dos isolamentos, advindos da inserção de tecnologias no contexto amazônico.

### 2.4.3 Outros Estudos e Considerações Gerais sobre a Dialetologia no Amazonas

Além dos estudos destacados anteriormente, verificam-se outros tantos que revelam o interesse, principalmente a partir dos anos 2000, em conhecer os falares que compõem o universo linguístico amazonense nos níveis de análise fonético-fonológico e semântico-lexical. A título de ilustração, o Quadro 8, a seguir, apresenta algumas dessas pesquisas que também contribuem significativamente para a caracterização linguística do homem amazonense. Trata-se de dissertações desenvolvidas em programas de pós-graduação da UFAM.

**Quadro 8** – Outras pesquisas dialetológicas realizadas no Amazonas

| REFERÊNCIA | OBJETO/REGIÃO INVESTIGADOS | RESULTADOS GERAIS |
|---|---|---|
| Torres (2009) | Realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ em Itapiranga e Silves (Médio Amazonas) | /ʎ/ se realiza predominantemente como palatal, com poucos casos de vocalização; /ɲ/ se realiza predominantemente como palatal, mas se registram realizações vocalizadas e também o apagamento. |
| Santos (2013) | Descrição da nasalidade em Comunidade do Andirá, Barreirinha (Baixo Amazonas) | Não nasalização de vogais em ambientes fonológicos que, por convenções usuais da língua portuguesa brasileira, devem sofrer, ao menos, uma leve nasalização, a exemplo da variação que ocorre no português arcaico produzida em Lisboa-Coimbra na época dos cancioneiros portugueses. |
| Berçot-Rodrigues (2014) | Realização da fricativa glotal em Manaus | Todas as fricativas, com exceção de [f] sofrem enfraquecimento, sendo [s] e [ʃ] as que mais são realizadas como glotal. O fenômeno é mais recorrente na fala de homens, idosos e menos |

| | | |
|---|---|---|
| | | escolarizados. |

**Fonte:** Elaboração do autor a partir dos dados de outras pesquisas no Amazonas.

Considerando as obras pesquisadas, pode-se apresentar um Quadro geral sobre a língua portuguesa falada no Amazonas:

*(i) Aspectos Fonético-fonológicos*

a. Vocalismo:

- Vogal posterior tônica /o/: o alçamento para [u], tão recorrente há algumas décadas, parece ser um fenômeno em extinção na maioria das regiões do estado, embora ainda seja falado pelos mais velhos e menos escolarizados;
- Vogais médias pretônicas /o/ e /e/: há uma concorrência muito grande entre as variantes fechadas, abertas e altas, sendo a primeira mais recorrente na maioria das regiões;
- Ditongos: há forte concorrência entre a manutenção e a monotongação dos ditongos /ej/ e /ow/, no entanto os estudos mais atuais vêm mostrando maiores índices de monotongação, principalmente de /ow/.

b. Consonantismo:

- Oclusivas alveolares /d/ e /t/: realizam-se categoricamente como africadas [dʒ] e [tʃ] antes de vogal alta i;
- Fricativas /v/, /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/: podem ser enfraquecidas e pronunciadas como glotal [h], tanto em ataque quanto em coda silábica, a exemplo da fala nordestina (BUENO, 1967; ARAGÃO E SOARES, 1996; PELICIOLI, 2008), especialmente da fala cearense (RONCARATI, 1999; ALENCAR, 2007; ARAGÃO, 2009; RODRIGUES *et al*. , 2013), sendo o /s/ e /ʃ/ os fonemas mais afetados por esse fenômeno;
- /S/ em coda silábica: apresenta forte concorrência entre as variantes alveolar e alveopalatal na região metropolitana, no entanto, no

interior do estado, demarca áreas de uso quase categórico para uma ou outra variante. Os limites ainda precisam ser mais bem investigados, porém acredita-se que os falares dos rios Negro e Amazonas sejam caracterizados pela pronúncia alveopalatal e o das demais regiões pela pronúncia alveolar;

- /R/ inicial, intervocálico e em coda medial: predomina quase categoricamente a variante glotal [h];
- /R/ em coda silábica final: ocorrem muitos casos de apagamento não só em verbos (mais comum), mas também em nomes como *coador*, pronunciado *coadô;*
- Lateral palatal /ʎ/: realiza-se palatalizada [lʲ] ou como palatal /ʎ/, sendo raros os casos de iotização;
- Lateral alveolar antes de [i, j]: realiza-se palatalizada [lʲ] ou como palatal /ʎ/, porém os falantes de municípios da parte sul do estado utilizam a variante alveolar, conforme se observará nos resultados desta pesquisa;
- Lateral em coda silábica: realiza-se categoricamente como semivogal [w];
- Nasal palatal /ɲ/: É apagada, apresenta-se como semivogal nasalizada [j̃] ou como [nʲ], a depender do contexto linguístico em que se insere. Apenas nas regiões mais próximas ao estado do Pará a palatalização é mais frequente, como é o caso do Médio e Baixo Amazonas (Parintins, Itapiranga, Silves, etc.).

A variação morfossintática do falar amazonense ainda carece de maiores investigações, tendo em vista a incipiência de pesquisas realizadas nesse campo. Portanto, opta-se por não abordá-la nesta tese.

*(ii) Aspectos Semânticos-lexicais*

O léxico amazonense está repleto de palavras relacionadas às atividades de produção, principalmente os referentes à pesca, ao extrativismo e à agricultura, na qual se destaca a cultura da mandioca.

No campo lexical, o falar amazonense pode ser considerado homogêneo, pois há uma distribuição uniforme do uso de determinadas variantes entre as regiões do estado já investigadas. São raros os casos em que se pode delimitar uma região pelo uso de uma variante lexical. No ALAM, a leitura da carta semântico-lexical 146, *Gamela* (recipiente que se usa para guardar a massa de mandioca que sai do tipiti ou da prensa) permite afirmar que as variantes *caixa* e *coxo* ocorrem com mais frequência nos municípios mais ao Sul e ao Oeste do estado (Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá), no entanto ainda se observa a variante *coxo* em Barcelos, ao Norte, no Alto Rio Negro. A variante *garera*, por sua vez, é mais frequente no Centro e ao Leste e Norte do estado (Tefé, Barcelos, Manacapuru, Parintins), todavia é encontrada também em Humaitá, ao Sul, no Madeira. É realmente de se admirar que em um estado tão grande, onde muitas comunidades ainda vivem isoladas pelas dificuldades de acesso, o léxico seja tão uniforme. Acredita-se que a resposta para essa questão esteja no fato de as localidades terem se formado pelo mesmo processo de ocupação e manterem até hoje as mesmas configurações sócio-econômico-culturais.

A recorrência de algumas palavras em determinadas regiões indica influência indígena na origem das palavras do universo do caboclo – *taperebá, tucumã, pirarucu, tipiti, tucupi, curumin, cunhantã, mutirão* e inúmeros exemplos da fauna e da flora amazônicas – e a forte presença nordestina na constituição cultural do estado – *cajá, avexado, lesa, menina acesa, menino danado,* entre outras.

A pesquisa que ora se apresenta diligenciou concorrer para uma melhor compreensão desse Quadro, por meio da investigação linguística no Sul Amazonense. Para isso, seguiram-se os passos metodológicos elucidados no capítulo a seguir.

# 3 PRINCÍPIOS E CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, a pesquisa realizada para esta tese se fundamentou na Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1998), entendida como método da Dialetologia, consagrado desde o início do século passado com a elaboração do *Atlas Linguístico da França – ALF* e aperfeiçoado a partir da década de 60, com a adesão dos pressupostos teóricos da Sociolinguística. Esse método pressupõe o registro de um número razoável de formas linguísticas por meio de pesquisa direta em uma rede de pontos de determinado território ou que, ao menos, considere a distribuição de formas no espaço geográfico, correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares investigados (COSERIU, 1987, p. 79).

Essas novas configurações do método têm orientado a maioria dos trabalhos geolinguísticos na atualidade e esta pesquisa não é diferente. Os informantes, naturais das localidades investigadas, foram estratificados em *idade, sexo* e *escolaridade*, contemplando quatro dimensões: diatópica, diageracional, diassexual e diastrática, respectivamente.

O método geolinguístico, segundo Cardoso (2010, p.89), está fundamentado em um tripé básico constituído pela rede de pontos, os informantes e os questionários, por sua vez, estabelecidos à luz de diferentes perspectivas, orientadas também por diversos procedimentos teóricos. A seguir apresenta-se como se constituiu cada um desses aspectos desta pesquisa.

## 3.1 REDE DE PONTOS

A área de investigação em uma pesquisa dialetológica é definida em razão do espaço ou de suas caraterísticas linguísticas. A composição da rede baseia-se na situação geográfica, na história, nas interferências de que tem sido objeto, no tipo de povoamento, na situação econômica e demográfica e na relação com outras áreas. Desse modo, apresenta-se ao pesquisador uma gama de opções, desde uma localidade, um estado, uma região, um país, até mesmo um continente (CARDOSO, 2010, p. 89). Nesta pesquisa, optou-se por estudar a Mesorregião do Sul Amazonense a qual compreende dez municípios, localizados às margens dos rios Purus e Madeira.

A exemplo de Cruz (2004), na constituição da rede de pontos do *Atlas*

*Linguístico do Amazonas*, consideram-se, nesta tese, as instruções de Brandão e Moraes (1995, p. 219), as quais apontam a necessidade de eleger pelo menos dois dos seguintes critérios para a seleção da rede de pontos: (i) histórico, que privilegia áreas de povoamento mais antigas; (ii) geográfico, que busca distribuir os pontos uniformemente no espaço estudado; (iii) demográfico, por meio da densidade populacional, privilegiando áreas mais povoadas; (iv) socioeconômico, por meio das atividades econômicas predominantes na área.

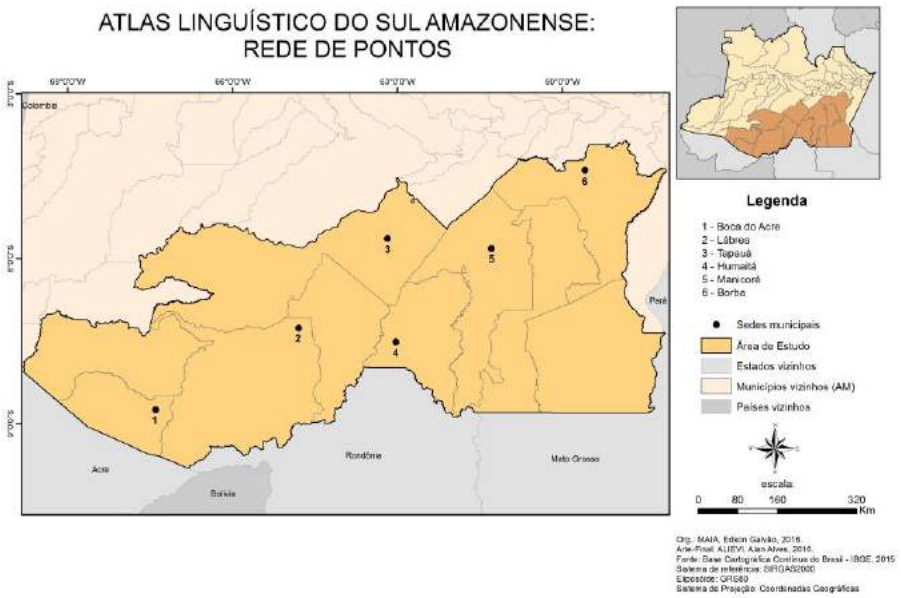
Logo, dentre os dez municípios da mesorregião, foram selecionados: **Boca do Acre** (Ponto 1)**, Lábrea** (Ponto 2)**, Tapauá** (Ponto 3)**, Humaitá** (Ponto 4)**, Manicoré** (Ponto 5) e **Borba** (Ponto 6), cuja escolha obedeceu à junção de todos esses critérios, da seguinte forma:

a. O critério histórico é contemplado com a escolha de Boca do Acre, Lábrea, Borba e Humaitá, os primeiros municípios fundados na região;

b. Os critérios demográfico e socioeconômico, por sua vez, estão contemplados em todos os pontos, por se tratar dos seis municípios mais populosos e mais desenvolvidos da região;

c. O critério geográfico foi observado, na medida do possível, pois a disposição dos seis pontos abrange todo o território da mesorregião, conforme se observa no mapa:

**Figura 29** – Rede de Pontos do ALSAM




**Fonte**: Organização do autor por meio da Base Cartográfica Contínua do Brasil (IBGE, 2015).

A disposição dos pontos do mapa deixa clara a configuração das localidades amazonenses, sempre à margem dos rios. Os /pontos se distribuem em duas linhas do sul ao centro amazonense, seguindo o curso das águas do Purus (Ponto 1, 2 e 3) e do Madeira (Pontos 4, 5 e 6). Entre esses pontos estão localizados os demais municípios excluídos da pesquisa: Pauini (entre os pontos 1 e 2), Canutama (entre os pontos 2 e 3) e Novo Aripuanã (entre os pontos 5 e 6).

A escolha de alguns pontos que já foram objeto de estudo de outras pesquisas visou ainda a análises comparativas: Lábrea e Humaitá compõem a rede de pontos do *Atlas Linguístico do Amazonas;* Humaitá também é ponto do *Atlas Linguístico do Brasil*; Borba tem um aspecto fonético investigado na tese de Campos (2009); Boca do Acre, Lábrea e Tapauá também foram alvo de pesquisa fonética realizada por Maia (2012). Além disso, Lábrea, Humaitá, Manicoré e Borba estão entre os pontos sugeridos por Nascentes (1958) para o estado do Amazonas.

O Quadro 9 traz um resumo de informações[31] sobre cada uma das localidades selecionadas.

**Quadro 9** – Informações básicas sobre a rede de pontos do ALSAM

| PONTO | **1** | **2** | **3** | **4** | **5** | **6** |
|---|---|---|---|---|---|---|
| LOCALIDADE | **Boca do Acre** | **Lábrea** | **Tapauá** | **Humaitá** | **Manicoré** | **Borba** |
| COLONIZAÇÃO | 1878 | 1871 | 1938 | 1693 | 1797 | 1728 |
| POVOAMENTO | Cearenses | Cearenses e Maranhenses | Cearenses | Índios / nordestinos | Paraenses, portugueses e índios / nordestinos | Portugueses e índios / nordestinos |
| MOTIVO DE POVOAMENTO | Exploração da borracha | Exploração da borracha | Exploração da borracha | Missões / Exploração da borracha | Facilitação de transações comerciais / Exploração da borracha | Missões Exploração da borracha |
| MIGRAÇÃO | Sul, Sudeste e Centro-Oeste | Sul, Sudeste e Centro-Oeste | - | Sul, Sudeste e Centro-Oeste | Sul, Sudeste e Centro-Oeste | - |
| MOTIVO DE MIGRAÇÃO | Expansão da fronteira agrícola | Expansão da fronteira agrícola | - | Expansão da fronteira agrícola | Expansão da fronteira agrícola | - |
| ÁREA | 21.936,6km$^2$ | 68.233,9 km$^2$ | 89.325,2 km$^2$ | 33.111,1 km$^2$ | 48.315,02 km$^2$ | 44.236,1 km$^2$ |
| POPULAÇÃO | 34.176 hab. | 44.861 hab. | 17.930 hab. | 53.383 hab. | 54.708 hab. | 40.464 hab. |
| DENSIDADE DEMOGRÁFICA | 1,55 hab/km$^2$ | 0,65 hab/km$^2$ | 0,20 hab/ km$^2$ | 1,61 hab/km$^2$ | 1,13 hab/km$^2$ | 0,91 hab/km$^2$ |
| ID HUMANO | 0.588 | 0.531 | 0.502 | 0.605 | 0.582 | 0.560 |
| DISTÂNCIA DA CAPITAL | 950 km | 784 km | 565 km | 675 km | 390 km | 250 km |

**Fonte:** Elaboração do autor com base em dados do IBGE e fontes históricas dos municípios.

[31] Para maiores informações sobre os aspectos geográficos, históricos e socioculturais desses pontos, conferir o capítulo 1 desta tese.

## 3.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Ferreira e Cardoso (1994, p.30) e Cardoso (2010, p. 95) apontam duas opções de instrumentos para recolha de dados de caráter dialetal *in loco*: aplicação de questionário e conversa livre. A escolha do método deve, assim, ser guiada pela natureza e objetivos da pesquisa, sem, todavia, perder de vista a adequação à área pesquisada. Silva Neto (1957, p.28), referindo-se ao método de conversação livre em comparação ao método de aplicação de questionários, assim se manifesta: "[...] parece-nos que o emprego do questionário oferece resultado mais proveitoso e materiais mais dignos de confiança".

Certamente, o fato de as respostas poderem ser controladas pelo inquiridor e a possibillidade de ser aplicado em outras regiões para uma comparação de resultados, faz do questionário o instrumento ideal para os objetivos definidos para a pesquisa desta tese. Por outro lado, uma entrevista, simplesmente por sua natureza, já é uma situação de formalidade, o que pode prejudicar a fidelidade dos resultados. Sendo a entrevista realizada por meio de questionário, o informante pode evitar a articulação de formas que considera menos privilegiadas pela comunidade, em um fenômeno denominado por Labov (1983, p. 266) de "paradoxo do observador".

Mota (2014, p. 81) aponta a variedade de tipo de questão do questionário como um dos fatores para a minimização desse paradoxo.

Brandão (1991, p. 34) orienta que se siga a sugestão de Trudgill (1983), o qual propõe que se aliem os dois instrumentos com vistas a fazer emergir a fala espontânea, fluente, ao passo que se apreendem traços que raramente ocorreriam na fala de todos os informantes. Em outras palavras, o questionário garante a padronização necessária para a cartografia dos dados e o registro de elocução livre garante a espontaneidade da linguagem investigada.

Para a concepção da pesquisa para esta tese optou-se pela aplicação de dois questionários (fonético-fonológico e semântico-lexical), a fim de abarcar a investigação de maior número de fenômenos linguísticos comuns na região investigada, com perguntas do tipo *naming* – que pedem uma denominação do informante – e *completing* – que pedem que ele complete uma elocução (CHAMBERS E TRUDGILL, 1980, p. 25). Aos questionários somam-se registros de pelo menos 15 minutos de conversação livre, em que o informante fala sobre sua

vida na localidade.

Considerando-se as ruralidades e urbanidades presentes nos municípios investigados, conforme discussão na seção anterior, a escolha das questões que nortearam este estudo buscaram revelar essa pluralidade de hábitos presentes nos sujeitos residentes nas localidades investigadas, o que implicou não apenas considerar pesquisas anteriores, mas elaborar um questionário preliminar a ser testado em pelo menos uma das localidades escolhidas para a pesquisa. Com esse procedimento é possível evitar um grande número de perguntas sem respostas – aquelas que exigem conhecimento da dinâmica rural pelo falante urbano.

Assim, para a elaboração dos questionários foram privilegiadas questões do ALiB e do ALAM, o que subsidiará estudos comparativos, todavia, após um levantamento feito na área em estudo, foram acrescidas questões novas, que contemplam a realidade linguística local, segundo orientações de Cardoso (2010, p.95)

Inicialmente foram elaboradas 507 questões, das quais 310 compunham o Questionário Semântico-lexical (QSL), 170 o Questionário Fonético-fonológico (QFF) e 27 o Questionário Morfossintático (QMS)[32]. Considerando a natureza da pesquisa, a abrangência do projeto e principalmente a necessidade de aproveitamento dos dados de variação linguística de fato e de acordo com a realidade regional, evitando-se ausência de respostas, bem como a necessidade de testar as novas questões inseridas, optou-se por realizar uma aplicação-piloto. Esse teste foi realizado na localidade de Lábrea, escolhida como localidade-piloto, no mês de agosto de 2014. Foram coletados dados de falantes que obedeciam ao perfil estabelecido para a pesquisa e se enquadravam nas categorias sociais pretendidas.

Registrou-se, então, a frequência de respostas dadas a cada pergunta em uma Tabela, de acordo com a seguinte legenda e instrução:

a. Muitas respostas: a questão permanece;

b. Mais respostas do que não-respostas: a questão deve ser analisada;

c. Mesma quantidade de respostas e não-respostas: a questão deve

[32] No projeto inicial, os questionários preliminares continham o QMS, no entanto, após a aplicação-piloto optou-se pela exclusão deste questionário, tendo em vista as dificuldades na obtenção das respostas pelos informantes e a amplitude que os dados trariam ao trabalho, desenvolvido como tese com tempo previsto de conclusão. Dessa forma, optou-se por coletar discursos semidirigidos (conversação livre) para estudos de ordem morfossintática em pesquisas futuras.

ser analisada;

d. Menos respostas do que não-respostas: a questão deve ser excluída.

Após essa etapa, foram analisadas as questões referentes às alíneas b e c com base em sua incidência e a produtividade em outras pesquisas. Assim, conceitos que tradicionalmente figuram em outros atlas regionais foram mantidos, por permitir uma análise comparativa com os dados futuros deste estudo.

Em seguida, foram observadas se as respostas dadas pelos informantes apresentaram variação. Verificou-se que muitas questões eram improdutivas para a pesquisa nessa região por vários motivos. Os conceitos *piranha*, *xará*, *remo*, *candiru*, são exemplos de lexemas cristalizados na fala do sul amazonense. Nesses casos, as questões foram retiradas por não apresentar variação. No entanto, há casos em que a variação lexical impossibilita a pesquisa no nível fonético-fonológico. Pode-se citar como exemplo a questão do QFF que esperava a resposta *ímã*, aquilo que atrai coisas pequenas de metal, como agulha, prego, alfinete, para que se analisasse a nasalidade presente na palavra, porém, a resposta que se ouve de quase todos os informantes é *azougue*.

Conforme se previa, alguns conceitos do meio rural se perderam devido à urbanidade já presente na sede municipal investigada, como, por exemplo, a expressão *boca da noite* que representava resposta à questão *Como se chama aqui a parte do dia em que o sol se põe?* Por seu turno, muitos conceitos considerados rurais ainda se mostraram bastante presentes na fala dos informantes investigados, principalmente os relacionados à cultura de produtos agropecuários, à gastronomia e à medicina caseira.

Dessa forma, os questionários definitivos para a pesquisa são dois: a) Questionário Semântico-Lexical (QSL); b) Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Esses questionários, apresentados a seguir, compreendem juntos 389 questões, a grande maioria sobre orientação onomasiológica, que objetivaram revelar características do falar sul amazonense, resultados de profunda pesquisa em trabalhos anteriores e na própria região investigada, o que pode garantir tanto uma análise geral em primeira instância, quanto análises mais aprofundadas posteriormente.

### 3.2.1 Questionário Fonético-Fonológico – QFF

O QFF do Atlas Linguístico do Sul Amazonense compõe-se de 125 questões, no âmbito do vocalismo e do consonantismo, com vistas a apurar variantes fonéticas também presentes em outros atlas (ALiB, ALAM, AFBAM, ALFARiN) e apontadas como promissoras para a caracterização e delimitação da área linguística pesquisada. Está estruturado conforme mostra o Quadro exposto no Apêndice 6.

Como se pode observar no Quadro mencionado, a estruturação do QFF buscou contemplar os contextos linguísticos analisados em cada fenômeno fonético investigado em pesquisas anteriores, a fim de permitir uma análise mais aprofundada por meio do controle também das variáveis linguísticas.

### 3.2.2 Questionário Semântico-Lexical – QSL

O QSL do Atlas Linguístico do Sul Amazonense, por sua vez, compõe-se de 264 questões, abrangendo três grandes áreas semânticas – Meio Físico, Meio Biótico e Meio Antrópico e suas respectivas subáreas, com vistas a apurar as variedades lexicais também presentes no universo linguístico do homem sul-amazonense. No Quadro disposto no Apêndice 7, apresenta-se sua estrutura em consonância com os domínios semânticos privilegiados:

É possível observar que 54% do questionário semântico-lexical do ALSAM é constituído por questões do ALAM. As demais questões (46%), em sua maioria no domínio da área Meio Antrópico, atendem à necessidade local, tendo em vista as urbanidades dos municípios, a dimensão diageracional e diastrática controlada na pesquisa e a nova configuração sócio-econômica da mesorregião com a expansão da fronteira agrícola, na década de 70, que tem modificado a paisagem local e colocado o agronégócio entre as principais atividades econômicas do homem sul-amazonense.

Constituem o aspecto urbano desta pesquisa, além de outros lexemas inseridos em outras subáreas, a investigação das 10 questões da subárea Vida Urbana: *sinal* (semáforo), *quebra-mola*, *calçada*, *terreno*, *bola* (rotatória), *taberna, estancar* (afogar o carro)*, a retalho* (compra em quantidades menores), *bico* (serviço temporário informal) e *rancho* (compra do mês para armazenar em casa). Algumas

correspondem aos QSL do ALiB, outras, por sua vez, atendem à realidade local.

Entre questões do ALAM, que já possibilitavam a investigação entre faixas etárias e níveis de escolaridades, como *sovaco* (axila)*, banguela* (desdentado)*, papeira* (caxumba)*, patela* (rótula)*, sutiã, menstruação*, acrescentaram-se outras como *direito* (destro)*, útero, testeira* (cabeceira) e *travessa* (tiara). Para cumprir a mesma função, acrescentou-se uma subdivisão à subárea Relações sociais, convívio e comportamento social, por meio da qual se investigam lexemas como *corno, velhaco, gringo, homossexual, puxa-saco, ribeirinho, negro, mulato* e *caboclo*, não investigadas pelo ALAM, que podem revelar tabus e preconceitos, referentes às relações sociais na região.

Quanto à subárea Atividade de Produção, aproveitaram-se do QSL do ALAM as questões relativas ao cultivo de mandioca. Acrescentaram-se, por sua vez, questões relacionadas à pecuária e ao extrativismo, atividades que competem na região com a agricultura (principalmente o cultivo da mandioca) e a pesca.

Às áreas Meio Físico e Meio Biótico foram acrescentadas poucas questões para atender à realidade local. Algumas questões, apesar do caráter semasiológico, foram pensadas para identificar formas que nem sempre constituem variantes de uma lexia, mas que podem indicar a variedade biótica da região, como, por exemplo, quando se pedia para o informante nomear os macacos conhecidos ou descrever as galinhas que se criam na região.

### 3.2.3 Questões de Discursos Semidirigidos

Fazem parte ainda dos instrumentos de coleta de dados do ALSAM, os temas para orientação de discursos semidirigidos. Pedia-se que os informantes relatassem como era a vida na localidade, contassem um fato curioso ou importante ocorrido em sua vida, falassem de festas religiosas e tradicionais de seu município, etc. Essa conversa ocorria após a aplicação dos questionários e representava o momento de maior descontração da entrevista. Duravam em média 15 minutos, em virtude da grande quantidade de tempo já despendida na aplicação dos questionários, o que tornava a entrevista cansativa para o informante.

É importante ressaltar que esses dados não foram cartografados no ALSAM, porém serviram como controle de qualidade do questionário, constituindo, por fim, um banco de dados para estudos futuros, inclusive no campo

morfossintático, não abordado nesta pesquisa.

## 3.3 INFORMANTES

Brandão (1991, p. 30), no que concerne à seleção dos informantes, expõe duas questões a serem consideradas pelo pesquisador: os critérios que devem nortear sua escolha e seu número por ponto de inquérito.

Com relação à primeira, a fim de garantir a representatividade do morador do sul do Amazonas, estabeleceram-se os seguintes critérios para a participação do informante na pesquisa:

a. Ser natural da localidade investigada;

b. Possuir pais (e se possível cônjuges) também naturais dessa localidade;

c. Não ter se afastado da localidade por muito tempo, ou seja, possuir pouca mobilidade;

d. Ser comunicativo e apresentar boas condições de fonação.

Com relação à segunda, o método geolinguístico tradicional buscava o HARAS (ZÁGARI, 2005, p. 52), o “falante ideal”, que atendesse um perfil bem rigoroso pré-estabelecido pelo pesquisador. Em geral, escolhia-se um homem adulto, nascido no lugar, lá residente sempre ou quase sempre, analfabeto e do meio rural. Todavia, as configurações atuais apontam para uma nova orientação a fim de atender a pluridimensionalidade e registrar não só formas mais antigas, mas também a dinâmica sincrônica da fala. Tem sido comum, assim, nas pesquisas dialetais, principalmente após o surgimento da Sociolinguística, o controle sistemático de variáveis sociais, no que se convencionou designar método da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998).

Para contemplação, além da dimensão diatópica, das dimensões diassexual, diageracional e diastrática, os informantes, num total de 48, estão distribuídos conforme o Quadro 10.

**Quadro 10** – Estratificação social dos informantes

| **Escolaridade** → | **Menos escolarizados (4 a 7 anos de escolaridade)** | | | | **Mais escolarizados (10 a 13 anos de escolaridade)** | | | | **Total** |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Faixa Etária → | **1ª (20 - 35 anos)** | | **2ª (50 – 65 anos)** | | **1ª (20 - 35 anos)** | | **2ª (50 – 65 anos)** | | |
| Sexo → | **Masc.** | **Fem.** | **Masc.** | **Fem.** | **Masc** | **Fem.** | **Masc.** | **Fem.** | |
| Localidade ↓ | | | | | | | | | |
| Boca do Acre | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| Lábrea | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| Tapauá | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| Humaitá | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| Manicoré | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| Borba | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| **Total Geral** | | | | | | | | | 48 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Observa-se no Quadro 10 que o estudo contou com oito informantes por localidade, sendo quatro homens e quatro mulheres, distribuídos em duas faixas etárias (de 20 a 35 anos e de 50 a 65 anos de idade) e dois níveis de escolaridade (de 4 a 7 anos e de 10 a 13 anos de escolaridade).

Nesta pesquisa, optou-se por estabelecer a escolaridade em anos por reconhecer os diferentes caminhos, na atualidade, além do ensino regular em 12 anos, de alcançar os níveis de escolaridade fundamental e médio, por meio de programas de acelaração escolar como a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Para esses casos consideraram-se apenas os anos letivos frequentados pelo informante. A maioria dos informantes cursou o ensino regular. Logo, informantes do primeiro grupo de escolaridade cursaram do quarto ao sétimo ano do Ensino Fundamental e informantes do segundo grupo cursaram do primeiro ano do ensino médio até o primeiro ano do ensino superior.

A exemplo da metodologia do ALiB, estabeleceu-se um intervalo entre as faixas etárias, o que, de acordo com Cardoso (2010, p. 173), permite melhor confronto entre usos por diferentes faixas etárias e, também, propicia a análise da variação e da mudança linguística. Além disso, não se documenta três faixas etárias, como se fez no ALAM, devido o controle da variável *escolaridade*, além das variáveis *sexo* e *idade*, controladas no ALAM, o que tornaria muito onerosa a documentação de três faixas que, por sua vez, elevaria de 8 para 12 o número de informantes por localidade.

Em alguns casos, pela dificuldade em localizar informantes que

estivessem encaixados nesses critérios, admitiram-se informantes com um ano a mais ou a menos de escolaridade ou ainda um ano mais velhos ou um ano mais novos. Assim, observa-se na amostra, entre os informantes com escolaridade de 4 e 7 anos, três informantes com três anos de escolaridade; entre os informantes de 20 a 35 anos, um de 19 anos  e três informantes de 36 anos; entre os informantes de 50 a 65 anos, um de 49 anos e um de 66 e ainda o caso de um informante de 74 anos. Esse informante, em particular, foi admitido na amostra por não estar entre as duas faixas etárias e apresentar boas condições para a entrevista, apesar da idade.

Antes do inquérito, os dados sobre o informante foram registrados em uma ficha de informações pessoais – nome, data de nascimento, idade, sexo, escolaridade, endereço, estado civil, naturalidade, reda familiar, ocupação, naturalidade dos pais e cônjuge, domicílios, motivo e tempo em caso de afastamento da localidade, entre outros. Também foram registrados nas fichas o contato dos informantes com os meios de comunicação em termos de frequência e preferências. Após, o inquérito, registraram-se na mesma ficha as características psicológicas do informante, sua postura e espontaneidade durante o inquérito, o ambiente em que foi realizado o inquérito, entre outras observações usadas para analisar a eficácia da entrevista. O Quadro disposto no Apêndice 8 traz informações gerais, constantes dessas fichas, sobre os 48 informantes da pesquisa.

Os informantes não foram identificados pelo nome para preservar a sua identidade. O código de identificação do informante o coloca na sua categoria social, formada por códigos binários nas variáveis sociais investigadas: H para informantes do sexo masculino e M para informantes do sexo feminino; A para informantes menos escolarizados e B para informantes mais escolarizados, 01 para informantes da primeira faixa etária e 02 para informantes da segunda faixa etária. Dessa forma, por exemplo, para o código HA01 leia-se homem mais jovem e pouco escolarizado.

Quanto à distribuição etária, buscou-se equilibrar as idades dos informantes nas faixas etárias. A primeira faixa etária, assim, encontra-se bem equilibrada com 13 infomantes de 20 a 27 anos e 11 informantes de 28 a 35 anos. No entanto, a dificuldade em encontrar informantes mais idosos que atendessem aos critérios estabelecidos pela pesquisa acarretou um desequilibrio na segunda faixa etária, na qual 16 informantes possuem entre 50 e 57 anos e apenas 9 com mais de 58 anos.

Fato semelhante ocorreu entre os grupos de escolaridade. O grupo dos

informantes menos escolarizados está bem distribuído – 13 informantes com 4 ou 5 anos de escolaridade e 11 com 6 ou 7 anos de escolaridade. Já no grupo dos mais escolarizados, a maioria (20 informantes) tem 12 ou 13 anos de escolaridade, o que corresponde ao ensino médio completo, e apenas 4 informantes têm 10 e 11 anos de escolaridade, ou seja, o ensino médio incompleto.

Ainda é possível observar no Quadro do Apêndice 8 que a amostra é constituída em sua maioria (cerca de 75%) de informantes com renda familiar baixa, variando entre meio e dois salários mínimos. Os informantes com mais de dois salários mínimos somam apenas 25% da amostra e apenas dois deles têm renda de quatro e apenas um de seis salários mínimos.

Quanto às ocupações dos informantes, observa-se a maioria está inserida em atividades que não exigem o domínio da norma culta em nível mais elevado como agricultor, vigia, auxiliar de serviços gerais, dona de casa, diarista, pescador, ajudante de cozinha, merendeira, encanador e instalador hidráulico. Esse grupo corresponde a 48% da amostra e, somados aos informantes com ocupações de uso moderado da norma culta (comerciante, recepcionista, mototaxista, motorista), chegam a 67%. Logo, informantes com ocupação que exige maior domínio da norma culta, como professores, estudantes, assessor parlamentar, bancário, líder religioso (pastor), assistente administrativo, correspondem a 33% da amostra.

Apresentados os critérios que orientaram a escolha das localidades, a elaboração dos questionários da pesquisa e a seleção dos informantes, relata-se a seguir como se deu a coleta de dados.

## 3.4 Aplicação dos Instrumentos de Pesquisa

A coleta de dados aconteceu entre setembro e novembro de 2014 e entre setembro e novembro de 2015, a fim de aproveitar a época de poucas chuvas na região para o deslocamento via terrestre a algumas localidades.

Os moradores das cidades se mostraram sempre acolhedores e prestativos, auxiliando na busca por infomantes. A maioria das vezes se fez um contato anterior com algum morador conhecido do pesquisador ou de terceiros que ajudou bastante nessa fase da pesquisa, servindo de elo importantíssimo para a realização dos inquéritos. Quando não se conhecia alguém para fazer esse

intermédio, procurava-se a prefeitura, a secretaria de educação, as escolas, onde geralmente se encontravam pessoas bem receptivas que indicavam os informantes. Evitava-se a abordagem direta na rua ou nas casas, pois observou-se que esse tipo de abordagem deixava o informante desconfiado e, por muitas, vezes eles se negavam a participar da pesquisa ou agendavam um horário e não apareciam. As buscas por informantes, além das indicações desses contatos na cidade, realizados previamente ou durante a coleta de dados, aconteceram em escolas e igrejas, por abrigarem uma variedade de pessoas de diversas partes da cidade.

Geralmente passava-se de quatro a nove dias em uma localidade e realizava-se de um a quatro inquéritos por dia, que duravam, por sua vez, em média duas horas cada. Havia dias em que não se conseguia realizar nenhum inquérito, apenas fazer agendamentos, estabelecer contatos ou colher informações sobre a cidade. Borba foi a localidade que apresentou as maiores dificuldades na realização dos inquéritos, pois, além de não haver nenhum contato prévio nesta localidade, chegou-se na cidade em um fim de semana, seguido de um feriado, o que prejudicou a busca pelos informantes.

Antes de iniciar o inquérito, apresentava-se ao informante e dizia a ele que se estava pesquisando sobre a localidade, como era viver ali, como se denominavam os peixes, as plantas, os animais, as comidas, enfim, tentava-se explicar a ele os objetivos da pesquisa, mas não a ponto de ele sentir que seria entrevistado devido à sua linguagem. Dessa forma, pelo contrário, o informante se sentia mais à vontade para falar sobre a sua região por ser o detentor dos conhecimentos culturais de sua localidade.

Anotavam-se as informações na ficha do infomante e se realizavam os inquéritos. Toda a entrevista era gravada com um gravador de voz Panasonic, modelo RR-US310, em formato MP3, que se passava ao computador para posterior transcrição. No decorrer do inquérito, se o informante não entendia a pergunta, esta era reformulada até que o informante respondesse, a fim de evitar elevado número de não-respostas. Marcavam-se, ainda, as questões cujas respostas o informante não lembrava, por meio de um Quadro com todos os itens, para facilitar a retomada, que era feita após a aplicação de todo o questionário.

É importante ressaltar que, muitas vezes, era difícil para o informante romper a barreira do formalismo da situação de entrevista, cabendo ao inquiridor o papel de deixá-lo à vontade para se expressar sem medo. Era perceptível que, no

início do inquérito, alguns informantes se mostravam nervosos, mas se descontraíam ao longo da entrevista até o momento final, quando interagiam naturalmente ao relatar fatos do cotidiano, na parte de elocução livre. Por tal razão, optou-se por iniciar sempre com a aplicação do QSL, reservando a aplicação do QFF para um momento de maior descontração.

Ao final do inquérito, era pedido ao informante permissão para usar os dados de sua fala nesta pesquisa. Essa permissão está gravada também no final de cada entrevista. Pedia-se, em seguida, que ele assinasse um termo que esclarece os objetivos da pesquisa e informava-se a ele que poderia retirar o consentimento dado em qualquer fase da pesquisa, deixando com ele *email* e telefone para contato.

Os primeiros inquéritos foram realizados em setembro de 2014, em Lábrea (Ponto 2), localidade em que o pesquisador reside, com a aplicação da primeira versão dos questionários a seis informantes, para que se estabelecessem as questões definitivas dos questionários (aplicação-teste). Dois inquéritos foram realizados na casa do inquiridor por agendamento e outros quatro em escolas, onde se cedia gentilmente uma sala para a realização do inquérito.

Após a aplicação-teste e o estabelecimento dos questionários definitivos, fez-se a primeira aplicação em Humaitá (Ponto 4) ainda em novembro de 2014. O deslocamento se deu de Lábrea em avião bimotor (táxi aéreo), para a cidade de Porto Velho – RO. De lá, seguiu-se de ônibus para Humaitá pela BR 319. A viagem de 200 km dura em torno de três horas. Foram realizados dois inquéritos no Instituto Federal do Amazonas – IFAM, dois no hotel em que o autor estava hospedado. Em um deles, a informante não conseguia responder muitas perguntas, por timidez ou mesmo por desconhecimento dos referentes ou dos nomes que lhes eram atribuídos na localidade. Dessa forma, terminou-se o inquérito e optou-se por refazê-lo com outra informante no mesmo perfil. Dessa vez, o inquérito foi realizado na varanda da casa da informante. Os demais inquéritos realizaram-se na casa dos informantes. O último informante recebeu o pesquisador na sua venda (taberna) e vez ou outra parava para atender um cliente. Era um informante mais idoso e, muito descontraído, contou muitas histórias, o que enriqueceu bastante os dados recolhidos.

Após a aplicação em Humaitá, foi feita uma pausa na coleta de dados para conclusão dos créditos em disciplinas do doutorado. Os inquéritos foram então retomados em setembro de 2015 na localidade de Tapauá (Ponto 3). O

deslocamento a essa cidade também se deu de Lábrea e a única forma de chegar é pelo rio Purus. Aproveitou-se um tipo de embarcação comum no Amazonas, chamado de lancha a jato, que faz a viagem em menos tempo que o barco comum (recreio). Ainda assim a viagem durou 18 horas. Em Tapauá foram realizados quatro inquéritos no hotel que hospedava o pesquisador, três em escolas e um na casa do informante. Todos sem maiores problemas.

O plano, após realizados os inquéritos em Tapauá, era voltar a Lábrea para de lá seguir até Boca do Acre de carro, realizar os inquéritos e voltar até Humaitá, de onde se desceria o rio Madeira para realizar os inquéritos nas demais localidades. Borba seria a última localidade visitada e de lá o pesquisador seguiria a Manaus para voltar a Humaitá de avião, pegar o carro e retornar a Lábrea. Esse plano não pode ser seguidos, pois a lancha a jato anunciou sua última viagem de Lábrea a Tapauá, ou seja, seria uma viagem apenas de ida. Para voltar a Lábrea seria necessário esperar a passagem de um barco vindo de Manaus, o que levaria dias e fazer a viagem até Lábrea que levaria mais dois dias. Dessa forma, mais uma vez, optou-se por recorrer a um táxi aéreo que iria para Manaus. De Manaus, então, se fez o sentido oposto, descendo o rio Madeira até Humaitá, passando por Borba e Manicoré.

De Manaus a Borba, o deslocamento se deu em lancha a jato, em uma viagem que durou cerca de seis horas. Nessa localidade, a maioria dos inquéritos realizou-se na casa dos informantes, três foram realizados no hotel e um teve que ser realizado na praça central da cidade, por decisão do informante. A gravação, mesmo feita em área externa, pôde ser bem aproveitada, não sendo necessária a realização de novo inquérito. Nessa localidade, ocorreu um problema técnico com a gravação da informante MA01. Após a realização de todo o inquérito, percebeu-se que o gravador não captou o trecho do início até metade da entrevista. Dessa forma, no dia seguinte procurou-se a mesma informante, que, gentilmente, aceitou refazer a parte da entrevista comprometida.

Em seguida, deslocou-se de Borba a Manicoré também em lancha a jato e a viagem durou cerca de sete horas. Em Manicoré, mesmo o pesquisador não tendo realizado nenhum contato prévio com algum morador da localidade, os funcionários do hotel em que se hospedou foram muito prestativos em ajudar a localizar os informantes. No primeiro dia de inquérito, foram realizados quatro inquéritos, três durante o dia no hotel e um à noite em uma escola. Os demais

inquéritos foram realizados nas casas dos informantes, sempre receptivos e colaborativos. Destaca-se o caso do informante HB02, professor aposentado de 63 anos, que, gentilmente, sugeriu e realizou com o inquiridor um passeio de motocicleta, para que se fizesse o registro fotográfico da cidade, mostrando todos os prédios antigos, os estabelecimentos importantes, sempre acompanhados de uma narração cheia de orgulho de suas origens.

Em Manicoré também, por sugestão dos moradores, fez-se o inquérito com uma informante de 74 anos (informante MA02), ainda que ela não se enquadrasse na faixa etária investigada que vai até 65 anos. O motivo da sugestão era o fato de a família dessa senhora ser muito tradicional no município, pois está entre as primeiras famílias que chegaram ao local. Realizou-se o inquérito com a informante, pois percebeu-se que não afetaria em nada a amostra e poderia se enquadrar entre os falantes mais idosos. Lembra-se que o limite de 65 anos foi estabelecido ao considerar o pressuposto de encontrar dificuldades na localização de informantes mais idosos que se enquadrassem no perfil e com boas condições para realizar a entrevista. Não era o caso dessa informante. Concluiu-se, assim, que a pesquisa tinha mais a ganhar do que a perder com a inclusão da informante na amostra. O último inquérito nesta localidade foi realizado no estabelecimento comercial da informante.

Terminada a coleta de dados em Manicoré, seguiu-se para Humaitá de barco (recreio), pois nesse trecho do rio não se fazem viagens com lancha a jato. Também não havia opção de deslocamento para Humaitá por via aérea, apenas voo direto para Manaus. A viagem de barco durou um dia e meio e foi muito estressante e cansativa, pois o barco ia parando em cada comunidade, onde embarcavam cada vez mais pessoas, chegando superlotado ao destino. De Humaitá, onde estava esperando o irmão do pesquisador, seguiu-se de carro novamente para Lábrea, pela BR 230, e lá foram realizados os dois inquéritos restantes. A rodovia que liga esses municípios não é asfaltada e inclui a travessia de vários rios, uma das quais se faz por meio de balsa. Dessa forma, a viagem de aproximadamente 200 km, deve ser mais cautelosa, durando em torno de quatro horas, nessa época do ano. Em períodos mais chuvosos, pode-se levar dias na estrada, devido aos problemas com atoleiros e outras interrupções.

Após descansar uns dias em Lábrea, ao lado da família, faltava a coleta do último município, Boca do Acre. Para o deslocamento a essa localidade

havia duas opções – subir o rio Purus de barco, viagem que levaria em torno de cinco dias, pois nesse trecho o rio vai ficando cada vez mais raso, o que compromete a viagem, ou, então, fazer a viagem de carro até Porto Velho – RO, de lá seguir pela BR 364 até o enconto com a BR 317, próximo a Rio Branco – AC, e seguir por mais 180 km até Boca do Acre. Optou-se pela segunda possibilidade. Essa viagem de 1073 km, passando pelo trecho não asfaltado da BR 230, mencionado no parágrafo anterior, passa por três estados e levaria em torno de 15 horas sem paradas. Assim, a viagem foi realizada com uma parada em Porto Velho, de onde se seguiu no dia seguinte.

Em Boca do Acre, quatro inquéritos foram realizados na casa de um pastor com quem se tinha feito contato prévio e que axiliou bastante na localização dos informantes, ocorrendo sem nenhum tipo de problema. Os demais informantes foram encontrados por intermédio de um ex-aluno do pesquisador que residia na localidade para cursar faculdade de Agroecologia e também prestou todo auxílio durante os inquéritos. Esses inquéritos foram realizados em diversos ambientes: na casa do informante, na Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), numa escola e na Câmara Municipal. Apenas um desses inquéritos apresentou problemas técnicos com a gravação, parecido com o problema obtido em Borba. Ao fim do inquérito, ainda na casa da informante, notou-se que o gravador havia desligado durante a entrevista. Foi necessário agendar com a informante outro horário para que se fizesse a gravação da parte não captada. Isso aconteceu após a realização dos demais inquéritos. Durante um dos inquéritos (HA01), percebeu-se que o informante não estava respondendo às perguntas, mostrando-se pouco interessado em buscar as respostas, preferindo dizer que não sabia. Nesse caso, o entrevistador continuou a pesquisa por um tempo, simulou o término da coleta, fez os devidos agradecimentos ao informante e depois refez o inquérito com outro informante que preencheu os mesmos requisitos.

## 3.5 Tratamento dos Dados

Os inquéritos realizados originaram 54 arquivos de áudio MP3, contendo 94 horas e 24 minutos de gravação da fala dos informantes, que constituem o banco de dados desta pesquisa. Esse volume de dados de áudios foram transcritos com auxílio de três transcritoras, formadas em Letras e com

experiência em transcrições das entrevistas no projeto ALiB, a partir da equipe regional Paraná: Priscila Ceballos Vasques, Dayse de Souza Lourenço e Mariana Spagnolo Martins, sob a supervisão do pesquisador, no período de novembro de 2015 a junho de 2016. As transcrições, em seguida, passaram por uma revisão feita pelo próprio pesquisador, entre novembro de 2015 e junho de 2017.

Um visão geral do banco de dados e sua composição é apresentada no Quadro disposto no Apêndice 9.

### 3.5.1 Transcrições Grafemática e Fonética

A transcrição grafemática obedeceu às regras estabelecidas para as transcrições do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Foi realizada sobre uma matriz com a numeração de todas as questões e marcação das linhas do documento para facilitar a identificação das variantes.

A pergunta do questionário que o inquiridor fazia não era transcrita, ou seja, a transcrição partia da resposta do informante. Quando este não respondia com a primeira pergunta, transcrevia-se a reformulação da pergunta pelo inquiridor e o diálogo que se seguia até a resposta. Se não se obtinha uma resposta, marcava-se o diálogo ao final com ((item não obtido)).

Os turnos foram marcados com a legenda INQ. (inquiridor), INF. (informante) e CIRC. (circunstante). Na transcrição também se fez a marcação de partes da gravação ininteligíveis (inint.), além de outras (risos, gritos, etc.).

**Figura 30**: Exemplo de transcrição dos dados do ALSAM

**(144)**

INF.- Juma [ˈʒũmɐ]?

INQ.- É? Como é o juma?

INF.- Repete aí.

INQ.- Protege as matas e tem os pés virados para trás, que as pegadas dele sempre ficam em outra direção, ele foi para ali, mas parece que foi para cá.

INF.- É... anta, é animal, é?

INQ.- Não, eu estou falando de crenças que as pessoas têm, que acreditam em entidades que protegem as matas, não é? É o Juma?

INF.- Jurupari [ʒurɾupaˈɾi], inint. são tipos lendas, né? Jurupari...

INQ.- E como é o jurupari?

INF.- Não sei, inint. só ouço falar, né?

INQ.- O que as pessoas dizem?

INF.- Que é esses negócios da mata, jurupari, juma, inint.

**Fonte:** Elaboração do autor.

Como se observa, neste trecho, à transcrição grafemática se alia à transcrição fonética do item lexical. Essa transcrição foi realizada considerando os símbolos fonéticos do IPA (Alfabeto Fonético Internacional) com poucas adaptações, como por exemplo os símbolos das vogais átonas (ɐ, ɪ, ʊ), as quais apenas foram transcritas como tal no final do vocábulo. As átonas iniciais e finais foram transcritas como tônicas (a, i, u). Tanto a lateral palatal [ʎ] quanto a lateral palatalizada [lʲ] foram transccritas com o símbolo ʎ.

### 3.5.2 Cartografia Linguística

Para a elaboração de um atlas linguístico, dedica-se às questões cartográficas o mesmo cuidado dispensado na seleção das localidades, na elaboração dos questionários, na escolha dos informantes, nas formas de coleta e transcrição de dados (TELES E RIBEIRO, 2014, p. 113). Dentre essas questões encontram-se as informações geográficas, as legendas e gráficos e a forma de

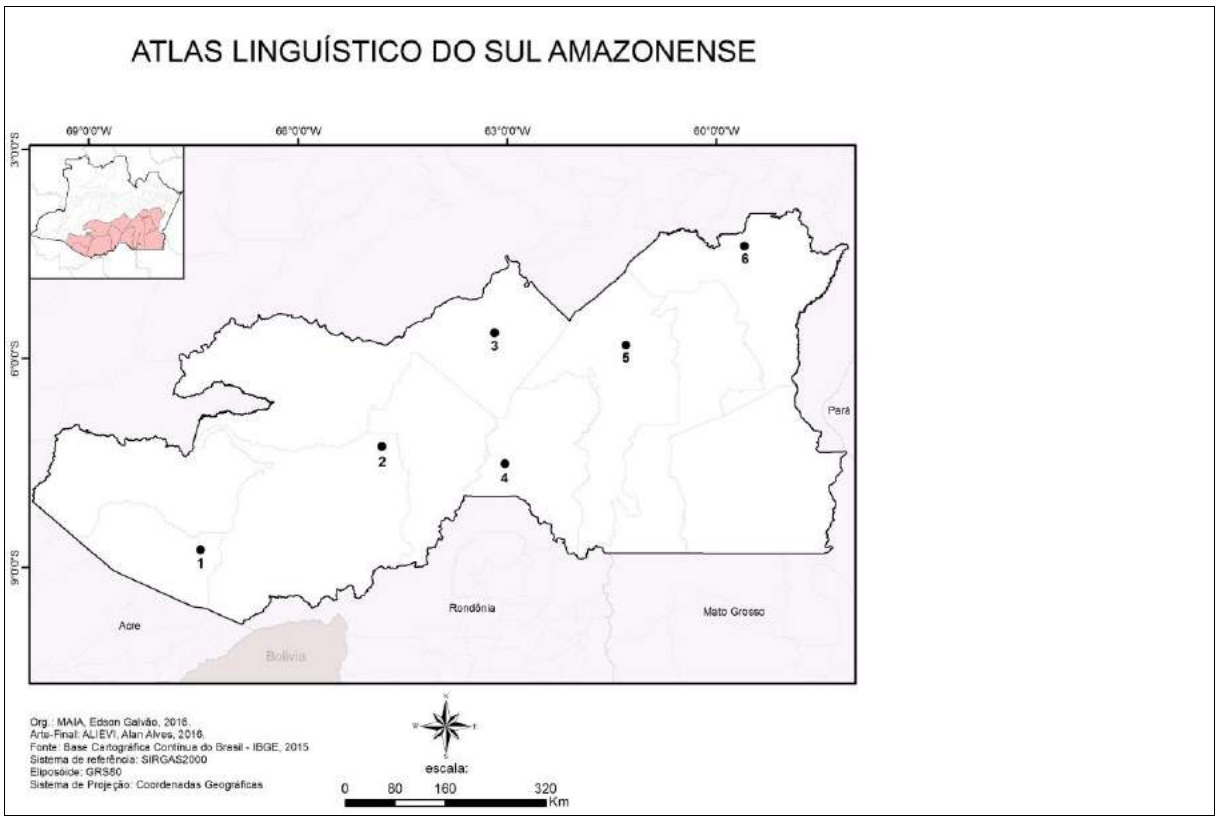
apresentação desses elementos na carta linguística.

É importante lembrar a evolução do método geolinguístico, que hoje precisa dar conta de um grande volume de dados pluridimensionais, transformando a indicação cartográfica da quantidade de dados resultantes da combinação de diversos fatores sociais em um grande desafio ao dialetólogo, fato observado por Thun (2000, p. 408): “A geolinguística pluridimensional deve pensar em uma organização inteligente e racional da grande quantidade de dados que recolhe”; e por Belmann (1999, p. 20), segundo o qual um estudo bidimensional, nos eixos da arealidade e da socialidade, atingirá bons resultados “desde que se efetue o levantamento dos dados com suficiente exatidão”.

As cartas pluridimensionais permitem cruzar variáveis e exibir resultados que mostrem o comportamento de cada uma delas. (CARDOSO, 2010, p. 64). Como cartas temáticas, permitem análises sobre o tema cartografado, além de possibilitar também relação com informações obtidas a partir de outros instrumentos, como dados dos censos, por exemplo (TELES E RIBEIRO, 2014, p. 115).

Considerando essa abordagem, para a elaboração do Atlas Linguístico do Sul Amazonense, contou-se com o auxílio de um profissional na área de cartografia na elaboração de quatro mapas: (i) um mapa de localização da mesorregião investigada, contendo informações como sedes municipais estudadas, aeroportos e rodovias amazoneses construídas, estados e países vizinhos, conforme figura 1 (Capítulo 1, seção 1.1); (ii) um mapa que apresenta a hidrografia amazonense, fator primordial na vida do homem amazonense, conforme figura 2 (Capítulo 1, seção 1.1); (iii) um mapa com a localização da rede de pontos selecionadas para o atlas, apresentado na figura 31 (seção 3.1); e (iv) uma base cartográfica que atendesse ao padrão geográfico para a inclusão no programa computacional e a geração das cartas linguísticas (figura 33 a seguir). Esses mapas foram elaborados tendo por fonte a base cartográfica contínua do Brasil (IBGE, 2015) e por sistema de referência o SIRGAS 2000.

**Figura 31** – Base cartográfica para as cartas linguísticas do ALSAM




**Fonte:** Organização do autor por meio Base Cartográfica Contínua do Brasil (IBGE, 2015).

### 3.5.2.1 Cartografia automatizada: Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – SGVCLin

Para a elaboração das cartas linguísticas, utilizou-se o programa computacional *Software para Geração e Visualização de cartas Linguísticas – SGVCLin,* desenvolvido, no Instituto de Matemática e Computação da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), por Rodrigo Seabra (orientador) e Nathan Oliveira (bolsista), para atender à cartografia de dados da pesquisa de doutoramento de Romano (2015).

O programa, pensado sob as diretrizes de intuição e simplicidade, é de fácil manuseio, não apresentando dificuldades para o trabalho do dialetólogo com poucos conhecimentos na área de computação. É necessário, inicialmente definir o local do computador onde serão armazenados os dados; em seguida, inserir no programa, uma base cartográfica, como a apresentada na figura 31, marcando onde se representarão os dados de cada ponto de inquérito. A partir daí, se inserem as

questões dos questionários e suas possíveis variantes, além das informações sobre informantes e as variáveis sociais investigadas. O último passo de inserção de dados é o das respostas. Com base nas transcrições, em um Quadro com a questão selecionada, selecionam-se as variantes produzidas pelos informantes.

Após a inserção de todos os dados no programa, é possível fazer a consulta a relatórios de frequências gerais, por localidade ou ainda considerando as demais variáveis sociais, que facilitam a análise dos dados. Quanto à geração de cartas, podem ser geradas cartas diatópicas, diatópicas com seleção de variantes, além de cartas de arealidade e arealidade gradual, nas quais podem ser visualizadas áreas de maior incidência de determinada variante.

Na geração das cartas diatópicas (com ou sem seleção de variantes), o programa acrescenta à carta base gráficos em formato de pizza com a frequência de uso das variantes em cada ponto de inquérito, um gráfico geral, a legenda e um Quadro para se editar o título da carta. Montada a carta, é possível imprimi-la ou salvá-la no computador.

No volume II desta tese apresentam-se os tipos de cartas geradas pelo programa SGVCLin ou elaboradas manualmente apenas com a utilização dos programas do pacote *office Excel* e *Word*.

### 3.5.3 Tratamento Estatístico

Os dados gerais, tanto da variação lexical, quanto da variação fonética, são apresentados, nesta tese, em termos de frequência. Porém, para uma análise mais aprofundada dos fenômenos fonéticos relevantes para a caracterização do falar sul amazonense, foram necessárias a codificação dos dados e a inserção no pacote estatístico *Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE E SMITH, 2005)*[33], por meio do qual se determinou em termos de peso relativo, a atuação de variáveis linguísticas e sociais sobre a aplicação da regra selecionada.

Os resultados da análise obtidos através do *Goldvarb X* são evidências que auxiliam o pesquisador a confirmar ou não sua hipótese inicial. Logo, se uma

[33] *Goldvarb X* é a mais nova versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul - do inglês *Variable Rules Analysis,* "é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística" (GUY e ZILLES, 2007, 105). O Modelo matemático foi criado por David Sankoff, Henrietta Cedergren, Pascale Rousseau e William Labov e permite processar grande volume de dados linguísticos de variação.

variável dependente (fenômeno linguístico investigado) tem suas variáveis independentes (grupos de fatores considerados) apontados como não significativos pelo programa ou se as variáveis independentes são significativas no valor de aplicação, porém se a influência dos fatores não é como se previu a hipótese é rejeitada. Por outro lado, caso as variáveis independentes sejam significativas e a influência dos fatores seja como a prevista no valor de aplicação, a hipótese é confirmada.

Para fazer a análise de uma variável, foi necessário codificar todas as ocorrências por meio de símbolos representativos de cada fator para reconhecimento dos grupos de fatores (variáveis independentes). Após essa etapa, para que se computassem os dados, foi necessário determinar um valor de aplicação. Dessa forma foi possível determinar que variáveis independentes estão atuando sobre esses fenômenos.

Primeiramente foram realizadas rodadas para determinar as frequências e os possíveis *knockouts*[34]. A presença de *knockouts* impede a realização do processamento do peso relativo e consequentemente a identificação da regra variável. Para desfazer os *knockouts* da rodada foi necessário adotar algum desses procedimentos: (a) unir fatores semelhantes (amalgamar), (b) eliminar fatores com baixa ocorrência, ou ainda (c) eliminar o grupo de fatores.

Eliminados os *knockouts*, foi possível concluir as rodadas estatísticas e obter a melhor rodada, determinada pelo programa, com a definição dos grupos de fatores condicionadores da variação para a fenômenon investigado e sua ordem de relevância.

A análise multivariada realizada é apresentada na seção 4.2.

A seguir apresenta-se uma descrição detalhada e a discussão dos resultados obtidos a partir da metodologia aplicada.

[34] *Knockouts* ocorrem quando não há variação (0 ou 100%).

# 4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FALAR SUL AMAZONENSE

Neste capítulo, apresentam-se os resultados da pesquisa realizada para o Atlas Linguístico do Sul Amazonense. Inicialmente apresentam-se os resultados gerais, tanto no âmbito fonético, quanto no âmbito lexical, com vistas à caracterização do falar sul amazonense por meio de uma visão global dos dados coletados. Em seguida, abordam-se aspectos relevantes do falar sul amazonense, com base nos resultados obtidos em comparação com a bibliografia apresentada sobre os estudos dialetais amazonenses, considerando sua contribuição também para uma caracterização linguística do falar amazonense.

## 4.1 CARACTERIZANDO O FALAR SUL AMAZONENSE

O ALSAM possui duas versões, uma mais sucinta, apresentada nesta tese, que contém 439 cartas, e uma versão estendida, em CD, com 644 cartas.

A seleção das cartas linguísticas impressas para esta tese levou em consideração os fenômenos que se apresentaram mais significativamente para a descrição do falar sul amazonense, bem como as variáveis dependentes que têm se mostrado produtivas em outras pesquisas para a descrição dos falares brasileiros. Enquanto isso, a versão estendida, apresentada em CD, compreende todos as cartas linguísticas geradas de conceitos que apresentaram variação significativa, tanto do ponto de vista diatópico, quanto do ponto de vista diastrático. Não foram cartografados conceitos que não apresentaram variação ou apresentaram variação pouco significativa[35], conforme se verá ao longo deste capítulo.

### 4.1.1 Variação Fonética

Aborda-se a variação fonética nas 100 cartas fonéticas (190 na versão em CD) com resultados individuais por conceito e nas 50 cartas-síntese que reúnem os resultados das questões por variáveis linguísticas.

Com vistas a apresentar um atlas mais sucinto e considerando que as variáveis sociais mostraram-se pouco significantivas no que se refere à variação

[35] Cf. seção *Apresentação das cartas linguísticas*, no volume II desta tese, para mais detalhes de como foram confeccionadas as cartas linguísticas.

fonética, optou-se por cartografar os dados das variáveis sociais apenas no âmbito semântico-lexical, sendo priorizadas as variáveis linguísticas para o campo fonético-fonológico. Assim, a descrição que se segue baseou-se, principalmente, nas cartas-síntese, por apresentarem uma visão mais ampla dos fenômenos fonéticos.

#### 4.1.1.1 Vocalismo

No que se refere ao vocalismo, observaram-se a realização das vogais médias pretônicas e das posteriores postônicas mediais (não-finais), o alçamento da vogal média posterior em contexto tônico, a nasalização das vogais por consoantes nasais da sílaba seguinte, o timbre das vogais médias em sílaba tônica, as vogais epentéticas, a realização dos ditongos decrescentes orais /ej/, /ow/ e /aj/, do ditongo crescente oral /jo/ em final de vocábulo e dos ditongos nasais /ẽj/ e /ãw/ em final de vocábulo e a realização do hiato em posição medial de vocábulo. Além disso, pela ligação que tem com a queda da vogal postônica, observaram-se ainda a redução de sílabas e a mudança de acento tônico nas proparoxítonas.

##### a. Vogal Média Pretônica

Desde a divisão de Nascente (1953), as vogais médias pretônicas têm sido uma das variáveis mais importantes para a delimitação das áreas linguísticas brasileiras.

As 61 questões do QFF referentes a essa variável deram origem a 14 cartas-síntese, sete acerca da vogal anterior e sete da vogal posterior

Para o estudo da vogal média pretônica, observaram-se ainda, a exemplo dos demais estudos apresentados em 2.4.2.1.3 (CRUZ, 2004; MAIA, 2009; QUARA, 2012), os contextos linguísticos, comparados no Quadro 9, os quais, por sua vez, estão baseados principalmente no princípio da harmonização vocálica entre a vogal da sílaba tônica e a pretônica. Assim, para a vogal anterior, observou-se, além da natureza articulatória da vogal da sílaba tônica (se baixa e média baixa, média alta ou alta), se a sílaba é travada em /S/, se a tônica é fonologicamente nasal e se está em des-, prefixo ou não). Já a vogal posterior foi observada nos contextos referentes à natureza articulatória da vogal da sílaba tônica, em hiato e em posição

inicial de vocábulo.

- Vogal média anterior

A Tabela 1 apresenta os resultados gerais em termo de frequência para todas as questões do QFF envolvendo a vogal média anterior pretônica.

**Tabela 1** – Vogal média anterior pretônica no Sul Amazonense

| | [e] | | [ɛ] | | [i] | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 136/284 | 47,9 | 45/284 | 15,8 | 103/284 | 36,3 |
| **Lábrea** | 121/281 | 43,1 | 56/281 | 16,6 | 104/281 | 37 |
| **Tapauá** | 161/276 | 58,3 | 45/276 | 16,3 | 70/276 | 25,4 |
| **Humaitá** | 170/294 | 57,8 | 46/294 | 15,6 | 78/294 | 26,5 |
| **Manicoré** | 141/277 | 50,9 | 41/277 | 14,8 | 95/277 | 34,3 |
| **Borba** | 121/277 | 43,7 | 47/277 | 17 | 109/277 | 39,4 |
| **TOTAL** | 850/168 | 50,3 | 280/1689 | 16,6 | 559/1689 | 33,1% |

**Fonte:** Elaboração do autor

Conforme se apresenta na Tabela 1, em relação à variável vogal média anterior pretônica, 50,3% das ocorrências analisadas são da variante vogal média alta (fechada), 33,1% da variante vogal alta e apenas 16,6% da variante vogal média baixa (aberta). A distribuição das variantes é semelhante em todas as localidades investigadas e apenas nos pontos 3 (Tapauá), 4 (Humaitá) e 5 (Manicoré) os índices de fechamento da vogal são maiores (58,3, 57,8% e 50,9% respectivamente). O alçamento, em consequência, é menor nos pontos 3 e 4 do que nos demais pontos de inquérito (25,4 e 26,5% respectivamente). A abertura apresenta valores de frequência semelhantes à média geral em todos os pontos de inquérito.

Os resultados referentes às variáveis linguísticas observadas estão expressos nas cartas S001a a S001f e resumidos no seguinte Quadro:

**Quadro 11** – Vogal média anterior pretônica e variáveis linguísticas

| VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS | % | | |
|---|---|---|---|
| | [e] | [i] | [ɛ] |
| Vogal tônica baixa e média baixa (aberta) | 44 | 36 | 20 |
| Vogal tônica média alta (fechada) | 64 | 27 | 9 |
| Vogal tônica alta | 48 | 35 | 17 |
| Vogal tônica de nasalidade fonológica | 65 | 2 | 33 |
| Vogal em des- (Prefixo ou não) | 37 | 61 | 2 |
| Vogal iniciando sílaba travada em /S/ | 39 | 60 | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor

Estão marcados no Quadro 11 os valores que são superiores ao índice geral apresentado para cada variante. Como se observa, o fechamento da vogal pretônica parece ser condicionado pela vogal tônica média alta (fechada) e pela vogal tônica de nasalidade fonológica; o alçamento, por sua vez, é mais frequente quando a vogal tônica é baixa ou média baixa e alta, bem como quando está em des- (prefixo ou não) e iniciando sílaba travada em /S/; já a abertura parece sofrer influência da vogal tônica baixa ou média baixa, da vogal tônica alta e, principalmente, da vogal tônica de nasalidade fonológica. Essas variáveis linguísticas e sua real influência sobre a vogal pretônica serão melhores analisadas por meio do pacote estatístico *Goldvarb X,* apresentada na seção 4.2. A princípio, é possível observar que a harmonização vocálica está atuando sobre a variável, conforme esperado.

- Vogal média posterior

Os resultados gerais referentes às questões que envolvem a variável vogal média posterior pretônica estão apresentados na carta-síntese S002, resumida na Tabela 2.

**Tabela 2** – Vogal média posterior pretônica no Sul do Amazonas

| | [o] | | [ɔ] | | [u] | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 98/204 | 48 | 48/204 | 23,5 | 58/204 | 28,4 |
| **Lábrea** | 100/207 | 48,3 | 47/207 | 22,7 | 60/207 | 29 |
| **Tapauá** | 113/202 | 55,9 | 40/202 | 19,8 | 49/202 | 24,3 |
| **Humaitá** | 128/203 | 63,1 | 40/203 | 19,7 | 35/203 | 17,2 |
| **Manicoré** | 114/204 | 55,9 | 43/204 | 21,1 | 47/204 | 23 |
| **Borba** | 104/203 | 51,2 | 37/203 | 18,2 | 62/203 | 30,5 |
| **TOTAL** | 657/1223 | 53,7 | 255/1223 | 20,9 | 311/1223 | 25,4 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 2 mostra que 53,7% das 1223 ocorrências de vogal média posterior pretônica é com média alta (fechada), 25,4% é com alta e 20,9% é com as vogais baixa e média baixa (aberta). Com relação à diatopia, observa-se que os municípios de Humaitá, Tapauá e Manicoré apresentam índices maiores que os da média geral das localidades para a variante fechada e menores que os da média geral das localidades para as variantes aberta e alta. Da mesma forma, Borba, Boca do Acre e Lábrea apresentam índices de frequência menores que a média geral dos municípios no que se refere à realização fechada da vogal e maiores no que se refere às realizações aberta e alta. Humaitá é a localidade com maior índice de fechamento, Boca do Acre apresenta a maior frequência de abertura, enquanto Borba é o município com maior índice de alçamento da vogal posterior entre os demais.

Quanto às variáveis linguísticas observadas, os resultados encontram-se expressos nas cartas S002a a S002f, resumidas no Quadro 12, a seguir:

**Quadro 12** – Vogal média posterior pretônica e variáveis linguísticas

| **VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS** | **%** | | |
|---|---|---|---|
| | [o] | [u] | [ɔ] |
| Vogal tônica baixa e média baixa (aberta) | 36 | 16 | 48 |
| Vogal tônica média alta (fechada) | 64 | 29 | 7 |
| Vogal tônica alta | 64 | 34 | 2 |
| Vogal tônica de nasalidade fonológica | 24 | 19 | 57 |
| Vogal em hiato | 47 | 53 | 0 |
| Vogal em início de palavra | 76 | 5 | 19 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A exemplo do procedimento realizado com a vogal anterior, no Quadro 12, estão marcados os valores que são superiores ao índice geral apresentado para cada variante. É possível observar que a harmonização vocálica também atua sobre a realização da vogal posterior. O fechamento da vogal posterior pretônica parece ser condicionado pela vogal tônica média alta (fechada), pela vogal tônica alta e também quando a vogal pretônica está em início de vocábulo; o alçamento parece sofrer influência das vogais tônicas alta e da média alta e, principalmente, quando se encontra em contexto de hiato; por sua vez, a abertura é mais frequente quando a vogal tônica é baixa ou média baixa e quando a vogal tônica possui nasalidade

fonológica. A análise multivariada no *Goldvarb X* poderá revelar com mais precisão a influência dessas variáveis linguísticas no uso da vogal posterior.

b. Vogal posterior postônica medial (não-final)

Para a análise da vogal posterior postônica não-final foram observadas as ocorrências nas questões 29 (*árvore*) e 70 (*fósforo*) do QFF, reunidas na carta-síntese S003, cujos resultados constam da Tabela 3.

**Tabela 3** – Vogal média posterior postônica medial (não-final) no Sul Amazonense

| | [o] | | [ʊ] | | ø | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 5/16 | 31 | 5/16 | 31 | 6/16 | 36 |
| **Lábrea** | 6/16 | 37 | 7/16 | 44 | 3/16 | 19 |
| **Tapauá** | 7/17 | 41 | 7/17 | 41 | 3/17 | 18 |
| **Humaitá** | 6/15 | 40 | 9/15 | 60 | 0/15 | 0 |
| **Manicoré** | 7/16 | 44 | 9/16 | 56 | 0/16 | 0 |
| **Borba** | 3/17 | 18 | 8/17 | 47 | 6/17 | 35 |
| **TOTAL** | 34/97 | 35 | 45/97 | 46 | 18/97 | 19 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Observa-se, na Tabela 3, que a vogal média posterior postônica não-final se realizou com mais frequência como vogal alta (46%), seguida da vogal média alta/fechada (35%). Além disso, registraram-se 18 ocorrências de apagamento (zero fonético), o que corresponde a 19% das ocorrências. Essas ocorrências correspondem a realizações como [ˈfɔsfʊ], [ˈfɔsfɾʊ] e [ˈaɦvɾɪ], nas quais a queda da vogal transforma a palavra em paroxítona.

Conforme se observa na seção 2.3, sobre o ALiB, essa vogal foi realizada nas capitais brasileiras da região Norte predominantemente como média alta (fechada). Dessa forma, os resultados obtidos no ALSAM aproximam a mesorregião Sul Amazonense de algumas capitais do Nordeste (Teresina, Aracaju, Maceió, Salvador e Recife), onde a variante mais frequente também foi a alta.

Quanto à distribuição das variantes entre as localidades, observa-se que a vogal média alta (fechada) é mais frequente em Manicoré (44%), seguida de Tapauá (41%) e Humaitá (40%) e encontrando índices menores em Borba (18%). A

vogal alta é mais frequente em Humaitá (60%), Manicoré (56%) e Borba (47%), sendo menos frequente em Boca do Acre (31%). O apagamento é mais frequente em Boca do Acre (36%) e Borba (35%), não tendo ocorrências em Humaitá e Manicoré.

c. Vogal média posterior tônica

Na seção 2.4.2.1.2 abordou-se a vogal média posterior em sílaba tônica, cujo alçamento foi uma característica observada em Silves e Itacoatiara por Corrêa (1980) e, mais recetemente, em Borba por Campos (2009). Essa variante sempre foi atribuída ao falar do caboclo amazonense e paraense. No entanto, Cruz (2004), no *Atlas Linguístico do Amazonas* – ALAM, observou pouca ocorrência do fenômeno e levantou a hipótese de que se tratava de um fenômeno linguístico em extinção no Amazonas. As pesquisas de Maia (2006), Martins (2006) e Dias (2007), realizadas com dados de elocução livre do ALAM, bem como a pesquisa de Silva (2009) em Silves e Itapiranga corroboraram essa hipótese.

No ALSAM, a exemplo das pesquisas realizadas pelo ALAM, o alçamento dessa vogal apresentou índices inexpressivos. Foram apenas 12 ocorrências das 1387 totais. Apenas os vocábulos *pamonha* e *peconha* tiveram casos de vogal tônica alta. Foi encontrado apenas um caso para a palavra *pamonha*, em Borba, pelo informante masculino, faixa etária 50 a 65 anos e 10 a 13 anos de escolaridade. As demais ocorrências foram observadas na palavra *peconha*, sendo duas em Boca do Acre, uma em Tapauá, uma em Humaitá, cinco em Manicoré e duas em Borba. No Quadro 13, a seguir, apresenta-se a distribuição dessas ocorrências de acordo com as variáveis sociais consideradas na pesquisa.

**Quadro 13** – Distribuição social das ocorrências de alçamento da vogal média posterior tônica no ALSAM

| VARIÁVEIS | FATORES | OCORRÊNCIAS DE [u] |
|---|---|---|
| **Sexo** | Masculino | 7 |
| | Feminino | 5 |
| **Idade** | 50 a 65 anos | 8 |
| | 20 a 35 anos | 4 |
| **Escolaridade** | 4 a 7 anos | 7 |
| | 10 a 13 anos | 5 |
| **Localidade** | Manicoré | 5 |
| | Borba | 3 |
| | Boca do Acre | 2 |
| | Tapauá | 1 |
| | Humaitá | 1 |
| | Lábrea | 0 |

**Fonte**: Elaboração do autor

Não é possível tecer considerações generalizadas sobre a influência das variáveis sociais sobre o fenômeno de alçamento da vogal tônica /o/, tendo em vista o número reduzido de ocorrências de [u]. É importante, porém, observar que as poucas ocorrências de alçamento foram registradas em números maiores no grupo dos homens, dos mais velhos e dos menos escolarizados, o que pode contribuir ainda mais para a hipótese de extinção apresentada por Cruz (2004). Sobre a variável diatópica, não foi possível confirmar a hipótese baseada em Campos (2009) de que Borba poderia se destacar entre as outras localidades no que se refere ao alçamento.

É necessário observar ainda que, tendo ocorrido exclusivamente nos vocábulos *pamonha* e *peconha*, o alçamento da vogal média posterior tônica pode tanto sofrer influência da nasal palatal subsequente quanto ser um caso de difusão lexical, tendo em vista a ausência do fenômeno em outras palavras.

d. Nasalização da vogal por consoante nasal da sílaba seguinte

A nasalização da vogal pela consoante nasal no ataque da sílaba seguinte foi observada em 22 questões do QFF que foram reunidas na carta-síntese S004. Como exemplo de questões observadas citam-se as questões 002 (*b**a**nana*), 013 (*b**o**neca*), 034 (*c**o**nheço*), 075 (*f**u**maça*) e 104 (*r**e**médio*).

Os resultados alcançados encontram-se resumidos na Tabela 4:

**Tabela 4** – Nasalização da vogal por consoante nasal da sílaba seguinte no Sul Amazonense

| | Vogal Nasal | | Vogal Oral | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 150/211 | 71 | 61/211 | 29 |
| **Lábrea** | 141/205 | 69 | 64/205 | 31 |
| **Tapauá** | 153/208 | 74 | 55/208 | 26 |
| **Humaitá** | 173/223 | 78 | 50/223 | 22 |
| **Manicoré** | 149/213 | 70 | 64/213 | 30 |
| **Borba** | 124/223 | 56 | 99/223 | 44 |
| **TOTAL** | 890/1283 | 69 | 393/1283 | 31 |

**Fonte**: Elaboração do autor

A Tabela 4 revela maior frequência de uso da vogal nasal em todas as localidades investigadas, com índice geral de 69% contra 31% da vogal oral. Borba é a única localidade que apresenta índices de nasalização menores que o índice geral das localidades. Nesse município, a vogal oral e nasal têm índices aproximados de 44% e 56%. As demais localidades apresentam distribuições parecidas, sendo Humaitá a localidade que mais nasaliza a vogal (78%), seguida de Tapauá (74%) e Boca do Acre (71%).

e. Timbre da vogal média em sílaba tônica

Para verificação do timbre da vogal média em sílaba tônica, consideraram-se as questões 023 (*p**e**go*), 024 (*f**e**cha*), 025 (*gr**e**lha*) e 064 (*p**o**ça*) do QFF. A reunião dessas questões gerou a carta-síntese S005, cujos resultados estão expostos na Tabela 5:

**Tabela 5** – Timbre da vogal média em sílaba tônica no Sul Amazonense

| | Vogal Aberta | | Vogal Fechada | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 23/32 | 72 | 9/32 | 26 |
| **Lábrea** | 18/32 | 56 | 14/32 | 44 |
| **Tapauá** | 19/31 | 61 | 12/31 | 39 |
| **Humaitá** | 10/32 | 31 | 22/32 | 69 |
| **Manicoré** | 13/32 | 41 | 19/32 | 59 |
| **Borba** | 15/33 | 45 | 18/33 | 55 |
| **TOTAL** | 98/192 | 51 | 94/192 | 49 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Com relação ao timbre da vogal média tônica, observa-se, de modo geral, na mesorregião, forte concorrência entre a abertura e o fechamento da vogal (51% e 49%, respectivamente). Observando os dados por localidade, verifica-se que os maiores índices de vogal aberta estão nos pontos localizados ao longo do curso do rio Purus, sendo mais incidente em Boca do Acre (72%); já a vogal fechada encontra índices maiores entre os pontos localizados ao curso do rio Madeira, sendo Humaitá o município com maior incidência dessa variante (69%).

f. Vogal epentética

A vogal epentética foi investigada em três questões do QFF: 097 (*advogado*), 098 (*pneu*) e 099 (*afta*), cujos resultados estão expostos na carta-síntese S006, resumida na Tabela 6, a seguir:

**Tabela 6** – Vogal epentética no Sul Amazonense

| | [e] | | [i] | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 9/20 | 45 | 11/20 | 55 |
| **Lábrea** | 4/20 | 20 | 16/20 | 80 |
| **Tapauá** | 6/19 | 32 | 13/19 | 68 |
| **Humaitá** | 5/22 | 23 | 17/22 | 77 |
| **Manicoré** | 7/21 | 33 | 14/21 | 67 |
| **Borba** | 5/21 | 24 | 16/21 | 76 |
| **TOTAL** | 36/123 | 29 | 87/123 | 71 |

**Fonte:** Elaboração do autor

É possível observar na Tabela 6 que a vogal epentética mais utilizada pelos informantes de todas as localidades foi a vogal alta [i], com 71% das ocorrências gerais, sendo Lábrea a localidade que mais a utiliza (80%), seguida de Humaitá (77%) e Borba (76%). A vogal média alta [e] é mais utilizada em Boca do Acre (45%), seguida de Manicoré (33%) e Tapauá (32%).

g. Ditongo decrescente oral /ej/

A análise do ditongo /ej/ observou o contexto subsequente: tepe (QFF

001 – *mad**ei**ra,* e QFF 107 - *pratel**ei**ra*), fricativa alveopalatal (QFF 010 – *p**ei**xe*, QFF 117 – *f**ei**jão*) e demais contextos (QFF 008 – *mant**ei**ga*, QFF 009 – *t**ei**a*, QFF 022 – *l**ei**te*, QFF 026 – *qu**ei**mar* e QFF 051 – *desresp**ei**to*).Os dados para essas questões reunidos deram origem à carta-síntese S007 e estão resumidos na Tabela 7:

**Tabela 7** – Ditongo decrescente oral /ej/ no Sul Amazonense

| | **Ditongo [ej]** | | **Monotongo [e]** | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 46/67 | 69 | 21/67 | 31 |
| **Lábrea** | 37/66 | 56 | 37/66 | 44 |
| **Tapauá** | 40/63 | 63 | 23/63 | 37 |
| **Humaitá** | 46/68 | 66 | 24/68 | 34 |
| **Manicoré** | 30/66 | 45 | 36/66 | 55 |
| **Borba** | 35/68 | 51 | 33/68 | 49 |
| **TOTAL** | 234/400 | 58 | 166/400 | 42 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

A Tabela 7 revela índice expressivo de manutenção do ditongo (58%) na mesorregião Sul Amazonense, em resultado quase idêntico ao observado no ALAM (CRUZ, 2004), que apresenta 58,3% dos casos de manutenção do ditongo, e divergente dos resultados observados no AFBAM (BRITO, 2011) e no ALFARiN (JUSTINIANO, 2012), cuja monotongação é mais frequente (cf. Quadro 7, seção 2.4.1).

A única localidade que apresenta frequência maior de monotongação é Manicoré (55%) e a localidade que mais mantém o ditongo [ej] é a de Boca do Acre (69%), seguida de Humaitá (66%) e Tapauá (63%). Em Borba, observa-se uma distribuição paritária entre as variantes (51% para o ditongo e 49% para o monotongo).

Os resultados referentes à variável contexto subsequente deram origem às cartas-síntese S007a, S007b e S007c, resumidas no Quadro 14, a seguir:

**Quadro 14** – Ditongo crescente oral /ej/ e contexto subsequente

| **CONTEXTO SUBSEQUENTE** | **%** | |
|---|---|---|
| | **Ditongo [ej]** | **Monotongo [e]** |
| Tepe | 15 | 85 |
| Fricativa alveopalatal | 43 | 57 |
| Demais contextos | 85 | 15 |

**Fonte**: Elaboração do autor.

Os resultados confirmam a hipótese já observada em outros estudos de que o ditongo /ej/ antecedendo tepe e fricativa alveopalatal tende à redução. Nos dados do ALSAM, o tepe exerce mais influência sobre o fenômeno do que a alveopalatal (85% contra 15% e 57% contra 43%, respectivamente).

h. Ditongo decrescente oral /ow/

O ditongo /ow/ foi analisado tendo por base a variável posição no vocábulo. Assim, observou-se o ditongo em posição medial (QFF 017 – *tes**ou**ra*, QFF 062 – *r**ou**pa,* QFF 063 – ***ou**ro*) e final (QFF 118 – *and**ou***, QFF 120 – *fal**ou***). Os resultados gerais estão representados na carta-síntese S008 e na Tabela 8, seguinte.

**Tabela 8** – Ditongo decrescente oral /ow/ no Sul Amazonense

| | **Ditongo [ow]** | | **Monotongo [o]** | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 14/40 | 35 | 26/40 | 65 |
| **Lábrea** | 13/40 | 32 | 27/40 | 68 |
| **Tapauá** | 15/40 | 37 | 25/40 | 63 |
| **Humaitá** | 22/40 | 55 | 18/40 | 45 |
| **Manicoré** | 11/40 | 27 | 29/40 | 73 |
| **Borba** | 9/40 | 22 | 31/40 | 78 |
| **TOTAL** | 84/240 | 35 | 156/240 | 65 |

**Fonte:** Elaboração do autor

Observa-se, na Tabela 8, que, na maioria dos casos, o ditongo /ow/ sofre redução pra [o] (65%), resultado semelhante ao que se observa nos demais atlas amazonenses (cf. Quadro 4, seção 2.4.1) e que já vem sendo considerado como uma tendência praticamente efetivada no português brasileiro.

Nota-se que apenas em Humaitá ainda é possível observar índices maiores de manutenção do ditongo (55%), enquanto nas demais localidades esse índice não passa de 37%. A localidade que apresenta maior frequência de monotongação de /ow/ para [o] é Borba (78%), seguida de Manicoré (73%) e de Lábrea (68%).

Quanto à posição, os resultados encontram-se representados nas cartas-síntese S008a e S008b, resumidas no Quadro 15, a seguir:

**Quadro 15** – Ditongo decrescente oral /ow/ e posição no vocábulo

| POSIÇÂO NO VOCÁBULO | % | |
|---|---|---|
| | **Ditongo [ow]** | **Monotongo [o]** |
| Medial | 31 | 69 |
| Final | 41 | 59 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Conforme se observa no Quadro 15, a posição não chega a mudar o predomínio da monotongação, no entanto há uma diferença de 10 pontos percentuais a mais de manutenção do ditongo na posição final. Esse resultado contradiz o que se esperava para essa variável, pois acreditava-se que a posição final favoreceria mais a monotongação que a posição medial.

i. Ditongo decrescente oral /aj/

O ditongo /aj/ está contemplado na carta-síntese S009, que reúne dados de duas questões do QFF, 122 – *c**ai**xa* e 123 – *b**ai**xo*. Os resultados em termo de frequência encontram-se resumidos na Tabela 9:

**Tabela 9** – Ditongo decrescente oral /aj/ no Sul Amazonense

| | **Ditongo [aj]** | | **Monotongo [a]** | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 5/16 | 31 | 11/16 | 69 |
| **Lábrea** | 6/16 | 38 | 10/16 | 62 |
| **Tapauá** | 9/16 | 56 | 7/16 | 44 |
| **Humaitá** | 13/16 | 81 | 3/16 | 19 |
| **Manicoré** | 7/16 | 44 | 9/16 | 56 |
| **Borba** | 5/16 | 31 | 11/16 | 69 |
| **TOTAL** | 45/96 | 47 | 51/96 | 53 |

**Fonte:** Elaboração do autor

Quanto ao ditongo /aj/, observa-se, na Tabela 9, forte concorrência entre as variantes [aj] e [a], com apenas três pontos percentuais a mais para a monotogação. A localidade de Humaitá é a que mais mantém o ditongo (81%), seguida de Tapauá (56%). As demais localidades apresentam índices maiores para a redução, sendo Boca do Acre e Borba as que mais reduzem o ditongo (69% em ambas).

j. Ditongo crescente oral /jo/ em final de vocábulo

O ditongo /jo/ final foi observado nas questões do QFF 088 – *Santo Antôn**io***, 104 – *reméd**io*** e 112 – *aniversári**o***, as quais geraram a carta-síntese S010, cujos resultados se encontram na Tabela 10:

**Tabela 10** – Ditongo crescente oral final /jo/ no Sul Amazonense

| | **Ditongo [jʊ]** | | **Monotongo [ʊ]** | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 21/23 | 91 | 1/23 | 5 |
| **Lábrea** | 21/21 | 100 | 0/21 | 0 |
| **Tapauá** | 16/20 | 80 | 3/20 | 15 |
| **Humaitá** | 24/24 | 100 | 0/24 | 0 |
| **Manicoré** | 19/24 | 79 | 5/24 | 21 |
| **Borba** | 21/24 | 87 | 3/24 | 13 |
| **TOTAL** | 122/136 | 90 | 12/136 | 9 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 10 demonstra a predominância da manutenção do ditongo /jo/ final nas palavras *Santo Antônio, remédio* e *aniversário* (90%). Os índices maiores de redução para [ ʊ] estão em Manicoré (21%) e Tapauá (15%), no entanto o índice geral na mesorregião é de apenas 9% das ocorrências, bem como essa variante não ocorreu em Lábrea e Humaitá. Além das variantes observadas na Tabela, ocorreram ainda dois casos de redução para [ɪ] no vocábulo *remédio* ([heˈmɛdʒɪ], [hẽˈmɛdʒɪ]), realizados em Boca do Acre e Tapauá.

Ressalta-se ainda que as formas [sãtwˈãtõj] e [sãtãˈtõj] para *Santo Antônio*, observadas em Lábrea e Tapauá, não foram consideradas nesta análise.

l. Ditongo decrescente nasal / ẽj / em final de vocábulo

O ditongo nasal final / ẽj / encontra-se registrado na carta-síntese S011, a qual registra os resultados observados para as questões QFF 030 – *virg**em*** e QSL 024 – *ont**em***. A Tabela 11 apresenta as ocorrências e frequências das variantes registradas para esse ditongo.

**Tabela 11** – Ditongo decrescente nasal final / ẽj / no Sul Amazonense

| | Ditongo [ẽj] | | Monotongo [ɪ] | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 11/16 | 69 | 5/16 | 31 |
| **Lábrea** | 12/17 | 71 | 5/17 | 29 |
| **Tapauá** | 14/16 | 87 | 2/16 | 13 |
| **Humaitá** | 11/16 | 69 | 5/16 | 31 |
| **Manicoré** | 13/16 | 81 | 3/16 | 19 |
| **Borba** | 11/16 | 69 | 5/16 | 31 |
| **TOTAL** | 72/99 | 74 | 25/99 | 26 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

A Tabela 11 demonstra que o ditongo /ẽj /é mais frequentemente realizado como [ẽj] (74%) em todas as localidades, atingindo em Tapauá a frequência de 87%. A variante [ɪ], com índice geral de 26%, apresenta as maiores frequências em Boca do Acre, Humaitá e Borba (31% nas três localiaddes).

m. Outros ditongos

Ainda no campo dos ditongos, observou-se no ALSAM o ditongo decrescente nasal postônico final /ãw/ na questão QFF 106 – *cantar**am*** e o ditongo decrescente /uj/ na questão QFF 078 – *m**ui**to*. As duas questões geraram as cartas fonéticas F093 e F074, respectivamente. A Tabela 12 apresenta as ocorrências das variantes do ditongo nasal postônico final /ãw/ observado na carta fonética F093.

**Tabela 12** – Ditongo nasal postônico final /ãw/, em *cantaram*, no Sul Amazonense

| | Ditongo [ãw̃] | | Monotongo [ʊ] | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 4/7 | 57 | 3/7 | 43 |
| **Lábrea** | 7/8 | 88 | 1/8 | 12 |
| **Tapauá** | 5/8 | 63 | 3/8 | 37 |
| **Humaitá** | 6/8 | 75 | 2/8 | 25 |
| **Manicoré** | 3/8 | 37 | 5/8 | 63 |
| **Borba** | 7/8 | 88 | 0/8 | 0 |
| **TOTAL** | 32/47 | 68 | 14/47 | 30 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Os dados da carta fonética F093, expressos na Tabela 12, permitem observar que o ditongo /ãw/ é realizado em 68% das ocorrências, enquanto sua redução para [ʊ] ocorre em 30% dos casos. Lábrea e Borba apresentam 7/8 ocorrências de ditongação, sendo as localidades que mais mantêm o ditongo. Manicoré, por outro lado, é a localidade que mais reduz o ditongo, apresentando 5/8 ocorrência de [ʊ]. Na carta, observa-se ainda uma ocorrência de [õ] ([kãˈtaɾ**õ**]) em Borba, não contabilizada na Tabela.

É importante lembrar que o ditongo /ãw/ também foi observado em sílaba tônica (QFF 006 – *educaç**ão***, QFF 038 – *chor**ão***, QFF 076 – *uni**ão***), porém nesse contexto não apresentou variação.

O ditongo decrescente /uj/, por sua vez, apresentou-se, na carta fonética F074, predominantemente como nasal [ũj] em todas as localidades. Registraram-se apenas uma ocorrência oral do ditongo ([ˈm**uj**tʊ]) em Borba e uma ocorrência reduzida ([ˈm**ũ**tʊ]) em Tapauá.

n. Hiatos

O hiato foi observado em quatro questões do QFF: 040 – *c**oa**dor*, 080 – *r**ui**m*, 044 – *pr**oa*** e 055 – *can**oa***. No entanto, percebeu-se que o hiato –oa das duas últimas questões se comportou diferentemente das primeiras, apresentando algumas vezes uma ditongação da primeira vogal ([ˈpɾ**ow**ɐ], [kãˈn**ow**ɐ]) e outras vezes não ([ˈpɾ**o**ɐ], [kãˈn**o**ɐ]).

Caso idêntico de ditongação ocorre com a questão 045 – *popa*, em que se observa a variante ([ˈp**ow**pɐ]), porém, como não se trata de um caso que ocorre exclusivamente em contexto de hiato, optou-se por não reunir esses dados, não sendo elaborada uma carta-síntese para esse fenômeno (para esse caso de ditongação cf. as cartas fonéticas F042, F043 e F052). Esse caso precisa ser mais bem investigado com a inclusão de outras questões, no entanto levanta-se a hipótese de que a ditongação em vocábulos como *proa* e *canoa* tenha inicialmente razões articulatórias entre as vogais [o] e [a] e depois difundiu-se para a palavra *popa*, por aproximação semântica e pela existência da forma *polpa*, além da

analogia com outras palavras como *roupa*, por exemplo. Esse fenômeno também ocorre no *Atlas Linguístico do Amazonas* (cf. cartas fonéticas F059, F060 e F082 do ALAM).

Já a variação relativa às questões 040 e 080 foi sobre a ditongação sem acréscimo vocálico, seja pela transformação da primeira vogal em semivogal ([k**o**aˈdoh] x [k**w**aˈdoh]), em *coador*; seja pelo deslocamento do acento tônico da segunda para a primeira sílaba e consequente semivocalização da segunda vogal ([huˈ**ĩ**] x [ˈhũ**j̃**]), em *ruim*. Nesse caso, foi possível juntar os dados na carta-síntese S012. Os resultados estão expostos na Tabela 13, a seguir.

**Tabela 13** – Hiato e ditongo –oa (*coador*) e –ui (*ruim*) no Sul Amazonense

| | **Hiato** | | **Ditongo** | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 14/16 | 87 | 2/16 | 13 |
| **Lábrea** | 12/16 | 75 | 4/16 | 25 |
| **Tapauá** | 10/16 | 62 | 6/16 | 38 |
| **Humaitá** | 12/16 | 75 | 4/16 | 25 |
| **Manicoré** | 12/15 | 80 | 3/15 | 20 |
| **Borba** | 13/16 | 81 | 3/16 | 19 |
| **TOTAL** | 73/95 | 77 | 22/95 | 23 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Conforme se observa na Tabela 13, nos vocábulos *coador* e *ruim* é mais frequente a manutenção do hiato (77%). Quanto à distribuição diatópica, observa-se que em todas as localidades a predominância é pela manutenção do hiato, sendo em Boca do Acre o maior índice (87%) e em Tapauá o menor (62%).

o. Redução de sílabas e acento tônico nas proparoxítonas

O apagamento da vogal posterior postônica não-final /o/ em *fósf**o**ro* (QFF 070) e *árv**o**re* (QFF 029), abordado na alínea b, gera uma redução no número de sílabas e uma mudança na posição do acento tônico, passando a palavra a paroxítona com duas sílabas. Essa variação foi abordada na carta-síntese S018, resumida na Tabela 14:

**Tabela 14** – Número de sílaba e acento tônico nas proparoxítonas no Sul Amazonense

| | Trissílaba/Proparoxítona | | Dissílaba/Paroxítona | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 10/16 | 62 | 6/16 | 38 |
| **Lábrea** | 14/16 | 87 | 2/16 | 13 |
| **Tapauá** | 14/16 | 87 | 2/16 | 13 |
| **Humaitá** | 16/16 | 100 | 0/16 | 0 |
| **Manicoré** | 16/16 | 100 | 0/16 | 0 |
| **Borba** | 10/16 | 62 | 6/16 | 38 |
| **TOTAL** | 80/96 | 83 | 16/96 | 17 |

**Fonte:** Elaboração do autor

Observa-se, na Tabela 14, a manutenção da proparoxítona na maioria das ocorrências (83%) e em todas as localidades, no entanto, em Boca do Acre e Borba, os índices de redução são um pouco maiores que os demais (38%, em ambas). É importante notar que não houve redução em Humaitá e Manicoré.

A seguir, abordam-se os resultados fonéticos observados no ALSAM com realação ao consonantismo.

#### 4.1.1.2 Consonantismo

No âmbito do consonatismo, observou-se a realização do /R/ forte (inicial e medial) e do o /R/ em coda silábica, da lateral alveolar /l/ em coda silábica e em contexto precedente a segmento vocálico alto anterior [i,j], da lateral palatal, do /S/ em coda silábica, da nasal alveolar em contexto precedente à vogal [i], da nasal palatal e das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em contexto precedente à vogal [i], além da assimilação de [d] no grupo –nd de gerúndio e a realização dos encontros consonantais.

a. /R/ forte

O /R/ forte foi observado nas questões do QFF 027 – ***r****eal*, 028 – ***r****eais*, 039 – *mo****rr****eu*, 051 – *des****r****espeito*, 061 – *a****rr****oz*, 062 – ***r****oupa*, 080 – ***r****uim*, 103 – ***r****ato*, 104 – ***r****emédio*, 110 – ***r****emando*, 111 – ***r****asgar*, tanto no ínicio quanto no meio do vocábulo. Porém não houve variação significativa com relação a essa variável, cuja

variante fricativa glotal foi quase categórica, à exceção de dois casos de fricativa velar registrados em Borba nas palavras *reais* e *roupa*, pronunciadas como [xɛˈajʃ] e [ˈxopɐ], pelo informante masculino, mais velho e mais escolarizado e pelo informante masculino, mais jovem e menos escolarizado, respectivamente. O predomínio da fricativa glotal na mesorregião era esperado, uma vez que já vinha sendo confirmado em outras pesquisas realizadas no Amazonas (ALAM, AFBAM, ALFARiN, ALiB).

b. /R/ em coda silábica

O /R/ em coda silábica está contemplado em dois contextos, medial e final de vocábulo. Em contexto medial, foi analisado nas questões do QFF 020 – *pe**r**fume*, 021 – *pe**r**dido*, 029 – *á**r**vore* e 030 – *vi**r**gem*, 108 – *go**r**dura*, 108 – *do**r**mindo*, 112 – *anive**r**sário*. Em contexto final, nas questões 019 – *melho**r***, 026 – *queima**r***, 035 – *come**r***, 040 – *coado**r***, 052 – *esfria**r***, 053 – *desfila**r***, 083 – *mulhe**r***, 089 – *planta**r***, 102 – *devaga**r***, 111 – *rasga**r***, 114 – *liquidificado**r***, 116 – *conta**r***, 125 – *senho**r***.

O uso da variante glotal é categórico em contexto de coda, sendo observada, portanto, apenas o apagamento ou não do fonema. Assim, os resultados no que se refere à presença ou ausença do /R/ em coda silábica foram reunidos na carta-síntese S013 e encontram-se na Tabela 15:

**Tabela 15** – Apagamento do /R/ em coda silábica no Sul Amazonense

| | **Presença de /R/** | | **Ausência de /R/** | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 100/159 | 63 | 59/159 | 37 |
| **Lábrea** | 92/155 | 59 | 63/155 | 41 |
| **Tapauá** | 60/159 | 38 | 99/159 | 62 |
| **Humaitá** | 135/160 | 84 | 25/160 | 16 |
| **Manicoré** | 96/158 | 62 | 59/158 | 38 |
| **Borba** | 108/163 | 66 | 55/163 | 34 |
| **TOTAL** | 591/951 | 62 | 360/951 | 38 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 15 demonstra maior índice de manutenção do fonema (62%) na mesorregião, sendo Humaitá a localidade que mais realiza o fonema (84%) e

Tapauá a localidade onde o /R/ é mais apagado (62%).

Os resultados referentes ao /R/ em coda quanto à posição no vocábulo estão expostos nas cartas-síntese S013a e S013b e revelam uma mudança na distribuição diatópica das variantes apresentada na Tabela 15, conforme se observa a seguir.

**Quadro 16** – Apagamento do /R/ em coda silábica e posição no vocábulo

| | **Posição Medial** | | **Posição Final** | |
|---|---|---|---|---|
| | **Presença (%)** | **Ausência (%)** | **Presença (%)** | **Ausência (%)** |
| **Boca do Acre** | 91 | 9 | 48 | 52 |
| **Lábrea** | 84 | 16 | 45 | 55 |
| **Tapauá** | 79 | 21 | 16 | 84 |
| **Humaitá** | 96 | 4 | 78 | 22 |
| **Manicoré** | 81 | 19 | 51 | 49 |
| **Borba** | 91 | 9 | 52 | 48 |
| **TOTAL** | 87 | 13 | 48 | 52 |

**Fonte:** Elaboração do autor

De acordo com o Quadro 16, o /R/ em coda silábica medial apresenta frequência maior de manutenção do fonema (87%) na mesorregião e em todas as localidades, alcançando índice de 96% em Humaitá. Porém, o /R/ em coda final apresenta forte concorrência entre as variantes com apenas quatro pontos percentuais de diferença para o apagamento do fonema, apresentando ainda os maiores índices de manutenção entre as localidades do rio Madeira (Humaitá, Manicoré e Borba) e maiores índices de apagamento entre as localidades do Purus (Boca do Acre, Lábrea e Tapauá), mesmo que em Boca do Acre, Manicoré e Borba a relação entre as variantes seja bastante paritária, não ultrapassando quatro pontos percentuais de diferença entre os índices de cada variante.

Tanto o ALAM quanto o ALiB observam diferenças quanto ao apagamento ou não do /R/ em coda silábica externa (final) em verbos e nomes. No Quadro 17, observa-se o /R/ em coda silábica final a partir da variável classe gramatical para fins comparativos.

**Quadro 17** – /R/ em coda silábica final e variável classe gramatical

| | Nomes | | Verbos | |
|---|---|---|---|---|
| | **Presença (%)** | **Ausência (%)** | **Presença (%)** | **Ausência (%)** |
| **Boca do Acre** | 47 | 53 | 48 | 52 |
| **Lábrea** | 44 | 56 | 46 | 54 |
| **Tapauá** | 12 | 88 | 17 | 83 |
| **Humaitá** | 77 | 23 | 78 | 22 |
| **Manicoré** | 53 | 47 | 51 | 49 |
| **Borba** | 62 | 38 | 45 | 55 |
| **TOTAL** | 49 | 51 | 48 | 52 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

É possível constatar, a partir dos índices destacados no Quadro 17, que, diferentemente do que se observa no ALiB e no ALAM, na mesorregião do Sul Amazonense a classe gramatical, em termo de frequência, não parece estar condicionando o apagamento do /R/ em coda silábica final na maioria das localidades. Em Borba, por sua vez, essa variável parece relevante, confirmando o que se observou no ALAM e no ALiB (considerando os dados de Manaus, Porto Velho e Rio Branco), cujos resultados apontam para maior incidência de apagamento em verbos (cf. Apêndice 2 e Quadro 4 – seção 2.4.1). Uma análise multivariada futura, realizada por programas estatísticos, poderá confirmar a relevância ou não da variável classe gramatical para a realização do fenômeno.

Considerando ainda os dados do ALiB referentes a Porto Velho, podemos levantar a hipótese de que o grande índice de presença do /R/ registrado em Humaitá, diferentemente das demais localidades, pode ter recebido influência da capital rodoniense e da migração de pessoas de outras regiões do país para essa região.

c. Lateral alveolar /l/ em coda silábica

A lateral alveolar /l/ em coda silábica foi observada nas questões do QFF 027 – *rea**l***, 049 – *esma**l**te*, 072 – *azu**l***, 081 – *Brasi**l***, 082 – *so**l**dado* e 086 – *sa**l***. Conforme se observa nas cartas fonéticas geradas por meio de algumas dessas questões (026, 046, 068 e 077), esse fonema se concretiza categoricamente como semivogal [w]. Apenas a palavra *azul* (cf. carta fonética F068) apresentou ocorrências de apagamento da lateral por assimilação entre a vogal [u] e a variante

semivogal [w].

d. Lateral alveolar em contexto precedente a segmento vocálico alto anterior [i, j]

A lateral alveolar /l/ em contexto precedente a segmento vocálico alto anterior está contemplada nas questões do QFF 047 – *des**l**igo*, 084 – *famí**l**ia*, 113 – ***l**ivro*, 114 – ***l**iquidificador*, 119 – *pa**l**ito*.

Na palavra *família,* a lateral /l/ realiza-se categoricamente como palatal[36] no Sul Amazonense, uma vez que o ambiente com duas vogais anteriores altas favorece também a palatalização da lateral, mesmo nas localidades em que prevalece o uso alveolar. Essa variante recebe influência também, de acordo com Oliveira (2007), do contexto subsequente, semivogal [j], contexto altamente favorecedor da palatalização no português brasileiro e em várias línguas do mundo, o que é atestado pela incidência do fenômeno na palavra *família* nos atlas regionais amazonenses e paraenses, bem como do vocábulo *cílios* no *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS* (OLIVEIRA, 2007). Dessa forma, a questão 084 não foi considerada nesta análise.

Assim, os resultados referentes a essa variável encontram-se na carta-síntese S014, resumida na Tabela 16:

**Tabela 16** – Lateral alveolar /l/ precedente à vogal [i] no Sul Amazonense

| | [l] | | [ʎ] | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 42/42 | 100 | 0/42 | 0 |
| **Lábrea** | 43/46 | 93 | 3/46 | 7 |
| **Tapauá** | 34/45 | 76 | 11/45 | 24 |
| **Humaitá** | 30/46 | 65 | 16/46 | 35 |
| **Manicoré** | 7/43 | 16 | 36/43 | 84 |
| **Borba** | 9/43 | 21 | 34/43 | 79 |
| **TOTAL** | 165/265 | 62 | 100/265 | 38 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 16 demonstra predominância da variante alveolar /l/ na

[36] Os atlas regionais amazonenses apresentam a distinção entre as variantes da lateral [lʲ] (lateral palatalizada) e [ʎ] (lateral palatal), no entanto, neste trabalho optou-se por agrupar as duas variantes sob o termo palatal, tendo em vista a proximidade de traços envolvidos na distinção das variantes.

mesorregião (62%), sendo categórica em Boca do Acre. Observa-se, porém, que nos municípios de Manicoré e Borba a variante palatal é mais frequente (84% e 79%, respectivamente). Atribui-se essa distribuição à influência das capitais com as quais alguns municípios se relacionam mais diretamente, conforme se discute adiante, na seção 4.2.2.

Além da variável linguística contexto subsequente (vogal [i]), considerou-se a variável contexto precedente, na qual se controlaram os fatores consoante com palatalização, consoante sem palatalização, vogal baixa [a] e ausência de segmento precedente (início de vocábulo). Os dados advindos dessa análise encontram-se cartografados nas cartas-síntese S014a a S014d, resumidas no Quadro 18:

**Quadro 18** – Lateral alveolar /l/ precedente à vogal [i] e contexto precedente

| **CONTEXTO PRECEDENTE** | **%** | |
|---|---|---|
| | [l] | [ʎ] |
| Consoante com palatalização | 36 | 64 |
| Consoante sem palatalização | 77 | 23 |
| Vogal central [a] | 57 | 43 |
| Sem contexto precedente (início de vocábulo) | 59 | 41 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Como se observa no Quadro 18, a consoante precedente com palatalização parece favorecer a palatalização da lateral (64%), enquanto as demais parecem favorecer a variante alveolar. Na seção 4.2.2, analisa-se melhor relevância da variável contexto precedente e de outras variáveis linguísticas e sociais na realização desse fonema por meio do pacote estatístico *Goldvarb X.*

e. Lateral palatal

Para a observação da lateral palatal, consideraram-se as questões 019 – *me**lh**or*, 025 – *gre**lh**a*, 065 – *ore**lh**a*, 067 – *joe**lh**o* e 083 – *mu**lh**er* do QFF, com o fonema em sílabas tônicas e átonas. A Tabela 17 apresenta os resultados observados para essa variável.

**Tabela 17** – Lateral palatal no Sul Amazonense

| | [ʎ] | | [j] | | ø | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 38/40 | 95 | 2/40 | 5 | 0/40 | 0 |
| **Lábrea** | 37/39 | 95 | 0/39 | 0 | 2/39 | 5 |
| **Tapauá** | 38/40 | 95 | 0/40 | 0 | 2/40 | 5 |
| **Humaitá** | 38/40 | 95 | 2/40 | 5 | 0/40 | 0 |
| **Manicoré** | 38/38 | 100 | 0/38 | 0 | 0/38 | 0 |
| **Borba** | 39/40 | 98 | 1/40 | 3 | 0/40 | 0 |
| **TOTAL** | 228/237 | 96 | 5/237 | 2 | 4/237 | 2 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

É possível notar que, a exemplo do que se observa em dados dos demais atlas amazonenses (cf. Quadro 4, seção 2.4.1), a lateral palatal apresenta-se quase categoricamente como palatal, com raros casos de iotização e de apagamento. Os casos de iotização ocorreram em Boca do Acre, Humaitá e Borba. O apagamento foi observado em Lábrea e Tapauá. As palavras cujos fonemas foram semivocalizados foram *grelha* ([ˈgɾɛjjɐ]) e *mulher* ([mujˈjɛ]) e as que tiveram o fonema apagado foram *grelha* ([ˈgɾɛɐ]) e *orelha* ([oˈɾeɐ]). Das nove ocorrências de iotização e apagamento, sete foram com a palavra *grelha*, o que pode indicar um caso de difusão lexical.

Considerando a relação social que circunda o uso das variantes semivogal [j] e apagamento, geralmente atribuídas ao falar rústico, de pessoas do meio rural e sem instrução, observou-se a distribuição social dessas variantes, a qual se apresenta no Quadro a seguir.

**Quadro 19** – Iotização e apagamento da lateral palatal e variáveis sociais

| **VARIÁVEIS / FATORES SOCIAIS** | | **Nº de Ocorrência** | | |
|---|---|---|---|---|
| | | **[j]** | **ø** | **Total** |
| Sexo | Masculino | 3 | 3 | 6 |
| | Feminino | 2 | 1 | 3 |
| Idade | 20 a 35 anos | 2 | 1 | 3 |
| | 50 a 65 anos | 3 | 3 | 6 |
| Escolaridade | 4 a 7 anos | 4 | 3 | 7 |
| | 10 a 13 anos | 1 | 1 | 2 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Os dados do Quadro 30 confirmam o estigma social das variantes uma vez que as ocorrências se concentram majoritariamente entre os informantes masculinos, mais idosos e de baixa escolaridade. É possível acreditar ainda que essas variantes serão cada vez mais evitadas pelos falantes futuramente, tendo em vista a baixa frequência entre os jovens e mais escolarizados.

Corrobora com a tendência de o falante evitar os casos de iotização da lateral palatal a variação observada na carta fonética 009 – *teia*, a qual apresenta uma variante palatal ([ˈteʎɐ]) em 17 ocorrências (34%), em todas as localidades, no que se acredita ser um caso de hipercorreção.

Considerando o baixo índice de variação, não se cartografaram os dados dessa variável (lateral palatal) em uma carta-síntese, porém é possível observar as ocorrências nas cartas fonéticas F019, F024, F061, F063 e F078.

f. /S/ em coda silábica

O /S/ em coda silábica está contemplado em 28 questões do QFF e 18 do QSL, totalizando 46 questões. Observaram-se as variáveis linguísticas posição (medial e final) e contexto subsequente. Os resultados gerais estão apresentados na carta-síntese S015 e na Tabela 18 que segue.

**Tabela 18** – /S/ em coda silábica no Sul Amazonense

| | [s,z] | | [ʃ,ʒ] | | [h, ɦ] | | ø | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 199/327 | 61 | 84/327 | 26 | 29/327 | 9 | 15/327 | 4 |
| **Lábrea** | 218/333 | 66 | 84/333 | 25 | 21/333 | 6 | 10/333 | 3 |
| **Tapauá** | 197/333 | 59 | 107/333 | 32 | 23/333 | 7 | 6/333 | 2 |
| **Humaitá** | 193/337 | 57 | 112/337 | 33 | 23/337 | 7 | 9/337 | 3 |
| **Manicoré** | 36/335 | 11 | 237/335 | 71 | 49/335 | 14 | 13/335 | 4 |
| **Borba** | 72/328 | 22 | 209/328 | 64 | 30/328 | 9 | 17/328 | 5 |
| **TOTAL** | 915/1993 | 46 | 833/1993 | 42 | 175/1993 | 9 | 70/1993 | 3 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

O /S/ em coda silábica, de acordo com a Tabela 18, apresenta três variantes – fricativa alveolar surda e sonora [s,z], fricativa alveopalatal surda e sonora [ʃ. ʒ] e fricativa glotal surda e sonora [h, ɦ], além de sofrer apagamento.

Existe forte concorrência entre as variantes alveolar (46%), mais frequente na mesorregião e alveopalatal (42%), segunda mais frequente.

Quanto à distribuição diatópica, observa-se predominância da variante alveolar em Lábrea (66%), Boca do Acre (61%), Tapauá (59%) e Humaitá (57%) e da variante alveopalatal em Manicoré (71%) e Borba (64%), resultado que confirma as pesquisas já realizadas na região por Maia (2012), em Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, e Cruz (2004), por meio do ALAM, em Lábrea e Humaitá. No entanto, os resutados obtidos em Manicoré e Borba não podem confirmar a hipótese de Cruz (2004) de que os municípios da microrregião do Madeira se caracterizem pela pronúncia alveolar. A localidade de Humaitá, representante da microrregião do Madeira no ALAM, é exceção entre as localidades de sua microrregião quanto à realização desse fonema, aproximando-se das localidades das microrregiões do Purus e Boca do Acre.

Os estudos dialetais e sociolinguísticos realizados sobre o /S/ em coda silábica têm demonstrado que sua concretização, além da dimensão diatópica, tem forte motivação articulatória. Nesse sentido, observaram-se, na confecção das cartas linguísticas, as variáveis linguísticas posição no vocábulo e contexto subsequente. As cartas-síntese S015a a S015g contemplam essas variáveis e resumem-se a seguir:

**Quadro 20** – /S/ em coda silábica e variáveis posição e contexto subsequente

| **POSIÇÃO / CONTEXTO SUBSEQUENTE** | **%** | | | |
|---|---|---|---|---|
| | **[s,z]** | **[ʃ,ʒ]** | **[h, ɦ]** | **ø** |
| Posição medial, antes de oclusivas e fricativas surdas [p, f, k] | 70 | 29 | 0 | 1 |
| Posição medial, antes de oclusivas e fricativas sonoras [b, d, h, g] | 62 | 19 | 6 | 13 |
| Posição medial, antes de oclusiva alveolar surda [t] | 3 | 97 | 0 | 0 |
| Posição medial, antes de laterais [l, ʎ] | 17 | 20 | 63 | 0 |
| Posição medial, antes de nasal [m] | 59 | 19 | 22 | 0 |
| Posição medial, antes de africada [tʃ] | 4 | 61 | 34 | 1 |
| Posição final, como parte da raiz | 68 | 31 | 0 | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Uma análise superficial da posição e do contexto subsequente, observando apenas a frequência, revela o predomínio da variante alveolar quando o /S/ medial antecede a consoante nasal [m] e as oclusivas e fricativas, com exceção de [t], e quando o /S/ final é parte da raiz; a seu turno, a variante alveopalatal é predominante quando o fonema está em posição medial e antecedendo a consoante

oclusiva alveolar [t] e africada [tʃ]; já a variante glotal predomina quando o /S/ está em posição medial e antecede as laterais [l] e [ʎ]. O apagamento não predomina em nenhum contexto, no entanto observa-se sua maior incidência em contexto subsequente a oclusivas e fricativas sonoras. Isso se deve às ocorrências [buɾaˈkadɐ], [ibuɾaˈkadɐ], [ĩbuɾaˈkadɐ] para *esburacada*.

Posteriormente, na seção 4.2.3, apresenta-se a análise multivariada realizada para o /S/ em coda silábica, na qual se verifica a relevância dessas e de outras variáveis linguísticas e sociais, medidas em peso relativo, para a concretização desse fonema.

g. Nasal alveolar precedendo segmento vocálico alto anterior [i,j]

A nasal alveolar antes de [i,j] foi observada nas questões 069 – *bo**n**ito*, 076 – *u**n**ião*, 088 – *Santo Antô**n**io* e 112 – *a**n**iversário*. Esse fonema apresenta-se quase categoricamente palatalizado [nʲ] pela presença da vogal alta [i] em *união, aniversário* e *bonito*, apresentando-se como alveolar [n] apenas uma vez na localidade de Lábrea, pelo informante do sexo masculino, de 50 a 65 anos e de 4 a 7 anos de escolaridade, na palavra *bonito* [boˈnitʊ]. Em *Santo Antônio*, quando antecede o ditongo crescente /jo/, apresenta três variantes: semivogal [j], mais frequente na mesorregião, nasal palatalizada [nʲ] e nasal palatal [ɲ], mais frequente apenas em Manicoré, conforme se verifica na carta fonética F082a.

h. Nasal palatal

A análise da nasal palatal considerou o contexto subsequente à vogal [i] em sílaba tônica (questões do QFF 014 – *espi**nh**a*, 032 – *boti**nh**o*, 056 – *canoi**nh**a*) e os demais contextos (questões do QFF 034 – *co**nh**eço*, 059 – *pamo**nh**a*, 087 – *ama**nh**ã*, 125 – *se**nh**or* e a questão do QSL 246 – *peco**nh**a*). Os resultados gerais observados estão cartografados na carta-síntese S016, resumida na Tabela 19:

**Tabela 19** – Nasal palatal no Sul Amazonense

| | [ɲ] | | [j̃] | | ø | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 16/62 | 26 | 37/62 | 60 | 9/62 | 14 |
| **Lábrea** | 1/63 | 2 | 41/63 | 65 | 21/63 | 33 |
| **Tapauá** | 9/64 | 14 | 34/64 | 53 | 21/64 | 33 |
| **Humaitá** | 2/63 | 3 | 44/63 | 70 | 17/63 | 27 |
| **Manicoré** | 49/64 | 76 | 12/64 | 19 | 3/64 | 5 |
| **Borba** | 46/62 | 74 | 16/62 | 26 | 0/62 | 0 |
| **TOTAL** | 123/378 | 32 | 184/378 | 49 | 71/378 | 19 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

A nasal palatal realiza-se na mesorregião majoritariamente como semivogal nasalizada [j̃] ([kõj̃jesʊ] para *conheço*, por exemplo), com 49% das ocorrências, no entanto a nasal palatal [ɲ] ([pãˈmõɲɐ] para *pamonha*, por exemplo) apresenta índices consideráveis de 32%, sendo a variante mais frequente em Manicoré (76%) e Borba (74%). O apagamento ([isˈpĩɐ] para *espinha*, por exemplo) representa 19% dos dados, sendo mais frequente em Lábrea e Tapauá (33%, em ambas).

No ALAM, as variantes zero fonético (apagamento) e semivogal nasalizada foram agrupadas para representar a não-ocrrência da nasal palatal. Também observou-se separadamente o fonema nas palavras em que ele se encontrava no sufixo de diminutivo *–inho*. Dessa forma, excetuando as ocorrências da nasal palatal no sufixo de diminutivo (nos quais as não-ocorrências chegam a 85%), as não-ocorrências de nasal palatal somam 69,7% das realizações do fonema, enquanto as ocorrências chegam a 30,3%. Agrupando-se esses dados, observa-se que os resultados do ALSAM se aproximam dos do ALAM: 68% de não-ocorrências contra 32% de ocorrências.

Os resultados referentes ao contexto observado nesta pesquisa, nasal palatal sucedendo vogal tônica [i], encontram-se nas cartas-síntese S016a e S016b e estão resumidos a seguir.

**Quadro 21** – Nasal palatal sucedendo [i] e demais contextos

| VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS | % | | |
|---|---|---|---|
| | [ɲ] | [j̃] | ø |
| Sucedendo [i] tônico | 24 | 18 | 48 |
| Demais contextos | 31 | 68 | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Pode-se observar, no Quadro 21, que a presença da vogal tônica [i] antes da nasal palatal favorece o seu apagamento. Nos outros contextos, a variante que predomina continua sendo a semivogal nasalizada. Esse Quadro permite levantar a hipótese de que o processo de apagamento da nasal inicia-se pela semivocalização [j], na qual a nasal mantém apenas o traço de nasalidade [j̃]. Em seguida, quando a vogal tônica é alta anterior [i], a semivogal sofre assimilação permanecendo apenas o traço de nasalidade. A baixa ocorrência de apagamento nas localidades em que a nasal palatal [ɲ] é predominante (Borba e Manicoré) e a alta produtividade nas que a semivogal nasalizada [j̃] é mais frequente (Humaitá, Boca do Acre, Lábrea e Tapauá) fortalecem essa hipótese (cf. Tabela 19).

i. Oclusivas alveolares /t/ e /d/ precedendo vogal alta anterior [i]

Os fonemas /t/ e /d/ antes de [i] foram observados em 15 questões do QFF: 003 – *toma**t**e*, 007 – *men**t**ira*, 018 – *presen**t**e*, 021 – *per**d**ido*, 022 – *lei**t**e,* 032 – *bo**t**inho*, 037 – *inocen**t**e*, 049 – *esmal**t**e*, 058 – ***d**iretora*, 060 – *ves**t**ido*, 071 – *pos**t**e*, 085 – *cas**t**igo*, 104 – *remé**d**io*, 105 – *me**d**icina* e 114 – *liqui**d**ificador*.

Observou-se o registro quase categórico das consoantes africadas [tʃ] e [dʒ], a exemplo do que ocorre no restante do Amazonas, de acordo com o ALAM, e na maioria das regiões brasileiras, de acordo com dados do ALiB. Apenas foram registrados dois casos de [t] na palavra *mentira*: um em Boca do Acre, pelo informante masculino, de 20 a 35 anos de idade e 4 a 7 anos de escolaridade; e outro em Lábrea, pelo informante masculino, de 20 a 35 anos de idade e 10 a 13 anos de escolaridade.

j. Grupo consonantal –nd, de verbos no gerúndio

O grupo consonantal da desinência de gerúndio foi observada em três questões do QFF: 101 – *anda**nd**o*, 109 – *dormi**nd**o* e 110 – *rema**nd**o*. A carta-síntese S017 apresenta os resultados para essa variável na mesorregião, conforme se observa na Tabela 20, a seguir.

**Tabela 20** – Grupo consonantal –nd do gerúndio no Sul Amazonense

| | **/Nd/ - [d]** | | **/Nd/ - [n]** | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 16/24 | 67 | 8/24 | 33 |
| **Lábrea** | 11/24 | 46 | 13/24 | 54 |
| **Tapauá** | 17/24 | 71 | 7/24 | 29 |
| **Humaitá** | 24/24 | 100 | 0/24 | 0 |
| **Manicoré** | 22/24 | 92 | 2/24 | 8 |
| **Borba** | 17/24 | 71 | 7/24 | 29 |
| **TOTAL** | 107/144 | 74 | 37/144 | 26 |

**Fonte:** Elaboração do autor

É possível notar, na Tabela 20, que a assimilação de [d] do grupo consonantal –nd de verbos no gerúndio ([ãˈdãnʊ], [duɲˈmĩnʊ], [hẽˈmãnʊ]) é pouco frequente na mesorregião (26%), na qual a manutenção da oclusiva alveolar é predominante (74%).

Quanto à distribuição diatópica das variantes, observa-se que Humaitá ocupa a primeira posição entre os municípios que mantêm [d], com resultado categórico para essa variante, seguido de Manicoré (92%), Tapauá e Borba (71%, em ambas). Lábrea é a única localidade que apresenta maior incidência de assimilação de [d] (54%).

Os resultados do ALSAM aproximam-se dos resultados do ALAM. Este apresenta na carta fonética 43 – *conversando*, 42 ocorrências de manutenção de [d] e apenas 9 ocorrências de assimilação. Porém é curioso o fato de quatro dessas ocorrências de assimilação serem realizadas em Humaitá, localidade que, no ALSAM, não apresentou nenhuma ocorrência de assimilação. No Baixo Amazonas, de acordo com dados do AFBAM, também não ocorre assimilação de [d] no grupo consonantal –nd de gerúndio. Tais resultados podem ser explicados pelo tipo de instrumento de coleta de dados, o questionário, que acaba deixando o informante

menos descontraído e que o faz evitar a forma não-padrão, neste caso, a assimilação. Acredita-se que assimilação de [d] possa ocorrer com mais frequência em dados de elocução livre, o que poderá ser investigado em pesquisas futuras, considerando os bancos de dados formados pelas pesquisas já realizadas no Amazonas.

k. Encontros consonantais

Para a observação dos encontros consonantais, o QFF contém as questões 018 – ***pr****esente*, 036 – ***pr****ofessora*, 042 – ***pr****oibido*, 044 – ***pr****oa,* 091 – ***pr****ato* e 107 – ***pr****ateleira* para o encontro pr-, a questão 089 – ***pl****antar* para o encontro pl-, as questões 033 – *o****br****igado*, 081 – ***Br****asil* e 093 – ***br****aço* para o encontro br-, a questão 095 – ***cr****avo* para o encontro cr-, as questões 057 – *cabo****cl****o* e 095 – ***cl****ara* para o encontro cl- , as questões 068 – *coma****dr****e* e 092 – *vi****dr****o* para o encontro dr-, as questões 052 – *es****fr****iar* e 096 – ***fr****io* para o encontro fr-, a questão 025 – ***gr****elha* para o encontro gr-, a questão 094 – ***tr****ês* para o encontro tr-, e a questão 113 – *li****vr****o* para o encontro vr-.

A variação, envolvendo os encontros consonantais, foi baixa, apenas observada em alguns vocábulos. O encontro pl- na palavra *plantar* (carta fonética F083) apresentou apenas três ocorrências de rotacismo, sendo realizada como [pɾãˈta] em Lábrea, pelos informantes mais velhos e menos escolarizados, tanto o homem quanto a mulher, e em Boca do Acre pela informante do sexo feminino, mais jovem e menos escolarizada.

O encontro dr- em *comadre*, observado na carta fonética F064b, apresenta 12 ocorrências de redução para /d/ ([kũˈmadʒɪ] em Lábrea (5 ocorrências), Boca do Acre (3 ocorrências), Tapauá (3 ocorrências) e Humaitá (1 ocorrência). A distribuição dessas ocorrências de acordo com as variáveis sociais encontra-se no Quadro 22.

**Quadro 22** – Redução do encontro consonantal dr- para /d/ em *comadre* e variáveis sociais

| VARIÁVEIS SOCIAIS | FATORES | OCORRÊNCIAS DE [dʒ] |
|---|---|---|
| **Sexo** | Feminino | 7 |
| | Masculino | 5 |
| **Idade** | 20 a 35 anos | 8 |
| | 50 a 65 anos | 4 |
| **Escolaridade** | 4 a 7 anos | 7 |
| | 10 a 13 anos | 5 |

**Fonte:** Elaboração do autor

Nota-se que a variante ocorre em todos os grupos e, ao contrário do que se esperava, é mais frequente entre os informantes mais jovens.

Em *vidro* (carta fonética 084), o encontro dr- por hipértese forma o encontro vr- ([ˈvɾidʊ]). No ALSAM foram observados nove ocorrências dessa variante, sendo três em Boca do Acre, três em Tapauá, duas em Lábrea e uma em Humaitá. O Quadro 23, a seguir, mostra a distribuição dessas ocorrências quanto às variáveis sociais observadas na pesquisa.

**Quadro 23** – Ocorrências de [ˈvɾidʊ] para *vidro* e variáveis sociais

| VARIÁVEIS SOCIAIS | FATORES | OCORRÊNCIAS DE [ˈvɾidʊ] |
|---|---|---|
| **Sexo** | Masculino | 5 |
| | Feminino | 4 |
| **Idade** | 20 a 35 anos | 6 |
| | 50 a 65 anos | 3 |
| **Escolaridade** | 4 a 7 anos | 5 |
| | 10 a 13 anos | 4 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

A variante ocorre em todos os grupos, apresentando uma distribuição equilibrada nas variáveis *sexo* e *escolaridade*. Quanto à variável *idade*, observa-se mais uma vez o maior número de ocorrência entre os jovens.

O encontro cl- na palavra *caboclo* (carta fonética F054), na maioria das ocorrências (70%) e em todas as localidades, perde a lateral e é realizado como [k] ([kaˈboku]). Acredita-se que se trata de um caso de difusão lexical, pois ocorre na fala de todos os grupos e não ocorre em outros vocábulos.

Os encontros consonantais pr-, br-, cr-, fr-, gr- e tr- não apresentaram nenhuma variação.

l. Outras variáveis fonéticas

Além das variáveis observadas e descritas nessa seção, identificam-se, no ALSAM, a variação da oclusiva bilabial sonora /b/ em *assobio* (carta fonética F073c) e da oclusiva velar em *mungunzá* (carta fonética F114c).

A oclusiva bilabial /b/ em *assobio* realizou-se majoritariamente como oclusiva bilabial sonora [b] (54%), no entanto a fricativa labiodental sonora [v] apresenta índice considerável de 46%, conforme se observa na Tabela 21, a seguir:

**Tabela 21** – Oclusiva bilabial sonora /b/ em *assobio* no Sul Amazonense

| | [b] | | [v] | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 4/8 | 50 | 4/8 | 50 |
| **Lábrea** | 4/8 | 50 | 4/8 | 50 |
| **Tapauá** | 5/8 | 63 | 3/8 | 37 |
| **Humaitá** | 6/8 | 75 | 2/8 | 25 |
| **Manicoré** | 5/8 | 63 | 3/8 | 37 |
| **Borba** | 2/8 | 25 | 6/8 | 75 |
| **TOTAL** | 26/48 | 54 | 22/48 | 46 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

É possível obsevar, na Tabela 21, que a localidade de Borba se diferencia das demais ao utilizar mais a fricativa labiodental [v] (75%), enquanto em Humaitá, Manicoré e Tapauá predomina a oclusiva bilabial [b] (75%, 63% e 63%, respectivamente). Em Lábrea e Boca do Acre, observa-se uma distribuição paritária das variantes.

No vocábulo *mungunzá*, a oclusiva velar da segunda sílaba /g/ foi realizada como sonora [g] ou sofreu desvozeamento, sendo realizada como [k] ([mũkũˈza]). A Tabela 22 apresenta a distribuição das variantes na mesorregião.

**Tabela 22** – Oclusiva velar /g/ em *mungunzá* no Sul Amazonense

| | [g] | | [k] | |
|---|---|---|---|---|
| | **Ocorrência** | **%** | **Ocorrência** | **%** |
| **Boca do Acre** | 3/8 | 37 | 5/8 | 63 |
| **Lábrea** | 1/7 | 14 | 6/7 | 86 |
| **Tapauá** | 4/8 | 50 | 4/8 | 50 |
| **Humaitá** | 8/8 | 100 | 0/8 | 0 |
| **Manicoré** | 7/7 | 100 | 0/7 | 0 |
| **Borba** | 7/7 | 100 | 0/7 | 0 |
| **TOTAL** | 30/45 | 67 | 15/45 | 33 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

A Tabela 22 revela que a variação ocorre nas localidades do rio Purus, sendo mais frequente entre elas a variante surda. Lábrea é a localidade com mais ocorrências de desvozeamento do fonema (86%), seguida de Boca do Acre (63%). Em Tapauá, as variantes concorrem com índices de 50%. Nas localidades do rio Madeira apenas ocorre a variante sonora.

Diante do exposto, e à guisa de conclusão, é possível resumir, em um Quadro comparativo com os demais atlas fonéticos amazonenses, os resultados obtidos para as principais variáveis fonéticas observadas na mesorregião Sul Amazonense.

**Quadro 24** – Variação fonética observada no ALSAM em comparação à observada nos demais atlas fonéticos amazonenses (ALAM, AFBAM e ALFARiN)

| VARIÁVEIS | ALSAM | ALAM (2004) | AFBAM (2011) | ALFARiN (2012) |
|---|---|---|---|---|
| **Vogal pretônica /e/** | Vogal média alta (fechada) [e], mas também há contextos que favorecem [i] e [ɛ] | Vogal média baixa (aberta) [ɛ], mas também há contextos em que predominam [e] e [i] | Vogal média alta (fechada) [e] | Vogal média alta (fechada) [e] |
| **Vogal pretônica /o/** | Vogal média alta (fechada) [o], mas também há contextos em que predominam [u] e [ɔ] | Vogal média baixa (aberta) [ɔ], mas também há contextos em que predominam [o] e [u] | Vogal média alta (fechada) [o] | Vogal média alta (fechada) [o] |
| **Vogal tônica /o/** | Vogal [o], com raras ocorrências de alçamento | Vogal [o], com raras ocorrências de alçamento | Vogal [o], com raras ocorrências de alçamento | Vogal [o] categórica |
| **Ditongo /ej/** | Ditongo [ej], porém | Ditongo [ej] mesmo | Monotongação | Monotongação /ej/ |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | em contexto anterior a /ɾ/ e /ʃ/ ocorre monotongação /ej/ > [e] | em contexto anterior a /ɾ/ e /ʃ/ | /ej/ > [e] | > [e], principalmente em contexto anterior a /ɾ/ e /ʃ/ |
| **Ditongo /ow/** | Monotongação /ow/ > [o] | Monotongação /ow/ > [o] | Monotongação /ow/ > [o] | Monotongação /ow/ > [o] |
| **/S/ em coda silábica** | Alveolar [s], porém nas localidades de Manicoré e Borba predomina a alveopalatal [ʃ] | Alveopalatal [ʃ] nas microrregiões do Alto Rio Negro, Médio e Baixo Amazonas e alveolar [s] nas demais microrregiões | Alveopalatal [ʃ] categórica | Alveopalatal [ʃ] |
| **/R/ inicial e intervocálico** | Fricativa glotal [h] | Fricativa glotal [h] | Fricativa glotal [h] | Fricativa glotal [h] |
| **/R/ em coda silábica medial** | Fricativa glotal [h] | Fricativa glotal [h] | Fricativa glotal [h] | Fricativa glotal [h], com índices expressivos de vibrante múltipla [r] e apagamento |
| **/R/ em coda silábica final** | Forte concorrência entre apagamento e fricativa glotal [h] | Apagamento, principalmente em verbos no infinitivo | Fricativa glotal [h] | Apagamento |
| **Oclusivas alveolares /t/ e /d/ antes de [i, j]** | Africadas [tʃ] e [dʒ] | Africadas [tʃ] e [dʒ] categóricas | Africadas [tʃ] e [dʒ] categóricas | Africadas [tʃ] e [dʒ] |
| **Lateral palatal /ʎ/** | Lateral palatal [ʎ] e raros casos de iotização [j] e apagamento | Lateral palatalizada [lʲ] e raros casos de iotização [j] | Lateral palatal [ʎ] e raros casos de iotização [j] | Lateral palatalizada [lʲ] e raros casos de iotização [j] |
| **Lateral antes de [i, j]** | Lateral alveolar[37], porém a lateral palatal é predominante em Borba e Manicoré | Lateral palatalizada [lʲ] no vocábulo *família* | Lateral palatal [ʎ] no vocábulo *família* | Lateral palatalizada [lʲ] no vocábulo *família* |
| **Lateral em coda silábica** | Semivocalização categórica | Semivocalização categórica | Semivocalização categórica | Semivocalização categórica |
| **Nasal palatal /ɲ/** | Semivogal nasalizada [j̃], porém em Borba e Manicoré predomina a nasal palatal [ɲ] | Apagamento, semivogal nasalizada [j̃] ou a variante [nʲ] | - | Vogal alta nasal [ĩ] (apagamento) e semivogal nasalizada [j̃] |
| **Grupo –nd** | Manutenção de –nd | - | Manutenção de -nd categórica | - |

**Fonte:** Elaboração do autor a partir dos dados de pesquisas no Amazonas (CRUZ, 2004; BRITO, 2011; JUSTINIANO, 2012 e esta pesquisa).

O Quadro 24 considera a variante mais produtiva na região estudada pelos atlas. No âmbito do vocalismo, verifica-se que as vogais médias pretônicas vêm sendo caracterizadas, nos atlas posteriores ao ALAM, incluindo o ALSAM,

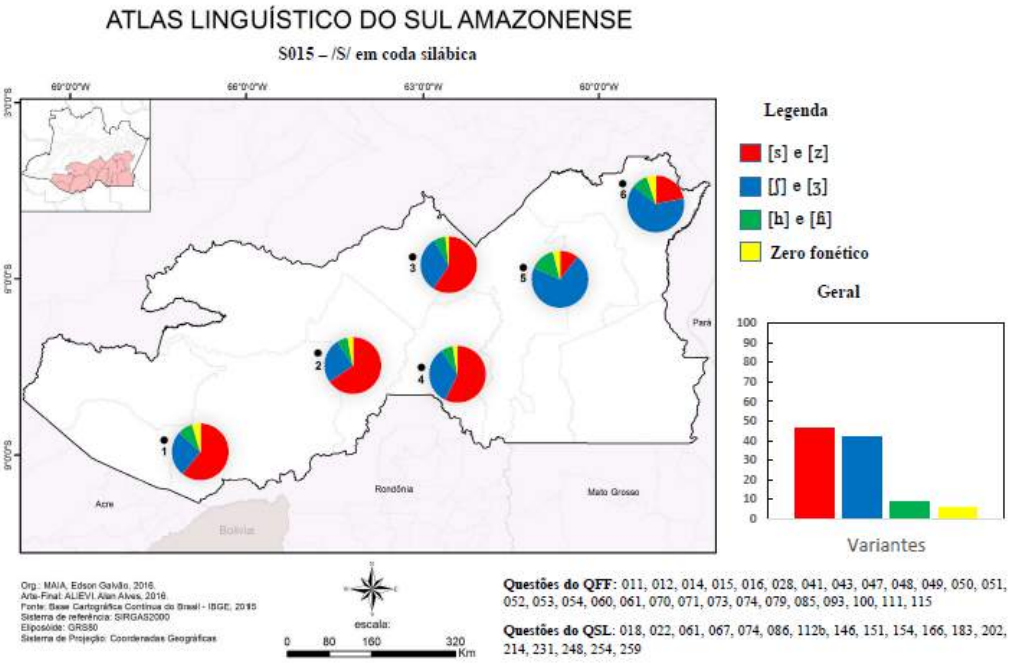
[37] Não se considerou o vocábulo *família*, no qual a palatalização é categórica, ao passo que os demais atlas apenas consideraram esse vocábulo.

como média alta (fechada), diferentemente do que se observou no ALAM, o que pode indicar uma mudança em curso no Amazonas ou, pelo menos, nas regiões já investigadas (Baixo Amazonas, Alto Rio Negro e Sul Amazonense). Quanto ao ditongo /ej/, observa-se no ALSAM o predomínio da manutenção, embora a monotongação seja predominante em contexto anterior a /ɾ/ e /ʃ/, diferentemente do que se observa no ALAM, cujos resultados apontam para a manutenção mesmo nesses contextos. Esse ditongo também se diferencia no ALSAM, em relação ao ALFARiN e ao AFBAM, nos quais predomina a monotongação. Já o ditongo /ow/ vem sofrendo monotongação em todos as regiões, de acordo com os atlas.

No campo do consonantismo, destaca-se o uso da fricativa glotal [h] do /R/ inicial, intervocálico e em coda medial em todas as regiões investigadas no Amazonas, enquanto o /R/ em coda final sofre concorrência entre a fricativa glotal (predominante no AFBAM) e o apagamento (predominante nos demais atlas). Sobre o /S/ em coda, observam-se os atlas confirmando a hipótese de isófona observada no ALAM, no entanto o ALSAM traz dados novos sobre as localidades de Borba e Manicoré que, estando na Microrregião do Madeira, não confirmam a hipótese de Cruz (2004) para essa microrregião. Quanto à nasal palatal, observa-se que as localidades de Manicoré e Borba se diferenciam das demais, com predomínio da variante nasal [ɲ], ao passo que as demais localidades do Sul Amazonense confirmam as variantes observadas nos outros atlas, a semivogal nasalizada [j̃] e o apagamento, principalmente sucedendo [i]. É ponto comum entre o ALSAM e os demais atlas que as oclusivas alveolares /t/ e /d/ antes de [i] se realizem como africadas [tʃ] e [dʒ], que a lateral palatal se realize como palatal [ʎ] e palatalizada [lʲ], sendo raros os casos de iotização, que a lateral em coda silábica tenha semivocalização [w] categórica e que o grupo –nd, seja mantido nos verbos no gerúndio, não ocorrendo assimilação de [d].

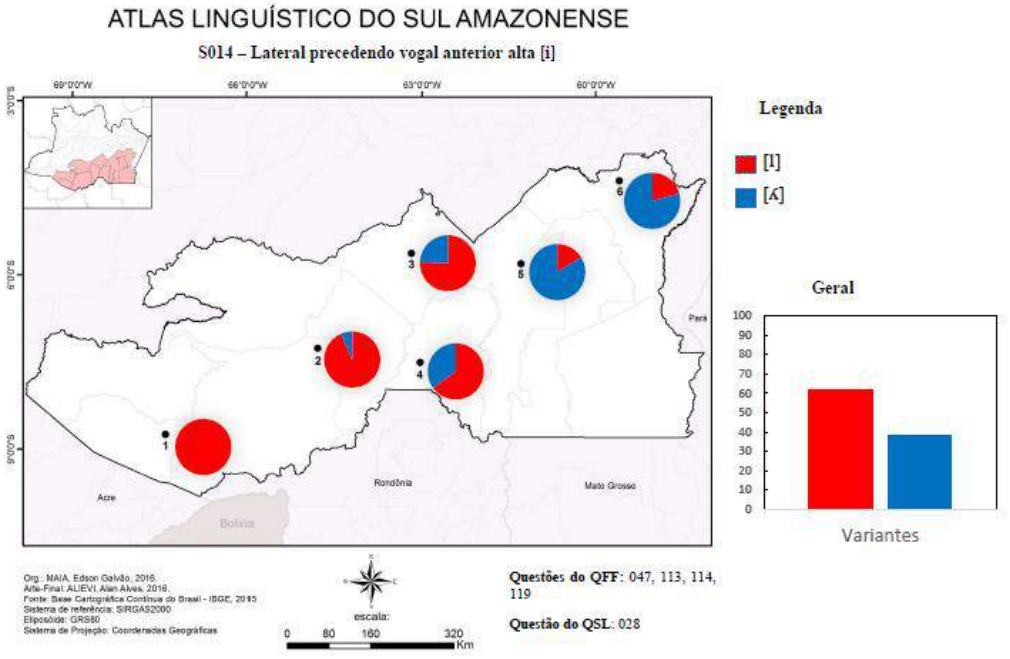
Chama a atenção, quanto à variação fonética no Sul Amazonense, que a palatalização parece ser fator primordial na definição de agrupamentos diatópicos na região. As localidades de Manicoré e Borba, no que se refere às variáveis que envolvem esse traço, como o /S/ em coda silábica, a lateral alveolar antes de [i] e a nasal palatal, parecem se diferenciar das demais localidades, conforme evidenciam as cartas dispostas nas figuras 32, 33 e 34:

**Figura 32** – Carta-síntese S015 - /S/ em coda silábica no Sul Amazonense



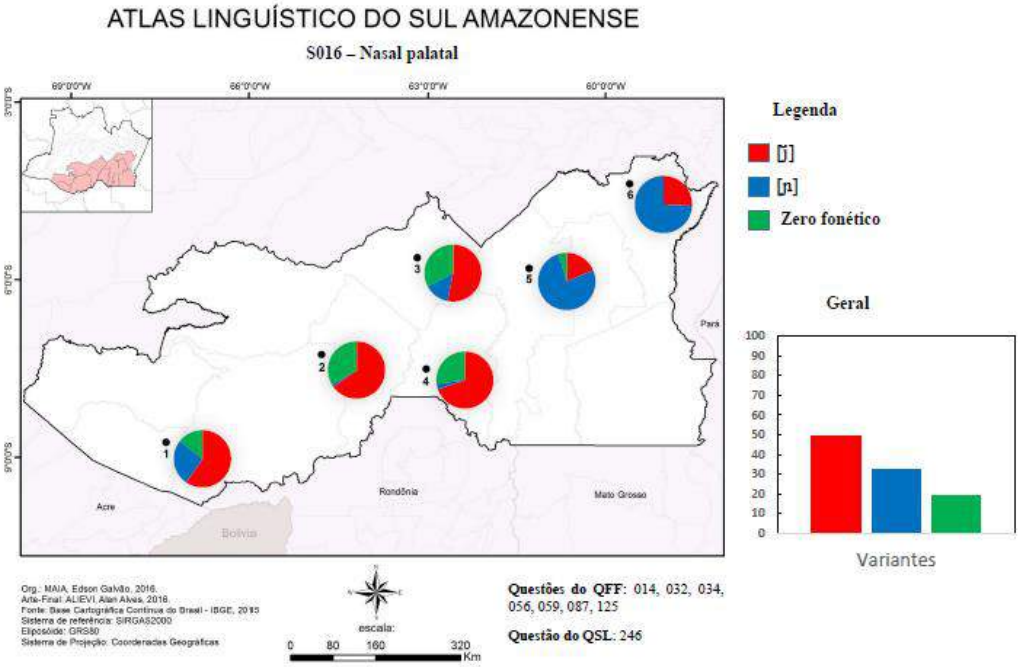

**Fonte**: ALSAM

**Figura 33** – Carta-síntese S014 – Lateral precedendo vogal [i] no Sul Amazonense




**Fonte**: ALSAM

**Figura 34** – Carta-síntese S016 – Nasal palatal no Sul Amazonense




**Fonte**: ALSAM

As localidades de Borba e Manicoré, as mais antigas da mesorregião, apresentam duas caracetrísticas que podem contribuir para essa configuração: algumas peculiaridades em suas histórias e a maior proximidade com a capital amazonense.

Borba nasce da antiga missão jesuíta do Trocano, a qual posteriormente recebe a população de outra missão, Santo Antônio das Cachoeiras. Marco de sua história ainda foram os esforços para sua povoação dispensados pelo governo da recém criada Capitania de São José do Rio Negro (Estado do Amazonas), que incluíam o incentivo ao casamento entre portugueses e indígenas, a fim de que se estabelecesse a primeira vila da capitania.

Manicoré, cujas origens remontam à povoação do Crato, nasceu da necessidade de um ponto de apoio em uma rota comercial e recebeu povoamento de mais duas missões que não prosperaram, São Carlos do Jamari e Vila Nova Rainha, além de o próprio povoado ter migrado e se juntado à Freguesia de Baetas. Assim, não se pode desconsiderar a influência portuguesa dessas duas localidades, por terem surgido de missões e povoações que, ao longo do rio Madeira, um dos primeiros rios explorados na região, surgiam com vistas à ocupação portuguesa na

Amazônia.

Dessa forma, acredita-se que a palatalização do /S/ em coda silábica, da lateral antes de [i] e da nasal palatal, que não ocorre ou ocorre com menos frequência nas demais localidades, seja herança desse período de ocupação. As outras localidades tiveram seu desenvolvimento a partir da migração nordestina, principalmente do Ceará e do Maranhão, ocorrida no século XIX, com o ciclo da borracha, mesmo que algumas tenham surgido antes desse período. Essa migração pode ser responsável pela diferenciação linguística no que se refere a essas variáveis, cuja variante palatal é menos frequente.

Soma-se a essas particularidades a localização das cidades: Borba e Manicoré possuem ligação de proximidade com Manaus, enquanto outras localidades mantém ligação mais estreitas com Porto Velho e Rio Branco. Essa proximidade acaba sendo também linguística, pois os estudos dialetais e sociolinguísticos têm demonstrado que a palatalização, pelo menos no que se refere ao /S/ em coda silábica (ALiB) e à lateral antes de [i] (ALiB, RAZKY, 2010), é mais frequente em Manaus do que em Porto Velho e Rio Branco.

### 4.1.2 Variação Lexical

A descrição que se faz a seguir não objetiva esgotar todas as contribuições desta pesquisa no campo lexical, tendo em vista a dimensão do *corpus* coletado, priorizando, portanto, a construção de um retrato, por amostragem, das variantes observadas no Sul Amazonense em alguns campos semânticos investigados, selecionados de modo a possibilitar uma noção da abrangência do *corpus*. Nesta análise, evidenciam-se prioritariamente diferenças diatópicas entre as variantes coletadas, observando ainda a influência das variáveis sociais consideradas na pesquisa, assim como a comparação, principalmente, com as variantes observadas no ALAM e no ALiB, conforme a revisão bibliográfica realizada nas seções 2.3 e 2.4.2.2.

#### 4.1.2.1 Meio físico

Foram elaboradas 39 cartas semântico-lexicais na área semântica Meio Físico distribuídas pelas duas subáreas.

a. Terra e água

As cartas referentes a essa subárea semântica versam sobre a variação lexical observada no universo do caboclo amazonense e sua relação com o ambiente que o cerca. O movimento das águas e os fenômenos que o envolvem ditam a vida na Amazônia e modificam periodicamente a paisagem, os recursos de subsistência, os caminhos. O homem amazônida se adaptou a essa dinâmica que, fazendo parte da cultura desse povo, reflete na linguagem e toma parte na caracterização do falar caboclo.

O Quadro 25 apresenta as variantes observadas para as cartas L001 a L011.

**Quadro 25** – Variação lexical na subárea semântica *Terra e água* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO[38] | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L001 | Igarapé | (i)garapé | 8 | 6 | 7 | 7 | 3 | 7 | 38 |
| | | córrego | - | 2 | - | - | 2 | - | 4 |
| | | lago | - | - | 1 | - | 1 | - | 2 |
| | | riacho | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | braço | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | afluente | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L002 | Encontro das águas | encontro/encontro das águas | 3 | 4 | 4 | 5 | 1 | 4 | 21 |
| | | boca | 3 | 1 | 1 | - | 5 | 3 | 13 |
| | | foz | 1 | 1 | 1 | - | 1 | - | 4 |
| | | cruzamento do rio | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | encontro dos rios | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | braço | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | cabeceira | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L003 | Banzeiro | banzeiro | 4 | 6 | 8 | 7 | 3 | 5 | 33 |
| | | onda | 1 | 2 | - | 2 | 3 | 2 | 10 |
| | | pororoca | 4 | 1 | 1 | - | - | - | 6 |
| | | maresia | - | - | - | 1 | 3 | 1 | 4 |
| | | turbulência | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L004 | Igapó | (i)gapó | 5 | 6 | 5 | 6 | 5 | 5 | 32 |
| | | chavascal | 1 | - | 1 | - | - | - | 2 |
| | | pântano | 1 | - | - | 1 | - | - | 2 |
| | | bamburral | - | - | - | 2 | - | - | 2 |
| | | lago | - | - | 1 | - | 1 | - | 2 |
| | | alagado | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | poço-de-água | - | - | - | - | - | 1 | 1 |

[38] Ponto 1: Boca do Acre, Ponto 2: Lábrea, Ponto 3: Tapauá, Ponto 4: Humaitá, Ponto 5: Manicoré, Ponto 6: Borba

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | vazante | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | brejo | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L005 | Correnteza | correnteza | 6 | 2 | 7 | 4 | 7 | 6 | 32 |
| | | corredeira | 2 | 6 | 1 | - | - | 2 | 11 |
| | | água corrente | - | - | - | 2 | - | - | 2 |
| L006 | Redemoinho | redemoinho | 3 | 2 | 6 | 5 | 7 | 1 | 24 |
| | | rebojo | 4 | 3 | 1 | 1 | - | 4 | 13 |
| | | funil | 3 | - | - | 2 | 1 | 3 | 9 |
| | | remanso | - | 1 | 2 | - | - | - | 3 |
| L007 | Enchente | enchente | 3 | 5 | 3 | 3 | 4 | 4 | 22 |
| | | cheia | 1 | 2 | 2 | 2 | 4 | 3 | 14 |
| | | inverno | 4 | 1 | 2 | 3 | - | 1 | 11 |
| | | alagação | 1 | 1 | - | - | - | - | 2 |
| L008 | Seca | seca | - | 5 | 4 | 5 | 5 | 6 | 25 |
| | | verão | 5 | 1 | 4 | 2 | - | 1 | 13 |
| | | vazante | 3 | 3 | - | 1 | 2 | 1 | 10 |
| | | estiagem | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L009 | Balceiro | balceiro | 6 | 6 | 5 | 1 | 1 | - | 19 |
| | | tapagem | - | - | - | 2 | 1 | - | 3 |
| | | basculho | - | - | 3 | - | - | - | 3 |
| | | entulho | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | baixada | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | toiceira | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | trunqueira | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | jangada de pau | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | galhada | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | enxurrada | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L010 | Várzea | várzea | 8 | 5 | 7 | 4 | 8 | 4 | 36 |
| | | terra baixa | - | - | 1 | 1 | - | - | 2 |
| | | área inundada/ área alagada | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| | | terra plana | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | vazante | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L011 | Furo | furo | 1 | 8 | 8 | 2 | 4 | 3 | 26 |
| | | atalho | 3 | - | - | 2 | 2 | - | 7 |
| | | varação | 2 | - | - | - | - | 1 | 3 |
| | | paranã | - | - | - | 1 | - | 1 | 2 |
| | | pique | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | furador | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | picada | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | varador | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | desvio | 1 | - | - | - | - | - | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor

Observam-se diferenças diatópicas na carta L002 – *encontro das águas*, cuja variante *boca* é predominante em Manicoré, enquanto *encontro das águas* é mais frequente nas demais localidades; na carta L003 – *banzeiro*, esta forma é mais frequente em todas as localidades, porém a variante *pororoca* apenas ocorre nas localidades do rio Purus, principalmente em Boca do Acre (4 ocorrências), enquanto a variante *maresia* tem ocorrências apenas nas localidades do rio Madeira, principalmente Manicoré (3 ocorrências); na carta L005 – *correnteza*,

a variante *corredeira* é mais frequente apenas em Lábrea, enquanto nas demais predomina a variante *correnteza*; a carta L006 – redemoinho apresenta a variante *redemoinho* com maior frequência na mesorregião, mas em Boca do Acre, Lábrea e Borba, a variante mais frequente é *rebojo*; na carta L007 – enchente, observa-se que a variante com maior número de ocorrências na mesorregião é *enchente*, todavia a variante *inverno* é mais frequente em Boca do Acre e a variante *cheia* concorre igualmente com *enchente* em Manicoré (ambas com 4 ocorrências); na carta L008 – *seca*, a variante *verão* é mais frequente em Boca do Acre, ao passo que *seca* o é nas demais localidades; na carta L011 – *furo*, a variante *atalho* é a mais recorrente em Boca do Acre, enquanto *furo* é nas demais.

A carta L009 – *balceiro* (capins flutuantes e troncos de árvores que descem os rios, principalmente na época da enchente) demonstra maior conhecimento do conceito nas localidades do Purus e pouco conhecimento nas do Madeira, tendo em vista o número de respostas nas localidades, bem com a variedade observada nas últimas (*baixada, toiceira, jangada de pau, galhada, enxurrada*) como se, na busca por uma resposta, cada falante encontrasse uma forma lexical diferente que atendesse ao conceito que ele compreendeu no momento.

Quanto às variáveis sociais, observa-se nas cartas L002a e L002b, sobre a variável encontro das águas, que a variante *foz* é mais frequente entre as mulheres e entre os falantes mais escolarizados (10 a 13 anos de escolarização), o que atesta o *status* padrão da variante. A carta L003a, sobre a variável idade em banzeiro, demonstra que a variante *onda* é mais frequente entre os informantes mais jovens (20 a 35 anos), enquanto *pororoca* e *maresia* o é entre os mais idosos (50 a 65 anos). A carta L007a, que cruza os resultados para as variáveis idade e escolaridade em enchente, revela maior frequência da variante *enchente* entre os mais jovens, enquanto *cheia* e *inverno* é mais frequente entre os mais idosos, esta entre os menos escolarizados e aquela entre os mais escolarizados. É possível inferir que os informantes mais idosos e mais escolarizados evitam a variante *inverno* pelo entendimento das estações do ano fora da Amazônia. A carta L008a, sobre a variável idade em seca, também revela ser a variante *verão*, mais frequente entre os informantes mais idosos.

No que se refere à comparação com o ALAM, nesse campo semântico, conforme o Quadro disposto no Apêndice 5, observa-se que:

- CARTA L001 (Igarapé): O ALSAM confirma para a mesorregião as variantes registradas no ALAM *igarapé, afluente* e *lago*, mas não houve ocorrências de *lagoa*. As variantes *córrego, riacho* e *braço*, não registradas no ALAM para a mesorregião, são registradas pelo ALSAM;
- CARTA L005 (Correnteza): O ALSAM confirma as variantes *corredeira*, *correnteza* e *água corrente*, no entanto *cachoeira*, observada no ALAM, não foi considerada como variante. No ALAM, a variante mais frequente na mesorregião do Sul Amazonense é *corredeira*, porém no ALSAM a variante mais frequente foi *correnteza*;
- CARTA L007 (Enchente): O ALSAM confirma as variantes *enchente* e *cheia*, registradas no ALAM para a mesorregião. As variantes *inverno* e *alagação*, não registradas pelo ALAM no Sul Amazonense, são registradas pelo ALSAM;
- CARTA L008 (Seca): O ALAM registra para o Sul Amazonense as variantes *seca* e *vazante*, confirmadas pelo ALSAM, porém o ALSAM registra ainda as variantes *verão* e *estiagem*;
- CARTA L011 (Furo): As variantes *furo, varadouro, pique* e *atalho*, registradas no ALAM na mesorregião, são confirmadas pelo ALSAM, o qual registra ainda as variantes *varação, paranã, furador* e *picada*. A variante *igarapé*, registrada no ALAM, não teve ocorrência no ALSAM.

b. Fenômenos atmosféricos

Os resultados observados nas cartas semânticas do ALSAM, referentes ao campo dos Fenômenos Atmosféricos, encontram-se reunidos no Quadro 26:

**Quadro 26** – Variação lexical na subárea semântica *Fenômenos atmosféricos* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L012 | Relâmpago | relâmpago | 7 | 6 | 7 | 6 | 6 | 7 | 9 |
| | | raio | - | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 9 |
| | | faísca | 1 | 2 | - | - | - | - | 3 |
| L013 | Raio | raio | 7 | 7 | 5 | 6 | 8 | 7 | 0 |
| | | corisco | 1 | 2 | 2 | 1 | - | - | 6 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | relâmpago | - | - | - | 1 | - | 1 | 2 |
| | | faísca | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | trovisco | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L014 | Temporal | temporal | 5 | 6 | 7 | 8 | 5 | 4 | 5 |
| | | tempestade | 3 | 3 | 1 | 1 | 1 | 3 | 2 |
| | | trovoada | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | toró | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | treva | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| L015 | Chuvisco | chuvisco | - | - | 2 | 5 | 5 | 4 | 6 |
| | | garoa | 3 | 1 | 2 | 3 | 1 | 2 | 2 |
| | | librina/neblina | 1 | 5 | 3 | - | - | - | 9 |
| | | sereno | 3 | 2 | - | - | - | 1 | 6 |
| | | chuva de molhar besta | - | 1 | 1 | 1 | - | - | 3 |
| | | chuva lenta | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | brisa | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | burrisco | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L016 | Arco-íris | arco-íris | 8 | 7 | 8 | 8 | 8 | 8 | 7 |
| | | arco-da-velha | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L017 | Sereno | sereno / sereno da noite | 5 | 7 | 4 | 4 | 2 | 7 | 9 |
| | | orgalho / arovai | 3 | - | 3 | 3 | 3 | 1 | 3 |
| | | neblina | - | 1 | 1 | - | 3 | 1 | 6 |
| | | neve | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | chuvisco | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L018 | Neve | neve | 3 | 5 | 1 | 4 | - | 3 | 7 |
| | | cerração | 4 | 1 | 5 | - | - | - | 0 |
| | | neblina | - | 1 | - | | 3 | 3 | 0 |
| | | nevoeiro | - | 1 | - | 1 | 3 | - | 5 |
| | | orvalho | - | - | - | - | 1 | 2 | 3 |
| | | nervada | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | puagem | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | fumaça | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L019 | Pôr-do-sol | pôr-do-sol | 3 | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 2 |
| | | senta/sentou | - | - | - | 3 | - | - | 3 |
| | | poente | 1 | - | - | - | - | 1 | 2 |
| | | se põe | - | 2 | - | - | - | - | 2 |
| | | crepúsculo | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L020 | Estrela cadente | estrela cadente | 7 | 5 | 3 | 6 | 5 | 5 | 1 |
| | | mudança de estrela | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | faísca | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | estrela guia | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | estrela d'alva | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L021 | Estrela d'alva | estrela d´alva | 2 | 4 | 1 | 2 | 2 | 4 | 15 |
| | | estrela grande | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | estrela da manhã | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L022 | Constelações e estrelas conhecidas | estrela da manhã / estrela d´alva / estrela grande | 3 | 4 | 1 | 3 | 2 | 4 | 7 |
| | | três Marias | 2 | 2 | - | 2 | 2 | 1 | 9 |
| | | Cruzeiro/Cruzeiro do sul | 2 | 2 | - | 1 | 1 | 1 | 7 |
| | | estrelas | 1 | - | 1 | - | 1 | 1 | 4 |
| | | estrela deória / Órion | 1 | - | - | - | - | 1 | 2 |
| | | estrela polar | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | São Tiago | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | três reis | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | estrela cadente | - | - | - | - | 1 | | 1 |
| L023 | Anteontem | anteontem | 3 | 6 | 7 | 4 | 6 | 7 | 3 |
| | | antes de ontem, | 4 | 2 | 1 | 4 | 2 | 1 | 4 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Como é possível verificar no Quadro 26, três cartas apresentam diferenças diatópicas entre as variantes que predominam nas localidades investigadas. Na carta L015 – *chuvisco*, esta variante é mais recorrente nas localidades do rio Madeira (Humaitá, Manicoré e Borba), já em Boca do Acre predominam as variantes *garoa* e *sereno*, em Lábrea e Tapauá, por sua vez, a variante mais frequente é *neblina* / *librina.* A carta L018 – *neve* demonstra maior incidência da variante *neve* na mesorregião, no entanto a variante *cerração* é mais recorrente em Tapauá e Boca do Acre e a variante *neblina*, juntamente com *nevoeiro*, em Manicoré. Por meio da carta L023 – *anteontem*, observa-se que a variante *antes de ontem* é mais frequente apenas em Boca do Acre, sendo a variante *anteontem* mais recorrente nas demais localidades.

Sobre as variáveis sociais investigadas é possível observar, na carta L012a, cujos resultados originam-se do cruzamento entre as variáveis idade e escolaridade, que a variante *raio* é mais incidente na fala dos informantes mais jovens, principalmente aqueles com nível mais alto de escolaridade, ao passo que a variante *relâmpago* é quase categórica entre os informantes mais velhos, nos dois níveis de escolaridade. Quanto à carta L013a, sobre as variáveis sexo e escolaridade em raio, observa-se que a variante *relâmpago* tem suas ocorrências apenas entre o grupo das mulheres mais escolarizadas e que a variante *corisco* tem lugar entre os mais escolarizados, principalmente os homens. A variante *raio* é mais recorrente entre os informantes menos escolarizados, independente do sexo, com exceção dos informantes de Lábrea, onde ocorre o oposto. A carta L014a versa sobre a variável sexo na variável temporal e demonstra que a variante *tempestade* é mais incidente na fala das mulheres, enquanto entre os homens predomina a variante *temporal*, à exceção da localidade de Manicoré, na qual *temporal* é categórica entre as mulheres, ao passo que entre os homens existe maior variação (*tempestade*, *temporal*, *toró* e *trovoada*). A variável sexo é evidenciada na carta L015a, acerca da variável chuvisco, cujos resultados mostram que a variante *sereno* é mais recorrente na fala feminina, enquanto *garoa* o é na fala masculina, com exceção do município de Humaitá, onde *garoa* tem mais ocorrências entre as mulheres. A carta L017a cruza as variáveis idade e escolaridade para sereno e conclui-se que a variante *neblina* tem mais ocorrência entre os informantes mais jovens, principalmente os mais escolarizados, a variante *orvalho* é mais recorrente entre os mais idosos, principalmente os mais escolarizados, e a variante *sereno* /

*sereno da noite*, por sua vez, é mais frequente entre os informantes menos escolarizados, principalmente os mais jovens, grupo em que é quase categórica. A carta L018a, sobre as variáveis idade e escolaridade em neve, revela o predomínio da variante *neblina* no grupo dos informantes mais jovens, principalmente entre os mais escolarizados, nas localidades do Madeira, onde essa variante ocorre mais frequentemente.

Nessa subárea semântica, sete cartas do ALSAM podem ser comparadas às do ALAM (cf. Apêndice 5) sobre o mesmo conceito. A respeito dessa comparação, observa-se o seguinte:

- Carta L013 (Raio): O ALSAM confirma maior incidência da variante *raio,* bem como o resgistro das formas *corisco* e *faísca* na mesorregião do Sul Amazonense pelo ALAM. O ALSAM registra ainda as formas *relâmpago* e *trovisco,* não registradas no ALAM para a mesorregião;
- Carta L014 (Temporal): O ALSAM confirma as variantes *tempestade, temporal* e *trovoada*, registradas pelo ALAM para o Sul Amazonense, porém não registra formas como *chuva grossa / forte / grande / pesada*, observada pelo ALAM na mesorregião. O ALSAM registra também as variantes *toró* e *treva*, que não ocorreram no Sul Amazonense nos dados do ALAM;
- Carta L015 (Chuvisco): As variantes *sereno, garoa, neblina* e *chuvisco* são registradas tanto pelo ALSAM, quanto pelo ALAM na mesorregião, no entanto o ALAM aponta a variante *sereno* como mais recorrente no Sul Amazonense, ao passo que no ALSAM a variante mais frequente é *chuvisco.* Não foram observadas no ALSAM as variantes *chuva fraca/miúda/fina* e *neve* registradas pelo ALAM. Por outro lado, o ALSAM registra as formas *chuva de molhar besta, brisa* e *burrisco*, não registradas no ALAM para a mesorregião em estudo;
- Carta L017 (Sereno): O ALSAM confirma as variantes registradas pelo ALAM, *sereno, orvalho* e *neblina*, bem como a predominância da forma *sereno* na mesorregião. O ALSAM registra ainda as formas *neve* e *chuvisco*, não registradas no ALAM para o Sul Amazonense;
- Carta L018 (Neve): O ALAM registra as formas *neve, neblina* e *cerração* para o Sul do Amazonas, às quais são confirmadas pelo

ALSAM, que registra ainda as variantes *orvalho, nervada, puagem* e *fumaça;*

- Carta L022 (Constelações e estrelas conhecidas): Tanto o ALSAM quanto o ALAM apresentam *estrela d'alva*, *sete estrelas* e *três Marias* entre as estrelas e constelações mais conhecidas na mesorregião. O ALAM não registra *Cruzeiro do Sul* no Sul Amazonense, no entanto no ALSAM essa constelação é a terceira mais citada pelos informantes;
- Carta L023 (Anteontem): O ALSAM confirma a predominância da forma *anteontem* no Sul Amazonense pelo ALAM.

Quanto aos dados já publicados pelo ALiB para as capitais, não foi possível identificar nenhuma influência de Manaus, Rio Branco e Porto Velho na distribuição das variantes observada na mesorregião, a partir das cartas comuns *orvalho* (017 no ALSAM e L02 no ALiB) e *neblina* (018 no ALSAM e L03 no ALiB). Apenas foi possível constatar que, assim como em Manaus, não ocorre a variante *cerração* para neblina no ALiB, também não se registra, no ALSAM, essa variante em Borba e Manicoré, cidades mais próximas da capital amazonense. Quanto à variante *neve* também para neblina, mais recorrente na mesorregião Sul Amazonense, acredita-se em uma herança da migração nordestina do século XIX, principalmente do Ceará. Segundo o ALiB, essa variante é bastante produtiva entre as capitais do Nordeste. Se se considerar que *neve* surgiu de uma variação fonética para *névoa*, temos o predomínio dessa forma em Fortaleza, Teresina, João Pessoa, Natal e Recife.

#### 4.1.2.2 Meio biótico

Elaboraram-se 42 cartas semântico-lexicais na área Meio Biótico, selecionando-se, na subárea fauna, apenas as cartas referente às aves e aos peixes, bem como as referentes à subárea flora.

a. Fauna (aves)

As 10 cartas que compõem o grupo das aves estão numeradas de L024 a L031 e envolvem aves de criação e aves silvestres. Os resultados observados se resumem no Quadro 27:

**Quadro 27** – Variação lexical na subárea semântica *Fauna (aves)* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L024 | João-de-barro | joão-de-barro | 6 | 5 | 4 | 7 | 6 | 3 | 1 |
| | | maria-de-barro | - | 1 | 3 | - | - | 1 | 5 |
| | | pedreiro | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| L025 | Galinha caipira | galinha caipira | 8 | 7 | 1 | 5 | 8 | 2 | 1 |
| | | galinha de terreiro | - | 1 | - | 1 | - | 1 | 3 |
| | | galinha comum | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| | | pé-duro | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L026 | Galinha carioca | galinha carioca | 8 | 6 | 1 | - | 2 | 6 | 23 |
| | | galo da Índia | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | galo de raça | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | galinha de briga | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L027 | Galinha garnisé | galinha garnisé | 3 | 4 | - | 1 | 2 | 1 | 11 |
| | | galinha nanica | 2 | 1 | - | 1 | 3 | 2 | 9 |
| | | galinha bicó | - | - | - | 2 | - | - | 2 |
| | | picuí | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | codorninha | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | pequenês | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L028 | Galinha piroca | galinha piroca | 4 | 5 | 1 | 4 | 2 | - | 16 |
| | | pescoço pelado | - | - | - | - | 1 | 1 | 2 |
| | | pirocão | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | galinha picó | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L029 | Outras espécies de galinha conhecidas | carijó / pedrês | 3 | 1 | 1 | 3 | 5 | 3 | 16 |
| | | galinha de granja | 2 | 5 | 1 | - | 4 | 2 | 14 |
| | | rhode | 4 | - | - | - | 1 | 2 | 7 |
| | | galinha arrepiada | - | 3 | - | 3 | - | - | 6 |
| | | caipirão | - | - | - | 1 | 3 | - | 4 |
| | | galinha indiana | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | gigante negro | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | parmalat | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | galinha suru | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L030 | Picote | picote(a) | - | | | | | | 24 |
| | | capote | 7 | 3 | - | - | - | - | 10 |
| | | galinha d´angola / gandola | 1 | 1 | 2 | 1 | - | 2 | 7 |
| L031 | Nambu | (i)nambu | 8 | 8 | 8 | 4 | 4 | 4 | 36 |
| | | galinha do mato | - | 1 | - | 1 | - | 1 | 3 |
| | | tona | - | - | - | - | 2 | - | 2 |
| | | nambu-galinha | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | galinha d´água | - | 1 | - | - | - | - | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

As cartas de L025 a L029 originaram-se da questão 028 – *galinha*. Foram consideradas, para o agrupamento das formas coletadas, as informações contidas na descrição da ave, feita pelo informante. As formas identificadas como sinônimas formaram uma carta (cartas de L025 a L028). As formas menos recorrentes e sobre as quais não fora identificada variação foram agrupadas na carta L029 – *outras espécies de galinhas conhecidas*. Dessa forma, essa carta não

apresenta variantes, mas sim a frequência com que essas formas são conhecidas pelos informantes.

De acordo com o Quadro 27, são observadas diferenças diatópicas entre as localidades investigadas nas cartas L027 – *galinha garnisé* e L030 – *picote*. Na primeira, registra-se maior incidência da variante *galinha garnisé* em Boca do Acre e Lábrea, da variante *galinha bicó* em Humaitá e *galinha nanica* em Manicoré e Borba. Na segunda, *capote* é predominante em Boca do Acre e Lábrea, ao passo que *picote(a)* o é nas demais localidades. Sobre a distribuição das variantes *capote* e *picote* é importante lembrar que os dados do ALiB apontam a *capote* como mais recorrente em Rio Branco, capital que está mais próxima de Boca do Acre e *picote* em Porto Velho, capital ligada a Humaitá, e Manaus, capital mais ligada a Manicoré e Borba, confirmando a hipótese de que alguns itens lexicais poderiam ter variantes comuns entre essas capitais e as localidades do sul Amazonense que as circundam. Ainda sobre a variante *capote*, observa-se sua ocorrência apenas nas capitais nordestinas Fortaleza, São Luís e Teresina, o que leva a crer ser essa mais uma herança nordestina no falar sul-amazonense.

Com relação às variáveis sociais, percebe-se, na carta L024a, sobre a variável escolaridade em joão-de-barro, que a variante *maria-de-barro* apenas ocorreu na fala de informantes menos escolarizados. Da mesma forma, observa-se, na carta L030a, sobre a influência da variável escolaridade na variação lexical de picote, que *galinha d´angola* ocorreu prioritariamente na fala dos informantes mais escolarizados.

Duas cartas podem ser comparadas às do ALAM, L024 – joão-de-barro e L030 – picote. Com relação à primeira, observam-se no ALAM apenas duas ocorrências de *maria-de-barro* em Lábrea, sendo essa a única variante registrada. No ALSAM foram registradas ocorrências de *joão-de-barro* (predominante), *maria-de-barro* e *pedreiro*. Com relação à segunda, constatou-se que no ALAM não foram registradas ocorrências de nenhuma variante no Sul Amazonense.

b..Fauna (peixes)

As sete cartas que compõem o grupo dos peixes estão numeradas de L032 a L036. As ocorrências de cada variante estão organizadas no Quadro 28:

**Quadro 28** – Variação lexical na subárea semântica *Fauna (peixes)* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L032 | Piaba | piaba / piabinha | 3 | 3 | 4 | 3 | 1 | - | 14 |
| | | peixinho | - | 1 | 2 | 2 | 2 | 4 | 11 |
| | | pequenininho/ pequeno / petititinho | 3 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 9 |
| | | miúdo | 1 | 2 | - | - | 2 | - | 5 |
| | | filhote | 1 | 1 | - | 1 | - | 1 | 4 |
| | | lambari | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | gitinho | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | impureza | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L033 | Boto tucuxi | boto tucuxi | 6 | 7 | 8 | 5 | 6 | 3 | 35 |
| | | golfinho | - | - | - | 1 | 1 | 2 | 4 |
| | | boto | - | 1 | - | 2 | 1 | - | 3 |
| | | boto cinza | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| | | boto china | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L034 | Boto rosa | boto rosa | 2 | 1 | 3 | 7 | 3 | 4 | 20 |
| | | boto vermellho | 5 | 7 | 5 | 1 | - | - | 18 |
| | | boto laranja | - | - | - | 1 | 5 | 4 | 10 |
| | | boto paumari | 2 | - | - | - | - | - | 2 |
| L035 | Poraqué | poraqué | 8 | 7 | 8 | 6 | 7 | 6 | 42 |
| | | peixe elétrico | - | 1 | - | - | 1 | 2 | 4 |
| L036 | Bodó | bodó | 5 | 1 | 8 | 8 | 6 | 1 | 29 |
| | | (a)cari | 4 | 8 | 1 | 1 | 4 | 8 | 26 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A partir do Quadro 28, observam-se algumas diferenças diatópicas entre as variantes lexicais coletadas nesse campo semântico. Na carta L032 – piaba constata-se maior número de ocorrência da variante *peixinho* em Borba e das variantes *peixinho, pequeno* / *pequenininho* / *petititinho* e *miúdo* em Manicoré, ao passo que, nas demais localidades, a variante mais recorrente é *piaba* / *piabinha*. A carta L034 – boto rosa demonstra uma distribuição bem definida entre as variantes, sendo *boto rosa* mais recorrente em Humaitá e Borba, *boto vermelho* em Boca do Acre, Lábrea e Tapauá e *boto laranja* em Manicoré e Borba. A carta L036 – bodó apresenta forte concorrência entre as variantes *(a)cari* e *bodó*, porque essas variantes são mais recorrentes em localidades diferentes, *(a)cari* apresenta maior número de ocorrências em Lábrea e Borba, enquanto *bodó* tem mais ocorrências nas demais localidades.

No ALAM, na carta derivada 129, estão registradas as variantes *boto vermelho* e *boto laranja* para boto rosa no Sul Amazonense, formas confirmadas pelo ALSAM, o qual também registra as variantes *boto rosa* e *boto paumari* não

observadas no ALAM na mesorregião.

c. Flora

Estão enumeradas de L050 a L054 as sete cartas que compõem a subárea semântica Flora, cujas ocorrências das variante estão organizadas no Quadro 29:

**Quadro 29** – Variação lexical na subárea semântica *Flora* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L050 | Cupuaçu | cupuaçu | 7 | 3 | 6 | 5 | 5 | 7 | 33 |
| | | cupu/pupu | 1 | 6 | 3 | 3 | 4 | - | 17 |
| L051 | Seringueira | seringueira | 8 | 8 | 8 | 7 | 8 | 8 | 47 |
| | | seringa | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | - | 5 |
| L052 | Cajá | cajá | 6 | 4 | 6 | 7 | - | - | 23 |
| | | taperebá | 1 | 2 | - | 1 | 5 | 5 | 14 |
| L053 | Pequiá | pequiá | 4 | 7 | 7 | 8 | 8 | 4 | 38 |
| | | pequi | 7 | - | - | - | - | 1 | 8 |
| L054 | Grandes árvores/ conhecidas | sumaumeira / sumaúma | 5 | 6 | 7 | 7 | 4 | 4 | 33 |
| | | castanheira | 1 | 1 | - | 1 | - | - | 3 |
| | | açacu / açacuzeiro | 1 | 1 | - | - | - | 1 | 3 |
| | | muiratinga | - | - | - | - | - | 1 | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor

É possível constatar, por meio do Quadro 29, diferenças diatópicas em três cartas desse campo semântico. A carta L050 – cupuaçu demonstra que a variante *cupu / pupu* é predominante em Lábrea, enquanto a variante *cupuaçu* é mais incidente nas demais localidades da mesorregião. A carta L052 – cajá apresenta como variante mais recorrente em Borba e Manicoré a forma *taperebá*, ao passo que nas demais localidades a variante *cajá* possui o maior número de ocorrências. Na carta L053 – pequiá, observa-se que, embora a variante *pequiá* predomine na mesorregião, em Boca do Acre a variante predominante é *pequi*.

Com relação às variáveis sociais, observa-se, na carta L052a, sobre as variantes de cajá, de acordo com a variável idade, que, nas localidades onde predomina a variante *cajá*, as ocorrências de *taperebá* se dão predominantemente entre os informantes mais jovens.

Duas cartas da subárea semântica Flora podem ser comparadas às do

ALAM (cf. Apêndice 5), carta L050 e L051, sobre as quais destaca-se:

- Carta L050 (Cupuaçu) – O ALAM apresenta ocorrência única de *cupuaçu* no Sul Amazonense; já o ALSAM registra, além dessa varante, mais incidente, as formas *cupu* e *pupu*, as quais foram reunidas na contagem dos dados;
- Carta L051 (Seringueira) – O ALAM registra ocorrência única de *seringa* na mesorregião, no entanto o ALSAM registra as variantes *seringueira* e *seringa*, sendo a primeira mais recorrente no Sul Amazonense.

### 4.1.2.3 Meio antrópico

Na área semântica Meio antrópico foram elaboradas 319 cartas semântico-lexicais, das quais 139 serão descritas a seguir, nas várias subáreas:

a. Alimentação e cozinha

As 30 cartas que compõem essa subárea semântica no ALSAM estão numeradas de L069 a L085 e encontram-se resumidas no Quadro 30:

**Quadro 30** – Variação lexical na subárea semântica *Alimentação e cozinha* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L069 | Tapioca | tapioca | 8 | 7 | 8 | 3 | 2 | 4 | 32 |
| | | tapioquinha | - | - | - | 3 | 5 | 3 | 11 |
| | | beiju | - | - | - | 2 | 1 | 1 | 4 |
| | | beiju de tapioca | - | - | - | 1 | 1 | - | 2 |
| | | beiju de goma | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L070 | Pé-de-moleque | pé-de-moleque | 8 | 6 | 5 | 6 | 8 | 8 | 41 |
| | | bolo | 2 | 2 | 4 | - | - | - | 8 |
| | | beiju | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | bolo de massa puba | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L071 | Cocada | cocada | 6 | 5 | 7 | 7 | 5 | 6 | 36 |
| | | quebra-queixo | 1 | 1 | - | - | 1 | - | 3 |
| | | pé-de-moleque | 1 | - | - | - | - | 2 | 3 |
| L072 | Biscoito | biscoitinho / biscoito | 8 | 8 | 8 | 5 | 3 | 2 | 34 |
| | | bolacha / bolacha doce | - | - | - | 3 | 1 | 4 | 8 |
| | | sequilho | - | - | - | - | 6 | 2 | 8 |
| L073 | Bolacha | bolacha | 8 | 7 | 8 | 7 | 7 | 8 | 45 |
| | | biscoito salgado | - | 1 | - | 1 | - | - | 2 |
| | | bolacha água e sal | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L074 | Canjica | canjica | 7 | 8 | 6 | 7 | 6 | 3 | 37 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | mingau de milho | 1 | - | 2 | 1 | 3 | 2 | 9 |
| L075 | Carne moída | carne moída | 8 | 2 | 4 | 8 | 6 | 4 | 32 |
| | | picadinho | 1 | 6 | 5 | - | 3 | 5 | 20 |
| L076 | Caldo de caridade | caldo de(a) caridade | 7 | 6 | 6 | - | 2 | 1 | 22 |
| | | mingau de(a) caridade | - | 2 | 2 | 5 | 5 | 7 | 21 |
| | | caridade | - | - | - | 3 | - | - | 3 |
| | | mingau de farinha | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L077 | (A)moqueado | (a)moqueado | 7 | 8 | 8 | 1 | - | - | 24 |
| | | assado | 1 | - | - | 4 | 6 | 3 | 13 |
| | | mal passado | - | - | - | 1 | - | 1 | 2 |
| | | peixe com escama | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | sabrecado | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | mal assado | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L078 | Peixe seco | peixe seco | 7 | 8 | 6 | 7 | 8 | 6 | 42 |
| | | peixe salgado | - | 1 | 1 | 1 | - | 1 | 4 |
| | | peixe salmorado / samurado | - | - | - | - | 1 | 1 | 2 |
| | | peixe escalado | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | peixe-de-sol | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L079 | Pirão | pirão | 7 | 7 | 7 | 4 | 6 | 5 | 36 |
| | | pirão escaldado | 1 | 1 | - | 2 | 2 | - | 6 |
| | | chibé | - | - | 1 | 2 | - | 2 | 5 |
| | | angu | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | jacuba | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | farinha escaldada | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L080 | Bombom | bombom | 6 | 8 | 8 | 8 | 8 | 6 | 44 |
| | | bala / balinha | 2 | 1 | - | 3 | 3 | 2 | 11 |
| L081 | Dindim | dindim | 4 | 7 | 8 | 8 | 8 | 8 | 43 |
| | | refresco | 6 | - | - | - | - | - | 6 |
| | | geladinho | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L082 | Cachaça | cachaça | 8 | 8 | 6 | 7 | 7 | 8 | 44 |
| | | pinga | - | 1 | - | 3 | - | - | 4 |
| | | cinquenta e um | - | 2 | 1 | - | - | - | 3 |
| | | sessenta e um | - | 2 | - | - | - | - | 2 |
| | | água-ardente | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | cana | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | goró | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L083 | Gorgulho | gorgulho | 8 | 8 | 7 | 6 | 5 | 4 | 38 |
| | | broca | - | - | 2 | 1 | 2 | 2 | 7 |
| | | gogo | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | fungos | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L084 | Grelha | grelha | 8 | 8 | 8 | 4 | 7 | 8 | 43 |
| | | trempe | - | - | 1 | 3 | 2 | - | 6 |
| | | grade | - | - | - | 3 | 1 | - | 4 |
| L085 | Coador | coador | 8 | 8 | 8 | 8 | 6 | 2 | 40 |
| | | passador | - | - | - | 1 | 4 | 6 | 11 |
| | | saco | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | pano | - | - | - | - | - | 1 | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

No Quadro 30, encontram-se diferenças diatópicas em nove cartas. A carta L069 – tapioca apresenta maior número de ocorrências na mesorregião para a variante *tapioca*, no entanto a variante *tapioquinha* apenas tem ocorrência nos três municípios da microrregião do Madeira, sendo ainda a variante mais incidente em

Manicoré. Semelhantemente, na carta L070 – pé-de-moleque, ainda que a variante com maior número de ocorrências em todas as localidades seja *pé-de-moleque*, observa-se que a variante *bolo* apenas apresenta ocorrências nas localidades do Purus. De acordo com a carta L072 – biscoito, as localidades do Purus apresentam registro categórico de *biscoito*, enquanto as do Madeira apresentam uma distribuição diversificada, na qual a variante mais recorrente em Humaitá é *biscoito*, em Manicoré é *sequilho* e em Borba é *bolacha* / *bolacha doce*. A carta L075 – carne moída apresenta forte concorrência entre as formas *carne moída* e *picadinho* na mesorregião, sendo a primeira mais frequente em Boca do Acre, Humaitá e Manicoré, ao passo que a segunda o é em Lábrea, Tapauá e Borba. A carta L076 – caldo de caridade também apresenta diferenças entre as localidades do Purus e do Madeira quanto à distribuição das variantes, tendo as primeiras maior ocorrência da forma *caldo de(a) caridade* e as segundas maior ocorrência da forma *mingau de(a) caridade.* A mesma distribuição observa-se entre as variantes, na carta L077 – (a)moqueado, em cuja maior ocorrência nas localidades do Purus é de *(a)moqueado* e nas do Madeira é *assado*. A carta L081 – dindim apresenta a forma análoga *dindim* com maior incidência na mesorregião, sendo categórica na maioria dos municípios, porém, em Boca do Acre, única localidade que apresenta variação, a forma mais recorrente é *refresco*. Por fim, na carta L085 – coador, observa-se que a variante *passador* apenas ocorre nas localidades do Madeira, apresentando maior número de ocorrências em Borba, enquanto nas demais prevalece a forma *coador.*

Com relação às variáveis sociais, observa-se, na carta L070a – Pé-de-moleque – Distribuição por escolaridade que as variantes *bolo*, *beiju* e *bolo de massa puba* têm maior incidência entre os informantes menos escolarizados, enquanto *pé-de-moleque* é mais recorrente entre os mais escolarizados. A carta L078a, que cruza dados para as variáveis sexo e idade em peixe seco, demonstra maior incidência da variante *peixe salgado* entre os homens, principalmente os mais idosos, as formas *peixe-de-sol*, *peixe salmorado/samurado* e *peixe escalado* apenas ocorre entre as mulheres, e a forma *peixe seco* é categórica entre os homens mais jovens. A carta L079a – Pirão – Distribuição por idade mostra que a variante *pirão escaldado* tem maior ocorrência entre os falantes mais idosos, ao passo que *chibé* apresenta ocorrências apenas entre os mais jovens. Na carta L084a, cujos resultados são apresentados pelo cruzamento das variáveis sexo e escolaridade, observa-se que a variante *trempe* ocorre apenas entre os informantes mais

escolarizados, principamente os do sexo masculino. A carta L085a – Coador – Distribuição por idade e escolaridade demonstra maior incidência da forma *passador* principalmente entre os falantes mais jovens e menos escolarizados.

É possível comparar o ALSAM ao ALAM (cf. Apêndice 5) em sete cartas dessa subárea semântica, conforme observa-se a seguir:

- Carta L069 (Tapioca) – O ALSAM confirma as variantes observadas no ALAM para a mesorregião, *tapioca* e *polvilho*, registrando ainda as formas *tapioquinha* e *amido,* não registradas no ALAM;
- Carta L070 (Pé-de-moleque) – O ALSAM confirma a forma *pé-de-moleque* como a mais recorrente na mesorregão, no entanto não registra a forma *beiju-mole*, registrada pelo ALAM. O ALSAM registra ainda as formas *beiju, bolo* e *bolo de massa puba*, não registradas no ALAM no Sul Amazonense;
- Carta L076 (Caldo de caridade) – O ALSAM confirma as formas registradas no ALAM para o Sul Amazonense, *caldo* e *mingau da caridade*, registrando ainda as formas *caridade* e *mingau de farinha*, não registradas no ALAM nessa mesorregião;
- Carta L077 (Amoqueado) – No ALSAM, a variante mais recorrente na mesorregião é *(a)moqueado*, enquanto no ALAM é *mal passado*. O ALSAM não registrou nenhuma ocorrência de *cru*, registrada no ALAM no Sul Amazonense. O ALSAM registrou ainda as formas *assado, sabrecado* e *peixe com escama*, não registradas no ALAM;
- Carta L079 (Pirão) – O ALSAM não confirma a variante *chibé* como a mais recorrente na mesorregião, conforme registrada pelo ALAM, apresentando como tal a variante *pirão* em todas as localidades. O ALSAM confirma as formas *pirão* e *jacuba*, registradas no ALAM para o Sul Amazonense, no entanto não fora observada a variante *apuba*, registrada no ALAM. O ALSAM registra ainda as formas *pirão escaldado, angu* e *farinha escaldada*, não registradas no ALAM para essa mesorregião;
- Carta L084 (Grelha) – O ALSAM confirma as variantes *grelha* e *trempe*, observadas no ALAM e maior incidência da primeira na mesorregião. O ALSAM registra ainda a forma *grade*, não registrada no ALAM no Sul Amazonense.

- Carta L085 (Coador) – O ALSAM confirma as variantes *coador, passador* e *saco*, registradas no ALAM, bem com a maior incidência da primeira na mesorregião. Apresenta também a forma *pano*, não registrada no ALAM.

b. Habitação

Enumeram-se de L093 a L110 as 34 cartas referentes à subárea semântica habitação, cujos resultados estão resumidos no Quadro 31.

**Quadro 31** – Variação lexical na subárea semântica *Habitação* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L093 | Tapiri | papiri / tapiri | - | - | 3 | 3 | 4 | 2 | 12 |
| | | barraco /barraco de palha | 4 | 2 | - | 2 | 2 | 1 | 11 |
| | | casa / casa de palha | 1 | 2 | 3 | 1 | - | - | 7 |
| | | tapera / taperinha | 2 | 2 | 1 | - | - | - | 5 |
| | | cabana / cabanazinha / cabaninha | 1 | 1 | 1 | 1 | - | 1 | 5 |
| | | palhoça | - | - | - | - | 3 | - | 3 |
| | | choupana / chupana | - | 1 | - | - | - | 1 | 2 |
| | | toca | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | casebre | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | maloca | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| L094 | Caibro (peças usadas para armar o forro e o teto) | caibro | 3 | 1 | 5 | 6 | 5 | 4 | 24 |
| | | linha | 5 | 4 | 2 | - | - | - | 11 |
| | | travessa | - | - | 1 | - | 3 | 3 | 7 |
| | | ripa / ripão | - | - | 2 | - | 1 | 3 | 6 |
| | | viga | - | - | - | 2 | 1 | - | 3 |
| | | madeira quadrada | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L095 | Perna-manca (peças usadas para armar as paredes) | perna-manca | 5 | - | 3 | 1 | 1 | 3 | 13 |
| | | trave / travejamento | 3 | - | - | - | - | - | 3 |
| | | envigamento / viga | - | - | - | 2 | 1 | - | 3 |
| | | travessa | - | - | - | - | 3 | - | 3 |
| | | ripa / ripão | - | - | - | - | - | 3 | 3 |
| | | tarugamento | - | - | 2 | - | - | - | 2 |
| | | pé-direito | - | - | 2 | - | - | - | 2 |
| | | enchimento | - | - | 2 | - | - | - | 2 |
| L096 | Travejamento (peças usadas para armar o assoalho) | travejado / travejamento | 3 | 3 | 4 | - | - | - | 10 |
| | | envigamento / viga / vigamento | - | - | - | 3 | 3 | 2 | 8 |
| | | travessa / travessão | - | - | 3 | 1 | 3 | 1 | 8 |
| | | caibro | 3 | - | - | - | - | 1 | 4 |
| | | linha | 2 | 1 | - | - | - | - | 3 |
| | | peça | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L097 | Cumeeira | cumeeira | 2 | 4 | 6 | 3 | 6 | 3 | 24 |
| | | linha | 4 | 1 | 1 | - | - | - | 6 |
| | | viga | - | - | - | 2 | 1 | - | 3 |
| | | travessa | - | - | 1 | - | - | - | 1 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| L098 | Barrote | barrote | 2 | 5 | 6 | 6 | 2 | 5 | 26 |
| | | toco | 8 | - | - | - | 1 | - | 9 |
| | | esteio | - | 3 | 1 | 1 | 3 | 1 | 9 |
| | | moirão | - | - | - | - | 2 | - | 2 |
| L099 | Esteio | esteio | 3 | 3 | 8 | 5 | 8 | 5 | 32 |
| | | toco | 3 | - | - | - | - | - | 3 |
| | | coluna | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| L100 | Ferrolho | ferrolho | 8 | 8 | 8 | 7 | 8 | 4 | 43 |
| | | trinco | 1 | - | 1 | - | - | 1 | 3 |
| | | fechadura | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| | | trancadura | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L101 | Tramela | tramela | 7 | 6 | 2 | 3 | 1 | 3 | 22 |
| | | tranca | - | - | - | 2 | 1 | 1 | 4 |
| | | pau | - | - | 3 | - | - | - | 3 |
| | | fechadura | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | taco | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | tabuleta | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | trinco de madeira | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | trancadura | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L102 | Jirau | jirau | 6 | 2 | 6 | 8 | 8 | 7 | 37 |
| | | tendal | - | 2 | - | - | - | - | 2 |
| | | terraço | 1 | 1 | - | - | - | - | 2 |
| | | puxadinho | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | lavatório | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L103 | Ponte | ponte | 5 | 2 | 5 | 6 | 5 | 7 | 30 |
| | | trapiche | 5 | 7 | 3 | - | - | - | 15 |
| | | passarela | - | - | - | 1 | 1 | 1 | 3 |
| | | maromba | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | prancha | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | tablado | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | andaime | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | pinguela | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L104 | Benjamim | benjamim | 4 | 6 | 8 | 8 | 8 | 8 | 42 |
| | | tezinho / tê | 3 | 2 | - | - | - | - | 5 |
| L105 | Extensão | extensão | 3 | 3 | 4 | 5 | 7 | 7 | 29 |
| | | rabicho | 4 | 5 | 3 | 3 | 3 | - | 18 |
| | | tomada | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L106 | Cabide | cabide | 5 | 7 | 4 | 5 | 4 | 4 | 29 |
| | | cruzeta / grozê | 3 | 1 | 4 | 2 | 4 | 2 | 16 |
| L107 | Pregador | pregador | 7 | 5 | 7 | 5 | 7 | 3 | 34 |
| | | prendedor | - | 3 | 2 | 2 | - | 3 | 10 |
| | | grampo | 1 | - | 1 | 1 | 1 | 1 | 5 |
| | | trancador | - | - | 1 | - | - | 1 | 2 |
| L108 | Cabeceira | cabeceira | 5 | 5 | 6 | 8 | 7 | 3 | 34 |
| | | testeira | 3 | 2 | 2 | - | - | - | 7 |
| | | espelho | - | - | 1 | - | 1 | 2 | 4 |
| L109 | Utensílios usados de barro para pôr água | pote | 8 | 8 | 8 | 7 | 8 | 8 | 47 |
| | | bilha | 1 | - | - | 2 | - | - | 3 |
| | | jarro | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | moringa | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | alguidar | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L110 | Vaso sanitário | vaso / vaso sanitário | 5 | 5 | 1 | 6 | 6 | 7 | 30 |
| | | bacio / bacio sanitário | - | 1 | 6 | - | 2 | - | 9 |
| | | privada | 2 | 4 | - | 2 | 1 | - | 9 |
| | | sanitário | 2 | 1 | 1 | - | - | - | 4 |
| | | cagador | 1 | 2 | - | - | - | - | 3 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Apresentam diferenças diatópicas 11 cartas semântico-lexicais desse campo. A carta L093 – tapiri apresenta a variante *papiri / tapiri* como a mais recorrente nas localidades do rio Madeira, Humaitá, Borba e Manicoré, no entanto, em Boca do Acre, a variante mais recorrente é *barroco / barraco de palha*, em Lábrea concorrem as variantes *barraco / barraco de palha, casa / casa de palha* e *tapera / taperinha*, em Tapauá, concorrem *papiri / tapiri* e *casa / casa de palha*. Na carta L094 – caibro (peças usadas para armar o forro e o teto) percebe-se que a variante *linha* tem maior número de ocorrências em Boca do Acre e Lábrea, porém nas demais localidades predomina a variante *caibro*. A carta L095 – perna-manca (peças usadas para armar as paredes demonstra a variante *travessa* com maior incidência em Manicoré, a variante *envigamento / viga* em Humaitá, *perna-manca* em Tapauá e *ripa / ripão* juntamente com *perna-manca* em Borba. A carta L096 – travejamento (peças usadas para armar o assoalho) apresenta uma distribuição de variantes distinta entre as localidades do rio Purus e do rio Madeira. Nas primeiras prevaleceu a forma *travejado / travejamento* e nas segundas prevaleceu (*en)vigamento / viga*. Na carta L097 – cumeeira, a variante *linha* é mais incidente em Boca do Acre, ao passo que nas demais localidades predomina a forma *cumeeira*. Na carta L098 – barrote, Boca do Acre também se distingue das demais localidades ao apresentar mais ocorrências da variante *toco*, enquanto em Manicoré predomina a variante *esteio* e nas demais localidades a variante *barrote.* Na carta L101 – tramela, a variante *pau* predomina em Tapauá, enquanto a variante *tramela* predomina nos demais municípios. A carta L103 – ponte apresenta a forma *trapiche* como mais incidente em Lábrea, a medida que em Boca do Acre prevalece as formas *trapiche* e *ponte* e nas demais localidades prevalece a forma *ponte.* Também observa-se que a variante *trapiche* não ocorre nas localidades do rio Madeira. Na carta L105 – extensão, observa-se que a variante *rabicho* é mais frequente em Boca do Acre e Lábrea, enquanto nas demais prevalece a variante *extensão.* Na carta 108 – cabeceira, a forma análoga *cabeceira* é mais recorrente em todas as localidades, porém observa-se que a forma *testeira* apenas tem ocorrência entre as localidades do Purus. A carta L110 – vaso sanitário demonstra maior número de ocorrências da variante *bacio sanitário* em Tapauá, ao passo que nas demais localidades predomina a variante *vaso sanitário.*

No que se refere às variáveis sociais, observa-se, a partir da carta L093a, acerca da distribuição por idade das variantes para tapiri, que a forma

*papiri/tapiri* é predominante entre os informantes mais idosos, enquanto as formas *barraco* / *barraco de palha* e *cabana* / *cabanazinha* / *cabaninha* são predominantes entres os falantes mais jovens, o que pode indicar uma mudança em progresso em relação à essa variável. A variável escolaridade também se mostra relevante para a caracterização de tapiri, uma vez que, de acordo com a carta L093b, as variantes *papiri* / *tapiri* e *barraco* / *barraco de palha* são mais frequentes entre informantes menos escolarizados, ao passo que a variante *cabana* / *cabanazinha* / *cabaninha* é mais frequente entre os mais escolarizados, o que pode indicar que a mudança em progresso referida acima deve favorecer a variante *cabana*. Na carta L094a – Caibro (peças usadas para armar o forro e o teto) – Distribuição por idade observa-se que a variante *caibro* tem maior número de ocorrência entre os informantes mais idosos, enquanto a variante *ripa/ripão* tem ocorrência categórica entre os mais jovens. As demais variantes têm distribuição paritária entre os grupos etários. A carta 103a, a qual cruza os dados referentes às variáveis idade e escolaridade para ponte, demonstra que a variante *passarela* tem realização categórica entre informantes mais jovens e mais escolarizados e que a variante *ponte* é mais frequente entre os informantes menos escolarizados na microrregião do Madeira, enquanto nas localidades do Purus as variantes concorrentes *ponte* e *trapiche* apresentam distribuição distinta entre as localidades – a primeira é mais recorrente entre os informantes mais jovens menos escolarizados em Boca do Acre e entre os mais jovens menos escolarizados em Tapauá, a segunda entre os mais idosos menos escolarizados em Boca do Acre e entre os mais idosos independente de escolaridade em Tapauá. Na carta L106a – Cabide – Distribuição por idade, observa-se que a variante *cruzeta* é mais recorrente entre os informantes mais idosos, enquanto *cabide* tem maior frequência entre os mais jovens, indicando uma possível mudança em progresso. Fato semelhante acontece em cabeceira, que, conforme se observa na carta L108a, cuja distribuição das variantes se dá considerando a variável idade, demonstra que a forma *espelho* apenas tem ocorrência entre os falantes mais idosos, enquanto *cabeceira* é mais frequente entre os mais jovens, com exceção de Boca do Acre, onde a variante *testeira* é mais frequente entre os jovens e a variante *cabeceira* entre os mais idosos.

Na subárea semântica habitação é possível comparar 5 cartas comuns entre o ALAM (cf. Apêndice 5) e o ALSAM, conforme a seguir:

- Carta L093 (Tapiri) – O ALAM apenas registra a variante *casa*

*de palha* para o Sul Amazonense, ao passo que o ALAM registra, além dessa, as variantes *papiri / tapiri, barraco (de palha), casa (de palha), cabana / cabanazinha / cabaninha, choupana, toca, casebre* e *maloca*;

- Carta L097 (Cumeeira) – O ALSAM registra, além das formas *cumeeira* e *linha*, registradas no ALAM para o sul Amazonense, as formas *viga* e *travessa,* não registradas no ALAM. O ALSAM não registra a variante *teto*, observada no ALAM;
- Carta L100 (Ferrolho) – O ALSAM não confirma a variante *fechadura* como mais incidente no Sul Amazonense, conforme registro do ALAM, apresentando a variante *ferrolho* como tal. O ALSAM confirma as formas *fechadura* e *trancadura*, registrada no ALAM, no entanto não há registro da variante *chave* como no ALAM. O ALSAM registra ainda a forma *trinco*, não observada no ALAM para a mesorregião;
- Carta L102 (Jirau) – O ALAM apenas registra a variante única para o Sul Amazonense, *jirau*, ao passo que o ALAM registra também as variantes *tendal, terraço, puxadinho* e *lavatório*;
- Carta L110 (vaso sanitário) – O ALSAM confirma as formas *vaso* e *sanitário*, observadas no ALAM, bem como a primeira como mais incidente na mesorregião, porém não confirma as formas *bacia* e *vazio*. O ALSAM registra ainda as formas *bacio/bacio sanitário, privada* e *cagador*, não registradas no ALAM para o Sul Amazonense.

c. Relações sociais (festas e divertimentos)

As 20 cartas sobre a subárea semântica Relações sociais (festas e divertimentos) estão enumeradas de L160 a L170 e têm os resultados apresentados no Quadro 32:

**Quadro 32** – Variação lexical na subárea semântica *Relações sociais* (*festas e divertimentos)* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L160 | Calambota | calambota / calhambota / carambota | 2 | - | 1 | 7 | 5 | 2 | 17 |
| | | cambalhota | 2 | 4 | 2 | 1 | 2 | 2 | 13 |
| | | mortal | 5 | 2 | 2 | - | - | - | 10 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | carambola | 1 | 1 | 4 | - | - | - | 6 |
| | | calambiota | - | - | - | - | - | 5 | 5 |
| | | cangapé | 1 | 1 | - | - | - | - | 2 |
| | | bunda canastra | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L161 | Peteca | peteca | 8 | 8 | 8 | 8 | 4 | 6 | 42 |
| | | bola-de-gude | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 | 2 | 11 |
| | | bolinha | - | 1 | - | - | 3 | 3 | 7 |
| L162 | Baladeira | baladeira | 8 | 8 | 8 | 7 | 8 | 8 | 47 |
| | | estilingue | 4 | 2 | - | 1 | 2 | 1 | 10 |
| L163 | Esconde-esconde | esconde-esconde | 3 | 2 | 3 | 3 | 4 | 4 | 19 |
| | | escondido | 2 | 5 | 2 | - | - | - | 9 |
| | | se esconde | 2 | - | - | 3 | 3 | - | 8 |
| | | mancha / manja | - | 1 | 1 | 1 | - | 3 | 6 |
| | | mancha se esconda / manja-esconde | - | - | 2 | - | - | 2 | 4 |
| | | pira (do) se esconde / pira-esconde | 1 | - | - | - | 1 | - | 2 |
| L164 | Pata-cega | pata-cega | 1 | - | 5 | 7 | 6 | 8 | 27 |
| | | cabra-cega | 8 | 8 | 1 | - | 1 | - | 18 |
| | | brincadeira de cego | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L165 | Balanço (gangorra) | balanço | 4 | 3 | 5 | 3 | 6 | 2 | 18 |
| | | gangorra | 2 | 1 | - | - | - | 2 | 5 |
| | | tábua | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | elevador | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | pula-tábua | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | barquinho | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | embalo | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | balancinho | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L166 | Balanço | balanço | 7 | 8 | 8 | 7 | 6 | 8 | 44 |
| | | estirador | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | embalo | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | trapézio | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | balancinho | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | balançador | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L167 | Macaca | macaca | 7 | 7 | 4 | 5 | 5 | 2 | 30 |
| | | amarelinha | 2 | 2 | 1 | 1 | - | 2 | 8 |
| | | aranha macaca | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | bole-bole | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L168 | Pira | pira | 7 | 6 | - | 4 | 6 | - | 23 |
| | | mancha / manja | - | - | 5 | - | - | 3 | 8 |
| | | do trisca | - | - | 2 | - | - | - | 2 |
| | | manja-pega | - | - | 1 | - | - | 1 | 2 |
| | | mancha do atrepa | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | pira-picolé | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | pega-pega | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | pira-ajuda | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | pira-corre | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | mancha do pegão | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | pira do descola | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L169 | Papagaio | papagaio | 8 | 6 | 7 | 7 | 8 | 7 | 43 |
| | | pipa | 3 | 4 | 2 | 2 | - | 2 | 13 |
| | | pepeta | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L170 | Porrinha | porrinha | 7 | 7 | 3 | 3 | 2 | 3 | 25 |
| | | morrinho | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | adivinhação | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | conta um | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | advinha | - | - | - | - | 1 | - | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Esse campo semântico não se mostrou muito produtivo quanto à distribuição diatópica das variantes, pois apenas quatro cartas apresentam diferenças relacionadas a essa dimensão. A carta L160 – calambota apresenta uma distribuição bem distinta entre as localidades: em Boca do Acre predomina a forma *mortal*, em Lábrea a forma *cambalhota*, em Tapauá a forma predominante é *carambola*, em Humaitá e Manicoré predomina a forma *calambota/ calhambota / carambota*, e em Borba predomina a forma *calambiota*. Além disso, percebe-se que as variantes *mortal, carambola, cangapé* e *bunda canastra* apenas têm ocorrências nas localidades do rio Purus, Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, ao passo que a variante *calambiota* apenas ocorre em Borba. Na carta L163 – esconde-esconde, observa-se que a variante *esconde-esconde* é predominante na maioria das localidades, no entanto em Lábrea predomina a forma *escondido* e em Humaitá a variante *se esconde* divide a primeira posição com a variante *esconde-esconde.* A carta L164 – pata-cega apresenta agrupamento geográfico bem definido, com ocorrências quase categóricas, para a variante *cabra-cega,* em Boca do Acre e Lábrea, e *pata-cega,* em Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba. A partir da carta L168 – pira, observa-se que nas localidades mais próximas de Manaus em cada microrregião, Borba e Tapauá, a variante que predomina é *mancha* / *manja* e suas formas derivadas *manja-pega, mancha do atrepa, mancha do pegão*, enquanto nas demais localidades, mais afastadas da capital amazonense, predomina a variante *pira* e suas derivadas *pira-picolé, pira-ajuda, pira-corre*. É interessante notar que, embora o ALAM não tenha investigado a cidade de Manaus, observa-se que na cidade de Manacapuru, que representa a microrregião da capital no atlas, registra-se categoricamente a variante *manja*, o que pode indicar um agrupamento no Amazonas em relação a essa variante que precisa ser mais bem investigada com a ampliação dos pontos do ALAM.

Destacam-se, na análise das variáveis sociais, as cartas L160a, L163a, L167a e L168a. A carta L160a, cuja distribuição das variantes de calambota se dá pela variável escolaridade, demonstra que a variante *calambota / calhambota / carambota* é mais recorrente entre os informantes mais escolarizados na microrregião do Madeira, onde é mais frequente, e entre os menos escolarizados nos demais municípios, e que a variante *calambiota* é categórica entre os informantes mais jovens em Borba, onde ocorre. Na carta L163a – Esconde-esconde – Distribuição por sexo e idade, observa-se que a variante *esconde-esconde* é mais

frequente entre as mulheres mais idosas, com exceção de Lábrea, onde essa variante é mais recorrente entre as mulheres mais jovens. Uma leitura da carta na vertical também revela que a variante *se esconde* é mais recorrente entre os informantes mais jovens e a variante *mancha* / *manja* entre os mais idosos, independente do sexo. A carta L167a, que apresenta os dados referentes à variável sexo para macaca, demonstra que as variantes *amarelinha*, *aranha macaca* e *bole-bole* ocorre predominantemente entre as mulheres, enquanto os homens apresentam ocorrência quase categórica de *macaca*. Na carta L168a, observa-se a variável social idade em pira e constata-se que a variante *mancha* / *manja* é mais frequente entre os informantes mais idosos e a variante *manja-pega* entre os mais jovens nas localidades em que ocorrem, Tapauá e Borba. Nas demais localidades observa-se que a variante *pira* é categórica entre os informantes mais velhos, enquanto os mais jovens apresentam outras variantes.

Seis cartas dessa subárea podem ser comparadas às do ALAM (cf. Apêndice 5) por possuírem mesmo conceito, conforme se demonstra a seguir:

- Carta L160 (Calambota) – O ALSAM confirma a variante *calambota* como mais recorrente na mesorregião, conforme observou o ALAM. O ALSAM confirma também a variante *cangapé*, registrada no ALAM para o Sul Amazonense, além de registrar as formas *cambalhota, mortal, carambola, calambiota* e *bunda canastra*, não registrada pelo ALAM nessa mesorregião;
- Carta L161 (Peteca) – O ALAM registra apenas a forma única *peteca* para o Sul Amazonense, ao passo que o ALSAM registra também as variantes *bola-de-gude* e *bolinha*, porém confirma *peteca* como mais incidente na mesorregião;
- Carta L162 (Baladeira) – O ALSAM confirma a predominância de baladeira no Sul Amazonense, conforme registro do ALAM, porém não registra a forma *balador*, observada no ALAM. O ALSAM registra ainda a forma *estilingue*, não observada na mesorregião pelo ALAM;
- Carta L164 (Pata-cega) – O ALSAM confirma as variantes *pata-cega* e *cabra-cega*, registradas pelo ALAM, assim como a predominância, no Sul Amazonense, da primeira em relação à segunda. O ALSAM não registra a variante *queimado*, observada pelo ALAM, registrando, por sua vez, a forma *brincadeira de cego*, não observada pelo ALAM;

- Carta L167 (Macaca) – O ALAM registra como forma única para a mesorregião a variante *macaca*, porém o ALSAM apresenta ainda as variantes *amarelinha, aranha macaca* e *bole-bole* e confirma *macaca* como variante mais recorrente no Sul Amazonense;
- Carta L168 (Pira) – O ALAM apresenta como forma única para o Sul Amazonense a variante *pira*, entretanto no ALSAM, confirma-se a predominância de *pira* e observam-se as outras variantes: *mancha / manja, do trisca, manja-pega, mancha do atrepa, pira-picolé, pega-pega, pira-ajuda, pira-corre, macha do pegão e pira-descola.*

Esse campo semântico permite uma comparação também com os dados publicados do ALiB sobre as capitais brasileiras, principalmente Manaus, Porto Velho e Rio Branco (cf. Apêndice 3), em seis cartas semântico-lexicais:

- Carta L160 (Calambota) – Em Rio Branco, Manaus e Porto Velho prevalece a variante *cambalhota*, observada em segundo lugar no ALSAM. A variante *cangapé* é observada pelo ALiB em Rio Branco e em Boca do Acre, cidade que mantém relação com essa capital, pelo ALSAM. As variantes *carambola, cangapé, bunda canastra* e *mortal*, observadas no ALSAM, nos municípios do Purus, têm registros principalmente no Nordeste brasileiro (carta L17b do ALiB);
- Carta L161 (Peteca) – O ALSAM apresenta as variantes observadas em Manaus pelo ALiB, *peteca, bola-de-gude* e *bolinha-de-gude*;
- Carta L162 (Baladeira) – As variantes *baladeira* e *estilingue*, observadas no ALiB em Manaus, Rio Branco e Porto Velho também são observadas em todas as localidades no ALSAM, predominando a forma *baladeira* como também predomina nas capitais;
- Carta L164 (Pata-cega) – A variante *cabra-cega*, que predomina em Rio Branco no ALiB, também predomina em Boca do Acre, município ligado a essa capital, no ALSAM. A variante *pata-cega*, predominante em Manaus e Porto Velho no ALiB, também predomina nas localidades do ALSAM que se ligam a essas capitais, Manicoré, Borba e Tapauá (a Manaus), Humaitá (a Porto Velho);

- Carta L167 (Macaca): O ALSAM apresenta as variantes observadas nas três capitais, *macaca* e *amarelinha*, sendo a primeira mais recorrente em toda a mesorregião. De acordo com o ALiB, em Porto Velho predomina a variante *amarelinha*, no entanto não se observa influência dessa variante com relação à Humaitá, localidade ligada a essa capital.
- Carta L169 (Papagaio) – No ALiB, a forma *papagaio* é mais recorrente nas três capitais, assim como o é em todas as localidades do ALSAM, porém chama a atenção que a variante *pepeta*, observada apenas em Rio Branco no ALiB, também foi observada apenas em Boca do Acre, no ALSAM, o que parece ser uma influência da ligação existente entre essas cidades.

d. Vida urbana

Os resultados das 19 cartas referentes à subárea semântica Vida urbana, numeradas de L177 a L188, foram resumidos no Quadro 33:

**Quadro 33** – Variação lexical na subárea semântica *Vida urbana* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L177 | Sinal | sinal / sinal de trânsito | 6 | 7 | 6 | 7 | 7 | 6 | 39 |
| | | semago / semáforo / semógrafo | 2 | 1 | 2 | 4 | 1 | 2 | 12 |
| | | parada | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L178 | Quebra-molas | quebra-mola | 8 | 5 | 8 | 6 | 4 | 8 | 39 |
| | | lombada | 1 | 2 | - | 1 | 3 | 1 | 8 |
| | | lombo | - | - | - | 1 | - | 1 | 2 |
| L179 | Calçada | calçada | 6 | 7 | 6 | 8 | 8 | 4 | 39 |
| | | meio-fio | 1 | - | 2 | 1 | - | 2 | 6 |
| | | sarjeta | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | calçadão | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| L180 | Terreno | terreno | 6 | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 46 |
| | | lote | 1 | - | - | - | 1 | - | 2 |
| | | quintal | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L181 | Bola | bola | - | 3 | 1 | 7 | 5 | 2 | 18 |
| | | retorno | 1 | 1 | 2 | - | - | 1 | 5 |
| | | rotatória | 1 | - | - | 1 | - | - | 2 |
| | | roda | - | - | 1 | - | 1 | - | 2 |
| | | triângulo | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | trevo | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L182 | Estancar | estancar / estancou / estaque | 6 | 4 | 5 | 7 | 6 | 6 | 34 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | brecou | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | afogou | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| | | choque | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | esgoiou | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| L183 | Bar (Taberna) | bar / barzinho | 7 | 6 | 7 | 3 | 5 | 4 | 32 |
| | | taberna | - | 6 | 2 | 3 | 2 | 4 | 17 |
| | | boteco | 1 | - | - | 1 | 1 | 1 | 4 |
| | | comércio | - | - | - | 1 | 1 | 1 | 3 |
| | | lanchonete | - | - | 1 | 2 | - | - | 3 |
| | | botequim | 2 | - | - | - | - | - | 2 |
| L184 | A retalho | a retalho | 6 | 7 | 6 | 5 | 4 | 6 | 34 |
| | | unidade / unitário | - | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | 9 |
| | | a granel | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | 4 |
| | | miúdo | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L185 | Bico | bico | 6 | 5 | 5 | 6 | 5 | 5 | 32 |
| | | diária | 1 | 3 | 2 | 2 | - | - | 8 |
| | | serviço | - | - | 1 | - | - | 2 | 3 |
| | | trabalho extra | - | - | - | - | 1 | 1 | 2 |
| | | extra | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | quebra-galho | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | serviço prestado | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | serviços gerais | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | hora extra | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L186 | Rancho | rancho | 5 | 7 | 8 | 6 | 6 | 8 | 40 |
| | | feira | 3 | 1 | - | - | - | - | 4 |
| | | cesta básica | - | - | - | - | 2 | - | 2 |
| | | aviação | - | - | - | 2 | - | - | 2 |
| | | compras do mês | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L187 | Esgoto | esgoto | 7 | 6 | 7 | 7 | 7 | 8 | 42 |
| | | rego | - | 2 | 1 | 1 | 1 | - | 5 |
| | | boeiro | 1 | 2 | 1 | 1 | - | - | 5 |
| | | fossa | - | - | - | - | 1 | 1 | 2 |
| | | córrego | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L188 | Esburacada | esburacada | 5 | 4 | 5 | 6 | 1 | 1 | 22 |
| | | buracada | - | 2 | 3 | 2 | 3 | 3 | 13 |
| | | buraquenta | 1 | 1 | - | - | 1 | 3 | 6 |
| | | emburacada | 1 | - | - | - | - | 1 | 2 |
| | | estragada | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | esburaquenta | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | depredada | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | desburacada | - | - | - | - | 1 | - | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A leitura do Quadro 44 revela que este campo semântico não apresenta muitas diferenças diatópicas. É possível observar, na carta L183 – bar (taberna), uma concorrência entre as variantes *taberna e bar* em Lábrea e Humaitá com o mesmo número de ocorrências, enquanto nas demais localidades predomina a variante *bar.* Na carta L188 – esburacada, observa-se que a variante *buracada* é a mais recorrente em Manicoré e Borba (juntamente com a variante *buraquenta)*, ao passo que nas demais localidades prevalece a variante *esburacada*.

Quanto às variáveis sociais, observa-se, na carta L181a, acerca da distribuição por escolaridade da variável bola, que as variantes *retorno* e *rotatória* são mais frequentes entre os informantes mais escolarizados, enquanto *bola* é mais frequente entre os menos escolarizados. A carta L183a – Bar (taberna) – Distribuição por idade demonstra maior incidência da variante *taberna* entre os informantes mais idosos e de outras variantes entre os mais jovens. A variável idade também se mostrou relevante para a realização de rancho, na qual se percebe que as variantes *feira* e *aviação* não mais recorrentes na fala dos informantes mais idosos, conforme carta L186a – Rancho – Distribuição por idade. A carta L188a apresenta a distribuição das variantes para esburacada segundo a variável escolaridade e demonstra que a variante *buraquenta* é mais recorrente entre os informantes menos escolarizados.

O ALAM não apresenta cartas linguísticas para esse campo semântico e o ALiB apenas publicou a carta L27 – Semáforo, na qual registra as variantes *sinal* e *semáforo* em Manaus, Porto Velho e Rio Branco, sendo a primeira mais recorrente nas três capitais, além da variante *sinaleiro* em Rio Branco. O ALSAM confirma em todas as localidades a predominância da forma *sinal* e a variante *semáforo* não sendo observada nenhuma ocorrência de *sinaleiro*.

e. Atividades de produção (agricultura)

O Quadro 34 trata das 28 cartas da subárea semântica, de números L189 a L207, correspondentes a Atividades de produção (agricultura), principalmente o cultivo da mandioca, da banana, do feijão e do milho, predominantes na região.

**Quadro 34** – Variação lexical na subárea semântica *Atividades de produção (agricultura)* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L189 | Roçado | roçado | 7 | 8 | 8 | 1 | 6 | 4 | 34 |
| | | roça | 1 | - | - | 7 | 3 | 4 | 14 |
| | | plantação | - | - | - | - | 2 | - | 2 |
| | | derrubada | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L190 | Praia | praia | 6 | 7 | - | 3 | - | - | 16 |
| | | vazante | - | - | 8 | - | - | - | 8 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | roçado | - | 1 | - | - | 3 | 2 | 6 |
| | | roça | - | - | - | 4 | - | - | 4 |
| | | plantação | 1 | - | - | - | - | 3 | 4 |
| L191 | Maniva | maniva | 6 | 7 | 7 | 7 | 8 | 8 | 43 |
| | | roça | 2 | 1 | 1 | - | - | - | 4 |
| L192 | Casa-de-farinha | casa-de-farinha | 8 | 8 | 8 | 6 | 2 | 3 | 35 |
| | | casa-de-forno | - | - | - | 4 | 7 | 1 | 12 |
| | | rancho | - | - | - | - | | 3 | 3 |
| L193 | Farinha-d´água | farinha-d´água | 4 | 7 | 4 | 6 | 5 | 3 | 29 |
| | | farinha-puba | 6 | 1 | 3 | 2 | - | - | 12 |
| | | farinha-amarela | - | - | - | - | 2 | 5 | 7 |
| | | farinha | - | - | - | 1 | 1 | - | 2 |
| | | toco-mole | - | 1 | 1 | - | - | - | 2 |
| | | farinha torrada | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| | | farinha-de-mandioca | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L194 | Farinha-seca | farinha-seca | 1 | 4 | 8 | 8 | 5 | 2 | 28 |
| | | farinha-branca | 8 | 4 | 1 | 1 | 2 | 7 | 23 |
| | | farinha-de-macaxeira | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | toco-mole | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L195 | Fornada | fornada | 5 | 8 | 8 | 6 | 7 | 7 | 41 |
| | | alqueire | 1 | - | - | 1 | - | - | 2 |
| | | torrada | - | - | 1 | 1 | - | - | 2 |
| | | resma | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| L196 | Gamela | gamela | 2 | 4 | 2 | 6 | 2 | 1 | 17 |
| | | gareira | - | 1 | 1 | 1 | 5 | 4 | 12 |
| | | caixa | 1 | 3 | 4 | - | 1 | - | 9 |
| | | cocha | 2 | 1 | - | - | - | - | 3 |
| | | canoa | 1 | 1 | - | - | - | - | 2 |
| | | bacia | 1 | - | 1 | - | - | - | 2 |
| L197 | Goma | goma | 7 | 8 | 8 | 6 | 5 | 6 | 40 |
| | | tapioca | - | - | - | - | 3 | 2 | 5 |
| | | amido | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | polvilho | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L198 | Instrumentos usados para extrair o caldo da massa de mandioca | prensa | 7 | 8 | 8 | 6 | 2 | 2 | 33 |
| | | tipiti | 1 | - | - | 2 | 7 | 7 | 17 |
| L199 | Tangerina | tangerina | 8 | 7 | 7 | 7 | 8 | 8 | 45 |
| | | mexerica | 1 | - | - | 2 | - | - | 3 |
| | | pocâ | - | - | - | 2 | - | - | 2 |
| | | bergamota | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L200 | Banana-najá | banana-najá | 5 | 5 | 5 | 3 | 3 | 4 | 25 |
| | | banana-nanica | 2 | 2 | 2 | 3 | 4 | 2 | 15 |
| | | banana-maçã | 2 | - | - | - | - | - | 2 |
| | | banana-baié | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L201 | Banana-maçã | banana-maçã | 8 | 8 | 7 | 1 | 1 | 4 | 29 |
| | | banana branquinha / banana-banca | 1 | - | - | 8 | 8 | 4 | 21 |
| L202 | Banana-comprida | banana-comprida | 8 | 8 | 4 | 1 | 1 | - | 22 |
| | | banana-grande | - | - | 3 | 8 | 6 | 4 | 21 |
| | | banana-pacovã(o) | 1 | - | 2 | 1 | 3 | 6 | 13 |
| | | banana-costela | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| L203 | Outras espécies de banana conhecidas | banana-prata | 6 | 7 | 7 | 6 | 5 | 8 | 39 |
| | | banana-roxa | 1 | 5 | 4 | 1 | 2 | 2 | 15 |
| | | banana peruaca / peruá / peruí | 7 | 5 | - | - | 1 | 1 | 14 |
| | | banana-(i)najá / banana-ouro | - | 3 | - | 2 | 4 | 2 | 11 |
| | | banana santomé | - | 1 | 3 | 1 | 4 | 2 | 11 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | (branca e roxa) / banana-tangerina | | | | | | | |
| | | banana chifre-de-bode / chifre-de-boi / banana pacovi | 4 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 10 |
| | | banana-sapo(a) | 3 | 6 | - | - | - | - | 9 |
| | | banana clonada / banana do IDAM / banana enxertada | - | - | 2 | 1 | 4 | - | 7 |
| L204 | Sabugo | sabugo | 6 | 7 | 7 | 6 | 5 | 4 | 35 |
| | | espiga | 1 | - | - | - | 2 | 1 | 4 |
| | | espigão | - | - | 1 | - | 1 | - | 2 |
| | | pendão | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| | | miolo | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| L205 | Mão (medidas usadas para comercialização de milho) | mão | 7 | 8 | 8 | 3 | 6 | 3 | 35 |
| | | quilo | - | - | - | 2 | - | - | 2 |
| | | amarrado | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | cambada | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| L206 | Vagem | vagem | 7 | 7 | 8 | 4 | 2 | 2 | 30 |
| | | casca | - | 1 | - | 2 | 1 | - | 4 |
| | | pallha | - | - | - | 1 | 1 | 1 | 3 |
| | | baja / bajazinha | 1 | - | - | - | 1 | - | 2 |
| | | cordão | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| L207 | Jerimum | jerimum | 8 | 8 | 8 | 8 | 7 | 7 | 46 |
| | | abóbora | 2 | - | - | 3 | 2 | 1 | 8 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A dimensão diatópica se mostra muito produtiva nesse campo semântico, no qual 11 cartas apresentam diferenças quanto à predominância das variantes nas localidades da mesorregião. A carta L189 – roçado apresenta esta forma como a mais recorrente na maioria das localidades, entretanto a variante *roça* é mais frequente em Humaitá e apresenta o mesmo número de ocorrências que *roçado* em Borba. É importante notar ainda nessa carta que a variante *roça* é quase exclusiva da mesorregião do Madeira, apresentando apenas uma ocorrência fora dela, em Boca do Acre. Na carta L190 – praia[39], observa-se que a variante *praia* predomina em Boca do Acre e Lábrea, a variante *vazante* é categórica em Tapauá, a variante *roça* predomina em Humaitá, a variante *roçado* em Manicoré e a variante *plantação* em Borba. A carta L191 – maniva[40] demonstra *maniva* como a variante mais incidente em todas as localidades, todavia observa-se que a variante *roça* apenas tem ocorrências entre as localidades do Purus. A partir da carta L192 – casa-de-farinha, observa-se que a variante *casa-de-farinha* predomina na maioria das localidades, sendo categórica nas do rio Purus, porém em Manicoré predomina

[39] Plantação realizada em terrenos de várzea, às margens dos rios amazônicos, para aproveitamento do solo fertilizado pelas enchentes periódicas.
[40] Planta da mandioca e da macaxeira, da qual se utiliza um pedaço do caule para o cultivo.

a variante *casa-de-forno* e em Borba as variantes *casa-de-farinha* e *rancho.* Na carta L193 – farinha-d´água, observa-se que a forma análoga *farinha-d´água* é predominante em Lábrea, Tapauá, Humaitá e Manicoré, enquanto a variante *farinha-puba* predomina em Boca do Acre e a variante *farinha amarela* em Borba. Na carta L194 – farinha-seca, observa-se que a variante *farinha-branca* predomina em Boca do Acre e em Borba e apresenta o mesmo número de ocorrências da variante *farinha-seca* em Lábrea, ao passo que nas demais localidades predomina a variante *farinha-seca.* A carta L196 - gamela[41] demonstra a predominância da forma *gamela* em Lábrea e Humaitá, da variante *gareira* em Manicoré e Borba, da variante *caixa* em Tapauá e das variantes *gamela* e *cocha* em Boca do Acre. Na carta L198 – instrumentos usados para extrair o caldo da massa de mandioca, as formas *prensa* e *tipiti* não têm como referente o mesmo instrumento, como explicam muitos dos informantes, de acordo com os quais o primeiro se refere à armação de madeira, onde se coloca a massa de mandioca em sacos e com auxílio de um tronco grande e outros pesos esta é prensada até perder todo o líquido (tucupi), enquanto o segundo se reporta ao espremedor de palha trançada em forma de tubo, onde se coloca a massa e se torce com as mãos ou se estica com auxílio de pesos para a mesma finalidade. Assim, *tipiti* é predominante em Manicoré e Borba quando se pergunta o nome do instrumento utilizado para extrair o caldo da mandioca, ao passo que nas demais localidades ao responder à mesma pergunta o informante cita predominantemente a forma *prensa*. Essa carta pode marcar uma influência indígena nas localidades de Manicoré e Borba, as quais têm suas origens em missões indígenas do Rio Madeira, preservando o instrumento também de origem indígena, o tipiti. A carta L200 – banana-najá apresenta as respostas para a questão “menor espécie de banana cultivada na região, de casca amarela e polpa doce” e demonstra que a variante mais utilizada na maioria das localidades é *banana-najá*, entretanto em Manicoré predomina a variante *banana-nanica* e em Humaitá predominam as duas como o mesmo número de ocorrências. A carta L201 – banana-maçã (banana muito comercializada na região, mais doce e de casca mais fina que a banana-prata que só está madura quando a casca está bem amarela) demonstra que a variante *banana-branca* ocorre apenas na microrregião do Madeira, predominando em Humaitá e Manicoré e concorrendo igualmente com

[41] Recipiente de madeira usado para armazenar a massa de mandioca na casa-de-farinha.

*banana-maçã* em Borba, ao passo que a variante *banana-maçã* predomina nas localidades do Purus. Da mesma forma, a variante *banana-comprida* predomina nas localidades do rio Purus, enquanto em Humaitá e Manicoré predomina a variante *banana-grande* e em Borba a variante *pacovã(o)*, conforme a carta L202 – banana-comprida, que apresenta as respostas para a questão “maior espécie de banana, muito utilizada na culinária e que as pessoas preferem frita ou cozida”.

A distribuição social das variantes encontra-se nas cartas L190a, L190b, L192a, L193a, L200a e L2002a. A carta L190a, sobre as variantes de praia por sexo, demonstra que em Boca do Acre a designação *plantação*, termo genérico, é encontrada na fala dos informantes do sexo masculino, enquanto os falantes do sexo feminino mantêm a forma *praia*; por sua vez, em Lábrea, *roçado* aparece na fala das informantes do sexo feminino, diferenciando-se dos informantes masculinos que registraram categoricamente *praia*; em Humaitá, a designação *praia* parece estar sendo introduzida pelas mulheres; em Manicoré, são elas que mantêm a forma *roçado*; já em Borba, pelo contrário, elas utilizam o termo genérico plantação em detrimento da designação *roçado*, mais frequente na fala dos homens. Na carta L190b – Praia – Distribuição por idade, observa-se que os informantes mais idosos têm um comportamento diferente dos mais jovens em Boca do Acre e Lábrea, atribuindo um termo diferente do comum nas localidades; em Humaitá, a designação *praia* é atribuída aos mais idosos, enquanto os mais jovens utilizam a variante *roça*; em Borba, informantes mais jovens registram *roçado* e os mais idosos utilizam o termo genérico *plantação*. Observa-se, a partir da carta L192a, sobre a distribuição diageracional de casa-de-farinha, na microrregião do Madeira, onde ocorre a variação, que as variantes *casa-de-forno* e *rancho* são predominantes entre os informantes mais jovens, enquanto a variante *casa-de-farinha* predomina entre os mais idosos. A carta L193a, cujos resultados para farinha-d´água consideram a variável sexo, demonstra que, em Boca do Acre, Humaitá e Manicoré, a variante *farinha-d´água* predomina entre as mulheres, enquanto as outras variantes predominam entre os homens; já, em Lábrea, Tapauá e Borba, a variante *farinha d´água* é predominante entre os homens, enquanto as demais predominam entre as mulheres. Na carta L200a, sobre a distribuição por idade de banana-najá, observa-se que, na microrregião do Madeira, a variante *banana-nanica* está sendo introduzida pelos informantes mais jovens e que, na mesorregião como um todo, a variante *banana-najá* é mais frequente entre os informantes mais idosos, com

exceção de Tapauá, onde é categórica entre os mais jovens. A carta L202a – Banana-comprida – Distribuição por idade evidencia a predominância da variante *pacovã(o)* na fala dos informantes mais idosos.

Nesse campo semântico, é possível comparar cinco cartas do ALSAM às do ALAM (cf. Quadro 11, seção 2.4.2.2) com o mesmo contexto:

- Carta L191 (Maniva) – O ALAM registra no Sul Amazonense as variantes *batata, macaxeira, mandioca* e *ariá*, as quais não foram observadas no ALSAM, que registrou as formas *maniva* e *roça*;
- Carta L192 (Casa-de-farinha) – As variantes *casa-se-farinha* e *casa-de-forno*, registradas no ALAM, são confirmadas pelo ALSAM, que registra ainda a forma *rancho*, não registrada no ALAM para o Sul Amazonense;
- Carta L193 (Farinha d´água) – O ALSAM confirma as variantes registradas no ALAM, *farinha puba* e *farinha d´água*, porém a variante predominante na mesorregião pelo ALAM foi *farinha puba*, ao passo que no ALSAM predominou *farinha d´água*. O ALSAM registrou ainda as variantes *farinha-amarela*, *farinha, toco-mole, farinha torrada* e *farinha-de-mandioca*, não registradas pelo ALAM no Sul Amazonense;
- Carta L196 (Gamela) – O ALSAM confirma as variantes *garera, gamela* e *caixa*, registradas no ALAM para o Sul Amazonense, no entanto não confirma a variante *coxo*, nem a predominância da variante *gareira*, pois no ALSAM a variante mais recorrente é *gamela. O* ALSAM registra ainda as formas *cocha, canoa* e *bacia*, não registradas no ALAM nessa mesorregião;
- Carta L197 (Goma) – O ALSAM confirma a variante *goma* como mais incidente na mesorregião, porém não há registros de *massa de macaxeira*, registrada no ALAM, que registra, por sua vez, as variantes *tapioca, amido* e *polvilho*, não observadas pelo ALAM no Sul Amazonense.

É importante observar ainda que as questões para macaxeira (aipim) e crueira[42] que apresentaram variantes no ALAM (cartas 97 e 100), não geraram cartas no ALSAM, por apresentarem ocorrências únicas de *macaxeira* e *crueira*, respectivamente.

Observa-se, na carta L199 – tangerina, que as variantes *mexerica* e

[42] Massa de mandioca que, ao sair do tipiti ou prensa e não passar pela peneira, não serve para fazer farinha e é dada aos animais que se criam em casa.

*pocã*, não comuns na região (inclusive não geraram carta no ALAM) começam a adentrar a mesorregião por Humaitá e Boca do Acre. É possível observar nas cartas L05 e L05a do ALiB que essas variantes têm presença em Porto Velho e Rio Branco, capitais ligadas às cidades da mesorregião que já apresentam essas variantes. No ALiB, observam-se ainda as variantes para penca de banana e mandioca, as quais apresentaram respectivamente as variantes *penca,* em Porto Velho, e *macaxeira brava,* em Rio Branco, porém essas variantes não foram observadas no ALSAM, no qual observaram-se apenas as formas únicas *palma* e *mandioca*.

f. Atividades de produção (pesca)

Os resultados observados nas oito cartas referentes à subárea semântica Atividades de produção (pesca), numeradas de L220 a L223, encontram-se resumidos no Quadro 35:

**Quadro 35** – Variação lexical na subárea semântica *Atividades de produção (pesca)* no Sul Amazonense

| CARTA | VARIÁVEL | VARIANTES | OCORRÊNCIAS / PONTOS DE INQUÉRITO | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | |
| L220 | Arpão | arpão | 8 | 8 | 6 | 8 | 8 | 7 | 45 |
| | | hástea | - | - | 2 | 1 | - | - | 3 |
| | | flecha | - | 1 | 1 | - | - | - | 2 |
| | | zagaia | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| L221 | Arrastão | arrastão | 3 | 4 | 5 | 3 | 6 | 5 | 26 |
| | | malhadeira | 3 | 1 | 2 | 8 | 3 | 5 | 22 |
| | | rede | 3 | 6 | 2 | 3 | 1 | 1 | 16 |
| L222 | Boia | boia | 7 | 8 | 8 | 7 | 8 | 8 | 46 |
| | | curtiça | 2 | - | - | - | - | - | 2 |
| | | poita | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| L223 | Espinhel | espinhel | 7 | 8 | 4 | 2 | - | - | 21 |
| | | groseira | - | - | - | 3 | 4 | 5 | 12 |
| | | canição | 1 | 1 | 1 | - | - | - | 3 |
| | | linha | - | - | - | - | 2 | - | 2 |
| | | ponta-de-linha | - | 2 | - | - | - | - | 2 |
| | | linha-de-pesca | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | poita | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| | | mondé | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| | | poitão | - | - | 1 | - | - | - | 1 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Na dimensão diatópica, observam-se diferenças dialetais em duas

cartas. A carta L221 – arrastão demonstra que a variante *arrastão* predomina em Tapauá e Manicoré, a variante *malhadeira* em Humaitá, *rede* em Lábrea. Em Borba, predominam as variantes *arrastão* e *malhadeira* e em Boca do Acre as três variantes apresentam o mesmo número de ocorrências. Na carta L223 – espinhel, observa-se que as localidades do Purus apresentam prioritariamente a variante *espinhel*, enquanto as do Madeira a variante *groseira*.

Quanto à dimensão diageracional, observa-se, a partir da carta L223a, que as variantes diferentes de *espinhel* são introduzidas pelos informantes mais jovens em Boca do Acre e Lábrea, que a variante *espinhel* ocorre categoricamente entre os informantes mais idosos em Humaitá, e que, em Tapauá e Manicoré, as variantes diferentes das predominantes *espinhel* e *grosseira* se encontram na fala dos informantes mais idosos.

Desse campo semântico, é possível comparar duas cartas comuns entre o ALSAM e o ALAM (cf. Quadro 11, seção 2.4.2.2), a saber:

- Carta L220 (Arpão) – O ALSAM confirma as variantes *zagaia, flecha* e *arpão*, registradas pelo ALAM no Sul Amazonense, no entanto diferente do ALAM, no qual a variante mais frequentena mesorregião foi *zagaia*, no ALSAM, o maior número de ocorrências foi para a variante *arpão*. O ALSAM registra ainda a forma *hástea*, não observada pelo ALAM nessa mesorregião;
- Carta L222 (Espinhel) – O ALSAM confirma as formas observadas pelo ALAM, *espinhel* e *grosseira*, mas não registra a forma *estiradeira*, observada no ALAM. O ALSAM registra também as variantes *linha, canição, ponta-de-linha, poita, mondé* e *poitão*, não registradas pelo ALAM no Sul Amazonense.

A partir dessa descrição e da observação das outras cartas que não foram descritas nesta tese, percebem-se pelo menos três agrupamentos no que se refere à diatopia: (i) as localidades das microrregiões do Purus e Boca do Acre (municípios banhados pelos rio Purus), Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, se diferenciam das localidades da microrregião do Madeira, Humaitá, Manicoré e Borba; (ii) as localidades de Manicoré e Borba se diferenciam das demais, ao passo que Humaitá se aproxima linguísticamente dos municípios do Purus; e (iii) as localidades de Boca do Acre e Lábrea se diferenciam das demais, à medida que

Tapauá se aproxima linguisticamente dos municípios do Madeira.

No Quadro 36, a seguir, observa-se um agrupamento linguístico, conforme (i), entre localidades pertencentes ao mesmo rio, em 22 cartas semântico-lexicais:

**Quadro 36** – Agrupamento diatópico Purus x Madeira em 22 cartas semântico-lexicais do ALSAM

| CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL | PURUS | MADEIRA |
|---|---|---|
| L015 – Chuvisco | librina/neblina | chuvisco |
| L035 – Boto rosa | boto vermelho | boto rosa, boto laranja |
| L044 – Queixada | queixada (registro categórico) | porco-do-mato, javali, queixada |
| L057 – Bolacha do joelho | bolacha (do joelho) | rótula (do joelho), pratinho (do joelho) |
| L069 – Tapioca | tapioca (registro categórico) | tapioca, tapioquinha, beiju (de tapioca, de goma) |
| L070 – Pé-de-moleque | bolo | - |
| L072 – Biscoito | biscoito (registro categórico) | biscoito, bolacha (doce), sequilho |
| L077 – (A)moqueado | (a)moqueado | assado |
| L085 – Coador | - | passador |
| L096 – Travejamento | traveja/travejamento | (en)vigamento / viga |
| L103 – Ponte | trapiche | passarela |
| L108 – Cabeceira | testeira | - |
| L135 – Juntos | juntos | amigados, amasiados |
| L137 – Menina | - | cunhantã |
| L147 – Caloteiro | velhaco | caloteiro |
| L159 – Gasguita | gasguita | - |
| L176 – Besta | besta | lesa |
| L191 – Maniva | roça | - |
| L192 – Casa-de-farinha | casa-de-farinha (registro categórico) | casa-de-farinha, casa-de-forno, rancho |
| L201 – Banana-maçã | Banana-maçã | banana-branca |
| L202 – Banana-comprida) | banana-comprida | banana-grande |
| L223 – Espinhel | espinhel | groseira |

**Fonte:** Elaboração do autor.

No Quadro 36, destacaram-se as variantes de cada carta que predominam em cada área (cartas L015, L035, L057, L077, L096, L135, L147, L176, L201, L202 e L223) que apresentam registro categórico em uma área, enquanto existe variação na outra (cartas L044, L069, L072 e L192), ou, ainda, variantes que ocorrem em todas as localidades daquela área e não ocorrem na outra (cartas L070, L085, L103, L108, L137, L159 e L191).

No Quadro 37, a seguir, destacam-se, em 12 cartas semântico-lexicais, as variantes que se agrupam em Manicoré e Borba ou nas demais localidades, conforme (ii).

**Quadro 37** – Agrupamento diatópico Borba e Manicoré x demais localidades em 12 cartas semântico-lexicais do ALSAM

| CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL | BORBA E MANICORÉ | DEMAIS LOCALIDADES |
|---|---|---|
| L039 – Tabuleiro | praia (de desova) (registro categórici) | tabuleiro, praia (de desova), reserva, berço, barreiro |
| L052 – Cajá | taperebá (registro categórico) | cajá |
| L066 – Cambota | perna torta | cambota |
| L072 – Biscoito | sequilho | - |
| L130 – Grávida | prenhe | - |
| L157 – Carão | ralho | carão |
| L193 – Farinha d´água | farinha-amarela | - |
| L196 – Gamela | gareira | gamela, caixa e cocha |
| L197 – Goma | tapioca | - |
| L198 – Instrumentos usados para extrair o calda da mandioca | tipiti | prensa |
| L208 – Touro | boi | touro |
| L210 – Porco | - | barrão |

**Fonte:** Elaboração do autor.

O Quadro 37 destaca as variantes das cartas L052, L066, L157, L196, L198 e L208, predominantes em cada área, as que apresentam registro categórico em uma área, enquanto existe variação na outra (cartas L039 e L052), ou, ainda, as variantes que apenas ocorrem em todas as localidades daquela área e não ocorrem na outra (cartas L072, L130, L157, L193, L197 e L210).

Esse agrupamento linguístico comprova a aproximação histórica e socioeconômica existente entre Borba e Manicoré, primeiras localidades do Madeira, que têm sua origem remontando às missões indígenas à época da ocupação amazônica pelos portugueses e que, atualmente, mantêm forte ligação socioeconômica e cultural com a capital amazonense, principalmente pela aproximação geográfica. Como se esperava, o município de Humaitá, mais distante de Manaus e mais próximo do estado de Rondônia, diferencia-se linguísticamente das demais, sendo a localidade da mesorregião que mais recebe influência de outros falares por estar se tornando o centro do Sul Amazonense e portal de entrada do Amazonas, a partir das rodovias BR 319 e BR 230. A sua história, marcada também pela ocupação nordestina à época da exploração da borracha, assim como a proximidade geográfica com a microrregião do Purus, aproxima essa localidade dessa microrregião, conforme se observa no Quadro 37.

A partir do Quadro 38, destacam-se as variantes que se agrupam em Boca do Acre e Lábrea ou nas demais localidades, conforme (iii), em nove cartas

semântico-lexicais.

**Quadro 38** – Agrupamento diatópico Boca do Acre e Lábrea x demais localidades em 09 cartas semântico-lexicais do ALSAM

| CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL | BOCA DO ACRE E LÁBREA | DEMAIS LOCALIDADES |
|---|---|---|
| L030 – Picote | capote | picote |
| L083 – Gorgulho | gorgulho (registro categórico) | gorgulho, broca, gogo, fungos |
| L089 – Xarope | lambedor | xarope |
| L094 – Caibro | linha | caibro |
| L096 – Travejamento | linha | travessa |
| L102 – Jirau | jirau, tendal, terraço, puxadinho, lavatório | jirau (registro categórico) |
| L104 – Benjamim | benjamim, tê | benjamim (registro categórico) |
| L130 – Grávida | grávida (registro categórico) | grávida, gestante, prenhe |
| L164 – Pata-cega | cabra-cega | pata-cega |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Observam-se, no Quadro 38, as variantes de cada carta que predominam em cada área (cartas L030, L089, L094 e L164), que apresentam registro categórico em uma área, enquanto existe variação na outra (cartas L083, L102, L104 e L130), ou, ainda, variantes que apenas ocorrem em todas as localidades daquela área e não ocorrem na outra (cartas L030 e L096).

É responsável por esse agrupamento linguístico entre Boca do Acre e Lábrea a equivalência histórica na fundação, assim como a configuração geográfica dessas localidades, sendo ambas as localidades mais antigas da microrregião, ambas originadas de povoados criados para receber os chamados soldados da borracha, fugitivos da seca que assolava o nordeste, no século XIX, e ambas as localidades da microrregião mais distantes da capital amazonense e com ligações com outros estados, Rondônia e Acre. Esperava-se, nesta tese, que a localidade de Tapauá se diferenciasse das demais da sua microrregião exatamente pela ligação mais estreita com Manaus, pouco comum entre as outras duas. É essa ligação que aproxima Tapauá das localidades do Madeira, principalmente Manicoré e Borba, as quais mantém relação de proximidade com a capital amazonense, como se observa nas cartas resumidas no Quadro 38.

Muitas cartas semântico-lexicais atestaram a forte presença da cultura nordestina, expressa também na linguagem dos sul-amazonenses, das quais destacam-se as variantes *neve* para neblina (carta L018), *capote* para galinha-d´angola (carta L030), *cajá* (carta L052), *cangapé, bunda canastra* e *mortal* para

cambalhota (carta L160) e *cabra-cega* (carta L164), entre muitas outras.

Algumas variantes também confirmam a influência linguística exercida por outros estados, tendo em vista a localização geográfica da mesorregião, como as variantes presentes em Rio Branco (ALiB) e Boca do Acre (ALSAM), *cangapé* (para cambalhota), *cabra-cega, pepeta* (para papagaio/pipa)*, pocã* e *mexerica* (para tangerina), bem como as variantes presentes em Humaitá (ALSAM) e Porto Velho (ALiB), *pata-cega, pocã* e *mexerica* (para tangerina).

A alta produtividade de cartas pluridimensionais do ALSAM (são 172 cartas semântico-lexicais pluridimensionais) atesta a importância das variáveis sociais observadas na pesquisa para a configuração do falar sul-amazonese, conforme se observou nas cartas apresentadas nesta seção para as variáveis sexo – cartas L002a, L013a, L014a, L015a, L078a, L084a, L163a, L167a, L190a, L193a e L223a; idade – cartas L003a, L007a, L008a, L012a, L017a, L018a, L052a, L078a, L079a, L085a, L093a, L094a, L103a, L163a, L168a, L183a, L186a, L190b, L192a, L200a e L202a; e escolaridade – L002a, L007a, L012a, L013a, L017a, L018a, L024a, L030a, L070a, L084a, L085a, L093b, L103a, L160a, L181a e L188a.

Por fim, a comparação entre o ALSAM e o ALAM demonstra que, na maioria dos casos, o primeiro complementa o segundo, apresentando outras variantes não registradas no primeiro devido a sua abrangência, investigando apenas duas localidades da mesorregião. Observaram-se diferenças entre o ALAM e o ALSAM, com relação à predominância das variantes e nos campos semânticos selecionados para essa descrição, em 11 cartas a saber: L005 – correnteza, L015 – chuvisco, L051 – seringa, L077 – (a)moqueado, L079 – pirão, L093 – casa-de-farinha, L100 – ferrolho, L191 – maniva, L193 – farinha d´água, L196 – gamela e L220 – arpão.

## 4.2 Aprofundando Aspectos Relevantes do Falar Sul Amazonense

Nesta seção apresentam-se os resultados da análise multivariada realizada com as variáveis fonéticas mais relevantes para a caracterização do falar sul amazonense, por meio do pacote estatístico *Goldvarb X,* apresentado na seção 3.5.3. Dessa forma, analisam-se as variáveis vogal média pretônica anterior e posterior, /l/ antes de vogal alta [i] e /S/ em coda silábica, considerando tanto variáveis linguísticas como variáveis sociais e observando quais fatores têm se

mostrado mais relevantes para a concretização desses fenômenos fonéticos na mesorregião.

### 4.2.1 Vogal Média Anterior Pretônica

Para a análise da vogal média anterior pretônica, consideraram-se as 1689 ocorrências dessa vogal a partir das respostas às questões do QFF que a abordavam. Observaram-se as seguintes variáveis linguísticas: vogal tônica; antecedência ao /S/ em coda silábica; nasalidade fonológica da vogal tônica; ocorrência em –des, prefixo ou não; e distância da vogal tônica. As variáveis extralinguísticas consideradas foram localidade, sexo, idade e escolaridade.

**Quadro 39** – Variáveis linguísticas e sociais consideradas para a análise multivariada da vogal média anterior pretônica

| VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS | FATORES | EXEMPLOS |
|---|---|---|
| Vogal tônica | Vogais médias altas [e] e [o] | pres**e**nte, pesc**o**ço |
| | Vogais altas [i] e [u] | beb**i**da, perf**u**me |
| | Vogal baixa [a] e médias baixas [ɛ] e [ɔ] | estrag**a**da, rem**é**dio, melh**o**r |
| Antecedência ao /S/ em coda silábica | Sim | e**s**goto |
| | Não | perfume |
| Nasalidade fonológica da vogal tônica | Presença | educa**ção**, rem**an**do |
| | Ausência | tesoura |
| Ocorrência em –des, prefixo ou não | Sim | **des**maio, **des**respeito |
| | Não | vestido |
| Distância da vogal tônica | Imediatamente anterior | p**er**d**i**do |
| | Com sílaba intercalada | d**e**sbo**ta**da |
| **VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS** | **FATORES** | |
| Localidade | Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba | |
| Sexo | Masculino e feminino | |
| Idade | 20 a 35 anos e 50 a 65 anos | |
| Escolaridade | 4 a 7 anos de escolaridade e 10 a 13 anos de escolaridade | |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Como essa variável apresentou mais de duas variantes, foi necessário realizar três rodadas, cujos valores de aplicação são as variantes vogal média alta (fechada), vogal alta e vogal média baixa (aberta), conforme se apresenta a seguir:

a. Regra: Vogal média alta (fechada) [e]

Nessa rodada, o *Goldvarb X*, nesta ordem de relevância, selecionou as variáveis: antecedência ao /S/ em coda silábica; vogal tônica; localidade;

escolaridade; e nasalidade fonológica da vogal tônica; cujos resultados se encontram nas Tabelas seguintes:

**Tabela 23** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica*

| **[e] PRECEDENDO /S/ EM CODA SILÁBICA** | **Aplicação/Total** | **%** | **P. R.** |
|---|---|---|---|
| **Não** | 623/1065 | 58,5% | 0.570 |
| **Sim** | 227/624 | 36,4% | 0.382 |
| *Input* 0.504 | | | |
| *Log likelihood* -1089.089 | | | |
| *Significance* 0.003 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor.

É possível observar, na Tabela 23, que o contexto precedente ao /S/ em coda silábica desfavorece a realização da variável como média alta (fechada), com peso relativo de 0.382, ao passo que outras posições a favorecem, com peso relativo de 0.570.

**Tabela 24** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica*

| **VOGAL TÔNICA** | **Aplicação/Total** | **%** | **P. R.** |
|---|---|---|---|
| **Vogais médias altas [e] e [o]** | 298/469 | 63,5 | 0.620 |
| **Vogais altas [i] e [u]** | 177/370 | 47,8 | 0.489 |
| **Vogal baixa [a] e médias baixas [ɛ] e [ɔ]** | 375/850 | 44,1 | 0.438 |
| *Input* 0.504 | | | |
| *Log likelihood* -1089.089 | | | |
| *Significance* 0.003 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Observa-se, a partir da Tabela 24, que as vogais tônicas médias altas [e] e [o] favorecem a realização da vogal pretônica também como média alta (fechada), com peso relativo de 0.620, em observação à regra de harmonização vocálica. Consequentemente, as vogais tônicas altas [i] e [u] e as vogais baixa [a] e médias baixas [ɛ] e [ɔ] desfavorecem a realização dessa regra. No entanto, é importante notar ainda que, considerando o *input* de 0.504, pode-se dizer que os resultados se aproximam mais da neutralidade.

**Tabela 25** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

| LOCALIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Tapauá** | 161/276 | 58,3 | 0.588 |
| **Humaitá** | 170/294 | 57,8 | 0.586 |
| **Manicoré** | 141/277 | 50,9 | 0.505 |
| **Boca do Acre** | 136/284 | 47,9 | 0.473 |
| **Borba** | 121/277 | 43,7 | 0.424 |
| **Lábrea** | 121/281 | 43,1 | 0.420 |

*Input* 0.504
*Log likelihood* -1089.089
*Significance* 0.003

**Fonte:** Elaboração do autor.

A variável social mais relevante foi a localidade, embora os pesos relativos se encontrem próximos ao peso neutro. As localidades de Tapauá (0.588), Humaitá (0586) e Manicoré (0.505) favorecem a realização da vogal pretônica como média alta (fechada), enquanto as localidades de Boca do Acre (0.473), Borba (0.424) e Lábrea (0.420) a desfavorecem. Mais uma vez é importante observar o *input,* que torna a diferença entre os pesos relativos das variantes menos significativa (mais próximas à neutralidade).

**Tabela 26** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade*

| ESCOLARIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **10 a 13 anos** | 468/859 | 54,5 | 0.547 |
| **4 a 7 anos** | 382/830 | 46 | 0.451 |

*Input* 0.504
*Log likelihood* -1089.089
*Significance* 0.003

**Fonte:** Elaboração do autor

De acordo com a Tabela 26, informantes mais escolarizados favorecem a regra de realização da vogal anterior pretônica como vogal média alta (fechada), com peso relativo de 0.547, ao passo que os informantes menos escolarizados a desfavorecem, com peso relativo de 0.451. Também, nessa variável, se se considera o *input* de 0.504, os pesos relativos giram em torno da neutralidade.

**Tabela 27** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [e] no Sul Amazonense, segundo a variável *nasalidade fonológica da vogal tônica*

| NASALIDADE FONOLÓGICA DA VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Presença** | 126/190 | 66,3 | 0.619 |
| **Ausência** | 724/1499 | 48,3 | 0.484 |
| *Input* 0.504 | | | |
| *Log likelihood* -1089.089 | | | |
| *Significance* 0.003 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Conforme se observa na Tabela 27, a análise demonstrou que a nasalidade fonológica da vogal tônica é favorecedora da realização média alta (fechada) da vogal anterior pretônica (0.619), à medida que a ausência de nasalidade fonológica na tônica a desfavorece (0.484).

b. Regra: Vogal alta [i]

Nessa rodada, a variável *ocorrência em des-, prefixo ou não* embora tenha apresentado índice de frequência alto para o alçamento da vogal média anterior não foi selecionada pelo programa na primeira rodada por apresentar enviesamentos com a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica*, sendo, portanto, desconsiderada da análise.

As variáveis selecionadas pelo *Goldvarb X*, em ordem de relevância, foram: antecedência ao /S/, nasalidade fonológica da vogal tônica, distância da vogal tônica, localidade e escolaridade, conforme se apresenta nas Tabelas 28 a 30:

**Tabela 28** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica*

| [i] PRECEDENDO /S/ EM CODA SILÁBICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Sim** | 394/624 | 63,1 | 0.777 |
| **Não** | 165/1065 | 15,5 | 0.325 |
| *Input* 0.260 | | | |
| *Log likelihood* -810.294 | | | |
| *Significance* 0.000 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 28 demonstra que a antecedência da vogal média anterior pretônica ao /S/ em coda silábica é contexto altamente favorecedor do seu alçamento (0.777), no Sul Amazonense, enquanto outras posições da vogal desfavorecem esse fenômeno (0.325).

**Tabela 29** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *nasalidade fonológica da vogal tônica*

| VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Ausência** | 555/1499 | 37 | 0.569 |
| **Presença** | 4/190 | 2,1 | 0.099 |
| *Input* 0.260 | | | |
| *Log likelihood* -810.294 | | | |
| *Significance* 0.000 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

A partir da Tabela 29, observa-se o alçamento da vogal média anterior é desfavorecido pela presença de vogal tônica fonologicamente nasal no vocábulo (0.099), ao passo que a ausência de nasalidade fonológica na vogal tônica o favorece (0.569).

**Tabela 30** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *distância da vogal tônica*

| DISTÂNCIA DA VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Com sílaba intercalada** | 218/415 | 52,5 | 0.631 |
| **Imediatamente anterior** | 341/1274 | 26,8 | 0.456 |
| *Input* 0.260 | | | |
| *Log likelihood* -810.294 | | | |
| *Significance* 0.000 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Os dados expressos, na Tabela 30, demonstram que, quando a vogal anterior pretônica está mais distante da tônica, com sílaba intercalada entre as duas, há um favorecimento para a ocorrência alta da vogal pretônica (0.631), ao passo que a proximidade entre as duas desfavorece o alçamento da vogal pretônica.

Considerando-se a pouca abrangência do *corpus*, oriundo de perguntas a questionário e, portanto, reduzido à produção de alguns vocábulos apenas para cada fator investigado, bem como a recorrência de palavras comuns a

duas variáveis, realizaram-se cruzamentos entre as variáveis para averiguar se não havia sobreposição de uma variável sobre outra nos dados. Assim, observou-se que a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica*, selecionada como variável mais relevante para a realização do alçamento da vogal, poderia estar se sobrepondo à variável *distância da tônica*, por essas variáveis apresentarem muitas ocorrências em comum. Esse cruzamento está expresso na Tabela 31:

**Tabela 31** – Cruzamento entre as variáveis *antecedência ao /S/ em coda silábica* e *distância da vogal tônica* para a realização da vogal alta [i]

| **[i] PRECEDENDO /S/ EM CODA SILÁBICA X DISTÂNCIA DA VOGAL TÔNICA** | **Imediatamente anterior** | **Com sílaba intercalada** |
|---|---|---|
| **Sim** | 62%<br>227/369 | 65%<br>167/255 |
| **Não** | 13%<br>114/905 | 32%<br>51/160 |

**Fonte:** Elaboração do autor

Como se observa na Tabela 31, não é possível afirmar ao certo que a variável distância da tônica seja relevante para a realização do alçamento da vogal média pretônica, pois nos casos em que essa vogal não precede /S/ em coda silábica, há uma grande redução na frequência de alçamento em ambos os fatores dessa variável (de 62 para 13% e de 65 para 32%).

**Tabela 32** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

| **LOCALIDADE** | **Aplicação/Total** | **%** | **P. R.** |
|---|---|---|---|
| **Borba** | 109/277 | 39,4 | 0.614 |
| **Lábrea** | 104/281 | 37 | 0.568 |
| **Boca do Acre** | 103/284 | 36,3 | 0.545 |
| **Manicoré** | 95/277 | 34,3 | 0.528 |
| **Humaitá** | 78/294 | 26,5 | 0.381 |
| **Tapauá** | 70/276 | 25,4 | 0.372 |

*Input* 0.260
*Log likelihood* -810.294
*Significance* 0.000

**Fonte:** Elaboração do autor

De acordo com a Tabela 32, as localidades de Borba (0.614), Lábrea (0.568), Boca do Acre (0.545) e Manicoré (0.528) favorecem o alçamento da vogal

média anterior pretônica e as localidades de Humaitá (0.381) e Tapauá (0.372) o desfavorecem.

**Tabela 33** – Frequência e probabilidade de vogal alta [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade*

| ESCOLARIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **4 a 7 anos** | 302/830 | 36,4 | 0.560 |
| **10 a 13 anos** | 257/859 | 29,9 | 0.442 |
| *Input* 0.260 | | | |
| *Log likelihood* -810.294 | | | |
| *Significance* 0.000 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Na Tabela 33, observa-se que o alçamento da vogal média anterior pretônica é favorecido pelos informantes menos escolarizados (0.560) e desfavorecido pelos mais escolarizados (0.442), embora os pesos relativos se encontrem próximos à neutralidade.

c. Regra: Vogal [ɛ]

Para a rodada que considerou como valor de aplicação a variante média baixa (aberta), foram selecionadas as variáveis: antecedência ao /S/ em coda silábica, vogal tônica e distância da vogal tônica, nesta ordem de relevância.

**Tabela 34** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɛ] no Sul Amazonense, segundo a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica*

| [ɛ] PRECEDENDO /S/ EM CODA SILÁBICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Não** | 277/1065 | 26% | 0.833 |
| **Sim** | 3/624 | 0,5% | 0.061 |
| *Input* 0.060 | | | |
| *Log likelihood* -590.160 | | | |
| *Significance* 0.001 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Observa-se, na Tabela 34, que a antecedência ao /S/ em coda silábica não favorece a abertura da vogal média anterior pretônica (0.061), ao contrário de outros contextos (0.833) que a favorecem.

**Tabela 35** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɛ] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica*

| VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Vogal baixa [a] e médias baixas [ɛ] e [ɔ]** | 172/850 | 20,2 | 0.622 |
| **Vogais altas [i] e [u]** | 67/370 | 18,1 | 0.542 |
| **Vogais médias altas [e] e [o]** | 41/469 | 8,7 | 0.263 |
| *Input* 0.060 | | | |
| *Log likelihood* -590.160 | | | |
| *Significance* 0.001 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Com relação à influência da vogal tônica sobre a pretônica, observa-se, a partir da Tabela 35, que as tônicas mais favorecedoras da abertura são a vogal baixa e as médias baixas (0.622), por harmonização vocálica, seguidas das vogais altas (0.542). As vogais tônicas médias altas (fechadas) desfavorecem a abertura da vogal pretônica (0.263).

**Tabela 36** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɛ] no Sul Amazonense, segundo a variável *distância da vogal tônica*

| DISTÂNCIA DA VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Imediatamente anterior** | 247/1274 | 19,4 | 0.543 |
| **Com sílaba intercalada** | 33/415 | 8 | 0.371 |
| *Input* 0.060 | | | |
| *Log likelihood* -590.160 | | | |
| *Significance* 0.001 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

A posição da vogal média anterior pretônica na sílaba imediatamente anterior à sílaba da vogal tônica, que marca uma proximidade entre as duas vogais, parece favorecer a abertura da vogal pretônica (0.543), enquanto a distância entre as duas, determinada por sílaba intercalada, parece desfavorecer a esse fenômeno (0.371).

A exemplo do que se fez na rodada anterior, realizaram-se cruzamentos entre as variáveis selecionadas a fim de observar se alguma se sobrepunha a outra, conforme Tabelas 37 e 38.

**Tabela 37** – Cruzamento entre as variáveis *vogal tônica* e *distância da vogal tônica* para a realização da vogal média baixa [ɛ]

| VOGAL TÔNICA X DISTÂNCIA DA VOGAL TÔNICA | Imediatamente anterior | Com sílaba intercalada |
|---|---|---|
| **Vogal baixa [a] e médias baixas [ɛ] e [ɔ]** | 30%<br>155/518 | 5%<br>17/332 |
| **Vogais altas [i] e [u]** | 16%<br>51/273 | 39%<br>16/41 |
| **Vogais médias altas [e] e [o]** | 10%<br>41/386 | 0%<br>0/42 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 37 demonstra que o fator *vogais altas [i] e [u]* da variável *vogal tônica* se sobrepõe à variável *distância da vogal tônica*, pois, quando a vogal tônica é alta não ocorre abertura da vogal pretônica em sílaba imediatamente anterior (próxima) à tônica, como preveem os resultados da Tabela 36.

**Tabela 38** – Cruzamento entre as variáveis *distância da vogal tônica* e *antecedência ao /S/ em coda silábica* para a realização da vogal média baixa [ɛ]

| [ɛ] PRECEDENDO /S/ EM CODA SILÁBICA X DISTÂNCIA DA VOGAL TÔNICA | Imediatamente anterior | Com sílaba intercalada |
|---|---|---|
| **Não** | 27%<br>246/905 | 19%<br>1/160 |
| **Sim** | 0%<br>1/368 | 1%<br>2/255 |

**Fonte:** Elaboração do autor

O cruzamento entre as variáveis *antecedência ao /S/ em coda silábica* e *distância da tônica* também não permite afirmar ser a segunda relevante para a abertura da vogal pretônica anterior, uma vez que, assim como ocorre com o alçamento, a variável *antecedência ao /S/ em coda silábica* se sobrepõe à variável *distância da tônica*. Nos casos em que essa vogal precede /S/ em coda silábica, a frequência de abertura da vogal pretônica reduz a quase 0% nos dois fatores dessa variável.

Dessa forma, o teste de relevância realizado para a variável vogal média anterior pretônica confirma a atuação da harmonização vocálica no que se refere ao favorecimento do fechamento da vogal pretônica quando o vocábulo possui vogal tônica fechada e à abertura da vogal pretônica quando a tônica é

aberta. Outras variáveis independentes linguísticas se mostram relevantes como a nasalidade fonológica da vogal tônica que favorece o fechamento da vogal pretônica e a antecedência ao /S/ em coda silábica que favorece o alçamento da vogal pretônica. Dentre as variáveis sociais observadas, além da localidade, apenas a escolaridade mostrou-se relevante para a caracterização do comportamento fonético da vogal média anterior pretônica no Sul Amazonense, uma vez que o nível de escolaridade mais alto favoreceu a variante fechada, à qual pode-se supor deter um *status* padrão na comunidade de fala, enquanto o nível de escolaridade mais baixo favorece o alçamento, variante a qual se acredita deter menor prestígio na comunidade.

### 4.2.2 Vogal Média Posterior Pretônica

Para análise da variável dependente Vogal média posterior pretônica, foram consideradas 1223 ocorrências originadas das respostas às questões do QFF sobre essa vogal. Consideraram-se as variáveis independentes linguísticas Vogal tônica, Presença em hiato, Nasalidade fonológica da vogal tônica, Posição no vocábulo e Distância da vogal tônica; e as variáveis independentes sociais Localidade, Sexo, Idade e Escolaridade, de acordo com o Quadro 40:

**Quadro 40** – Variáveis linguísticas e sociais consideradas para a análise multivariada da vogal média posterior pretônica

| **VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS** | **FATORES** | **EXEMPLOS** |
|---|---|---|
| Vogal tônica | Vogais médias altas [e] e [o] | com**e**r, profess**o**ra |
| | Vogais altas [i] e [u] | bot**i**nho, gord**u**ra |
| | Vogal baixa [a] e média baixa [ɛ] | tom**a**te, bon**e**ca |
| Presença em hiato | Sim | c**oa**dor |
| | Não | conheço |
| Nasalidade fonológica da vogal tônica | Presença | inoc**en**te, chor**ão** |
| | Ausência | jo**e**lho |
| Posição no vocábulo | Inicial | **o**relha |
| | Medial | can**o**inha |
| Distância da vogal tônica | Imediatamente anterior | m**o**rr**e**u |
| | Com sílaba intercalada | c**o**raç**ã**o |
| **VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS** | **FATORES** | |
| Localidade | Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba | |
| Sexo | Masculino e feminino | |
| Idade | 20 a 35 anos e 50 a 65 anos | |
| Escolaridade | 4 a 7 anos de escolaridade e 10 a 13 anos de escolaridade | |

**Fonte:** Elaboração do autor.

Assim como com a vogal anterior, para a análise da vogal média pretônica posterior foram realizadas três rodadas, com o valor de aplicação atribuído a cada uma das variantes observadas, conforme apresenta-se a seguir:

a. Regra: Vogal [o]

Na rodada que considerou a vogal média posterior fechada como valor de aplicação, o *Goldvarb X* selecionou as variáveis independentes Vogal tônica, Nasalidade fonológica da vogal tônica, Presença em hiato, Escolaridade, Posição, Distância da vogal tônica e Localidade, nesta ordem de relevância.

**Tabela 39** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica*

| VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Vogais médias altas [e] e [o]** | 247/383 | 64,5 | 0.655 |
| **Vogais altas [i] e [u]** | 244/382 | 63,9 | 0.597 |
| **Vogal baixa [a] e média baixa [ɛ]** | 166/458 | 36,2 | 0.297 |
| *Input* 0.539<br>*Log likelihood* -723.158<br>*Significance* 0.009 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 39 demonstra que o fechamento da vogal média posterior é favorecido pelas vogais tônicas médias altas (0.655) e altas (0.591), ao passo que a vogal tônica baixa e a média baixa (aberta) o desfavorecem (0.297).

**Tabela 40** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *nasalidade fonológica da vogal tônica*

| NASALIDADE FONOLÓGICA DA VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Ausência** | 610/1031 | 59,2 | 0.560 |
| **Presença** | 47/192 | 24,5 | 0.219 |
| *Input* 0.539<br>*Log likelihood* -723.158<br>*Significance* 0.009 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Na Tabela 40, observa-se que a nasalidade fonológica da vogal tônica desfavorece o fechamento da vogal média posterior pretônica (0.219). Logo, a

ausência de nasalidade na tônica favorece a realização da vogal pretônica posterior como média alta (fechada) (0.560).

**Tabela 41** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *presença em hiato*

| PRESENÇA EM HIATO | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Não** | 596/1093 | 54,5% | 0.526 |
| **Sim** | 61/130 | 46,9% | 0.292 |

*Input* 0.539
*Log likelihood* -723.158
*Significance* 0.009

**Fonte:** Elaboração do autor

A presença em hiato também desfavorece a variante fechada da vogal média posterior pretônica (0.292), enquanto outros contextos a favorecem (0.526), conforme se observa na Tabela 41.

**Tabela 42** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade*

| ESCOLARIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **10 a 13 anos** | 358/618 | 57,9 | 0.551 |
| **4 a 7 anos** | 299/605 | 49,4 | 0.447 |

*Input* 0.539
*Log likelihood* -723.158
*Significance* 0.009

**Fonte:** Elaboração do autor.

A escolaridade foi a primeira variável social selecionada, a partir da qual se observa que os falantes mais escolarizados favorecem (0.551) a aplicação da regra de fechamento da vogal média posterior pretônica, enquanto os menos escolarizados a desfavorecem (0.447), apesar de os pesos relativos se encontrarem na zona neutra, conforme demonstra a Tabela 42.

**Tabela 43** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *posição no vocábulo*

| POSIÇÃO | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Inicial** | 65/88 | 73,9 | 0.759 |
| **Medial** | 592/1135 | 52,2 | 0.478 |

*Input* 0.539
*Log likelihood* -723.158
*Significance* 0.009

**Fonte:** Elaboração do autor

A partir da Tabela 43, observa-se que a posição inicial de vocábulo é favorecedora do fechamento da vogal média posterior pretônica (0.759), ao passo que a posição medial desfavorece esse fenômeno (0.478).

**Tabela 44** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *distância da vogal tônica*

| DISTÂNCIA DA VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Imediatamente anterior** | 585/1040 | 56,2 | 0.530 |
| **Com sílaba intercalada** | 72/183 | 39,3 | 0.335 |

*Input* 0.539
*Log likelihood* -723.158
*Significance* 0.009

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 44 demonstra que se a vogal média pretônica posterior está próxima da vogal tônica, sem nenhuma sílaba intercalada, há um favorecimento para a sua realização fechada (0.530), à medida que essa realização é desfavorecida pela distância entre as duas vogais, com pelo menos uma sílaba intercalada (0.335).

**Tabela 45** – Frequência e probabilidade de vogal média alta (fechada) [o] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

| LOCALIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Humaitá** | 128/203 | 63,1 | 0.613 |
| **Manicoré** | 114/204 | 55,9 | 0.525 |
| **Tapauá** | 113/202 | 55,9 | 0.522 |
| **Borba** | 104/203 | 51,2 | 0.472 |
| **Lábrea** | 100/207 | 48,3 | 0.434 |
| **Boca do Acre** | 98/204 | 48 | 0.434 |

*Input* 0.539
*Log likelihood* -723.158
*Significance* 0.009

**Fonte:** Elaboração do autor

A variável social localidade foi selecionada, por último, pelo programa estatístico. Observa-se, na Tabela 45, que, a exemplo do que ocorre com a vogal anterior, a vogal posterior pretônica média alta (fechada) é favorecida pelas localidades de Humaitá (0.613), Manicoré (0.525) e Tapauá (0.522). Por sua vez, as localidades de Borba, Lábrea e Boca do Acre apresentam-se como desfavorecedoras da regra de fechamento da vogal média posterior pretônica (0.472, 0.434 e 0.434, respectivamente).

b. Regra: Vogal [u]

Na rodada que considerou a variante alta como valor de aplicação, o programa selecionou as variáveis Presença em hiato, Posição, Vogal tônica, Escolaridade e Localidade, nesta ordem de relevância.

**Tabela 46** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *presença em hiato*

| PRESENÇA EM HIATO | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Sim** | 69/130 | 53,1 | 0.729 |
| **Não** | 242/1093 | 22,1 | 0.471 |

*Input* 0.226
*Log likelihood* -631.368
*Significance* 0.013

**Fonte:** Elaboração do autor

Observa-se, na Tabela 46, que a presença em hiato favorece o alçamento da vogal média posterior pretônica (0.729), enquanto a ausência o desfavorece (0.471).

**Tabela 47** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *posição no vocábulo*

| POSIÇÃO | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Medial** | 307/1135 | 27 | 0.532 |
| **Inicial** | 4/88 | 4,5 | 0.158 |

*Input* 0.226
*Log likelihood* -631.368
*Significance* 0.013

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 47 apresenta a posição medial como fator favorecedor do alçamento da vogal média posterior pretônica (0.532) e a posição inicial como desfavorecedora desse fenômeno (0.158).

**Tabela 48** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica*

| VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Vogais altas [i] e [u]** | 129/382 | 33,8 | 0.592 |
| **Vogais médias altas [e] e [o]** | 111/383 | 29 | 0.537 |
| **Vogal baixa [a] e média baixa [ɛ]** | 71/458 | 15,5 | 0.393 |

*Input* 0.226
*Log likelihood* -631.368
*Significance* 0.013

**Fonte:** Elaboração do autor

Na Tabela 48 observa-se que as vogais tônicas altas e as médias altas (fechadas) favorecem a aplicação da regra de alçamento da vogal média posterior pretônica (0.592 e 0.537, respectivamente), assim como a vogal baixa e a média baixa a desfavorecem (0.393).

**Tabela 49** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade*

| ESCOLARIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **4 a 7 anos** | 181/605 | 29,9 | 0.563 |
| **10 a 13 anos** | 130/618 | 21 | 0.438 |

*Input* 0.236
*Log likelihood* -641.053
*Significance* 0.014

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 49 evidencia a relevância da variável independente *escolaridade* para a realização da vogal média posterior pretônica como alta, uma vez que o grupo dos falantes menos escolarizados apresenta-se como favorecedor da regra de aplicação (0.563), enquanto o grupo dos mais escolarizados a desfavorece (0.438).

**Tabela 50** – Frequência e probabilidade de vogal alta [u] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

| LOCALIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Borba** | 62/203 | 30,5 | 0.568 |
| **Lábrea** | 60/207 | 29 | 0.558 |
| **Boca do Acre** | 58/204 | 28,4 | 0.544 |
| **Tapauá** | 49/202 | 24,3 | 0.486 |
| **Manicoré** | 47/204 | 23 | 0.473 |
| **Humaitá** | 35/203 | 17,2 | 0.372 |

*Input* 0.236
*Log likelihood* -641.053
*Significance* 0.014

**Fonte:** Elaboração do autor

A última variável selecionada na rodada foi a *localidade*. Observa-se, a partir da Tabela 50, a exemplo do que ocorre com a vogal anterior, que o alçamento da vogal média posterior pretônica também é favorecido pelas localidades de Borba (0.568), Lábrea (0.558) e Boca do Acre (0.544), enquanto as demais o desfavorecem.

c. Regra: Vogal [ɔ]

A primeira rodada que considerava como valor de aplicação a vogal posterior aberta apresentou *knockout* na variante *sim* da variável *presença em hiato*, por não apresentar nenhuma ocorrência, sendo esta variável desconsiderada da análise. Após a realização da rodada sem essa variável, observou-se que a variável *distância da vogal tônica*, que apresentava considerável diferença percentual entre as variantes não foi selecionada pelo programa. Na leitura da rodada, verificou-se que essa variável apresentava enviesamentos com a variável *vogal tônica*. Assim, realizou-se nova rodada sem a variável *vogal tônica*. Apresentam-se ambas as rodadas a seguir.

- Rodada com a variável *Vogal tônica*:

Nesta rodada, o programa selecionou as variáveis independentes linguísticas Vogal tônica e Nasalidade fonológica da vogal tônica, nesta ordem de relevância.

**Tabela 51** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɔ] no Sul Amazonense, segundo a variável *vogal tônica*

| VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Vogal baixa [a] e média baixa [ɛ]** | 221/458 | 48,3 | 0.905 |
| **Vogais médias altas [e] e [o]** | 25/383 | 6,5 | 0.320 |
| **Vogais altas [i] e [u]** | 9/373 | 2,4 | 0.125 |
| *Input* 0.087<br>*Log likelihood* -375.653<br>*Significance* 0.000 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Na Tabela 51, observa-se que a presença de vogais tônicas baixa e média baixa na palavra é um contexto altamente favorecedor de abertura da vogal média posterior pretônica (0.905), ao passo a presença de vogais tônicas médias altas e altas desfavorecem esse fenômeno (0.320 e 0.125, respectivamente).

**Tabela 52** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɔ] no Sul Amazonense, segundo a variável *nasalidade fonológica da vogal tônica*

| NASALIDADE FONOLÓGICA DA VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Presença** | 109/192 | 56,8 | 0.915 |
| **Ausência** | 146/1031 | 14,2 | 0.391 |
| *Input* 0.087<br>*Log likelihood* -375.653<br>*Significance* 0.000 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Observa-se, na Tabela 52, que a presença de nasalidade fonológica na vogal tônica é um contexto também bastante favorecedor da abertura da vogal média posterior pretônica (0.915), enquanto a sua ausência a desfavorece (0.391).

- Rodada sem a variável *Vogal tônica*

Nesta rodada, o programa selecionou primeiramente a variável independente linguística Nasalidade fonológica da vogal tônica, cujos resultados já foram apresentados acima, e, em seguida, a variável Distância da vogal tônica, conforme consta da Tabela 53:

**Tabela 53** – Frequência e probabilidade de vogal média baixa (aberta) [ɔ] no Sul Amazonense, segundo a variável *distância da vogal tônica*

| DISTÂNCIA DA VOGAL TÔNICA | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Com sílaba intercalada** | 67/183 | 36,6 | 0.665 |
| **Imediatamente anterior** | 188/1040 | 18,1 | 0.470 |

*Input* 0.183
*Log likelihood* -543.270
*Significance* 0.000

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 53 demonstra que, se existe uma sílaba intercalada entre a vogal posterior pretônica e a vogal tônica, ou seja, se elas estão distantes uma da outra, há um favorecimento da abertura da vogal pretônica (0.665), enquanto a proximidade entre as duas representa um contexto desfavorecedor à regra de abertura da vogal média posterior pretônica (0.470).

A partir das rodadas estatísticas realizadas, observa-se, resumidadamente, a respeito da vogal média posterior pretônica, que esta sofre ainda mais a ação da harmonização vocálica entre a pretônica e a tônica na palavra, pois a variável *vogal tônica* mostrou-se relevante em todas as rodadas, sendo selecionada em primeiro lugar na maioria delas. Dessa forma, o fechamento da vogal posterior pretônica é favorecido, prioritariamente, pelas vogais tônicas médias altas (fechadas), o alçamento pelas vogais tônicas altas e a abertura pelas vogais baixas e médias baixas (abertas). Também favorecem o fechamento da vogal as vogais tônicas altas, a posição inicial de vocábulo, a proximidade com a vogal tônica, o maior nível de escolaridade do falante e as localidades de Humaitá, Manicoré e Tapauá. O alçamento, por sua vez, também é favorecido pela presença em hiato, pela posição medial de vocábulo, pelas vogais tônicas médias altas (fechadas), pelo menor nível de escolaridade do falante e pelas localidades de Borba, Lábrea e Boca do Acre. Já a abertura se favorece ainda pela presença de nasalidade fonológica da vogal tônica e pela distância da vogal tônica.

Observa-se que, a exemplo da análise sobre a vogal média anterior, as variáveis sociais sexo e idade não se mostraram relevantes para a caracterização do fenômeno. Apenas foram selecionadas em algumas rodadas as variáveis escolaridade e localidade e quase sempre nas últimas posições. No entanto, todas as variáveis independentes linguísticas investigadas em uma rodada ou outra mostraram-se relevantes para a realização das vogais pretônicas no Sul

Amazonense.

À guisa de conclusão e com o objetivo de contribuir para a caracterização da vogal média pretônica no Amazonas, atualiza-se o Quadro 6, apresentado na seção 2.4.2.1.3, sobre os contextos linguísticos determinantes para a realização dessas vogais em pesquisas realizadas no estado por Cruz (2004), Maia (2009) e Quara (2012), acrescentando os resultados obtidos na pesquisa para esta tese.

**Quadro 41** – Contextos linguísticos determinantes para a realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em dados do Amazonas (CRUZ ,2004; MAIA, 2009; QUARA, 2012), incluindo os do ALSAM

| **Vogal Anterior /e/** | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **CONTEXTO LINGUÍSTICO** | **CRUZ (2004)** | **MAIA (2009)** | **QUARA (2012)** | **ALSAM** |
| Vogal tônica fechada | Vogal fechada | Vogal fechada | Vogal fechada | Vogal fechada |
| Vogal tônica alta | Vogal fechada | Vogal alta | Vogal fechada | Vogal aberta |
| Vogal tônica aberta | Vogal aberta | Vogal alta | Vogal aberta | Vogal aberta |
| Vogal tônica de nasalidade fonológica | Vogal aberta | Vogal aberta | Vogal aberta | vogal fechada |
| Com nasalidade fonológica | Vogal fechada | - | Vogal fechada | - |
| em de(s)- (Prefixo ou não) | Vogal alta | - | Vogal alta | - |
| Antecedendo /S/ em coda silábbica | Vogal alta | Vogal alta | Vogal alta | Vogal alta |
| **Vogal Posterior /o/** | | | | |
| **CONTEXTO LINGUÍSTICO** | **CRUZ (2004)** | **MAIA (2009)** | **QUARA 2012)** | **ALSAM** |
| Vogal tônica fechada | Vogal fechada | Vogal fechada | Vogal fechada | Vogais fechada e alta |
| Vogal tônica alta | Vogal fechada | Vogal alta | Vogal alta | Vogais alta e fechada |
| Vogal tônica aberta | Vogal aberta | Vogal fechada | Vogal aberta | Vogal aberta |
| Vogal tônica com nasalidade fonológica | Vogal aberta | Vogal aberta | Vogal aberta | Vogal aberta |
| Com nasalidade fonológica | Vogal fechada | Vogal fechada | Vogal fechada | - |
| Em hiato | Vogal alta | Vogal alta | Vogal alta | Vogal alta |

**Fonte:** Elaboração do autor a partir dos dados de pesquisas realizadas no Amazonas (CRUZ, 2004; MAIA, 2009; QUARA, 2012 e desta tese)

### 4.2.3 Consoante /l/ em Contexto Precedente à Vogal [i]

Os estudos da lateral no Brasil têm se concentrado na variação da lateral palatal, a qual apresenta uma grande quantidade de variantes, dentre elas a iotização, considerada uma marca do falar rural (melhor [mɛj'ɔ]). No entanto, no mesmo contexto da sílaba, quando está precedendo a vogal alta [i], a lateral alveolar

também pode sofrer variação, em virtude das características articulatórias dessa vogal que desencadeiam o processo de palatalização do fonema. Esse processo vem sendo bastante investigado quando se trata das oclusivas dentais/alveolares [d] e [t], uma vez que sua variação marca fronteiras linguísticas em algumas regiões brasileiras (HORA, 1990; BISOL, 1991a; ALMEIDA, 2000; PAGOTTO, 2001), mas poucos estudos objetivam investigar a palatalização ou não da lateral nesse contexto.

No Amazonas, baseando-se na fala dos habitantes da capital e região metropolitana, costuma-se acreditar que neste contexto não ocorre variação. Tal concepção encontra-se na fala de Barbosa (1995, p. 95): "[...] Nessa posição registramos, com frequência, apenas a ocorrência de [ʎ] antes de vogal anterior alta. Portanto, o primeiro segmento das palavras lima, linda, liga, por exemplo, na fala do amazonense é articulado com o fone lateral palatal". Porém, acredita-se que o falar sul amazonense apresenta características diferentes do falar centro e norte amazonense, principalmente no que se refere à palatalização. Essa hipótese justifica a inclusão no Questionário Fonético-Fonológico do ALSAM de questões para análise da lateral em contexto precedente à vogal [i], bem como a análise que ora se apresenta.

Para a análise do fenômeno fonético (lateral diante de vogal alta anterior [i]), consideraram-se as respostas dadas às questões do QFF e do QSL que abrangiam essa variável dependente. Essas questões geraram um *corpus* de 265 ocorrências da lateral no contexto investigado. Essas ocorrências foram codificadas e analisadas com auxílio do pacote estatístico *Goldvarb X*. Para a rodada, consideraram-se as variáveis independentes linguísticas, conforme Quadro 42:

**Quadro 42** – Variáveis linguísticas e sociais consideradas para a análise multivariada da lateral alveolar antes de vogal alta [i]

| VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS | FATORES | EXEMPLOS |
|---|---|---|
| Contexto Precedente | Vogal central baixa [a] | g**a**linha |
| | Consoante com palatalização | de**[ʒ]**ligo |
| | Consoante sem palatalização | de**[z]**ligo |
| | Sem contexto precedente (início de vocábulo) | **l**ivro |
| Tonicidade | Sílaba tônica | pa**l**ito |
| | Sílaba átona | **l**iquidificador |
| Número de sílabas do vocábulo | Duas sílabas (dissílaba) | **l**ivro |
| | Três sílabas (trissílaba) | pa**l**ito |
| | Mais de três sílabas (Polissílaba) | **l**iquidificador |
| **VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS** | **FATORES** | |
| Localidade | Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba | |
| Sexo | Masculino e feminino | |
| Idade | 20 a 35 anos e 50 a 65 anos | |
| Escolaridade | 4 a 7 anos de escolaridade e 10 a 13 anos de escolaridade | |

**Fonte:** Elaboração do autor

A realização da lateral precedendo [i], conforme se observa em 4.1.1.1, apresentou, de modo geral, maior frequência para a lateral alveolar (62%). Esse resultado confirma a hipótese de diferenciação entre o falar dessa região do que se considera um aspecto característico do falar amazonense, a palatalização da lateral diante de [i].

É importante ressaltar a quase inexistência de estudos sobre esse fenômeno no Amazonas. Os atlas regionais (*Atlas Linguístico do Amazonas*, Cruz, 2004; *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas*, Brito, 2011; e *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro*, Justiniano, 2012) apresentam apenas as cartas fonéticas para o vocábulo *família*, nas quais se verifica a ocorrência categórica das variantes palatal e palatalizada. O único trabalho que trata do assunto é a dissertação de mestrado de Francinery Gonçalves Lima Torres, intitulada *A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Solimões)*. Nessa pesquisa, observou-se o uso categórico da variante palatal, resultado que não coincide com o do ALSAM.

Por sua vez, no estado do Pará, de acordo com Oliveira e Razky (2010, p. 167), dados do Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA (RAZKY, 2003) e do Atlas Linguístico do Pará – ALiPA (pesquisa em andamento) demonstram grande produtividade da palatalização da lateral no Estado. Esse fenômeno é chamado pelos autores de tendência românica e é atribuído à forte presença portuguesa na

ocupação do Estado. Aqui é importante lembrar que a história do Estado do Amazonas se liga à do Pará e que ambos têm formação e ocupação semelhantes, principalmente as capitais Belém e Manaus.

Oliveira e Rasky (2010) realizam um estudo sobre o fenômeno nas capitais das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste com os dados coletados para o *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* e constatam que a palatalização é uma característica da região Norte, onde todas as capitais apresentaram índices altos do fenômeno, especialmente as capitais Belém (95%), Macapá (95%), Manaus (92%) e Boa Vista (88%). A pesquisa apontou, ainda, comportamento distinto das capitais mais ao sul da região, Porto Velho e Rio Branco, que, apesar de registrarem maior incidência de palatalização (66% e 70% respectivamente), apresentaram índices que se aproximam muito mais dos índices das capitais nordestinas Recife e Salvador.

Os dados desta tese, portanto, permitem afirmar que os resultados obtidos no sul do Amazonas se aproximam muito mais dos resultados encontrados em Porto Velho e Rio Branco, capitais mais próximas à maioria dos municípios investigados, que da capital amazonense, Manaus, o que revela a influência do fator diatópico para a caracterização do falar dessa região, conforme se observa na análise dos fatores sociais e linguísticos a seguir.

Com relação aos fatores que estão atuando na variação da lateral antes de [j], o programa *Goldvarb X* selecionou as variáveis *localidade, sexo* e *contexto precedente*, nesta ordem de relevância. Considerou-se como aplicação da regra a variante palatal (palatalização). Assim, apresentam-se os resultados de acordo com esses fatores.

O fator diatópico apresenta-se como o de maior relevância para a variação desse fenômeno na região investigada, pois, conforme se observa na Tabela 54, os municípios de Manicoré e Borba favorecem a regra de palatalização, ao passo que os demais municípios a desfavorecem.

**Tabela 54** – Frequência e probabilidade de palatalização da lateral diante de vogal alta anterior [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

| LOCALIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Manicoré** | 36/43 | 83,7 | 0.920 |
| **Borba** | 34/43 | 79,1 | 0.859 |
| **Humaitá** | 16/46 | 34,4 | 0.419 |
| **Tapauá** | 11/45 | 20,2 | 0.251 |
| **Lábrea** | 3/43 | 6,5 | 0.071 |
| **Boca do Acre** | 0/42 | 0 | - |

*Input* 0.384
*Log likelihood* -96.619
*Significance* 0.004

**Fonte:** Elaboração do autor

Os dados do município de Boca do Acre foram desconsiderados na rodada para obtenção do peso relativo, tendo em vista que neste município a variante lateral foi categórica e o *knockout* impossibilitava a rodada.

Observa-se, na Tabela 54, que os municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, municípios localizados no rio Purus, são os que mais desfavorecem a regra de palataização. Os municípios de Manicoré e Borba favorecem a aplicação da regra.

É interessante observar a localização dos municípios na mesorregião, pois parece existir um agrupamento na região estudada no que se refere a esse fenômeno, conforme se observa na carta-sintese S014, a partir da qual se percebe que a palatalização concentra-se nos municípios pertencentes à microrregião do Madeira que se localizam mais ao norte (Ponto 5 - Manicoré e Ponto 6 - Borba). Por sua vez, nos municípios do Purus (Ponto 1: Boca do Acre, Ponto 2: Lábrea e Ponto 3: Tapauá) predomina a alveolar, principalmente os que se localizam mais ao sul. Humaitá, que pertence à microrregião do Madeira, aproxima-se mais dos municípios do Purus, fato que não surpreende, tendo em vista sua recorrência em outros casos. Evidencia-se a definição de limites para a realização deste fenômeno, uma vez que os dois municípios que apresentam maior variação (Tapauá e Humaitá) encontram-se na fronteira das duas regiões que se opõem no que se refere a essa variável.

Uma possível explicação para esse resultado são as influências recebidas pelos estados vizinhos, em virtude da configuração geográfica da mesorregião. Os municípios do rio Madeira, Manicoré (0.920) e Borba (0.859), possuem forte ligação com a capital amazonense (Manaus), ao passo que o de Humaitá (0.419) mantém essa ligação com a capital rondoniense, conforme já

destacado. Os municípios do rio Purus, Boca do Acre e Lábrea (0.071) estão da mesma forma mais distantes de Manaus e mais ligados às capitais do Acre e de Rondônia, respectivamente. Já Tapauá (0.251), pela proximidade com Manaus, tem um comportamento um pouco diferenciado em sua microrregião, em relação a essa variável fonética, a exemplo do município de Humaitá.

Considerando a ocupação dos municípios dessa mesorregião à época da exploração da borracha, quando começaram a surgir e a se desenvolver essas localidades, acredita-se que a variante trazida pelos imigrantes nordestinos tenha sido a alveolar. O resultado parece indicar que a palatalização está entrando na mesorregião de forma mais sutil pelo município de Tapauá, que possui uma ligação menos estreita com a capital amazonense; e de forma mais consistente pelos municípios de Borba e Manicoré, uma vez que esses municípios mantêm forte ligação com a capital amazonense, onde parece prevalecer a variante palatal. Apenas o desenvolvimento de mais pesquisas no Amazonas sobre esse fenômeno poderá confirmar com mais exatidão essa hipótese.

Para a análise do *contexto precedente*, considerou-se a hipótese de que um contexto anterior com palatalização (consoante alveopalatal) condicionaria o uso da variante palatal, em virtude do traço de anterioridade combinado com o traço de altura presente nesses segmentos, o que levaria a uma comodidade na articulação da palatal. Dessa forma, considerando a natureza limitada do corpus (respostas coletadas para um atlas linguístico), considerou-se para essa variável as variantes consoante alveopalatal (de[ʒ]ligo/de[ʒ]ligada), consoante alveolar (de[z]ligo/ de[z]ligada), vogal central [a] (palito) e sem contexto precedente / início de vocábulo (livro). Os resultados constam na Tabela 55, a seguir.

**Tabela 55** – Frequência e probabilidade de palatalização da lateral diante de vogal alta anterior [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *contexto precedente*

| **CONTEXTO PRECEDENTE** | **Aplicação/Total** | **%** | **P. R.** |
|---|---|---|---|
| **Consoante com palatalização (alveopalatal)** | 7/11 | 63,3 | 0.742 |
| **Vogal central baixa [a]** | 38/89 | 42,7 | 0.647 |
| **Sem contexto precedente (Início de vocábulo)** | 39/95 | 41,1 | 0.563 |
| **Consoante sem palatalização (alveolar)** | 16/70 | 22,9 | 0.218 |
| *Input* 0.384 | | | |
| *Log likelihood* -96.619 | | | |
| *Significance* 0.004 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Conforme demonstra a Tabela 55, a hipótese foi confirmada. Quando há palatalização na consoante anterior, há uma tendência à realização palatal da lateral, por assimilação, ou seja, consoantes com palatalização favorecem a regra de palatalização, com peso relativo de 0.733. O contexto precedente à vogal central [a] e a posição inicial da lateral (sem contexto precedente) também se apresentam como favorecedores da regra de palatalização, embora com pesos relativos próximos ao peso neutro (0.645 e 0.563, respectivamente). Por sua vez, a consoante alveolar (sem palatalização) desfavorece a regra de palatalização, conforme esperado.

A análise da variável *sexo* demonstra que as mulheres lideram a regra de palatalização da lateral diante de [i], apesar de o peso relativo se aproximar do ponto neutro, conforme demonstra a Tabela 56, a seguir.

**Tabela 56** – Frequência e probabilidade de palatalização da lateral diante de vogal alta anterior [i] no Sul Amazonense, segundo a variável *sexo*

| **SEXO** | **Aplicação/Total** | **%** | **P. R.** |
|---|---|---|---|
| **Feminino** | 58/130 | 44,6 | 0.618 |
| **Masculino** | 42/130 | 31,1 | 0.386 |
| *Input* 0.384 | | | |
| *Log likelihood* -96.619 | | | |
| *Significance* 0.004 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres das sociedades ocidentais, em situação de fala monitorada, mostram-se mais conservadoras no seu modo de falar, ou seja, são mais sensíveis às variantes de prestígio, o que nos levaria a considerar a variante palatal como mais conservadora na região. No entanto, com base na história das comunidades investigadas, verifica-se que a variante mais antiga na região é a alveolar, trazida pelos migrantes nordestinos na ocasião de ocupação da região e formação das cidades.

É importante ressaltar ainda que, no caso da lateral diante de vogal alta anterior [i], é difícil falar em prestígio, uma vez que os falantes parecem não ter consciência da variação no nível fonético (a consciência dele está no nível fonológico) e, portanto, não percebem a variação. Corrobora com essa afirmação o fato de o fator escolaridade não ter se mostrado relevante no condicionamento da variável.

Nesse contexto, Labov (2008) evidencia o papel das mulheres na promoção da mudança linguística, ao utilizar, em situação de fala não monitorada, mais as formas inovadoras do que os homens.

Logo, se se considera a não consciência da variação, também é possível afirmar que as mulheres entrevistadas na pesquisa para esta tese não estejam se monitorando no momento da articulação da lateral e, portanto, estão utilizando uma forma inovadora,

Resultado semelhante se observa na carta F03 C 2S, do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), para a capital rodoniense, Porto Velho. Nessa localidade, no que se refere às variantes registradas para os vocábulos *liquidificador* e *liquidação*, as mulheres lideram a regra de palatalização com frequência de uso categórico.

Feitas essas considerações, é importante observar se a lateral diante de [i] está passando por um processo de mudança na região em estudo. No entanto, não podemos deixar de considerar a variável *localidade*, selecionada como principal fator de influência para essa variação. Dessa forma, os dados para a variável *sexo* parecem confirmar a hipótese de que a mudança esteja ocorrendo de uma realização alveolar para uma realização palatal, comum na capital e em outras regiões amazonenses. Essa mudança já se concretizou nos municípios de Borba e Manicoré, municípios mais próximos e que mantêm maior contato com a capital e onde as realizações da lateral são preferencialmente palatais. As forças da influência de outras regiões e a distância e menor ligação com a capital amazonense dos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Humaitá, parecem bloquear essa mudança, nesses municípios, principalmente nos dois primeiros. Já o município de Tapauá apresentou uma concorrência maior entre as variantes, o que leva à hipótese de que a variante inovadora (palatal) esteja entrando na região do Purus por esse município, o qual também possui uma ligação mais estreita com a capital do Amazonas, e essa mudança está sendo liderada pelas mulheres.

### 4.2.4 Consoante /S/ em Coda Silábica

A análise do /S/ em coda silábica partiu das respostas às questões do QFF e do QSL que consideravam essa variável dependente, em um total de 1993 ocorrências, codificadas e submetidas ao programa *Goldvarb X*. Na codificação

foram consideradas as variáveis independentes linguísticas Contexto subsequente, Contexto precedente, Posição no vocábulo e Tonicidade da sílaba, além das variáveis independentes sociais Localidade, Sexo, Idade e Escolaridade, conforme observa-se no Quadro 43:

**Quadro 43** – Variáveis linguísticas e sociais consideradas para a análise multivariada do /S/ em coda silábica

| VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS | FATORES | EXEMPLOS |
|---|---|---|
| Contexto subsequente | Oclusiva alveolar surda [t] | cas**t**anheira |
| | Oclusivas e fricativas sonoras [b, d, h, g] | des**b**otada, des**d**entado, des**r**espeito, ves**g**o |
| | Oclusivas e fricativas surdas [p, f, k] | es**p**iga, es**f**riar, bis**c**oito |
| | Africada [tʃ] | cas**t**igo, pos**t**e |
| | Laterais [l, ʎ] | des**l**igo |
| | Nasal [m] | es**m**alte |
| | Pausa (final de vocábulo) | luz |
| Contexto precedente | Vogal baixa [a] | madr**a**sta |
| | Vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] | r[**ɛ**]sguardo, f**ó**sforo |
| | Vogais médias altas [e] e [o] | p**e**scoço, m**o**squito |
| | Vogais e semivogais altas [i,j] e [u] | [**i**]stragada, rea**i**s, l**u**z |
| Posição no vocábulo | Medial | de**s**maio |
| | Final | pa**z** |
| Tonicidade da sílaba | Sílaba tônica | arro**z** |
| | Sílaba átona | de**s**filar |
| **VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS** | **FATORES** | |
| Localidade | Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba | |
| Sexo | Masculino e feminino | |
| Idade | 20 a 35 anos e 50 a 65 anos | |
| Escolaridade | 4 a 7 anos de escolaridade e 10 a 13 anos de escolaridade | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Conforme se observa no Quadro 43, para a variável *contexto subsequente*, os amálgamas consideraram a classe natural, observando também o vozeamento. Oclusivas e fricativas foram reunidas (obstruintes), no entanto a oclusiva alveolar surda [t] foi separada desse grupo pelo comportamento distinto que apresentou no *corpus* desta e de outras pesquisas realizadas no estado, sendo grande condicionador da palatalização do /S/ em coda silábica quando o precede.

Para esta análise consideram-se dois fenômenos observados pelos estudiosos dessa variável dependente no Amazonas e em outras regiões brasileiras, a palatalização (variante alveopalatal) e o enfraquecimento do fonema (variante glotal), os quais geraram duas rodadas no pacote estatístico *Goldvarb X*, apresentadas a seguir:

a. Regra: Palatalização [ʃ]

Na rodada que considerou a palatalização como valor de aplicação, na variável *contexto subsequente*, desconsiderou-se a variante *pausa*, pois apresentava enviesamentos com a variante *final* da variável *posição*, por ocuparem o mesmo ambiente. Por se tratar de dados coletados por meio de questionário, a presença do /S/ no final da palavra já pressupunha a ausência de contexto subsequente (pausa). Da mesma forma, na variável *contexto precedente*, foi desconsiderada a variante *vogal baixa*, visto que, em sua maioria, coincidia com a variante *oclusiva alveolar surda [t]* da variável *contexto subsequente* nos mesmos vocábulos[43], o que também causava enviesamentos na rodada, pois a palatalização favorecida pelo contexto subsequente se sobrepunha ao contexto precedente.

As variáveis independentes selecionadas pelo programa, em ordem de relevância, foram Contexto subsequente, Localidade, Escolaridade, Sexo, Posição no vocábulo e Contexto precedente, cujos resultados apresentam-se nas Tabelas seguintes.

**Tabela 57** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *contexto subsequente*

| CONTEXTO SUBSEQUENTE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Oclusiva alveolar surda [t]** | 360/373 | 96.5 | 0.984 |
| **Africada [tʃ]** | 112/184 | 60.9 | 0.687 |
| **Oclusivas e fricativas surdas [p, f, k]** | 148/504 | 29.4 | 0.256 |
| **Laterais [l, ʎ]** | 17/83 | 20.5 | 0.124 |
| **Nasal [m]** | 36/151 | 19.3 | 0.121 |
| **Oclusivas e fricativas sonoras [b, d, h, g]** | 56/245 | 18.6 | 0.117 |
| *Input* 0.460<br>*Log likelihood* -746.792<br>*Significance* 0.001 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 57 evidencia, como já preconizado na pesquisa de Maia (2012), que o contexto subsequente à consoante oclusiva alveolar surda [t] representa um contexto altamente favorecedor da palatalização no Sul Amazonense (0.984), conforme se observa na carta síntese S015b, assim como o contexto subsequente à africada [tʃ] (0.687), carta-síntese S015f. Os contextos subsequentes às demais consoantes investigadas (demais oclusivas e fricativas surdas e sonoras,

[43] Observa-se essa coincidência nas palavras madr**as**ta, c**as**tanha, c**as**tanheira e arr**as**tão, por exemplo.

laterais e nasal [m]) desfavorecem a regra de palatalização do /S/ em coda silábica na mesorregião.

Maia (2015), ao buscar entender o motivo de a palatalização ser categórica diante de [t] em uma região na qual prevalece a variante alveolar, levanta uma hipótese, baseada na teoria de traços distintivos e na teoria da sílaba. Segundo o autor, para obedecer ao princípio de boa formação silábica, o /S/ realiza-se como alveopalatal, a fim de seguir o movimento de aclive e declive silábico, já que o segmento consonantal [t] encontra-se no nível mais baixo da escala de sonoridade proposta por Jaspersen (1904 *apud* HOOPER, 1976)[44]. Maia (2015) justifica a não-ocorrência do fenômeno em contexto subsequente a outras consoantes oclusivas e fricativas, que também estão em um nível baixo na escala, pela não coincidência entre o traço [+coronal] que existe entre as matrizes fonológicas da fricativa alveolar [s] e as de outras consoantes, como existe com a matriz [t]. Essa semelhança no ponto articulatório das duas consoantes é resolvida com a articulação da fricativa alveopalatal, cujo traço [-coronal] a distingue de [t] em termo de sonoridade, atendendo ao Princípio de Sequência de Sonoridade, discutido em Clements, 1990, de acordo com o qual existe uma tendência nas línguas de manterem próximos aos núcleos apenas os segmentos mais sonoros (MAIA, 2015).

**Tabela 58** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

| LOCALIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Manicoré** | 237/335 | 70.7 | 0.876 |
| **Borba** | 209/328 | 63.7 | 0.820 |
| **Humaitá** | 112/337 | 33.2 | 0.372 |
| **Tapauá** | 107/333 | 32.1 | 0.351 |
| **Boca do Acre** | 84/327 | 25.7 | 0.250 |
| **Lábrea** | 84/333 | 25.2 | 0.225 |

*Input* 0.460
*Log likelihood* -746.792
*Significance* 0.001

**Fonte:** Elaboração do autor

Na Tabela 58, observa-se relevância da variável localidade, selecionada em segundo lugar pelo programa, para a caracterização do fenômeno

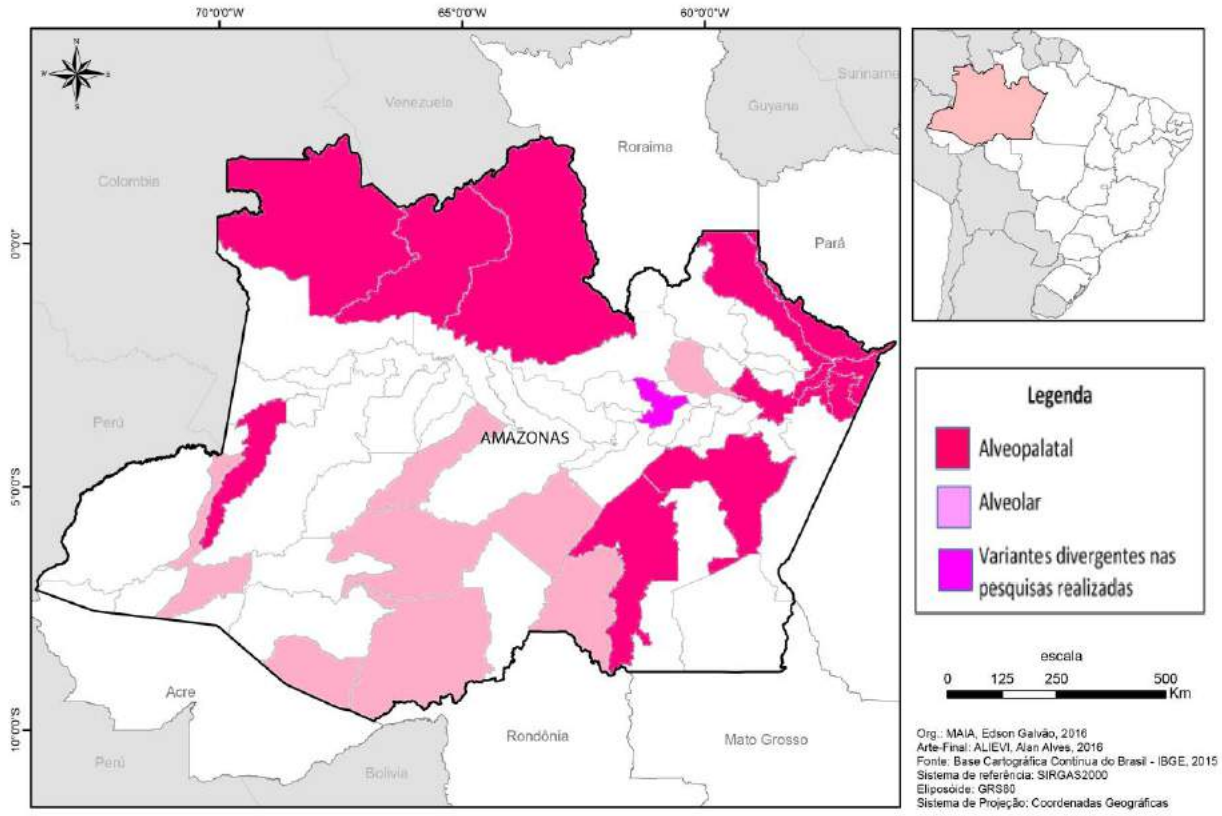
[44] A escala de sonoridade vai de [-soante] a [+soante], a fim de expressar a diferença sonora dos segmentos: consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterais < *trill* e *tap* < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas. Clements (1990), apresenta a mesma escala em resumo: obstruentes < nasais < líquidas < *glides* < vogal.

de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense. As localidades de Manicoré e Borba são apontadas como favorecedoras da regra de palatalização (0.876 e 0.820), enquanto as demais a desfavorecem, conforme se observa na figura 38 (carta-síntese S015), apresentada na seção 4.1.1.2.

Importa retomar a hipótese de isófona, levantada por Cruz (2004) sobre a distribuição do /S/ em coda silábica no Amazonas, apresentada em 2.4.2.1.2, de acordo com a qual variante alveolar caracterizaria os municípios localizados no Rio Solimões e afluentes (que incluem o Purus e o Madeira), ao passo que a alveopalatal caracterizaria os municípios localizados nos rios Negro e Amazonas. A maioria dos estudos realizados no Amazonas confirmam essa hipótese em alguns municípios, porém os estudos de Martins e Margotti (2012), a partir de dados do ALiB em Manaus, apresentam uma nova perspectiva para a microrregião do Médio-Solimões, que inclui a capital estadual, evidenciando uma possível mudança em curso na cidade, de alveolar a alveopalatal, favorecida pelas mulheres e informantes mais escolarizados. Os estudos de Maia (2016), por sua vez, também contrariam a hipótese ao destacar o uso prioritário da variante alveopalatal em São Paulo de Olivença (Alto-Solimões). Os resultados do ALSAM para Manicoré e Borba também contrariam essa hipótese, ao apontar a primazia da palatalização em duas localidades da microrregião do Madeira. As possíveis razões para a palatalização nesses dois municípios, discutidas em 4.1.1.2, são suas particularidades históricas que as distinguem das demais, já que as duas mais antigas localidades investigadas remontam à ocupação portuguesa na Amazônia, no século XVII, a partir da criação de missões, bem com a ligação socioeconômicas e sociais com a capital amazonense, onde, como observam os estudos de Martins e Margotti (2012), a variante alveopalatal parece deter *status* social de prestígio.

Maia, Martins e Cruz (2017), reunindo os trabalhos sobre o /S/ em coda que ampliam os pontos de inquérito do ALAM, incluindo o ALSAM, a partir de dados prévios divulgados, apresentam o mapa, o qual se reproduz na figura 35, a seguir:

**Figura 35** – /S/ em coda silábica em dados das diversas pesquisas realizadas no Amazonas




**Fonte:** Maia, Martins e Cruz (2017)

A partir desse mapa, os autores concluem sobre a hipótese de isófona levantada por Cruz (2004):

> (...) observa-se que de fato as localidades amazonenses se diferenciam na realização do /S/ em coda silábica, havendo uma marcação clara entre as localidades que se encontram mais ao norte (noroeste) e ao leste do Estado, área mais escura do mapa, prevalecendo a pronúncia alveopalatal, e as localidades mais ao sudoeste e ao sul do Estado, com prevalência de pronúncia alveolar. Essa distribuição parece ter se originado do tipo de povoamento das cidades. As localidades mais antigas, com forte influência portuguesa, parecem manter a pronúncia alveopalatal, ao passo que as localidades povoadas à época da extração da borracha mantêm a pronúncia alveolar. Talvez, um estudo mais detalhado desse fenômeno, baseado em aspectos históricos, poderia ser mais conclusivo sobre o assunto (MAIA, MARTINS E CRUZ, 2017, p. 499).

**Tabela 59** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade*

| ESCOLARIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **10 a 13 anos** | 457/1002 | 45.6 | 0.575 |
| **4 a 7 anos** | 376/991 | 37.9 | 0.424 |

*Input* 0.460
*Log likelihood* -746.792
*Significance* 0.001

**Fonte:** Elaboração do autor.

A partir da Tabela 59, observa-se que o nível mais alto de escolaridade do informante favorece o uso da variante alveopalatal do /S/ em coda silábica (0.575), enquanto o nível mais baixo a desfavorece (0.424), embora os pesos relativos estejam na zona neutra.

**Tabela 60** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *sexo*

| SEXO | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Feminino** | 449/1007 | 44,6 | 0.563 |
| **Masculino** | 384/986 | 38.9 | 0.436 |

*Input* 0.460
*Log likelihood* -746.792
*Significance* 0.001

**Fonte:** Elaboração do autor.

Da mesma forma, as mulheres favorecem a palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense (0.563) e os homens a desfavorecem (0.436), de acordo com a Tabela 60.

O predomínio da alveopalatal entre as mulheres e entre os falantes mais escolarizados pode indicar que, a exemplo do que ocorre na capital amazonense, essa variante seja mais prestigiada na comunidade de fala.

**Tabela 61** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *posição no vocábulo*

| POSIÇÃO NO VOCÁBULO | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Medial** | 731/1627 | 44,9 | 0.552 |
| **Final** | 102/366 | 27.9 | 0.284 |

*Input* 0.460
*Log likelihood* -746.792
*Significance* 0.001

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 61 evidencia a participação da variável posição no vocábulo para a realização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense. Observa-se que a posição medial favorece a palatalização (0.552), ao passo que a posição final a desfavorece (0.284). Esse resultado também foi observado no ALiB em Manaus (cf. Apêndice 2).

**Tabela 62** – Frequência e probabilidade de palatalização do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *contexto precedente*.

| CONTEXTO PRECEDENTE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ]** | 70/151 | 46.4 | 0.568 |
| **Vogais médias altas [e] e [o]** | 163/434 | 37.6 | 0.541 |
| **Vogais e semivogais altas [i,j] e [u]** | 387/1078 | 35.9 | 0.474 |
| *Input* 0.460<br>*Log likelihood* -746.792<br>*Significance* 0.001 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

Na Tabela 62, observa-se que a variável independente *contexto precedente*, selecionada por último na rodada, parece ser relevante para a caracterização da variável dependente no Sul Amazonense. As vogais médias baixas e altas favorecem a palatalização do fonema (0.568 e 0.541, respectivamente) e as vogais e semivogais altas a desfavorecem (0.474).

Realizaram-se os cruzamentos entre as variáveis selecionadas pelo *Goldvarb X* na rodada com o intuito de verificar se uma não estaria se sobrepondo às outras e observou-se que a variável *contexto subsequente*, selecionada e primeiro lugar, se sobrepõe à variável *contexto precedente*, conforme demonstra a Tabela 63.

**Tabela 63** – Cruzamento entre as variáveis *contexto subsequente* e *contexto precedente* para a realização do /S/ em coda silábica

| CONTEXTO SUBSEQUENTE X CONTEXTO PRECEDENTE | Vogais médias baixas | Vogais médias altas | Vogais altas |
|---|---|---|---|
| **Oclusiva alveolar surda [t]** | 100%<br>4/4 | 88%<br>42/48 | 99%<br>144/146 |
| **Africada [tʃ]** | 75%<br>47/65 | 81%<br>25/31 | 73%<br>30/41 |
| **Oclusivas e fricativas surdas [p, f, k]** | 23%<br>11/48 | 27%<br>34/124 | 32%<br>92/285 |
| **Laterais [l, ʎ]** | 50%<br>1/2 | 26%<br>12/47 | 12%<br>4/34 |
| **Nasal [m]** | - | 21%<br>16/77 | 18%<br>20/110 |
| **Oclusivas e fricativas sonoras [b, d, h, g]** | 17%<br>5/30 | 23%<br>22/94 | 13%<br>17/128 |

**Fonte:** Elaboração do autor

Como se observa na Tabela 63, não é possível afirmar que a variável *contexto precedente* realmente seja relevante para a realização do /S/ em coda silábica na mesorregião, uma vez que, quando o contexto subsequente não é oclusiva alveolar surda [t] ou africada [tʃ], os índices de palatalização reduzem consideravelmente, chegando até a 12%.

b. Regra: Enfraquecimento (Glotalização): [h]

O enfraquecimento[45] do /S/ em coda silábica é a realização glotal desse fonema, estágio inicial do processo de enfraquecimento consonantal de fricativas em posição de coda, pronúncia geralmente estigmatizada e atribuída à fala rude, de falantes não escolarizados. Não se trata de um fenômeno exclusivo do português brasileiro, ocorrendo fenômeno semelhante no espanhol andaluz do Panamá, de Porto Rico e Rosário (de acordo com Brescancini, 2004, *apud* Maia, 2018) e muito menos de um processo recente no português brasileiro, remontando ao romance (MAIA, 2018).

Maia (2018) oferece uma revisão bibliográfica detalhada desse fenômeno[46], observando que ele já se encontra presente em todas as regiões brasileiras, inclusive na fala de pessoas escolarizadas, principalmente na palavra “mesmo”, caso que a maioria dos pesquisadores aponta como difusionismo lexical.

[45] Outros termos são utilizados para se referir ao mesmo fenômeno: reificação, neutralização, debucalização, aspiração e glotalização.
[46] Para a conhecer melhor a distribuição desse fenômeno no português brasileiro cf. Maia, 2018.

Porém, é o estado do Ceará que apresenta a maior quantidade de pesquisas sobre o enfraquecimento, não só do /S/ em coda, mas de várias outras consoantes, inclusive em ataque silábico. A pesquisa de Maia (2018) revelou que o índice de enfraquecimento em três localidades do Sul Amazonense, investigadas nesta pesquisa (Boca do Acre, Lábrea e Tapauá) é grande em relação a outras regiões brasileiras (12%), o que acredita ser uma herança do falar cearense, deixada pelos seringueiros à época da exploração da borracha na Amazônia (século XIX).

O autor atesta ainda a importância do contexto subsequente para a realização do fenômeno, uma vez que a lateral /l/, a nasal /m/, a africada [tʃ] e a oclusiva alveolar /d/, nesta ordem começando pela mais influente, apresentaram-se como grandes favorecedoras do enfraquecimento do /S/ em coda silábica quando o sucediam. Resultado atribuído pelo autor ao grau de sonoridade desses segmentos, medido pela escala de sonoridade apresentada na nota 44, em uma medida de adaptação que ocorre no interior da sílaba, segundo o qual quanto maior a sonoridade do segmento seguinte, maior a atuação do fenômeno de enfraquecimento.

Na pesquisa realizada para esta tese, observou-se um índice de cerca de 9% de enfraquecimento. Objetivou-se, a partir dessa rodada, verificar a influência das variáveis independentes linguísticas e sociais na caracterização desse fenômeno no *corpus* do ALSAM. Dessa forma, ao considerar-se a variante glotal como valor de aplicação, a variável *posição* foi desconsiderada, pois ocorria *knockout* na final, uma vez que os dados foram coletados por meio de aplicação de questionário e o enfraquecimento não acontecia nesse contexto. Na variável *contexto subsequente,* desconsideraram-se as oclusivas e fricativas surdas, pois todas apresentaram *knockouts* (ausência de ocorrência), já as oclusivas e fricativas sonoras foram consideradas separadamente, por apresentarem comportamento diferente entre elas. A variável *contexto precedente* também foi desconsiderada, visto que apresentou enviesamentos com os dados da variável *contexto subsequente*.

O programa *Goldvarb X* selecionou, nesta ordem de relevância, as variáveis Contexto subsequente, Localidade, Escolaridade e Tonicidade para a realização do enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense.

Apresentam-se, a partir das Tabelas 64 a 67, os resultados da análise dessas variáveis.

**Tabela 64** – Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *contexto subsequente*

| CONTEXTO SUBSEQUENTE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Laterais [l, ʎ]** | 52/83 | 62,7 | 0.913 |
| **Africada [tʃ]** | 63/184 | 34,2 | 0.766 |
| **Oclusivas alveolar sonora [d]** | 11/34 | 32,4 | 0.722 |
| **Nasal [m]** | 41/187 | 21,9 | 0.630 |
| **Oclusiva bilabial sonora [b]** | 7/79 | 8,9 | 0.353 |
| **Oclusiva velar sonora [g]** | 1/152 | 0,7 | 0.037 |

*Input* 0.122
*Log likelihood* -313.405
*Significance* 0.013

**Fonte:** Elaboração do autor.

É possível observar, na Tabela 64, que os dados do ALSAM corroboram com os dados observados por Maia (2012, 2018). As laterais apresentam-se como o contexto mais favorecedor do enfraquecimento do /S/ em coda silábica na mesorregião (0.913), seguidas da africada (0.766), da oclusiva alveolar sonora (0.722) e da nasal (0.630)[47]. As demais oclusivas não favorecem a regra de enfraquecimento do /S/ no Sul Amazonense.

**Tabela 65** – Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

| LOCALIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Manicoré** | 49/335 | 14.6 | 0.712 |
| **Borba** | 30/328 | 9.1 | 0.545 |
| **Boca do Acre** | 29/327 | 8.9 | 0.493 |
| **Tapauá** | 23/333 | 6.9 | 0.438 |
| **Humaitá** | 23/337 | 6.8 | 0.405 |
| **Lábrea** | 21/333 | 6.3 | 0.396 |

*Input* 0.122
*Log likelihood* -313.405
*Significance* 0.013

**Fonte:** Elaboração do autor.

Na Tabela 65, observa-se que a localidade também se apresenta relevante para a caracterização do fenômeno na mesorregião. As localidades de

[47] Cf. as cartas-síntese 015c, 015d, 015e e 015f do ALSAM.

Manicoré e Borba, mas uma vez se distinguem das demais ao favorecer a aplicação da regra (0.712 e 0.545, respectivamente), enquanto as demais a desfavorecem.

**Tabela 66** – Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade*

| ESCOLARIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **4 a 7 anos** | 103/991 | 10.4 | 0.574 |
| **10 a 13 anos** | 72/1002 | 7.2 | 0.426 |
| *Input* 0.122<br>*Log likelihood* -313.405<br>*Significance* 0.013 | | | |

Conforme se esperava, a escolaridade apresenta-se como fator relevante na caracterização desse fenômeno, visto que os falantes menos escolarizados favorecem a aplicação da regra de enfraquecimento (0.574), enquanto os mais escolarizados a desfavorecem (0.426).

**Tabela 67** – Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Sul Amazonense, segundo a variável *tonicidade*

| TONICIDADE | Aplicação/Total | % | P. R. |
|---|---|---|---|
| **Sílabas átonas** | 154/1414 | 10.9 | 0.532 |
| **Sílabas tônicas** | 21/579 | 3.6 | 0.423 |
| *Input* 0.122<br>*Log likelihood* -313.405<br>*Significance* 0.013 | | | |

**Fonte:** Elaboração do autor

A Tabela 67 evidencia a participação da tonicidade na aplicação da regra de enfraquecimento, determinando que se o /S/ em coda silábica está em sílaba átona encontra contexto favorecedor da regra de enfraquecimento (0.532), enquanto sua presença em sílaba tônica desfavorece a aplicação da regra(0.423).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhum trabalho dialetal pode ser conclusivo em seus resultados, seja pela dinâmica da variação, resultante de uma série de fatores que quase nunca podem ser medidos de forma categórica, seja simplesmente pelo fato de que todo trabalho dialetológico significa uma pequena amostra da realidade linguística de determinada comunidade de fala, em determinado tempo. Ora, a contribuição de um atlas linguístico não é a definição de uma regra variável sobre o fato linguístico analisado, mas a definição de um caminho para outras investigações que se fizerem necessárias. Foi assim com os primeiros dialetólogos brasileiros na primeira metade do século XX, eles apontaram caminhos para a publicação dos primeiros atlas regionais, na segunda metade do século XX, e para o tão sonhado atlas nacional, cujos primeiros resultados vêm sendo divulgados atualmente. Estes, por sua vez, apontaram caminhos para inúmeros trabalhos dialetais e sociolinguísticos nas últimas décadas, o que representa grande produtividade científica que tem permitido desvendar os diversos falares do português brasileiro. Foi assim também com o *Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM*, primeiro atlas regional do estado, apontando caminhos.

Um desses caminhos se apresentou nesta tese. O *Atlas Linguístico do Sul Amazonese – ALSAM* é mais que a conclusão de curso, é a realização de um desejo que nasceu da inquietação que a leitura do ALAM despertou em um aluno da graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, ainda em 2005, quando teve a oportunidade de realizar sua primeira pesquisa dialetal, ainda em nível de iniciação científica.

Por falar em inquietações, cabe retomar as questões apresentadas na introdução desta tese: Quais seriam as particularidades linguísticas das comunidades do Sul Amazonense? Como os fatores linguísticos, históricos e sociais têm definido a fala desses grupos humanos?

O primeiro esforço em responder essas perguntas encontra-se no conjunto de 449 cartas linguísticas (644 na versão estendida) do ALSAM, que abordam fenômenos fonéticos e lexicais. O ALSAM foi desenvolvido na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, ao abordar, além da dimensão diatópica, já consagrada na Dialetologia, as dimensões diassexual, diageracional e diastrática. Em suas 100 cartas fonéticas (190 na versão estentida) e 50 cartas-síntese das

variáveis fonéticas investigadas, assim como na análise multivariada realizada a partir do pacote estatístico *Goldvarb X*, é possível visualizar a distribuição diatópica e social da variação fonética observada na mesorregião investigada. Em suas 285 cartas semântico-lexicais (400 na versão estendida) é possível conhecer a distribuição diatópica e social da variação lexical observada na área investigada a partir das grandes áreas semânticas Meio Físico, Meio Biótico e Meio Antrópico e as diversas subáreas consideradas no QSL.

Para apresentar as considerações finais desta tese, respondendo às perguntas aqui apresentadas, parte-se da observação de cumprimento dos objetivos, bem como da constatação ou não das hipóteses, ambos apresentados na introdução desta tese.

*Objetivo Geral*: Investigar, documentar e descrever parte da realidade linguística da mesorregião Sul Amazonense, no que diz respeito à língua portuguesa falada, em seus aspectos fonético-fonológicos e léxicos-semânticos, por meio da elaboração do Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM.

A partir da investigação realizada e documentada no ALSAM, apresenta-se, em resumo, a descrição do falar sul amazonense.

a. Aspectos fonético-fonológicos:

(i) Tanto a vogal média pretônica anterior quanto a posterior realiza-se prioritariamente como média alta (fechada), porém em alguns contextos linguísticos predominam outras variantes;

(ii) O alçamento da vogal média posterior tônica, que caracterizava o falar amazônico há algumas décadas atrás foi inexpressivo, até mesmo em Borba, onde a pesquisa de Campos (2009) registrou índices consideráveis do fenômeno. Registraram-se, em toda a mesorregião, apenas 12 casos em um universo de 1387 ocorrências da vogal. Como Cruz (2004), acredita-se que esse fenômeno esteja em processo de extinção pelo crescimento e desenvolminento das cidades da região;

(iii) Na maioria dos casos, a vogal que antecede consoante nasal da sílaba seguinte também é nasalizada como em bo**n**eca e to**m**ate, pronunciados

[bõˈnɛkɐ] e [tõˈmatʃɪ];

(iv) O timbre das vogais médias tônicas em palavras como *p**e**go,f**e**cha, gr**e**lha* e *poça* apresentam índices paritários de abertura e fechamento;

(v) A vogal epentética mais utilizada em todas as localidades é a vogal alta [i], porém a vogal média alta [e] também é utilizada em palavras como p[**e**]neu e ad[**e**]vogado;

(vi) O ditongo decrescente oral /ej/ apresenta índices expressivos de manuntenção, porém é reduzido a [e] antes de tepe e fricativa alveopalatal;

(vii) O ditongo decrescente oral /ow/ apresenta prioritariamente frequências acima de 63% de redução a [o] na maioria das localidades, porém em Humaitá a manutenção é prioritária;

(viii) O ditongo decrescente oral /aj/ apresenta forte concorrência entre manutenção e redução, sendo a primeira prioritária em Humaitá e Tapauá e a segunda nas demais localidades;

(ix) O ditongo crescente oral /jo/ em final de vocábulo é prioritariamente mantido, porém foram registrados casos de redução para [ʊ], aniversár[ʊ], e [ɪ], reméd[ɪ];

(x) O ditongo decrescente nasal /ẽj/ em final de vocábulo também é prioritariamente mantido, no entanto em 26% dos casos foi reduzido para [ɪ], virg[ɪ], ont[ɪ];

(xi) O ditongo decrescente nasal /ãw/, postônico e final, se mantém na maioria dos casos, mas apresenta casos de redução para [ʊ], cantar[ʊ];

(xii) Ocorre ditongação nas palavras *canoa, proa* e *popa*, pronunciadas em muitos casos como [kãˈn**ow**ɐ], [ˈpɾ**ow**ɐ] e [ˈp**ow**pɐ];

(xiii) Os encontros vocálicos das palavras *coador* e *ruim*, concretizam-se majoritariamente como hiato, no entanto ocorrem casos de ditongação, [ˈkw**a**doh] e [ˈhũ**j**];

(xiv) O /R/ forte (inicial e intervocálico) concretiza-se quase categoricamente como fricativa glotal [h];

(xv) O /R/ em coda silábica interna (medial) é prioritariamente realizado como fricativa glotal, no entanto em coda silábica externa (final)

apresenta forte concorrência entre a fricativa glotal e o apagamento, com índices paritários entre essas variantes;

(xvi) A lateral /l/ em coda silábica é realizada categoricamente como semivogal [w];

(xvii) A lateral /l/ precedendo vogal alta anterior [i] realiza-se prioritariamente como alveolar em Boca do Acre, Lábrea, Tapauá e Humaitá e como palatal em Manicoré e Borba;

(xviii) A lateral palatal concretiza-se quase categoricamente como palatal/palatalizada, sendo raros os casos de iotização e apagamento;

(xix) O /S/ em coda silábica realiza-se prioritariamente como alveolar em Boca do Acre, Lábrea, Tapauá e Humaitá e como alveopalatal em Manicoré e Borba;

(xx) A nasal alveolar é quase categoricamente palatalizada quando antecede segmento vocálico alto anterior [i,j], bo[nʲ]ito;

(xxi) A nasal palatal pode ser semivocalizada, [faˈɾɲjɐ], ou apagada, [faˈɾĩɐ], mantendo-se, nos dois casos a nasalidade, principalmente em Boca do Acre, Lábrea, Tapauá e Humaitá, ao passo que em Manicoré e Borba prevalece a pronúncia palatal [ɲ];

(xxii) Ocorre palatalização das oclusivas alveolares /t e /d/ precedendo vogal alta anterior [i];

(xxiii) O grupo –nd de gerúndio, na maioria dos dados, não sofre assimilação, reduzindo-se para [n].

Dessa forma, observa-se que a hipótese de que o falar sul-amazonense preserva marcas do falar nordestino no âmbito fonético foi confirmada em alguns aspectos, como a realização alveolar da lateral /l/ antes de [i] e do /S/ em coda silábica e, em outros, não, principalmente no que se refere à pronúncia das vogais médias pretônicas abertas.

A maioria das hipóteses em relação à concretização das variáveis fonéticas foi confirmada, das quais destacam-se a fricativa glotal no que se refere ao /R/ forte e em coda silábica, a fricativa alveolar em relação ao /S/ em coda silábica, a semivocalização da nasal palatal e a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ antes de [i]; no entanto não foi possível confirmar a hipótese de monotongação do

ditongo /ej/ e da assimilação do grupo consonantal –nd a [n], o que pode ser explicado pela forma como os dados foram coletados, por meio de aplicação de questionário.

b. Aspectos semântico-lexicais:

Foram registradas as ocorrências de variantes lexicais nas subáreas semânticas Terra e água, fenômenos atmosféricos, fauna, flora, características físicas, alimentação e cozinha, saúde e medicina caseira, habitação, vestuários e acessórios, crenças, superstições e lendas, relações e comportamentos sociais, expressões populares, vida urbana, atividades de produção e transporte fluvial.

No âmbito lexical, foi possível confirmar a influência indígena e nordestina com mais clareza, conforme esperado: a primeira principalmente na área semântica Meio Biótico (fauna e flora), crenças, superstições e lendas e atividades de produção, enquanto a segunda nas subáreas vestuários e acessórios, alimentação e cozinha, habitação, relações e comportamentos sociais e expressões populares.

c. *Objetivo específico a*: Identificar, se possível, tendências linguísticas e agrupamentos de variantes que permitam localizar geograficamente diferenças linguísticas nos níveis fonético-fonológico e semântico-lexical na área investigada.

Observou-se, no âmbito fonético, que as localidades de Manicoré e Borba se distinguem das demais, principalmente no que se refere à palatalização do /S/ em coda, da lateral antes de [i] e da nasal palatal.

Observaram-se ainda, no campo lexical, três agrupamentos linguísticos: localidades do rio Purus x localidades do rio Madeira, Manicoré e Borba x demais localidades, e Boca do Acre e Lábrea x demais localidades. Dessa forma, as localidades de Tapauá e Humaitá apresentaram, nesses casos, comportamentos linguísticos distintos do das localidades de sua microrregião por apresentarem ligações com Manaus e Porto Velho, respectivamente.

Assim, conforme previsto nas hipóteses, observaram-se algumas influências das capitais acreana e rondoniense em Boca do Acre e Humaitá, através dos dados do ALiB, das quais destaca-se, por exemplo, as variantes *mexerica* e *pocã* para tangerina, presentes apenas nessas localidades e a variante *pepeta* para

pipa/papagaio em Boca do Acre.

d. *Objetivo específico b*: Observar a influência das variáveis sociais escolaridade, sexo e idade na concepção do falar sul amazonense, assim como de variáveis linguísticas (contextos fonológicos) em alguns fenômenos fonéticos característicos da região em estudo.

Foram elaboradas 172 cartas pluridimensionais, no âmbito lexical, que envolvem pelo menos uma dessas variáveis, o que comprova a atuação desses fatores na caracterização linguística da comunidade, identificando variantes com *status* padrão, (onda, foz, galinha-d´angola, amarelinha, pipa, rotatória, etc.), que estão adentrando a região pelos meios de comunicação ou pela escolarização, ou variantes regionais (*banzeiro, boca, capote e picote, macaca, papagaio, bola* etc.), variantes mais arcaicas, (*cheia* e i*nverno*, *pororoca* e *maresia*, *tapiri*, *cruzeta*, *taberna*, *aviação,* etc.), que se encontram principalmente na fala dos idosos, e variantes mais inovadoras (*enchente, cabana* e *barraco*, *cabide*, *rancho*, etc), mais presentes na fala dos jovens.

Na análise multivarida de alguns fenômenos fonéticos, a partir da inclusão dessas variáveis sociais, confirmou-se a hipótese de que os falantes mais escolarizados evitariam formas menos prestigiadas, no âmbito fonético, principalmente o enfraquecimento do /S/ em coda silábica, no entanto a variável sexo apenas foi relevante para a palatalização do /l/ antes de [i] e do /S/ em coda silábica, pela atuação das mulheres, e a variável idade não apresentou contribuições relevantes.

Por meio dessa análise, evidenciou-se a relevância das variáveis linguísticas para a definição do falar sul-amazonense em alguns fenômenos fonéticos. Observou-se a influência da *vogal tônica fechada* e da presença de nasalidade fonológica na vogal tônica para a realização fechada da vogal média anterior pretônica, da antecedência ao /S/ em coda silábica para o alçamento dessa vogal e das vogais tônicas baixa, médias baixas (abertas) e altas para sua realização aberta. Da mesma forma, constatou-se que as vogais tônicas médias altas e altas são favorecedoras do fechamento da vogal média posterior pretônica, assim como a posição inicial e a proximidade com a vogal tônica; enquanto a presença em hiato, a posição medial e as vogais tônicas altas e médias altas (fechadas) favorecem o alçamento dessa vogal; e as vogais baixa e médias baixas

(abertas), a nasalidade fonológica da vogal tônica e a distância da tônica favorecem a sua abertura. Já a palatalização da lateral antes de [i] é favorecida pelo contexto subsequente a consoantes palatais e vogal baixa [a]. A palatalização do /S/ em coda silábica, por sua vez, recebe influência do contexto subsequente, em que a oclusiva alveolar [t] e a africada [tʃ] apresentam-se como favorecedoras desse fenômeno, além da posição medial no vocábulo. O enfraquecimento do /S/ em coda recebe influência do contexto subsequente às laterais, africadas, oclusiva alveolar sonora /d/ e nasal, além da presença do fonema /S/ em sílaba átona.

e. *Objetivo específico c*: Realizar estudos interpretativos dos fenômenos considerados na perspectiva de sua interface com outras áreas do conhecimento, com vistas a contribuir para a fundamentação teórica acerca da natureza da implementação e desenvolvimento da língua portuguesa falada na região em estudo.

Foi possível relacionar, sempre que possível, principalmente os aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos e culturais aos resultados linguísticos obtidos na pesquisa, sempre na perspectiva de que a língua é reflexo da cultura de seus usuários. Observa-se uma caracterização linguística distinta em alguns aspectos, principalmente entre as localidades fundadas no século XVII, Borba e Manicoré, que serviram de opoio à ocupação portuguesa na região amazônica, e as localidades fundadas no século XIX, à época do ciclo econômico da borracha. As configurações contemporâneas das localidades também foram observadas na análise linguística, considerando as localidades que se relacionam com outros estados, a partir da fronteira geográfica da mesorregião e as que conseguem manter relações mais próximas com a capital amazonense pela proximidade geográfica com esta cidade.

f. *Objetivo específico d*: Disponibilizar a estudiosos e interessados nos estudos linguísticos dados que possam ser comparados a diferentes realidades linguísticas na região amazônica e no Brasil.

As cartas linguísticas do Atlas Linguístico do Sul Amazonense e o banco de dados organizado para a pesquisa poderão ser utilizados por outros

pesquisadores para fins comparativos, tendo em vista a natureza do método geolinguístico. Partindo desse preceito, por exemplo, foram realizadas algumas comparações entre o ALSAM e o ALAM e ALiB que serviram para situar o falar sul-amazonense não só no falar amazoense, mas também no conjunto dos falares brasileiros.

g. *Objetivo específico e*: Contribuir para a caracterização do falar amazonense, especialmente do falar sul-amazonense, e para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento de comunicação social diversificado, porém possuidor de uma unidade sistêmica.

O Atlas Linguístico do Sul Amazonense representa mais uma contribuição na tentativa de caracterização do falar de uma região, em pleno século XXI, ainda parcamente explorada do ponto de vista linguístico, que se iniciou com a elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas. A partir de suas cartas linguísticas apresenta uma amostra da variação da língua portuguesa falada no Brasil, por meio da investigação linguística no Sul Amazonense, porém, não se depreende de suas páginas que essa diversidade seja caótica, mas evidencia tratar-se de uma heterogeneidade sistemática, de acordo com que preceitua a Teoria da Variação, uma vez que a diversidade encontra motivações nos diversos fatores, internos e externos à língua.

Assim, alcançados os objetivos estabelecidos para a pesquisa realizada para esta tese, entende-se que se conclui mais uma fase na busca inquietante pelo conhecimento dos falares regionais e espera-se que o Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM seja uma fonte de informações sobre a língua e a cultura do caboclo amazonense, que contribua para a diminuição dos preconceitos, linguístico e social, que se encontram ainda enraizados em nossa cultura, a partir do entendimento da diversidade e, acima de tudo, que gere novas inquietações nessa e em outra geração de pesquisadores, cumprindo com seu principal objetivo enquanto trabalho norteador, apontar caminhos.

## REFERÊNCIAS


AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial,1994.

AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

AGUILERA, V. de A. Geolinguística no Brasil: Estágio atual. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, dez. 2006, p. 215-238.

AGUILERA, V. de A. A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, S. A. M. da S. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: volume 1. Londrina: Eduel, 2014, p. 95 - 112.

ALMEIDA. F. da S. C. **Micro Atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro (MicroAFERJ)**: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 2. v. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ALMEIDA, M. A. B. de. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngue de Flores da Cunha**: uma análise quantitativa. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre, 2000.

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS**: cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS**: cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

ALTINO, F. C. **Atlas Linguístico do Paraná II**. 2007. 2v. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001

ARAGÃO, M. do S. A Neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, Silvana; COSTA, Sônia B. Borba; CARDOSO, Suzana Alice M. da Silva (org.). **Dos sons às palavras**: Nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 187-200.

ARAGÃO, M. do S. O Atlas Linguístico do Brasil no Quadro da Geolinguística brasileira. In: CARDOSO, Suzana Alice M. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: volume 1. Londrina: Eduel, 2014, p. 31 - 36.

ARAGÃO, M. do S. S. de; BEZERRA DE MENEZES, C. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

ARAGÃO, M. do S.; SOARES, M. E. **Variação diatópica e diastrática nos falares do Nordeste do Brasil**. Material inédito, 1996.

AUGUSTO, V. L. dos S. **Atlas Semântico-Lexical de Goiás**. 2012. 3 v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

AZEREDO, J. C. de. **A estruturação sonora**. In _____. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2009. p. 371 – 392.

AZEVEDO, O. da S. **Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2013.

BARBOSA, L. P. **Fonologia:** A fala amazonense e sua influência no ensino de inglês. Manaus, AM: UA, 1995.

BARBOSA, Q. M. R. de O. **Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM):** um estudo dialetológico. Manaus. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2013.

BAXTER, A. A concordância de número. In: LUCCHESI, BAXTER e RIBEIRO (orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BELLMANN, G. **Variação e devariação**. Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, n.4, 1999, p. 7-20.

BERÇOT-RODRIGUES, S. F. **Realização da fricativa glotal em Manaus.** 2014. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2014.

BESSA, J. R. F. (coord.). **Atlas Linguístico do Ceará**: Introdução. v.1. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BESSA, J. R. F. **Atlas Linguístico do Ceará**: Cartogramas. v.2. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BISOL, L. **Harmonização Vocálica**. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) –UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. Palatalization and its variable restriction. **International Journal of Sociology of Language**, n. 89, p.107-124, 1991a.

BISOL, L. O ditongo em Português. **ABRALIN**, n. 11, p. 51-58, junho, 1991b.

BLANCH, J. L. **La sociolinguística y la dialectología hispánica**. En torno a la sociolingüística. México, Instituto de Investigaciones Filológicas. p. 33-58, 1978.

BORTONI, Stela M. *et al*. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical. **Revista Estudos da Linguagem**, n. 1, p. 9-30, jul./dez, 1992.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, S. F. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. **Revista Veredas**. Atemática, p. 164-178, jan., 2011.

BRANDÃO, S. F.; CRUZ, M. L. de C. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALiSPA. IN: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolingüística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

BRANDÃO, S. F.; MORAES, J. A de. Geolinguística no Brasil: resultados e perspectivas. **Terceira Margem**, 3. Faculdade de Letras da UFRJ, 1995.

BRITO, R. de M. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas - AFBAM**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2011.

BUENO, F. da S. **A formação histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1967.

CABREIRA, S. H. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado). PUCRS, Porto Alegre, 1996.

CAMPOS, M. S. **O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica:** um estudo do português falado em Borba no Amazonas. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

CANDIOTTO, L. Z. P.; CORRÊA, W. K. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**. v.3, n. 5, p. 214-242, fev. 2008.

CARDOSO, S. A. M. da S. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EUFBA, 2005.

CARDOSO, S. A. M. da S. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.

CARDOSO, S. A. M. da S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. da S. A história do Atlas Linguístico do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice M. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: volume 1. Londrina: Eduel, 2014, p. 17 - 30.

CARDOSO, S. A. M. da S. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil:** Introdução. v.1. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, S. A. M. da S. **Atlas Linguístico do Brasil:** cartas linguísticas 1. v.2. Londrina: Eduel, 2014.

CARVALHO, H. **Concordância nominal:** uma análise variacionista. João Pessoa: UFPB, maio de 1997.

CARVALHO, S. C. de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOMSKY, N; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle. in core syllabification. In KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (orgs.). **Papers in laboratory phonology**. Cambrigde: CUP, 1990, p. 283-333.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSPE, 1979.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: ALFAL, 1982.

COSERIU, E. La geografia linguística. In.: COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. 2. Ed. Madrid: Gredos, 1991, p.103-158.

CORRÊA, H. C. de. **O falar do Caboclo: Aspectos Fonético-fonológicos e Léxico-Semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – PUC, Rio de Janeiro, 1980.

COSTA, C. F. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática**: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CRISTIANINI, A. C. Sociogeolinguística: uma abordagem para o estudo do léxico. In: SANTOS, I. P.; CRISTIANINI, A. C. (orgs.). **Sociogeolinguística em questão:** reflexões e análises. São Paulo: Paulistana, 2012.

CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

CUBA, M. A. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico**. 2015. 2.v. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CUNHA E SILVA, R. de C. B. **Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas da fala de Manaus**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – PUC, Rio de Janeiro, 1980.

DIAS, D. de O. **Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá**. Relatório Técnico Científico (Programa de Pesquisa e Pós-graduação, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC). Departamento de Pesquisa, UFAM, Manaus, 2007.

DOIRON, M. P. B. **A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL)**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

DORNELES, D. M; CHAVES, L. M. do N. A realização da vogal pretônica /e/ nos dados de três atlas linguísticos da Região Norte. In: **Anais da VIII JNLPLP**. Rio de Janeiro: CiFEFil, set/dez, 2013.

ELIA, S. **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Ática, 1989.

ESPÍRITO SANTO, S. P. do**. Entoação das frases declarativas e interrogativas totais no Português falado em Maués, no Amazonas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2014.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: HYMES, D. (Ed.). **Language in culture and society**: a reader in linguistics and anthropology. New York: Harper; Row, 1964.

FERREIRA, C. da S. *et al*. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C. da S; CARDOSO, S. A. M. da S. **A Dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERRARINI, S. A. **Rio Purus**: história, cultura, ecologia. São Paulo: FTD, 2009.

FERNANDES, M. **Concordância nominal na região sul**. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 1996.

FISHMAN, J. A. **Sociolinguistique**. Paris: Nathan, 1971.

GONÇALVES, S. M. G. **Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do Estado do Amazonas**: um estudo de Geolinguística. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2015.

GOULDING, M.; BARTHEM, R.; FERREIRA, E. **The Smithsonian Atlas of the Amazon**. Smithsonian Books, Washington e Londres, 2003.

GRAZIANO DA SILVA, J. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.15, n. 43, p.37-50, 2001.

GUY, G. R; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumento de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

HOOPER. J. **An Introducion to Natural Generative Phonology**. New York: Academic Press, 1976.

HORA, D. da. **A palatalização das oclusivas dentais:** variação e representação não-linear. 1990. Tese (Doutorado em Letras – Linguística Aplicada) –PUCRS, Porto Alegre, 1990.

HORA, D. da; RIBEIRO, S. R. Monotongação de ditongos orais decrescente: fala versus grafia. In GORSKY, E. C. & COELHO, I. **Sociolinguística e ensino: contribuições para o professor de língua**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006. p. 209 – 226.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE @cidades. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/. Acesso em 15 de dezembro de 2017.

ISQUERDO, A. N. Capitais brasileiras: um olhar para a história da cidade e a história do nome. In: CARDOSO, S. A. M. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: v. 2. Londrina: Eduel, 2014, p. 11 – 26.

ISQUERDO, A. N.; PAIM, M. M. T.; ROMANO, V. P. Perfil dos informantes das capitais. In: CARDOSO, S. A. M. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: v. 2. Londrina: Eduel, 2014, p. 11 – 26

ISQUERDO, A. N.; TELES, A. R. T. F; ZÁGARI, M. R. L. A rede de pontos. In: CARDOSO, S. A. M. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: volume 1. Londrina: Eduel, 2014, p. 37 - 78.

JUSTINIANO. J. dos S. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2012.

KÖPPEN, W.; GEIGER, R. **Klimate der Erde.** Gotha: Verlag Justus Perthes. 1928. Wall-map 150cmx200cm.

LABOV, W. **Modelos Sociolinguísticos**. Tradução José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LINDNER, M.; ALVES, F. D.; FERREIRA, E. R. **Presença da ruralidade em municípios gaúchos: o exemplo de Silveira Martins RS**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19, 2009, São Paulo. Anais. p. 1-15.

pequenos municípios gaúchos: o exemplo da Quarta Colônia de Imigração Italiana. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, v. 5, n. 9, p. 147-165, fev., 2010.

LOPES, N. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. Salvador: UFBA, 2001.

LOPES, R. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

MAIA, E. G. **Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior /o/, em contexto tônico, no falar dos municípios de Itacoatiara e Manacapuru.** Relatório Técnico Científico (Programa de Pesquisa e Pós-graduação, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC). Departamento de Pesquisa, UFAM, Manaus, 2006.

MAIA, E. G. **Estudo dialetológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara**: as vogais médias pretônicas. Monografia (Especialização em Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2009.

MAIA, E. G. **A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2012.

MAIA, E. G. A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. **Revista Papéis**, Campo Grande – MS, v.19, n.37, p. 118-138, 2015.

MAIA, E. G. Enfraquecimento do /S/ em coda silábica em dados do sul do Amazonas. **Estudos de Linguística Galega**, Santiago de Compostela – Espanha, Volume especial I, p. 219-236, 2018.

MAIA, E. G.; MARTINS, F. S.; CRUZ-CARDOSO, M. L. de C.. Reflexões sobre a variação do /S/ em coda silábica no falar amazonense: a hipótese de uma isófona. **Web Revista SOCIODIALETO**, Campo Grande – MS, v.20, n.07, p. 479-502, nov. – fev. / 2017.

MAIA, R. B. **Variação do /S/ em coda silábica no falar dos moradores de São Paulo de Olivença (Amazonas)**. Relatório Técnico Científico (Programa de Pesquisa e Pós-graduação, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC). Departamento de Pesquisa, UFAM, Benjamin Constant, 2016.

MAIA, V. L. M. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n.5, p. 209-226, 1986.

MARTINS, F. S. **A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, nos municípios de Parintins e Tefé**. Relatório Técnico Científico (Programa de Pesquisa e Pós-graduação, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC) – Departamento de Pesquisa, UFAM, Manaus, 2006.

MARTINS, F. S. **A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant**. Relatório Técnico Científico (Programa de Pesquisa e Pós-graduação, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC) – Departamento de Pesquisa, UFAM, Manaus, 2007.

MARTINS, F. S.; MARGOTTI, F. W. Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus. **Investigações**, Recife, v. 25, n. 2, julho, 2012.

MELLO. O. **Topônimos amazonenses**: nomes das cidades amazonenses, sua origem e significação. Edições Governo do Estado do Amazonas. Manaus, 1967.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTA, J. A. Percursos metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, S. A. M. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: volume 1. Londrina: Eduel, 2014, p. 79-94.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. da S., **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto Editora, 2006.

NASCENTES, A. **Études dialectologiques du Brésil**. ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, 1952.

NASCENTES, A. **Études dialectologiques du Brésil**. ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NASCENTES, A. **Bases para a Elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II, 1961.

OLIVEIRA, A. **A Amazônia: modificações sociais e culturais decorrentes do processo de ocupação humana (séc. XVII ao XX)**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, NS, Antropologia, 4, 1988, p. 65-115.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. Regionalismo Brasileiro: a questão da distribuição geográfica. In OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. Ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia.** 2. Ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

OLIVEIRA, D. P. de. **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

OLIVEIRA, M. B. de. **Palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica em Itaituba - PA.** 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

OLIVEIRA, M. B. de; RAZKY, A. Imagens Preliminares da Realização Variável de /l/ em Posição prevocálica no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. In: MARÇALO, Maria João *et al* (orgs.). **Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Universidade de Évora, 2010.

PAGOTTO, E. G. **Variação é identidade**. 2001. Tese (Doutorado em Letras-Linguística) – IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PAIVA, M. da C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M e SHERRE, M.M.D. (orgs). **Padrões Sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 217 – 236.

PELICIOLI, R. A aspiração de fricativas na fala de Salvador. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 15, 2008, Montevidéu. **Anais do XV Congreso Internacional de la ALFAL**. Montevidéu: ALFAL, 2008.

PEREIRA, G. **Monotongação dos ditongos [aj], [ej], [ow] no português falado em Tubarão (SC)**: estudo de casos. Dissertação (Mestrado) Unisul, Tubarão, 2004.

POTTIER, B. **Linguística Geral:** teoria e descrição. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1978.

QUARA, H. R. Guimarães. **As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2012.

QUARA, H. R. Guimarães. **Comportamento fonético-fonológico do -S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas**. Relatório Técnico Científico (Programa de Pesquisa e Pós-graduação, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC). Departamento de Pesquisa, UFAM: Manaus, 2007.

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos camiños de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

RAZKY, A. O atlas geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. de A. (org.). A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas. Londrina: Eduel, 1998, p. 155-164.

RAZKY, A. *et al*. **Atlas Linguístico Sonoro do Pará**. Universidade Federal do Pará. Belém, 2003 (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. D. **Atlas Linguístico do Amapá**. Labrador: São Paulo, 2017.

REID, J.; SOUSA JÚNIOR, W.C. **Infrastructure and conservation policy in Brazil**: Conservation Biology. v. 19, n. 3, p. 740-746, 2005.

RIBEIRO, J. *et al*. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

RODRIGUES, A. G. P.; ARAÚJO, A. A. de; ARAGÃO, M. do S. S. de. Enfraquecimento de Fricativas no Atlas Linguístico do Ceará: Uma abordagem sócio-dialetal. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon – PR, v.9, n.18, p. 53-64, 2º sem. 2013.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da dialetologia brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, nº 02, jul/dez de 2013, p. 203-242.

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do país**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UEL, Londrina, 2015.

RONCARATI, C. N. **Variação Fonológica e Morfossintática na Fala Cearense**. UFF. Comunicação inédita,1999.

ROSSI, N. **Atlas prévio dos falares baianos (APFB)**. Rio de janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1963.

SÁ, E. J. de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANKOFF, David, TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Erick. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, G. M. dos (org.). **Álbum Purus**. Manaus: EDUA, 2011.

SANTOS, L. S. M. **Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo – MG:** uma abordagem variacionista. 2010. Dissertação (Mestrado) – UFMG, 2010.

SANTOS, T. B. dos. **Descrição da nasalidade no município de Barreirinha, comunidade do Andirá, no Amazonas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2013.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFINO, G. (org.). **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística** (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza). Centro di Studi Filologic e Linguistic Siciliani, Universitá di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5: 509-523, 1998.

SEABRA, R. D.; ROMANO, V. P.; OLIVEIRA, N., 2014. [SGVCLin]. Versão 1.0. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

SILVA, F. de S. O processo de monotongação em João Pessoa. In HORA, D. da. **Estudos Sociolinguísticos:** Perfil de uma comunidade. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALB, 2004. p.29 – 44.

SILVA, G. A. da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SILVA, J. B. da. A concordância nominal na fala capixaba. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 2011, **Anais do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos**. Vitória, 2011.

SILVA, L. H. F. da. **Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2009.

SILVA, M. B. da. Um traço regional na fala culta de Salvador. **Organon**, Porto Alegre, n. 18, p. 79-89, 1991.

SILVA, M. B. da. Breve notícia sobre as vogais pretônicas na variedade culta de Salvador. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 14, p. 69-77, 1992.

SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVEIRA, R. **Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape**: aspectos semânticos-lexicais. 2009. 188 f. Dissertação Mestrado) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SIOLI, H.; KLINGE, H. 1964. **Solos, tipos de vegetação e águas na Amazônia**. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 27 (179): 146-153.

SOUSA JÚNIOR, W. C.; WAICHMAN, A. V.; JAIME, A. L. G.; SINISGALLI, P. A. A. **Gestão das águas na Amazônia**: a bacia do rio Purus. Workshop Gestão Estratégica de Recursos Hídricos, Brasília, 2006. Anais I GERH: ABRH, 4 p, 2006.

SOUZA, S. A. F. **Amazonês**: expressões e termos usados no Amazonas. Manaus: Editora Valer, 2011.

TARALLO, F. **A estrutura na variação**: do falante-ouvinte real ao falante-ouvinte real. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 6, n. 2, 1990.

TAVARES. L. **Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira - AMSIMA**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2017.

TELES, A. R. T. F.; MOTA, J. A. Apresentação das cartas. In: CARDOSO, S. A. M. da S. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: v. 2. Londrina: Eduel, 2014, p. 8 -10.

TELES, A. R. T. F.; RIBEIRO, S. S. C. A cartografia dos dados. In: CARDOSO, S. A. M. da S. *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**: v. 1. Londrina: Eduel, 2014, p. 113-124.

TORRES, F. G. L. **A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Solimões)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2009.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (orgs.). **Actes du XXII Congrès Internacional de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367 - 409.

THUN, H. Introduction à la table ronde. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 22., 1998, Bruxelas. **Actes...**, vol.3. Vivacité et diversité de la variation linguístique. Tübingen: Niemeyer, 2000. p. 407-409.

THUN, H. A Dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de variação linguística no Brasil e no cone sul**. Porto Alegre: UFGRS, 2005, p.63-92.

TRUDGILL, P. **On dialect:** social and geographical perspectives. Oxford: Basil Blackwell, 1983.

VEADO, M. A. A redução de ditongo – uma variável sociolinguística. **Ensaios de Linguística**, Belo Horizonte (MG), ano V, n. 9, p. 209-229, dez, 1983.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento territorial do Brasil**: do entulho varguista ao zoneamento ecológico-econômico. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 29, 2001, Salvador. Anais. p. 1-21.

VIEGAS, M. do C. **Alçamento das vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolinguística. 1987. Dissertação (Mestrado) – UFMG, Belo Horizonte, 1987.

WANDERLEY, M. N. B. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?**. Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 31-44.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA. V. de A. (org.). **A geolingüística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

# APÊNDICES

## **Apêndice 1** – Atlas Linguísticos Regionais Brasileiros

| **ATLAS** | **CONCLUSÃO / PUBLICAÇÃO** | **AUTOR(ES) / COLABORADORES** | **ESTÁGIO** |
|---|---|---|---|
| Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB | 1963 | Nelson Rossi, Dinah Callou e Carlota Ferreira | Publicado |
| Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG | 1977 | José Ribeiro, Mário Roberto Loblugio Zágari, José Passini e Antônio Gaio | Publicado |
| Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB | 1984 | Socorro Silva de Aragão e Cleuza de Bezerra de Menezes | Publicado |
| Atlas Linguístico do Sergipe – ALS | 1987 | Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freita, Nadja Andrade, Suzana Cardoso e Vera Rolemberg | Publicado |
| Atlas Linguístico do Paraná – ALPR | 1987 | Vanderci de Andrade Aguilera | Publicado |
| Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS | 2002/2011 | Walter Koch, Cléo Vilson Altenhofen, Mário Silfredo Klassmann, José Luiz da Veiga Mercer, Basílio Agostini, Oswaldo Antônio Furlan, Hilda Gomes Vieira e Felício Weslling Margotti | Publicado |
| Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA | 2004 | Abdelhak Razky | Publicado |
| Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM | 2004 | Maria Luíza de Carvalho Cruz | Concluído (Tese) |
| Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS II | 2005 | Suzana Alice Marcelino Cardoso | Publicado |
| Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II | 2007 | Fabiane Cristina Altino | Concluído (Tese) |
| Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS | 2007 | Dercir Gomes de Oliveira, Albana Xavier Nogueira, Aparecida Negri Isquerdo e Maria José Gomes | Publicado |
| Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ | 2008 | Fabiana da Silva Campos de Almeida | Concluído (Tese) |

| | | | |
|---|---|---|---|
| Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE | 2010 | José Rogério Fontinele Bessa | Publicado |
| Atlas Semântico Lexical do Estado de Goiás | 2012 | Vera Lúcia dos Santos Augusto | Concluído (Tese) |
| Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE | 2013 | Edmilson José de Sá | Concluído (Tese) |
| Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico | 2015 | Marigilda Antônio Cuba | Concluído (Tese) |
| Atlas Linguístico do Amapá | 2017 | Abdelhak Razky, Celeste M. da Rocha Ribeiro e Romário Duarte Sanches | Publicado |
| Atlas Linguístico do Estado de Alagoas – ALEAL | 2017 | Maranúbia Barbosa-Doiron | Concluído (Tese) |
| Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins – ALiTTETO | 2018 | Greize Alves da Silva | Concluído (Tese) |
| Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA) | - | Abdelhak Razky | Em andamento |
| Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO | - | Iara Maria Teles | Em andamento |
| Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA | - | Conceição Maria de Araújo Ramos *et al* | Em andamento |
| Atlas Lingístico do Rio Grande do Norte (ALiRN) | - | Maria das Neves Pereira | Em andamento |
| Atlas Linguístico do Estado do Mato Grosso (ALiMAT) | - | José Leonildo Lima *et al* | Em andamento |
| Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES | - | Catarina Vaz Rodrigues | Em andamento |
| Atlas Linguístico-sonoro do Estado do Rio de Janeiro[48] | - | Cláudia Cunha | Em andamento |
| Atlas Linguístico do Estado do Piauí | - | Maria do Socorro Silva de Aragão e Luiz Egito de Souza | Em andamento |
| Atlas Linguístico do Acre – ALiAC | - | Lindinalva Messias do N. Chaves e Maria do Socorro Silva de Aragão | Em andamento |

**Fonte:** Elaboração do autor com base em Aguilera (2006), Romano (2013) e informações complementares.

[48] Os três últimos atlas, destacados no quadro, constam em Romano (2013), porém não há atualmente informações seguras sobre o andamento dessas pesquisas.

**Apêndice 2** – Variação fonética em Manaus, Porto Velho e Rio Branco, de acordo com o ALiB

| VARIÁVEL FONOLÓGICA | CAPITAL | VARIANTES / FREQUÊNCIA | GRUPOS SOCIAIS EM QUE PREDOMINA |
|---|---|---|---|
| Vogal média anterior pretônica | Manaus | [e]: 26 a 50% | - |
| | | [ɛ]: 51 a 75% | - |
| | Porto Velho | [e]: 51 a 75% | mulheres, 18 a 30 anos |
| | | [ɛ]: 26 a 50% | homens, 50 a 65 anos |
| | Rio Branco | [e]: 26 a 50% | mulheres, 18 a 30 anos, nível universitário |
| | | [ɛ]: 51 a 75% | homens, 50 a 65 anos, nível fundamental |
| Vogal média posterior pretônica | Manaus | [o]: 51 a 75% | homens, 18 a 30 anos |
| | | [ɔ]: 26 a 50% | mulheres, 50 a 65 anos |
| | Porto Velho | [o]: 51 a 75% | mulheres, 18 a 30 anos |
| | | [ɔ]: 26 a 50% | homens, 50 a 65 anos |
| | Rio Branco | [o]: 26 a 50% | mulheres, 18 a 30 anos, nível universitário |
| | | [ɔ]: 26 a 50% | homens, 50 a 65 anos, nível fundamental |
| Vogal média anterior postônica não final | Manaus | [e]: 76 a 99% | - |
| | | [ɛ]: 01 a 25% | - |
| | Porto Velho | [e]: 76 a 99% | - |
| | | [ɛ]: 01 a 25% | - |
| | Rio Branco | [e]: 76 a 99% | 50 a 65 anos |
| | | [ɛ]: 01 a 26% | 18 a 30 anos |
| Vogal média anterior postônica não final | Manaus | [e]: 76 a 99% | nível universitário |
| | | [ɪ]: 01 a 25% | nível fundamental |
| | Porto Velho | [e]: 51 a 75% | nível universitário |
| | | [ɪ]: 26 a 50% | nível fundamental |
| | Rio Branco | [e]: 76 a 99% | nível universitário |
| | | [ɪ]: 01 a 26% | nível fundamental |
| Vogal média posterior postônica não final | Manaus | [o]: 100% | - |
| | | [ɔ]: 0% | - |
| | Porto Velho | [o]: 100% | - |
| | | [ɔ]: 0% | - |
| | Rio Branco | [o]: 100% | - |
| | | [ɔ]: 0% | - |
| Vogal média posterior postônica não final | Manaus | [o]: 51 a 75% | - |
| | | [ʊ]: 26 a 50% | - |
| | Porto Velho | [o]: 51 a 75% | - |
| | | [ʊ]: 26 a 50% | - |
| | Rio Branco | [o]: 51 a 75% | nível universitário |
| | | [ʊ]: 26 a 50% | nível fundamental |
| /l/ diante de [i] em início de vocábulo | Manaus | [ʎ]: 100% | - |
| | | [l]: 0% | - |
| | Porto Velho | [ʎ]: 76 a 99% | mulheres, 50 a 65 anos |
| | | [l]: 01 a 26% | homens, 18 a 30 anos |
| | Rio Branco | [ʎ]: 01 a 26% | homens, 18 a 30 anos, nível fundamental |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | [l]: 76 a 99% | mulheres, 50 a 65 anos, nível universitário |
| /l/ diante de [i] e antecedendo [i] | Manaus | [ʎ]: 100% | - |
| | | [l]: 0% | - |
| | Porto Velho | [ʎ]: 100% | - |
| | | [l]: 0% | - |
| | Rio Branco | [ʎ]: 100% | - |
| | | [l]: 0% | - |
| /R/ em coda silábica externa (em nomes) | Manaus | **Presença**: 26 a 50% | - |
| | | **Ausência**: 26 a 50% | - |
| | Porto Velho | **Presença**: 51 a 75% | - |
| | | **Ausência**: 26 a 50% | - |
| | Rio Branco | **Presença**: 26 a 50% | - |
| | | **Ausência**: 51 a 75% | - |
| R/ em coda silábica externa (em nomes) | Manaus | [h,ɦ]: 100% | - |
| | | **Demais**: 0% | - |
| | Porto Velho | [h, ɦ]: 75 a 99% | - |
| | | [x, ɣ]: 01 a 25% | - |
| | Rio Branco | [h, ɦ]: 75 a 99% | - |
| | | [x, ɣ]: 01 a 25% | - |
| /R/ em coda silábica externa (em verbos) | Manaus | **Presença**: 01 a 25% | - |
| | | **Ausência**: 76 a 99% | - |
| | Porto Velho | **Presença**: 01 a 25% | - |
| | | **Ausência**: 76 a 99% | - |
| | Rio Branco | **Presença**: 01 a 25% | - |
| | | **Ausência**: 76 a 99% | - |
| /R/ em coda silábica externa (em verbos) | Manaus | [h, ɦ]: 75 a 99% | - |
| | | [x, ɣ]: 01 a 25% | - |
| | Porto Velho | [h, ɦ]: 100% | - |
| | | **Demais**: 0% | - |
| | Rio Branco | [h, ɦ]: 75 a 99% | - |
| | | [x, ɣ]: 01 a 25% | - |
| /R/ em coda silábica interna (em nomes e verbos | Manaus | **Presença**: 76 a 99% | - |
| | | **Ausência**: 01 a 25% | - |
| | Porto Velho | **Presença**: 76 a 99% | - |
| | | **Ausência**: 01 a 25% | - |
| | Rio Branco | **Presença**: 100% | - |
| | | **Ausência**: 0% | - |
| /R/ em coda silábica interna (em nomes e verbos) | Manaus | [h, ɦ]: 100% | - |
| | | **Demais**: 0% | - |
| | Porto Velho | [h, ɦ]: 76 a 99% | - |
| | | [ʧ]: 01 a 25% | - |
| | Rio Branco | [h, ɦ]: 100% | - |
| | | **Demais**: 0% | - |
| /S/ em coda silábica externa | Manaus | [s, z]: 76 a 99% | homens, nível fundamental |
| | | [ʃ, ʒ]: 01 a 25% | mulheres, nível universitário |
| | Porto Velho | [s, z]: 100% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 0% | - |
| | Rio Branco | [s, z]: 100% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 0% | - |

| | | | |
|---|---|---|---|
| /S/ em coda silábica interna | Manaus | [s, z]: 26 a 50% | homens, 18 a 35 anos, nível fundamental |
| | | [ʃ, ʒ]: 51 a 75% | mulheres, 50 a 65 anos, nível universitário |
| | Porto Velho | [s, z]: 51 a 75% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 26 a 50% | - |
| | Rio Branco | [s, z]: 51 a 75% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 26 a 50% | - |
| /S/ em coda silábica interna antes de [tʲ] [tʃ] | Manaus | [s, z]: 0% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 100% | - |
| | Porto Velho | [s, z]: 01 a 25% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 76 a 99% | - |
| | Rio Branco | [s, z]: 0% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 100% | - |
| /S/ em coda silábica interna antes de [t] | Manaus | [s, z]: 01 a 25% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 76 a 99% | - |
| | Porto Velho | [s, z]: 01 a 25% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 76 a 99% | - |
| | Rio Branco | [s, z]: 0% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 100% | - |
| /S/ em coda silábica interna antes de outras consoantes | Manaus | [s, z]: 51 a 75% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 26 a 50% | - |
| | Porto Velho | [s, z]: 100% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 0% | - |
| | Rio Branco | [s, z]: 100% | - |
| | | [ʃ, ʒ]: 0% | - |
| /t,d/ diante de [i] < /i/ e | Manaus | [t] e [d]: 01 a 25% | mulheres |
| | | [tʲ, tʃ] e [dʲ, dʒ]: 76 a 99% | homens |
| | Porto Velho | [t] e [d]: 01 a 25% | homens, 50 a 65 anos, nível universitário |
| | | [tʲ, tʃ] e [dʲ, dʒ]: 76 a 99% | mulheres, 18 a 30 anos, nível fundamental |
| | Rio Branco | [t] e [d]: 0% | - |
| | | [tʲ, tʃ] e [dʲ, dʒ]:100% | - |
| /t,d/ diante de [i] < /E, ɪ/ | Manaus | [t] e [d]: 01 a 25% | - |
| | | [tʲ, tʃ] e [dʲ, dʒ]: 76 a 99% | - |
| | Porto Velho | [t] e [d]: 01 a 25% | - |
| | | [tʲ, tʃ] e [dʲ, dʒ]: 76 a 99% | - |
| | Rio Branco | [t] e [d]: 0% | - |
| | | [tʲ, tʃ] e [dʲ, dʒ]:100% | - |

**Fonte:** Elaboração do autor com base em dados do ALiB, v. 2 (CARDOSO *et al.*, 2014).

**Apêndice 3** – Variação lexical em Manaus, Porto Velho e Rio Branco, de acordo com o ALiB

| VARIÁVEL LEXICAL | VARIANTES | CAPITAIS | | |
|---|---|---|---|---|
| | | M | P. V | R. B |
| Orvalho | Orvalho | X | X | X |
| | Sereno | X | X | X |
| | Neblina | X | X | |
| | Garoa | | X | |
| Neblina | Neblina | X | X | X |
| | Cerração | | X | |
| | Neve | X | X | X |
| | Nevoeiro | X | | |
| | Sereno | X | | |
| Tangerina | Tangerina | X | X | X |
| | Mexerica | X | X | X |
| | Poncã | | X | X |
| Penca de banana | Penca | X | X | X |
| | Palma | X | X | X |
| Aipim | Macaxeira | X | X | X |
| | Mandioca | | X | |
| Mandioca | Macaxeira brava | | | X |
| | Mandioca | X | X | X |
| Galinha d´angola | Galinha d´angola | X | X | X |
| | Picote | X | X | X |
| | Capote | | | X |
| Pernilongo | Pernilongo | X | X | X |
| | Mosquito | X | X | |
| | Carapanã | X | X | X |
| | Muriçoca | X | X | |
| Prostituta I | Mulher... | X | X | X |
| | Prostituta | X | X | X |
| | Puta | X | X | X |
| | Garota de programa | X | | |
| | Rameira | X | | |
| | Rapariga | | | X |
| | Meretriz | | X | |

| VARIÁVEL LEXICAL | VARIANTES | CAPITAIS | | |
|---|---|---|---|---|
| | | M | P. V | R. B |
| Prostituta II (mulher...) | ...da vida | | X | X |
| | ...de programa | X | X | X |
| | ...de vida fácil | X | | X |
| | ... à toa | | X | |
| | ...de aluguel | | | X |
| | ...piranha | X | | |
| Cambalhota | Cambalhota | X | X | X |
| | Carambola | X | X | X |
| | Cangapé | | | X |
| Bolinha de gude | Peteca | X | X | X |
| | Bola de gude | X | | |
| | Bolinha de gude | X | | |
| Estilingue | Baladeira | X | X | X |
| | Estilingue | X | X | X |
| Brinquedo de empinar (com varetas) | Papagaio | X | X | X |
| | Pipa | X | X | X |
| | Pepeta | | | X |
| Cabra-cega | Cabra-cega | X | X | X |
| | Cobra-cega | | | X |
| | Pata-cega | X | X | |
| Amarelinha | Amarelinha | X | X | X |
| | Macaca | X | X | X |
| Bala | Bala | X | X | X |
| | Bombom | X | X | X |
| Sutiã | Sutiã | X | X | X |
| | Corpete | X | | X |
| Semáforo | Sinal | X | X | X |
| | Semáforo | X | X | X |
| | Sinaleiro | | X | |

**Fonte:** Elaboração do autor com base em dados do ALiB, v. 2 (CARDOSO *et al.*, 2014)

**Apêndice 4** – Variação lexical das lexias apresentadas por Corrêa (1980) que correspondem à investigação do ALSAM

| CONCEITO | QUESTÃO DO ALSAM | VARIANTES |
|---|---|---|
| Lugar destinado à lavoura onde a roça foi queimada e derrubada para fins de plantação | QSL 207 | *roça* e *roçado* |
| Outro nome dado à planta maniva | QSL 211 | *macaxeira* e *manicuera* |
| Palhoça ou tapiri onde se encontram todos os produtos necessários à fabricação dos produtos de mandioca | QSL 212 | *casa do forno*, *casa de farinha* e *cozinha de forno* |
| Recipiente onde se guarda a massa de mandioca | QSL 219 | *garera*, *gamela* e *masseira* |
| Cesto onde se carrega mandioca | QSL 249 | *caçuá, jamaxi, paneiro* e *uaturá* |
| Farinha fabricada com a mandioca mole por ter ficado três dias n'água para fermentação | QSL 215 | *Farinha d'água*, *farinha puba* e *farinha toco mole* |
| Beiju feito com massa de mandioca lavada, enrolado na folha da bananeira | QSL 084 | *beiju ladrão de café, beiju língua de vaca* e *beiju de massa lavada* |
| Linha de pesca com muitos anzóis colocados perpendicularmente ao curso de um rio ou de um igarapé | QSL 259 | *espinhel, espinhelão* e *estiradeira* |
| Instrumento de pesca usado para pegar quelônios | QSL 253 | *arpão, flecha* e *itapuá* |
| Peixe tostado externamente e quase cru no interior | QSL 092 | *assado, chamuscado, sabrecado, moqueado* e *moqueca* |
| Pequena embarcação típica da Amazônia | QFF 055 | *canoa, casco, montaria,igaraté* e *ubá* |
| Embarcação que serve de linha para transportar pessoas e mercadorias | QSL 261 | *motor, motor de linha* e *motor de recreio* |
| Fenômeno muito forte das águas do rio capaz de alagar embarcações | QSL 003 | *banzero* e *maresia* |
| Tufão de vento que faz a água ficar como um funil | QSL 006 | *remoinho* e *pororoca* |
| Perigoso remoinho causado pela diferença de nível nos leitos do rio | QSL 006 | *rebojo,remoinho d'água, remoinho de vento* e *pororoca* |
| Fato de o rio voltar ao seu leito normal, quando cessa a enchente | QSL 008 | *seca* e *vazante* |
| Medicina caseira para dor no estômago | QSL 103 | *chá de folha de capim cheiroso, chá de folha de savinha* e *chá de folha de erva-cidreira* |
| Plantas cujos galhos dispõem de grande prestígio nas benzeduras para tirar quebrando e espantar doenças | QSL 134 | *vassourinha, arruda* e *pião roxo* |
| Meio usado quando se deseja que uma visita se retire | QSL 137 | *sal no fogo* e *vassoura em pé atrás da porta* |
| Termos e expressões usados em lugar de "prisão-de-ventre" | QSL 193 | *entupido, empachado* e *vento causado* |
| Expressões usadas em lugar de "estar menstruada" | QSL 146 | *estar doente, estar de bode* e *estar incomodada* |
| Termo usado em lugar de "urinol" | QSL 125 | *bacio* e *penico* |

**Fonte:** Elaboração do autor a partir dos dados de Corrêa (1980) e dos questionários do ALSAM

**Apêndice 5** – Variação lexical apresentada no ALAM que corresponde à investigação do ALSAM

| QUESTÃO/CONCEITO/CARTA | VARIANTE PREDOMINANTE NO AMAZONAS | VARIANTES OBSERVADAS PELO ALAM NO SUL DO AMAZONAS |
|---|---|---|
| QSL 001 / Igarapé / 001 | Igarapé | *Igarapé, afluente, lagoa* e *lago* |
| QSL 014 / Vazante / 003 | Seca | *Seca* e *vazante* |
| QSL 047 / Raio / 009 | Raio | *Raio, corisco* e *faísca* |
| QSL 049 / Garoa / 010 | Chuvisco | *Sereno, garoa, chuva fraca/miúda/fina, chuvisco, neblina* e *neve* |
| QSL 051 / Orvalho / 012 | Sereno | *Sereno, orvalho* e *neblina* |
| QSL 052 / Nevoeiro / 013 | Neve | *Neve, neblina* e *cerração* |
| QSL 063 / Anteontem / 014 | Anteontem | *Anteaontem*, *antonte*, *antes de ontem* e *onteonte* |
| QSL 067 / João-de-barro / 016 | João-de-barro | *Maria-de-barro* |
| QSL 107 / Vitória-régia / 018 | Vitória-régia | *Vitória-régia* e *mururé* |
| QSL 110 / Cupuaçu / 019 | Cupuaçu | *cupuaçu* |
| QSL 113 / Seringueira / 020 | Seringa | *seringa* |
| QSL 118 / Pomo-de-adão / 022 | Gogó | *Gogó, garganta, maçã* e *goela* |
| QSL 122 / Rótula / 024 | Rótula | *Bolacha, rótula* e *bacia-do-joelho* |
| QSL 123 / Dente Canino / 025 | Presa | *Presa* |
| QSL 124 / Dente do siso / 026 | Dentiquero | *Dentiquero, queiro* e *queixal* |
| QSL 126 / Desdentado / 028 | Banguela | *Banguela, desdentado* e *sem dente* |
| QSL 127 / Fanhoso / 029 | Fanhoso | *Fanhoso* |
| QSL 129 / Vesgo / 031 | Zanoio | *Zanoio* e *vesgo* |
| QSL 135 / Manco / 036 | Aleijado | *Aleijado* e *Manqueja* |
| QSL 13 / Cambota / 037 | Cambota | *Cambota* e *perna torta* |
| QSL 137 / Axila / 038 | Sovaco | *Sovaco, axila* e *isquisila* |
| QSL 139 / Cunhantã / 040 | Garota | *Garota* |
| QSL 140 / Curumin / 041 | Garoto | *Garoto* |
| QSL 150 / Coruba / 042 | Coruba | *Coruba, ferida* e *pereba* |
| QSL 151 / Papeira / 043 | Papeira | *Papeira* e *caxumba* |
| QSL 153 / Mingau-de-caridade / 045 | Mingau/caldo-de-caridade | *Mingau/caldo-de-caridade* |
| QSL 156 / Moqueado / 047 | Mal-assado | *Mal-assado, moqueado* e *cru* |
| QSL 158 / Pé-de-moleque / 049 | Pé-de-moleque | *Pé-de-moleque* e *beiju-mole* |
| QSL 163 / Bêbado / 050 | Bebarrão/bêbado/ bebedor | *Pé-inchado, Bebarrão/bêbado/bebedor, cachaceiro* e *alcóolatra/alcóolico* |
| QSL 177 / Cumeeira / 058 | Cumeeira | *Cumeeira, teto* e *linha de cumeeira* |
| QSL 179 / Ferrolho / 059 | Fechadura | *Fechadura, chave* e *trancadura* |
| QSL 181 / Flutuante / 060 | Flutuante | *Flutuante, balsa* e *casa dos balseiros* |
| QSL 182 / Jirau / 061 | Jirau | *Jirau* |
| QSL 185 / Privada / 062 | Vaso | *Vaso, vazio, bacia* e *sanitário* |
| QSL 187 / Tapiri / 064 | Casa-de-palha | *Casa-de-palha* |
| QSL 190 / Sutiã / 066 | Sutiã | *Sutiã e corpete* |
| QSL 196 / Tipos de indícios de que vai receber dinheiro / 068 | Coçar a mão | *Coceira na mão, coçar a mão, sonhar com fogo* e *sonhar que está andando com dificuldade* |
| QSL 198 / Métodos caseiros para aliviar o soluço das crianças / 070 | Beber água | *Pano vermelho na testa, beber água, dar um susto* e *por tira vermelha na testa* |
| QSL 201 / Mau-olhado / 071 | Mau-olhado | *Invejoso(a), mau-olhado* e *olho-grande* |
| QSL 207 / Diabo / 072 | Diabo | *Satanás, diabo, cão* e *demônio* |
| QSL 213 / Filho mais novo / 073 | Caçula | *Caçula* e *mais novo* |
| QSL 215 / Prostituta / 074 | Prostituta | *Prostituta* |
| QSL 220 / cambalhota / 076 | Carambola | *Calambota* e *cangapé* |
| QSL 221 / Bolinha-de-gude / 077 | Peteca | *Peteca* |

| | | |
|---|---|---|
| QSL 222 / Estilingue / 078 | Baladeira | *Baladeira* e *balador* |
| QSL 224 / Cabra-cega / 079 | Pata-cega | *Pata-cega, caba/cabra-cega* e *queimado* |
| QSL 225 / Pira / 080 | Pira | *Pira* |
| QSL 229 / Macaca / 082 | Macaca | *Macaca* |
| QSL 232 / Acesa / 083 | Danada | *Danada, peralta, acesa* e *pervesa* |
| QSL 233 / Avexado / 084 | Avexado(a) / Vexado | *Apressado, avexado(a)/vexado* e *ocupada* |
| QSL 235 / Prisão de ventre / 085 | Entupido | *Entupido, impedido, ressecada* e *com prisão* |
| QSL 238 / Fuxiqueiro / 086 | Fofoqueiro | *Fofoqueiro, fuxiqueiro* e *encrenqueiro* |
| QSL 240 / Leso (a) / 088 | Leso | *Leso* e *abestado* |
| QSL 266 / Maniva / 092 | Batata | *Batata, mandioca, macaxeira* e *ariá* |
| QSL 271 / Caçuá / 094 | Paneiro | *Paneiro* |
| QSL 272 / Casa-de-farinha / 095 | Casa-de-farinha | *Casa-de-farinha* e *casa-de-forno* |
| QSL 273 / Chibé / 096 | Chibé | *Chibé, jacuba, pirão* e *apuba* |
| QSL 274 / Crueira / 097 | Crueira | *Crueira* e *ração* |
| QSL 277 / Farinha-d'água / 098 | Farinha-d'água | *Farinha puba /de massa puba* e *farinha d'água* |
| QSL 281 / Goma / 099 | Goma | *Goma* e *massa de macaxeira* |
| QSL 282 / Macaxeira / 100 | Macaxeira | *Macaxeira* |
| QSL 286 / Tapioca / 101 | Tapioca | *Tapioca* e *polvilho* |
| QSL 302 / Espinhel / 106 | Espinhel/espinhal/ espinhelão | *Espinhel/espinhal/espinhelão, groseira* e *esticadeira* |
| QSL 316 / Tipos de embarcação para transporte de mercadoria / 108 | Batelão | *Barco* e *batelão* |
| QSL 327 / Tipos de lança para captura de pescado / 109 | Zagaia | *Zagaia, flecha* e *arpão* |
| DER-QFF 034 / Grelha / 110 | Grelha | *Grelha* e *trempe* |
| DER-QFF 055 / Recreio / 112 | Recreio | *Recreio, motor* e *barco* |
| DER-QFF 069 / Coador / 113 | Coador | *Coador, passador* e *saco de coar café* |
| DER-QFF 146 / Afta / 114 | Afta | *Ferida (de boca), sapinho,boqueira(o)* e *afta* |
| DER-QFF 009, QSL 011, 035 / Alagação / 115 | Enchente | *Enchente* e *cheia* |
| DER-QFF 067, QSL 048 / Temporal / 116 | Temporal | *Chuva grossa/forte/grande/pesada, tempestade, temporal* e *trovoada* |
| DER-QSL 006, 009 / Correnteza / 118 | Correnteza | *Corredeira, correnteza, corrente* e *cachoeira* |
| DER-QSL 017, 018, 019, 044 / Tipos de canais fluviais navegáveis / 119 | Furo | *Furo, igarapé, varadouro, pique* e *atalho** |
| DER-QSL 056, 057, 058, 059, 060 / Tipos de estrela e constelações/ 123 | D'alva | *D'alva, sete-estrelas, matutina* e *três-marias** |
| DER-QSL 075, 077, 078, 082 / Peixes de couro da família *pimelodidae* / 124 | Surubim | *Surubim, pirarara, dourado, mandim, piraíba, jaú, pintado* e *peixe-lenha** |
| DER-QSL 075, 094 / Peixe de escamas da família *cichlidae* / 126 | Tucanaré | *Tucanaré** |
| DER-QSL 075, 076, 079, 092 / Outros peixes de escama / 127 | Pirarucu e Poraquê | *Poraquê, Pirarucu, curimatã* e *piau** |
| DER-QSL 081, 085, 093 / Piaba/ 128 | Piaba | *Branquinha* |
| DER-QSL 082, 084 / Mamíferos aquáticos / 129 | Boto-tucuxi | *Boto-tucuxi, boto-laranja* e *boto-vermelho** |
| DER-QSL 095, 097, 098, 099 / Quelônios aquáticos da família pelomedusidae, macho e fêmea/ 130 | Tracajá [f] | *Tartaruga [f], capitari [m], tracajá [f], iaçá [f], pitiú [m], tracajoa [f], pitiuá [m], pituí [f]** |
| DER-QSL 106 / Espécies de primatas da família *cebidae* / 132 | Macaco-prego | *Barrigudo, macaco-prego, suim* e *macaco-da-noite** |
| DER-QSL 106 / Espécies de primatas da família *pitheciidae* /133 | Acari | *Parauacu** |

| | | |
|---|---|---|
| DER-QSL 106 / Espécies de primatas da família *ateliidae* / 134 | Guariba | *Guariba* e *macaco-preto** |
| DER-QSL 147 / Remédios caseiros para dor no estômago / 136 | Chá de casca de laranja | *Chá de casca de laranja, chá de boldo e chá de saião** |
| DER-QSL 148 / Remédios caseiros para a gripe / 137 | Chá de limão | *Chá de limão, chá de vick, limão e mel de abelha e xarope com andiroba** |
| DER-QSL 199, 146 / Formas usadas contra quebranto / 139 | Reza(r)/mandar rezar | *Reza(r)/mandar rezar, arruda, vassourinha, chá* e *chá de hortelã** |
| DER-QSL 143, 144 / Árvores oleíferas / 142 | Andiroba | *Andiroba* e *copaíba** |
| DER-QSL 109, 111, 112 / Espécies de palmeiras / 143 | Pupunha | *Pupunha, tucumã* e *açaí** |
| DER-QSL 280, 320 / Gamela / 146 | Garera | *Garera, gamela, coxo, caixa* |
| DER-QSL 296, 308, 311 / Tipos de redes de pesca / 147 | Malhadeira | *Malhadeira, rede de lanço/de lança/de lancear, rede* e *nalho** |
| DER-QSL 318, 291 / Casco / 148 | Canoa | *Canoa, casco* e *estrado* |

**Fonte:** Elaboração do autor a partir dos dados do ALAM (CRUZ, 2004)

**Apêndice 6** – Estruturação do questionário fonético-fonológico do ALSAM

| VARIÁVEL / CONTEXTO | | CONCEITO | QUESTÕES |
|---|---|---|---|
| **Vogal média anterior pretônica /e/** | Com tônica baixa e média baixa (aberta) | estragada, desmaio, melhor, queimar, real, reais, esmola, esmalte, desbotada, esburacada, esfriar, desfilar, desdentado, devagar, remédio, remando, aniversário | 11, 16, 19, 26, 27, 28, 43,48, 49, 50, 52, 53, 54, 102, 104, 110, 112 |
| | Com tônica média alta (fechada) | depois, pescoço, esgoto, tesoura, presente, professora, desrespeito, diretora, prateleira, senhor | 5, 12, 15, 17, 18, 36, 51, 58, 107, 125 |
| | Antecedendo /S/ em coda silábica e em início de vocábulo | estragada, esgoto, espinha, esmola, esmalte, esburacada, esfriar | 11, 12,14, 43, 49, 50, 52 |
| | Com tônica alta | bebida, mentira, espinha, perfume, perdido, desligo, vestido, medicina, | 4, 7, 14, 20, 21, 47, 60, 105 |
| | Com tônica fonologicamente nasal | educação, presente, remando, feijão | 6, 18, 110, 117 |
| | Com nasalidade fonológica | Mentira | 7 |
| | Em des-, prefixo ou não | desmaio, desligo, desbotada, desrespeito, desfilar, desdentado | 16, 47, 48, 51, 53, 54 |
| **Vogal média posterior pretônica /o/** | Com tônica baixa e média baixa (aberta) | tomate, boneca, obrigado, coração, desbotada, chorão, comadre, soldado, advogado, contar | 3, 13, 33, 38, 48, 66, 68, 82, 97, 116 |
| | Com tônica média alta (fechada) | conheço, comer, professora, inocente, morreu, coador, orelha, joelho | 34, 35, 36, 37, 39, 40, 65, 67 |
| | Com tônica alta | proibido, canoinha, bonito, assobio, gordura, dormindo, mosquito | 42, 56, 69, 77, 108,109, 115 |
| | Em hiato | coador, canoinha, joelho | 40, 56, 67 |
| | Com tônica fonologicamente nasal | inocente, chorão, coração, dormindo | 37, 38, 66, 109 |
| | Com nasalidade fonológica | contar | 116 |
| | Em posição inicial de vocábulo | obrigado, orelha | 33, 65 |
| **Vogal posterior tônica /o/** | Vogal alta na mesma sílaba | depois, tesoura, doido, roupa, ouro, noite, andou, falou | 5, 17, 46, 62, 63, 118, 120 |
| | Vogal alta em sílabas adjacentes | diretora, Santo Antônio, liquidificador, idoso | 32, 58, 88, 114, 124 |
| | Em sílaba final de vocábulo | depois, melhor, coador, liquidificador, falou, andou, senhor | 5, 19, 40, 114, 118, 120, 125, |
| | Em outros contextos | esgoto, pescoço, boto, professora, esmola, proa, popa, canoa, caboclo, pamonha, arroz, poça, fósforo, poste, contar | 12, 15, 31, 36, 43, 44, 45, 55, 57, 59, 61, 64, 70, 71, 116 |
| **Vogal média postônica medial** | - | árvore, fósforo | 29, 70 |
| **Vogal nasalizada** | Antecedendo consoante nasal em ataque silábico | banana, tomate, boneca, espinha, botinho, conheço, comer, inocente, canoa, canoinha, pamonha, comadre, bonito,fumaça, união, família, amanhã, Santo Antônio, remédio, aniversário, senhor | 2, 3, 13, 14, 32, 34, 35, 37, 55, 56, 59, 68, 69, 75, 76, 84, 87, 88, 104, 112, 125 |
| **Vogal média tônica (timbre)** | - | pego, fecha, grelha, poça | 23, 24, 25, 64 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| **Vogal epentética** | - | advogado, pneu, afta | 97, 98, 99 |
| **Ditongo /ej/** | Antecedendo tepe | madeira, prateleira | 1, 107 |
| | Antecedendo fricativa alveopalatal | peixe, feijão | 10, 117 |
| | Nos demais contextos | manteiga, teia, leite, queimar, desrespeito | 8,9, 22, 26, 51 |
| **Ditongo /ow/** | Em posição medial | tesoura, roupa, ouro | 17, 62, 63, |
| | Em posição final | andou, falou | 118, 120 |
| **Ditongo /aj/** | - | caixa, baixo | 122, 123 |
| **Ditongo /uj/** | - | Muito | 7 |
| **Ditongos nasais** | - | educação, virgem, chorão, união, cantaram | 6, 30, 38, 76, 106 |
| **Hiatos** | - | coador, proa, canoa, ruim | 40, 44, 55, 80 |
| **Encontro vocálico final –io** | - | desmaio, assobio, Santo Antônio, frio, remédio, aniversário | 16, 77, 88, 96, 104, 112 |
| **Encontros Consonantais** | - | presente, grelha, obrigado, professora, proibido, proa, esfriar, caboclo, comadre, Brasil, plantar, prato, vidro, braço, três, clara, cravo, frio, prateleira, livro | 18, 25, 33, 36, 42, 44, 52, 57, 68, 81, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 107, 113 |
| **Dígrafo qu** | Antecedendo [i] | liquidificador | 114 |
| **/R/ forte** | Inicial | real, reais, roupa, ruim, rato, remédio, remando, rasgar | 27, 28, 62, 80, 103, 104, 110, 111 |
| | Medial e intervocálico | morreu, desrespeito, arroz | 39, 51, 61 |
| **/R/ em coda silábica** | Medial | perfume, perdido, árvore, virgem, gordura, dormindo, aniversário | 20, 21, 29, 30, 108, 109, 112 |
| | Final | melhor, queimar, comer, coador, esfriar, desfilar, mulher, plantar, devagar, rasgar, liquidificador, contar, senhor | 19, 26, 35, 40, 52, 52, 83, 89, 102, 111, 114, 116, 125 |
| **Lateral alveolar** | Em coda silábica | real, esmalte, azul, Brasil, soldado, sal | 27, 49, 72, 81, 82, 86 |
| | Antecedento [i, j] | desligo, família, livro, liquidificador, palito | 47, 84, 113, 114, 119 |
| **Lateral Palatal** | Em sílaba tônica | melhor, mulher | 19, 83 |
| | Em sílaba átona | grelha, orelha, joelho | 25, 65, 67 |
| **/S/ em coda silábica** | Antecedendo oclusivas | estragada, esgoto, espinha, pescoço, desbotada, esburacada, desdentado, caspa, rasgar, mosquito | 11, 12, 14, 15, 48, 50, 54, 100, 111, 115 |
| | Antecedendo fricativas | desrespeito, esfriar, desfila, fósforo | 51, 52, 53, 70 |
| | Antecedendo nasais | desmaio, mesma, esmola, esmalte | 16, 41, 43, 49 |
| | Antecedendo laterais | Desligo | 47 |
| | Antecedendo africadas | vestido, poste, castigo | 60, 71, 85 |
| | Em final de vocábulo (parte da raiz) | arroz, giz, luz, paz, três | 61, 73, 74, 79, 93, |
| | Em final de vocábulo (morfema de plural) | reais | 28 |
| **Nasal alveolar** | Antecedendo [i,j] | bonito, união, Santo Antônio, aniversário, | 69, 76, 88, 112 |
| **Nasal palatal** | Sucedendo [i] tônico | espinha, botinho, canoinha | 14, 32, 56 |
| | Demais contextos | conheço, pamonha, amanhã, senhor | 34, 59, 87, 125 |
| **Oclusivas alveolares** | Antecedendo [i] | tomate, mentira, presente, perdido, leite, botinho, inocente, esmalte, diretora, vestido, poste, castigo, | 3, 7, 18, 21, 22, 32, 37, 49, 58, 60, 71, 85, 104, 105, |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | remédio, medicina, liquidificador | 114 |
| **Grupo –nd** | - | andando, dormindo, remando | 101, 109, 110 |
| **Proparoxítonas** | - | árvore, fósforo | 29, 70 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

## **Apêndice 7** – Estruturação do questionário semântico-lexical do ALSAM

| ÁREA SEMÂNTICA | SUBÁREA | QUESTÕES DO ALSAM | NÚMERO DE QUESTÕES DO ALAM |
|---|---|---|---|
| MEIO FÍSICO | Terra e Água | **12 questões**: igarapé, boca, banzeiro, igapó, correnteza, enchente, vazante, balceiro, várzea, terra-firme, furo | 11 |
| | Fenômenos Atmosféricos | **13 questões**: relâmpago, raio, trovão, temporal, sereno, arco-íris, garoa, cerração, pôr-do-sol, estrela cadente, estrelas, ontem, anteontem | 12 |
| MEIO BIÓTICO | Fauna (Aves) | **7 questões**: beija-flor, joão-de-barro, galinha, capote, nambu, papagaio, arara | 6 |
| | Fauna (Peixes) | **9 questões**: pirarucu, pacu, piaba, boto-tucuxi, boto-rosa, tambaqui, poraqué, tucunará, (a)cari | 8 |
| | Fauna (Quelônios e Mamíferos | **9 questões**: tartaruga, capitari, tracajá, pitiú, tabuleiro, jabuti, macacos, caititu, mucura | 6 |
| | Fauna (Insetos) | **4 questões**: carapanã, tucandeira, saúva, jiquitaia | - |
| | Flora | **11 questões**: vitória-régia, cupuaçu, tucumã, pupunha, piquiá, seringueira, castanheira, sumaumeira, buritizeiro, cajá, carrapicho | 6 |
| MEIO ANTRÓPICO | Homem: Características físicas | **17 questões**: gogó, seios, calcanhar, patela, presas, dente queiro, banguela, fanhoso, vesgo, terçol, soluço, canhoto, direito manco, cambota, sovaco, útero | 15 |
| | Alimentação e Cozinha | **17 questões**: tapioca, pé-de-moleque, quebra-queixo, biscoito, bolacha, canjica, mungunzá, picadinho, caldo de caridade, moqueado, peixe seco, pirão, tacacá, bombom, dindim, cachaça, gorgulho | 7 |
| | Saúde e Medicina Caseira | **9 questões**: andiroba, copaíba, rezar, remédios para dor no estômago, remédios para anemia, lambedor, coruba, impingem, papeira | 6 |
| | Habitação | **17 questões**: tapiri, caibro, cumeeira, barrote/esteio, ferrolho, tramela, flutuante, jirau, trapiche, benjamin, rabicho, cabide, cruzeta, prendedor, testeira, pote, vaso sanitário | 10 |
| | Vestuário e Acessórios | **5 questões**: sutiã, noda, grampo, travessa, cocó | 1 |
| | Crenças, Superstições e Lendas | **15 questões**: a criança ficar de cabeça pra baixo, coceira na mão, colocar papel vermelho na testa, galho de arruda, mau-olhado, pôe-mesa, vassoura atrás da porta, varrer o pé, rezadeira, diabo, outras designações para diabo, macumba, assombração, curupira, encosto | 10 |
| | Relações Sociais (Ciclos de Vida) | **12 questões**: menstruação, grávida, ganhou nenê, parteira, mãe-de-leite, resguado, caçula, finado, madrasta, juntos, menino, menina | 8 |
| | Relações sociais (Convívio e Comportamento Social) | **22 questões**: tagarela, burro, negro, mulato, caboclo, ribeirinho, gringo, corno, prostituta, velhaco, mão-de-vaca, murro, bêbado, outras designações para bêbado, homessexual, outras | - |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | designações para homossexual, afobado, danado, puxa-saco, carão, cocorote, gasguita | |
| | Relações sociais (Festas e Divertimentos) | **11 questões**: cambalhota, peteca, baladeira, escondido, cabra-cega, gangorra, balanço, macaca, pira, papagaio, porrinha | 9 |
| | Expressões Populares | **6 questões**: acesa, avexado, entupido, fuxiqueiro, masseta, lesa | 5 |
| | Vida Urbana | **10 questões**: sinal, quebra-mola, calçada, terreno, bola, estancar, taberna, a retalho, bico, rancho | - |
| | Atividade de Produção (Agricultura) | **29 questões**: roçado, praia, mandioca, macaxeira, maniva, casa-de-farinha, crueira, escaldo, farinha d´água, farinha-branca, fornada, forno, gamela, goma, peneira, prensa, tangerina, banana-nanica, banana-prata, banana-maçã, banana-comprida, outros tipos de banana, cacho, palma, espiga, sabugo, mão, vagem, jirimum | 12 |
| | Atividade de Produção (Pecuária) | **8 questões**: garrote, boi, barrão, novilha, bacurim, leitão, ordenhar, maromba | - |
| | Atividade de Produção (Extrativismo) | **8 questões**: pegar, açaí, peconha, debulhar, castanha, paneiro/jamaxi, juntar, quebrar | - |
| | Atividade de Produção (Caça e Pesca) | **8 questões**: anzol, arpão, rede/arrastão, bóia, malhadeira, pescaria de caniço, tarrafa, espinhel | 7 |
| | Transporte Fluvial | **5 questões**: balsa, recreio/batelão, motor de polpa, prancha, quilha | 4 |
| **TOTAL DE QUESTÕES** | | **264** | 143 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

**Apêndice 8** – Informações gerais sobre os informantes do ALSAM

| PONTO | CÓDIGO | SEXO | IDADE | ESC. | PROFISSÃO | RENDA FAMILIAR -(salário mínimo) | DATA DE REALIZAÇÃO DO INQUÉRITO |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **1 Boca do Acre** | MA01 | F | 36 | 3 | Aux. serviços gerais | 2 | 03/11/2015 |
| | MA02 | F | 56 | 5 | Agricultora | 1 | 04/11/2015 |
| | MB01 | F | 28 | 12 | Aux. serviços gerais | 1 | 04/11/2015 |
| | MB02 | F | 64 | 13 | Professora | 2 | 05/11/2015 |
| | HA01 | M | 29 | 4 | Diarista | Não sabe | 06/11/2015 |
| | HA02 | M | 50 | 4 | Pescador | 3 | 05/11/2015 |
| | HB01 | M | 26 | 13 | Estudante | 1 | 04/11/2015 |
| | HB02 | M | 55 | 12 | Assessor parlamentar | 3 | 05/11/2015 |
| **2 Lábrea** | MA01 | F | 29 | 7 | Agricultora | 1,5 | 11/09/2014 |
| | MA02 | F | 58 | 6 | Agricultora | 1 | 21/10/2015 |
| | MB01 | F | 21 | 12 | Estudante | 1 | 11/09/2014 |
| | MB02 | F | 49 | 11 | Aux. serviços gerais | 3 | 15/09/2014 |
| | HA01 | M | 29 | 7 | Estudante | 1 | 11/09/2014 |
| | HA02 | M | 61 | 5 | Agricultor | 1 | 11/09/2014 |
| | HB01 | M | 19 | 13 | Estudante | 1 | 12/09/2014 |
| | HB02 | M | 54 | 12 | Bancário | 3 | 22/10/2015 |
| **3 Tapauá** | MA01 | F | 33 | 6 | Agricultora | 1 | 24/09/2015 |
| | MA02 | F | 51 | 4 | Comerciante | 1 | 25/09/2015 |
| | MB01 | F | 21 | 13 | Estudante | 2 | 23/09/2015 |
| | MB02 | F | 56 | 12 | Comerciante/Líder religiosa | 2 | 25/09/2015 |
| | HA01 | M | 30 | 5 | Mototaxista | 1 | 24/09/2015 |
| | HA02 | M | 58 | 6 | Vigia | 1 | 23/09/2015 |
| | HB01 | M | 26 | 13 | Ass. Administrativo | 3 | 22/09/2015 |
| | HB02 | M | 56 | 12 | Téc. Administrativo | 2 | 23/09/2015 |
| **4 Humaitá** | MA01 | F | 22 | 7 | Aux. serviços gerais | 2 | 28/11/2014 |
| | MA02 | F | 56 | 4 | Do lar | 2 | 29/11/2014 |
| | MB01 | F | 20 | 13 | Do lar | 3 | 27/11/2014 |
| | MB02 | F | 62 | 10 | Ass.Adm (Aposentada) | 2 | 26/11/2014 |
| | HA01 | M | 36 | 6 | Garimpeiro | 4 | 28/11/2014 |
| | HA02 | M | 61 | 5 | Pedreiro/Carpinteiro /Comerciante | 3 | 29/11/2014 |
| | HB01 | M | 20 | 13 | Estudante | 2 | 25/11/2014 |
| | HB02 | M | 53 | 13 | Inst. Hidráulico | 2 | 26/11/2014 |
| **5 Manicoré** | MA01 | F | 36 | 4 | Ajudante de cozinha | 1 | 09/10/2015 |
| | MA02 | F | 74 | 5 | Do lar | 3 | 12/10/2015 |
| | MB01 | F | 31 | 12 | Recepcionista | 1 | 09/10/2015 |
| | MB02 | F | 54 | 10 | Comerciante | 2 | 12/10/2015 |
| | HA01 | M | 20 | 7 | Estudante | 0,5 | 09/10/2015 |
| | HA02 | M | 49 | 7 | Motorista | 1,5 | 10/10/2015 |
| | HB01 | M | 25 | 12 | Vigilante / Serviços gerais | 2 | 09/10/2015 |
| | HB02 | M | 63 | 13 | Professor(aposentado) | 6 | 11/10/2015 |
| **6 Borba** | MA01 | F | 23 | 7 | Estudante | 1 | 05/10/2015 |
| | MA02 | F | 66 | 3 | Aux. serviços gerais (aposentada) | 3 | 05/10/2015 |
| | MB01 | F | 21 | 12 | Do lar | 2 | 30/09/2015 |
| | MB02 | F | 52 | 11 | Merendeira | 2 | 06/10/2015 |
| | HA01 | M | 33 | 7 | Mototaxista | 2 | 05/10/2015 |
| | HA02 | M | 55 | 3 | Vigia/Mototaxista | 1 | 01/10/2015 |
| | HB01 | M | 21 | 12 | Mototaxista | 1 | 02/10/2015 |
| | HB02 | M | 57 | 12 | Encanador | 4 | 06/10/2015 |

**Fonte:** Elaboração do autor.

**Apêndice 9** – Informações gerais sobre o banco de dados do ALSAM

| PONTO | INFORMANTE | ARQUIVO | DURAÇÃO | TRASCRITOR | DATA | REVISOR | DATA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 BOCA DO ACRE | HA01 | 54 | 01:51:29 | PRISCILA | 01/12/2015 | EDSON | 19/03/2016 |
| | HA02 | 52 | 01:22:10 | PRISCILA | 02/12/2015 | EDSON | 23/03/2016 |
| | HB01 | 49 | 01:36:23 | DAYSE | 09/02/2016 | EDSON | 07/04/2016 |
| | HB02 | 51 | 01:26:00 | DAYSE | 20/04/2016 | EDSON | 13/05/2016 |
| | MA01 | 46,47 | 00:40:07<br>01:15:43 | DAYSE | 18/03/2016 | EDSON | 16/04/2016 |
| | MA02 | 50 | 01:15:16 | DAYSE | 11/01/2016 | EDSON | 30/04/2016 |
| | MB01 | 48 | 01:32:56 | PRISCILA | 04/01/2016 | EDSON | 29/05/2016 |
| | MB02 | 53 | 01:23:01 | PRISCILA | 18/01/2012 | EDSON | 07/06/2016 |
| 2 LÁBREA | HA01 | 01 | 02:24:50 | PRISCILA | 04/04/2016 | EDSON | 15/06/2016 |
| | HA02 | 02 | 03:19:55 | PRISCILA | 12/04/2016 | EDSON | 27/06/2016 |
| | HB01 | 03 | 02:48:49 | PRISCILA | 26/04/2016 | EDSON | 05/07/2016 |
| | HB02 | 45 | 02:00:56 | PRISCILA | 06/05/2016 | EDSON | 01/08/2016 |
| | MA01 | 04 | 02:17:05 | PRISCILA | 17/05/2016 | EDSON | 14/08/2016 |
| | MA02 | 44 | 01:28:45 | PRISCILA | 02/06/2016 | EDSON | 27/08/2016 |
| | MB01 | 05,06 | 00:13:35<br>02:56:39 | PRISCILA | 27/06/2016 | EDSON | 11/09/2016 |
| | MB02 | 07 | 03:53:26 | PRISCILA | 17/06/2016 | EDSON | 20/09/2016 |
| 3 TAPAUÁ | HA01 | 21 | 02:00:00 | DAYSE | 25/04/2016 | EDSON | 28/09/2016 |
| | HA02 | 20 | 01:59:20 | DAYSE | 02/05/2016 | EDSON | 04/10/2016 |
| | HB01 | 16 | 01:50:36 | DAYSE | 06/05/2016 | EDSON | 15/10/2016 |
| | HB02 | 17,18 | 00:01:56<br>02:09:36 | DAYSE | 13/05/2016 | EDSON | 24/10/2016 |
| | MA01 | 22,23 | 00:22:44<br>01:49:59 | DAYSE | 06/06/2016 | EDSON | 02/11/2016 |
| | MA02 | 25 | 01:35:44 | DAYSE | 13/06/2016 | EDSON | 17/11/2016 |
| | MB01 | 19 | 01:56:21 | DAYSE | 17/06/2016 | EDSON | 28/11/2016 |
| | MB02 | 24 | 01:10:29 | DAYSE | 24/06/2016 | EDSON | 06/12/2016 |
| 4 HUMAITÁ | HA01 | 13 | 01:43:34 | PRISCILA | 14/01/2016 | EDSON | 14/12/2016 |
| | HA02 | 15 | 02:18:17 | PRISCILA | 02/02/2016 | EDSON | 21/12/2016 |
| | HB01 | 08 | 02:26:53 | PRISCILA | 09/02/2016 | EDSON | 18/01/2017 |
| | HB02 | 11 | 01:53:29 | PRISCILA | 17/02/2016 | EDSON | 26/01/2017 |
| | MA01 | 12 | 02:30:29 | PRISCILA | 05/03/2016 | EDSON | 06/02/2017 |
| | MA02 | 14 | 02:05:29 | PRISCILA | 02/03/2016 | EDSON | 17/02/2017 |
| | MB01 | 09 | 02:44:52 | PRISCILA | 18/03/2016 | EDSON | 27/02/2017 |
| | MB02 | 10 | 02:25:50 | PRISCILA | 28/03/2016 | EDSON | 03/03/2017 |
| 5 MANICORÉ | HA01 | 38 | 01:51:25 | DAYSE | 10/03/2016 | EDSON | 19/03/2017 |
| | HA02 | 39 | 01:18:40 | MARIANA | 19/02/2016 | EDSON | 31/03/2017 |
| | HB01 | 35 | 01:41:38 | DAYSE | 24/05/2016 | EDSON | 10/04/2017 |
| | HB02 | 40 | 01:15:08 | PRISCILA | 21/05/2016 | EDSON | 17/04/2017 |
| | MA01 | 36 | 01:48:21 | MARIANA | 18/04/2016 | EDSON | 29/04/2017 |
| | MA02 | 41,42 | 01:05:37<br>00:18:35 | MARIANA | 28/05/2016 | EDSON | 07/05/2017 |
| | MB01 | 37 | 01:28:38 | DAYSE | 31/05/2016 | EDSON | 16/05/2017 |
| | MB02 | 43 | 01:10:28 | PRISCILA | 02/05/2016 | EDSON | 24/05/2017 |
| 6 BORBA | HA01 | 30 | 01:58:41 | DAYSE | 05/11/2015 | EDSON | 10/11/2015 |
| | HA02 | 27 | 02:24:55 | MARIANA | 30/11/2015 | EDSON | 27/01/2016 |
| | HB01 | 28 | 01:51:22 | PRISCILA | 23/05/2016 | EDSON | 08/02/2017 |
| | HB02 | 33 | 01:44:33 | DAYSE | 23/11/2015 | EDSON | 11/01/2015 |
| | MA01 | 31,32 | 00:31:30<br>00:41:40 | PRISCILA | 16/11/2015 | EDSON | 30/11/2015 |
| | MA02 | 29 | 02:13:18 | PRISCILA | 21/11/2015 | EDSON | 15/12/2015 |
| | MB01 | 26 | 01:51:32 | PRISCILA | 26/11/2015 | EDSON | 12/02/2016 |
| | MB02 | 34 | 01:57:43 | DAYSE | 15/12/2015 | EDSON | 01/03/2016 |

**Fonte:** Elaboração do autor

EDSON GALVAO MAIA

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE – ALSAM

## (VOLUME II)

## CARTAS FONÉTICAS

Londrina - PR
2018

EDSON GALVÃO MAIA

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE – ALSAM

## (VOLUME II)

### CARTAS FONÉTICAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina - PR
2018

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE



**SUMÁRIO**

**Volume II**

APRESENTAÇÃO.....04
QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – QFF.....07
NOTAÇÃO FONÉTICA.....17
APRESENTAÇÃO DAS CARTAS FONÉTICAS E SÍNTESE .....20
LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS .....27
CARTAS INTRODUTÓRIAS .....38
CARTAS FONÉTICAS.....43
CARTAS-SÍNTESE .....143

## APRESENTAÇÃO

O Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM, elaborado como tese de doutoramento junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina – UEL, apresenta uma descrição do português falado na mesorregião do Sul Amazonense, em alguns de seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. A pesquisa, realizada de acordo com o método geolinguístico, se inscreve na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, abordando as seguintes dimensões da variação:

- *Dimensão diatópica*: A rede de pontos constitui-se de seis localidades, selecionadas de acordo com critérios geográficos, históricos, socioeconômicos e culturais: Boca do Acre (Ponto 1), Lábrea (Ponto 2), Tapauá (Ponto 3), Humaitá (Ponto 4), Manicoré (Ponto 5) e Borba (ponto 6);
- *Dimensão diassexual*: Entrevistaram-se 24 informantes do sexo masculino e 24 informantes do sexo feminino;
- *Dimensão diageracional*: Entrevistaram-se 24 informantes da faixa etária de 20 a 35 anos e 24 informantes da faixa etária de 50 a 65 anos;
- *Dimensão diastrática*: Entrevistaram-se 24 informantes com 4 a 7 anos de escolaridade e 24 informantes com 10 a 13 anos de escolaridade.

Caracterizam o perfil dos informantes da pesquisa a naturalidade (deles, dos pais e cônjuges) nas localidades investigadas e a pouca mobilidade espacial e social.

Os questionários, elaborados com base no *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* e no *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, apresentam ainda questões voltadas para a realidade local e constituem-se de 389 questões. O Questionário Semântico-lexical (QSL) contém 264 perguntas em três grandes áreas semânticas: (i) Meio Físico (Terra e águas e fenômenos atmosféricos; (ii) Meio Biótico (Fauna e Flora), (iii) Meio Antrópico (Características físicas, Alimentação e Cozinha, Saúde e Medicina Caseira, Habitação, Vestuário e Acessórios, Crenças, Superstições e Lendas, Relações Sociais, Expressões Populares, Vida Urbana,

Atividade de Produção e Transporte fluvial). O Questionário Fonético-fonológico (QFF) contém 125 perguntas e investiga a realização das vogais médias pretônicas, dos ditongos, do /R/ forte, do /R/ e do /S/ em coda silábica, da nasal palatal, da lateral antes de vogal [i], da lateral palatal, das oclusivas alveolares /d/ e /t/ antes de [i], entre outras variáveis dependentes fonéticas (Cf. Questionários nesse volume)

As entrevistas foram realizadas *in loco* pelo pesquisador e foram gravadas com o auxílio de um gravador de voz em formato MP3, formando um banco de dados de cerca de 100 horas de gravação, nas quais se encontram não só as respostas aos questionários, mas também alguns minutos de conversa semidirigida com cada informante, para utiilização em pesquisas posteriores. Todas as entrevistas foram transcritas grafematicamente. As variantes investigadas foram também transcritas foneticamente de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional – IPA com algumas adaptações (Cf. Notação fonética, neste volume).

O resultado desta pesquisa é um conjunto de 644 mapas, sendo 4 cartas introdutórias, 400 cartas semântico-lexicais, 190 cartas fonéticas e 50 cartas-síntese fonéticas. Essa versão completa (estendida) encontra-se gravada em CD. Neste volume II, apresentam-se impressas 100 cartas fonéticas e 50 cartas-sínteses que reúnem respostas a questões que exploram a mesma variável dependente fonética. No volume III, apresentam-se impressas 285 cartas semântico-lexicais.

As cartas foram elaboradas no *Software* para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – SGVCLin por meio da carta-base organizada pelo pesquisador e elaborada pelo profissional em cartografia, Alan Alves Alievi, tendo por fonte a base cartográfica contínua do Brasil (IBGE, 2015) e por sistema de referência o SIRGAS 2000. O programa permite a geração de cartas diatópicas (que consideram apenas a variável localidade) e cartas pluridimensionais (que consideram outras variáveis sociais, além da variável localidade), conforme se segue:

- *Cartas diatópicas*: Apresentam o título do atlas em caixa alta acima (ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE), o número e o título da carta logo abaixo. Dentro do mapa, encontram-se, em cada ponto de inquérito, um gráfico em formato de pizza que indica a frequência de cada variante. Fora do mapa, na área à direta, observa-se a legenda das variantes e um

gráfico com a frequência geral de ocorrências dessas variantes na mesorregião (cf. Apresentação das cartas fonéticas e cartas-síntese).

- *Cartas pluridimensionais*: Apresentam configurações idênticas às das cartas diatópicas, porém, dentro do mapa, em cada ponto, são apresentados dois gráficos, um para cada fator da variável social considerada. Se a carta refere-se à variável *sexo*, observa-se um gráfico para homens e outro para mulheres em cada ponto de inquérito. Se a carta considerar duas variáveis, além da localidade, observam-se, agora, quatro gráficos em cada ponto. Por exemplo, caso a carta considere as variáveis *sexo* e *idade*, estão dispostos em cada ponto um gráfico para mulheres mais jovens, um para mulheres mais idosas, um para homens mais jovens e um para homens mais idosos. A indicação dos gráficos pertencentes a cada grupo encontra-se logo abaixo da legenda (cf. Apresentação das cartas semântico-lexicais, volume III).

Para a elaboração das cartas semântico-lexicais privilegiaram-se as variáveis sociais, ao passo que para a confecção das cartas fonéticas privilegiram-se as variáveis linguísticas.

No anverso das cartas, é possível observar o título da carta, a(s) questão(ões) utilizada(s) para a sua confecção, os casos em que o informante não soube responder a questão e/ou em que ocorreram problemas técnicos, outras respostas, não presentes na legenda da carta, exemplos das variantes na transcrição, principalmente explicações diatópicas, diastráticas, diageracionais e diassexuais dos informantes sobre as variantes, entre outras informações.

Ainda no anverso, os informantes estão identificados por um código que representa os grupos em que se inserem. A primeira letra é formada pelo sexo (H para homens, M para mulheres), a segunda pela escolaridade (A para menos escolarizados, B para mais escolarizados) e o número para a faixa etária (01 para mais jovens, 02 para mais idosos). Dessa forma, o informante MA01 trata-se de informante mulher, menos escolarizada e mais jovem, por exemplo.

A seguir, apresentam-se o questionário fonético-fonológico utilizado na pesquisa; a notação fonética utilizada para a transcrição dos dados; a apresentação das cartas fonéticas e síntese, para facilitação da leitura; e as cartas fonéticas e cartas-síntese, que revelam as particularidades fonéticas do falar sul amazonense.

## QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO - QFF

**001. MADEIRA**

O pau-rosa é muito comercializado por causa de sua _____. Isso é feito de quê? (Apontar para algo de madeira, se houver)

**002. BANANA**

Qual o nome que se dá à fruta que o macaco gosta de comer?

**003. TOMATE**

Qual o nome daquele fruto que é todo vermelho, com muitas sementes, que é bom para se comer com salada?

**004. BEBIDA**

Aquilo que se come é chamado de comida, o que se bebe é chamado de quê?

**005. DEPOIS**

O que eu não faço agora posso fazer _____.

**006. EDUCAÇÃO**

Quando uma pessoa recebe um presente e não agradece, dizemos que ela não tem _____.

**007. MENTIRA**

O contrário de verdade é _____.

**008. MANTEIGA**

É muito bom tomar um café, com pão e _____

**009. TEIA**

Aquilo que a aranha faz nas paredes se chama _____

**010. PEIXE**

Pirarucu é o nome de um _____

**011. ESTRAGADA**

Uma comida que não está boa, que está ruim, que a pessoa comeu e fez mal, é porque estava _____.

**012. ESGOTO**

Qual o nome que se dá ao canal onde se joga o lixo, a água suja?

**013. BONECA**

Como se chama o brinquedo que as meninas mais gostam?

**014. ESPINHA**

Como se chama aquela coisa fina que todo peixe tem dentro dele e que é perigoso se engolirmos? Aquilo que se deve escolher com muito cuidado antes de comer o peixe?

**015. PESCOÇO**

Como se chama isto aqui? (apontar)

**016. DESMAIO**

Se eu me sinto mal e perco os sentidos eu _____

**017. TESOURA**

Corto minhas unhas com uma _____

**018. PRESENTE**

O que costumamos dar para uma pessoa quando faz aniversário?

**019. MELHOR**

O contrário de pior é _____.

**020. PERFUME**

Como se chama aquele líquido que principalmente a mulher gosta de passar no corpo para ficar cheirosa?

**021. PERDIDO**

Um avião que cai no meio do mato e não se consegue achar, é um avião que está _____

**022. LEITE**

Como se chama a bebida com que todo o neném se alimenta quando nasce?

**023. PEGO**

Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você diz: o ladrão foi _____ pela polícia.

**024. FECHA**

Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, _____ a porta.

**025. GRELHA**

Qual o nome daquela grade pequena de metal ou de ferro, que se coloca em cima do fogão para assar carne, peixe, etc.?

**026. QUEIMAR**

Se deixarmos a comida muito tempo no fogo, ela pode _____

**027. REAL**

Qual nossa maior moeda? (mostrar uma moeda de R$ 1,00)

**028. REAIS**

E qual a nossa menor nota (mostrar uma nota de R$ 2,00)

**029. ÁRVORE**

O que é que dá sombra nas ruas, no campo, para o gado nos pastos?

Ou como se chama aquilo? (Apontar, se houver)

**030. VIRGEM**

Qual o nome que se dá a uma garota que nunca teve relações sexuais? Que nunca se relacionou intimamente com um homem? Ela é _____

**031. BOTO**

Nome que se dá ao golfinho da água de rio?

**032. BOTINHO**

Qual o nome que se dá aos golfinhos dos rios? Aqueles que são bem pequenos?

**033. OBRIGADO**

Quando se quer agradecer a alguém, se diz : _____.

**034. CONHEÇO**

Se tu conheces Fulana, eu também_____.

**035. COMER**

Quando temos muita fome, temos vontade de_____.

**036. PROFESSORA**

Uma mulher que dá aula é chamada de _____.

**037. INOCENTE**

Quem não é culpado é _____.

**038. CHORÃO**

Um menino que chora muito, é um menino _____.

**039. MORREU**

Quem não está mais vivo é porque já _____.

**040. COADOR**

Como se chama ao saco para coar o café?

**041. MESMA**

Quando uma pessoa usa uma roupa num dia, e no dia seguinte ela não tem outra roupa ou ela não quer usar, então ela usa a...

**042. PROIBIDO**

O que não é permitido é _____.

**043. ESMOLA**

O que os mendigos pedem na rua para sobreviver?

**044. PROA**

Como se chama a parte da frente de um barco?

**045. POPA**

E a parte de traz?

**046. DOIDO**

Alguém que não é bom da cabeça é _____. (Mímica)

**047. DESLIGO / DESLIGADA**

Quando eu saio do quarto e quero economizar energia, o que faço com a lâmpada / A lâmpada (a televisão) que não está ligada, está...? (Representar)

**048. DESBOTADA**

Quando uma roupa fica velha e perde a cor eu digo que ela está...?

**049. ESMALTE**

As mulheres que querem ter as unhas bonitas pintam suas unhas com o quê? (Mostrar o objeto)

**050. ESBURACADA**

Uma rua da cidade que possui muitos buracos é uma rua...?

**051. DESREIPEITO**

O contrário de respeito é.../ A falta de respeito é um...? Falta de honestidade chama-se desonestidade e falta de respeito chama-se _____.

**052. ESFRIAR**

Quando o café está muito quente e eu quero beber, o que preciso fazer? / Se você deixa o café quente na xícara por muito tempo, o que vai acontecer com ele?

**053. DESFILAR / DESFILE**

Quando tem um concurso para escolher a moça mais bonita em um festejo da cidade, o que essas moças precisam fazer? / Como se chama quando as escolas, a polícia, ou o exército saem pela rua marchando no dia 7 de setembro? / (Escolas de samba na TV)

**054. DESDENTADO**

Como se chama alguém que não possui dentes?

**055. CANOA**

Como se chama aquela embarcação feita de um tronco de árvore?

**056. CANOINHA**

Quando ela é pequena, é uma _____.

**057. CABOCLO**

Como se chama a mistura de branco com índio?

**058. DIRETORA**

Quem dirige uma escola é a _____.

**059. PAMONHA**

Qual o nome da comida que se faz com o milho verde maduro, que se tira a palha e rala num ralo? Que se põe açúcar, sal, castanha ou coco, erva doce?

**060. VESTIDO**

Qual é o tipo de roupa feminina que numa peça só tem blusa e saia, formando um todo? (Mostrar uma foto de um vestido)

**061. ARROZ**

Aquilo que se come no almoço ou no jantar, uns grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?

**062. ROUPA**

As lavadeiras gostam de lavar _____.

**063. OURO**

O nome daquele metal amarelo, muito valioso, com que se pode fazer anel, brinco, colar, pulseira, etc., é _____.

**064. POÇA**

Aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada, é uma _____.

**065. ORELHA**

O nome disto é _____. (Apontar)

**066. CORAÇÃO**

Quando é que uma pessoa morre de verdade? Que órgão tem que parar para que a pessoa morra? (Apontar)

**067. JOELHO**

O nome disto é _____? (Apontar)

**068. COMADRE**

A mulher que batiza um filho seu é sua _____?

**069. BONITO**

O contrário de feio é _____

**070. FÓSFORO**

Aquilo que se usa para acender o fogo? (Mímica)

**071. POSTE**

Nas ruas da cidade, como se chama aquele mastro onde ficam as lâmpadas públicas? (Se tiver um por perto mostrar ou mostrar a foto de um poste)

**72. AZUL**

Qual a cor do céu quando está sol?

**073. GIZ**

Qual o nome daquela barrinha branca, usada pela professora na escola, para escrever no quadro negro?

**074. LUZ**

Quando está escuro é porque faltou o quê?

**075. FUMAÇA**

Aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, carvão e, em uma fábrica, sai pela chaminé? O cigarro também faz.

**076. UNIÃO**

Para vencer uma luta, resolver um problema, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê?

**077. ASSOBIO**

Como se chama isto? (Assoviar)

**078. MUITO**

O contrário de pouco é _____?

**079. PAZ**

Se a pessoa não quer ser incomodada, ela diz: Me deixa em _____.

**080. RUIM**

Uma comida pode estar boa ou _____.

**081. BRASIL**

Qual o nome do nosso país?

**082. SOLDADO**

O indivíduo que entra no exército e vai para a guerra defender o seu país, é um _____.

**083. MULHER**

O contrário de homem é _____.

**084. FAMÍLIA**

Pai, mãe e filhos, juntos, formam uma _____.

**085. CASTIGAR / CASTIGO**

Quando uma criança faz algo errado o que os pais costumam fazer com elas para ensinar a não fazer novamente? / Uma criança fez algo errado e eu digo: "Menino, se você não parar com isso eu vou te colocar de..."?

**086. SAL**

Como se chama aquele pó branco, que se usa para temperar uma carne _____.

**087. AMANHÃ**

Um serviço que não deu para acabar hoje, eu deixo para acabar _____?

**088. SANTO ANTONIO**

Como se chama aquele santo casamenteiro que se festeja no dia 13 de junho?

**089. PLANTAR**

Para se ter flores no jardim, o que a pessoa precisa fazer com a semente da flor?

**090. PRATO**

Como se chama aquela coisa redonda, em que costumamos comer com talheres? Geralmente fica sobre a mesa quando vamos comer.

**091. VIDRO**

De que material são feitas as janelas dos carros, das casas?

**092. BRAÇO**

Como se chama isto? (Apontar)

**093. TRÊS**

Depois de dois vem o número _____.

**094. CLARA**

No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?

**095. CRAVO**

Dizem que as mulheres devem receber rosas. Aos homens costuma-se dar um _____. Aquela flor branca, que geralmente os homens usam na lapela do paletó?

**096. FRIO**

No inverno, precisamos usar casacos porque faz muito _____.

**097. ADVOGADO**

Como se chama aquele homem que a gente pode contratar para defender a gente lá nos tribunais, na Justiça?

**098. PNEU**

Como se chama aquilo que o carro tem: preto, de borracha, redondo, se passar por um prego, fura e esvazia, daí, tem que parar o carro e trocar?

**099. AFTA**

Como se chama aquilo que aparece na boca das pessoas, aqui dentro (Apontar), que dói e incomoda?

**100. CASPA**

... aquela coisinha branca, que dá na cabeça da pessoa, às vezes, causa umas feridinhas e quando a pessoa se penteia, geralmente cai nos ombros, na roupa?

**101. ANDANDO**

Quando a pessoa não está parada, está _____. (Mímica)

**102. DEVAGAR**

Quem não anda depressa, anda _____.

**103. RATO**

Como se chama o bichinho que o gato persegue?

**104. REMÉDIO**

Quando ficamos doentes, vamos ao médico para que ele nos dê o quê? Um _____.

**105. MEDICINA**

Para uma pessoa ser advogada, ela deve ter feito o curso superior de Direito. Como se chama o curso superior que um médico deve fazer, para poder atender a gente, saber passar remédios, etc.?

**106. CANTARAM**

Eu cantei bem, mas vocês também _____.

**107. PRATELEIRA**

Como se chamam as superfícies planas que ficam nas paredes ou nos armários e servem para guardar objetos?

**108. GORDURA**

Uma carne não é magra quando ela tem muita _____?

**109. DORMINDO**

Quando eu não estou acordado eu estou _____?

**110. REMANDO**

Eu posso andar de canoa com motor, mas eu também posso andar de canoa _____?

**111. RASGAR**

Fazer isso com o papel (mímica) é o quê?

**112. ANIVERSÁRIO**

Quando chega o dia do ano em que eu nasci, eu estou fazendo _____?

**113. LIVRO**

Como se chama aquilo que usamos na escola e em casa para ler?

**114. LIQUIDIFICADOR**

E aquele eletrodoméstico que serve para triturar alimentos, fazer suco?

**115. MOSQUITO**

Como é que a gente pode pegar malária ou dengue?

**116. CONTAR**

Quando alguém quer revelar um segredo, esse alguém procura uma pessoa para _____?

**117. FEIJÃO**

Como se chama aquela semente que comemos cozida e acompanhada de arroz?

**118. FALOU**

Complete. Eu falei bem de você, mas ela não _____?

**119. PALITO**

Qual o nome do objeto que serve para tirar sujeira dos dentes após as refeições?

**120. ANDOU**

Complete. Eu andei, nós andamos, ele _____?

**121. NOITE**

Quando está claro é dia. E quando está escuro?

**122. CAIXA**

Quando se compra uma televisão, ela vem dentro do quê?

**123. BAIXO**

Alguém que não é alto é _____?

**124. IDOSO**

Qual nome se dá a um homem mais velho?

**125. SENHOR**

Quando eu vou me referir a esse homem idoso eu o chamo de _____?

## NOTAÇÃO FONÉTICA

CONSOANTES

[p] oclusiva bilabial surda

[b] oclusiva bilabial sonora

[t] oclusiva alveolar surda

[d] oclusiva alveolar sonora

[k] oclusiva velar surda

[g] oclusiva velar sonora

[m] nasal bilabial sonora

[n] nasal alveolar sonora

[ɲ] nasal palatal sonora

[r] vibrante alveolar sonora

[ɾ] tepe alveolar sonoro

[f] fricativa labiodental surda

[v] fricativa labiodental sonora

[s] fricativa alveolar surda

[z] fricativa alveolar sonora

[ʃ] fricativa alveopalatal surda

[ʒ] fricativa alveopalatal sonora

[h] fricativa glotal surda

[ɦ] fricativa glotal sonora

[l] lateral alveolar sonora

[ʎ] lateral palatal sonora

[tʃ] africada alveopalatal surda

[dʒ] africada alveopalatal sonora

VOGAIS

[a] central baixa

[ə] central meio-aberta (átona final)

[ɛ] anterior média baixa (aberta)

[e] anterior média alta (fechada)

[i] anterior alta

[ɪ] anterior entre [i] e [e] (átona)

[ɔ] posterior média baixa (aberta)

[o] posterior média alta (fechada)

[u] posterior alta

[ʊ] posterior entre [u] e [o] (átona final)

SEMIVOGAIS

[j] semivogal anterior

[w] semivogal posterior

DIACRÍTICOS

(ˈ ) antecedendo a sílaba, indica acento tônico primário

( ˌ) antecedendo a sílaba, indica acento tônico secundário

( ˜ ) sobrescrito indica nasalização da vogal

( ʲ ) sucedendo o segmento consonantal, indica palatalização

## APRESENTAÇÃO DAS CARTAS FONÉTICAS E SÍNTESE

O ALSAM possui duas versões, uma mais sucinta, apresentada nesta tese, que contém 439 cartas, e uma versão estendida, em CD, com 644 cartas. As cartas linguísticas estão distribuídas conforme o Quadro 1:

**Quadro 1** – Número de cartas Linguísticas do ALSAM

| ALSAM | VERSÃO IMPRESSA (TESE) | VERSÃO CD |
|---|---|---|
| Cartas Introdutórias | 04 | 04 |
| Cartas Semântico-lexicais | 285 | 400 |
| Cartas Fonéticas | 100 | 190 |
| Cartas-síntese Fonéticas | 50 | 50 |
| TOTAL DE CARTAS | 439 | 644 |

**Fonte:** Elaboração do autor

A seleção das cartas linguísticas impressas para esta tese levou em consideração os fenômenos que se apresentaram mais significativamente para a descrição do falar sul amazonense, bem como as variáveis dependentes que têm se mostrado produtivas em outras pesquisas para a descrição dos falares brasileiros. Por seu turno, a versão estendida, apresentada em CD, compreende todas as cartas linguísticas geradas de conceitos que apresentaram variação significativa, tanto do ponto de vista diatópico, quanto do ponto de vista diastrático. Não foram cartografados conceitos que não apresentaram variação ou apresentaram variação pouco significativa.

A variação fonética está abordada nas 100 cartas fonéticas (190 na versão em CD) com resultados individuais por

conceito e nas 50 cartas-síntese que reúnem os resultados para questões por variáveis linguísticas.

Além das questões do QFF foram utilizadas 5 questões do QSL que apresentaram significativa variação fonética para a confecção de cartas fonéticas: QSL 024 – *ontem*, QSL 075 – *terçol*, QSL 076 – *soluço*, QSL 089 – *mungunzá*, QSL 246 – *peconha*; além de outras utilizadas para a cofecção das cartas-síntese relacionadas ao ditongo nasal final / ẽj /, ao /S/ em coda silábica e ao /l/ antes de vogal [i].

As cartas fonéticas foram confecionadas e organizadas considerando sempre o conceito da questão do QFF, que, por sua vez, poderia gerar mais de uma carta. A primeira carta de um conceito sempre apresenta todas as variantes fonéticas surgidas e traz na legenda a trasncriçãocompleta da palavra. A partir da segunda carta, os fenômenos fonéticos são apresentados separadamente. Assim, por exemplo, o conceito *espinha* gerou cinco cartas fonéticas: a carta F014 – *Espinha* mostra todas as 11 variantes encontradas, transcritas completamente; as cartas F014a – *Espinha – Vogal média anterior pretônica*, F014b – Espinha - /S/ em coda silábica e F014c – Espinha – Nasal palatal demonstram, respectivamente, em separado, cada um desses fenômenos fonéticos observados no conceito.

Quanto ao título das cartas, optou-se por manter, para as cartas fonéticas, os conceitos das questões do QFF e, em alguns casos, o fenômeno observado na carta. Já a numeração foi realizada considerando a natureza da carta. Nessa caso, as cartas fonéticas foram marcadas pela letra F, enquanto as cartas-síntese receberam a marcação da letra S, para indicar sua natureza, e, a partir de então, foram numeradas iniciando pelo número 001. As letras minúsculas (a,b,c...) foram usadas após o número quando mais de uma carta foi gerada a partir da mesma questão (do mesmo conceito) ou, no caso, das cartas-síntese, quando foram analisados mais de um contexto de uma variável. Logo, a carta *F045a – Desbotada – Vogal média anterior pretônica* é uma carta de natureza fonética (F), foi o 45º conceito cartografado (045) e demonstra as variantes da primeira variável observada, a vogal pretônica /e/ (a). Por sua vez, a carta *S001 – Vogal média pretônica em vocábulos com vogal tônica alta* é uma carta que reúne mais de uma questão do QFF, ou seja, tem a natureza de síntese (S), foi a primeira variável cartografada (001) e considera o contexto de tonicidade e altura da vogal, ao considerar apenas os vocábulos com com tônica alta, terceiro contexto

analisado (c).

As variáveis sociais, conforme se constata por meio da análise feita no pacote estatístico GoldVarb X para alguns fenômenos fonéticos, e apresentada na seção 4.2 do volume I, mostraram-se pouco significativas no que se refere à variação fonética. Por essa razão e também pelo tamanho do atlas, que já possuía um grande número de cartas, optou-se por cartografar os dados das variáveis sociais apenas no âmbito semântico-lexical, priorizando as variáveis linguísticas para o campo fonético-fonológico. Dessa forma, as cartas-síntese se organizam conforme o Quadro 2:

**Quadro 2** – Cartas-síntese fonéticas do ALSAM

| N° da carta | Variável fonética | Questões |
|---|---|---|
| S001 a S001f | Vogal média anterior pretônica | QFF: 004, 005, 006, 007, 011, 012, 014, 015, 016, 017, 018, 019, 020, 021, 026, 027, 028, 036, 043, 047, 048, 049, 050, 051, 052, 053, 054, 058, 060, 102, 104, 105, 107, 110, 112, 117, 125 |
| S002 a S002f | Vogal média posterior pretônica | QFF: 003, 013, 032, 033, 034, 035, 036, 037, 038, 039, 040, 042, 048, 056, 065, 066, 067, 068, 069, 077, 082, 097, 108, 109, 115, 116 |
| S003 | Vogal média posterior postônica medial | QFF: 029, 070 |
| S004 | Vogal nasalizada por consoante nasal em ataque silábico | QFF: 002, 003, 013, 014, 020, 032, 034, 035, 037, 055, 056, 059, 068, 069, 075, 076, 084, 087, 089, 104, 112, 125 |
| S005 | Vogal média tônica (timbre) | QFF: 023, 024, 025, 064 |
| S006 | Vogal epentética | QFF: 097, 098, 099 |
| S007 a S007c | Ditongo decrescente oral /ej/ | QFF: 001, 008, 009, 010, 022, 026, 051, 107, 117 |
| S008 a S008b | Ditongo decrescente oral /ow/ | QFF: 017, 062, 063, 118, 120 |
| S009 | Ditongo decrescente oral /aj/ | QFF: 122, 123 |
| S010 | Ditongo crescente oral final /jʊ/ | QFF: 088, 104, 112 |

| | | |
|---|---|---|
| S011 | Ditongo nasal final /ẽj/ | QFF: 030<br>QSL: 024 |
| S012 | Hiato em posição medial de vocábulo | QFF: 040, 080 |
| S013 a S013b | /R/ em coda silábica | QFF: 019, 020, 021,026, 029, 030, 035, 040, 052, 053, 083, 089, 102, 108, 109, 111, 112, 114, 116, 125 |
| 014 a 014d | Lateral precedendo vogal anterior alta [i] | QFF: 047, 113, 114, 119; QSL: 028 |
| 015 a 015g | /S/ em coda silábica | QFF: 011, 012, 014, 015, 016, 028, 041, 043, 047, 048, 049, 050, 051, 052, 053, 054, 060, 061, 070, 071, 073, 074, 079, 085, 093, 100, 111, 115;<br>QSL: 018, 022, 061, 067, 074, 086, 112b, 146, 151, 154, 166, 183, 202, 214, 231, 248, 254, 259 |
| 016 a 016b | Nasal palatal | QFF: 014, 032, 034, 056, 059, 087, 125; QSL: 246 |
| 017 | Grupo consonantal /Nd/ (gerúndio) | QFF: 101, 109, 110 |
| 018 | Proparoxítonas | QFF: 029, 070 |

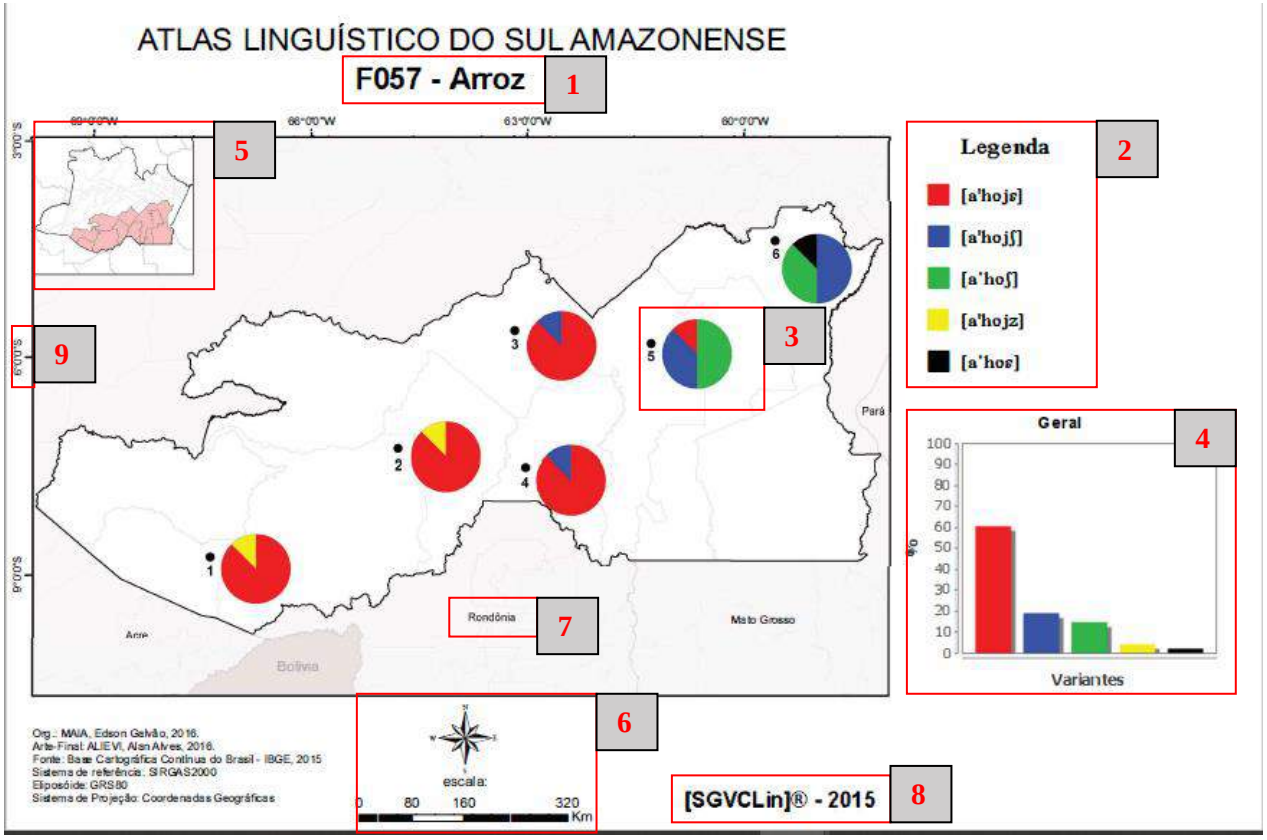
**Fonte:** Elaboração do autor

Por meio dessas cartas e de algumas outras que, apesar de expor resultados fonéticos de apenas uma questão, representam uma variável fonética diferente das apresentadas no Quadro, apresenta-se uma visão geral do falar sul amazonense, em seu aspecto fonético, nos âmbitos do vocalismo e do consonantismo.

No nível fonético-fonológico não foram elaboradas cartas bidimensionais ou pluridimensionais[1], pois não foram consideradas as variáveis sociais na cartografia. A seguir são apresentados os elementos que se podem observar nas cartas diatópicas, geradas a partir do *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (SGVCLin)*:

[11] Para esses tipos de carta, cf. “Apresentação das cartas semântico-lexicais”, no volume III desta tese.

**Figura 1** – Apresentação das cartas diatópicas



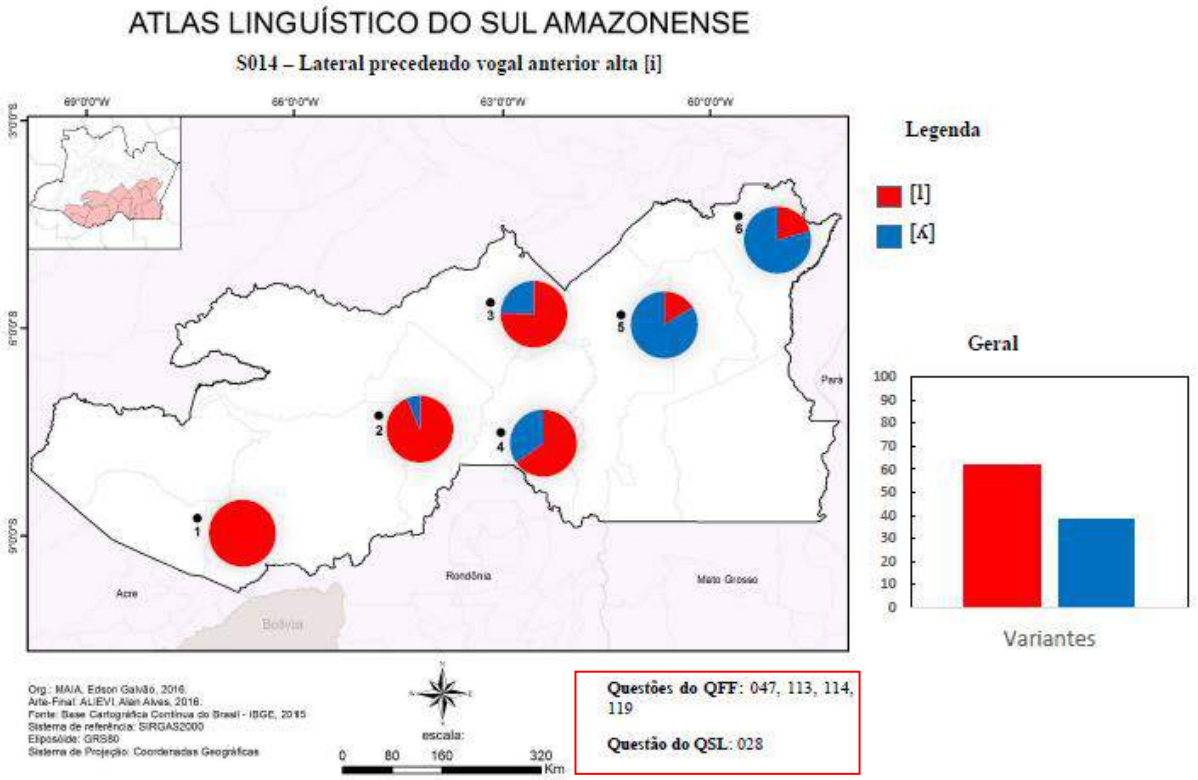

**Fonte:** Elaboração do autor

A figura 1 mostra uma carta diatópica e contém, de acordo com a numeração na figura:

1. Número e título da carta;
2. Legenda das variantes encontradas;
3. Gráfico estilo pizza com a variação por ponto de inquérito;
4. Gráfico Geral das variantes encontradas;
5. Indicação da localização da área investigada no Amazonas;
6. Orientação, escala e indicação das fontes da base cartográfiica;
7. Limites geográficos;
8. Logotipo do programa computacional que gerou a carta;
9. Indicação das coordenadas geográficas.

O SGVCLin não gera cartas-síntese, sendo necessário, portanto, elaborá-las manualmente. Calculou-se, assim, a frequência dos dados agrupados e elaboraram-se os gráficos com auxílio do programa *Excel*. Em seguida, por meio do programa computacional *Word*, dispuseram-se os gráficos na mesma base cartográfica utilizada para o SGVCLin. Nesse sentido, esse tipo de carta traz as mesmas informações das demais cartas diatópicas. A diferença é que traz, na parte inferior do mapa, a indicação das questões que deram origem à sua elaboração, conforme exemplo a seguir.

**Figura 2** – Exemplo de carta-síntese fonética




**Fonte:** Elaboração do autor.

Outras informações, além das dispostas no mapa, sâo apresentadas no verso da carta anterior, conforme especificado na apresentação deste volume.

## LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS

### (Introdutórias)

| N º | Título | Natureza | Disponibilidade (Formato) |
|---|---|---|---|
| I001 | Localização da Mesorregião Sul Amazonense | Introdutória | Impressa e CD |
| I002 | Rede Hidrográfica da Mesorregião Sul Amazonense | Introdutória | Impressa e CD |
| I003 | Rede de pontos | Introdutória | Impressa e CD |
| | Carta-base | Introdutória | Impressa e CD |

### (Fonéticas)

| N º | Título | Natureza | Disponibilidade (Formato) |
|---|---|---|---|
| F001 | Madeira | Fonética | Impressa e CD |
| F002 | Banana | Fonética | Impressa e CD |
| F003 | Tomate | Fonética | Impressa e CD |
| F004 | Bebida | Fonética | Impressa e CD |
| F005 | Depois | Fonética | CD |
| F006 | Educação | Fonética | Impressa e CD |
| F007 | Mentira | Fonética | CD |
| F008 | Manteiga | Fonética | CD |
| F009 | Teia | Fonética | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| F010 | Peixe | Fonética | Impressa e CD |
| F011 | Estragada | Fonética | CD |
| F012 | Esgoto | Fonética | Impressa e CD |
| F013 | Boneca | Fonética | CD |
| F014 | Espinha | Fonética | Impressa e CD |
| F014a | Espinha – Vogal média anterior pretônica | Fonética | Impressa e CD |
| F014b | Espinha – /S/ em coda silábica | Fonética | Impressa e CD |
| F014c | Espinha – Nasal palatal | Fonética | Impressa e CD |
| F015 | Pescoço | Fonética | CD |
| F016 | Desmaio(a)/ Desmaiou | Fonética | CD |
| F016a | Desmaio(a) / Desmaiou - /S/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F017 | Tesoura | Fonética | Impressa e CD |
| F018 | Presente | Fonética | Impressa e CD |
| F019 | Melhor | Fonética | Impressa e CD |
| F020 | Perfume | Fonética | CD |
| F020a | Perfume – Vogal média anterior pretônica | Fonética | CD |
| F020b | Perfume – Vogal nasalizada por consoante nasal da sílaba seguinte | Fonética | CD |
| F021 | Perdido | Fonética | CD |
| F022 | Pego | Fonética | CD |
| F022a | Pego – Timbre da vogal /e/ | Fonética | CD |
| F023 | Feche (a) | Fonética | Impressa e CD |
| F023a | Feche(a) – Timbre da vogal /e/ e Ditongação | Fonética | Impressa e CD |
| F024 | Grelha | Fonética | Impressa e CD |
| F024a | Grelha – Timbre da vogal /e/ | Fonética | Impressa e CD |
| F025 | Queimar | Fonética | CD |
| F026 | Real | Fonética | Impressa e CD |
| F027 | Reais | Fonética | CD |
| F028 | Árvore(s) | Fonética | CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| F028a | Árvore(s) – /R/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F028b | Árvore(s) – Vogal média posterior postônica | Fonética | CD |
| F028c | Árvore(s) – Número de sílabas e acento tônico | Fonética | CD |
| F029 | Virgem | Fonética | Impressa e CD |
| F030 | Botinho | Fonética | Impressa e CD |
| F031 | Obrigado(a) | Fonética | CD |
| F032 | Conheço | Fonética | Impressa e CD |
| F033 | Comer | Fonética | CD |
| F033a | Comer – Vogal média posterior pretônica e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte | Fonética | CD |
| F034 | Professora | Fonética | CD |
| F035 | Inocente | Fonética | Impressa e CD |
| F035a | Inocente – Vogal média posterior pretônica e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte | Fonética | Impressa e CD |
| F036 | Chorão | Fonética | CD |
| F037 | Coador | Fonética | Impressa e CD |
| F037a | Coador – Vogal média posterior pretônica / semivogal posterior | Fonética | Impressa e CD |
| F038 | Morreu | Fonética | CD |
| F039 | Mesma | Fonética | Impressa e CD |
| F040 | Proibido | Fonética | CD |
| F041 | Esmola | Fonética | CD |
| F041a | Esmola – Vogal média anterior pretônica | Fonética | CD |
| F041b | Esmola - /S/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F042 | Proa | Fonética | Impressa e CD |
| F043 | Popa | Fonética | CD |
| F044 | Desligada / Desligar | Fonética | Impressa e CD |
| F044a | Desligada / Desligar – Vogal média anterior pretônica | Fonética | Impressa e CD |
| F044b | Desligada / Desligar – /S/ em coda silábica | Fonética | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| F044c | Desligada / Desligar – Lateral antecedendo vogal anterior alta [i] | Fonética | Impressa e CD |
| F045 | Desbotada | Fonética | Impressa e CD |
| F045a | Desbotada – Vogal média anterior pretônica | Fonética | Impressa e CD |
| F045b | Desbotada – /S/ em coda silábica | Fonética | Impressa e CD |
| F045c | Desbotada – Vogal média posterior pretônica | Fonética | Impressa e CD |
| F046 | Esmalte | Fonética | CD |
| F046a | Esmalte – Vogal média anterior pretônica | Fonética | CD |
| F046b | Esmalte - /S/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F047 | Esburacada | Fonética | CD |
| F047a | Esburacada – Vogal média anterior pretônica | Fonética | CD |
| F047b | Esburacada - /S/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F048 | Desrespeito | Fonética | Impressa e CD |
| F048a | Desrespeito – Vogal média anterior pretônica (primeira sílaba) | Fonética | Impressa e CD |
| F048b | Desrespeito – /S/ em coda silábica (primeira sílaba) | Fonética | Impressa e CD |
| F049 | Esfriar | Fonética | CD |
| F049a | Esfriar – Vogal média anterior pretônica | Fonética | CD |
| F049b | Esfriar - /S/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F050 | Desfilar / Desfila(e) | Fonética | CD |
| F050a | Desfilar / Desfila(e) – Vogal média anterior pretônica | Fonética | CD |
| F050b | Desfilar / Desfila(e) – /S/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F051 | Desdentado(a) | Fonética | CD |
| F051a | Desdentado(a) – Vogal média anterior pretônica (primeira sílaba) | Fonética | CD |
| F051b | Desdentado(a) – /S/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F052 | Canoa | Fonética | CD |
| F053 | Canoinha | Fonética | CD |
| F053a | Canoinha – Vogal nasalizada por consoante nasal da sílaba seguinte | Fonética | CD |
| F053b | Canoinha – Nasal palatal | Fonética | CD |
| F054 | Caboclo(a) | Fonética | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| F055 | Pamonha | Fonética | Impressa e CD |
| F055a | Pamonha – Vogal baixa pretônica /a/ e nasalização por vogal nasal da sílaba seguinte | Fonética | Impressa e CD |
| F055b | Pamonha – Vogal posterior tônica e nasalização por vogal nasal da sílaba seguinte | Fonética | Impressa e CD |
| F055c | Pamonha – Nasal palatal | Fonética | Impressa e CD |
| F056 | Vestido | Fonética | CD |
| F057 | Arroz | Fonética | Impressa e CD |
| F058 | Roupa(s) | Fonética | CD |
| F058a | Roupa(s) – Vogal posterior tônica e monotongação de /ow/ | Fonética | CD |
| F059 | Ouro | Fonética | CD |
| F060 | Poça | Fonética | Impressa e CD |
| F061 | Orelha | Fonética | Impressa e CD |
| F062 | Coração | Fonética | CD |
| F063 | Joelho | Fonética | CD |
| F064 | Comadre | Fonética | Impressa e CD |
| F064a | Comadre – Vogal média posterior pretônica e nasalização por consoante nasal da sílaba | Fonética | Impressa e CD |
| F064b | Comadre – Encontro consonantal /dɾ/ | Fonética | Impressa e CD |
| F065 | Bonito | Fonética | Impressa e CD |
| F066 | Fósforo | Fonética | Impressa e CD |
| F066a | Fósforo – Vogal média posterior postônica (segunda sílaba) | Fonética | Impressa e CD |
| F066b | Fósforo – Número de sílabas e acento tônico | Fonética | Impressa e CD |
| F067 | Poste | Fonética | Impressa e CD |
| F068 | Azul | Fonética | CD |
| F069 | Giz | Fonética | CD |
| F070 | Luz | Fonética | Impressa e CD |
| F071 | Fumaça | Fonética | CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| F072 | União | Fonética | CD |
| F072a | União – Vogal nasalizada por consoante nasal da sílaba seguinte | Fonética | CD |
| F072b | União – Vogal nasalizada por vogal nasal tônica da sílaba seguinte | Fonética | CD |
| F073 | Assobio / Assobiar | Fonética | Impressa e CD |
| F073a | Assobio / Assobiar – Vogal baixa pretônica /a/ | Fonética | Impressa e CD |
| F073b | Assobio / Assobiar – Vogal média posterior pretônica | Fonética | Impressa e CD |
| F073c | Assobio / Assobiar – Consoante da terceira sílaba (/b/ ou /v/) | Fonética | Impressa e CD |
| F074 | Muito | Fonética | Impressa e CD |
| F075 | Paz | Fonética | CD |
| F076 | Ruim | Fonética | Impressa e CD |
| F077 | Soldado | Fonética | Impressa e CD |
| F078 | Mulher | Fonética | Impressa e CD |
| F079 | Família | Fonética | CD |
| F080 | Castigo | Fonética | Impressa e CD |
| F081 | Amanhã | Fonética | Impressa e CD |
| F082 | Santo Antônio | Fonética | CD |
| F082a | Santo Antônio – Nasal antecedendo vogal anterior alta [i] | Fonética | CD |
| F082b | Santo Antônio – Ditongo /jo/ | Fonética | CD |
| F083 | Plantar | Fonética | Impressa e CD |
| F084 | Vidro | Fonética | Impressa e CD |
| F085 | Três | Fonética | CD |
| F086 | Advogado | Fonética | CD |
| F086a | Advogado – Vogal baixa pretônica /a/ | Fonética | CD |
| F086b | Advogado – Vogal epentética | Fonética | CD |
| F086c | Advogado – Vogal média posterior pretônica | Fonética | CD |
| F087 | Pneu | Fonética | Impressa e CD |
| F088 | Caspa | Fonética | CD |
| F089 | Andando | Fonética | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| F090 | Devagar | Fonética | CD |
| F091 | Remédio | Fonética | CD |
| F092 | Medicina | Fonética | CD |
| F093 | Cantaram | Fonética | Impressa e CD |
| F094 | Prateleira | Fonética | Impressa e CD |
| F094a | Prateleira – Encontro consonantal /pɾ/ | Fonética | Impressa e CD |
| F094b | Prateleira – Vogal média anterior pretônica | Fonética | Impressa e CD |
| F094c | Prateleira – Ditongo /ej/ | Fonética | Impressa e CD |
| F095 | Gordura | Fonética | Impressa e CD |
| F096 | Dormindo | Fonética | CD |
| F097 | Remando | Fonética | CD |
| F097a | Remando – Vogal média anterior pretônica e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte | Fonética | CD |
| F097b | Remando – Grupo -nd (gerúndio) | Fonética | CD |
| F098 | Rasgar | Fonética | CD |
| F098a | Rasgar - /S/ em coda silábica | Fonética | CD |
| F099 | Aniversário | Fonética | Impressa e CD |
| F099a | Aniversário – Vogal baixa pretônica /a/ e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte | Fonética | Impressa e CD |
| F099b | Aniversário – Vogal média anterior pretônica | Fonética | Impressa e CD |
| F099c | Aniversário – R/ em coda silábica | Fonética | Impressa e CD |
| F099d | Aniversário – Ditongo /jo/ | Fonética | Impressa e CD |
| F100 | Livro | Fonética | Impressa e CD |
| F101 | Liquidificador | Fonética | Impressa e CD |
| F101a | Liquidificador – Lateral antecedendo vogal anterior alta [i] | Fonética | Impressa e CD |
| F101b | Liquidificador – Dígrafo qu- | Fonética | Impressa e CD |
| F102 | Mosquito | Fonética | Impressa e CD |
| F103 | Contar | Fonética | CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| F104 | Feijão | Fonética | CD |
| F105 | Falou | Fonética | Impressa e CD |
| F106 | Palito | Fonética | Impressa e CD |
| F107 | Andou | Fonética | CD |
| F108 | Caixa | Fonética | Impressa e CD |
| F109 | Baixo | Fonética | CD |
| F110 | Senhor | Fonética | CD |
| F110a | Senhor – Vogal média anterior pretônica e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte | Fonética | CD |
| F110b | Senhor – Nasal palatal | Fonética | CD |
| F111 | Ontem | Fonética | CD |
| F112 | Terçol | Fonética | Impressa e CD |
| F113 | Soluço | Fonética | Impressa e CD |
| F114 | Mungunzá | Fonética | Impressa e CD |
| F114a | Mungunzá – Vogal alta posterior pretônica e nasalização (primeira sílaba) | Fonética | Impressa e CD |
| F114b | Mungunzá – Vogal alta posterior pretônica e nasalização (segunda sílaba) | Fonética | Impressa e CD |
| F114c | Mungunzá – Oclusiva velar (segunda sílaba) | Fonética | Impressa e CD |
| F115 | Peconha | Fonética | Impressa e CD |
| F115a | Peconha – Vogal média anterior pretônica | Fonética | Impressa e CD |
| F115b | Peconha – Vogal posterior tônica | Fonética | Impressa e CD |
| F115c | Peconha – Nasal palatal | Fonética | Impressa e CD |

**(Sínteses)**

| N º | Título | Natureza | Disponibilidade (Formato) |
|---|---|---|---|
| S001 | Vogal média anterior pretônica | Síntese | Impressa e CD |
| S001a | Vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica baixa ou média baixa (aberta) | Síntese | Impressa e CD |
| S001b | Vogal média anterior pretônica em vocábulos com tônica média alta (fechada) | Síntese | Impressa e CD |
| S001c | Vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta | Síntese | Impressa e CD |
| S001d | Vogal média anterior pretônica precedendo /S/ em coda silábica | Síntese | Impressa e CD |
| S001e | Vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica fonologicamente nasal | Síntese | Impressa e CD |
| S001f | Vogal média anterior pretônica em –des, prefixo ou não | Síntese | Impressa e CD |
| S002 | Vogal média posterior pretônica | Síntese | Impressa e CD |
| S002a | Vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica baixa ou média baixa (aberta) | Síntese | Impressa e CD |
| S002b | Vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica média alta (fechada) | Síntese | Impressa e CD |
| S002c | Vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta | Síntese | Impressa e CD |
| S002d | Vogal média posterior pretônica em hiato | Síntese | Impressa e CD |
| S002e | Vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica fonologicamente nasal | Síntese | Impressa e CD |
| S002f | Vogal média posterior pretônica em posição inicial de vocábulo | Síntese | Impressa e CD |
| S003 | Vogal média posterior postônica medial | Síntese | Impressa e CD |
| S004 | Vogal nasalizada por consoante nasal em ataque silábico | Síntese | Impressa e CD |
| S005 | Vogal média tônica (timbre) | Síntese | Impressa e CD |
| S006 | Vogal epentética | Síntese | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| S007 | Ditongo /ej/ | Síntese | Impressa e CD |
| S007a | Ditongo /ej/ precedendo tepe alveolar | Síntese | Impressa e CD |
| S007b | Ditongo /ej/ precedendo fricativa alveopalatal | Síntese | Impressa e CD |
| S007c | Ditongo /ej/ nos demais contextos | Síntese | Impressa e CD |
| S008 | Ditongo /ow/ | Síntese | Impressa e CD |
| S008a | Ditongo /ow/ em posição medial de vocábulo | Síntese | Impressa e CD |
| S008b | Ditongo /ow/ em posição final de vocábulo | Síntese | Impressa e CD |
| S009 | Ditongo /aj/ | Síntese | Impressa e CD |
| S010 | Ditongo crescente final /jo/ | Síntese | Impressa e CD |
| S011 | Ditongo nasal final /ẽj/ | Síntese | Impressa e CD |
| S012 | Hiato em posição medial de vocábulo | Síntese | Impressa e CD |
| S013 | /R/ em coda silábica | Síntese | Impressa e CD |
| S013a | /R/ em coda silábica em posição medial de vocábulo | Síntese | Impressa e CD |
| S013b | /R/ em coda silábica em posição final de vocábulo | Síntese | Impressa e CD |
| S014 | Lateral precedendo vogal anterior alta [i] | Síntese | Impressa e CD |
| S014a | Lateral precedendo vogal anterior alta [i] e sucedendo consoante sem palatalização | Síntese | Impressa e CD |
| S014b | Lateral precedendo vogal anterior alta [i] e sucedendo consoante com palatalização | Síntese | Impressa e CD |
| S014c | Lateral precedendo vogal anterior alta [i] e sucedendo vogal baixa [a] | Síntese | Impressa e CD |
| S014d | Lateral precedendo vogal anterior alta [i] em início de vocábulo | Síntese | Impressa e CD |
| S015 | /S/ em coda silábica | Síntese | Impressa e CD |
| S015a | /S/ em coda silábica precedendo oclusivas e fricativas surdas [p,f,k] | Síntese | Impressa e CD |
| S015b | /S/ em coda silábica precedendo oclusiva alveolar surda [t] | Síntese | Impressa e CD |
| S015c | /S/ em coda silábica precedendo oclusivas e fricativas sonoras [b,d,h,g] | Síntese | Impressa e CD |
| S015d | /S/ em coda silábica precedendo nasal bilabial [m] | Síntese | Impressa e CD |
| S015e | /S/ em coda silábica precedendo laterais [l, ʎ] | Síntese | Impressa e CD |
| S015f | /S/ em coda silábica precedendo africada surda [tʃ] | Síntese | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| S015g | /S/ em coda silábica em final de vocábulo e como parte da raiz | Síntese | Impressa e CD |
| S016 | Nasal palatal | Síntese | Impressa e CD |
| 0S16a | Nasal palatal sucedendo vogal anterior alta tônica [i] | Síntese | Impressa e CD |
| S016b | Nasal palatal nos demais contextos | Síntese | Impressa e CD |
| S017 | Grupo consonantal /Nd/ (gerúndio) | Síntese | Impressa e CD |
| S018 | Proparoxítonas | Síntese | Impressa e CD |

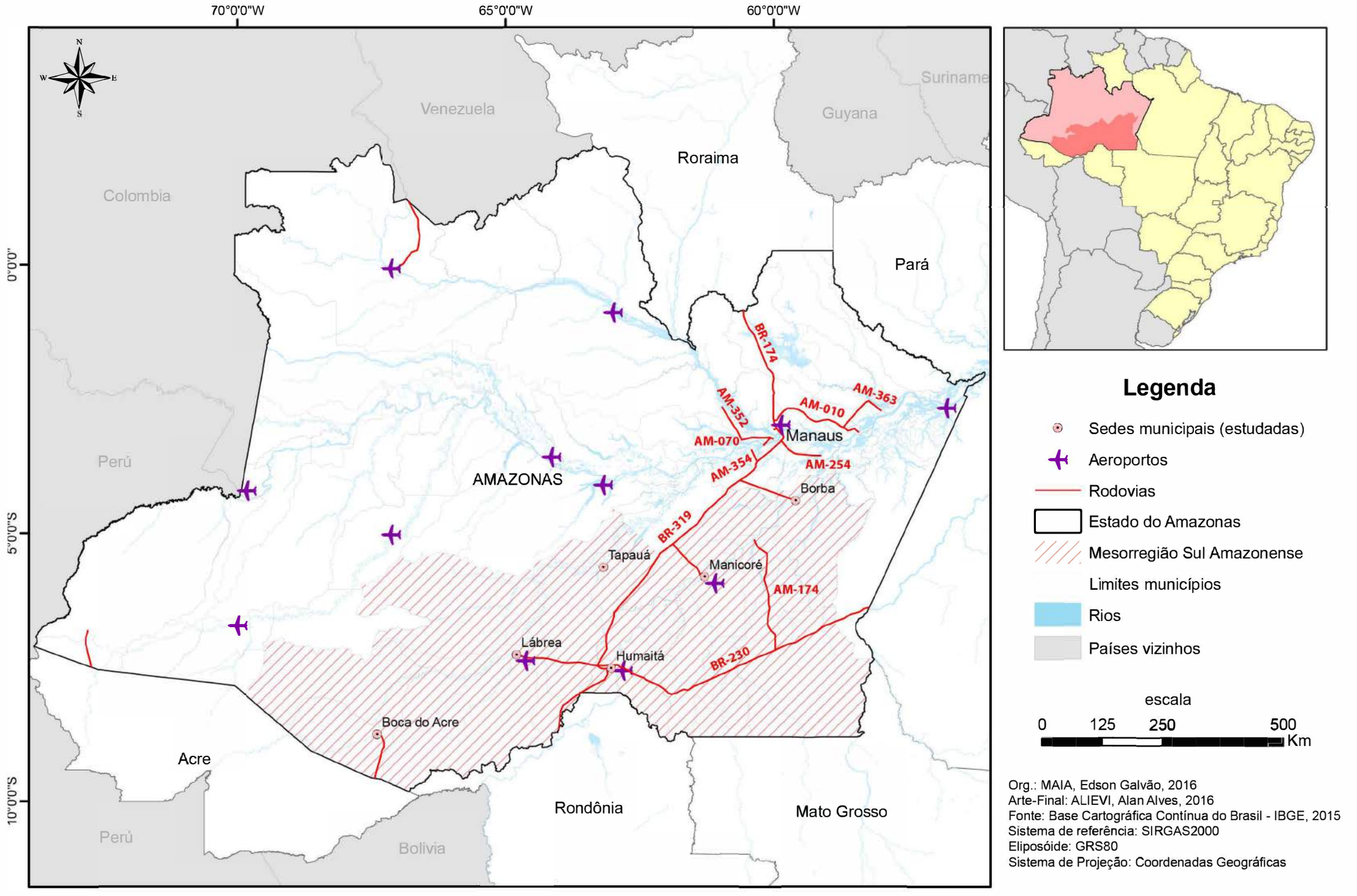
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## Cartas Intodutórias



# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## I001 - LOCALIZAÇÃO DA MESORREGIÃO SUL AMAZONENSE




## Legenda

- Sedes municipais (estudadas)
- Aeroportos
- Rodovias
- Estado do Amazonas
- Mesorregião Sul Amazonense
- Limites municípios
- Rios
- Países vizinhos

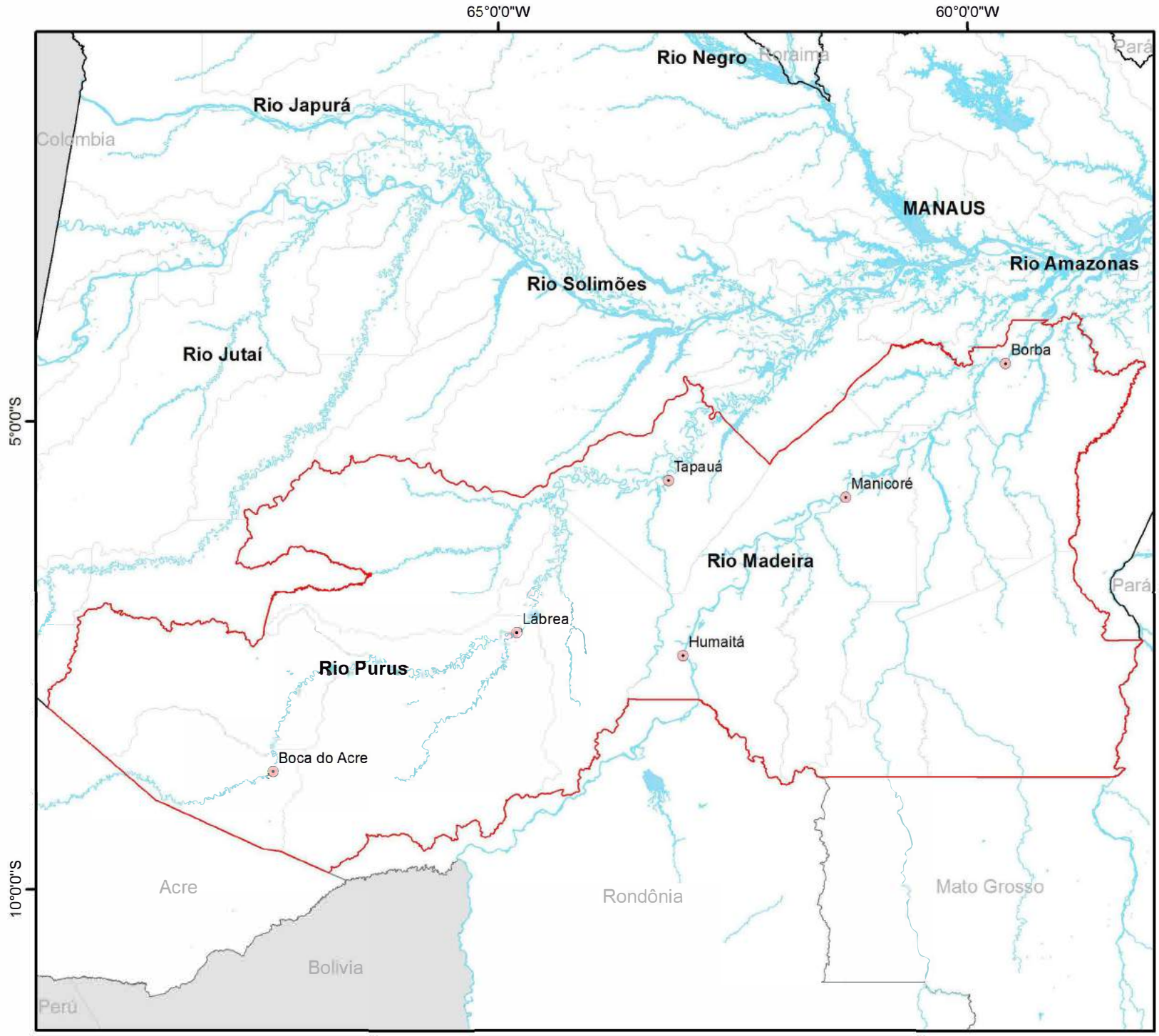
escala

0 125 250 500 Km

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**I002** - REDE HIDROGRÁFICA DA MESORREGIÃO SUL AMAZONENSE






## Legenda

- Estado do Amazonas
- Mesorregião Sul Amazonense
- Limites municípios
- Rios
- Países vizinhos

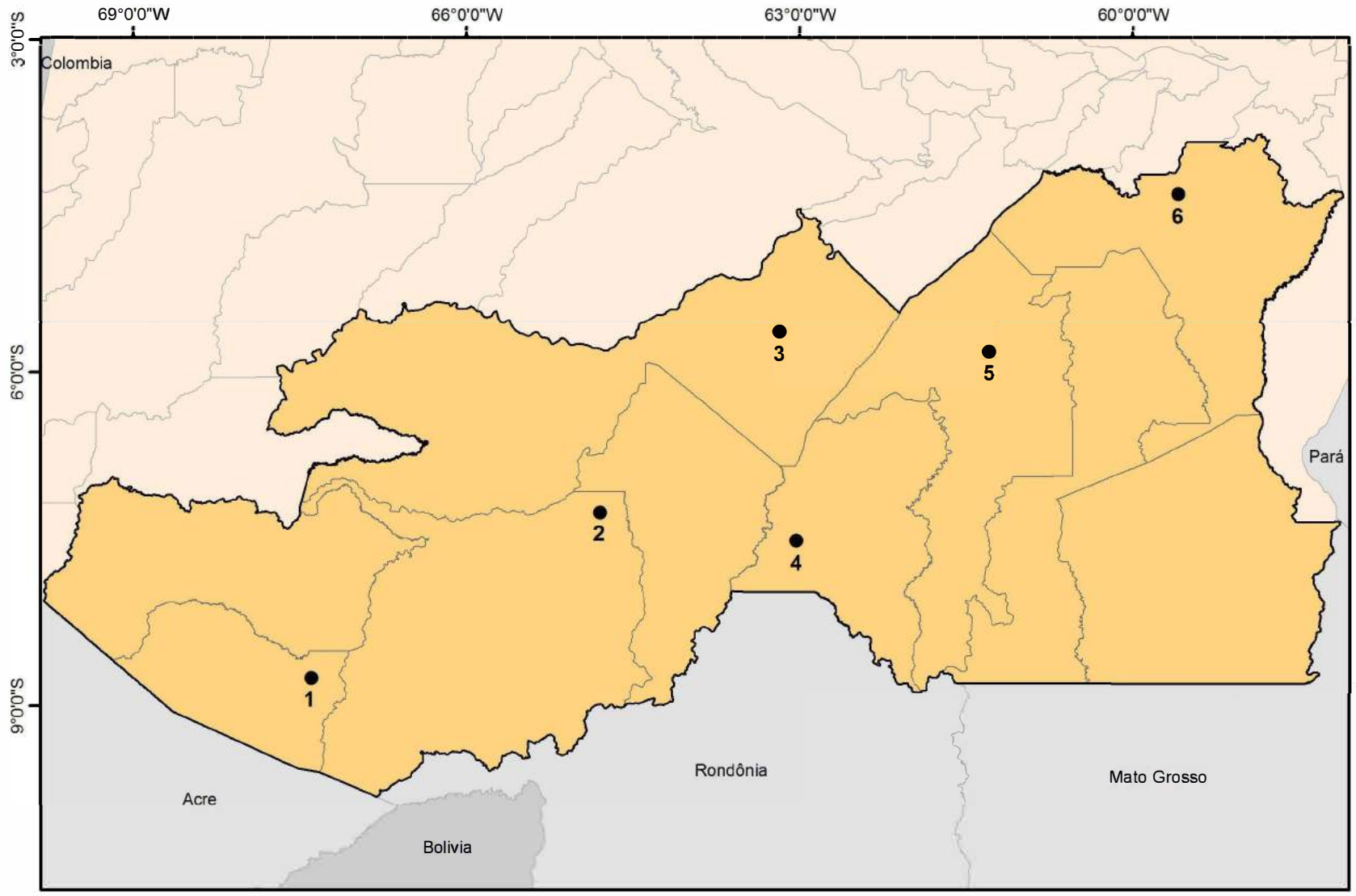


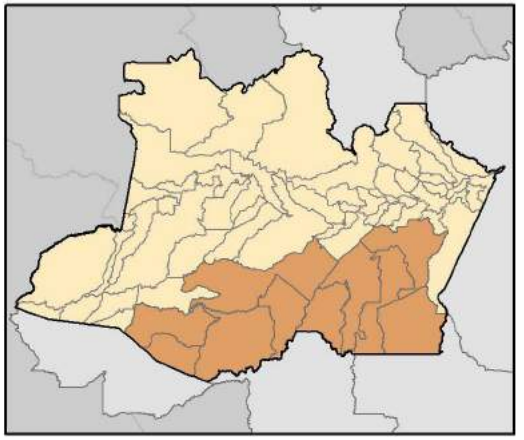

escala

0 80 160 320 Km

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE:
# **I003** - REDE DE PONTOS



## Legenda

1 - Boca do Acre
2 - Lábrea
3 - Tapauá
4 - Humaitá
5 - Manicoré
6 - Borba

- Sedes municipais
- Área de Estudo
- Estados vizinhos
- Municípios vizinhos (AM)
- Países vizinhos

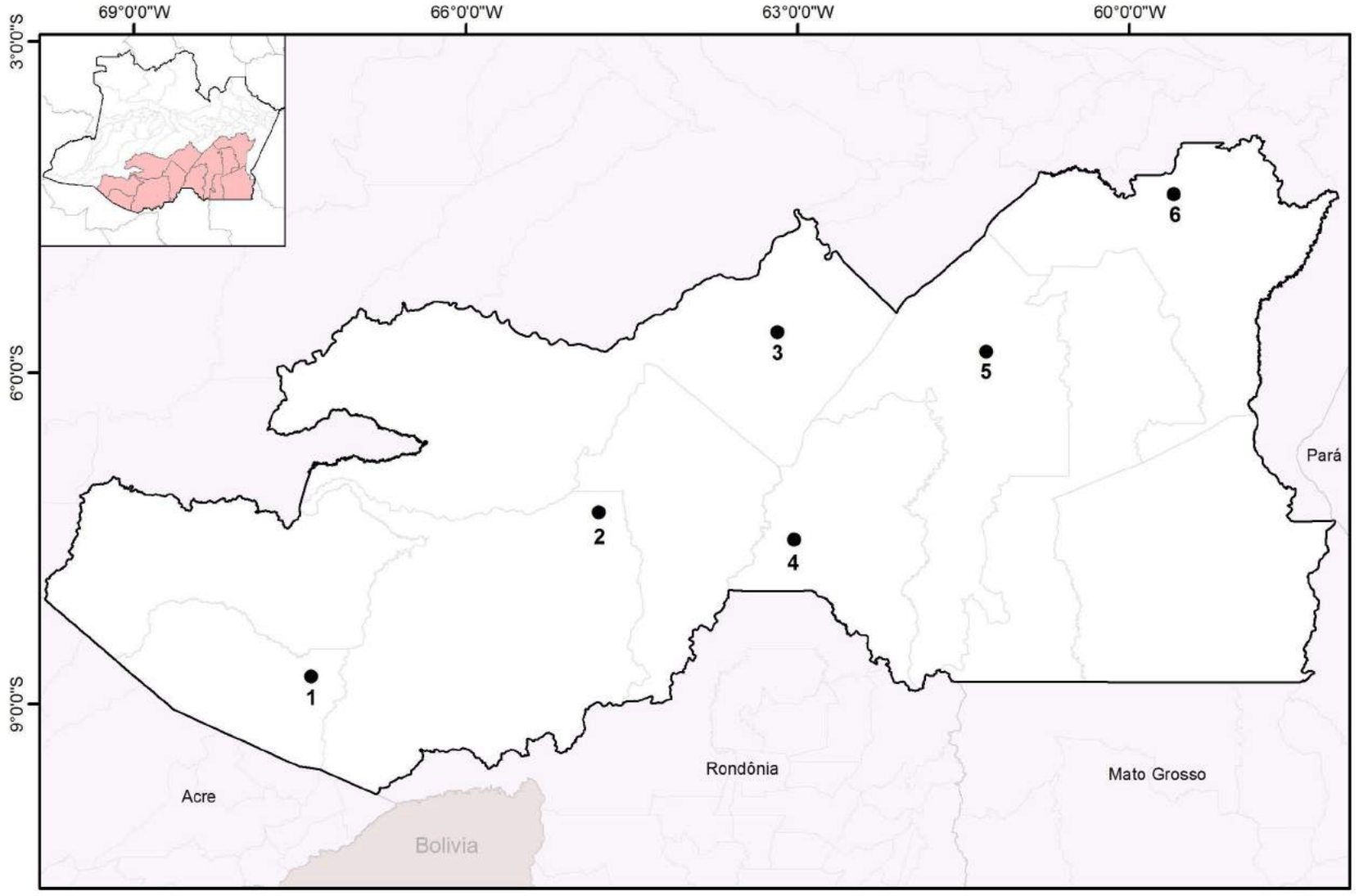



escala:

0 80 160 320 Km

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:



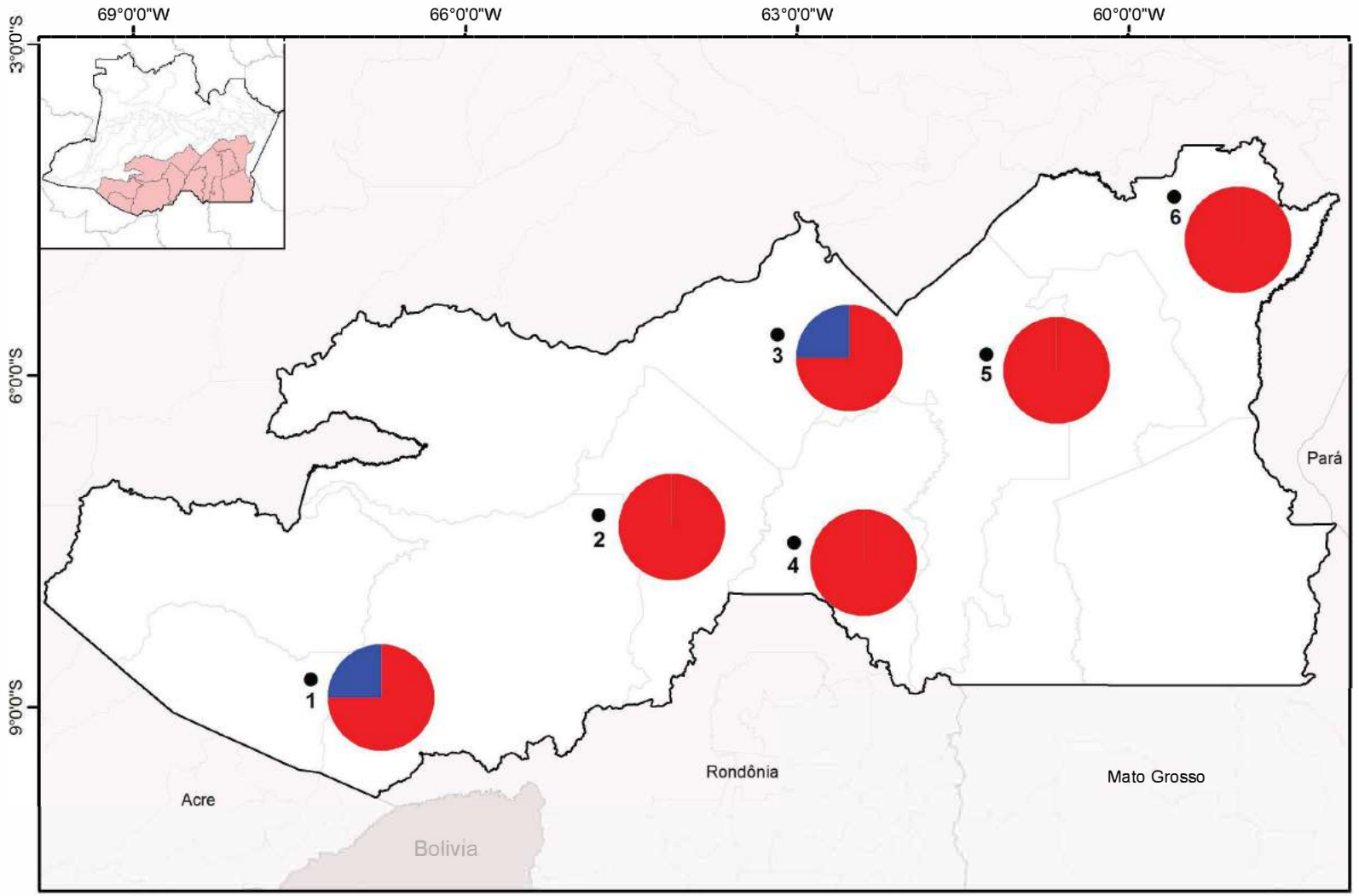
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## Cartas Fonéticas



# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

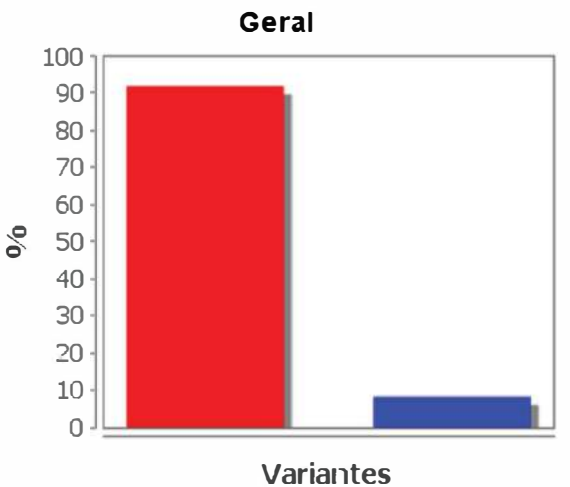
## F001 - Madeira



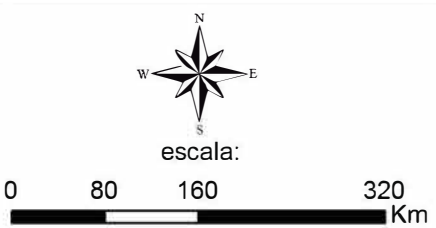

**Legenda**

[maˈderə]

[maˈdejrə]



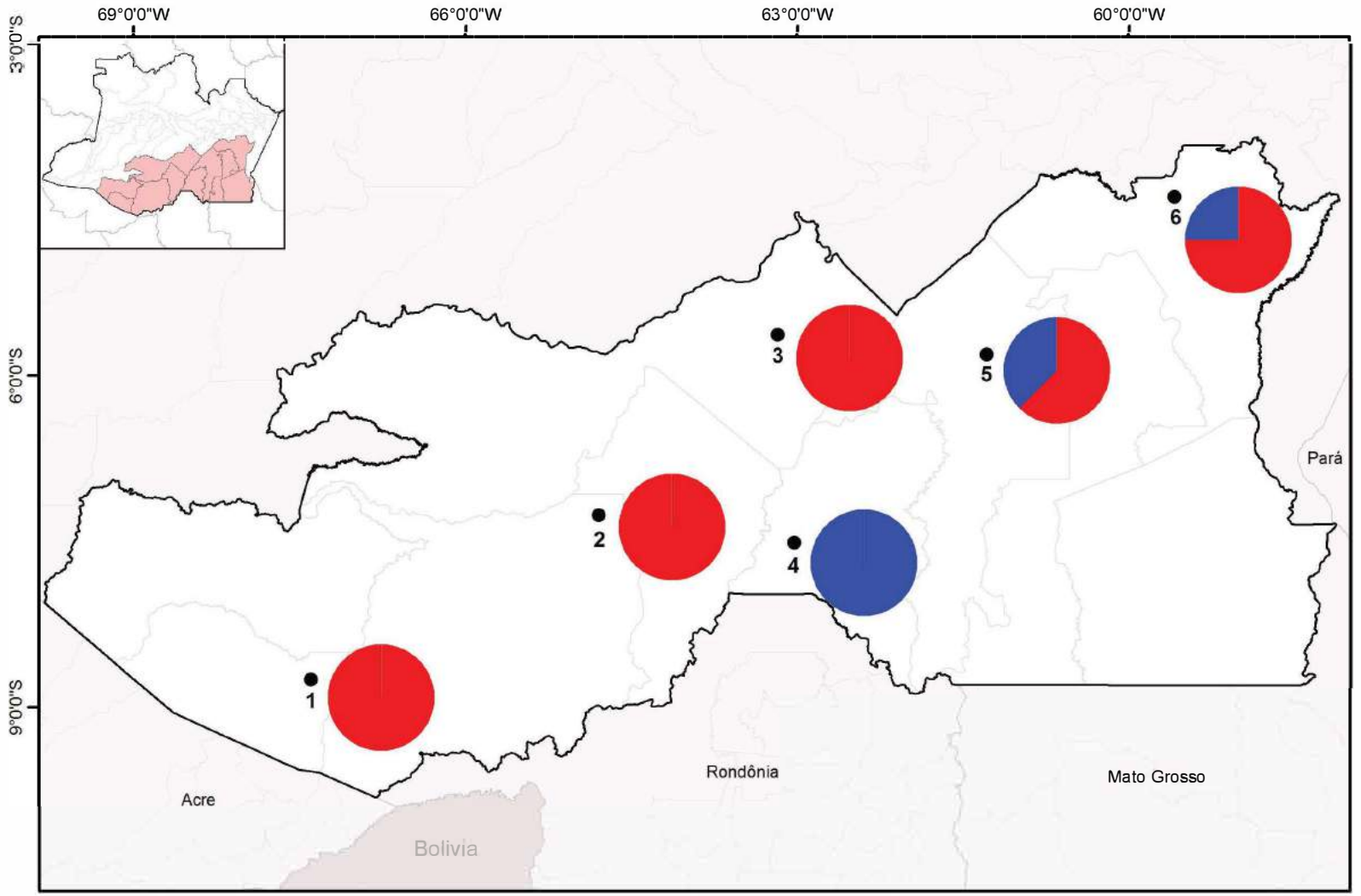

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

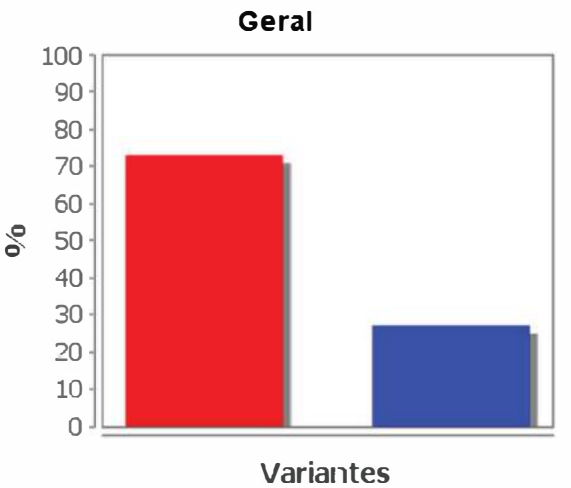
## F002 - Banana



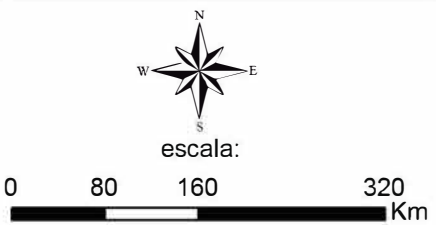

**Legenda**

[bã'nãnə]

[ba'nãnə]



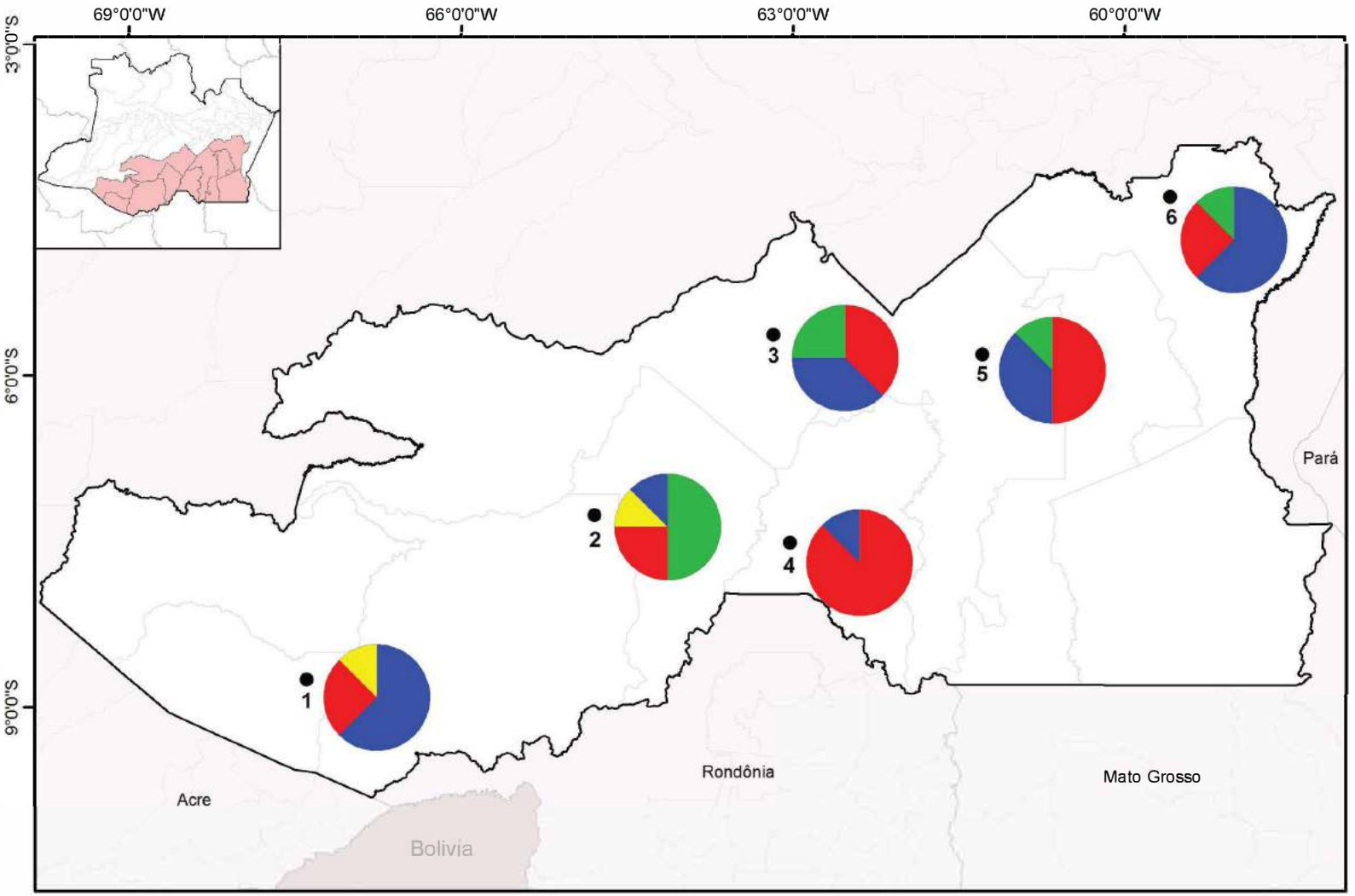

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

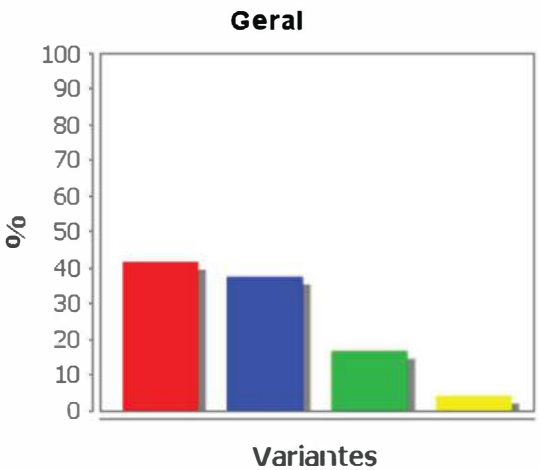
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F003 - Tomate

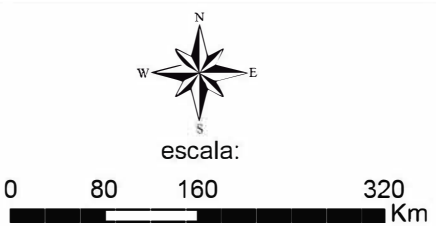



**Legenda**

- [tõ'matʃɪ]
- [to'matʃɪ]
- [tu'matʃɪ]
- [tũ'matʃɪ]



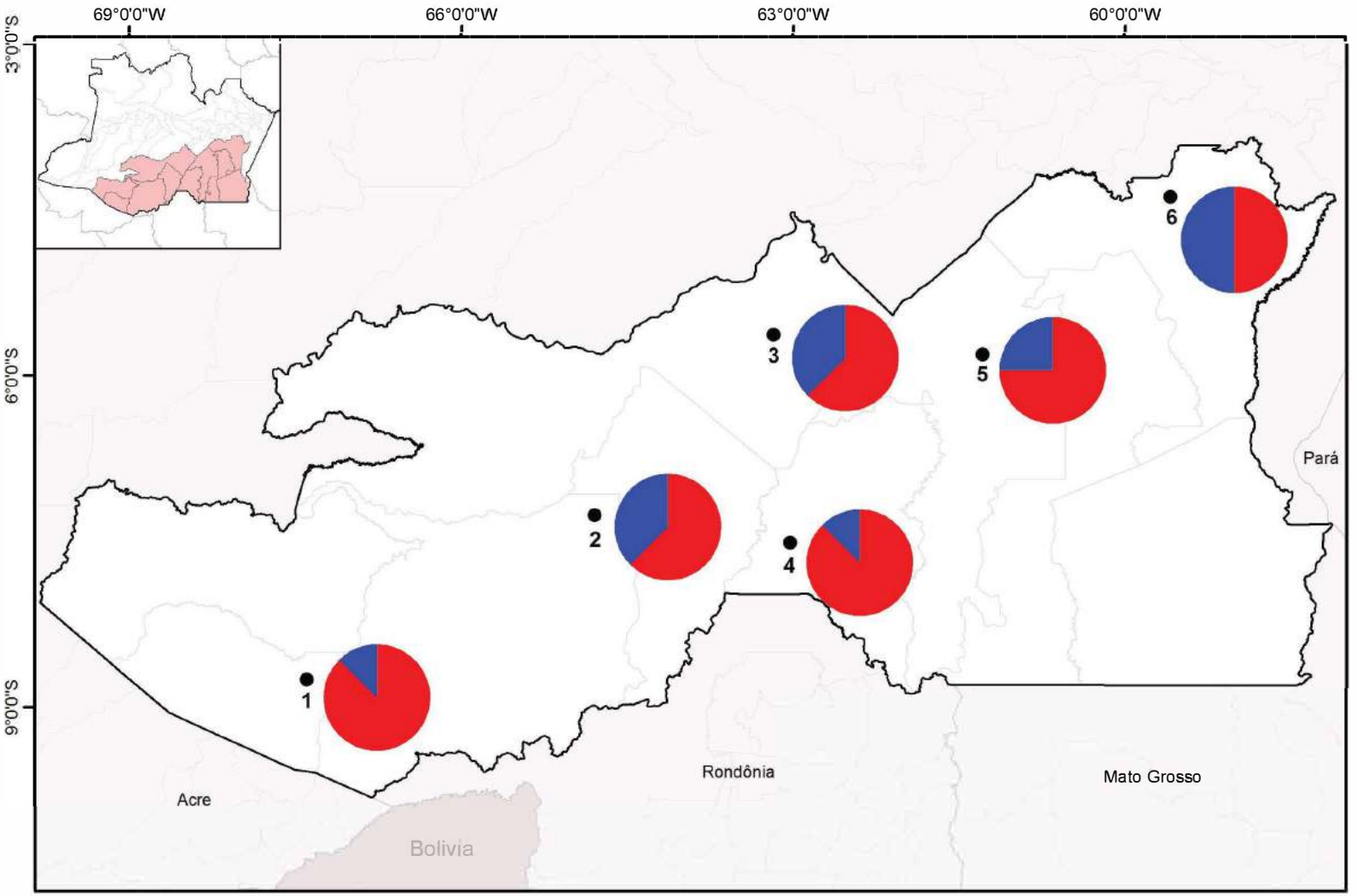

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

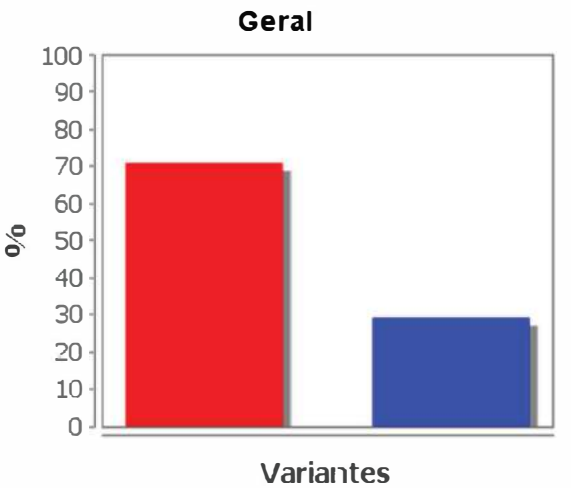
## F004 - Bebida



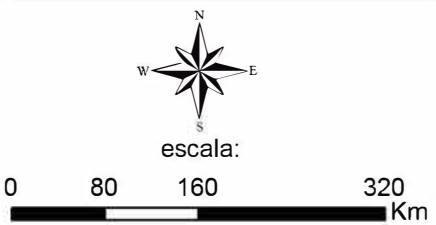

**Legenda**

[be'bidə]

[bi'bidə]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F006

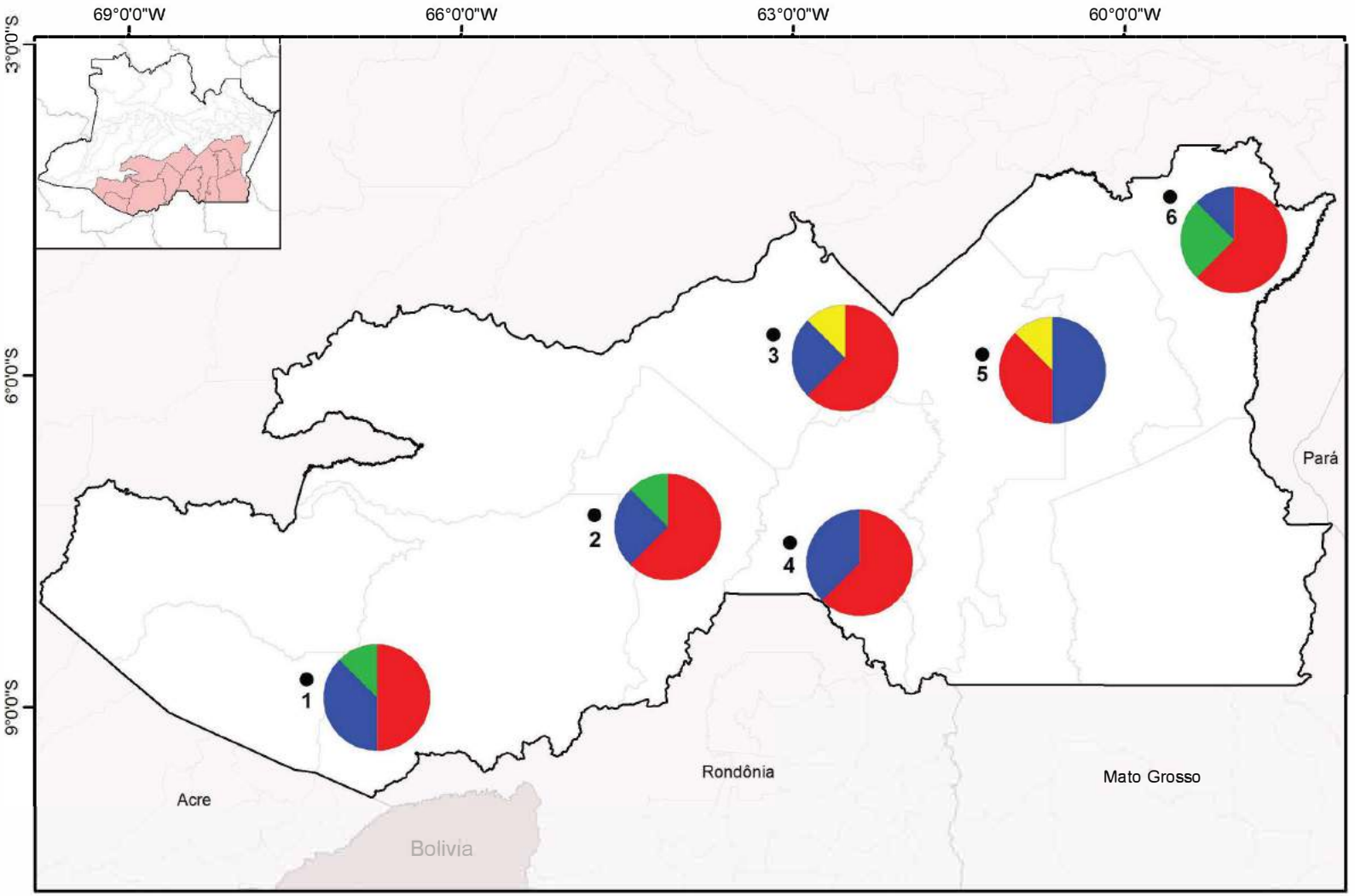
# EDUCAÇÃO

**NOTAS:**

1. Entende-se que, na última sílaba, a nasalidade da vogal tônica [a] espraia até a semivogal, formando um ditongo nasal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [w]. Dessa forma, as transcrições para as variantes na legenda são[eduka'sãw̃], [ɛduka'sãw̃], [iduka'sãw̃] e [ɖuka'sãw̃], respectivamente.

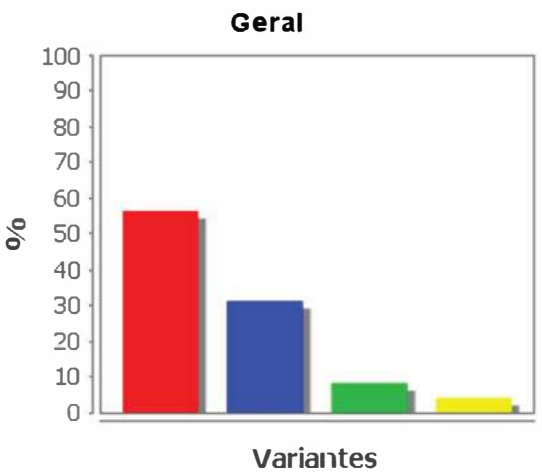
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F006 - Educação

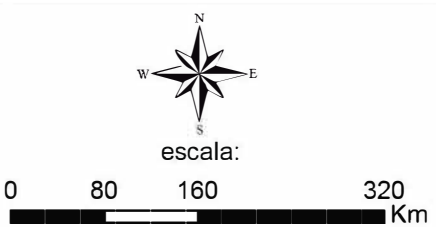



**Legenda**

- [eduka'sãw]
- [eduka'sãw]
- [iduka'sãw]
- [duka'sãw]



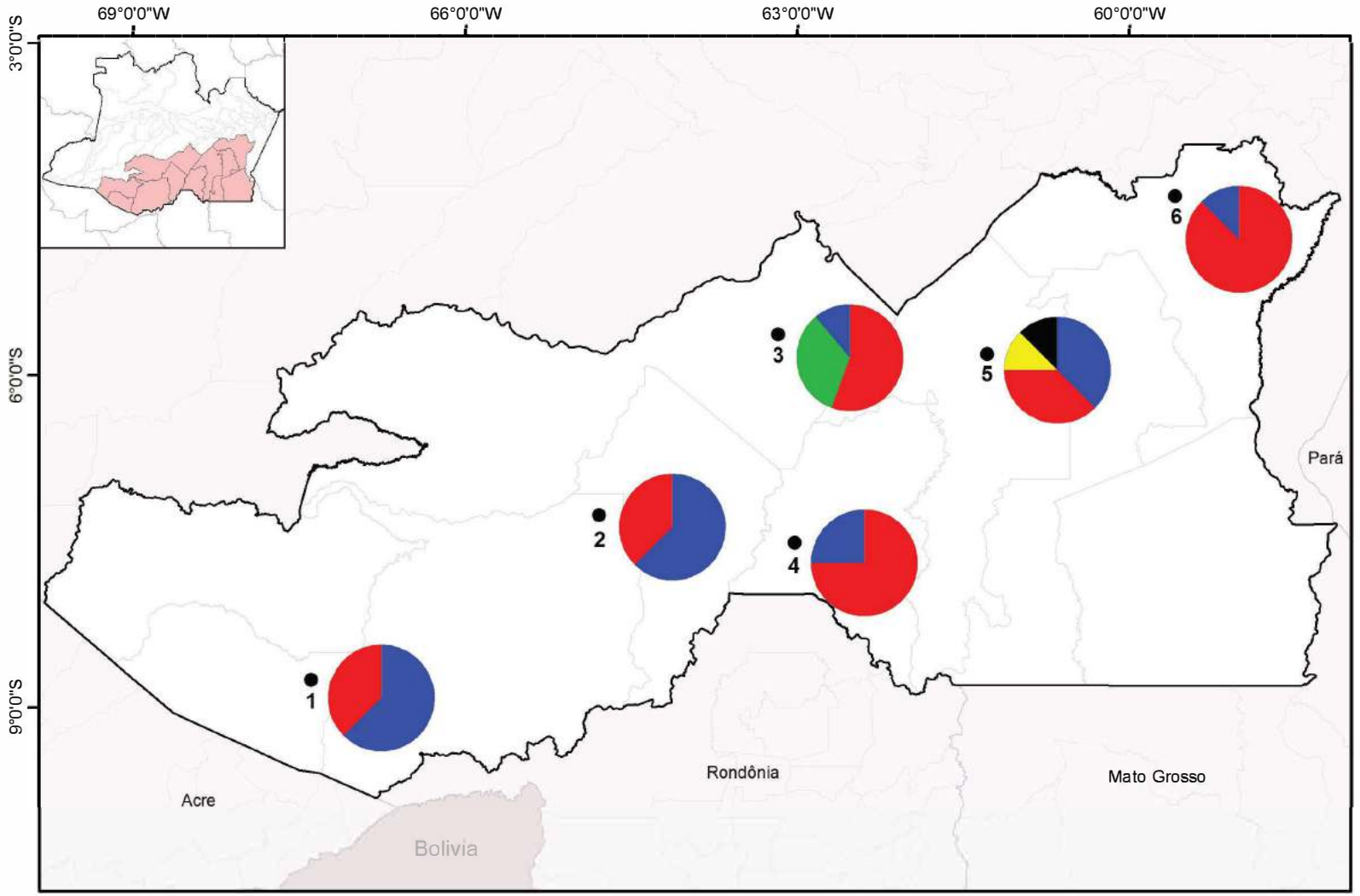

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

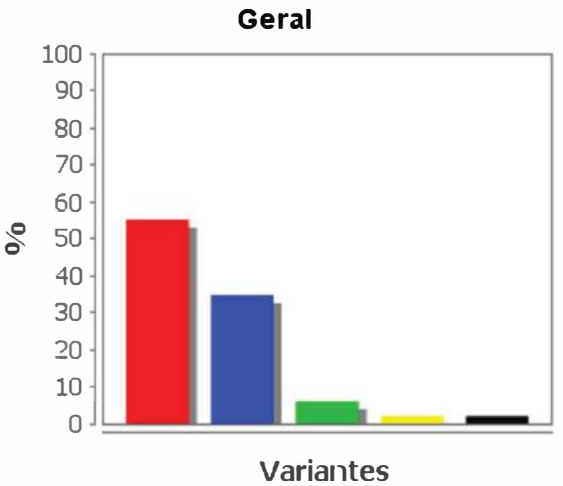
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F009 - Teia

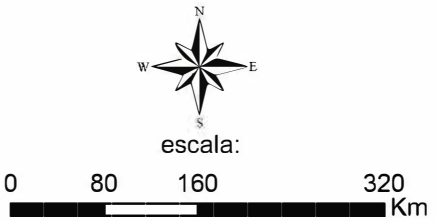



**Legenda**

- ['tejjə]
- ['teɣə]
- ['telə]
- ˈ[tejjə]
- ['teə]



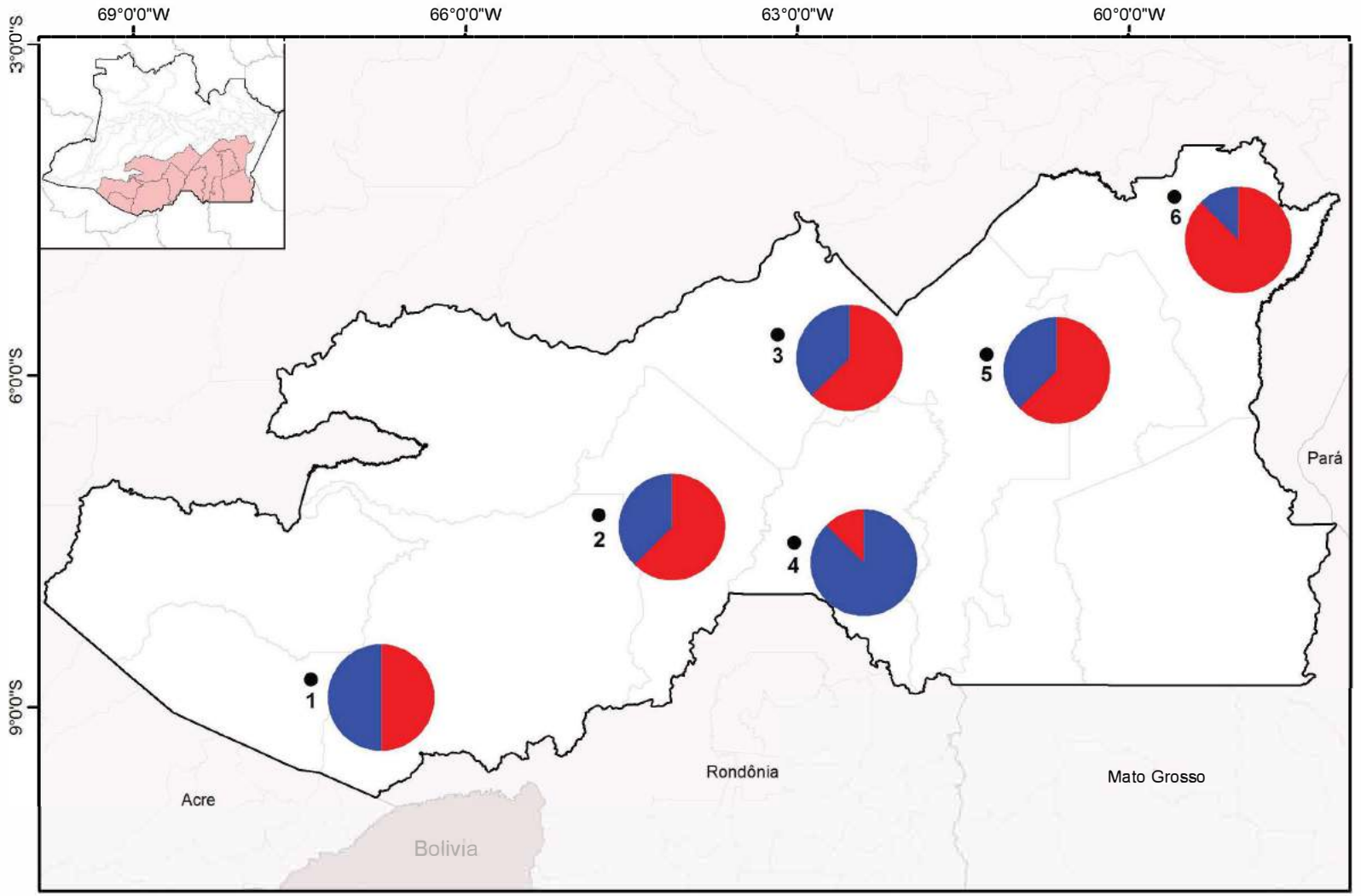

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

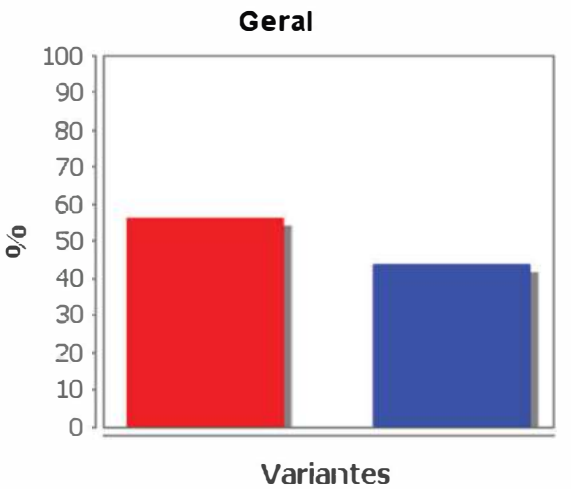
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F010 - Peixe

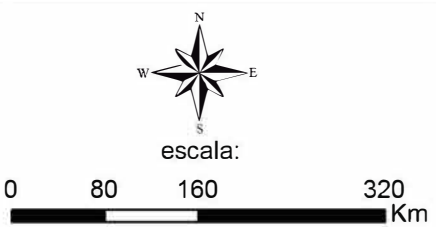



**Legenda**

- ['peʃɪ]
- ['pejʃɪ]



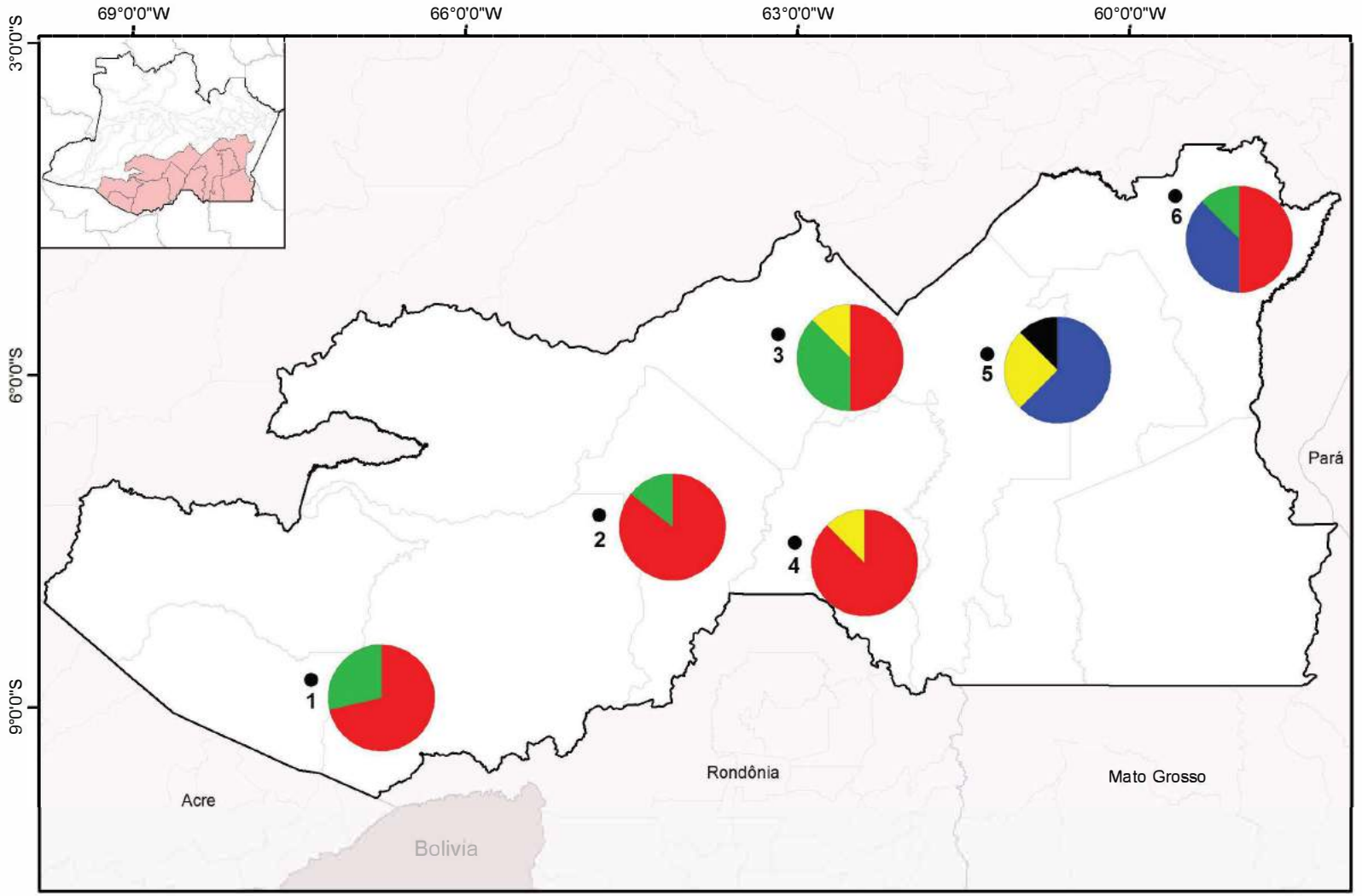

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

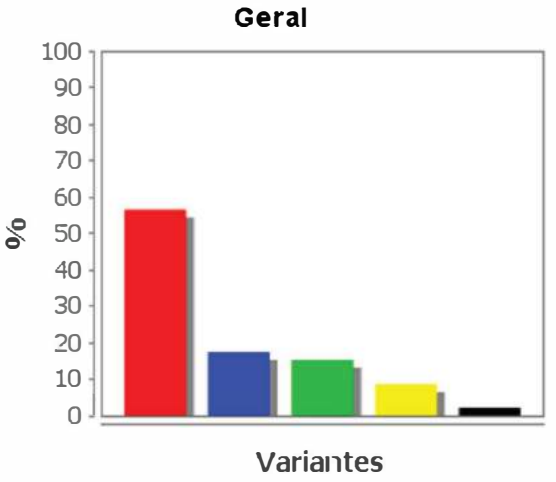
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F012 - Esgoto

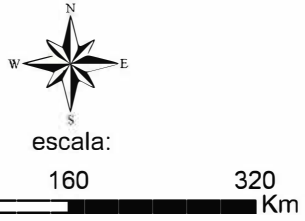



**Legenda**

- [iz'gotu]
- [iʒ'gotu]
- [ez'gotu]
- [eʒ'gotu]
- [iɦ'gotu]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

# CARTA FONÉTICA F014

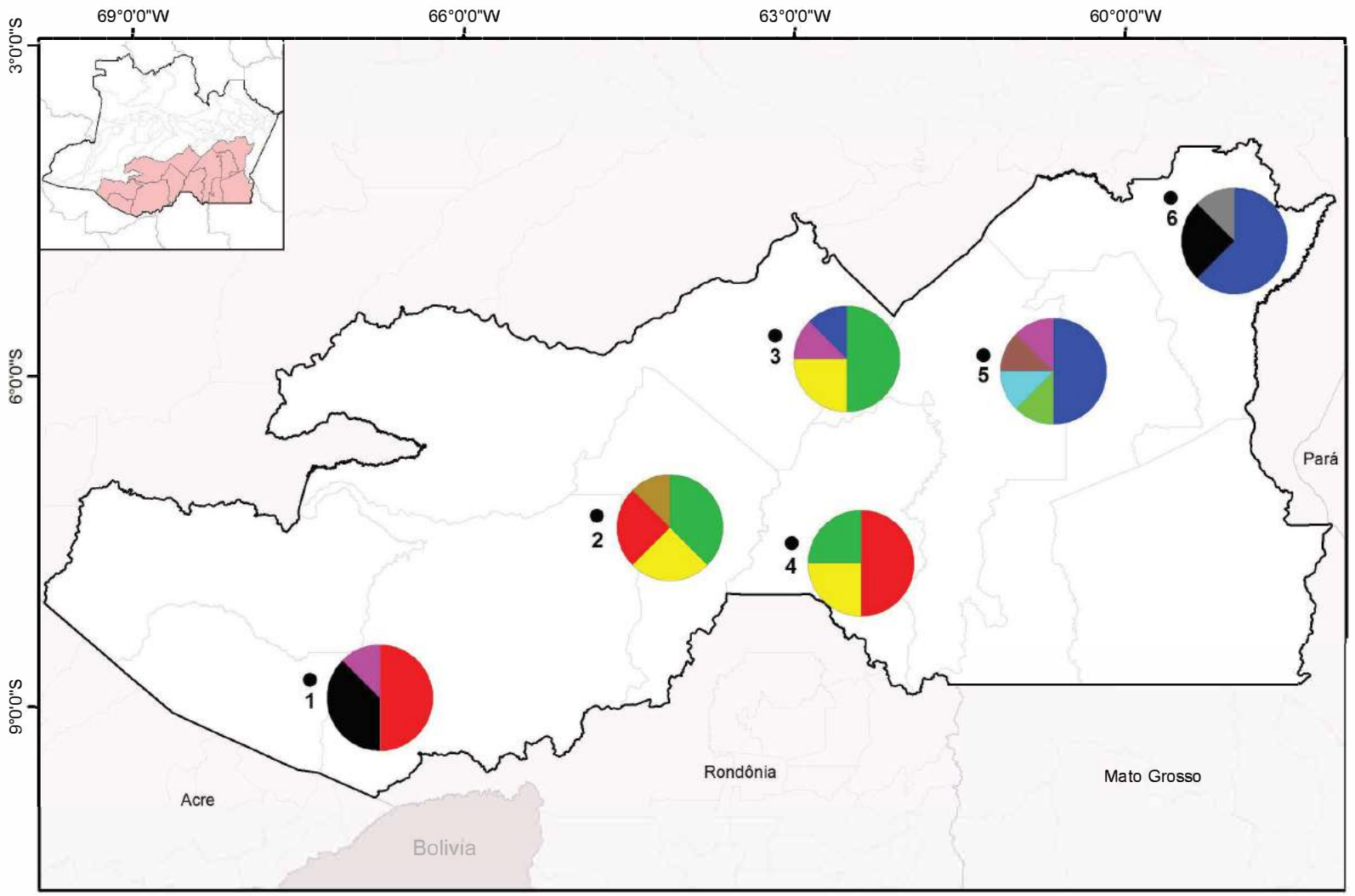
# ESPINHA

**NOTAS:**

1. Entende-se, nos casos em que a variante da nasal palatal é a semivogal, que a nasalização da vogal anterior se espraia até essa semivogal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, por exemplo, a transcrição para a variante mais frequente (em vermelho na legenda) é [isˈpj̃jə].

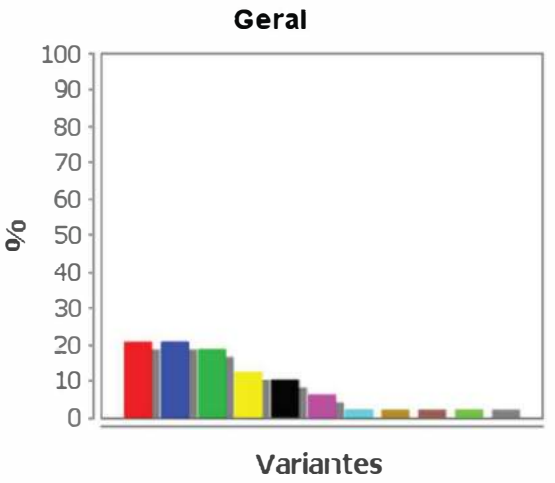
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F014 - Espinha

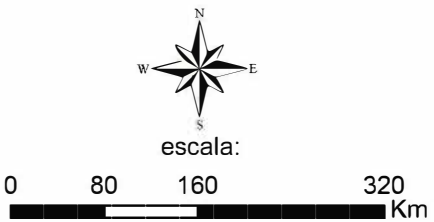



**Legenda**

- [ɪs'pĩjə]
- [iʃ'pĩjə]
- [es'pĩə]
- [ɪs'pĩə]
- [ɪs'pĩjə]
- [es'pĩjə]
- [iʃ'pĩə]
- [es'pĩjə]
- [eʃ'pĩə]
- [iʃ'pĩjə]
- [eʃ'pĩjə]



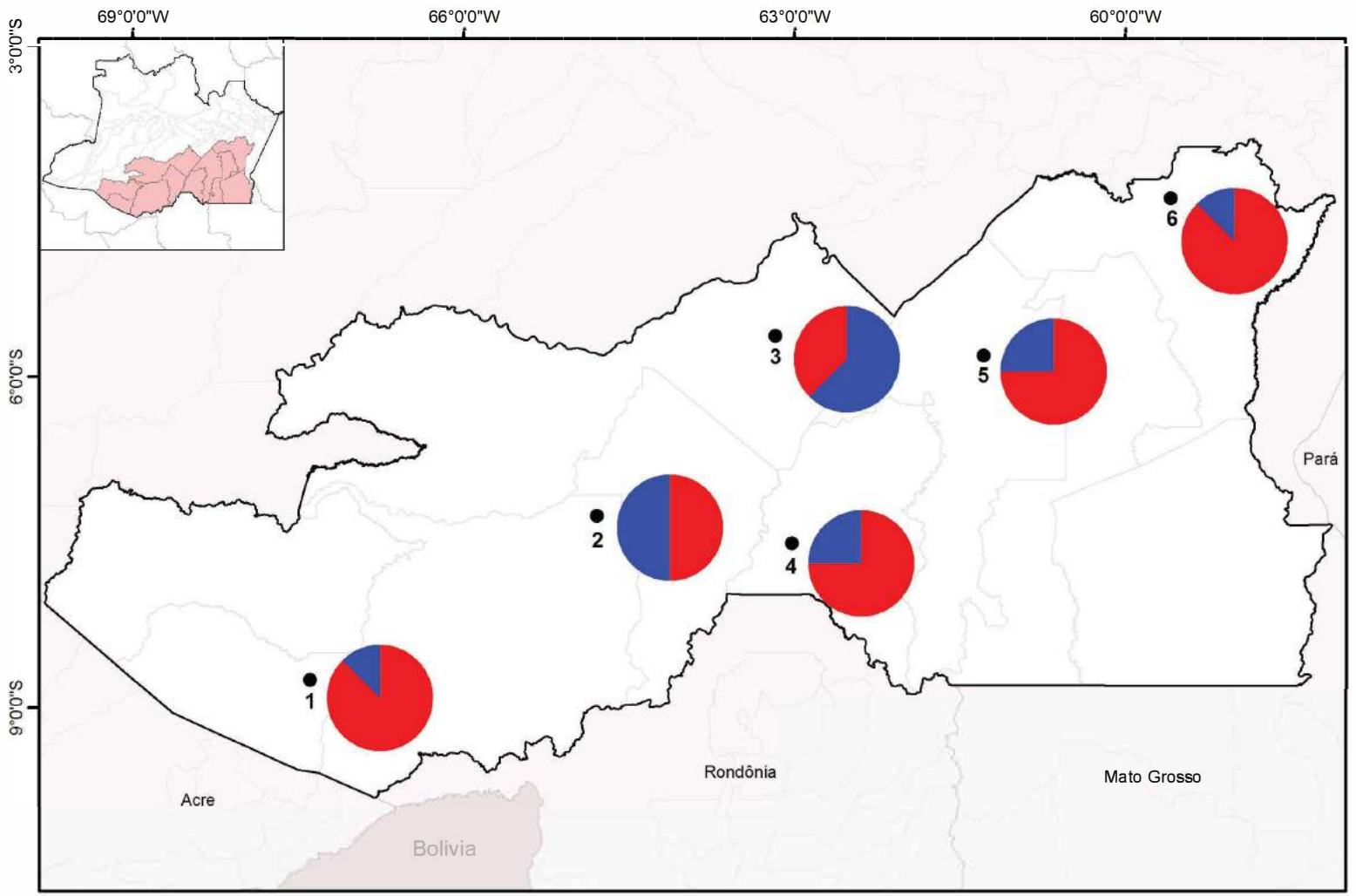

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

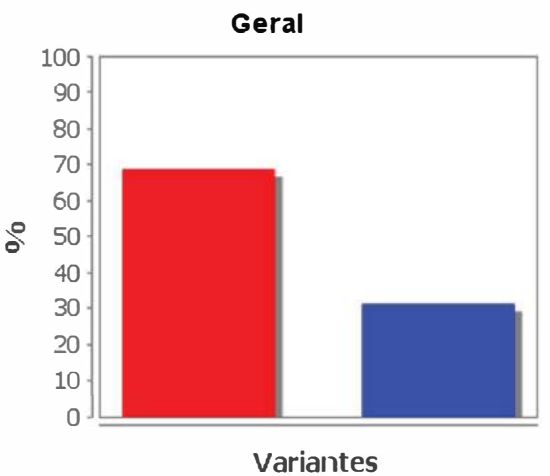
## F014a - Espinha - Vogal média anterior pretônica



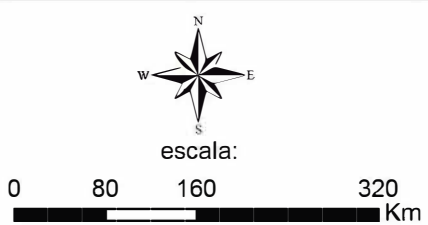

**Legenda**

i

e



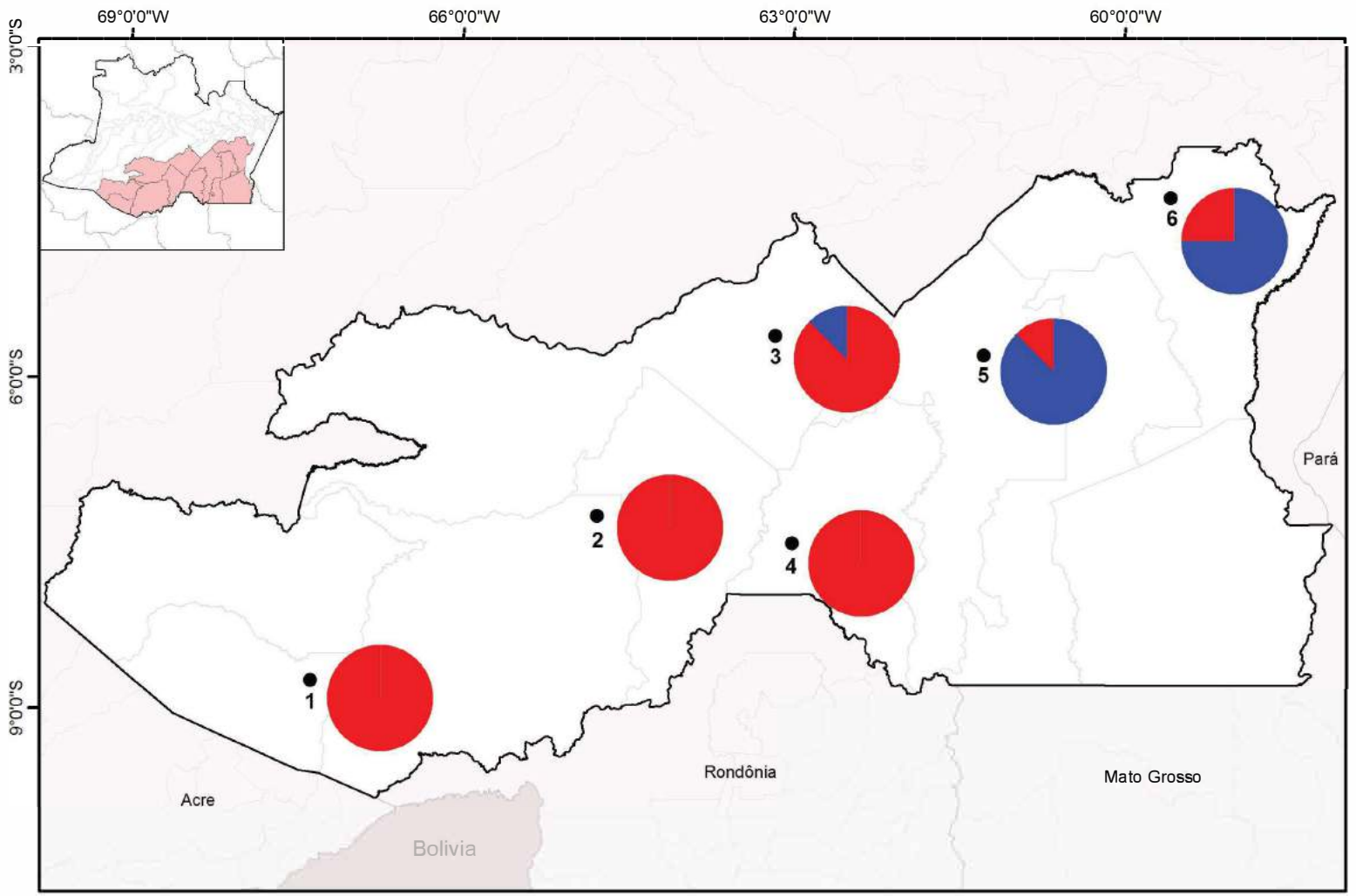

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

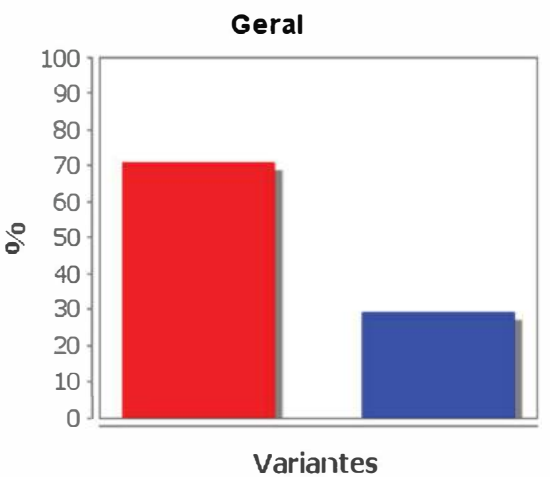
## F014b - Espinha - /S/ em coda silábica



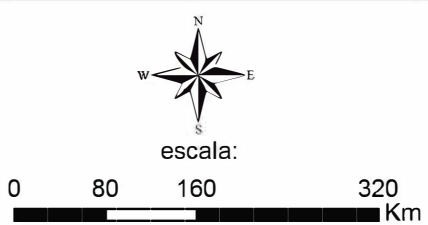

**Legenda**

s

ʃ




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F014c

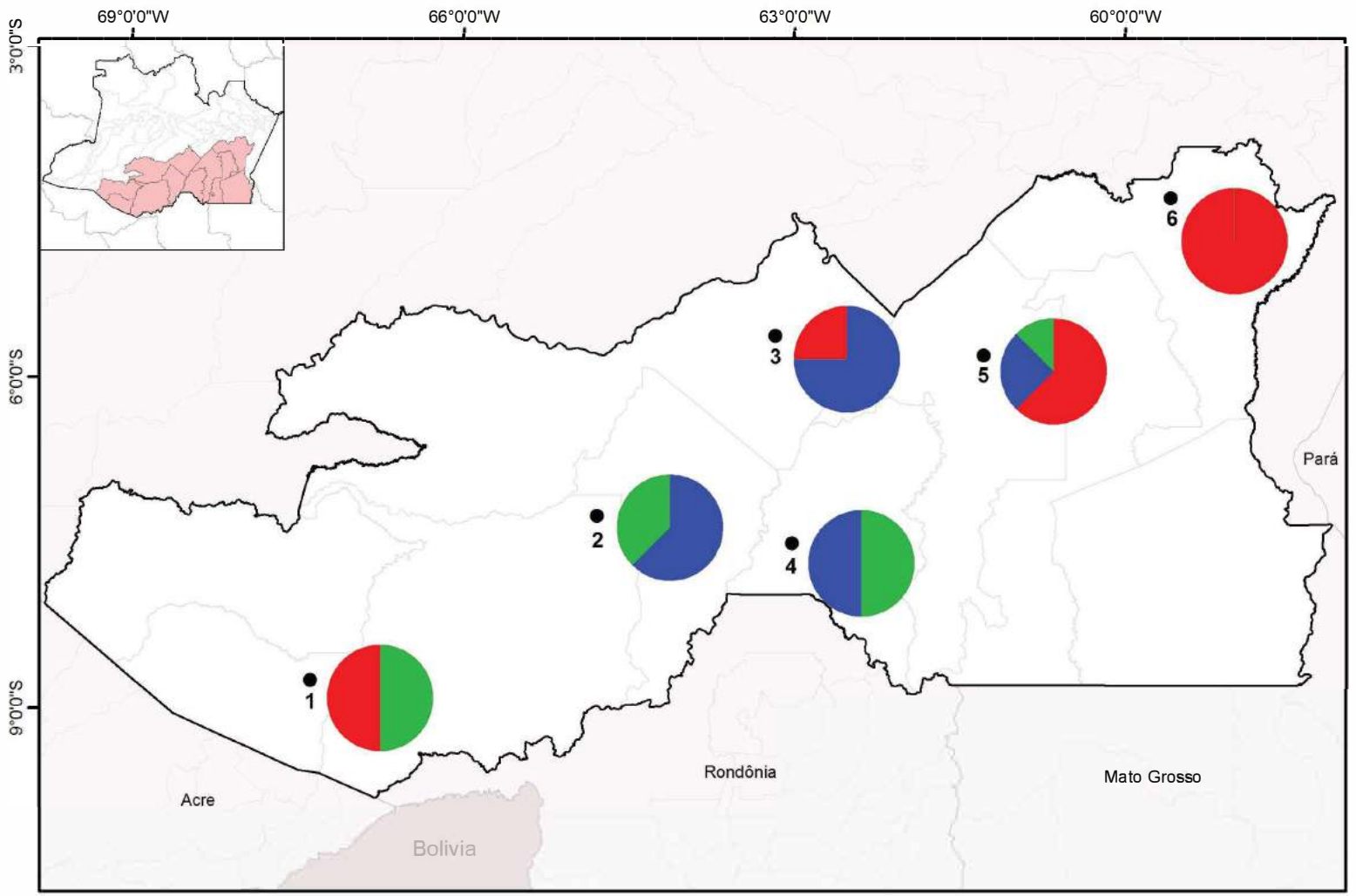
# ESPINHA – NASAL PALATAL

**NOTAS:**

1. Entende-se, nos casos em que a variante da nasal palatal é a semivogal, que a nasalização da vogal anterior se espraia até essa semivogal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, por exemplo, a transcrição dessa variante (em verde, na legenda) é [j̃].

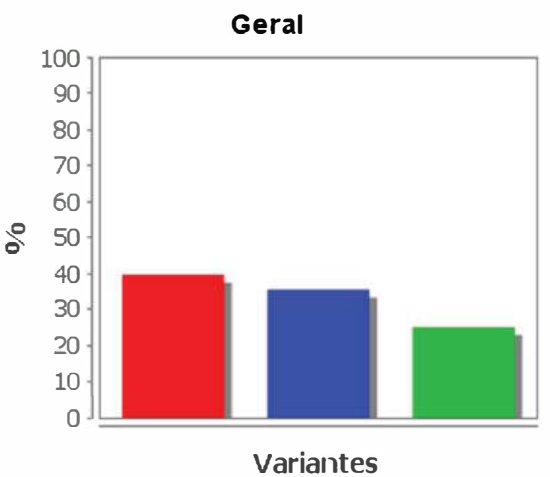
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F014c - Espinha - Nasal palatal

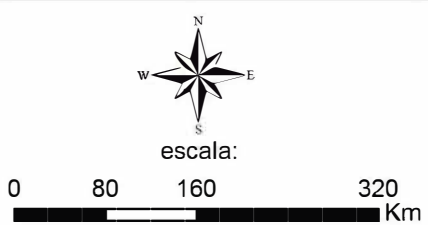



**Legenda**

- [n]
- Zero fonético
- [j]



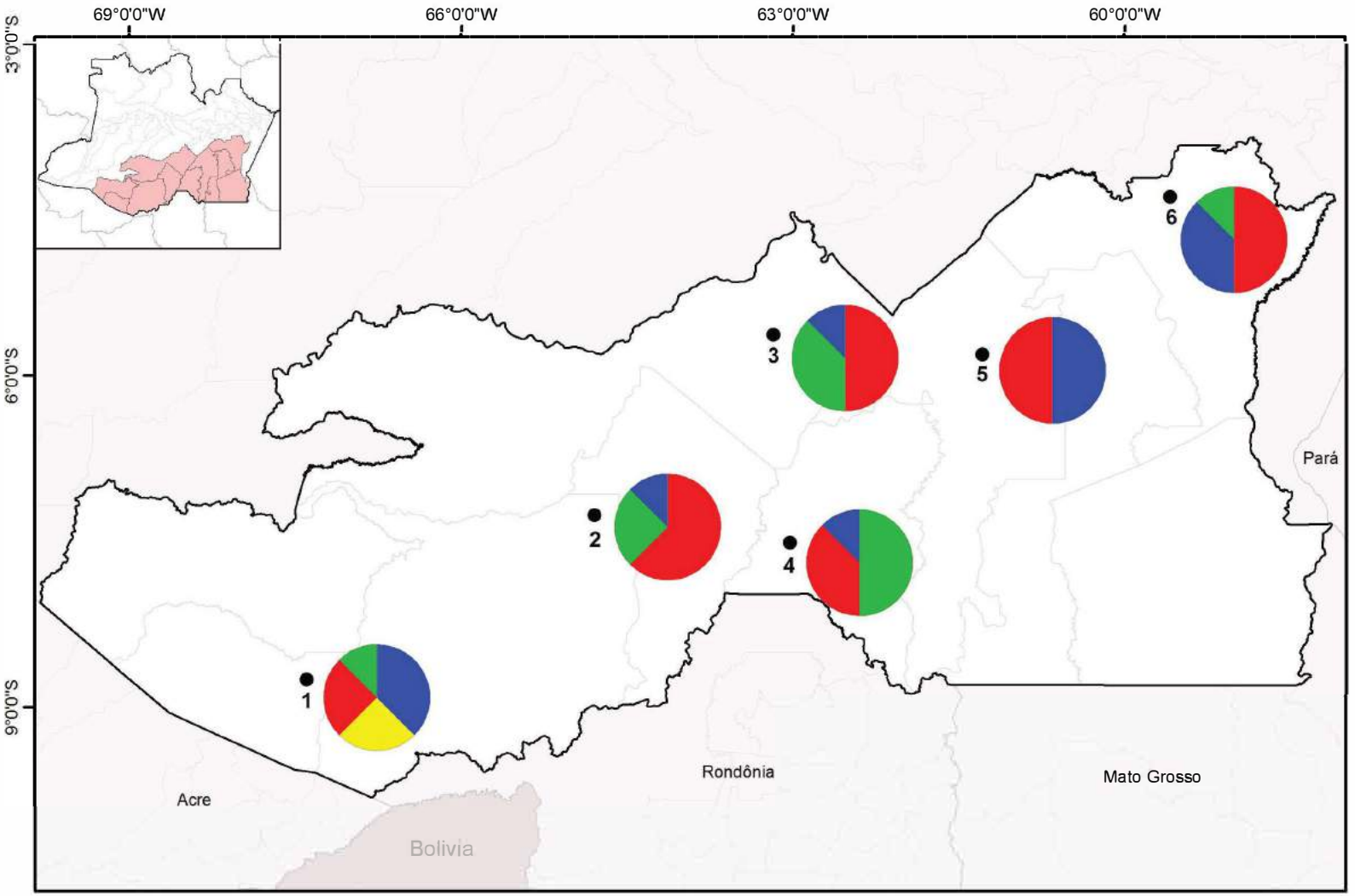

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

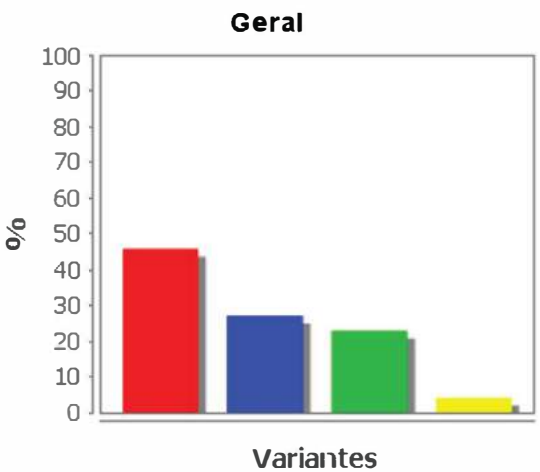
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F017 - Tesoura

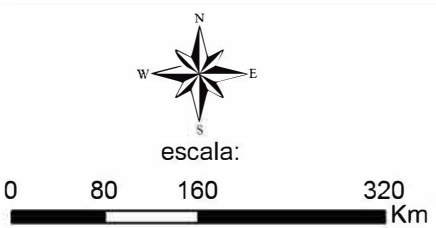



**Legenda**

- [te'zorə]
- [ʧi'zorə]
- [te'zowrə]
- [ʧi'zowrə]



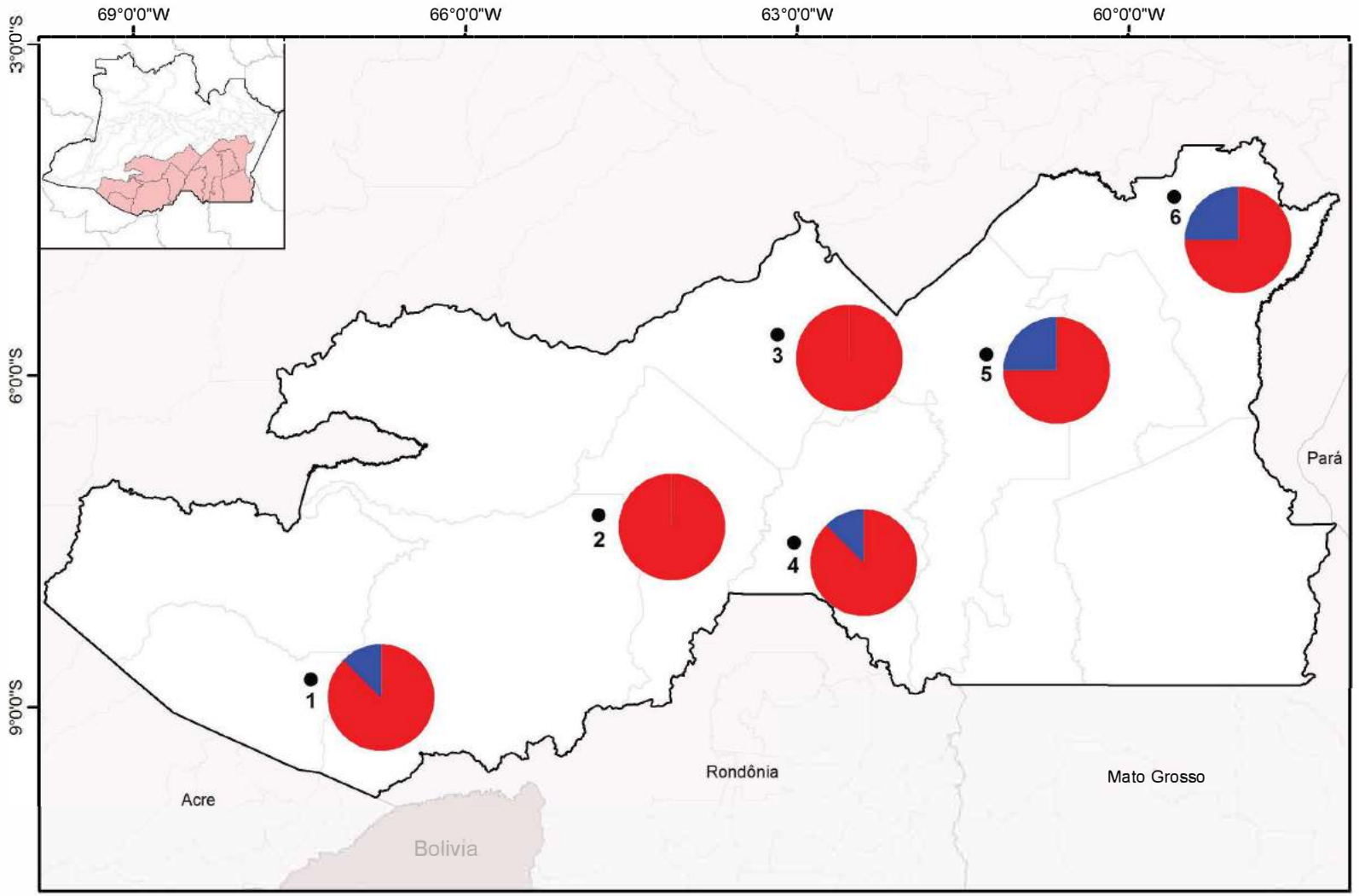

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

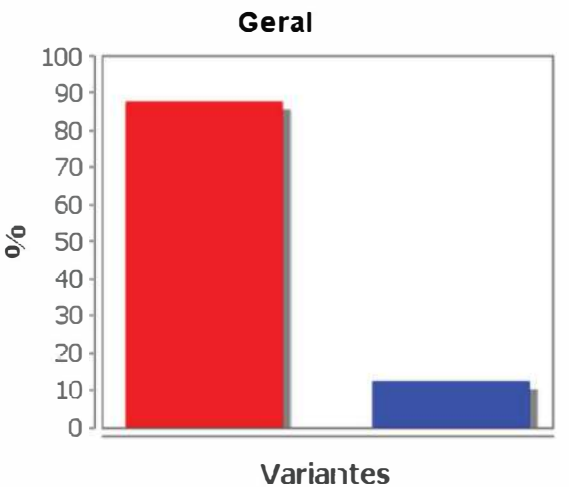
## F018 - Presente



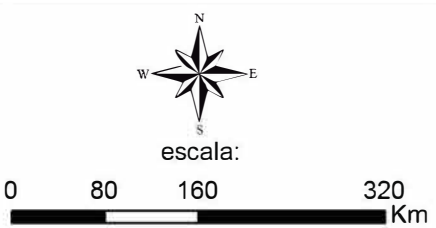

**Legenda**

[pɾe'zẽʧɪ]

[pɾe'zẽʧɪ]



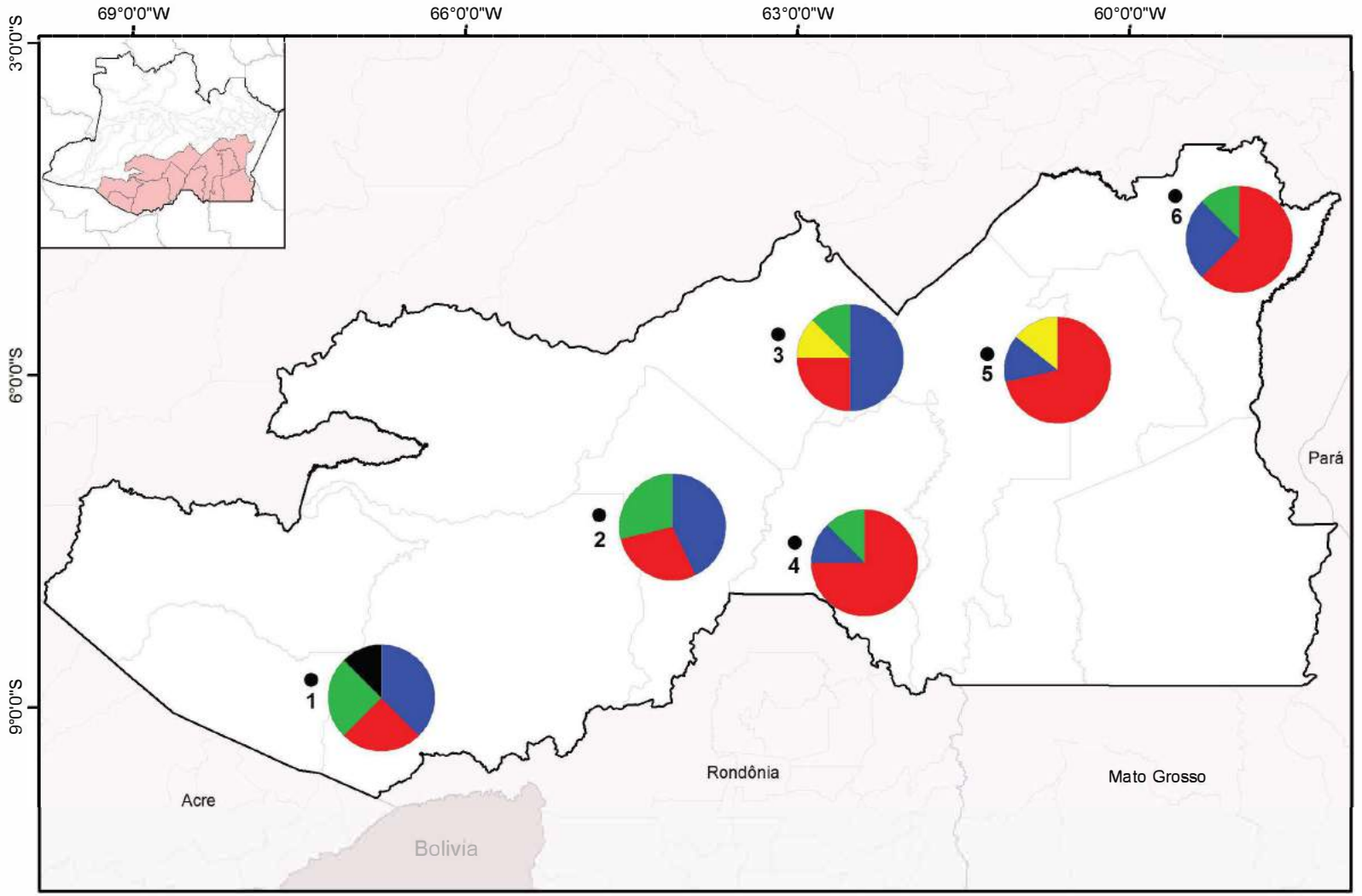

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

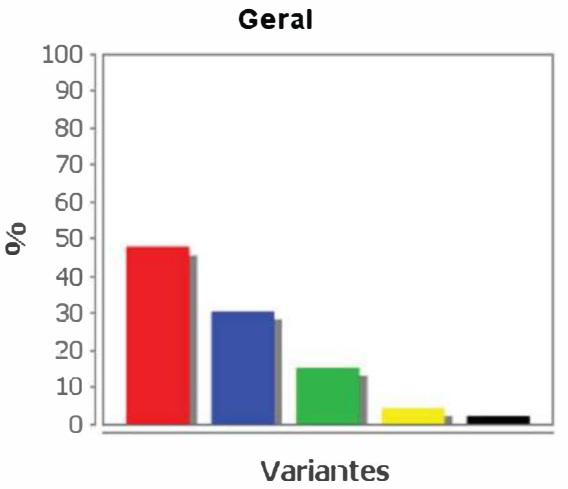
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F019 - Melhor

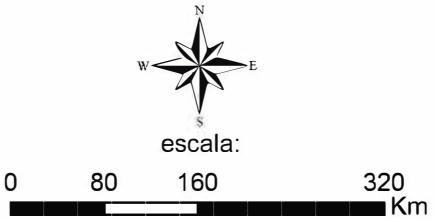



**Legenda**

- [meˈʎɔh]
- [meˈʎɔ]
- [meˈʎɔh]
- [meˈʎɔ]
- [miˈʎɔh]



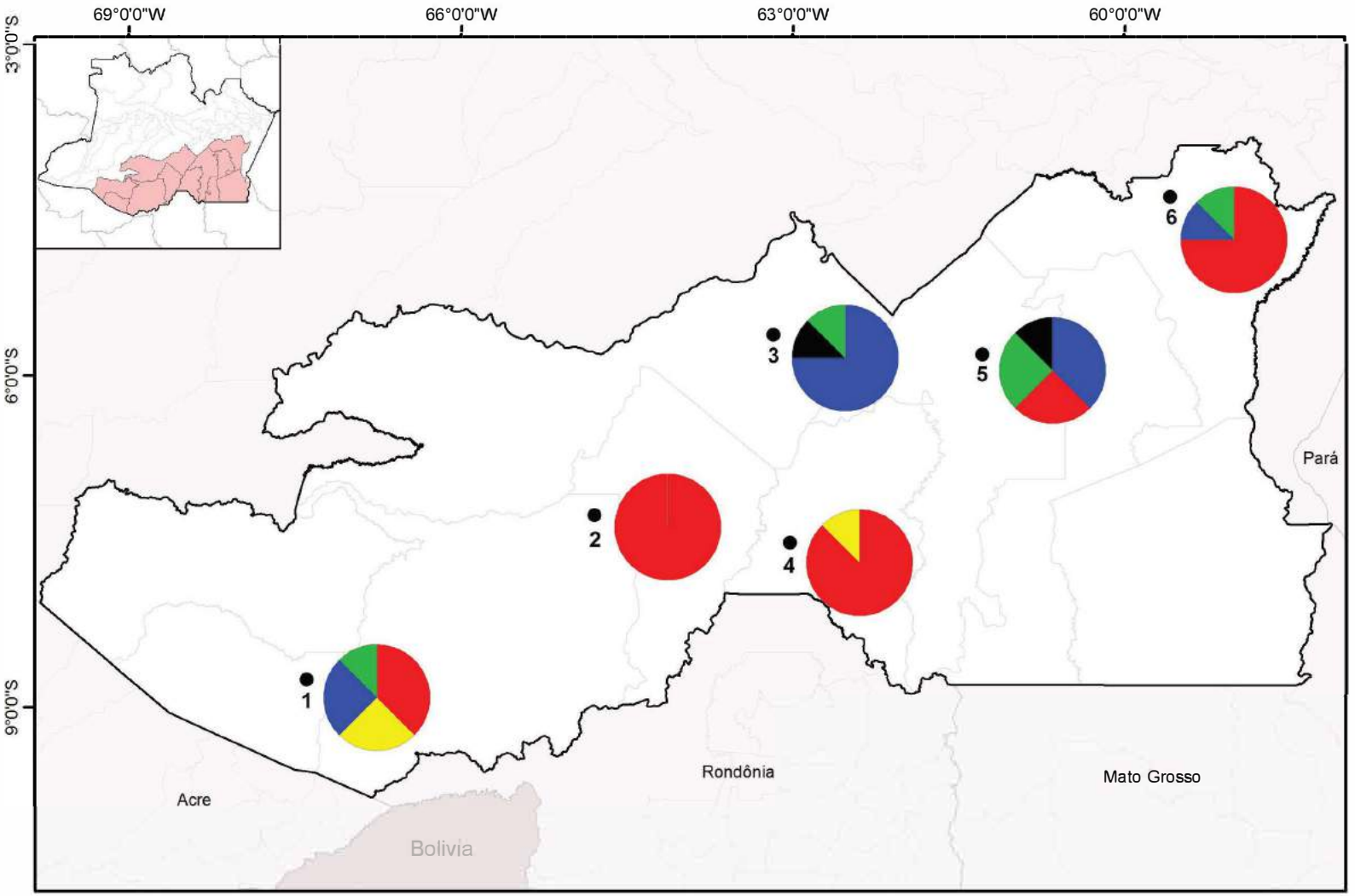

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

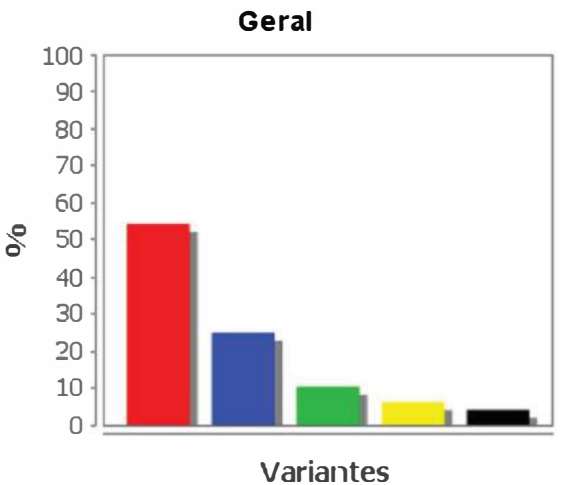
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F023 - Feche(a)

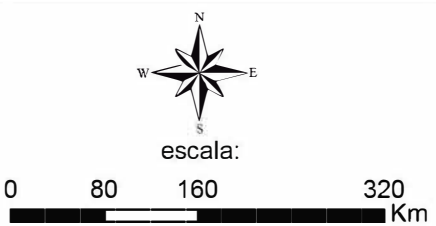



**Legenda**

- [ˈfeʃɪ]
- [ˈfeʃa]
- [ˈfeʃɪ]
- [ˈfeʃa]
- [ˈfejʃɪ]



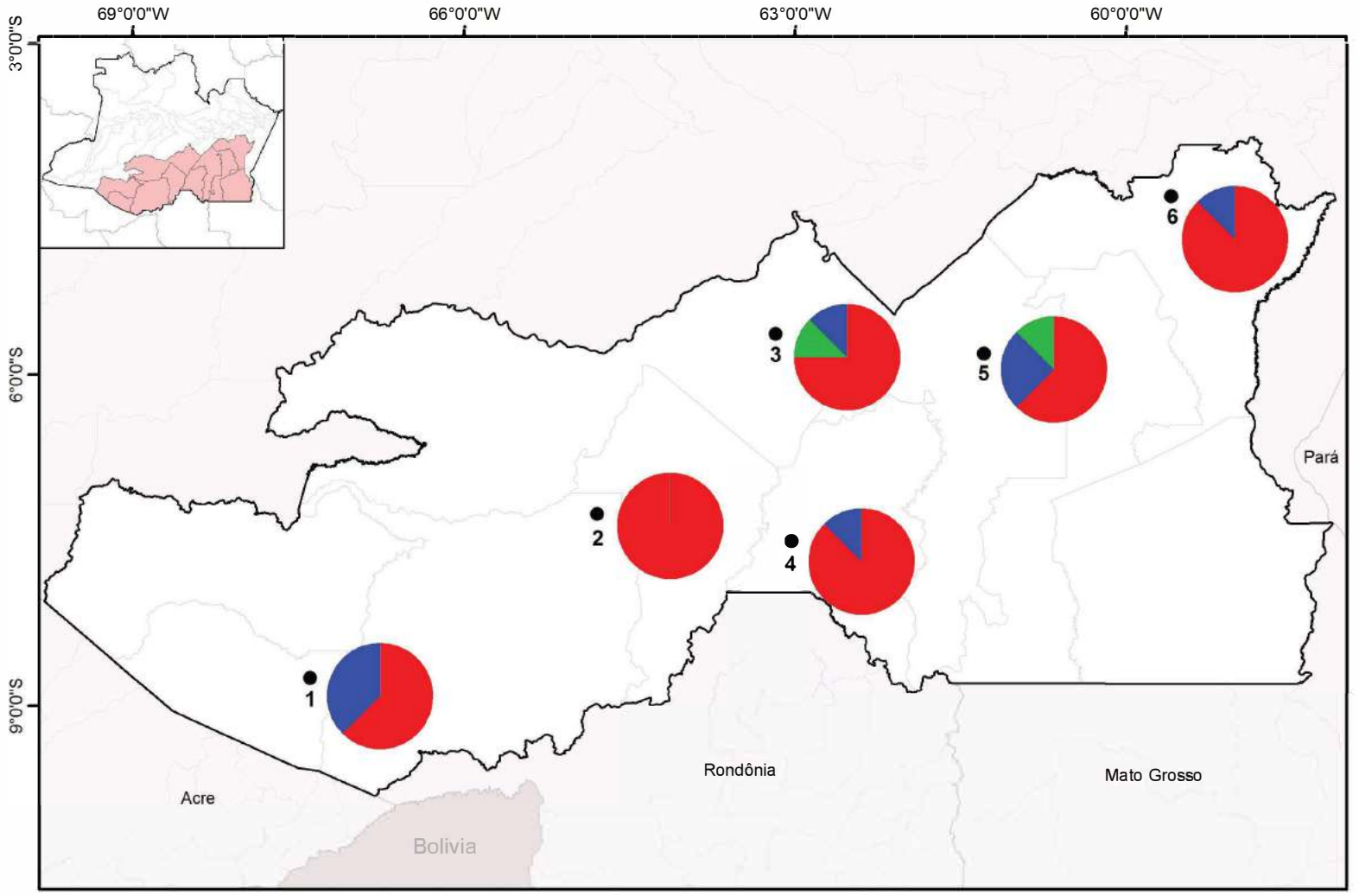

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

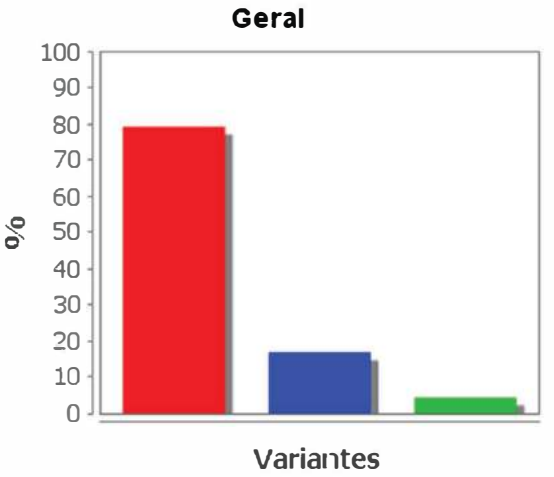
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F023a - Feche(a) - Timbre da vogal /e/ e Ditongação)

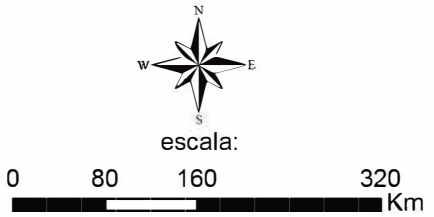



**Legenda**

- e
- ɐ
- ej



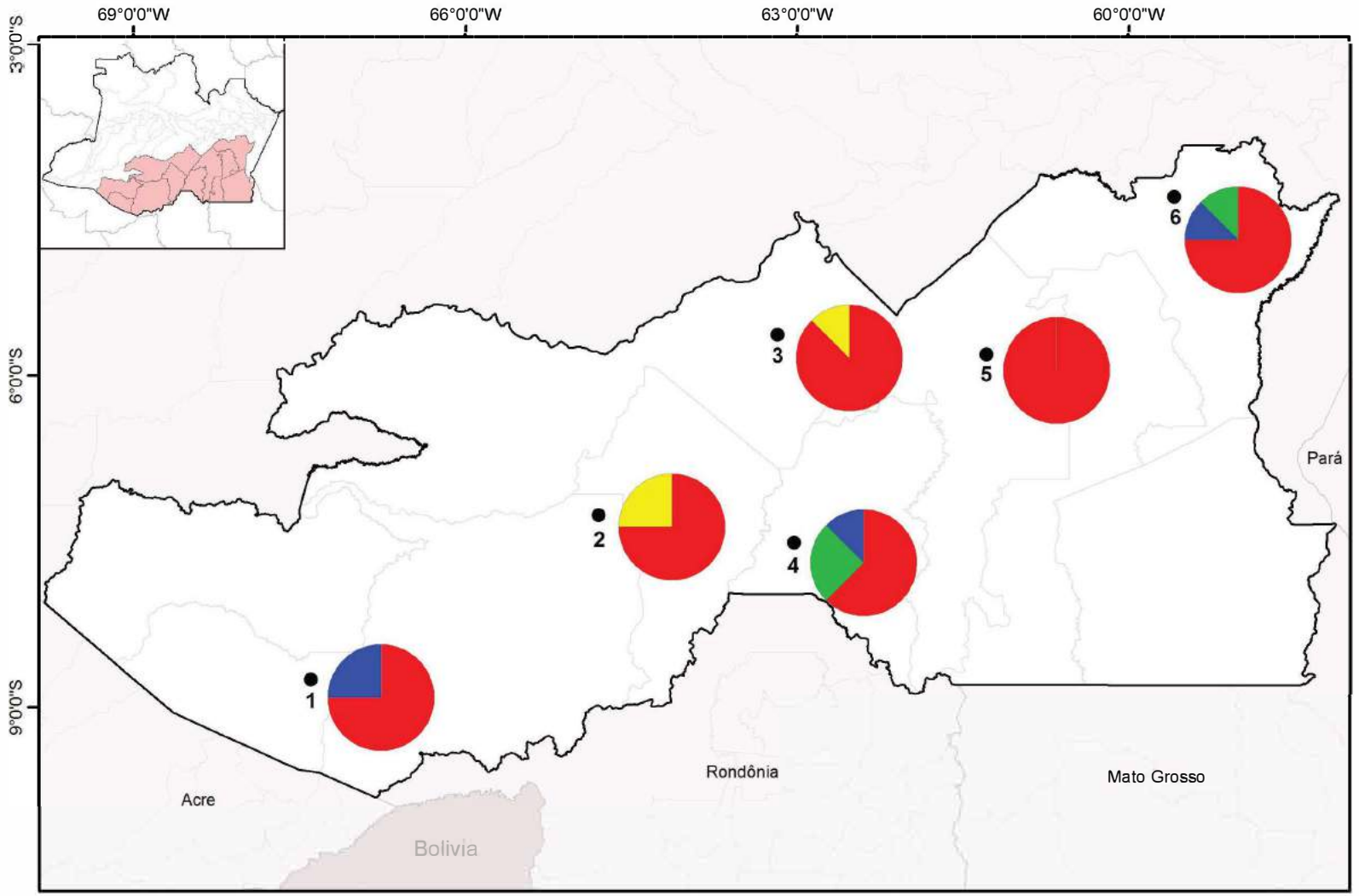

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

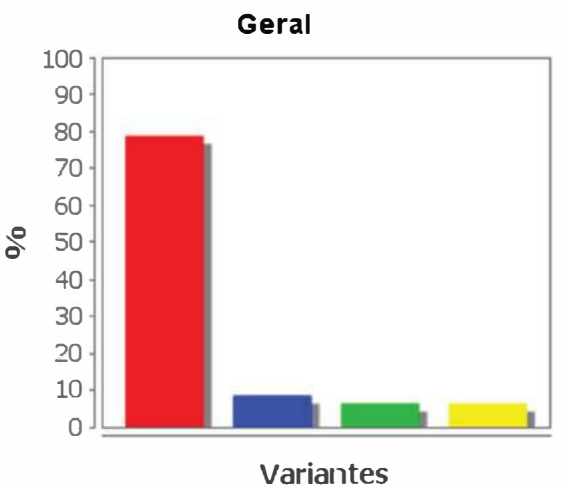
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F024 - Grelha

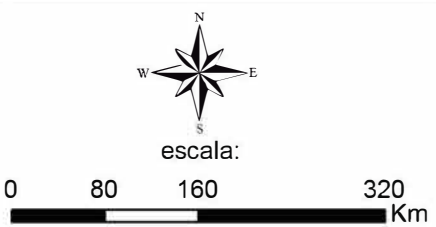



**Legenda**

- ['greʎə]
- ['grejjə]
- ['greʎə]
- ['greə]



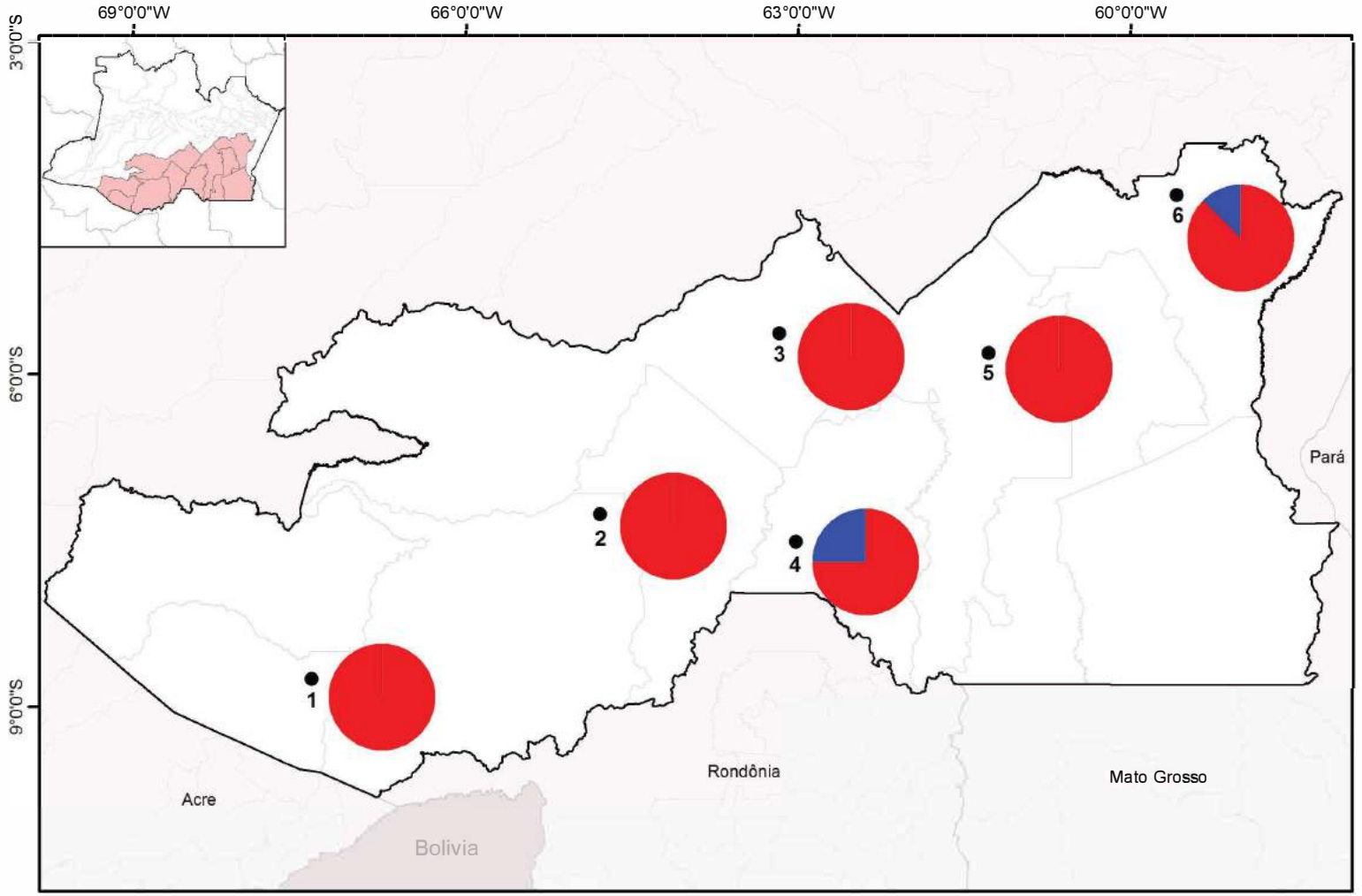

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

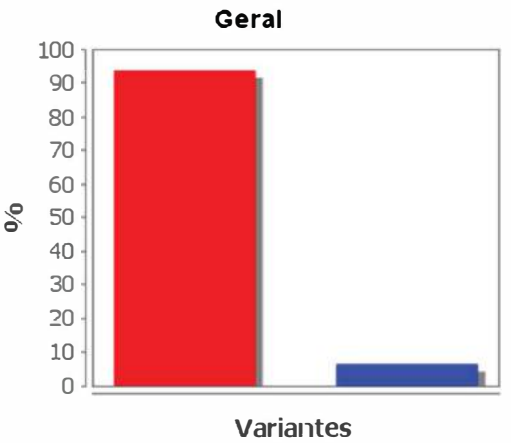
## F024a - Grelha - Timbre da vogal /e/




**Legenda**

ɐ

e




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



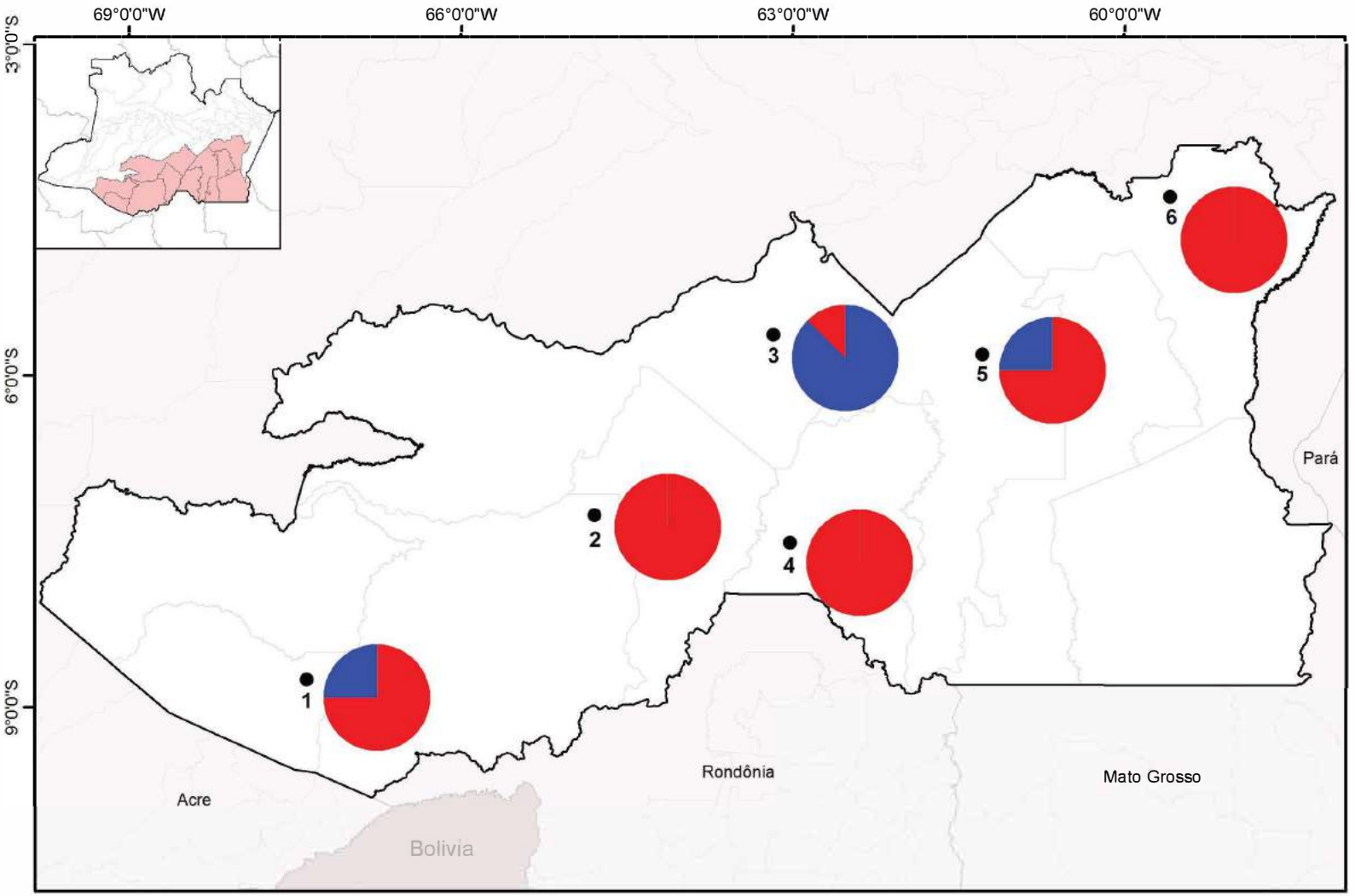

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

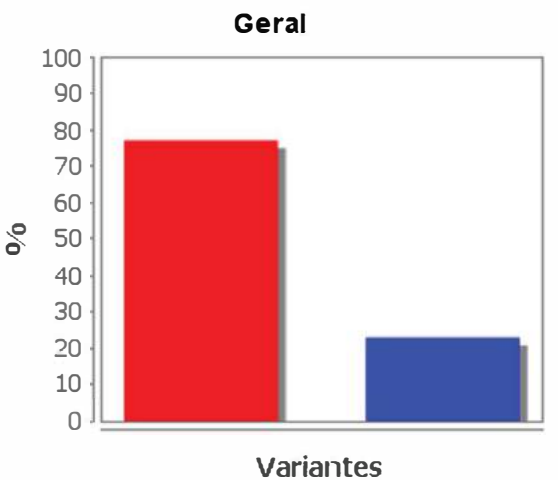
## F026 - Real



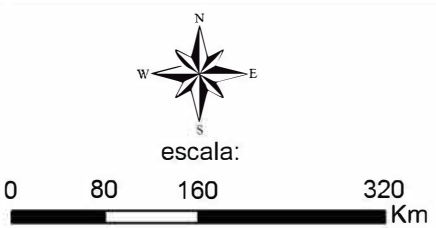

**Legenda**

[he'aw]

[he'aw]



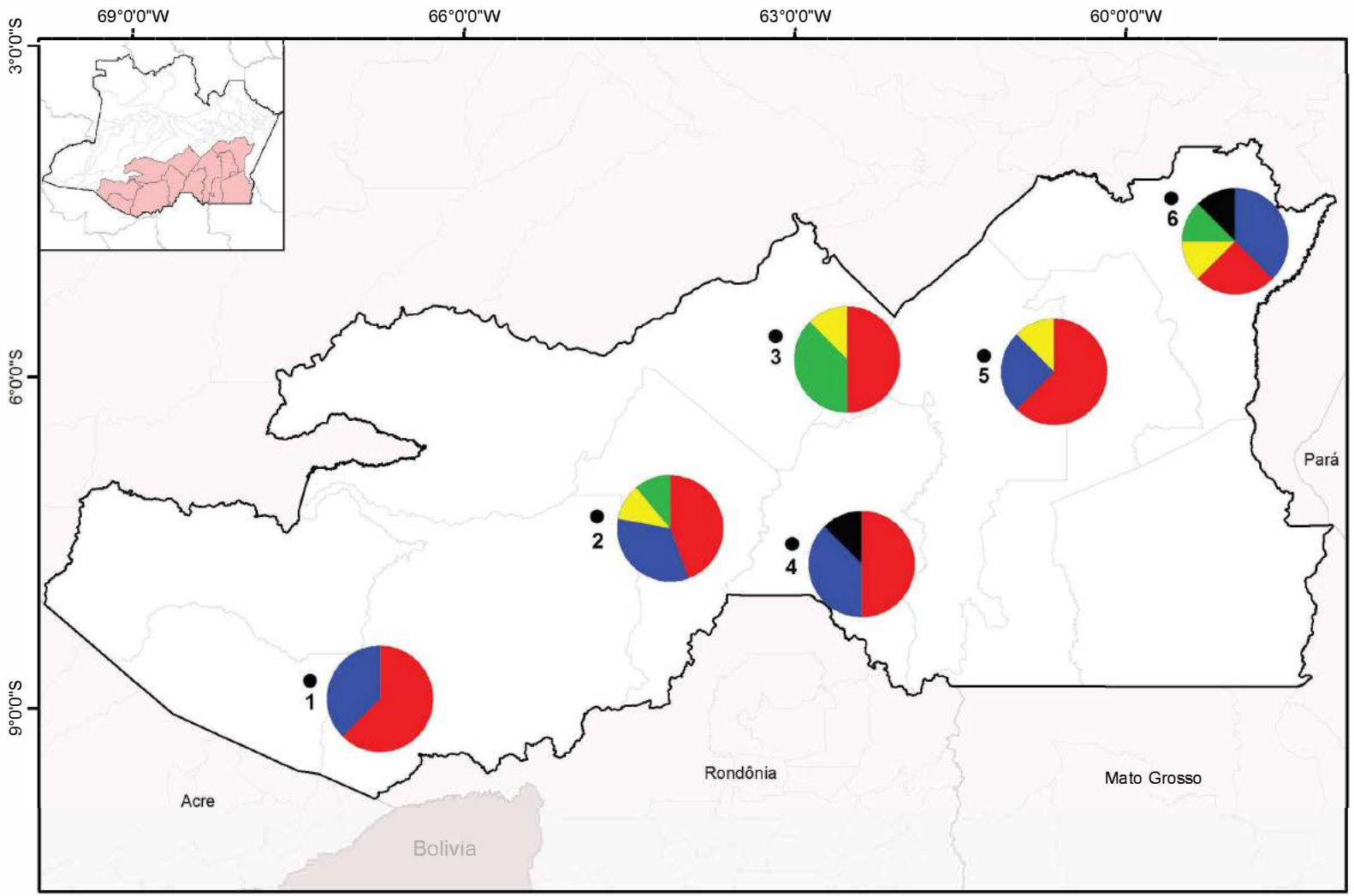

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

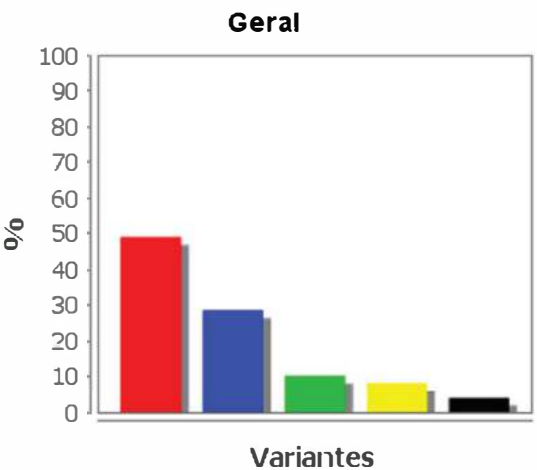
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F029 - Virgem

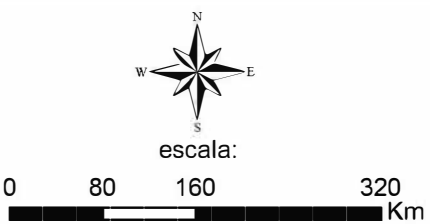



**Legenda**

- [ˈviɦʒẽj]
- [ˈviɦʒɪ]
- [ˈviʒẽj]
- [ˈviʒɪ]
- [ˈviɦʒĩ]



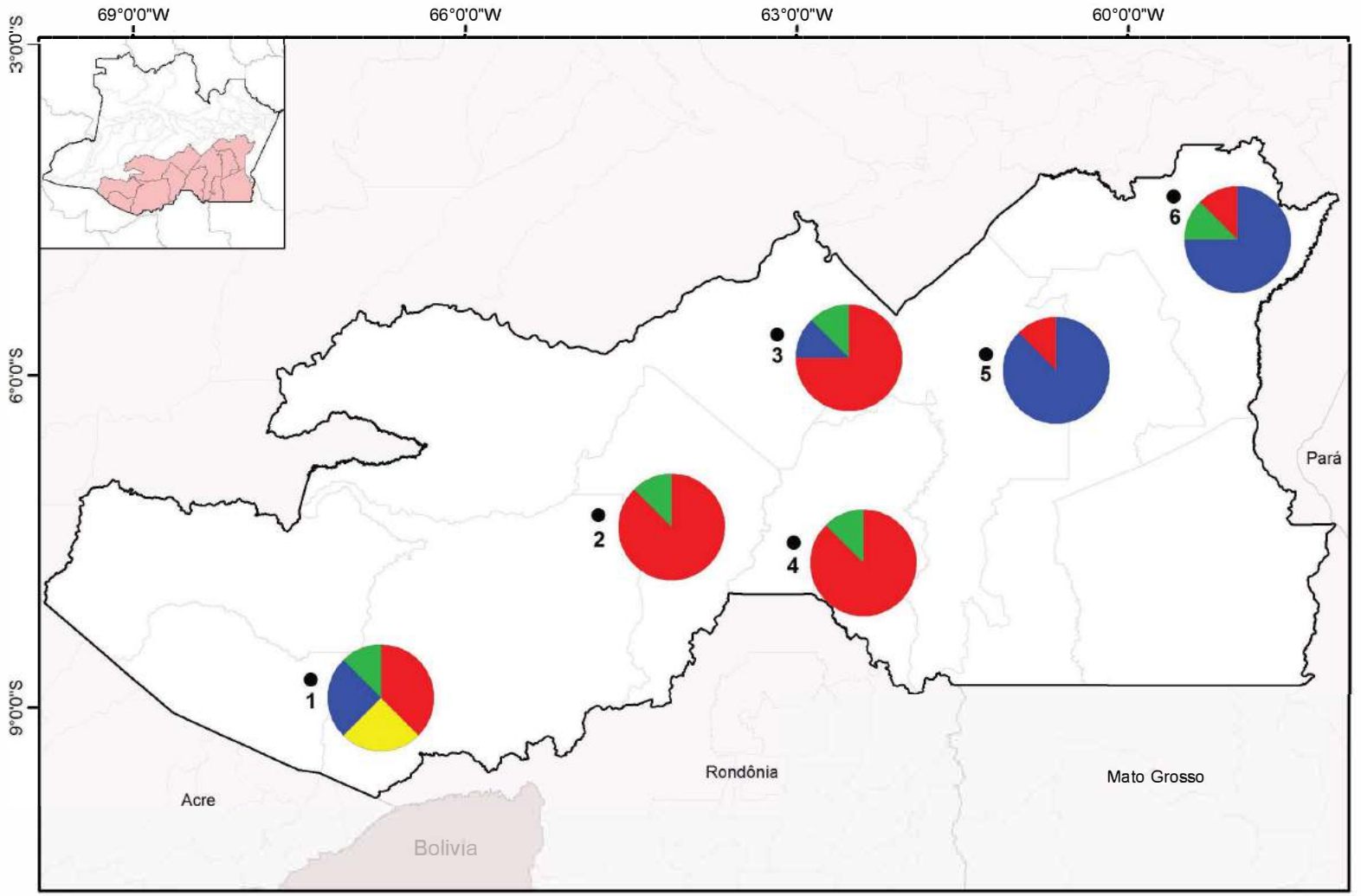

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




[SGVCLin]● - 2015

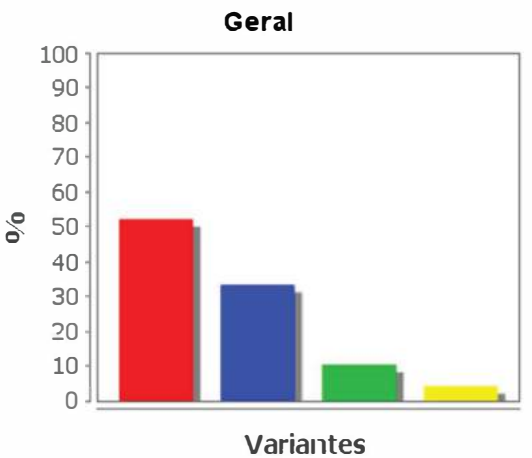
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F030 - Botinho

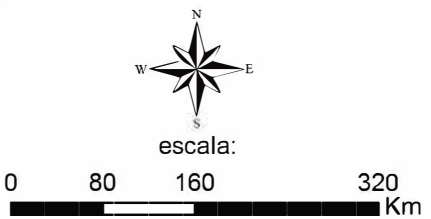



**Legenda**

- [bo'ʧĩu]
- [bo'ʧĩ̃u]
- [boʧĩju]
- [bo'ʧĩ]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F030

# BOTINHO

**NOTAS:**

1. Entende-se, nos casos em que a variante da nasal palatal é a semivogal, que a nasalização da vogal anterior se espraia até essa semivogal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, a transcrição para a terceira variante, em verde, na legenda é [boˈtʃĩ̃jʊ].

# CARTA FONÉTICA F032

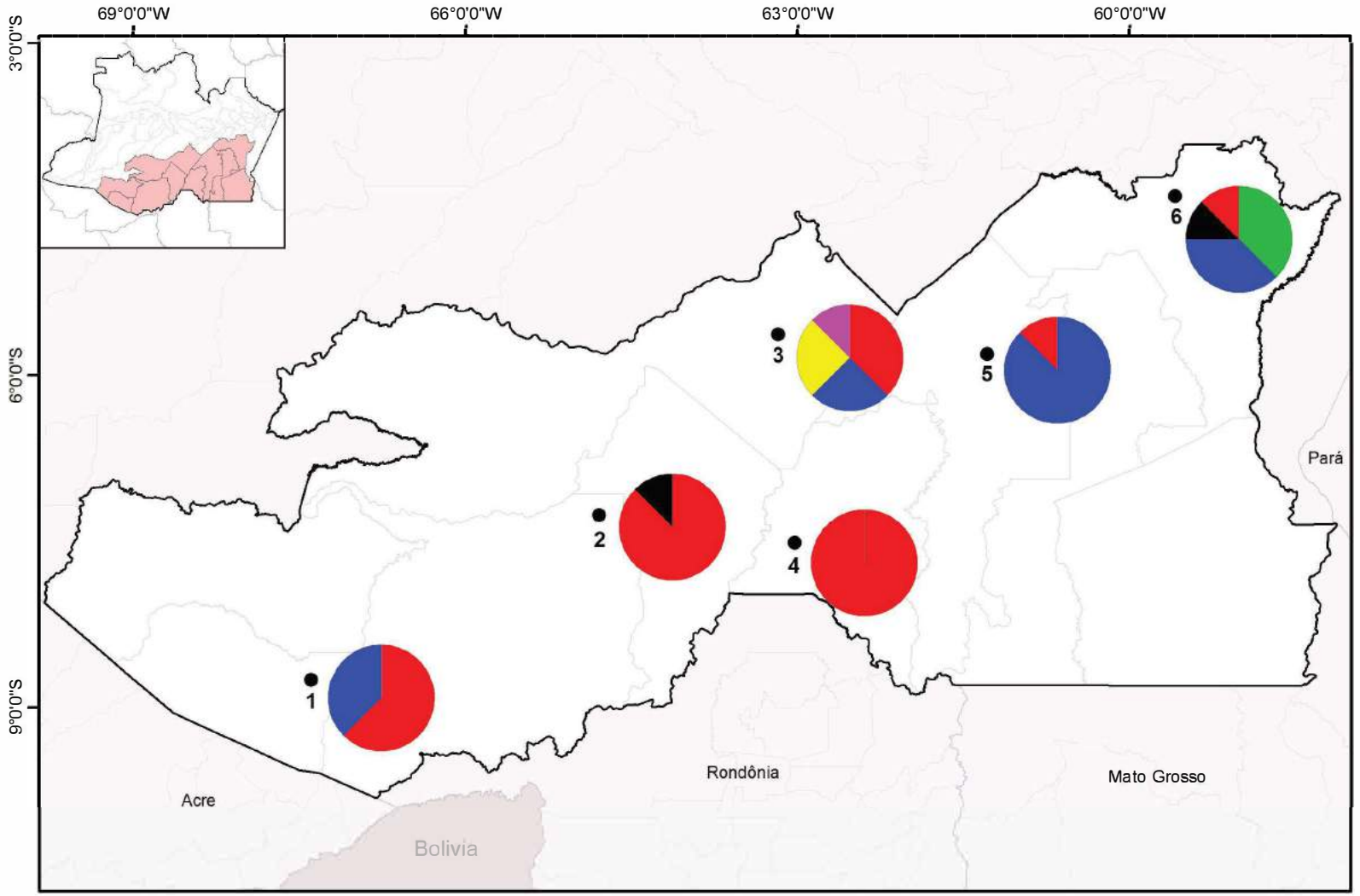
# CONHEÇO

**NOTAS:**

1. Entende-se, nos casos em que a variante da nasal palatal é a semivogal e quando a vogal anterior a ela é nasalizada, que esta nasalidade é assimilada pela primeira semivogal, formando um ditongo nasal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, as transcrições para as variantes em vermelho e preto, na legenda, são [kõ̃jˈjesʊ] e [kũ̃jˈjesu], respectivamente.

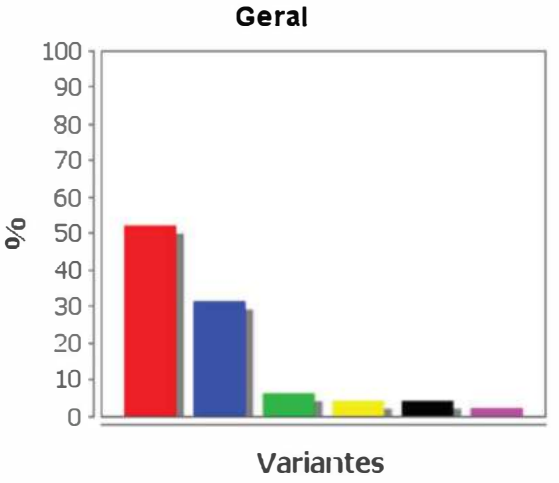
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F032 - Conheço

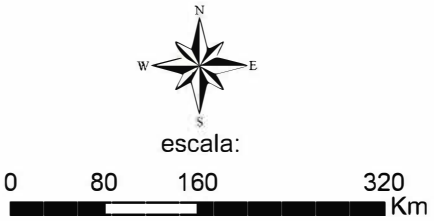



**Legenda**

- [kõj'jesu]
- [kõ'ɲesu]
- [ko'ɲesu]
- [kuj'jesu]
- [kũj'jesu]
- [kõ'esu]



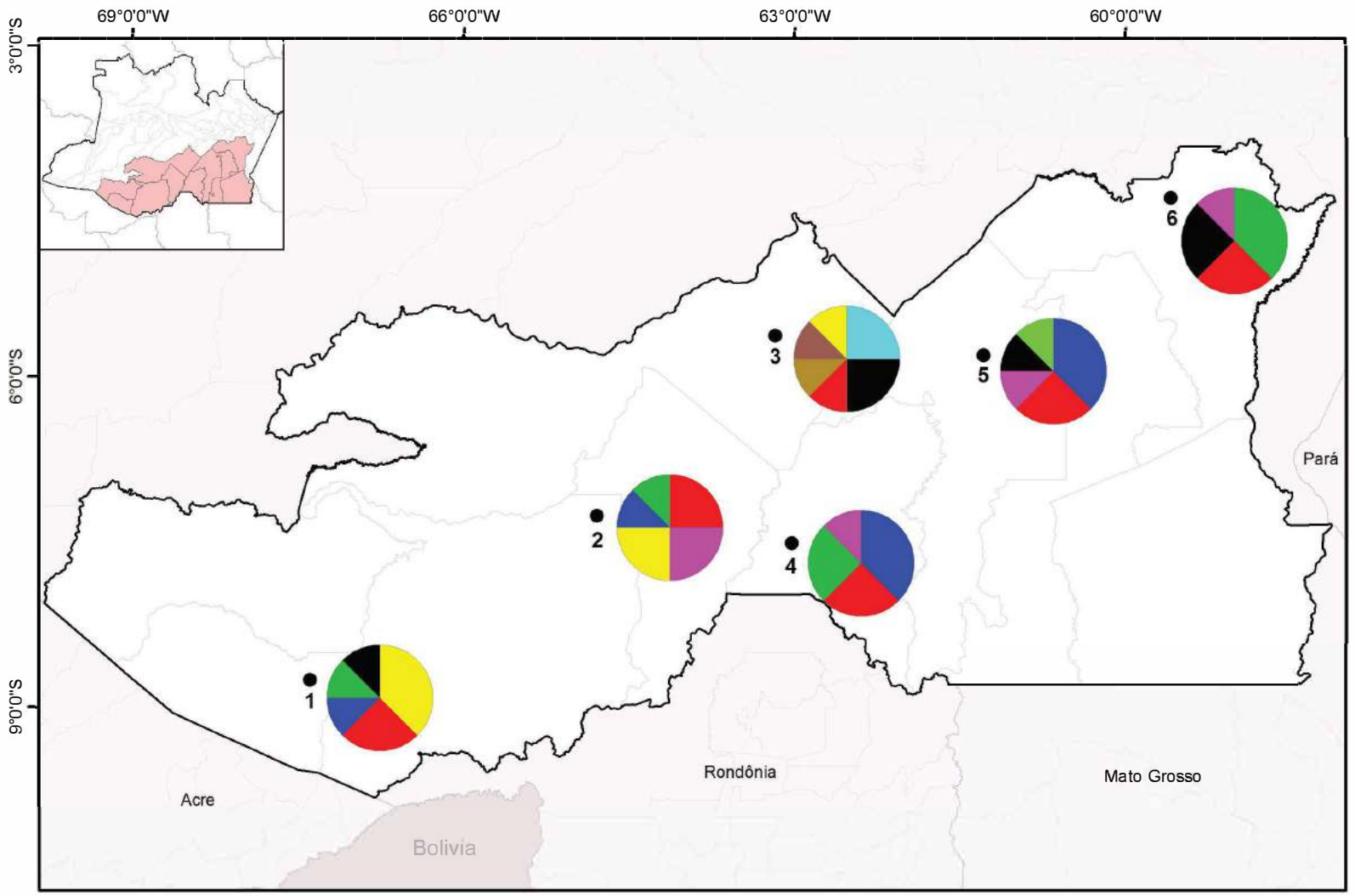

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

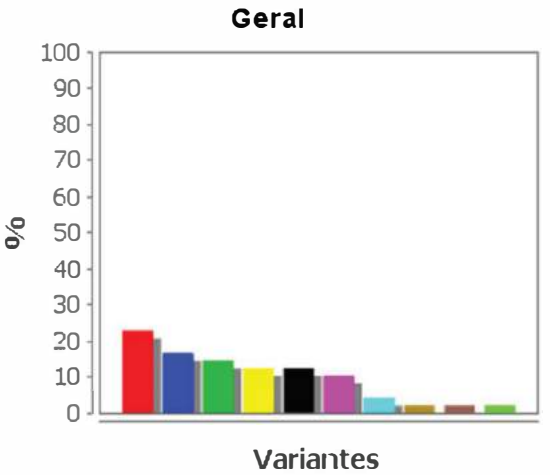
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F035 - Inocente

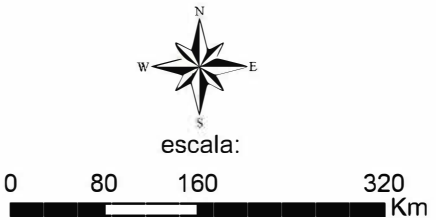



**Legenda**

- [inɔˈsẽʧɪ]
- [ĩnoˈsẽʧɪ]
- [ĩnɔˈsẽʧɪ]
- [ĩnuˈsẽʧɪ]
- [inuˈsẽʧɪ]
- [inoˈsẽʧɪ]
- [nɔˈsẽʧɪ]
- [ĩnũˈsẽʧɪ]
- [nuˈsẽʧɪ]
- [enɔˈsẽʧɪ]



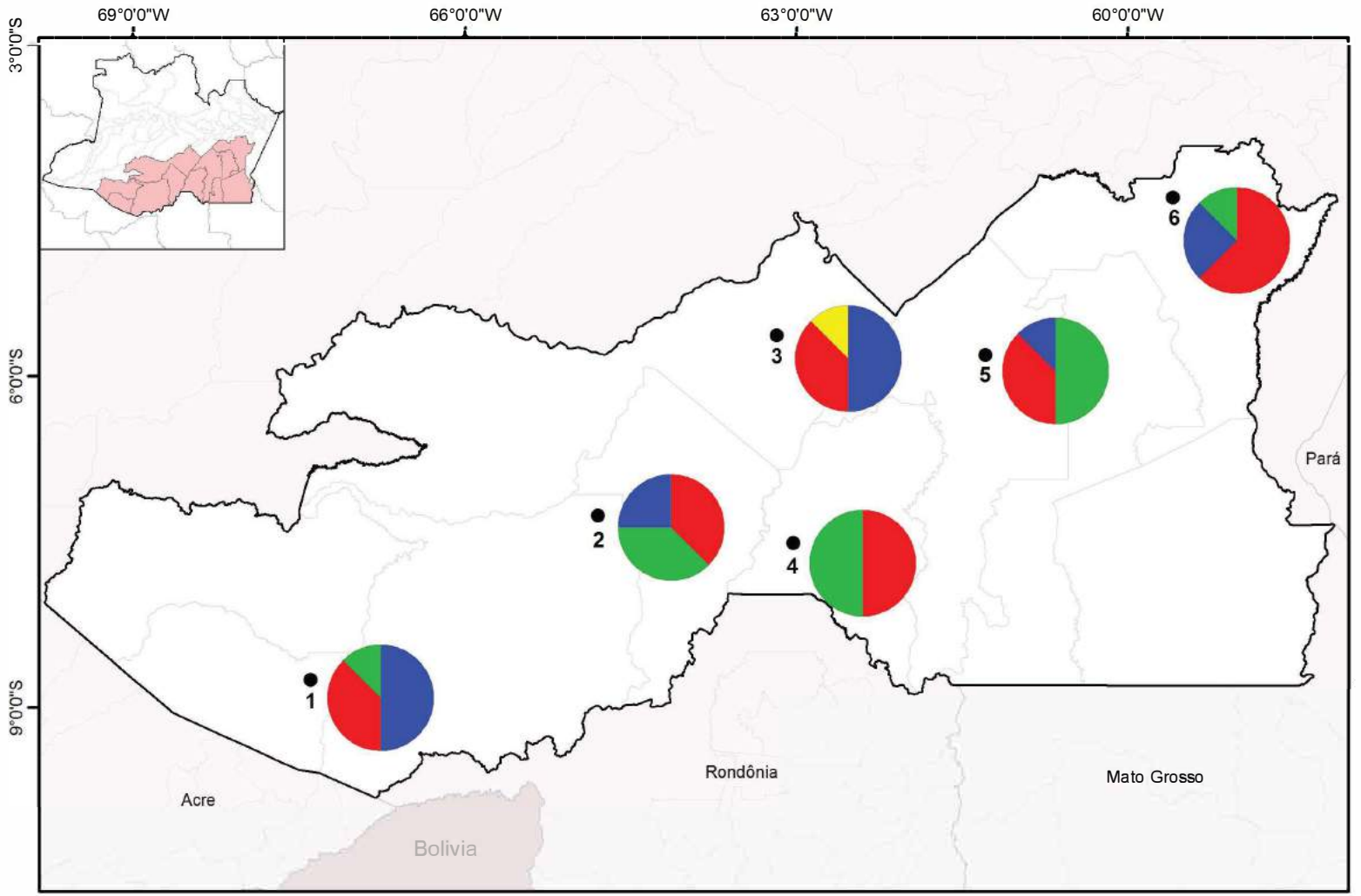

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

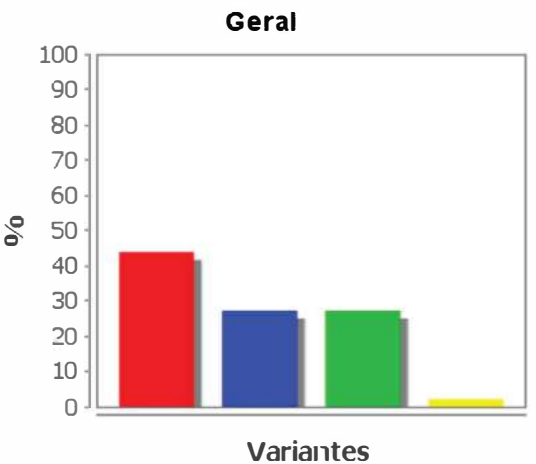
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F035a - Inocente - Vogal média posterior pretônica e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte

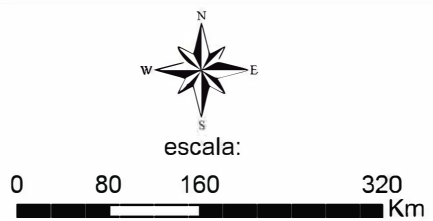



**Legenda**

- ɔ
- u
- o
- ũ



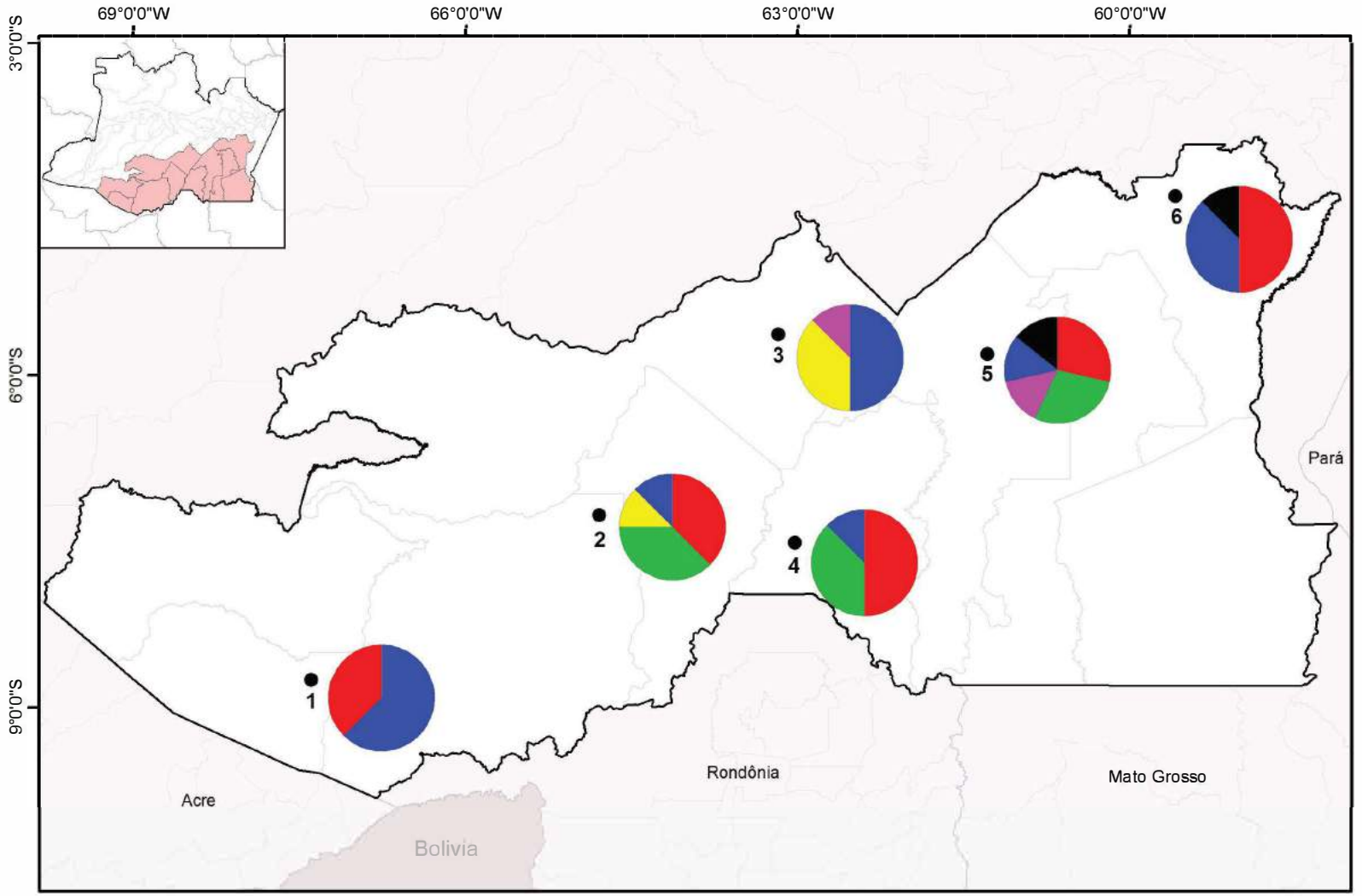

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

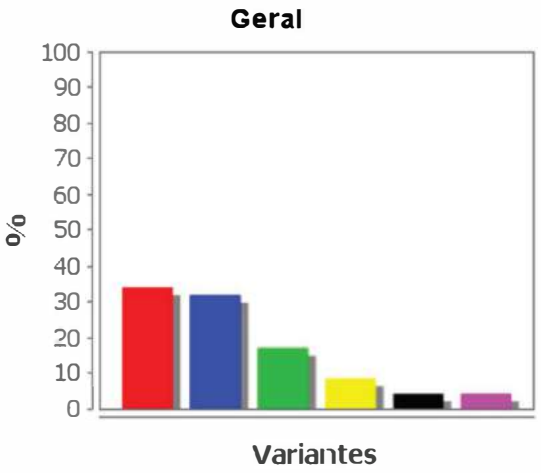
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F037 - Coador

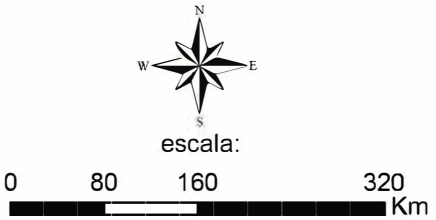



**Legenda**

- [kua'doh]
- [kua'do]
- [kwa'doh]
- [kwa'do]
- [koa'doh]
- [koa'do]



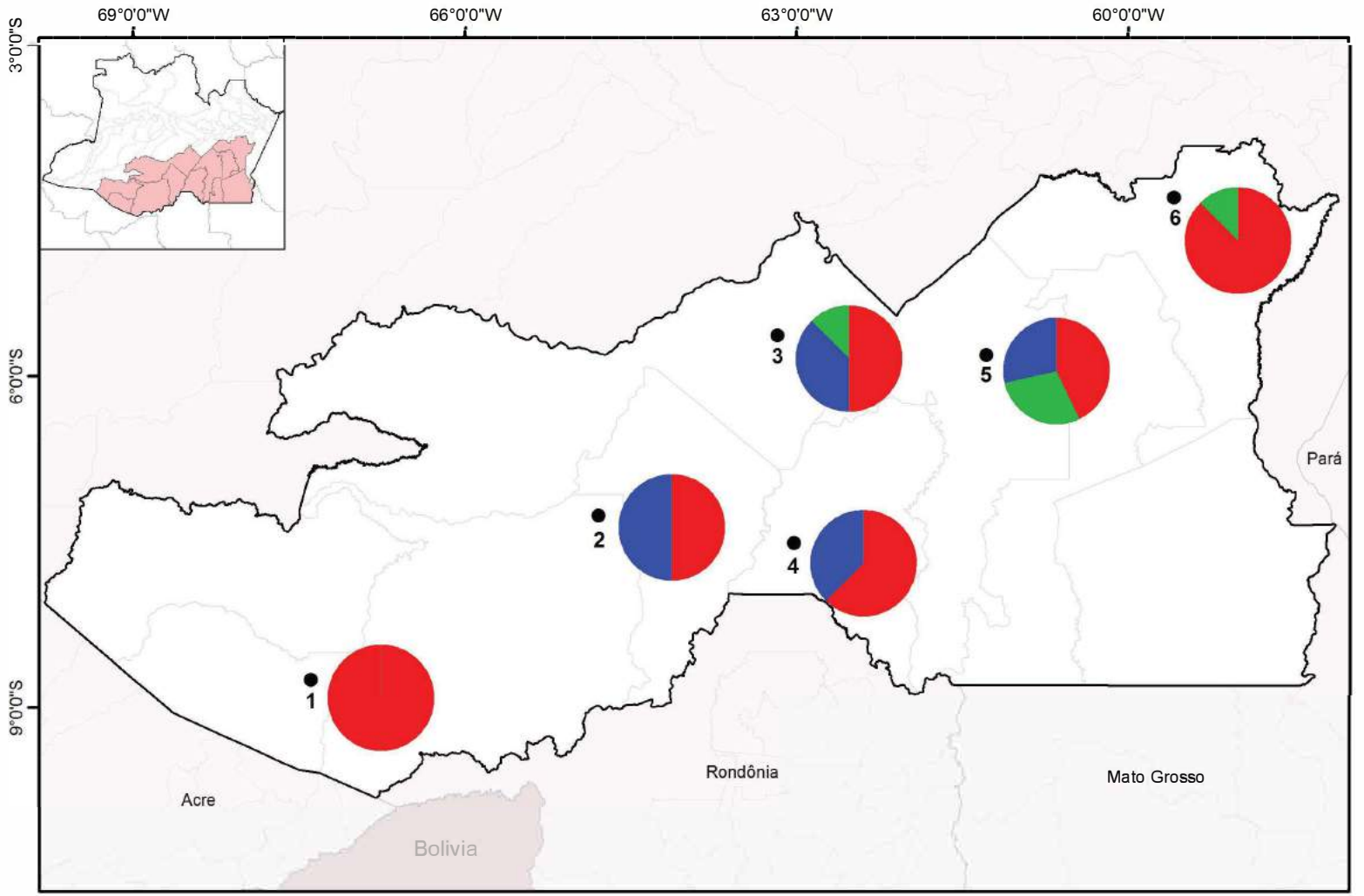

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

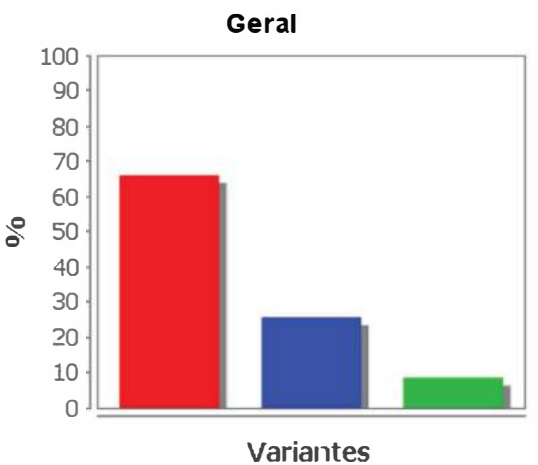
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F037a - Coador - Vogal média posterior pretônica / semivogal posterior

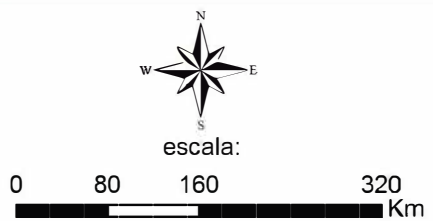



**Legenda**

- u
- w
- o



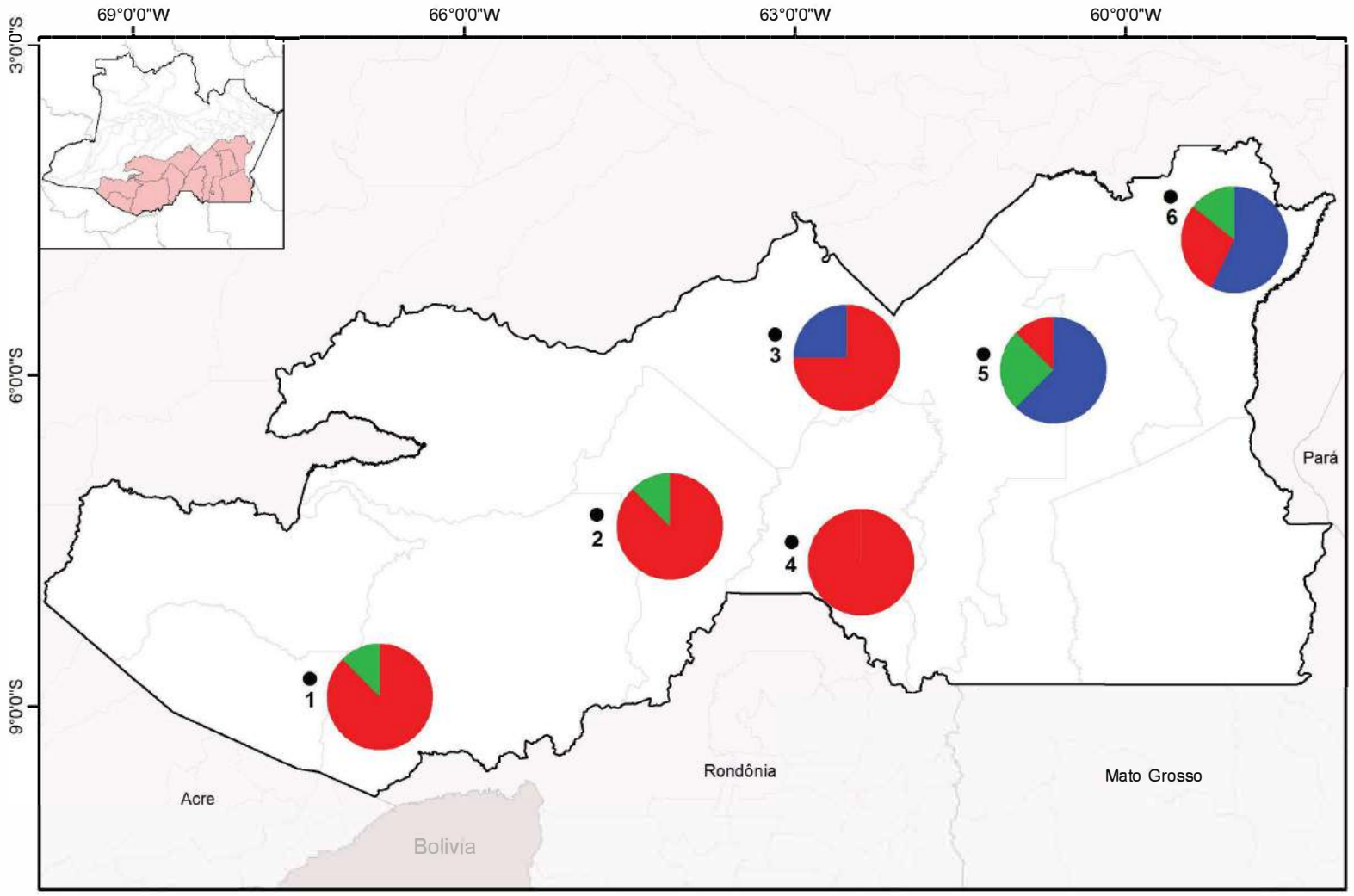

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

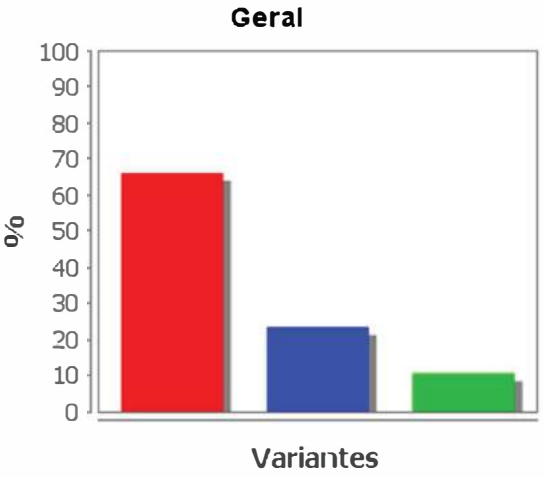
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F039 - Mesma

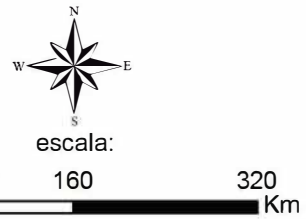



**Legenda**

- ['mezmə]
- ['meʒmə]
- ['mefmə]



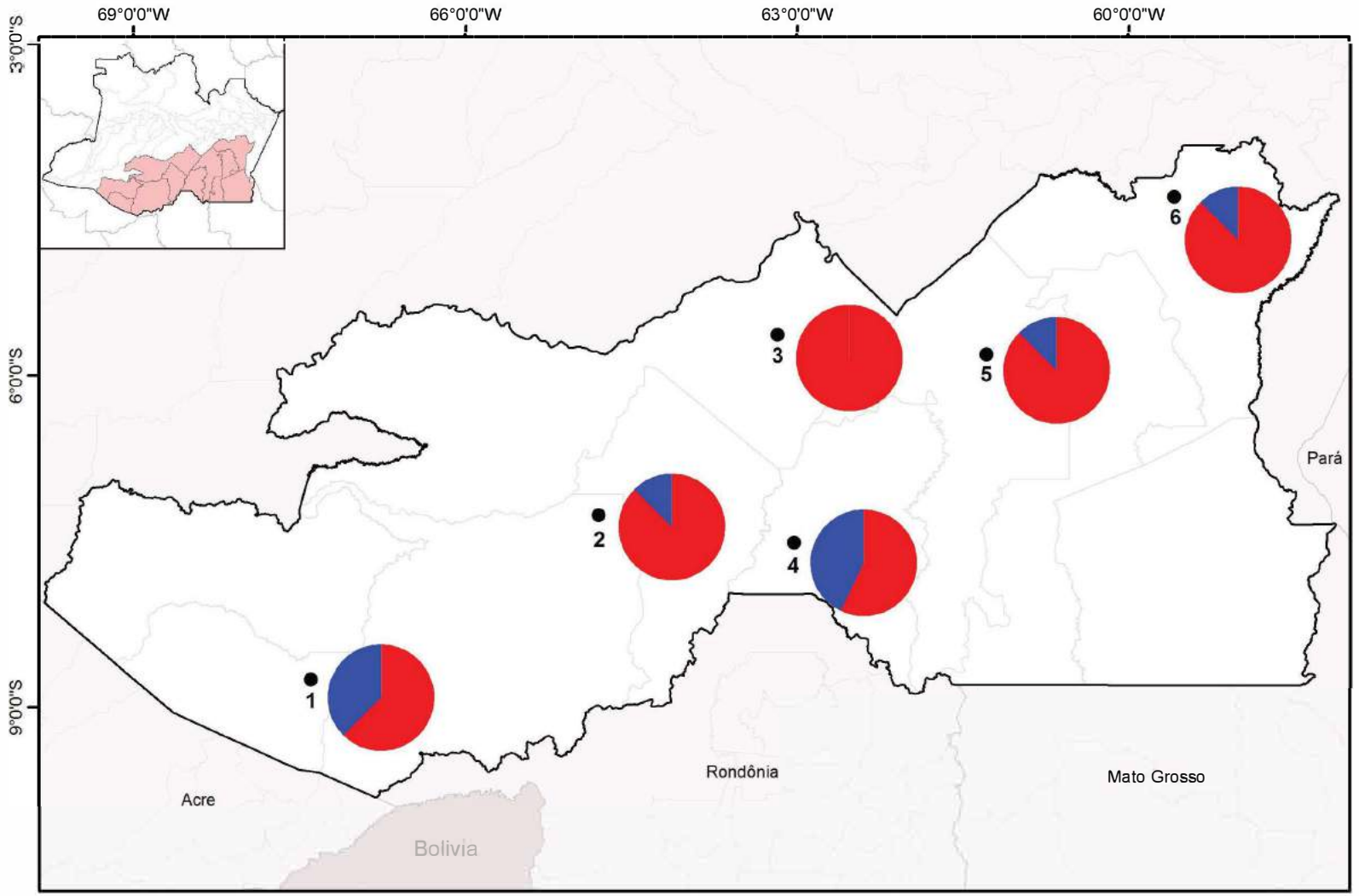

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

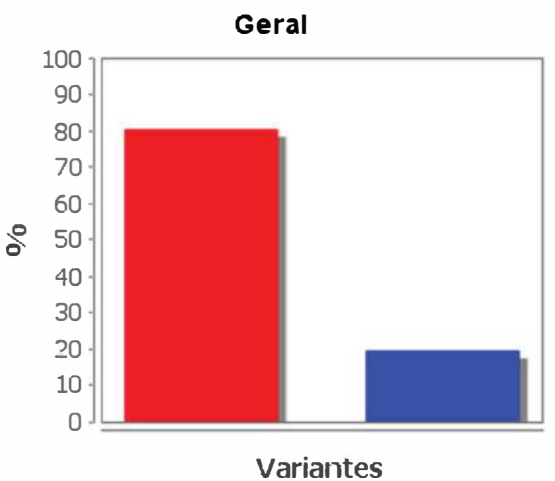
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F042 - Proa

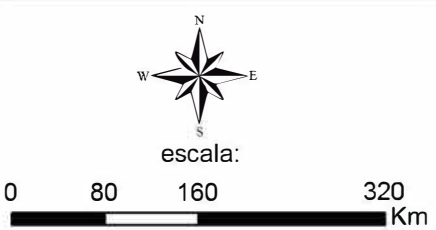



**Legenda**

- ['proə]
- ['prowə]



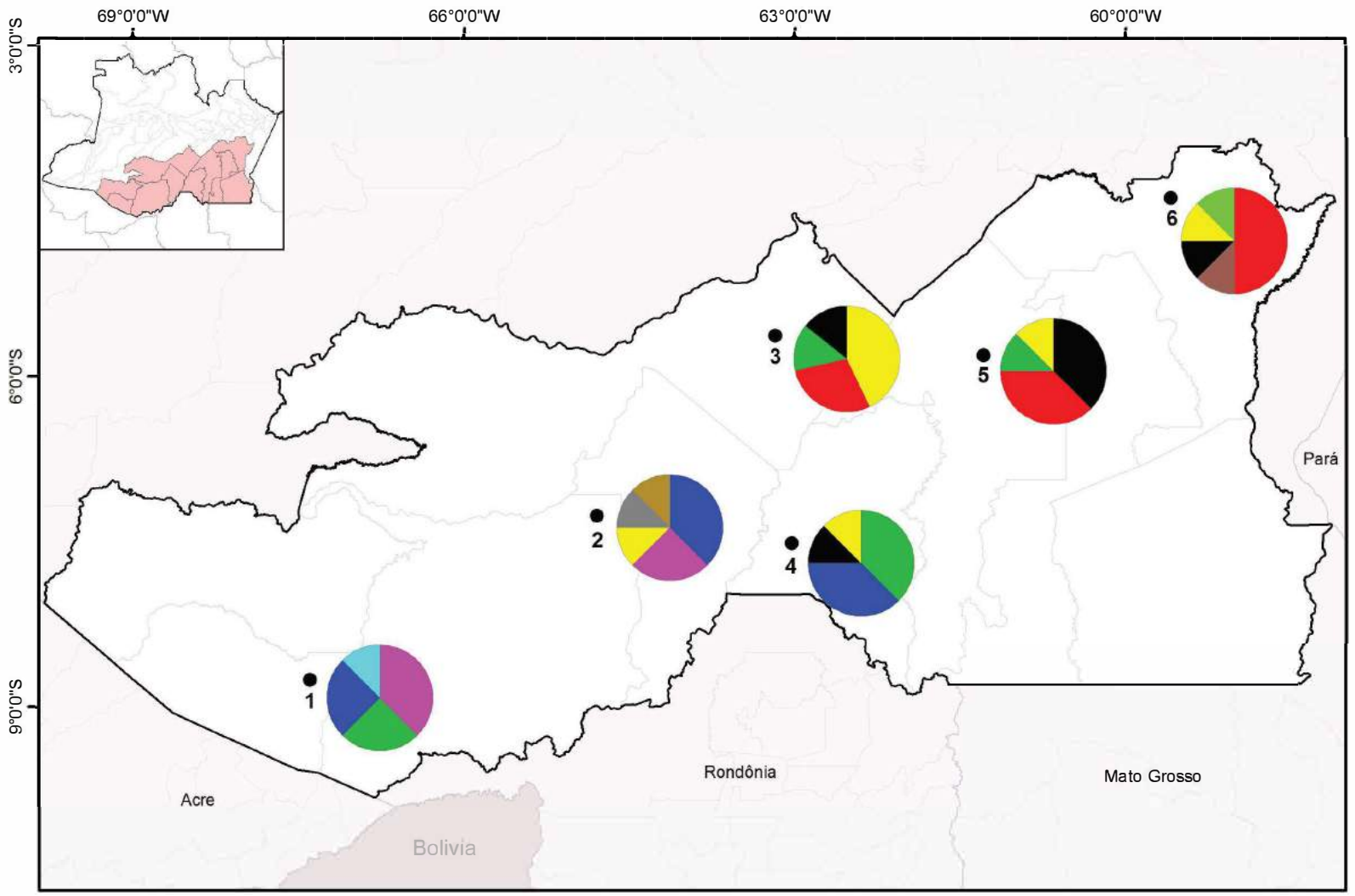

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

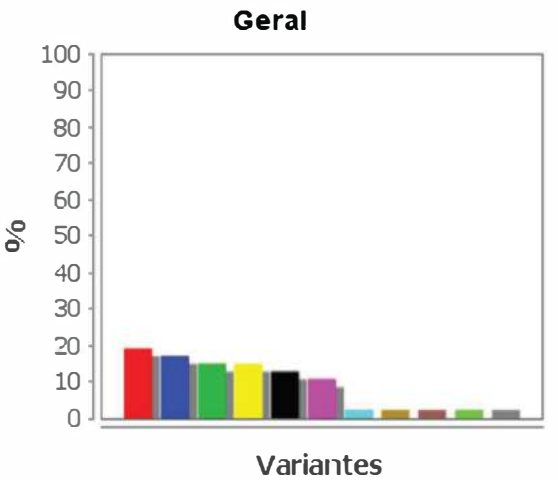
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F044 - Desligada / Desligar

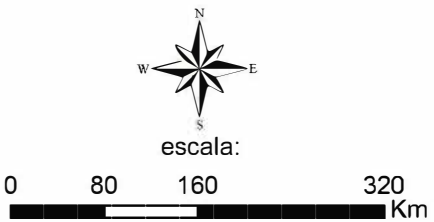



**Legenda**

- [deɦʎi'gadə]
- [dezli'gadə]
- [deɦli'gadə]
- [deʒʎi'gadə]
- [ʤiɦʎi'gadə]
- [ʤiɦli'gadə]
- [ʤizli'gadə]
- [ʤiɦli'ga]
- [ʤiʒli'gadə]
- [deʒli'gadə]
- [ʤizʎi'gadə]



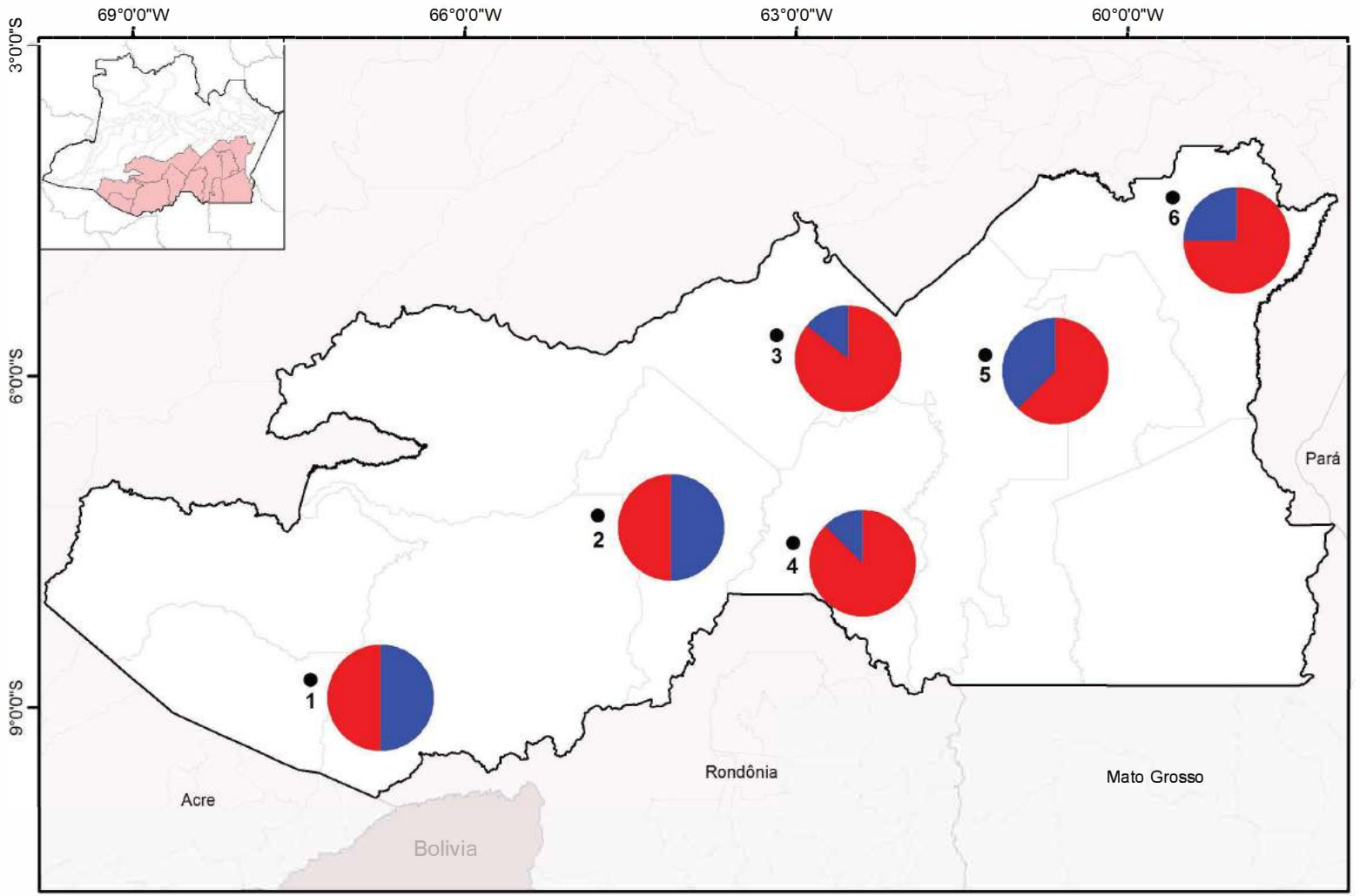

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

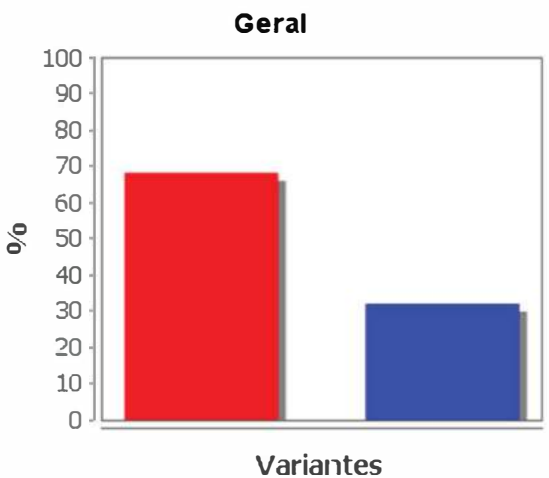
## F044a - Desligada / Desligar - Vogal média anterior pretônica



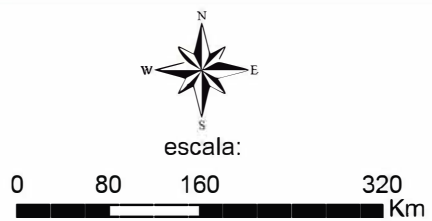

**Legenda**

e

i



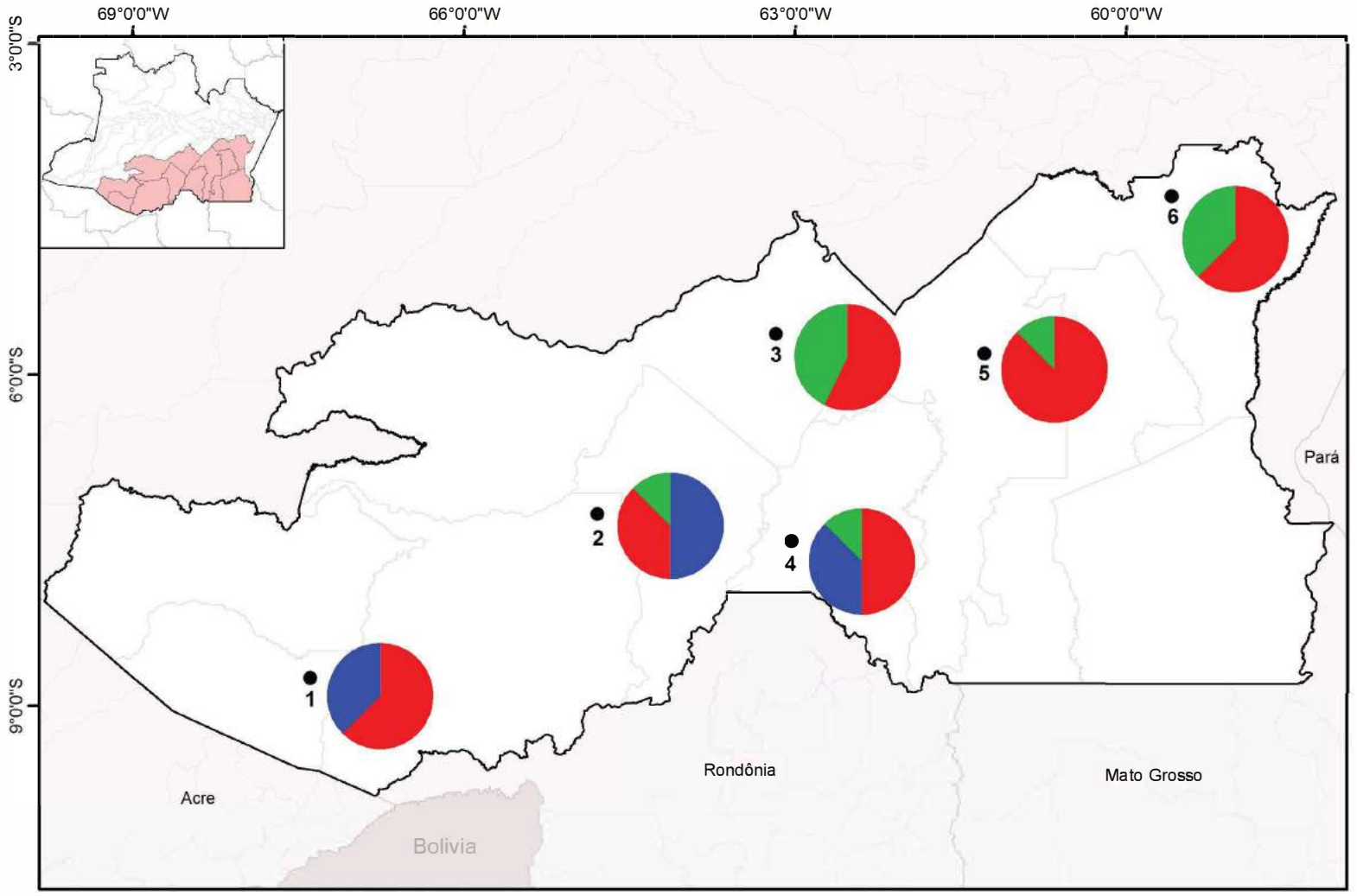

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F044b - Desligada / Desligar - /S/ em coda silábica



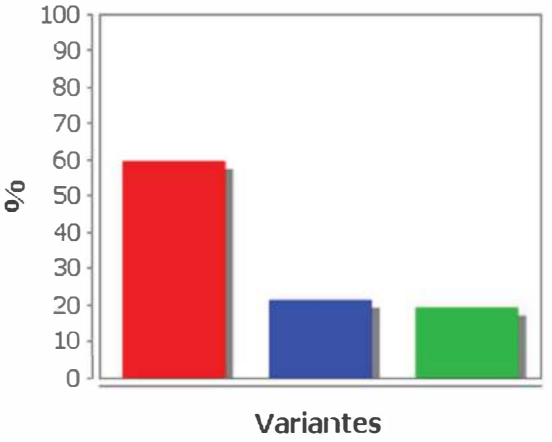

**Legenda**

h

z

ʒ

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



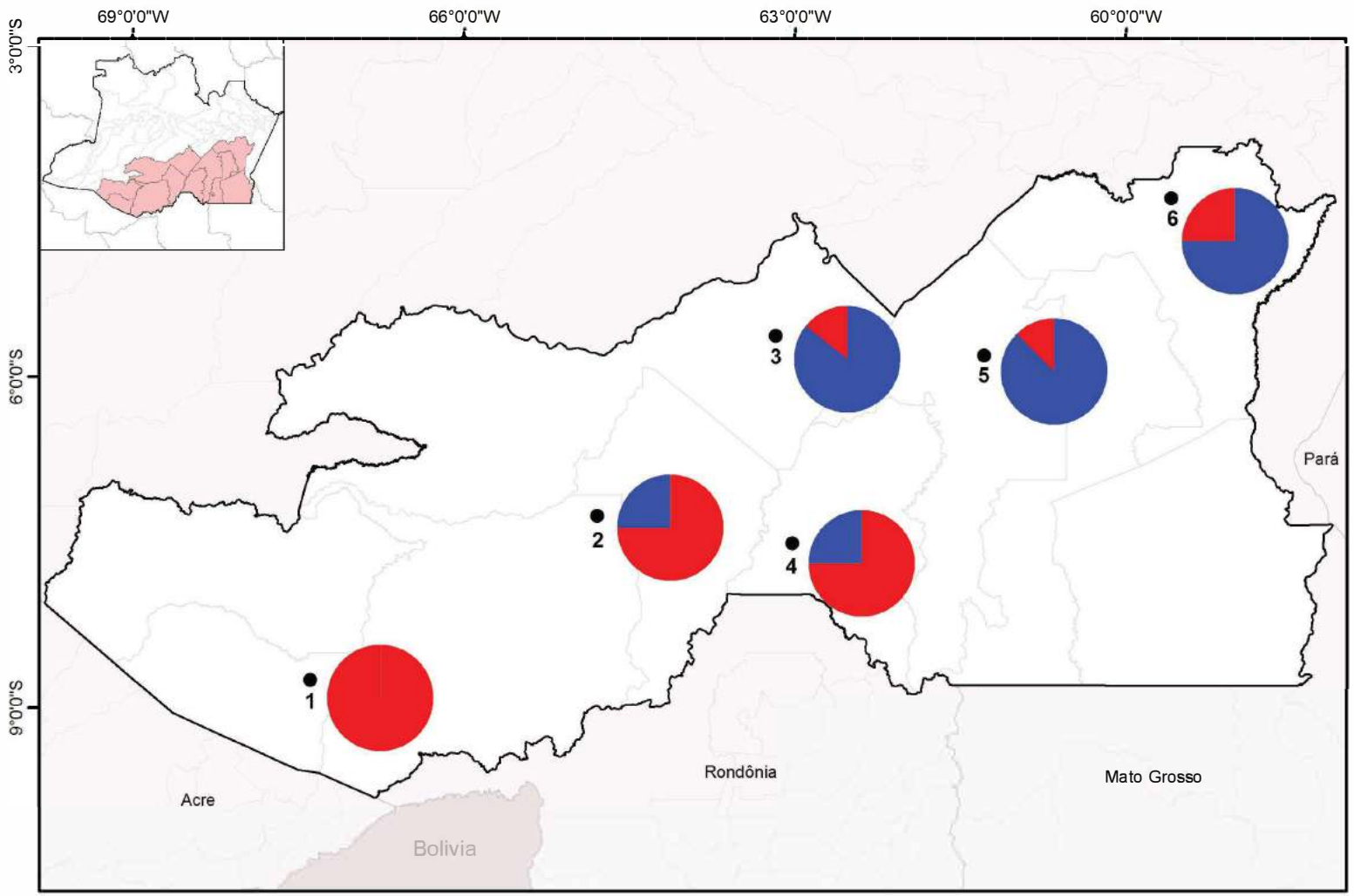

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

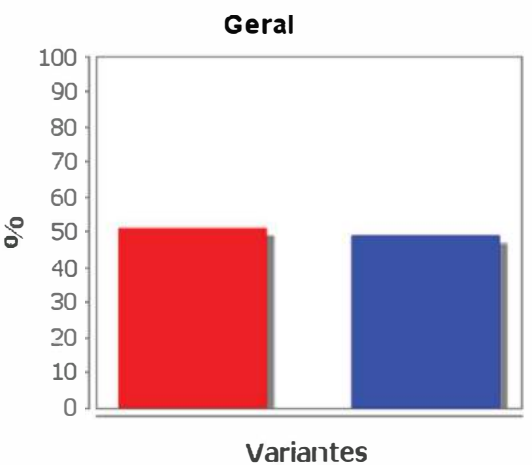
## F044c - Desligada / Desligar - Lateral antecedendo vogal anterior alta [i]



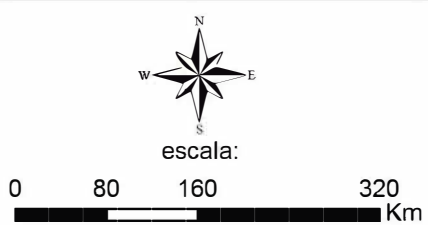

**Legenda**

1

ʎ



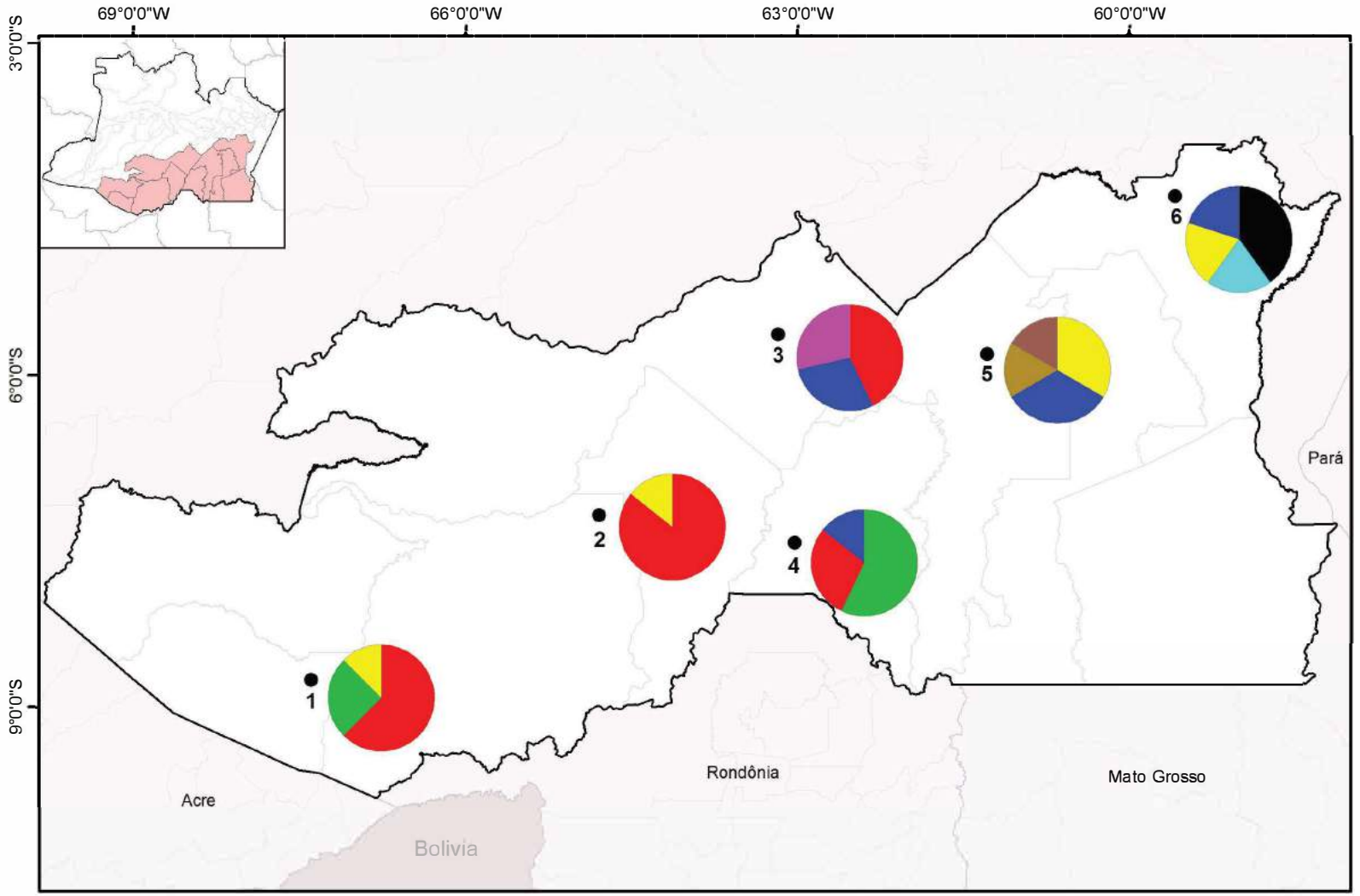

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

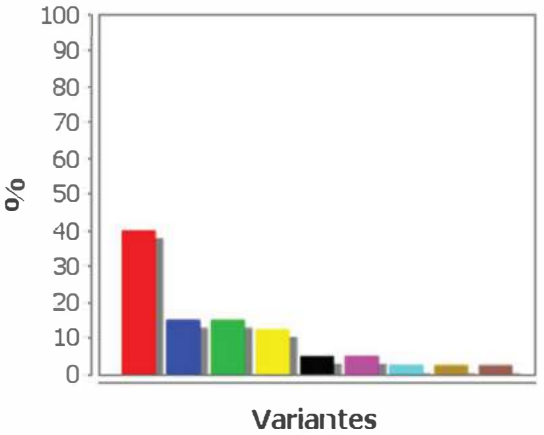
## F045 - Desbotada




**Legenda**

- [ʤizbɔ'tadə]
- [deʒbɔ'tadə]
- [dezbɔ'tadə]
- [ʤiɲbɔ'tadə]
- [ʤiʒbɔ'tadə]
- [dɐzbɔ'tadə]
- [ʤizbo'tadə]
- [deɲbo'tadə]
- [dezbo'tadə]

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



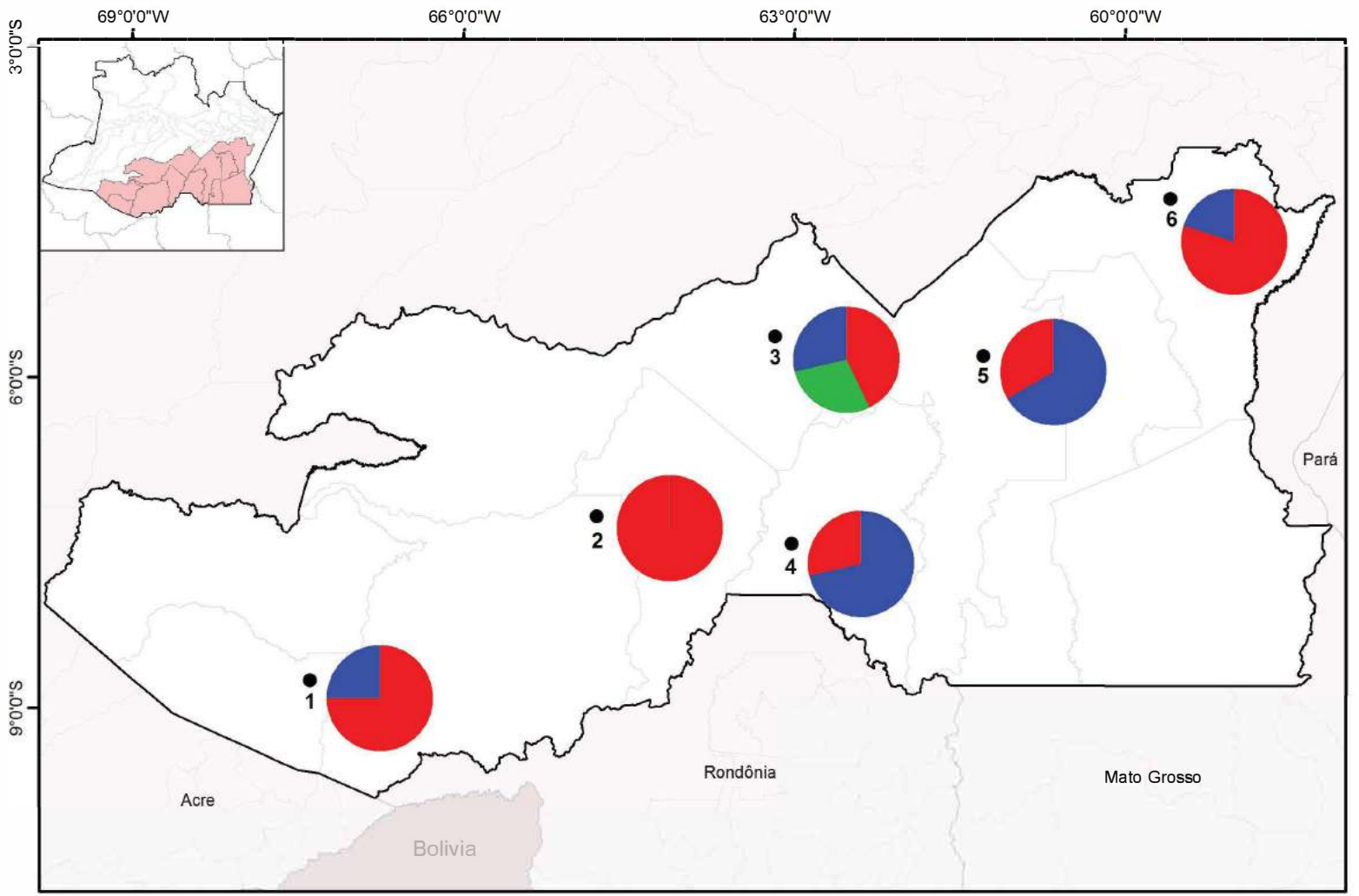

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F045a - Desbotada - Vogal média anterior pretônica



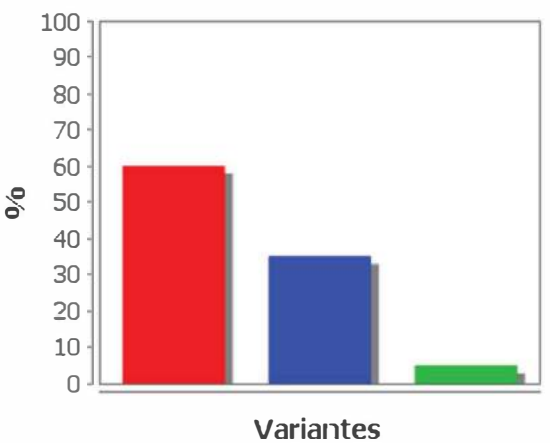

**Legenda**

i

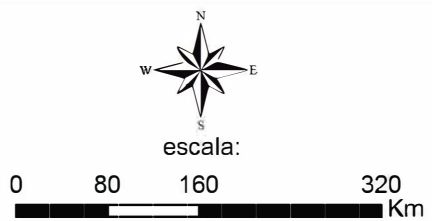
e

ɐ

**Geral**



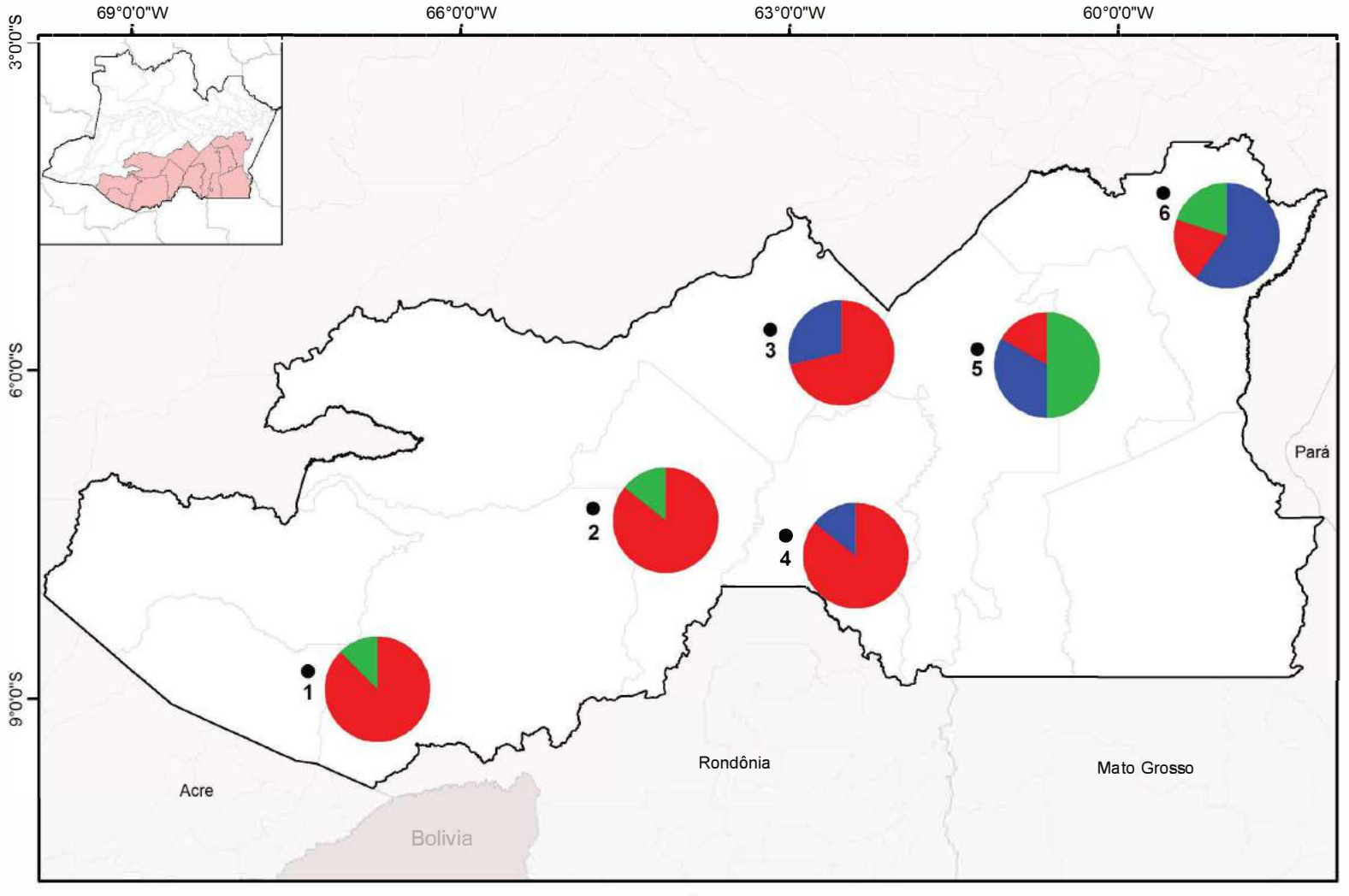

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

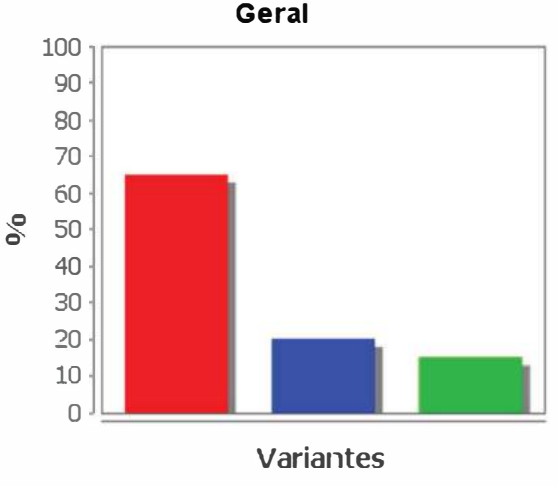
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F045b - Desbotada - /S/ em coda silábica




**Legenda**

- z
- ʒ
- h




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



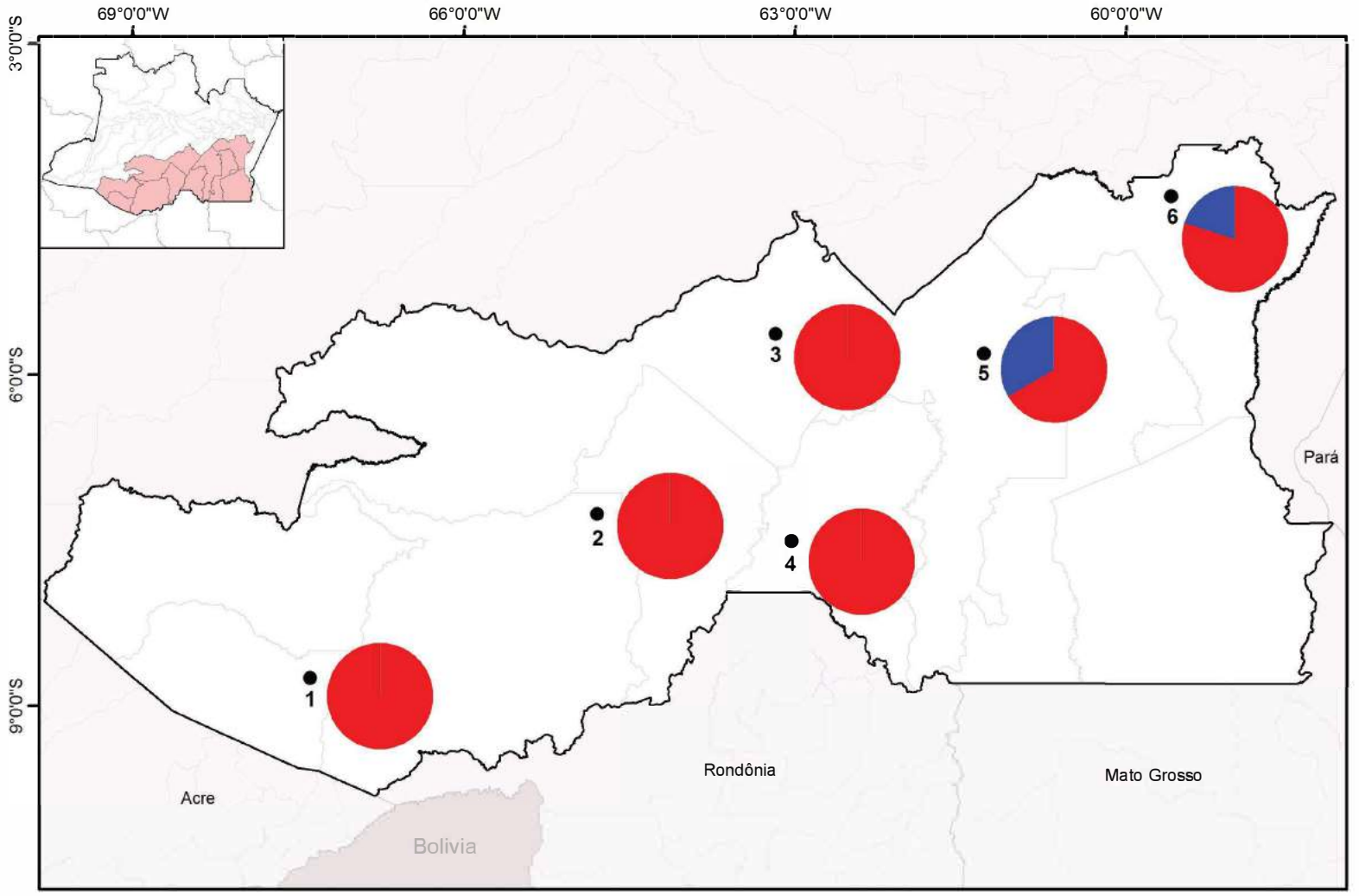

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

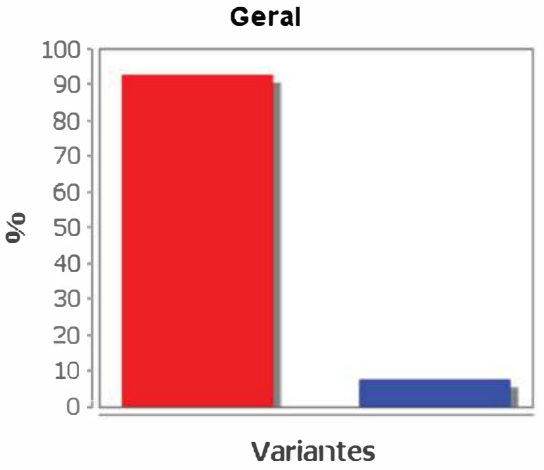
## F045c - Desbotada - Vogal média posterior pretônica



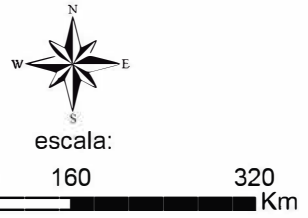

**Legenda**

ɔ

o



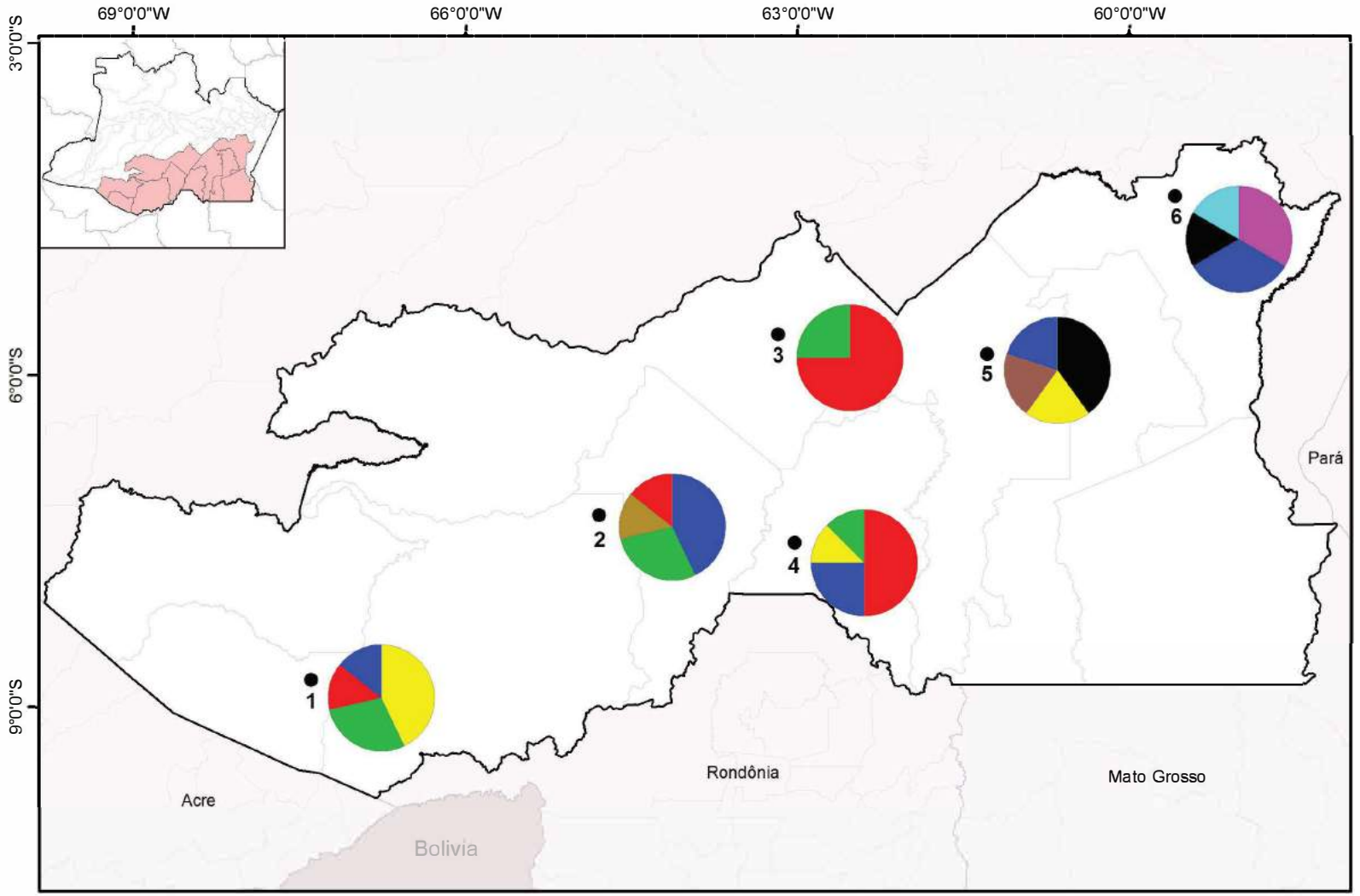

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

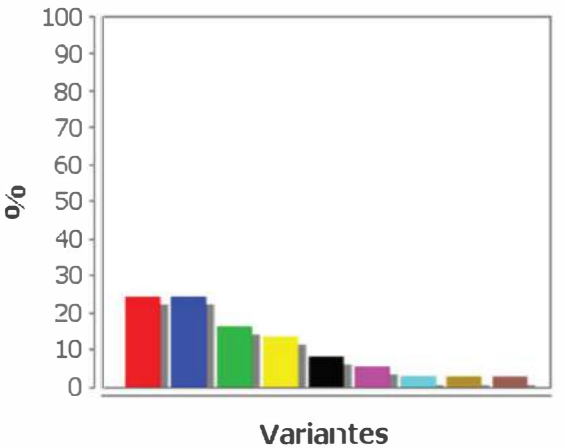
## F048 - Desrespeito



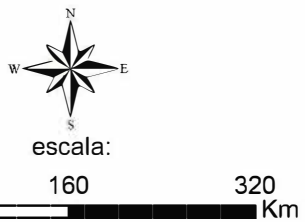

**Legenda**

- [dezhes'pejtu]
- [ʤihes'pejtu]
- [ʤizhes'pejtu]
- [dehes'pejtu]
- [ʤiheʃ'pejtu]
- [deheʃ'pejtu]
- [deʒheʃ'pejtu]
- [dejhes'pejtu]
- [ʤiʒheʃ'pejtu]

**Geral**



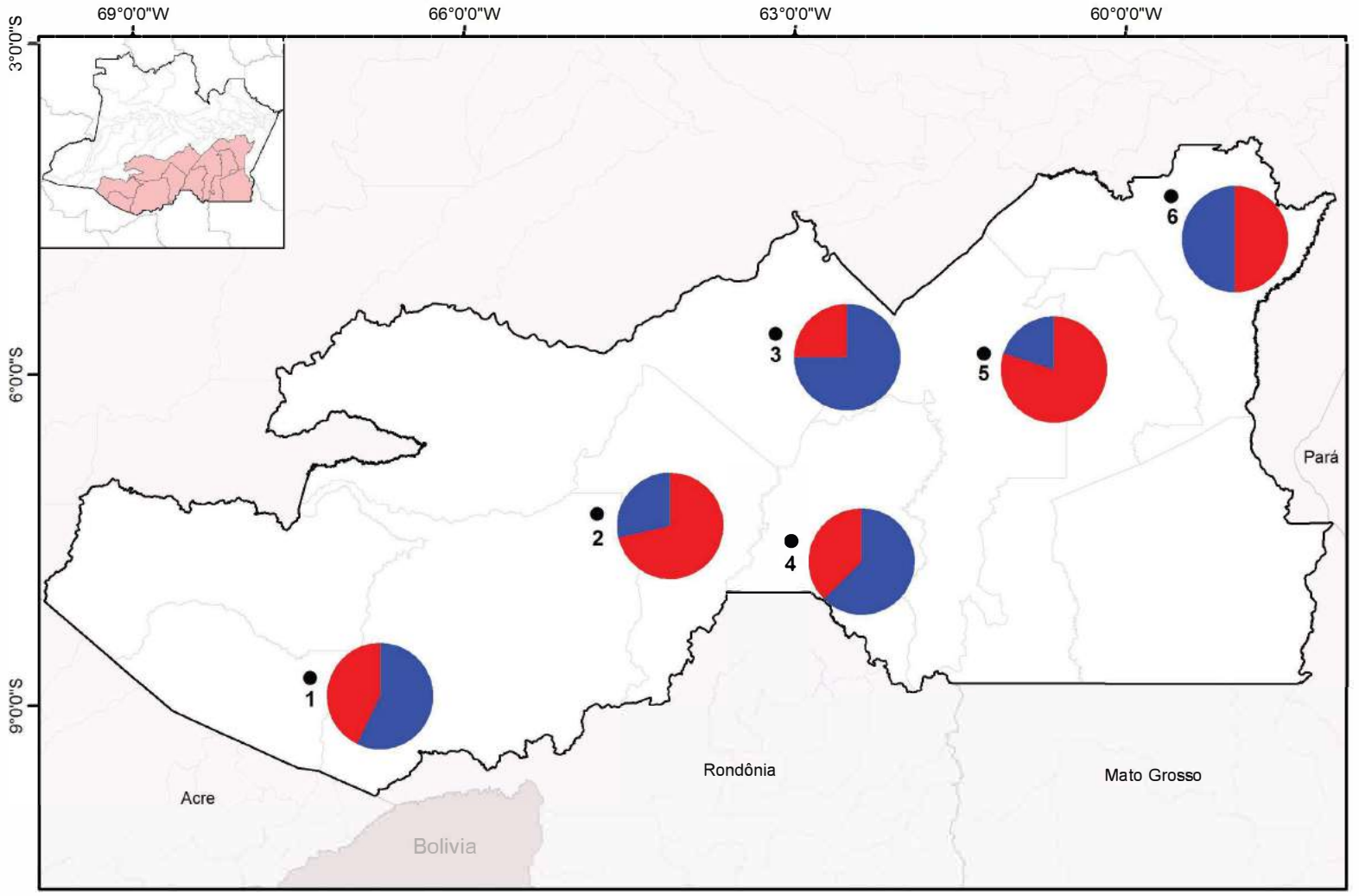

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

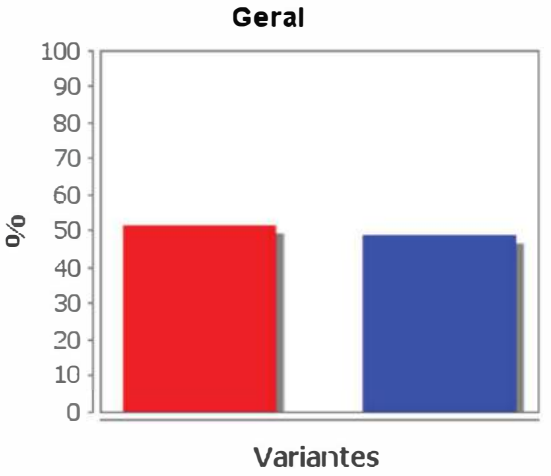
## F048a - Desrespeito - Vogal média anterior pretônica (primeira sílaba)



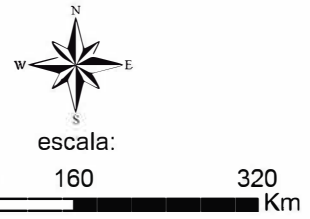

**Legenda**

i

e



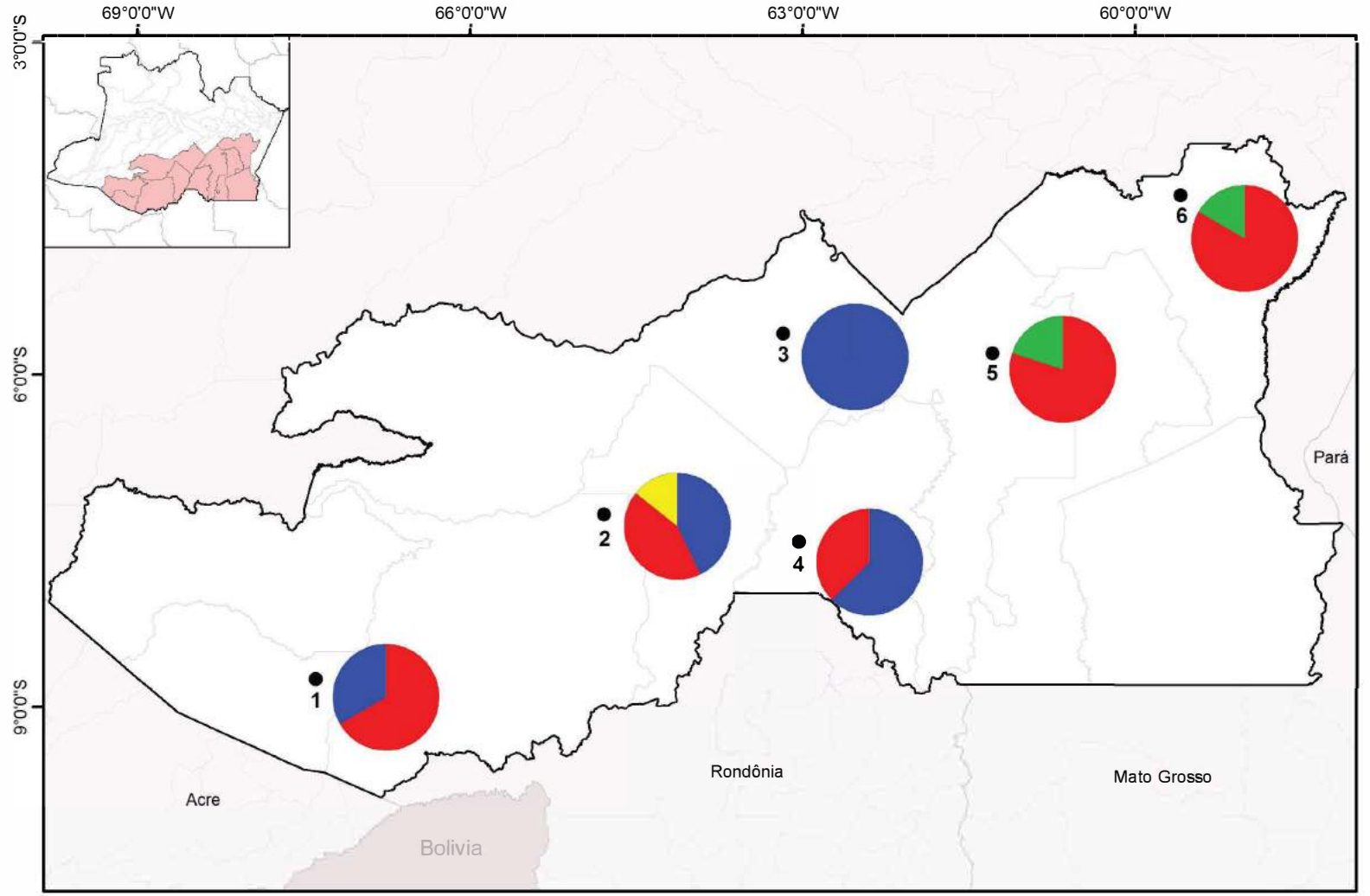

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

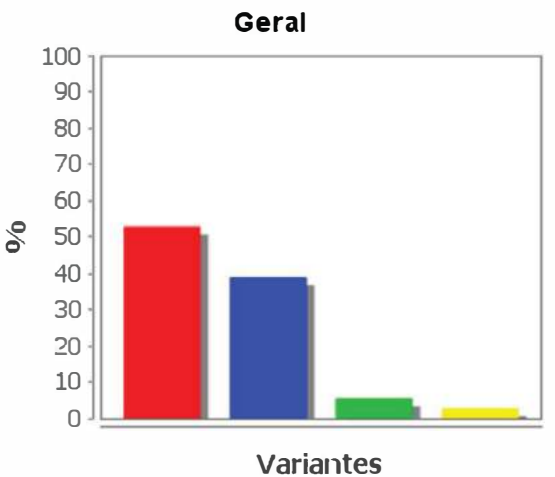
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F048b - Desrespeito - /S/ em coda silábica (primeira sílaba)

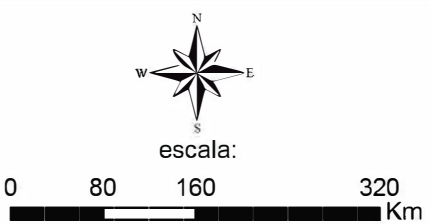



**Legenda**

- Zero fonético
- z
- ʒ
- j



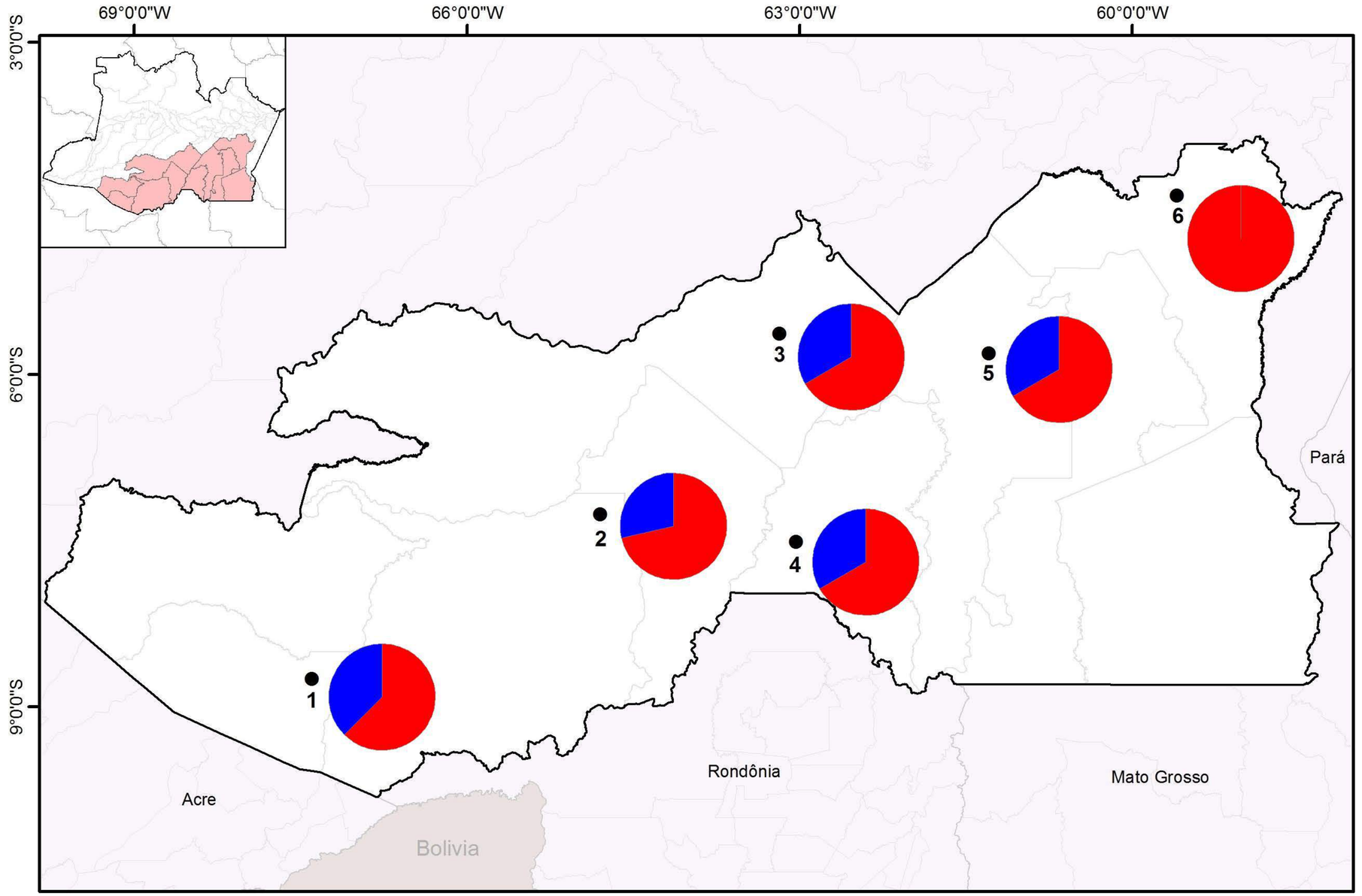

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

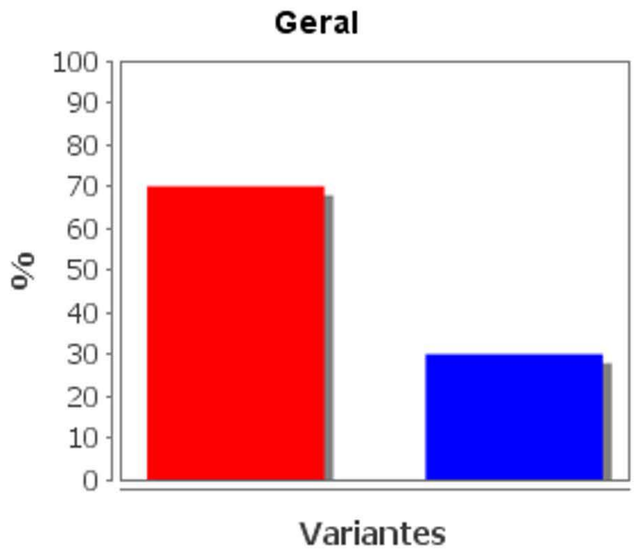
## F054 - Caboclo(a)



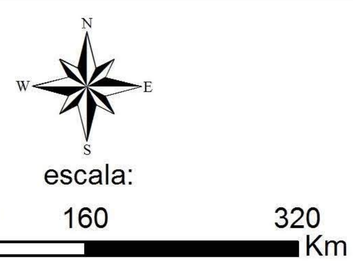

**Legenda**

[ka'boku]

[ka'boklu]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F055

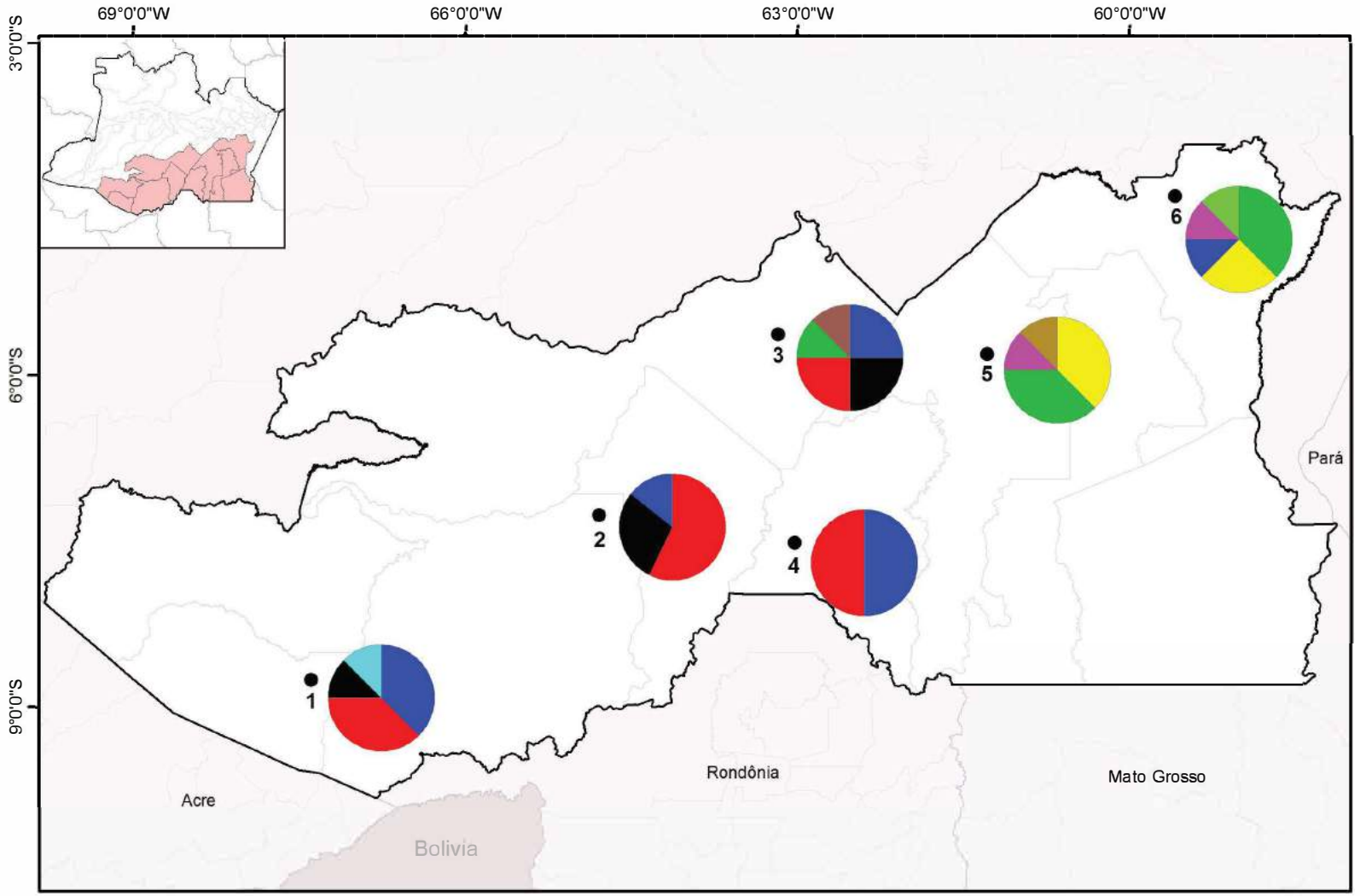
# PAMONHA

**NOTAS:**

1. Entende-se, nos casos em que a variante da nasal palatal é a semivogal, que esta nasalidade é assimilada pela primeira semivogal, formando um ditongo nasal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, as transcrições para as variantes em vermelho, azul, preto e marrom escuro, na legenda são [pãˈmõ̃jjə], [ paˈmõ̃jjə], [põˈmõ̃jjə] e [pɔˈmõ̃jjə], respectivamente.

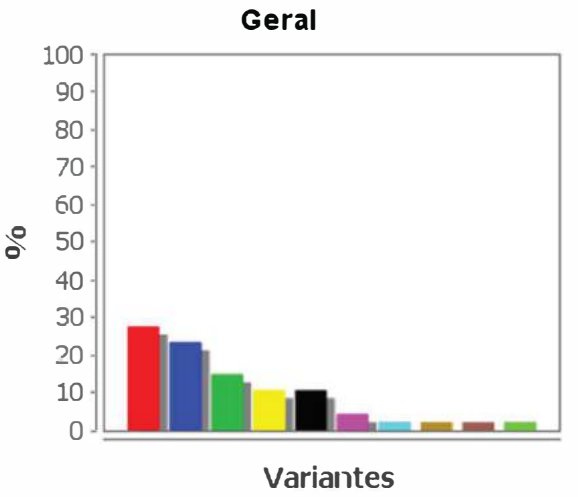
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F055 - Pamonha

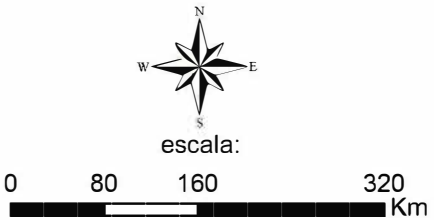



**Legenda**

- [pɐ̃'mɔ̃jjə]
- [pa'mɔ̃jjə]
- [pa'mɔ̃ɲə]
- [pɐ̃'mɔ̃ɲə]
- [pɔ̃'mɔ̃jjə]
- [pɔ̃'mɔ̃ɲə]
- [pɐ̃'mɔ̃ɲə]
- [po'mɔ̃ɲə]
- [pɔ'mɔ̃jjə]
- [pa'muɲə]



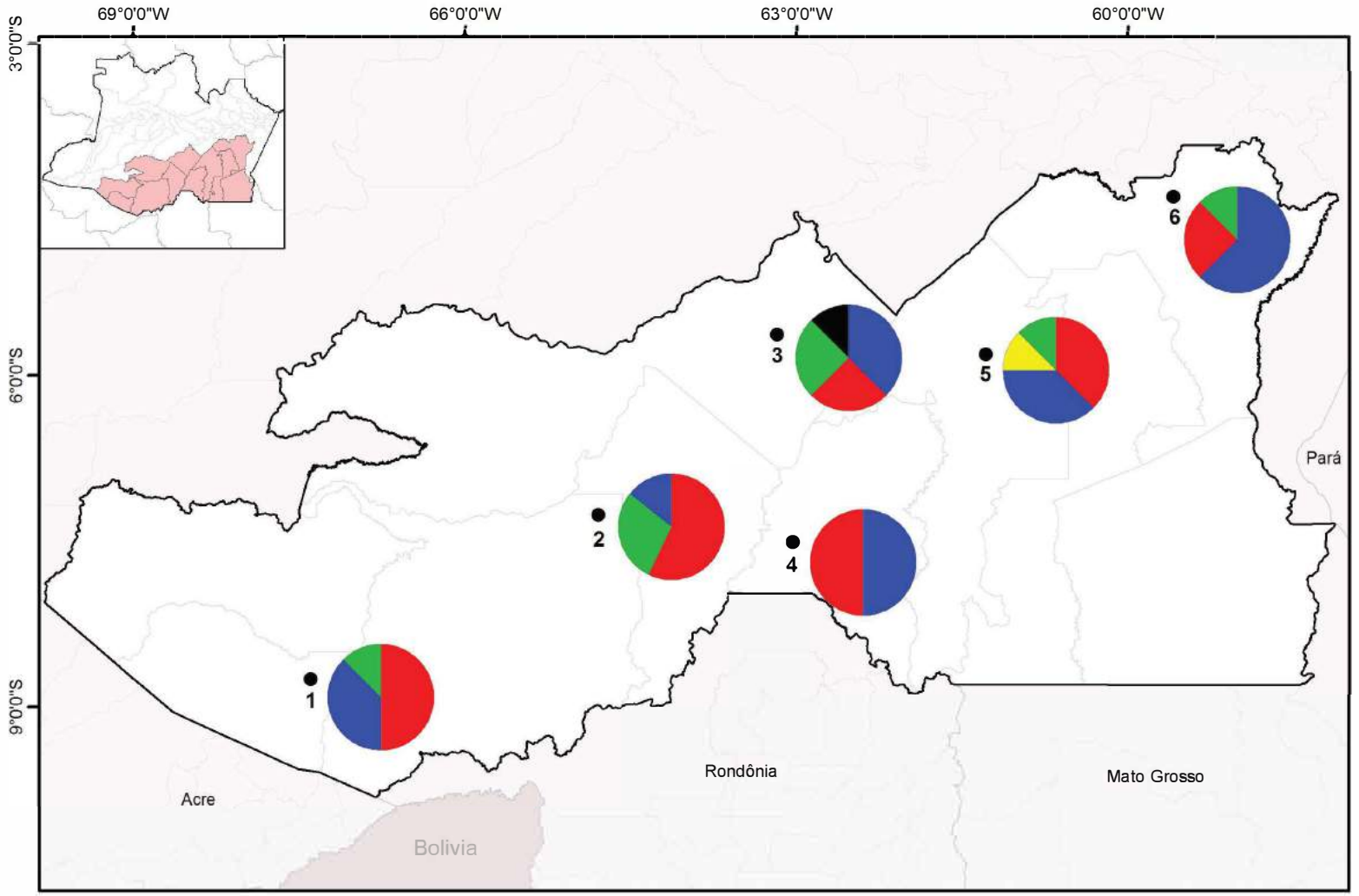

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

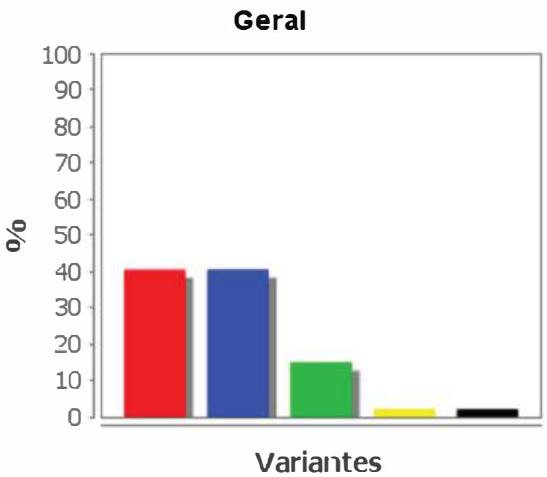
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F055a - Pamonha - Vogal baixa pretônica /a/ e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte

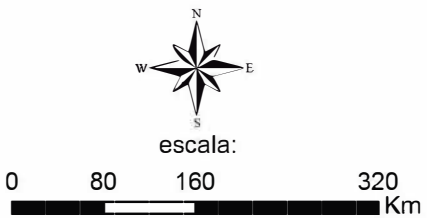



**Legenda**

ã
a
õ
o
ɔ



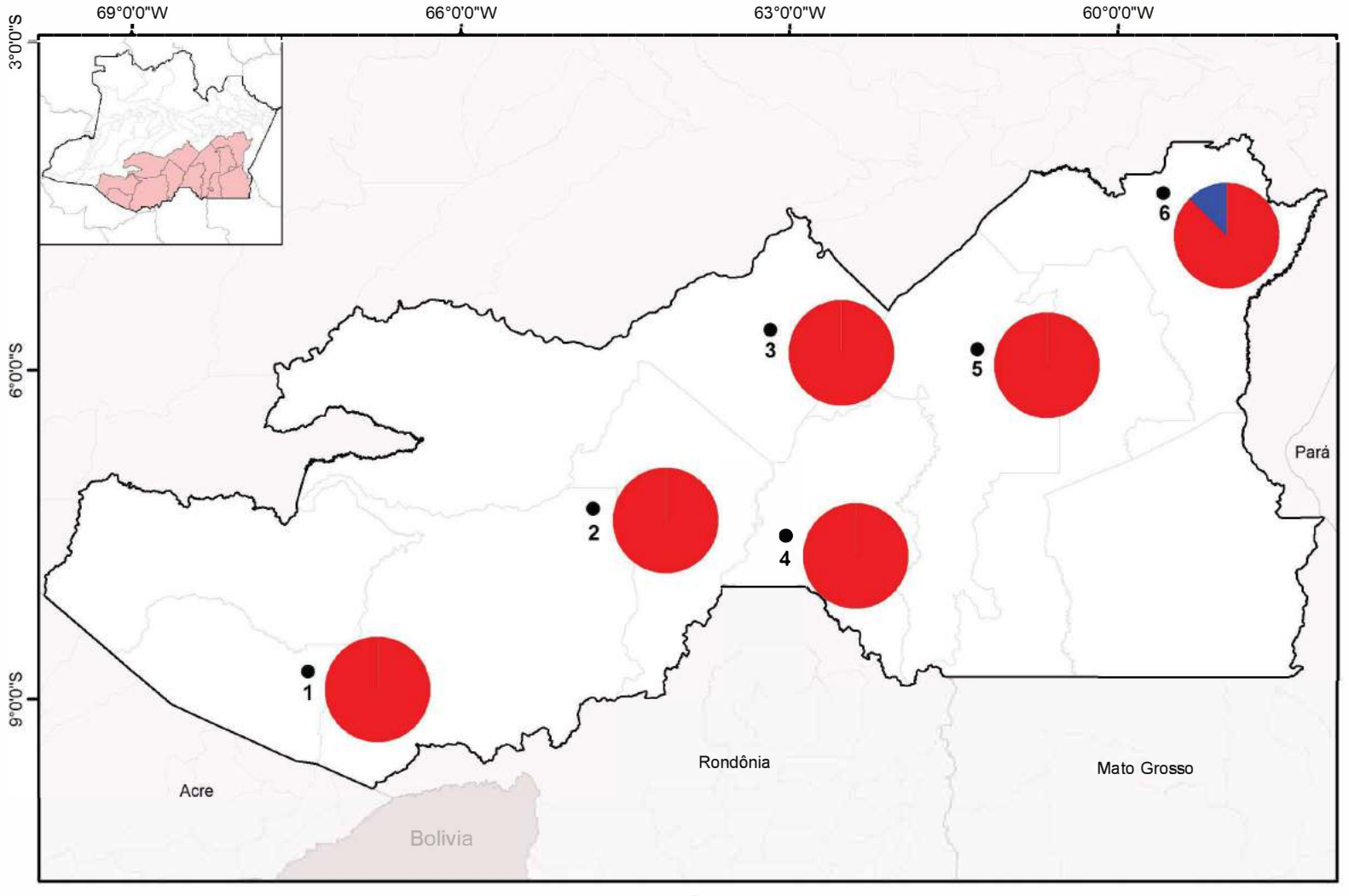

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

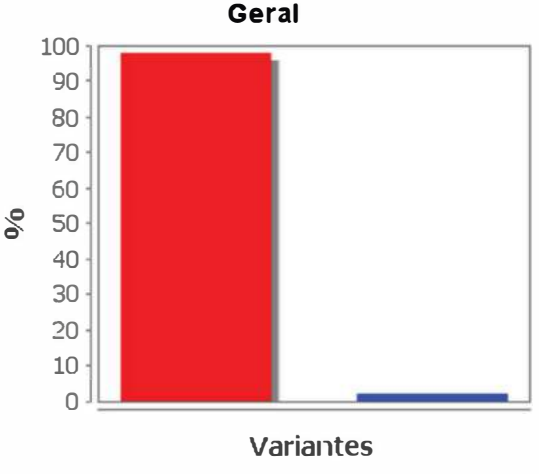
## F055b - Pamonha - Vogal posterior tônica e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte



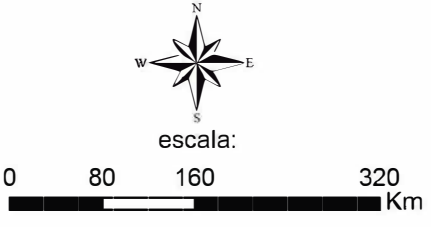

**Legenda**

õ

u



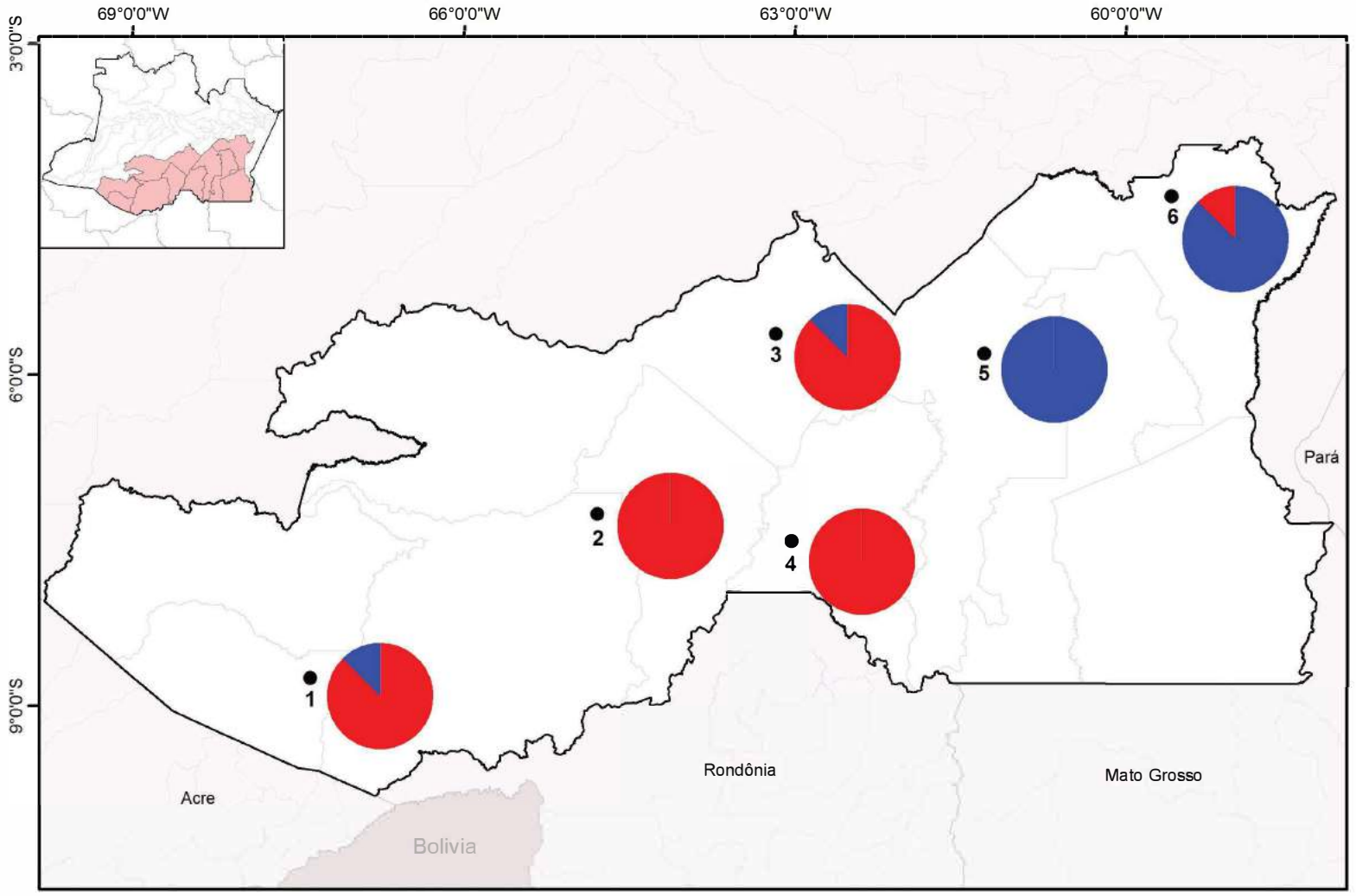

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

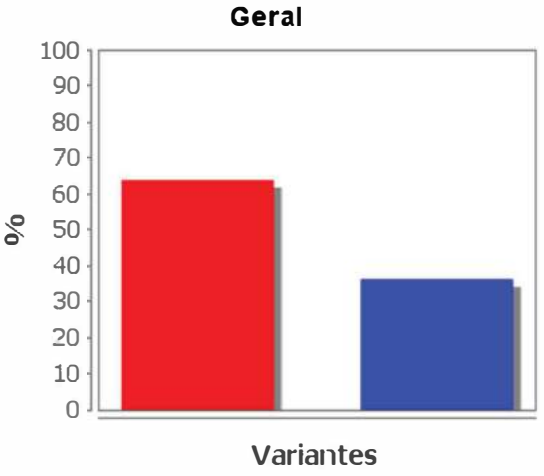
## F055c - Pamonha - Nasal palatal



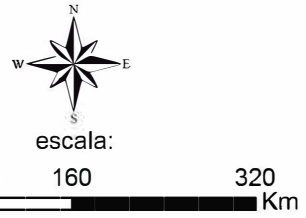

**Legenda**

j

ɲ



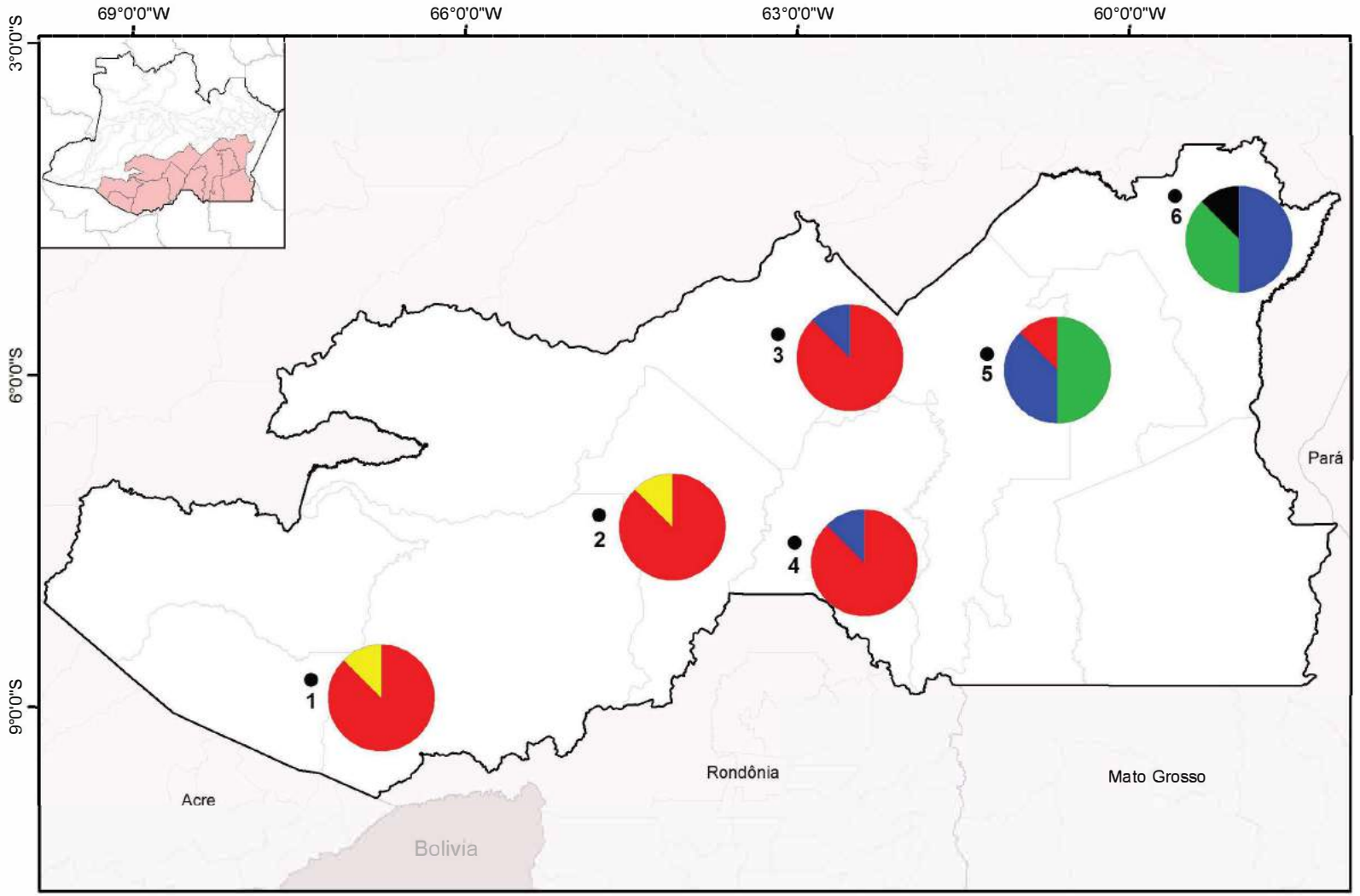

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

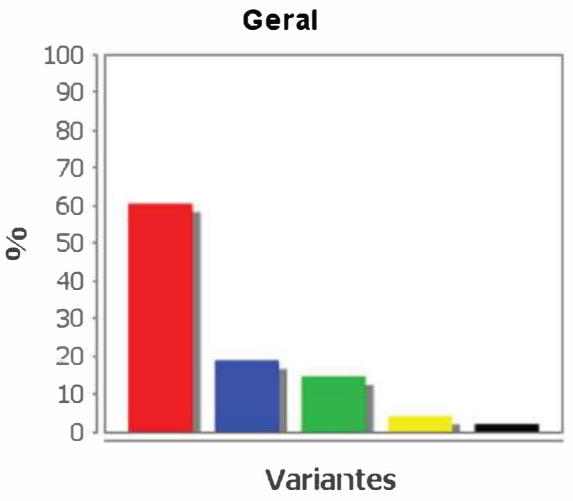
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F057 - Arroz

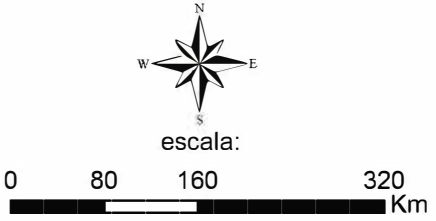



**Legenda**

- [a'hojs]
- [a'hojʃ]
- [a'hoʃ]
- [a'hojz]
- [a'hos]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

# CARTA FONÉTICA F060

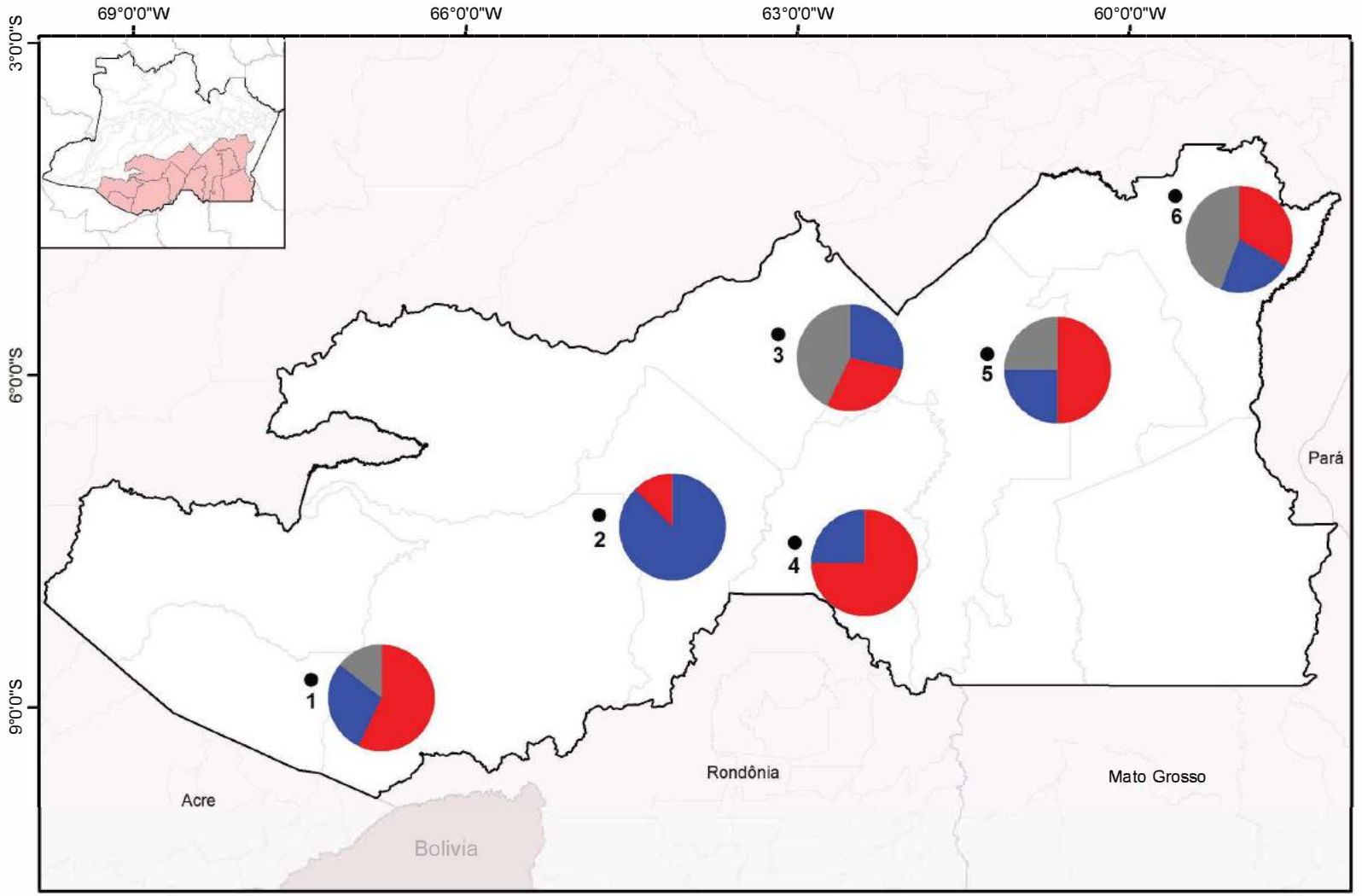
# POÇA

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: [poˈsãnʊ]: HA01 (Boca do Acre); [ˈposʊ]: HA02, HB01 e MB01 (Tapauá); MA01 e MB01 (Manicoré) e HA01, HB02, MA02 e MB02 (Borba).

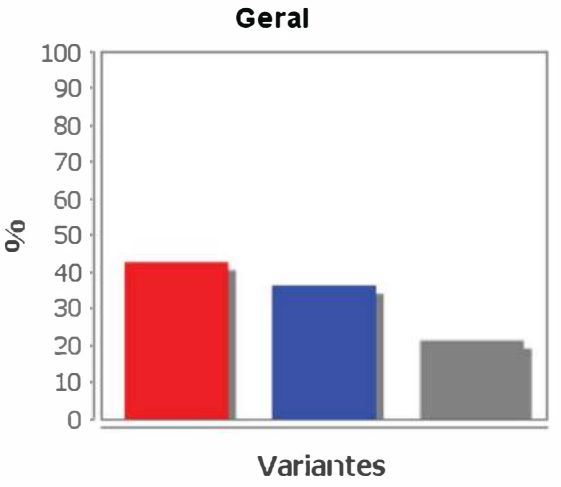
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F060 - Poça

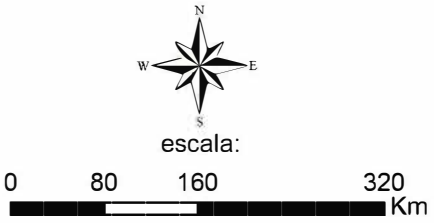



**Legenda**

- ['pɔsə]
- ['posə]
- Outros



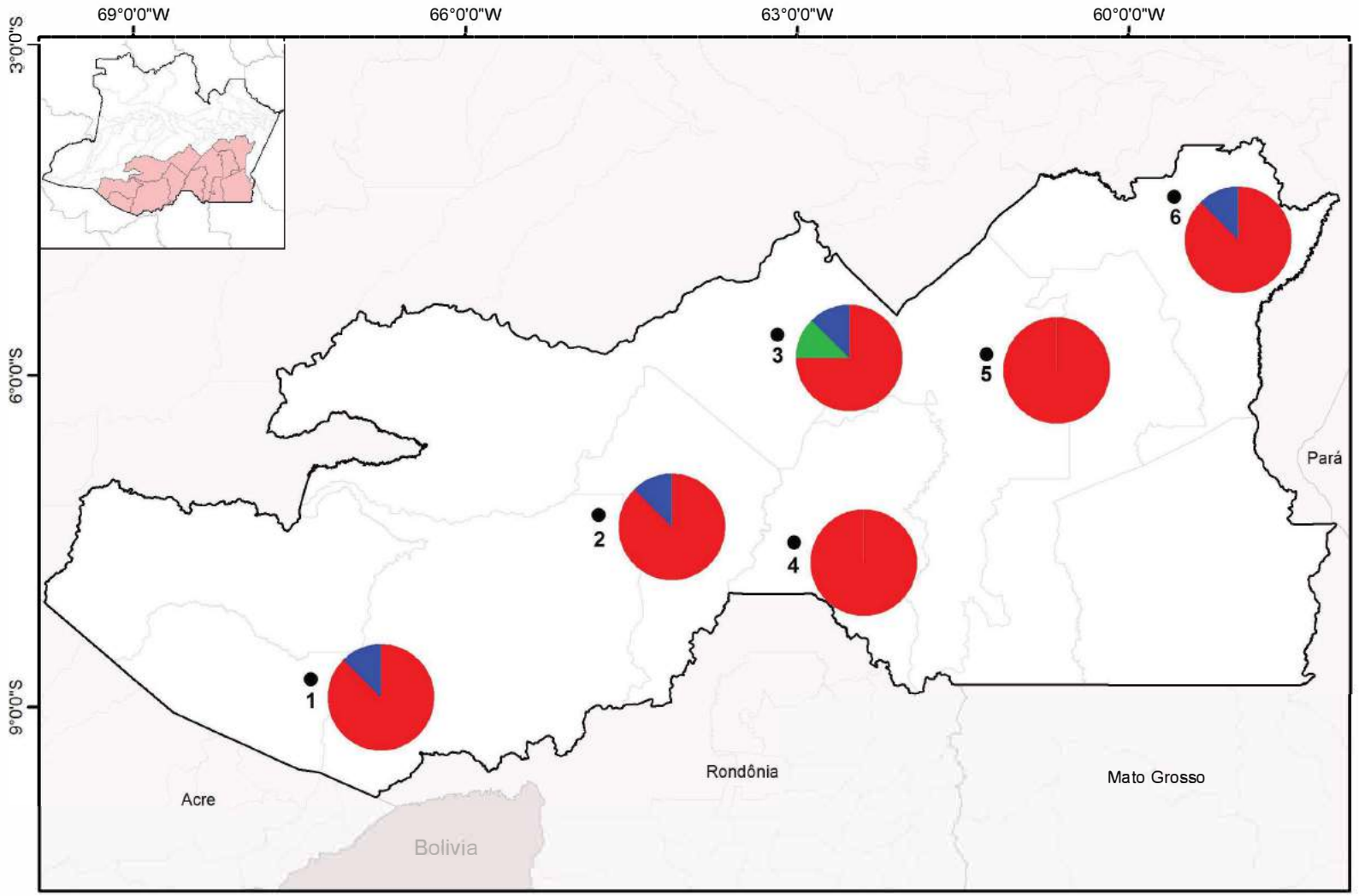

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

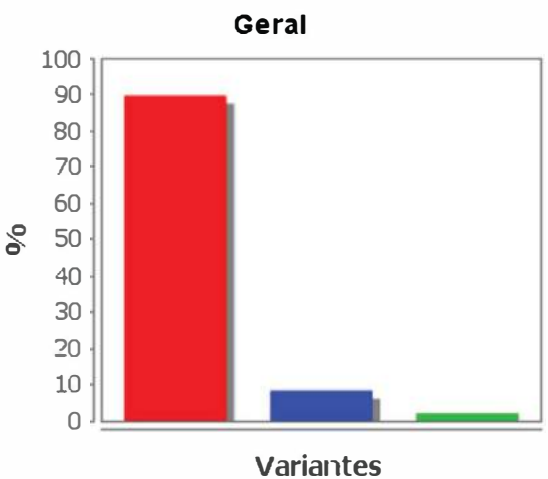
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F061 - Orelha

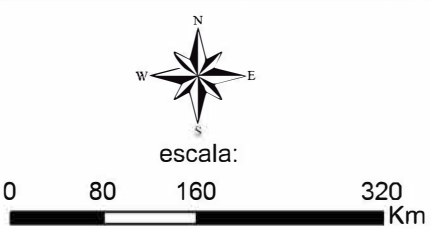



**Legenda**

- [o'reʎə]
- [u'reʎə]
- [o'reə]



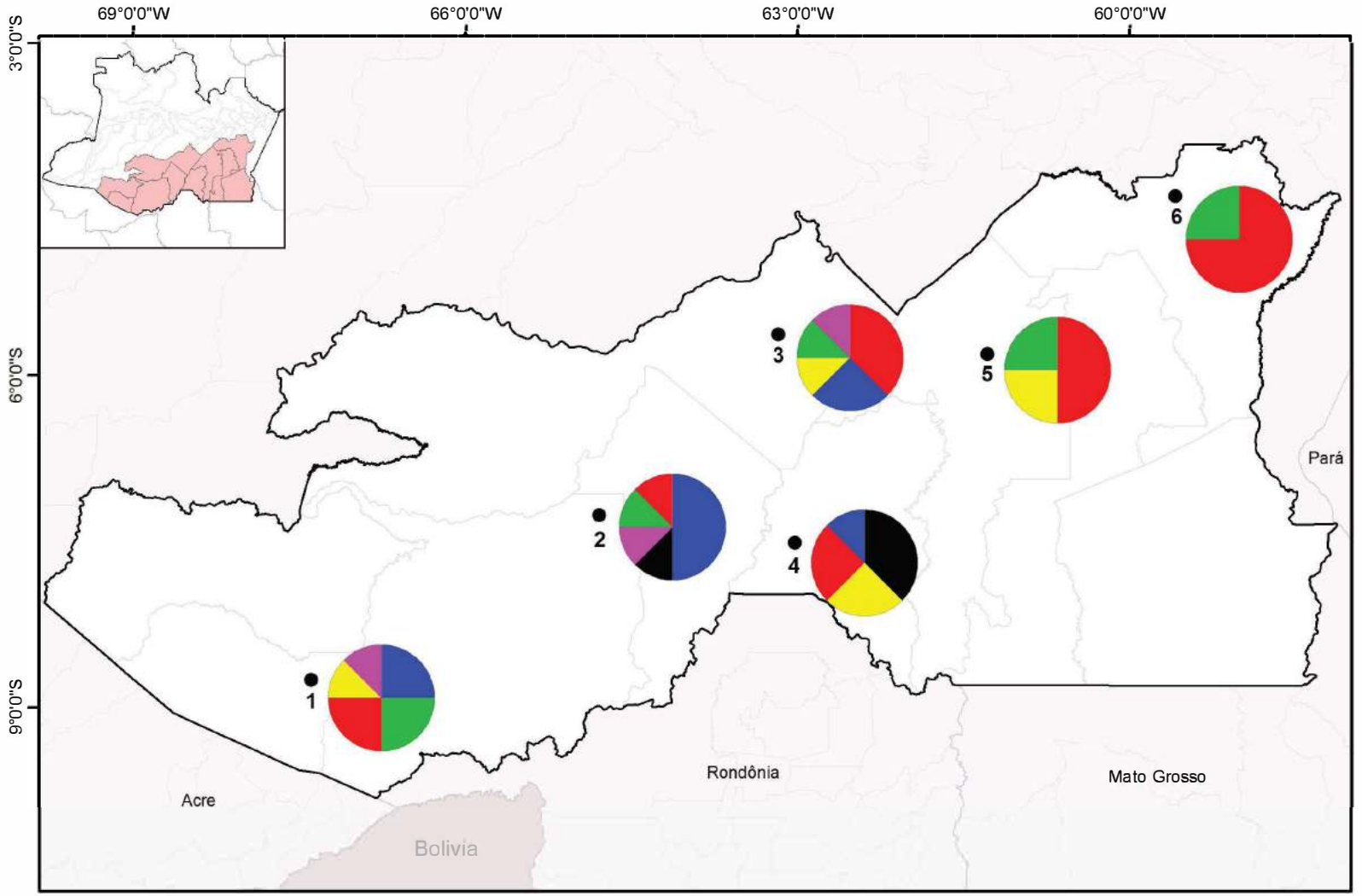

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

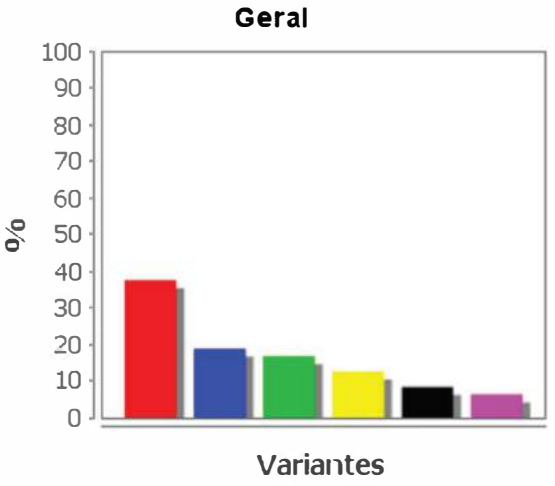
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F064 - Comadre

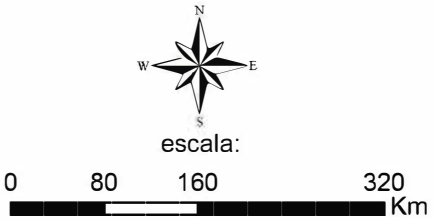



**Legenda**

- [ku'madrɪ]
- [ku'madʒɪ]
- [kũ'madrɪ]
- [kõ'madrɪ]
- [ko'madrɪ]
- [kũ'madʒɪ]



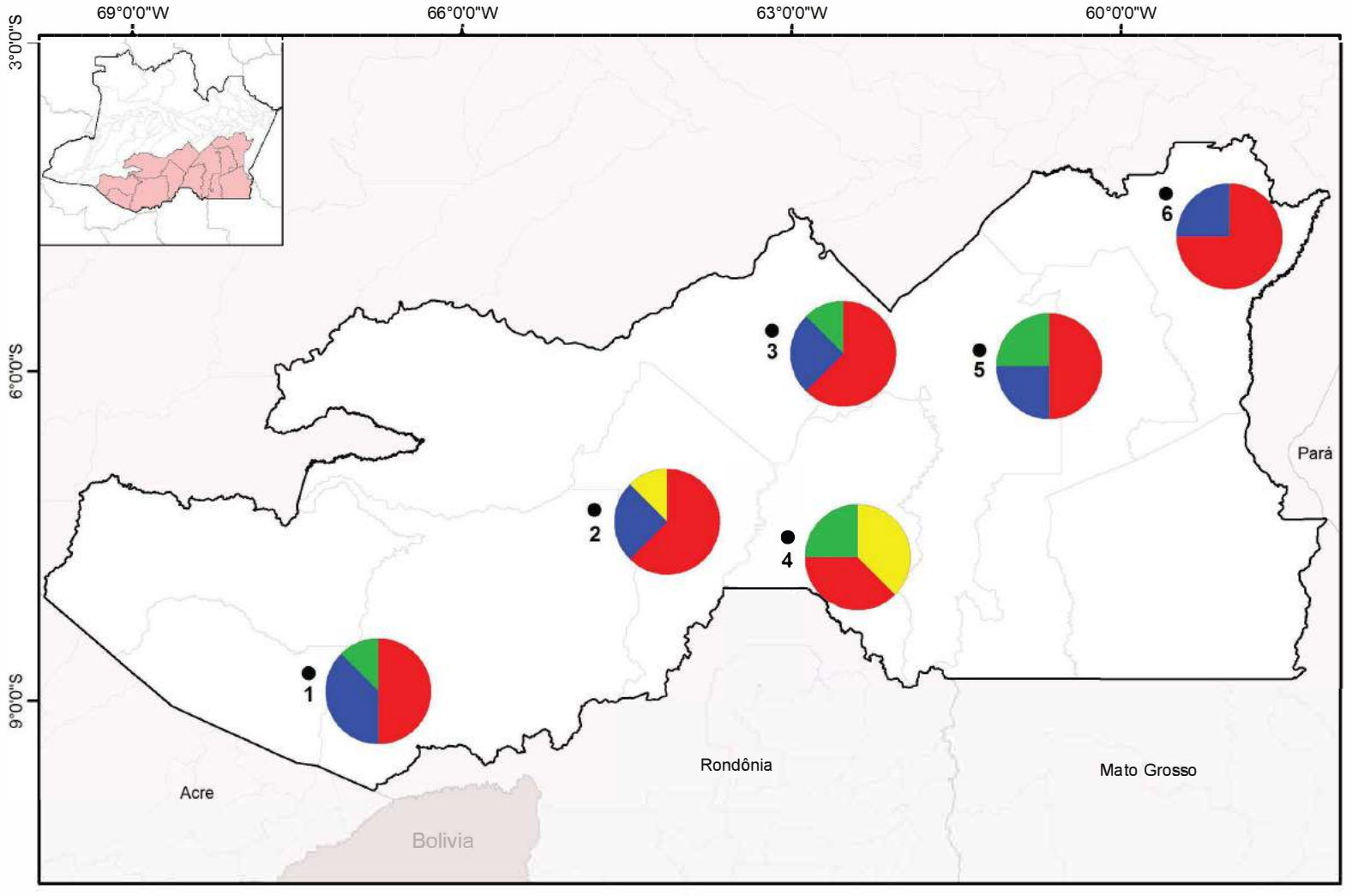

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

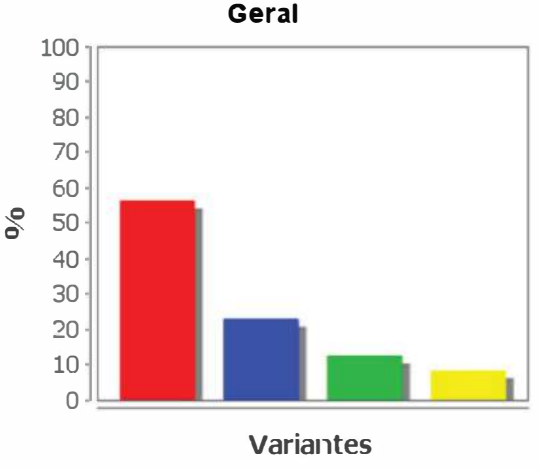
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F064a - Comadre - Vogal média posterior pretônica e nasalização por consoante nasal da sílaba seguinte

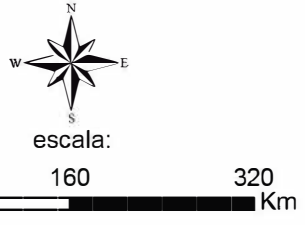



**Legenda**

- u
- ũ
- õ
- o



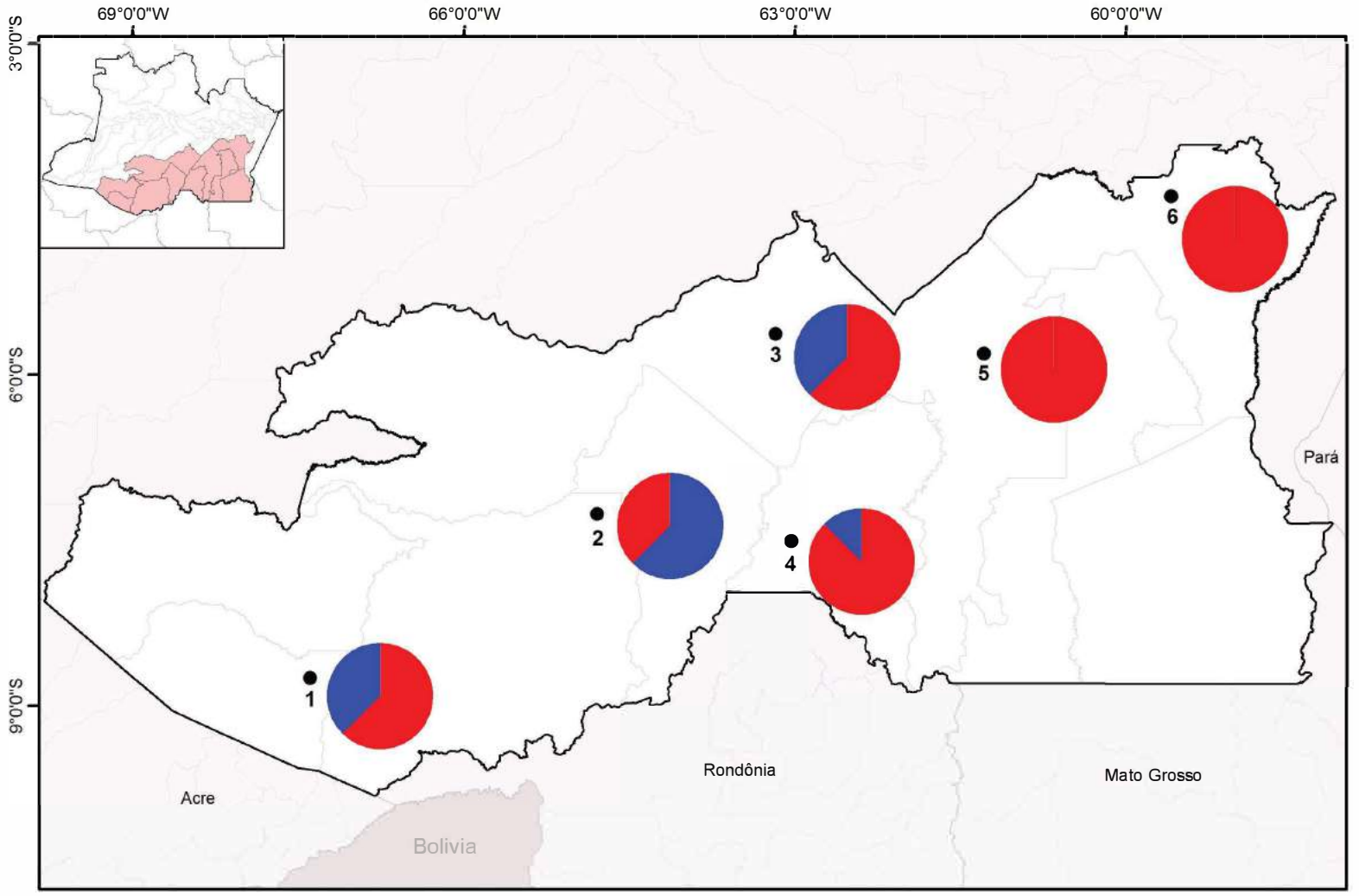

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

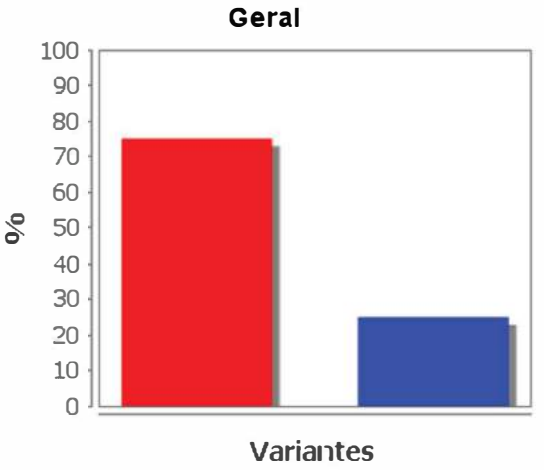
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F064b - Comadre - Encontro consonantal /dr/

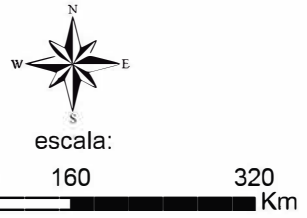



**Legenda**

- dr
- dʒ



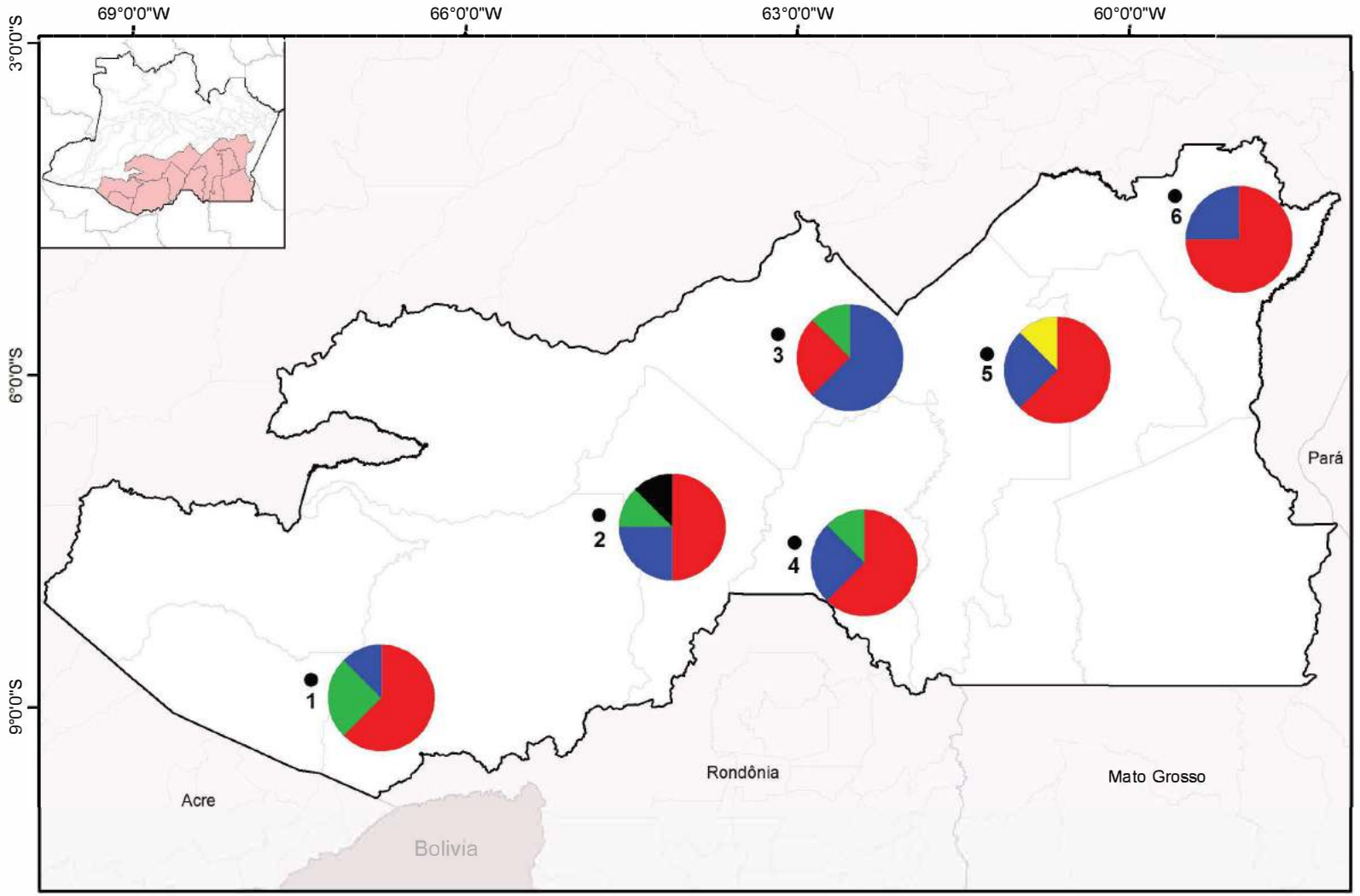

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

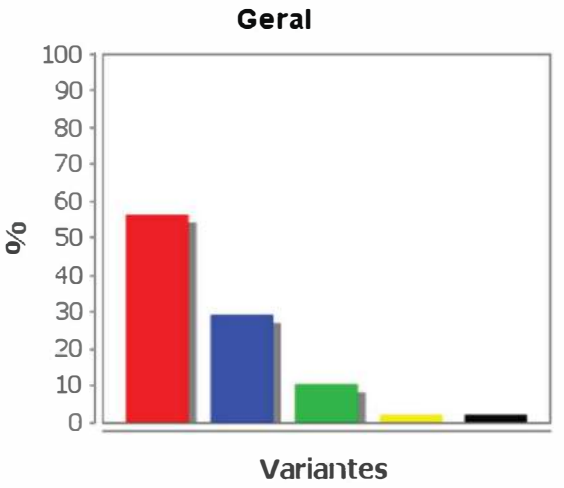
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F065 - Bonito

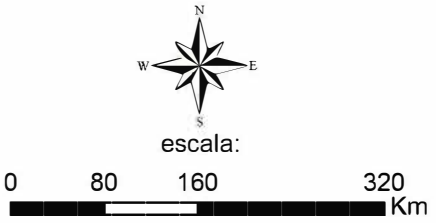



**Legenda**

- [bu'nʲitu]
- [bo'nʲitu]
- [bõ'nʲitu]
- [bũ'nʲitu]
- [bo'nitu]



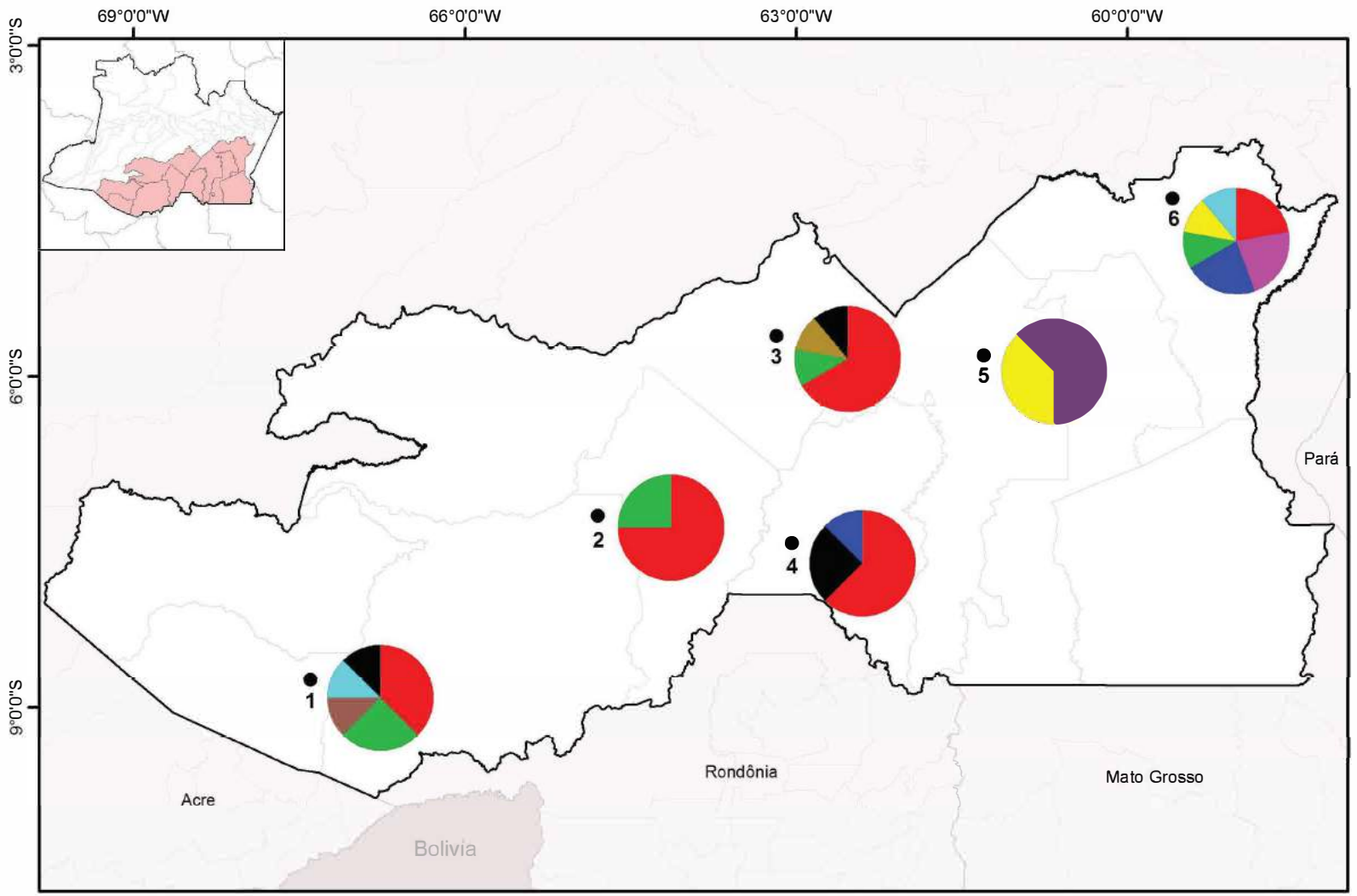

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

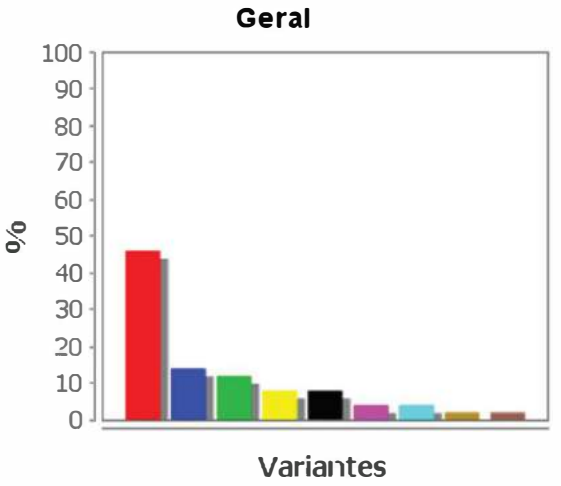
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F066 - Fósforo

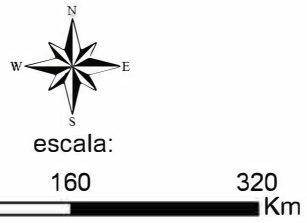



**Legenda**

- ['fɔsfuru]
- ['fɔʃfuru]
- ['fɔsfu]
- ['fɔʃforu]
- ['fɔsforu]
- ['fɔʃfru]
- ['fɔsfru]
- ['fɔfɪ]
- ['fɔskuru]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F066a

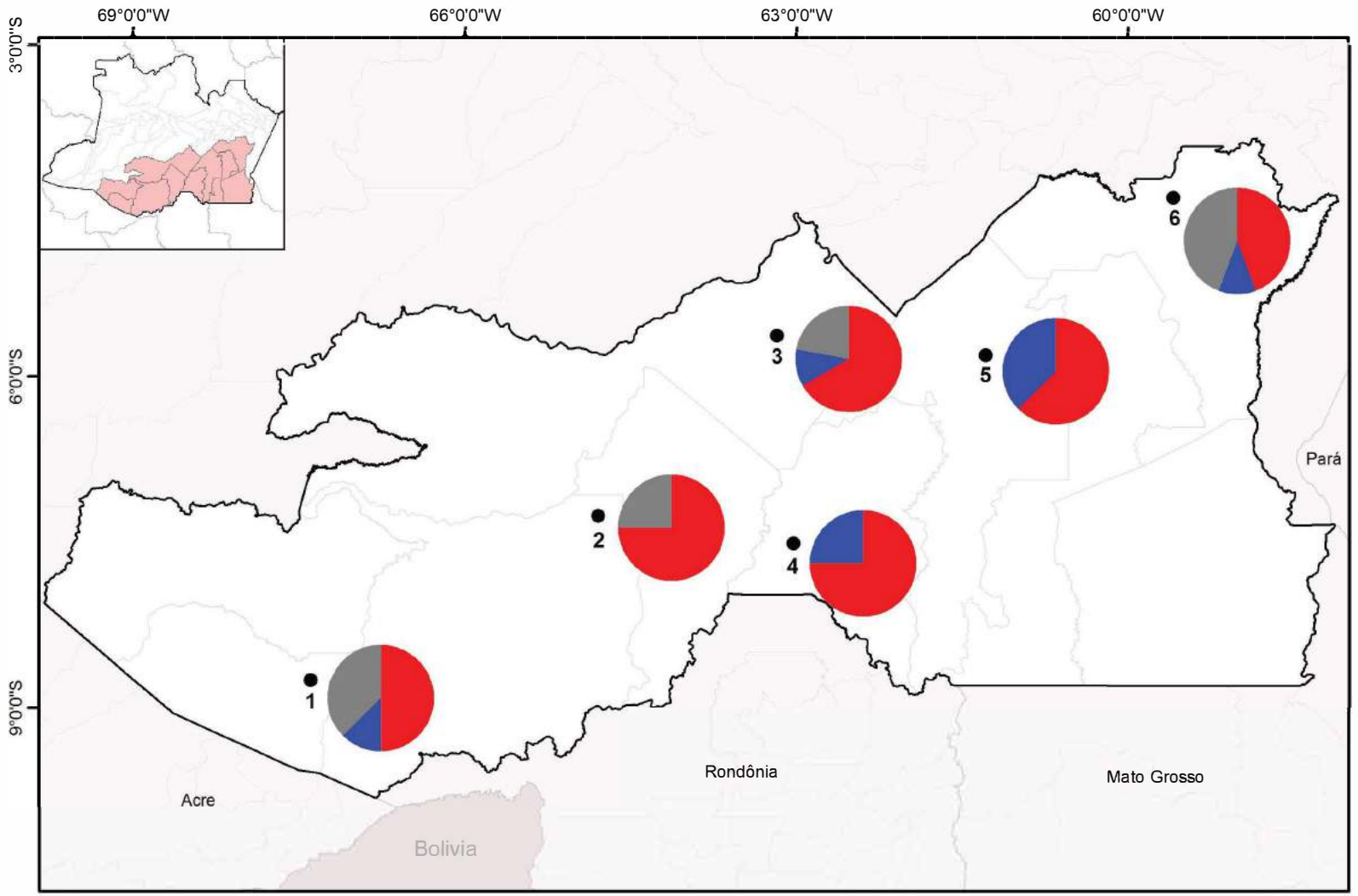
## FÓSFORO – VOGAL MÉDIA POSTERIOR POSTÔNICA (SEGUNDA SÍLABA)

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: Foram contabilizadas como “outras” as respostas [ˈfɔfi], [ˈfɔsfʊ], [ˈfɔʃfrʊ], [ˈfɔsfi] e [ˈfɔsfrʊ], pela síncope da vogal da segunda sílaba ou de toda a segunda ou terceira sílaba.

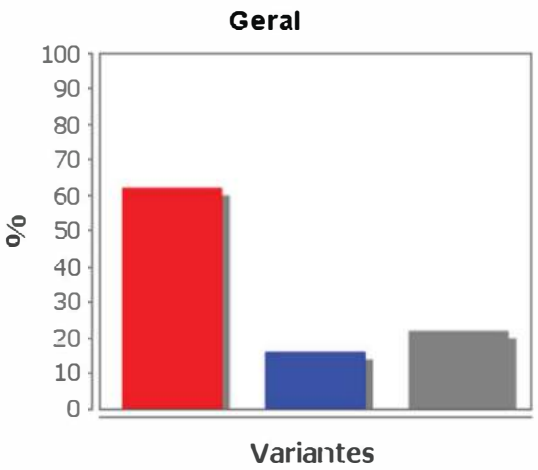
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F066a - Fósforo - Vogal média posterior postônica (segunda sílaba)

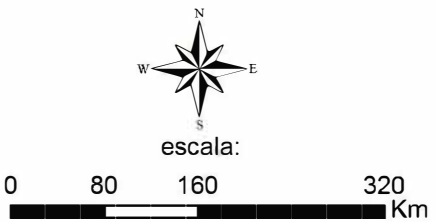



**Legenda**

- u
- o
- Outros



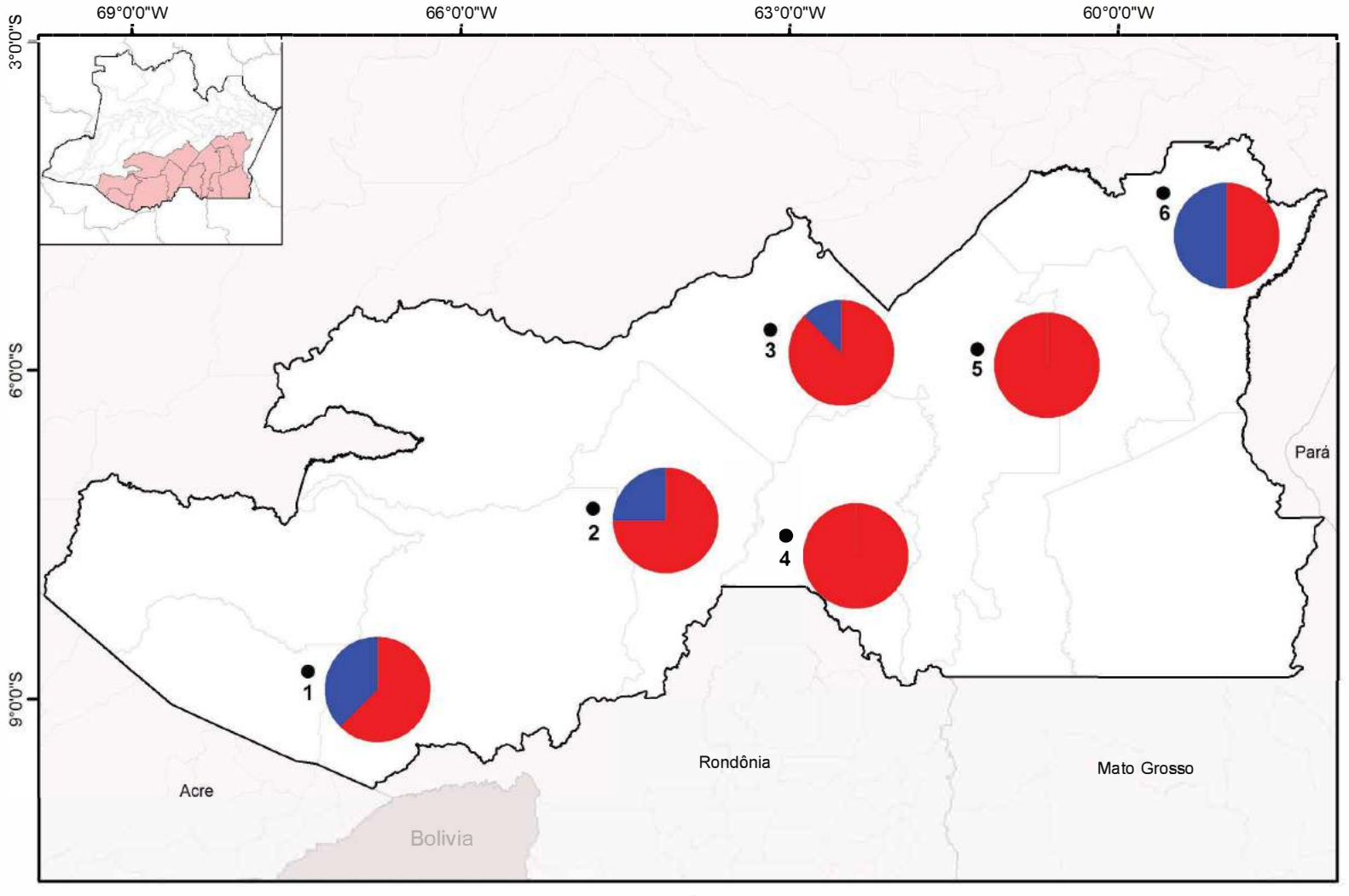

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

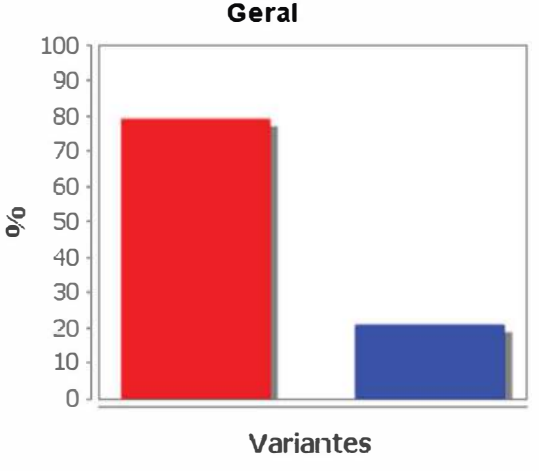
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F066b - Fósforo - Número de sílabas e acento tônico

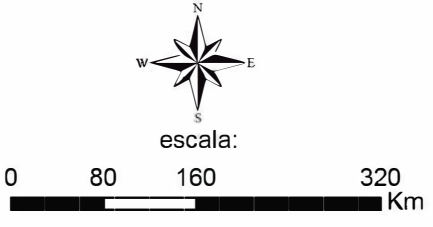



**Legenda**

- Trissílaba / Proparoxítona
- Dissílaba / Paroxítona



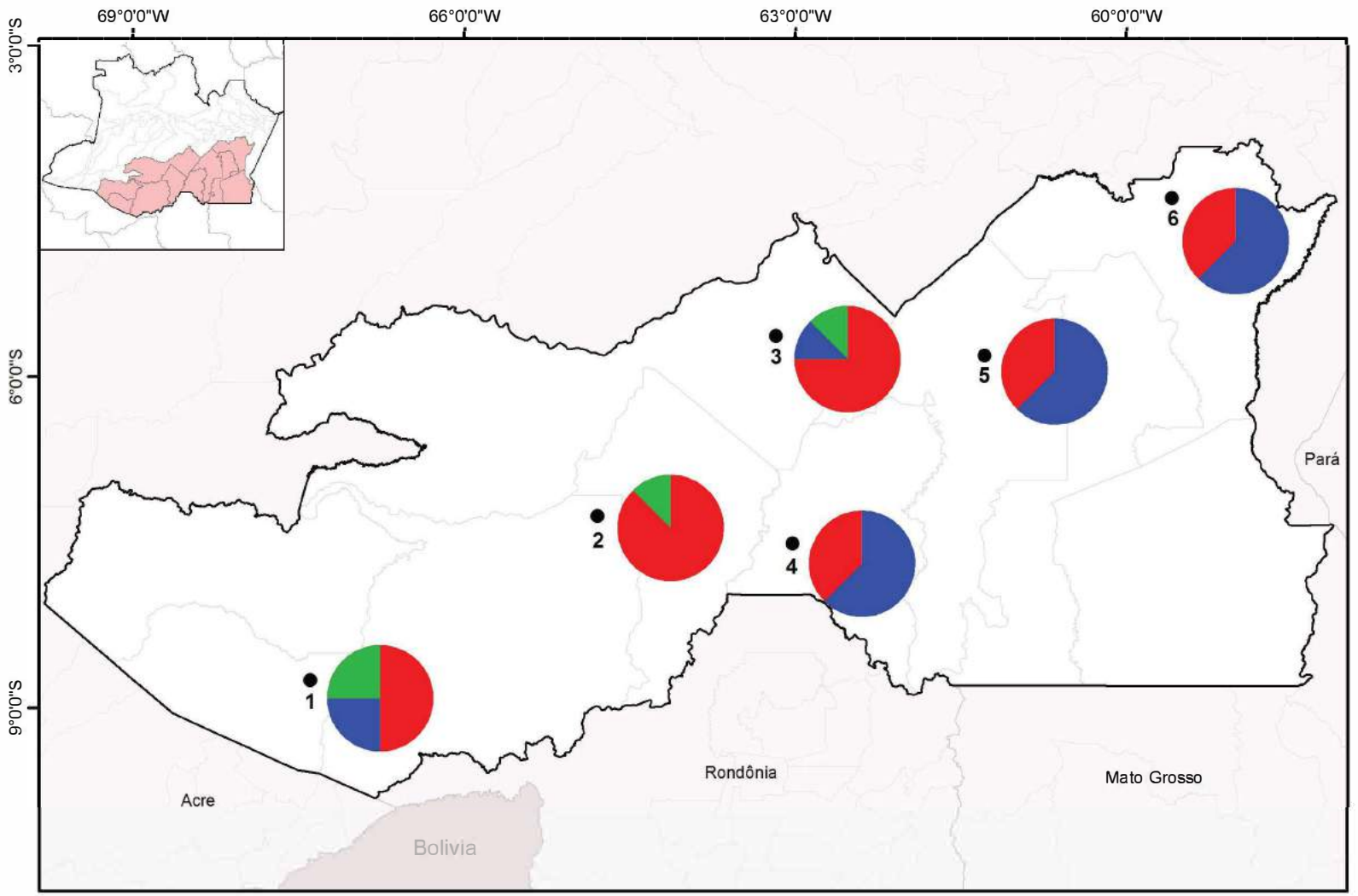

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

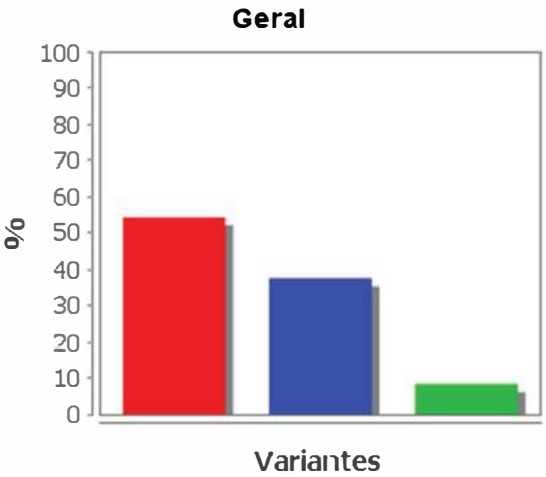
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F067 - Poste

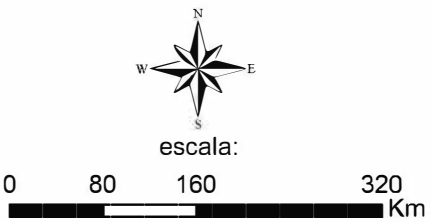



**Legenda**

- ['pɔʃʧɪ]
- ['pɔhʧɪ]
- ['pɔʃtu]



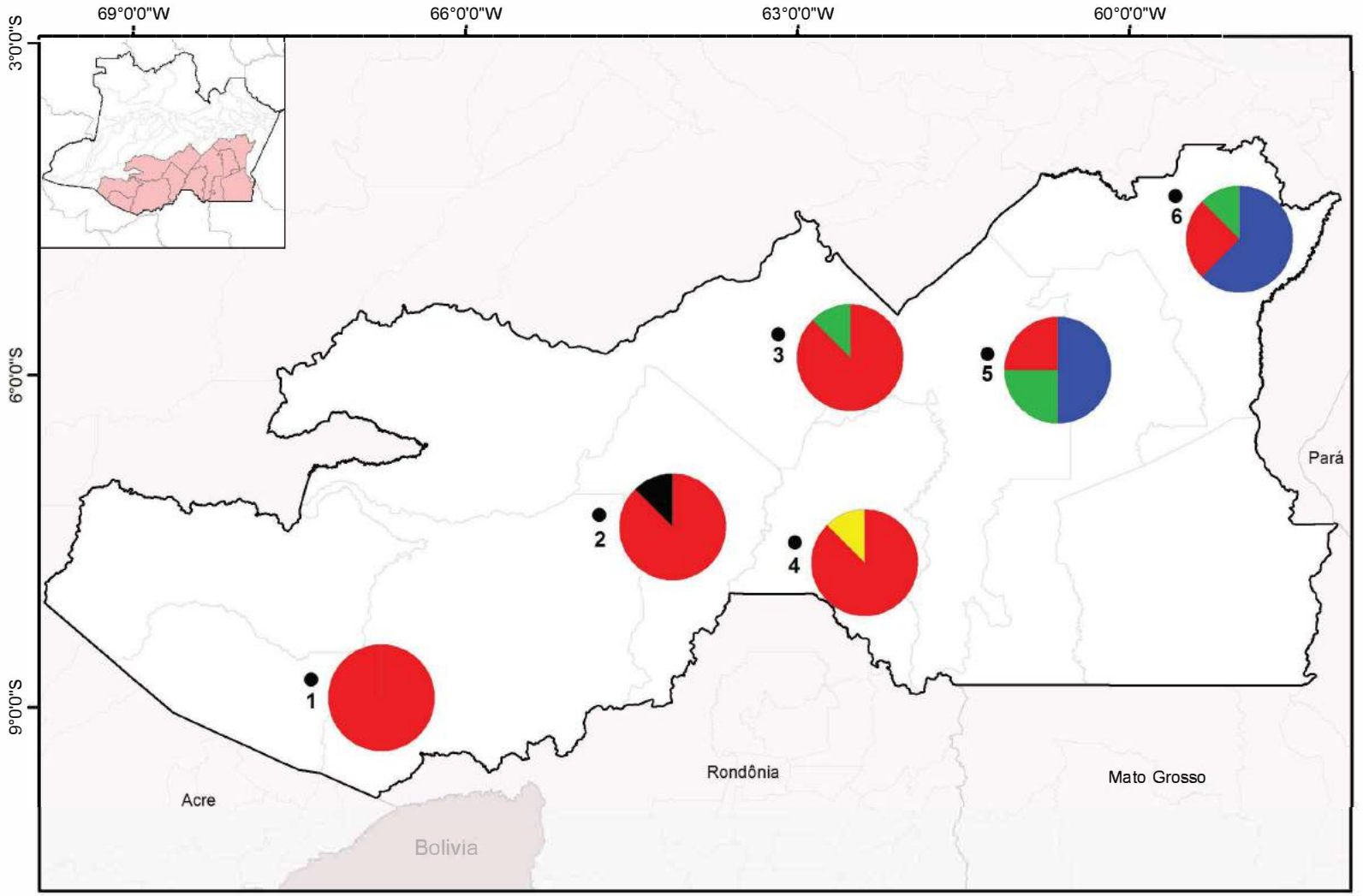

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




[SGVCLin]● - 2015

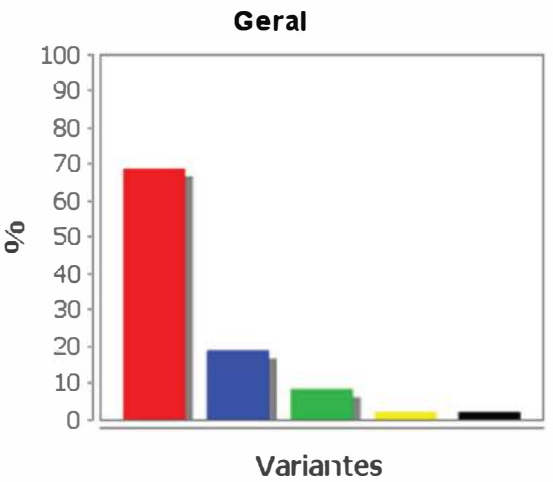
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F070 - Luz

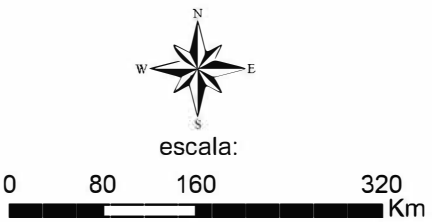



**Legenda**

- ['lujɐ]
- ['luʃ]
- ['lujʃ]
- ['luɐ]
- ['lujz]



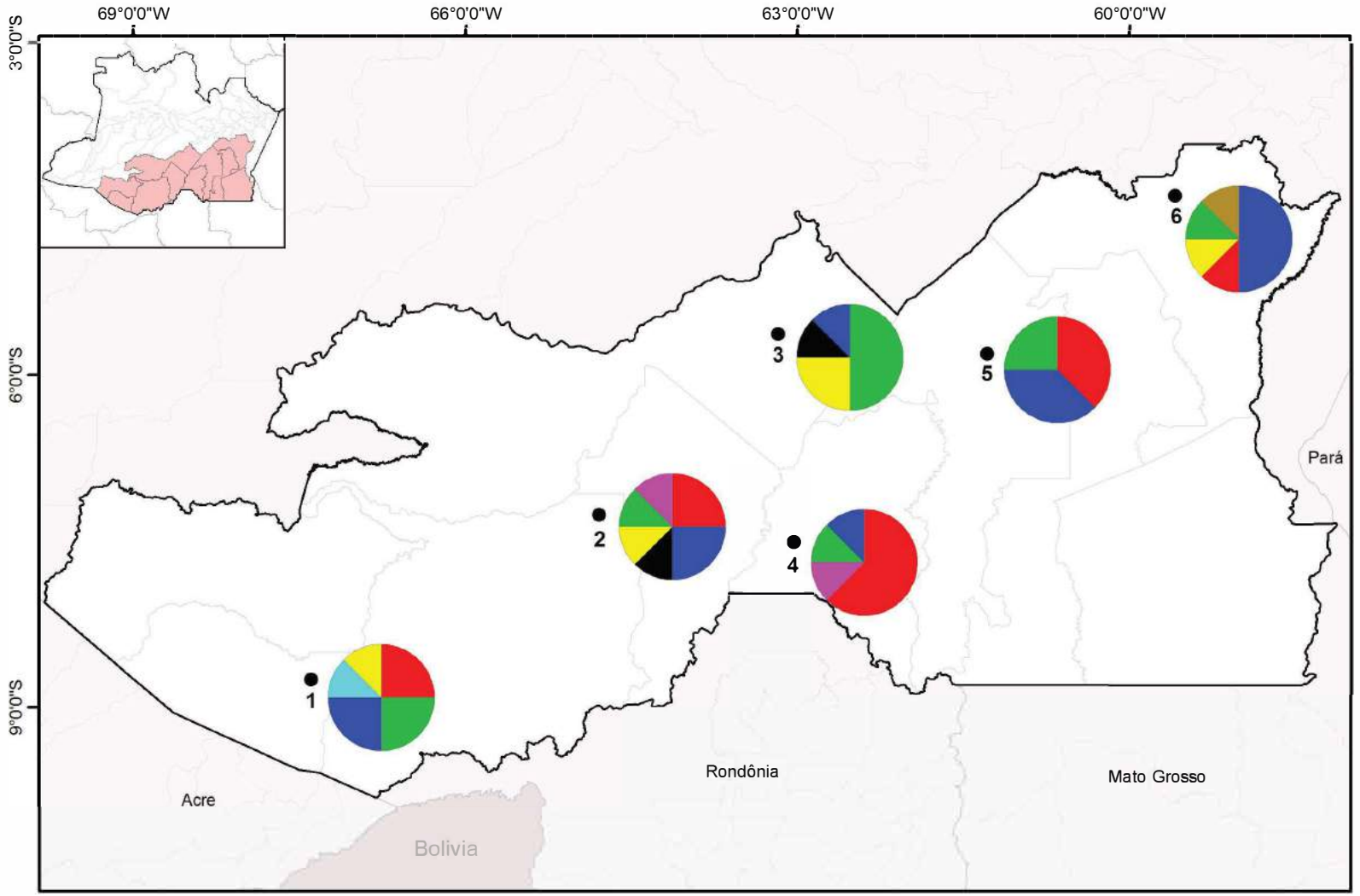

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

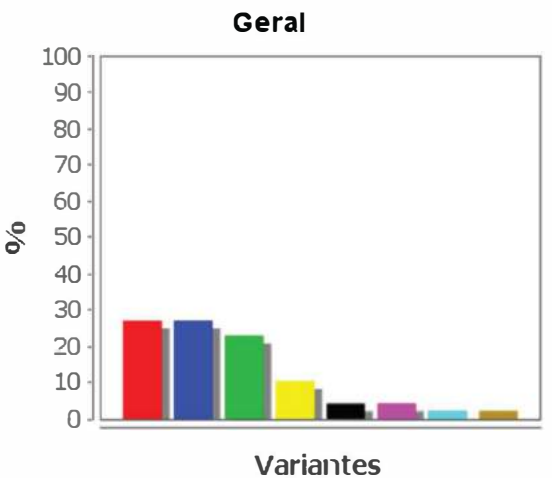
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F073 - Assobio / Assobiar

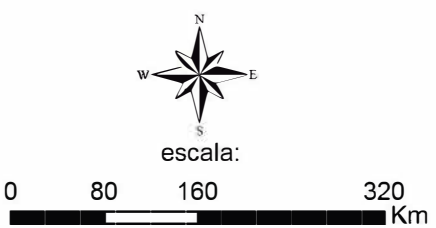



**Legenda**

- [asu'biu]
- [asu'viu]
- [aso'biu]
- [su'viu]
- [su'biu]
- [aso'viu]
- [suvi'a]
- [so'viu]



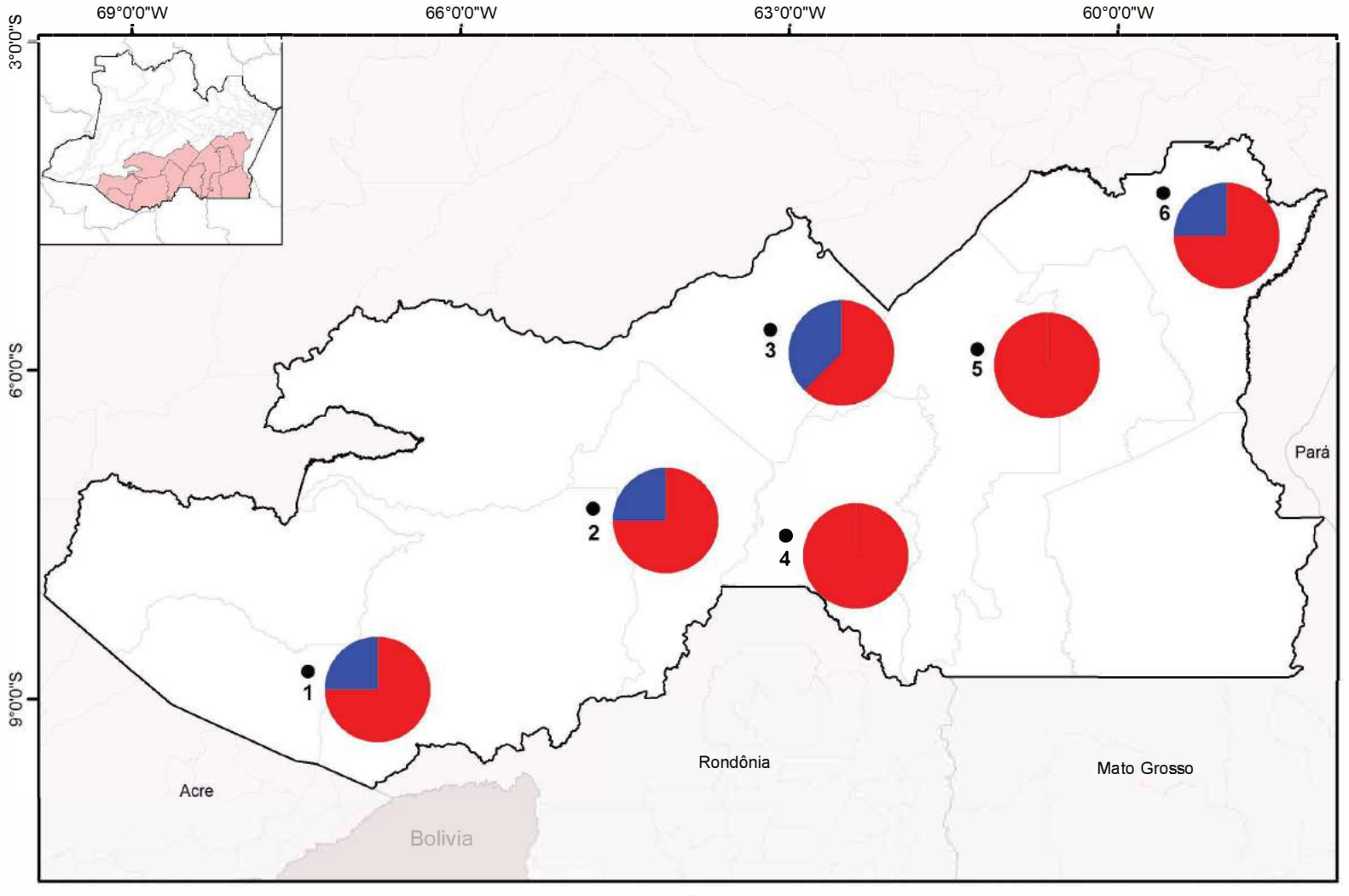

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

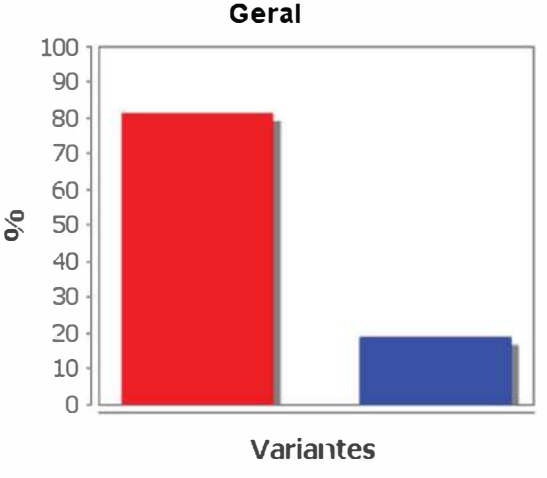
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F073a - Assobio / Assobiar - Vogal baixa pretônica /a/

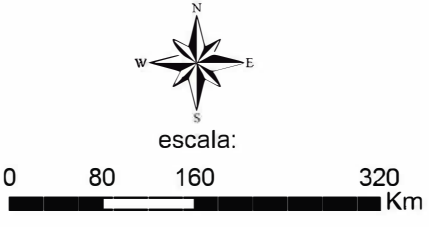



**Legenda**

- a
- Zero fonético



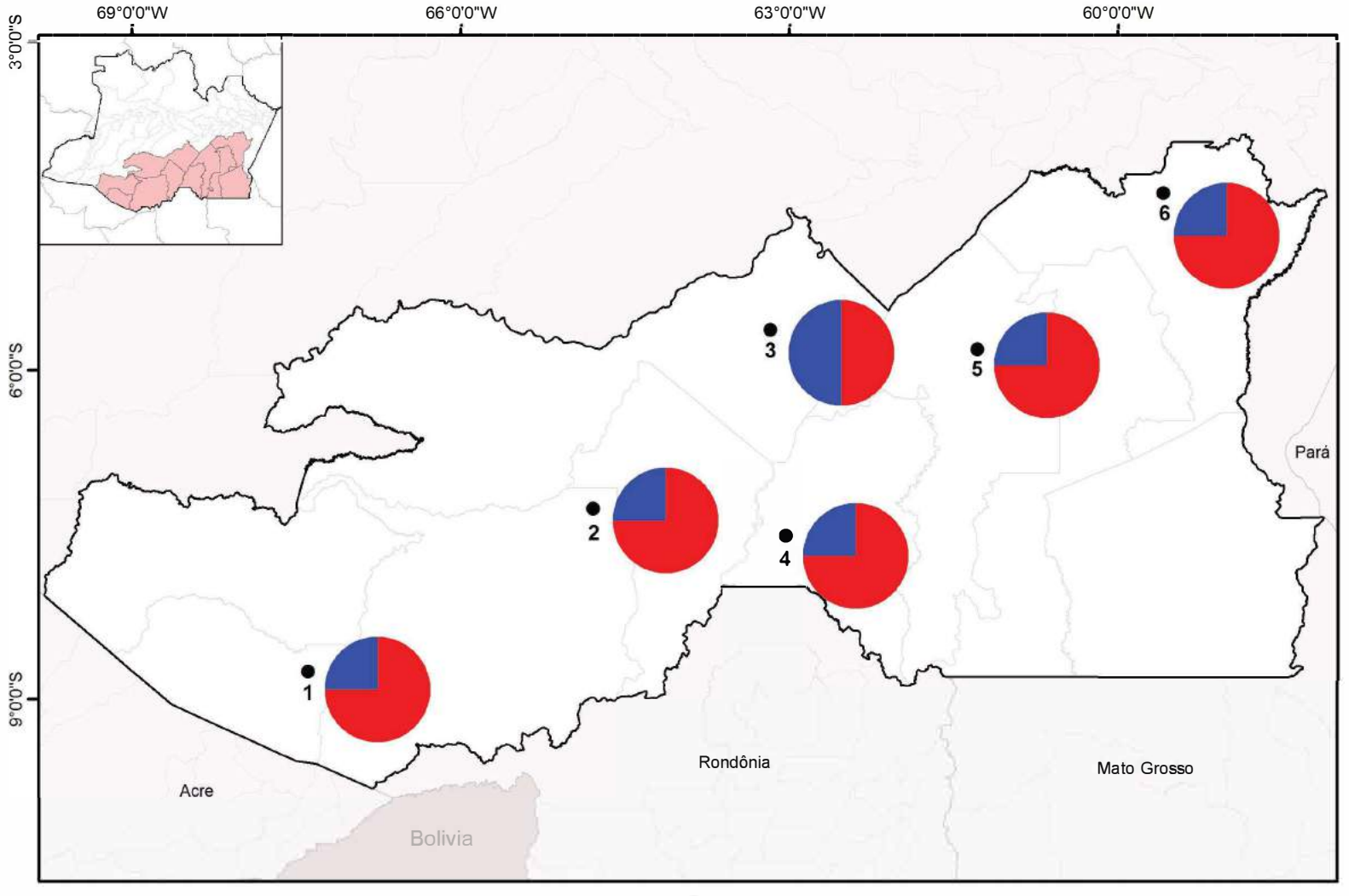

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

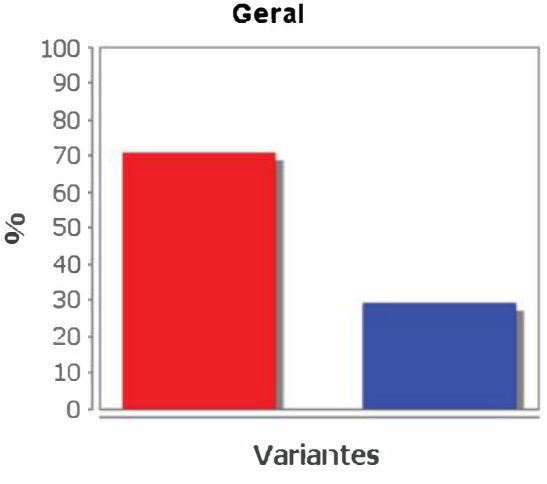
## F073b – Assobio / Assobiar – Vogal média posterior pretônica



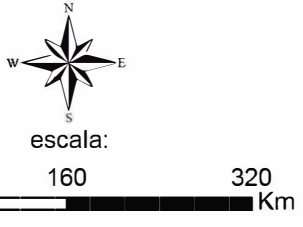

**Legenda**

u

o



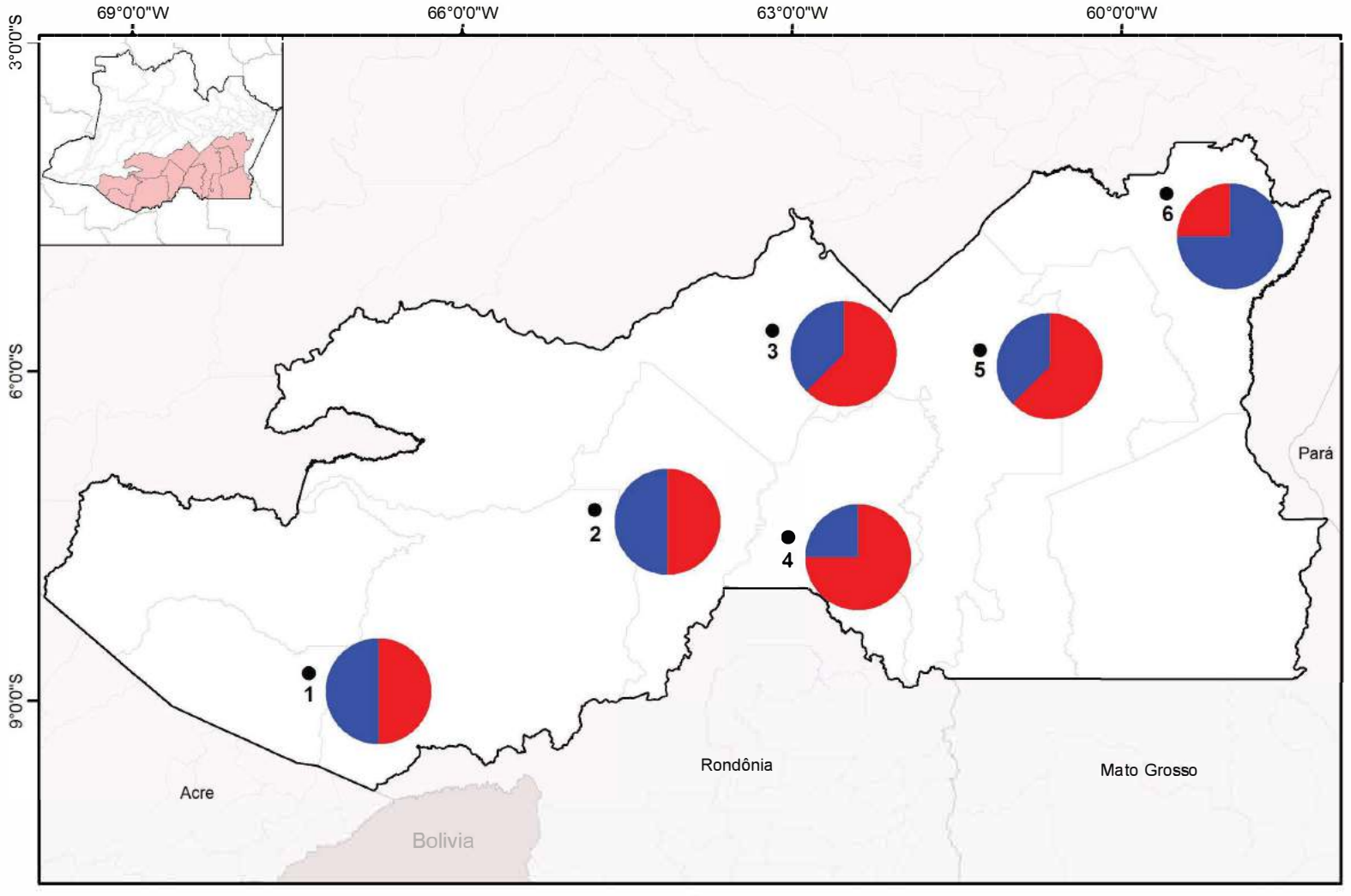

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

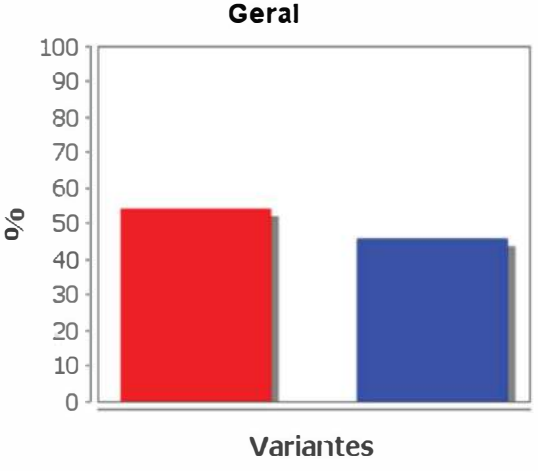
## F073c – Assobio / Assobiar – Consoante da terceira sílaba (/b/ ou /v/)



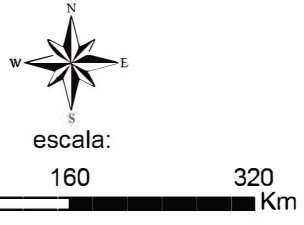

**Legenda**

b

v




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F074

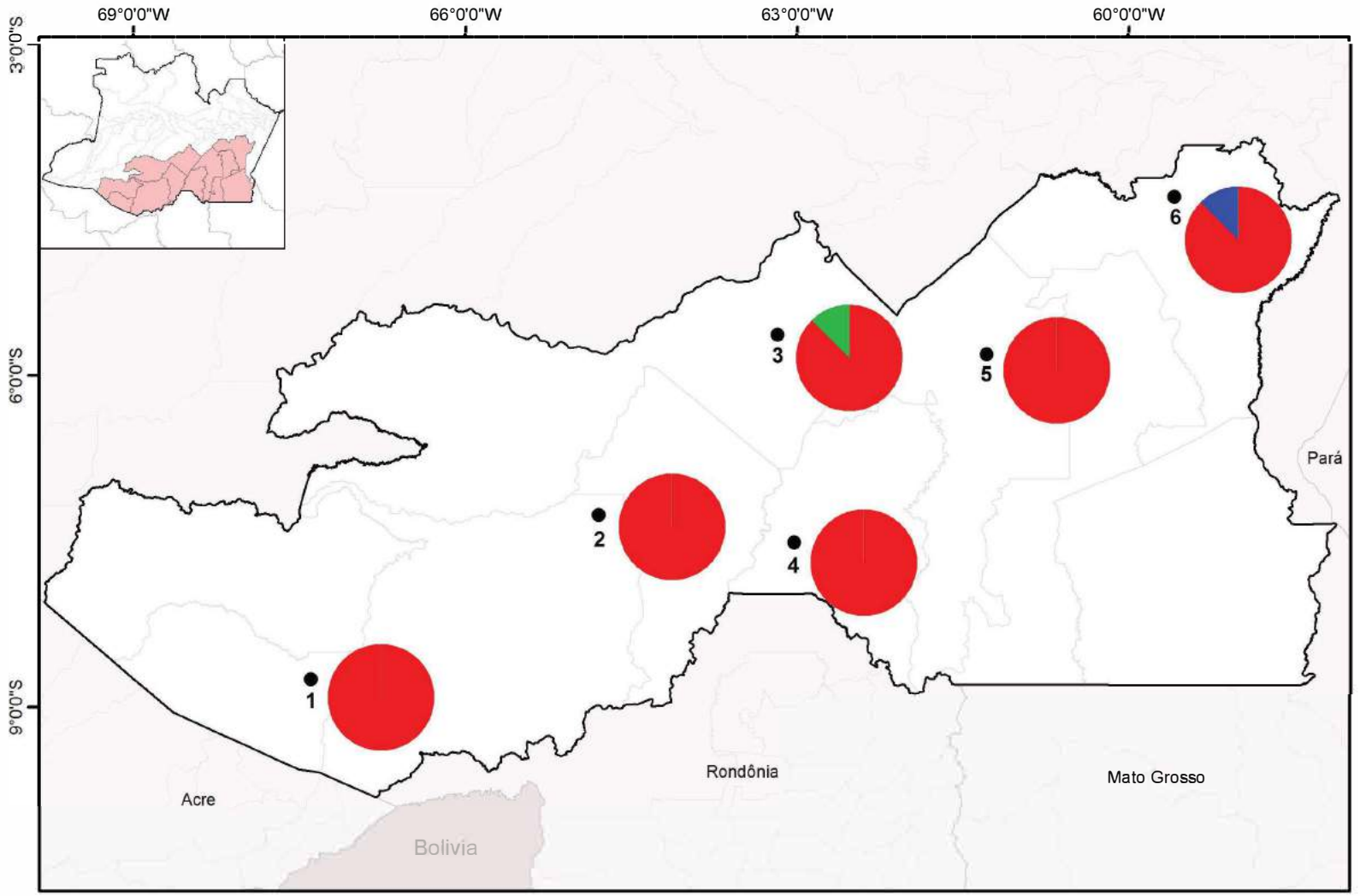
# MUITO

**NOTAS:**

1. Entende-se que a nasalidade da vogal [u] espraia até a semivogal, formando um ditongo nasal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, a transcrição para a variante em vermelho, na legenda, é [ˈmũ̃jtʊ].

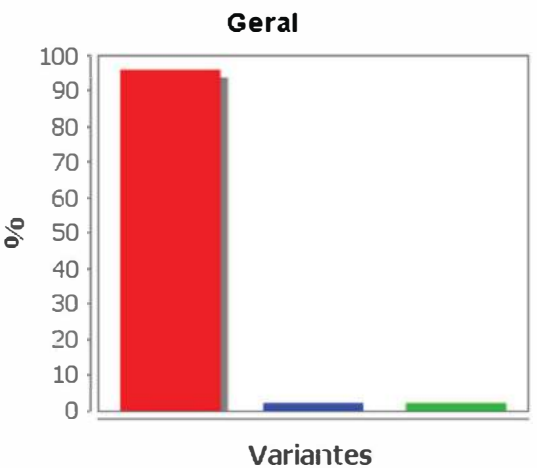
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F074 - Muito

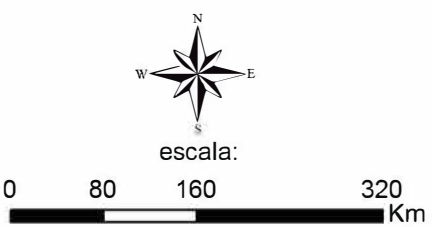



**Legenda**

- ['mũjtu]
- ['mujtu]
- ['mũtu]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F076

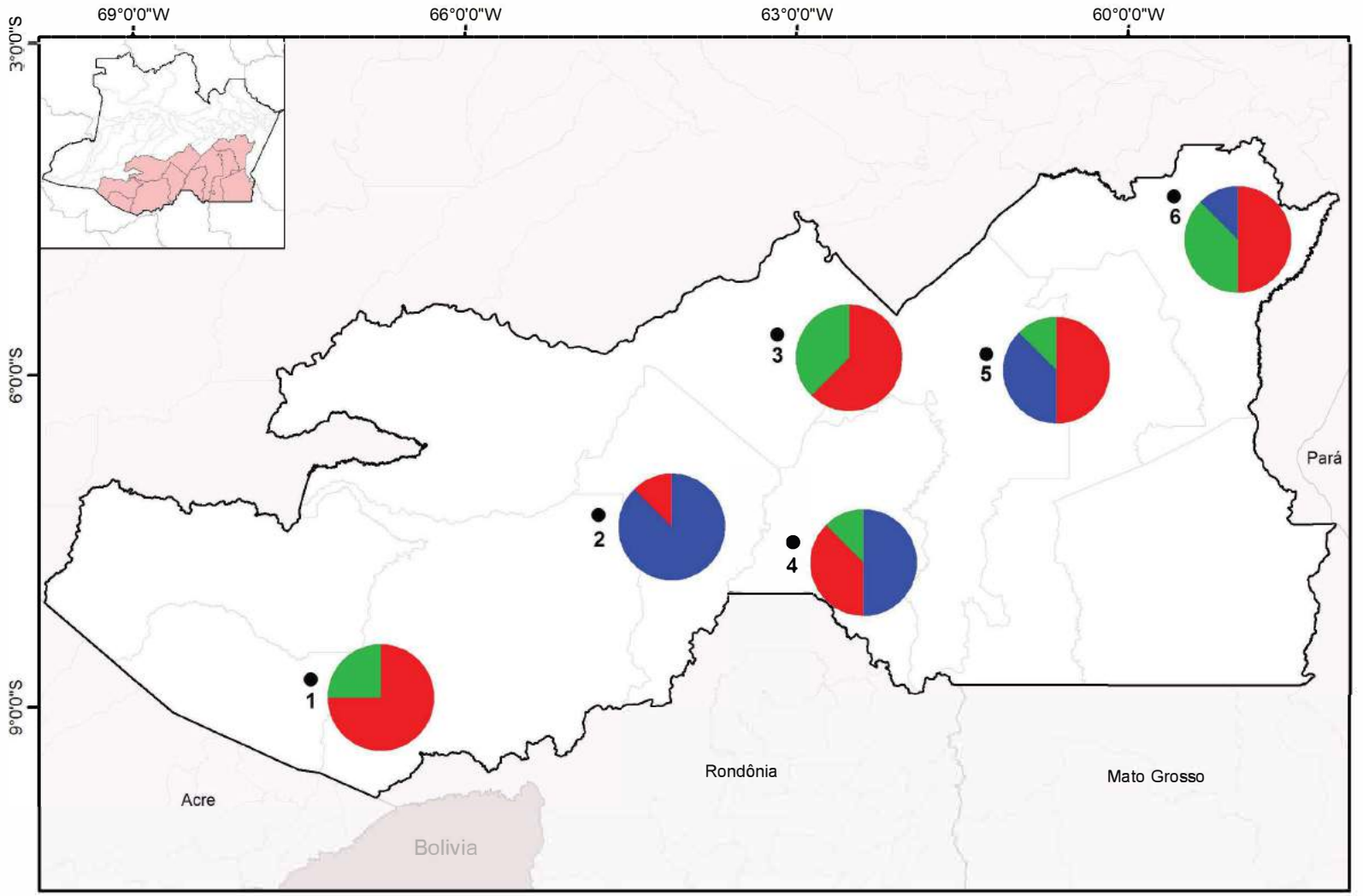
# RUIM

**NOTAS:**

2. Entende-se, no caso em que o acento recai sobre a primeira sílaba, que a nasalidade da vogal [u] espraia até a semivogal, formando um ditongo nasal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, a transcrição para a variante em verde, na legenda, é [ˈhũj̃].

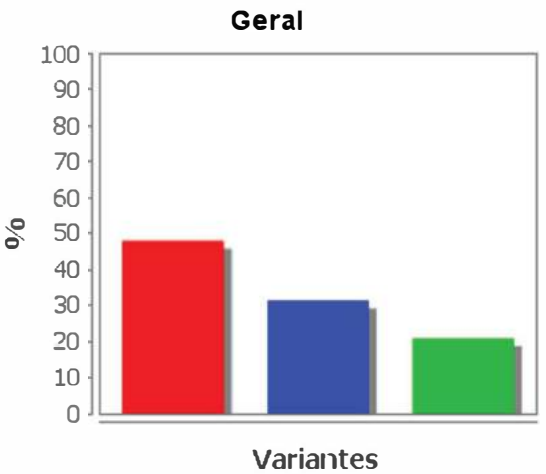
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F076 - Ruim

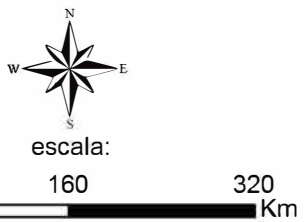



**Legenda**

- [huˈĩ]
- [hũˈĩ]
- [ ˈhũj]



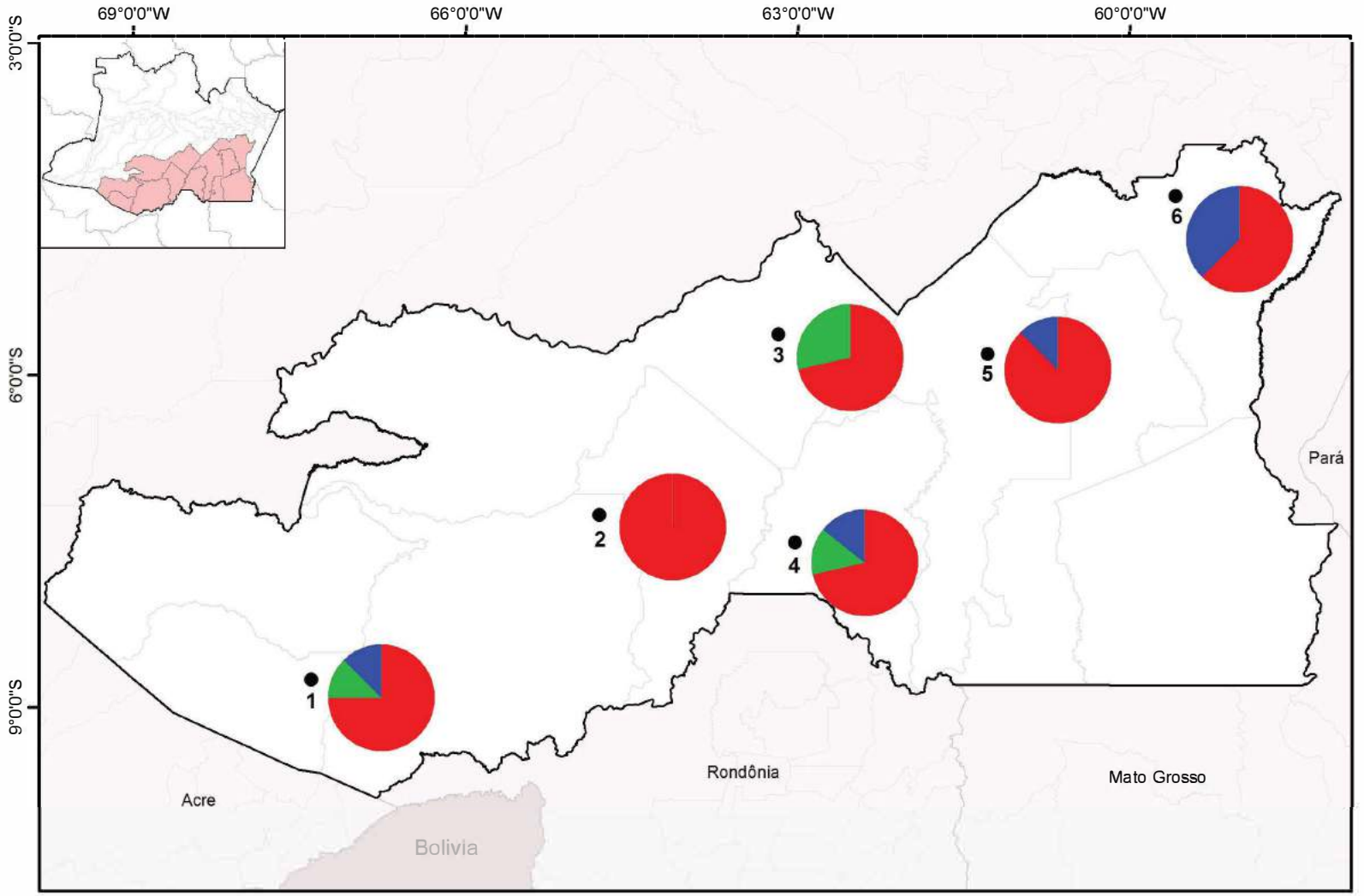

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

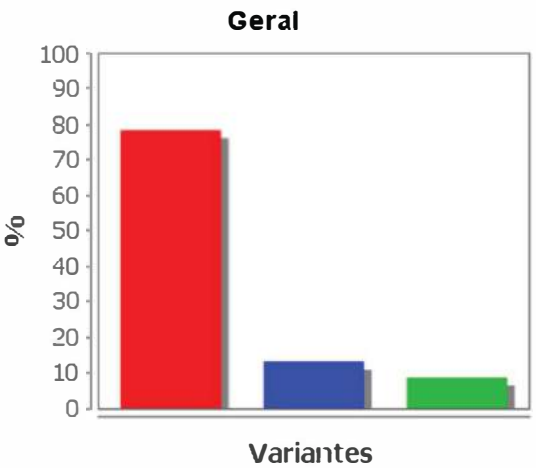
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F077 - Soldado

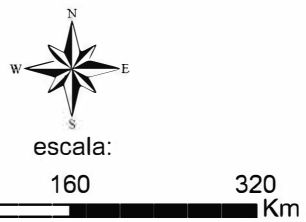



**Legenda**

- [sɔw'dadu]
- [sow'dadu]
- [saw'dadu]



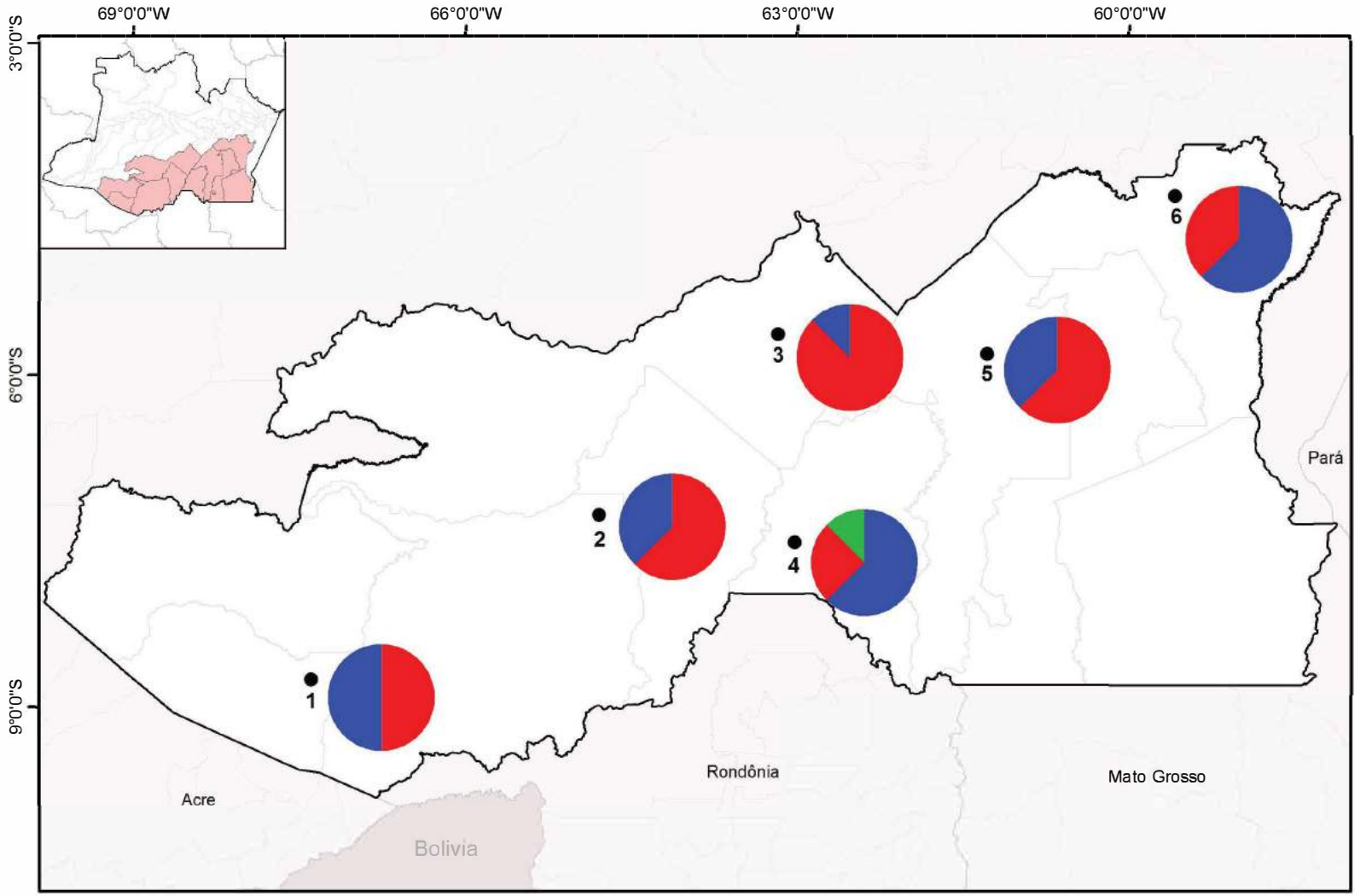

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

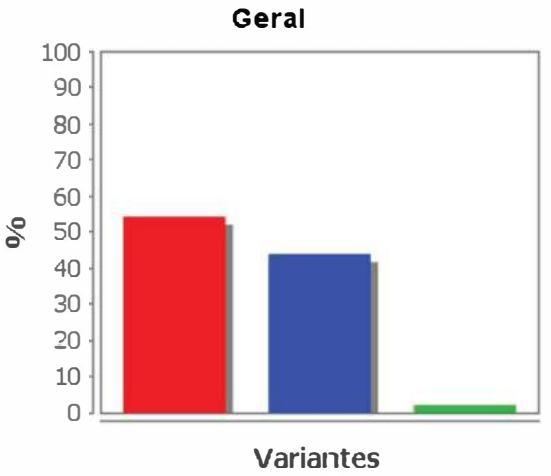
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F078 - Mulher




**Legenda**

- [mu'ʎɛ]
- [mu'ʎɛh]
- [muj'jɛ]



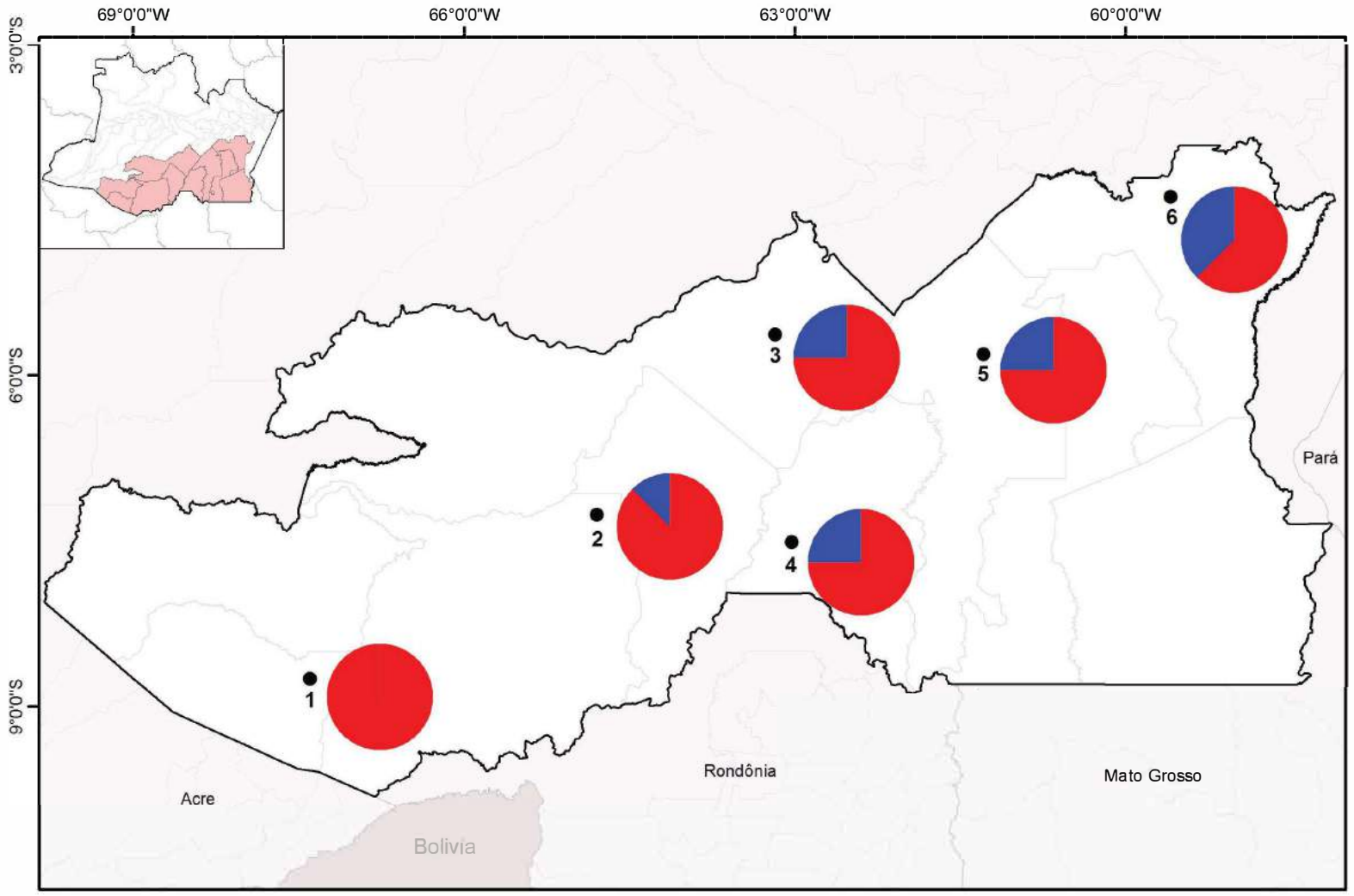

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]● - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

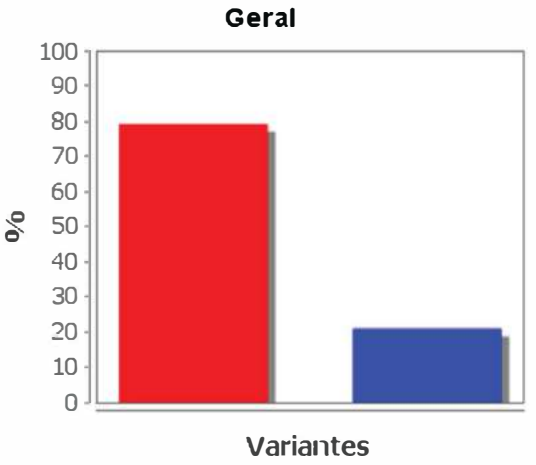
## F080 - Castigo



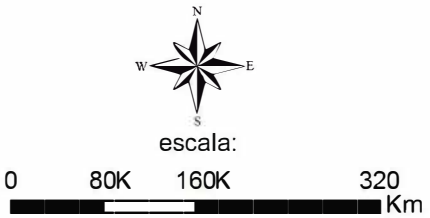

**Legenda**

[kah'ʧigu]

[kaʃ'ʧigu]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F081

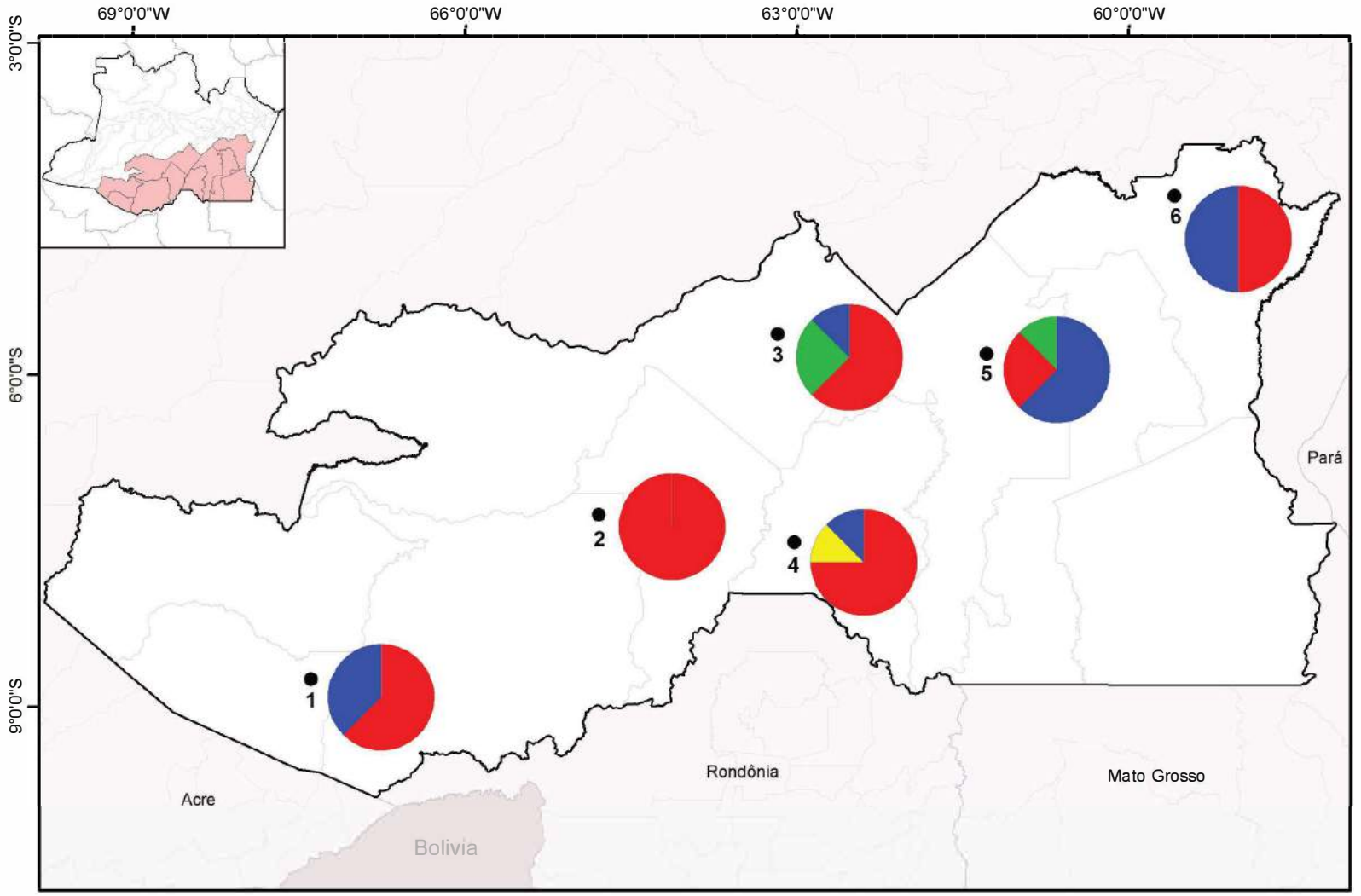
# AMANHÃ

**NOTAS:**

2. Entende-se, nos casos em que a variante da nasal palatal é a semivogal, que a nasalidade das vogais nasais da segunda e da última sílaba é assimilada pelas semivogais, formando dois ditongos nasais, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, as transcrições para as variantes em vermelho, verde e amarelo, na legenda, são [aˈmɐ̃j̃j̃ɐ̃], [ˈmɐ̃j̃j̃ɐ̃] e [ɐ̃ˈmɐ̃j̃j̃ɐ̃], respectivamente.

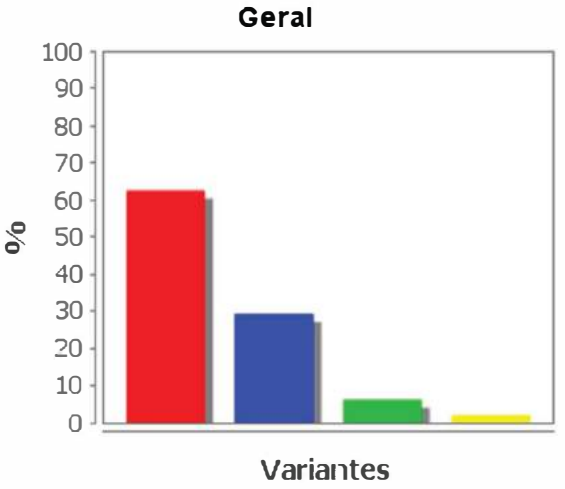
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F081 - Amanhã

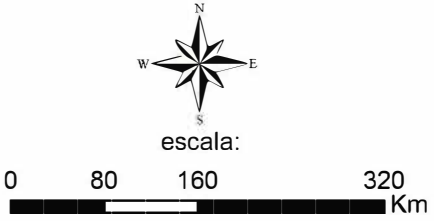



**Legenda**

- [amãj'jã]
- [amã'ɲã]
- ['mãjjã]
- [ãmãj'jã]



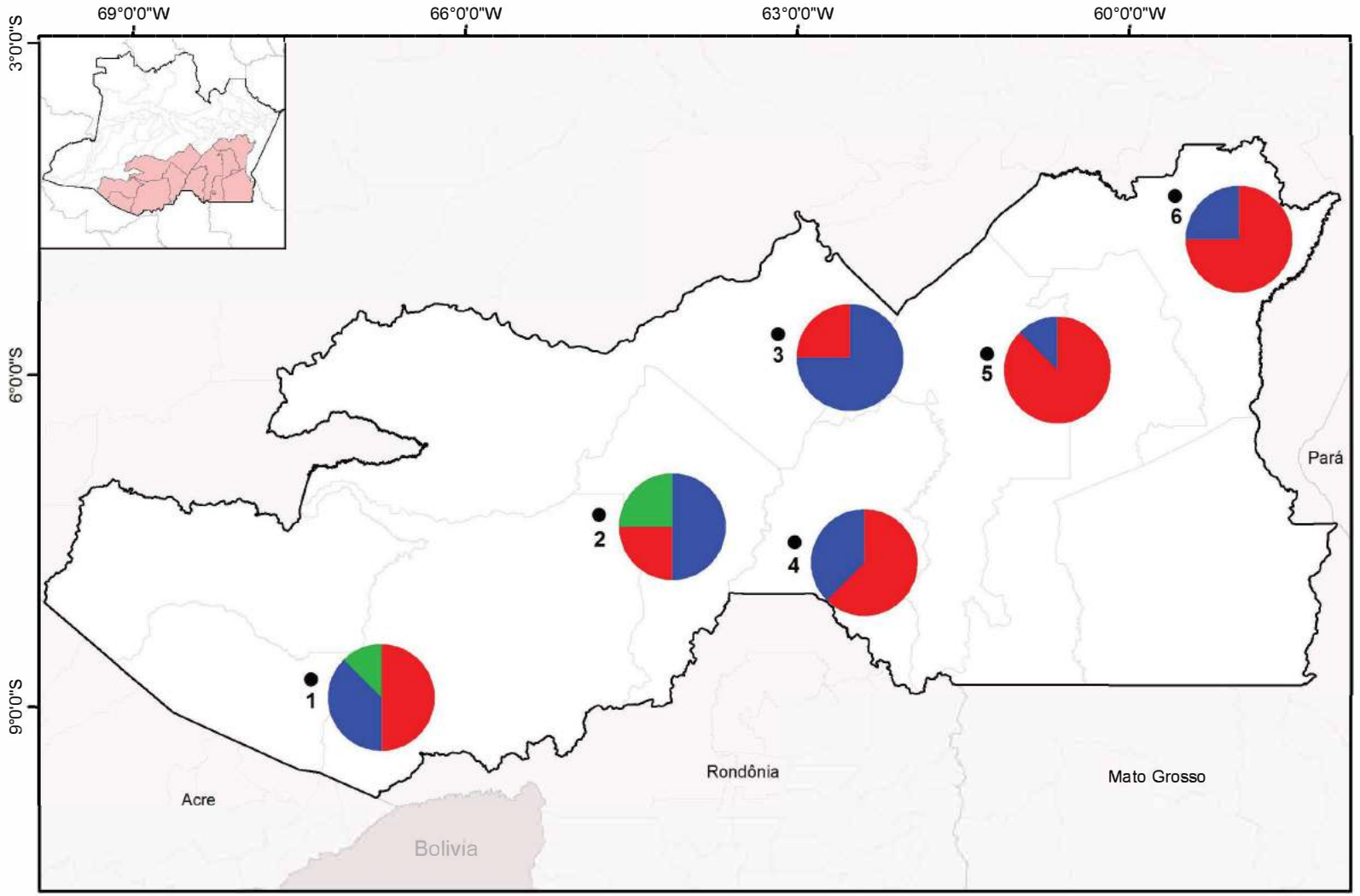

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

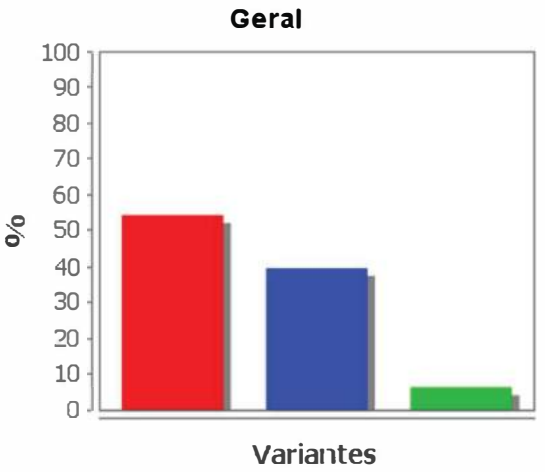
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F083 - Plantar

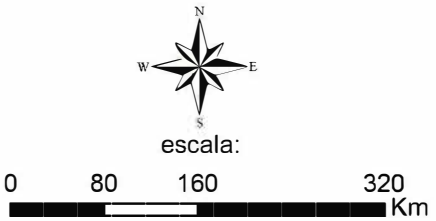



**Legenda**

- [plã'tah]
- [plã'ta]
- [prã'ta]



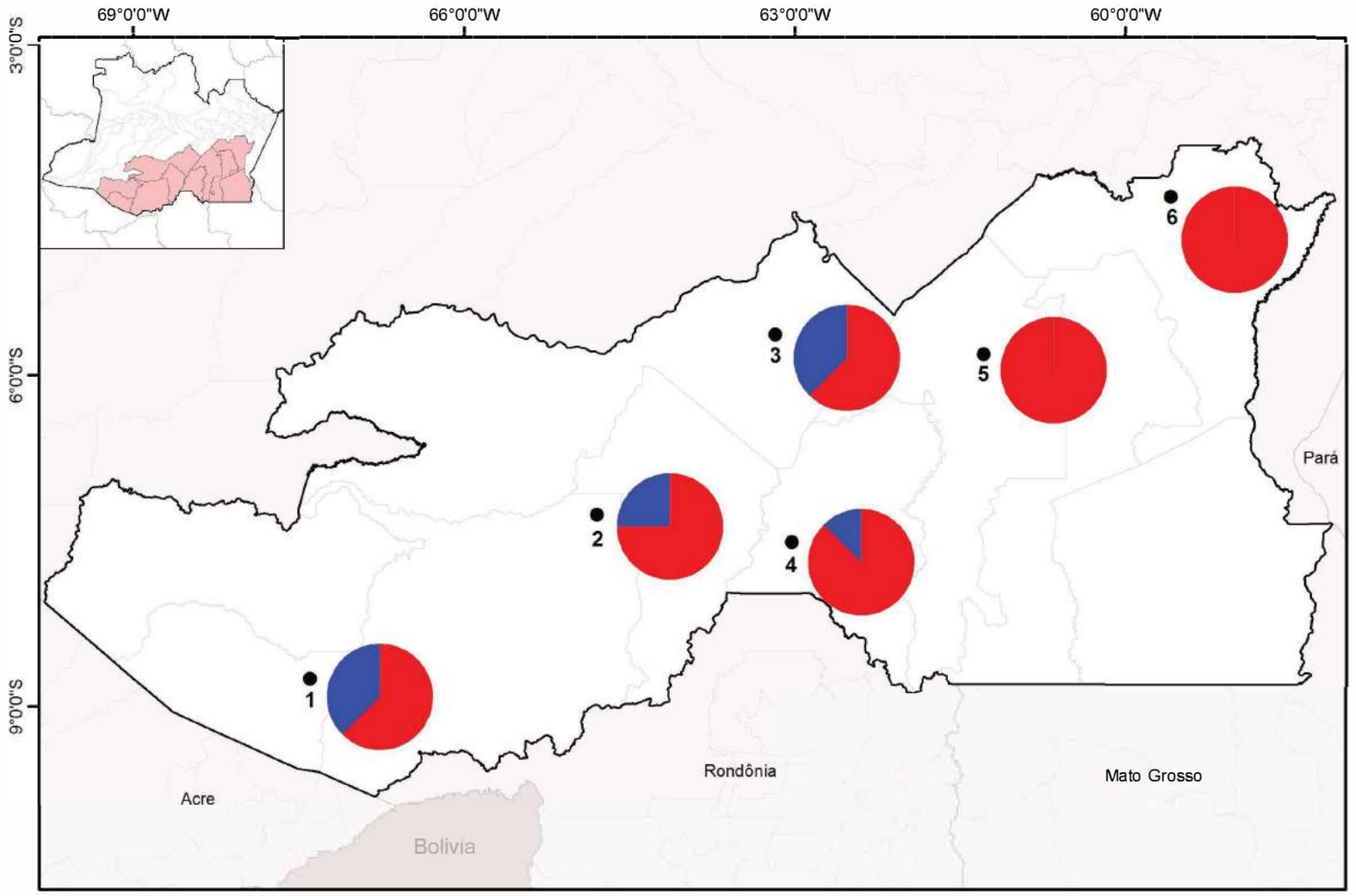

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

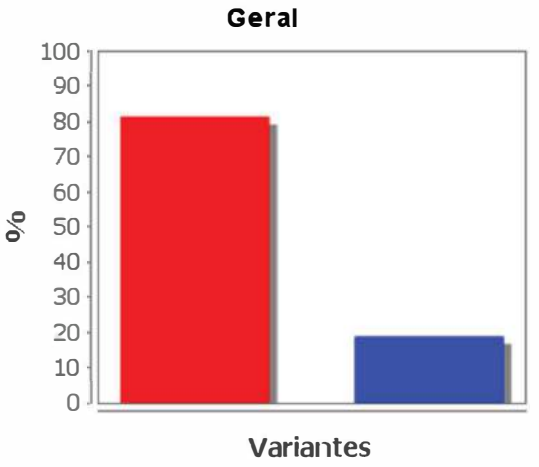
## F084 - Vidro



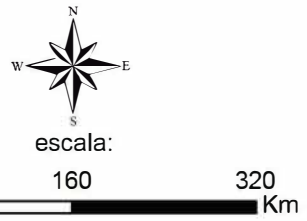

**Legenda**

['vidru]

['vridu]



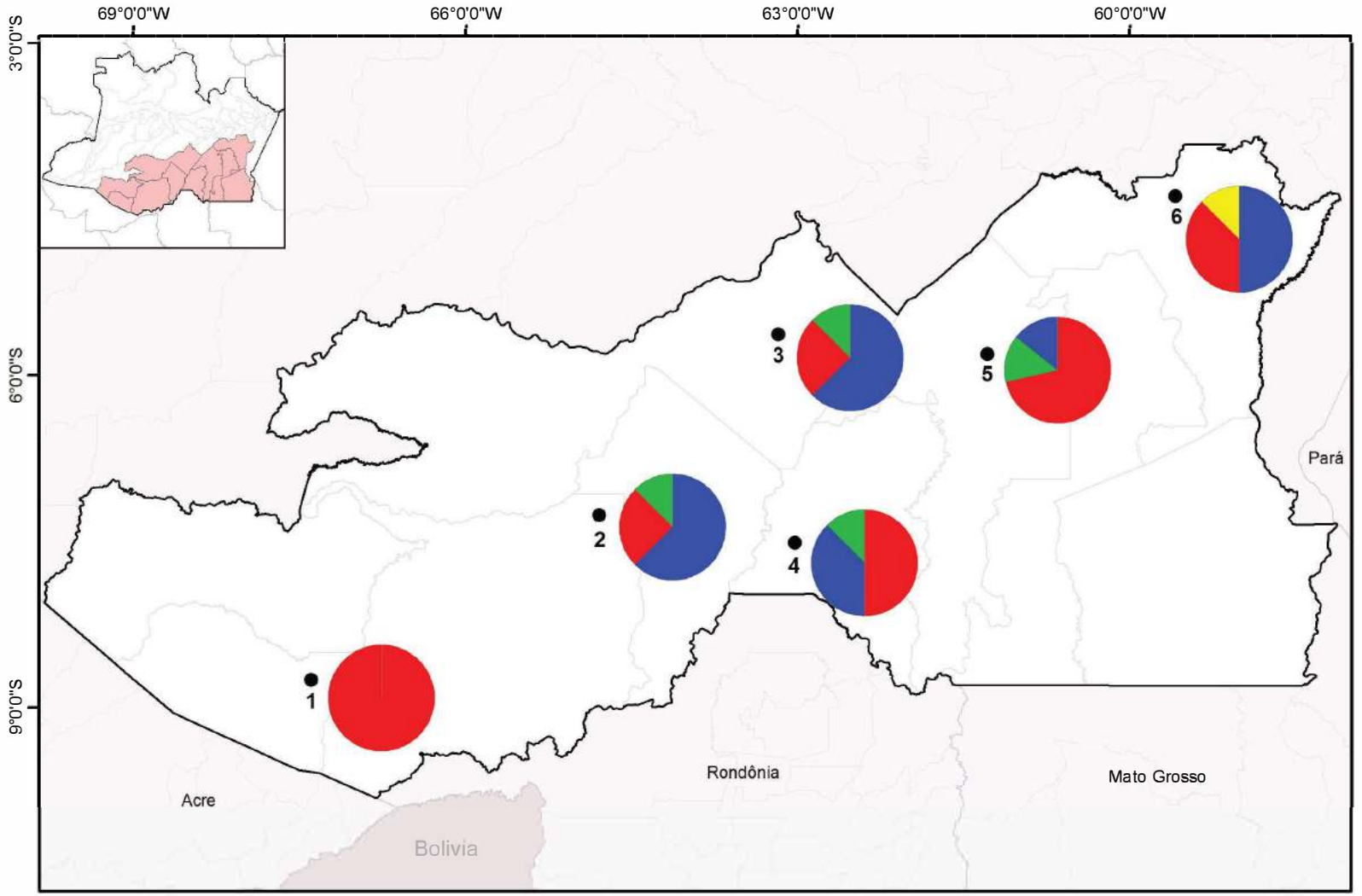

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

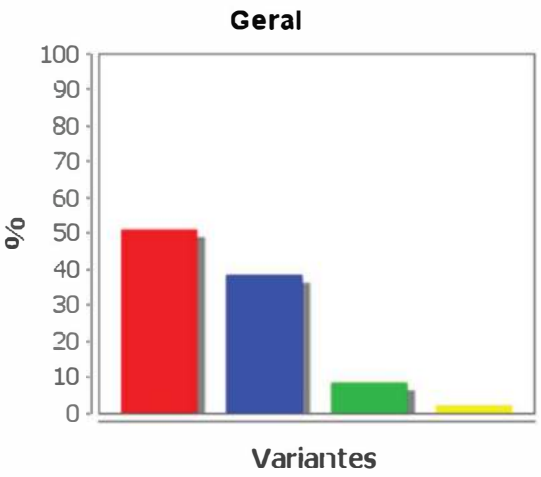
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F087 - Pneu

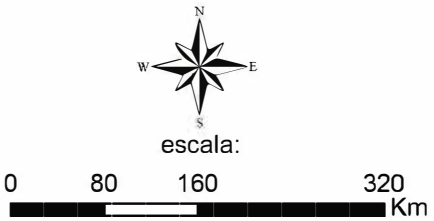



**Legenda**

- [pe'new]
- [pi'new]
- [pẽ'new]
- [pe'ne]



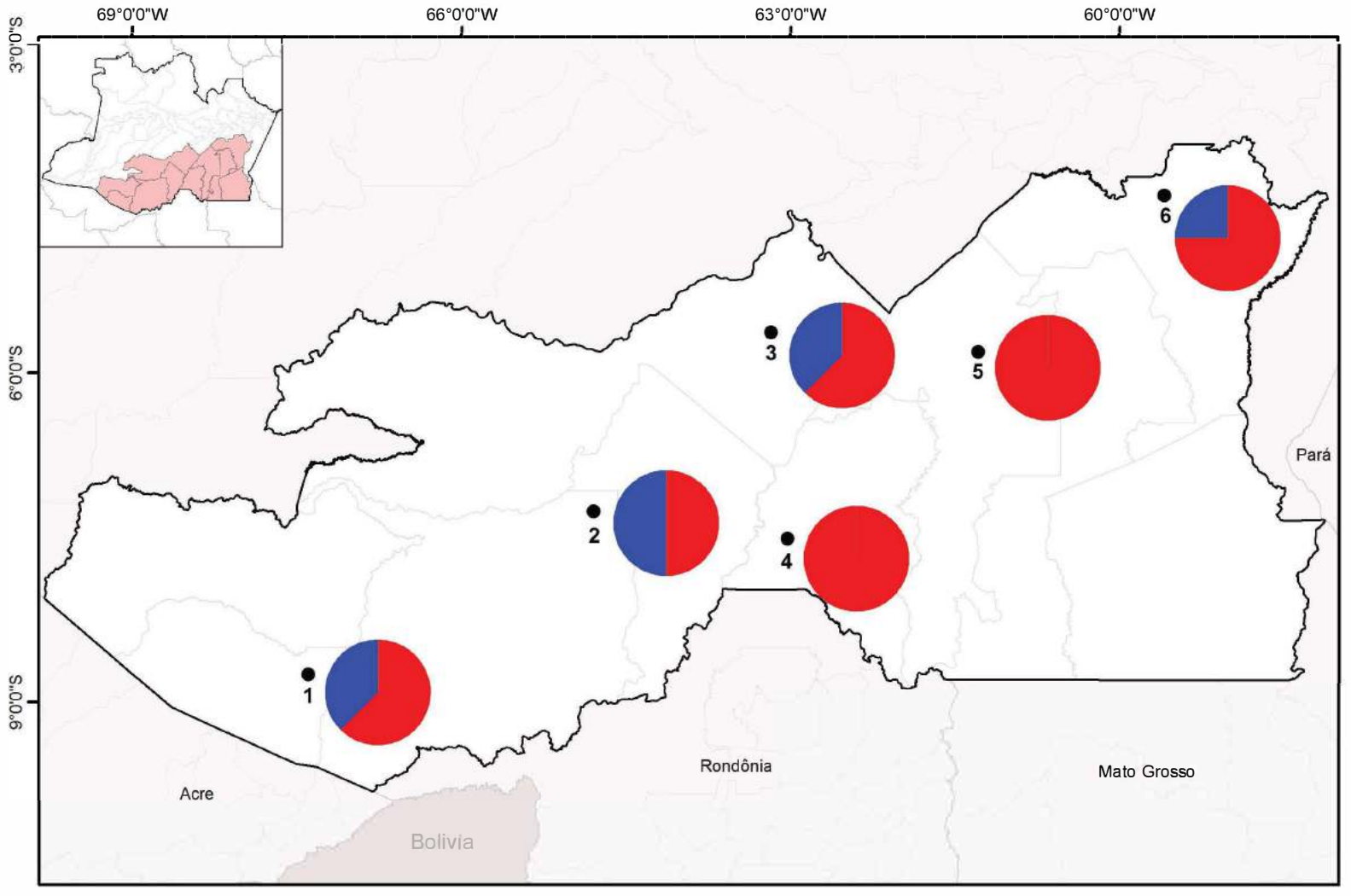

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

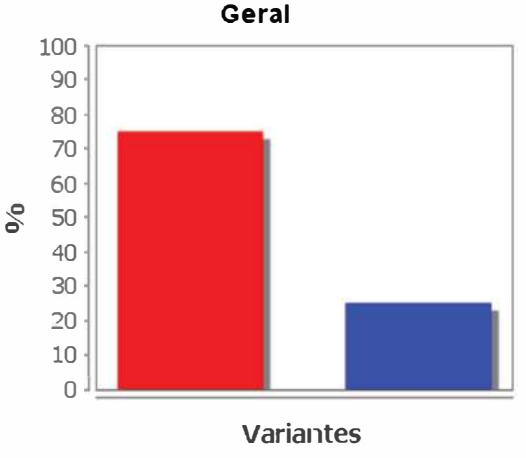
## F089 - Andando



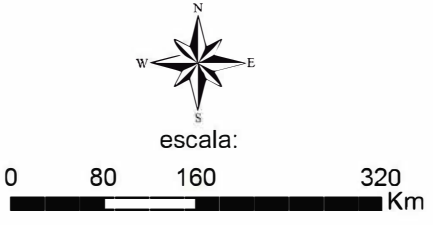

**Legenda**

[ã'dãdu]

[ã'dãnu]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F093

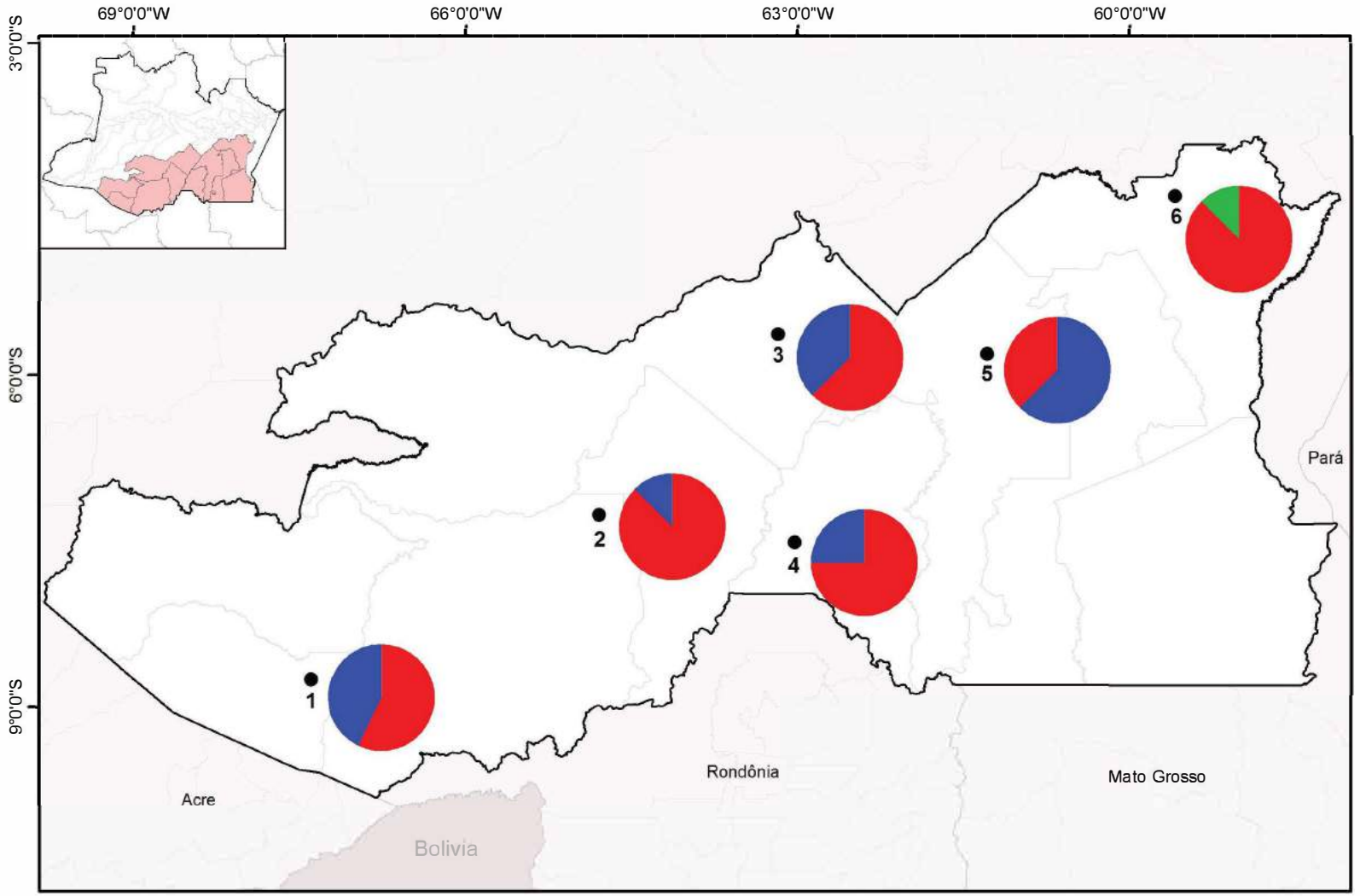
# CANTARAM

**NOTAS:**

1. Entende-se que a nasalidade da vogal postônica [a] espraia até a semivogal, formando um ditongo nasal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [w]. Dessa forma, a transcrição para a variante em vermelho, na legenda, é [kãˈtarãw̃].

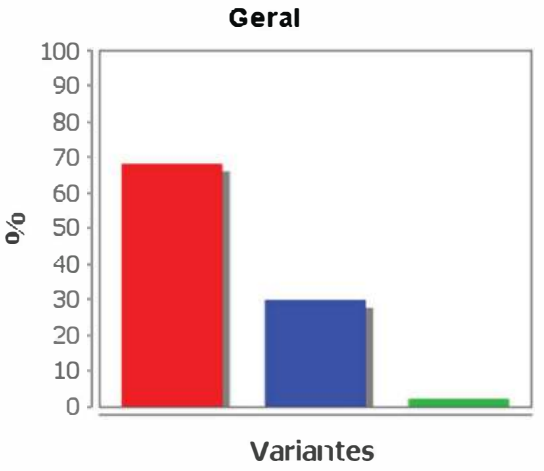
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F093 - Cantaram

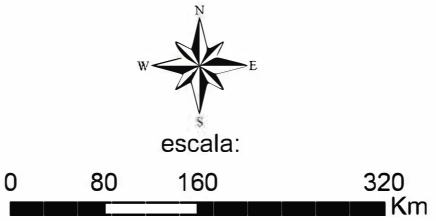



**Legenda**

- [kã'taráw]
- [kã'taru]
- [kã'taõ]



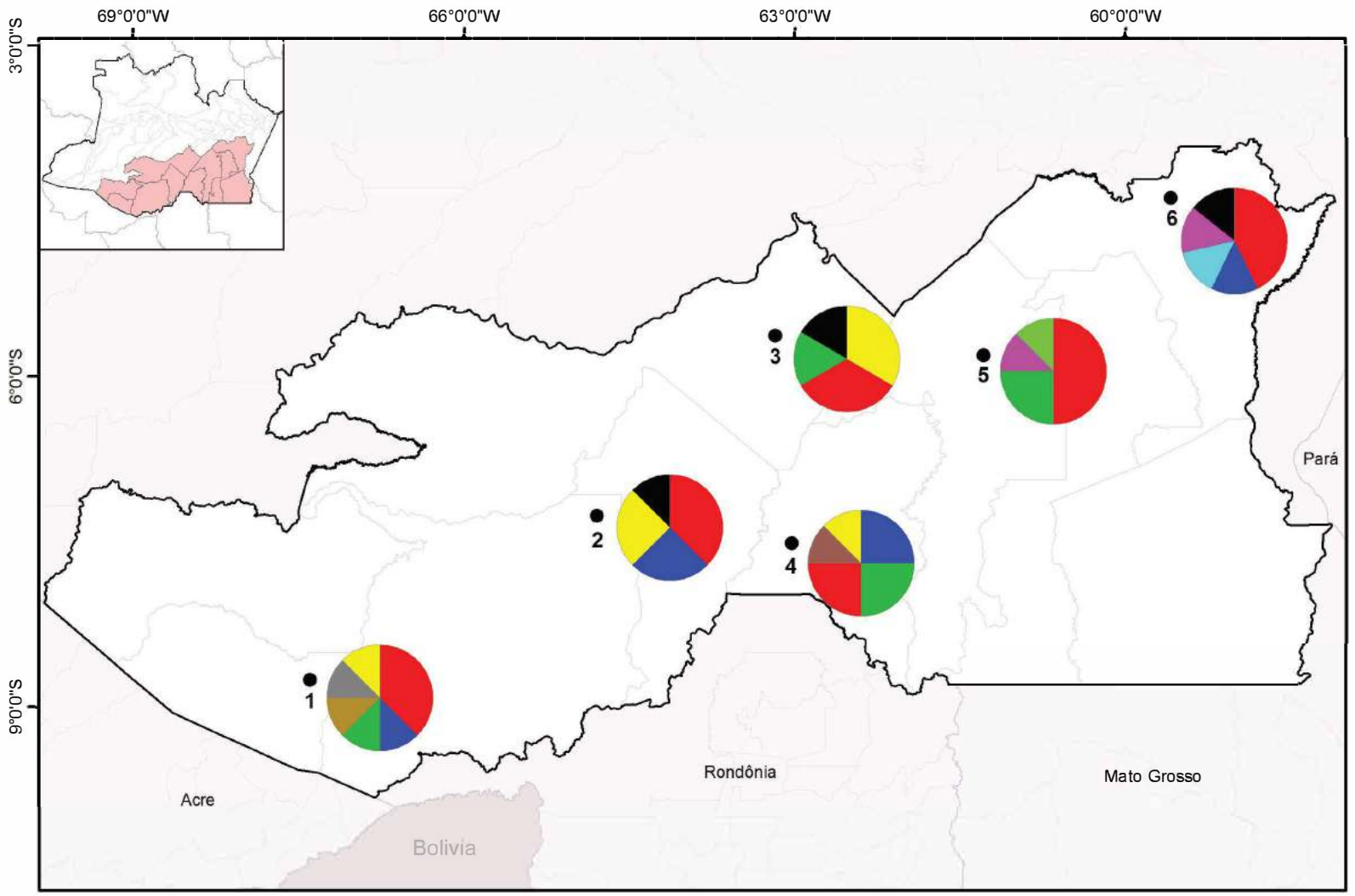

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

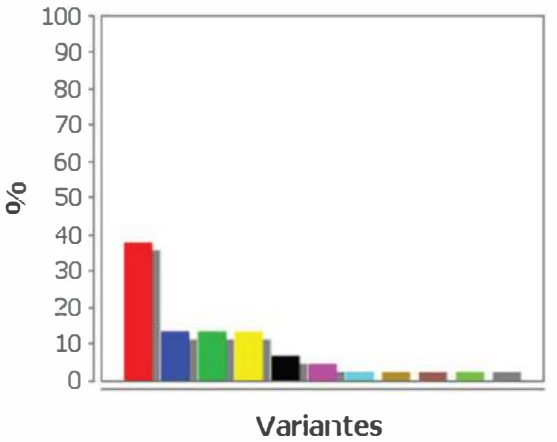
## F094 - Prateleira



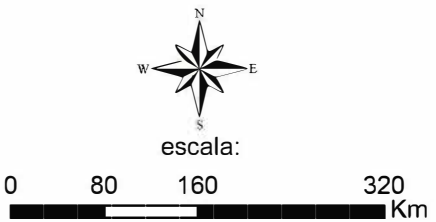

**Legenda**

- [pratʃi'lerə]
- [pahtʃi'lerə]
- [prate'lerə]
- [pratʃi'lejrə]
- [prate'lejrə]
- [patʃi'lerə]
- [tabe'lerə]
- [prahtʃi'lejrə]
- [plate'lerə]
- [platʃi'lerə]
- [pahtʃi'lejrə]

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F094a

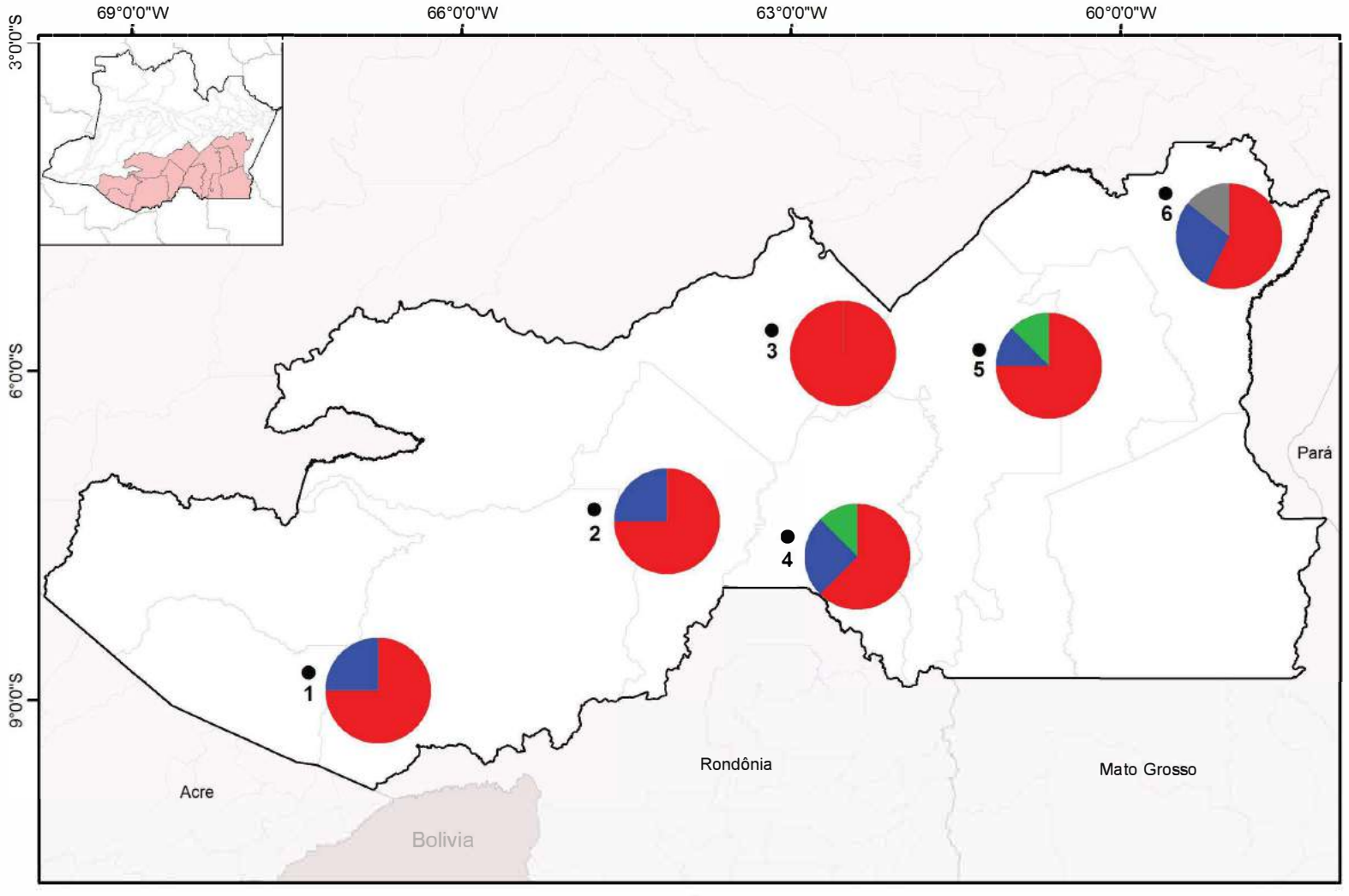
## PRATELEIRA – ENCONTRO CONSONANTAL PR-

**NOTAS:**

1. OUTRA RESPOSTA: HA01 (Borba): **Tabeleira**.

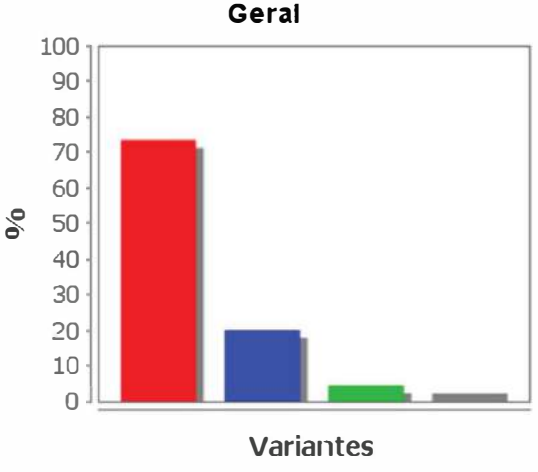
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F094a - Prateleira - Encontro consonantal /pr/

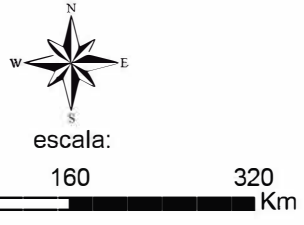



**Legenda**

- pr
- p
- pl
- Outros



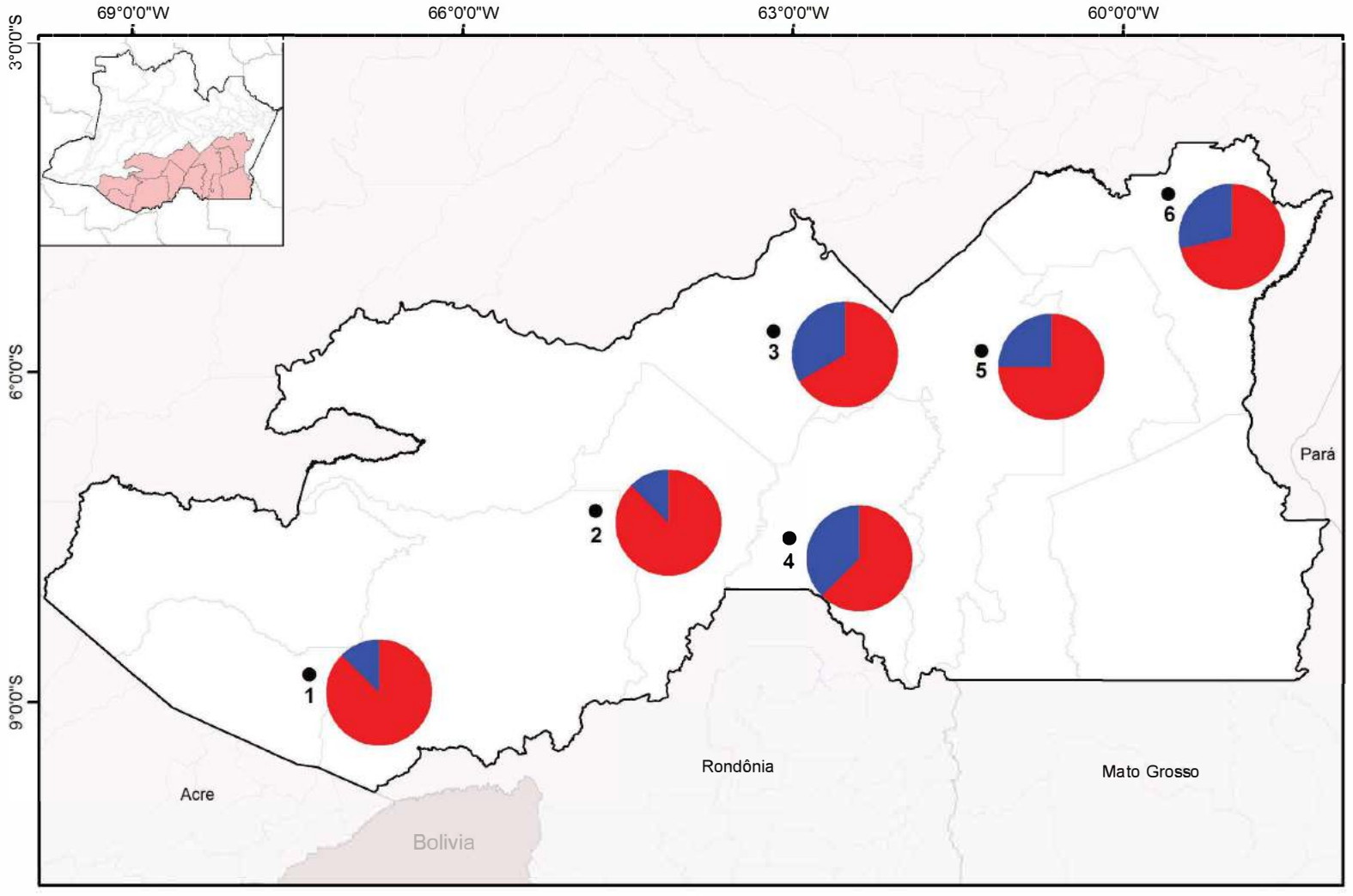

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

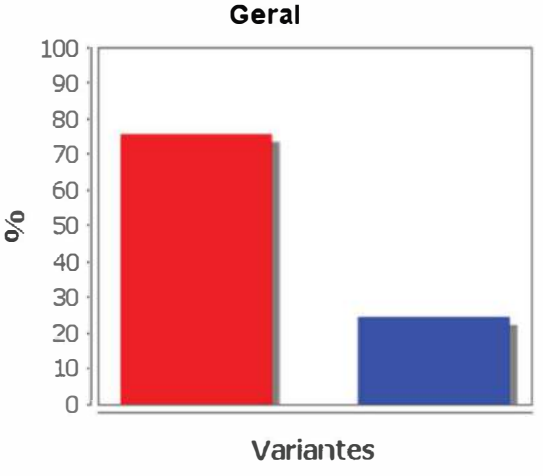
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F094b - Prateleira - Vogal média anterior pretônica

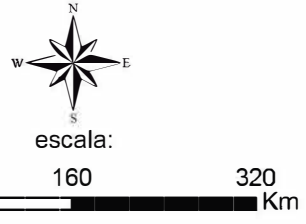



**Legenda**

- i
- e



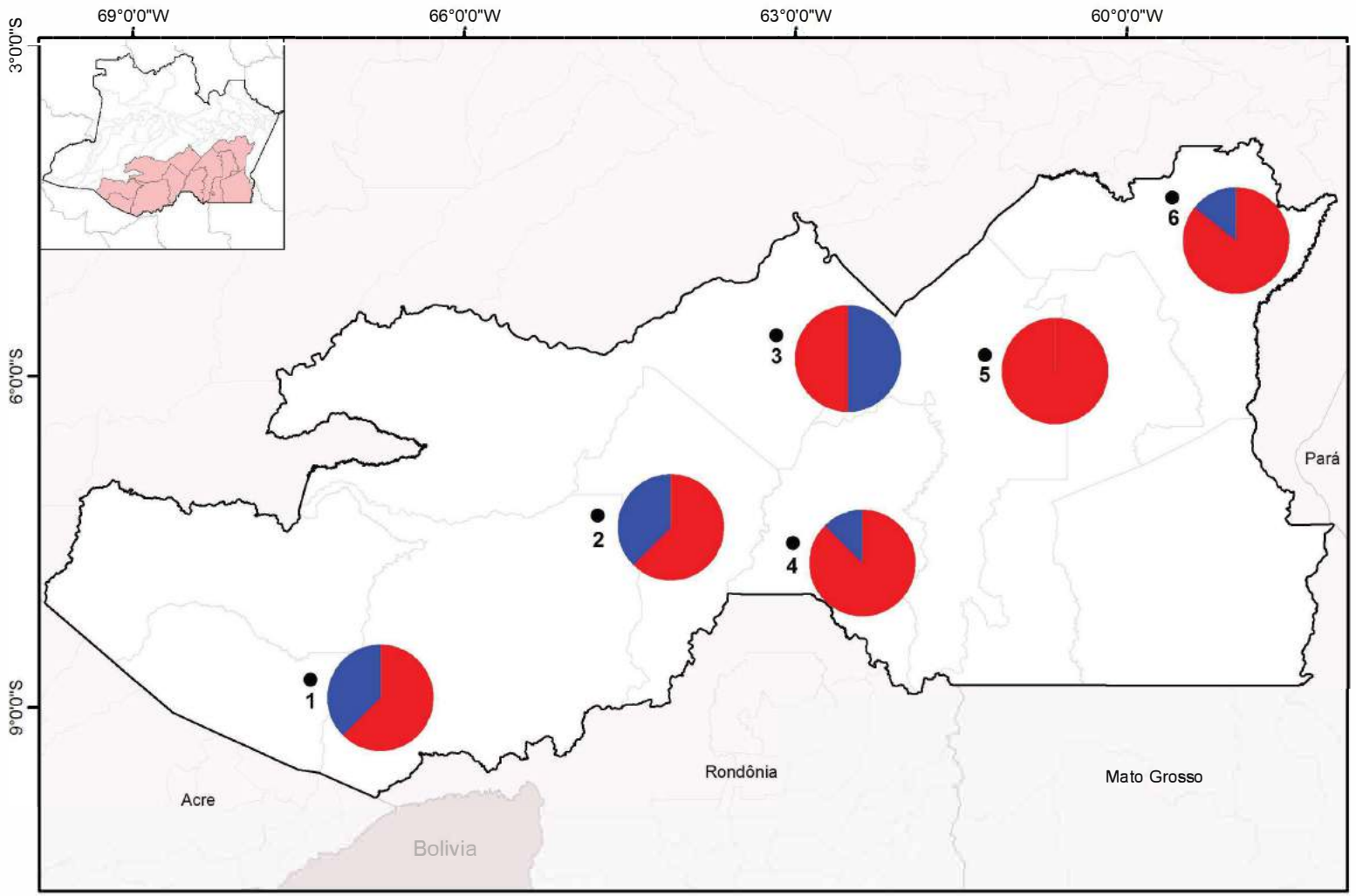

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

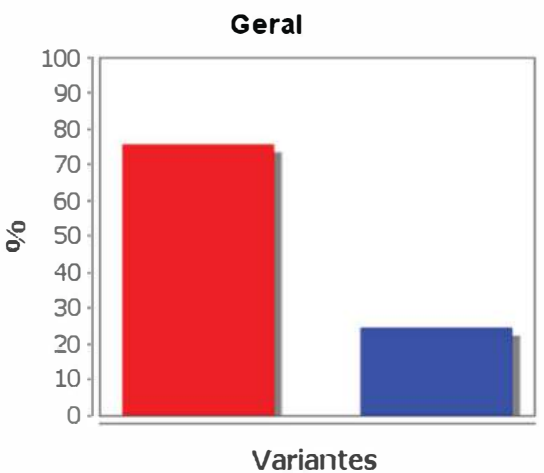
## F094c - Prateleira - Ditongo /ej/



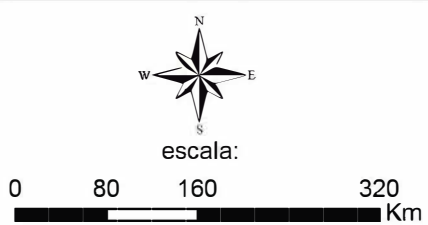

**Legenda**

e

ej



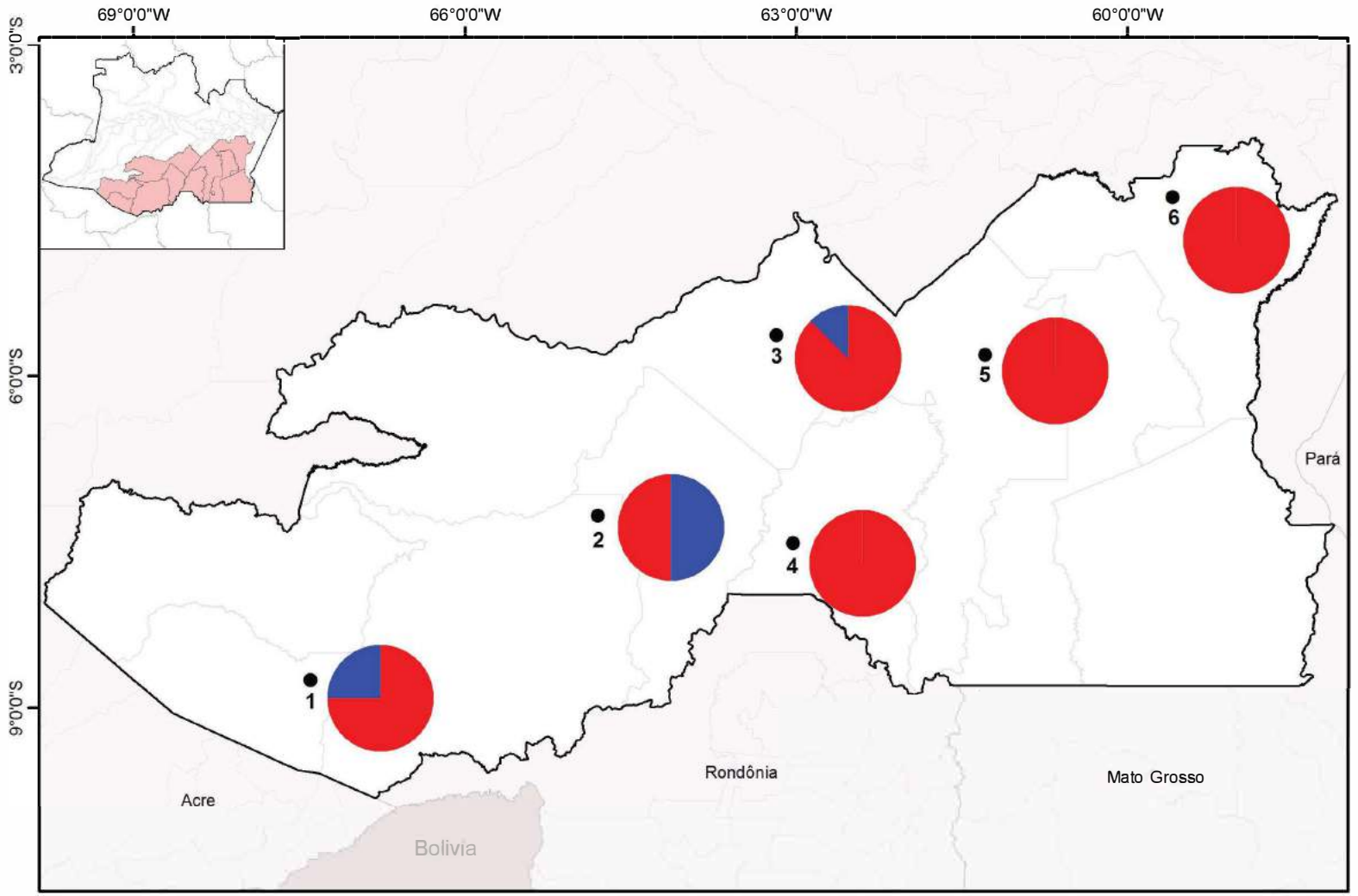

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

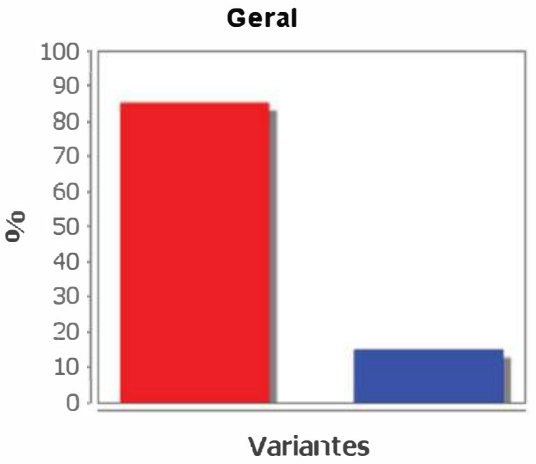
## F095 - Gordura



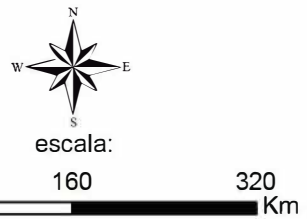

**Legenda**

[goɦ'durə]

[guɦ'durə]



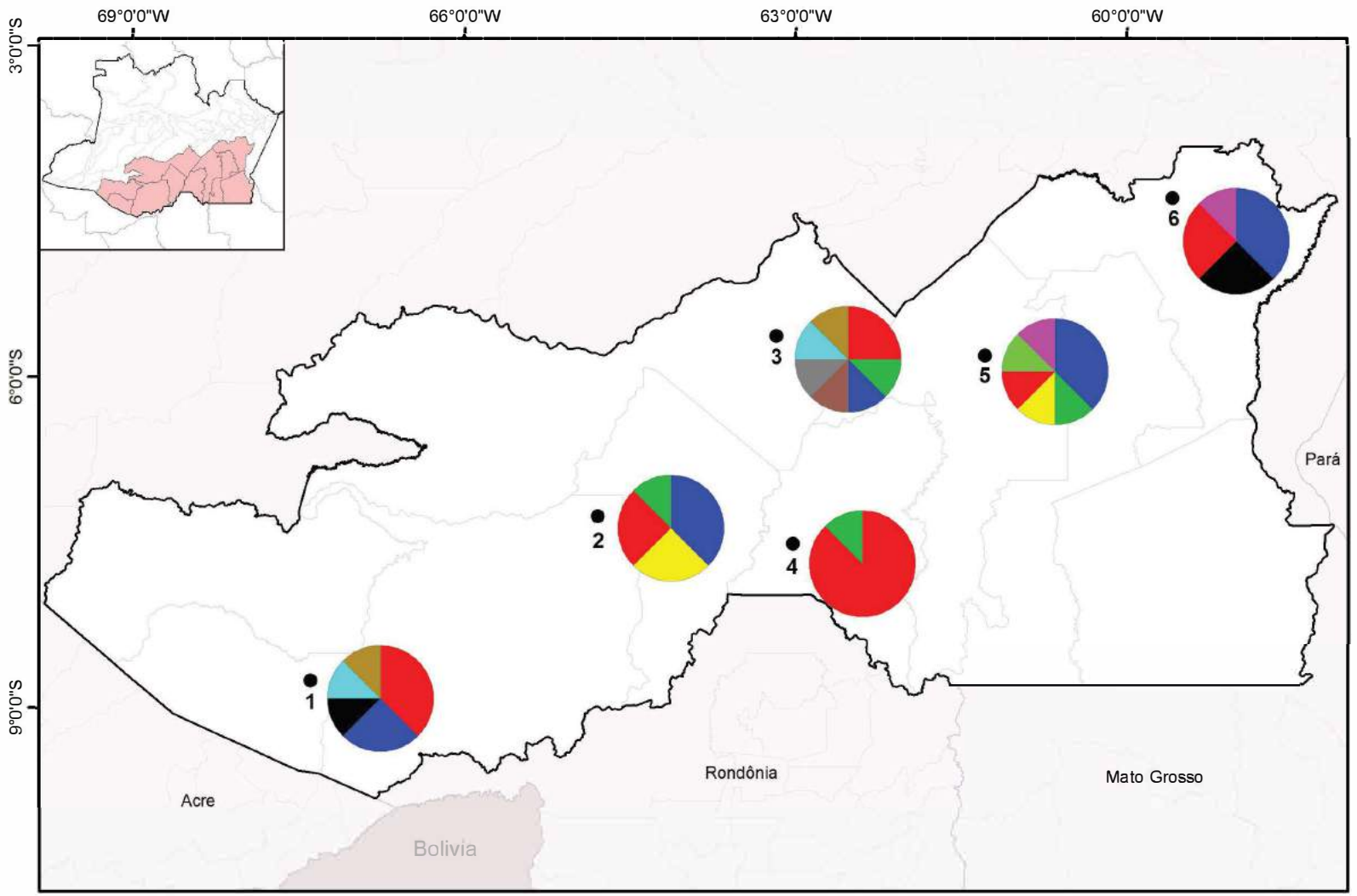

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

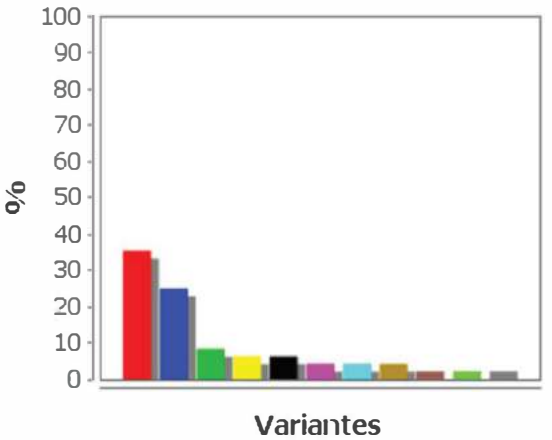
## F099 - Aniversário



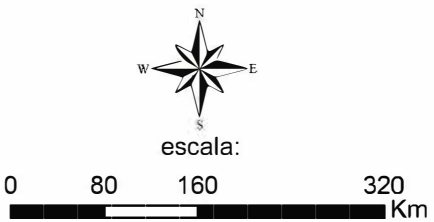

**Legenda**

- [anʲiveh'sarju]
- [anʲive'sarju]
- [ãnʲiveh'sarju]
- [ãnʲive'sarju]
- [anʲiveh'sarju]
- [nʲiveh'sarju]
- [nʲive'sarju]
- [anʲiveh'saru]
- [nʲive'saru]
- [ãnʲive'sarju]
- [nʲive'sarju]

**Geral**



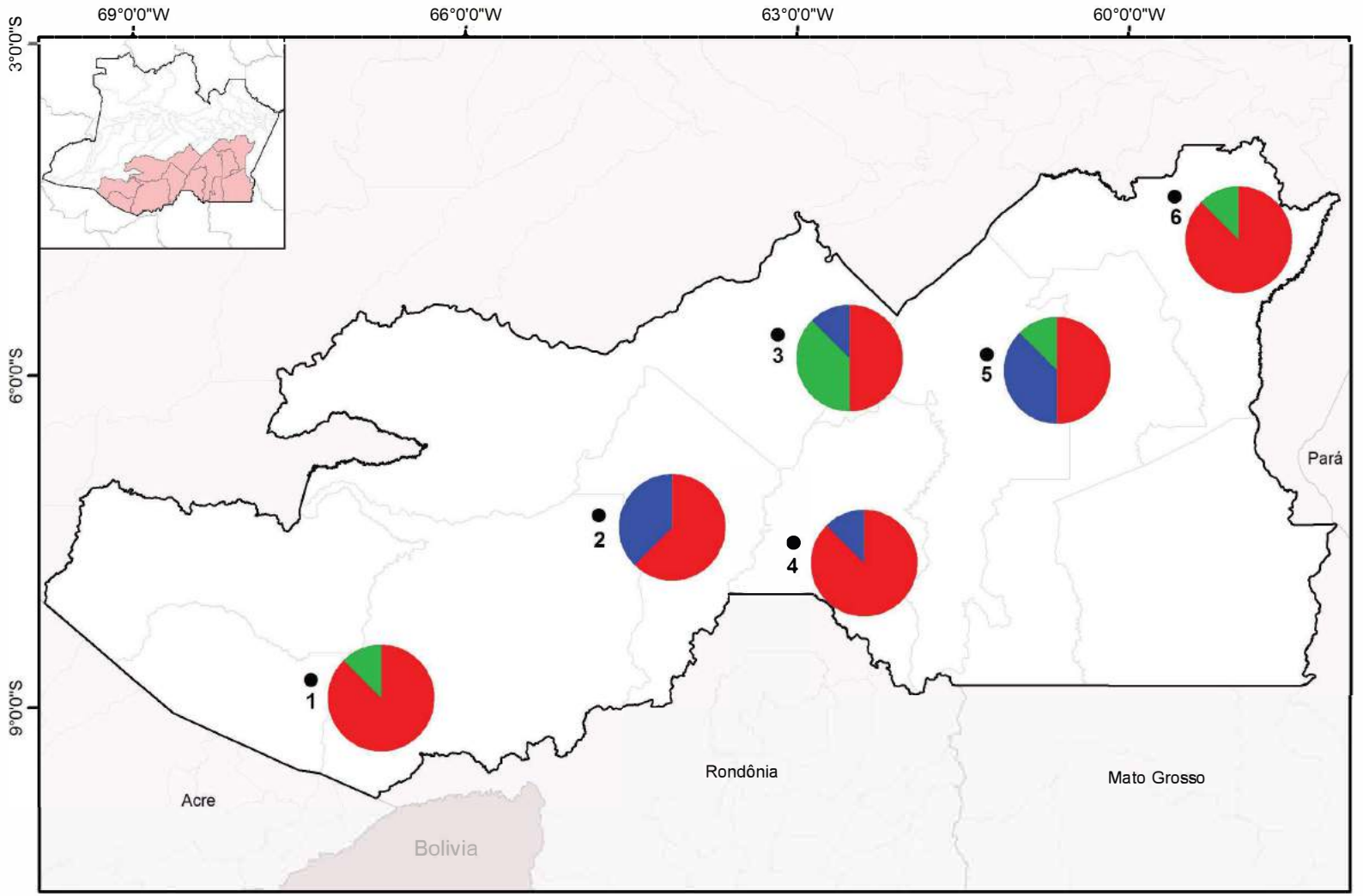

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

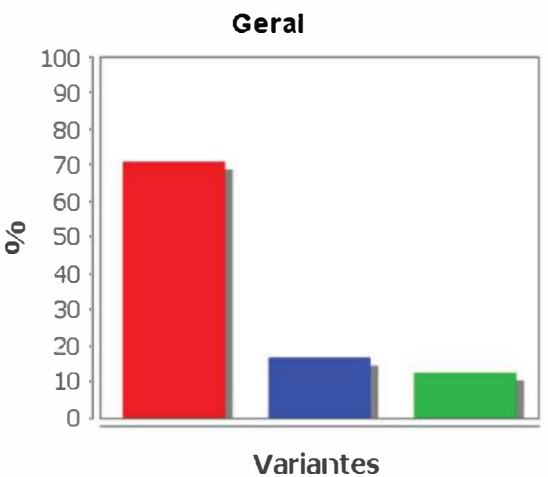
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F099a - Aniversário - Vogal baixa pretônica /a/ e nasalização por consonate nasal da sílaba seguinte

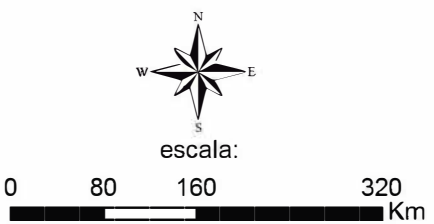



**Legenda**

- a
- ã
- Zero fonético



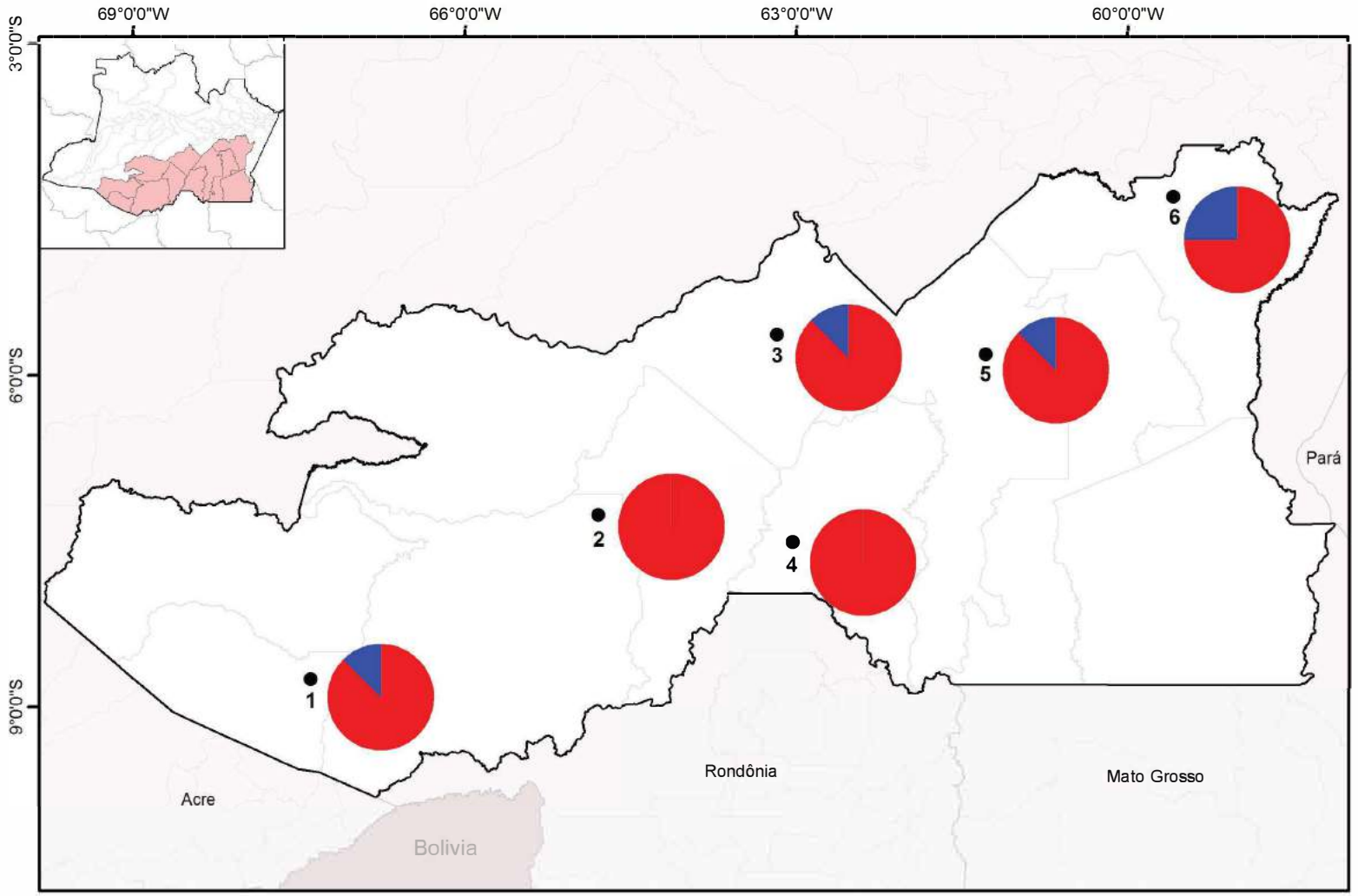

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

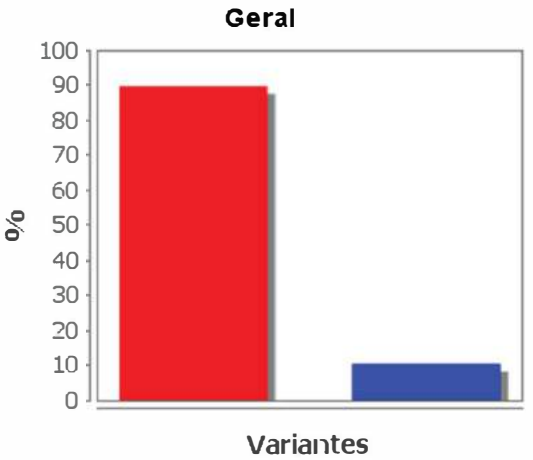
## F099b - Aniversário - Vogal média anterior pretônica



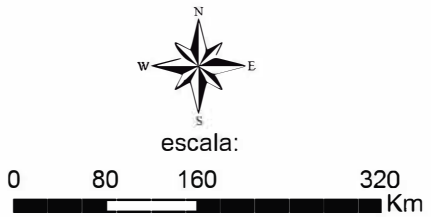

**Legenda**

ɐ

e



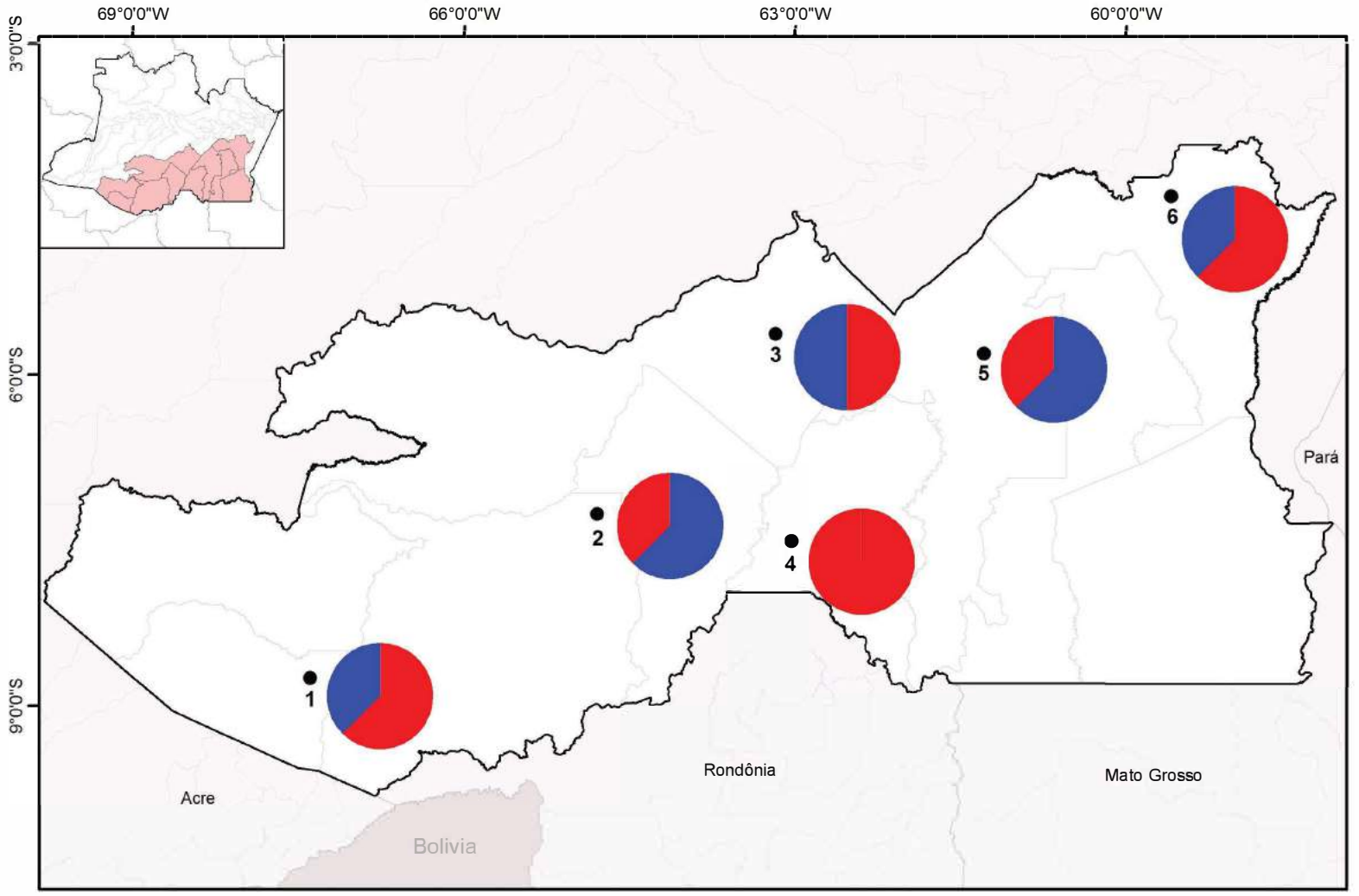

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

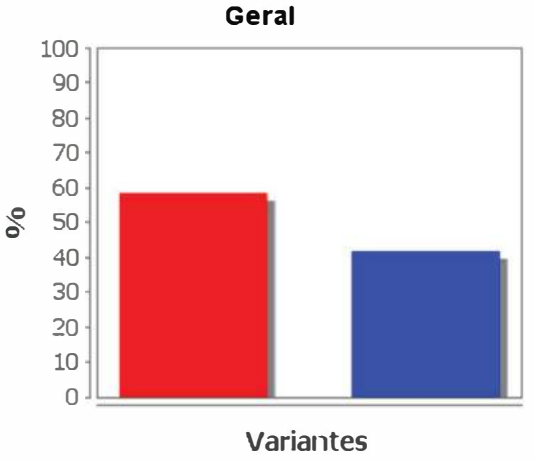
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F099c - Aniversário - /R/ em coda silábica

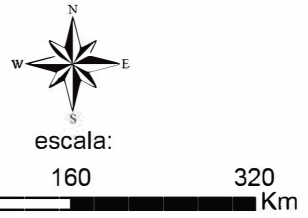



**Legenda**

- h
- Zero fonético



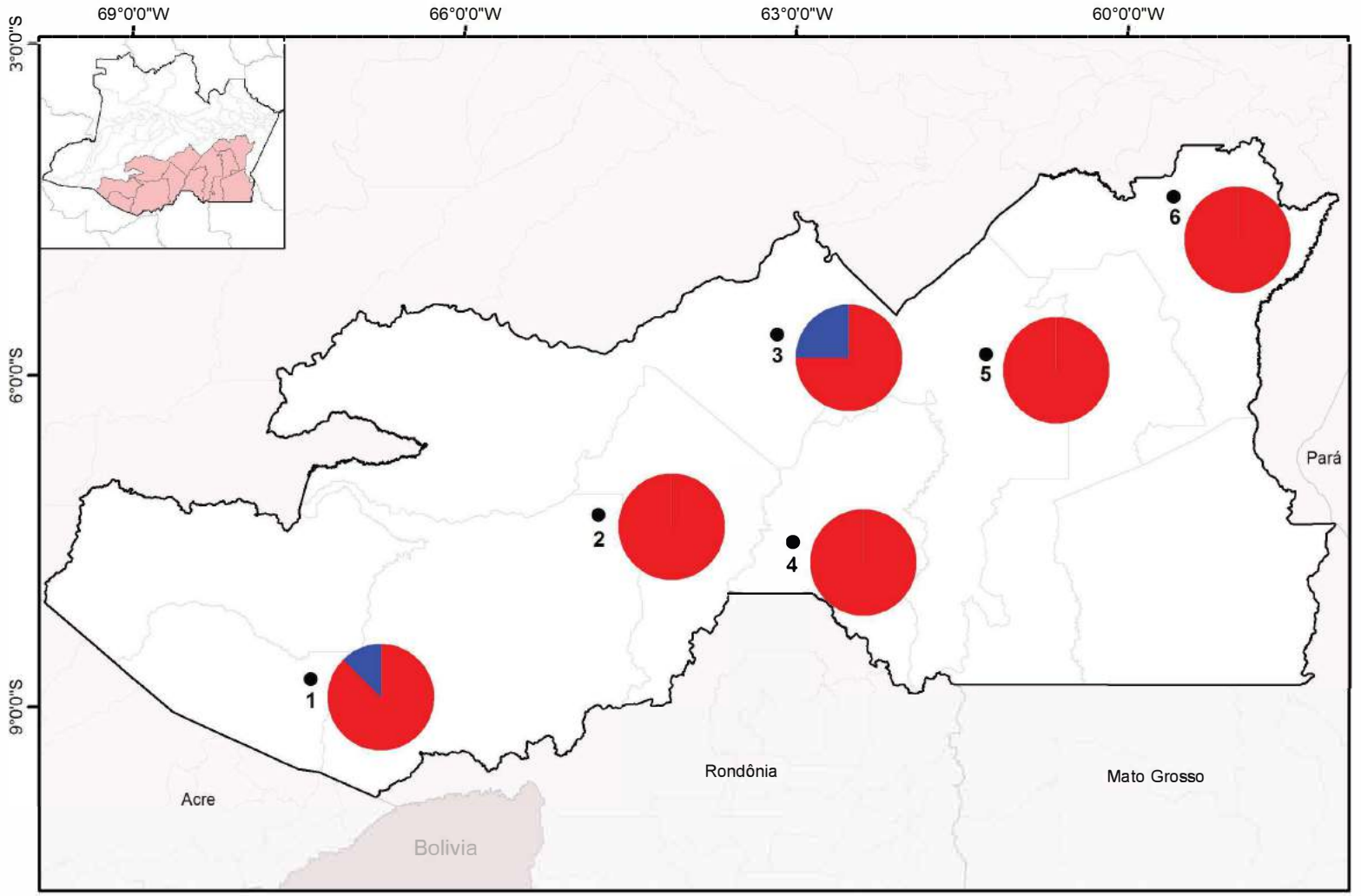

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

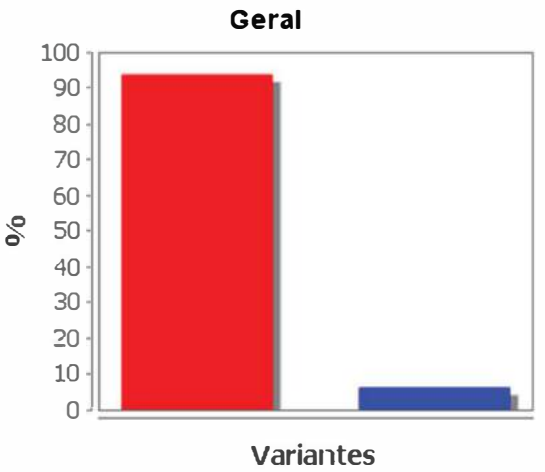
## F099d - Aniversário - Ditongo /jo/



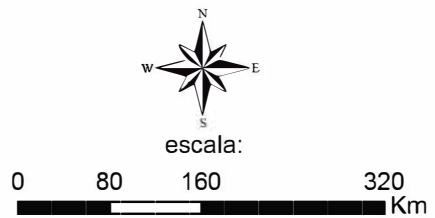

**Legenda**

jo

o



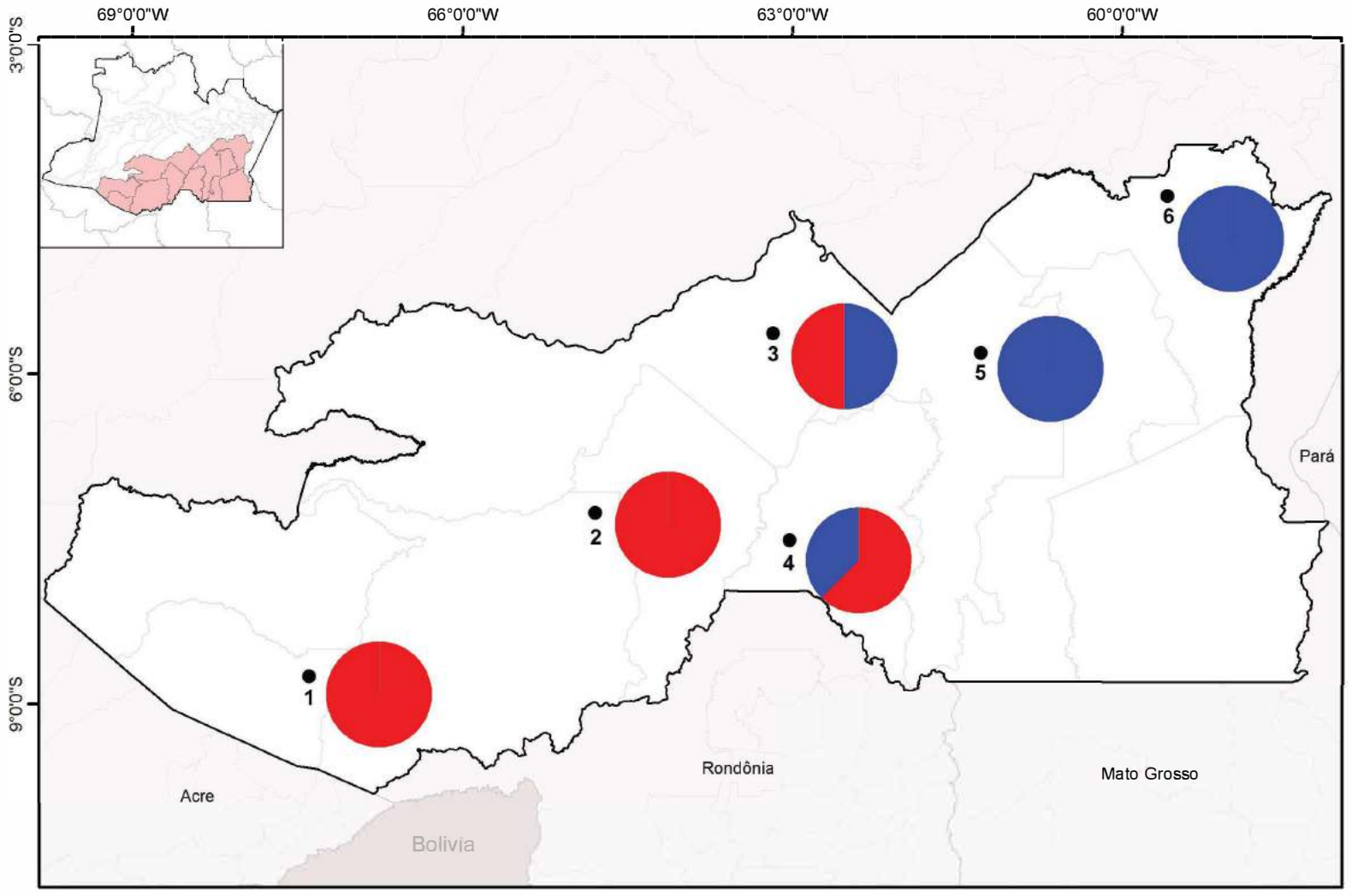

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

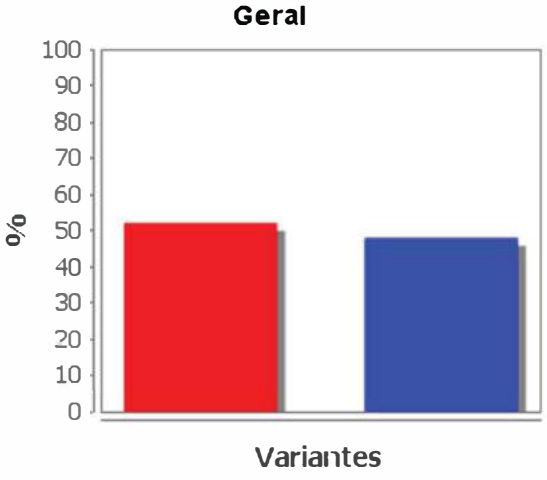
## F100 - Livro



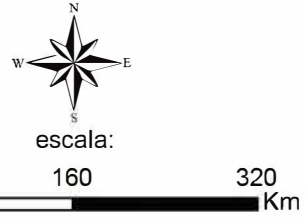

**Legenda**

['livru]

['ʎivru]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F101

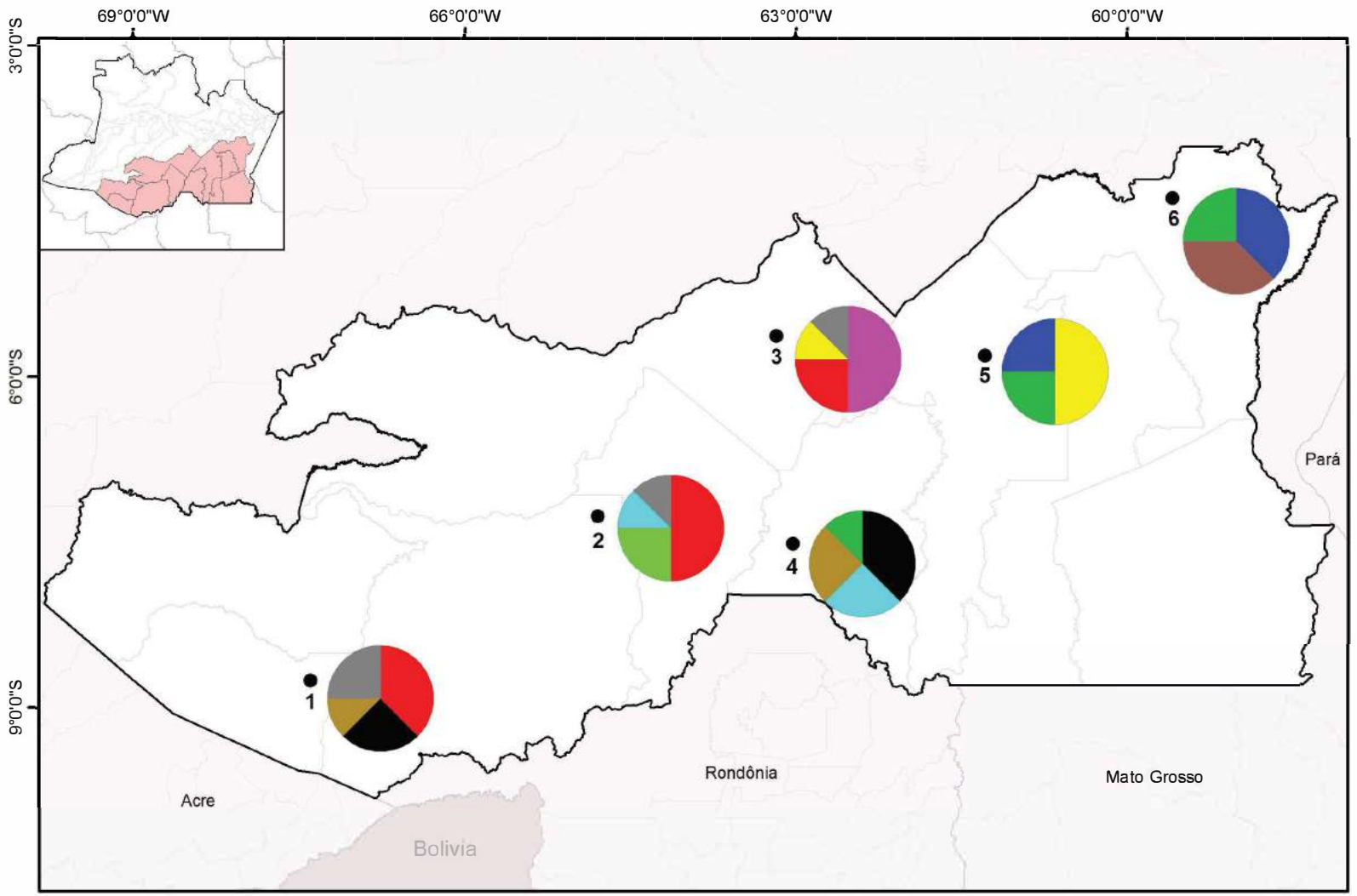
# LIQUIDIFICADOR

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: MA01 (Boca do Acre): [dʒitʃikilaˈdo]; HA02 (Boca do Acre): [lidʒifikaˈdo]; HA02 (Lábrea): [lidʒifikaˈdoh] e MB02 (Tapauá): [likudʒifikaˈdo].

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

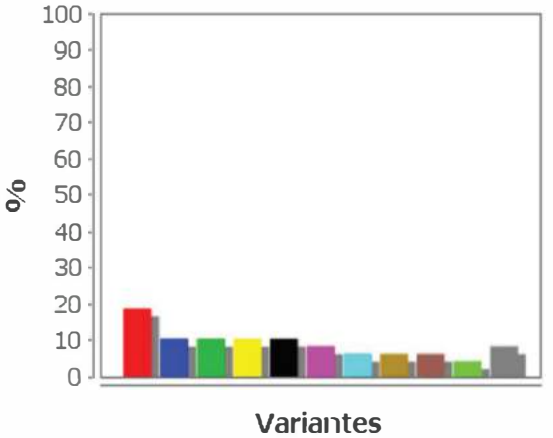
## F101 - Liquidificador



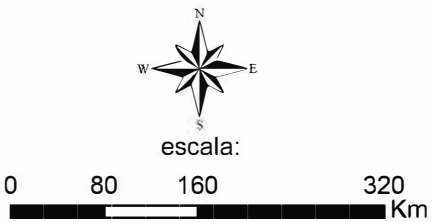

**Legenda**

- [likidʒifika'do]
- [ʎidʒifika'do]
- [ʎikwidʒifika'doh]
- [ʎikidʒifika'do]
- [likwidʒifika'doh]
- [ʎikwidʒifika'do]
- [likidʒifika'doh]
- [likwidʒifika'do]
- [ʎikidʒifika'doh]
- [likifika'do]
- Outros

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F101a

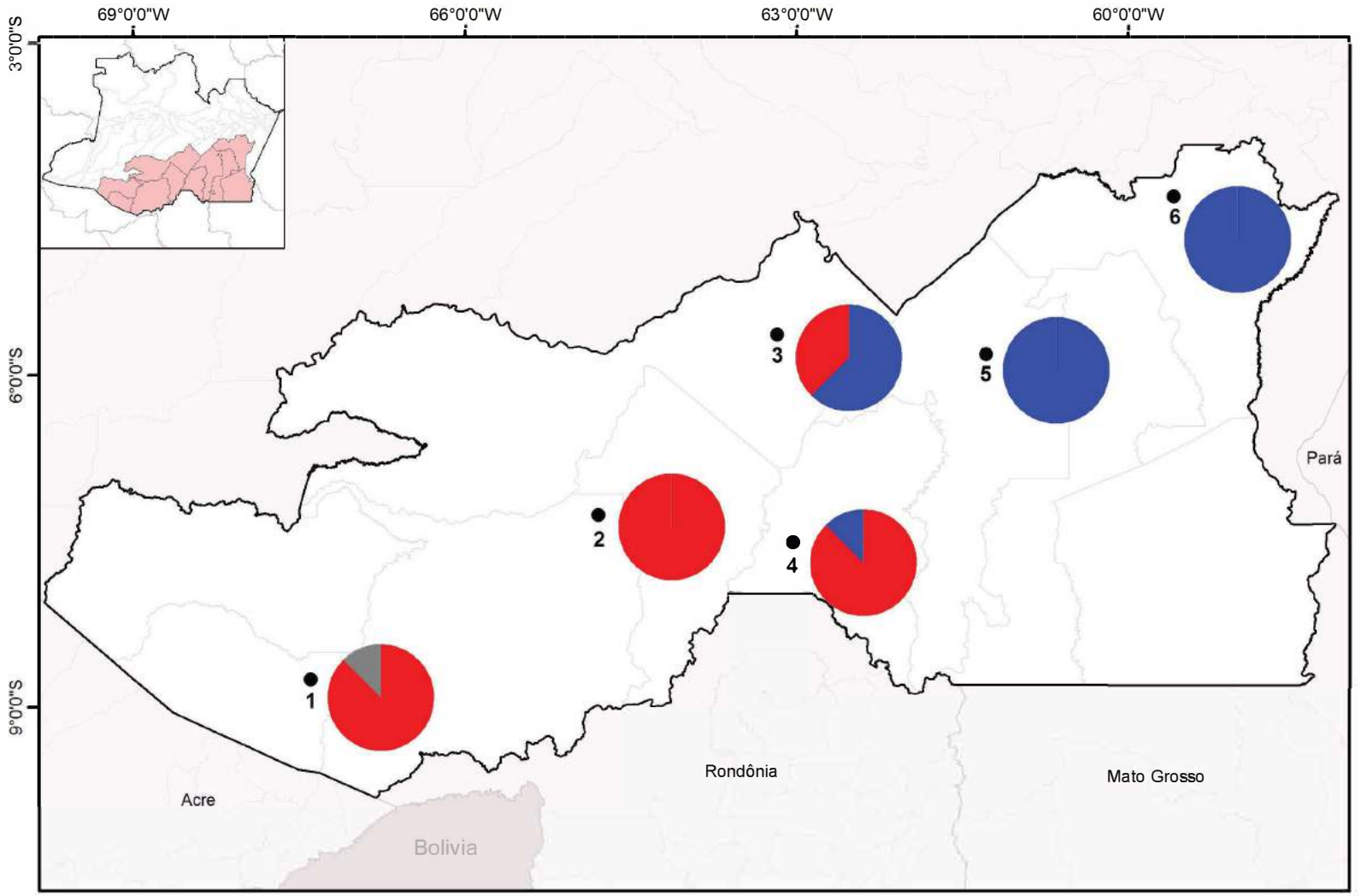
## LIQUIDIFICADOR – LATERAL ANTECEDENDO VOGAL ANTERIOR ALTA [I]

**NOTAS:**

1. OUTRA RESPOSTA: MA01 (Boca do Acre): [dʒitʃikilaˈdo].

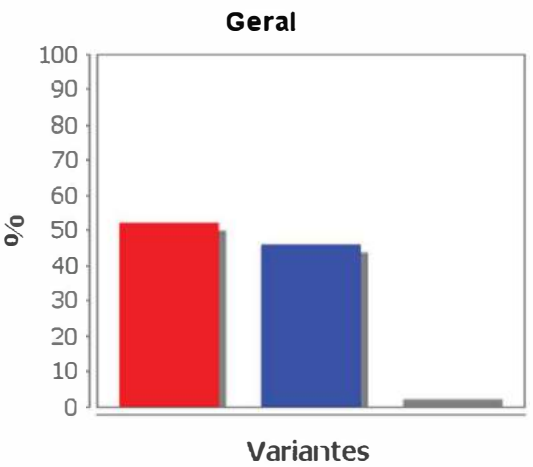
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F101a - Liquidificador - Lateral antecedendo vogal anterior alta [i]

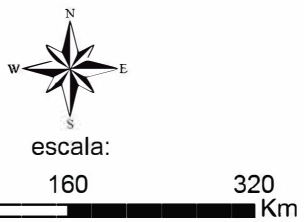



**Legenda**

- 1
- ɾ
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F101b

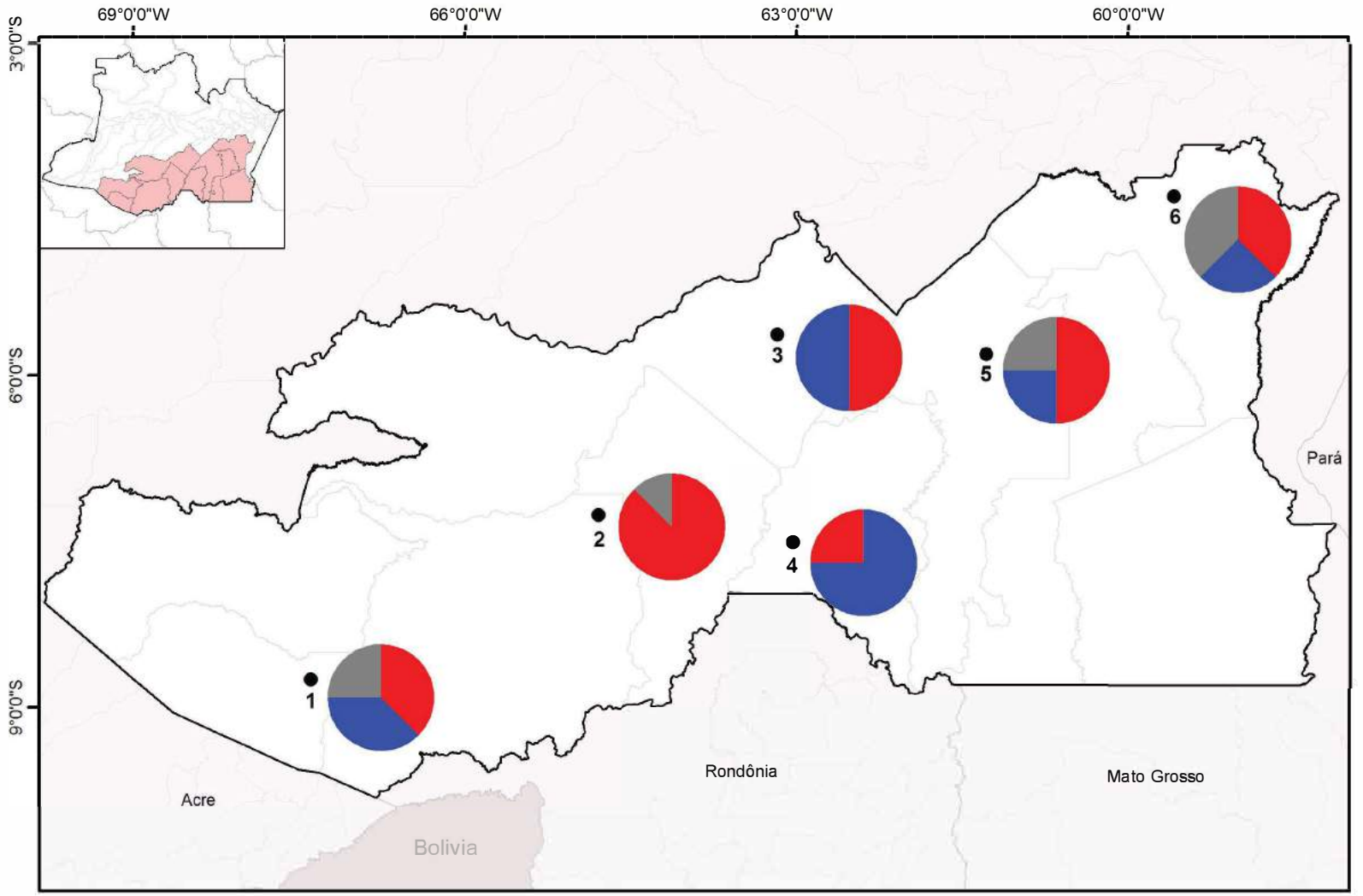
# LIQUIDIFICADOR – DÍGRAFO QU-

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: Correspondem aos casos em que o dígrafo não foi pronunciado pelo informante (cf. carta F101).

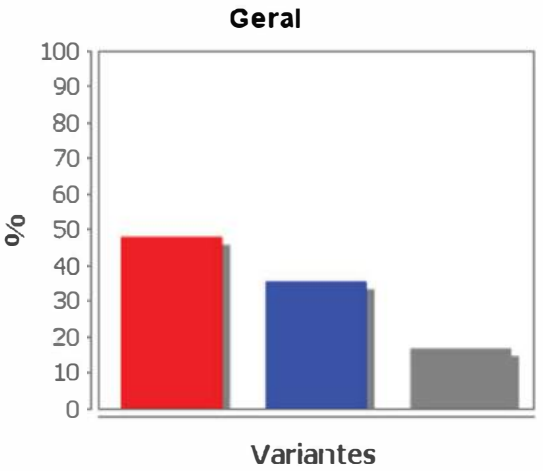
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F101b - Liquidificador - Dígrafo qu-

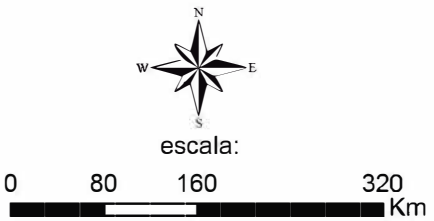



**Legenda**

- k
- kw
- Outros



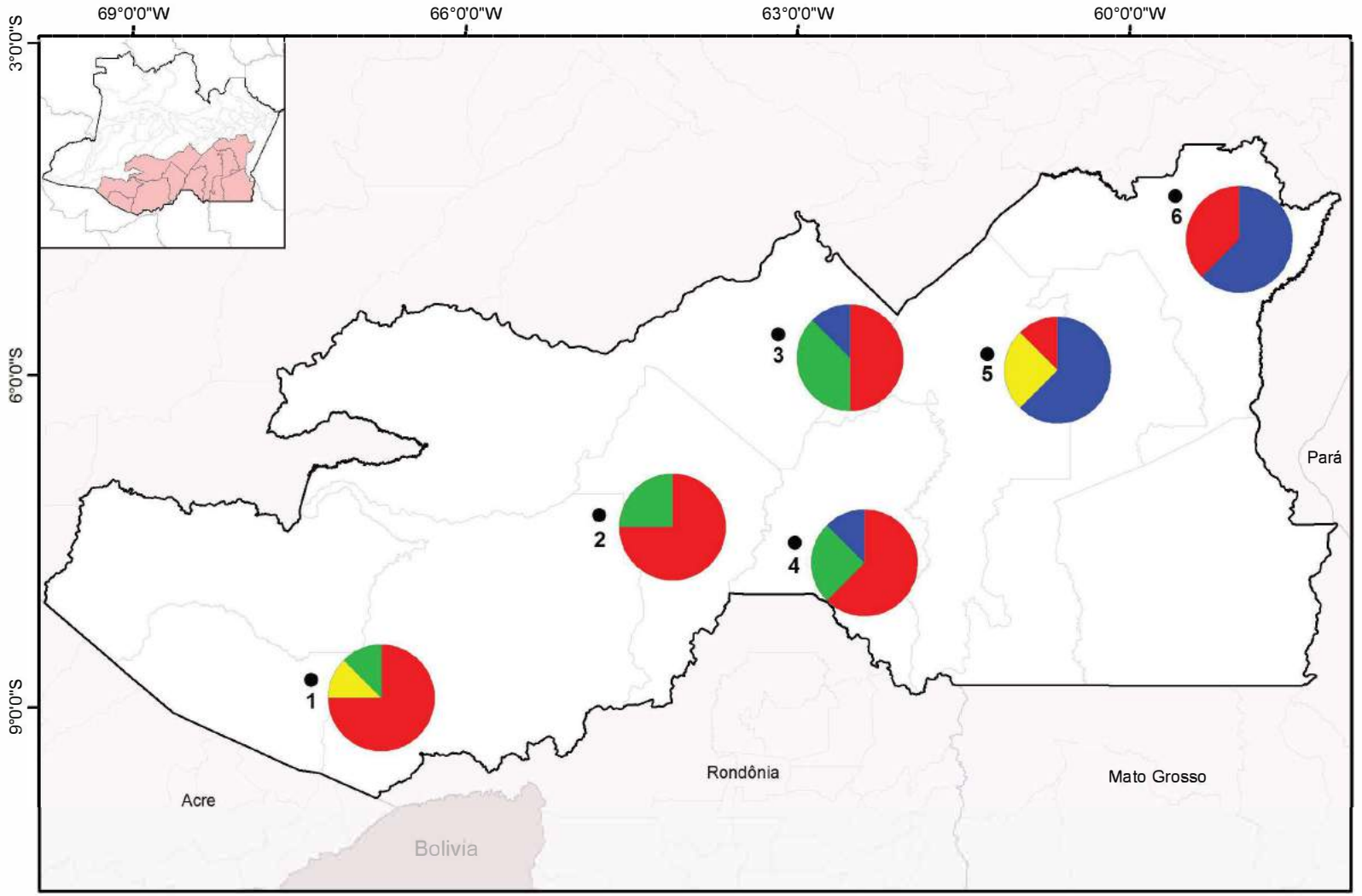

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

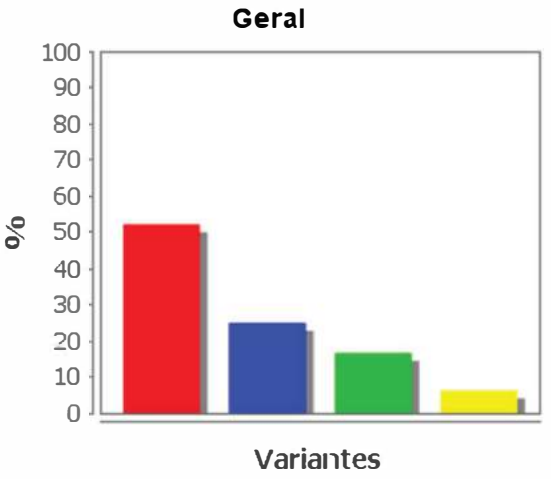
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F102 - Mosquito

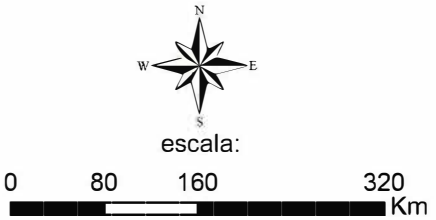



**Legenda**

- [mus 'kitu]
- [muʃ 'kitu]
- [mos 'kitu]
- [moʃ 'kitu]



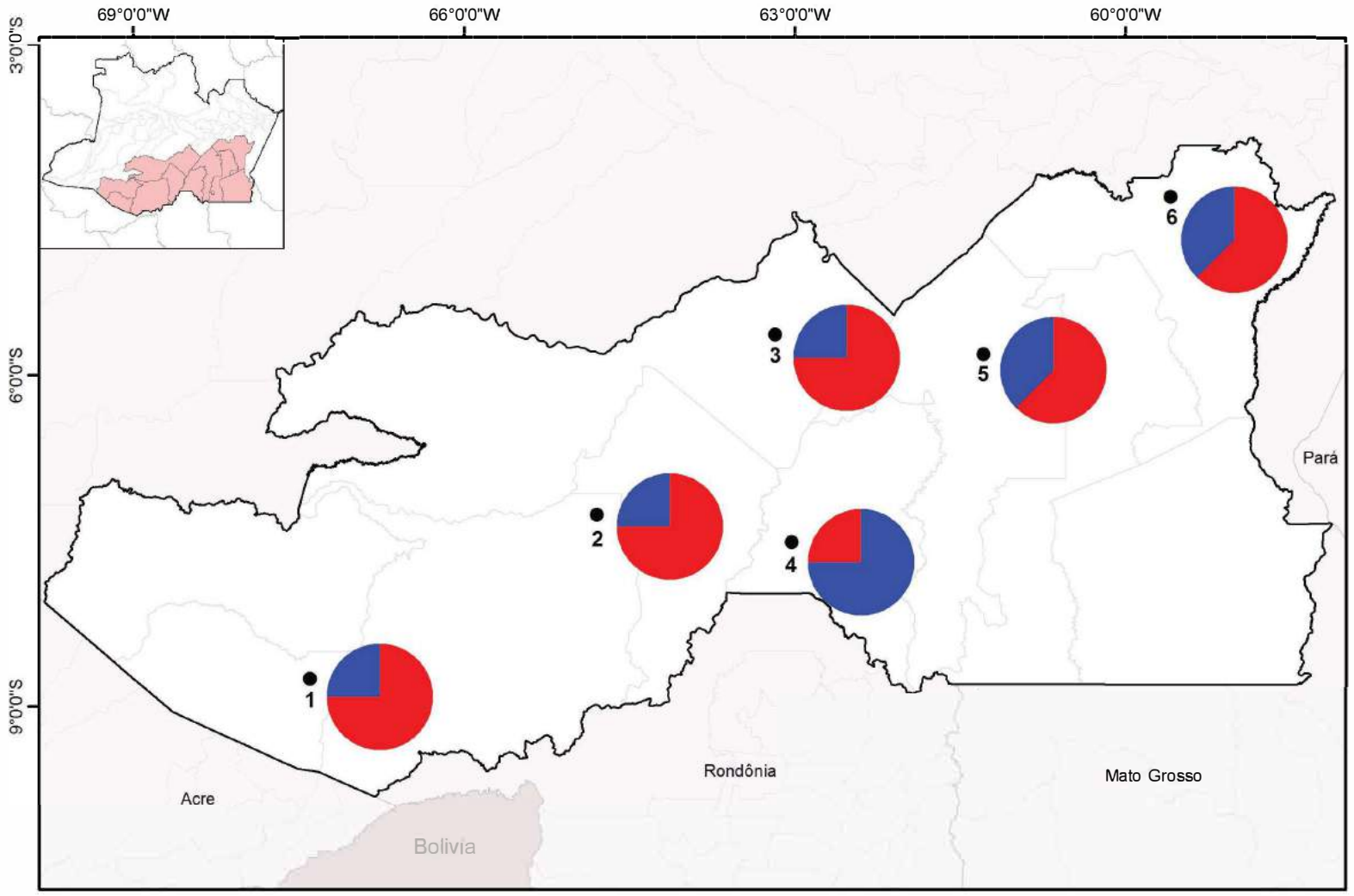

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]● - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

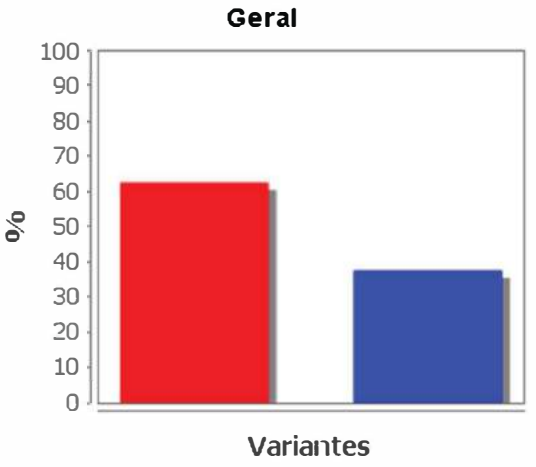
## F105 - Falou



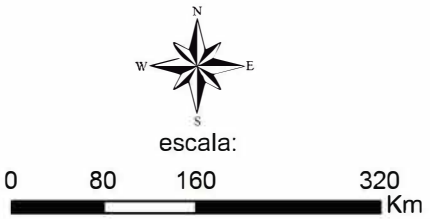

**Legenda**

[fa'lo]

[fa'low]



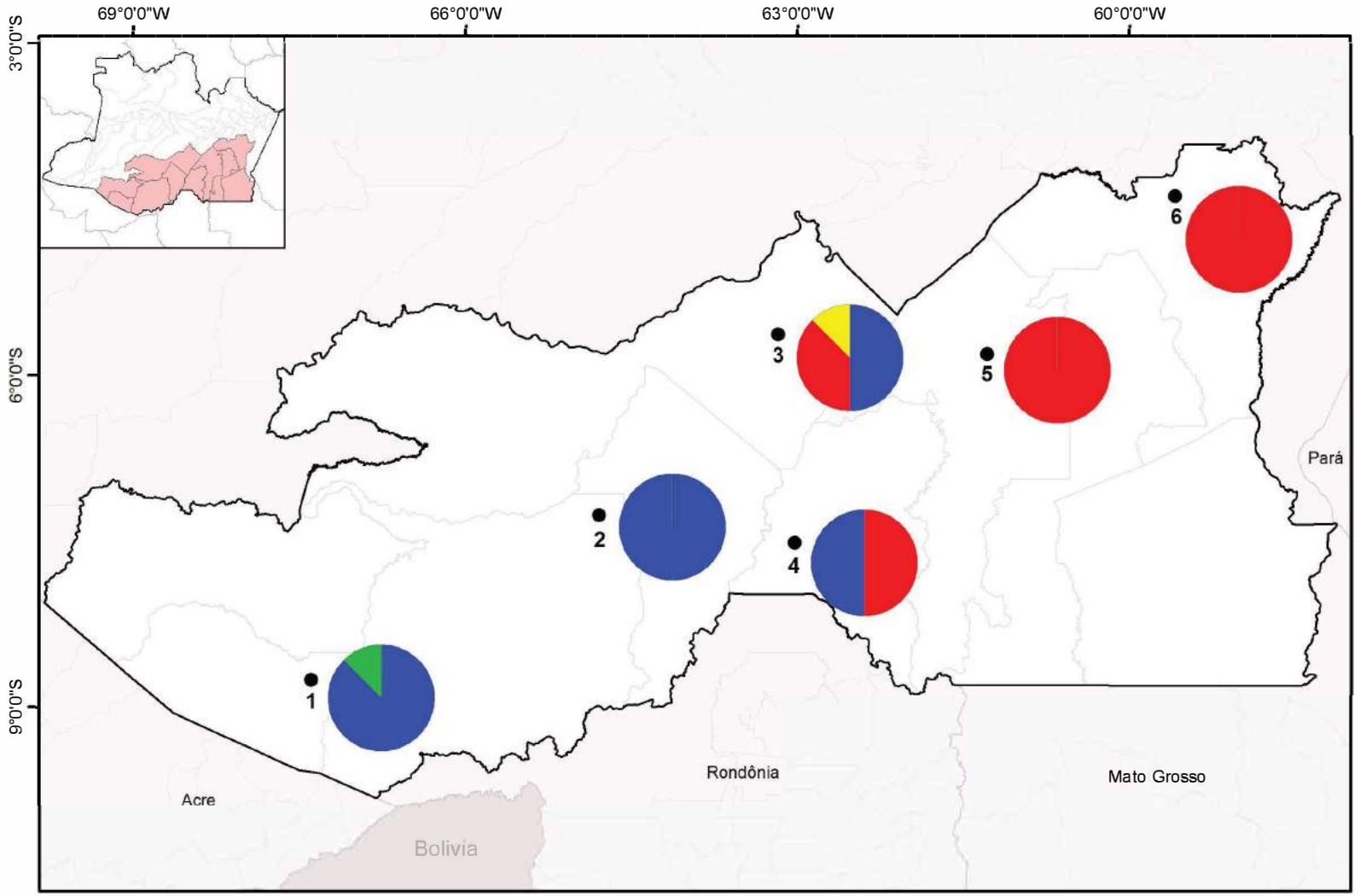

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

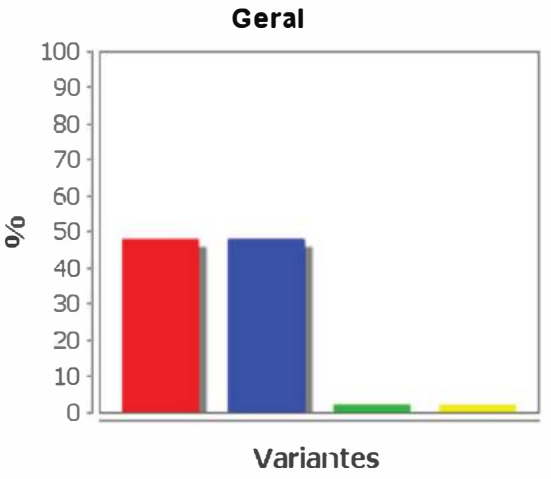
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F106 - Palito




**Legenda**

- [paˈʎitu]
- [paˈlitu]
- [paliˈʧĩ]
- [paʎiˈʧĩu]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



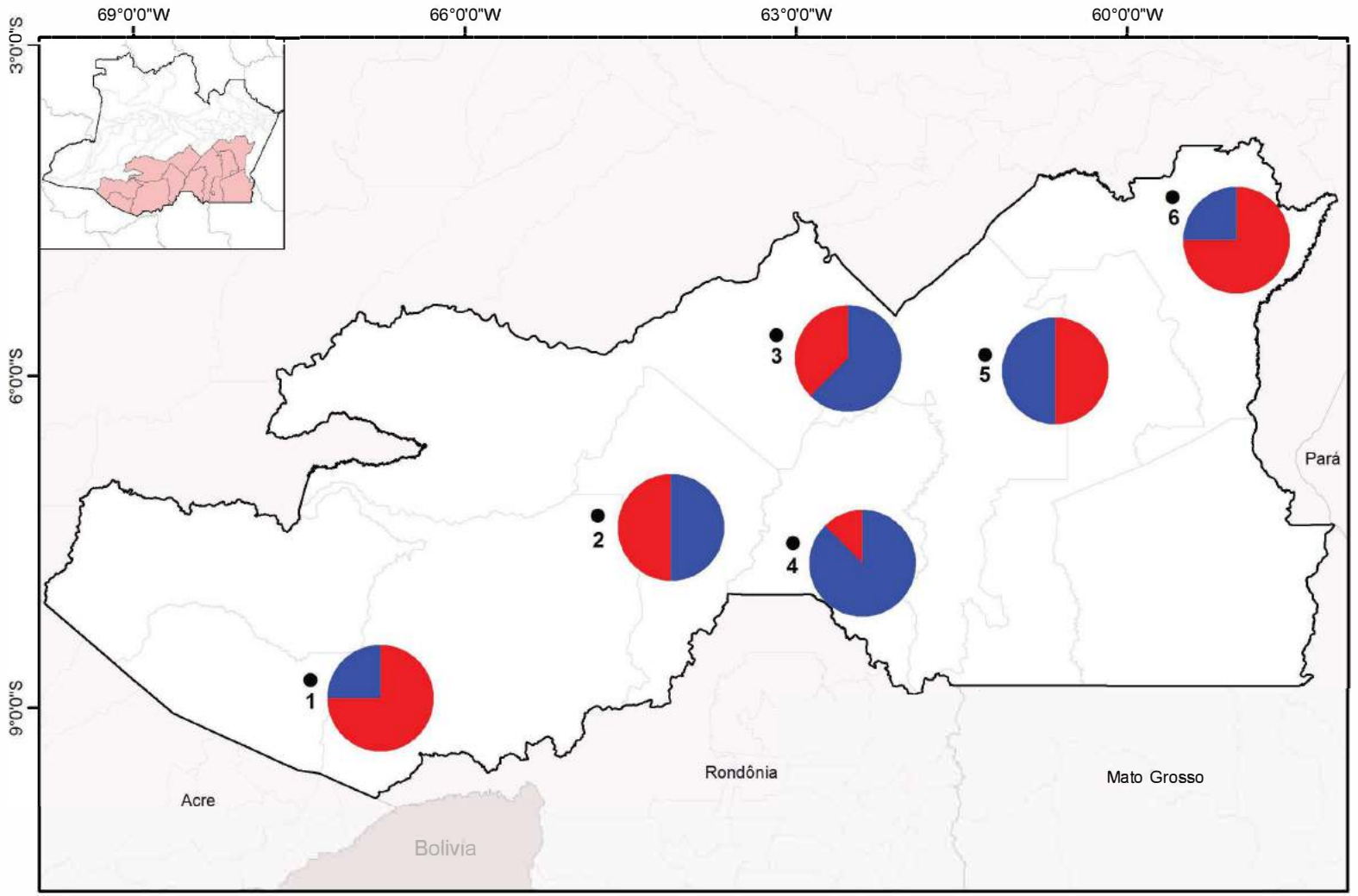

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]● - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

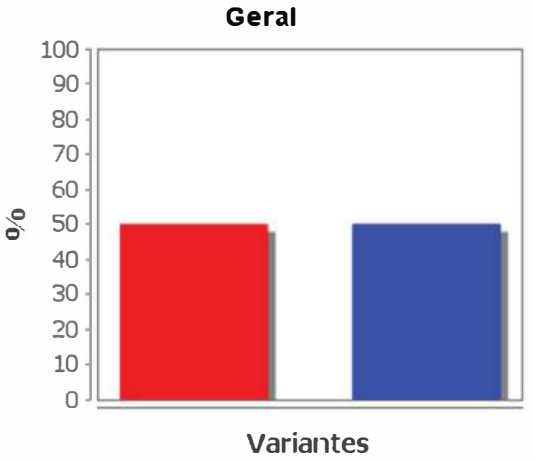
## F108 - Caixa



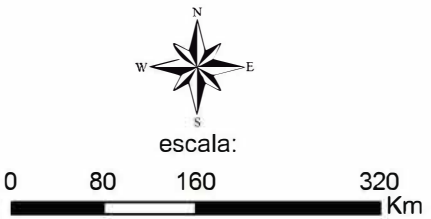

**Legenda**

['kaʃə]

['kajʃə]



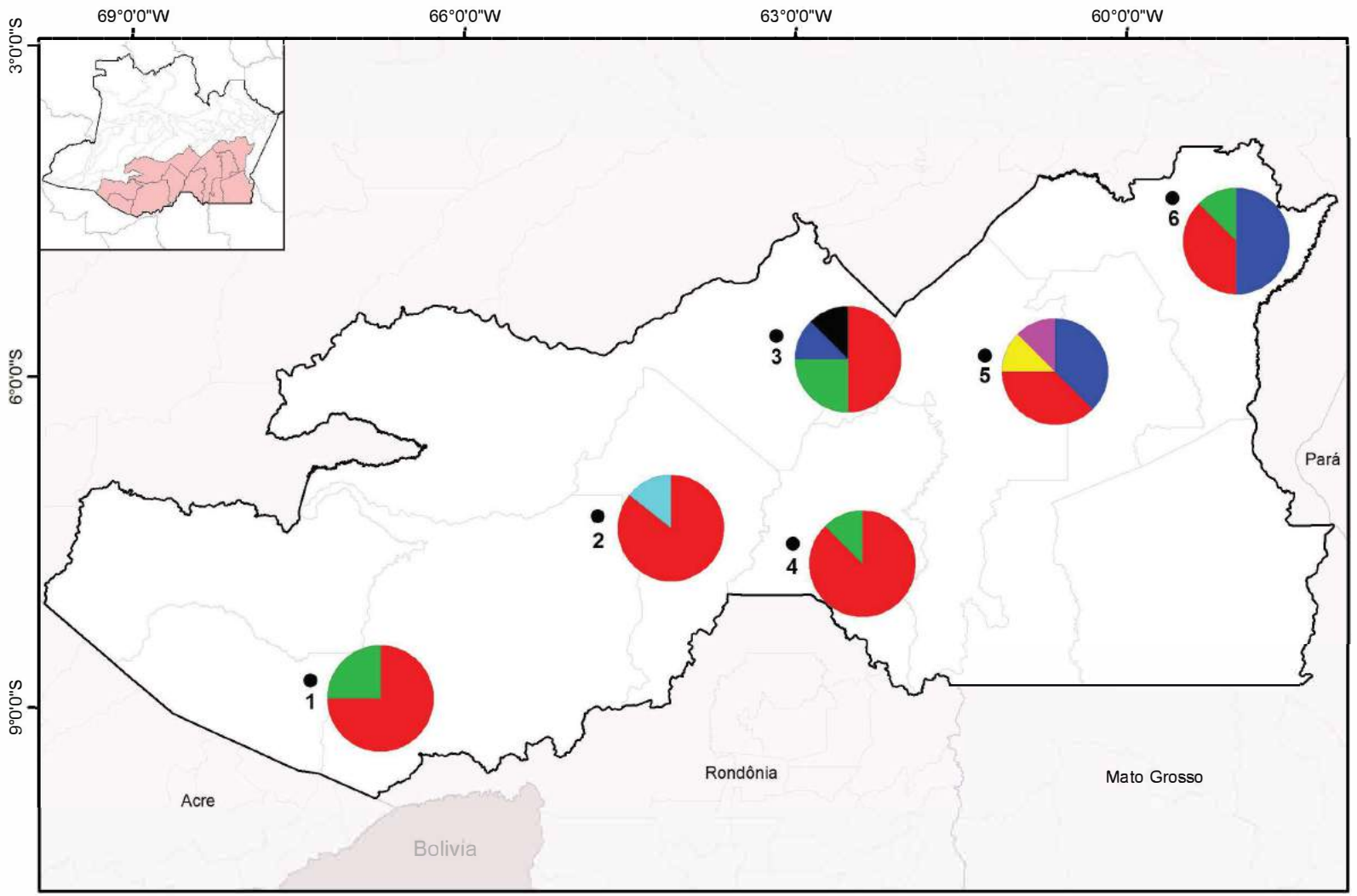

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

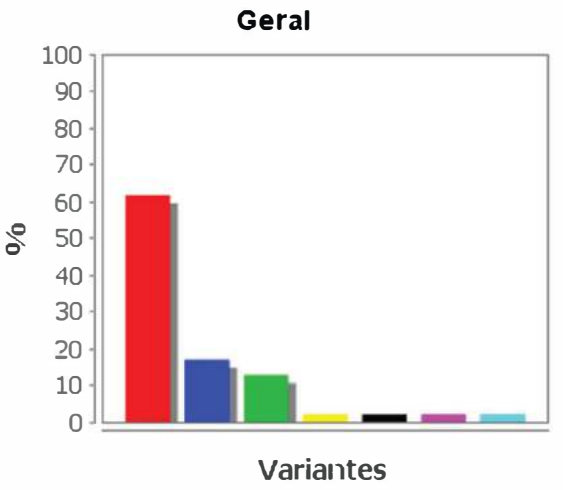
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F112 - Terçol

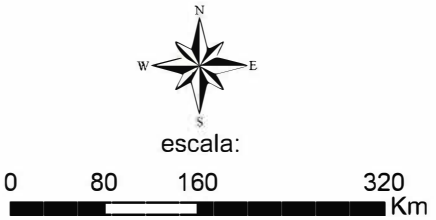



**Legenda**

- [trej˙ɛɔw]
- [tre˙ɛɔw]
- [teh˙ɛɔw]
- [teh˙ɛɔw]
- [tej˙ɛɔw]
- [tre˙ɛɔw]
- [te˙ɛɔw]



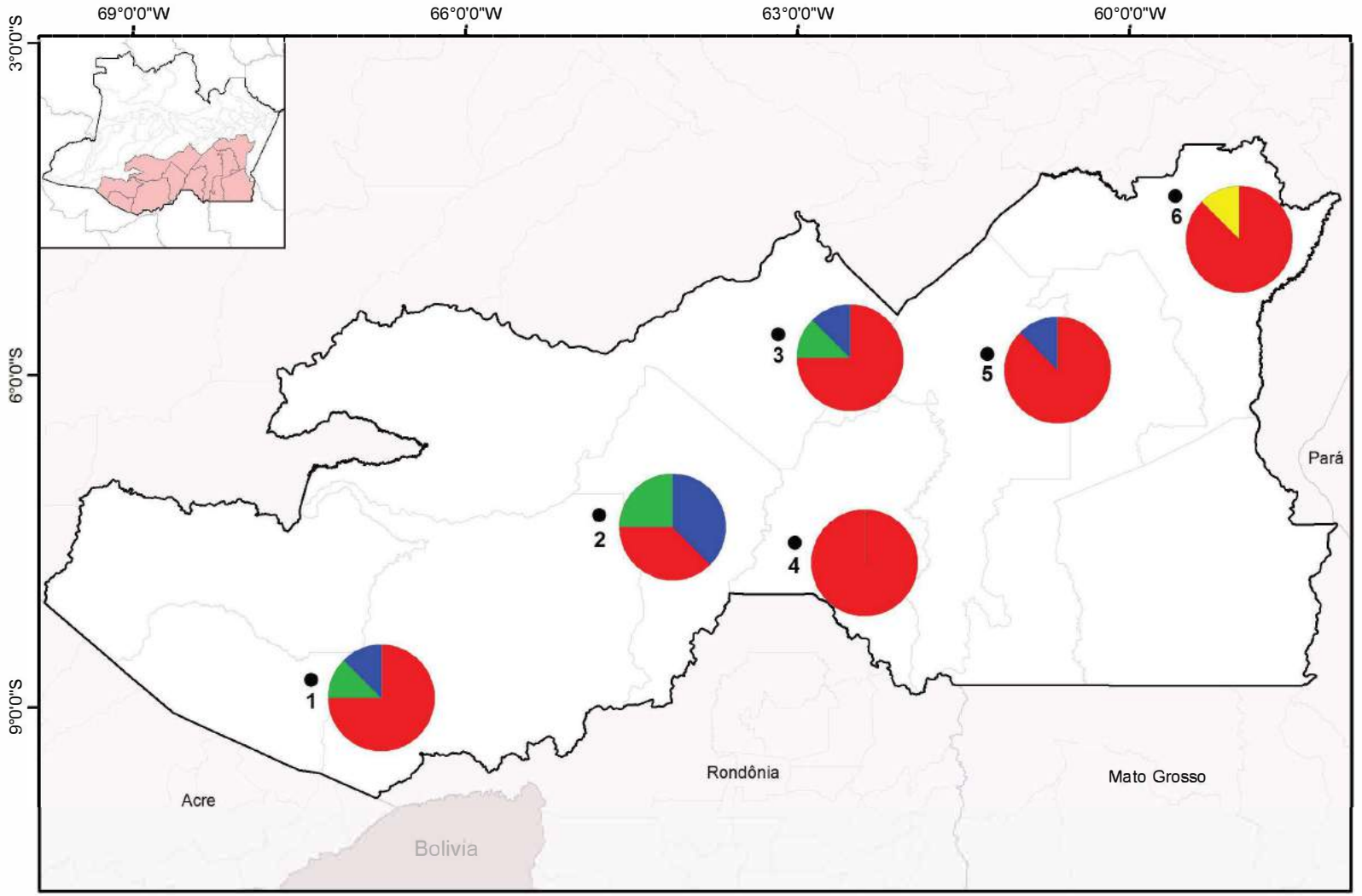

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

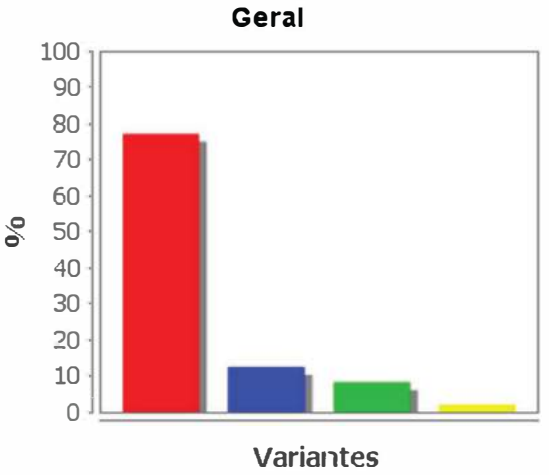
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F113 - Soluço




**Legenda**

- [sʊ'lusʊ]
- [sɔ'lusʊ]
- [sa'lusʊ]
- [su'lusʊ]




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



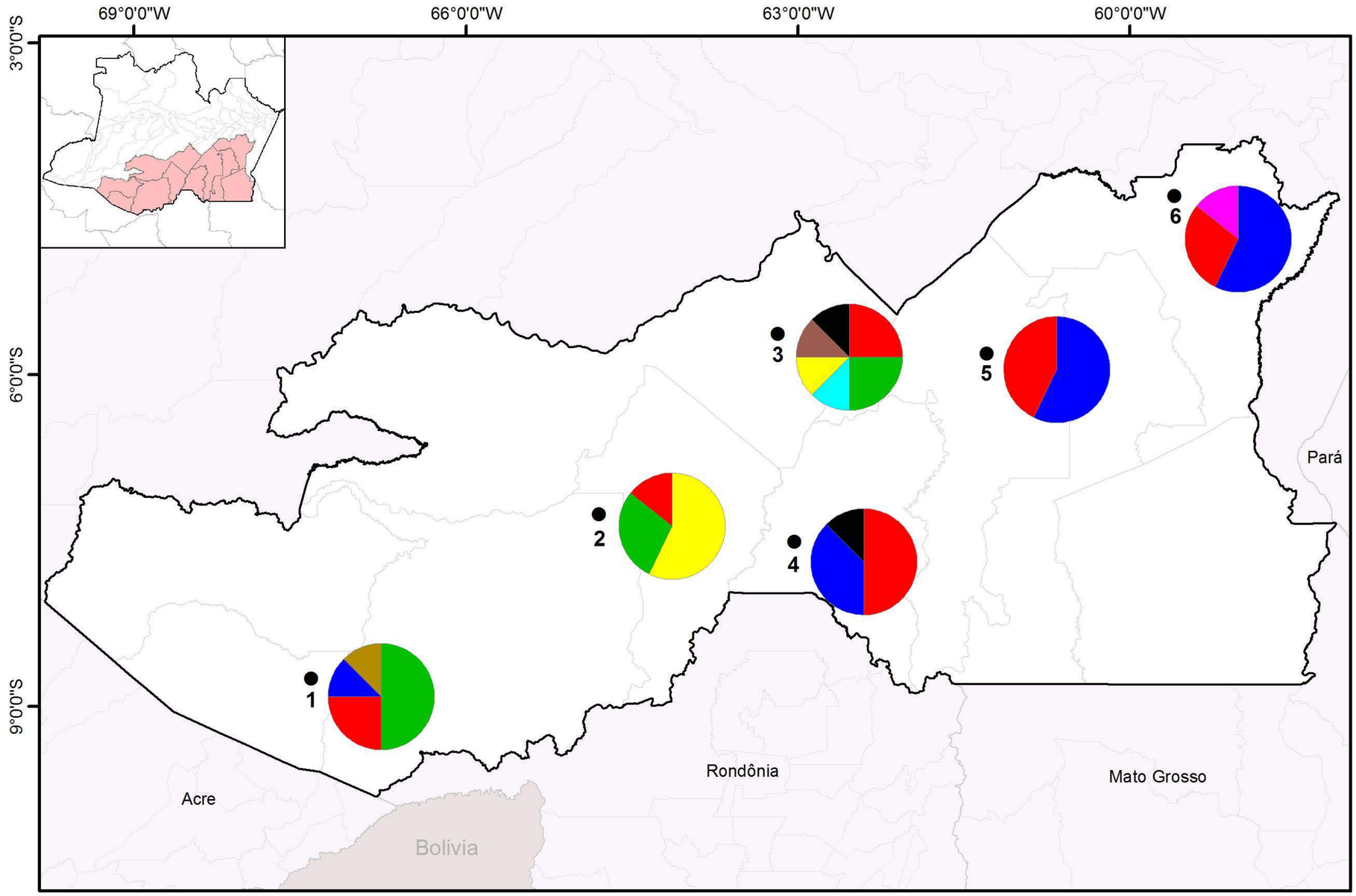

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]● - 2015**

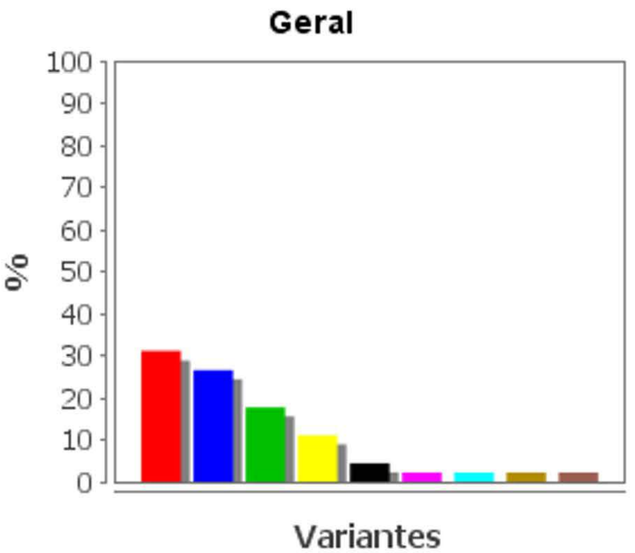
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## 114 - Mungunzá

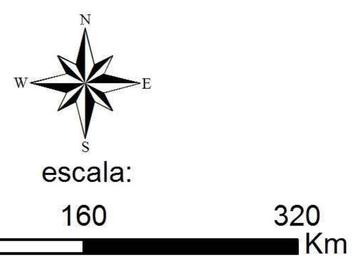



**Legenda**

- [mũgũ'za]
- [mũgu'za]
- [mũkũ'za]
- [mukũ'za]
- [mugũ'za]
- [mõgu'za]
- [muku'za]
- [mũku'za]
- [mugu'za]



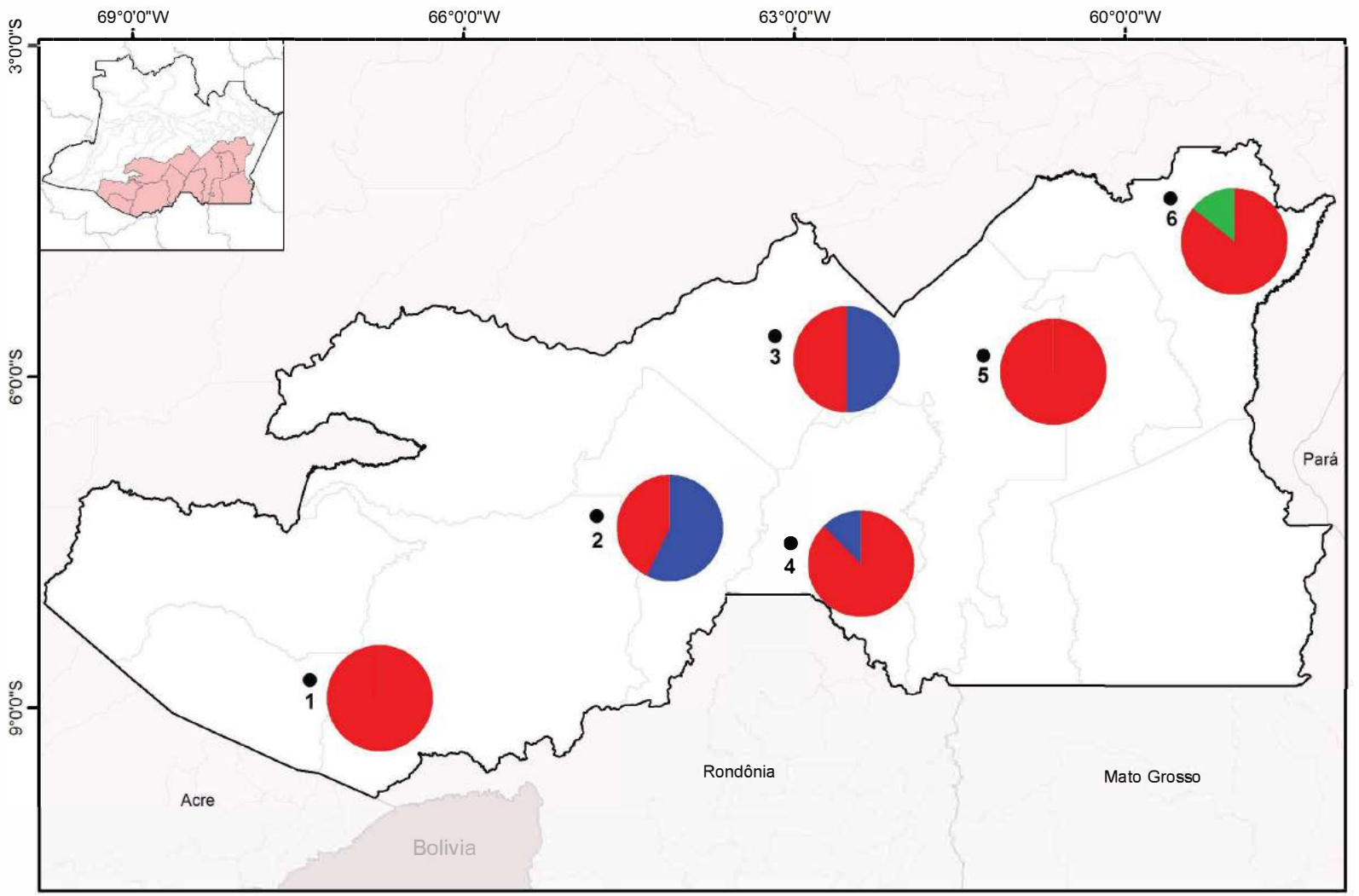

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

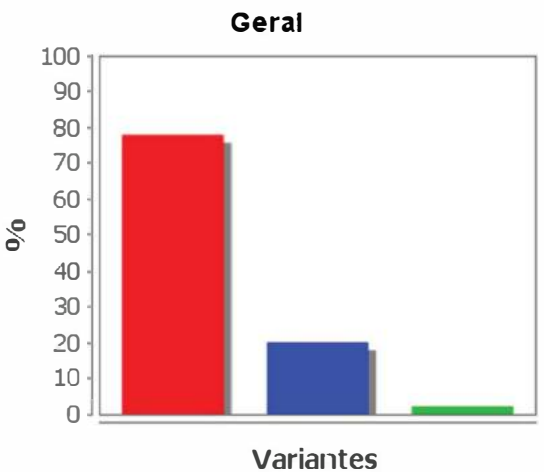
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F114a - Mungunzá - Vogal alta posterior pretônica e nasalização (primeira sílaba)




**Legenda**

- ũ
- u
- õ



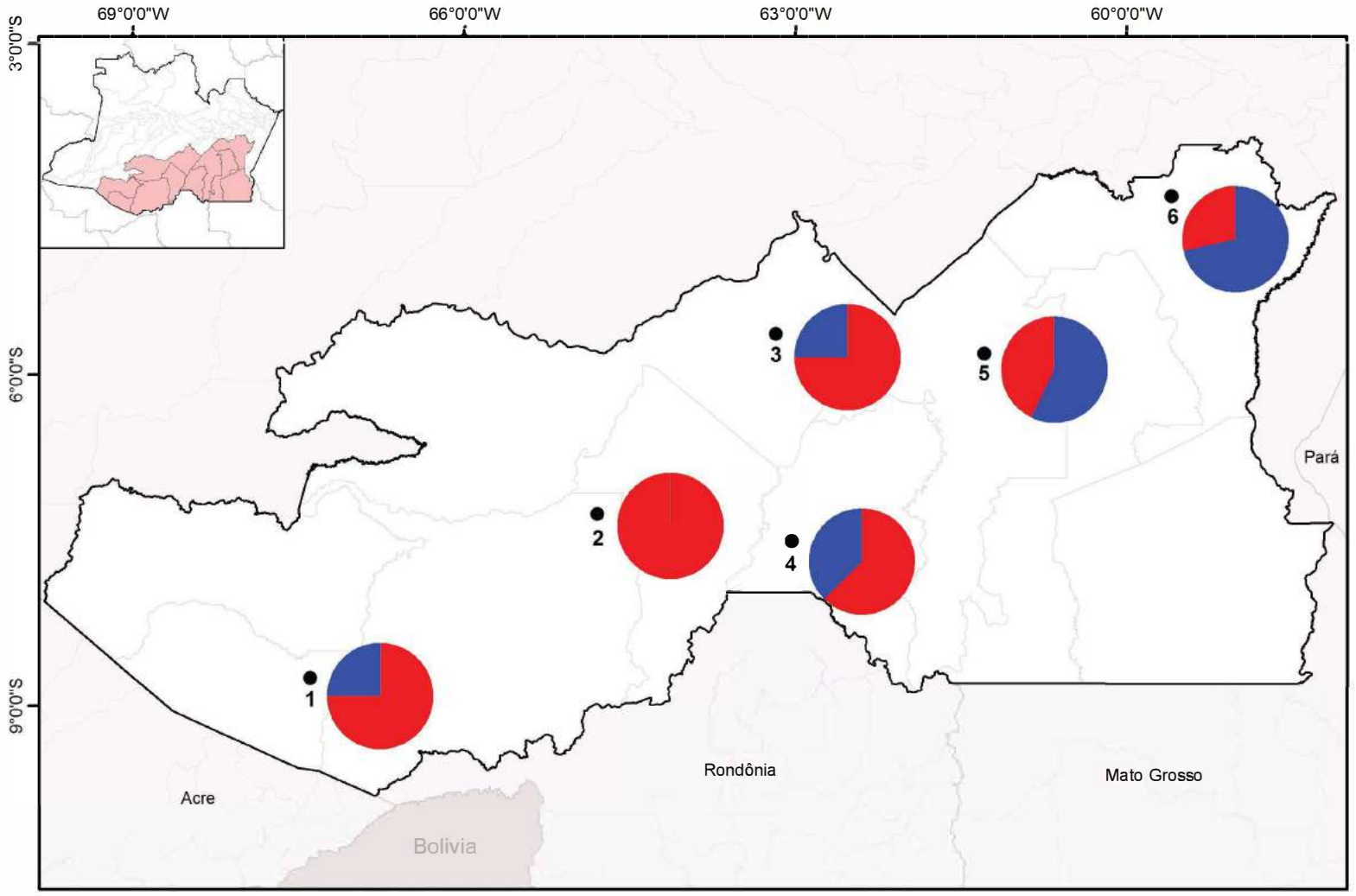

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F114b - Mungunzá - Vogal alta posterior pretônica e nasalização (segunda sílaba)

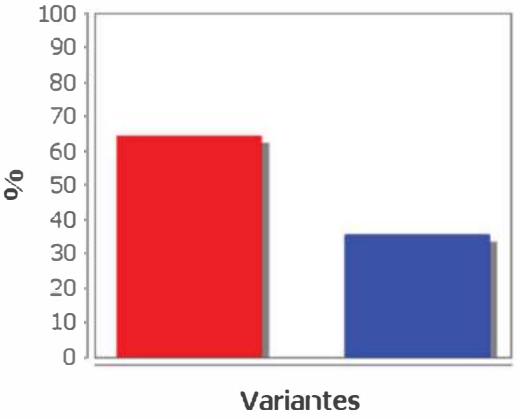



**Legenda**

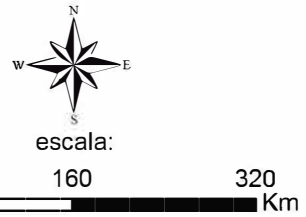
ũ

u

**Geral**



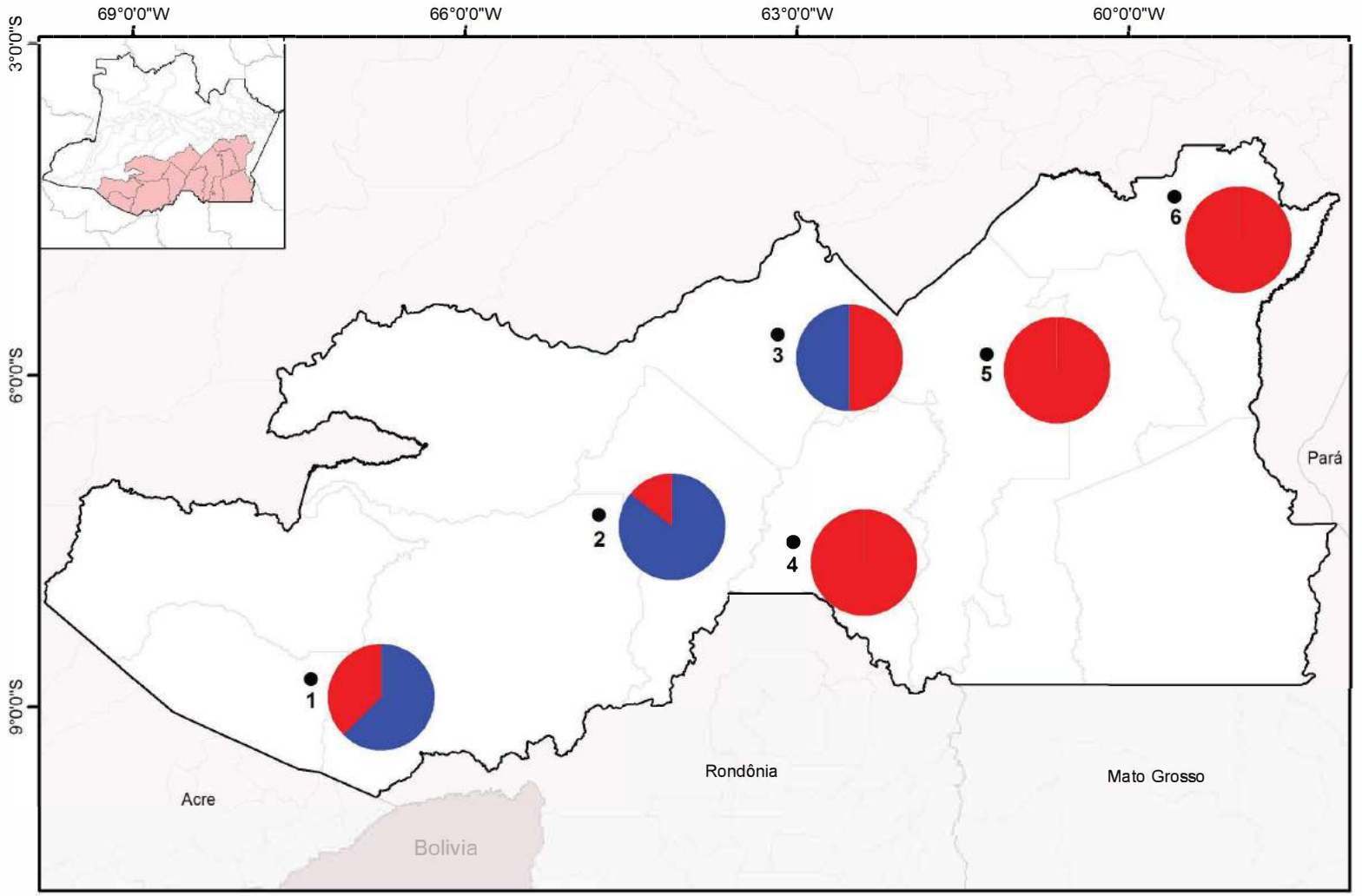

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

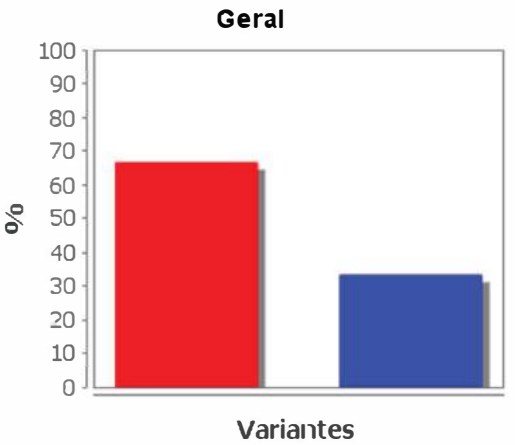
## F114c - Mungunzá - Oclusiva velar (segunda sílaba)



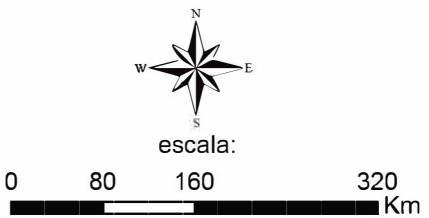

**Legenda**

g

k




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA FONÉTICA F115

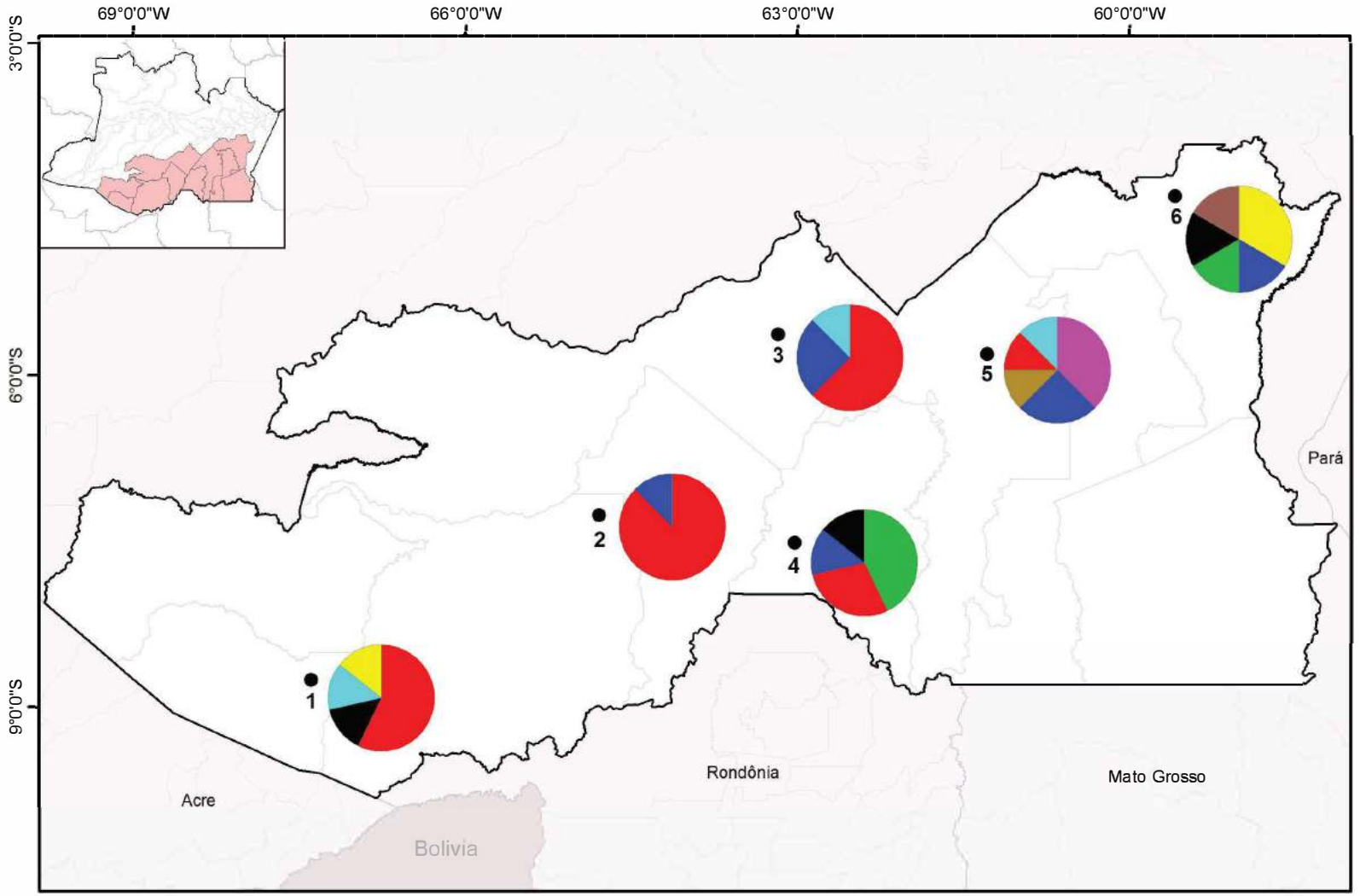
# PECONHA

**NOTAS:**

1. Entende-se, nos casos em que a variante da nasal palatal é a semivogal, que esta nasalidade é assimilada pela primeira semivogal, formando um ditongo nasal, no entanto as fontes do programa SGVCLin, que gerou as cartas, não permitem acrescentar o diacrítico ~ sobre o símbolo da semivogal [j]. Dessa forma, as transcrições para as variantes em vermelho, verde, preto e azul claro, na legenda, são [pɛˈkõ̞jjə], [ peˈkõ̞jjə], [pɛˈmũ̞jjə] e [peˈkũ̞jjə], respectivamente.

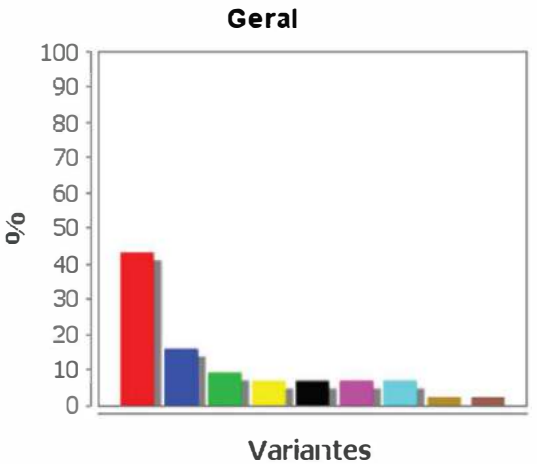
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F115 - Peconha

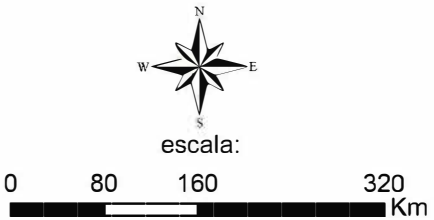



**Legenda**

- [pɛˈkõjjə]
- [pɛˈkõɲə]
- [peˈkõjjə]
- [peˈkõɲə]
- [pɛˈkũjjə]
- [peˈkũɲə]
- [peˈkũjjə]
- [peˈkũɲə]
- [piˈkũɲə]



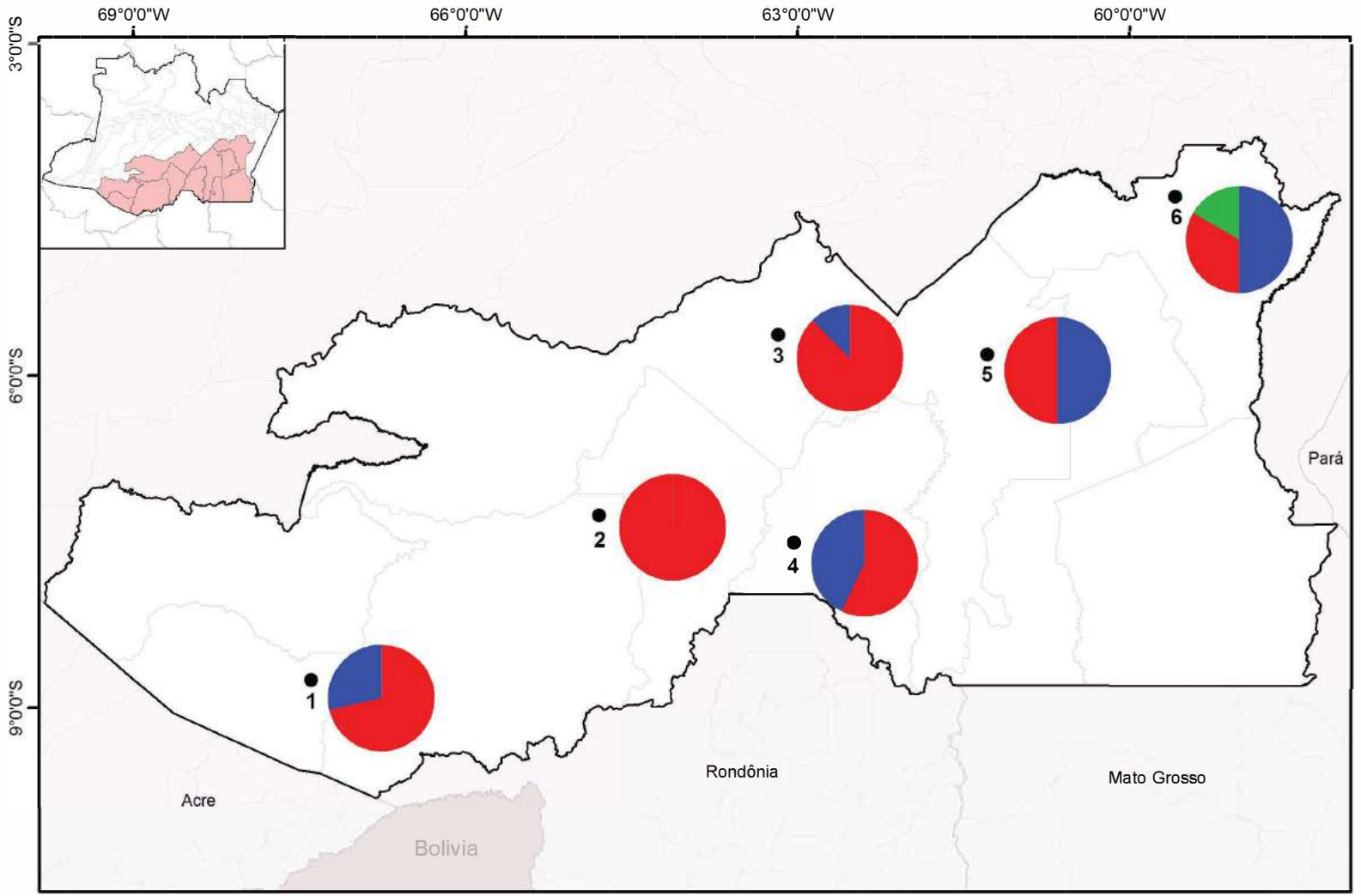

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

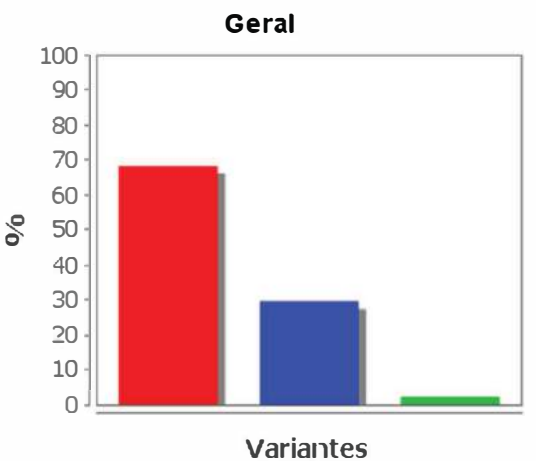
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F115a - Peconha - Vogal média anterior pretônica

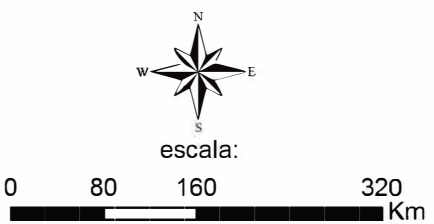



**Legenda**

- e
- e
- i



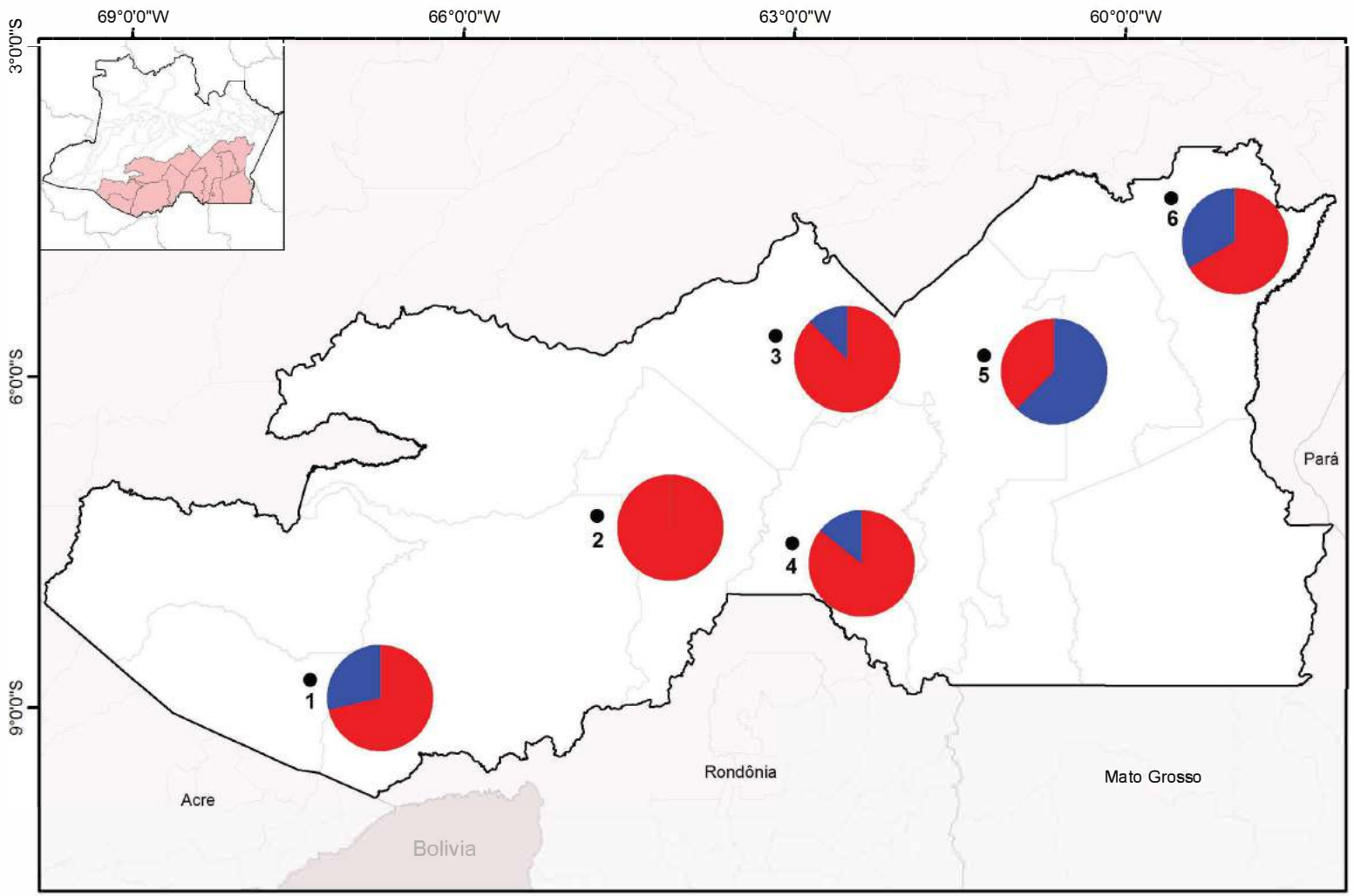

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

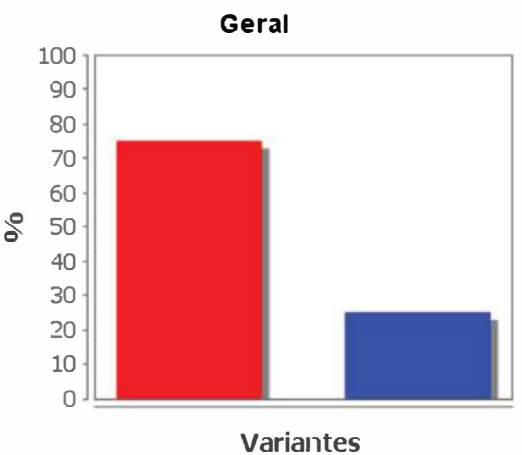
## F115b - Peconha - Vogal posterior tônica



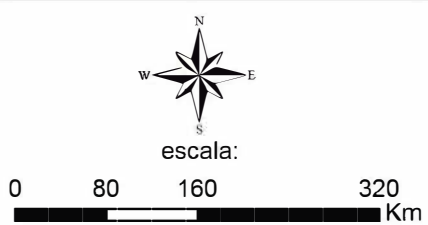

**Legenda**

ō

ū



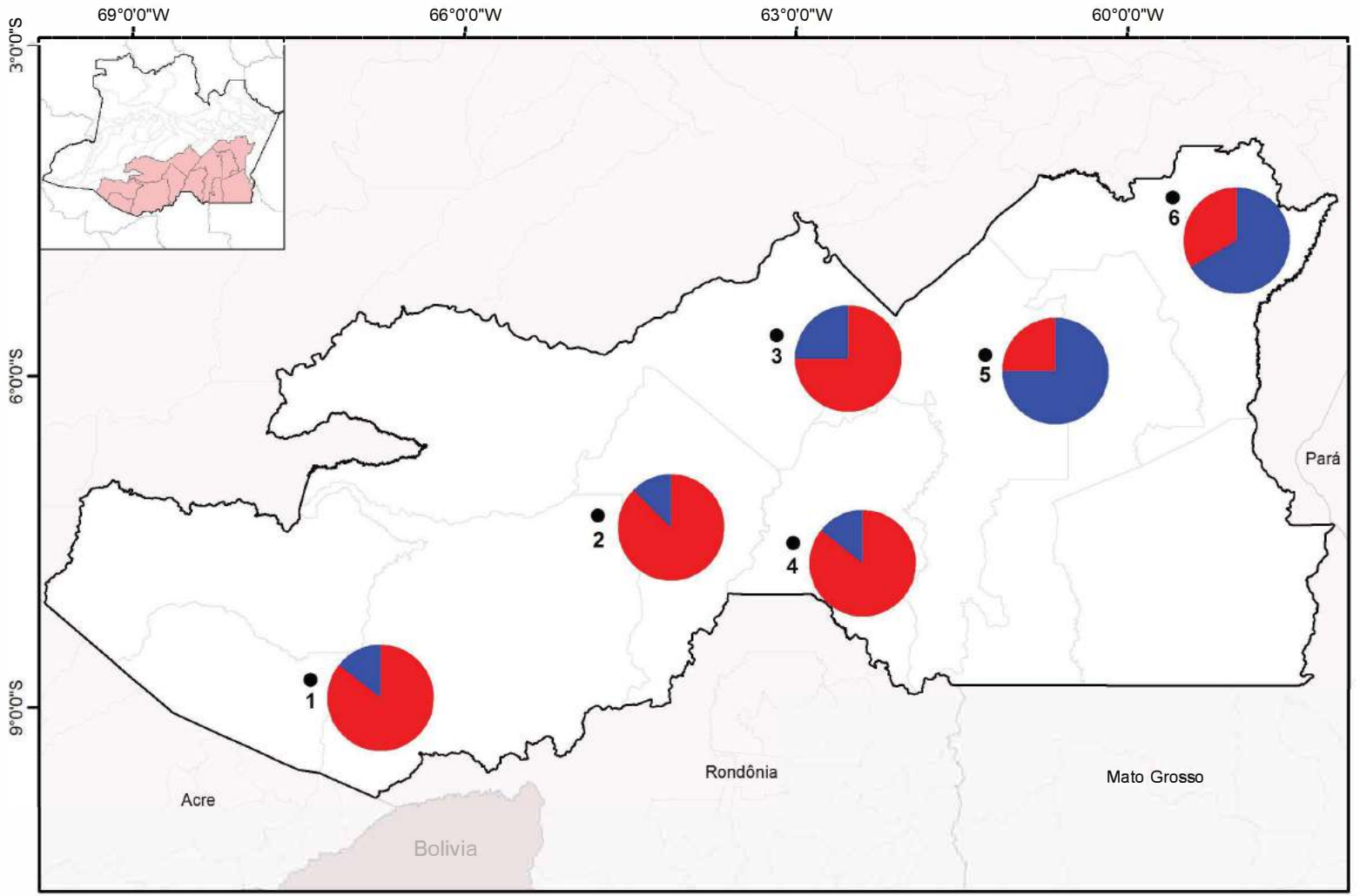

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

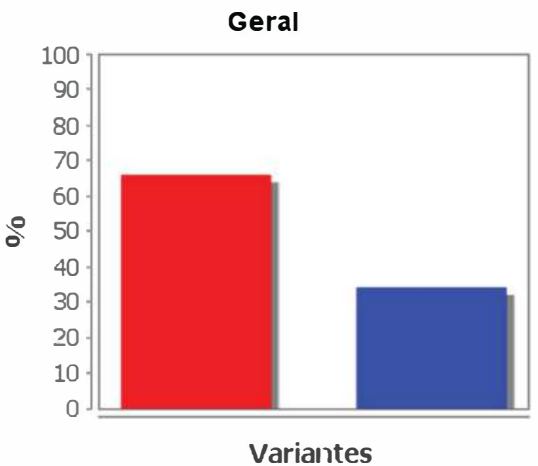
## F115c - Peconha - Nasal palatal



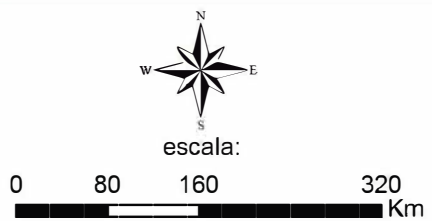

**Legenda**

j

jn




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

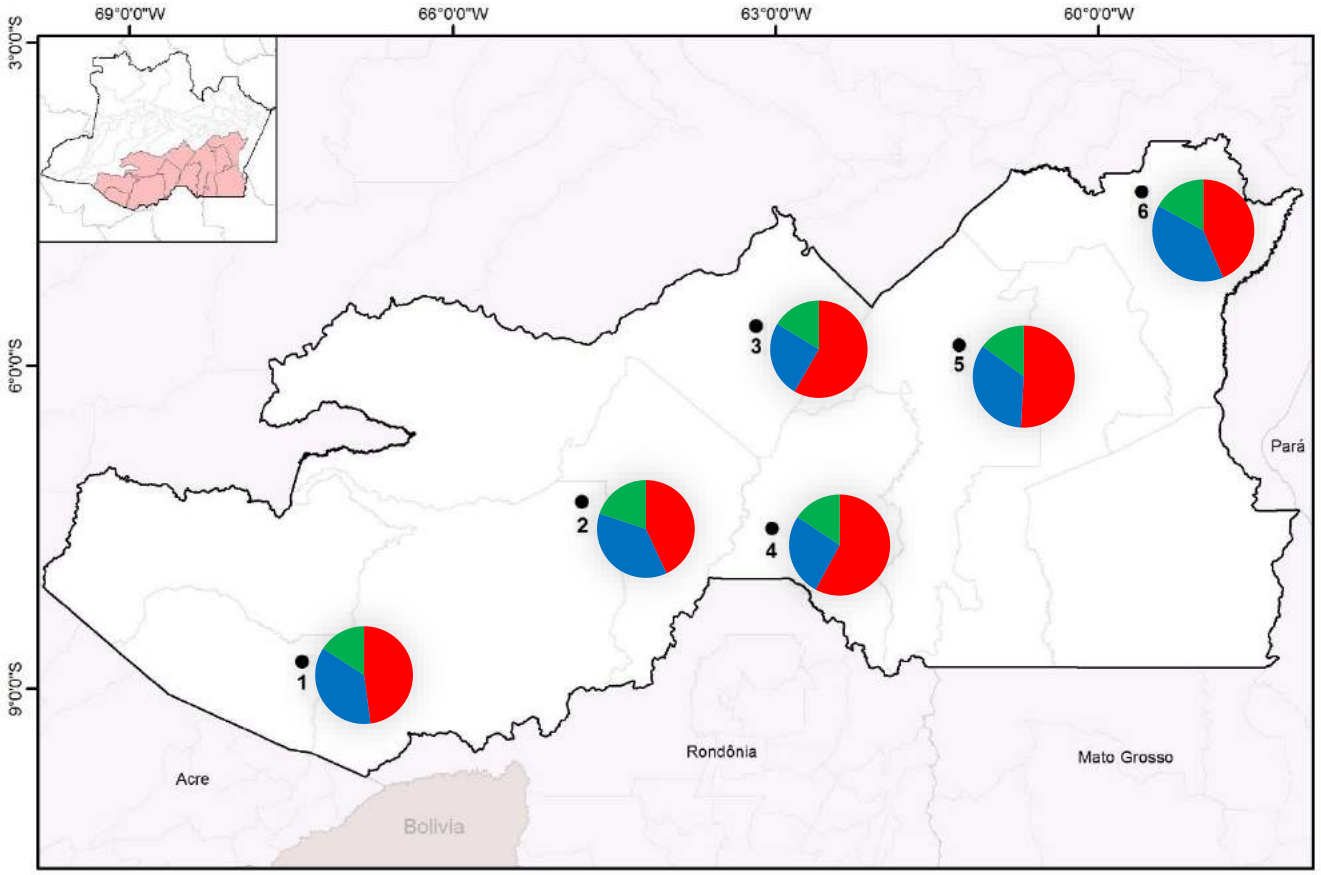
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## Cartas Síntese



# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S001 – Vogal média anterior pretônica**



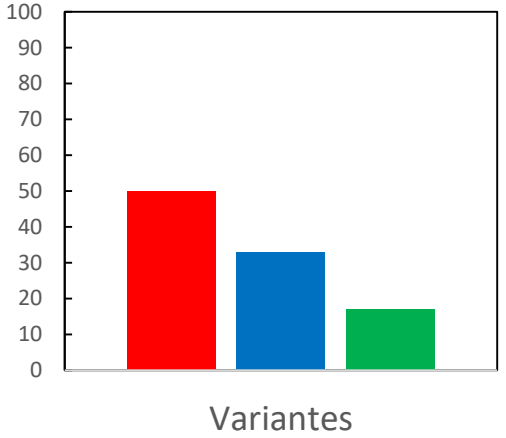

**Legenda**

[e]

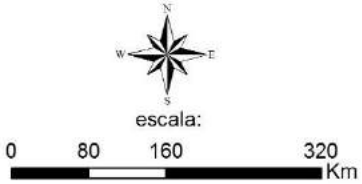
[i]

[ɛ]

**Geral**



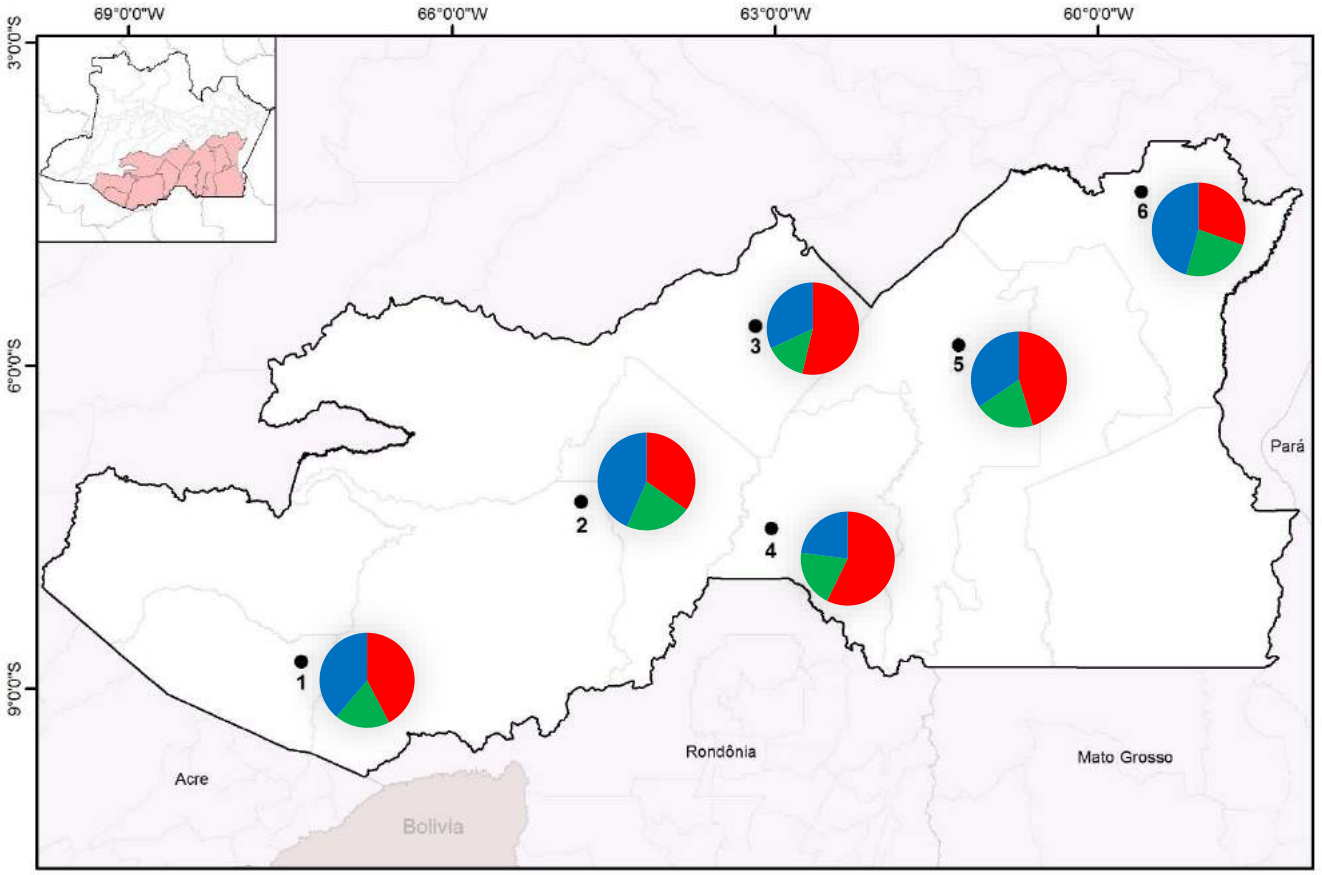

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**Questões do QFF:** 004, 005, 006, 007, 011, 012, 014, 015, 016, 017, 018, 019, 020, 021, 026, 027, 028, 036, 043, 047, 048, 049, 050, 051, 052, 053, 054, 058, 060, 102, 104, 105, 107, 110, 112, 117, 125

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

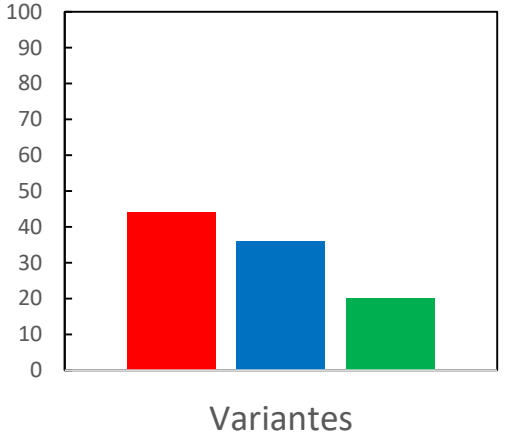
**S001a – Vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica baixa ou média baixa (aberta)**




**Legenda**

[e]
[i]
[ɛ]

**Geral**



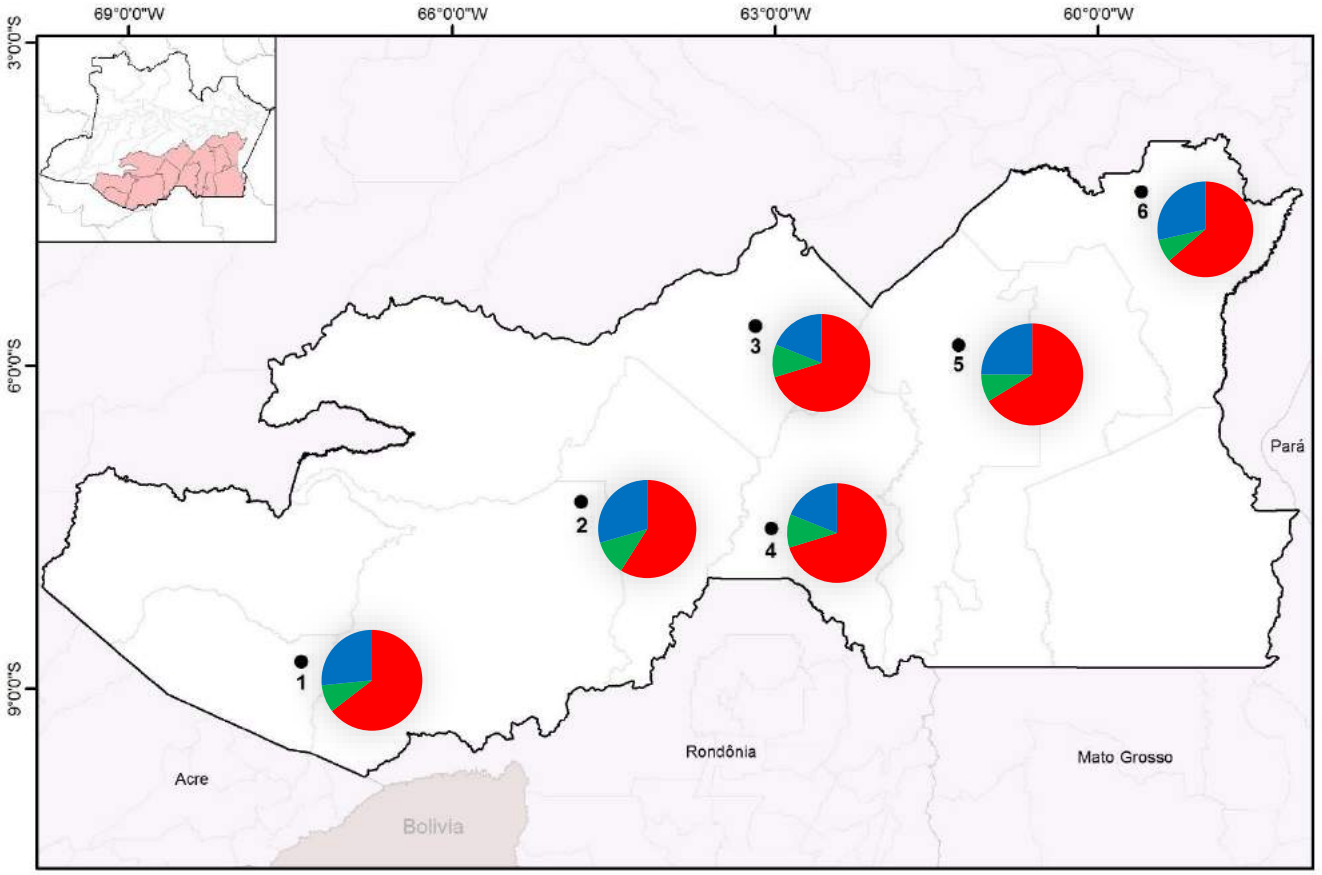

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 011, 016, 019, 026, 027, 028, 043 048, 049, 050, 052, 053, 054, 102, 104, 110, 112

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

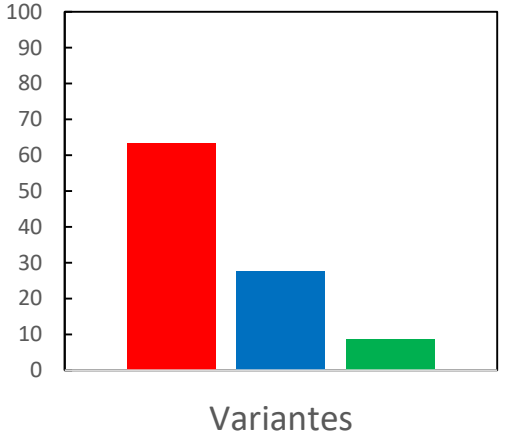
**S001b – Vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica média alta (fechada)**



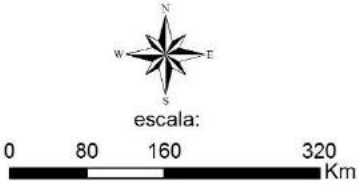

**Legenda**

[e]
[i]
[ɛ]

**Geral**



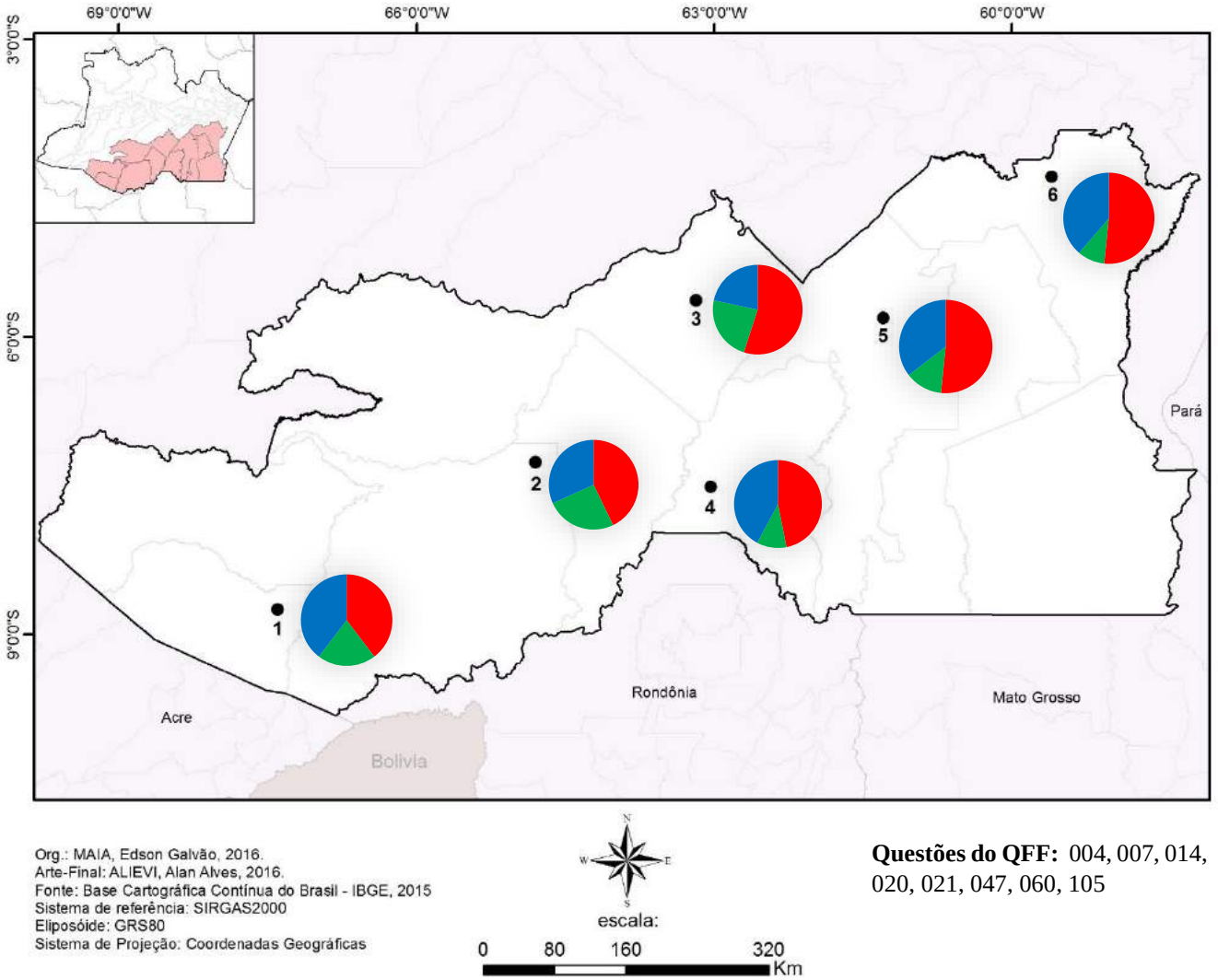

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**Questões do QFF:** 005, 012, 015, 017, 018, 036, 051, 058, 107, 125

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

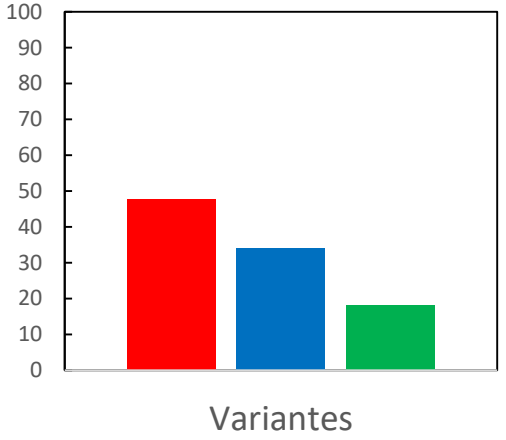
**S001c – Vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta**




**Legenda**

[e]
[i]
[ɛ]

**Geral**



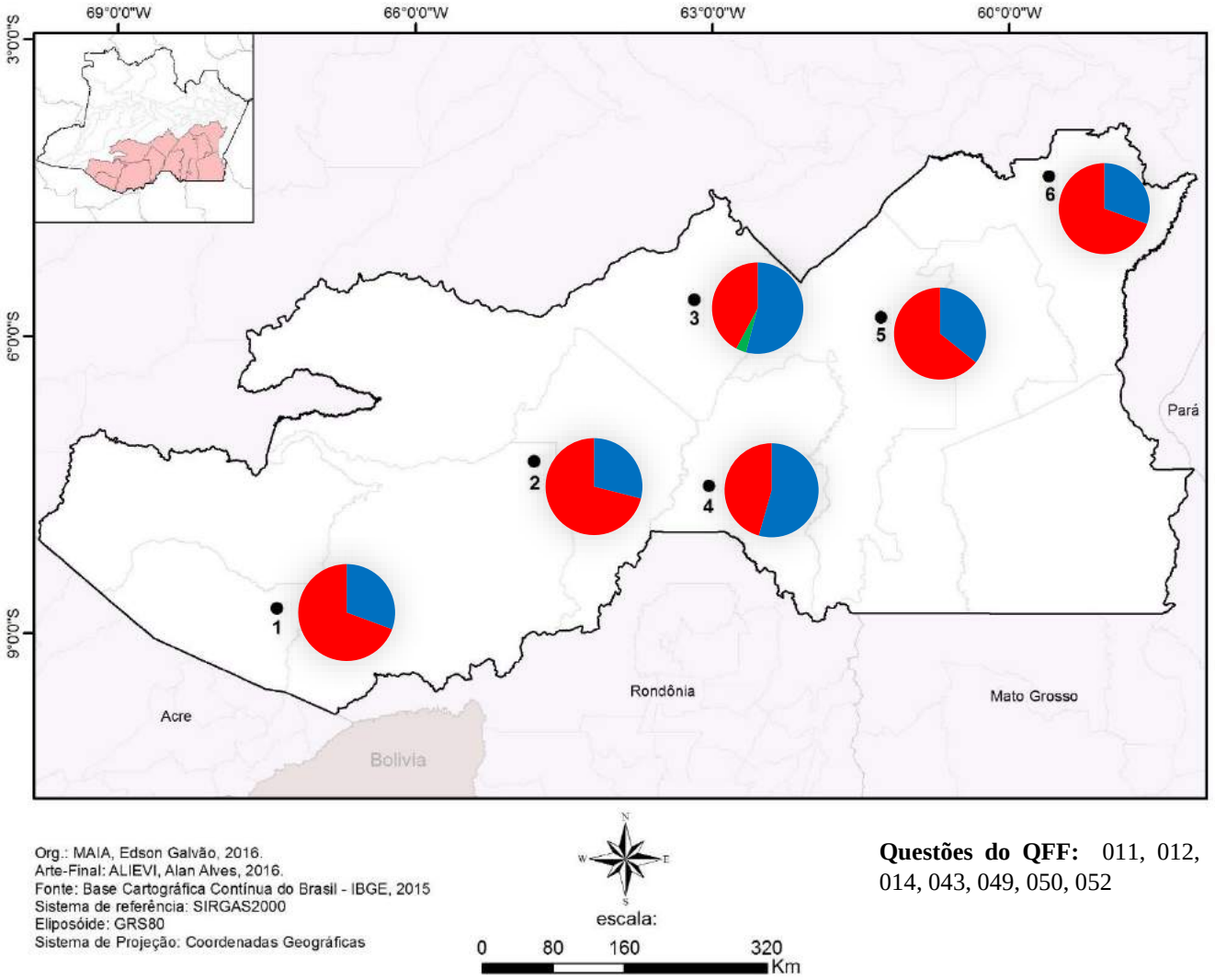

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 004, 007, 014, 020, 021, 047, 060, 105

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S001d – Vogal média anterior pretônica precedendo /S/ em coda silábica**



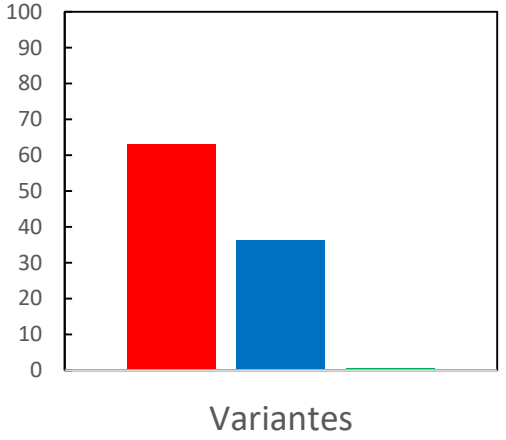

**Legenda**

[i]

[e]

[ɛ]

**Geral**



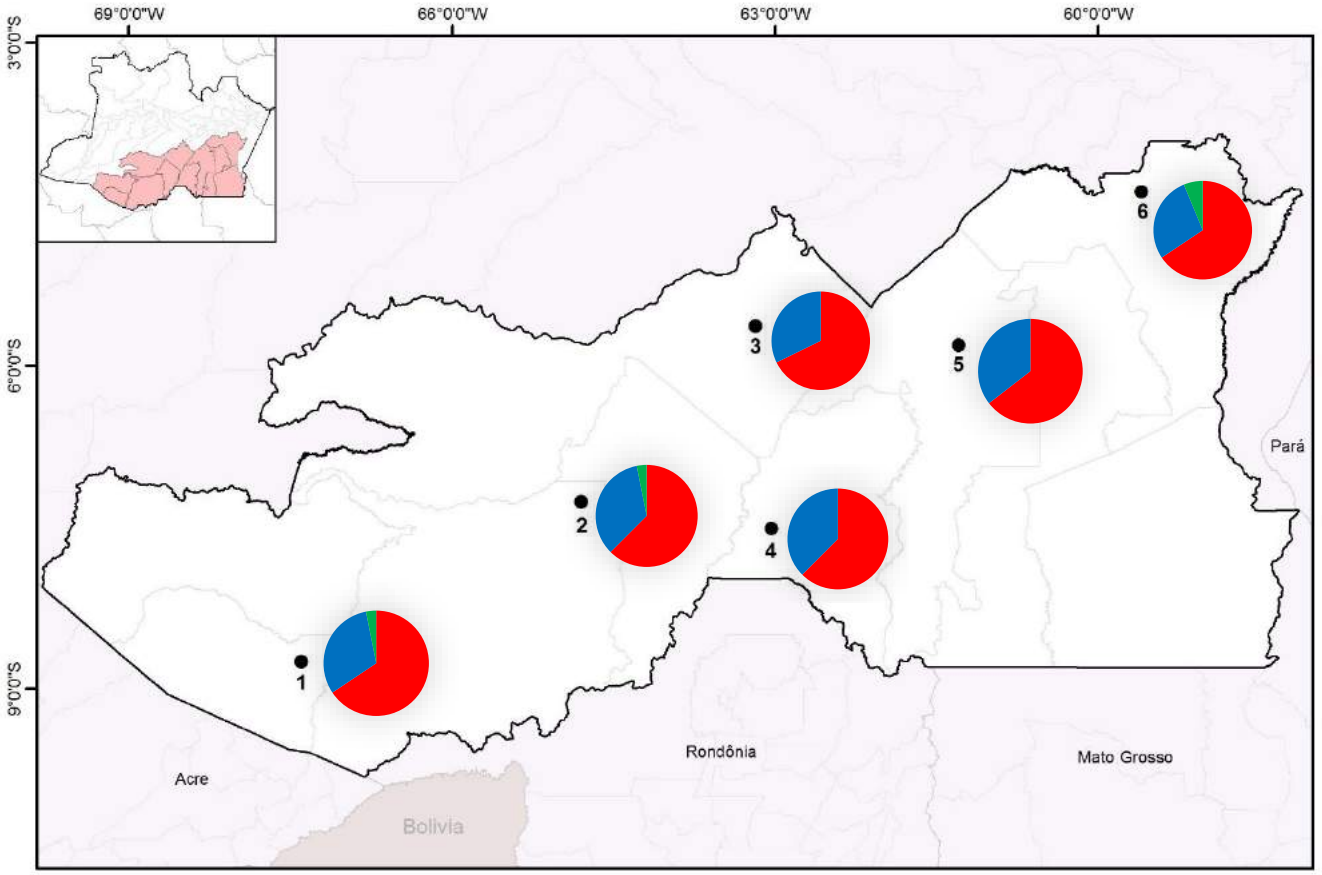

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 011, 012, 014, 043, 049, 050, 052

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S001e – Vogal média anterior pretônica em vocábulos com tônica de nasalidade fonológica**



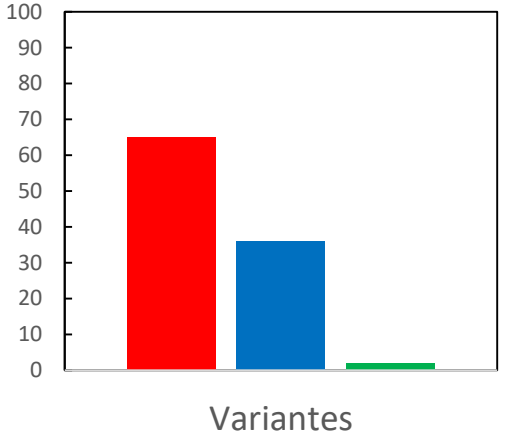

**Legenda**

[e]

[ɛ]

[i]

**Geral**



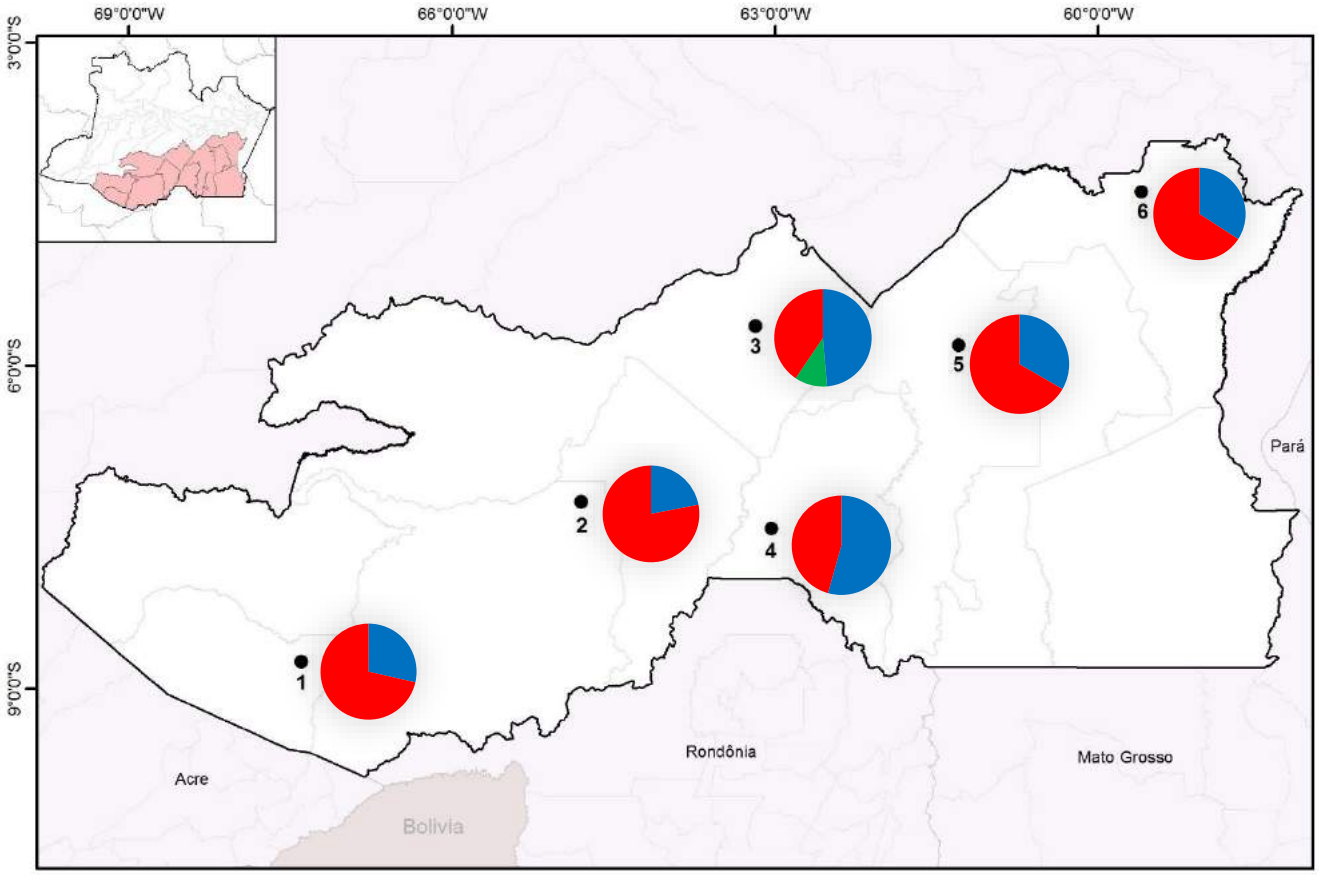

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 006, 018, 110, 117

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S001f – Vogal média anterior pretônica em des-, prefixo ou não**



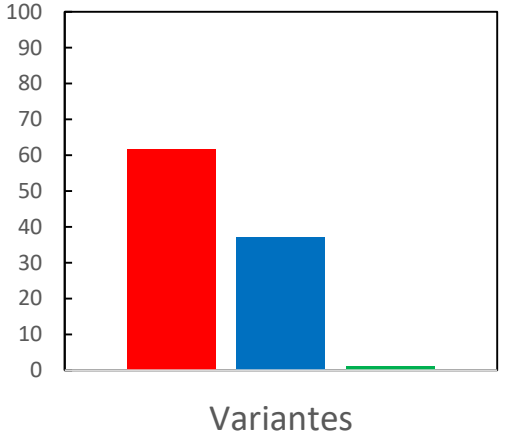

**Legenda**

[i]

[e]

[ɛ]

**Geral**



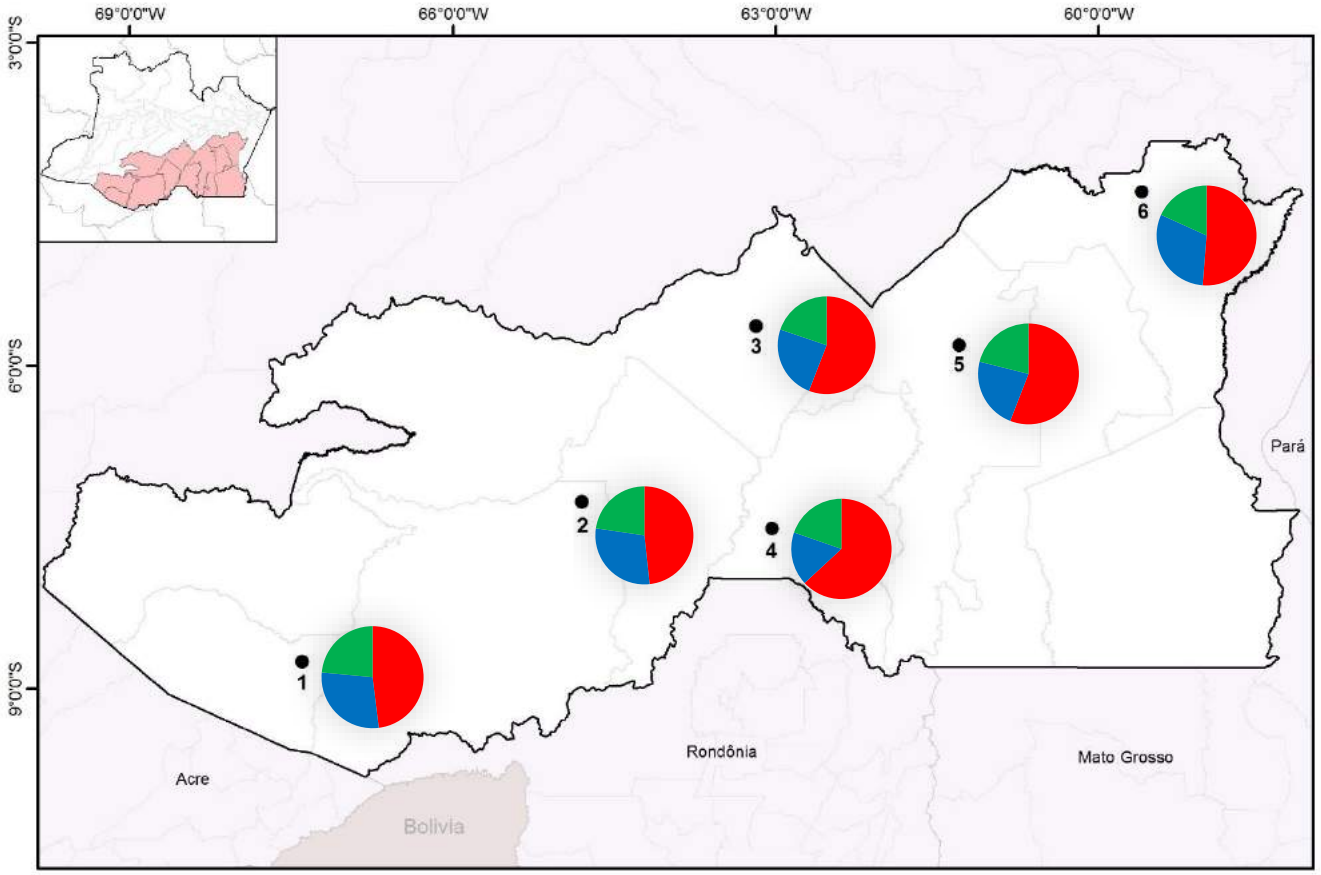

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 016, 047, 048, 051, 053, 054

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S002 – Vogal média posterior pretônica**



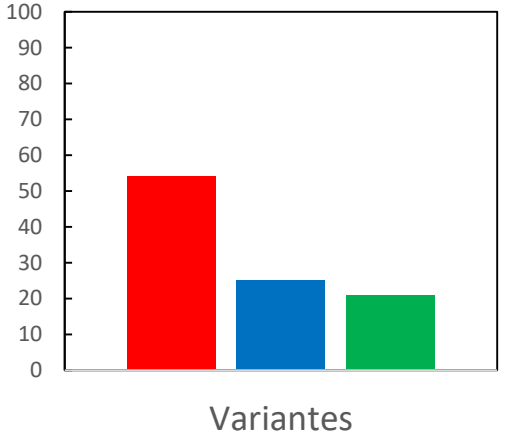

**Legenda**

[o]

[u]

[ɔ]

**Geral**



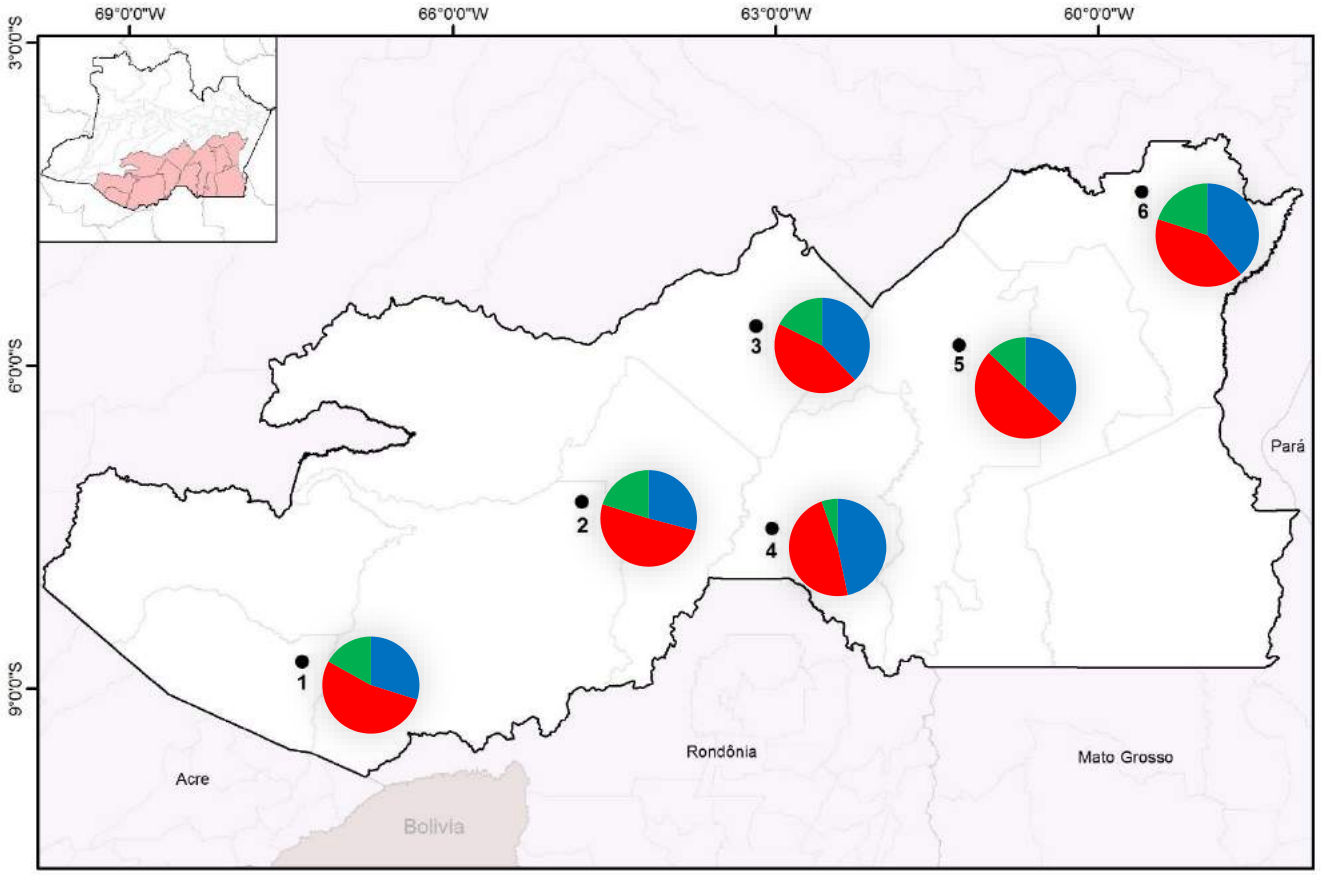

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 003, 013, 032, 033, 034, 035, 036, 037, 038, 039, 040, 042, 048, 056, 065, 066, 067, 068, 069, 077, 082, 097, 108, 109, 115, 116

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

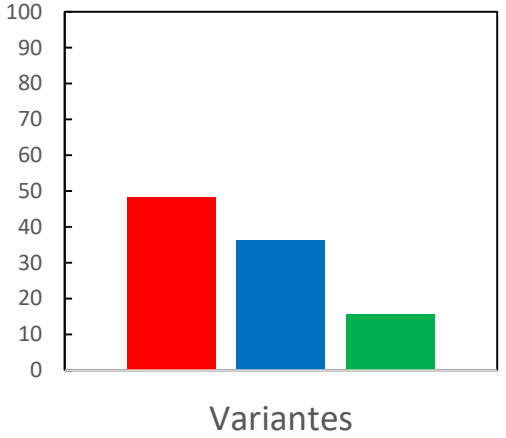
**S002a – Vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica baixa ou média baixa (aberta)**



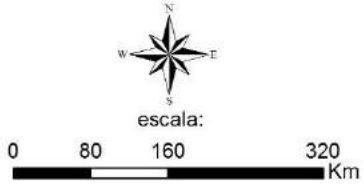

**Legenda**

[ɔ]
[o]
[u]

**Geral**



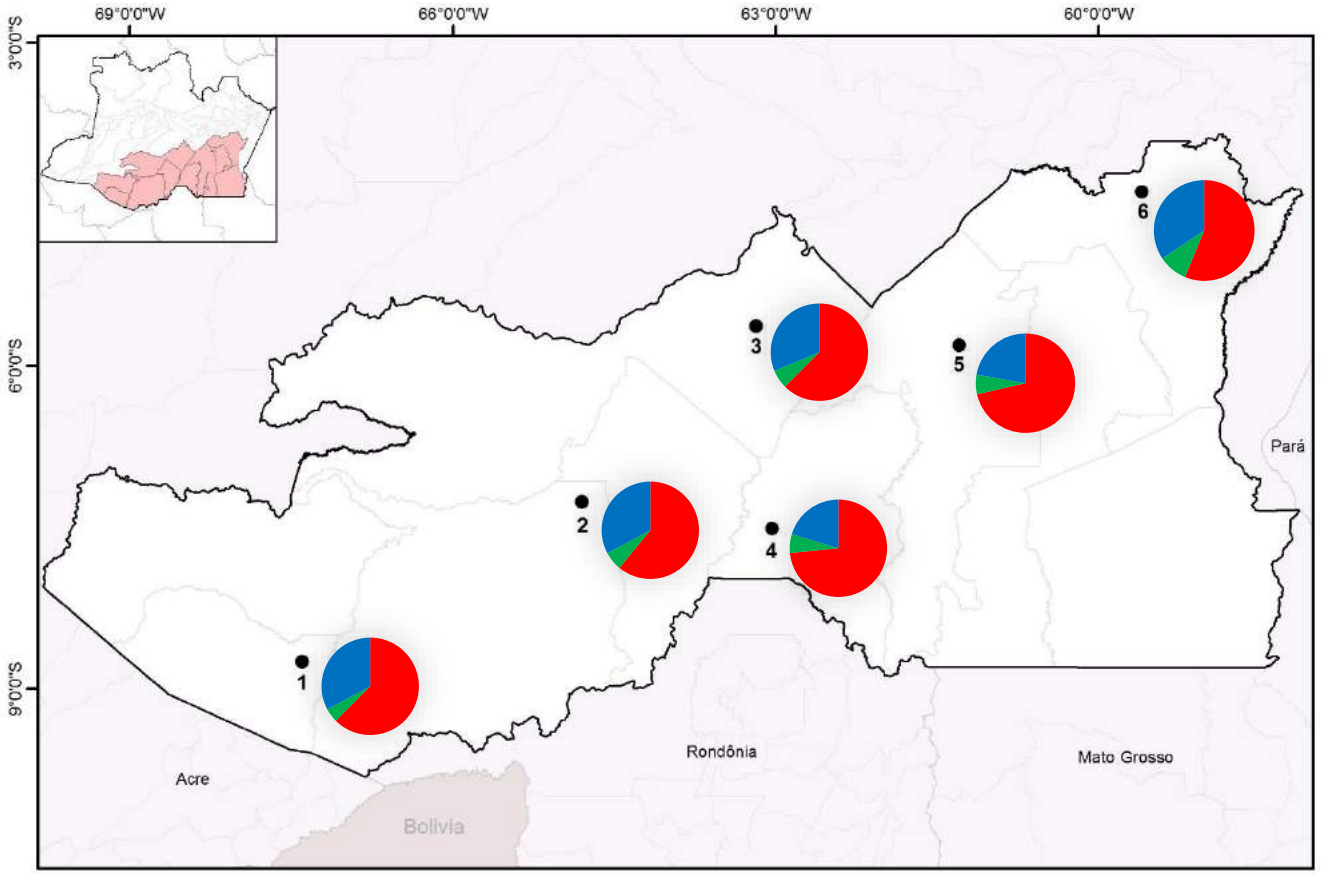

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**Questões do QFF:** 003, 013, 033, 038, 048, 066, 068, 082, 097, 116

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

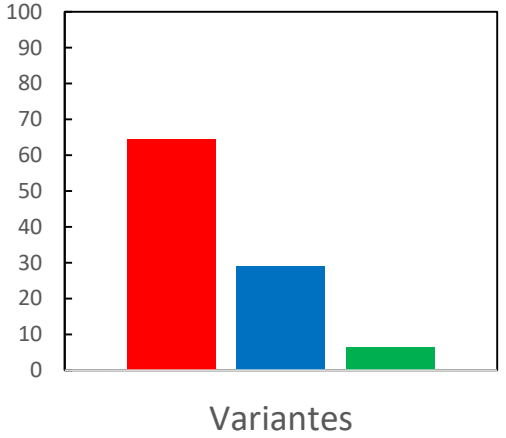
**S002b – Vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica média alta (fechada)**




**Legenda**

[o]
[u]
[ɔ]

**Geral**



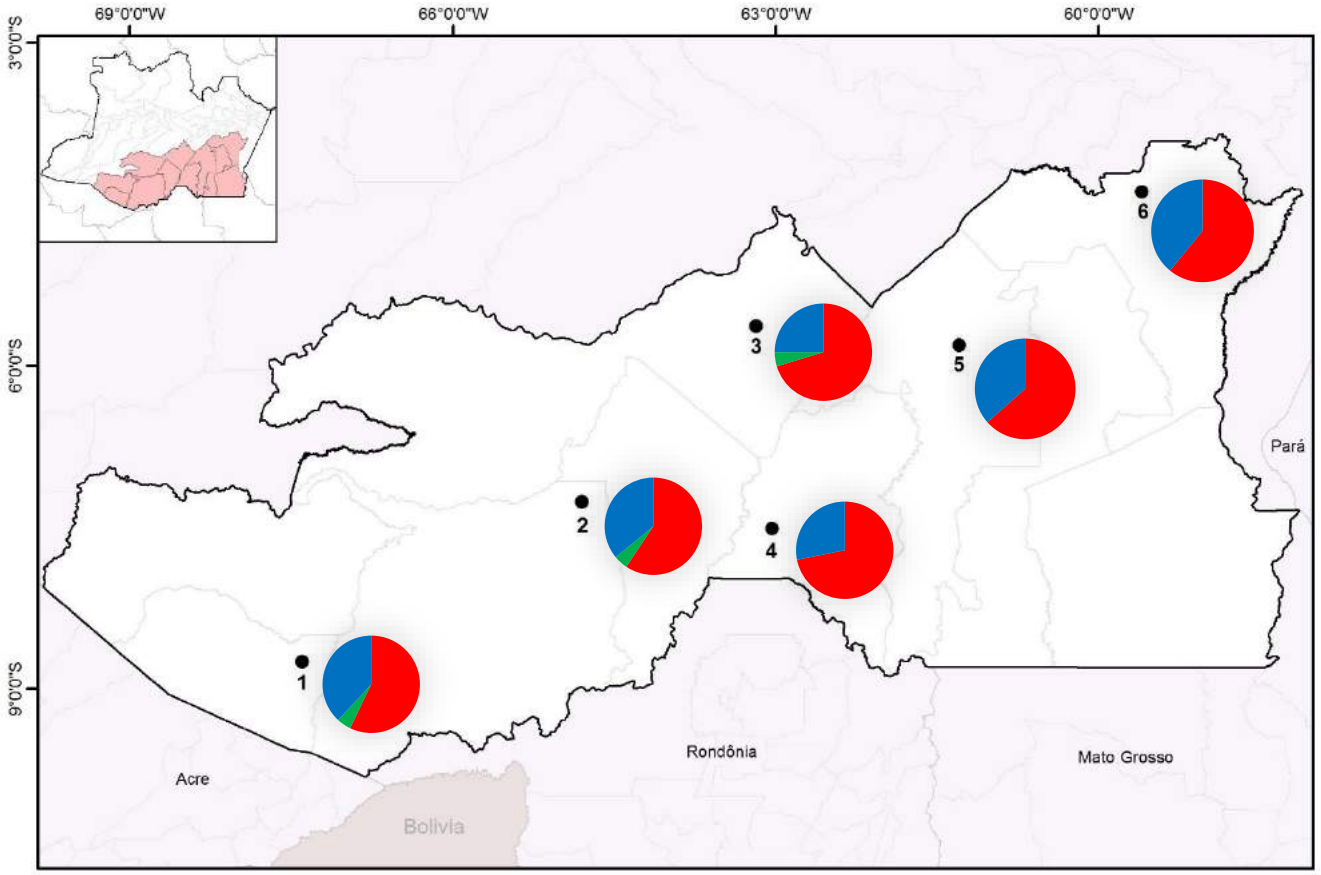

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 034, 035, 036, 037, 039, 040, 065, 067

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S002c – Vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta**



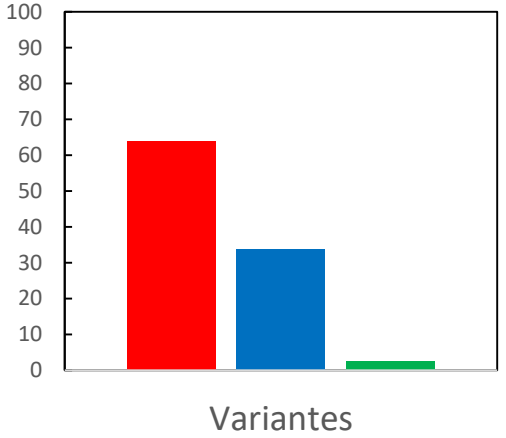

**Legenda**

[o]

[u]

[ɔ]

**Geral**



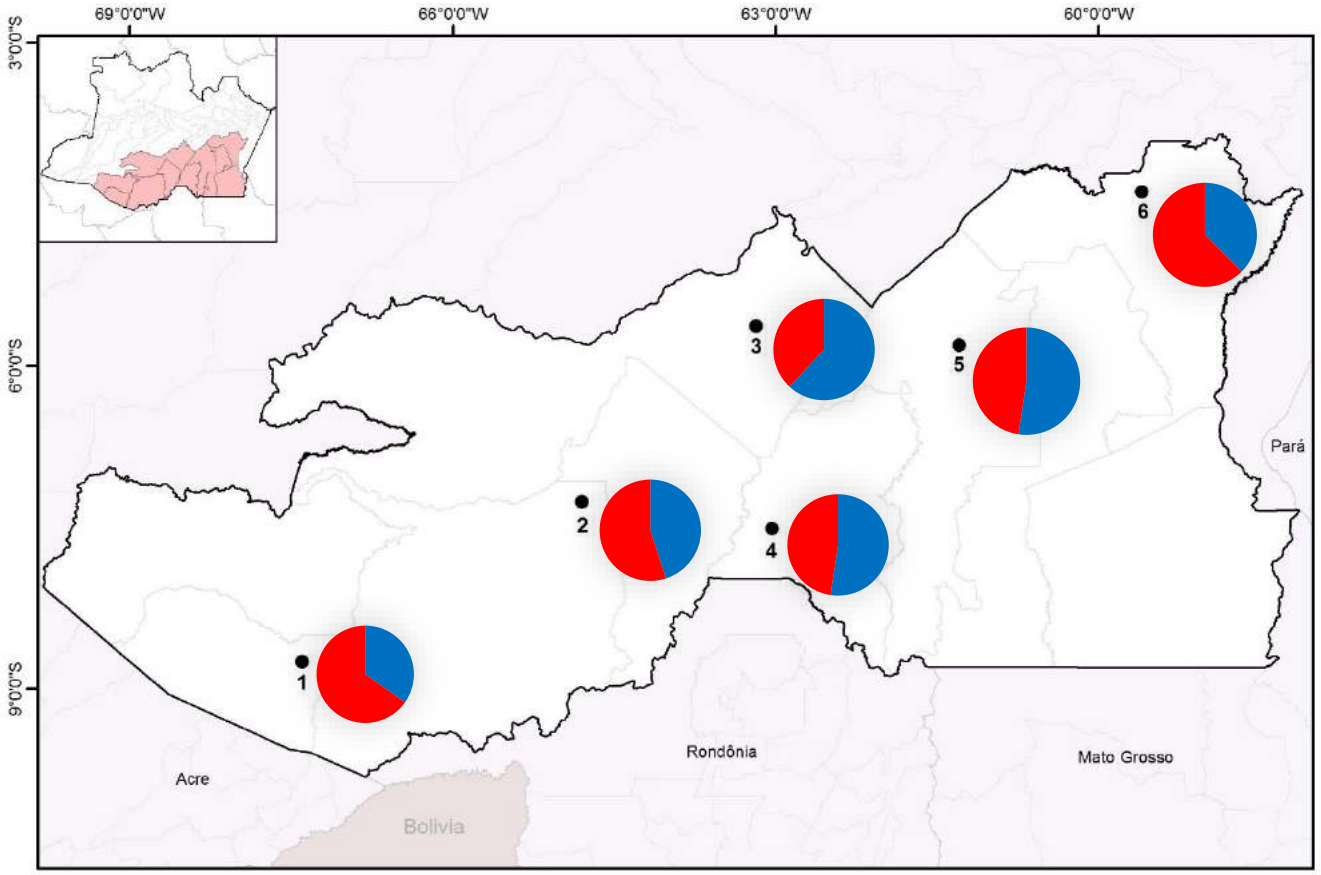

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 032, 042, 056, 069, 077, 108, 109, 115

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S002d – Vogal média posterior pretônica em hiato**

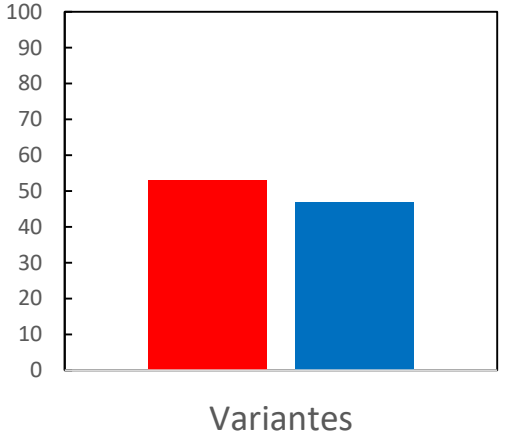



**Legenda**

[u]

[o]

**Geral**



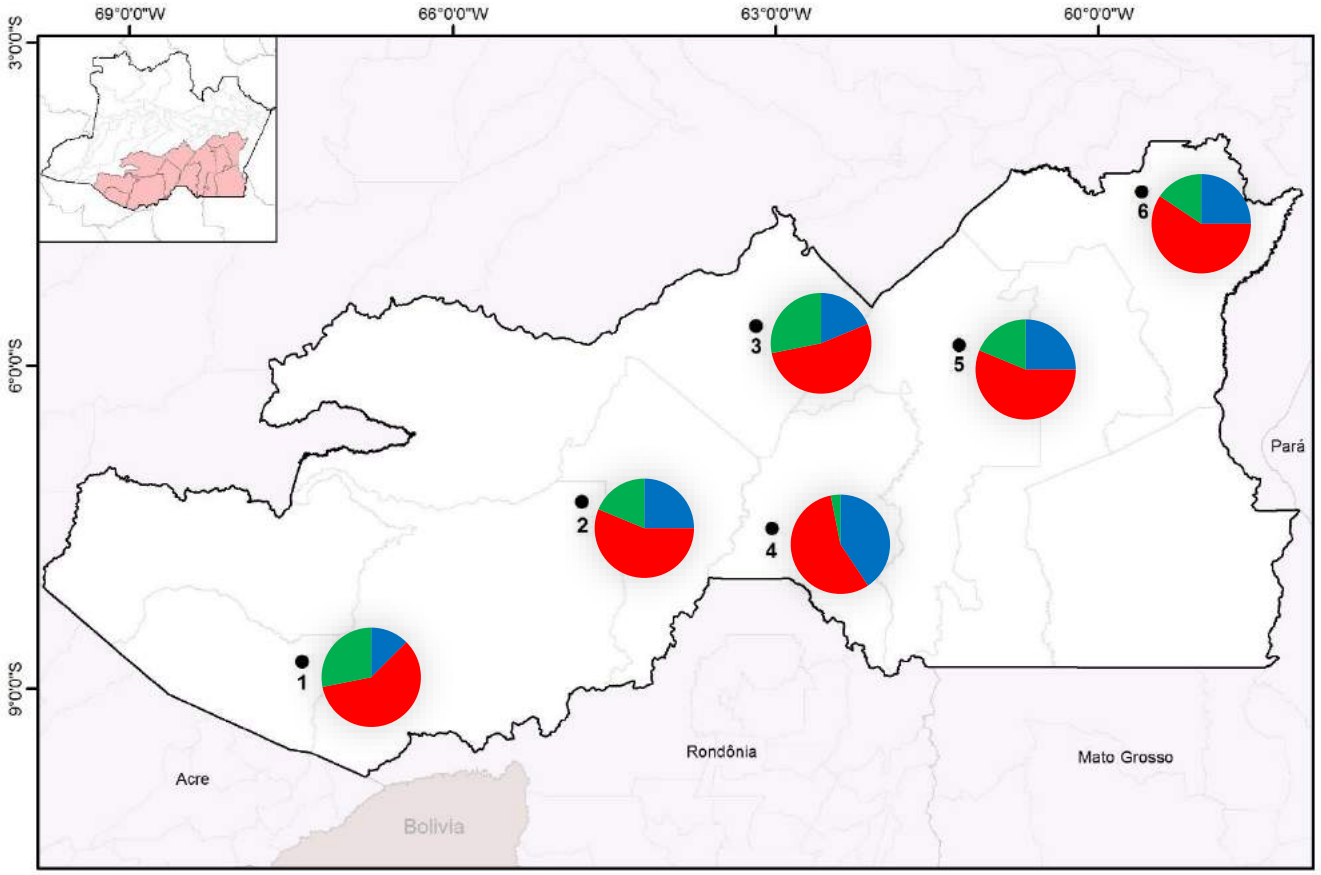

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 040, 056, 067

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

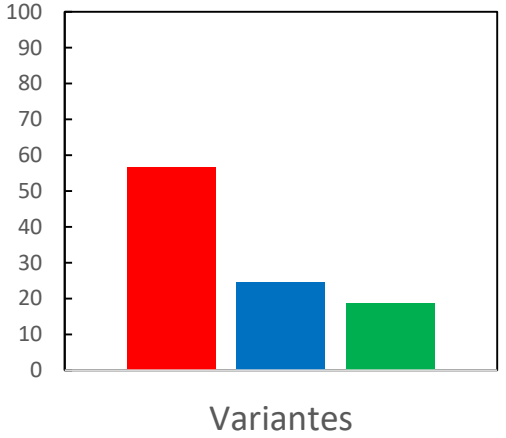
**S002e – Vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica fonologicamente nasal**




**Legenda**

[ɔ]
[o]
[u]

**Geral**



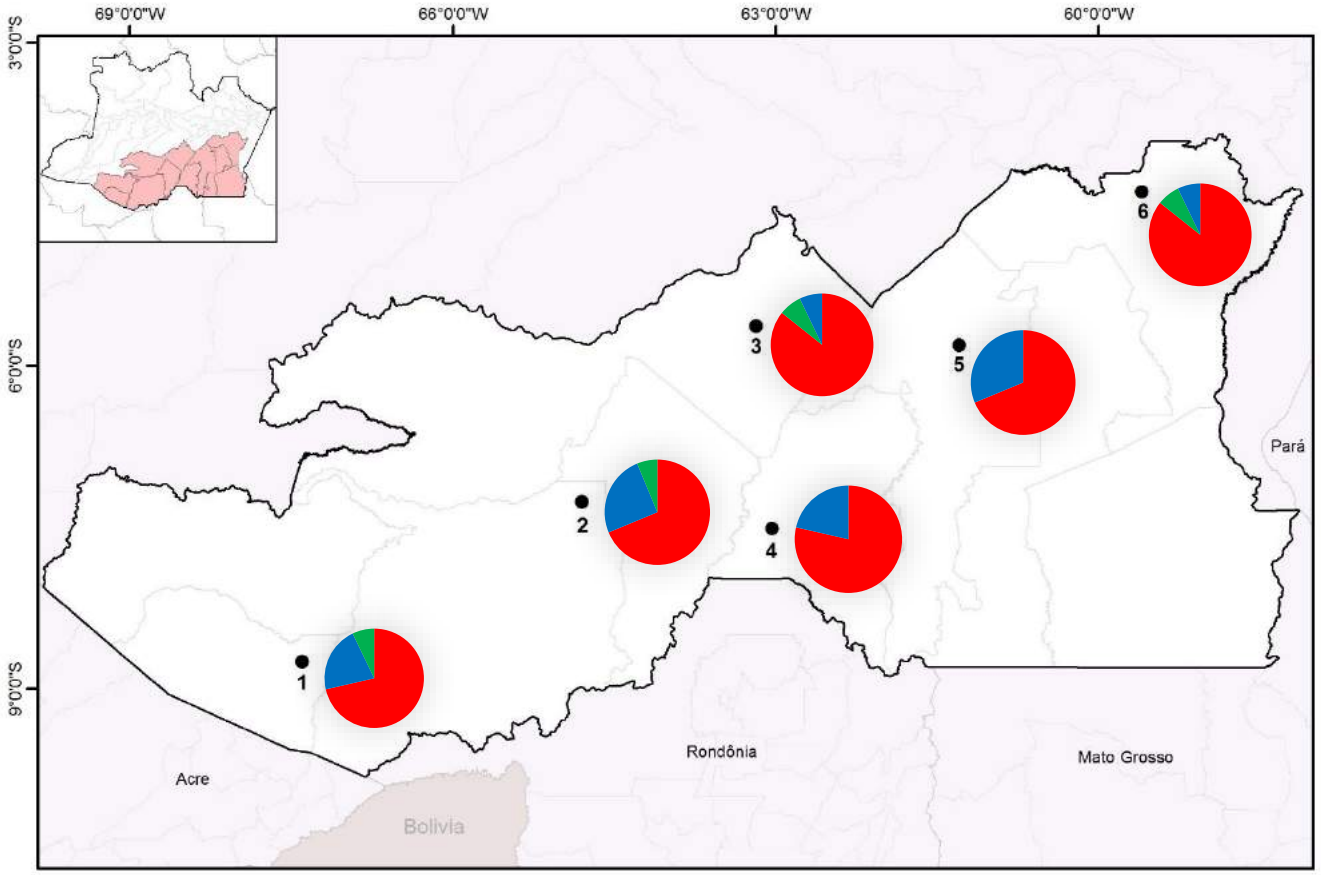

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 037, 038, 066, 109

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S002f – Vogal média posterior pretônica em posição inicial de vocábulo**



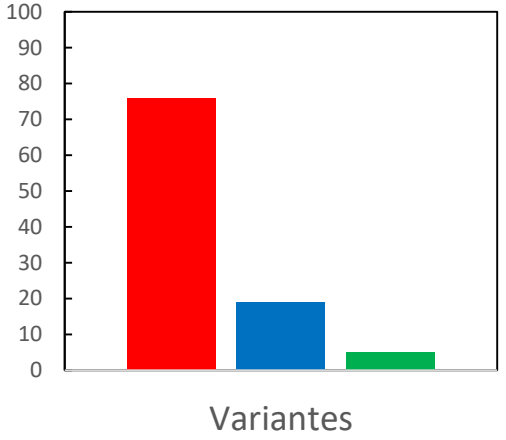

**Legenda**

[o]

[ɔ]

[u]

**Geral**



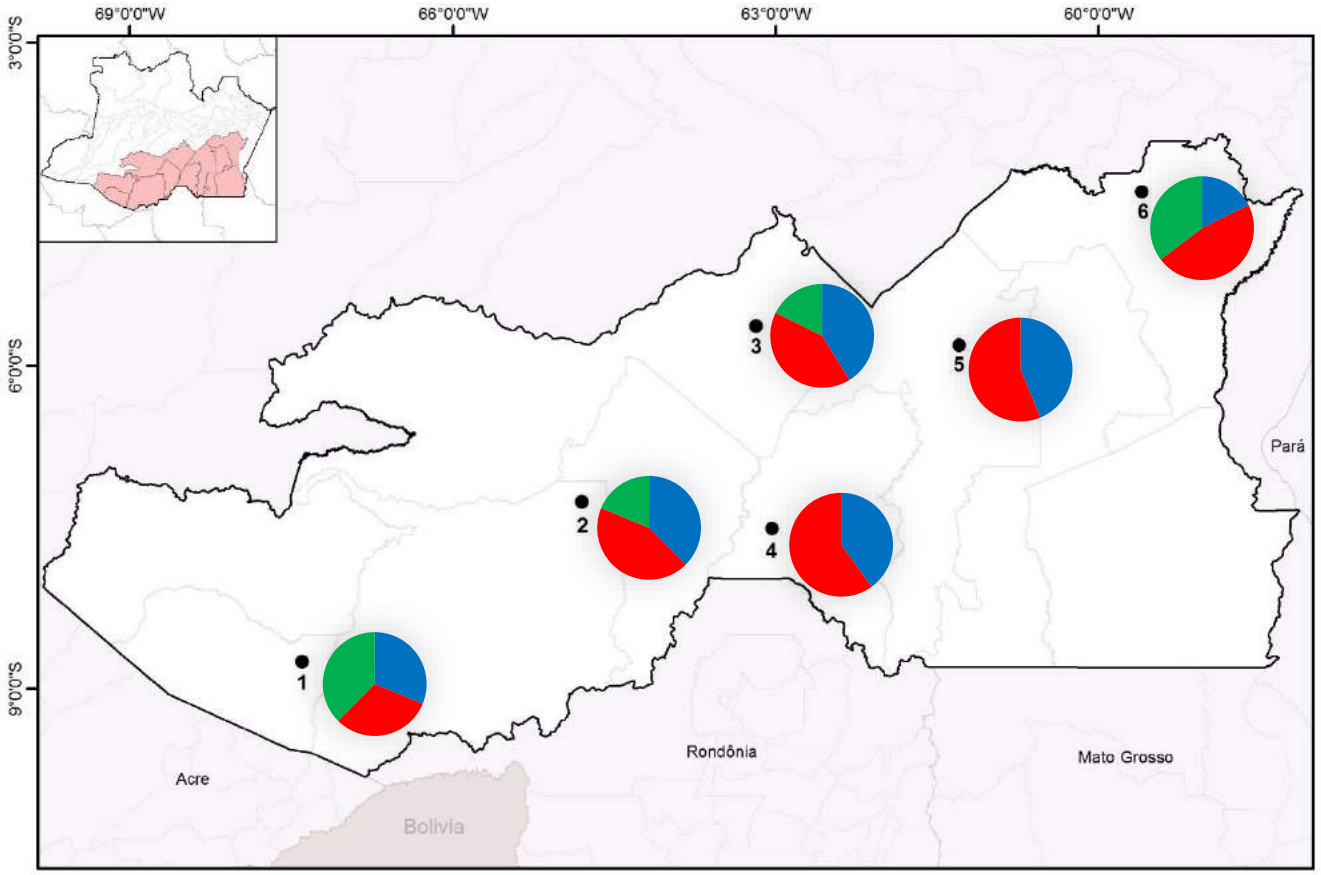

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 033, 065

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S003 - Vogal média posterior postônica medial**



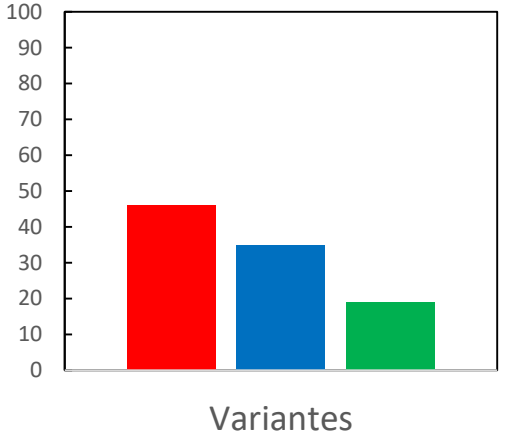

**Legenda**

[ʊ]

[o]

**Zero fonético**

**Geral**



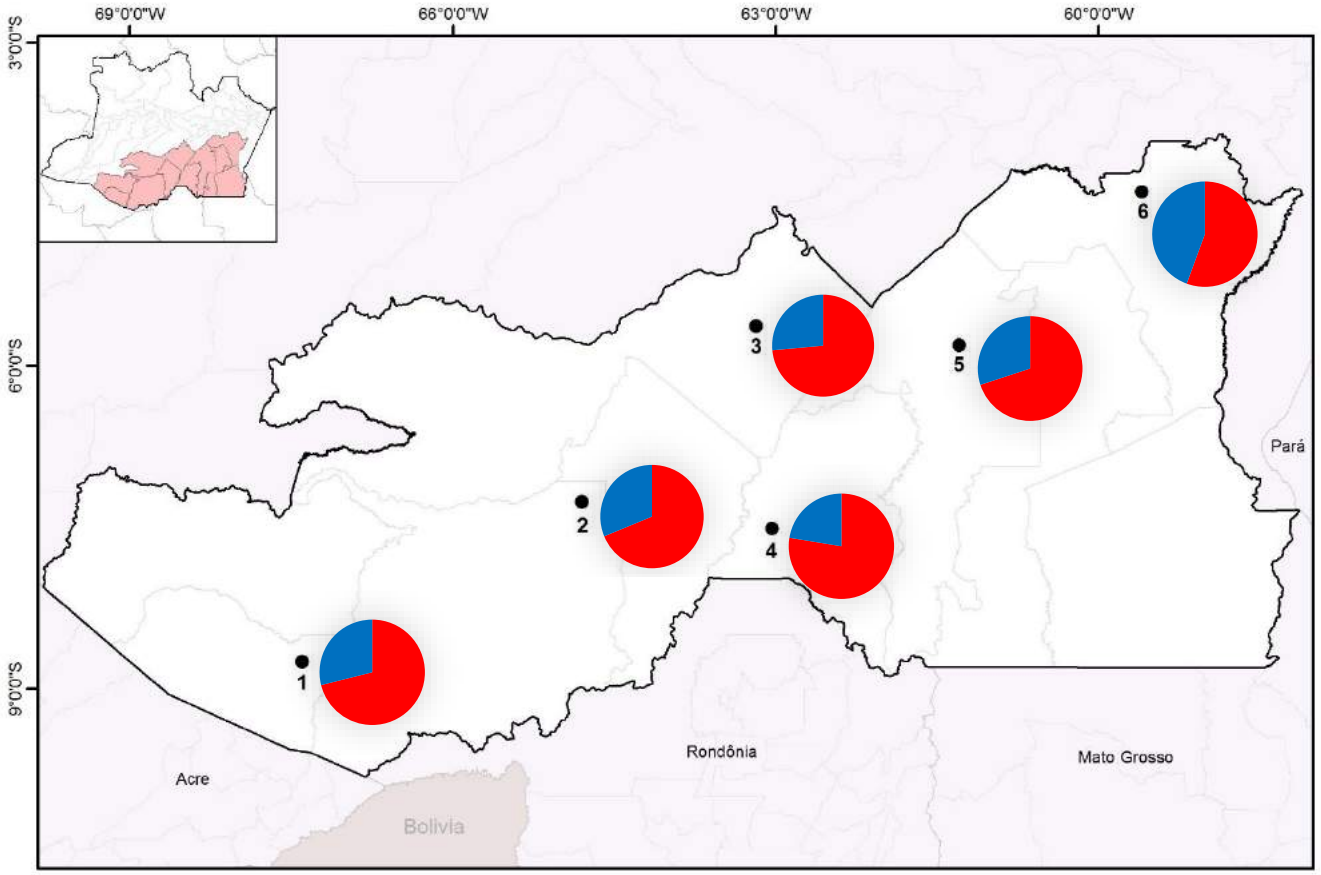

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 029, 070

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S004 - Vogal nasalizada por consoante nasal em ataque silábico**

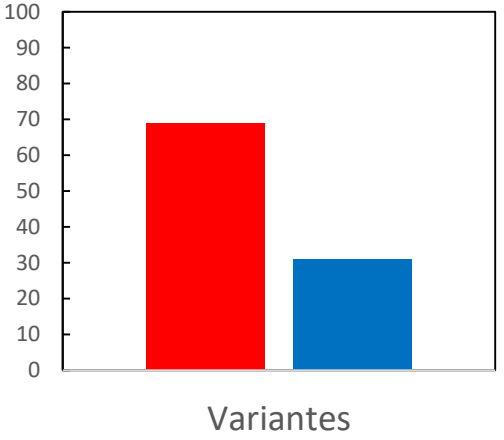



**Legenda**

**Vogal nasal**

**Vogal oral**

**Geral**



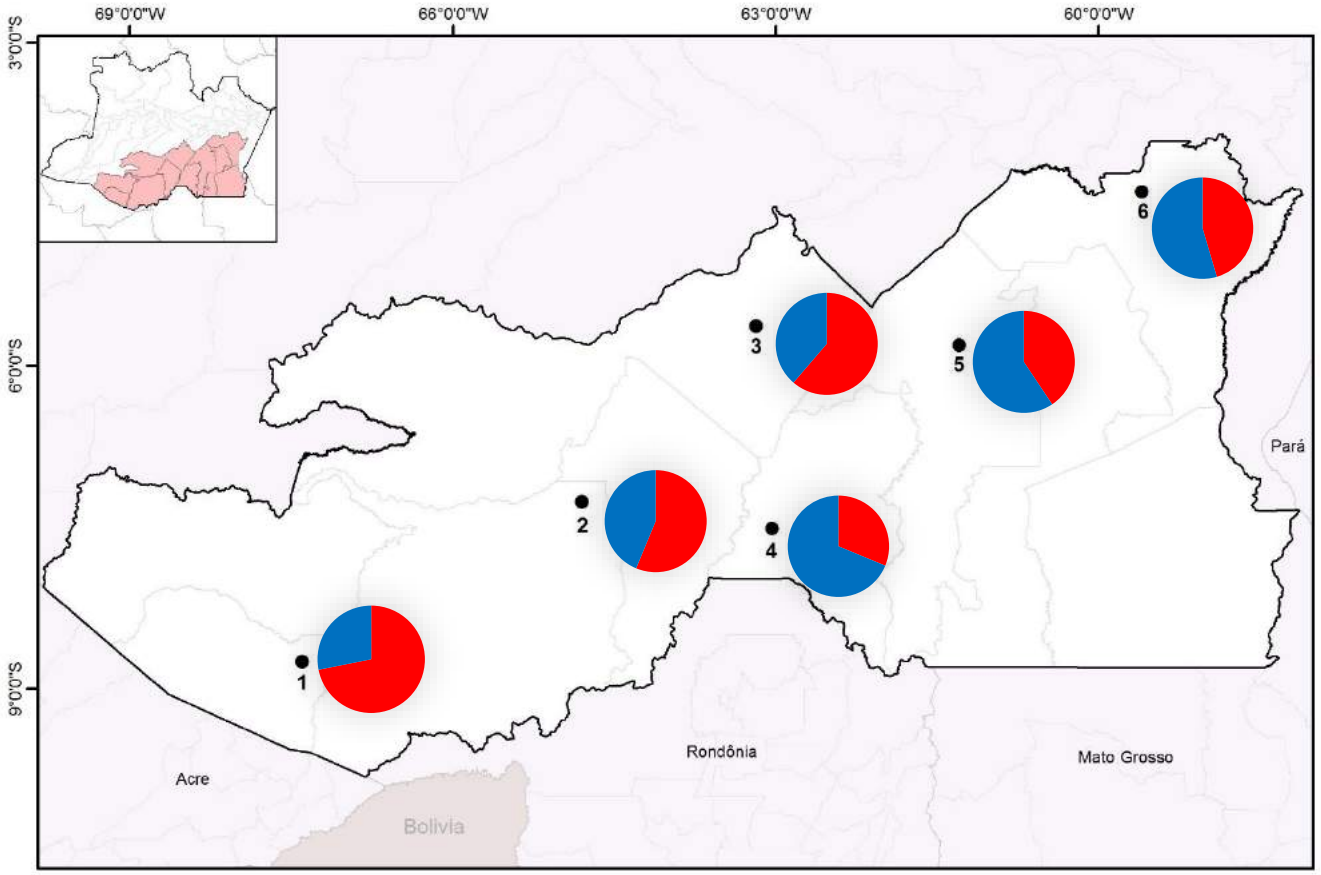

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**Questões do QFF:** 002, 003, 013, 014, 020, 032, 034, 035, 037, 055, 056, 059, 068, 069, 075, 076, 084, 087, 089, 104, 112, 125

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S005 - Vogal média tônica (Timbre)**

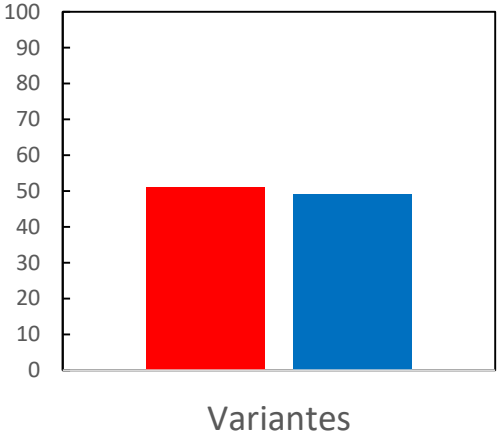



**Legenda**

**Vogal aberta**

**Vogal fechada**

**Geral**



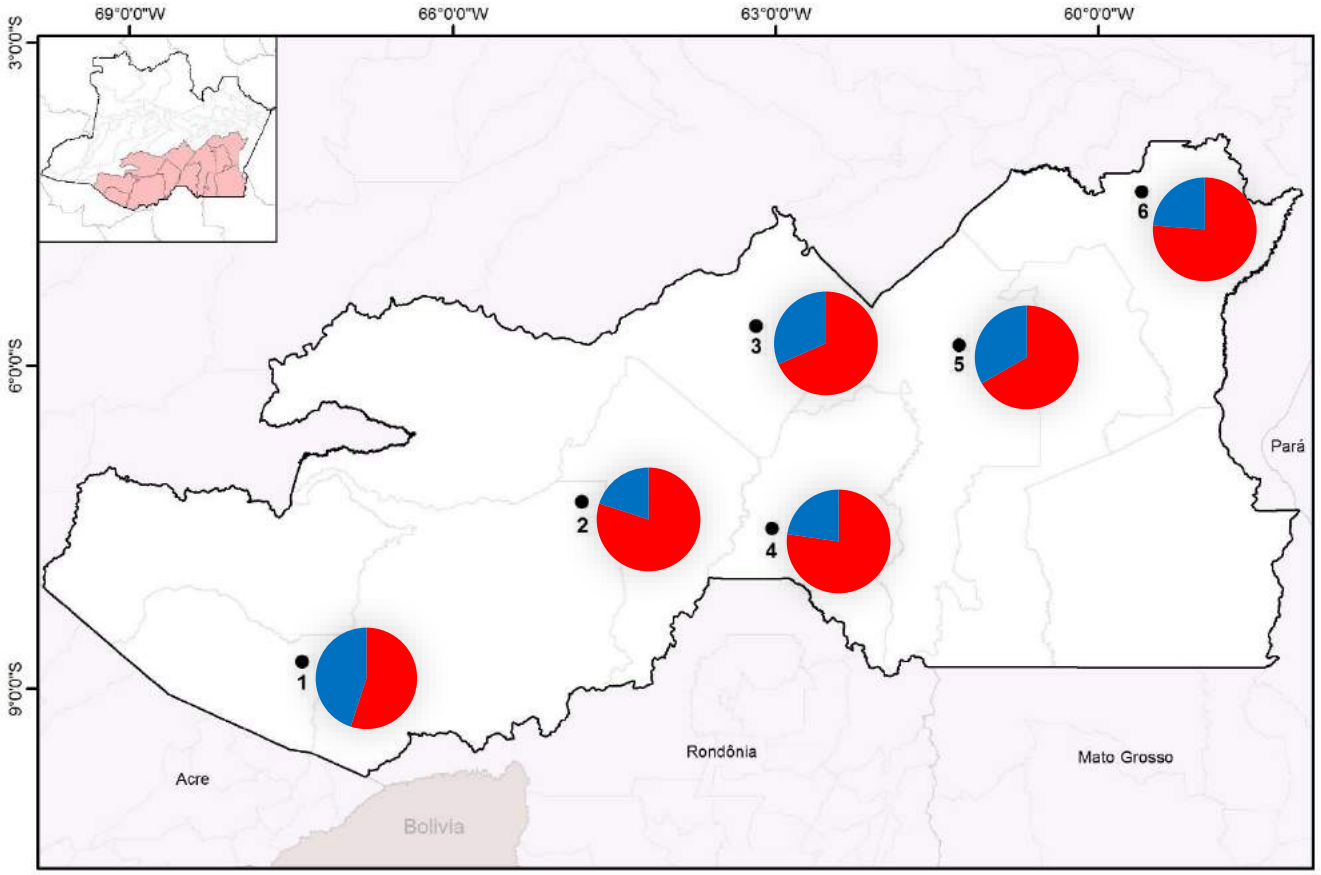

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 023, 024, 025, 064

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## S006 – Vogal epentética

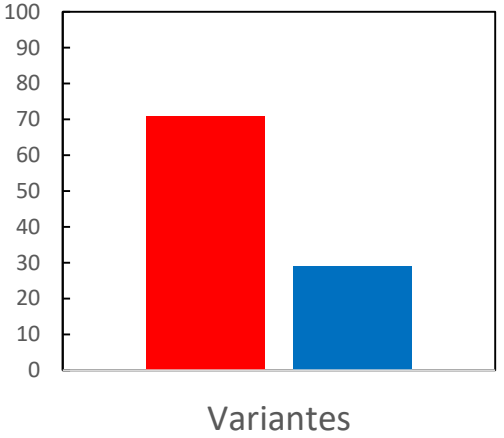



**Legenda**

**[i]**

**[e]**

**Geral**



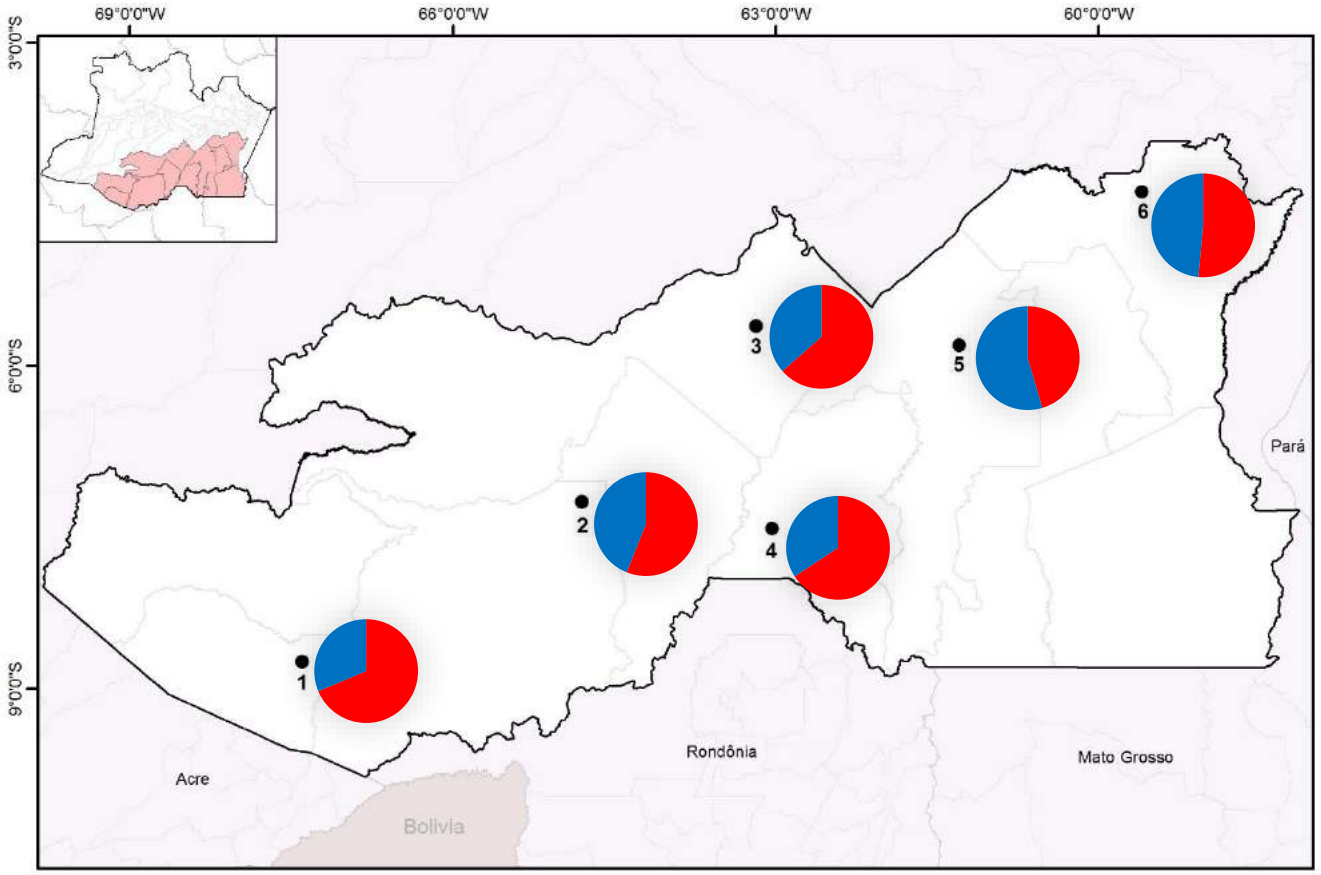

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 097, 098, 099

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S007 – Ditongo /ej/**

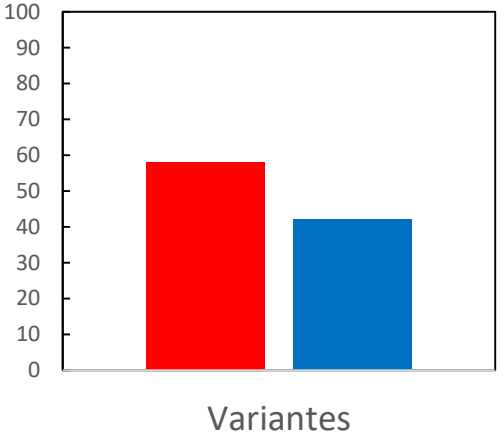



**Legenda**

**[ej]**

**[e]**

**Geral**



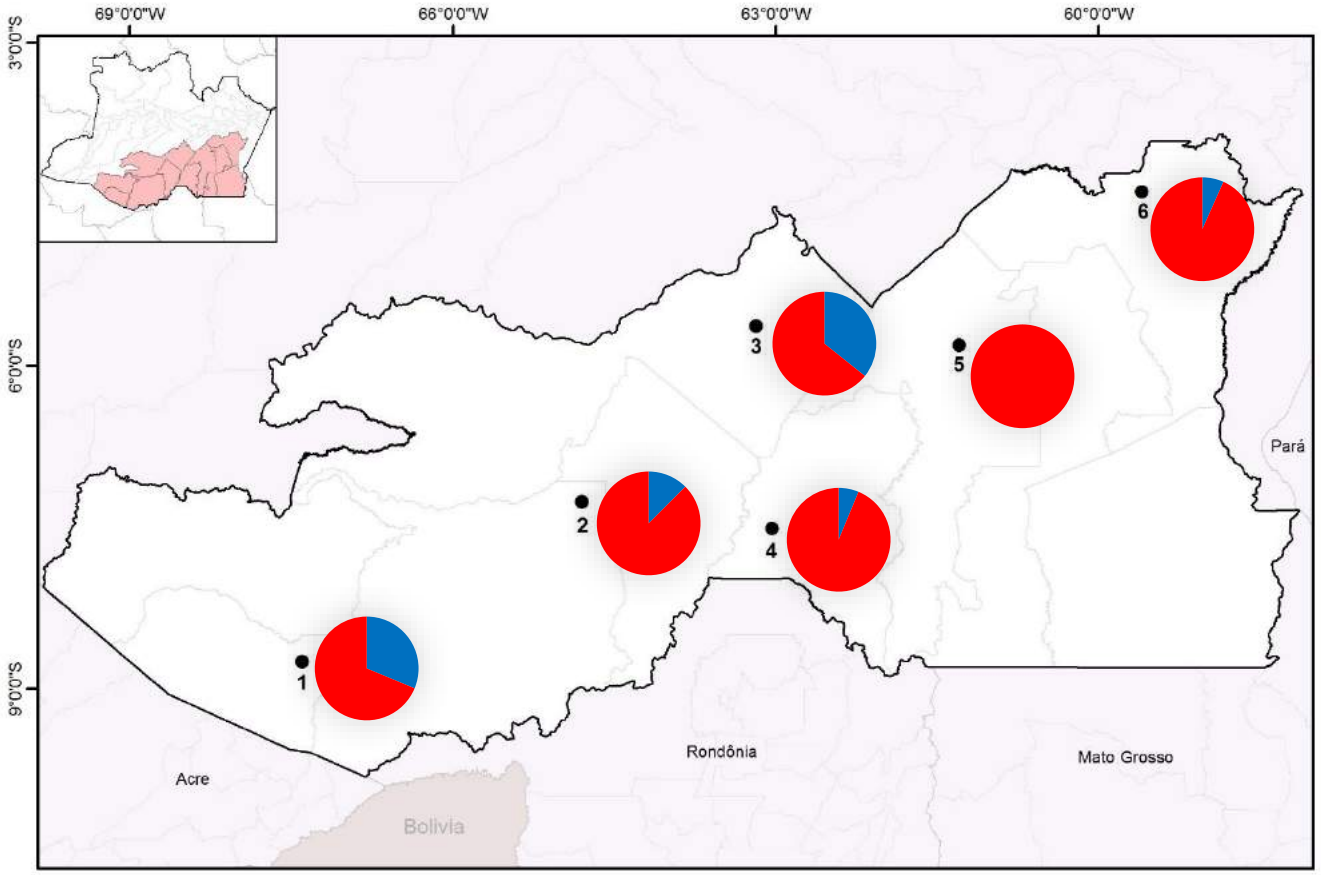

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 001, 008, 009, 010, 022, 026, 051, 107, 117

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S007a – Ditongo /ej/ precedendo tepe alveolar**

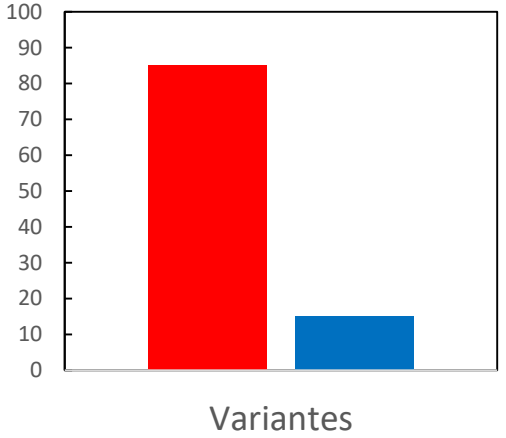



**Legenda**

**[e]**

**[ej]**

**Geral**



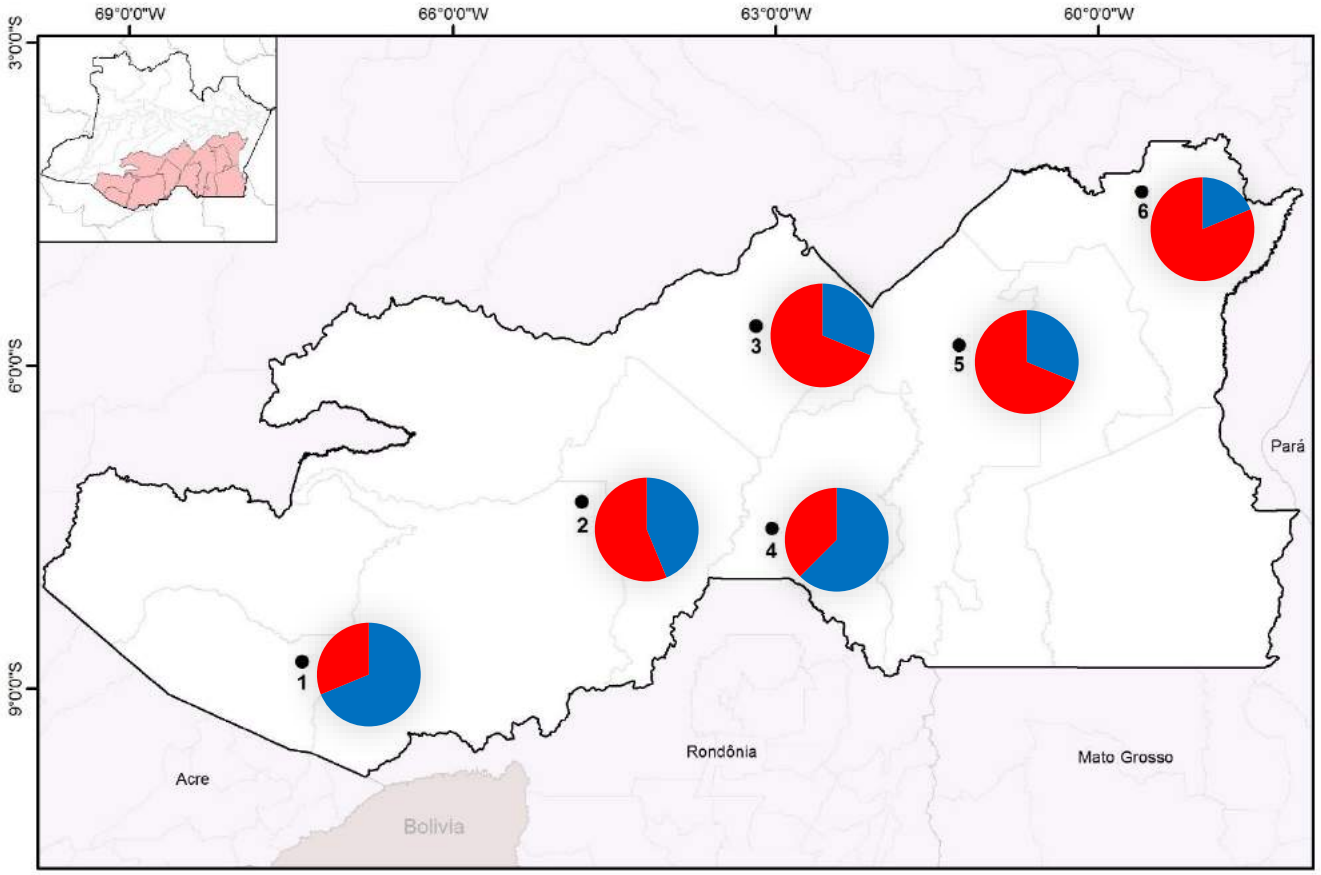

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 001, 107

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S007b – Ditongo /ej/ precedendo fricativa alveopalatal**

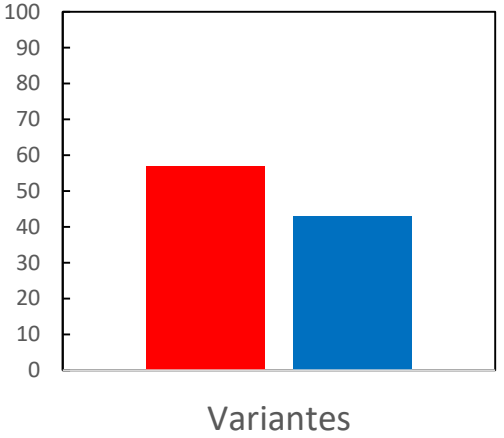



**Legenda**

**[e]**

**[ej]**

**Geral**



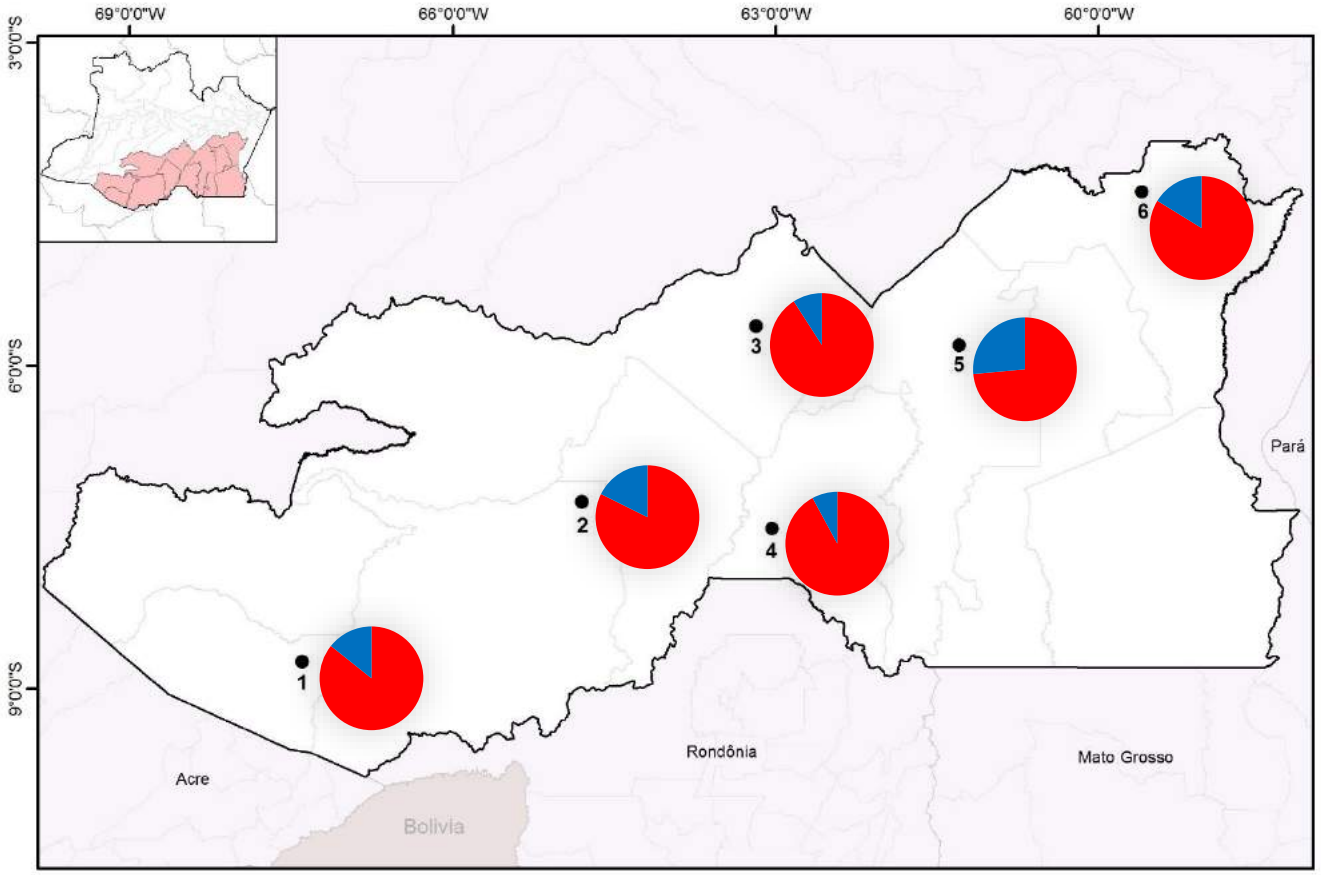

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**Questões do QFF:** 010, 117

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S007c – Ditongo /ej/ nos demais contextos**

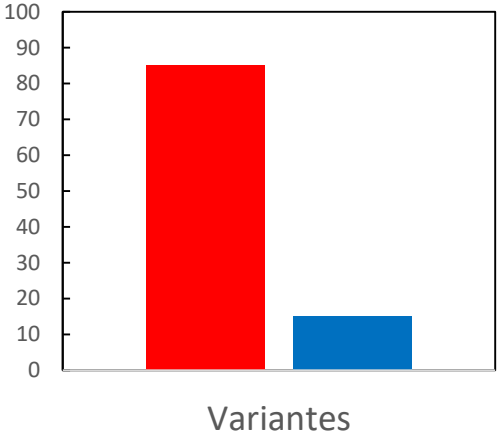



**Legenda**

**[ej]**

**[e]**

**Geral**



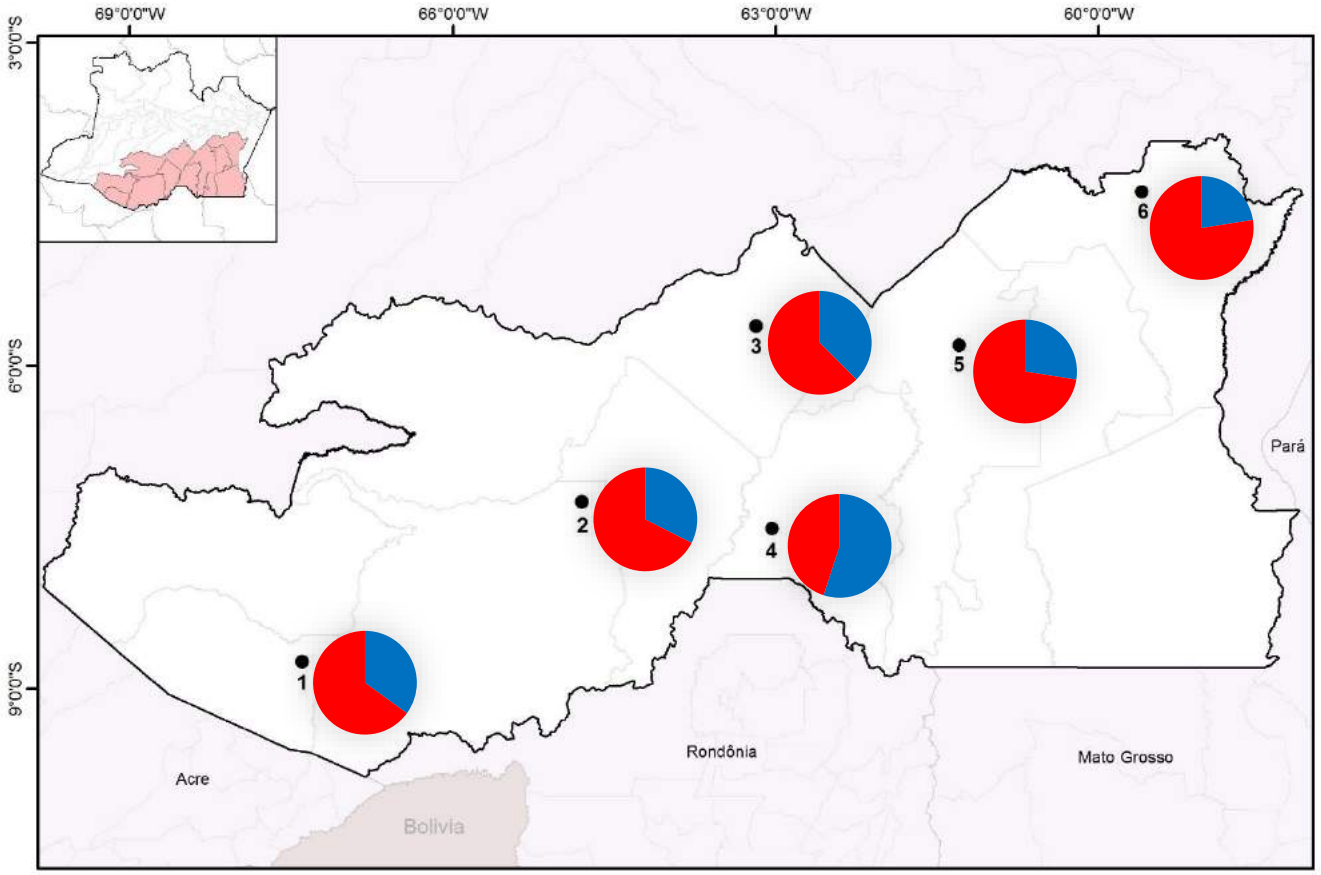

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 008, 009, 022, 026, 051

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S008 – Ditongo /ow/**

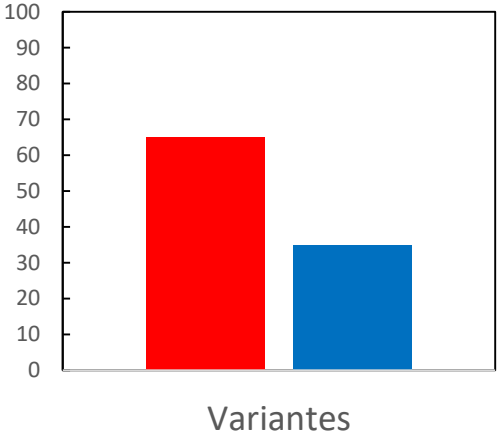



**Legenda**

**[o]**

**[ow]**

**Geral**



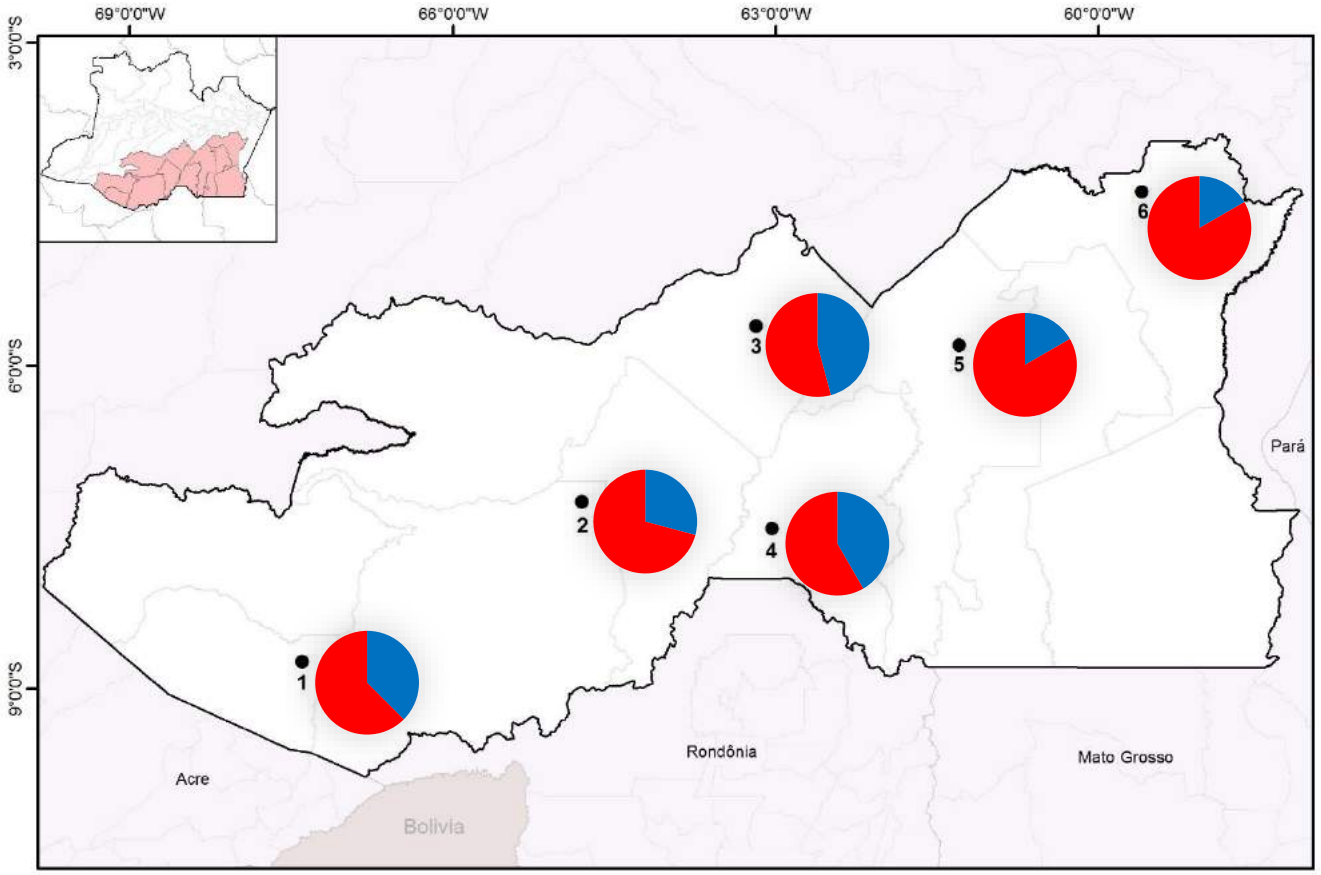

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**Questões do QFF:** 017, 062, 063, 118, 120

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S008a – Ditongo /ow/ em posição medial de vocábulo**

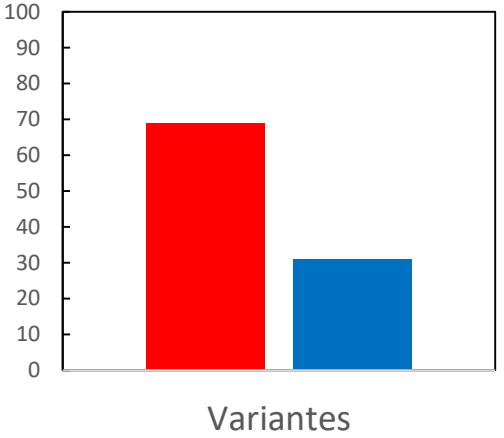



**Legenda**

**[o]**

**[ow]**

**Geral**



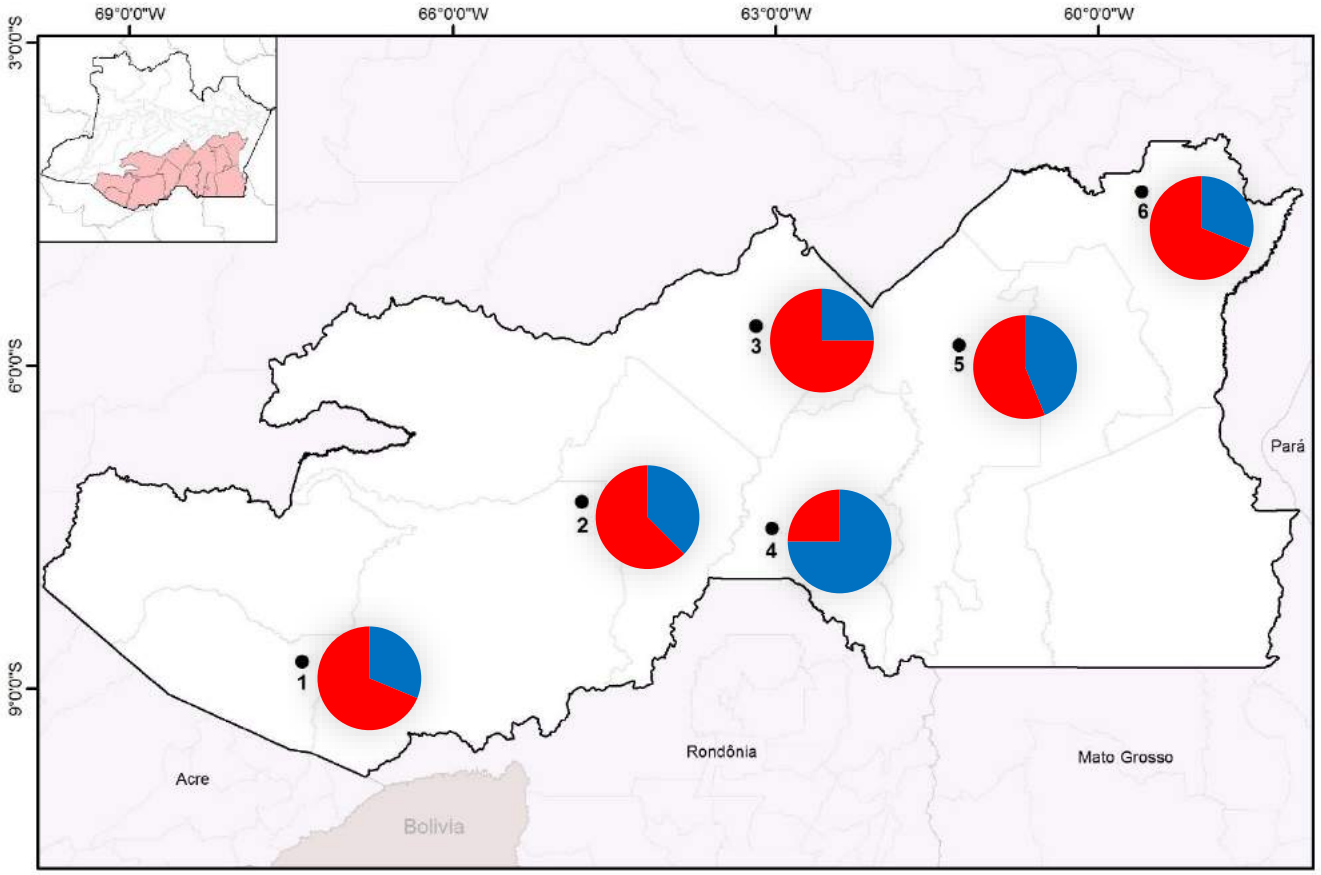

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 017, 062, 063

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S008b – Ditongo /ow/ em posição final de vocábulo**

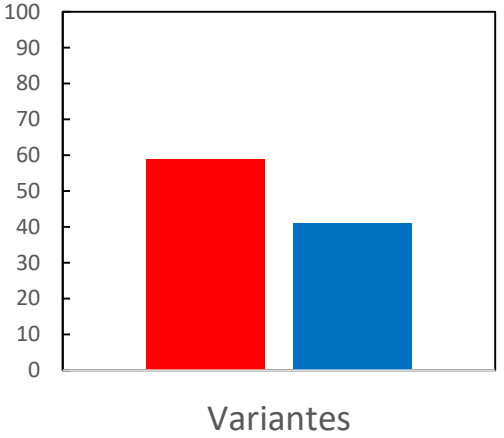



**Legenda**

**[o]**

**[ow]**

**Geral**



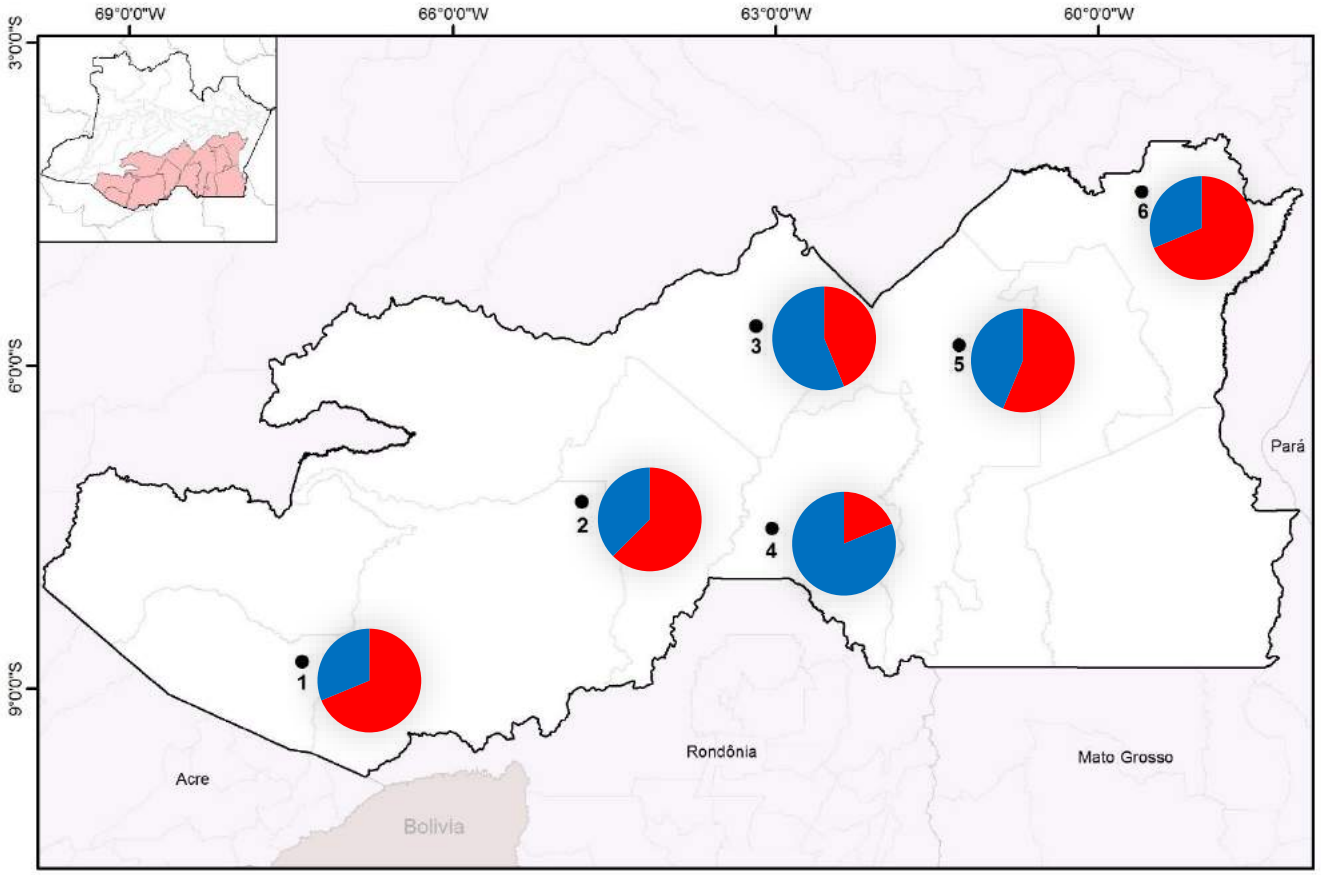

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 118, 120

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S009 – Ditongo /aj/**

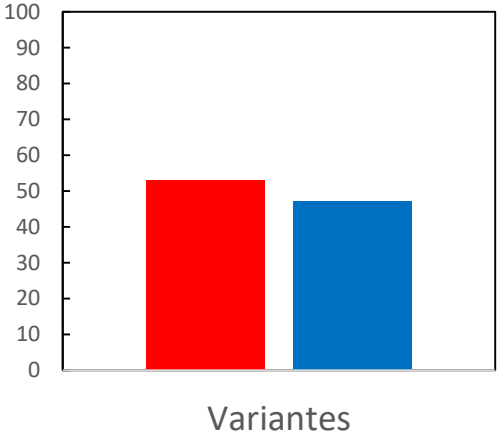



**Legenda**

**[a]**

**[aj]**

**Geral**



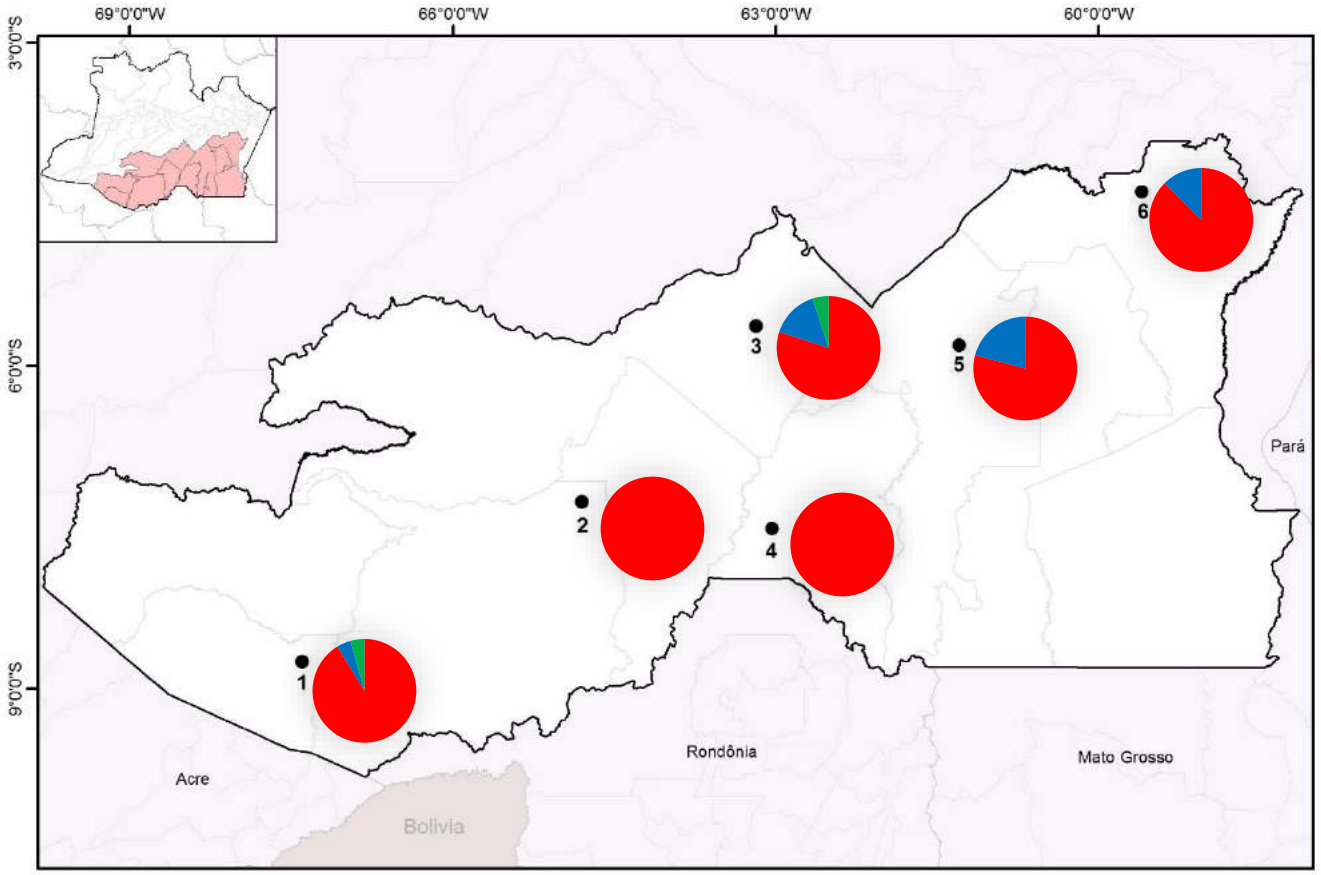

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 122, 123

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S010 – Ditongo crescente final /oj/**



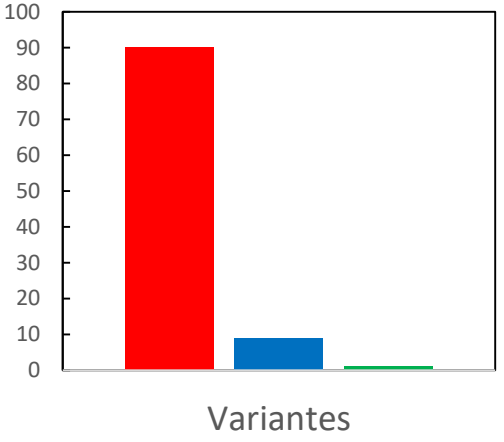

**Legenda**

[jʊ]

[ʊ]

[ɪ]

**Geral**



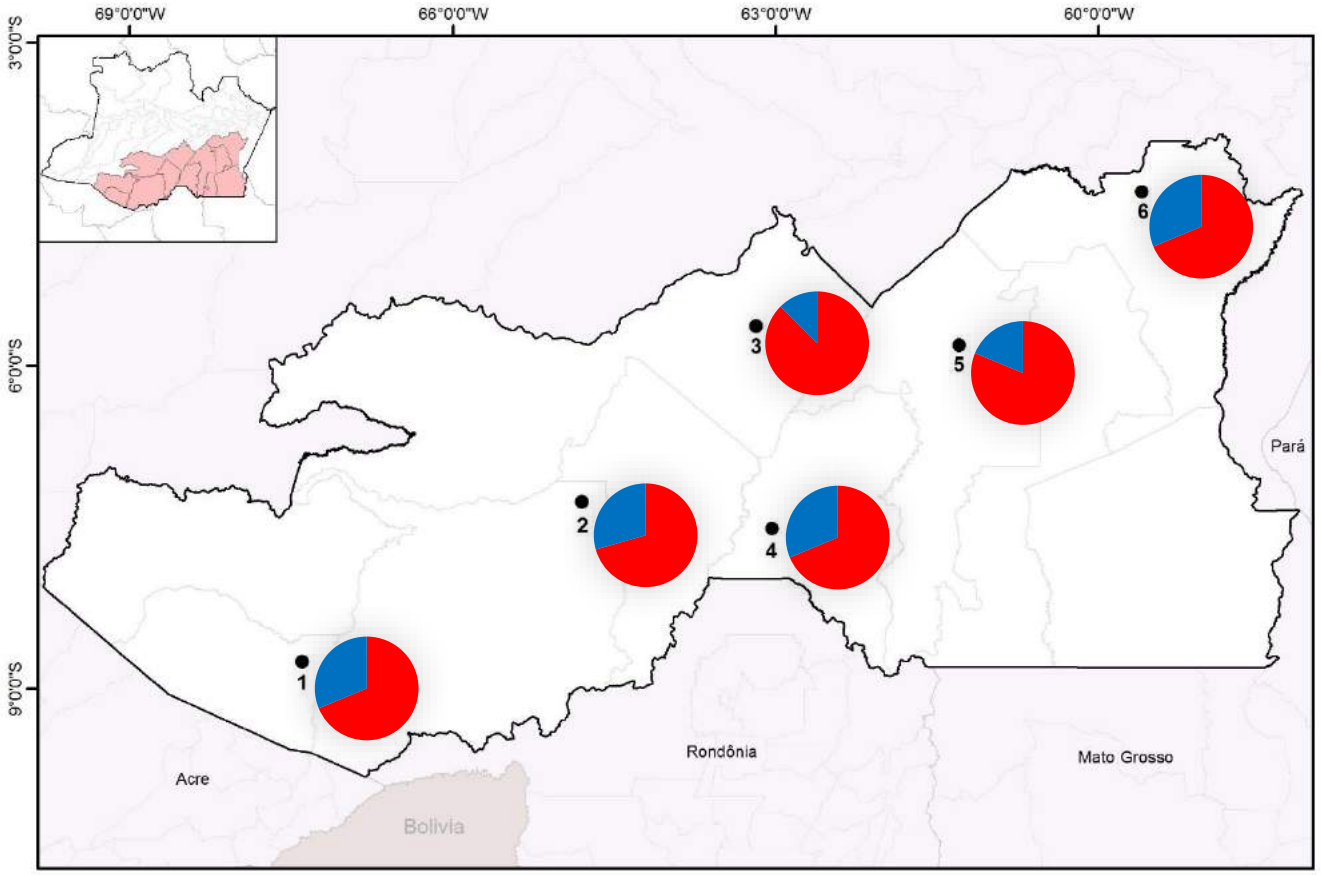

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 088, 104, 112

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S011 – Ditongo nasal final /j̃e/**

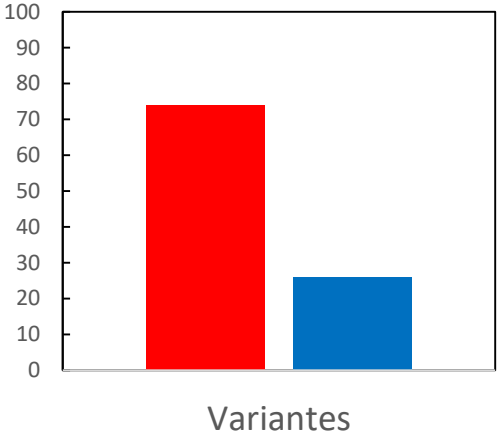



**Legenda**

[ẽj]

[ɪ]

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 030, 111

# CARTA SÍNTESE S012

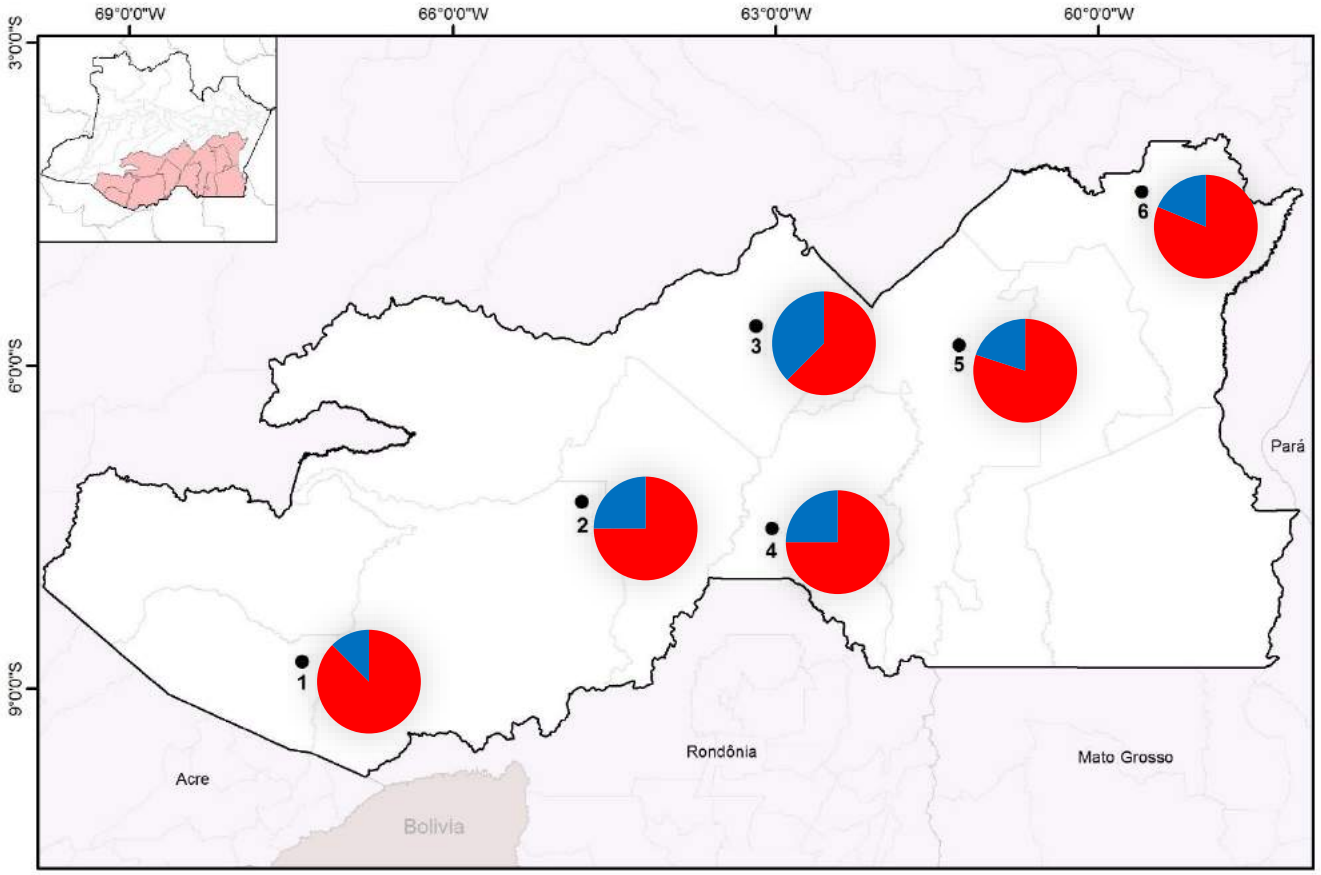
# HIATO EM POSIÇÃO MEDIAL DE VOCÁBULO

**NOTAS:**

1. As palavras consideradas são c**oa**dor (QFF 040) e r**ui**m (QFF 080), que podem ser pronunciadas com ditongo [kwaˈdoh], [ˈhũ̯j] ou preservar o hiato [kuaˈdoh], [hũˈĩ], [huˈĩ].

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S012 – Hiato em posição medial de vocábulo**

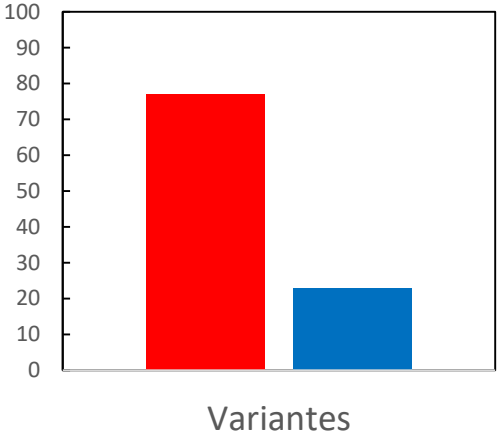



**Legenda**

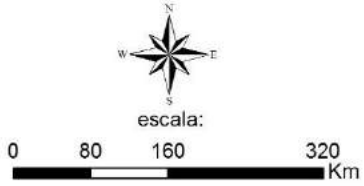
**Hiato**

**Ditongo**

**Geral**



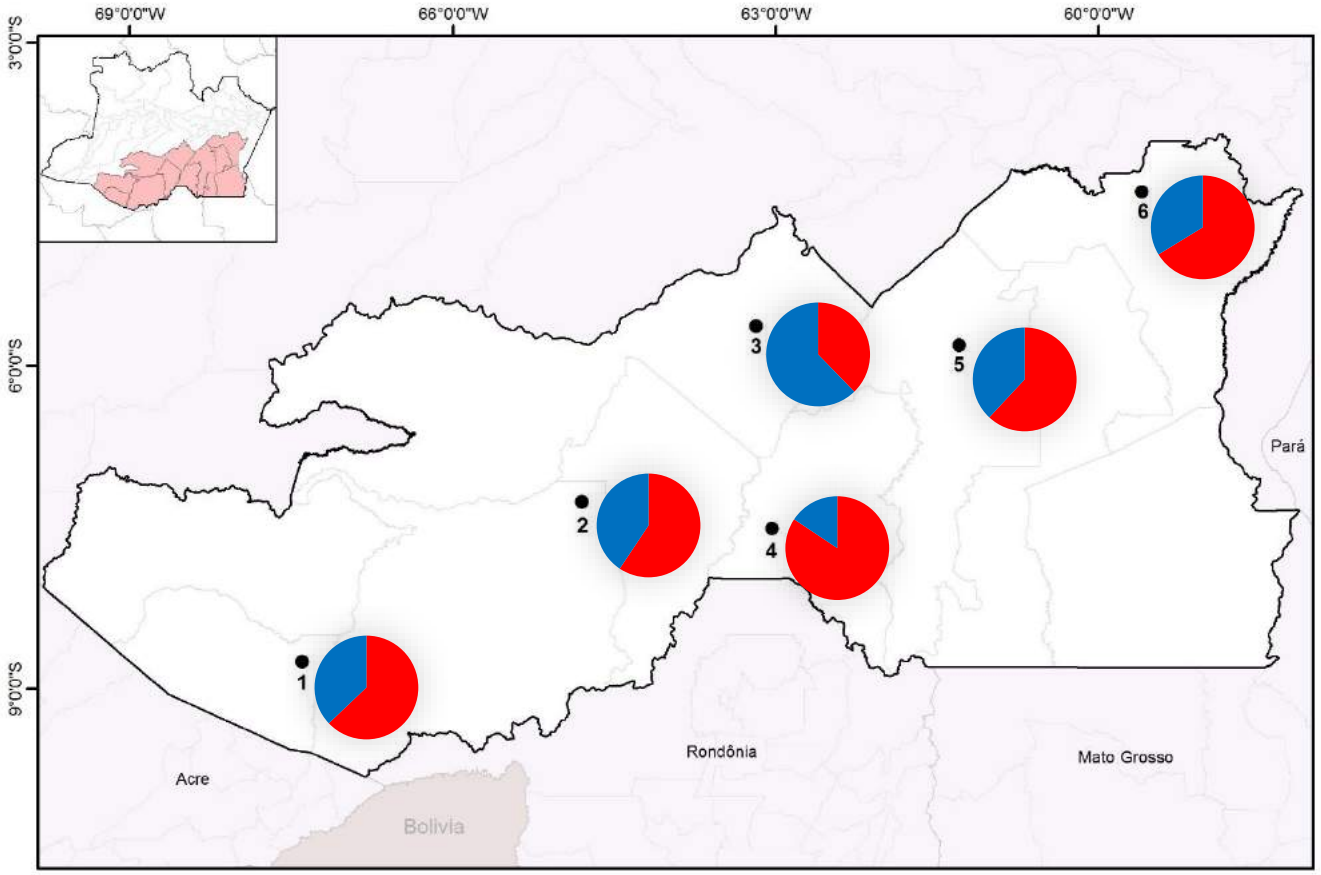

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**Questões do QFF:** 040, 080

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S013 - /R/ em coda silábica**

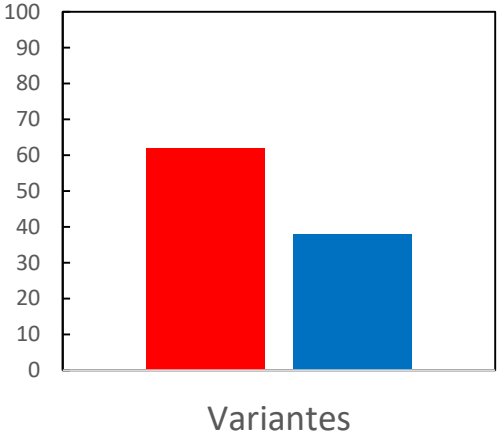



**Legenda**

**Presença de /R/**

**Ausência de /R/**

**Geral**



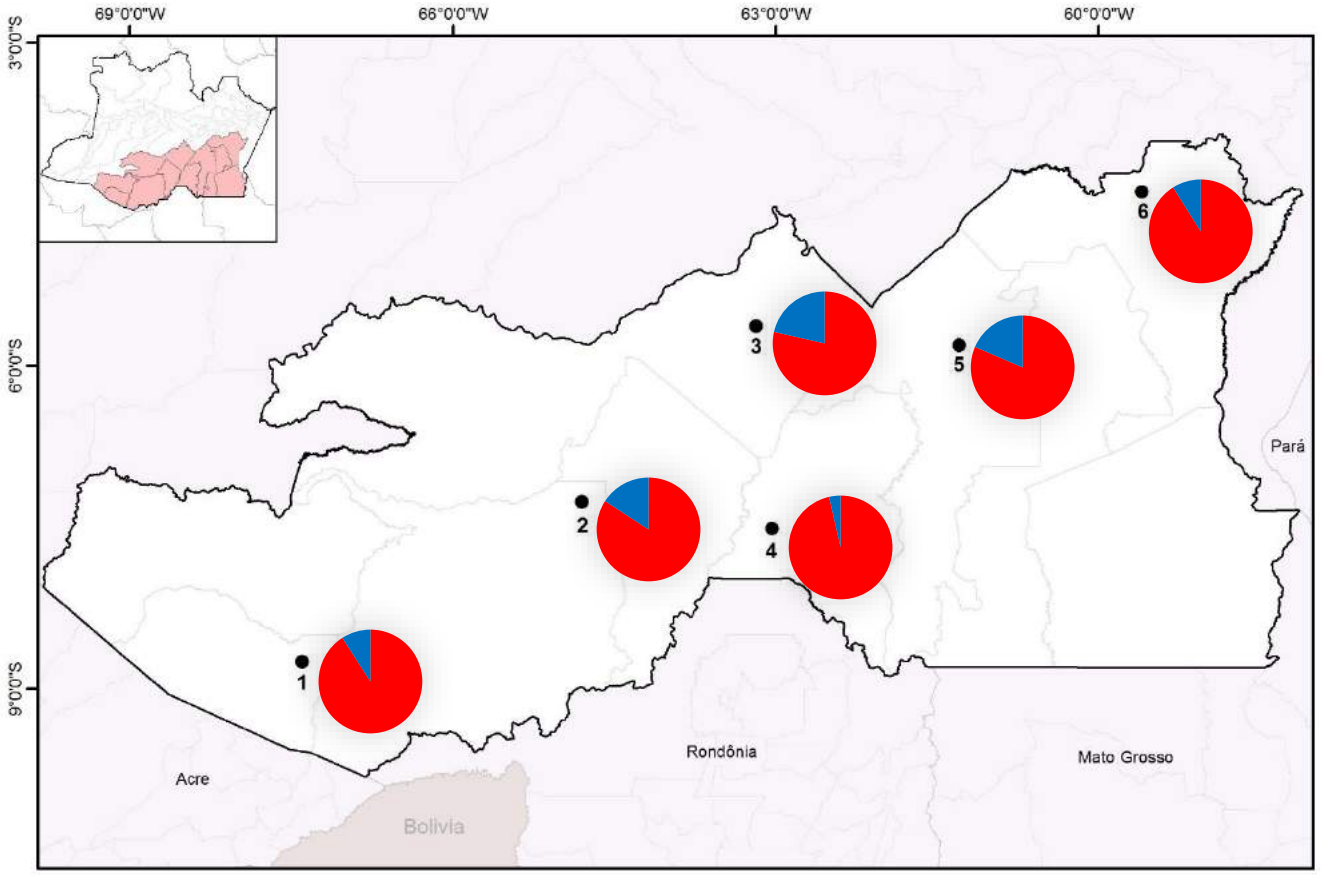

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 019, 020, 021, 026, 029, 030, 035, 040, 052, 053, 083, 089, 102, 108, 109, 111, 112, 114, 116, 125

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S013a - /R/ em coda silábica em posição medial de vocábulo**

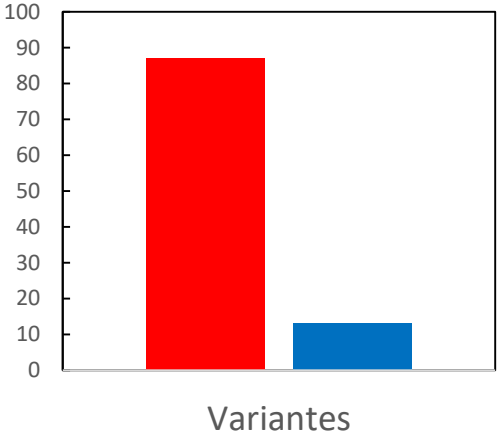



**Legenda**

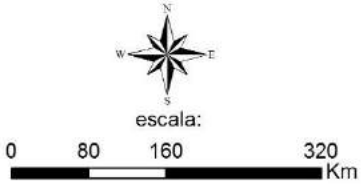
**Presença de /R/**

**Ausência de /R/**

**Geral**



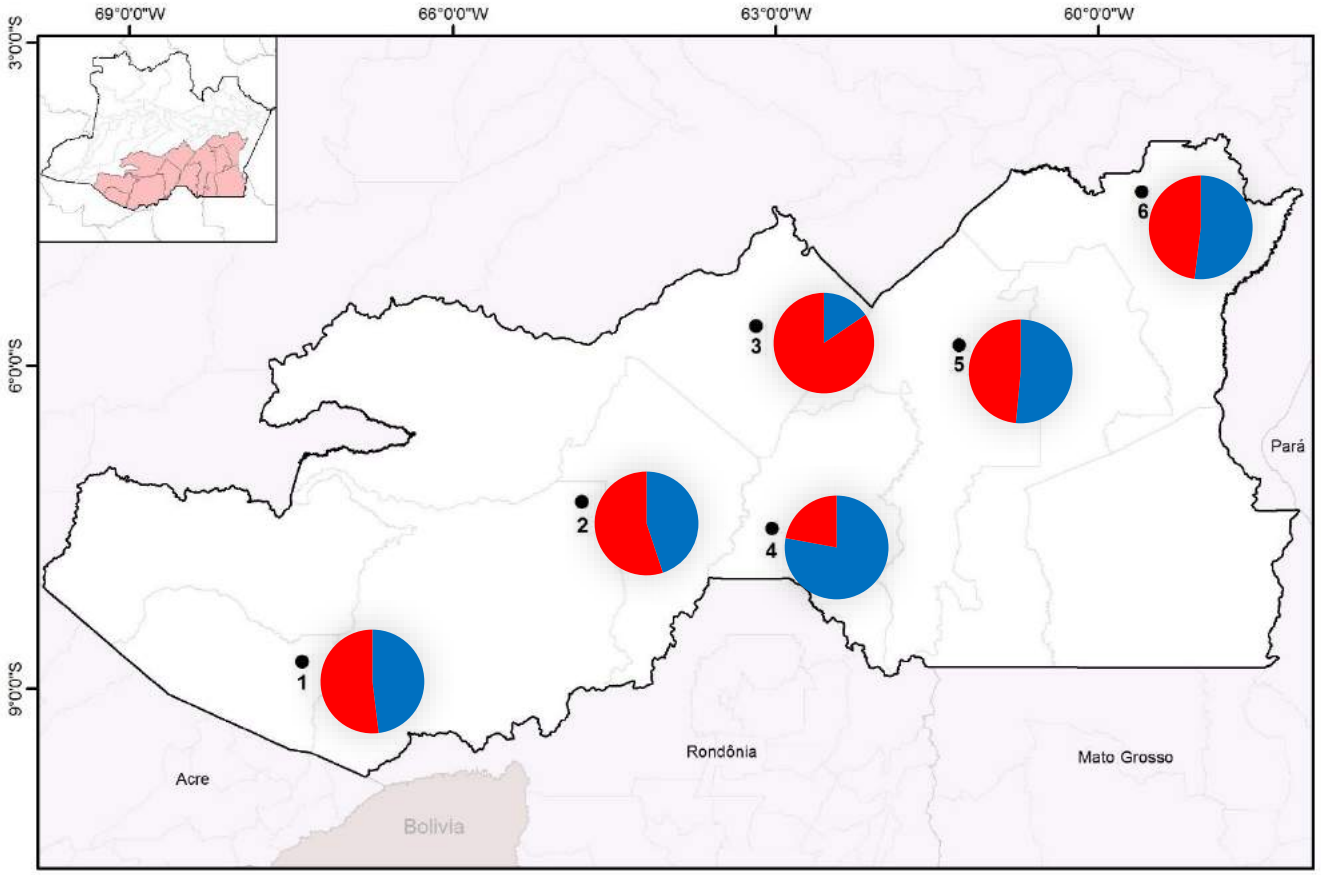

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**Questões do QFF:** 020, 021, 029, 030, 108, 109, 112

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S013b - /R/ em coda silábica em posição final de vocábulo**

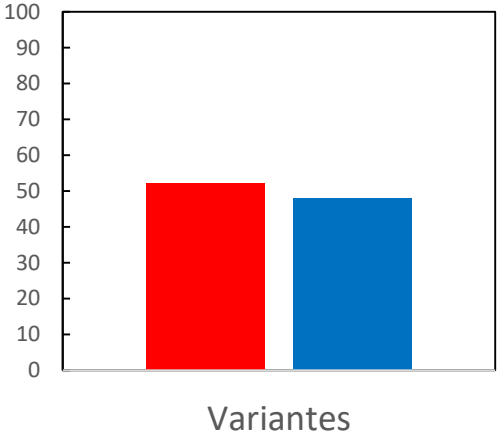



**Legenda**

**Ausência de /R/**

**Presença de /R/**

**Geral**



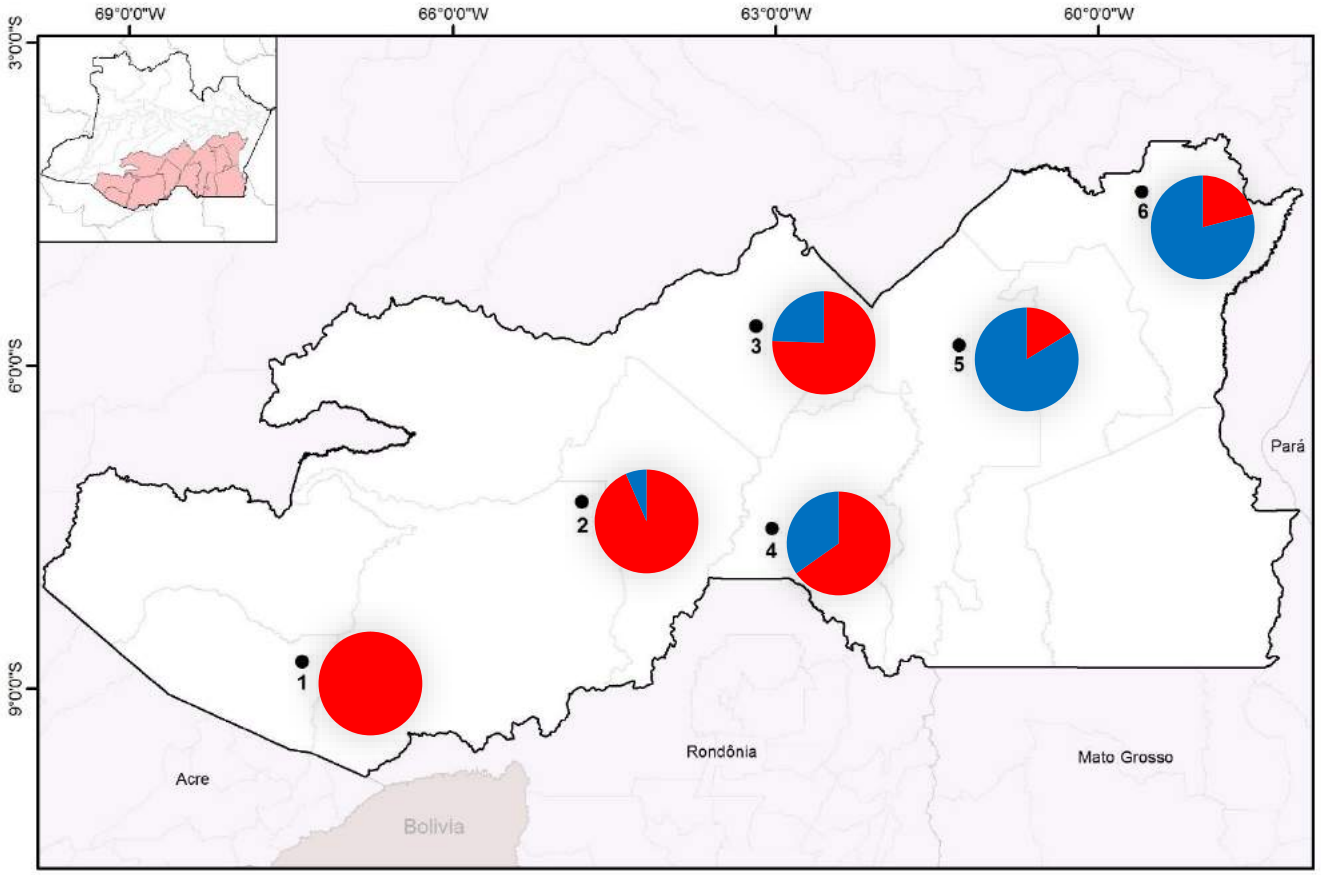

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 019, 026, 035, 040, 052, 053, 083, 089, 102, 111, 114, 116, 125

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S014 – Lateral precedendo vogal anterior alta [i]**

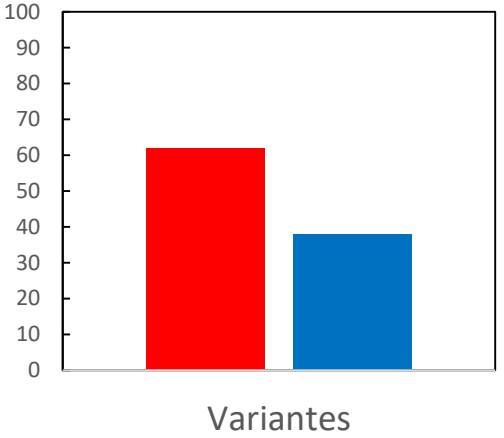



**Legenda**

[l]

[ʎ]

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

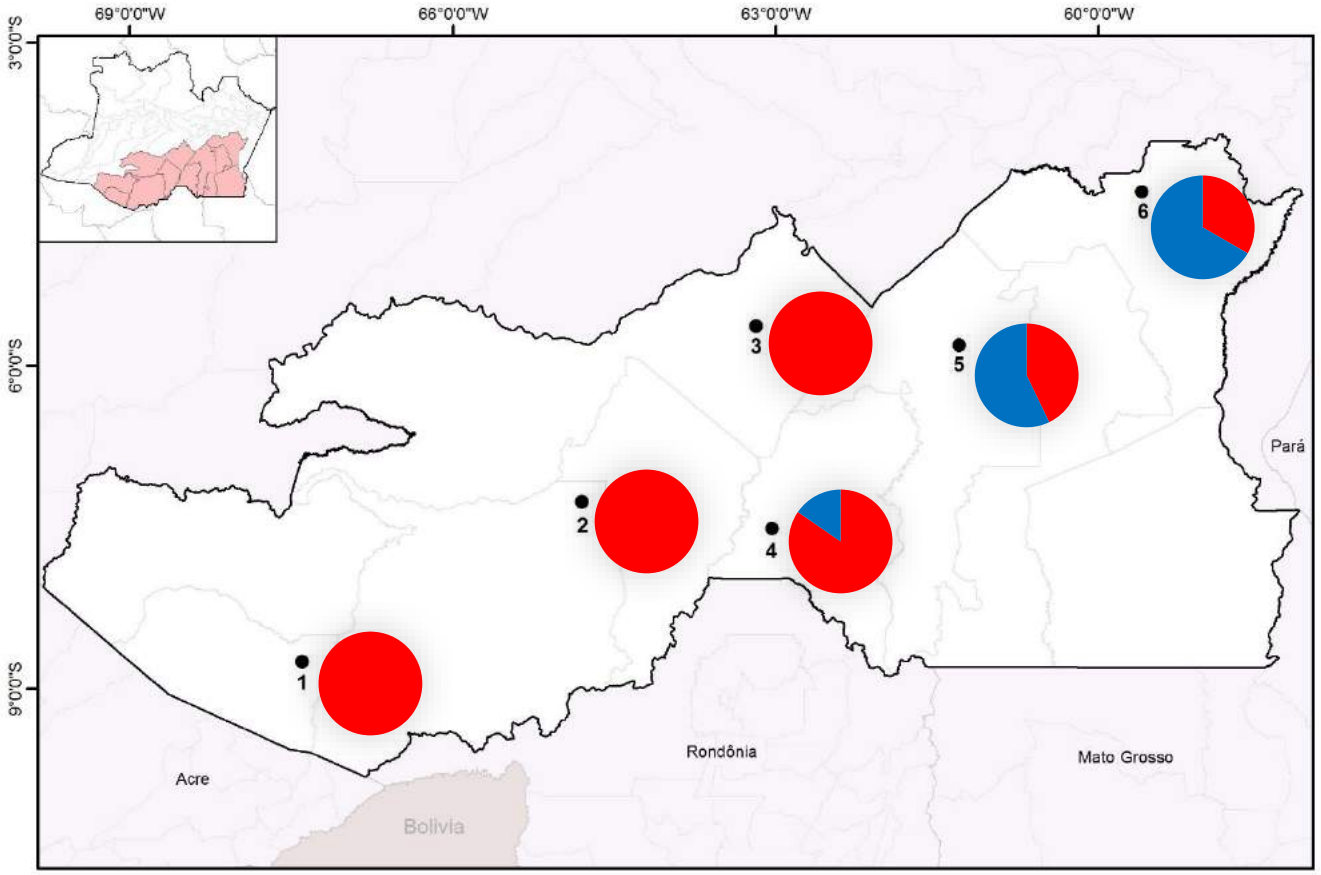
escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 047, 113, 114, 119

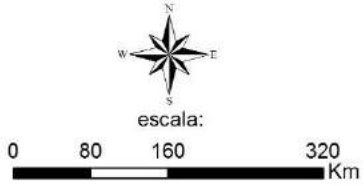
**Questão do QSL**: 028

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S014a – Lateral precedendo vogal anterior alta [i] e sucedendo consoante sem palatalização**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



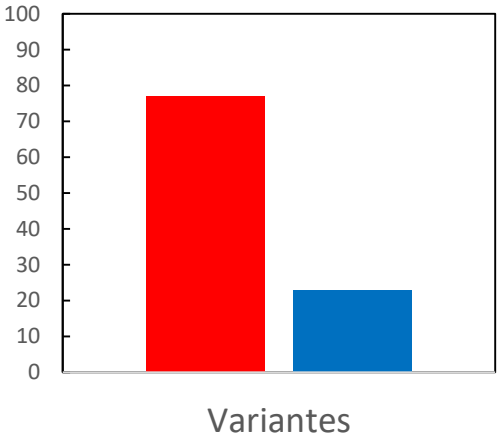

**Questão do QFF:** 047 (ocorrências alveolares de /S/ nos vocábulos *desligo*, *desliga* e *desligada*)

**Legenda**

[l]

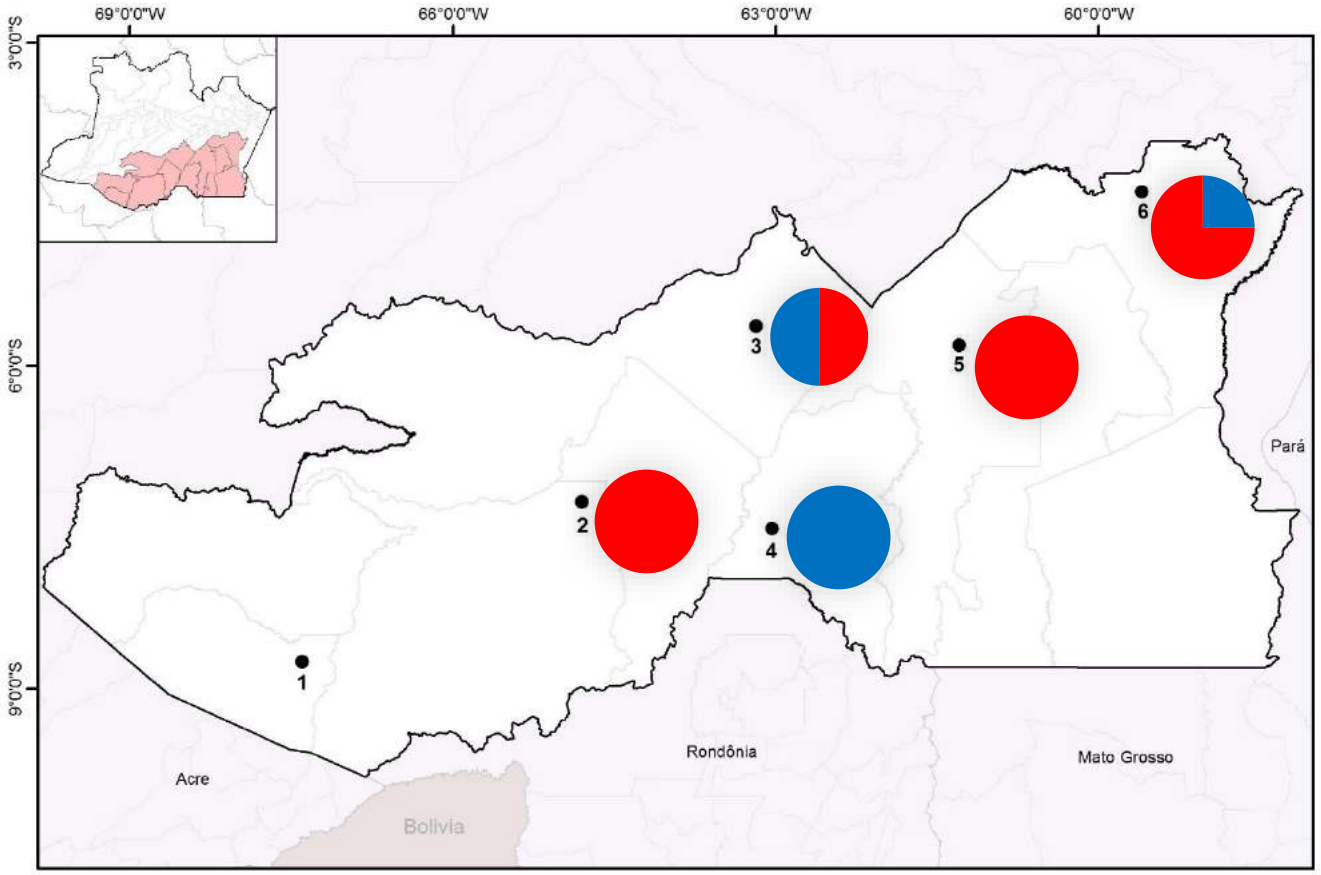
[ʎ]

**Geral**



# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S014b – Lateral precedendo vogal anterior alta [i] e sucedendo consoante com palatalização**

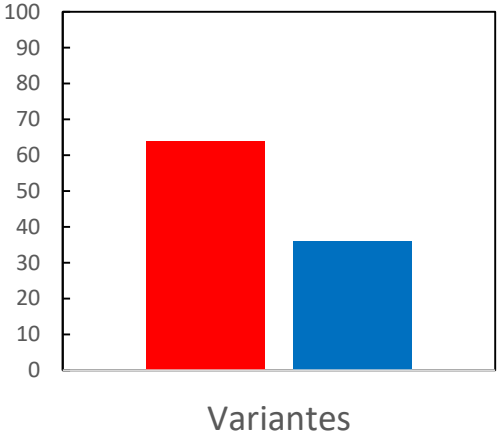



**Legenda**

[ʎ]

[l]

**Geral**



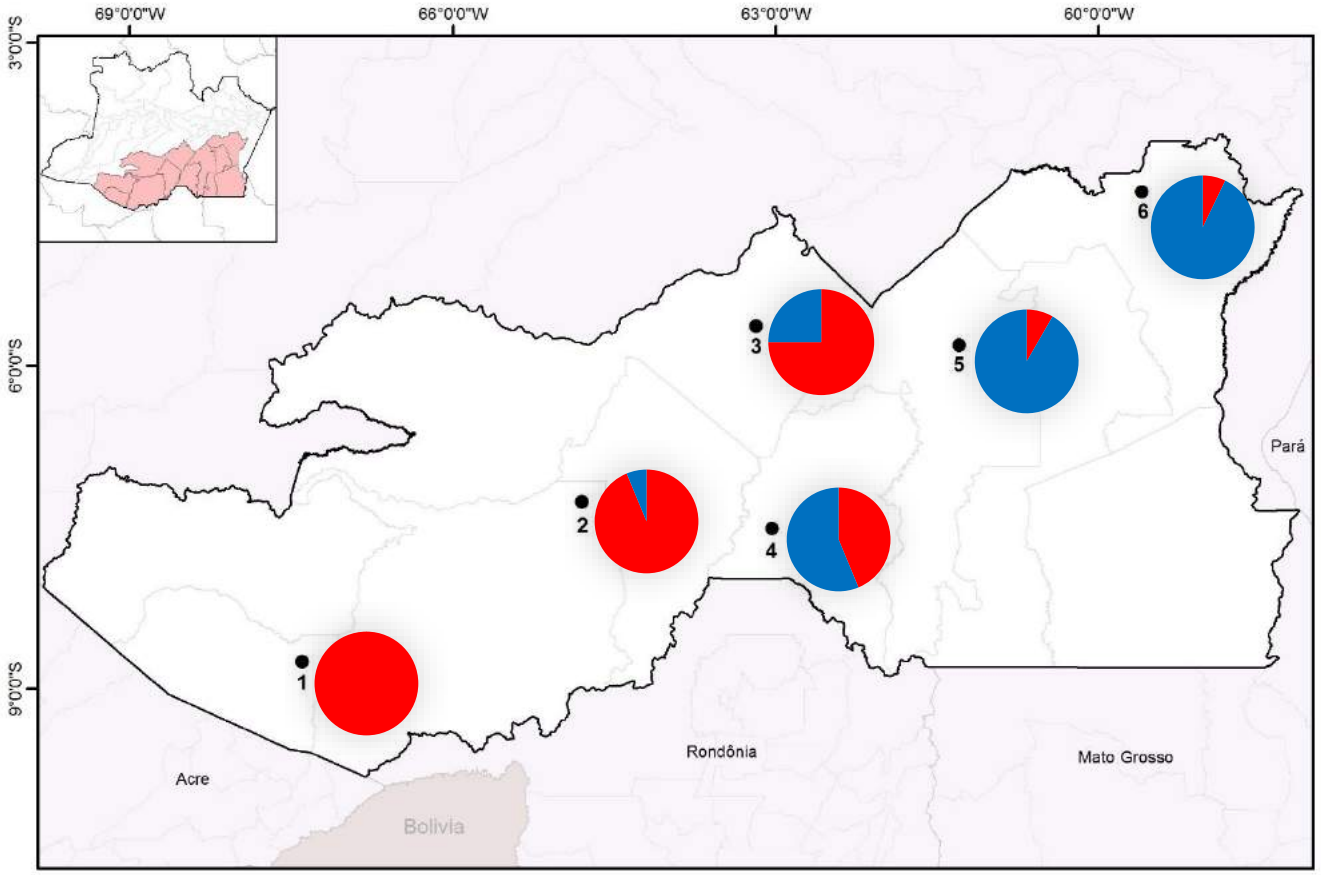

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**Questão do QFF:** 047 (ocorrências palatais de /S/ nos vocábulos *desligo*, *desliga* e *desligada*)

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S014c – Lateral precedendo vogal anterior alta [i] e sucedendo vogal baixa [a]**

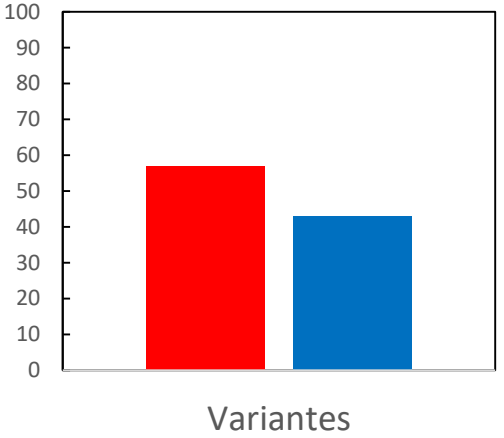



**Legenda**

[l]

[ʎ]

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

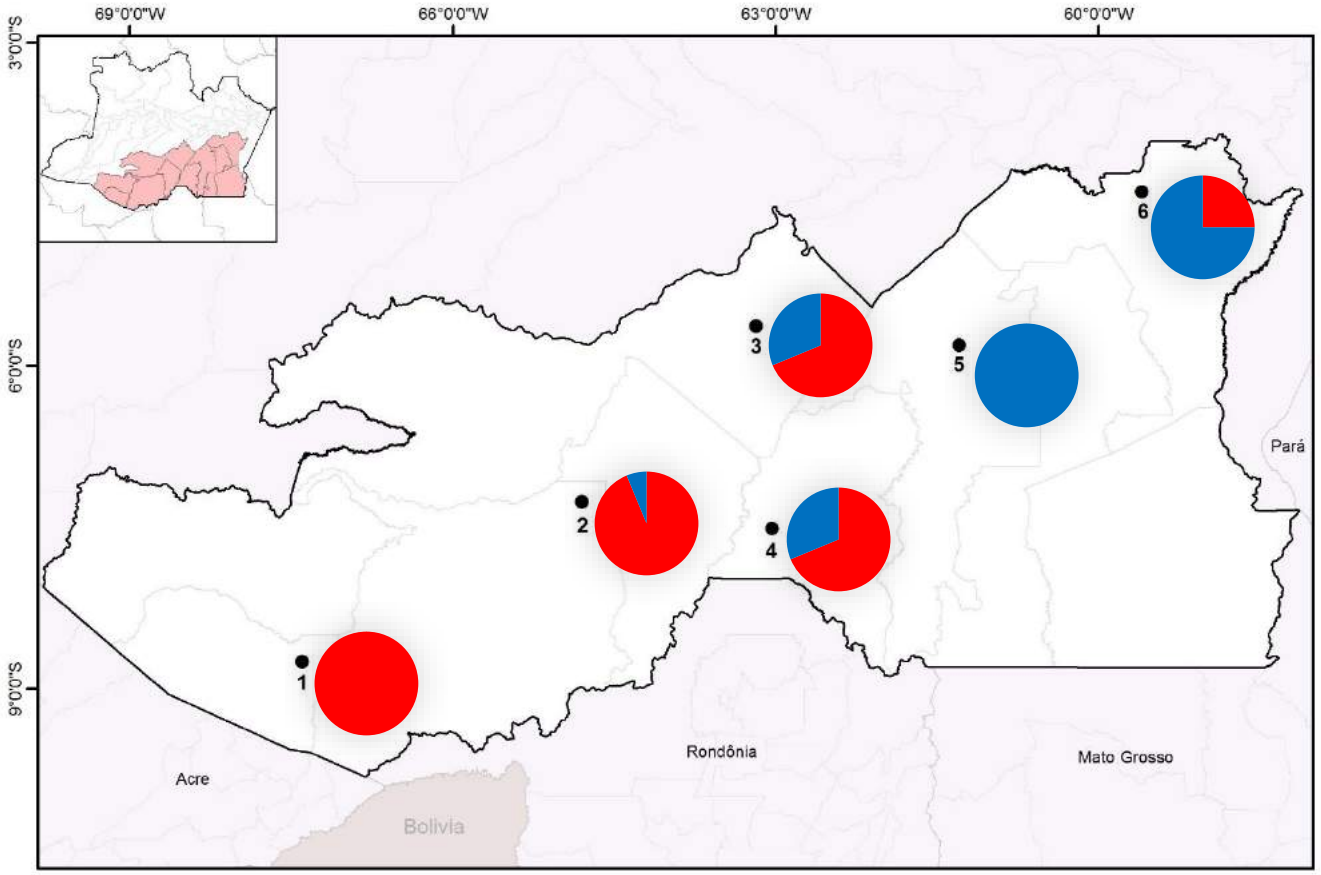
escala:
0 80 160 320
Km

**Questão do QFF:** 119

**Questão do QSL**: 028

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S014d – Lateral precedendo vogal anterior alta [i] em início de vocábulo**

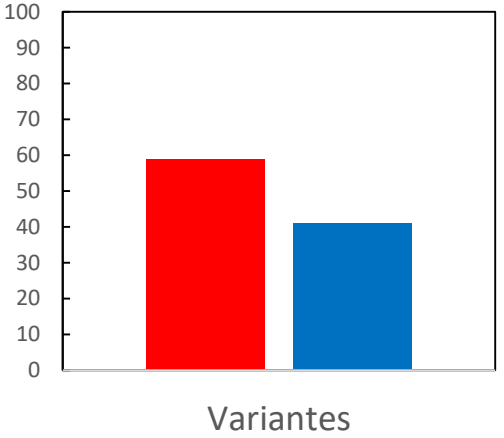



**Legenda**

[l]

[ʎ]

**Geral**



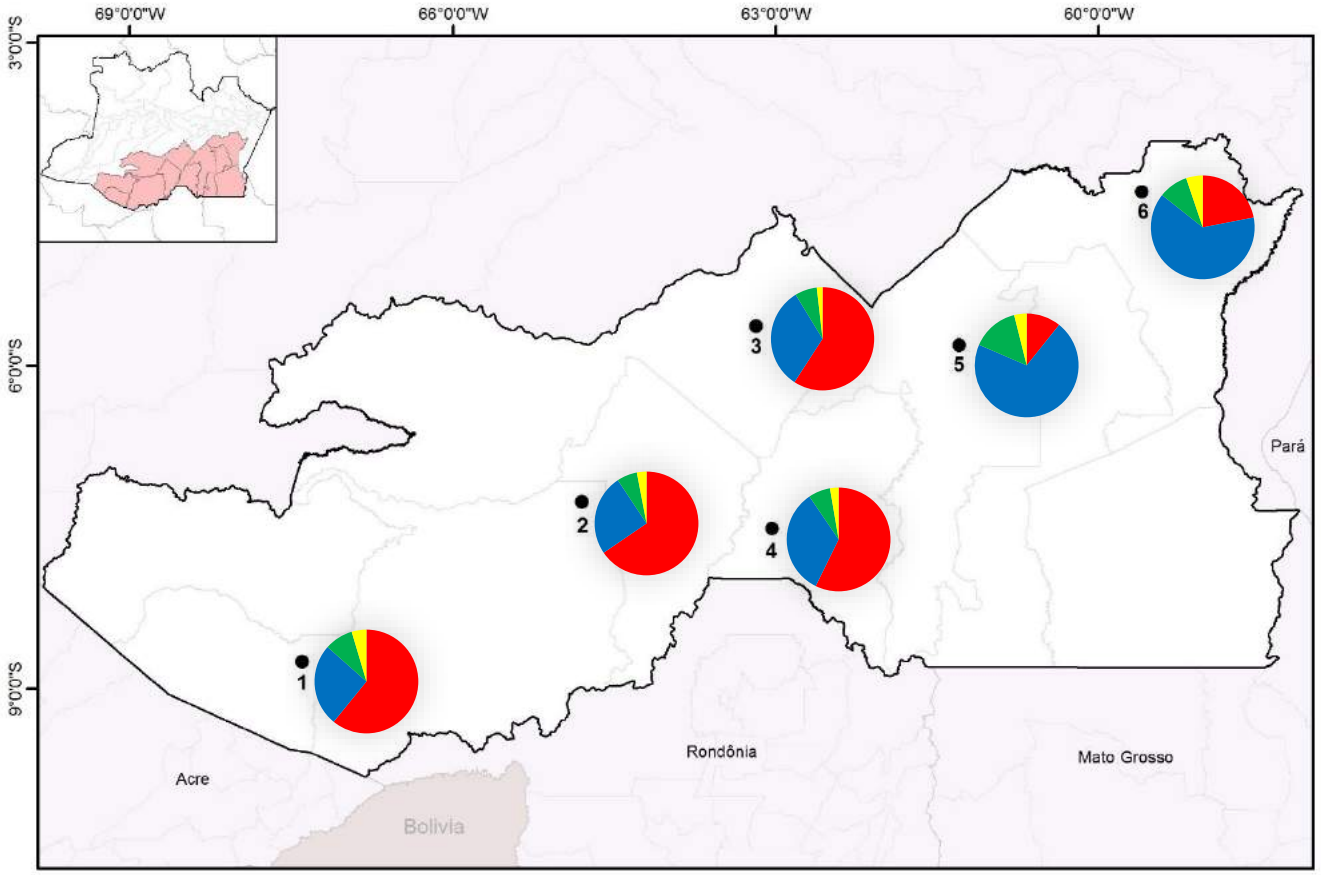

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 113, 114

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

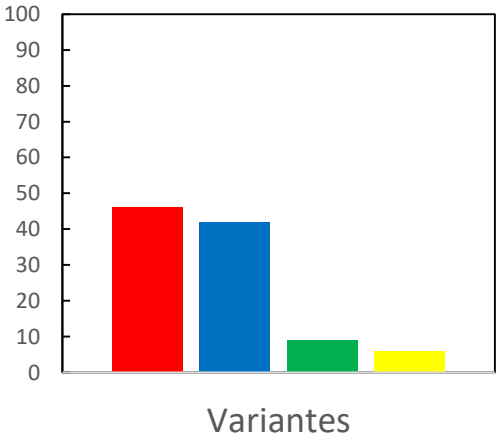
**S015 – /S/ em coda silábica**



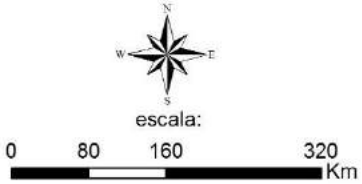

**Legenda**

- [s] e [z]
- [ʃ] e [ʒ]
- [h] e [ɦ]
- **Zero fonético**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

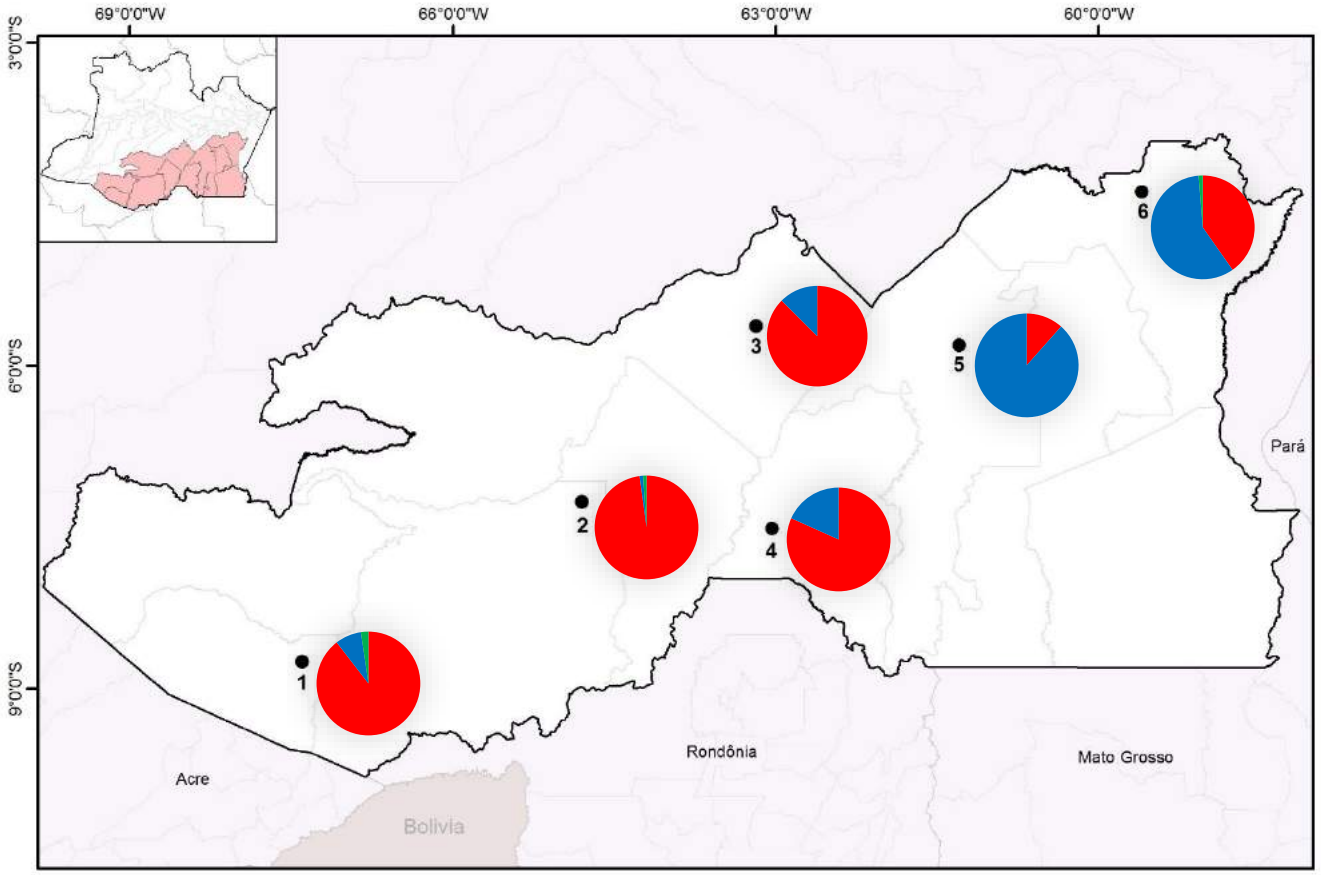



**Questões do QFF:** 011, 012, 014, 015, 016, 028, 041, 043, 047, 048, 049, 050, 051, 052, 053, 054, 060, 061, 070, 071, 073, 074, 079, 085, 093, 100, 111, 115

**Questões do QSL**: 018, 022, 061, 067, 074, 086, 112b, 146, 151, 154, 166, 183, 202, 214, 231, 248, 254, 259

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S015a – /S/ em coda silábica precedendo oclusivas e fricativas surdas [p,f,k]**



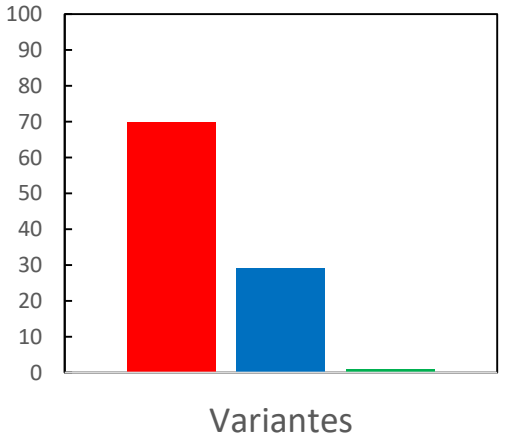

**Legenda**

[s]

[ʃ]

**Zero fonético**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

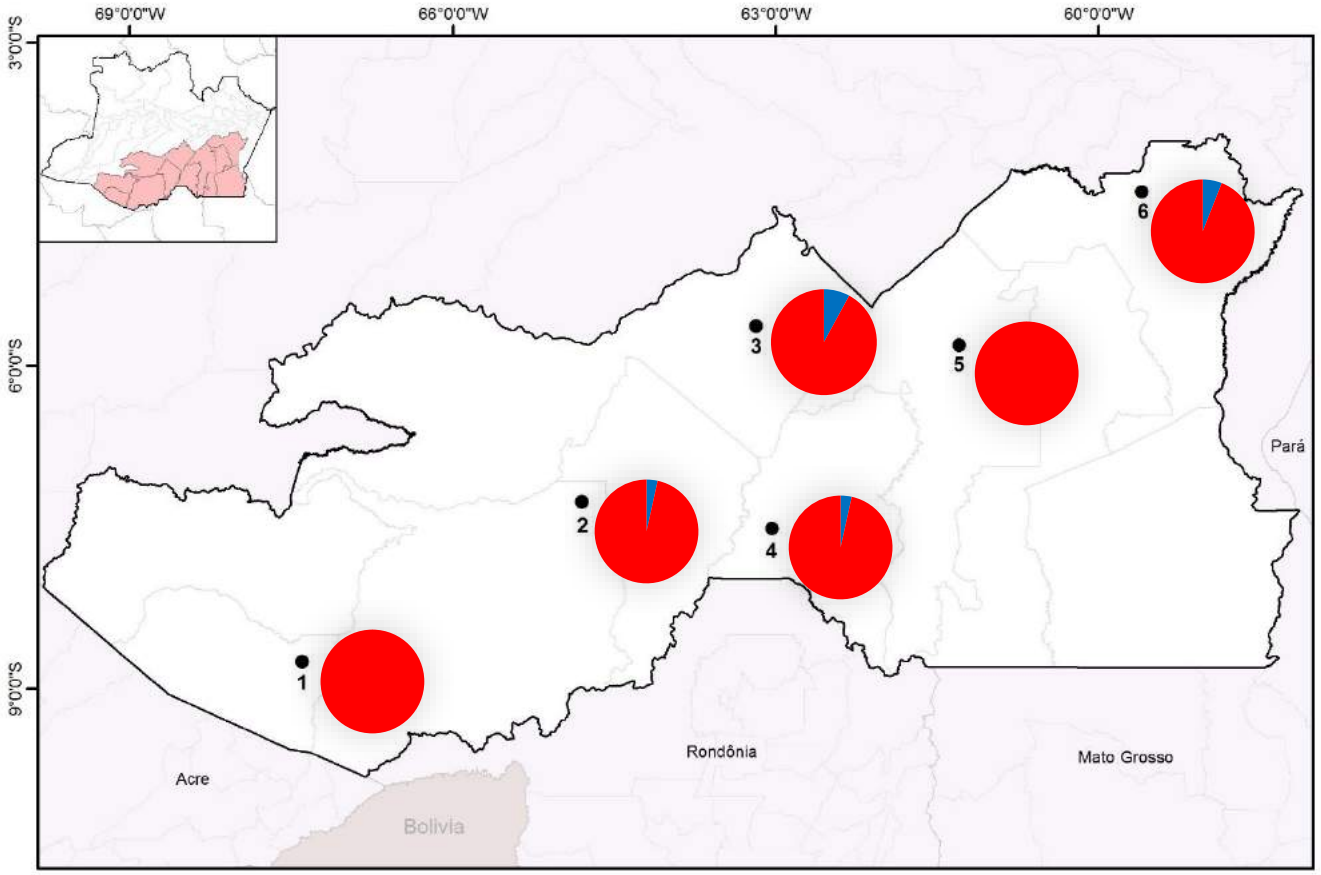
escala:
0 80 160 320 Km

**Questões do QFF:** 014, 015, 052, 053, 070, 100, 115

**Questões do QSL**: 086, 183, 214, 231, 259

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S015b – /S/ em coda silábica precedendo oclusiva dental surda [t]**

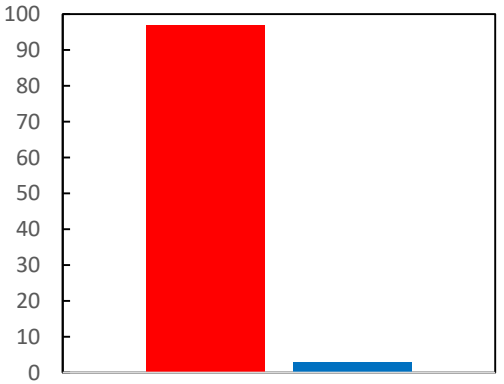



**Legenda**

[ʃ]

[s]

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

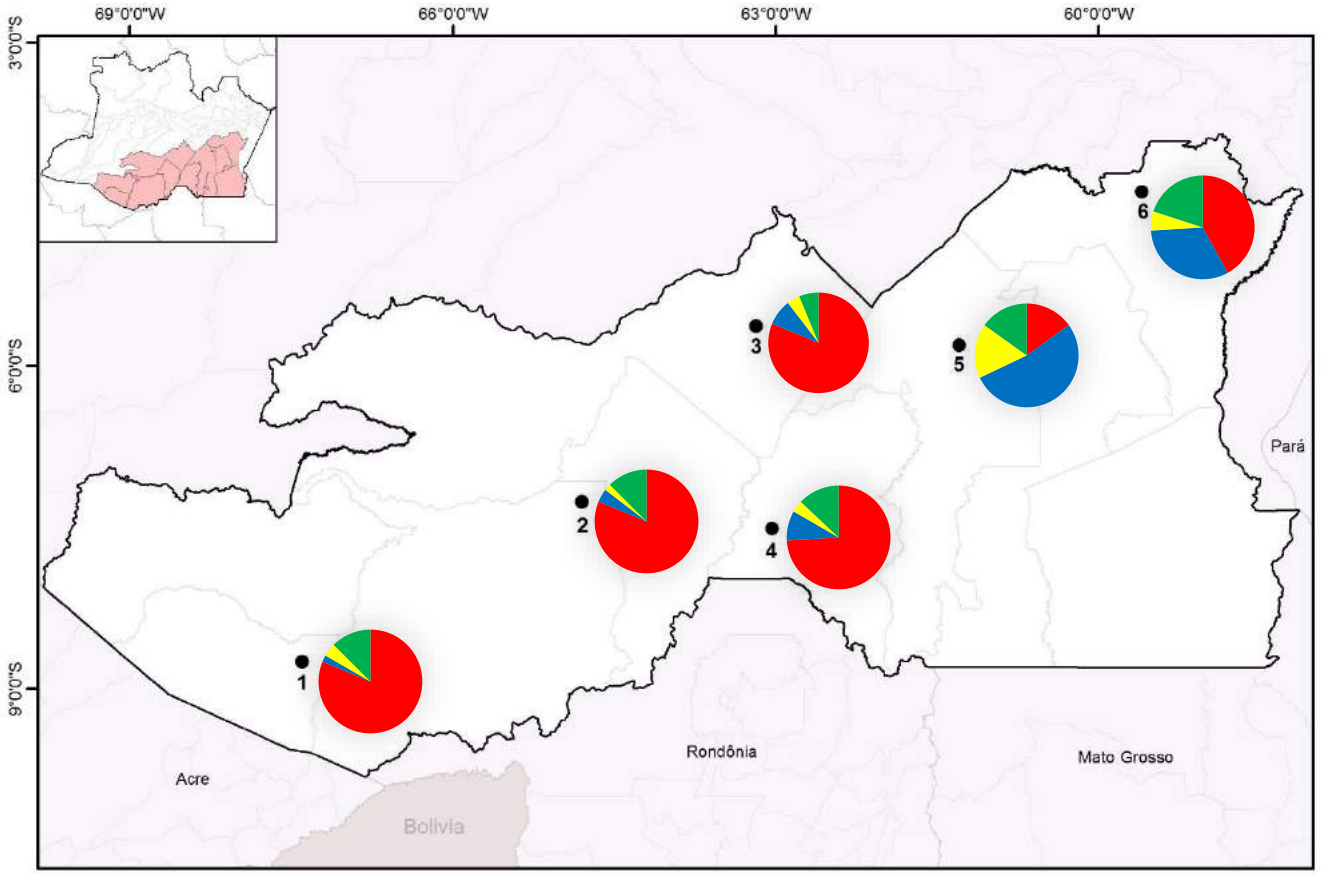
escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 011

**Questões do QSL**: 022, 061, 112b, 146, 154, 202, 248, 254

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

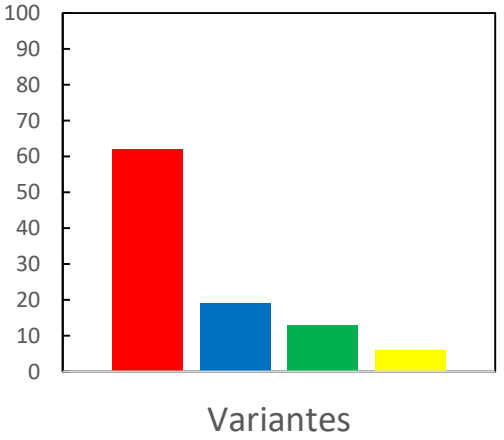
**S015c – /S/ em coda silábica precedendo oclusivas e fricativas sonoras [b,d,h,g]**




**Legenda**

- [z]
- [ʒ]
- **Zero fonético**
- [ɦ]

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

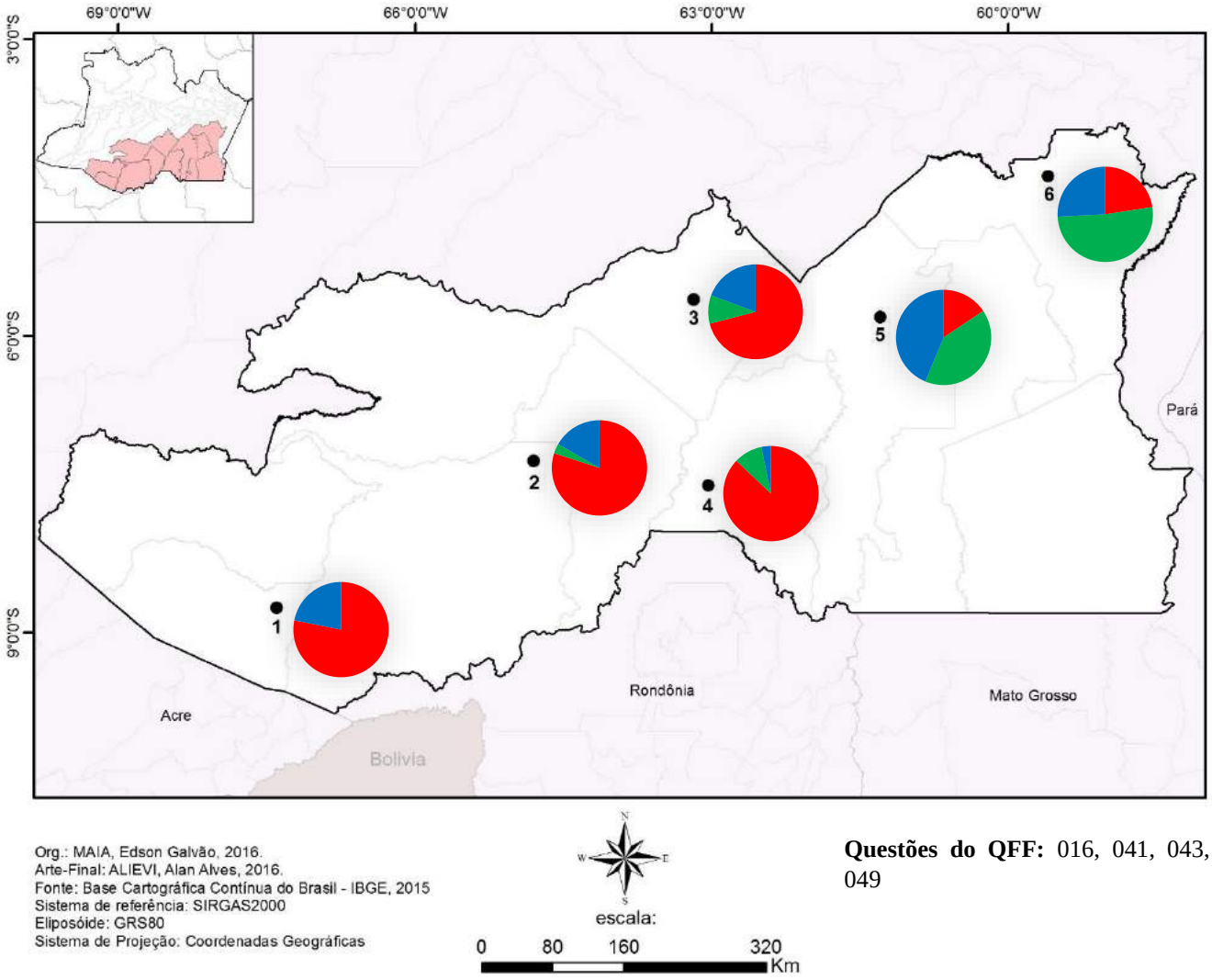
escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 012, 048, 050, 051, 054, 111

**Questões do QSL**: 074, 151

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S015d – /S/ em coda silábica precedendo nasal bilabial [m]**

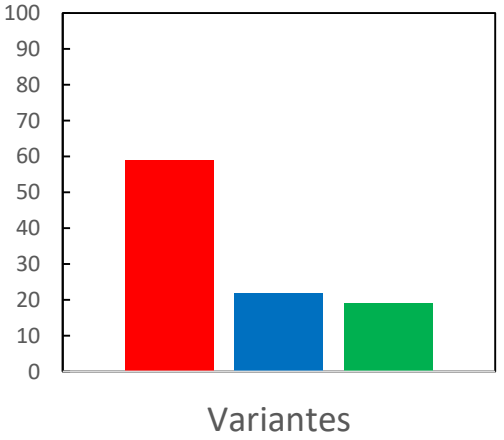



Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

**Legenda**

[z]
[ɦ]
[ʒ]

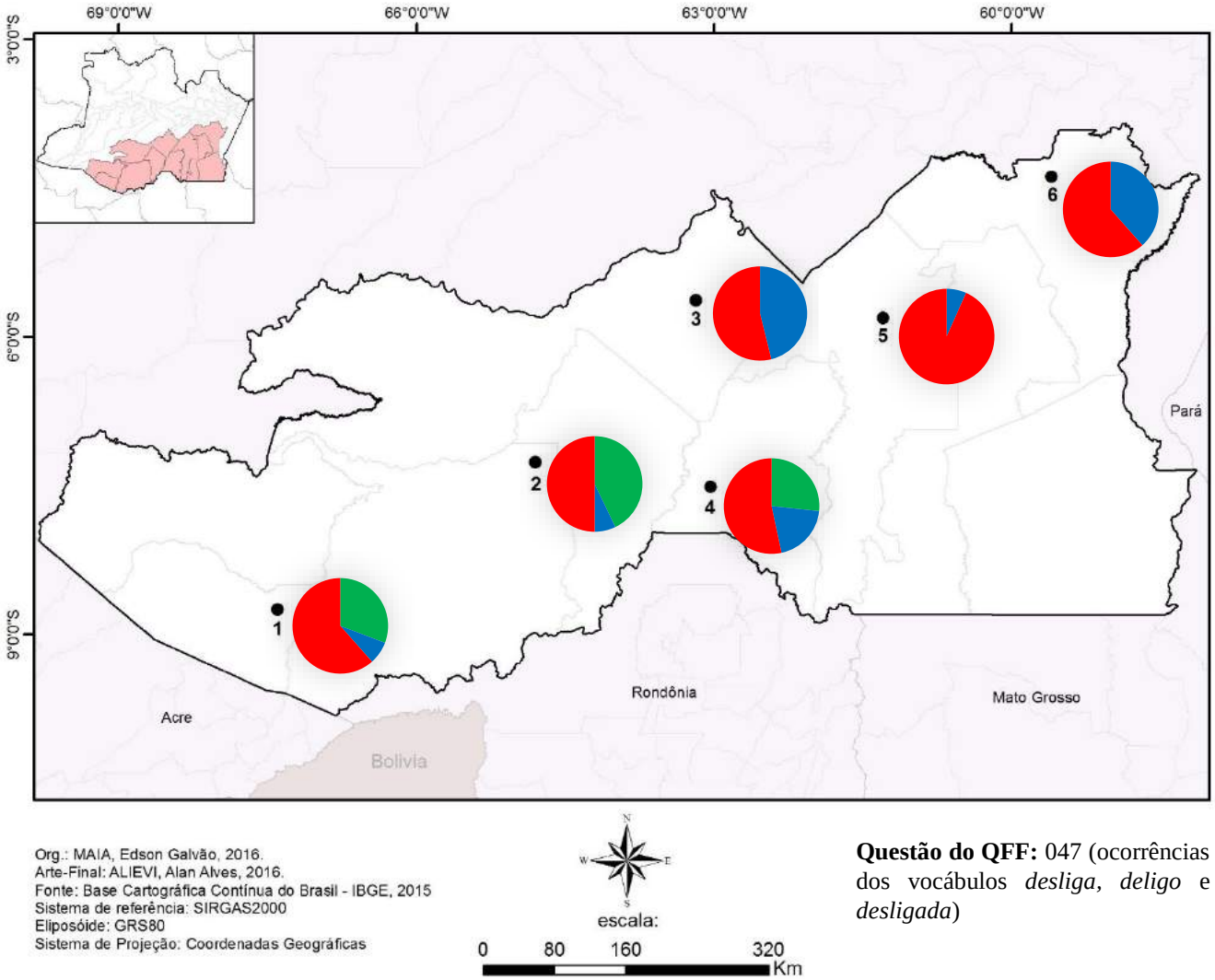
**Geral**




**Questões do QFF:** 016, 041, 043, 049

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S015e – /S/ em coda silábica precedendo laterais [ʎ ,l]**



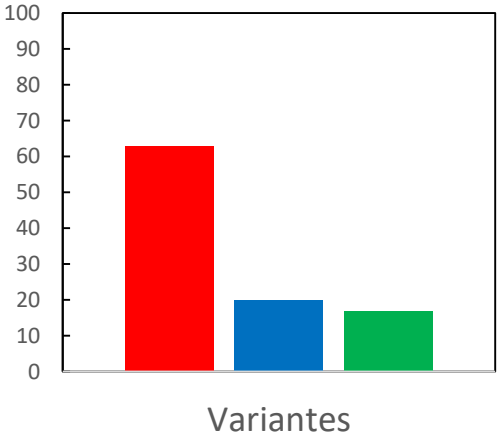

**Legenda**

[ɦ]

[ʒ]

[z]

**Geral**



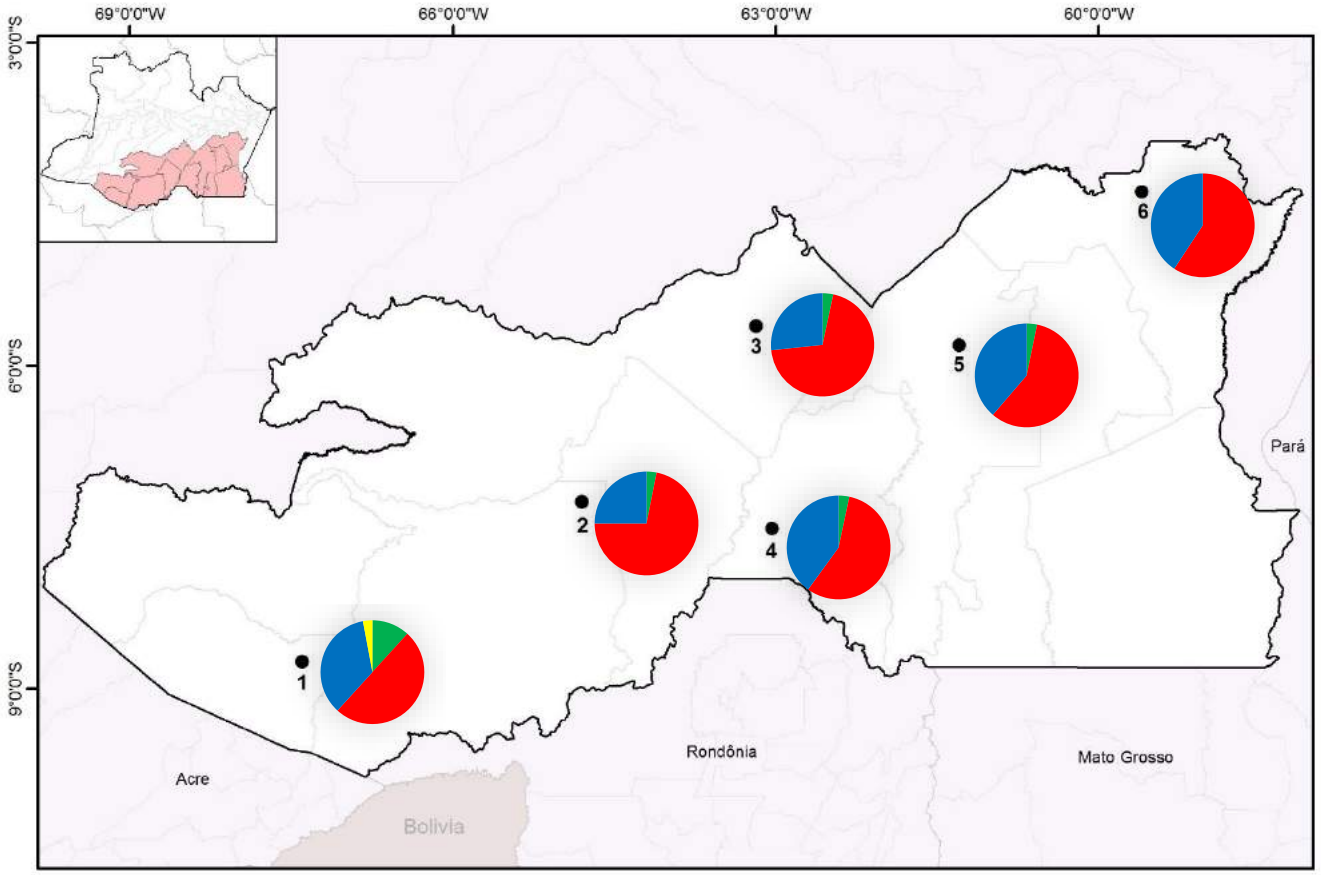

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**Questão do QFF:** 047 (ocorrências dos vocábulos *desliga*, *deligo* e *desligada*)

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

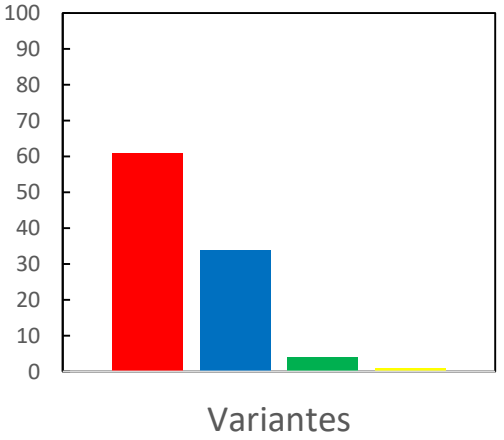
**S015f – /S/ em coda silábica precedendo africada surda [tʃ]**




**Legenda**

- [ʃ]
- [h]
- [s]
- **Zero fonético**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

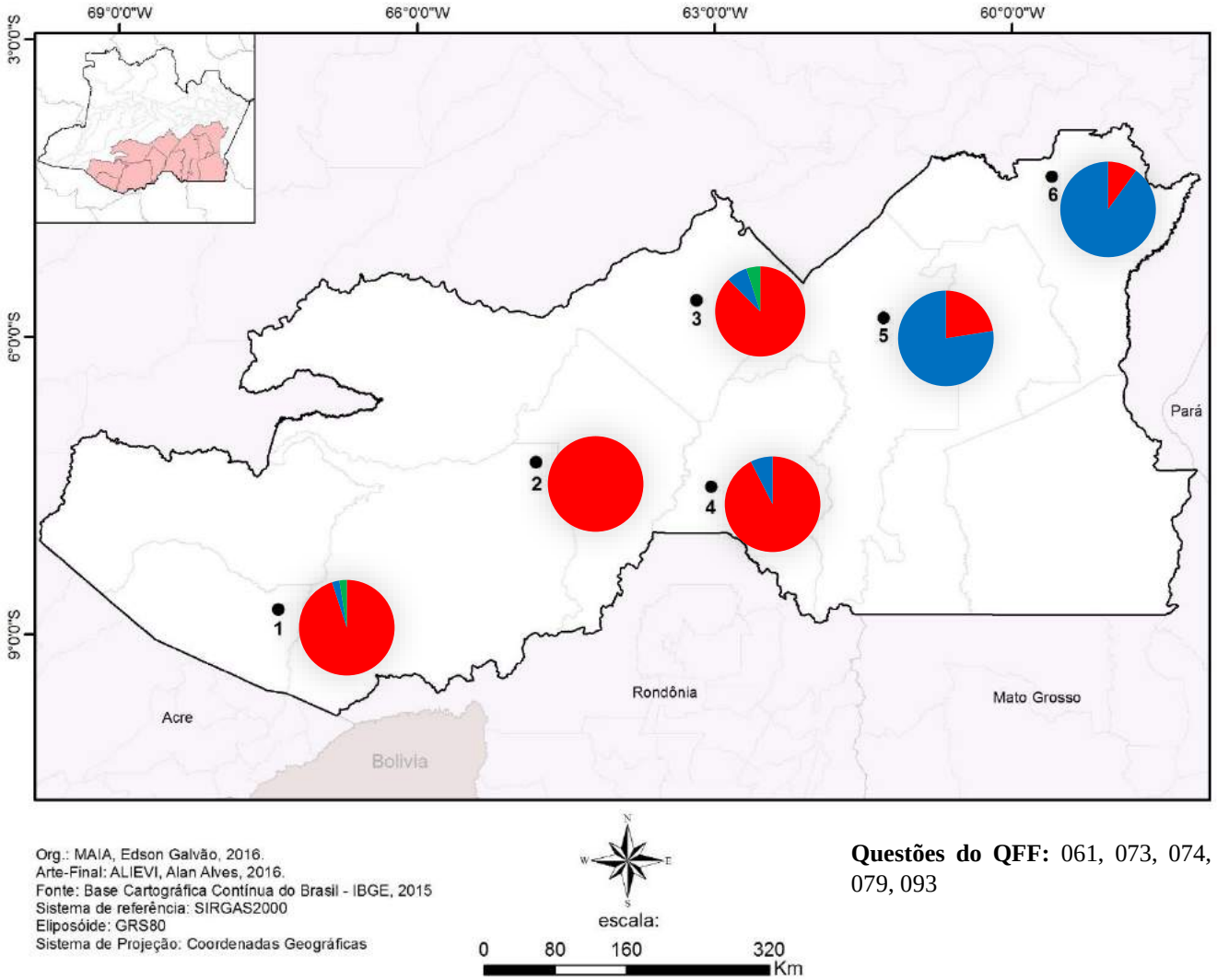
escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 060, 071, 085

**Questões do QSL**: 166

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S015g – /S/ em coda silábica em final de vocábulo e como parte da raiz**



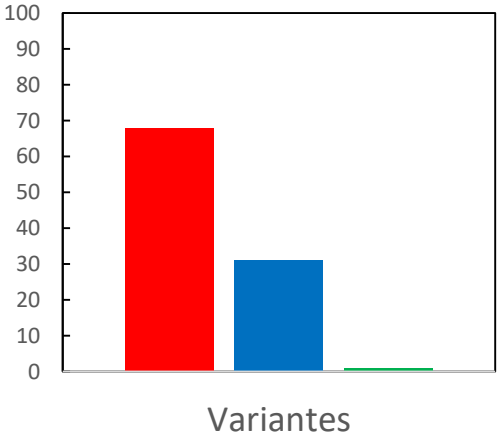

**Legenda**

[s]

[ʃ]

**Zero fonético**

**Geral**



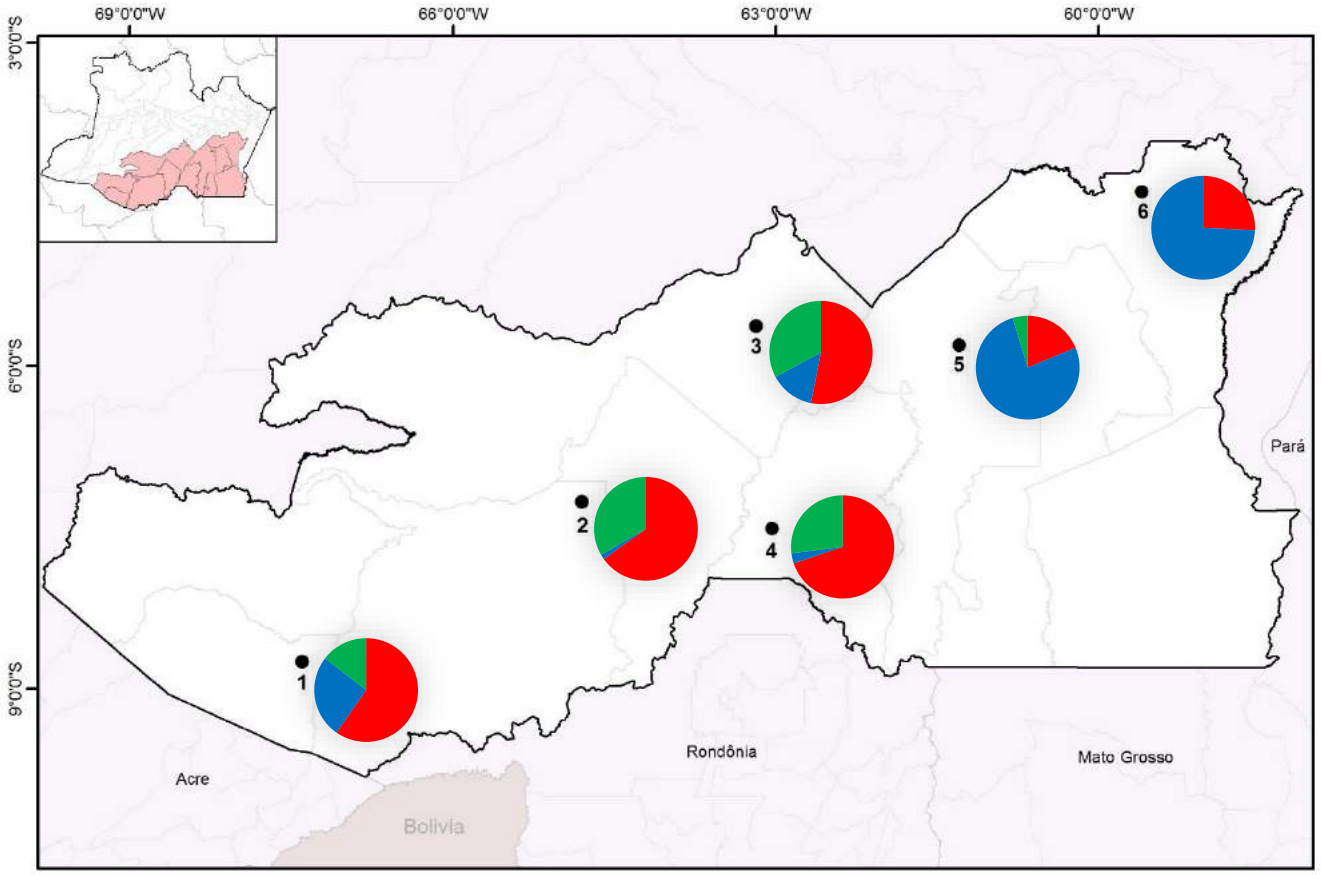

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Elipsóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 061, 073, 074, 079, 093

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

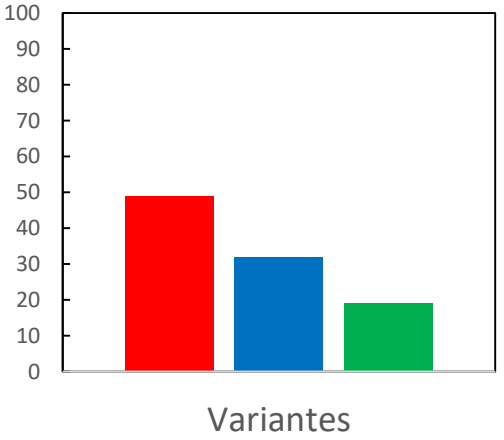
**S016 – Nasal palatal**




**Legenda**

- [j̃]
- [n]
- **Zero fonético**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

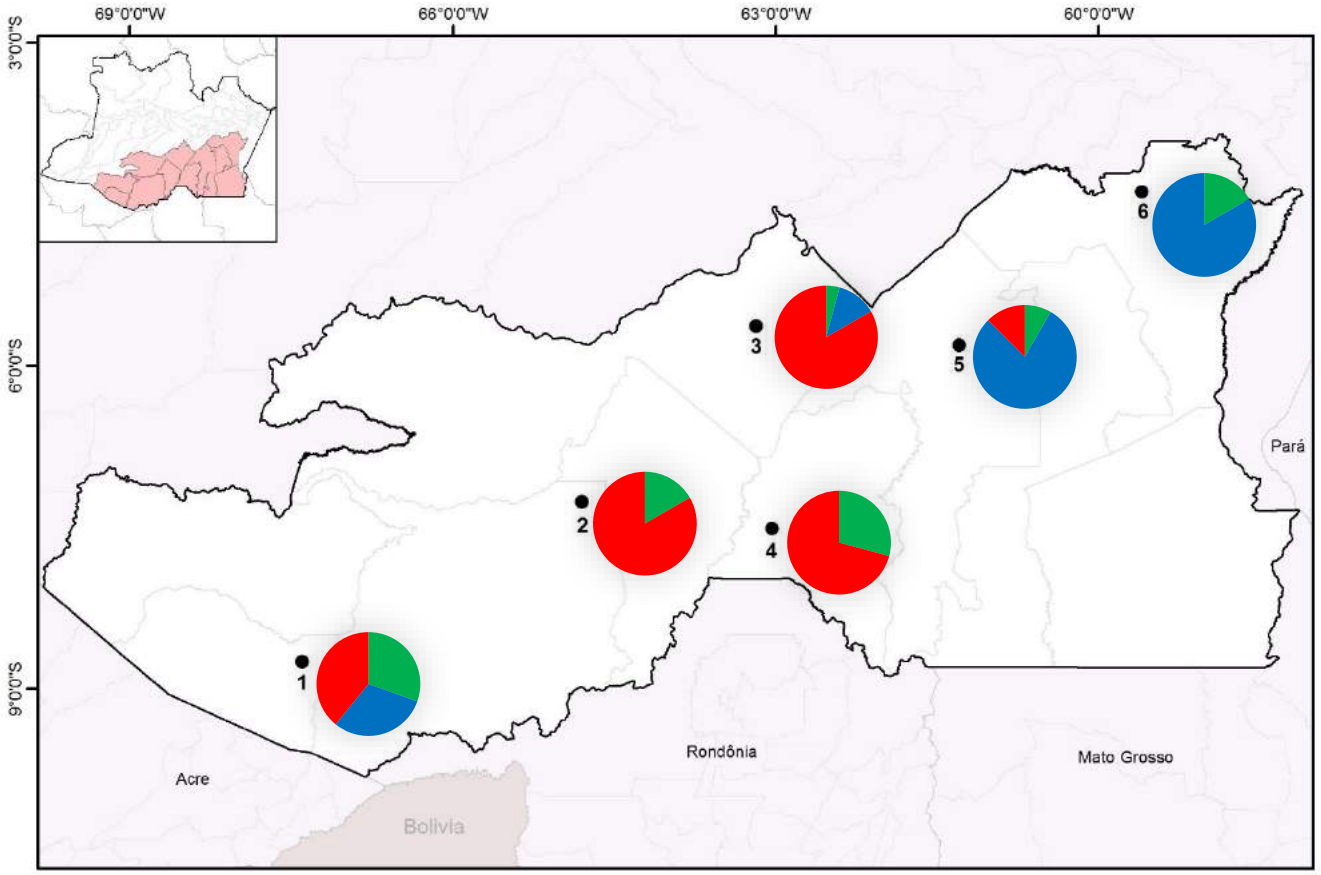
escala:
0 80 160 320 Km

**Questões do QFF:** 014, 032, 034, 056, 059, 087, 125

**Questão do QSL**: 246

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

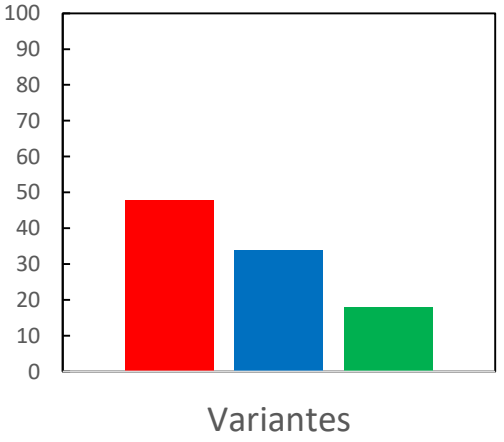
**S016a - Nasal palatal sucedendo vogal anterior alta tônica [i]**



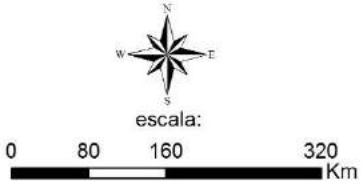

**Legenda**

- Zero fonético
- [ɲ]
- [j̃]

**Geral**



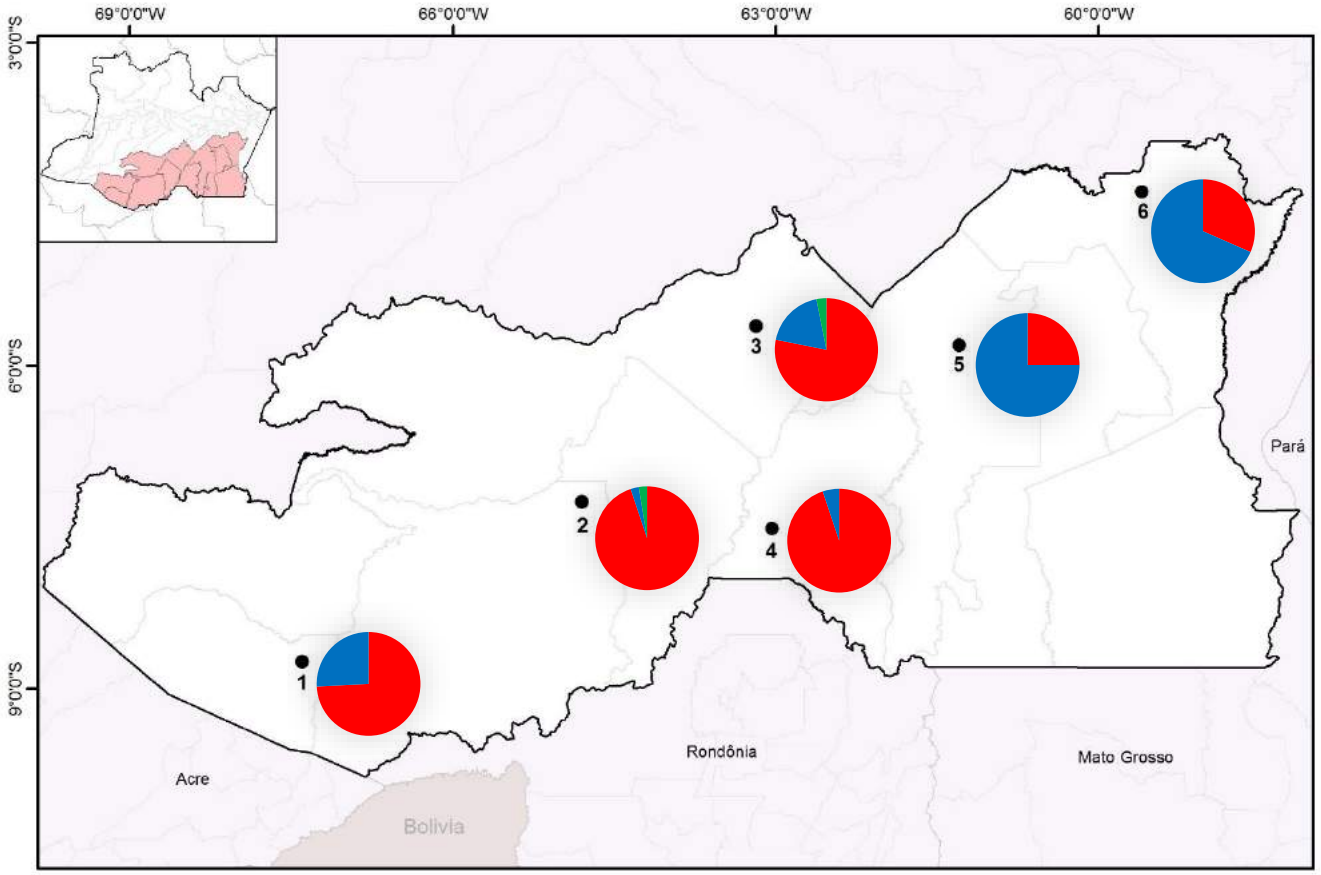

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**Questões do QFF:** 014, 032, 056

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S016b – Nasal palatal nos demais contextos**



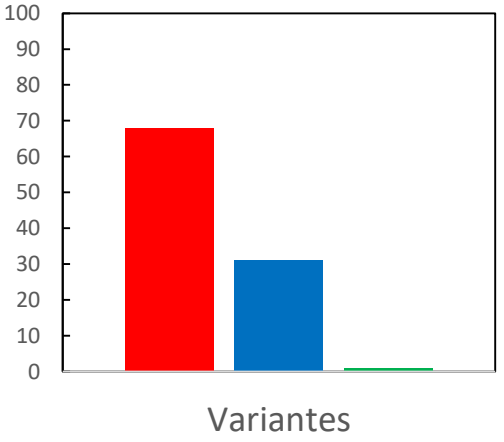

**Legenda**

[j̃]

[ɲ]

**Zero fonético**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

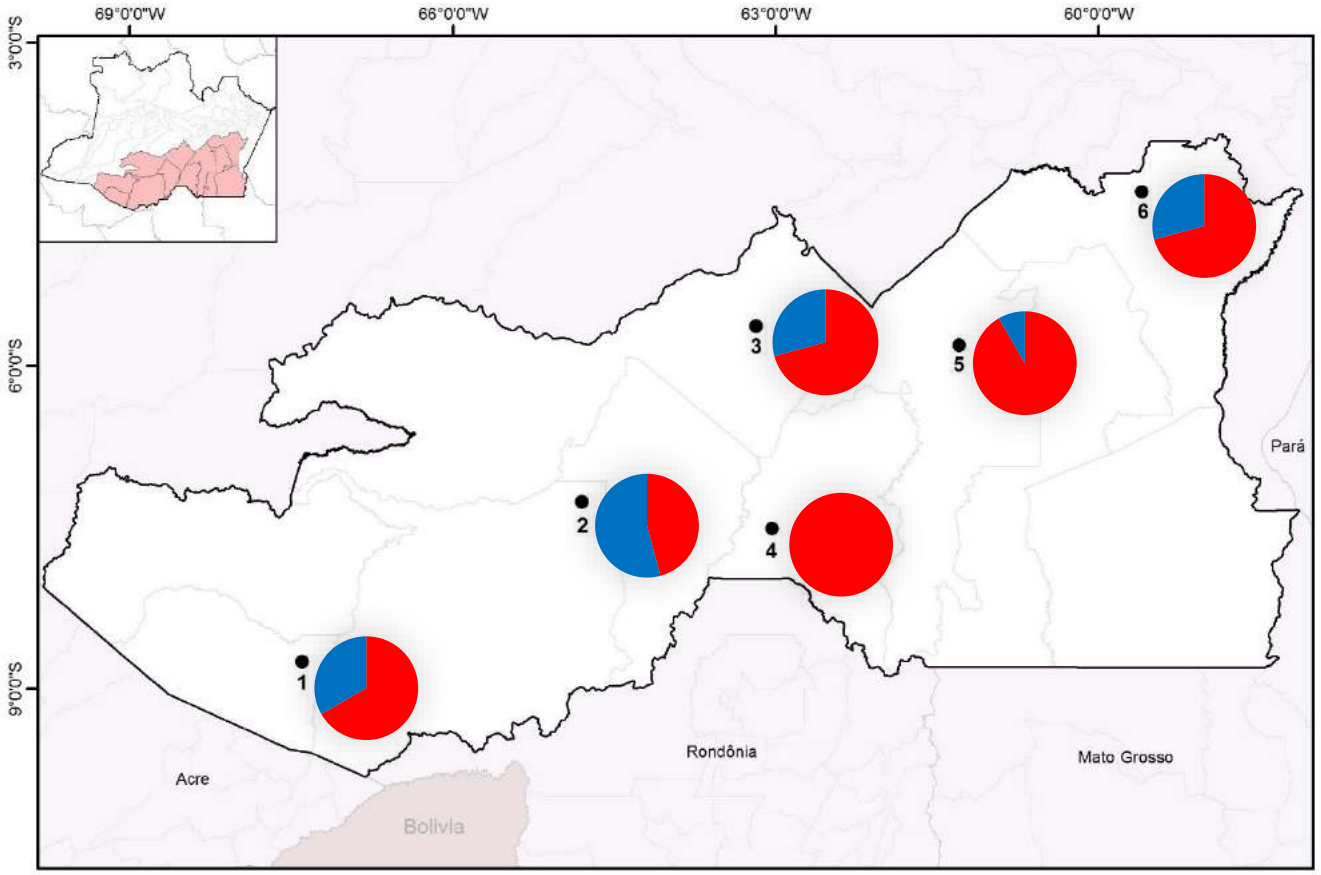
escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 034, 059, 087, 125

**Questão do QSL**: 246

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S017 – Grupo consonantal /Nd/ (gerúndio)**

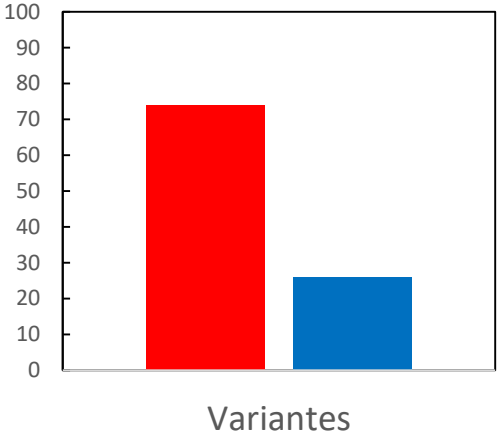



**Legenda**

**Sem assimilação de /d/ - [d]**

**Com assimilação de /d/ - [n]**

**Geral**



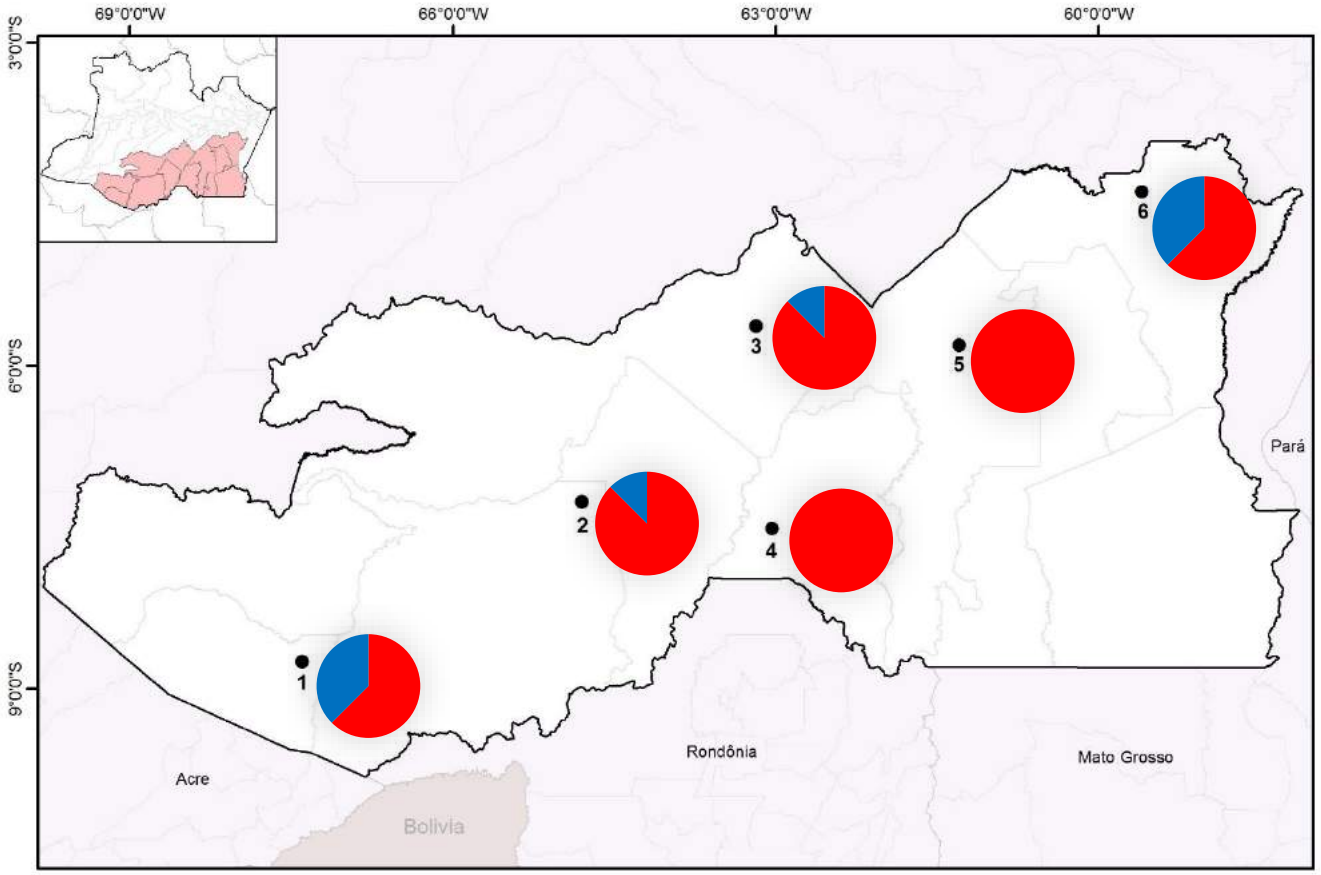

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 101, 109, 110

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

**S018 – Proparoxítonas (Número de sílabas e acento tônico)**

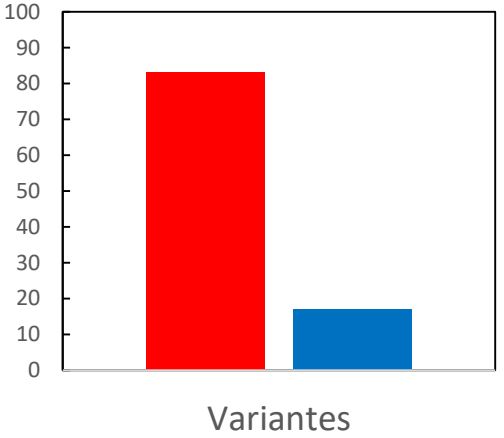



**Legenda**

**Trissílaba / Proparoxítona**

**Dissílaba / Paroxítona**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320
Km

**Questões do QFF:** 029, 070



Universidade Estadual de Londrina

EDSON GALVAO MAIA

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE – ALSAM

## (VOLUME III)

### CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS

Londrina - PR
2018

EDSON GALVÃO MAIA

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE – ALSAM

## (VOLUME III)

### CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina - PR
2018

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE



**SUMÁRIO**

**Volume III**

APRESENTAÇÃO ..... 04
QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL – QSL ..... 08
APRESENTAÇÃO DAS CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS ..... 32
LISTA DE CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS..... 38
CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS..... 53

## APRESENTAÇÃO

O Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM, elaborado como tese de doutoramento junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina – UEL, apresenta uma descrição do português falado na mesorregião do Sul Amazonense, em alguns de seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. A pesquisa, realizada de acordo com o método geolinguístico, se inscreve na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, abordando as seguintes dimensões da variação:

- *Dimensão diatópica*: A rede de pontos constitui-se de seis localidades, selecionadas de acordo com critérios geográficos, históricos, socioeconômicos e culturais: Boca do Acre (Ponto 1), Lábrea (Ponto 2), Tapauá (Ponto 3), Humaitá (Ponto 4), Manicoré (Ponto 5) e Borba (ponto 6);
- *Dimensão diassexual*: Entrevistaram-se 24 informantes do sexo masculino e 24 informantes do sexo feminino;
- *Dimensão diageracional*: Entrevistaram-se 24 informantes da faixa etária de 20 a 35 anos e 24 informantes da faixa etária de 50 a 65 anos;
- *Dimensão diastrática*: Entrevistaram-se 24 informantes com 4 a 7 anos de escolaridade e 24 informantes com 10 a 13 anos de escolaridade.

Caracterizam o perfil dos informantes da pesquisa a naturalidade (deles, dos pais e cônjuges) nas localidades investigadas e a pouca mobilidade espacial e social.

Os questionários, elaborados com base no *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* e no *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, apresentam ainda questões voltadas para a realidade local e constituem-se de 389 questões. O Questionário Semântico-lexical (QSL) contém 264 perguntas em três grandes áreas semânticas: (i) Meio Físico (Terra e águas e fenômenos atmosféricos; (ii) Meio Biótico (Fauna e Flora), (iii) Meio Antrópico (Características físicas, Alimentação e Cozinha, Saúde e Medicina Caseira,

Habitação, Vestuário e Acessórios, Crenças, Superstições e Lendas, Relações Sociais, Expressões Populares, Vida Urbana, Atividade de Produção e Transporte fluvial). O Questionário Fonético-fonológico (QFF) contém 125 perguntas e investiga a realização das vogais médias pretônicas, dos ditongos, do /R/ forte, do /R/ e do /S/ em coda silábica, da nasal palatal, da lateral antes de vogal [i], da lateral palatal, das oclusivas alveolares /d/ e /t/ antes de [i], entre outras variáveis dependentes fonéticas (Cf. Questionários nesse volume)

As entrevistas foram realizadas *in loco* pelo pesquisador e foram gravadas com o auxílio de um gravador de voz em formato MP3, formando um banco de dados de cerca de 100 horas de gravação, nas quais se encontram não só as respostas aos questionários, mas também alguns minutos de conversa semidirigida com cada informante, para utiilização em pesquisas posteriores. Todas as entrevistas foram transcritas grafematicamente. As variantes investigadas foram também transcritas foneticamente de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional – IPA com algumas adaptações (Cf. Notação fonética, neste volume).

O resutado desta pesquisa é um conjunto de 644 mapas, sendo 4 cartas introdutórias, 400 cartas semântico-lexicais, 190 cartas fonéticas e 50 cartas-síntese fonéticas. Essa versão completa (estendida) encontra-se gravada em CD. Neste volume II, apresentam-se impressas 100 cartas fonéticas e 50 cartas-sínteses que reúnem respostas a questões que exploram a mesma variável dependente fonética. No volume III, apresentam-se impressas 285 cartas semântico-lexicais.

As cartas foram elaboradas no *Software* para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – SGVCLin por meio da carta-base organizada pelo pesquisador e elaborada pelo profissional em cartografia, Alan Alves Alievi, tendo por fonte a base cartográfica contínua do Brasil (IBGE, 2015) e por sistema de referência o SIRGAS 2000. O programa permite a geração de cartas diatópicas (que consideram apenas a variável localidade) e cartas pluridimensionais (que consideram outras variáveis sociais, além da variável localidade), conforme se segue:

- *Cartas diatópicas*: Apresentam o título do atlas em caixa alta acima (ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE), o número e o título da carta logo abaixo. Dentro do mapa, encontram-se, em cada ponto de inquérito, um gráfico em formato

de pizza que indica a frequência de cada variante. Fora do mapa, na área à direta, observa-se a legenda das variantes e um gráfico com a frequência geral de ocorrências dessas variantes na mesorregião (cf. Apresentação das cartas semântico-lexicais).

- *Cartas pluridimensionais*: Apresentam configurações idênticas às das cartas diatópicas, porém, dentro do mapa, em cada ponto, são apresentados dois gráficos, um para cada fator da variável social considerada. Por exemplo, se a carta refere-se à variável *sexo*, observa-se um gráfico para homens e outro para mulheres em cada ponto de inquérito. Se a carta considerar duas variáveis, além da localidade, observam-se, agora, quatro gráficos em cada ponto. Por exemplo, caso a carta considere as variáveis *sexo* e *idade*, estão dispostos em cada ponto um gráfico para mulheres mais jovens, um para mulheres mais idosas, um para homens mais jovens e um para homens mais idosos. A indicação dos gráficos pertencentes a cada grupo encontra-se logo abaixo da legenda (cf. Apresentação das cartas semântico-lexicais).

Para a elaboração das cartas semântico-lexicais privilegiaram-se as variáveis sociais, ao passo que para a confecção das cartas fonéticas privilegiram-se as variáveis linguísticas.

No anverso das cartas, é possível observar o título da carta, a(s) questão(ões) utilizada(s) para a sua confecção, os casos em que o informante não soube responder a questão e/ou em que ocorreram problemas técnicos, outras respostas, não presentes na legenda da carta, exemplos das variantes na transcrição, principalmente explicações diatópicas, diastráticas, diageracionais e diassexuais dos informantes sobre as variantes, entre outras informações.

Ainda no anverso, os informantes estão identificados por um código que representa os grupos em que se inserem. A primeira letra é formada pelo sexo (H para homens, M para mulheres), a segunda pela escolaridade (A para menos escolarizados, B para mais escolarizados) e o número para a faixa etária (01 para mais jovens, 02 para mais idosos). Dessa forma, o informante MA01 trata-se de informante mulher, menos ecolarizada e mais jovem, por exemplo.

Como para formar os títulos das cartas privilegiaram-se as variantes mais frequentes, no anverso das cartas semântico-lexicais, principalmente nas sub-áreas semânticas em que os termos regionais são mais produtivos (Terra e água,

fenômenos atmosféricos, fauna, flora, alimentação e cozinha, habitação, atividades de produção), apresentam-se também ilustrações para melhor compreensão do referente da carta.

A seguir, apresentam-se o questionário utilizados na pesquisa; uma apresentação das cartas semântico-lexicais para facilitar a leitura das cartas; e as cartas semântico-lexicais, que revelam as variedades lexicais também presentes no universo linguístico do homem sul amazonense.

## QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL - QSL

MEIO FÍSICO

a) *Terra e Águas*

**001. IGARAPÉ**

Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

**002. BOCA**

E o lugar onde o rio termina ou encontra outro rio?

**003. BANZEIRO**

Como se chama o movimento das águas do rio, provocado por vento ou pela passagem dos barcos?

**004. IGAPÓ**

Qual o nome da mata cheia de água. O trecho de floresta onde a água, após a enchente dos rios, fica por algum tempo parada?

**005. CORRENTEZA**

E o trecho onde o rio corre com mais força?

**006. REBOJO**

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isso?

**007. ENCHENTE**

Como se chama o período em que o rio apresenta o maior volume de águas?

**008. VAZANTE**

E o período em que o rio apresenta o menor volume de águas? É o melhor período para a pesca.

**009. BALCEIRO**

Como se chamam aqueles capins flutuantes e troncos de árvores que descem o rio, principalmente na época da cheia?

**010. VÁRZEA**

Como se chama a área de terra que é coberta pela água na cheia dos rios e que é melhor para fazer plantações?

**011. TERRA FIRME**

Como se chama a terra um pouco alta, bem drenada e que, geralmente, não está sujeita a inundações?

**012. FURO**

Como se chama o atalho de um rio que serve para encurtar o caminho?

b) *Fenômenos Atmosféricos (astros, clima, tempo...)*

**013. RELÂMPAGO**

Qual o nome daquela luz que risca o céu em dias de chuva?

**014. RAIO**

E aquela luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, em dias de mau tempo?

**015. TROVÃO**

E o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?

**016. TEMPORAL**

Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente, que pode derrubar árvores e arrancar telhados de casas?

**017. SERENO**

E uma chuva bem fininha?

**018. ARCO-ÍRIS**

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?

**019. GAROA**

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chama aquilo que molha a grama?

**020. CERRAÇÃO**

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar a rua por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como se chama isso?

**021. PÔR-DO-SOL**

E o que acontece com o sol no final da tarde? Como se chama esse fenômeno muito apreciado que deixa o céu avermelhado e muito bonito?

**022. ESTRELA CADENTE**

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como se chama isso?

**023. (Estrelas)**

Quais estrelas você conhece?

**024. ONTEM**

O dia que passou foi _____.

(quando foi que almoçou (ou jantou) pela última vez?).

**025. ANTEONTEM**

O dia que foi antes desse dia? Um dia para trás?

MEIO BIÓTICO

*Fauna (Aves*)

**026. BEIJA-FLOR**

Como se chama o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e voa de flor em flor?

**027. JOÃO DE BARRO**

E a ave que faz o ninho com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

**028. GALINHA**

PEDIR PARA DESCREVER (tipos)

**029. CAPOTE**

E a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

**030. NAMBU / INHAMBU**

E ave que parece uma galinha, mas vive na mata?

**031. PAPAGAIO**

E a ave da mata, de bico curvo, pequeno e penas coloridas, com mais cores verdes, que quando presa pode aprender a falar?

**032. ARARA**

E aquela outra ave, grande, bonita, que se parece com o papagaio, também é colorida, com mais cores vermelha e azul?

*Fauna (Peixes)*

**033. PIRARUCU**

Como se chama o maior peixe de escama de água doce, considerado o bacalhau brasileiro?

**034. PACU**

E o peixe de cor prateada, de escama pequena, que mede até 40 cm?

**035. PIABA**

Como se chama um peixe pequeno?

**036. BOTO-TUCUXI**

E qual o nome do tipo de boto que é amigo do homem? Dizem que a banha dele serve para curar ferida de gado.

**037. BOTO-ROSA**

E do tipo de boto que dizem ser inimigo do homem porque rouba os peixes da malhadeira?

**038. TAMBAQUI**

Qual o peixe de escamas dos maiores e que é muito saboroso e parecido com o pacu?

**039. PORAQUÉ**

Qual o nome do peixe liso que dá choque quando a gente pega?

**040. TUCUNARÉ**

Como se chama aqui um peixe muito bonito por causa de suas escamas coloridas, tendo parte da cabeça pintada de vermelho, preto e amarelo? É um peixe muito apreciado na pesca esportiva, sendo pescado em pescaria de vara nos lagos (curico).

**041. (A)CARI**

Como se chama aqui aquele peixe cascudo que vive nos lugares rasos, principalmente nas praias onde a areia tem mais lodo e lama?

*Fauna (Quelônios e Mamíferos)*

**042. TARTARUGA**

Como se chama aquele bicho que anda rastejando na terra, vive na água, tem um casco em cima dele e que é delicioso para se comer, pois a gente pode fazer vários pratos, como: sarapatel, farofa, picadinho, etc.?

**043. CAPITARI**

Que nome recebe o macho da tartaruga?

**044. TRACAJÁ**

E aquele outro bicho de casco menor que a tartaruga, mas também muito apreciado?

**045. PITIÚ**

Existe outro menor que a tartaruga e o tracajá e que pode ser comido assado? Como se chama?

**046. TABULEIRO**

Como se chamam as praias onde as tartarugas desovam e são apanhadas?

**047. JABUTI / JABOTA**

Como é o nome daquele bicho de casco que se encontra em terra firme e que tem o casco amarelado?

**048. MACACOS**

Quais os tipos de macaco que tem por aqui? Como eles são?

**049. CAITITU**

Como vocês chamam aqui aquele animal que parece um porco, mas que vive em bando na mata?

**050. MUCURA**

E o bicho que solta um cheiro ruim e carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga?

*Fauna (Insetos)*

**051. CARAPANÃ**

Como se chama aquele inseto que aparece a noite para se alimentar do sangue dos mamíferos, inclusive do homem? Ele tem a perna comprida e faz barulho no ouvido.

**052. TUCANDEIRA**

Como é o nome daquela formiga enorme que produz ferroadas muito dolorosas?

**053. SAÚVA**

E aquela formiga grande, vermelha, que faz um ninho enorme no fundo da terra e carrega folhas para ele?

**054. JIQUITAIA**

E aquela bem pequena que produz ferroadas também dolorosas, que queimam no corpo?

*Flora*

**055. VITÓRIA-RÉGIA**

Como se chama aquela planta d´água, que tem as folhas do tamanho das rodas de uma carreta, que são reviradas na ponta e que ficam boiando em cima das águas como enormes pratos entremeados de flores brancas?

**056. CUPUAÇU**

Qual o nome da árvore que dá um fruto saboroso, com casca marrom e polpa branca de que se pode fazer doce, bombom, suco?

**057. TUCUMÃ**

E da árvore que dá uma fruta pequena, aqui no Amazonas, que tem um caroço preto, e é de cor alaranjada? Pode ser comida crua, com café ou feito sanduíche.

**058. PUPUNHA**

E da árvore que dá uma fruta amarela, laranja ou verde, com caroço pequeno? A fruta é bem gostosa também e deve ser comida cozida.

**059. PEQUIÁ**

Como se chama a árvore que dá frutos também marrons por fora e amarelos por dentro, que possuem uma polpa oleosa e um caroço com espinhos e devem ser comidos cozidos?

**060. SERINGUEIRA**

Como se chama aquela árvore que dá a borracha?

**061. CASTANHEIRA**

E aquela árvore que dá um fruto muito saboroso e nutritivo, que se pode comer cru ou cozido? É um fruto pequeno, branco por dentro, tem uma casca marrom e dá em ouriço.

**062. SUMAÚMA**

Como se chama aquela árvore enorme, a maior que existe aqui na Amazônia?

**063. BURITI**

Como se chama aquela palmeira que produz frutos que tem a casca vermelha que parece escama e por dentro é amarelo?

**064. CAJÁ**

Como se chama a árvore que dá um fruto pequeno e azedo, de casca amarela e polpa laranja, muito usado para fazer suco?

**065. CARRAPICHO**

Como se chama aquela planta que tem umas sementes redondas que grudam na roupa quando encostamos nela?

MEIO ANTRÓPICO

*Homem: características físicas*

**066. GOGÓ**

Qual o nome desta parte alta do pescoço do homem? (Apontar)

**067. SEIOS**

A parte do corpo da mulher com que ela dá de mamar aos filhos?

**068. CALCANHAR**

Como se chama isto? (Apontar)

**069. PATELA**

O osso redondo que fica na frente do joelho?

**070. PRESAS**

Esses dois dentes pontudos? (Apontar)

**071. DENTE QUEIRO / QUEIXAL**

Os últimos dentes, que nascem quando a pessoa já é adulta?

**072. BANGUELA**

Como se chama a pessoa que não tem dentes?

**073. FANHOSO**

A pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar)

**074. VESGO**

A pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (Imitar)

**075. TERÇOL**

Uma bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?

**076. SOLUÇO**

Este barulhinho que se faz, principalmente as crianças? (Soluçar)

**077. CANHOTO**

A pessoa que come com a mão esquerda e faz tudo com essa mão? (Mímica)

**078. DIREITO**

E a pessoa que usa para as mesmas coisas a mão direita?

**079. MANCO**

A pessoa que puxa de uma perna?

**080. CAMBOTA**

A pessoa que tem as pernas arqueadas, curvas para os lados? (Mímica)

**081. SOVACO**

Como se chama esta parte aqui embaixo do braço? (Apontar)

**082. ÚTERO**

Como se chama o órgão onde a criança se desenvolve dentro da barriga da mãe?

*Alimentação e cozinha*

**083. TAPIOCA**

Como se chama o beiju que é feito da goma de mandioca já seca e torrada no forno ou frigideira?

**084. PÉ-DE-MOLEQUE**

E o beiju feito da mandioca ralada, enrolado na folha da bananeira?

**085. QUEBRA-QUEIXO**

Como se chama o doce feito de amendoim ou castanha com açúcar queimado que se deixa endurecer e se corta em quadrados?

**086. BISCOITO / SEQUILHO**

Como vocês chama aquele alimento doce feito de farinha (ou amido) com água ou leite e assado em vários formatos no forno? É bom para acompanhar o chá ou café e também se compra no supermercado, vem em pacotes coloridos e podem ser ou não recheados.

**087. BOLACHA**

E se for salgado e industrializado? Geralmente se come com manteiga.

**088. CANJICA**

Como se chama o mingau feito de milho moído que se deixa endurecer e se serve com canela?

**089. MUNGUZÁ**

E o mingau que é feito com milho branco inteiro e que as pessoas costumam comer na semana santa?

**090. PICADINHO**

Como se chama aqui a carne que passa pelo moedor?

**091. CALDO DE CARIDADE**

Qual o nome que se dá ao alimento feito de farinha de suruí (pó de farinha) e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes, enfraquecidas?

**092. MOQUEADA**

Qual o nome do tratamento que se dá ao peixe quando é assado só pelo lado de fora, quase cru no interior? Se faz muito com a matrinxã.

**093. PEIXE SECO**

Qual o nome que se dá ao peixe salgado e seco ao sol?

**094. PIRÃO**

Qual a alimentação que é feita com a farinha d´água? É boa para se comer com caldeirada?

**095. TACACÁ**

E o alimento preparado com goma, tucupi, jambu, camarão, sal, pimenta e que é servido em cuias, bem quente?

**096. BOMBOM**

Como se chama aqui a guloseima que vem enrolada em papel colorido e que chupamos (mostrar)?

**097. DINDIM**

Que nome vocês dão aqui àquele tipo de sorvete que é feito de suco congelado em sacos?

**098. CACHAÇA**

Quais os nomes que vocês dão aqui para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?

**099. GORGULHO**

Como se chama o bichinho que dá no feijão e no milho com o tempo?

*Saúde e medicina caseira*

**100. ANDIROBA**

Como se chama aquele óleo de cor amarelada, muito usado na saúde? Usado em fricções para aliviar dores nos ossos e para fazer embrocações na garganta, para curar inflamação nas amígdalas.

**101. COPAÍBA**

E aquele óleo que se tira de uma árvore que é oca em toda a altura do tronco e parece que a casca não deixa passar água, fazendo com que seja conservado, em seu interior, esse óleo que ela fabrica de três em três anos? É muito bom pra curar inflamações.

**102. REZAR**

E qual o meio usado para tirar quebranto das crianças?

**103. (Remédios para dor no estômago)**

E que remédio caseiro é bom para aliviar dor de estômago?

**104. (Remédios para anemia)**

E anemia, como se cura de forma caseira?

**105. LAMBEDOR**

Como chama aquele remédio usado para curar gripe e tosse forte em criança, feito com mel e até com açúcar queimado?

**106. CORUBA**

Como vocês denominam qualquer doença que dá na pele e coça?

**107. IMPINGEM**

E a coceira que gera mancha na pele, geralmente arredondada e avermelhada?

**108. PAPEIRA**

E aquela doença que faz inchar só um lado do queixo, que dá em criança?

*Habitação (estrutura, mobília, utensílios domésticos)*

**109. TAPIRI**

Como se chama aquele tipo de moradia que é feita de palha e serve para morar, muitas vezes, provisoriamente?

**110. CAIBRO / TRAVEJAMENTO / TARUGO**

Como se chama aquela peça de madeira que se usa na armação do telhado ou forro? E as peças usadas para o assoalho e as paredes, recebem um nome diferente?

**111. CUMEEIRA**

E a viga que vai de um ponto a outro, embaixo da cobertura da casa? É a parte mais alta do telhado.

**112. BARROTE / ESTEIO**

Qual a peça de madeira que sustenta o assoalho da casa? Se for do chão ao teto (coluna), recebe outro nome?

**113. FERROLHO**

E a peça de metal que serve para trancar portas e janelas?

**114. TRAMELA**

E a peça de madeira que serve para trancar portas e janelas?

**115. FLUTUANTE**

Como se chamam a casa de madeira ou de palha que ficam sobre as balsas (toras de madeira), encontradas nos rios e igarapés?

**116. JIRAU**

Como se chama aquele estrado, construído nas casas, que fica um pouco mais acima do chão e que serve para se guardar qualquer coisa, lavar louça, tratar de peixe, etc.?

**117. TRAPICHE**

Como se chama o estrado que se faz para caminhar em lugares afetados pela enchente dos rios?

**118. BENJAMIN**

Como se chama a peça usada para ligar mais de um eletrodoméstico na mesma tomada?

**119. EXTENSÂO / RABICHO**

E a peça que serve para ligar um eletrodoméstico que está longe da tomada?

**120. CABIDE**

Como é chamada a peça onde se pendura roupas ou toalhas que ficam nos banheiros ou nos quartos?

**121. CRUZETA**

E a peça em forma de triângulo usada para guardar roupas dentro dos guarda-roupas ou expor roupas numa loja?

**122. PRENDEDOR**

Como se chama aquele objeto usado para prender a roupa no varal enquanto seca?

**123. CABECEIRA**

Como se chama a parte da cama que indica o lado que deitamos a cabeça?

**124. POTE**

Qual o nome daquela vasilha de barro onde se coloca água para beber?

**125. VASO SANITÁRIO**

Qual o nome daquele lugar onde a gente senta para fazer as necessidades e para urinar?

*Vestuário e Acessórios*

**126. SUTIÃ**

Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

**127. NODA**

Como se chama a mancha feita por algum alimento (frutas) que fica na roupa e é difícil de tirar?

**128. GRAMPO**

Como se chama o objeto fino de metal, sem adorno, usado para prender o cabelo? Compramos em caixas.

**129. TRAVESSA**

E aquele que pega todo o cabelo e o joga para trás?

**130. COQUE / COCÓ**

Como se chama o cabelo enrolado no alto da cabeça e preso com grampo?

*Crenças, Superstições e Lendas*

**131. A CRIANÇA FICAR DE CABEÇA PARA BAIXO/ CHAMAR SECUIARA**

Qual o gesto que uma criança pode fazer e que significa que ela está chamando um irmãozinho?

**132. COCEIRA NA MÃO**

Qual o sinal que indica que a pessoa vai receber dinheiro ou ganhar algum presente?

**133. COLOCAR PAPEL MOLHADO NA TESTA**

E qual o meio usado para aliviar o soluço das crianças?

**134. GALHO DE ARRUDA**

Qual o galho utilizado para tirar quebranto e espantar doenças nas benzeduras?

**135. MAU-OLHADO**

Como se chama o olhar de uma pessoa que parece que tem inveja da outra, ódio contra os bons negócios, felicidade. Quando alguém olha assim para outra pessoa se diz que essa pessoa está botando o que na outra?

**136. PÕE-MESA**

Nome que se dá ao gafanhoto verde que indica boa sorte e esperança de boas notícias?

**137. SAL NO FOGO / VASSOURA ATRÁS DA PORTA**

O que se deve fazer quando se quer que uma pessoa se retire de um local?

**138. VARRER O PÉ**

E o que pode causar má sorte para uma mulher não se casar?

**139. REZADEIRA**

Como se chama a mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?

**140. DIABO**

Que nome vocês dão àquele que é o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo?

**141. (Outras designações para diabo)**

Que outros nomes dão a ele?

**142. MACUMBA / FEITIÇO**

O que se pode fazer, com a ajuda dos espíritos, para prejudicar alguém?

**143. ASSOMBRAÇÃO**

O que pessoas dizem já ter visto, à noite, que se diz que é de outro mundo?

**144. CURUPIRA / CABOCLINHO DA MATA**

Como se chama aquele ser que protege as matas e tem os pés virados para trás? Existe alguma outra entidade desse tipo?

**145. ENCOSTO / ENDEMONIADO**

Que nome se dá à entidade que pode invadir o corpo de uma pessoa? Essa pessoa que teve seu corpo invadido por um espírito e age de forma estranha recebe que nome?

*Relações Sociais (Ciclos de Vida)*

**146. MENSTRUAÇÃO**

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? Existe outro termo que vocês usam?

**147. GRÁVIDA**

Quando a mulher está esperando nenê, ela está...?

**148. GANHOU NENÊ**

E quando o nenê nasce, diz-se que ela...

**149. PARTEIRA**

Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?

**150. MÃE-DE-LEITE**

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

**151. RESGUARDO**

Que nome se dá ao repouso da mulher, por vários dias (às vezes até 40) após o parto?

**152. CAÇULA**

Como se chama o filho que nasceu por último?

**153. FINADO**

Quando você quer se referir a uma pessoa que já morreu, em uma conversa, geralmente não menciona mais o nome daquela pessoa. Como é que você se refere a ela?

**154. MADRASTA**

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

**155. JUNTOS**

Quando um homem e uma mulher vivem maritalmente sem serem casados, eles são o quê?

**156. MENINO**

Como vocês chamam aqui a criança do sexo masculino de 5 a 10 anos?

**157. MENINA**

E a criança do sexo feminino de 5 a 10 anos?

*Relações Sociais (Convívio e comportamento social)*

**158. TAGARELA**

Como se chama a pessoa que fala demais?

**159. BURRO**

E a pessoa pouco inteligente que tem dificuldade em aprender as coisas?

**160. NEGRO**

Como se chama a pessoa que tem a pele bem escura?

**161. MULATO**

E a pessoa que tem a pele um pouco escura porque só o pai ou a mãe é negro?

**162. CABOCLO**

E a pessoa que não é índio, mas tem sangue indígena por ter um dos pais índios.

**163. RIBEIRINHO**

Como eu chamo aqui a pessoa que mora na beira dos rios e vive da plantação e criação de animais?

**164. GRINGO**

E aquele cidadão que vem de fora do país para conhecer a região e fala outra língua?

**165. CORNO**

O nome que se dá ao marido quando uma mulher passa ele para trás?

**166. PROSTITUTA**

Como se chama a mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro?

**167. VELHACO**

Como se chama a pessoa que não paga suas contas?

**168. MÃO-DE-VACA**

E a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes até passa fome para não gastar?

**169. MURRO**

Como chama isso? (Mostrar com gestos)

**170. BÊBADO**

Como se chama a pessoa que bebe muita bebida alcoólica e perde o controle de suas ações momentaneamente?

**171. (Outras designações para bêbado)**

Existem outras maneiras de se referir a essa pessoa?

**172. HOMOSSEXUAL**

Como se chama a pessoa que se envolve com outra do mesmo sexo? Se for do sexo masculino? E se for do feminino?

**173. (Outras designações para homossexual)**

Existem outras maneiras de se referir a essa pessoa?

**174. AFOBADO**

Como eu chamo aqui a pessoa que tem pressa, que é impaciente, quer tudo rápido?

**175. DANADO**

Como se chama a criança muito levada, que vive fazendo travessuras?

**176. PUXA-SACO**

Como se chama a pessoa que vive bajulando outra por algum interesse?

**177. CARÃO**

Qual o nome que se dá para quando o pai chama a atenção do filho porque ele fez algo de errado? As crianças e adolescentes não fazem algo errado por medo de _____?

**178. COCOROTE**

Que nome se dá à pancada que se dá na cabeça de alguém com o dedo dobrado

**179. GASGUITA**

Como se chama a pessoa que fala e grita muito alto?

- Festas e divertimentos

**180. CAMBALHOTA**

Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado? (Mímica)

**181. PETECA**

E essas coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

**182. BALADEIRA**

Qual o nome do brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (Mímica) para atirar?

**183. ESCONDIDO**

Qual o nome da brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar, e depois vai procurá-las?

**184. CABRA-CEGA**

E da brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

**185. GANGORRA**

E aquela que tem uma tábua apoiada no meio, e nas pontas sentam-se duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (Mímica)

**186. BALANÇO**

E aquela que tem uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança senta e se move para frente e para trás? (Mímica)

**187. MACACA**

Qual aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só.

**188. PIRA**

E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

**189. PAPAGAIO**

Qual o nome do brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

**190. PORRINHA**

Qual o nome da brincadeira em que as pessoas escondem fósforos ou moedas numa mão para cada um adivinhar o total?

*Expressões Populares*

**191. ACESA**

Como se chama uma menina que é danada, travessa e cedo quer namorar?

**192. AVEXADO**

Qual o termo usado para se dizer que uma pessoa está com muita pressa?

**193. ENTUPIDO**

Qual a palavra que vocês usam para indicar que uma pessoa não está conseguindo ir ao banheiro para fazer cocô. Que tem problemas para conseguir ir ao banheiro todos os dias?

**194. FUXIQUEIRO**

Como se chama aquela pessoa que gosta de fazer intrigas, falar mal da vida dos outros?

**195. MACETA**

Algo bem grande?

**196. LESA**

Como se chama uma pessoa que é boba?

*Vida Urbana*

**197. SINAL**

Na cidade, o que se costuma ter em cruzamentos com luz verde, vermelha e amarela?

**198. QUEBRA-MOLA**

E aquela elevação colocada no meio da rua para que os carros diminuam a velocidade?

**199. CALÇADA**

Na cidade, os carros andam nas ruas. E as pessoas, onde andam?

**200. TERRENO**

Como se chama aqui o pedaço de terra para construir uma casa na cidade? Para construir uma casa eu preciso ter um...?

**201. BOLA**

Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros tem que contornar pra evitar o cruzamento direto?

**202. ESTANCAR**

Que nome se dá quando se está dirigindo um carro e por falta de boa manobra do motorista em lidar com as marchas o carro para de uma vez, gerando um impacto?

**203. TABERNA**

Qual o nome do lugar com balcão onde eu posso beber e também comprar algumas coisas?

**204. A RETALHO**

Como eu chamo aqui quando compro algo em pequenas quantidades? Por exemplo, compro um cigarro, no lugar de comprar a caixa inteira.

**205. BICO**

Como se chama aqui os serviços temporários informais?

**206. RANCHO**

Que nome se dá às compras feitas no supermercado todo mês para serem armazenadas em casa?

*Atividade de Produção (Agricultura)*

**207. ROÇA / ROÇADO**

Como se chama o lugar onde se faz uma plantação na terra firme?

**208. PRAIA**

E se a plantação é feita periodicamente nas várzeas, às margens dos rios?

**209. MANDIOCA**

Que nome é dado à raiz amarela que contém veneno e é utilizada na fabricação de farinha, goma, etc.?

**210. MACAXEIRA**

Que nome é dado à raiz comprida, doce e branca, não venenosa, mais utilizada na culinária e que se pode comer cozida e até frita?

**211. MANIVA**

Como se chama a planta da mandioca e da macaxeira?

**212. CASA-DE-FARINHA**

Qual o nome que se dá à palhoça ou tapiri onde se encontram todos os instrumentos que se usam na fabricação dos produtos de mandioca?

**213. CRUEIRA**

Qual o nome da massa de mandioca mole que, ao sair do tipiti, não serve para fazer farinha e é dada aos animais que se criam em casa?

**214. ESCALDO**

Como se chama a primeira fase de fabricação de farinha de forno e que se tem de secar um pouco antes da torração?

**215. FARINHA D´ÁGUA**

Nome da farinha fabricada com mandioca sem ser ralada, mole, por ter ficado três dias de molho para fabricação?

**216. FARINHA-BRANCA**

E a que é feita com a mandioca ralada e é ideal para o preparo de farofas?

**217. FORNADA**

Como se chama a fabricação de uma determinada quantidade de farinha?

**218. FORNO**

Onde se escalda, esquenta e torra a mandioca?

**219. GAMELA**

Qual o nome do recipiente onde se guarda a massa de mandioca que sai do tipiti?

**220. GOMA**

E o nome daquela massa branca que sai da mandioca?

**221. PENEIRA**

Nome do instrumento de palha entrelaçada, que serve para coar a massa de mandioca?

**222. PRENSA**

Qual o instrumento que serve para apertar a mandioca para extrair-lhe o caldo?

**223. TANGERINA**

Como se chama aquela fruta menor que a laranja, que se descasca com a mão?

**224. BANANA-NANICA**

Como se chama aqui a menor espécie de banana de casca amarela e polpa doce?

**225. BANANA-PRATA**

E aquela banana mais comercializada de casca espessa e polpa doce?

**226. BANANA-MAÇÃ**

E aquela outra também muito comercializada que só fica madura quando a casca está bem amarela e é mais doce que a banana-prata?

**227. BANANA-COMPRIDA**

Como se chama aquela banana maior que é muito usada na culinária e as pessoas preferem ela frita ou cozida?

**228. (Outros tipos de banana)**

Quais outros tipos de banana comum aqui que você conhece?

**229. CACHO**

A banana dá em _____?

**230. PALMA**

Quando eu retiro as bananas do cacho eu corto em...? (partes do cacho da banana)

**231. ESPIGA**

O milho dá em _____?

**232. SABUGO**

Os grãos de milho estão grudados no _____?

**233. MÃO**

Qual a medida usada para o milho quando eu vou comercializá-lo?

**234. VAGEM**

Os grãos do feijão ficam dentro de quê? Como se chama a parte da planta que abriga os grãos de feijão?

**235. JERIMUM**

Como se chama aquele legume grande e duro, alaranjado por fora e por dentro, que é comido cozido?

*Atividades de Produção (Pecuária)*

**236. GARROTE**

Como se chama o gado bovino macho que não foi castrado?

**237. BOI / CAPADO**

E o gado bovino macho castrado?

**238. BARRÃO**

Como se chama o reprodutor suíno?

**239. NOVILHA**

Como se chama a fêmea bovina que ainda não se reproduziu?

**240. BACURIM**

E ao filhote da porca?

**241. LEITÃO**

Se este filhote já é jovem, que nome ele recebe?

**242. ORDENHAR / TIRAR**

Quando queremos o leite da vaca, temos que fazer o quê (mímica)?

**243. MAROMBA**

Como se chama o jirau elevado, feito com troncos de madeira, para deixar a salvo os animais durante as enchentes dos rios?

*Atividades de Produção (Extrativismo)*

**244. PEGAR**

Como se chama o ato de ir até a planta e retirar o seu fruto?

**245. AÇAI**

Como se chama aquele fruto roxo que se colhe na floresta, que dá em cachos e é utilizado para fazer vinho? É muito apreciado na culinária por ser fonte de energia.

**246. PECONHA**

Que instrumento se usa para subir no açaizeiro e colher o açaí?

**247. DEBULHAR**

Como se chama o ato de tirar as sementes de açaí do cacho?

**248. CASTANHA**

Como se chama aquele fruto muito saboroso e nutritivo, que se pode comer cru ou cozido? É um fruto pequeno, branco por dentro e tem uma casca marrom. Dá em ouriços.

**249. PANEIRO / PANACO**

Como se chama o instrumento usado para carregar a castanha ou o açaí que é retirado da floresta? Existe um nome diferente para ele se for feito de palha verde, construído naquele momento?

**250. JUNTAR**

Que nome se dá ao ato de reunir os ouriços de castanhas debaixo da castanheira?

**251. QUEBRAR**

E ao ato de tirar o fruto de dentro desses ouriços?

- Caça e Pesca

**252. ANZOL**

Como se chama o instrumento de metal com que se apanham os peixes?

**253. ARPÃO**

E o nome do instrumento usado na pesca do pirarucu e do peixe-boi?

**254. REDE / ARRASTÃO**

Como se chama o instrumento de pesca com que se apanham todas as espécies de peixe? E aquele tipo que se arrasta no rio para pegar peixes maiores?

**255. BOIA**

Qual o nome do objeto colocado nas redes de pesca para que elas não afundem?

**256. MALHADEIRA**

Que nome que se dá à rede que o pescador coloca à tardinha num igarapé ou pequena enseada, para que, no outro dia, a encontre lotada de peixe?

**257. PESCARIA DE CANIÇO**

Pescaria em que se utiliza uma vara?

**258. TARRAFA**

Como se chama a rede de pesca cuja forma é redonda e é lançada da canoa ou mesmo da terra?

**259. ESPINHEL**

Que nome é dado ao instrumento de pesca que se constituí de linha grossa e anzóis grandes, amarrados a uma vara para a pesca de peixes grandes como o surubim e a pirarara?

*K) Transporte Fluvial*

**260. BALSA**

Como se chama uma barcaça de madeira que pode ser movida a remo ou rebocada e tem, geralmente, a capacidade de conduzir toneladas de juta, de mercadorias, etc.

**261. RECREIO/ BATELÃO**

Qual o nome que se da embarcação movida à máquina que leva mercadoria e passageiros? E se for uma embarcação desse tipo, porém pequena, que faz viagens menores?

**262. MOTOR DE POPA**

Como se chama a máquina que fica localizada atrás das embarcações menores como a canoa?

**263. PRANCHA**

Qual o nome daquela peça de madeira que serve de ponte para as pessoas saírem das embarcações?

**264. QUILHA**

E da peça que guia a embarcação?

## APRESENTAÇÃO DAS CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS

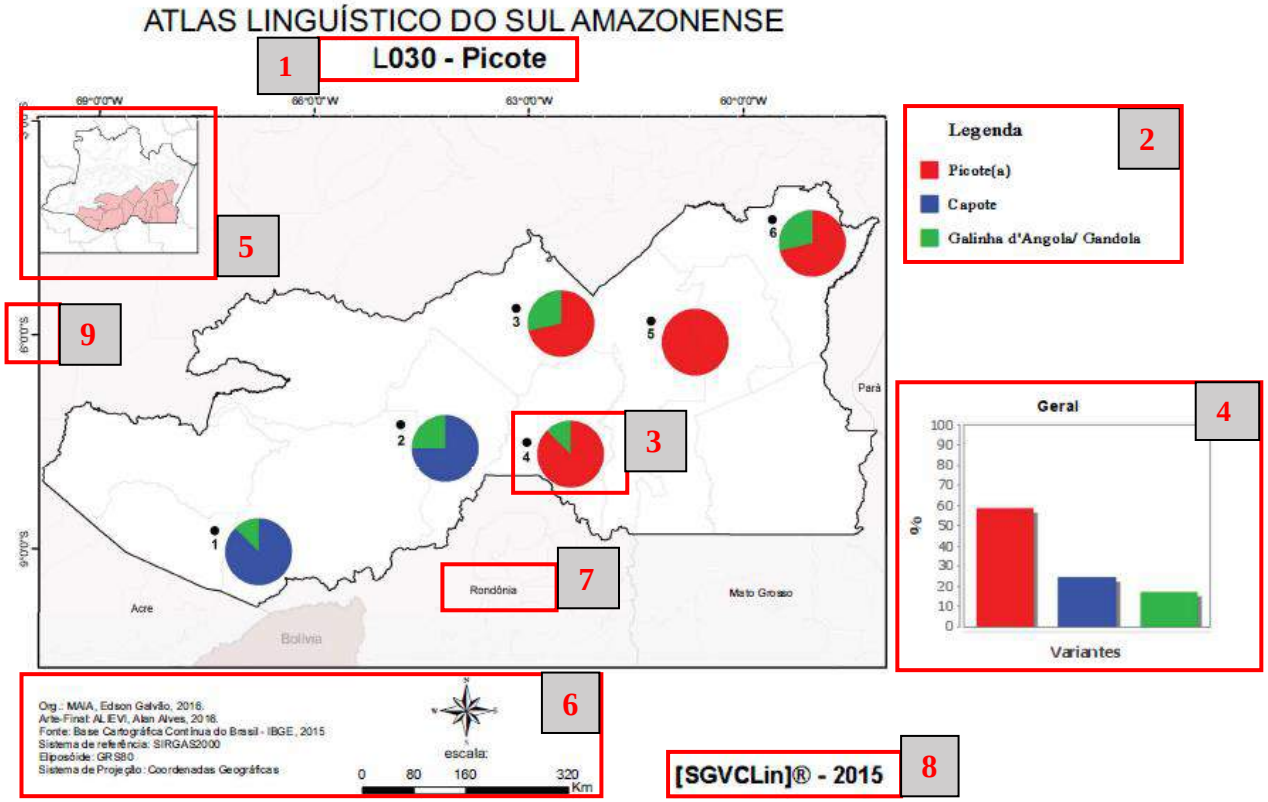
A variação lexical está contemplada nas 285 cartas semântico-lexicais (400 na versão em CD), as quais apresentam as variantes lexicais observadas nas grandes áreas semânticas (i) Meio Físico, que abrange duas subáreas, Terra e águas e Fenômenos atmosféricos; (ii) Meio Biótico, constituído das subáreas Fauna e Flora; e (iii) Meio Antrópico, com as subáreas Características físicas, Alimentação e cozinha, Saúde e medicina caseira, Habitação, Vestuários e acessórios, Crenças, superstições e lendas, Relações e comportamentos sociais, Expressões populares, Vida urbana, Atividades de produção e Transporte fluvial.

As cartas semântico-lexicais foram confecionadas e organizadas considerando sempre o conceito da questão do QSL, que, por sua vez, poderia gerar mais de uma carta em virtude das variáveis sociais observadas na pesquisa. A primeira carta de um conceito é sempre a carta diatópica. A partir da segunda carta, bidimensional ou pluridimensional, é possível observar a variação social. Assim, por exemplo, o conceito *tapiri* gerou três cartas fonéticas: a carta L093 – *Tapiri* mostra todas as variantes encontradas, distribuídas nos pontos de inquérito; as cartas L093a – *Tapiri – Distribuição por idade* e L093b – *Tapiri – Distribuição por escolaridade* demonstram, respectivamente, em separado, cada uma dessas variáveis observados no conceito.

Quanto ao título das cartas, optou-se por manter, para as cartas semântico-lexicais, a variante mais incidente na mesorregião. Já a numeração foi realizada considerando a natureza da carta. Nessa caso, as cartas semântico-lexicais foram marcadas pela letra L para indicar sua natureza, e, a partir de então, foram numeradas iniciando pelo número 001. As letras minúsculas (a,b,c...) foram usadas após o número para indicar a sequência de cartas bidimensionais e pluridimensionais de um mesmo conceito. Assim, a carta L114a – *Cocó – Distribuição por sexo e idade* é uma carta de natureza lexical (L), foi o 114º conceito cartografado (114) e demonstra as variantes das primeiras variáveis observada, sexo e idade (a).

Considerando os elementos da cartografia moderna e o programa computacional utilizado para a geração das cartas, apresentam-se, nas figuras a seguir, os modelos de carta linguística que compõem o ALSAM e seus elementos constitutivos :

**Figura 1** – Apresentação das cartas diatópicas




**Fonte:** Elaboração do autor

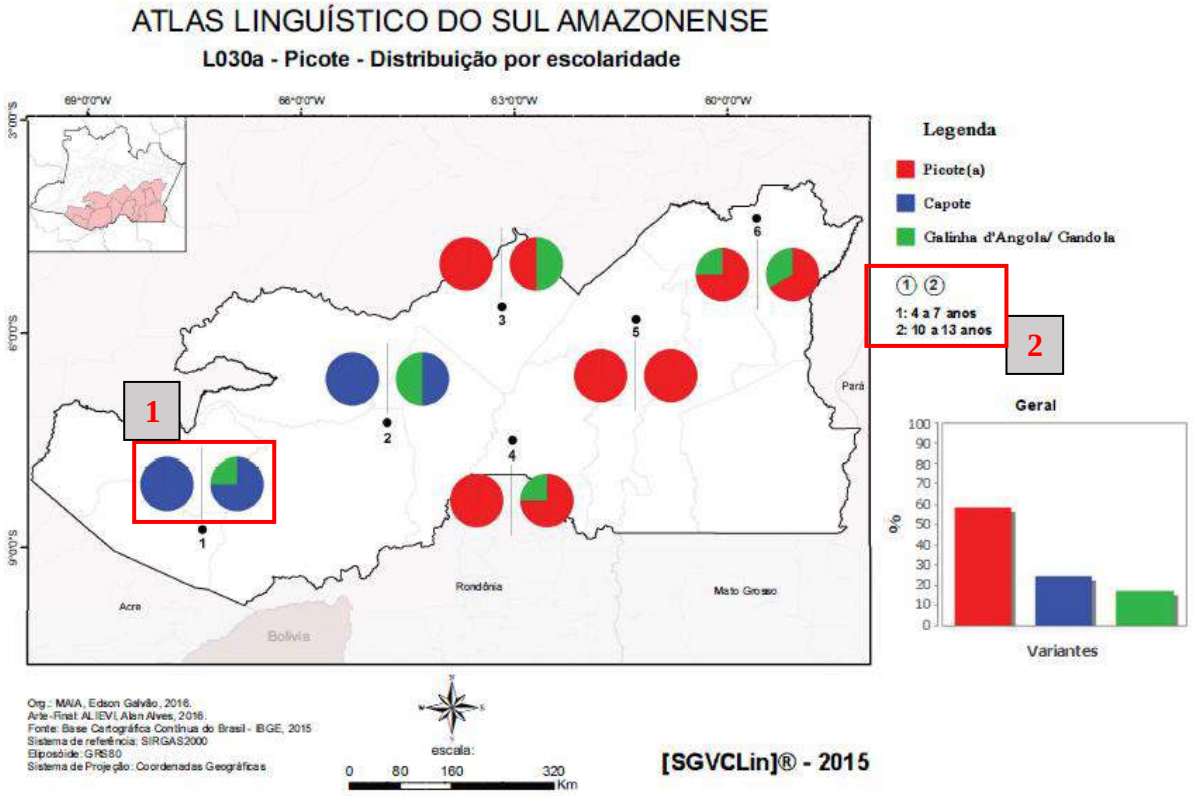
A figura 1 mostra uma carta diatópica e contém, de acordo com a numeração na figura:

1. Número e título da carta;

2. Legenda das variantes encontradas;
3. Gráfico estilo pizza com a variação por ponto de inquérito;
4. Gráfico Geral das variantes encontradas;
5. Indicação da localização da área investigada no Amazonas;
6. Orientação, escala e indicação das fontes da base cartográfiica;
7. Limites geográficos;
8. Logotipo do programa computacional que gerou a carta;
9. Indicação das coordenadas geográficas.

As cartas diatópicas bidimensionais (que englobam outra dimensão  além da diamensão diatópica), bem como as cartas pluridimensionais (que ao cruzar dados de duas variáveis sociais, envolvem outras duas dimensões, além da diatópica) possuem os mesmos elementos, aos quais se acrescentam a indicação da ordem dos gráficos que indicam os grupos sociais comparados, agora apresentados em dupla na área do mapa, conforme figura 2, ou em quartetos, conforme figura 3.

**Figura 2** – Exemplo de carta diatópica bidimensional

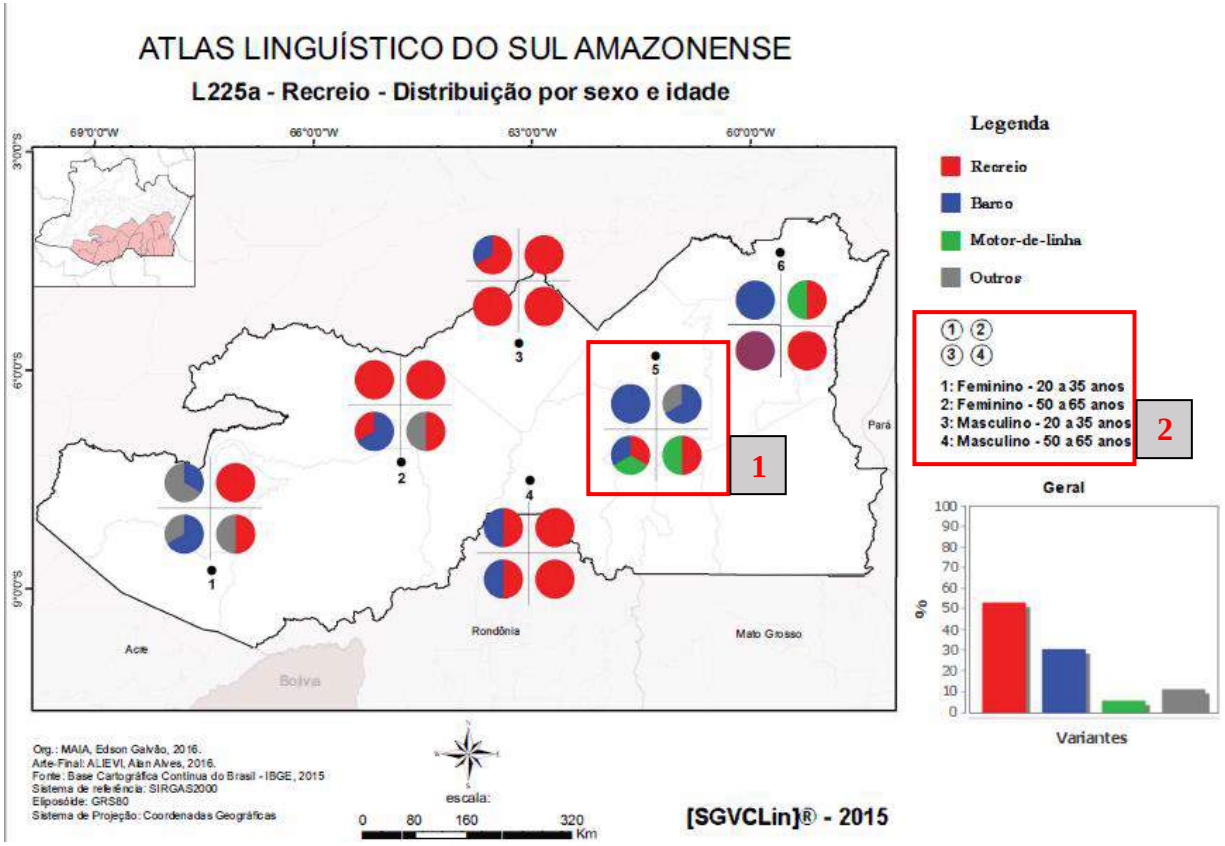



**Fonte:** Elaboração do autor

É possível verificar que esta carta apresenta os dados de acordo com a variável escolaridade: o retângulo de nº 1, no interior da carta, mostra, do lado esquerdo da barra vertical, o registro do informante com escolaridade entre 4 e 7 anos, e do lado direito o registro do informante com maior tempo de escolaridade (entre 10 e 13 anos). Essa informação é dada no retângulo nº 2,

localizado no lado direito, fora dos limites da carta.

**Figura 3** – Exemplo de carta diatópica pluridimensional




**Fonte:** Elaboração do autor.

Da mesma forma, o exemplo exposto na figura 3 apresenta os dados de acordo com as variáveis sexo e faixa etária:

o quadrado de nº 1, no interior da carta, mostra, na parte superior da cruz os registros femininos: do lado esquerdo a mais jovem (20 a 36 anos), do lado direito a menos jovem (entre 50 e 65 anos); o mesmo ocorre com os informantes masculinos, posicionados na parte inferior da cruz. Essas informações constam do quadrado de nº 2, localizado no lado direito, fora dos limites da carta.

Outras informações, além das dispostas no mapa, sâo apresentadas no verso da carta anterior, conforme especificado na apresentação deste volume.

## LISTA DE CARTAS SEMÃNTICO-LEXICAIS

| N º | Título | Natureza | Disponibilidade (Formato) |
|---|---|---|---|
| L001 | Igarapé | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L002 | Encontro das águas | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L002a | Encontro das águas – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L002b | Encontro das águas – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L003 | Banzeiro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L003a | Banzeiro – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L004 | Igapó | Semântico-lexical | CD |
| L004a | Igapó – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L004b | Igapó – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L005 | Correnteza | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L005a | Correnteza – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L006 | Redemoinho | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L007 | Enchente | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L007a | Enchente – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L008 | Seca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L008a | Seca – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L009 | Balceiro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L010 | Várzea | Semântico-lexical | CD |
| L010a | Várzea – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L011 | Furo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L012 | Relâmpago | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L012a | Relâmpago – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L013 | Raio | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L013a | Raio – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L014 | Temporal | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L014a | Temporal – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L015 | Chuvisco | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L015a | Chuvisco – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L015b | Chuvisco – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L016 | Arco-íris | Semântico-lexical | CD |
| L017 | Sereno | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L017a | Sereno – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L018 | Neve | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L018a | Neve – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L019 | Pôr-do-sol | Semântico-lexical | CD |
| L020 | Estrela cadente | Semântico-lexical | CD |
| L021 | Estrela d´alva | Semântico-lexical | CD |
| L022 | Constelações e estrelas conhecidas | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L023 | Anteontem | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L024 | João-de-barro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L024a | João-de-barro – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L025 | Galinha caipira | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L026 | Galinha carioca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L027 | Galinha garnisé | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L028 | Galinha piroca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L029 | Outras espécies de galinha conhecidas | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L030 | Picote | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L030a | Picote – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L031 | Nambu | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L032 | Piaba | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L033 | Boto tucuxi | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L033a | Boto tucuxi – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L034 | Boto rosa | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L035 | Poraqué | Semântico-lexical | CD |
| L035a | Poraqué – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L036 | Bodó | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L037 | Pitiú | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L038 | Quelônios de água doce conhecidos | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L039 | Tabuleiro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L040 | Jabuti | Semântico-lexical | CD |
| L041 | Primatas das famílias *cebidae* e *aotidae* | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L042 | Primatas da família *pitheciidae* | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L043 | Primatas da família *ateliidae* | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L044 | Queixada | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L045 | Caititu | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L046 | Mucura | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L046a | Mucura – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L047 | Carapanã | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L047a | Carapanã – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L047b | Carapanã – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L048 | Saúva | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L048a | Saúva – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L049 | Jiquitaia | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L049a | Jiquitaia – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | CD |
| L050 | Cupuaçu | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L051 | Seringueira | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L051a | Seringueira – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L052 | Cajá | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L052a | Cajá – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L053 | Pequiá | Semântico-lexical | CD |
| L054 | Grandes árvores conhecidas | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L055 | Seios | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L055a | Seios – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L056 | Calcanhar | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L056a | Calcanhar – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L056b | Calcanhar – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L056c | Calcanhar – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L057 | Bolacha do joelho | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L057a | Bolacha do joelho – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L057b | Bolacha do joelho – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L058 | Presas | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L058a | Presas – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L058b | Presas – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L059 | Queixal | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L059a | Queixal – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L059b | Queixal – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L060 | Banguela | Semântico-lexical | CD |
| L060a | Banguela – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L061 | Fanhoso | Semântico-lexical | CD |
| L062 | Zanoio | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L063 | Canhoto | Semântico-lexical | CD |
| L064 | Direito (Destro) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L064a | Direito (Destro) – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L065 | Aleijado (Manco) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L065a | Aleijado (Manco) – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L066 | Cambota | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L066a | Cambota – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L067 | Sovaco | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L067a | Sovaco – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L068 | Útero | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L068a | Útero – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L069 | Tapioca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L069a | Tapioca – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L069b | Tapioca – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L070 | Pé-de-moleque | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L070a | Pé-de-moleque – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L071 | Cocada | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L072 | Biscoito | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L072a | Biscoito – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L073 | Bolacha | Semântico-lexical | CD |
| L074 | Canjica | Semântico-lexical | CD |
| L074a | Canjica – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | CD |
| L075 | Carne moída | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L076 | Caldo de caridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L076a | Caldo de caridade – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L077 | (A)Moqueado | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L078 | Peixe seco | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L078a | Peixe seco – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L079 | Pirão | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L079a | Pirão – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L080 | Bombom | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L080a | Bombom – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L081 | Dindim | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L082 | Cachaça | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L082a | Cachaça – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L083 | Gorgulho | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L083a | Gorgulho – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L084 | Grelha | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L084a | Grelha – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L085 | Coador | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L085a | Coador – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L086 | Formas usadas para curar quebranto em criança | Semântico-lexical | CD |
| L087 | Remédios caseiros para dor de estômago | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L088 | Remédios caseiros para anemia | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L089 | Xarope | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L089a | Xarope – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L090 | Doenças de pele que coçam | Semântico-lexical | CD |
| L091 | Papeira | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L091a | Papeira – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L092 | Afta | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L092a | Afta – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L092b | Afta – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L093 | Tapiri | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L093a | Tapiri – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L093b | Tapiri – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L093c | Tapiri – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L094 | Caibro (peças usadas para armar o forro e o teto) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L094a | Caibro (peças usadas para armar o forro e o teto) – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L094b | Caibro (peças usadas para armar o forro e o teto) – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L095 | Perna-manca (peças usadas para armar as paredes) | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L095a | Perna-manca (peças usadas para armar as paredes) – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L095b | Perna-manca (peças usadas para armar as paredes) – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L096 | Travejamento (peças usadas para armar o assoalho) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L097 | Cumeeira | Semântico-lexical | CD |
| L098 | Barrote | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L098a | Barrote – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L098b | Barrote – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L098c | Barrote - Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L099 | Esteio | Semântico-lexical | CD |
| L100 | Ferrolho | Semântico-lexical | CD |
| L101 | Tramela | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L101a | Tramela – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L102 | Jirau | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L103 | Ponte | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L103a | Ponte – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L104 | Benjamim | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L105 | Extensão | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L105a | Extensão – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L106 | Cabide | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L106a | Cabide – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L107 | Pregador | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L108 | Cabeceira | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L108a | Cabeceira – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L109 | Utensílios de barro usados para por água | Semântico-lexical | CD |
| L110 | Vaso sanitário | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L111 | Sutiã | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L111a | Sutiã – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L112 | Nódoa | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L112a | Nódoa – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L113 | Tiara | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L113a | Tiara – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L114 | Cocó | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L114a | Cocó – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L114b | Cocó – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L115 | Gestos que as crianças fazem para anunciar um novo irmãozinho | Semântico-lexical | CD |
| L116 | Sinais de que se vai ganhar dinheiro ou presente | Semântico-lexical | CD |
| L117 | Meios usados para aliviar soluço de criança | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L118 | Vassourinha | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L118a | Vassourinha – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L119 | Mau-olhado | Semântico-lexical | CD |
| L120 | Põe-mesa | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L120a | Põe-mesa – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L121 | Sinais de má sorte para a mulher não se casar | Semântico-lexical | CD |
| L122 | Curandeira | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L122a | Curandeira Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L123 | Diabo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L124 | Outras designações para diabo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L125 | Macumba | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L125a | Macumba – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L126 | Visagem | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L127 | Entidades que protegem a mata | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L128 | Espírito | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L128a | Espírito – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L129 | Menstruação | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L129a | Menstruação – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L130 | Grávida | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L130a | Grávida – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | CD |
| L131 | Pariu | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L131a | Pariu – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L132 | Mãe-de-leite | Semântico-lexical | CD |
| L132a | Mãe-de-leite – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L133 | Resguardo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L133a | Resguardo – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | CD |
| L133b | Resguardo – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L134 | Finado | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L134a | Finado – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L135 | Juntos | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L135a | Juntos – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L136 | Menino | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L136a | Menino – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L137 | Menina | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L137a | Menina – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L138 | Faladeira (Tagarela) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L138a | Faladeira (Tagarela) – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L139 | Burro (Rude) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L139a | Burro (Rude) – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L139b | Burro (Rude) – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L140 | Negro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L140a | Negro – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L140b | Negro – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L141 | Moreno | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L141a | Moreno – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L142 | Caboclo | Semântico-lexical | CD |
| L142a | Caboclo – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L143 | Ribeirinho | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L143a | Ribeirinho – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L144 | Estrangeiro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L144a | Estrangeiro – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L145 | Corno | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L145a | Corno – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L145b | Corno – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L146 | Prostituta | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L146a | Prostituta – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L147 | Caloteiro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L147a | Caloteiro – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L148 | Mão-de-vaca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L148a | Mão-de-vaca – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L149 | Murro | Semântico-lexical | CD |
| L149a | Murro – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L150 | Alcoólatra | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L151 | Outras designações para alcoólatra | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L152 | Gay | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L152a | Gay – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L153 | Machuda | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L154 | Apressado (afobado) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L154a | Apressado (afobado) – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L154b | Apressado (afobado) – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L155 | Danado | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L155a | Danado – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L156 | Puxa-saco | Semântico-lexical | CD |
| L156a | Puxa-saco – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L157 | Carão | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L157a | Carão – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L158 | Coque | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L158a | Coque – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L158b | Coque – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L159 | Gasguita | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L160 | Calambota | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L160a | Calambota – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L161 | Peteca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L162 | Baladeira | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L162a | Baladeira – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L162b | Baladeira – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L163 | Esconde-esconde | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L163a | Esconde-esconde – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L163b | Esconde-esconde – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L164 | Pata-cega | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L165 | Balanço (Gangorra) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L165a | Balanço (Gangorra) – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | CD |
| L166 | Balanço | Semântico-lexical | CD |
| L166a | Balanço – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L167 | Macaca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L167a | Macaca – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L168 | Pira | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L168a | Pira – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L169 | Papagaio | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L170 | Porrinha | Semântico-lexical | CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L171 | Acessa | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L171a | Acesa – Distribuição por sexo e escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L172 | Apressado (Avexado) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L172a | Apressado (Avexado) – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L172b | Apressado (Avexado) – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L172c | Apressado (Avexado) – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L173 | Entupido | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L173a | Entupido – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L174 | Fofoqueiro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L174a | Fofoqueiro – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L175 | Enorme | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L175a | Enorme – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L175b | Enorme – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L176 | Besta | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L176a | Besta – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L176b | Besta – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L177 | Sinal | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L178 | Quebra-molas | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L178a | Quebra-molas – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L179 | Calçada | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L180 | Terreno | Semântico-lexical | CD |
| L181 | Bola | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L181a | Bola – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L182 | Estancar | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L183 | Bar (Taberna) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L183a | Bar (Taberna) – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L184 | A retalho | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L184a | A retalho – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L185 | Bico | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L186 | Rancho | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L186a | Rancho – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L186b | Rancho – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L187 | Esgoto | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L188 | Esburacada | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L188a | Esburacada – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L189 | Roçado | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L190 | Praia | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L190a | Praia – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L190b | Praia – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L191 | Maniva | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L192 | Casa-de-farinha | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L192a | Casa-de-farinha – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L193 | Farinha d´água | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L193a | Farinha-d´água – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L194 | Farinha-seca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L195 | Fornada | Semântico-lexical | CD |
| L196 | Gamela | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L197 | Goma | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L197a | Goma – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L198 | Instrumentos usados para extrair o caldo da massa de mandioca | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L199 | Tangerina | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L200 | Banana-najá | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L200a | Banana-najá – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L201 | Banana-maçã | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L202 | Banana-comprida | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L202a | Banana-comprida – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L203 | Outras espécies de bananas conhecidas | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L204 | Sabugo | Semântico-lexical | CD |
| L204a | Sabugo – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L205 | Mão (Medidas usadas para comercialização de milho) | Semântico-lexical | CD |
| L205a | Mão (Medidas usadas para comercialização de milho) – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L206 | Vagem | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L207 | Jerimum | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L208 | Touro | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L208a | Touro – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L209 | Capado | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L209a | Capado – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L210 | Porco | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L210a | Porco – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L211 | Bacurim | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L211a | Bacurim – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L212 | Leitão | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L212a | Leitão – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L212b | Leitão – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L213 | Tirar (leite) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L213a | Tirar (leite) – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L213b | Tirar (leite) – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L214 | Maromba | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L215 | Colher | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L215a | Colher – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L216 | Paneiro (Instrumentos utilizados no transporte de produtos retirados da floresta) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L217 | Jamaxi | Semântico-lexical | Impressa e CD |

| | | | |
|---|---|---|---|
| L218 | Juntar (castanha) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L218a | Juntar (castanha) – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L219 | Quebrar (castanha) | Semântico-lexical | CD |
| L220 | Arpão | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L221 | Arrastão | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L221a | Arrastão – Distribuição por sexo | Semântico-lexical | CD |
| L221b | Arrastão – Distribuição por idade | Semântico-lexical | CD |
| L221c | Arrastão – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | CD |
| L222 | Boia | Semântico-lexical | CD |
| L223 | Espinhel | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L223a | Espinhel – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L224 | Balsa (Embarcações, que podem ser rebocadas, usadas para o transporte de mercadoria) | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L224a | Balsa (Embarcações, que podem ser rebocadas, usadas para o transporte de mercadoria) – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L225 | Recreio | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L225a | Recreio – Distribuição por sexo e idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L226 | Barco | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L226a | Barco – Distribuição por escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L227 | Motor-rabeta | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L227a | Motor-rabeta – Distribuição por idade e escolaridade | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L228 | Prancha | Semântico-lexical | Impressa e CD |
| L228a | Prancha – Distribuição por idade | Semântico-lexical | Impressa e CD |

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## Cartas Semântico-lexicais



# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L001

# IGARAPÉ

**Meio físico: Terra e águas - QSL-001:** Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

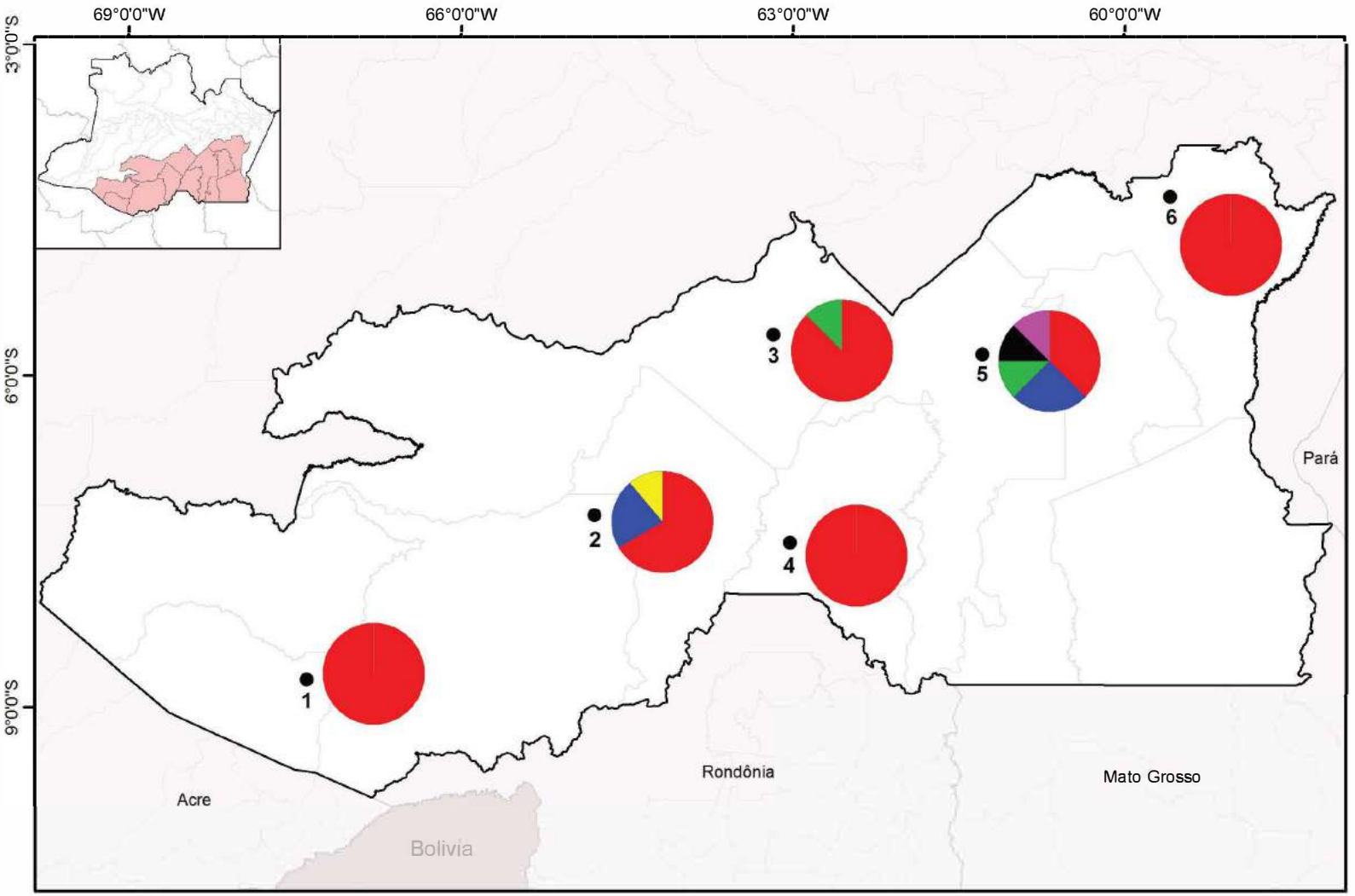


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Humaitá), MB02(Manicoré) e HA01 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): Ah, a gente chama um **riozinho**, ou **'garapé**, no caso seria igarapé, mas a gente chama 'garapé (...).
3. HB02 (Lábrea): **Riacho** não é, né? A gente chama de rio menor. É um **córrego**? (...).
4. MB01 (Tapauá): Lago.
   INQ.: É um lago se ele não tiver saída, não é? Ele está fechado, então é um lago. Mas se ele tiver saída, como um rio?
   MB01 (Tapauá): É **lago** (...).
5. HA01 (Manicoré): Quando é pequeno se chama de **braço**.
   INQ.: Um pequeno de dois metros de largura...
   HA01 (Manicoré): Pequeno que some pra dentro se chama de braço, que vai até varar nos outros rio (...).
6. HB02 (Manicoré): **Afluente** (...).

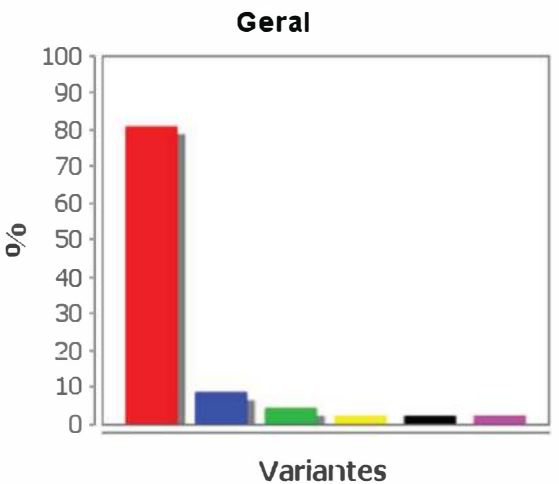
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L001 - Igarapé

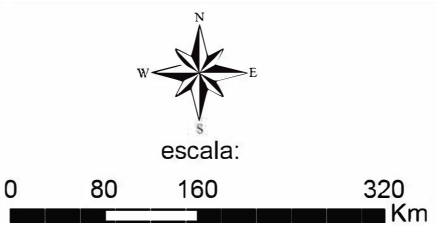



**Legenda**

- (I)garapé
- Córrego
- Lago
- Riacho
- Braço
- Afluente




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L002

# ENCONTRO DAS ÁGUAS

**Meio físico: Terra e águas - QSL-002:** E o lugar onde o rio termina ou encontra outro rio?

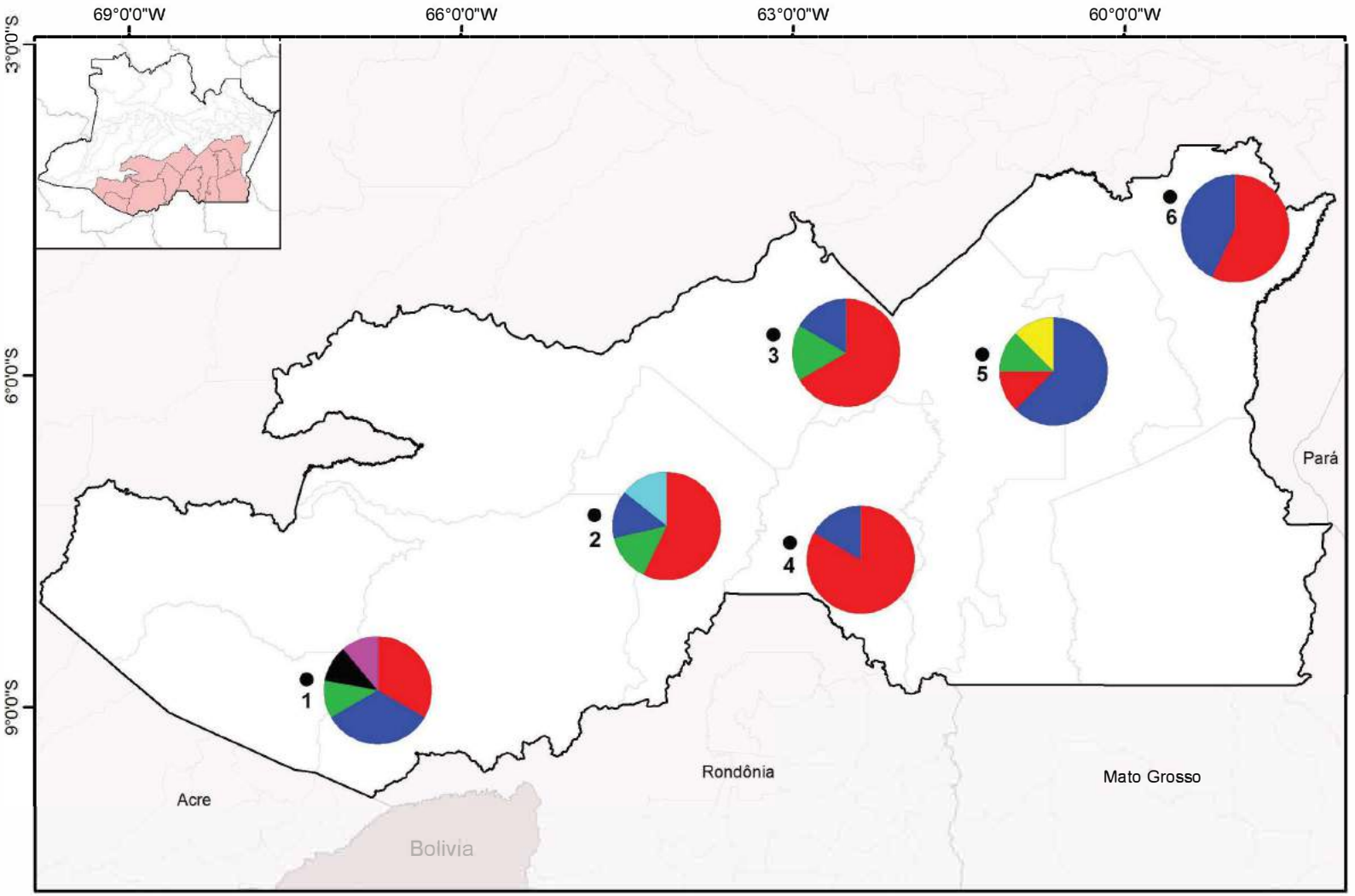


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 e MA01 (Boca do Acre), MB01 (Lábrea) e HA02 e MB02 (Tapauá), MA01 e MA02 (Humaitá), MB02 (Manicoré) MA02 e MB01 (Borba).
2. HA02 (Boca do Acre): **Braço**.
   INQ.: No fim dele, né? É braço mesmo?
   HA02 (Boca do Acre): É, braço (...).
3. HB01 (Boca do Acre): Aqui...o **encontro** (...) Porque aqui faz divisa, né, aqui tem um córrego também no (inint.) dos rio, né, a **foz**, né? (...).
4. HB02 (Boca do Acre): As pessoa chamam de... é **encontro dos rio** (inint.) o outro, um rio quando cai no outro assim, (inint.), quando desemboca dentro do outro rio (...) rio Acre desemboca dento do rio Purus, isso aí é o linguajar regional, né? (...).
5. MB01 (Boca do Acre): Onde um rio termina e encontra outro rio deveria ser **encontro das águas**, mas isso eu só vi em Manaus.Mas a gente costuma dizer as duas **boca**, que é uma bifurcação que tem logo ali (...).
6. MA02 (Lábrea): **Cabeceira** (...). É, chegou na cabeceira do rio (...).
7. MA01 (Tapauá): Ai chama **encontro das água** porque pra ali é o rio Purus e pra cá é o rio Ipixuna, pra ali a água é branca e pra cá a água é preta (...).
8. HB02 (Tapauá): Aqui, né? É **foz**, a gente chama de foz (...).
9. HB01 (Humaitá): Aqui chamam de... quando sai um rio encontra outro, o pessoal fala **boca**, boca do rio aqui (...).
10. HA02 (Manicoré): É... tem alguns lugares que chama de três **bocas**, né. Ou a... o **cruzamento do rio** (...).
11. INQ.: Isso. Quando o senhor vem de Manaus pra cá, o senhor entrar aqui no rio Madeira, por onde o senhor entra?
    HA02 (Borba): Entra na **boca** do Madeira que chama, né (...).

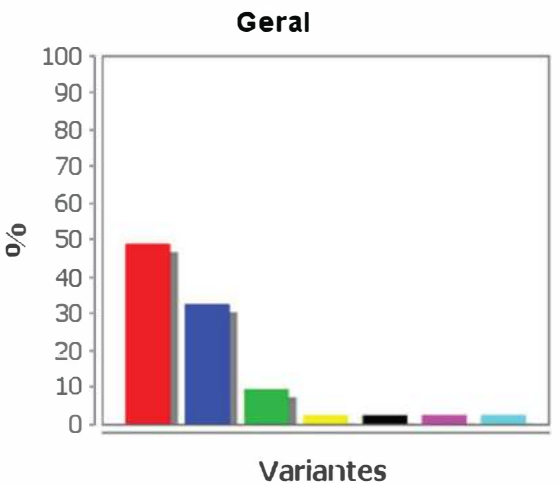
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L002 - Encontro das águas

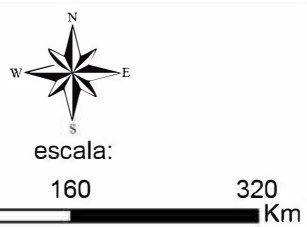



**Legenda**

- Encontro/ Encontro das águas
- Boca
- Foz
- Cruzamento do rio
- Encontro dos rios
- Braço
- Cabeceira



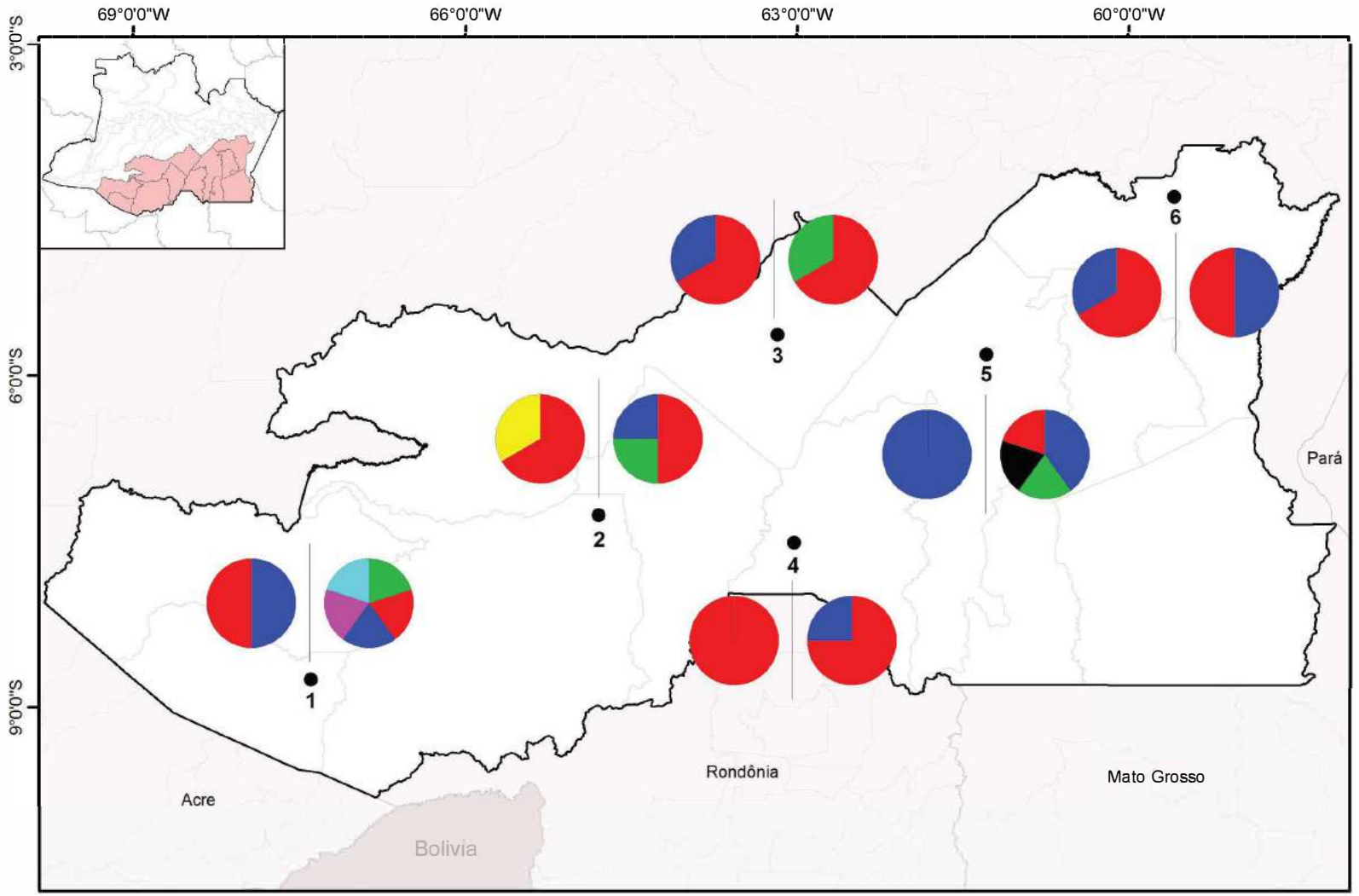

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L002a - Encontro das águas - Distribuição por sexo

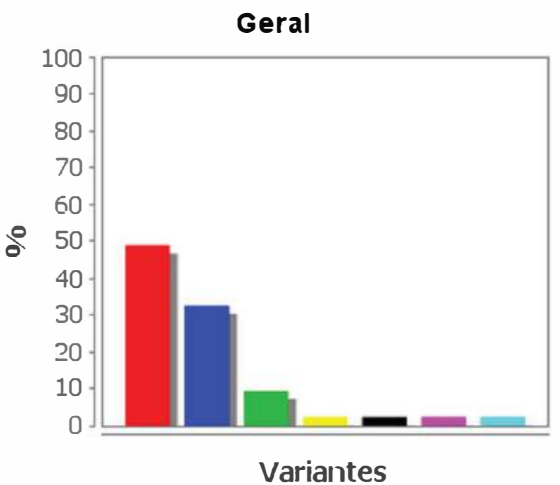



**Legenda**

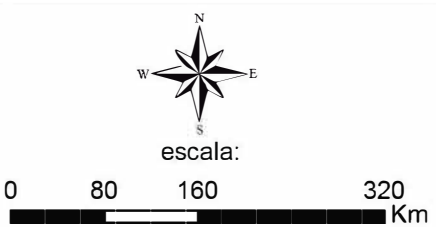
- Encontro/ Encontro das águas
- Boca
- Foz
- Cabeceira
- Cruzamento do rio
- Braço
- Encontro dos rios

① ②

**1: Feminino**
**2: Masculino**



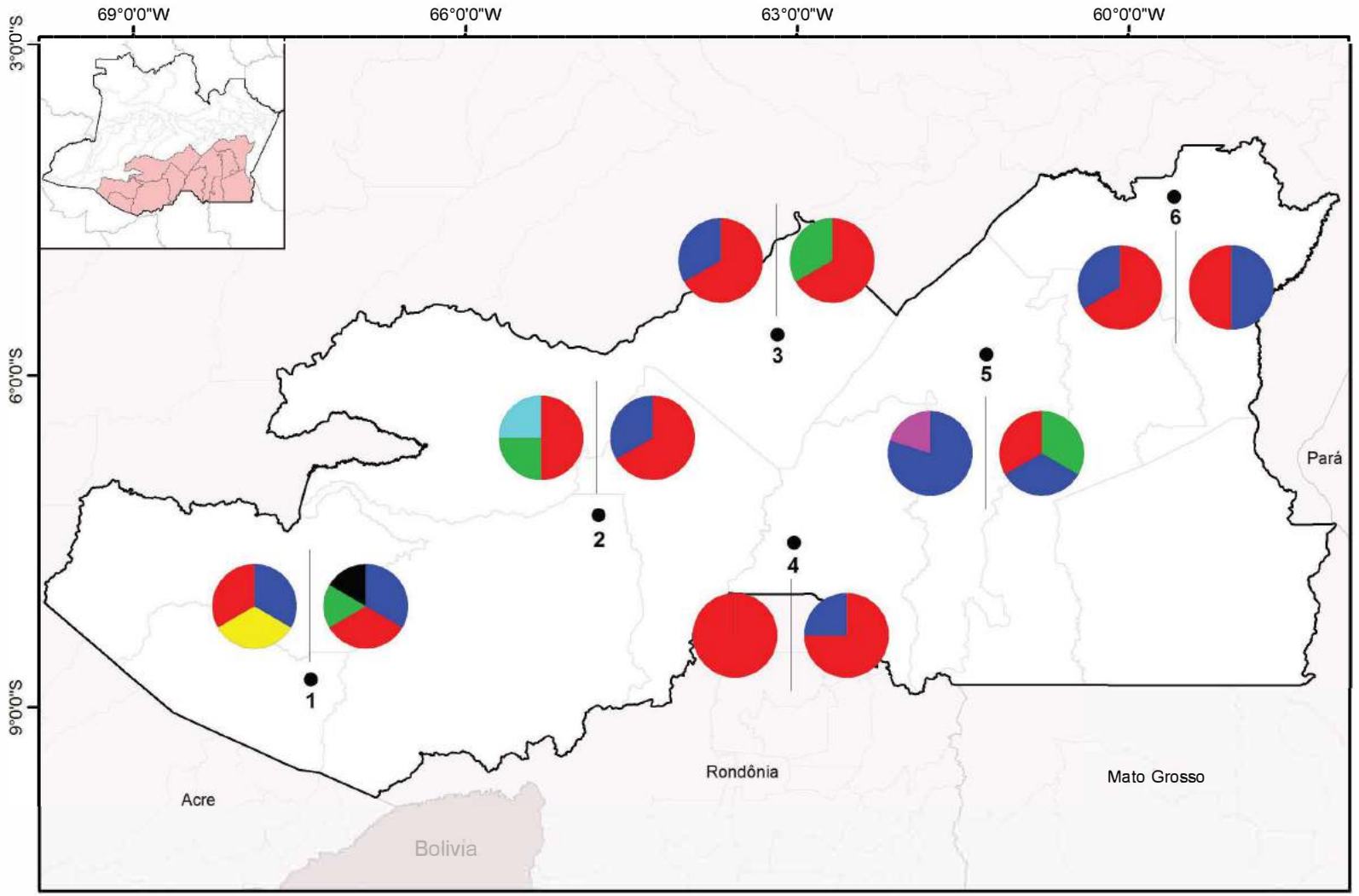

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L002b - Encontro das águas - Distribuição por escolaridade

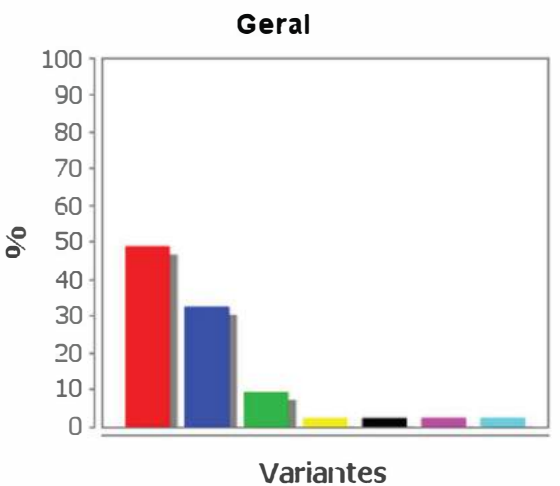



**Legenda**

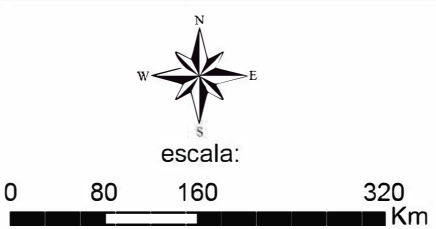
- Encontro/ Encontro das águas
- Boca
- Foz
- Braço
- Encontro dos rios
- Cruzamento do rio
- Cabeceira

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L003

# BANZEIRO

**Meio físico: Terra e águas - QSL-003:** Como se chama o movimento das águas do rio, provocado por vento ou pela passagem dos barcos?

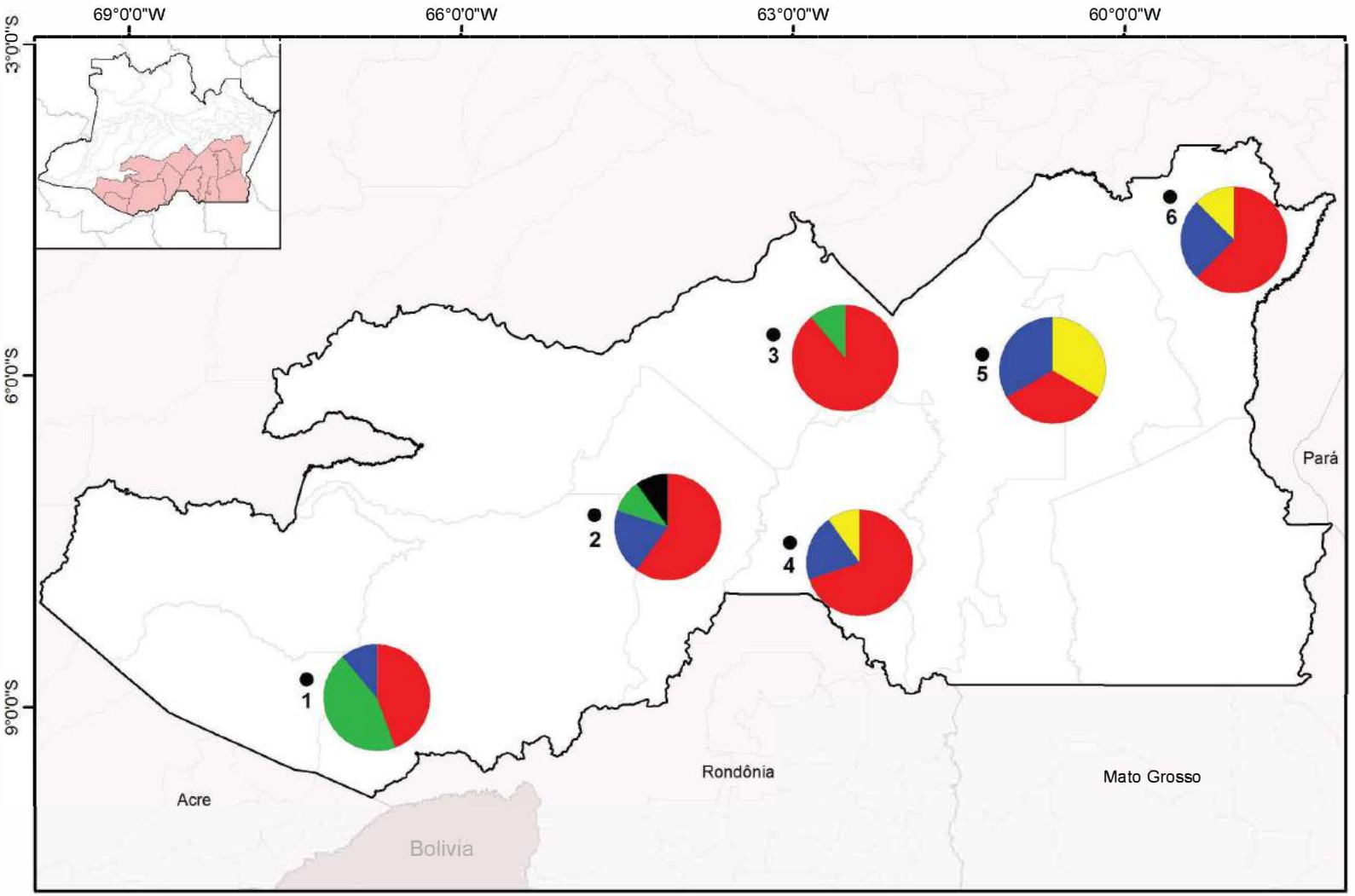


**NOTAS:**

1. PROBLEMA TÉCNICO: HA01 (Humaitá).
2. NÃO SOUBE RESPONDER: MB01 (Borba).
3. HB02 (Boca do Acre): Na nossa região aqui é chamado **pororoca** (...).
4. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **banzeiro**, quando tá muito forte a gente fala "ah, meu Deus, tá uma **pororoca**!" Mas geralmente é banzeiro que a gente chama (...).
5. HA02 (Lábrea): Nós que mora no rio, nós chama **banzeiro** (...).
6. HB02 (Lábrea): A gente chama de **turbulência** ou **pororoca** (...).
7. MA02 (Lábrea): **Banzeiro** e... como é aquela que é bem (de)vagarzinho assim, é... pera lá, deixa eu ver aqui, **ondas** e... peraí, porque a onda é quando o banzeiro é forte, quando o banzeiro é pequeno é... mas eu lembro, eu sei, só não tô lembrando... **pororoca**, o rio tá cheio de pororoca. É ondas que é banzeiro a... (inint.) e pororoca é quando ele é bem baixinho só atrapalhando mesmo, pra alagar (...).
8. HA02 (Humaitá): **Banzeiro** ou **maresia**.
   INQ.: É a mesma coisa?
   HA02 (Humaitá): Maresia aqui pra nós é... na nossa linguagem... é quando tá bem brando. E banzeiro é aquele que assusta, que alaga as canoa. Esse é o banzeiro pra gente (...).
9. HB02 (Manicoré): É... **maresia** (...).
10. HB01 (Borba): É **ondas**. E pode ser... é maré também, às vez (...).
11. HB02 (Borba): **Marisia**, **onda**, como queira, né, que chama (...).

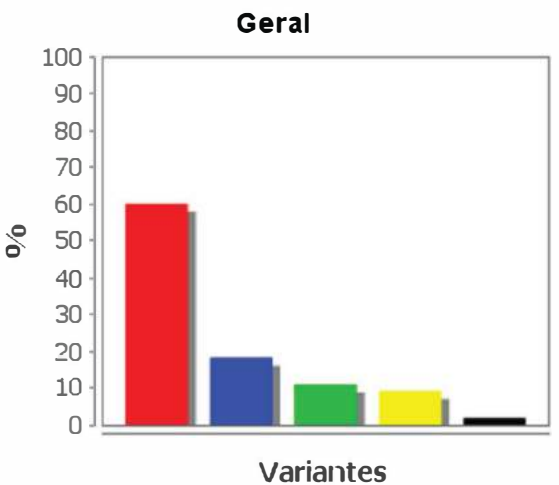
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L003 - Banzeiro

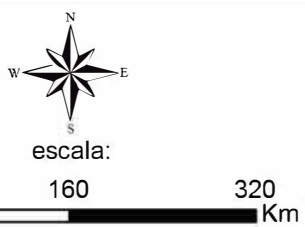



**Legenda**

- Banzeiro
- Onda
- Pororoca
- Maresia
- Turbulência



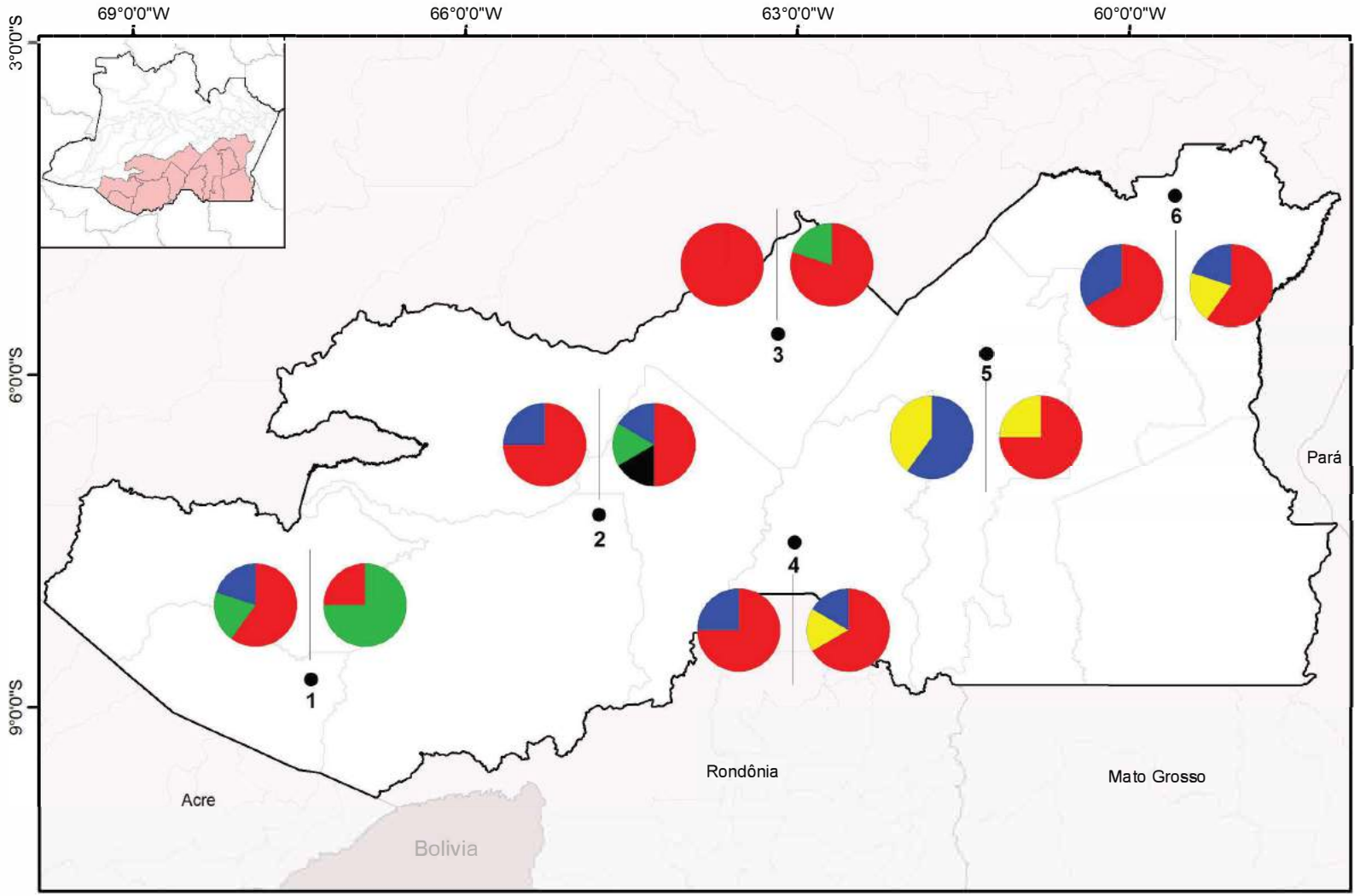

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L003a - Banzeiro - Distribuição por idade

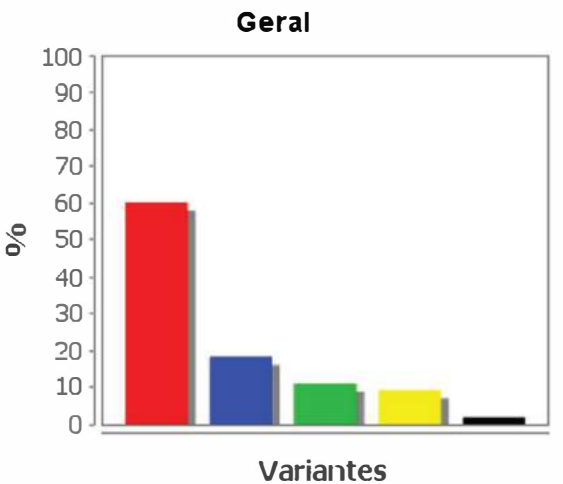



**Legenda**

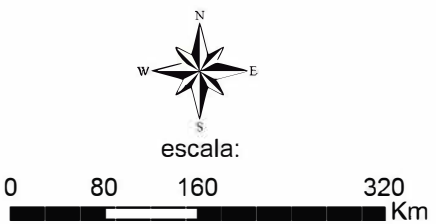
- Banzeiro
- Onda
- Pororoca
- Maresia
- Turbulência

① ②

1: 20 a 35 anos
2: 50 a 65 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L005

# CORRENTEZA

**Meio físico: Terra e águas - QSL-005:** E o trecho onde o rio corre com mais força?

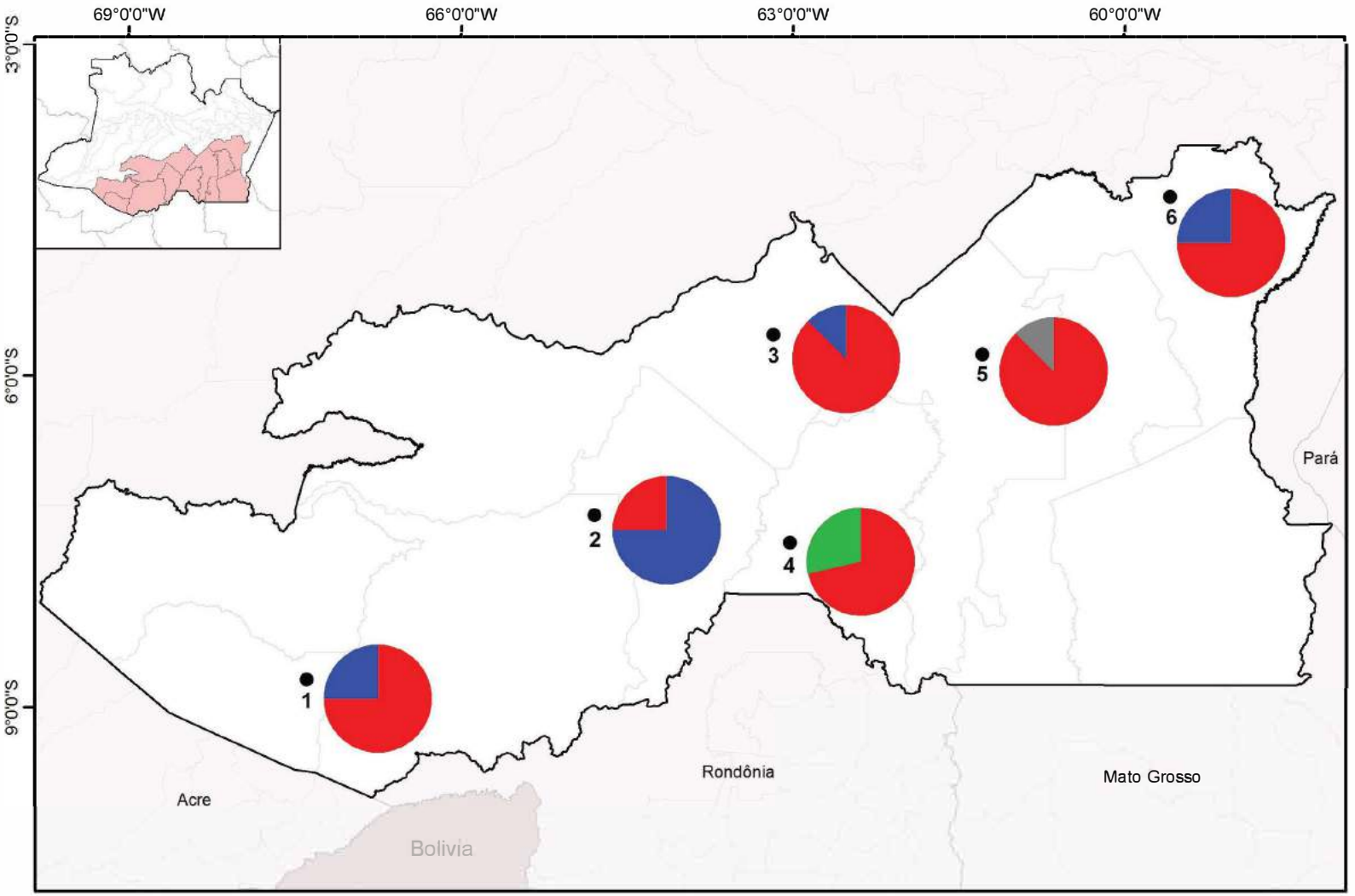


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Humaitá) e MB01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS:HB02 (Manicoré): **Leito** (...).
3. HA01 (Borba): Corre com mais força, **correnteza** que chama (...).
4. MB01 (Humaitá): Trecho do rio que corre com mais força? A gente chama de **água corrente**, né? (...).
5. HA02 (Lábrea): O meio do rio, a **correnteza** do rio, o meio do rio (...).
6. MA02 (Boca do Acre): **Corredeira**, né? (...).

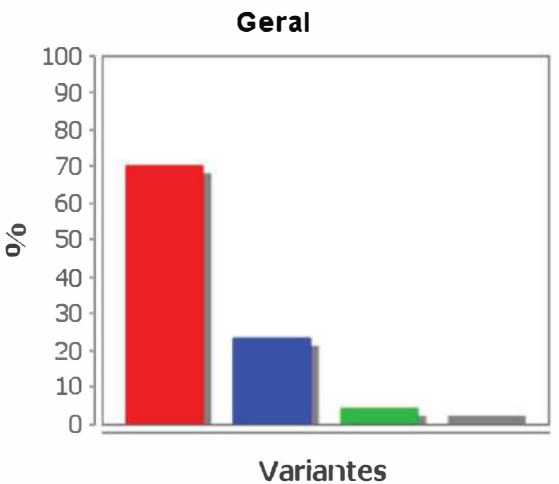
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L005 - Correnteza




**Legenda**

- Correnteza
- Corredeira
- Água corrente
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



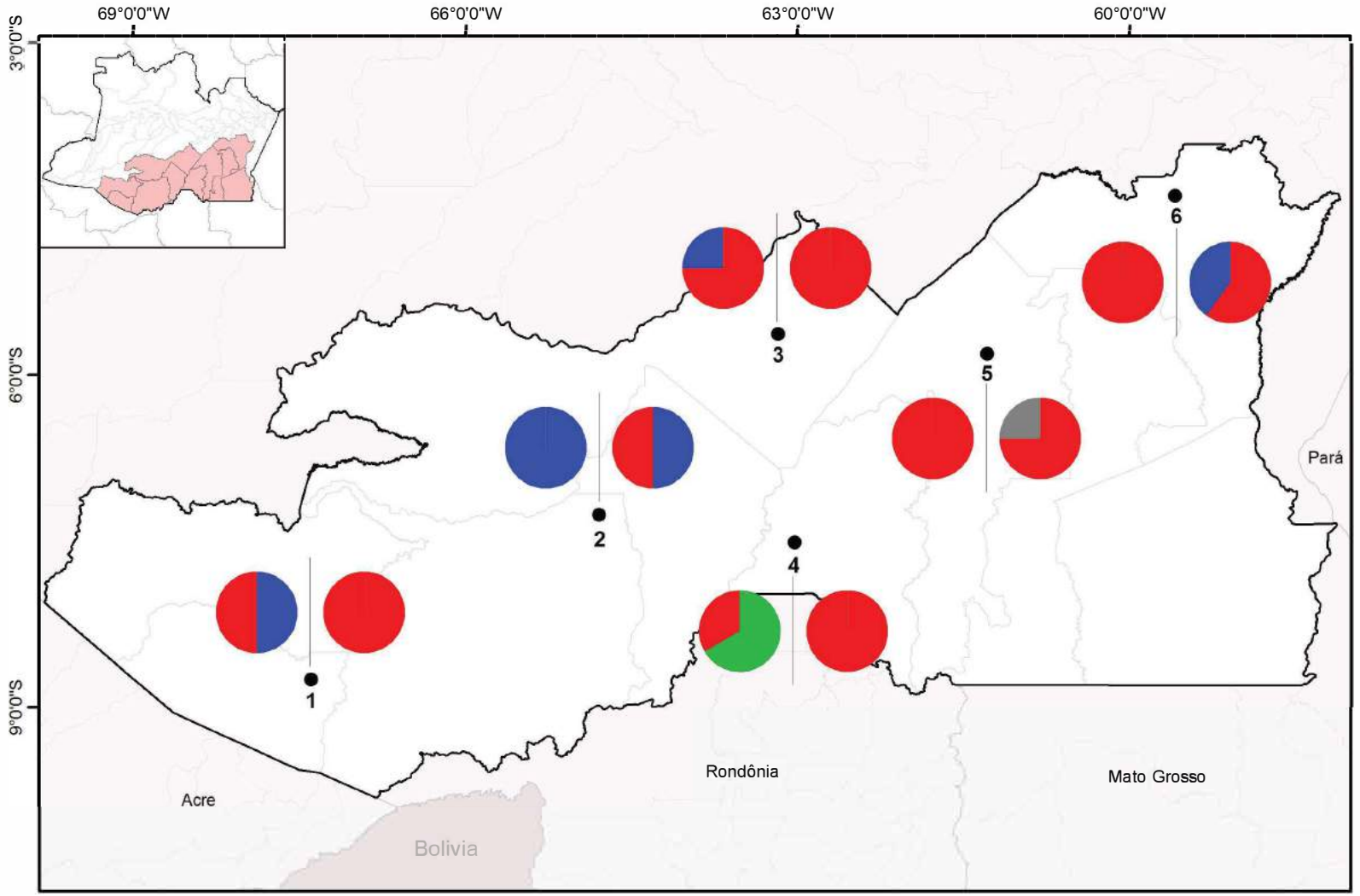

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L005a - Correnteza - Distribuição por sexo

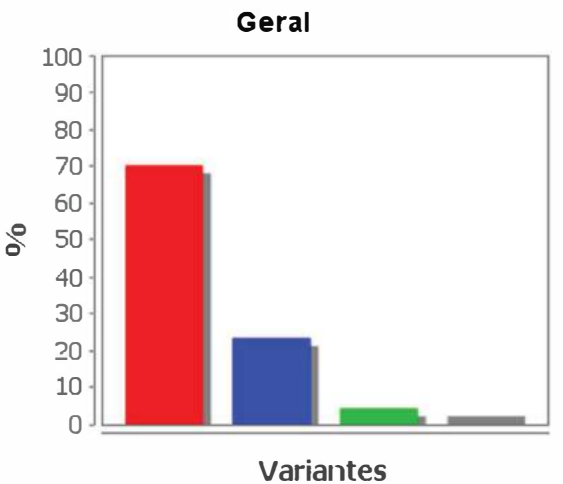



**Legenda**

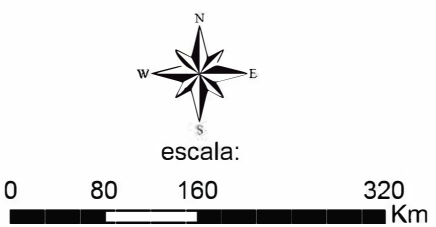
- Correnteza
- Corredeira
- Água corrente
- Outros

① ②

**1: Feminino**
**2: Masculino**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L006

# REDEMOINHO

**Meio físico: Terra e águas - QSL-006:** Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isso?

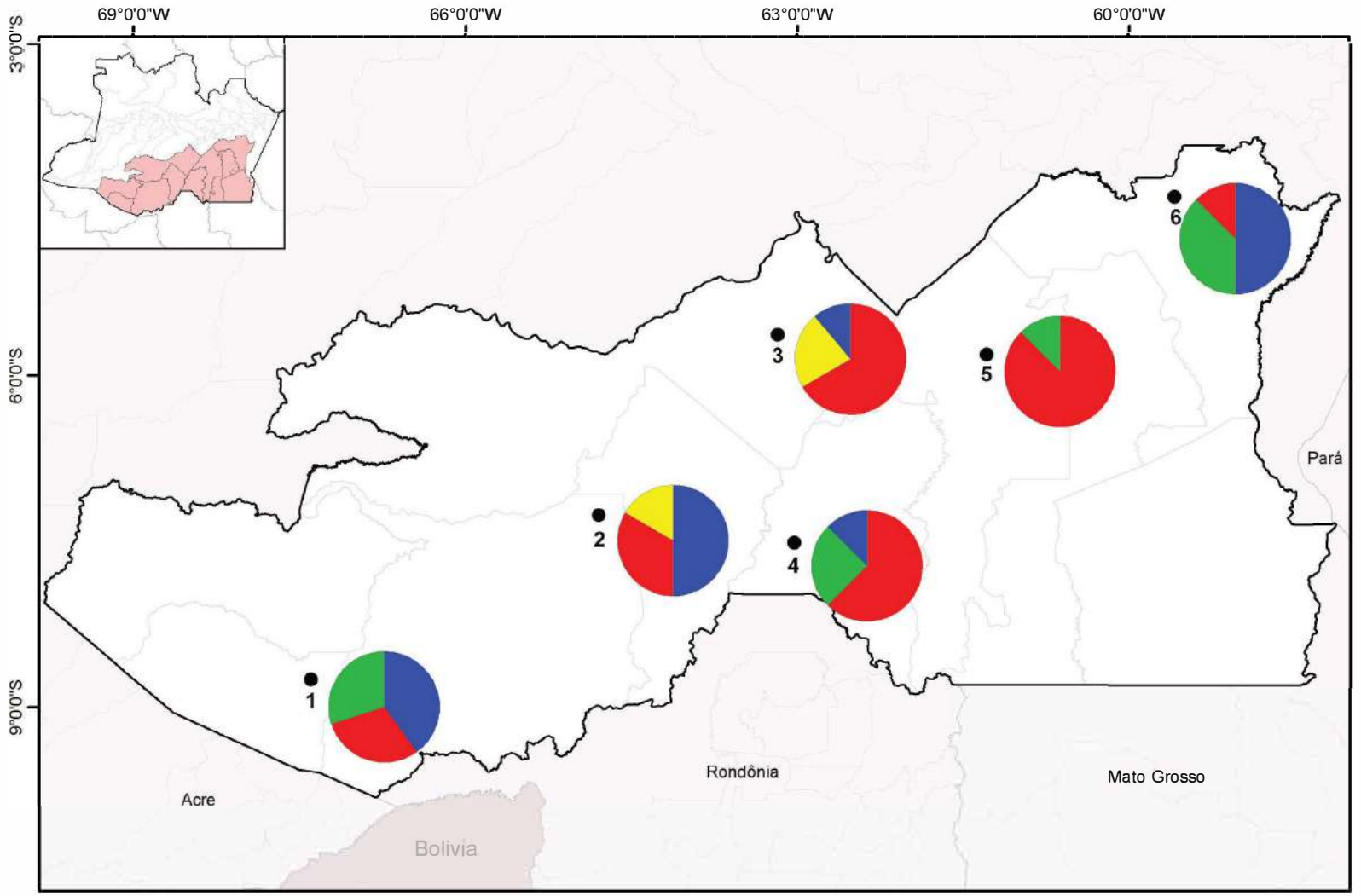


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 e MB01 (Lábrea).
2. HA01 (Boca do Acre): **Redemoinho**, **funil** que chama (...).
3. HB02 (Boca do Acre): (inint.) no linguajar regional de **funil** (...).
4. HB02 (Lábrea): Chama de **rebojo**(...).
5. HA01 (Tapauá): Aqui nós chama de **remanso** aqui.
   INQ.: Remanso?
   HA01 (Tapauá): Remanso, que é tipo aquele **redemoinho** que dá assim, né (...).
6. MA01 (Tapauá): Jidimunho, é o **judimunho**, tipo assim um funil, né (...).
7. HA02 (Borba): **Rebojo** que chama, rebojo né (...).

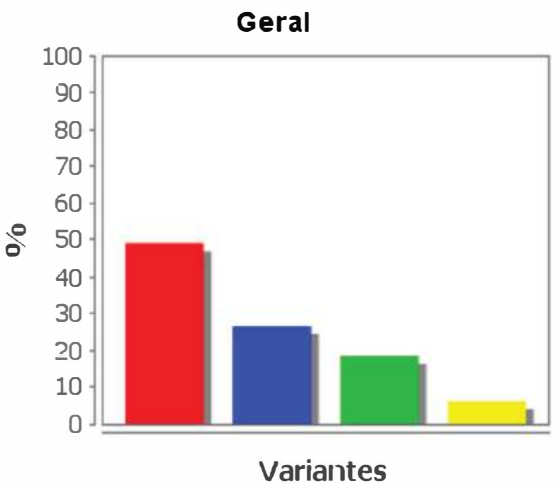
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L006 - Redemoinho




**Legenda**

- Judimunho/ Redemoinho
- Rebojo
- Funil
- Remanso




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L007

# ENCHENTE

**Meio físico: Terra e águas - QSL-007:** Como se chama o período em que o rio apresenta o maior volume de águas?

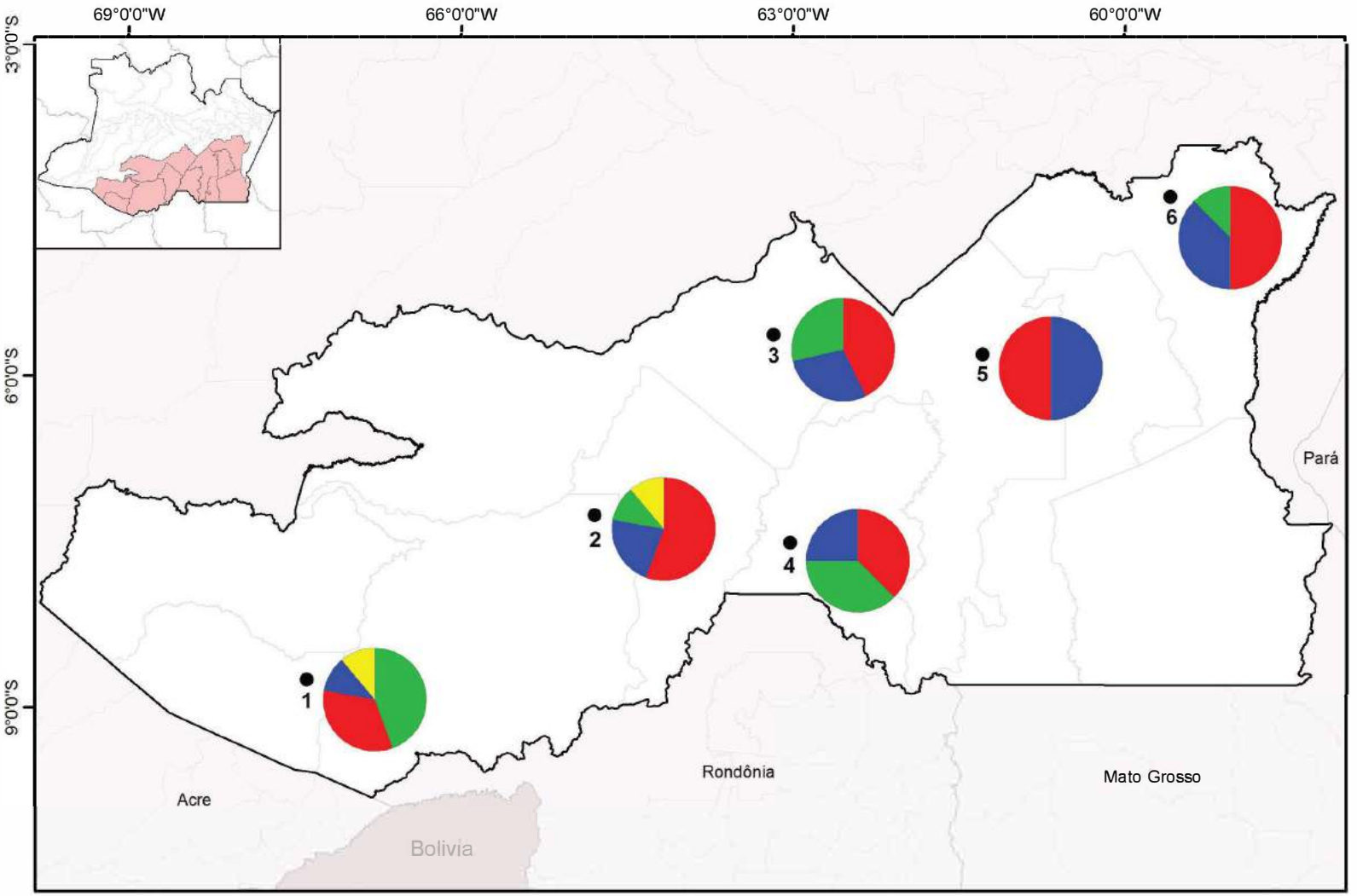


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MB01 (Tapauá).
2. MB01 (Boca do Acre): O período é, os período das **cheia**, né, da **alagação**, aqui que chama (...).
3. MA01 (Boca do Acre): Tem vários tipo, né, de época, época de fartura de peixe mesmo é no verão, quando o rio tá seco, e tem no **inverno** também que é a época dos peixe grande (...).
4. MA01 (Humaitá): Da **enchente**, da **cheia**? (...).
5. MA01 (Manicoré): É quando tá **enchente**, a gente fala enchente;
6. MA02 (Lábrea): **Alagação**, enchente. É alagação (...).
7. HA02 (Tapauá): (...) porque pra nós aqui novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio, tudo é **inverno**, que é o período que o rio tá cheio (...).

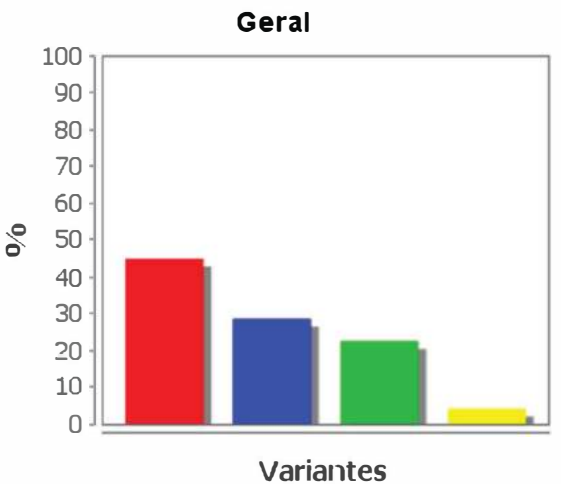
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L007 - Enchente

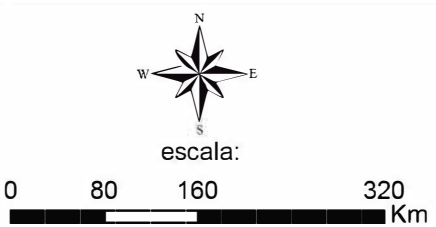



**Legenda**

- Enchente
- Cheia
- Inverno
- Alagação



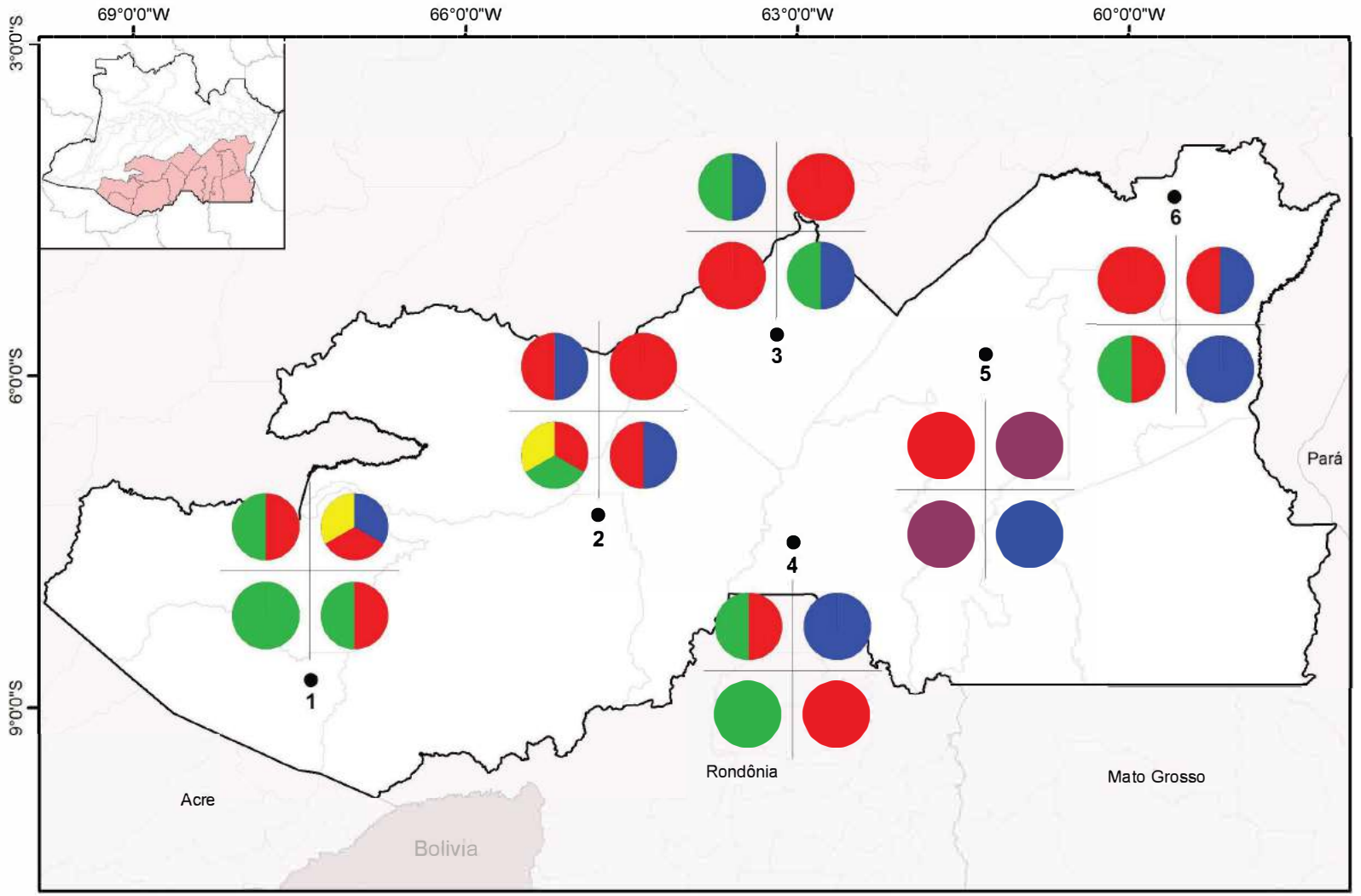

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L007a - Enchente - Distribuição por idade e escolaridade

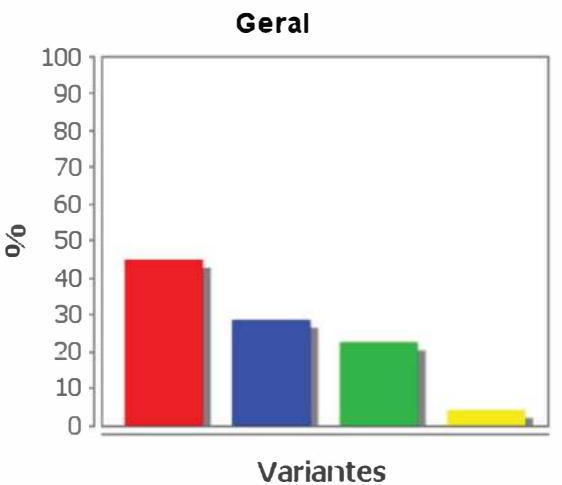



**Legenda**

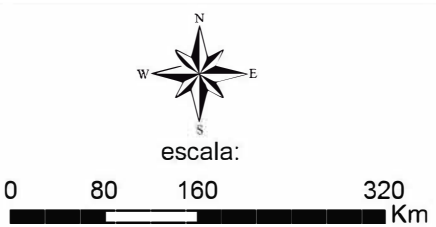
- Enchente
- Cheia
- Inverno
- Alagação

① ② ③ ④

1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos
2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos
3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos
4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L008

## SECA

**Meio físico: Terra e águas - QSL-008:** E o período em que o rio apresenta o menor volume de águas? É o melhor período para a pesca.

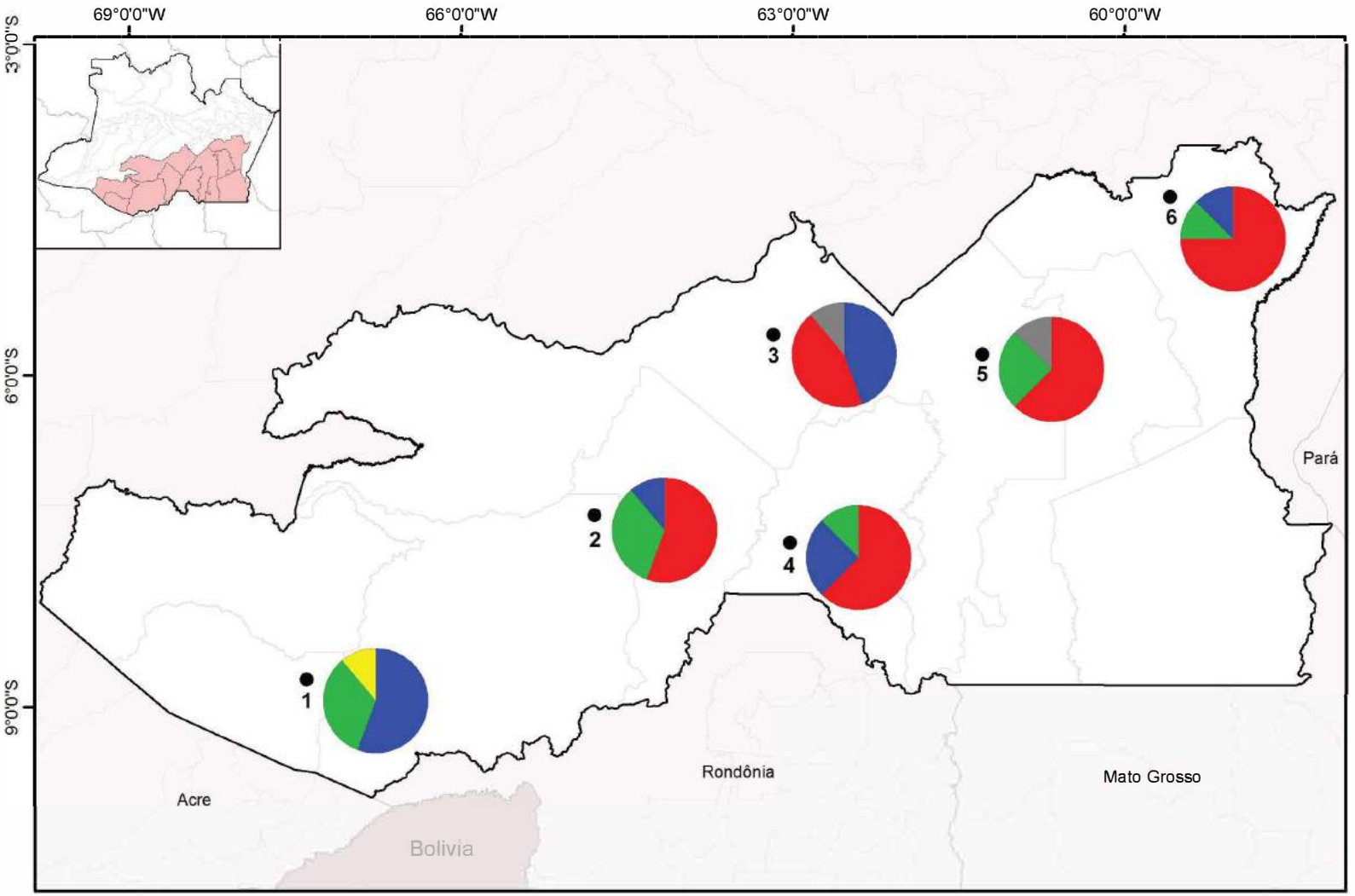


**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS:HB01 (Tapauá): **Vazação**(...).MA01 (Manicoré):Ela tá..É a **secante** (...).
2. HB01 (Boca do Acre): O menor volume é o período da **estiagem**, a **se**... da **vazante** (...).
3. MA01 (Boca do Acre): Tem vários tipo, né, de época, época de fartura de peixe mesmo é no verão, quando o rio tá seco, e tem no inverno também que é a época dos peixe grande (...).
4. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de o rio tá seco mesmo, é **verão**, o rio tá seco, é a época das praias (...).
5. HA02 (Tapauá): (inint.) agosto, o período que o rio tá seco, **verão**, chamamos de verão (...).
6. MA01 (Borba): É a **seca** (...).

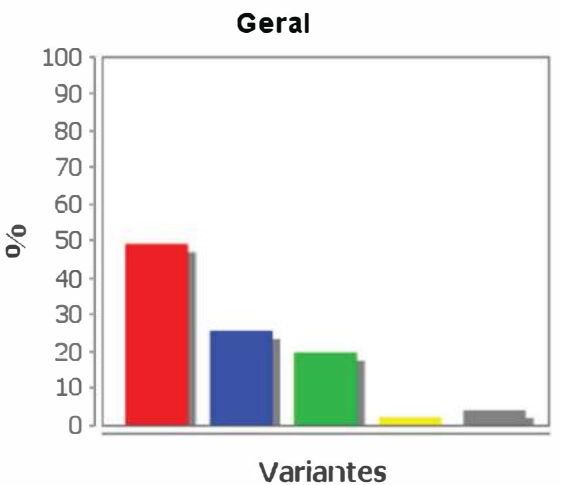
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L008 - Seca

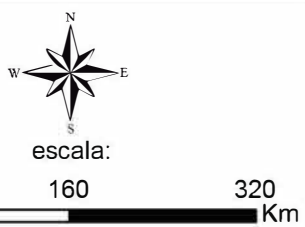



**Legenda**

- Seca
- Verão
- Vazante
- Estiagem
- Outros



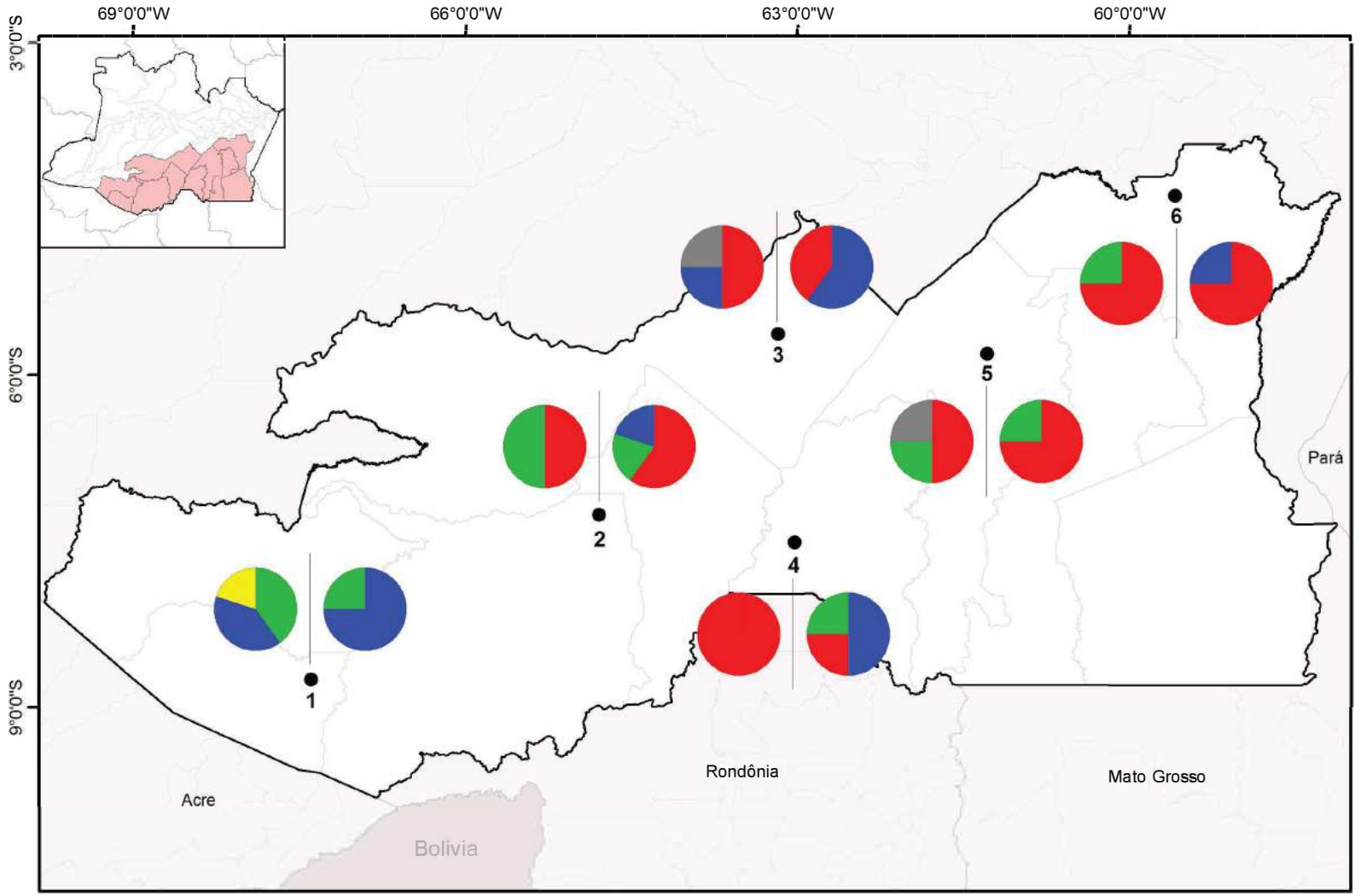

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L008a - Seca - Distribuição por idade

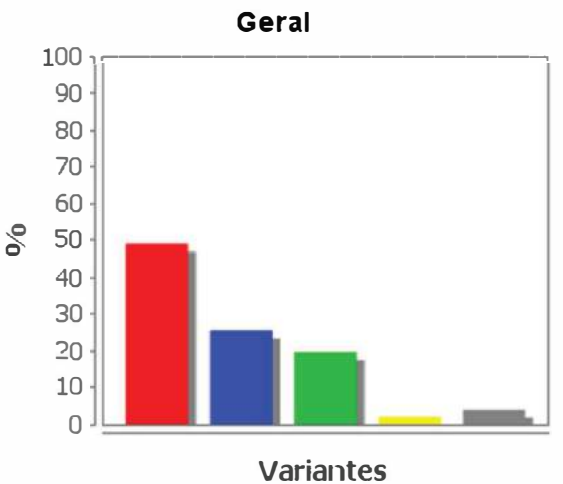



**Legenda**

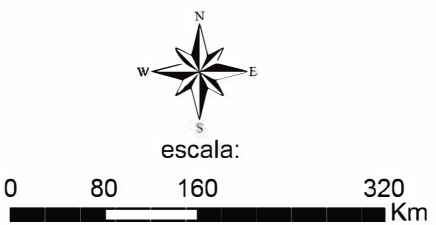
- Seca
- Verão
- Vazante
- Estiagem
- Outros

① ②

1: 20 a 35 anos
2: 50 a 65 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L009

# BALCEIRO

**Meio físico: Terra e águas - QSL-009:** Como se chamam aqueles capins flutuantes e troncos de árvores que descem o rio, principalmente na época da cheia?

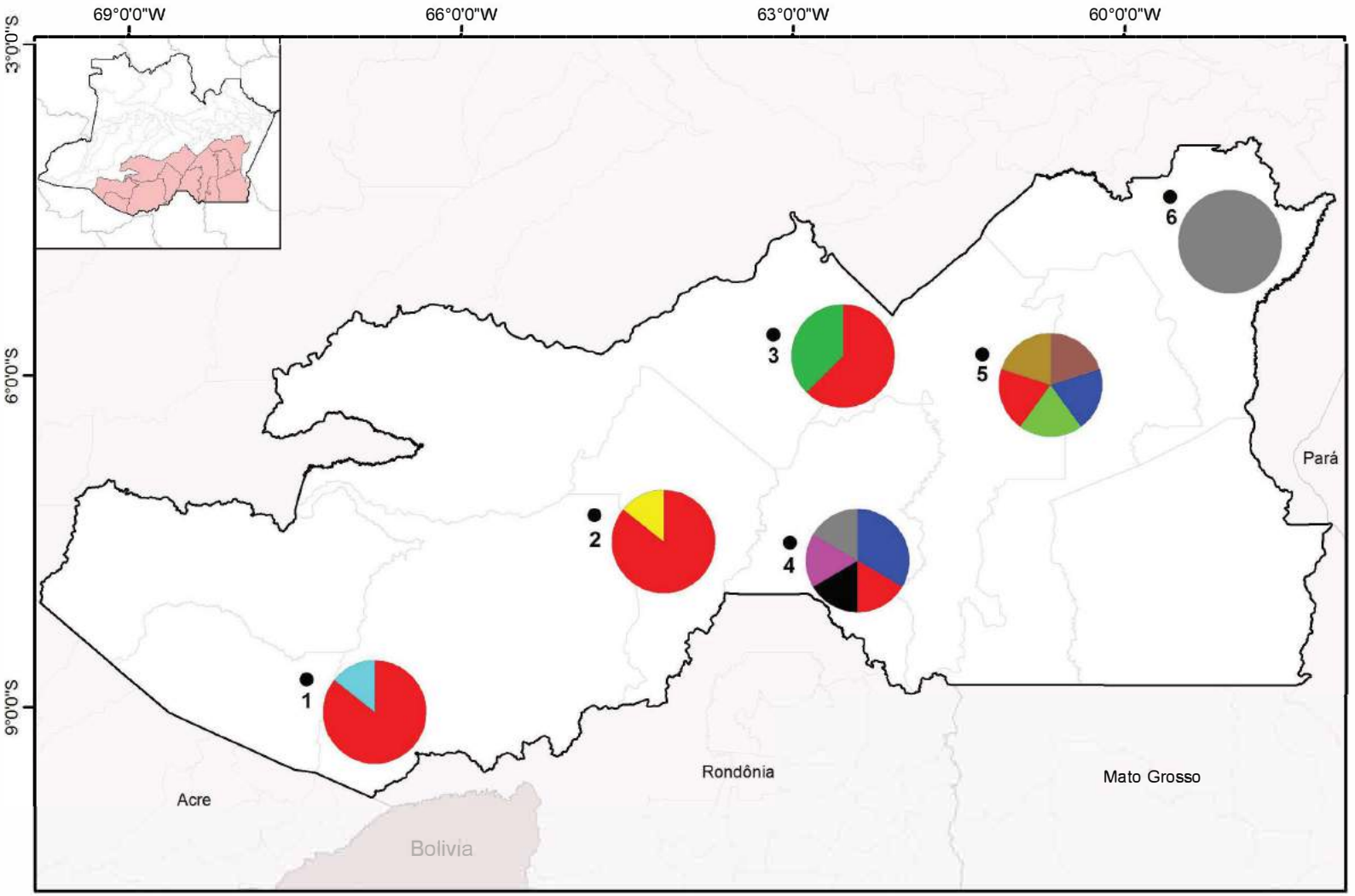


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 (Boca do Acre), HA01 (Lábrea), MA02 e MB02 (Humaitá), HB01, MA02 e MB01 (Manicoré) e HA02, HB01, HB02, MA01, MA02, MB01 e MB02 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HA01 (Borba): Chama de **canarana**, que fala; MB01 (Humaitá): Se tem eu não sei, nós fala **madeira** mesmo. Não sei se o pessoal do interior chama de outra coisa (...).
3. HB01 (Humaitá): Aqui é chamado de **tapagem** (...).
4. HB02 (Humaitá): **Toiceira** de madeira. Toiceira. Parece uma jangada (...).
5. MA01 (Humaitá): É chamada de **baixada**, quando eles vêm (...).
6. HA02 (Lábrea): Nós chama de **balceiro** (...).
7. MB02 (Lábrea): **Entulho** (...).
8. HA01 (Manicoré): Chama mais de **galhada** (...).
9. MA01 (Manicoré): **Jangada de pau** (...).
10. MB02 (Manicoré): **Enxurrada** (...).
11. MA01 (Boca do Acre): **Trunquera** nós chama aqui (...).
12. HA01 (Tapauá): INF.- É... que tu tá falando aqueles **basculho**, é? Basculho, né?
    INQ.: É basculho que chama?
    HA01 (Tapauá): Basculho, (inint.) vem baixando no rio, que às vez engata pelo flutuante (...).
13. MA01 (Tapauá): A corredeira leva aquele **balceiro** no rumo de baixo (...).

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

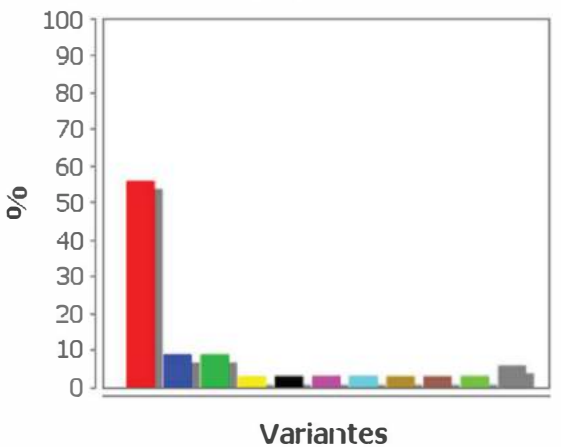
## L009 - Balceiro



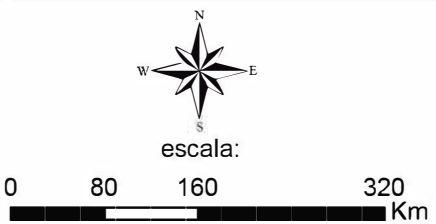

**Legenda**

- Balceiro
- Tapagem
- Basculho
- Entulho
- Toiceira
- Baixada
- Trunquera
- Jangada de pau
- Galhada
- Enxurrada
- Outros

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L011

## FURO

**Meio físico: Terra e águas - QSL-012:** Como se chama o atalho de um rio que serve para encurtar o caminho?

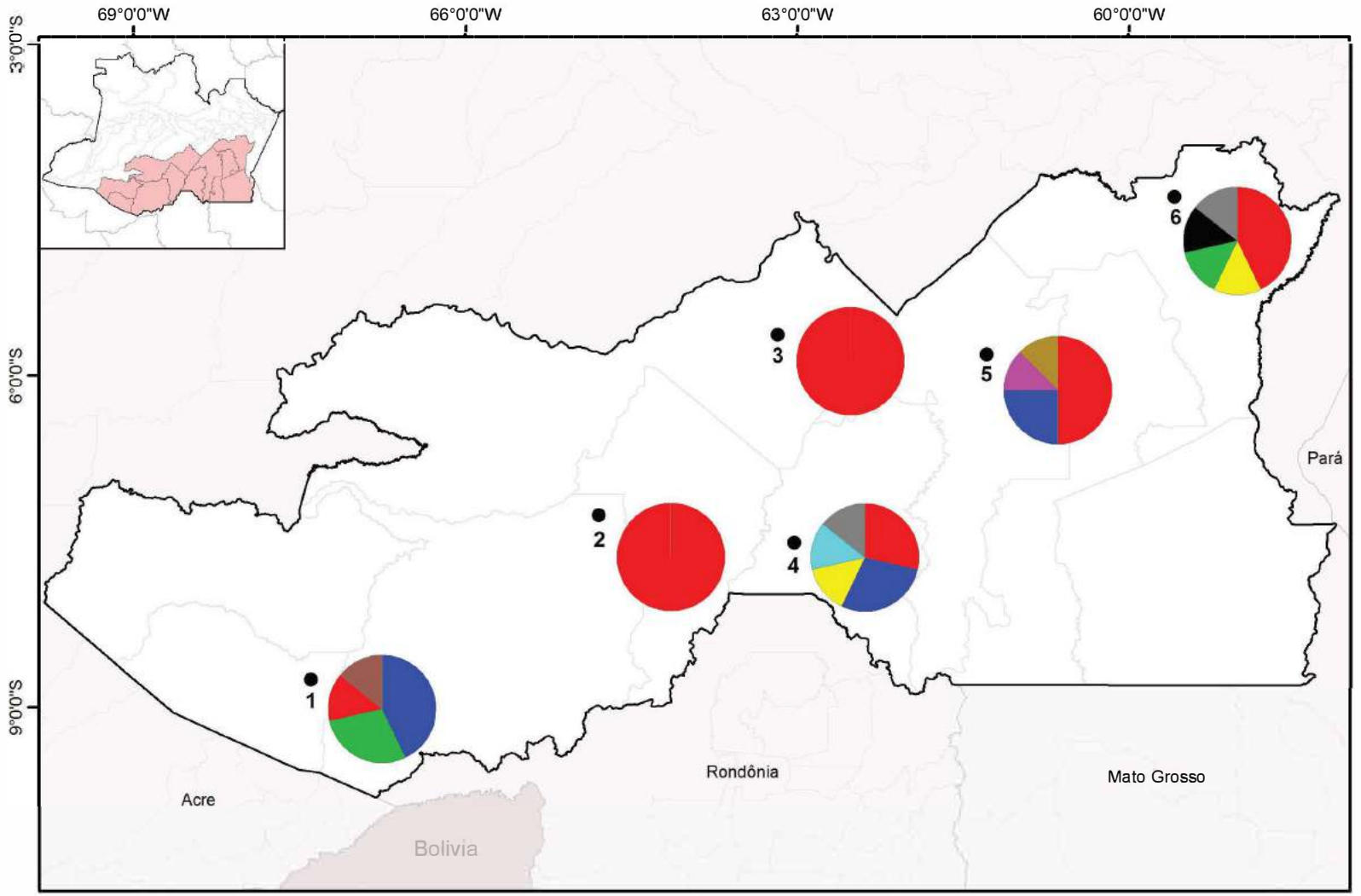


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 (Boca do Acre), HB01 e MA02 (Humaitá), MB02 (Manicoré) e MA01 e MB01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB02 (Humaitá): Esse aí é **afluente**. Parece que é afluente.
   INQ.: Aqueles atalhos? Pela mata? (...) Afluente não seria outro rio que se liga a esse rio?
   HB02 (Humaitá): Se forma outro rio, mas é o mesmo rio, ele se divide apenas pelas praias, fica aquele monte de mata no meio. Por isso que quando o rio Madeira tá cheio, daqui pra Manaus é três dia, porque aqueles atalho que o motor (inint.) na seca, que faz isso aqui, já não vai por ali, vai direto praticamente (...).
   HB01 (Borba): Acho que é esse o **braço** (...).
3. HB01 (Boca do Acre): Atalho do rio que serve pra encurtar o caminho, **varação**, né? (...).
4. MA01 (Boca do Acre): Isso, é um **desvio** (...).
5. HA02 (Lábrea): Peraí, tem o **furo** que é uma entrada d'água que passa de um trecho pro outro e tem o varador, né?
   INQ.: Isso, o varador é a gente mesmo que faz?
   HA02 (Lábrea): É, vai de pé andando (...).
6. MA01 (Tapauá): Ah, eu sei o que é, é o **furo** (...).
7. HA02 (Humaitá): Pode ser **paraná** ou **furo**, né?
   INQ.: É a mesma coisa?
   HA02 (Humaitá): Eu acho que não, é porque paraná fica no rio e furo é geralmente nos igarapés (...).
8. MA01 (Humaitá): Pelo menos meu pai, ele chama de **picada**, né? É o que ele faz pra encurtar o caminho (...).
9. HA01 (Manicoré): A gente chama de **varador**, né (...).
10. MB01 (Manicoré): Tem o **atalho**, tem o **furador**, aqui o pessoal usa furador a (inint.) o furador mais rápido passa pro outro lado (...).
11. HA01 (Borba): Eu falo, a gente chama de **pique**, que fala, "vamos fazer um pique de varar por aí", faz um atalho, que a gente chama de **varação**, "bora varar aqui" (...).

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

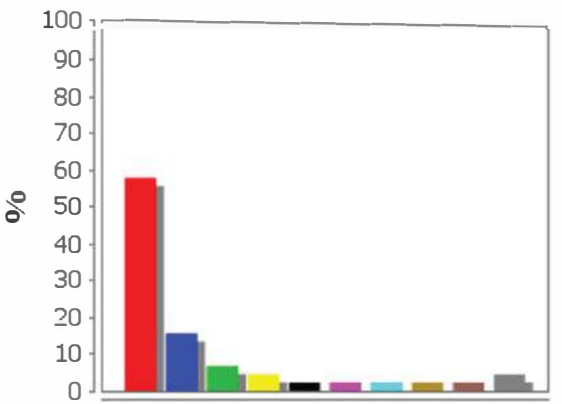
## L011 - Furo



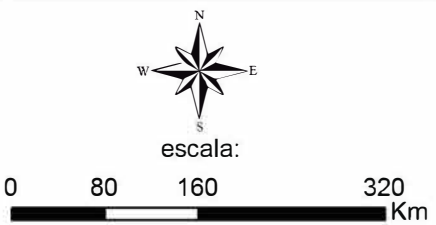

**Legenda**

- Furo
- Atalho
- Varação
- Paranã
- Pique
- Furador
- Picada
- Varador
- Desvio
- Outros

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L012

# RELÂMPAGO

**Meio físico: Fenômenos Atmosféricos - QSL-013:** Qual o nome daquela luz que risca o céu em dias de chuva?

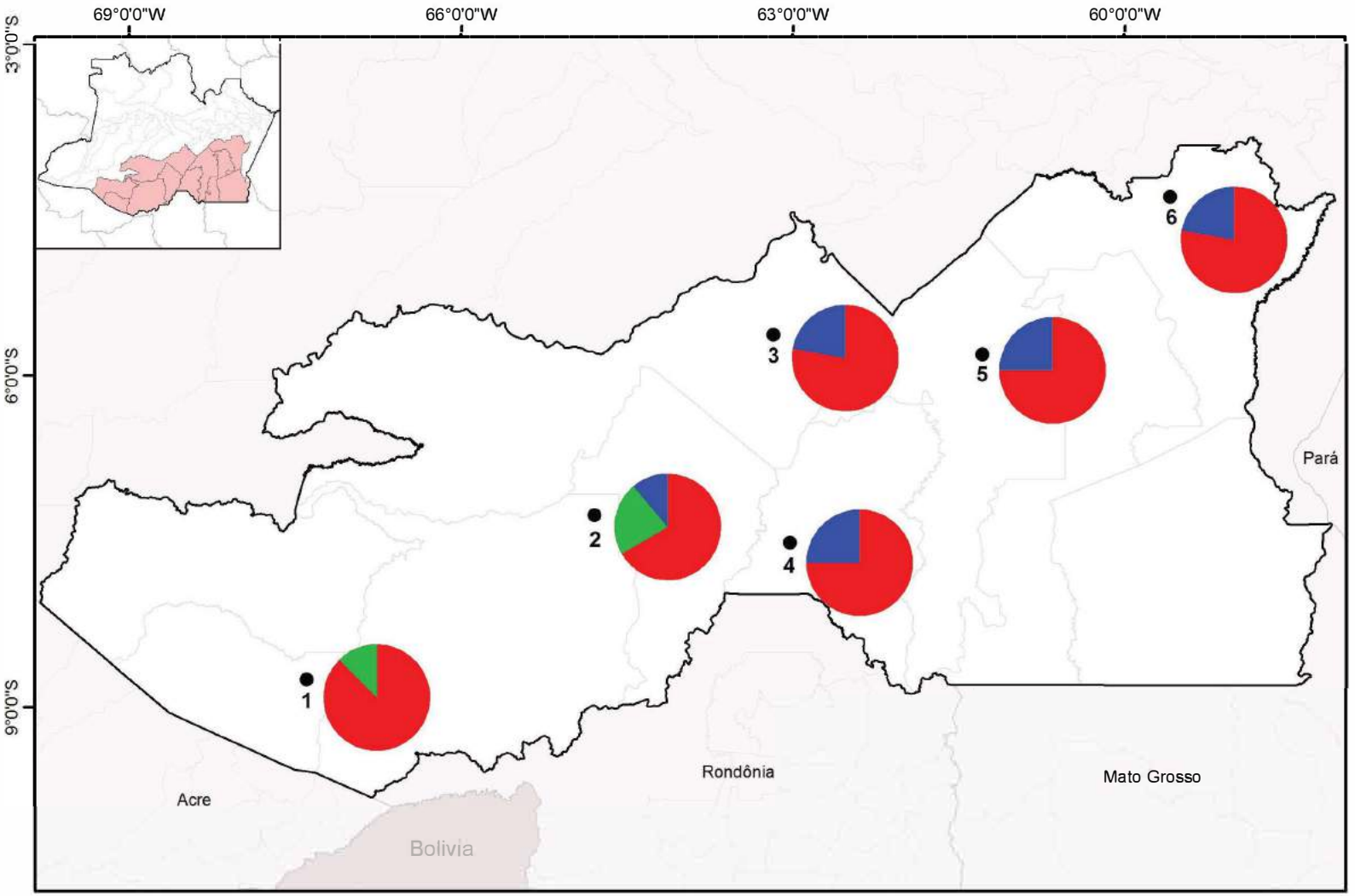


**NOTAS:**

1. MB01 (Lábrea): Nós diz **faísca**, aquele negócio que dá assim (...).
2. HB01 (Humaitá): É **raio** (...).
3. HA02 (Manicoré): A luz que risca o céu... É **relâmpago** (...).

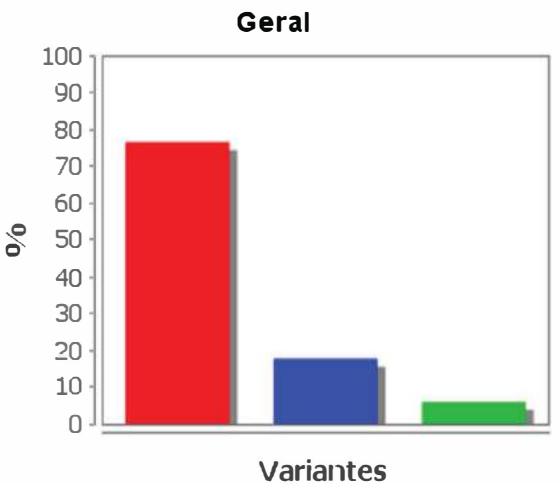
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L012 - Relâmpago

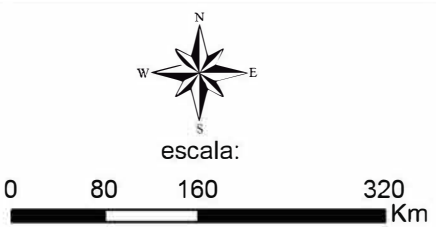



**Legenda**

- Relâmpago
- Raio
- Faísca



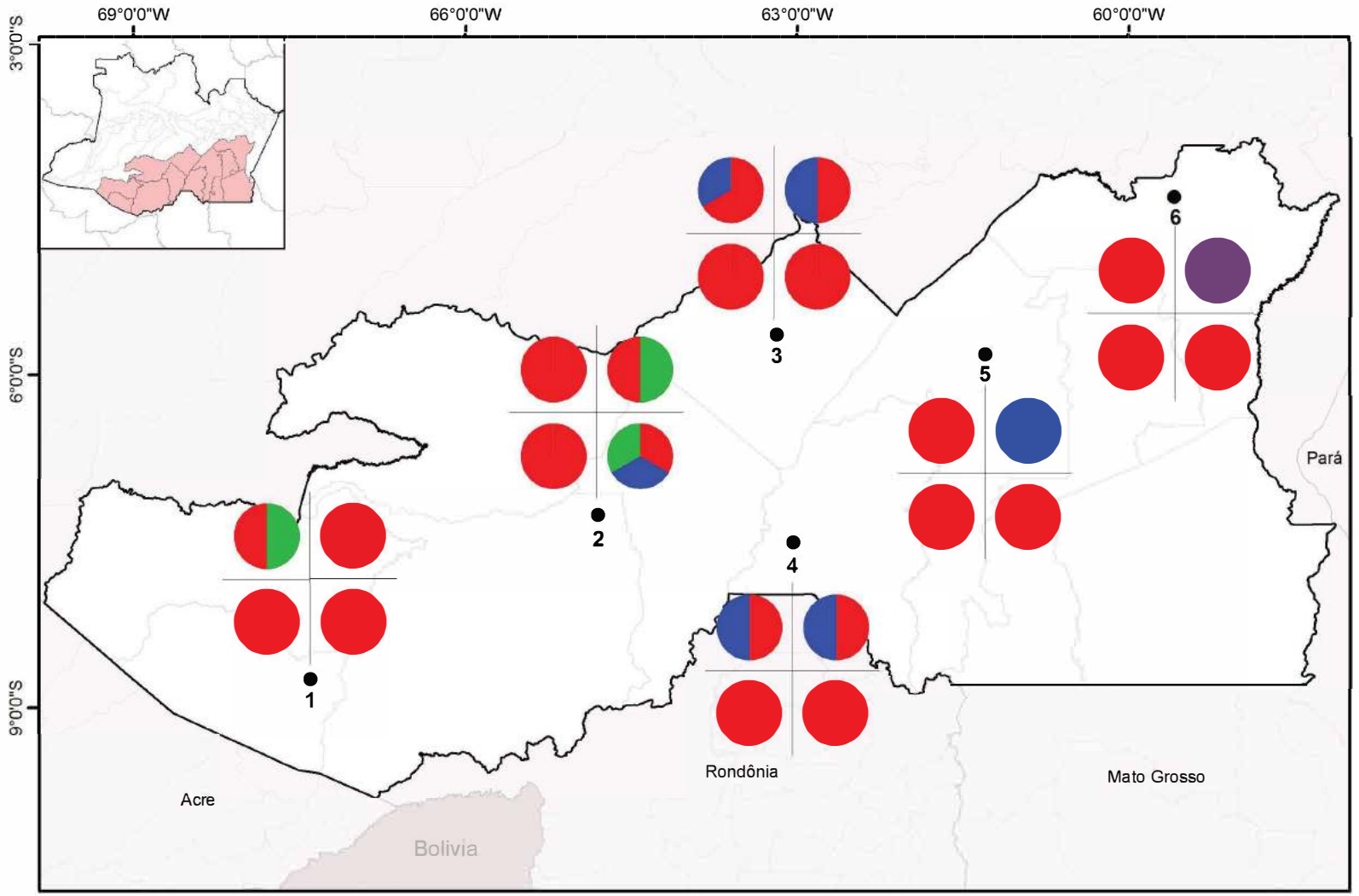

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L012a - Relâmpago - Distribuição por idade e escolaridade

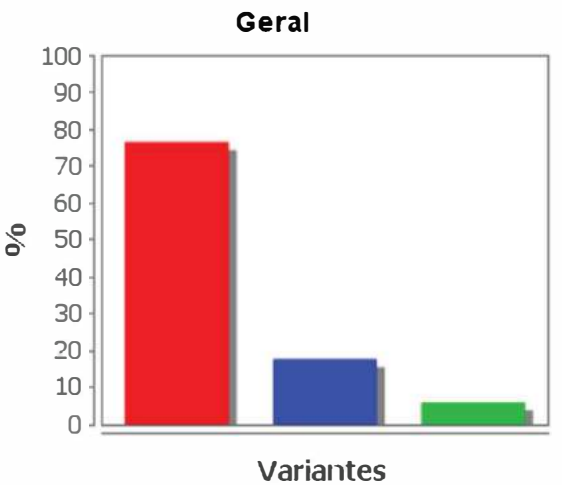



**Legenda**

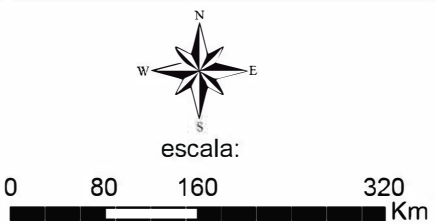
- Relâmpago
- Raio
- Faísca

① ② ③ ④

1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos
2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos
3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos
4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L013

# RAIO

**Meio físico: Fenômenos Atmosféricos - QSL-014:** E aquela luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, em dias de mau tempo?

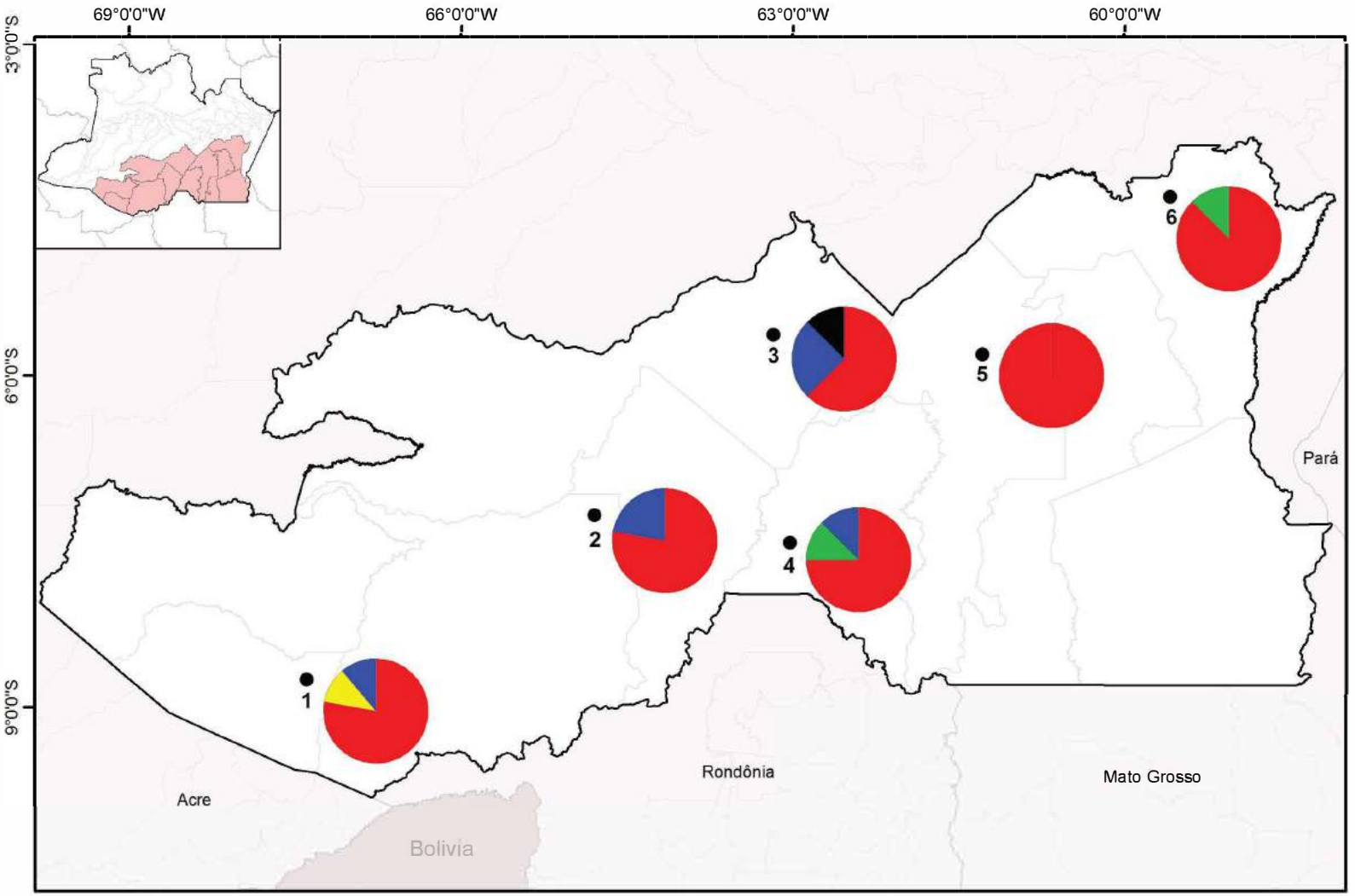


**NOTAS:**

1. MA01 (Boca do Acre): aquilo é perigoso que só, né, a **faísca**, aonde que cai aquilo dali parte qualquer coisa (...).
2. MB01 (Boca do Acre): A gente fala geralmente "vai cair um **raio**", mas também, tem gente que diz "ai meu Deus, vai cair um **corisco**" (...).
3. HA02 (Lábrea): Chama **corisco** aqui. Aquilo é uma pedra (...).
4. MA02 (Lábrea): **Corisco**, **raio**, nós aqui conhece como raio, mas pra trás, os antigos conheciam como corisco. Agora que nós conhece como raio, mas quando eu era mocinha, eu conhecia como corisco, "caiu um corisco em tal canto queimou uma árvore". Agora já é raio, a coisa já tá mais moderna (...).
5. HB02 (Tapauá): O pessoal chama de **corisco**, né? (...) É, corisco quando queima (...).
6. HA02 (Tapauá): **Truvisco**.
   INQ.: Como?
   HA02 (Tapauá): Truvisco, que cai e parte as nossas árvore (...).
7. MB01 (Humaitá): Não é o **relâmpago** também? Que pode até matar a pessoa, é o relâmpago também (...).
8. MB02 (Borba): É o **relâmpago** que cai e que mata as árvore (...).

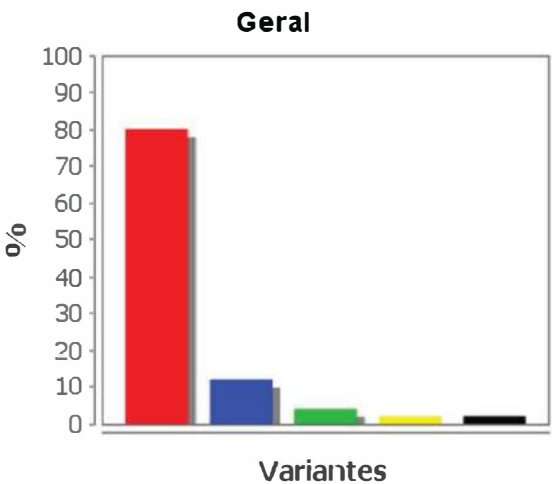
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L013 - Raio

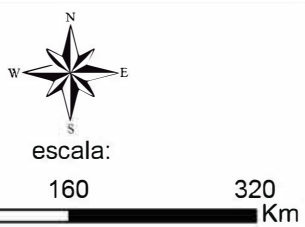



**Legenda**

- Raio
- Corisco
- Relâmpago
- Faisca
- Trovisco




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L014

# TEMPORAL

**Meio físico: Fenômenos Atmosféricos - QSL-016:** Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente, que pode derrubar árvores e arrancar telhados de casas?

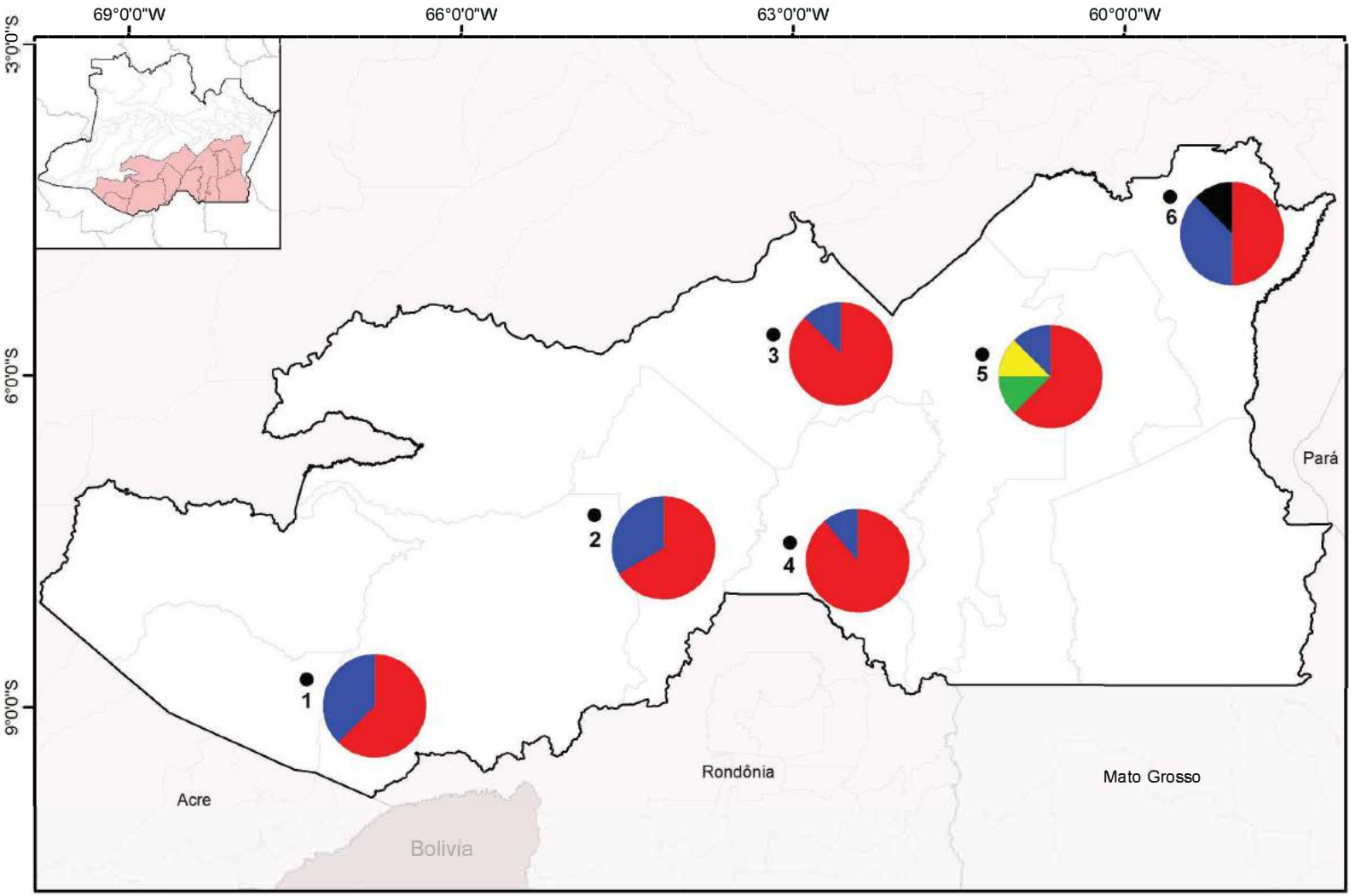


**NOTAS:**

1. MA01 (Boca do Acre): Os pessoal chama aqui mais é **temporal** (...).
2. HB01 (Lábrea): Chuva forte mesmo, **temporal** que nós fala (...).
3. HA02 (Manicoré): **Toró** (...).
4. HB02 (Manicoré): **Trovoada** (...).
5. MA02 (Borba): Uma **tempestade** que dá (...).
6. HB02 (Borba): **Treva**.
   INQ.: Dizem que hoje teve lá em Manaus.
   HB02 (Borba): Pois é, e teve em Itacoatiara também, a treva (...).

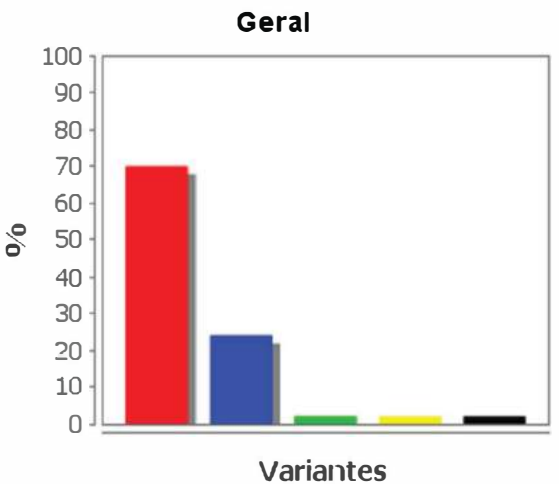
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L014 - Temporal




**Legenda**

- Temporal
- Tempestade
- Trovoada
- Toró
- Treva




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L015

# CHUVISCO

**Meio físico: Fenômenos Atmosféricos - QSL-017:** E uma chuva bem fininha?

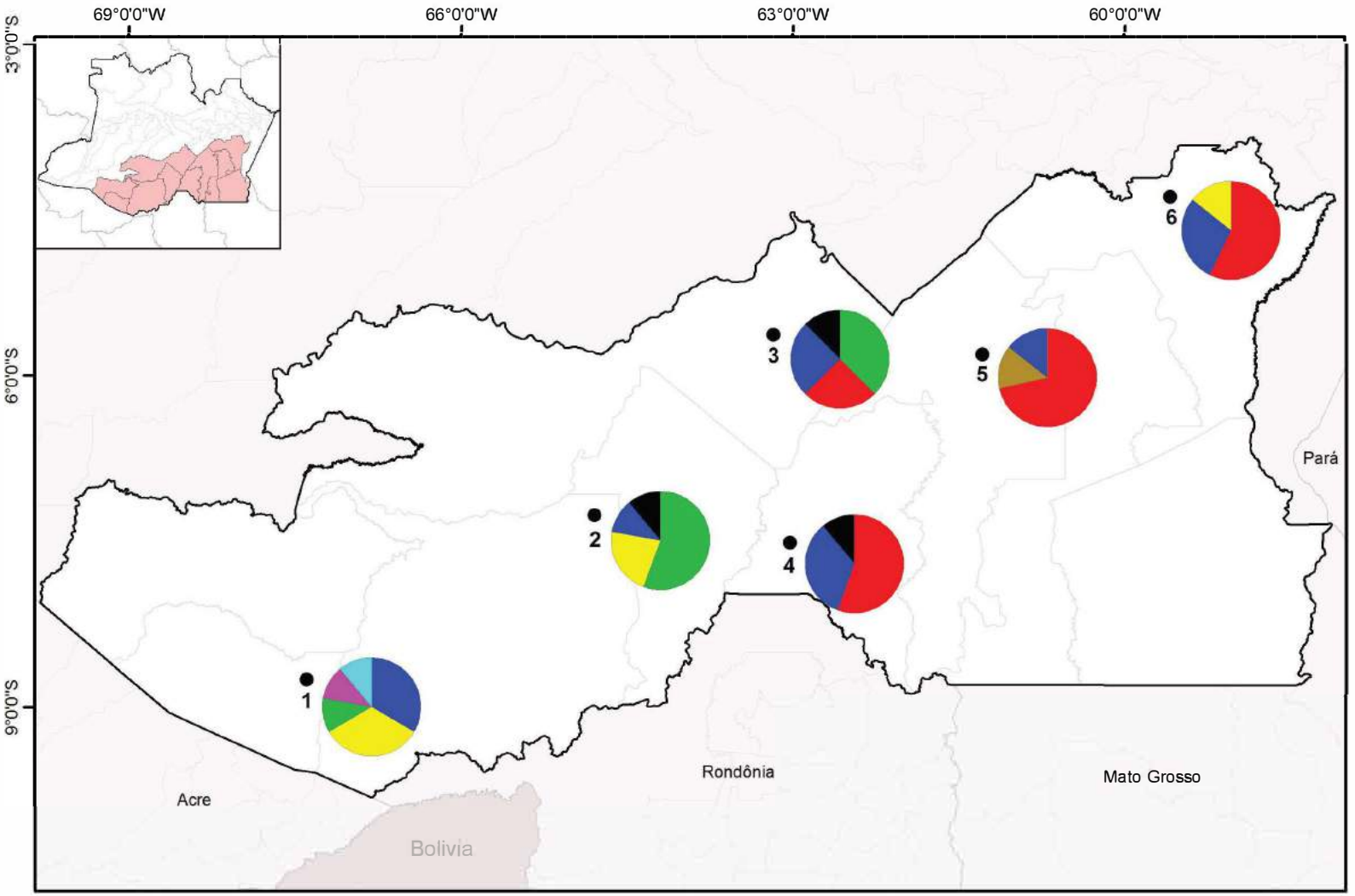


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 (Manicoré) e HA02 (Borba).
2. HB02 (Boca do Acre): (inint.) chama **brisa** (....).
3. MA01 (Boca do Acre): Aquela chuva bem fininha? Pessoal aqui chama de **librina** mesmo, librininha(...).
4. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **garoa** ou de **sereno**, dependendo se for bem fininha mesmo aquele tipo um orvalhozinho na manhã, a gente chama de **neblina**, mas aquela chuvazinha fininha a gente chama de sereno, tá serenando (...).
5. MB02 (Boca do Acre): **Chuva lenta** (...).
6. HA01 (Tapauá): Rapaz, tem uma chuvazinha que é bem fininha que a gente chama de **garoa**, daquela chuva bem fininha (...).
7. MA01 (Tapauá): Bem fininha? É chuva comum, né? Pessoal aqui chama de **chuva de molhar besta** ((risos)) (...) O besta pensa "eu não vô me molhar não, vou pra ela" (...).
8. MA01 (Manicoré): Chuva bem fininha? Chuva...Chuva... Ah, num sei a gente fala sempre "óh, lá vem a chuva, ta fina". É **burrisco** que chama, tá burriscando (...).
9. HA01 (Borba): **Chuvisco**, que fala (...).
10. HA02 (Humaitá): A gente chama **chuvisco**, dependendo de região pra região (...).

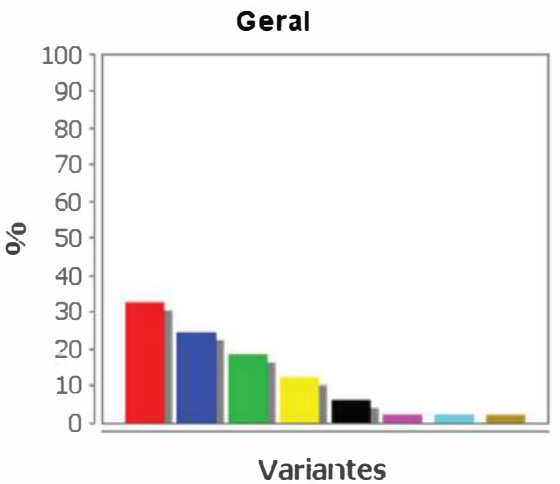
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L015 - Chuvisco

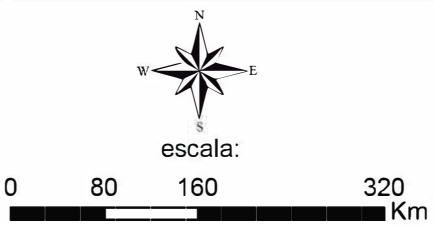



**Legenda**

- Chuvisco
- Garoa
- Librina/ Neblina
- Sereno
- Chuva de molhar besta
- Chuva lenta
- Brisa
- Burrisco




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L017

## SERENO

**Meio físico: Fenômenos Atmosféricos - QSL-019:** De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chama aquilo que molha a grama?

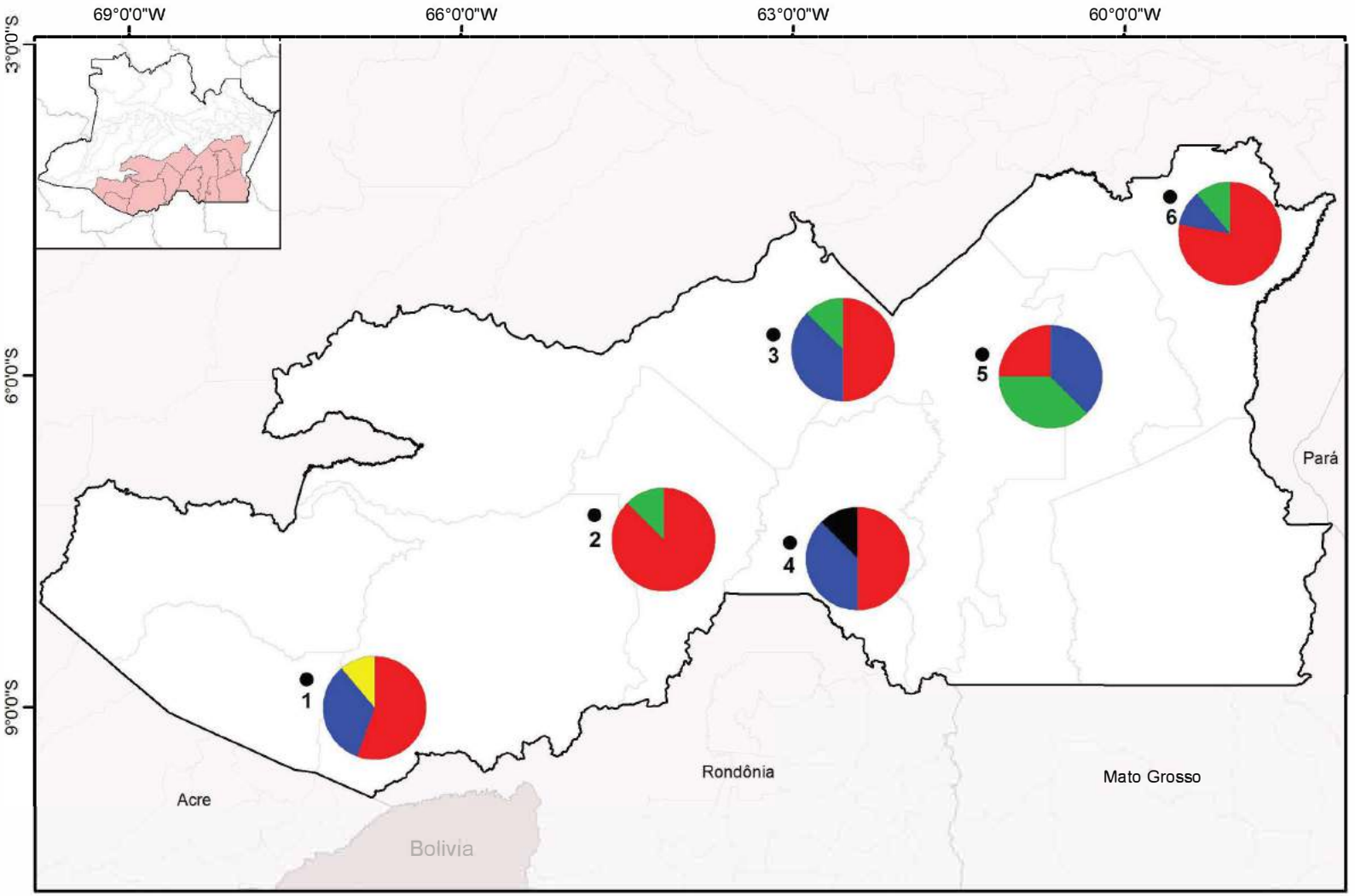


**NOTAS:**

1. HA02 (Boca do Acre): **Neve** (...).
2. HB01 (Boca do Acre): É, chamo isso aqui de, é... **sereno da noite**, né (...).
3. MB01 (Boca do Acre): É o **orvalho**, o orvalho da noite, e aí tem gente que chama de **sereno da noite**: "O sereno da noite deixa o capim molhado". Mas nós sabemos que é orvalho o nome;
4. HA02 (Tapauá): Que nós chama, **arovai**, (inint.) "o arovai tá muito forte, molhou nossas planta", nós chama (...).
5. HB02 (Tapauá): É **sereno**, é o sereno, a gente vê tudo branco, né (...).
6. MB01 (Humaitá): **Chuvisco** (...).
7. HB01 (Manicoré): **Neblina** também.
   INQ.: É? É ela que molha a grama?
   HB01 (Manicoré): Uhum (...).
8. HA02 (Borba): Chama **sereno**, chama **orvalho** né (...).

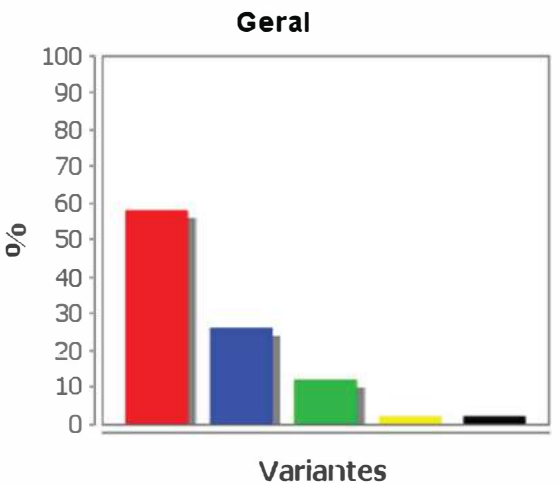
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L017 - Sereno

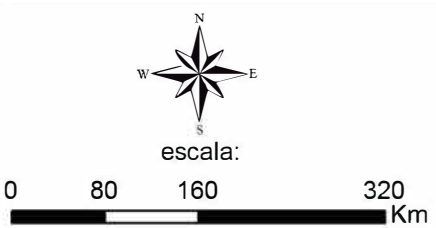



**Legenda**

- Sereno/ Sereno da noite
- Arovai/ Orvalho
- Neblina
- Neve
- Chuvisco



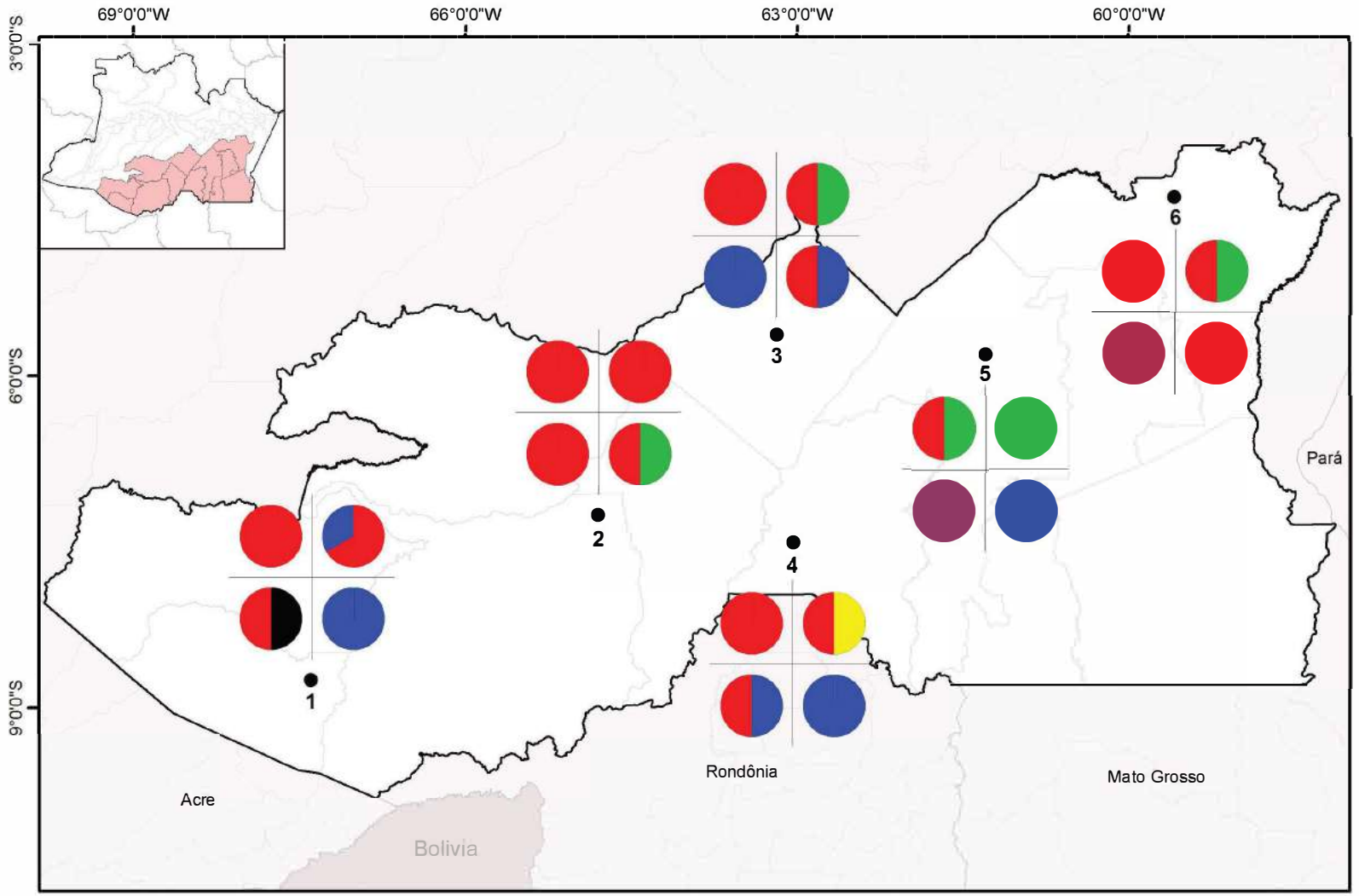

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L017a - Sereno - Distribuição por idade e escolaridade

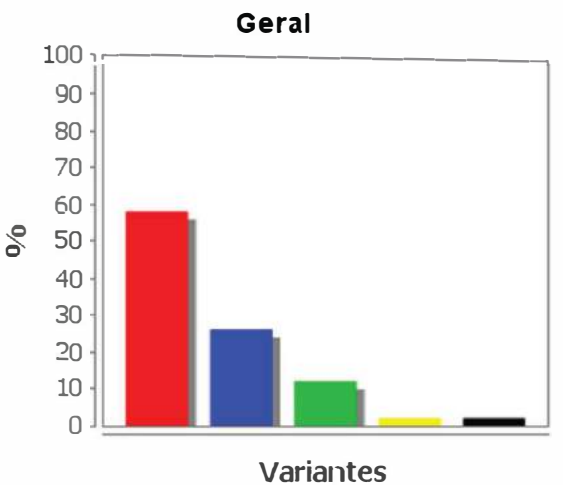



**Legenda**

- Sereno/ Sereno da noite
- Arovai/ Orvalho
- Neblina
- Chuvisco
- Neve

① ②
③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L018

## NEVE

**Meio físico: Fenômenos Atmosféricos - QSL-020:** Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar a rua por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como se chama isso?

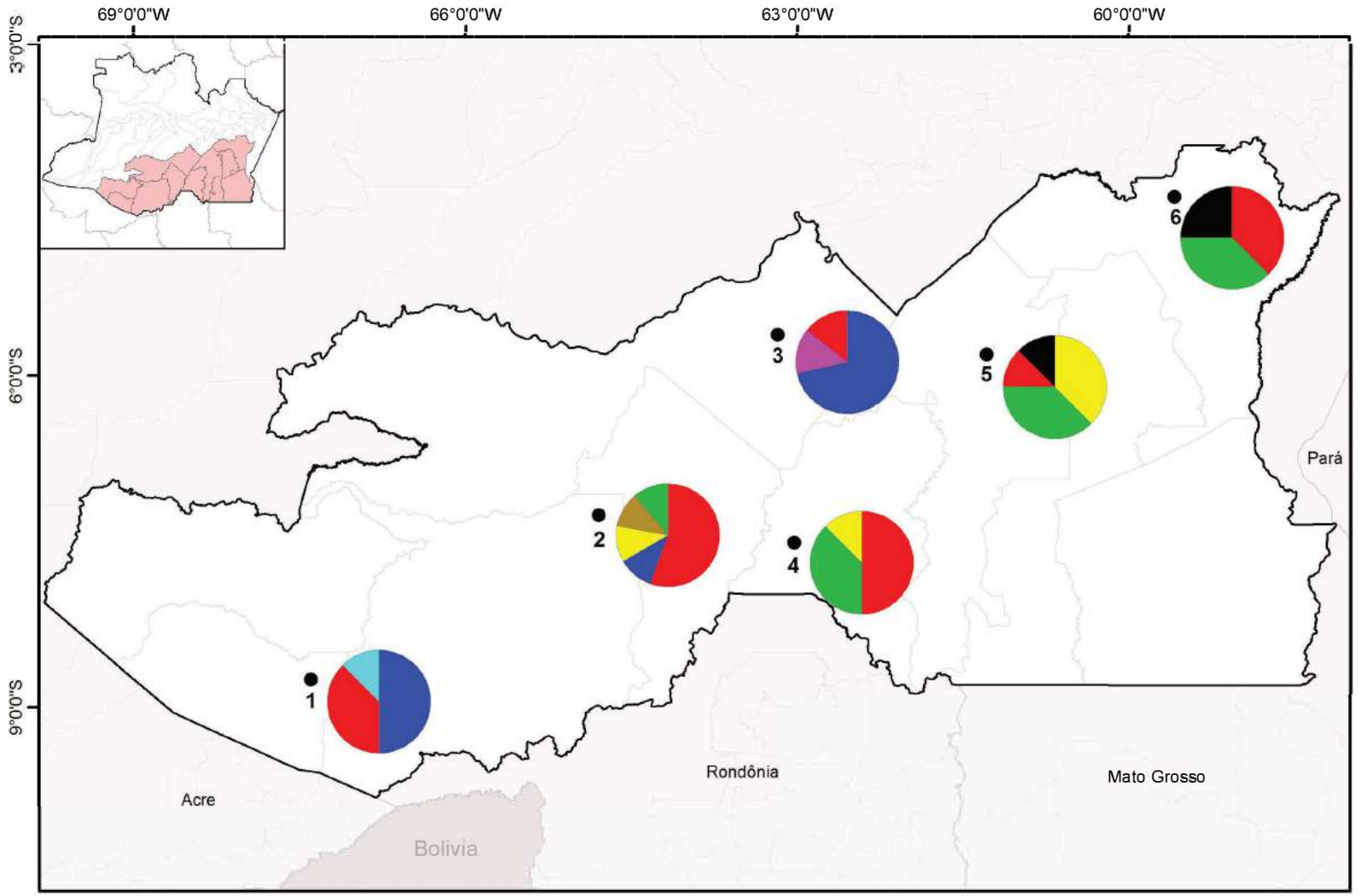


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HB02 (Tapauá).
2. HB01 (Boca do Acre): Aqui chama-se de **puagem**, puagem, um tal de puagem.
   INQ.: É? Aquele que fica branco assim, (inint.) lá no (inint.).
   HB01 (Boca do Acre): Puagem, aqui chama de puagem (...).
3. MA01 (Boca do Acre): **Neve** (...)
   INQ.: Às vezes fica na volta do rio, não é?
   MA01 (Boca do Acre): Parece até fumaça, né, é neve, nós chama aqui assim (...).
4. HB01 (Lábrea): Diz que é **fumaça,neve**... Tipo a neve, a... a coisa (...).
5. MB01 (Lábrea): Nós fala **fumaça** (...).
6. HA01 (Tapauá): **Cerração**, que é o que a gente conhece (...).
7. MB01 (Tapauá): A... tsc, **nervada**, a gente chama nervada (...).
8. HB02 (Humaitá): Dá impressão que é neve, mas não é neve não, é **nevoeiro** (...).
9. MA01 (Manicoré): Cham/ ne... como é? Leblina, **neblina** (...).
10. MB01 (Manicoré): A gente conhece como **orvalho**, né (...).
11. MB01 (Borba): (inint.) o que eu chamo daquilo é **neve**, né (...).

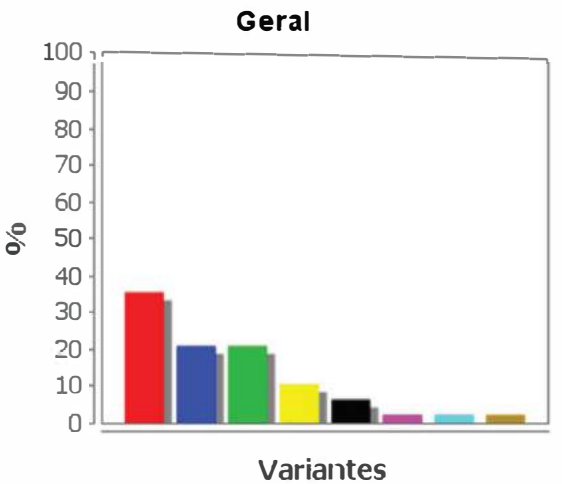
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L018 - Neve

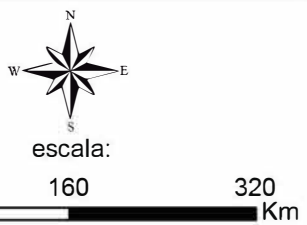



**Legenda**

- Neve
- Cerração
- Neblina
- Nevoeiro
- Orvalho
- Nervada
- Puagem
- Fumaça



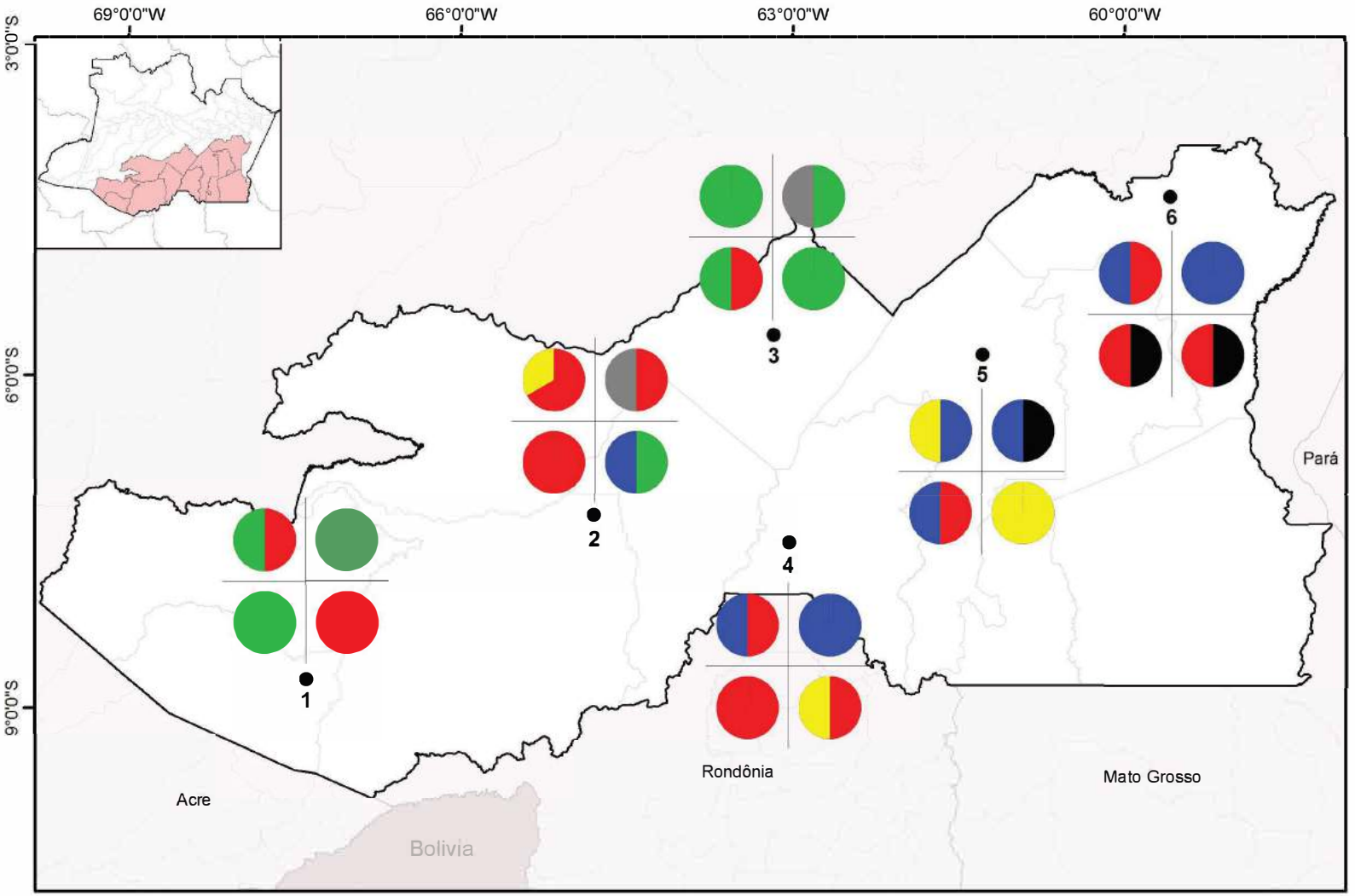

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L018a - Neve - Distribuição por idade e escolaridade



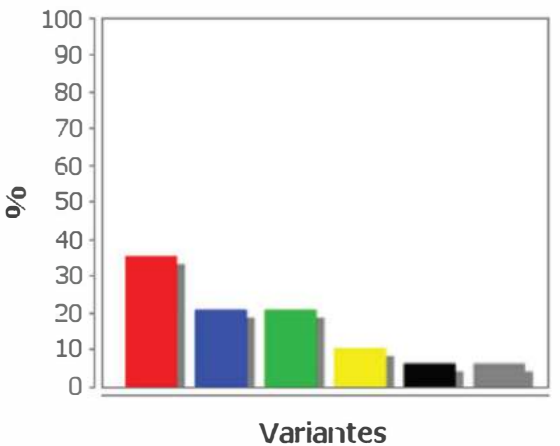

**Legenda**

- Neve
- Neblina
- Cerração
- Nevoeiro
- Orvalho
- Outros

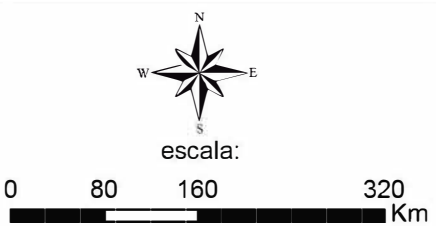
① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L022

# CONSTELAÇÕES E ESTRELAS CONHECIDAS

**Meio físico: Fenômenos Atmosféricos - QSL-023:** Quais estrela você conhece?

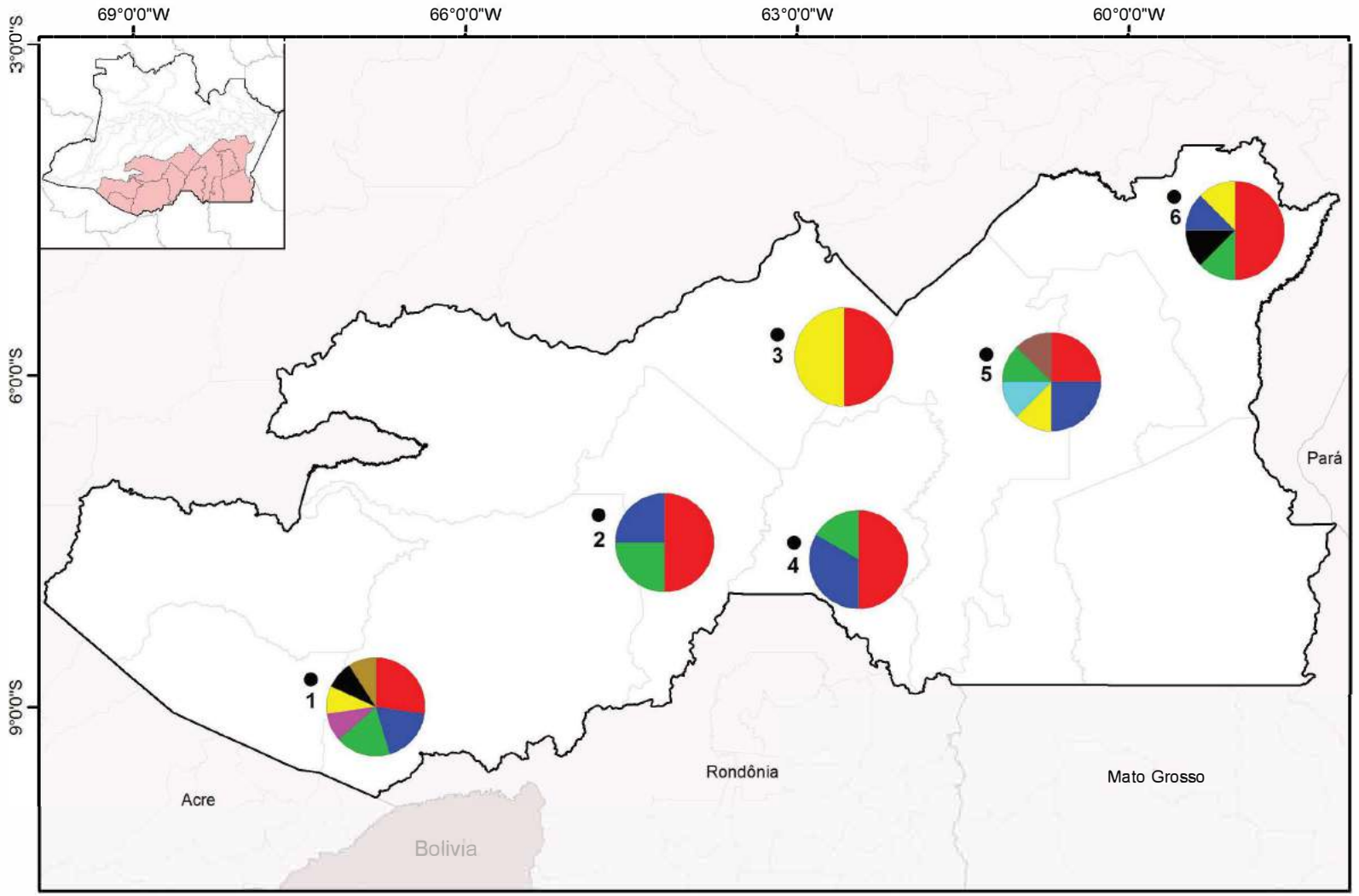


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne os astros e constelações citadas na pergunta, portanto a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes, sendo as três mais conhecidas: Estrela d´alva, Três Marias e Cruzeiro do Sul;
2. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01, MA01 e MB02 (Boca do Acre), MA01 e MB01 (Lábrea), HA01, HA02, HB01, MA01, MA02, MB01 e MB02 (Tapauá), HA01, HB01 e MB02 (Humaitá), HA02 (Manicoré) e HA02 (Borba).
3. HB01 (Boca do Acre): **Estrela polar**, é uma estrela mais geralmente grande, né, se destaca por ser maior (...).
4. MA02 (Boca do Acre): As **três Maria**, os **três rezes** e o **cruzeiro** que eu conheço, no céu (...).
5. MB01 (Boca do Acre): Se não me engano tem um conjunto de estrelas que... eu não me lembro bem, mas acho que o nome é **órion**... ou orizom, posso estar confundindo as palavras (...).
6. HA01 (Lábrea): Tem o **cruzeiro do sul**.
   INQ.: Como ele é?
   HA01 (Lábrea): É o formato de uma cruz.
7. HB02 (Tapauá): **Estrela d'alva** e aquelas estrela que gente vê no céu, é o **sete estrela**, que (inint.) um bocado bem juntinho assim uma da outra (...).
8. HA01 (Manicoré): as **três Maria**, **caminho de São Tiago**, só essa daí que eu lembro (...).
9. HA01 (Borba): **Estrela deória** (...).

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

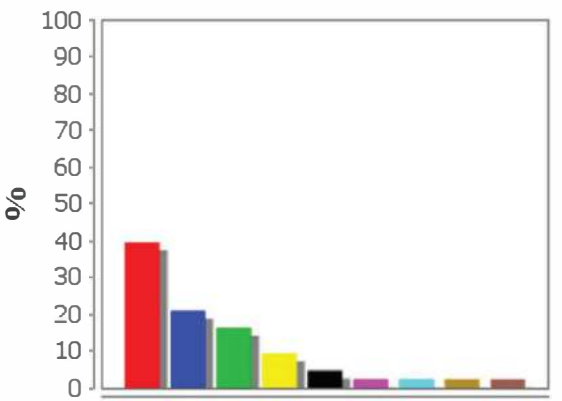
## L022 - Constelações e estrelas conhecidas



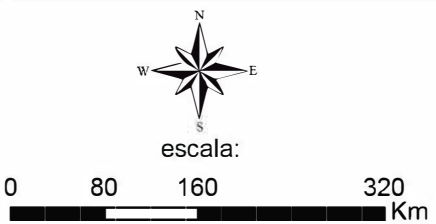

**Legenda**

- Estrela da manhã/ Estrela d´alva/ Estrela grande
- Três Marias
- Cruzeiro/ Cruzeiro do Sul
- Sete estrela
- Estrela de Ória/ Orion
- Estrela polar
- São Tiago
- Três Reis
- Estrela cadente

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L023

# ANTEONTEM

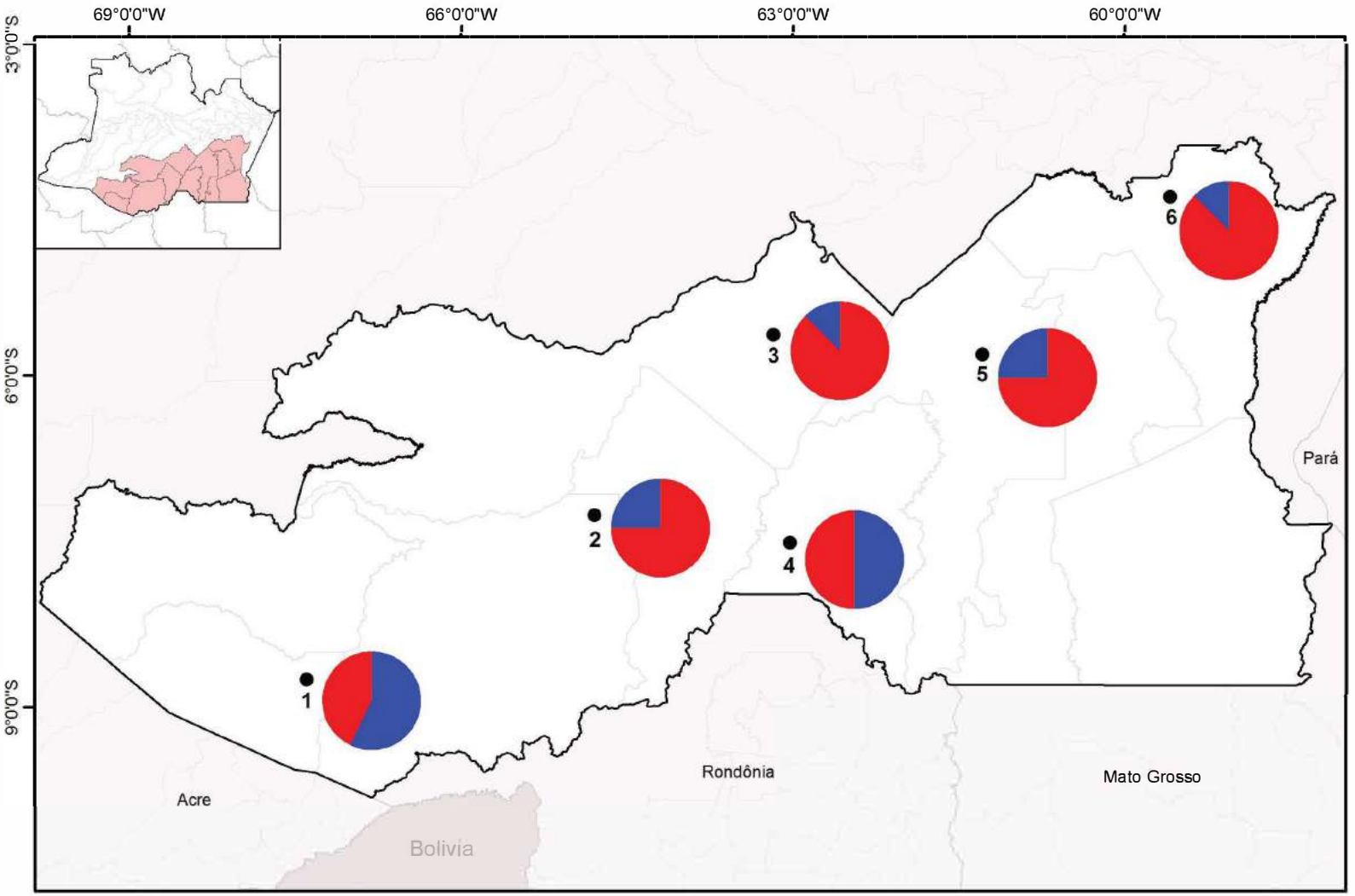
**Meio físico: Fenômenos Atmosféricos - QSL-025:** Como se chama o dia que foi antes desse dia (ontem)? Um dia para trás?

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBE RESPONDER: HA01 (Boca do Acre).
2. MB02 (Boca do Acre): Ah, ante... antem de ontem, como é? **Anteontem**(...).
3. HB01 (Lábrea): **Antonte** (...).
4. HB02 (Borba): **Onteontem** (...).
5. HA01 (Humaitá): **Antes de ontem** (...).

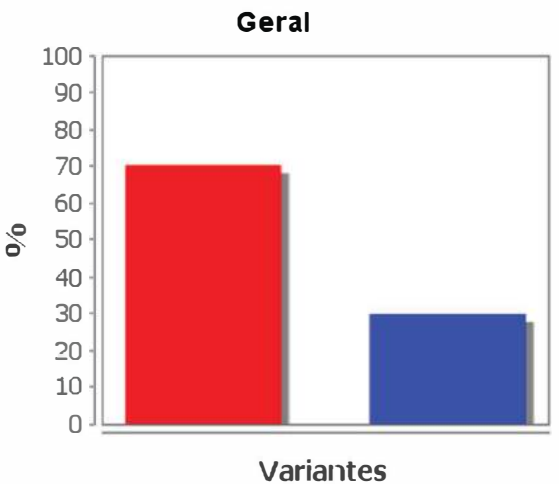
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L023 - Anteontem

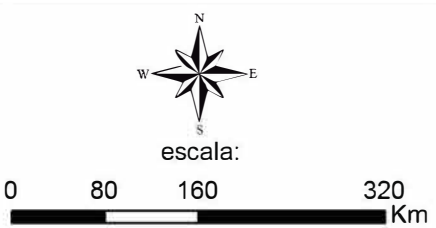



**Legenda**

- Anteontem
- Antes de ontem




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L024

# JOÃO-DE-BARRO

**Meio Biótico: Fauna (Aves) - QSL-027:** Como se chama a ave que faz o ninho com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

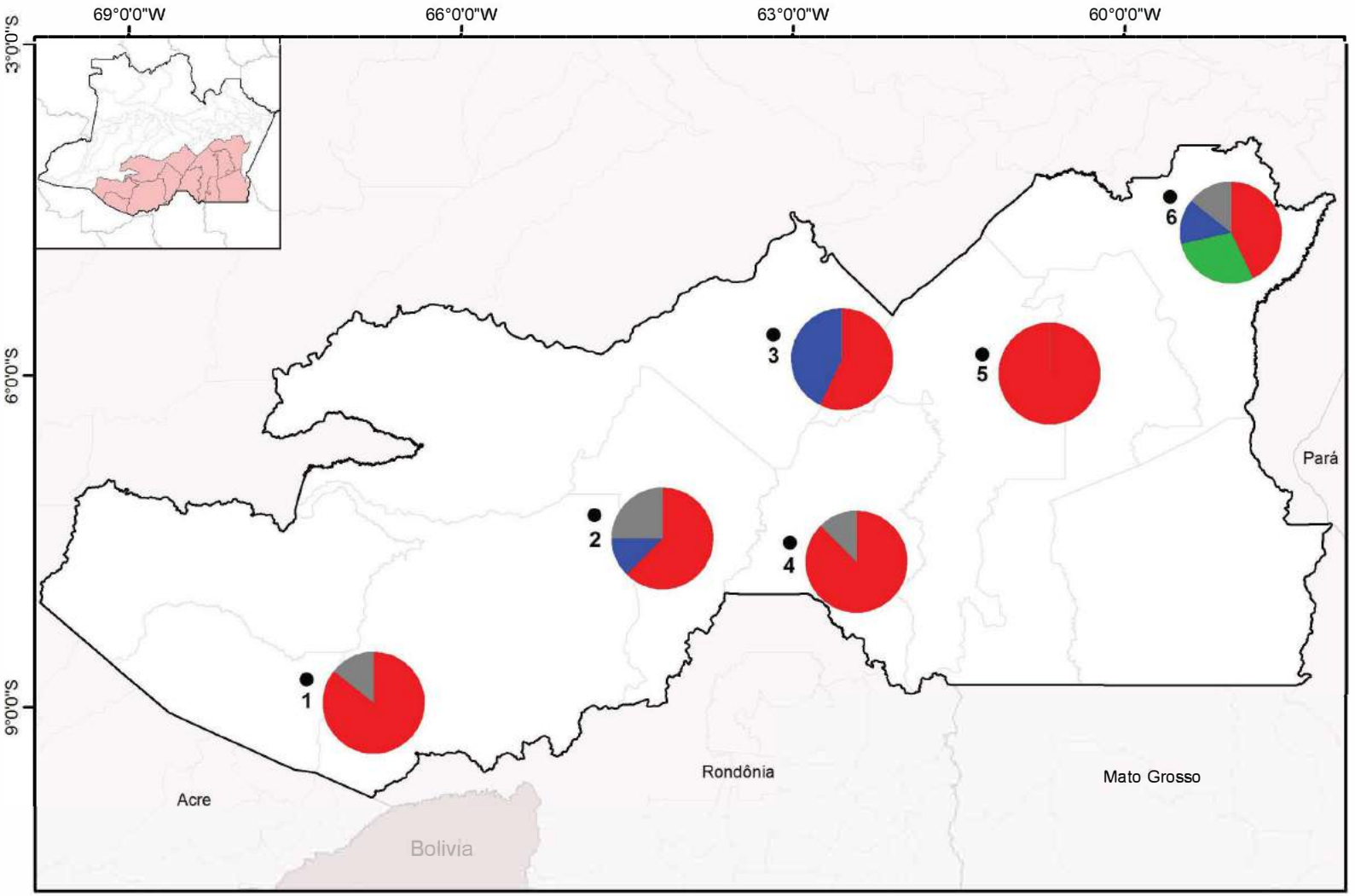


**NOTAS:**

1. NÂO SOUBE RESPONDER: HA01 e MA01 (Boca do Acre), HA01 (Lábrea), MA02 (Tapauá), MA01 e MB02 (Manicoré) e HA01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB01 (Boca do Acre): É... é o **tecelão** né (...). HB02 (Lábrea): Esse que faz a casa de barro né? É **sabiá** (...). HB01 (Humaitá): Se eu não me engano é **curió**, é o mesmo que joão-de-barro; MA01 (Humaitá): N'é a **andorinha**? (...).
3. MA02 (Lábrea): Sabiá, que faz na roça é o sabiá, mas tem a **maria-de-barro** que faz aquele e entra por dentro da casinha. O sabiá faz de barro, mas é uma panela, fica dentro, e a maria-de-barro cobre (...).
4. HA02 (Tapauá): **Maria-de-barro** que nós chama aqui, que ela faz a casinha dentro do pau, de terra (...).
5. HB02 (Tapauá): É o **joão-de-barro** que eles chama, é joão-de-barro (..).
6. HA01 (Manicoré): Eles chama de **joão-de-barro** (...).
7. HB02 (Borba): Então é **pedreiro** esse passarinho que eu conheço assim (...).
8. MB02 (Borba): Ah... é o **pedreiro**, pedreiro (...).

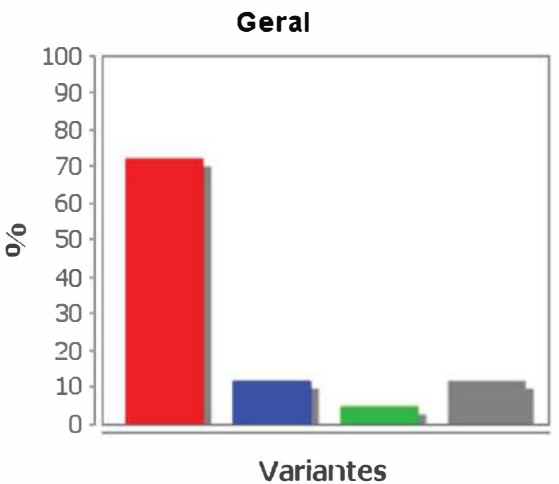
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L024 - João-de-barro

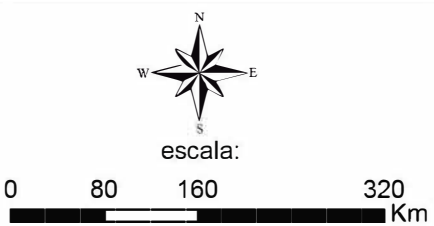



**Legenda**

- João-de-barro
- Maria-de-barro
- Pedreiro
- Outros



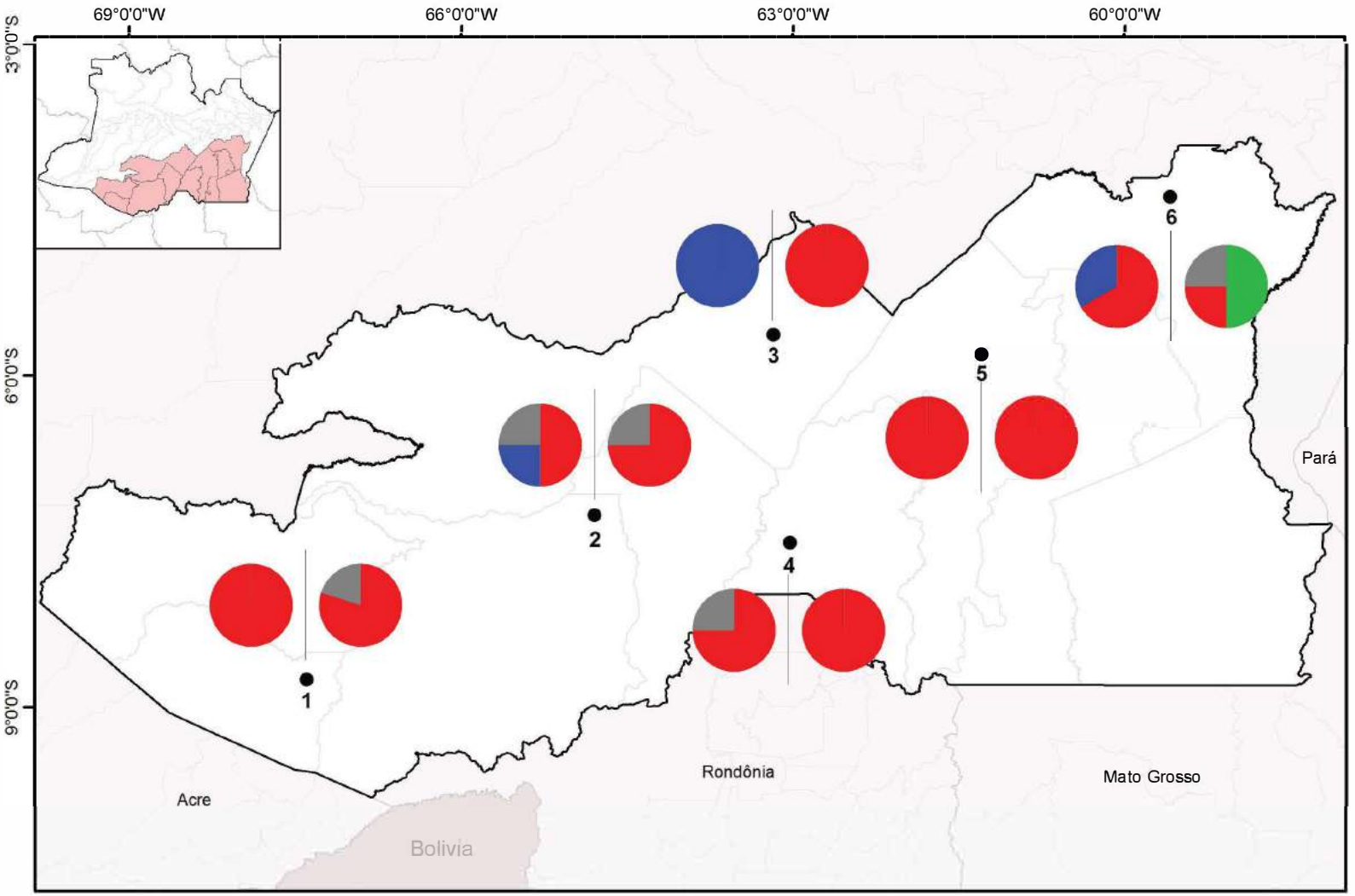

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L024a - João-de-barro - Distribuição por escolaridade

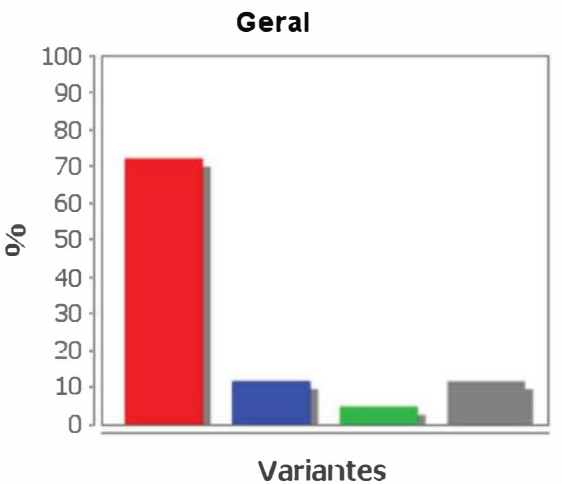



**Legenda**

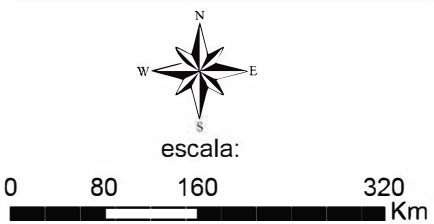
- João-de-barro
- Maria-de-barro
- Pedreiro
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L025

# GALINHA CAIPIRA

**Meio Biótico: Fauna (Aves) - QSL-028:** Quais tipos de galinhas você conhece?

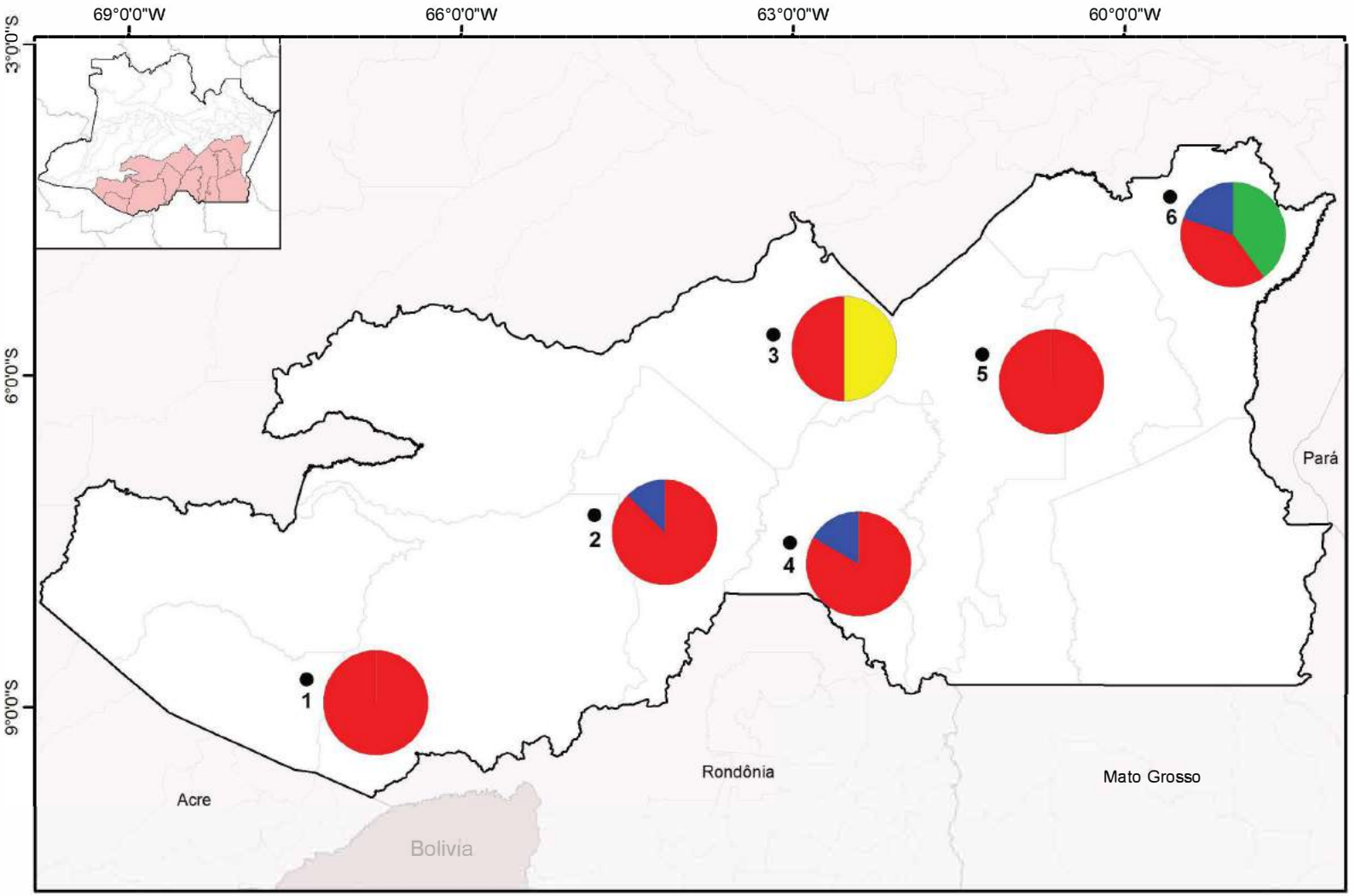


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as variantes observadas na pergunta “que tipos de galinha você conhece?” para o mesmo referente, a denominação comum para vários tipos de galinha, comuns na região, criadas nos quintais das casas;
2. MB01 (Boca do Acre): O senhor tá falando o nome delas? Porque a gente chama de **galinha caipira**, é normal, como galinha da granja, só que difere, né, a galinha da granja é bem maior, bem mais viçosa, a caipira é um pouco diferente, a carne dela é mais consistente, mais dura, geralmente tem as pernas mais longas, até o ovo é diferente (...).
3. MB02 (Lábrea): Bom eu conheço essa **galinha de terreiro**, comum (...)
4. HB02 (Tapauá): a galinha quando é caipira ela gosta mais no quintal assim, caipira, né, agora essas outras de granja é criada com mais tecnologia, agora **galinha caipira** é muito mais comum aqui na nossa região, ela é muito gostosa ela, pra gente comer a carne e a caldeirada dela é boa (...).
5. MA02 (Tapauá): Eu conheço mais a **galinha pé-duro**, que ela é a galinha de quintal, né, que a gente cria no quintal (...).
6. HA02 (Borba): Tem essas outra que a gente chama que é a **galinha comum**, essa pequenininha, menor que as cariocas (...).

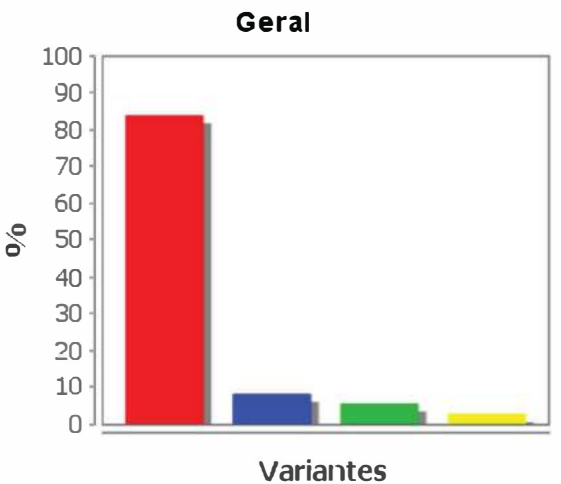
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L025 - Galinha caipira




**Legenda**

- Galinha caipira
- Galinha de terreiro
- Galinha comum
- Pé-duro




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L026

# GALINHA CARIOCA

**Meio Biótico: Fauna (Aves) - QSL-028:** Quais tipos de galinhas você conhece?

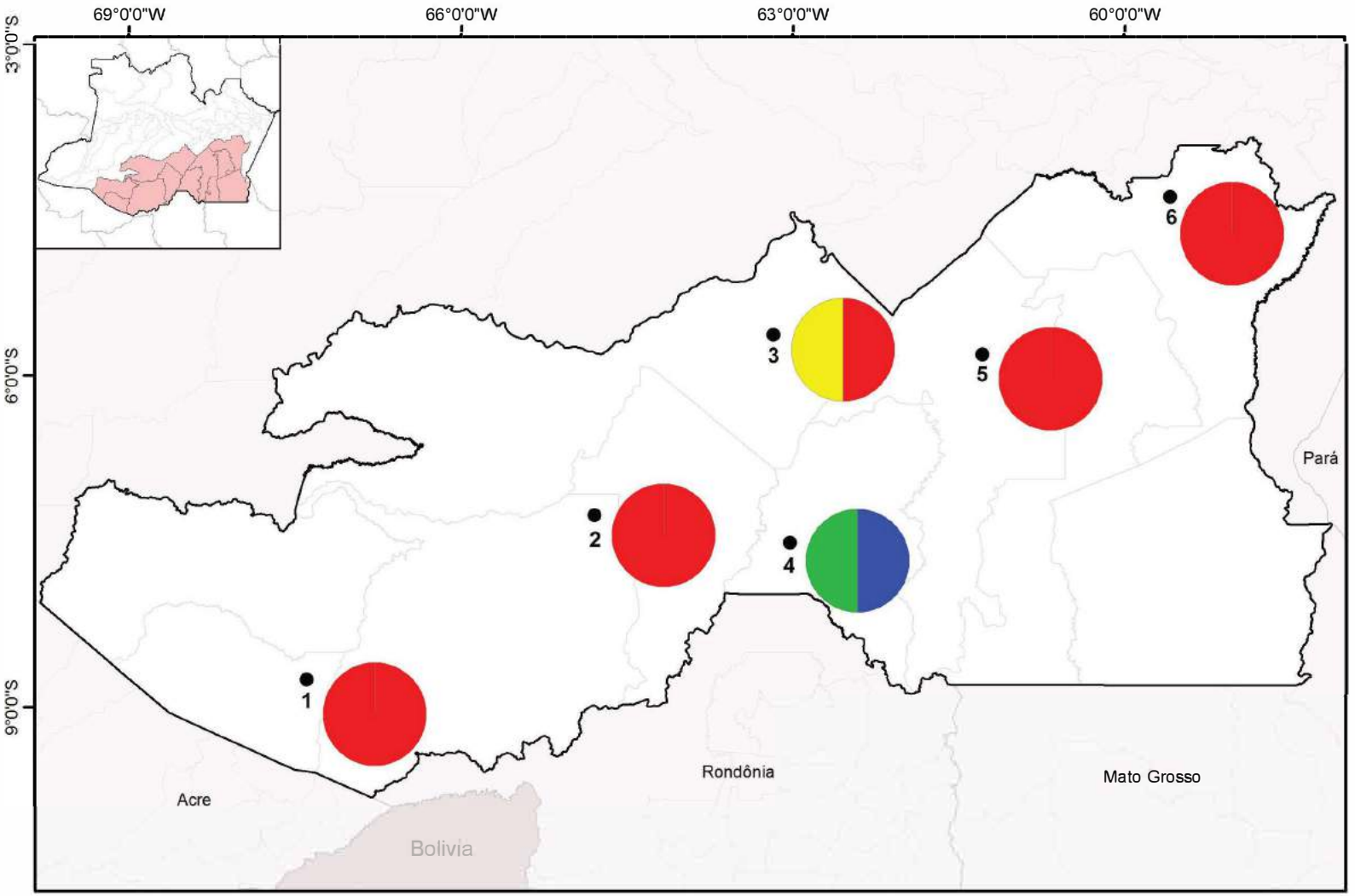


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as variantes observadas na pergunta “que tipos de galinha você conhece?” para o mesmo referente, galinha de corpo fino, pernas longas, que gosta de brigar;
2. HB01 (Boca do Acre): tem aquela raça **carioca**, aquela raça de briga, né (...).
3. HB01 (Tapauá): Conheço só como **galinha de briga** mesmo (...).
4. HA02 (Humaitá): Aqui nós conhece como **galo de raça** (...).
5. MA01 (Humaitá): Tem aquele **galo da Índia** (...).
6. HA02 (Borba): A **carioca** é uma assim bem grande, de pernas grandes (...).
7. HB02 (Borba): **Carioca** é aqueles galo que briga (...).

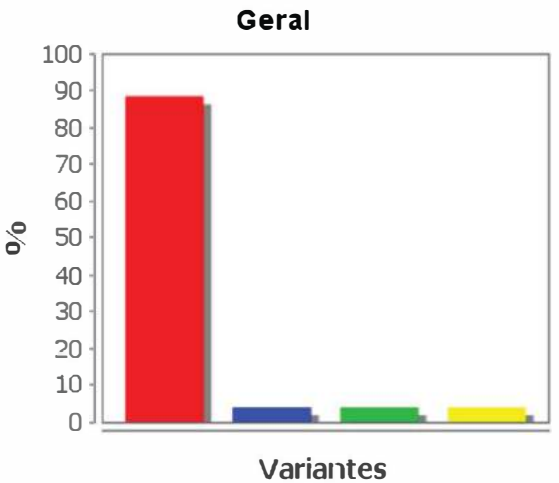
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L026 - Galinha carioca

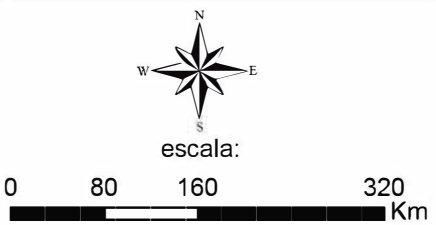



**Legenda**

- Galinha carioca
- Galo da Índia
- Galo de raça
- Galinha de briga




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L027

# GALINHA GARNISÉ

**Meio Biótico: Fauna (Aves) - QSL-028:** Quais tipos de galinhas você conhece?

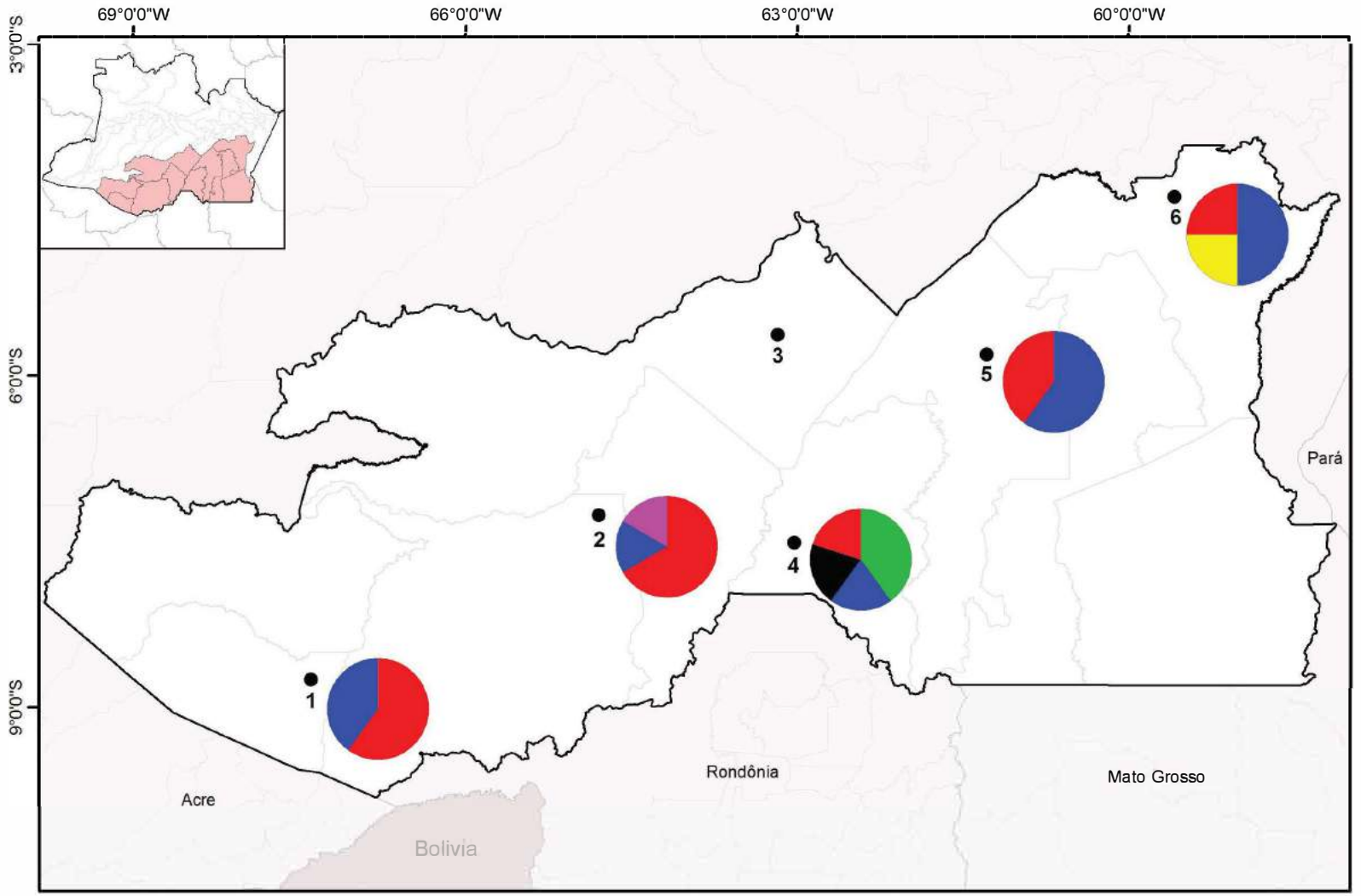


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as variantes observadas na pergunta “que tipos de galinha você conhece?” para o mesmo referente, a menor galinha conhecida, de pernas curtas;
2. HA01 (Boca do Acre): **Garnisé** é a pequena (...).
3. HB01 (Boca do Acre): aí tem aquelas mais pequenininha, **nanica** que chama (...).
4. HB01 (Lábrea): A **pequinês** (...):
5. MA02 (Lábrea): (...) a **garnisé** que é uma bem pequenininha, branquinha (...).
6. HB01 (Humaitá): Chama de **galinha bicó** (...).
7. HB02 (Humaitá): **Codorninha** (...).
8. MB02 (Borba): A galinha que eu conheço tem a **picuí** também.
   INQ.: Qual é essa?
   MB02 (Borba): É uma bem pequeninha, ela é bem pequeninha a picuizinha (...).

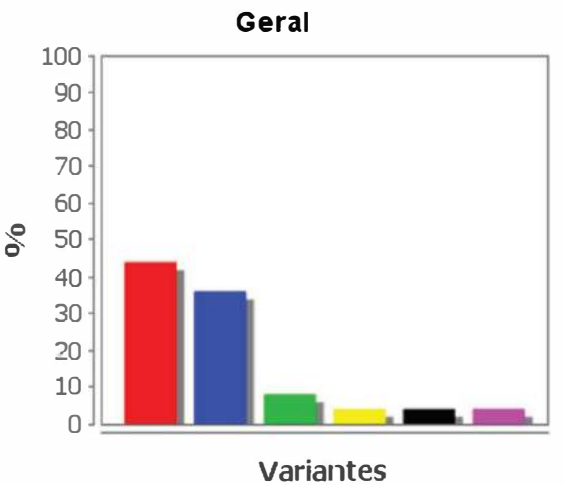
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L027 - Galinha garnisé

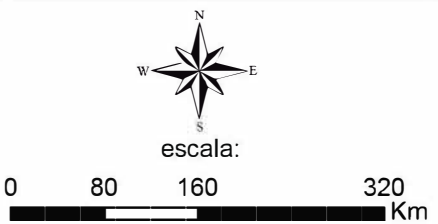



**Legenda**

- Galinha garnisé
- Galinha nanica
- Galinha bicó
- Picuí
- Codorninha
- Pequinês




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L028

# GALINHA PIROCA

**Meio Biótico: Fauna (Aves) - QSL-028:** Quais tipos de galinhas você conhece?

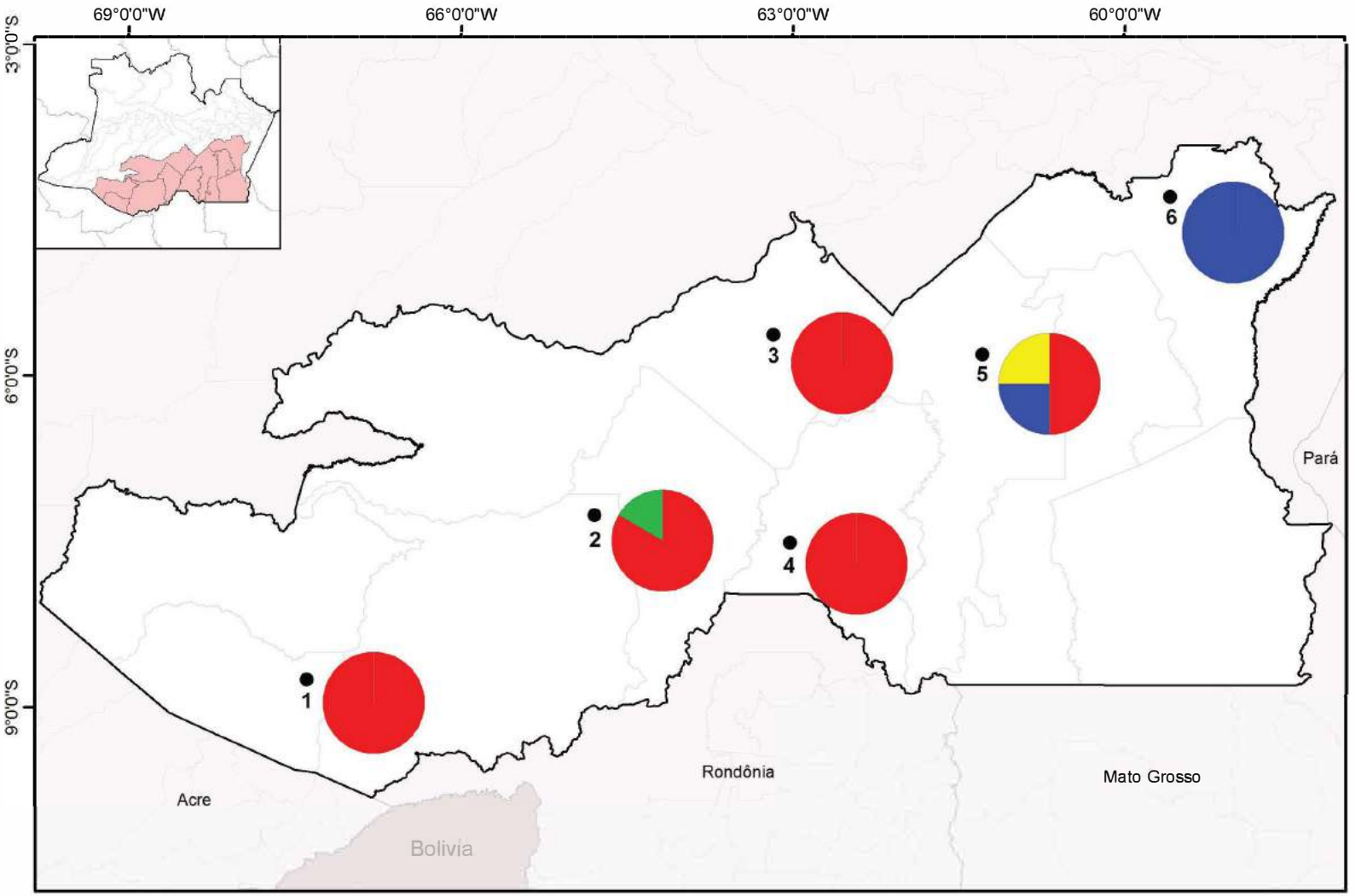


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as variantes observadas na pergunta “que tipos de galinha você conhece? ” para o mesmo referente, galinha sem penas no pescoço;
2. HB01 (Tapauá): Lá em casa minha mãe criava umas, teve um tempo aí, mais ela chamava **galinha piroca** aquelas do pescoço pelado (...).
3. HA02 (Lábrea):**(…)** e tem outra que tem o pescoço pelado que chamam de **piroca** (...) e hoje se vê falando em **pirocão** (...).
4. HB01 (Manicoré): Pois é, é a galinha caipira essa daí, o pessoal fala galinha caipira, (inint.), a **picó**, não é picota que é aquela do pescoço bem fininho da cabecinha desse tamaninho, essa é a picota, só tem um talo de pena aqui e o pescoço é tudo pelado (...).
5. MA02 (Borba): Que é a galinha **pescoço pelado** que chamam (...).

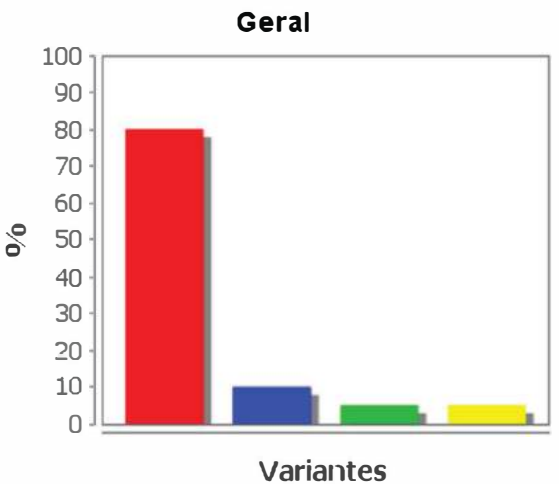
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L028 - Galinha piroca




**Legenda**

- Galinha piroca
- Pescoço pelado
- Pirocão
- Galinha Picó




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L029
# OUTRAS ESPÉCIES DE GALINHA CONHECIDAS

**Meio Biótico: Fauna (Aves) - QSL-028:** Quais tipos de galinhas você conhece?



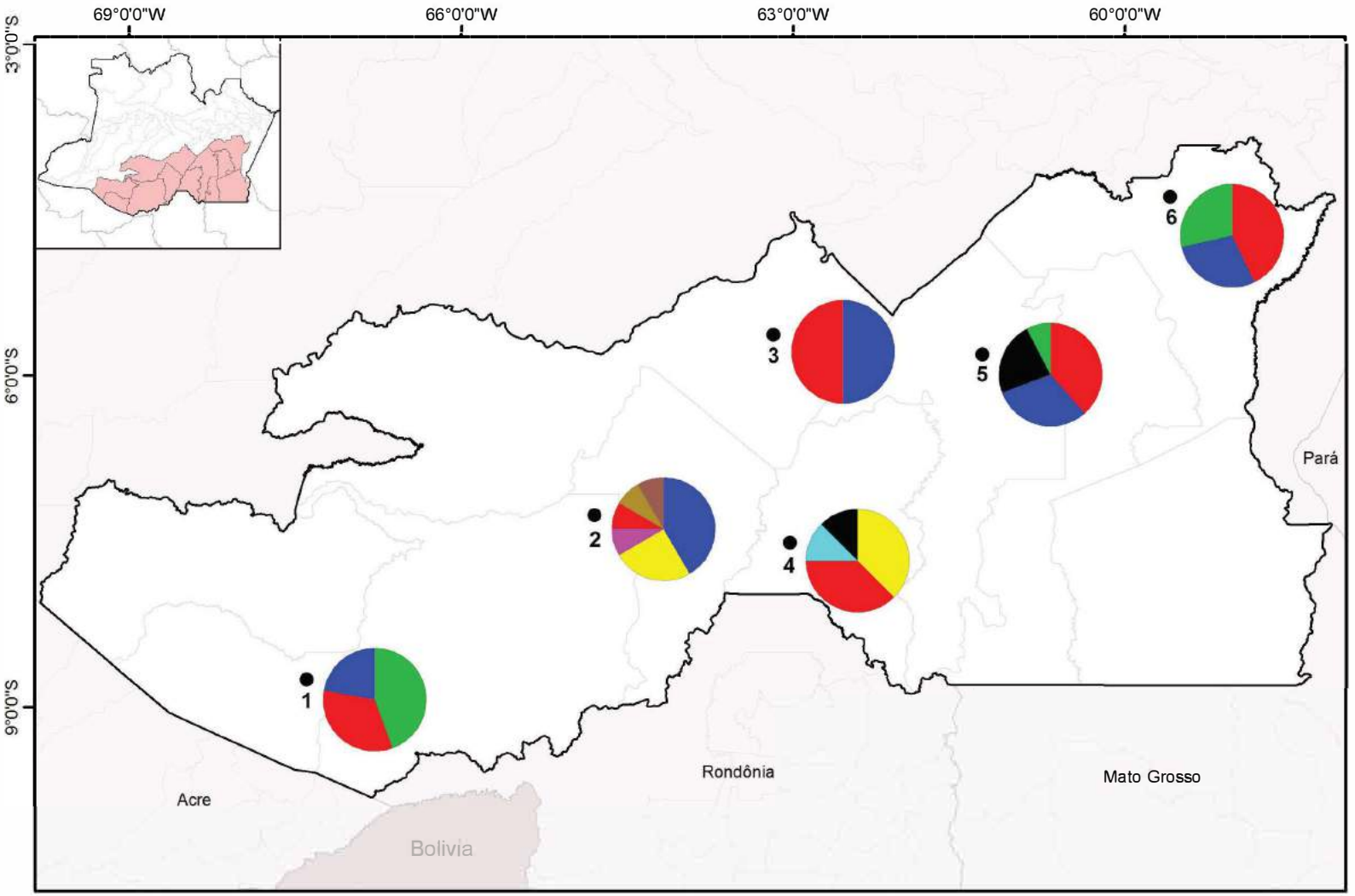


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as designações para galinhas conhecidas citadas na pergunta, excetuando-se as designações já apresentadas nas cartas 026, 027 e 028, as quais são as mais citadas. Assim, nesta carta, a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes.
2. Para HA01, HA02, MA01, MB01 e MB02 de Tapauá foi solicitada a descrição de galinha e não foi citada nenhum tipo específico;
3. PROBLEMA TÉCNICO: MA02 (Tapauá).
4. MB01 (Boca do Acre): e a caipira tradicional mesmo, pintadinha, **carijó** (...). A **galinha da granja** é bem maior, bem mais viçosa;
5. HB02 (Humaitá): **Pedrês** é aquela que é toda cheia de pintinhas;
6. HA02 (Humaitá): Rapaz, aqui tem várias espécie hoje porque os pessoal do Sul, eles trouxeram outras espécie, né, porque antigamente a gente tinha só a caipirinha mesmo da região, hoje tem **caipirão**, né, tem a **gigante negro** (...). É raça de galinha grande. A gigante negro adulta ela não dá menos de dois, três quilos. De dois quilos e meio pra cima;
7. MB02 (Lábrea): A **brahma** e a **parmalat** elas são muito parecidas e tem a **indiana** que ela tem as perna toda cheia de pena... E tem a brahma e a parmalat são assim umas galinhas muito feia porque elas são umas muito grande e a carne dela não são boa, elas tem muito nervo. Elas só são bonitas porque são grandes.
   INQ.: E essa que você falou, a sem rabo?
   MB02 (Lábrea): É a **suru** (...).
8. MA01 (Lábrea): É **arrepiada** mesmo o nome (...).
9. HA01 (Manicoré): As caipira que geralmente tem o osso mais duro e as **de granja** tem o osso menos, mais mole;
10. MB02 (Borba): e aquela **galinha rhode**, tem uma que é rhode.
    INQ.: A grandona?
    MB02 (Borba): É a grandona, que ela é vermelha (...).

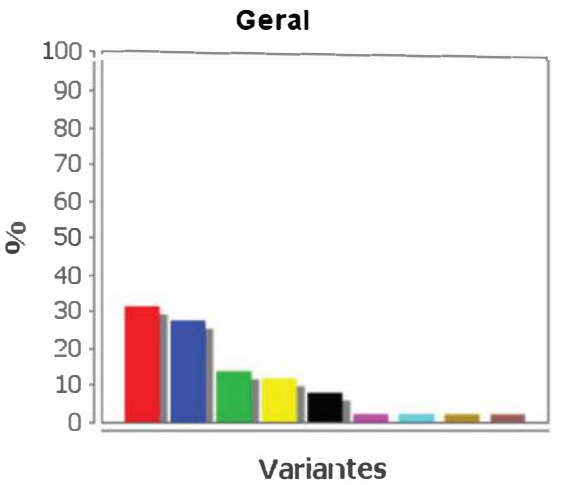
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L029 - Outras espécies de galinha conhecidas

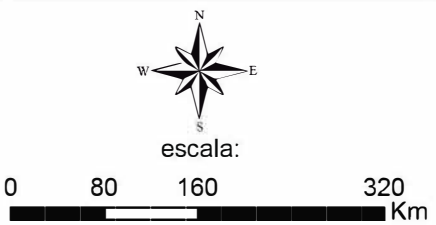



**Legenda**

- Carijó/ Pedrês
- Galinha de granja
- Rhode
- Galinha arrepiada
- Caipirão
- Galinha indiana
- Gigante negro
- Parmalat
- Galinha suru




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L030

# PICOTE

**Meio Biótico: Fauna (Aves) - QSL-029:** E a ave de criação parecida com a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas?

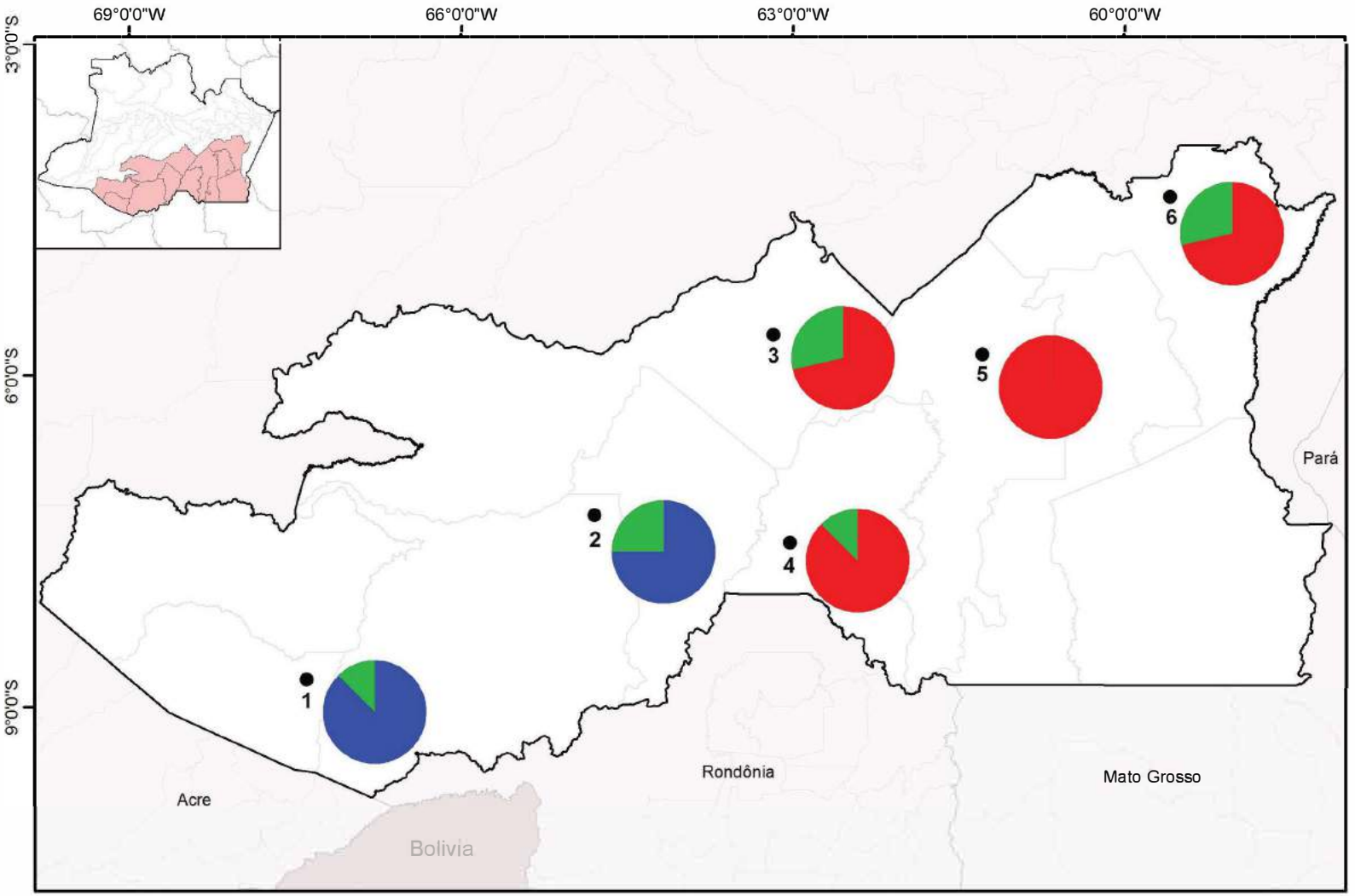


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02, HB01, MA02 e MB01 (Lábrea), HA01 (Tapauá), MB01 (Manicoré), HA02 e HB01 (Borba).
2. MA02 (Boca do Acre): É a **capote** e **galinha d´angola** né, que chama (...).
3. HA01 (Lábrea): Meio mariscada de branca com cinza assim? **Capote** (...).
4. HB02 (Lábrea): É a **gandola** é? (...).
5. HB02 (Tapauá): Aquilo é, até no nosso quintal a gente tem duas, é **picota**, né, é picota, tem duas picota lá no meu quintal. A gente tá criando (...).
6. MA02 (Borba): Não é aquela que chamam **galinha d´ angola**? É a **picota** que chamam por aqui, né (...).
7. HA02 (Manicoré): O **picote** (...).
8. MB01 (Humaitá): A **galinha d´angola**?

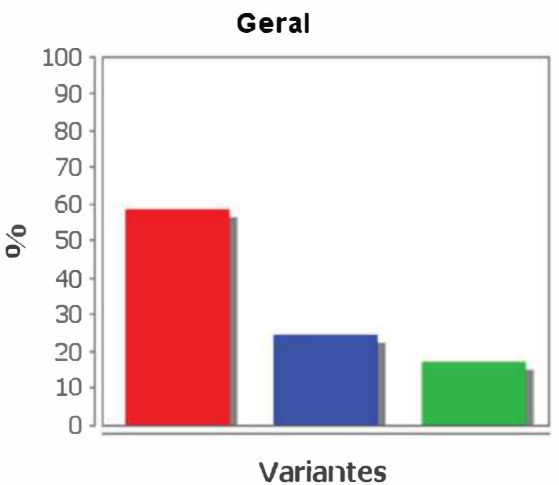
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L030 - Picote

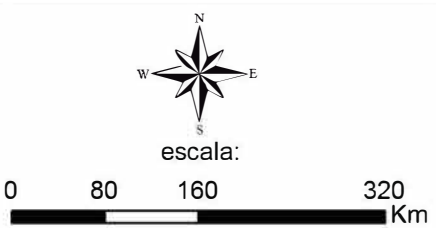



**Legenda**

- Picote(a)
- Capote
- Galinha d'Angola/ Gandola



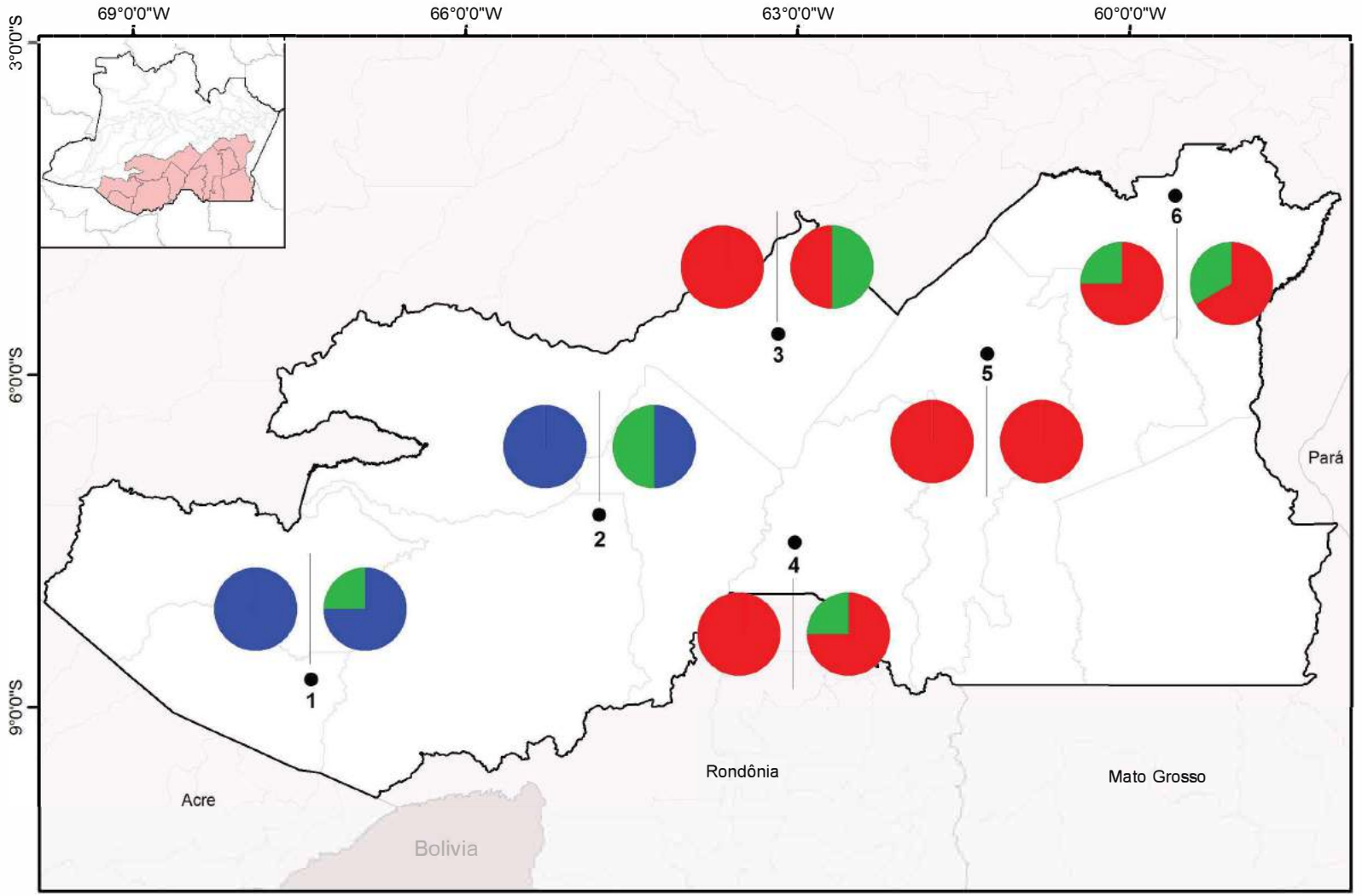

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L030a - Picote - Distribuição por escolaridade

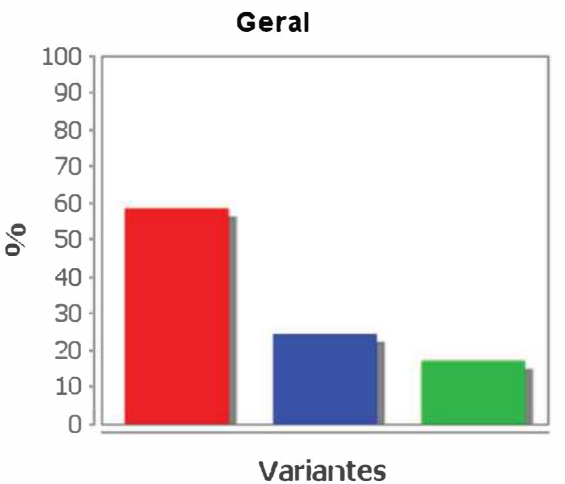



**Legenda**

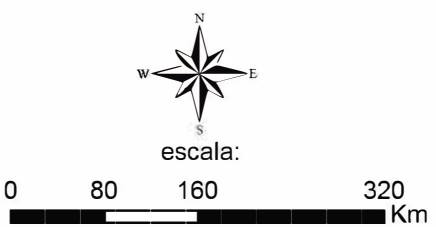
- Picote(a)
- Capote
- Galinha d'Angola/ Gandola

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L031

# NAMBU

**Meio Biótico: Fauna (Aves) - QSL-030:** E ave que parece uma galinha, mas vive na mata?

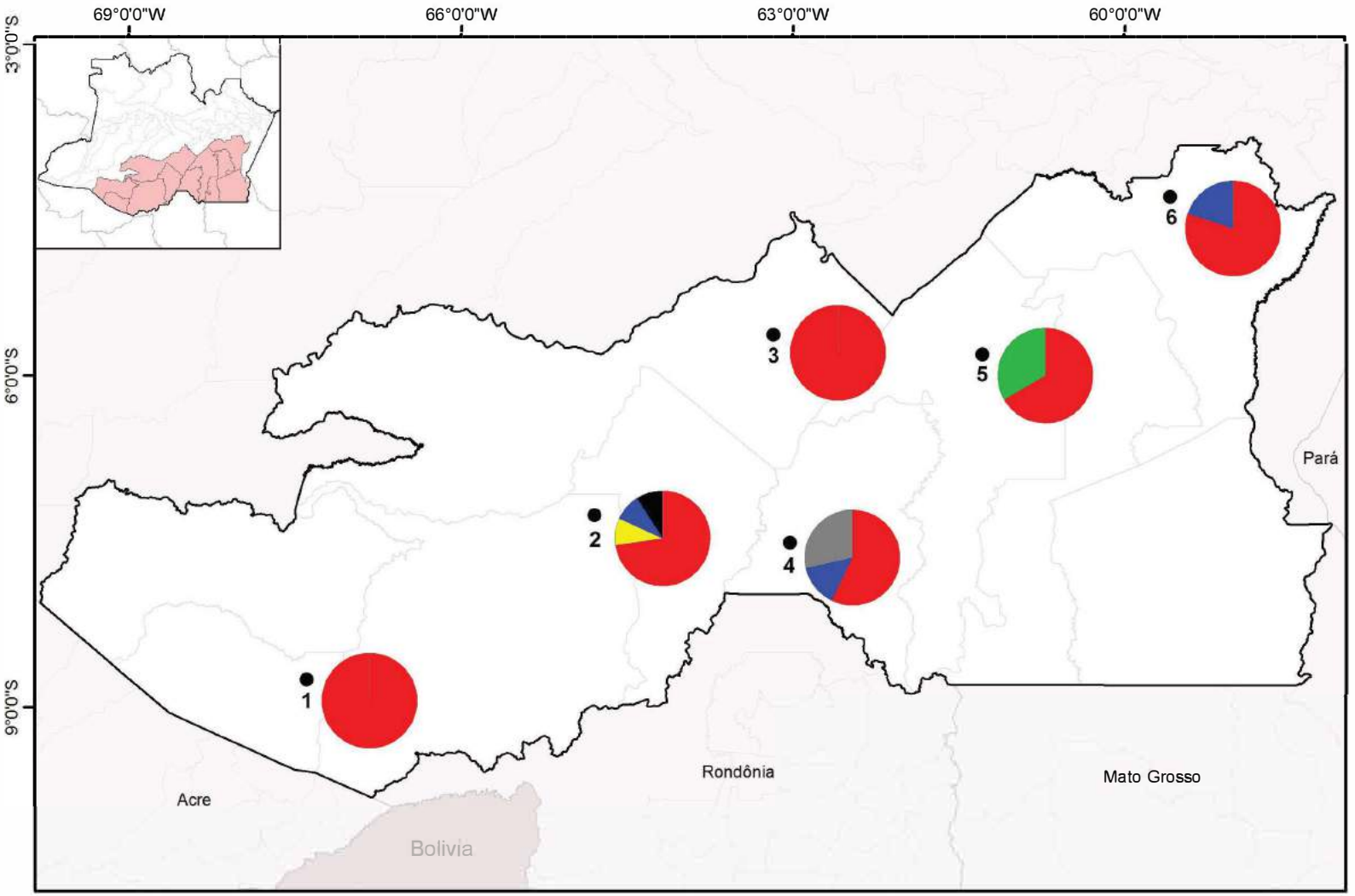


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Humaitá), HB01, MB02 (Manicoré) e HÁ01, MA01 e MB01 (Borba).
2. PROBLEMA TÉCNICO: HA02 (Manicoré).
3. OUTRAS RESPOSTAS: HB01 (Humaitá): Tem uma ave que é parecida com a galinha, mas não sei se é essa, que é chamada de **cigana**, mas acho que não é não (...). MB01 (Humaitá): Tem o **mergulhão**, acho que é só (...).
4. HA02 (Boca do Acre): **Inambu** (...).
5. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **nambu**, que é uma galinha brava, né (...).
6. MA02 (Lábrea): A **nambu**. **Nambu galinha** (...)
7. MB01 (Lábrea): tem uma que é **galinha-d´água** que chamam (...).
8. HB02 (Humaitá): Tem a **galinha do mato** mesmo (...).
9. MB01 (Manicoré): É a **tona**?
   INQ.: Tona, não sei. Como ela é?
   MB01 (Manicoré): Ela parece uma galinha.
   INQ.: Ah é? ela bota assim no chão?
   MB01 (Manicoré): Aham (...).
10. HB01 (Borba): Que parece uma galinha aqui a gente chama de **galinha do mato** (...).

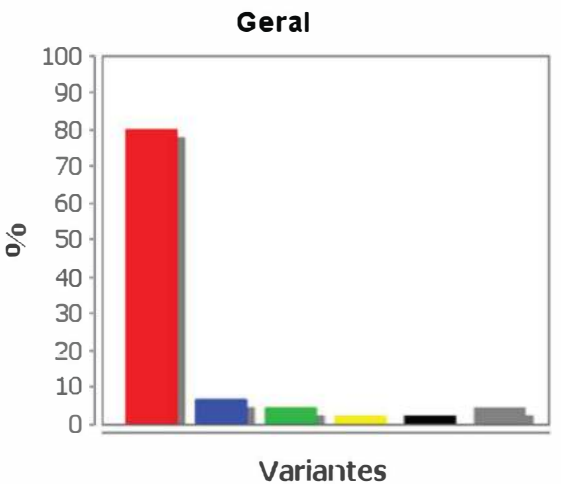
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L031 - Nambu




**Legenda**

- (I)Nambu
- Galinha do mato
- Tona
- Nambu galinha
- Galinha d'água
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L032

# PIABA

**Meio Biótico: Fauna (Peixes) - QSL-035:** Como se chama um peixe pequeno?

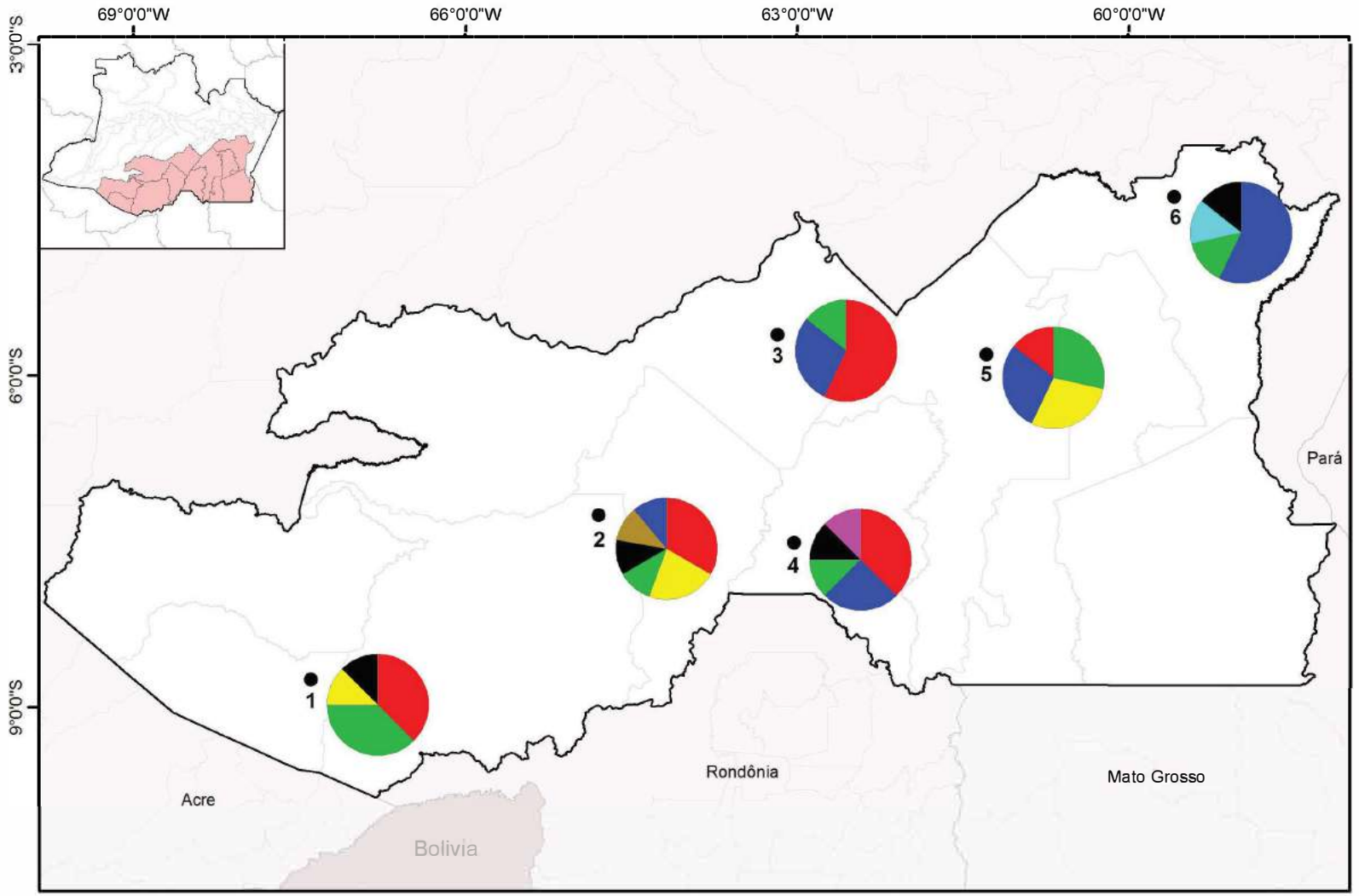


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 e MA02 (Boca do Acre), HA02 (Lábrea), HB01 (Tapauá), MB01 e MB02 (Manicoré) e HB02 (Borba).
2. HB02 (Boca do Acre): **Piaba** (...).
3. HB01 (Lábrea): Nós chama de **peixinho** sempre quando ele é pequeno (...).
4. HA01 (Lábrea): Menor peixe que eu conheço? Essas **piabinha** só, piabinha é nome de peixe pequeno. Quando todos os peixes estão pequenos, aqui chama piabinha (...).
5. MA01 (Lábrea): **Filhote** de peixe. Chama de **impureza**, tem vários nomes que eles chamam (...).
6. MA01 (Tapauá): Peixe pequeno? Rapaz, (inint.) como peixe **pequeno** mesmo
7. HA01 (Humaitá): **Filhote** (...).
8. MA02 (Humaitá): Na nossa língua é assim: "ih, só pegou **lambari**" (...).
9. MA01 (Manicoré): Qualquer peixe? (inint.) **Peixinho**, peixinho, **petititinho** (...).
10. HA02 (Manicoré): Peixe **miúdo** (...).
11. HA02 (Borba): Pequeno? Chama ele de **gitinho** (...).

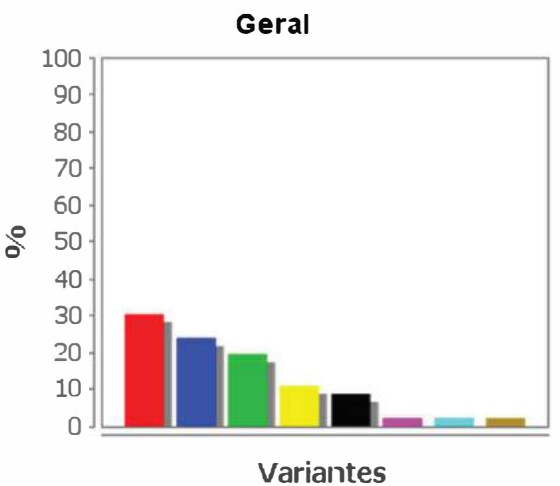
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L**032 - Piaba**

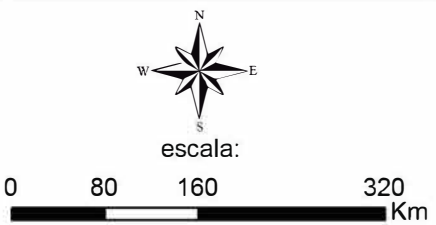



**Legenda**

- Piaba/ Piabinha
- Peixinho
- Pequenininho/ Pequeno/ Petititinho
- Miúdo
- Filhote
- Lambari
- Gitinho
- Impureza




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L033

# BOTO TUCUXI

**Meio Biótico: Fauna (Peixes) - QSL-036:** E qual o nome do tipo de boto que é amigo do homem? Dizem que a banha dele serve para curar ferida de gado.

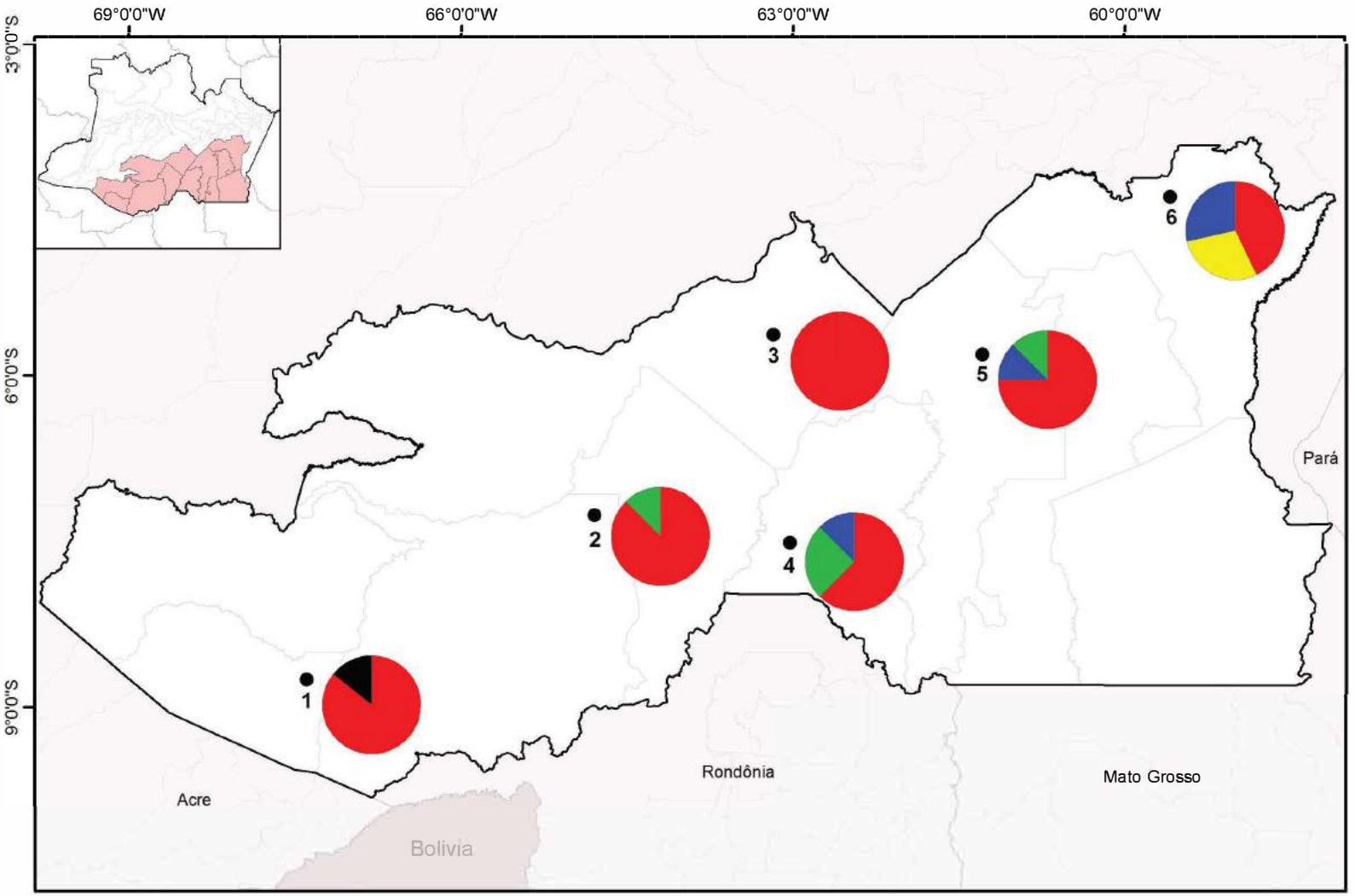


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB02 (Boca do Acre) e MA01 (Borba).
2. MA01 (Boca do Acre): Tal de boto **china** (...).
3. HB01 (Lábrea): Normal, é aquele boto normal que tem no rio, meio azulado, com pinta, a gente chama só de **boto** (...).
4. MA01 (Tapauá): É o **tucuxi** (...).
5. MA01 (Humaitá): Aqui a gente chama de **golfinho**, é o boto roxo. Aí tem o rosa, né, que é o brabo (...).
6. HB01 (Manicoré): **Boto tucuxi**. Tem o tucuxi e tem o rosa também.
   INQ.: É o mais escuro.
   HB01 (Manicoré): É o tucuxi (...).
7. MB01 (Borba): (...) aqui eu vejo mais o **boto cinza**, né (...).

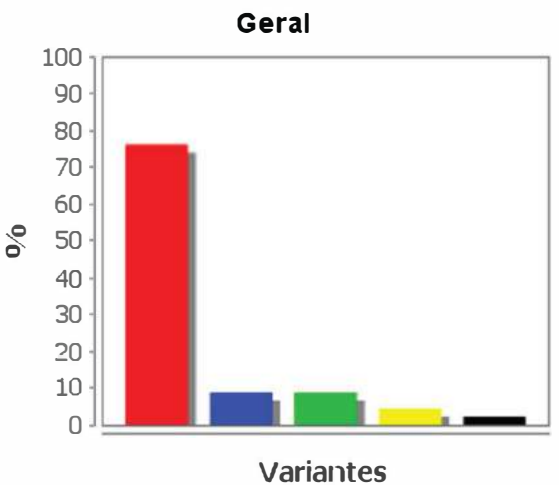
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L033 - Boto tucuxi

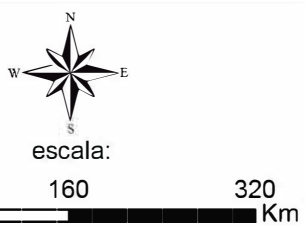



**Legenda**

- Boto Tucuxi
- Golfinho
- Boto
- Boto Cinza
- Boto China




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L034

# BOTO ROSA

**Meio Biótico: Fauna (Peixes) - QSL-037:** E do tipo de boto que dizem ser inimigo do homem porque rouba os peixes da malhadeira?

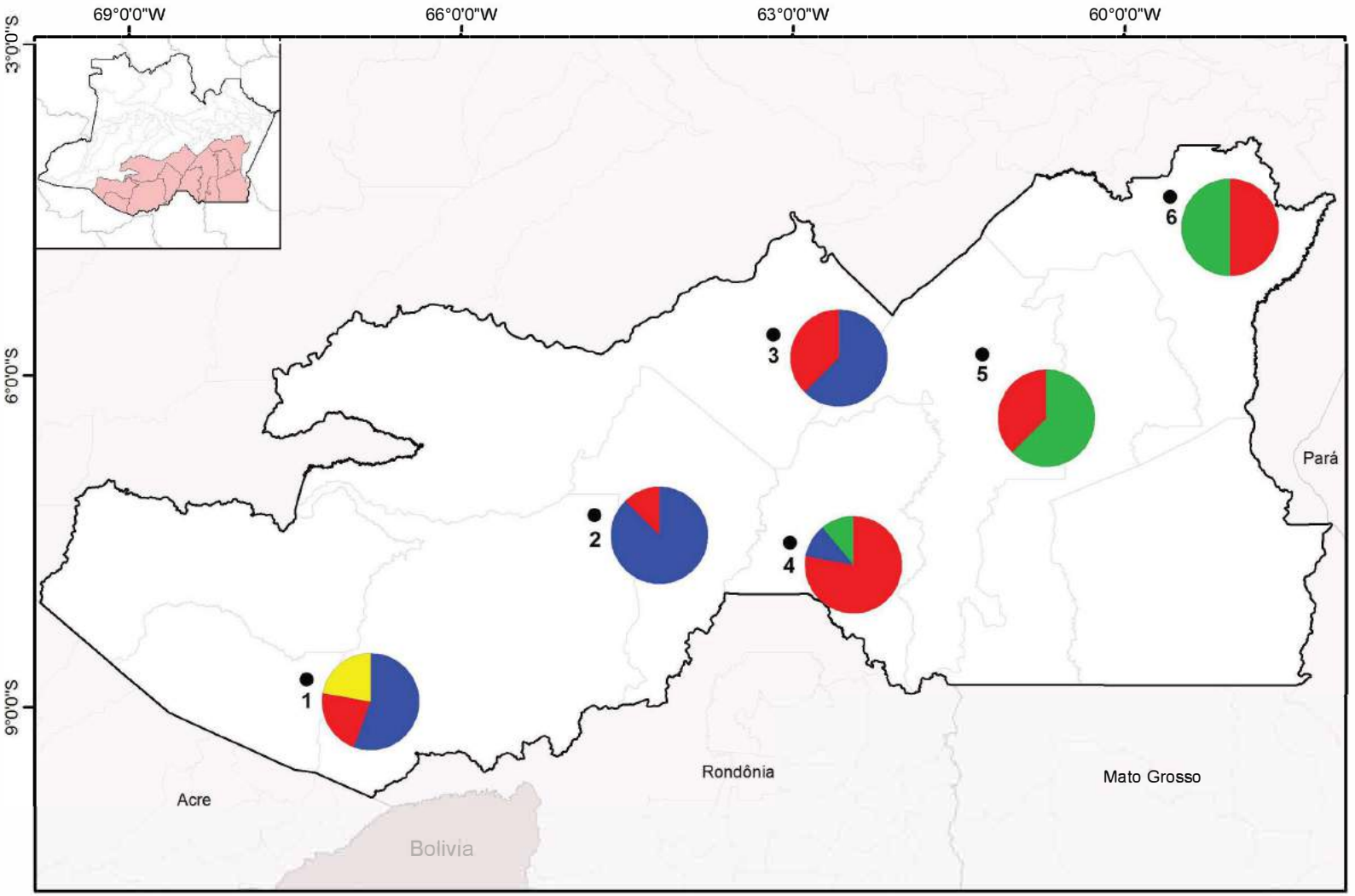


**NOTAS:**

1. HB01 (Boca do Acre): É **boto rosa** e (inint.) chama de **paumari,**. Aqui chama de paumari, mas é o boto rosa, né, mas aqui chama (...).
2. HA02 (Tapauá): **Boto vermelho**, acaba com tudo (risos) (...).
3. MA01 (Tapauá): É o **boto vermelho**, tenho é medo daquele boto (risos) (...).
4. MA01 (Humaitá): (...) Aí tem o **rosa,** né, que é o brabo (...).
5. HA02 (Humaitá): **Boto laranja**, pra lá chamam **boto cor-de-rosa** (...).
6. MA01 (Manicoré): É **boto laranja** (...).

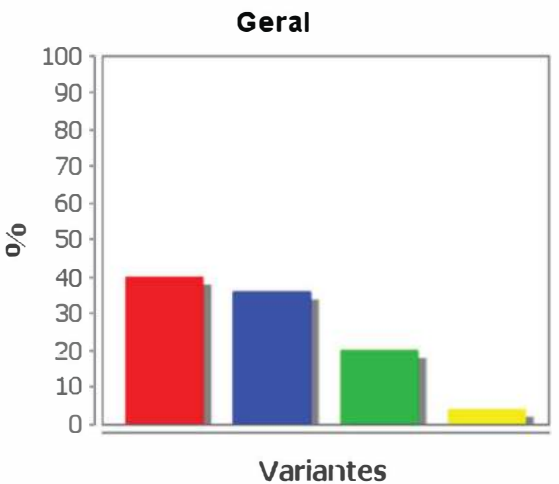
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L034 - Boto rosa

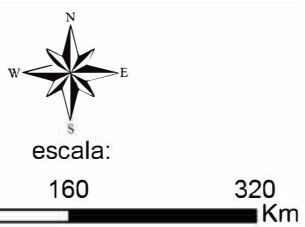



**Legenda**

- Boto Rosa
- Boto Vermelho
- Boto Laranja
- Boto Paumari




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L036

# BODÓ

**Meio Biótico: Fauna (Peixes) - QSL-041:** Como se chama aqui aquele peixe cascudo que vive nos lugares rasos, principalmente nas praias onde a areia tem mais lodo e lama?

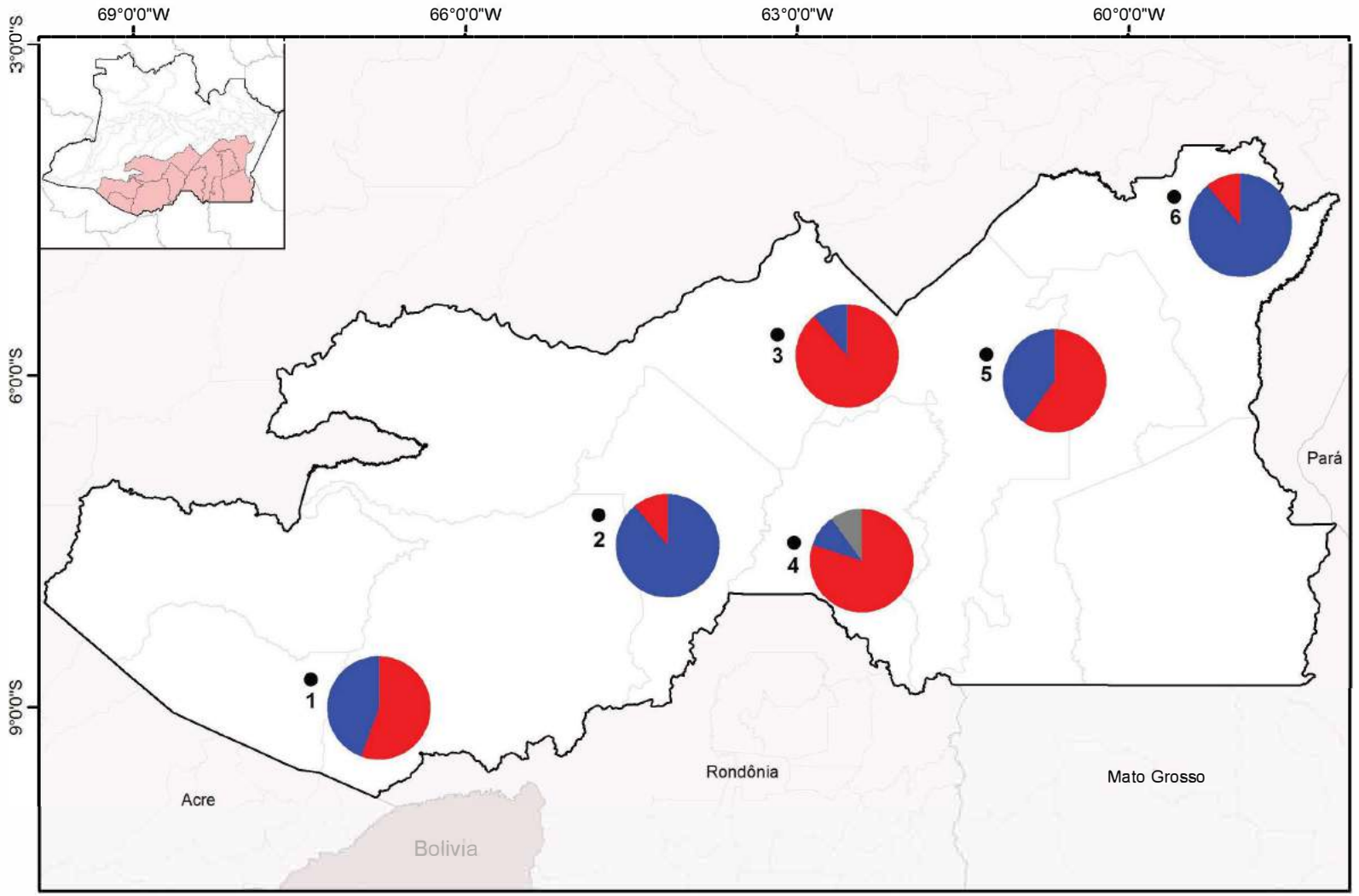


**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: HB01 (Humaitá): Tem o bodó e o **tamuatá**.
   INQ.: São diferentes?
   HB01 (Humaitá): São, ele é pequeno mas é cascudo igual o bodó. O bodó é mais feio, e tamuatá é mais bonitinho. O bodó é muito preto... o tamuatá é um pouquinho mais claro e menor do que o bodó (...).
2. HA01 (Lábrea): **Cari** , **bodó**.
   INQ.: Cari ou bodó? Qual é o que tu usa?
   HA01 (Lábrea): Eu uso cari.
   INQ.: Bodó as pessoas falam aqui também?
   HA01 (Lábrea): Falam aqui, em Manaus (...).
3. HB02 (Tapauá): Cascudo é? É **bodó**. Mais tem muito aqui!
   INQ.: O pessoal adora uma caldeirada de bodó.
   HB02 (Tapauá): Caldeirada de bodó é muito bom, assado, a caldeirada é melhor. ((risos)).
4. HA01 (Borba): É o... chama de **acari**(...).

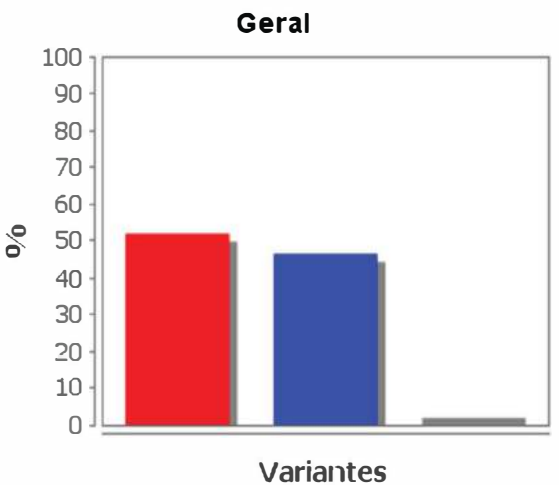
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L036 - Bodó

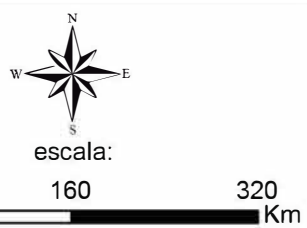



**Legenda**

- Bodó
- (A)Cari
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L037

# PITIÚ

**Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos) - QSL-045:** Existe outro (quelônio) menor que a tartaruga e o tracajá e que pode ser comido assado? Como se chama?

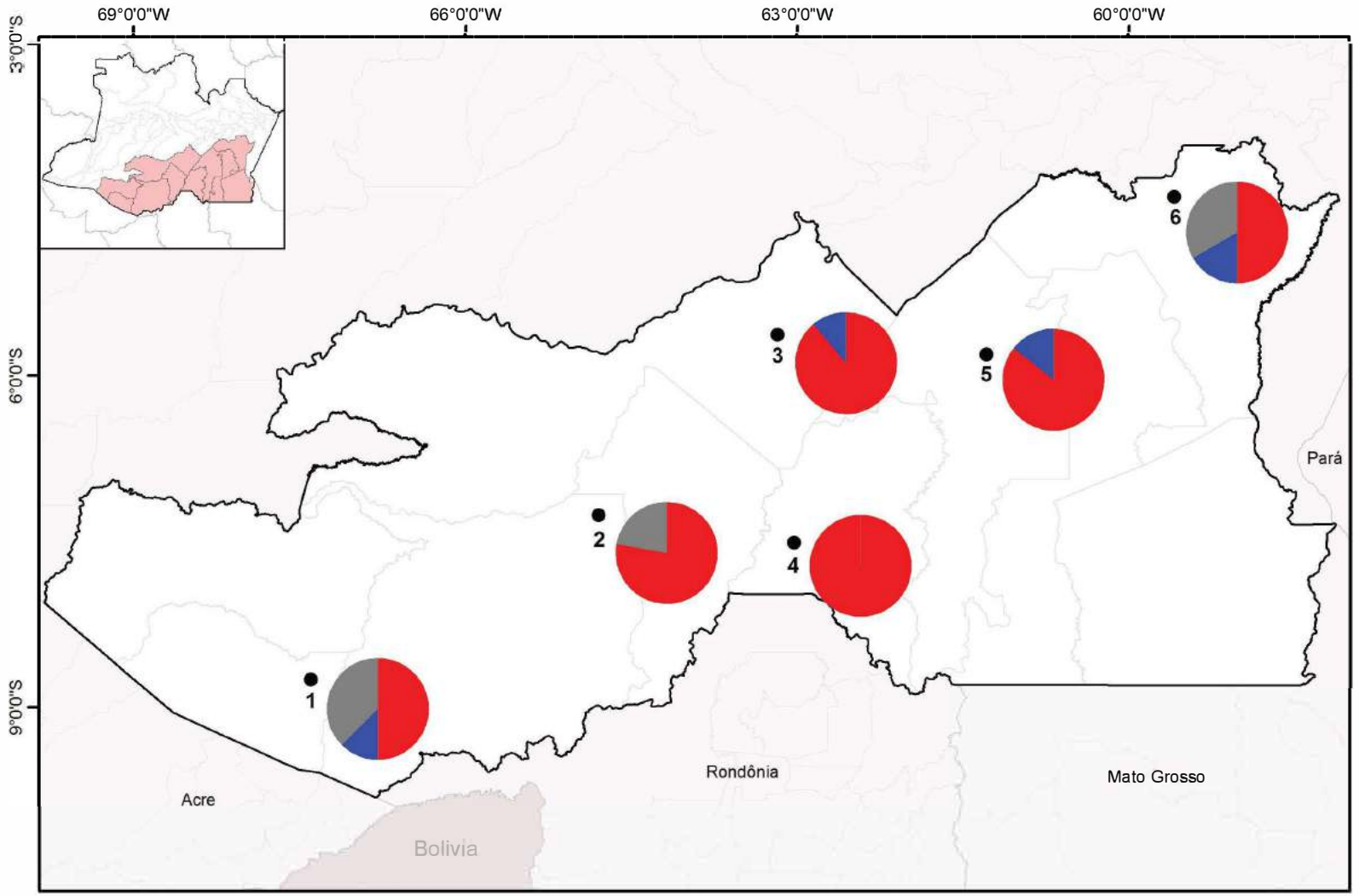


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB02 (Boca do Acre), HB01 (Lábrea), HB01 e MA01 (Humaitá), MB01 (Manicoré) e HA01, HA02, MA01 e MB01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: MB01 (Boca do Acre): Não sei se é **matá-matá** que chama. Porque às vezes a minha mãe chamava de cabeça de matá-matá. Não sei se ela tava querendo falar desse bichinho (...).
3. MB02 (Boca do Acre): Tem é o... os pequeninho, os **cabeça pintada**; MA02 (Lábrea): **Zé prego**, tem o anori e tem o pitiú. (...) O pitiú bota e o zé prego e o anori não bota;
4. HB01 (Borba): Tem a **cabeçuda** e jabuti.
   HB02 (Borba): **Iaçá**, aqui a gente chama **pitiú**, mas é iaçá.
5. HA01 (Humaitá): Ah, **pitiúa**, né?
6. MA01 (Manicoré): É o **pitiú**. Aqui são os três.

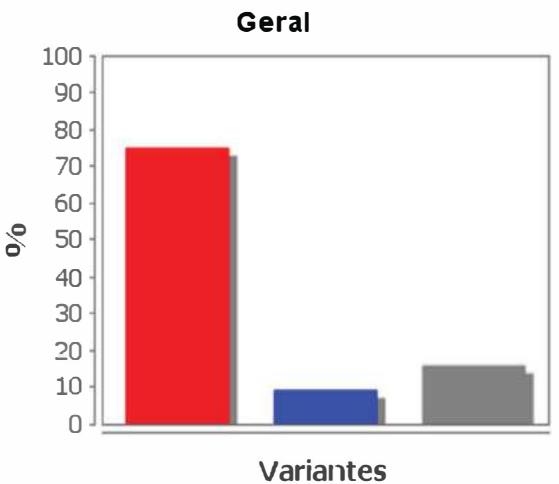
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L037 - Pitiú

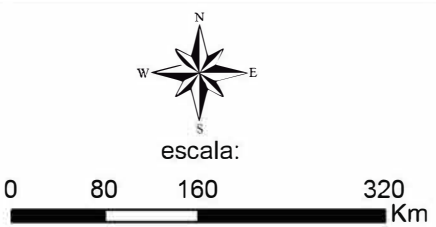



**Legenda**

- Pitiú
- Iaçu/ Iaçá
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L038

# QUELÔNIOS DE ÁGUA DOCE CONHECIDOS

### Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos)

**QSL-042:** Como se chama aquele bicho que anda rastejando na terra, vive na água, tem um casco em cima dele e que é delicioso para se comer, pois a gente pode fazer vários pratos, como: sarapatel, farofa, picadinho, etc.?
**QSL-043**: Que nome recebe o macho da tartaruga?
**QSL-044**: E aquele outro bicho de casco menor que a tartaruga, mas também muito apreciado?
**QSL-045:** Existe outro (bicho de casco) menor que a tartaruga e o tracajá e que pode ser comido assado? Como se chama?



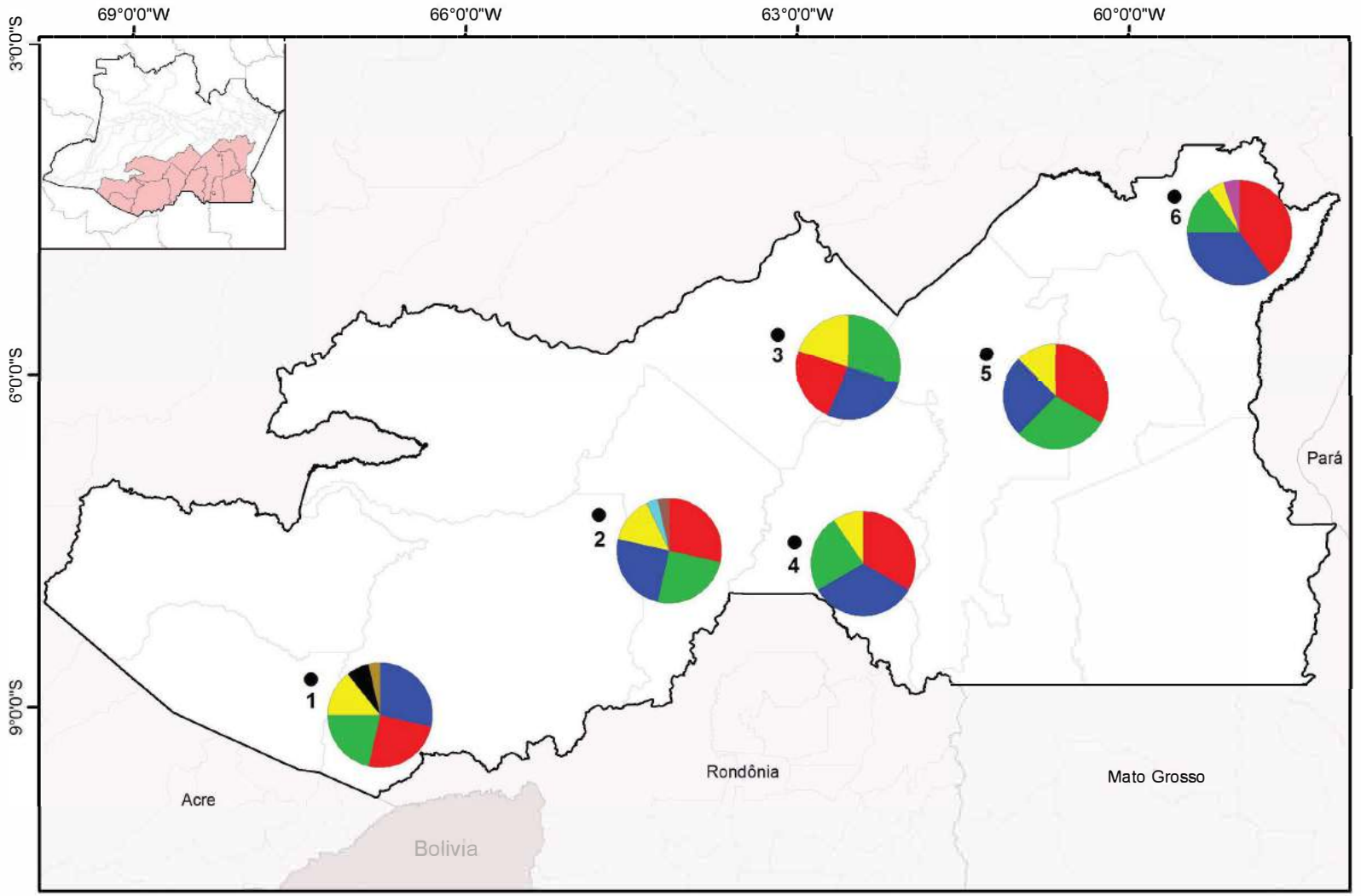


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as designações, citadas nas perguntas, para quelônios de água doce, uma vez que, algumas vezes, o informante respondia os quelônios aleatoriamente. Assim, nesta carta, a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes.
2. MB02 (Boca do Acre): Tem é o... os pequeninho, os **cabeça pintada**.
3. MA02 (Lábrea): **Zé prego**, tem o anori e tem o pitiú. (...) O pitiú bota e o zé prego e o **anori** não bota.
4. HB01 (Borba): Tem a **cabeçuda**e jabuti.
5. HB02 (Borba): **Iaçá**, aqui a gente chama **pitiú**, mas é iaçá.
6. HA01 (Humaitá): Ah, **pitiúa**, né?
7. HA01 (Manicoré): **Pitiú**, tem pitiú, a **tartaruga**, só os dois que eu lembro (...)
8. MA01 (Tapauá) (...) O grande é a t**artaruga**, o do meio o **tracajá**, o último é o **pitiú** e o segundo é o **anori** é deste tamanho (...).
9. MA01 (Lábrea): Tem o **tracajá**, mas o da tartaruga é o **zé prego**, não, **cabeçudo** senão me engano. Esses todos são machos, mas não sei o da tartaruga (risos).
10. HA02 (Lábrea): **Capitari**.

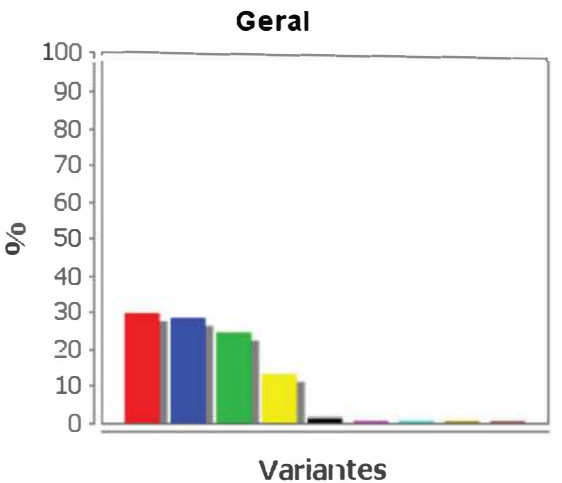
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L038 - Quelônios de água doce conhecidos

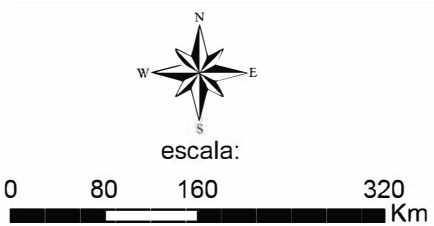



**Legenda**

- Tartaruga
- Tracajá
- Iaçu/ Iaçá/ Pitiú
- Capitari
- Cabeça pintada
- Cabeçuda
- Zé-prego
- Mata-matá
- Anori




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L039

# TABULEIRO

**Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos) - QSL-046:** Como se chamam as praias onde as tartarugas desovam e são apanhadas?

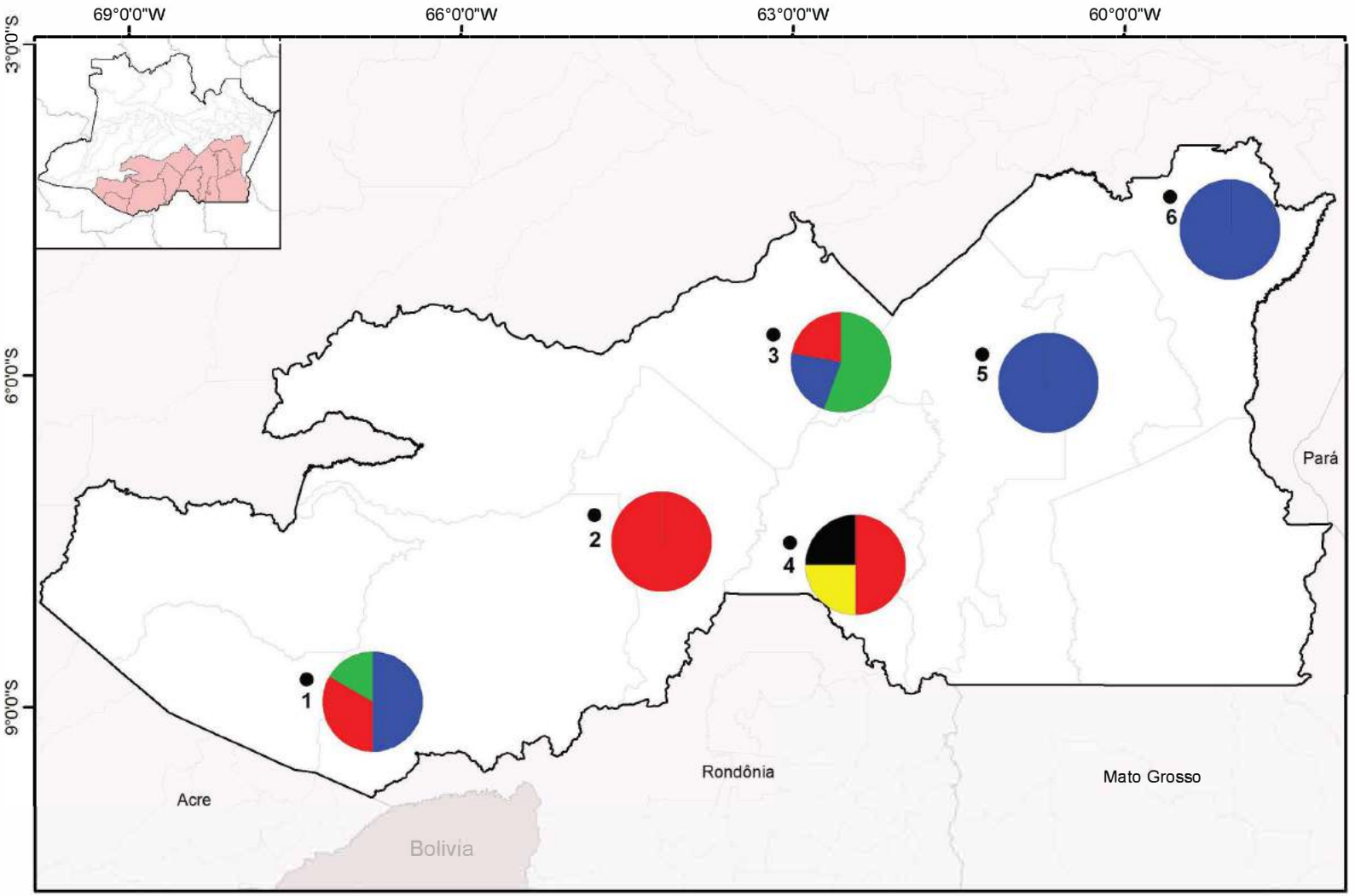


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 e MB01 (Boca do Acre), HA01, HB01, MA01 e MB02 (Lábrea), HB01, MA01, MB01 e MB02 (Humaitá), HA02, HB02, MA01, MA02, MB01 e MB02 (Manicoré) e HA01, HA02, HB01, HB02, MA01, MA02 e MB01 (Borba).
2. MA01 (Boca do Acre): Eles chama de **praia** do Purus mesmo.
3. HA02 (Lábrea): Tem aquelas praia que chama **tabuleiro**, né?
4. HA01 (Tapauá): Como que chama? Praia aqui é **reserva**, né? Praia de reserva.
5. HA01 (Humaitá): A gente não dá nome, tem muita gente que dá nome de **barreiro**, né? (...) É onde o bicho de casco desova, né?
6. HB02 (Humaitá): Praia mesmo de areia... A gente chama o **berço** das tartarugas.
7. HB01 (Manicoré): Aqui? O nome delas? (...) Tem a praia (inint.) praia de Nazaré que é mais (inint.) que o IBAMA não deixa chegar nem perto.
   INQ.- Mas tem um nome, eu digo, uma praia de?
   HB01 (Manicoré): **Desova**.
8. MB02 (Borba): É **praia**.

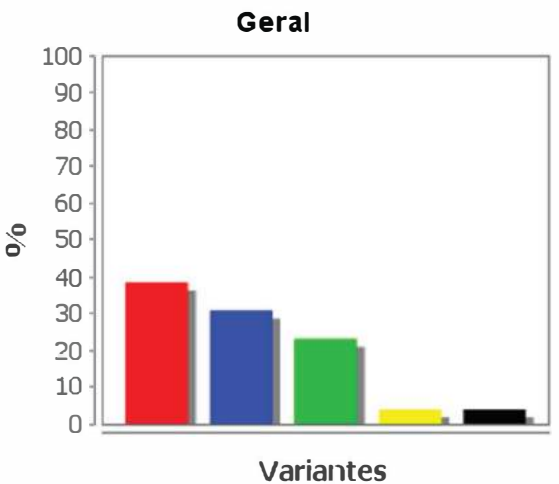
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L039 - Tabuleiro

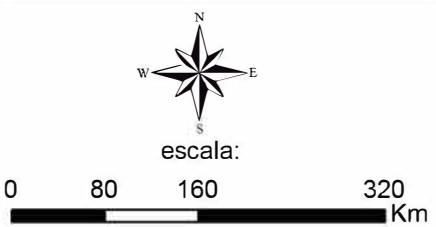



**Legenda**

- Tabuleiro
- Praia/ Praia de desova
- Reserva
- Berço
- Barreiro




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L041

## PRIMATAS DA FAMÍLIA *CEBIDAE* E *AOTIDAE*

**Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos) - QSL-048:** Quais os tipos de macaco que tem por aqui? Como eles são?

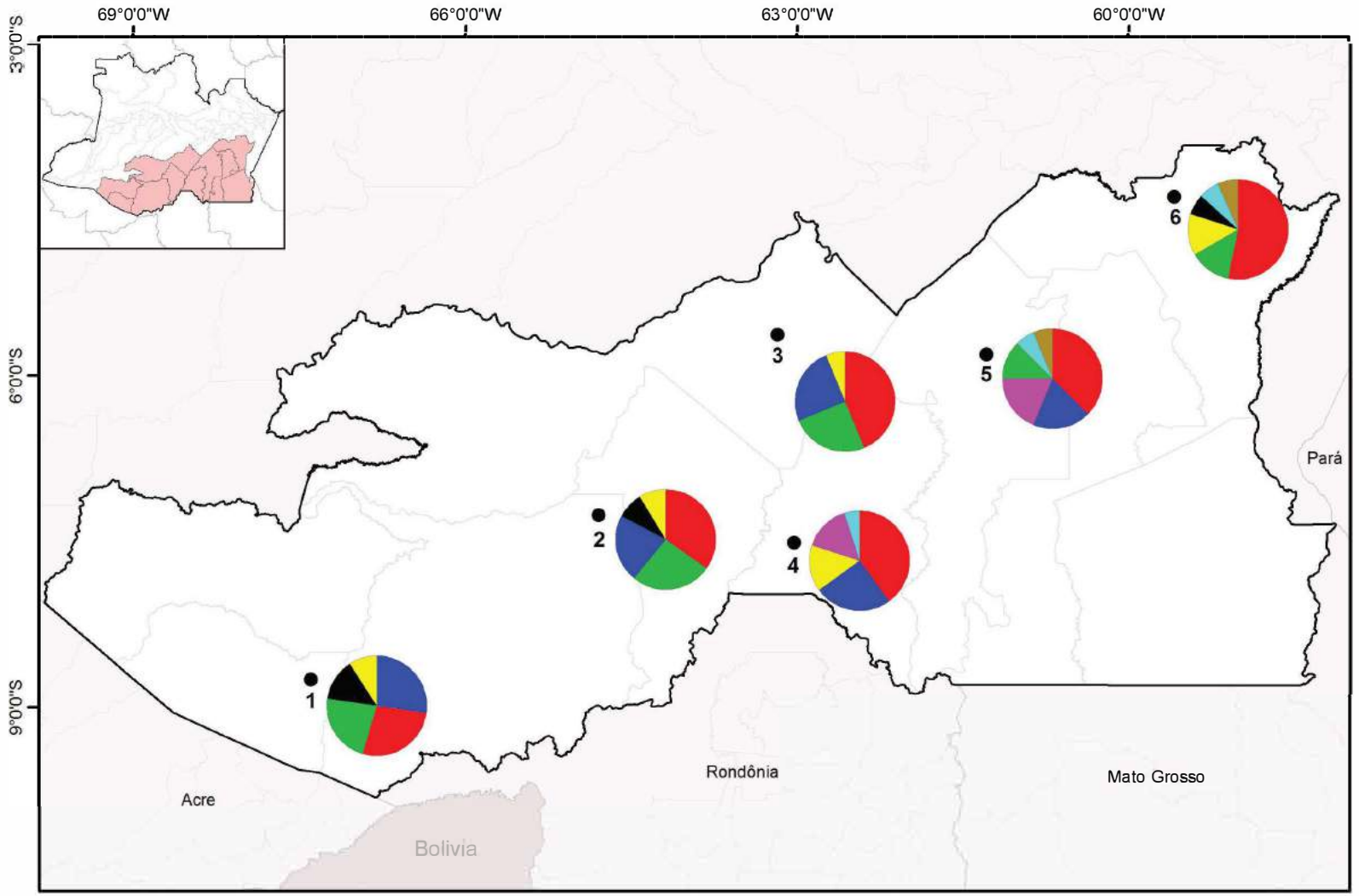


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as designações para primatas conhecidos das famílias *cebidae* e *aotidae* citadas na pergunta. Dessa forma, a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes. As formas variantes foram reunidas na legenda.
2. HB01 (Boca do Acre): Macaco aqui tem... deixa eu ver, temos o barrigudo, né, o **macaco-de-cheiro**, **macaco-da-noite**, **cairara** (...).
3. HA01 (Lábrea): **Macaco-prego**, macaco-barrigudo, **cairara**, tem **xinico**, tem zogue-zogue, tem um monte, tem **soin** (...).
4. HA02 (Humaitá): Vou dizer um bocado deles, vou começar do **soin**, o soin é macaquinho preto, avermelhado da boquinha branca. Aí tem o **cipa** que ele já é um macaco maior, do rabo grande também, do pelo amarelado, com a boquinha e o olho meio amarelinho também... aí tem o **macaco-prego** que ele é bem conhecido, que parece com gente, né, faz tudo e o bicho é horrível de malino (...).
5. HB02 (Humaitá): **Macaco-prego**, macaco-barrigudo,**macaco soin**, **macaco-de-cheiro** (...), **gogó-de-sola** (risos) e cuatá (...).
6. MB01 (Borba): Tem o prego, tem aquele que é pequeno, eu não sei o nome daquele macaco, a pelugem dele é meio amarelada, acho que é sagui. Tem o **macaco-prego**, **sagui**, eu acho que é só esses dois (...).
7. MB02 (Borba): Tem guariba,tem **macaco-prego**, preguiça, tem aqueles macaquinho **chambeta**, que no meu sítio tem bastante.
   INQ.- Qual é o chambeta?
   MB02 (Borba): É um que tem a boca amarela (...) é pequeninho, é pequeninho ele lá no meu sítio (...).
8. MB02 (Manicoré): Parece que tem o **macaco-da-noite**, o **macaco velho**, guariba, preguiça é macaco também né (...).
9. MA01 (Tapauá): **Xinico** é o **cipa** que chama, é o mais pequeno.

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

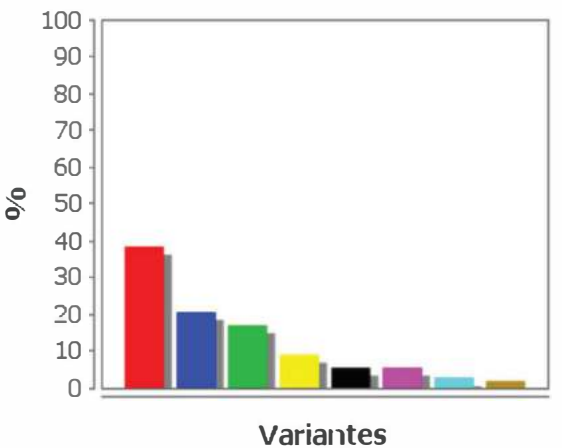
## L041 – Primatas das famílias "cebidae" e "aotidae"



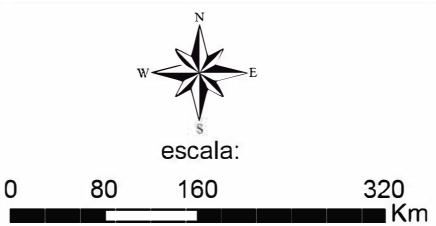

**Legenda**

- Macaco-prego
- Macaco Gogó-de-sola/ Macaco-da-noite
- Macaco Xini/ Macaco Xinico/ Macaco-de-cheiro
- Macaco Soin/ Sagui
- Macaco Cairara
- Macaco Cipa
- Macaco Velho
- Chambeta

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L042

# PRIMATAS DA FAMÍLIA *PITHECIIDAE*

**Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos) - QSL-048:** Quais os tipos de macaco que tem por aqui? Como eles são?



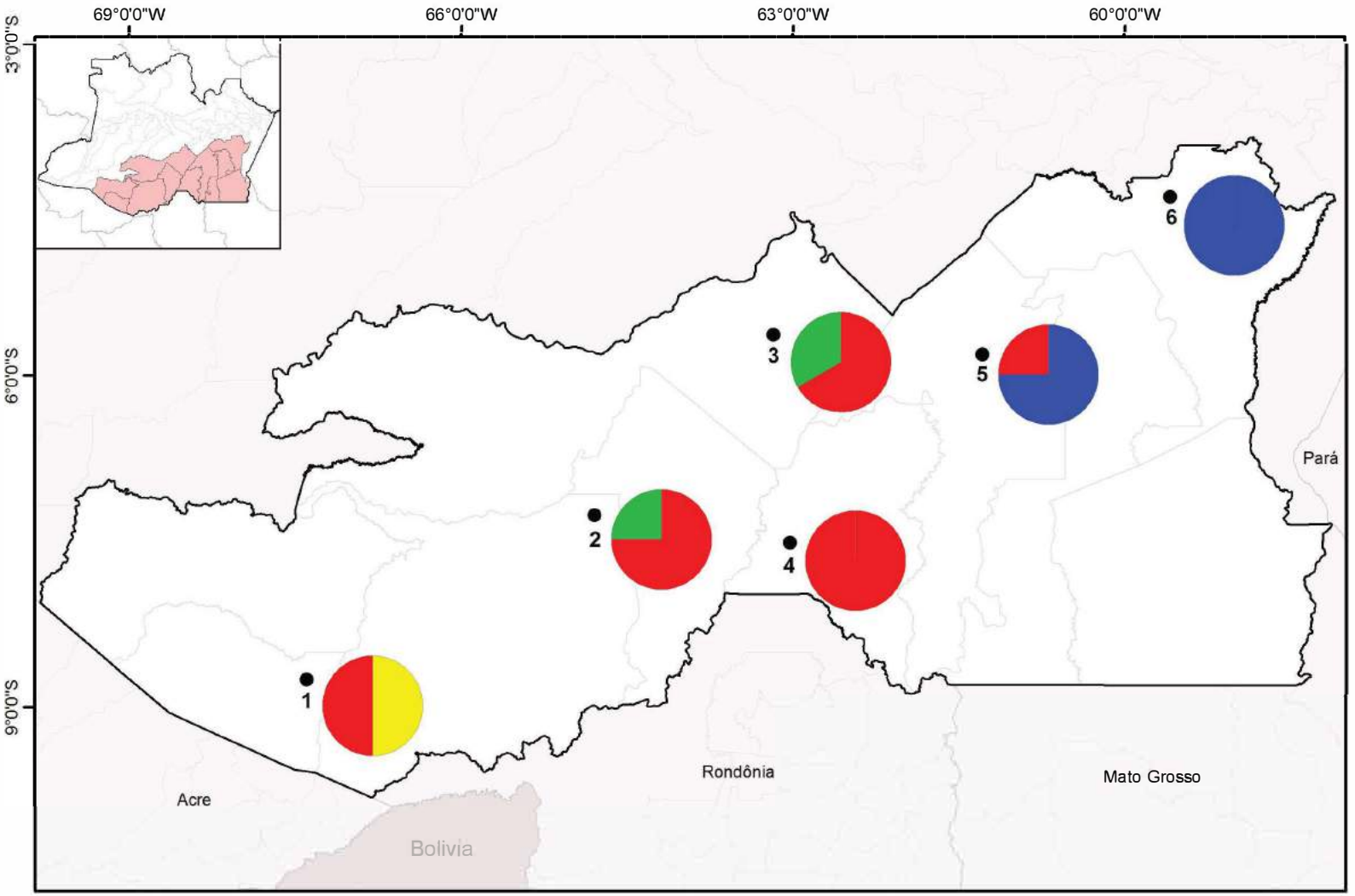


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as designações para primatas conhecidos da família *pitheciidae* citadas na pergunta. Dessa forma, a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes. As formas variantes foram reunidas na legenda.
2. MB01 (Boca do Acre): Ah, tem macaco-de-cheiro, tem macaco... a gente chama de **macaco cari**, macaquinha bem pequenininha, tem macaco-preto, tem outros tipos de macacos que eu não lembro o nome (...).
3. MB02 (Lábrea): (...) e também conheço o macaco **zogue-zogue**, eu acho que chama assim comum mesmo, acho que chamam zogue-zogue porque ele tem aquele canto dele quando tá anoitecendo.
4. MA01 (Tapauá): Aí, tem o macaco-cipa, tem o **parauacu**, tem o macaco-da-noite (...).
5. HB02 (Manicoré): Macaco-prego, **cuxiú**, o macaco-de-cheiro, o coatá, **zogue-zogue**, macaco da noite, guariba. (...) O cuxiú é cor de cinza escuro (...).
6. MA02 (Borba): Tem o **cuxiú**que tem a boca vermelha, ele é preto com a boca vermelha.

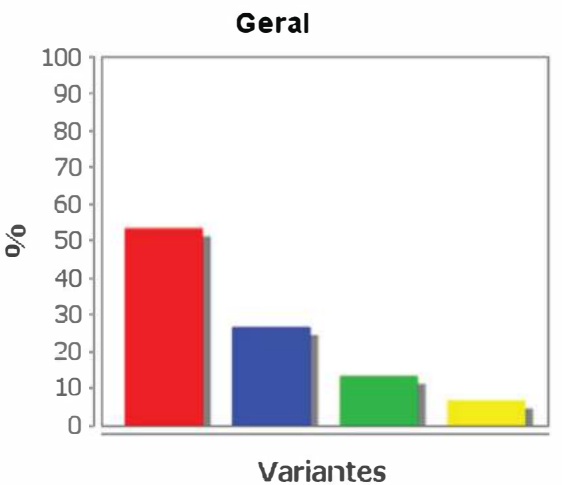
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L042 - Primatas da família "Pitheciidae"

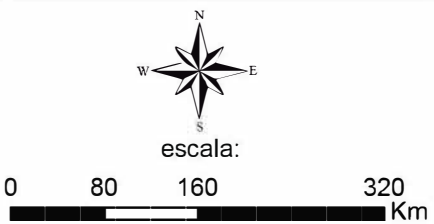



**Legenda**

- Zogue-zogue
- Cuxiú
- Parauacu
- (Ua)cari




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L043

# PRIMATAS DA FAMÍLIA *ATELIIDAE*

**Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos) - QSL-048:** Quais os tipos de macaco que tem por aqui? Como eles são?



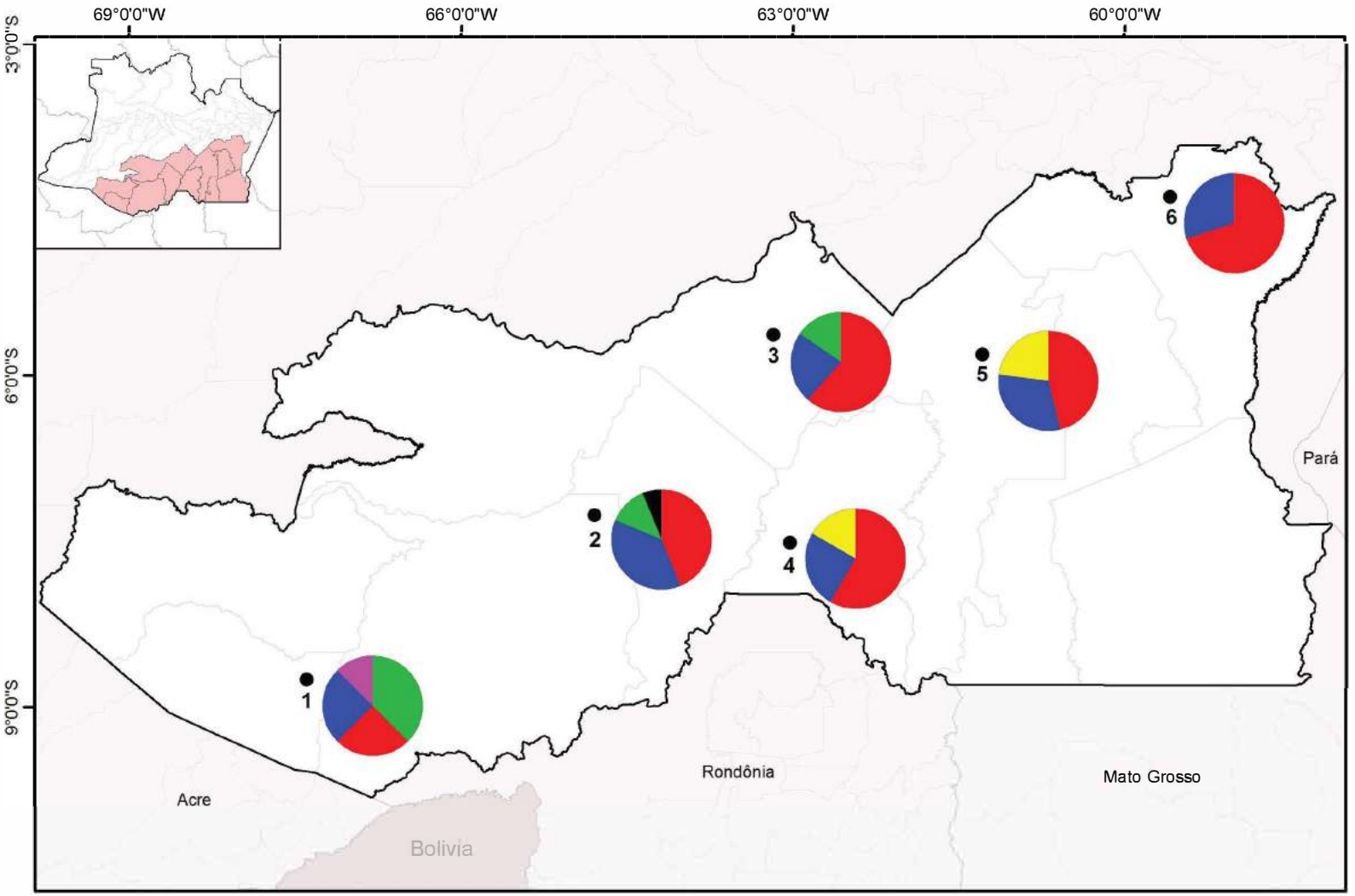


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as designações para primatas conhecidos da família *ateliidae* citadas na pergunta. Dessa forma, a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes. As formas variantes foram reunidas na legenda.
2. HA02 (Humaitá): (...) O **guariba** é aquele vermelho que começa a cantar de madrugada, no amanhecer, cinco hora da manhã ele já tá cantando. Ele faz muito barulho (inint.) umas três horas de distância e você pensa que ele tá bem ali... Aí tem o macaco **coatá**, tem o macaco velho que chama, tem o cuxiú (...).
3. HB02 (Humaitá): e o macaco **coatá** é um pretão, bem negrão, o maior de todos.
4. MA02 (Boca do Acre): O **preto** é compridão, tem uns bração, ele é grandão, (inint.) macacão, e o **barrigudo** ele é barrigudo e assim... bem bonitinho (...).
5. HA02 (Boca do Acre): É... eu não sei nem informar como, o **capelão** é grande, é o maior pra cá pra nossa região, cor-de-rosa assim, bem...
   INQ.- E o guariba?
   HA02 (Boca do Acre): O guariba também, a **guariba** é a fêmi' e o capelão é o macho.
6. MB02 (Lábrea): Ele é meio preto, mas preto, preto mesmo é o **aranha**. Ah, eu conheço também o **guariba** , é dessa cor (...).
7. MA02 (Borba): É grande, o cuxiú é, e tem o **barrigudo** que a pessoa cria em casa, e tem o macaco-prego que ele é danado também, né? E tem a **guariba**, tem a preta e tem a vermelha.

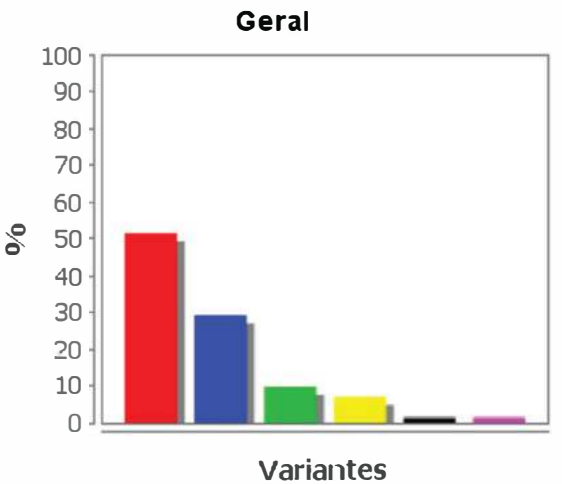
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L043 – Primata da família "ateliidae"

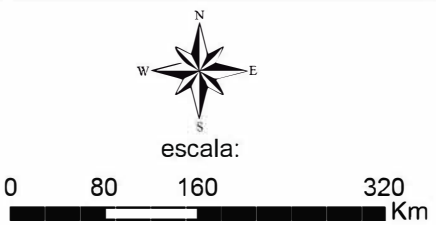



**Legenda**

- Macaco-barrigudo
- Guariba
- Macaco-preto
- Coatá
- Macaco-aranha
- Capelão




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L044

# QUEIXADA

**Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos) - QSL-049:** Como vocês chamam aqui aquele animal que parece um porco, mas que vive em bando, na mata?

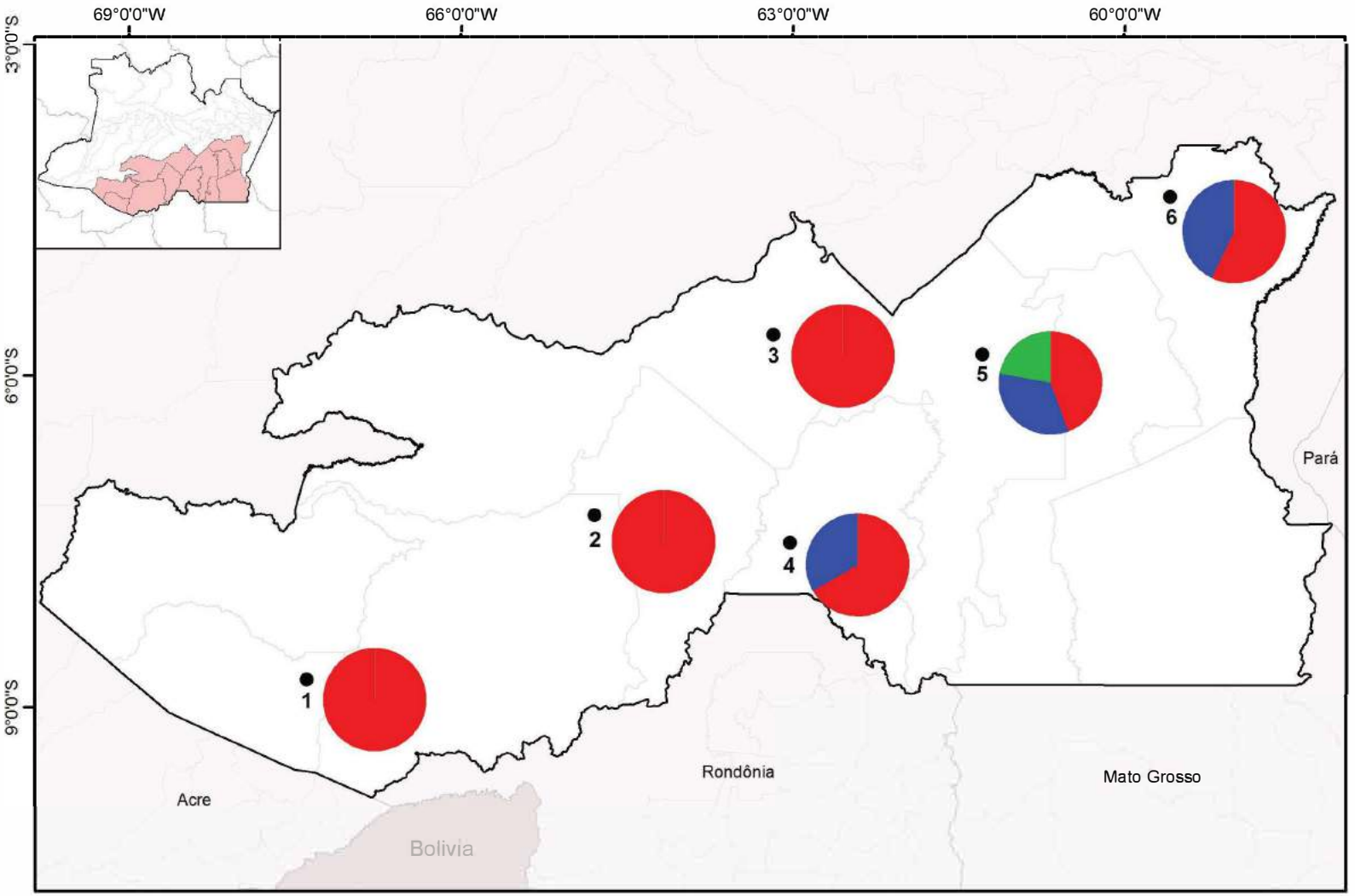


**NOTAS:**

1. A questão 49 originou duas cartas, pois os informantes explicaram a existência de duas espécies diferentes. Nesta carta consideram-se as respostas referentes à espécie *tayassu pecari*.
2. MA01 (Lábrea): O **queixada** ele é bem maior que o caititu, o pelo também é diferente, o pelo dum é mais grosso do que o outro.
3. MA02 (Lábrea): (...) Porque tem o **queixada** e o porquinho, todos dois vive em bando só que o porquinho é bem pouquinho e o queixada é muito. E o queixada é mais gostoso que o porquinho, sendo gordo é bom.
4. HB01 (Manicoré): Tem o **javali**, tem a, como que é, tem o javali que nós chama bastante, que o pessoal mata bastante.
5. HA02 (Manicoré): Tem o catitu e o **porco-do-mato**.
   INQ.: Qual é a diferença?
   HA02 (Manicoré): Parece que um tem... Um bate dente e o outro não (...).
6. HA02 (Humaitá): Aqui tem dois tipo de porco, tem o porco caititu que dá no máximo quatro, seis no bando dele, e tem um que tem a coleira branca que só dá um casal. E o **queixada** que pode ter até trezentos, seiscentos porco num bando.
   INQ.: Qual é o maior?
   HA02 (Humaitá): O maior é o queixada.

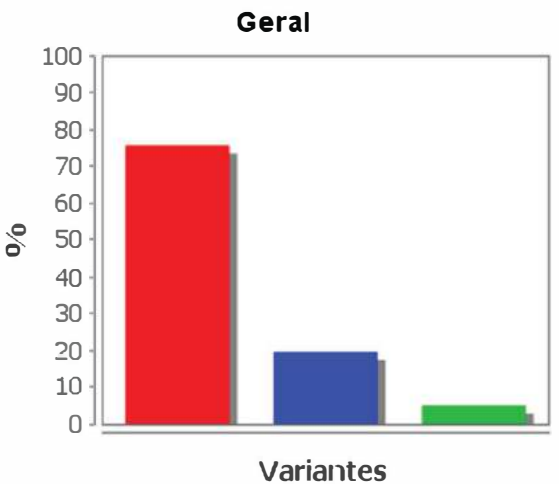
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L044 – Queixada

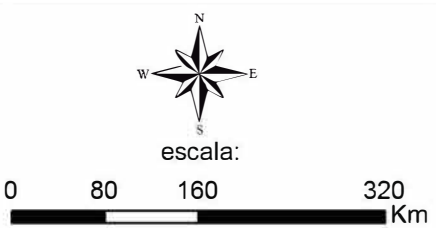



**Legenda**

- Queixada
- Porco-do-mato
- Javali




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L045
# CAITITU

**Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos) - QSL-049:** Como vocês chamam aqui aquele animal que parece um porco, mas que vive em bando, na mata?

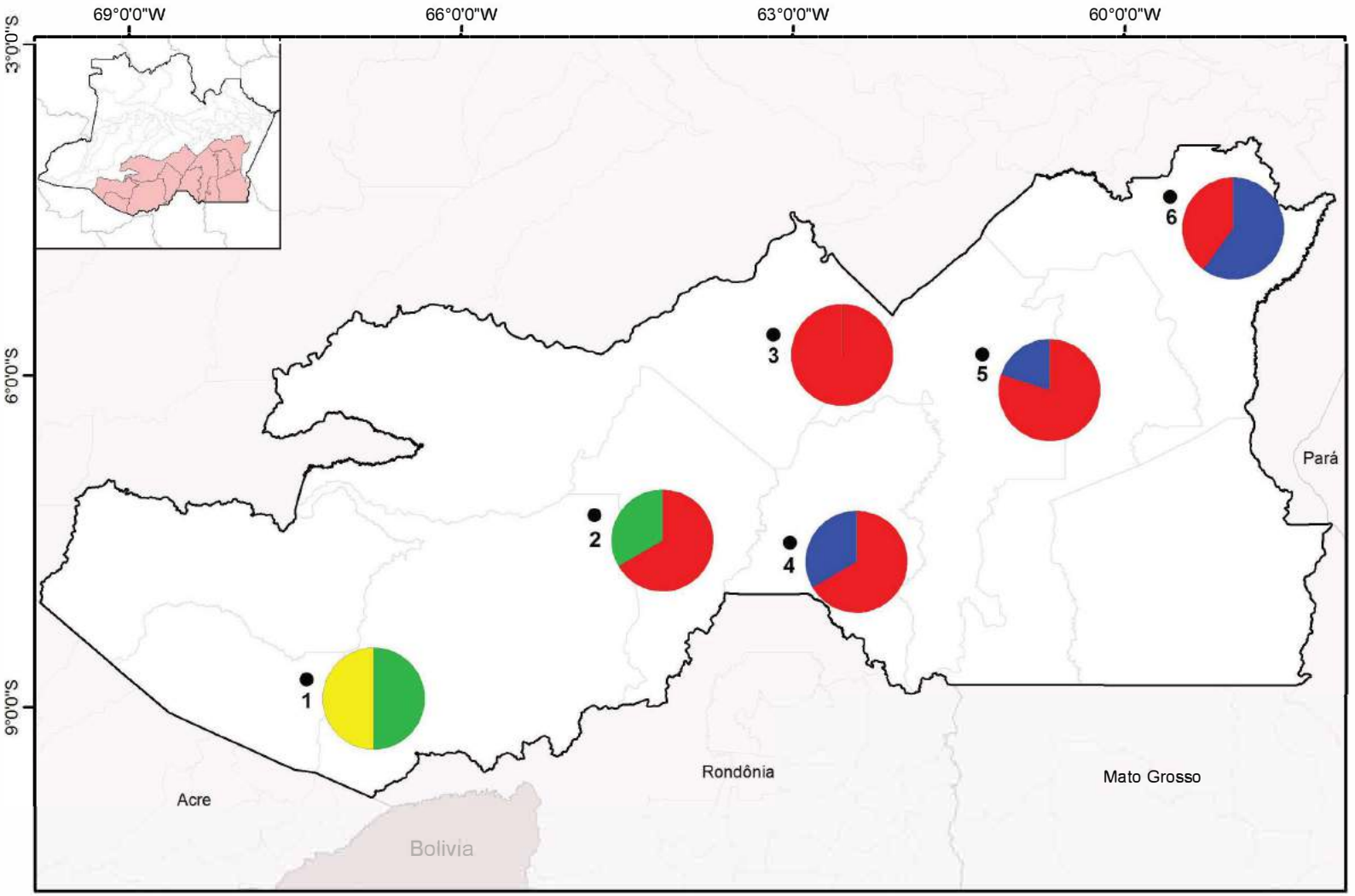



**NOTAS:**

1. A questão 49 originou duas cartas, pois os informantes explicaram a existência de duas espécies diferentes. Nesta carta consideram-se as respostas referentes à espécie *tayassu tajacu*.
2. MA01 (Lábrea): O queixada ele é bem maior que o **caititu**, o pelo também é diferente, o pelo dum é mais grosso do que o outro.
3. MA02 (Lábrea): (...) Porque tem o queixada e o **porquinho**, todos dois vive em bando só que o porquinho é bem pouquinho e o queixada é muito. E o queixada é mais gostoso que o porquinho, sendo gordo é bom.
4. HA02 (Humaitá): Aqui tem dois tipo de porco, tem o porco **caititu** que dá no máximo quatro, seis no bando dele, e tem um que tem a coleira branca que só dá um casal. E o queixada que pode ter até trezentos, seiscentos porco num bando.
5. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de queixada ou de **porco-espinho**.
6. HA02 (Manicoré): Tem o **catitu** e o porco-do-mato.
   INQ.: Qual é a diferença?
   HA02 (Manicoré): Parece que um tem... Um bate dente e o outro não (...).
7. MA01 (Borba): **Porco-do-mato**.

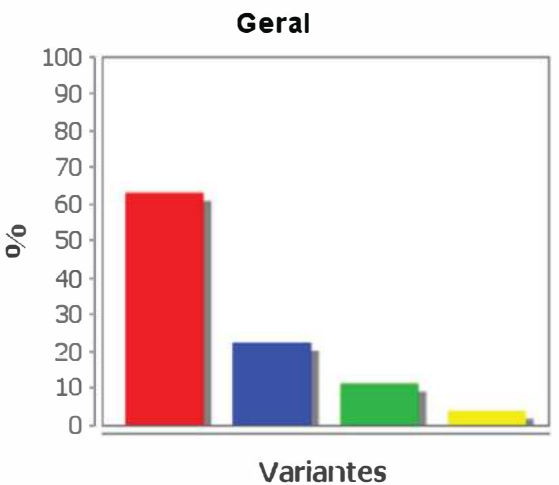
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L045 - Caititu

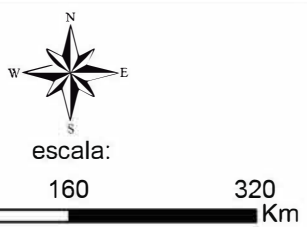



**Legenda**

- Caititu
- Porco-do-mato
- Porquinho
- Porco-espinho




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L046
# MUCURA

**Meio Biótico: Fauna (Quelônios e Mamíferos) - QSL-050:** E o bicho que solta um cheiro ruim e carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga?

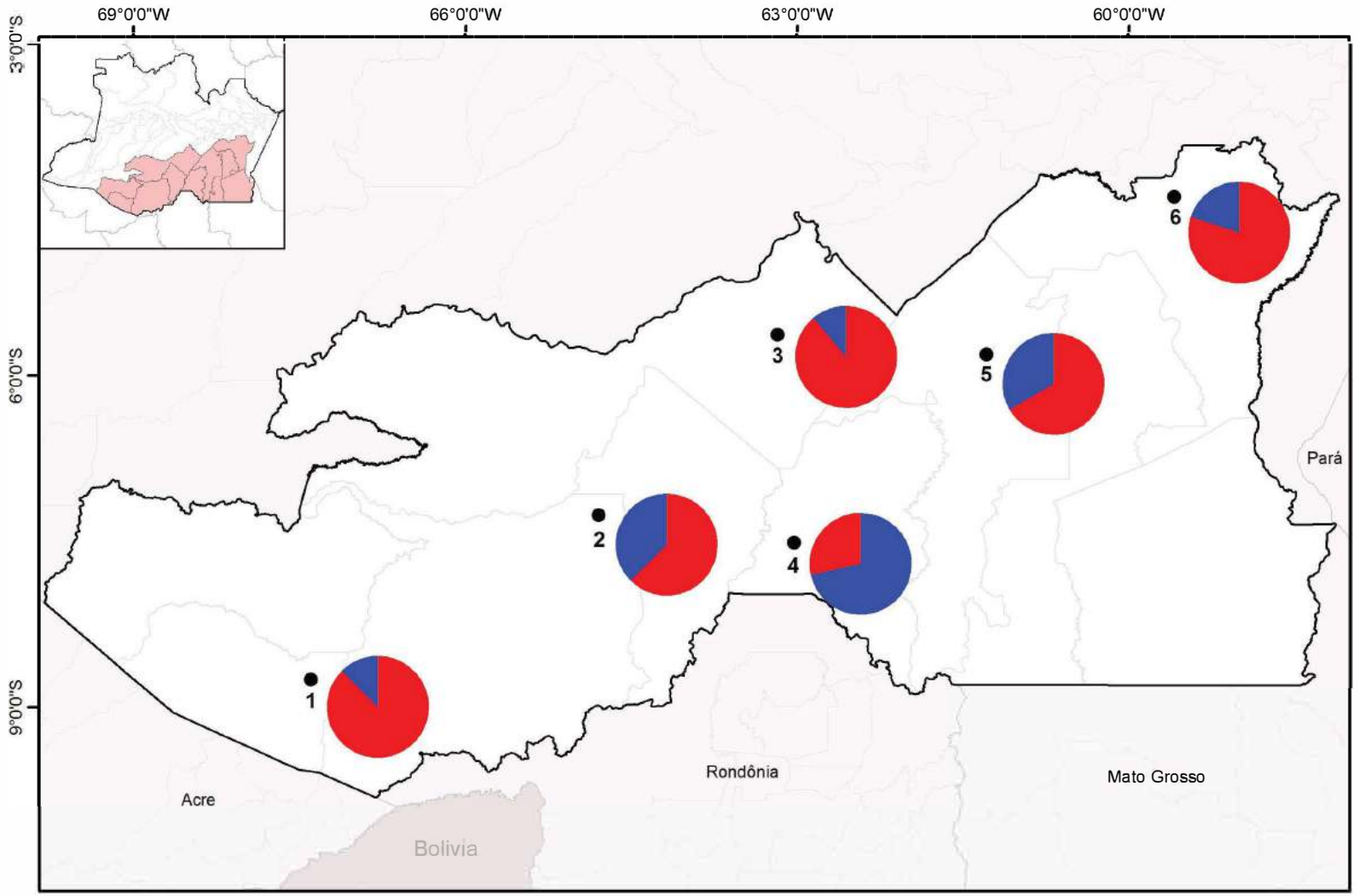


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Boca do Acre). MB02 (Humaitá) e HA02, MB01 e MA01 (Borba).
2. MA02 (Boca do Acre): **Mucura** e tem o **gambá**, né (risos).
3. HA02 (Lábrea): Vixe, Maria! **Mucura**, né?
4. MB01 (Tapauá): a gente chama de **mucura** aqui, mas na verdade o nome é **gambá** que o pessoal chama.
5. HB02 (Manicoré): **Mucura**, ou seja, gambá.
6. HB02 (Humaitá): Aquilo é **gambá**.

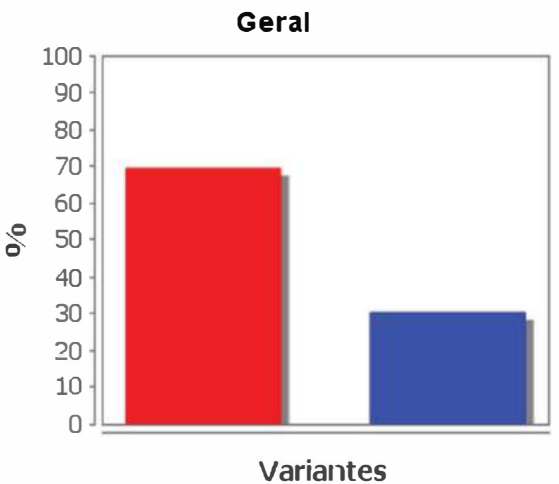
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L046 - Mucura

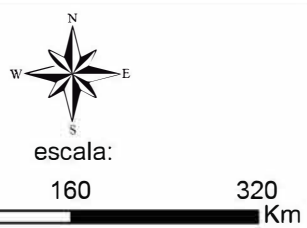



**Legenda**

- Mucura
- Gambá



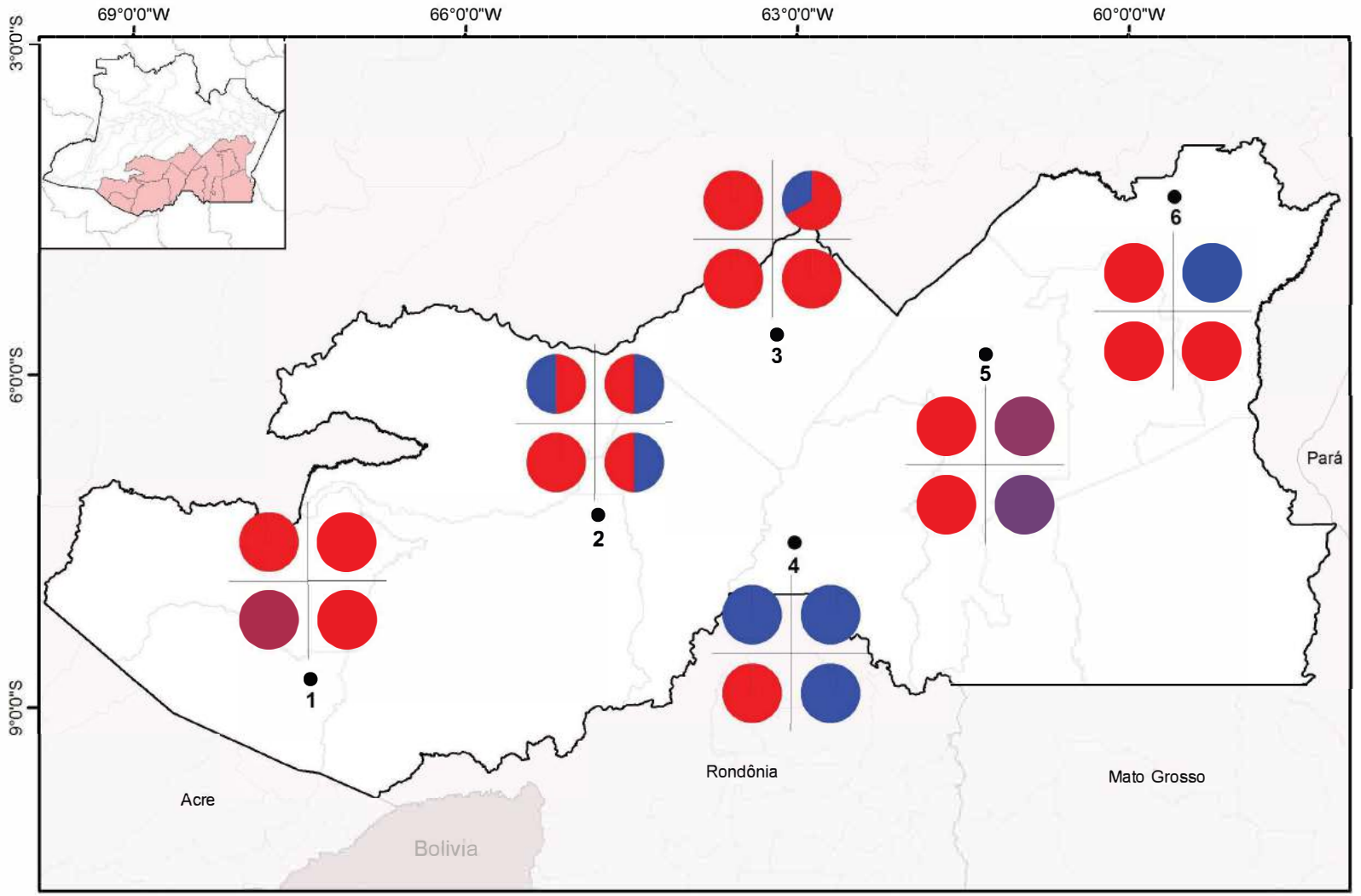

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L046a - Mucura - Distribuição por idade e escolaridade



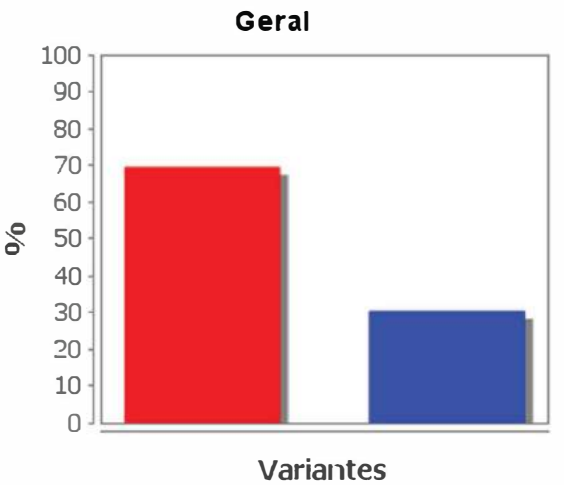

**Legenda**

Mucura

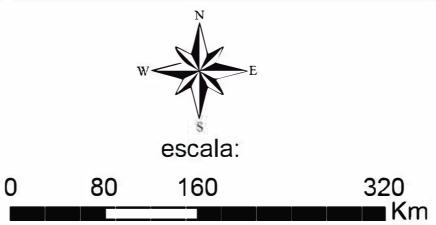
Gambá

① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**



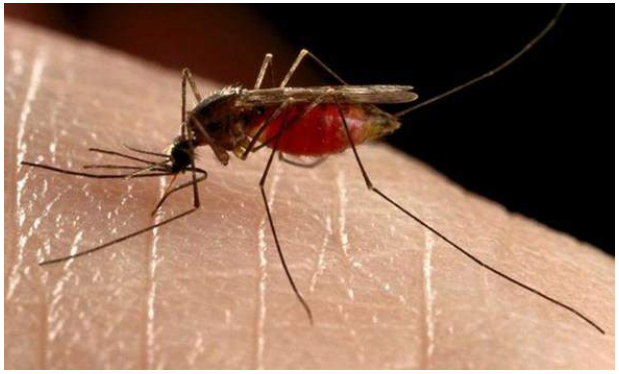

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L047
# CARAPANÃ

**Meio Biótico: Fauna (Insetos) - QSL-051:** Como se chama aquele inseto que aparece a noite para se alimentar do sangue dos mamíferos, inclusive do homem? Ele tem a perna comprida e faz barulho no ouvido.



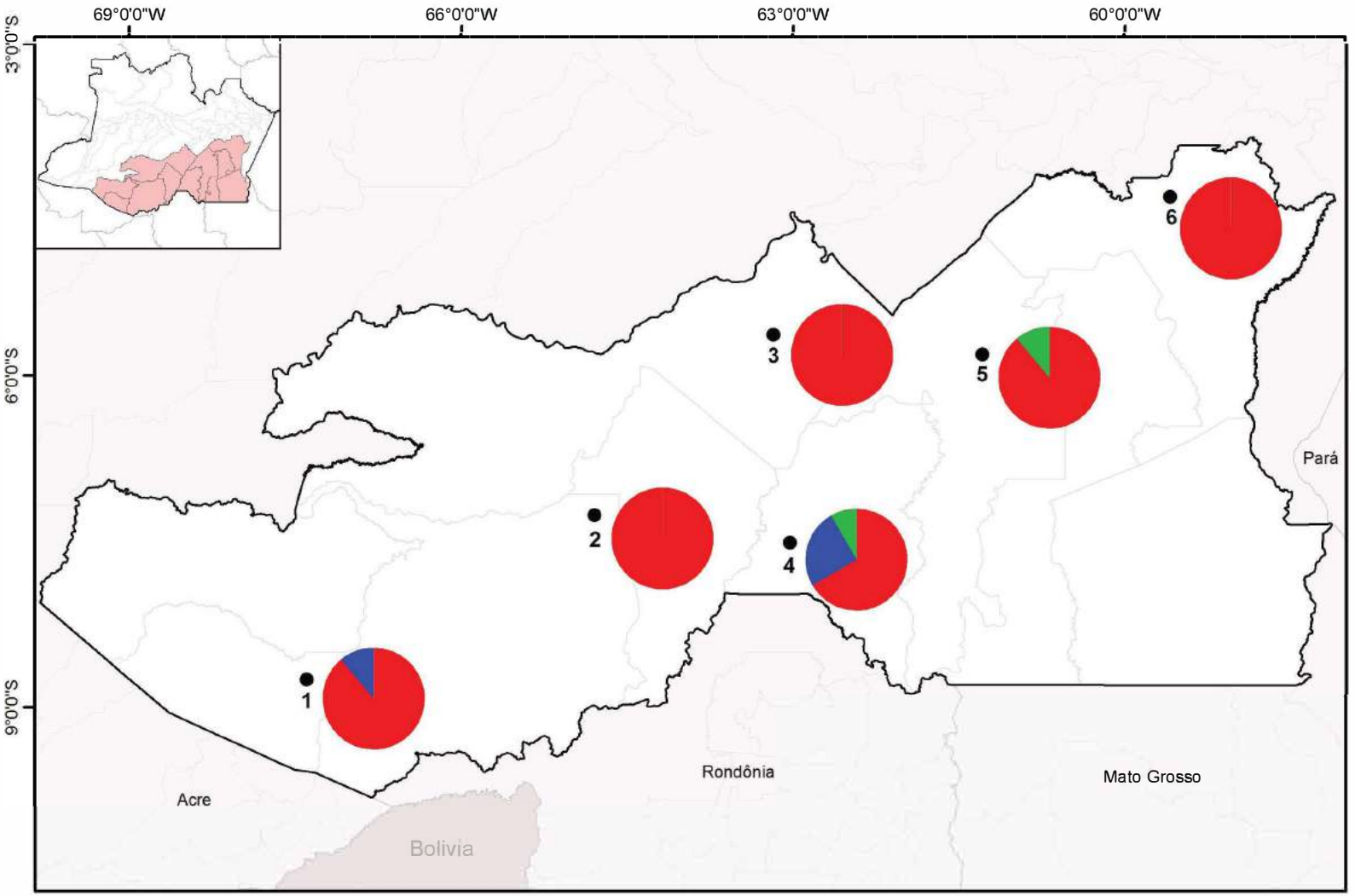
**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama de **pernilongo**, mas aqui na nossa região mesmo é **carapanã**.
2. HB02 (Humaitá): **Carapanã**, **pernilongo**, que chamam de pernilongo, carapanã, **muriçoca**.
3. MA02 (Humaitá): Tem uns que fala **carapanã**, tem outros que fala **pernilongo**.

   INQ.: E a senhora?
   MA02 (Humaitá): Carapanã.
4. HB02 (Manicoré): **Carapanã**, ou seja, **muriçoca**.

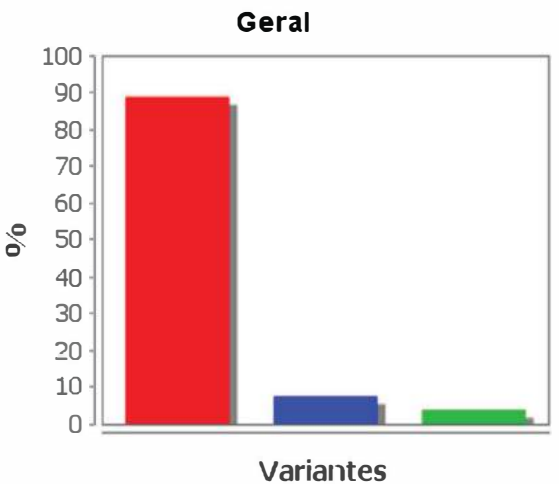
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L047 - Carapanã

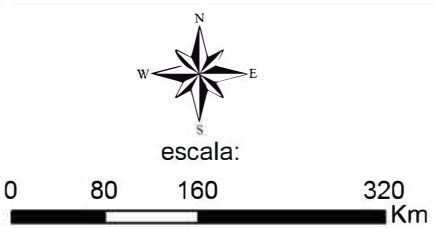



**Legenda**

- Carapanã
- Pernilongo
- Muriçoca




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L048
# SAÚVA

**Meio Biótico: Fauna (Insetos) - QSL-053:** E aquela formiga grande, vermelha, que faz um ninho enorme no fundo da terra e carrega folhas para ele?

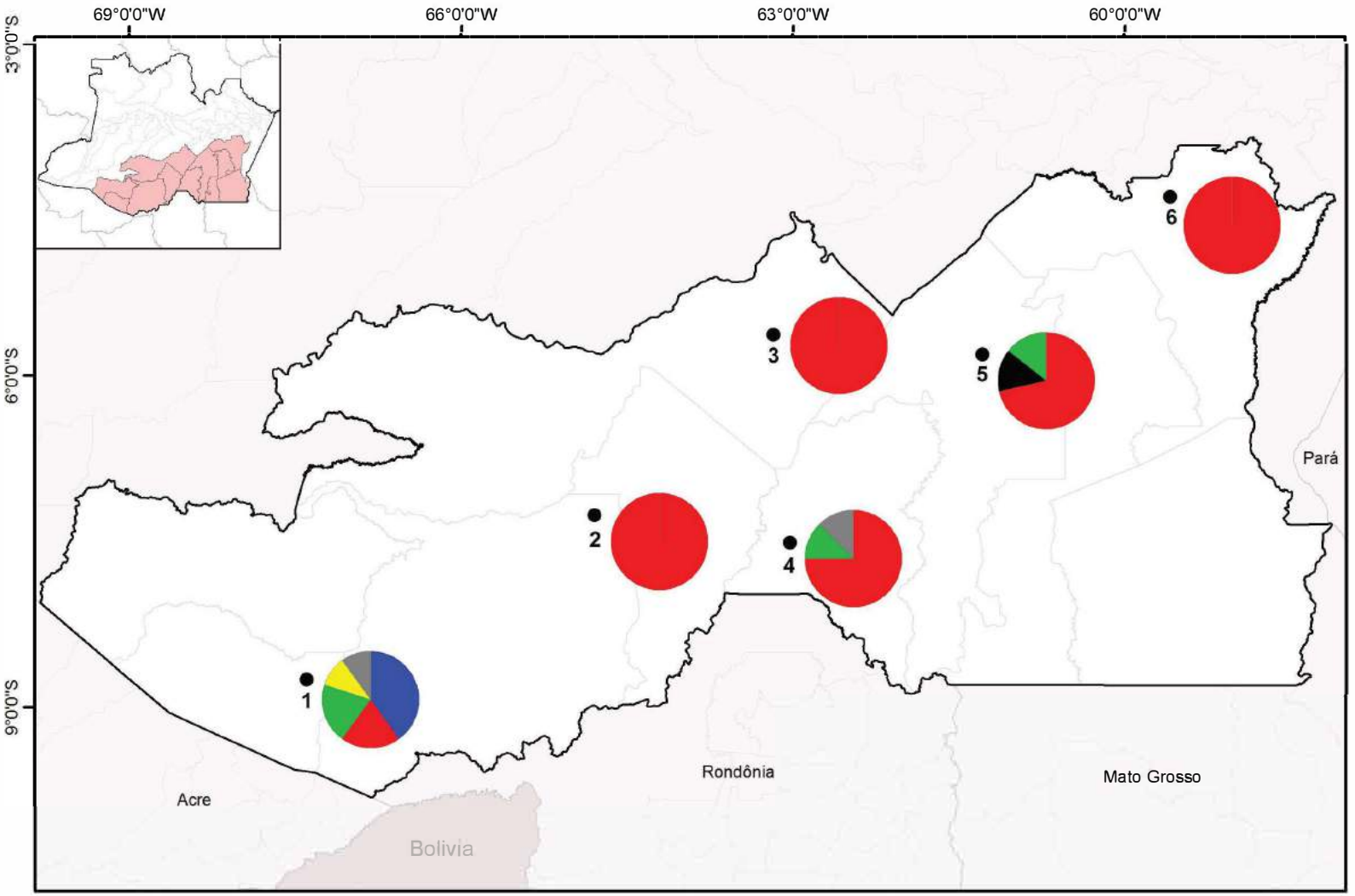


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB02 e MB01 (Lábrea) e HB01 (Manicoré).
2. OUTRAS RESPOSTAS: MB01 (Boca do Acre): A gente chama de saúva, tem umas que a gente chama de **saraça**, não sei se é a mesma ou se difere (...); MB01 (Humaitá): **Imbaúba**, eu acho.
3. HB01 (Boca do Acre): **Cortadeira**, né?
4. MB01 (Boca do Acre): (...) Mas quando a gente era criança a gente apreciava muito aquela fileira de formiga e a gente diz: "olha uma fileira de saraça ou de **saúva**" que a gente também chama de **saúba**, ou **taioca**, tem gente que chama de taioca.
   INQ.: É a mesma formiga?
   INF.: É a mesma formiga, bem parecida, não sei se difere, mas elas fazem a mesma coisa.
5. HA01 (Boca do Acre): Aquela lá é a **formiga de roça** que chamam, né?
6. MA01 (Lábrea): Aquela dali é a **saúba**.
7. MA02 (Tapauá): Aquela é a... **saúva**.
8. HB01 (Humaitá): **Taioca**.
9. MB02 (Manicoré): Eu sei, mas eu não sei o nome. Não é essa que é a **tanajura**?
10. MB02 (Borba): Ah... pera lá... é **saúba**.

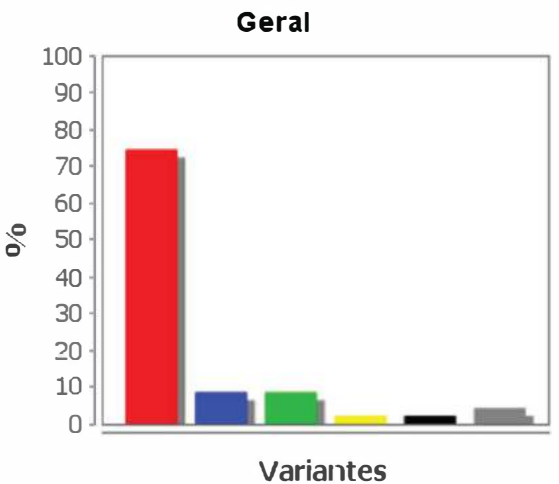
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L048 - Saúva

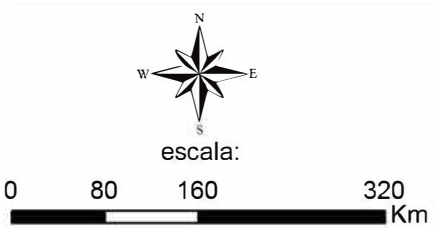



**Legenda**

- Saúva
- Formiga de Roça
- Taioca
- Cortadeira
- Tanajura
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L049
# JIQUITAIA

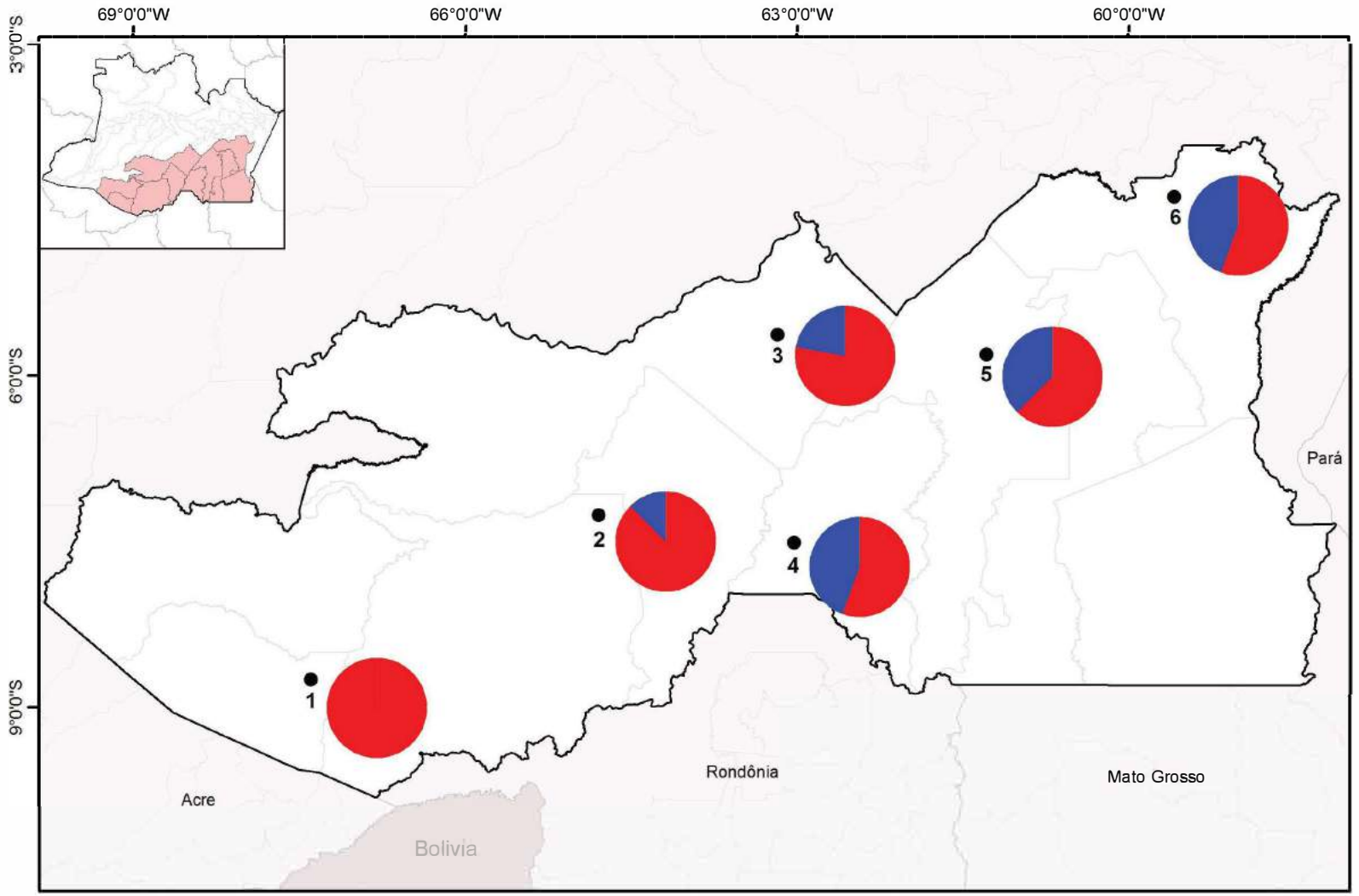
**Meio Biótico: Fauna (Insetos) - QSL-054:** E aquela bem pequena que produz ferroadas também dolorosas, que queimam no corpo?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MB01 (Lábrea).
2. MA02 (Boca do Acre): Aqui nós chama ela de **jiquitaia**.
3. HA02 (Lábrea): Não, a que tá falando eu sei... uma vermelhinha né? **Jiquitaia**. É bem pequenininha, só sente a paulada, mas dói que só a porra!
4. MA01 (Tapauá): Ah, é a **formiga de fogo**.
   INQ.: Ah, formiga de fogo é a mesma coisa que jiquitaia ou não?
   MA01 (Tapauá): Não, jiquitaia é outra, ele é bem vermelhinha que se o senhor não enxergar bem você não vê não, ela é amarela da cor desse papel e a formiga de fogo é vermelha, é diferente a cor uma da outra. (...) É amarela a jiquitaia e vermelha a formiga de fogo, por isso que chama de fogo.
5. HA02 (Tapauá): (...) **Chiquitaia**, né?
6. HB02 (Tapauá): **Jiquitaia**, aquela lá é jiquitaia, meu Deus do céu! Lá no meu terreno tem lá, jiquitaia sobre no açaizeiro e (inint.) desce de lá que nem fogo, ainda bem que tem o garapé, né, (inint.), toma banho e passa mais, teve uma vez que eu fui tirar uns coco, que (inint.) peguei tanta ferrada de jiquitaia que me deu febre, acho que eu peguei umas dez mil ferrada, tudo de uma vez, a bicha é bem pequenininha, ficava vermelhinho por aqui tudo (risos).
7. HA02 (Humaitá): **Formiga de fogo**, **jiquitaia**.
   INQ.: Elas são a mesma coisa?
   HA02 (Humaitá): Não, a formiga de fogo é maior, mas ferra mesmo que... e a jiquitaia é aquela que no corpo da gente sai queimando tudo, uma só queima em várias partes do corpo da gente.
8. HB02 (Humaitá): **Formiga de fogo**, amarelinha, amarelinha.
9. HB02 (Manicoré): **Jiquitaia**. É um ácido. Sabia que é um ácido?
   INQ.: Ah é?
   HB02 (Manicoré): É um ácido e aquilo se ferrar tu pa... tu faz uma... uma pasta de água com açúcar e passa em cima porque dois reagindo (inint.) um ácido reage com uma solução aquosa né, que se dá o nome.
10. MA02 (Borba): É a **jiquitaia** e tem **formiga de fogo**.

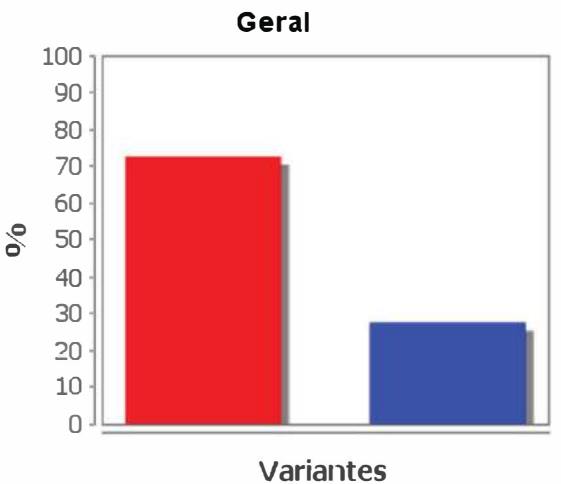
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L049 - Jiquitaia

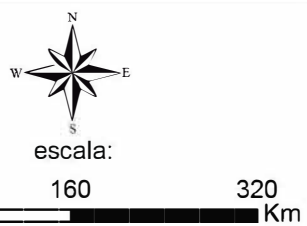



**Legenda**

- Jiquitaia
- Formiga de fogo




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L050
# CUPUAÇU

**Meio Biótico: Flora - QSL-056:** Qual o nome da árvore que dá um fruto saboroso, com casca marrom e polpa branca de que se pode fazer doce, bombom, suco..?



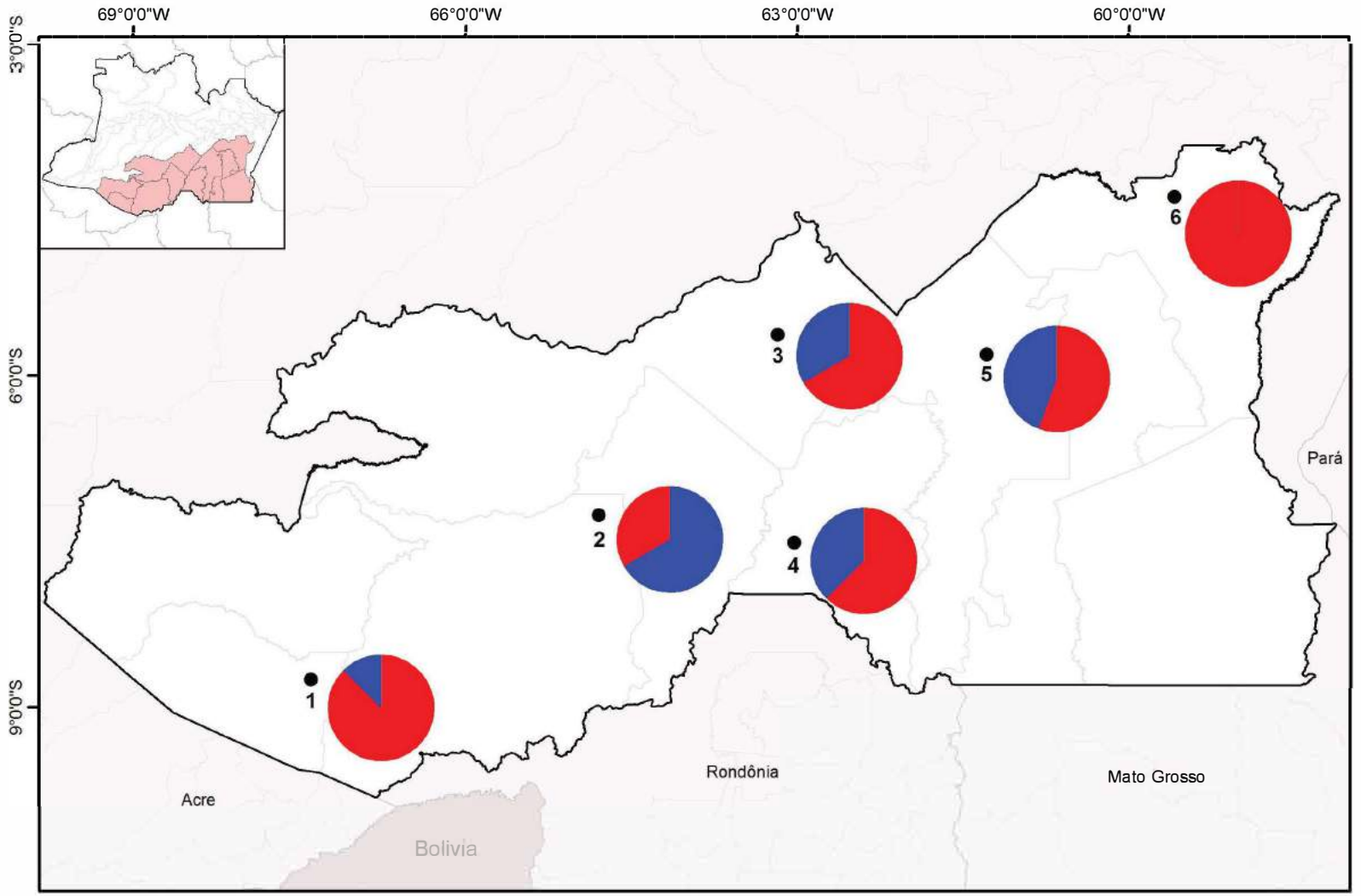


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HA02 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): Ah, a gente chama de **cupuaçu**.
3. HA01 (Lábrea): **Cupu**, **Cupuaçu**.
4. HA02 (Lábrea): **Pupu**. É pupu?
5. MB01 (Tapauá): **Cupu**? Cupuaçu.
6. MB02 (Tapauá): A que tem a popa branca é o **cupuaçu,** que é plantado, né?
7. MA02 (Humaitá): Ah, **cupu**.
8. MB02 (Manicoré): **Cupu**, **cupuaçu**.
9. MA01 (Borba): **Cupuaçu**?

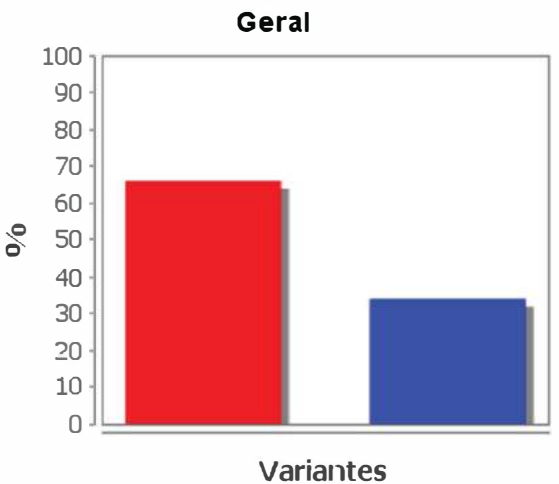
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L050 - Cupuaçu

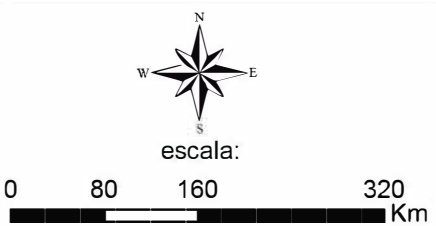



**Legenda**

- Cupuaçu
- Cupu/ Pupu




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L051
# SERINGUEIRA

**Meio Biótico: Flora - QSL-060:** Como se chama aquela árvore que dá a borracha?



**NOTAS:**

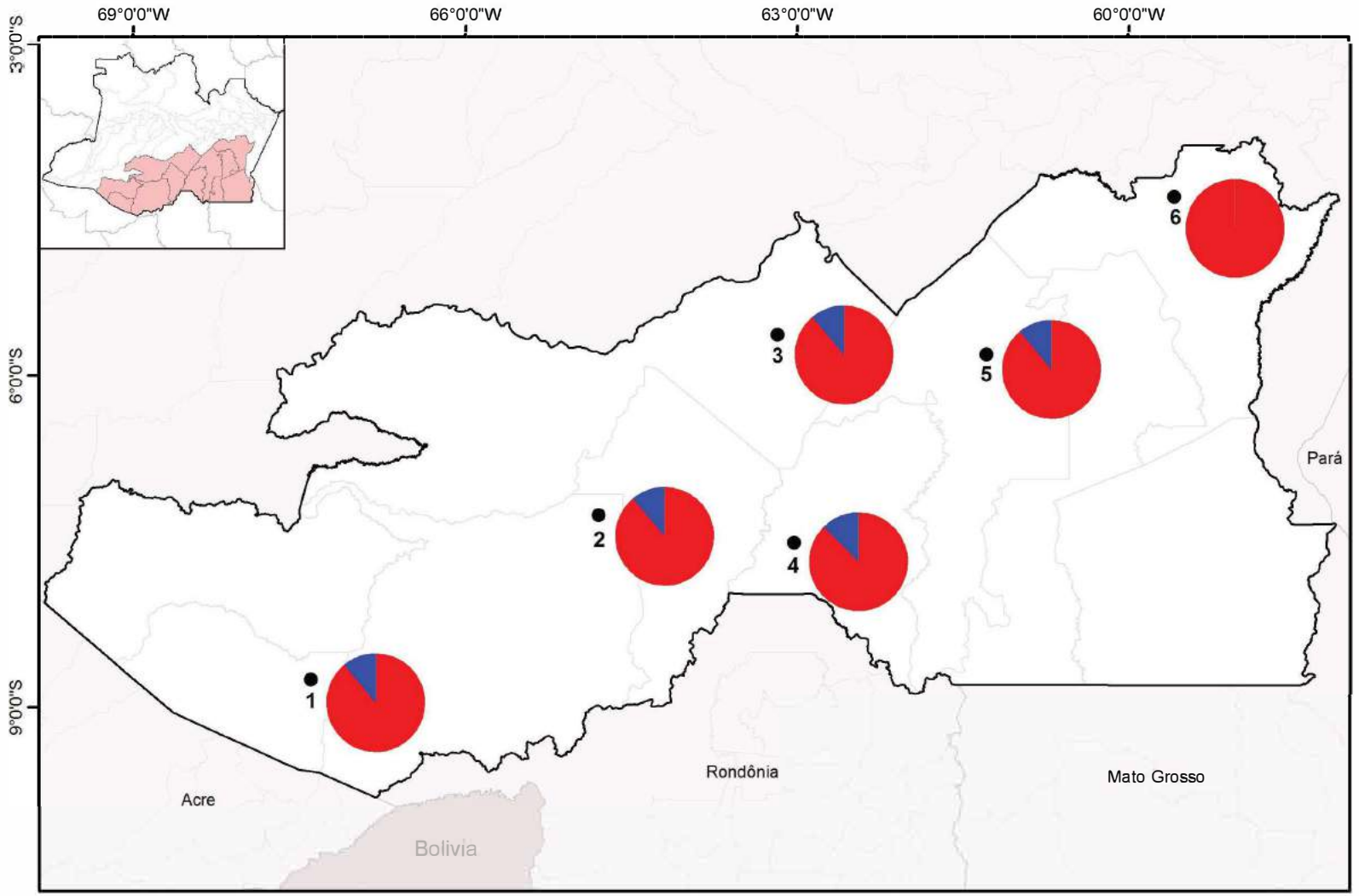
1. NÃO SOUBE RESPONDER: HA02 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): A **seringa**, **seringueira**?
3. HA01 (Lábrea): **Seringa**, **seringueira**.
4. MA02 (Tapauá): Que dá a borracha? **Seringueira**.
5. MA01 (Humaitá): **Seringa**.

INQ.: O nome da árvore.
MA01 (Humaitá): É seringa.

6. MB01 (Manicoré): Borracha? É Andiroba, andiroba não... (inint.), **seringueira**.

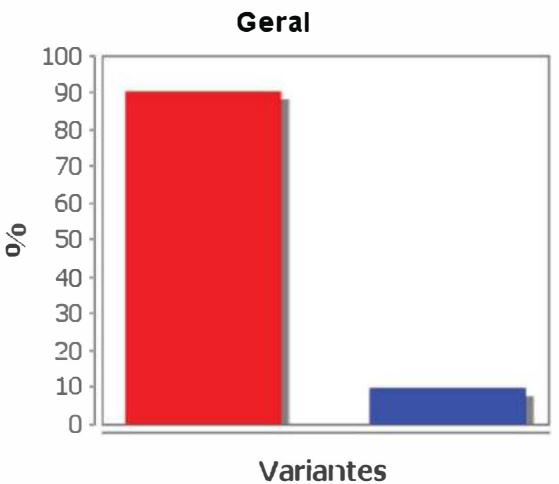
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L051 - Seringueira

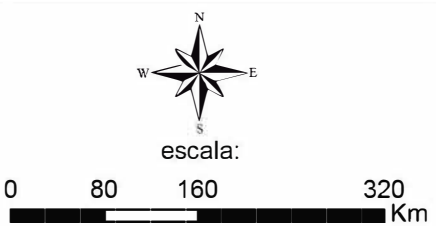



**Legenda**

- Seringueira
- Seringa




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L052
# CAJÁ

**Meio Biótico: Flora - QSL-064:** Como se chama a árvore que dá um fruto pequeno e azedo, de casca amarela e polpa laranja, muito usado para fazer suco? O fruto tem um aroma forte que invade o ambiente quando está caindo.

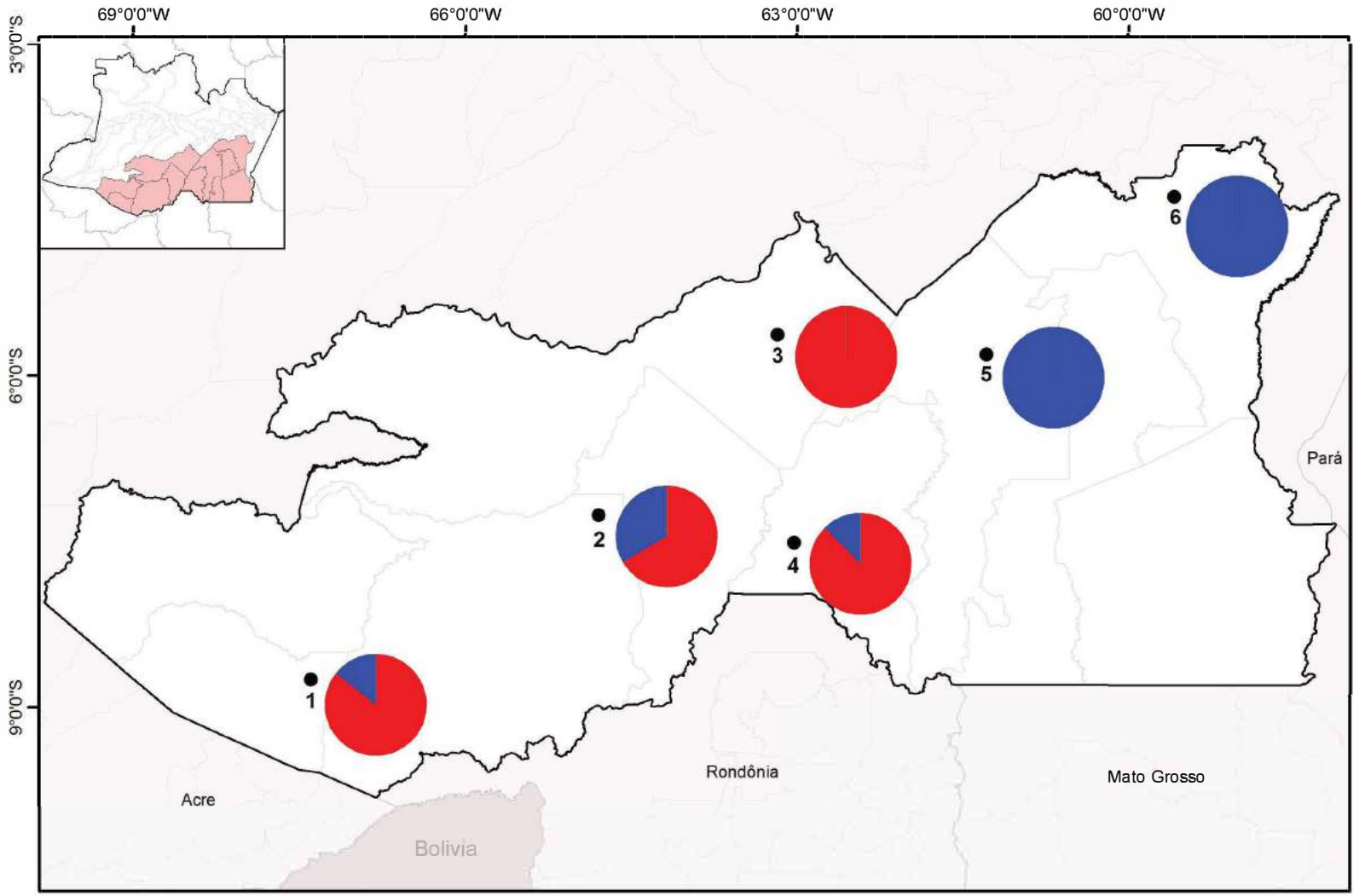



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 e MB01 (Boca do Acre). HA02, HB01, HB02 e MB01 (Lábrea). MA02 e MB02 (Tapauá). HA01, HB01 e MA01 (Manicoré) e HA02, MA01 e MB01 (Borba).
2. HB02 (Boca do Acre): Tem o **cajá** e tem o **taperebá**, esses são usado muito aqui no Acre, no desenvolvimento sustentável, eles produz muita polpa de fruta, eles são muito vendido.
   INQ.: Agora me diz uma coisa, existe diferença do cajá para o taperebá?
   HB02 (Boca do Acre): Existe porque o cajá é menor um pouco (inint.) e o taperebá é maior.
3. MA01 (Lábrea): **Cajá**. O pessoal aqui só chama de cajá, lá fora conhece por **taperebá**.
4. HB02 (Tapauá): Azedo, popa laranja pra fazer suco? Rapaz, eu sei, é o **cajá**, né?
5. HB01 (Humaitá): É que tem duas que têm a mesma característica.
   INQ.: Pode falar.
   HB01 (Humaitá): O **cajá** e tem uma outra que não lembro o nome e é muito pequena.
6. MA02 (Manicoré): **Taperebá**, que é aquelas frutinhas (...).
7. MA02 (Borba): Tem aquela outra também...**Taperebá**?

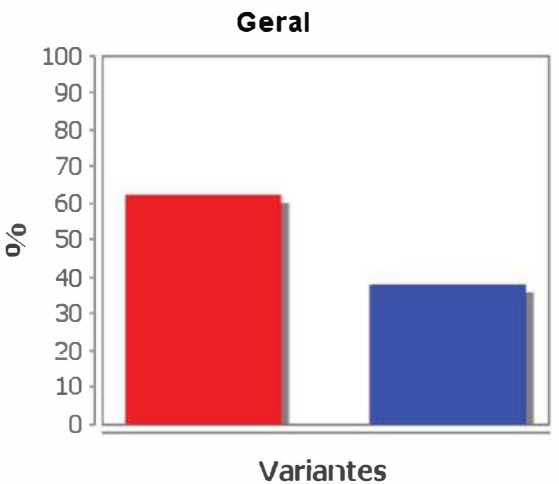
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L052 - Cajá

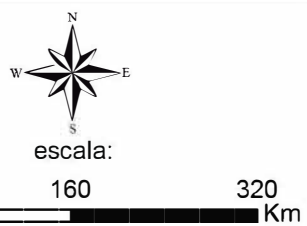



**Legenda**

- Cajá
- Taperebá



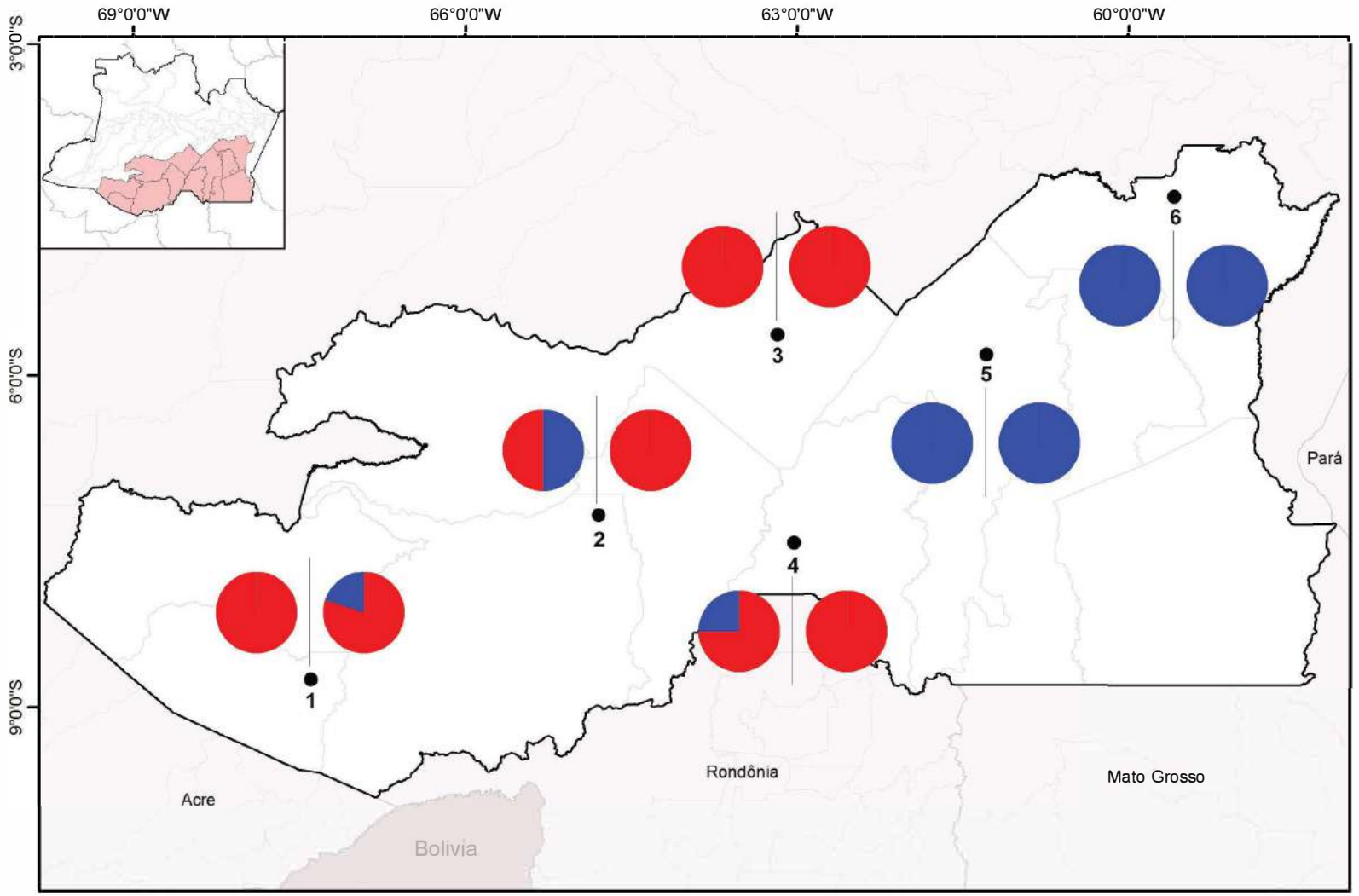

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L052a - Cajá - Distribuição por idade



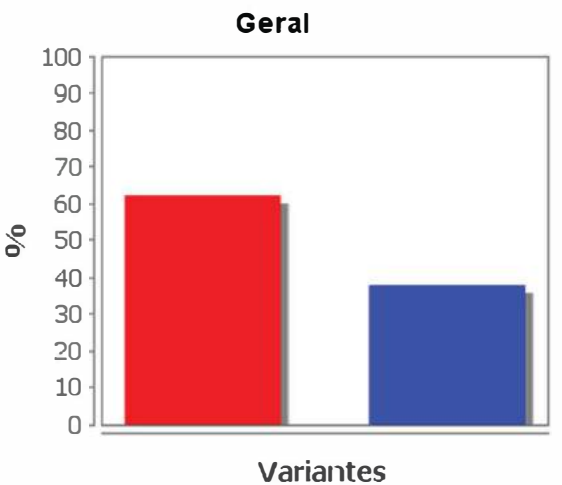

**Legenda**

Cajá

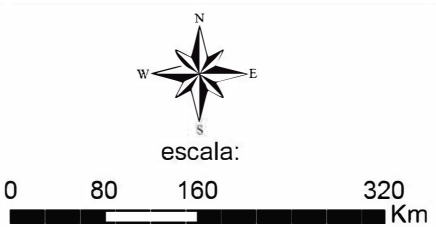
Taperebá

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L054
# GRANDES ÁRVORES CONHECIDAS

**Meio Biótico: Flora - QSL-062:** Como se chama aquela árvore enorme, a maior que existe aqui na Amazônia?

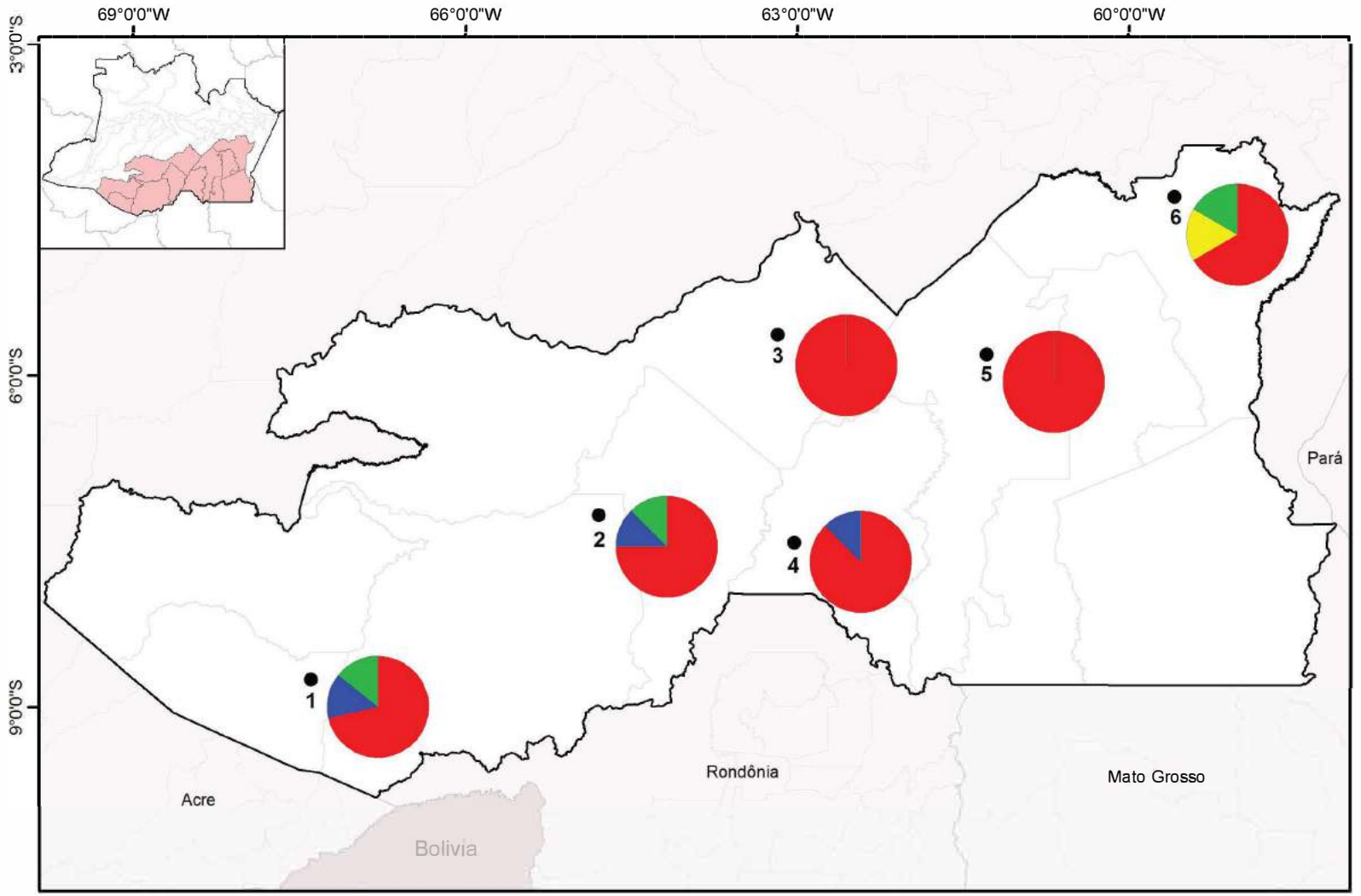


**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as designações para grandes árvores conhecidas citadas na pergunta. Assim, nesta carta, a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes. Na legenda, cada cor representa uma espécie diferente. As variantes para a mesma espécie foram reunidas na mesma entrada.
2. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Boca do Acre). MB02 (Lábrea). MB02 (Tapauá). HB01 (Humaitá). HB01, MA01 e MB02 (Manicoré) e HA01, HB01 e MA01 (Borba).
3. MB02 (Boca do Acre): A maior que existe? Acho que é a **castanheira**.
4. HA02 (Boca do Acre): **Açacu**.
5. HB02 (Lábrea): A **castanheira**.
   INQ.: A maior? Aquela que tem espinhos. Que o pessoal bate sacupema nela.
   HB02 (Lábrea): **Açacu**.
6. HA02 (Lábrea): **Samaúma**, a maior árvore do Amazonas.
7. MB02 (Humaitá): **Samaúma**, **samumeira**.
8. HB02 (Humaitá): Ela é a **sumaumeira**.
9. MA02 (Manicoré): **Samaumeira**, samaumeira.
10. HA02 (Borba): **Miratinga**, **samaumeira**. Ah, samaumera é a mesma que a miratinga.
11. MB02 (Borba): É a... **açacuzeira**. (...) Ela fica bem grandona. (...) Tem espinho ela tem.

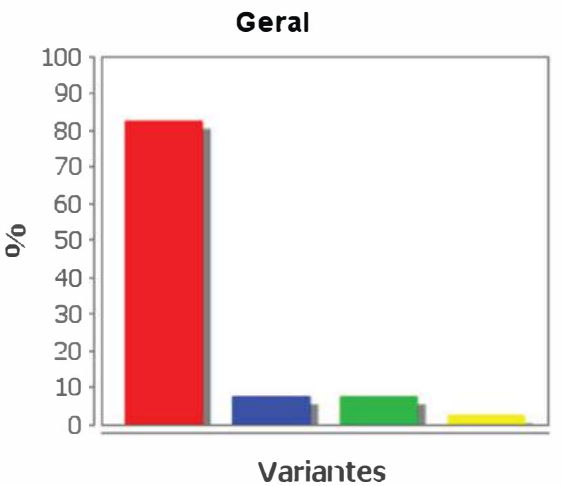
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L054 - Grandes árvores conhecidas

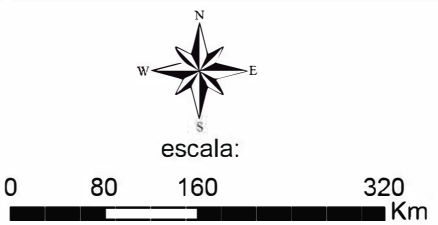



**Legenda**

- Sumaumeira/ Sumaúma
- Castanheira
- Açacu/ Açacuzeiro
- Muiratinga




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L055
# SEIOS

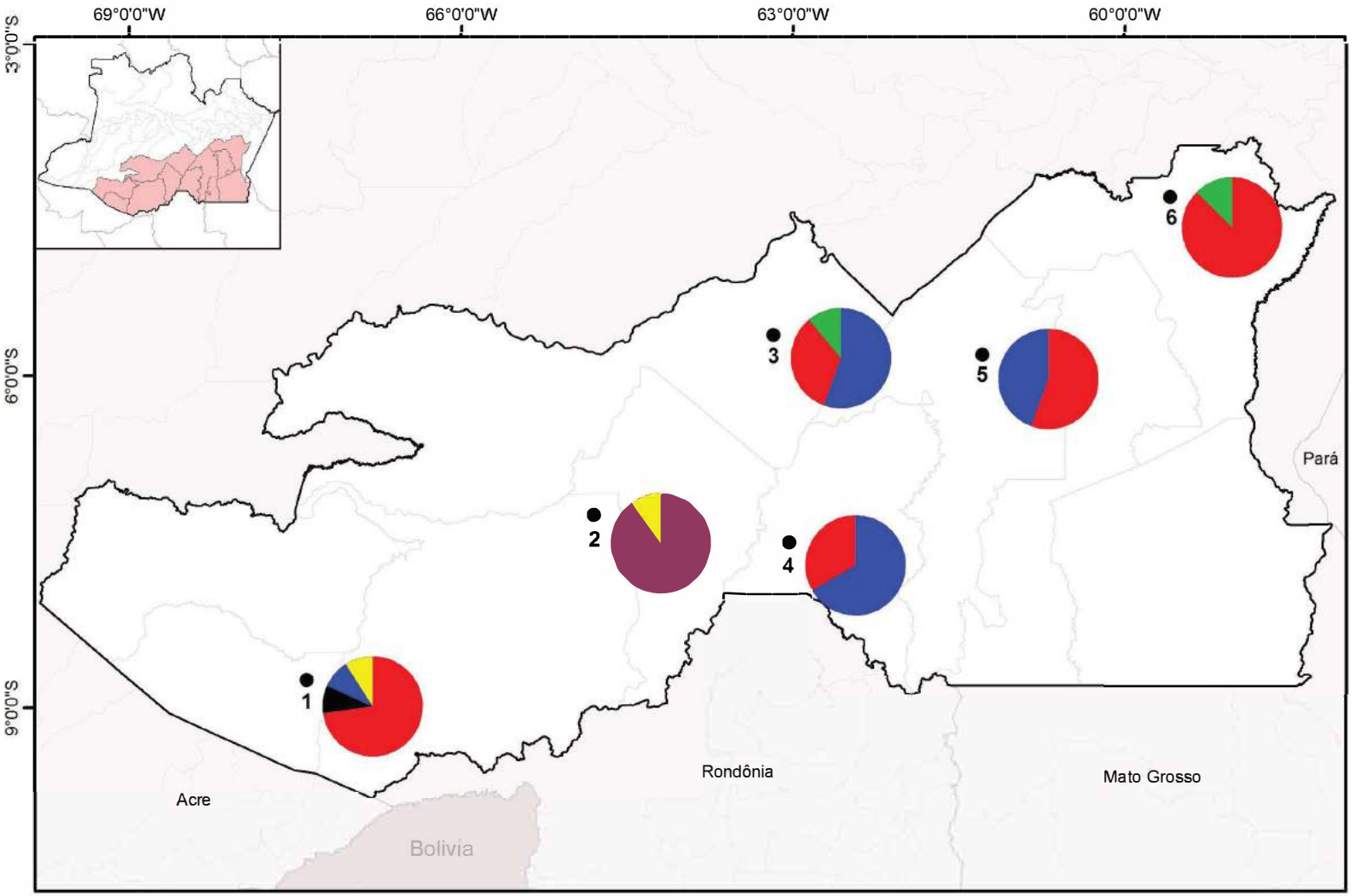
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-067:** A parte do corpo da mulher com que ela dá de mamar aos filhos?

**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **peito**, peito da mulher**, seios**, **mamilo**.
2. HA01 (Lábrea): **Seios**, **tetas**.
3. HB02 (Tapauá): É os **peito**, as **mama**.
4. MB01 (Humaitá): Com os **peito**, os **seios**.
5. HA01 (Manicoré): **Seios**, mais conhecido como os **peito**.
6. MA01 (Borba): Os **seios**.

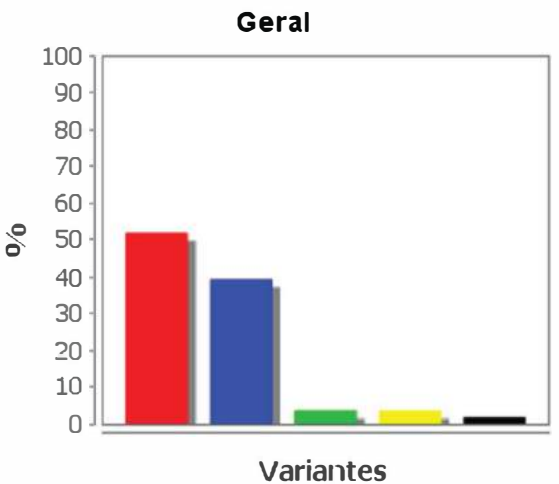
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L055 - Seios

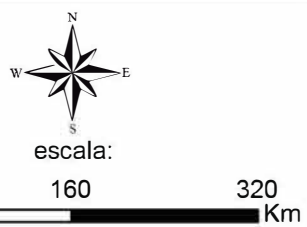



**Legenda**

- Seios
- Peitos
- Mamas
- Tetas
- Mamilos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L056

# CALCANHAR

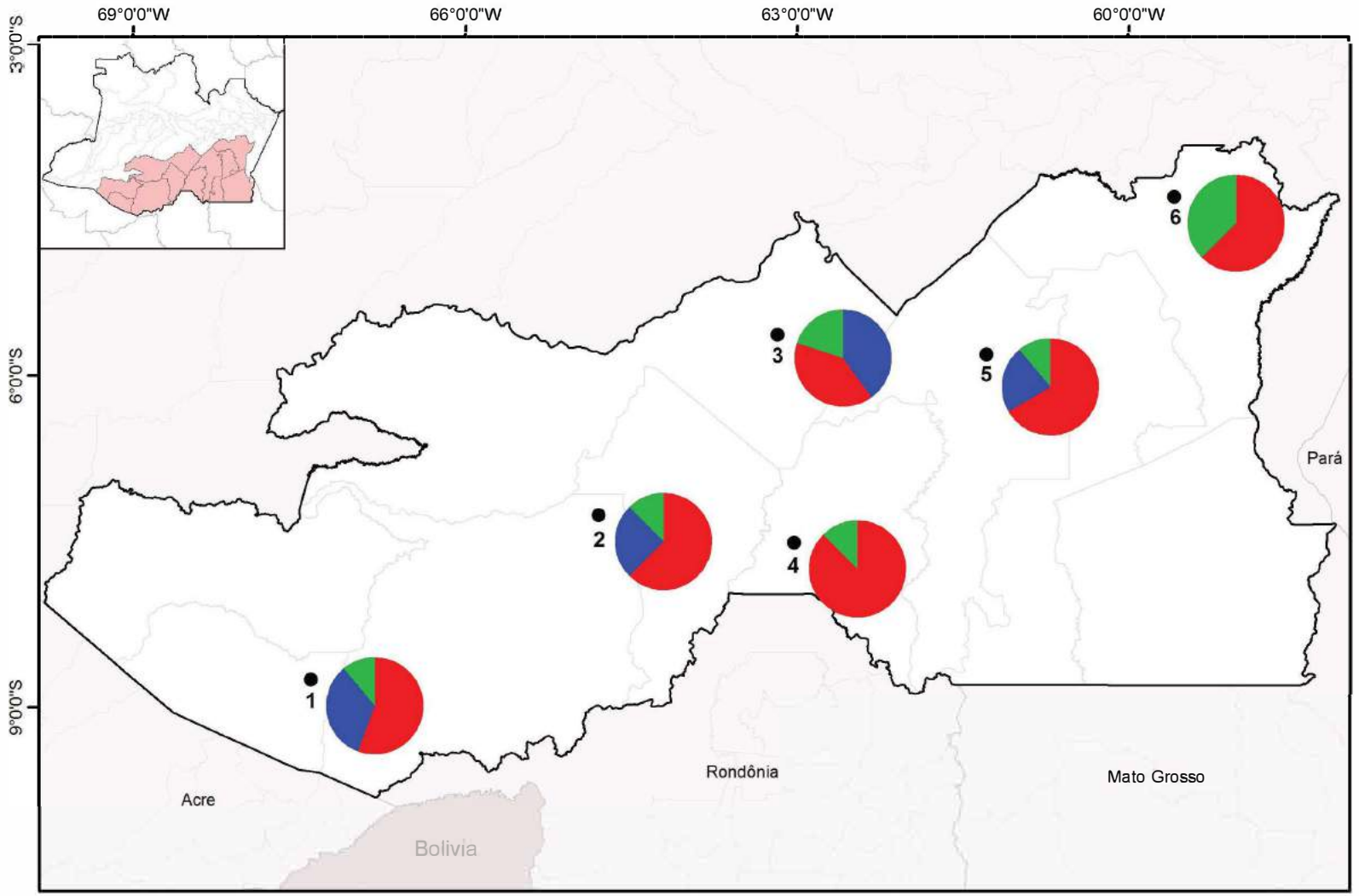
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-068:** Como se chama isto? (Apontar)

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBE RESPONDER: MA01 (Boca do Acre).
2. HB02 (Boca do Acre): **Calcanhar** aqui, o chamado calcanhar que é o **tornozelo**, né?
3. MA02 (Tapauá): **Calcanhar**, ou **mocotó**, né, que a gente chama.
4. HB02 (Manicoré): **Mocotó**, (inint.) aliás, **calcanhar**.
   INQ.: E o mocotó é o que?
   HB02 (Manicoré): Na... ( inint.) nome vulgar.
5. MA02 (Borba): **Tornozelo**.

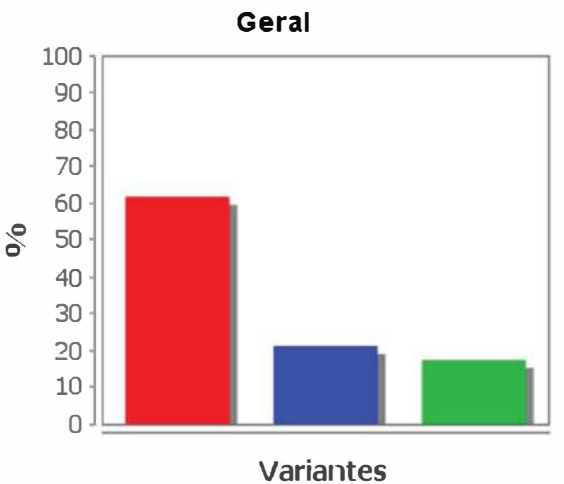
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L056 - Calcanhar

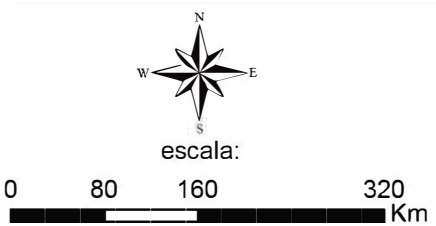



**Legenda**

- Calcanhar
- Mocotó
- Tornozelo



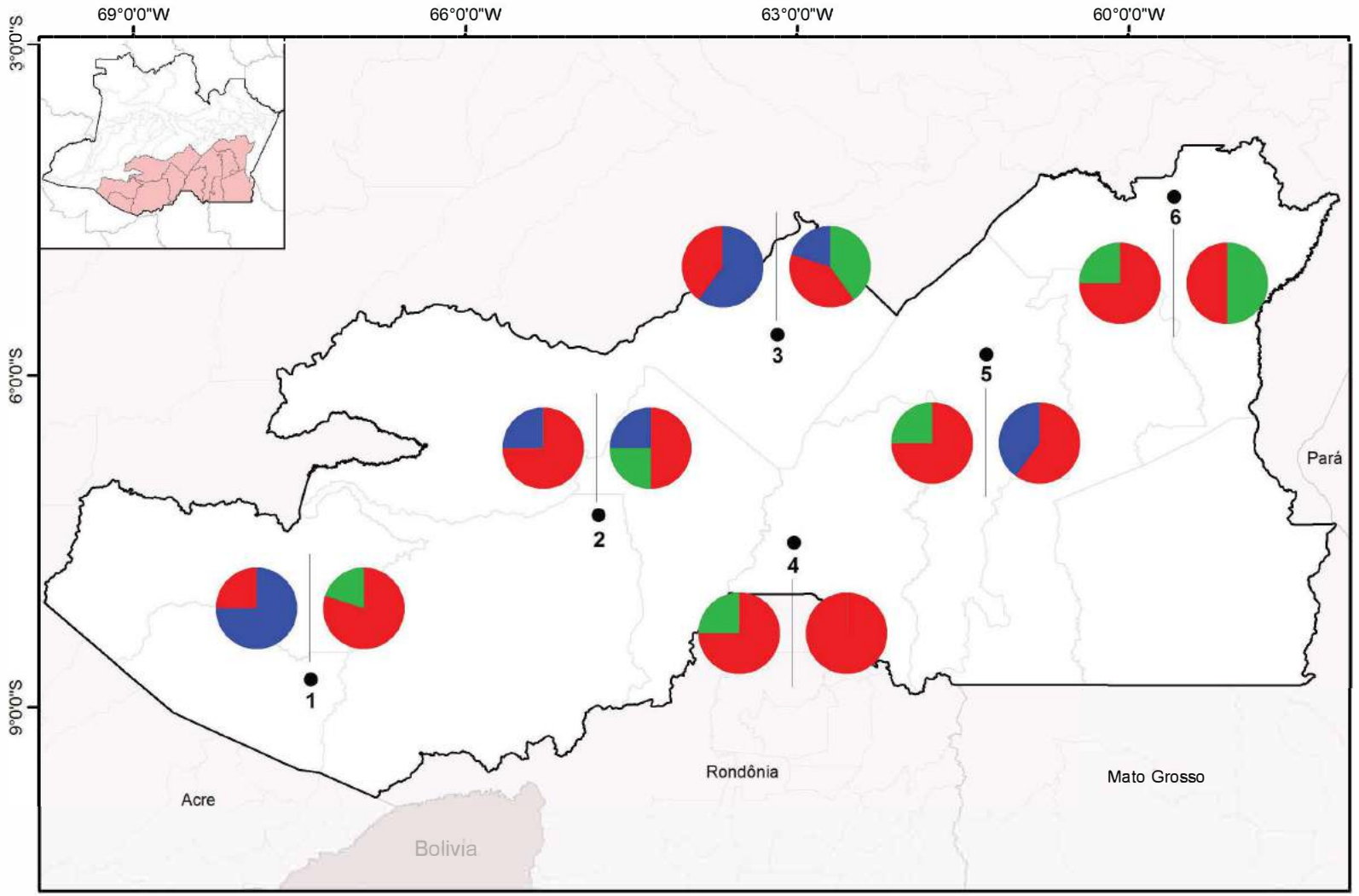

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L056a - Calcanhar - Distribuição por sexo

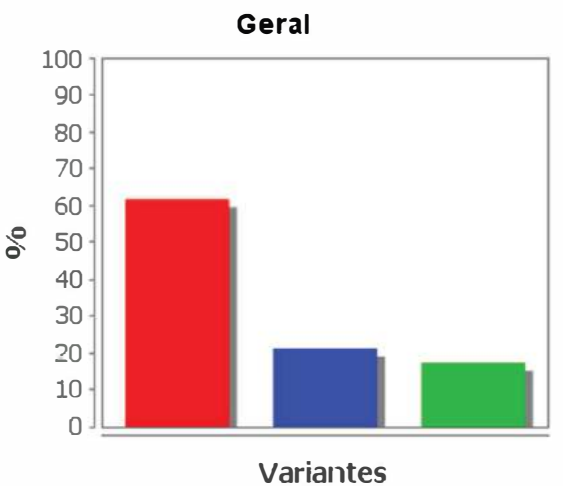



**Legenda**

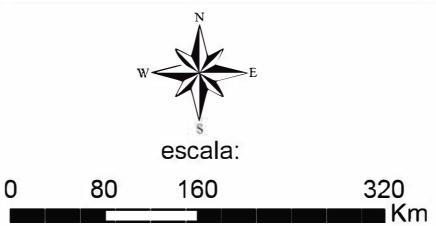
- Calcanhar
- Mocotó
- Tornozelo

① ②

**1: Feminino**
**2: Masculino**



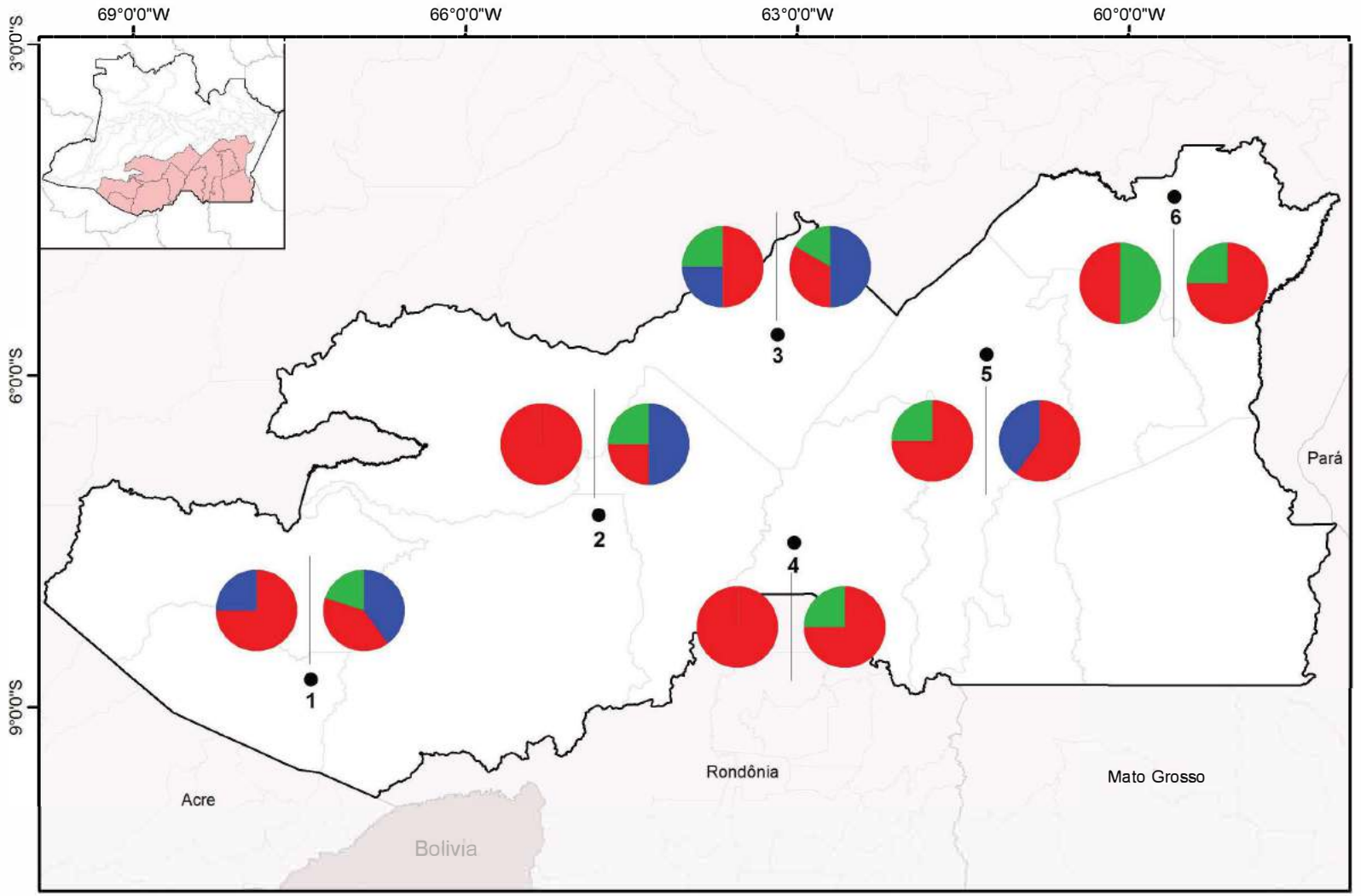

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L056b - Calcanhar - Distribuição por idade

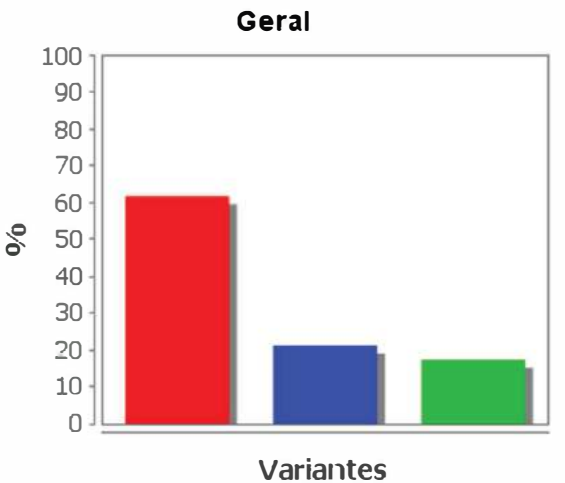



**Legenda**

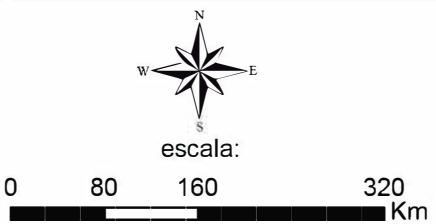
- Calcanhar
- Mocotó
- Tornozelo

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**



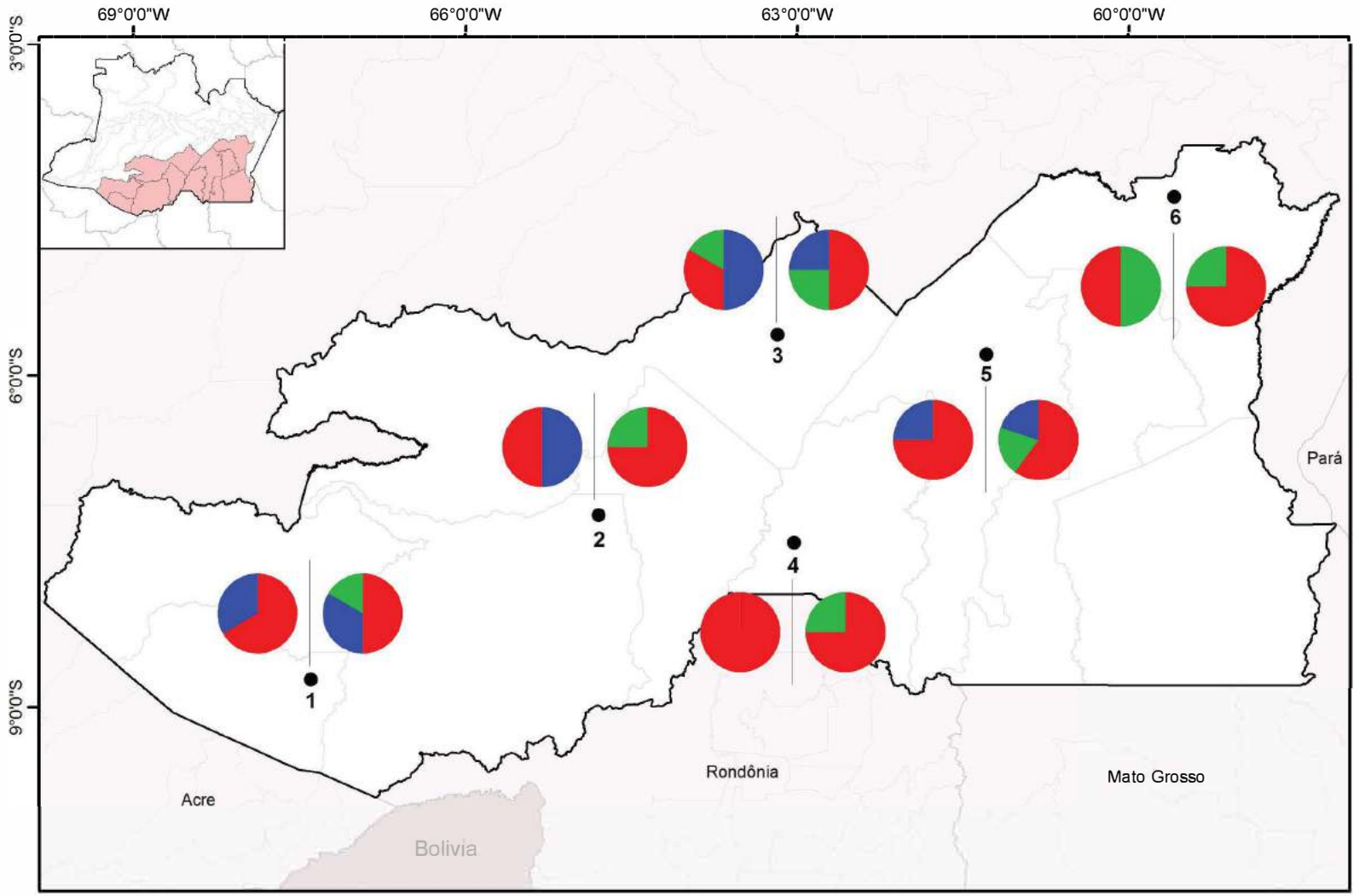

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L056c - Calcanhar - Distribuição por escolaridade

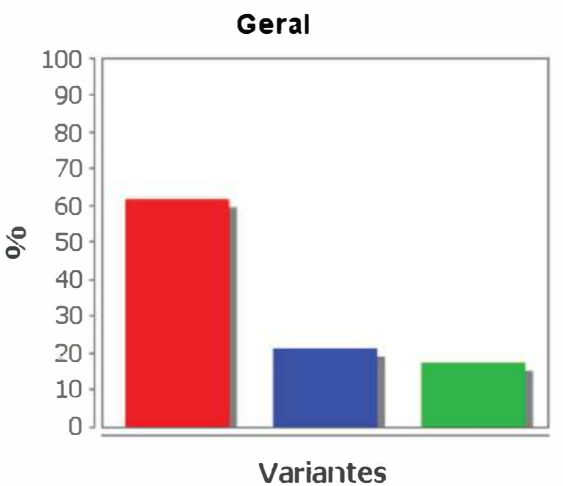



**Legenda**

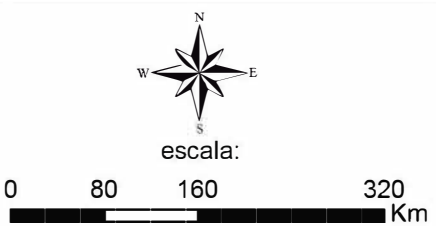
- Calcanhar
- Mocotó
- Tornozelo

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L057

# BOLACHA DO JOELHO

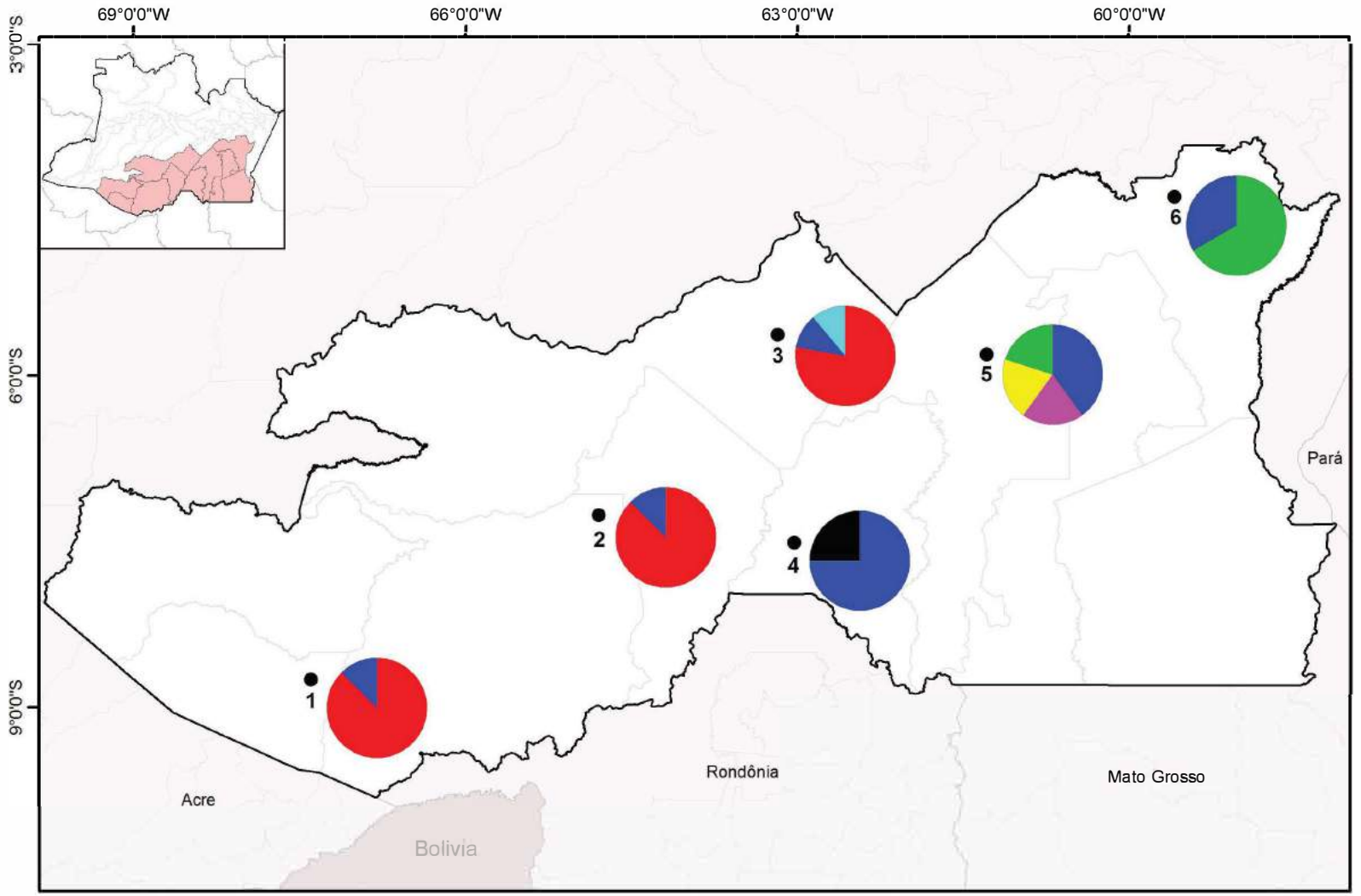
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-069:** Como se chama osso redondo que fica na frente do joelho?

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBERAM RESPONDER: HA01, HB01, MA01 e MA02 (Humaitá). HA01, HB01 e MB01 (Manicoré) e HA01, MA01, MA02, MB01 e MB02 (Borba).
2. HA01 (Boca do Acre): O pessoal daqui chama de **bolacha**, **bolacha do joelho**.
3. MB02 (Lábrea): Isso aqui é **bolacha**.
4. MB01 (Tapauá): **Patela**.
5. MB01 (Humaitá): Nós não fala certinho, não. É só **joelho** e pronto.
6. HA02 (Humaitá): É a... **rótula**.
7. MA01 (Manicoré): **Pratinho do joelho**.
8. HA02 (Manicoré): **Rótula do joelho**.
9. MA02 (Manicoré): Joelho, **roda**.
10. MB02 (Manicoré): É... chamo de cabeça. Tem gente que chama, não sei o nome correto. **Cabeça do joelho**.
11. HB01 (Borba): **Prato do joelho**.

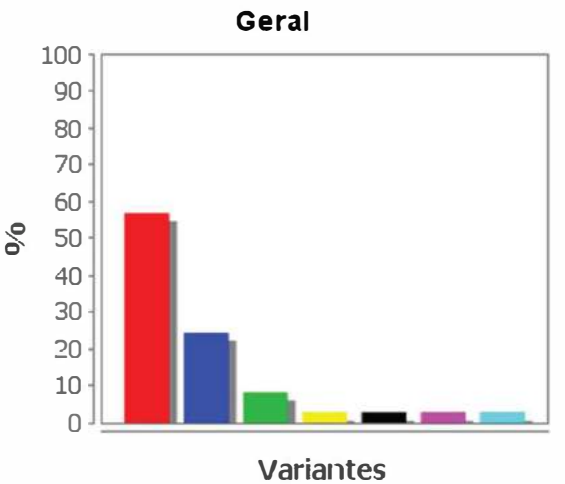
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L057 - Bolacha do joelho

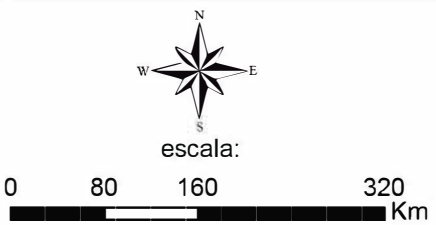



**Legenda**

- Bolacha/ Bolacha do joelho
- Rótula/ Rótula do joelho
- Pratinho do joelho/ Prato do joelho
- Roda
- Joelho
- Cabeça do joelho
- Patela



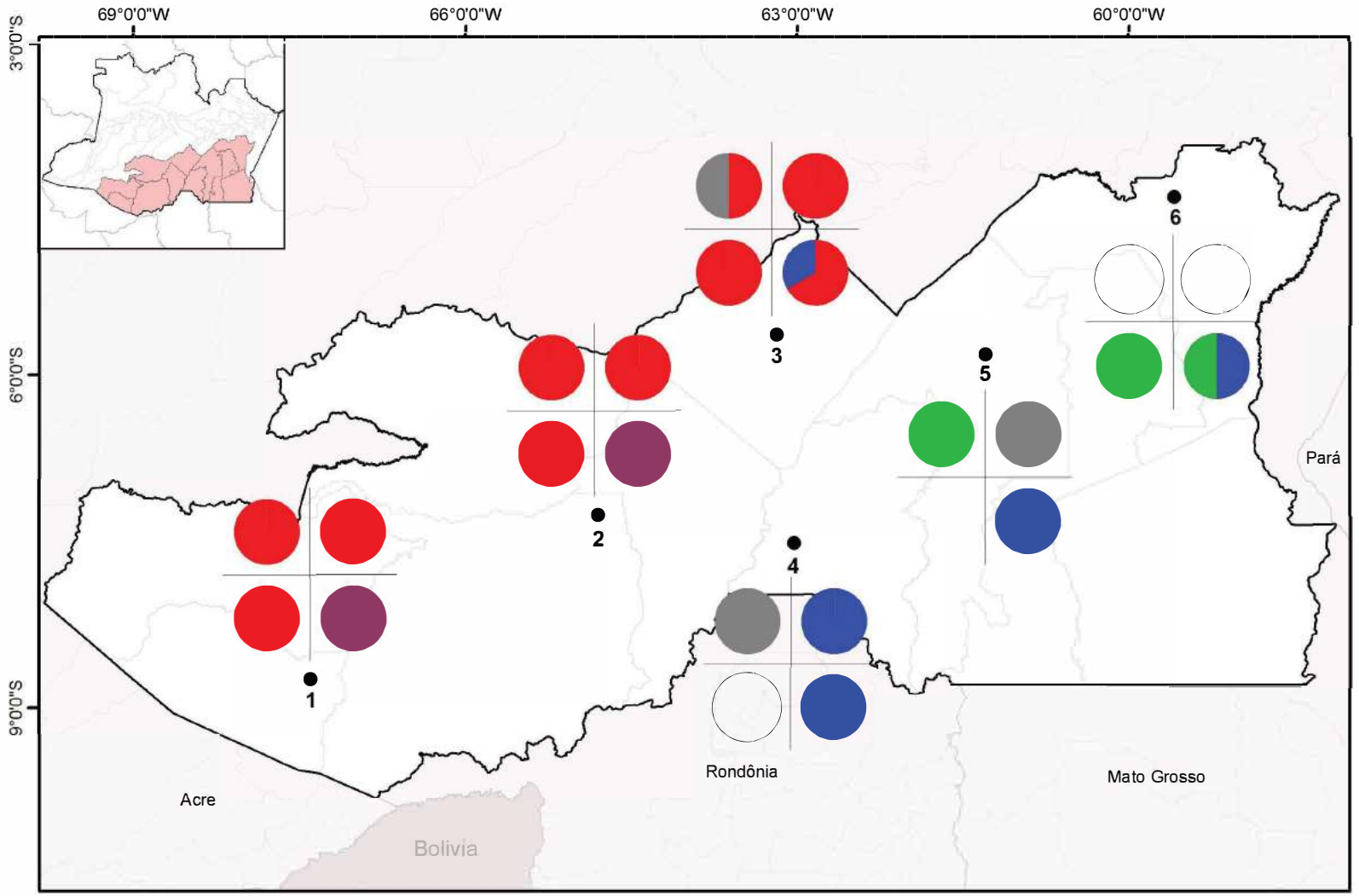

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L057a - Bolacha do joelho - Distribuição por sexo e idade

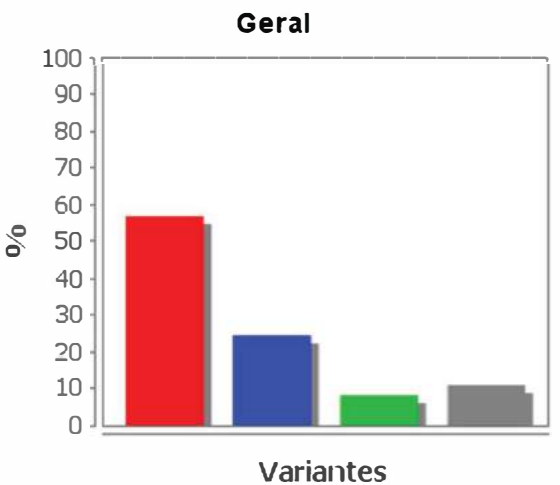



**Legenda**

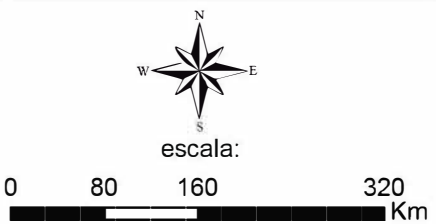
- Bolacha/ Bolacha do joelho
- Rótula/ Rótula do joelho
- Pratinho do joelho/ Prato do joelho
- Outros

① ② ③ ④

**1: Feminino - 20 a 35 anos**
**2: Feminino - 50 a 65 anos**
**3: Masculino - 20 a 35 anos**
**4: Masculino - 50 a 65 anos**



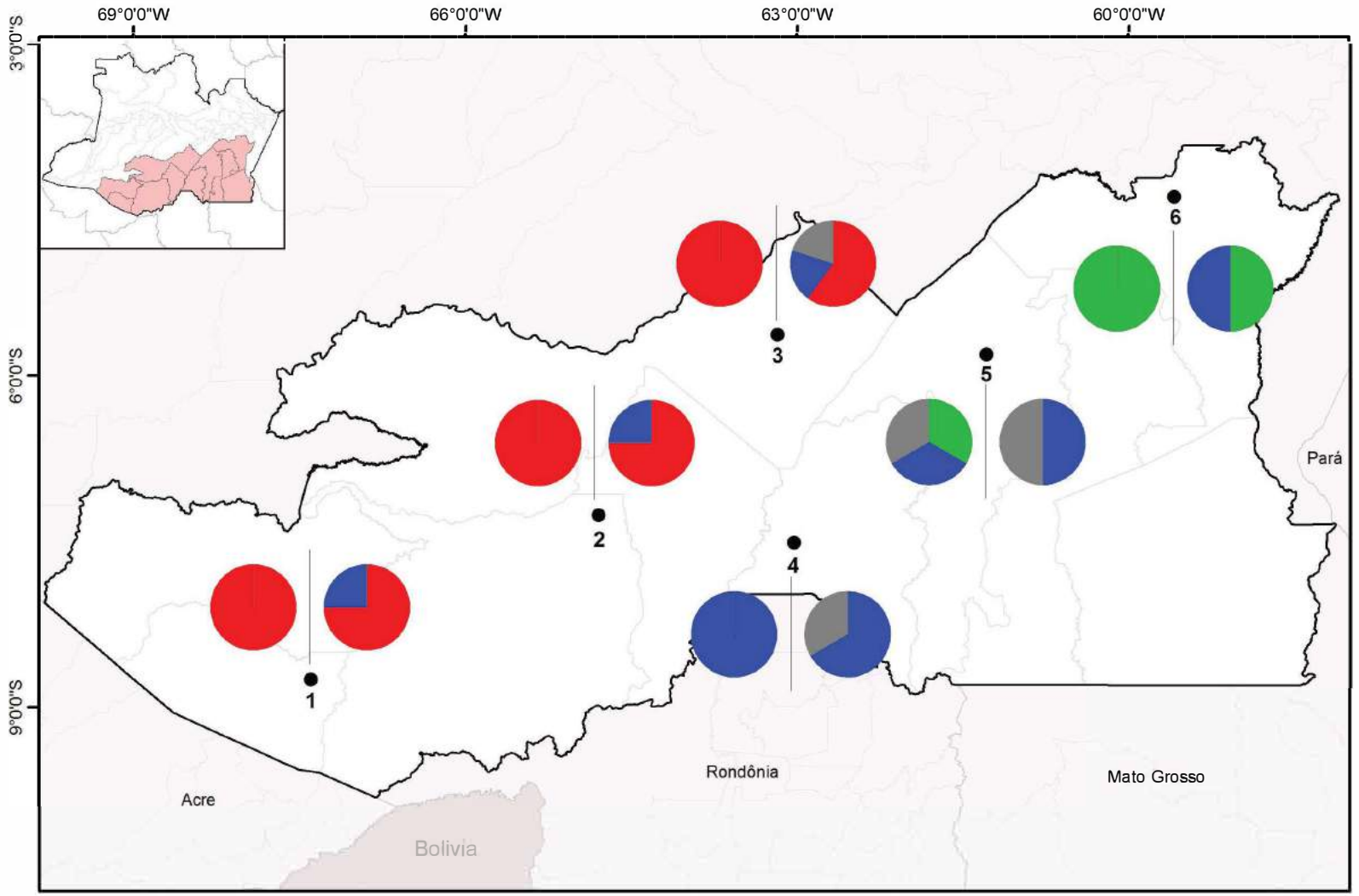

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L057b - Bolacha do joelho - Distribuição por escolaridade

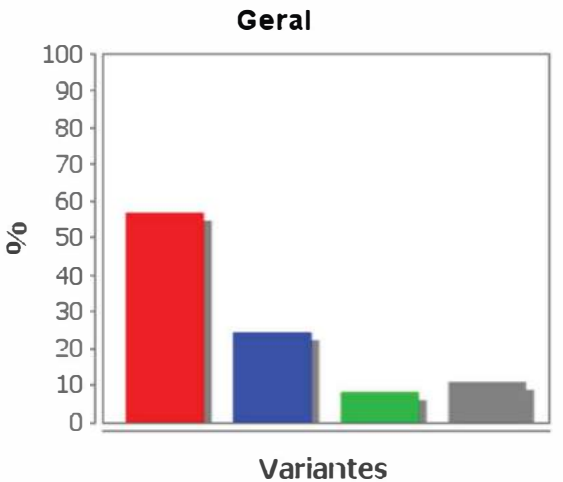



**Legenda**

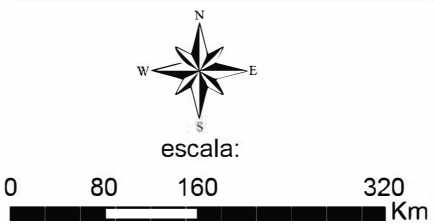
- Bolacha/ Bolacha do joelho
- Rótula/ Rótula do joelho
- Pratinho do joelho/ Prato do joelho
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L058
# PRESAS

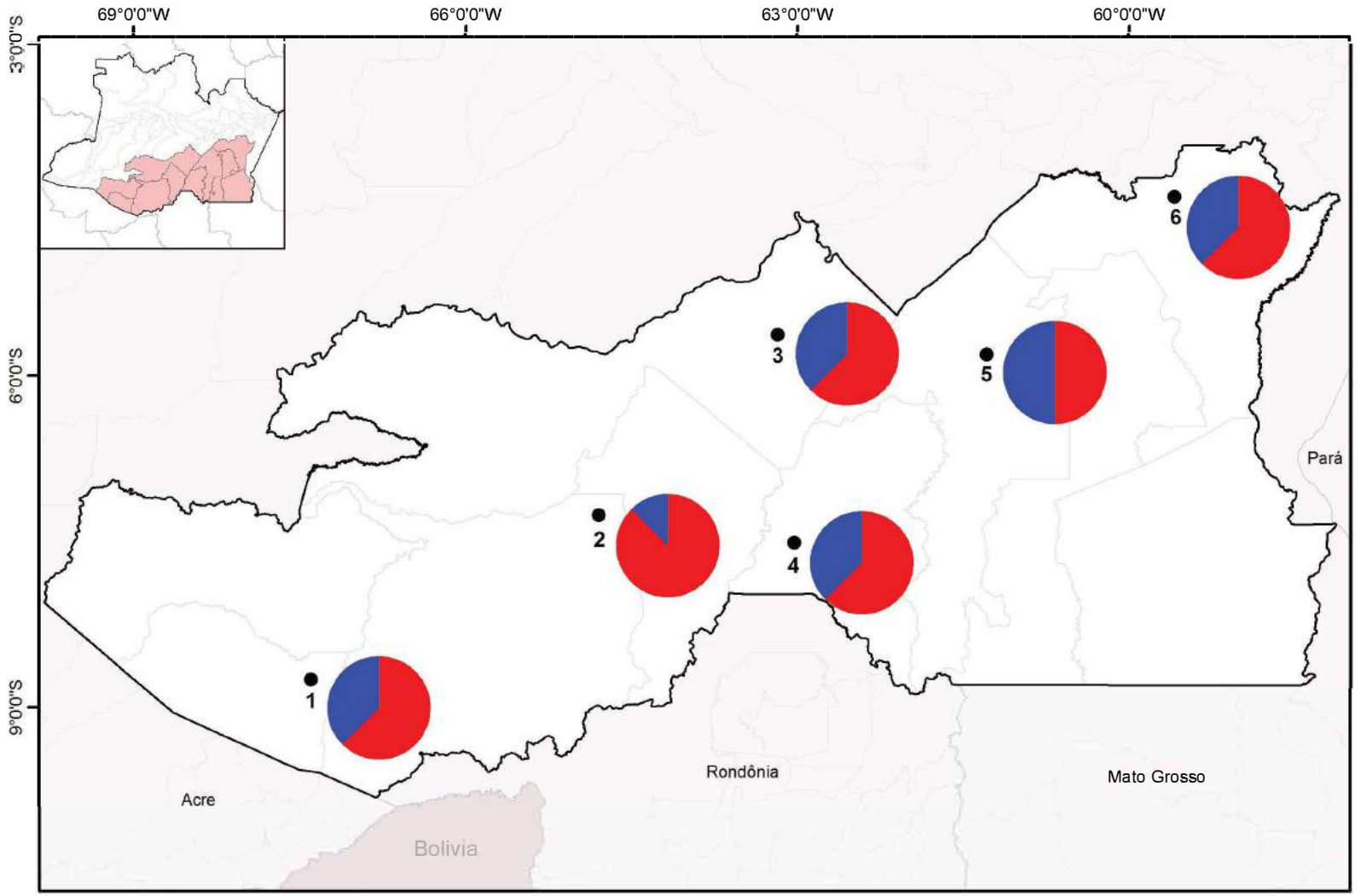
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-070:** E esses dois dentes pontudos? (Apontar)

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBE RESPONDER: HA01 (Boca do Acre).
2. MA02 (Boca do Acre): É o ...a **canino**, **presa**, né.
3. MB01 (Boca do Acre): É **canino**, mas a gente chama de **presa**.
4. MA01 (Lábrea): **Presa**.
5. HB02 (Humaitá): **Caninos**.

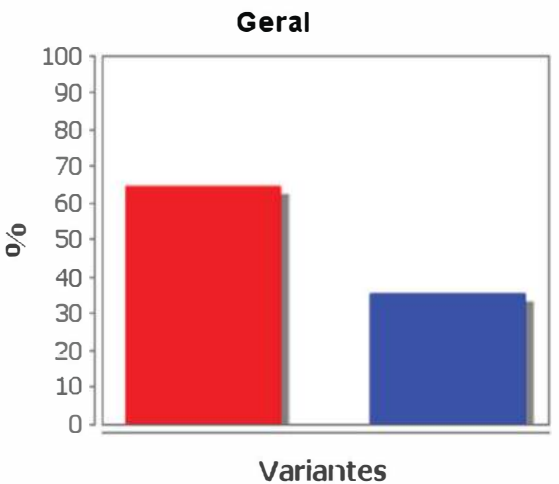
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L058 - Presas

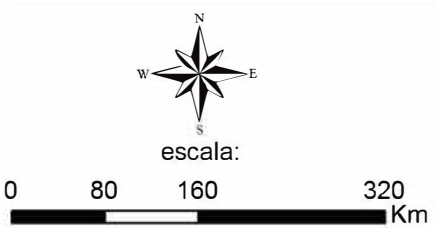



**Legenda**

- Presas
- Caninos



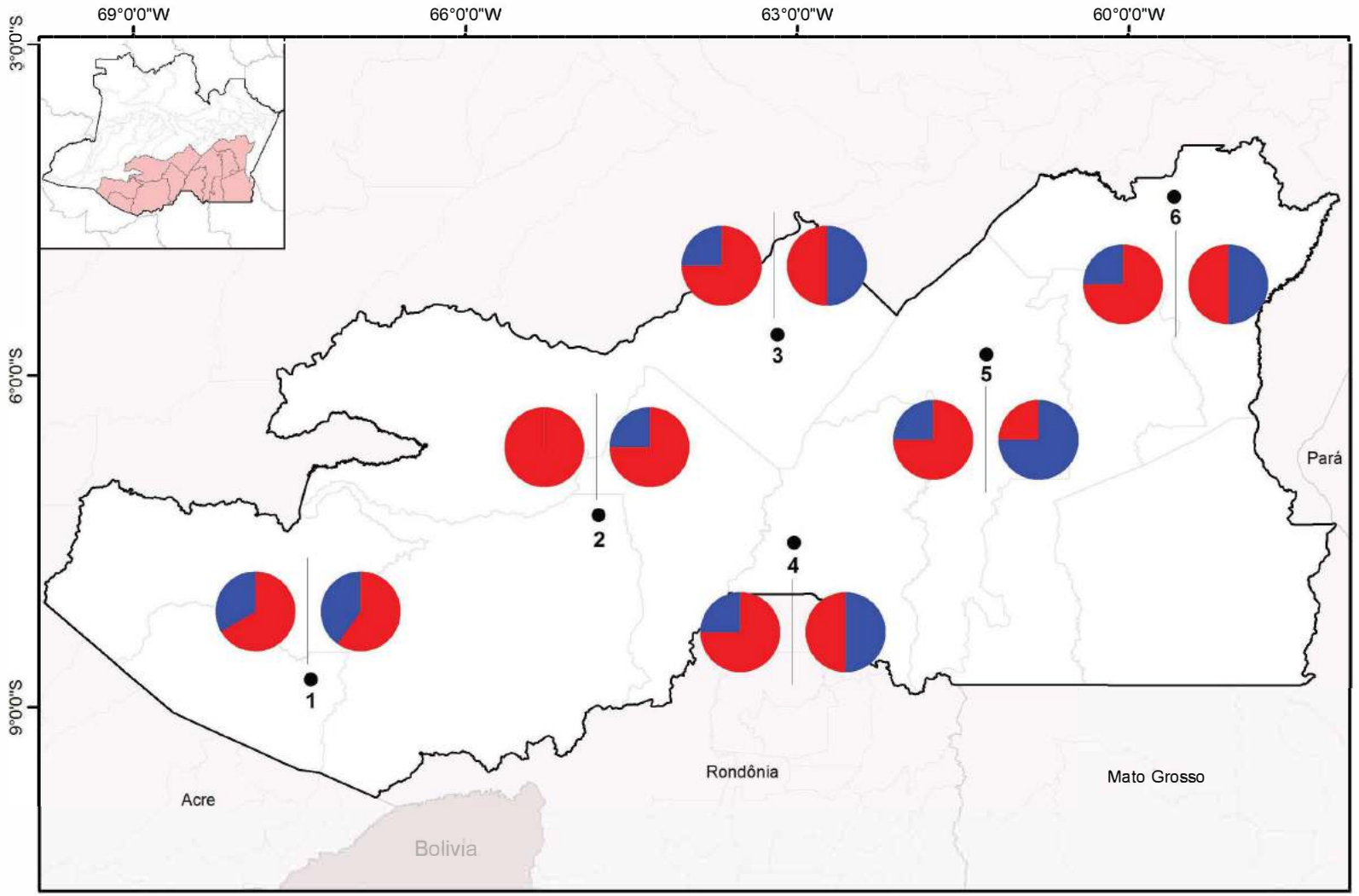

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L058a - Presas - Distribuição por idade



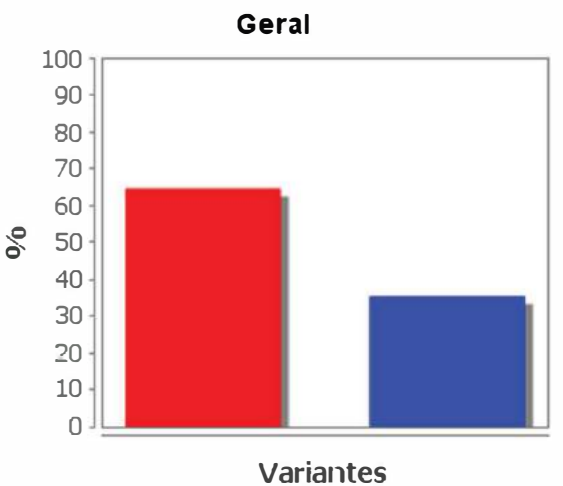

**Legenda**

Presas

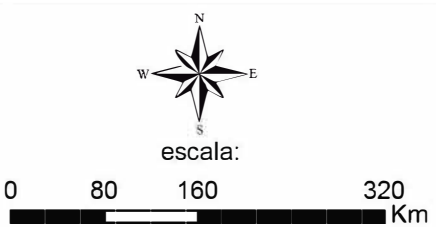
Caninos

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**



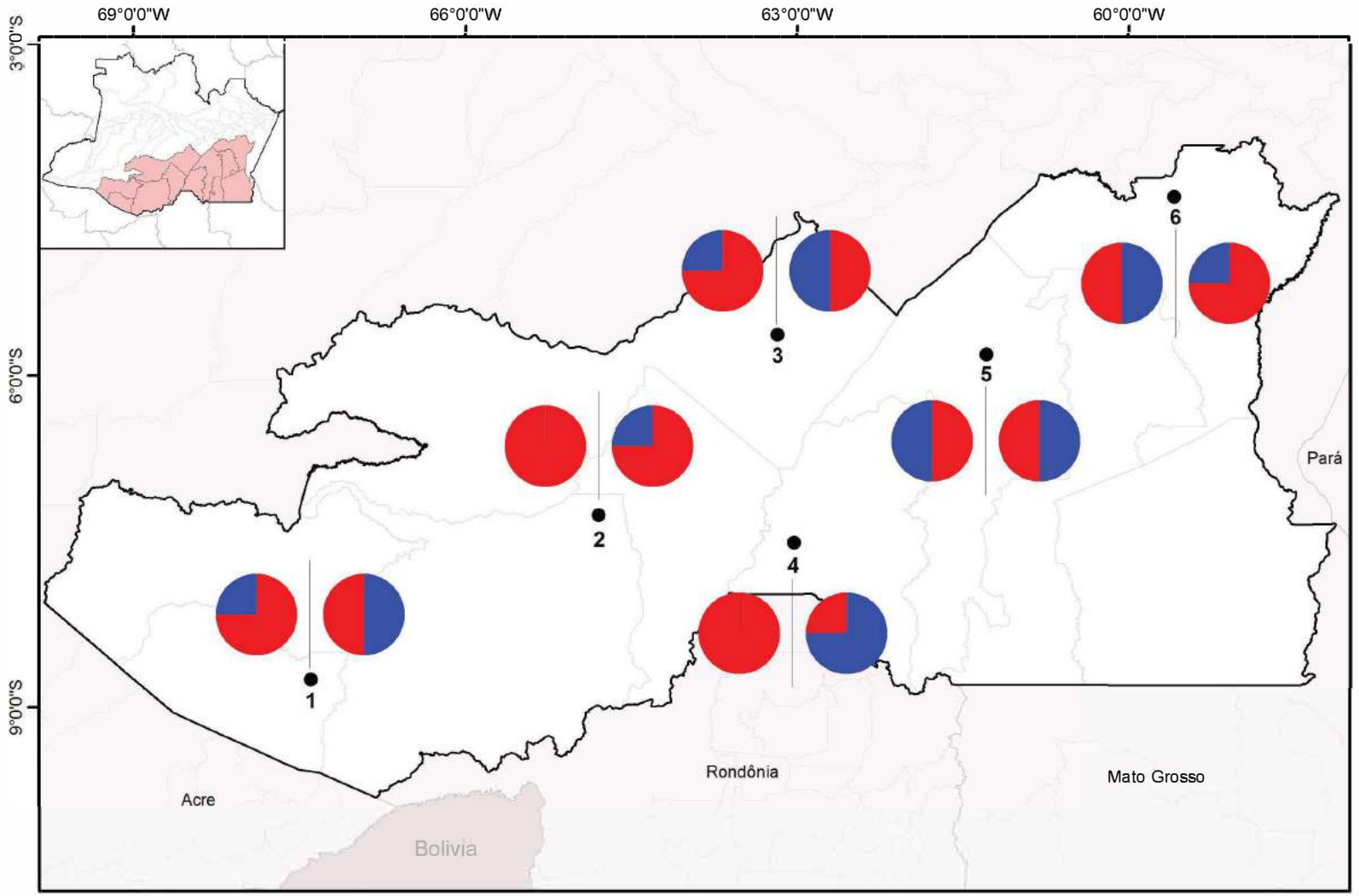

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L058b - Presas - Distribuição por escolaridade



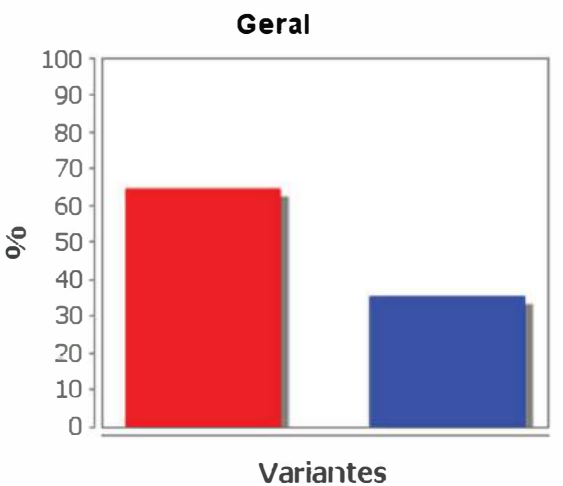

**Legenda**

Presas

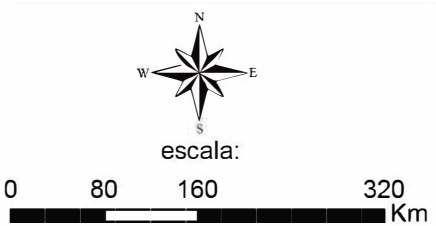
Caninos

① ②

1: 4 a 7 anos
2: 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L059
# QUEIXAL

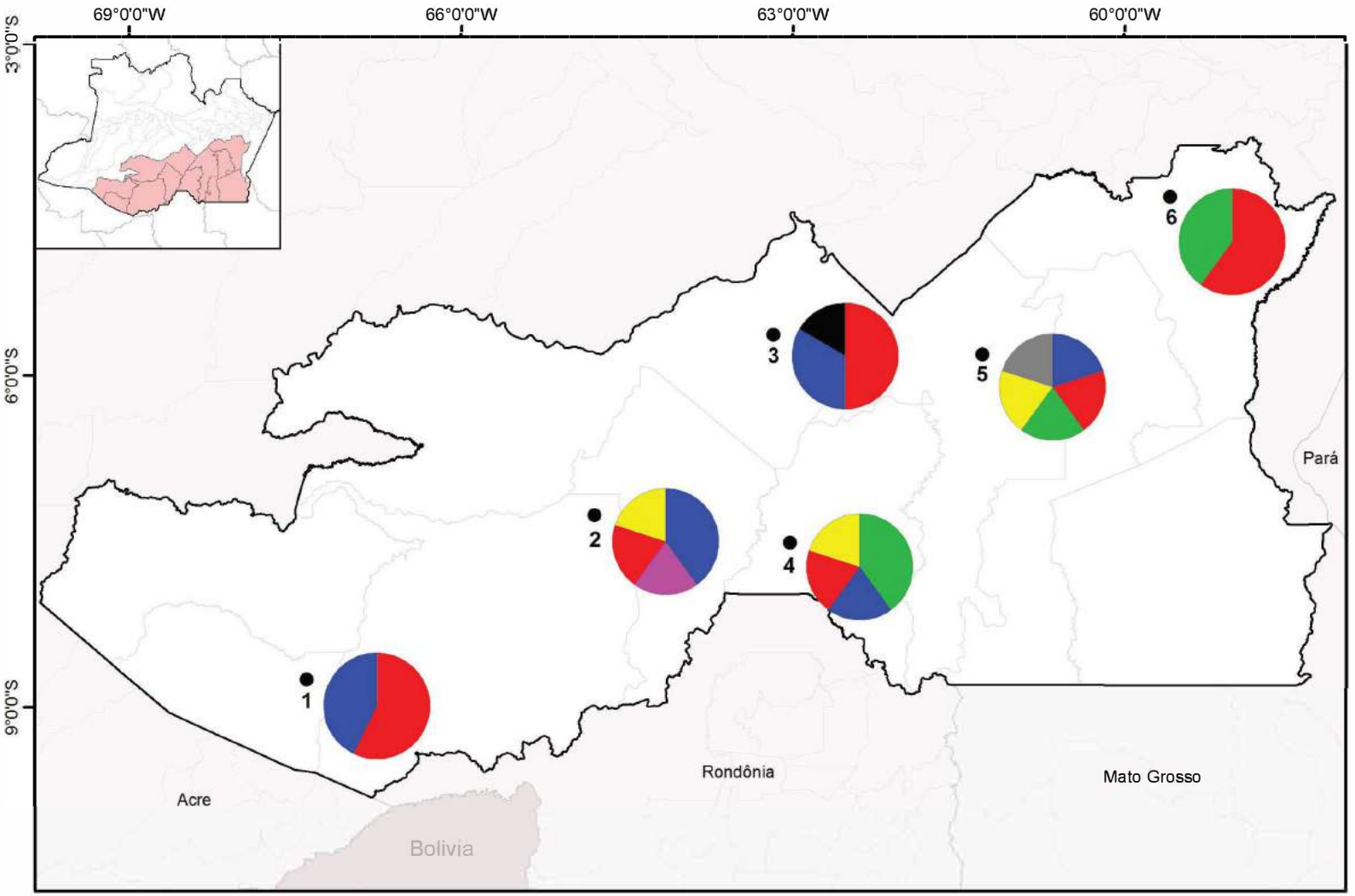
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-071:** E os últimos dentes, que nascem quando a pessoa já é adulta?

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBERAM RESPONDER: HB01 e MB02 (Boca do Acre). HA01, HB01 e MB01 (Lábrea). HB02 e MB02 (Tapauá). HA02, HB01, MA01 e MB01 (Humaitá). HA02, HB01 e MB01 (Manicoré) e HA01, HB02 e MB01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: MA02 (Manicoré): **Canino**.
3. MB01 (Boca do Acre): É o **queixal**, tem gente que chama de **dente quero**, que nasce lá no finalzinho.
4. HA02 (Lábrea): O **dente carnal**.
5. MB01 (Tapauá): Primeiro, segundo, terceiro polegar...
   INQ.: Primeiro, segundo, terceiro polegar?
   MB01 (Tapauá): Não, **molar**.
6. MA02 (Humaitá): Eu me acostumei chamando **dente queiro**, aí já tem o **dente do juízo**, não sei o quê...
   INQ.: É o mesmo dente?
   MA02 (Humaitá): É o mesmo dente.
7. HB02 (Manicoré): É os **sisos**.
8. HA02 (Borba): **Queixal** que chama.

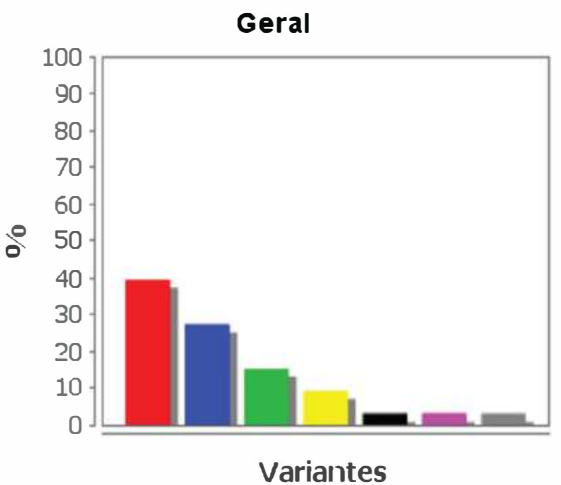
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L059 - Queixal

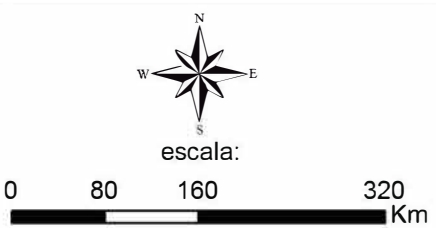



**Legenda**

- Queixal
- Queiro
- Dente do juízo
- Siso
- Molar
- Dente carnal
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L062
# ZANOIO

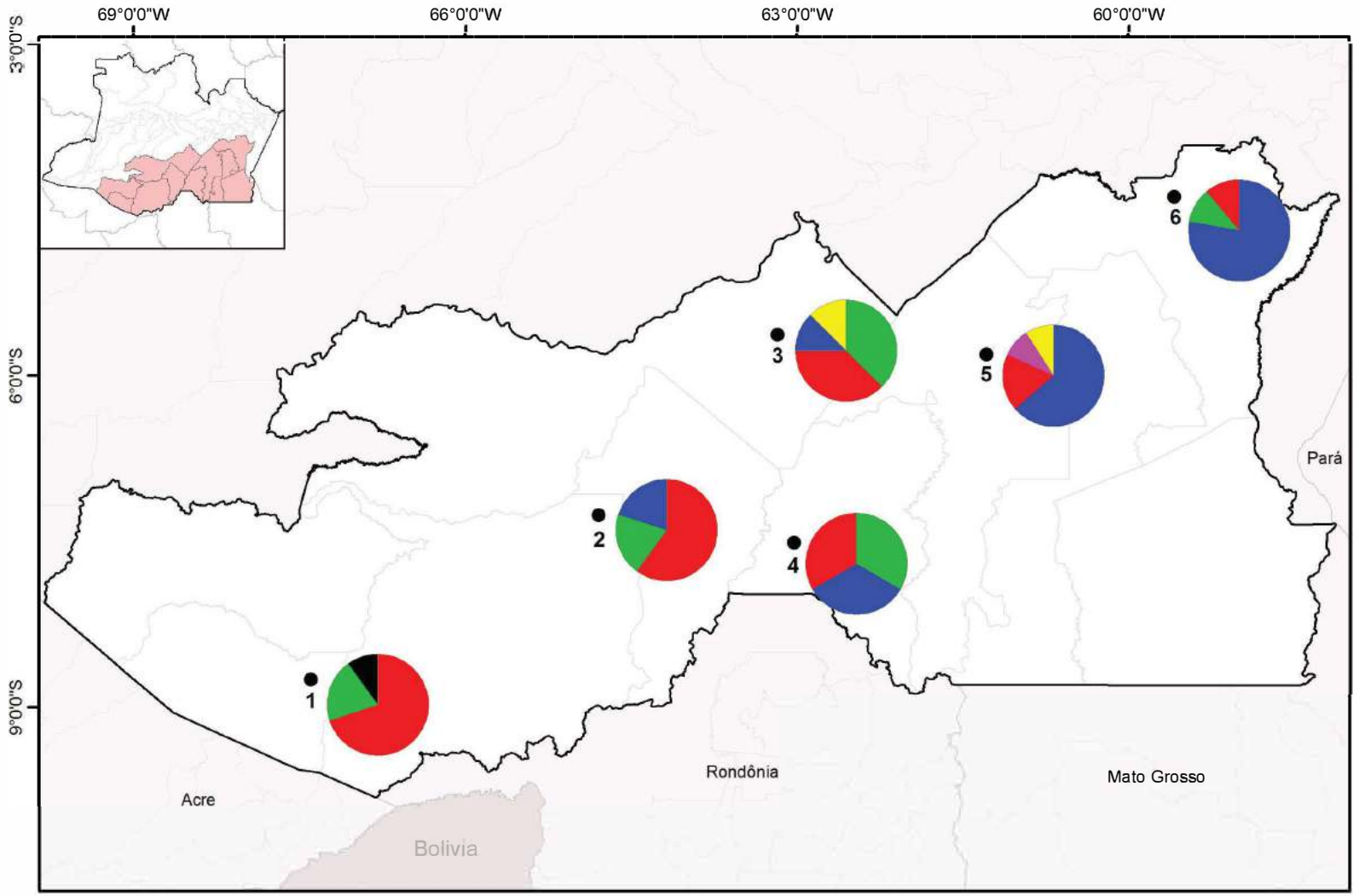
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-074:** A pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (Imitar)

**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): Bom, é **estrábica**, que é o meu caso, né, mas tem gente que chama de **zanoio**, **zarolho**... Esses termos.
2. HA01 (Lábrea): **Zanoio**, ou **zarolho**.
3. HB01 (Tapauá): **Zambeta**.
4. MA02 (Humaitá): **Zanoio**, **zarolho**.
5. HA02 (Manicoré): **Vesgo**, **zanoio**, **zambeta**.
6. HB02 (Manicoré): **Caraolho** ou **vesgo**, né, que chamam.
7. MA01 (Borba): **Vesgo**.

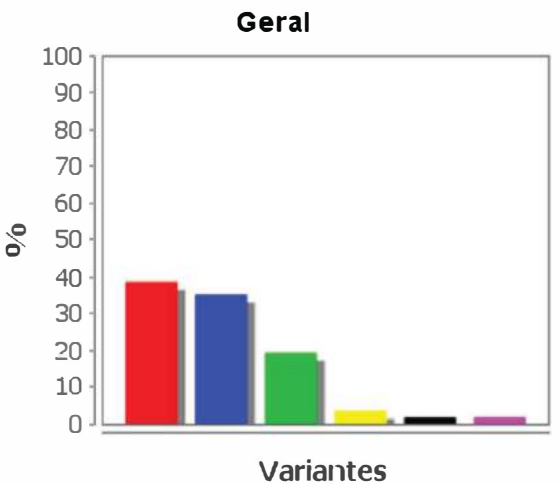
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L062 - Zanoio

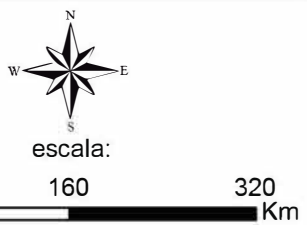



**Legenda**

- Zanoio
- Vesgo
- Zarolho
- Zambeta
- Estrábico
- Caraolho




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L064
# DIREITO

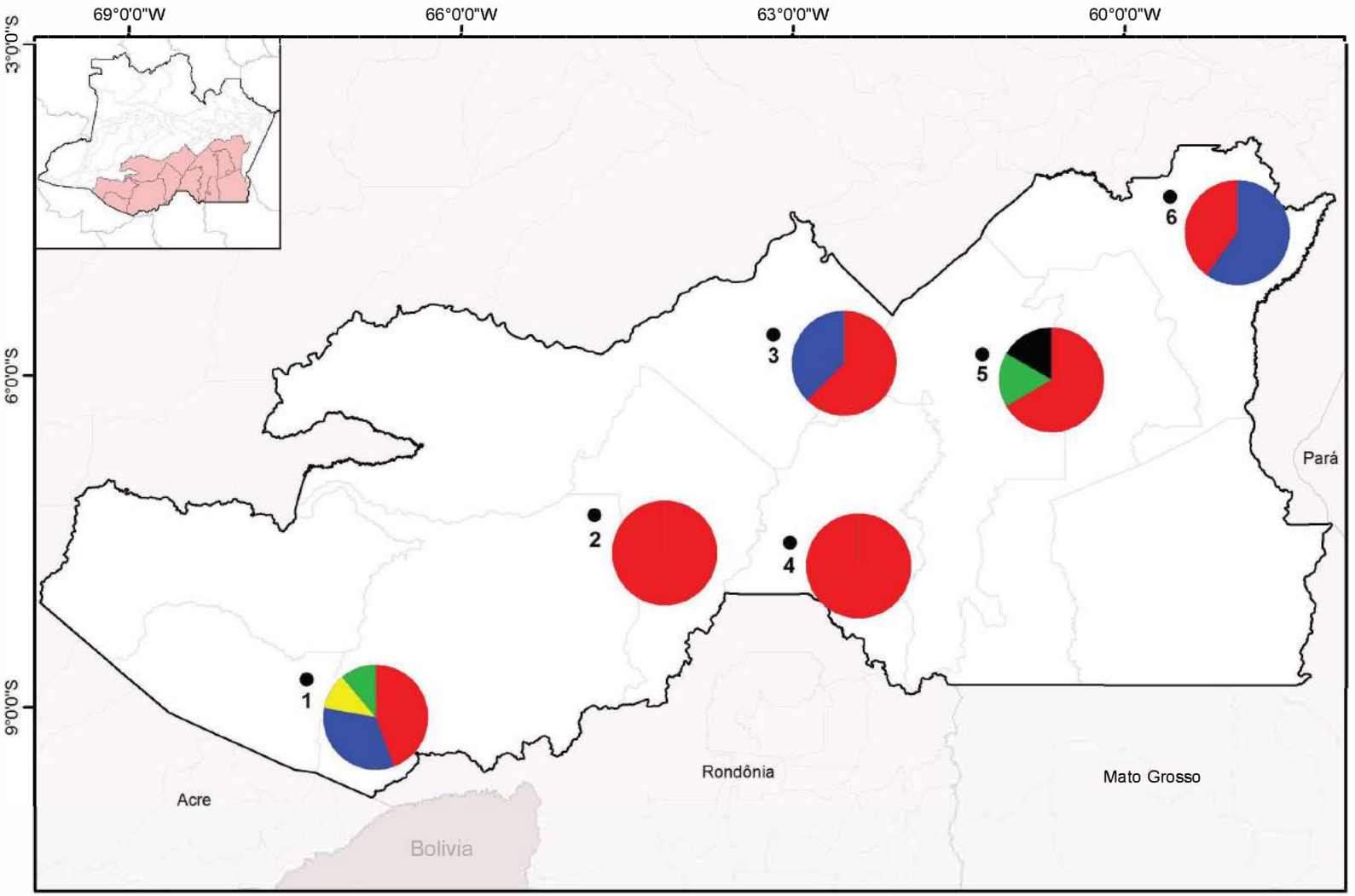
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-078:** E a pessoa que usa para as mesmas coisas a mão direita?

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Lábrea). HA01 e HA02 (Humaitá). HB01 e HB02 (Manicoré) e HA01, HA02 e MA02 (Borba).
2. MA01 (Boca do Acre): A pessoa que é a **mão certa**.
3. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que diz "fulano é **direito**", mas nós sabemos que é **destro**, né, uma pessoa destra.
4. HB01 (Lábrea): É **direito** mesmo.
5. MB01 (Manicoré): É o **normal**.
6. HA02 (Manicoré): **Mão direita**.
7. HB02 (Borba): É **direito**.

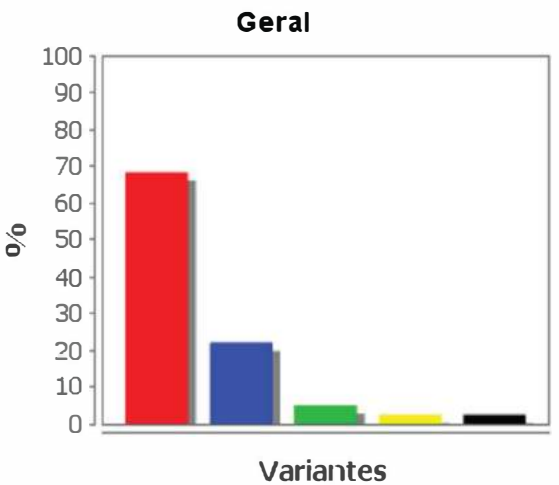
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L064 - Direito (Destro)

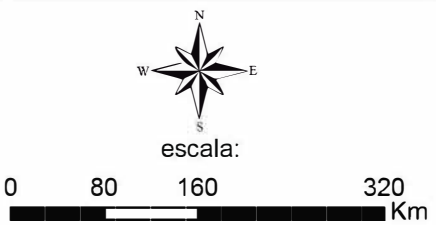



**Legenda**

- Direito
- Destro
- Normal
- Mão certa
- Mão direita



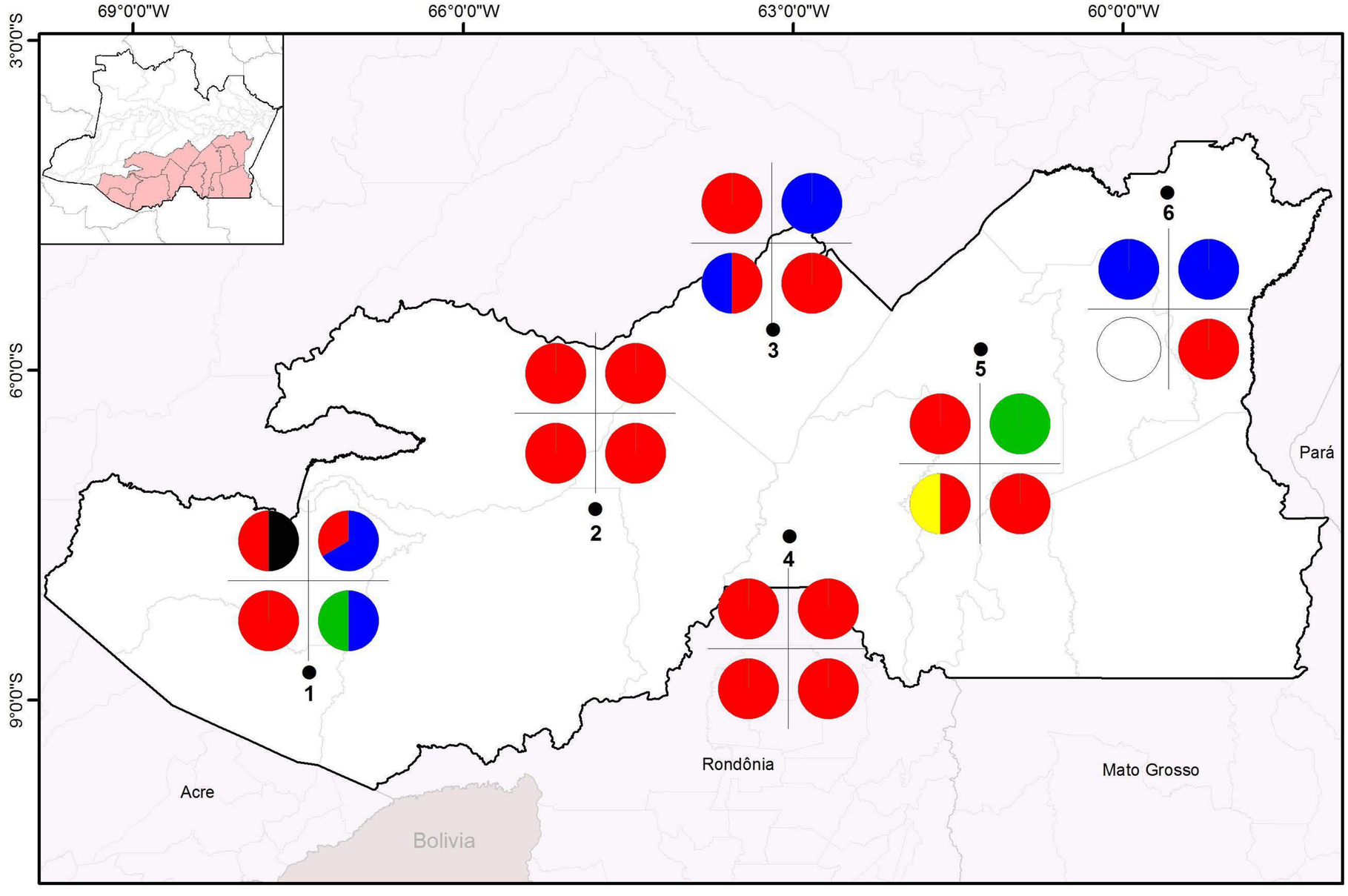

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## 064a - Direito (Destro) - Distribuição por idade e escolaridade

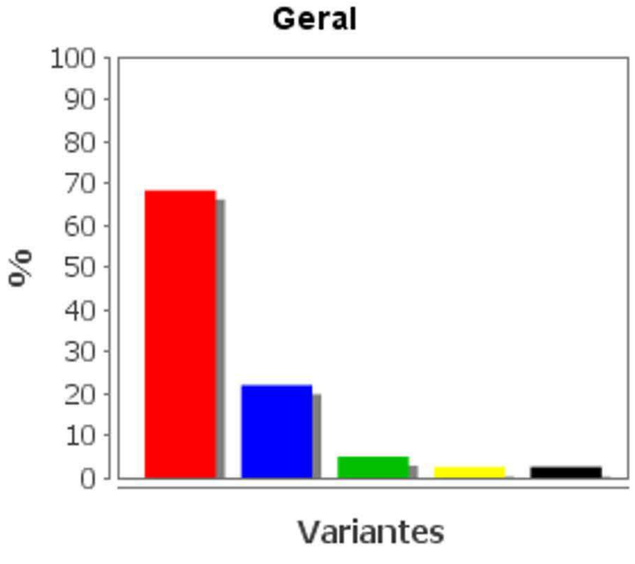



**Legenda**

- Direito
- Destro
- Normal
- Mão direita
- Mão certa

① ② ③ ④

1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos
2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos
3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos
4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L065
# ALEIJADO (MANCO)

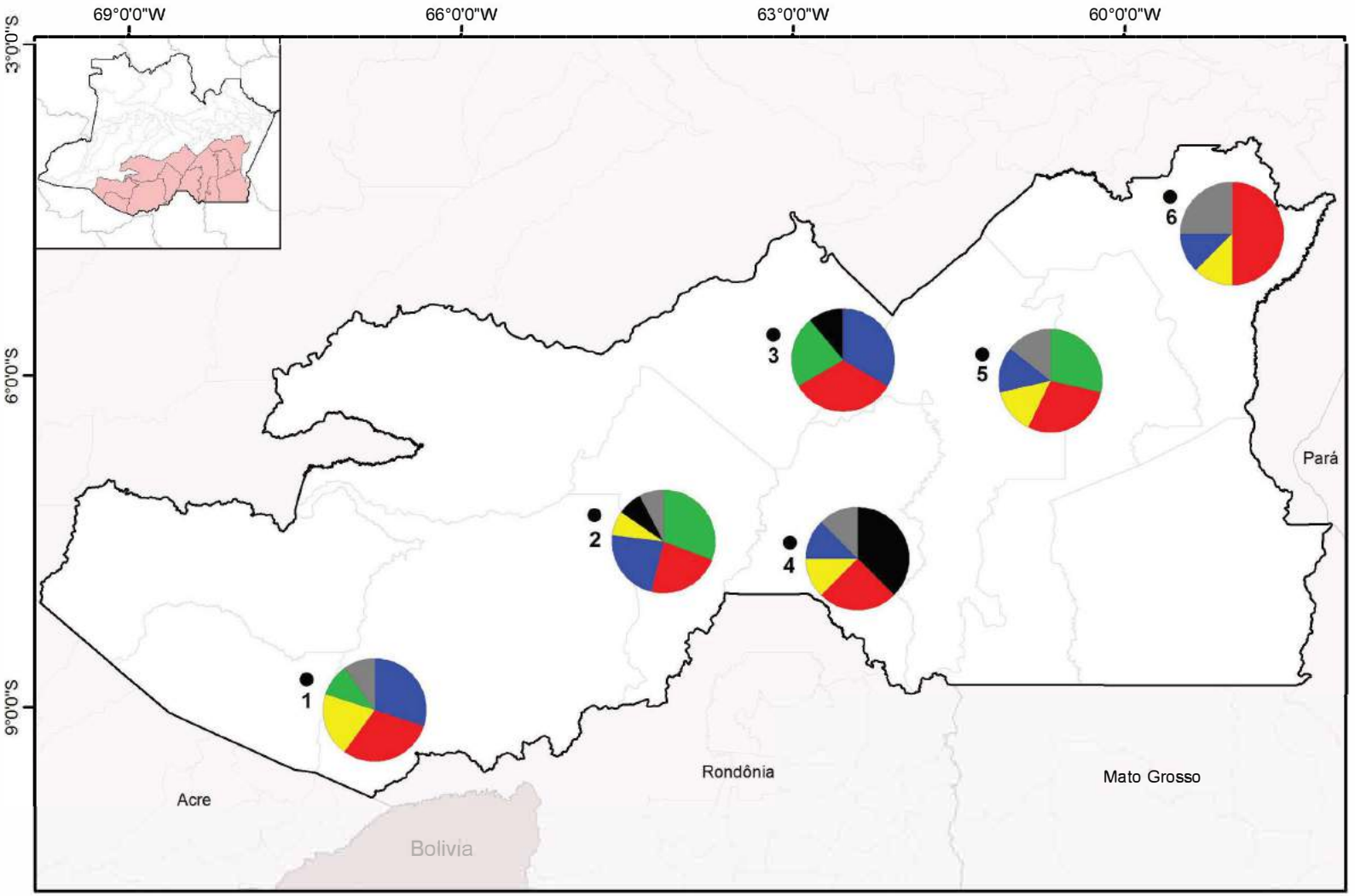
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-079:** A pessoa que puxa de uma perna?

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBERAM RESPONDER: MA01 e MA02 (Humaitá) e MA01 (Manicoré).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB01 (Boca do Acre): Cambota; MB01 (Lábrea): Só de coisa assim nós diz **saci**, mas assim de normal mesmo não sei não (a)leijado? Não, né, aleijado é os dois, deficiente não é não?; HB02 (Humaitá): **Perneta**; HA02 (Manicoré): Tem um local que chamam de **planta milho**; HB01 (Borba): Só ouço falar... é pessoa que tem **perna dura** assim... só que... não. Outra coisa não conheço não. Não me recordo; MA01 (Borba): É **troncho**?
3. MB01 (Boca do Acre): É pessoa **aleijada**, **manca** da perna.
4. MB02 (Lábrea): Pessoa é **deficiente**, **coxó**? Eu Não sei.
5. MB02 (Tapauá): **Manco**.
6. HA01 (Humaitá): **Aleijado**, **coxó**, né?
7. MA02 (Manicoré): **Deficiente**.
8. MA02 (Borba): **Coxo**, né?

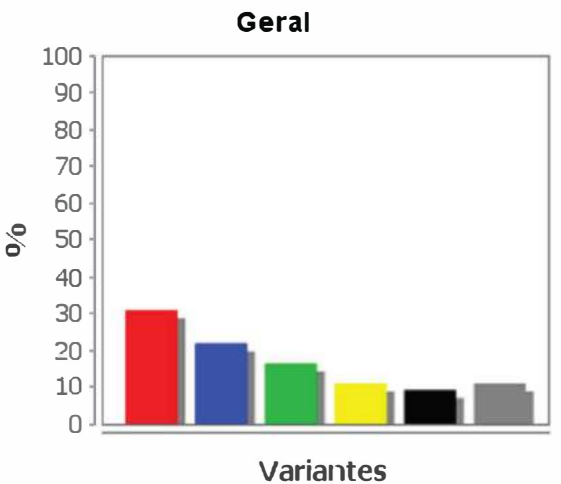
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L065 - Aleijado (Manco)

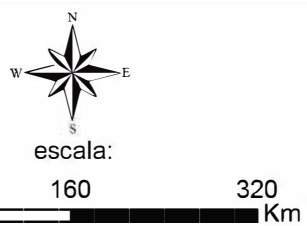



**Legenda**

- Aleijado
- Manco
- Deficiente
- Coxo
- Coxó
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L066
# CAMBOTA

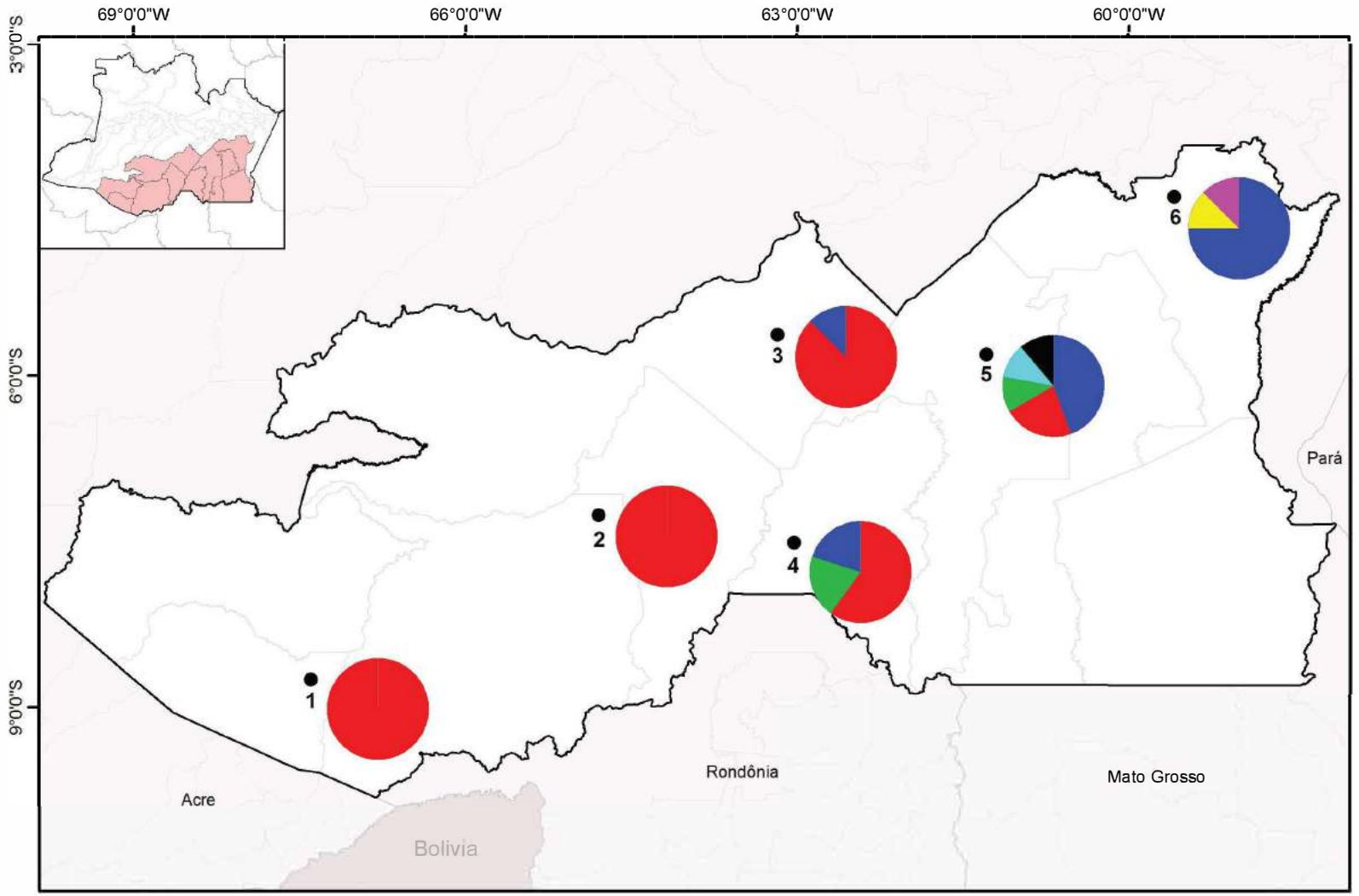
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-080:** A pessoa que tem as pernas arqueadas, curvas para os lados? (Mímica)

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBERAM RESPONDER: HB01 (Lábrea) e MB01 (Borba).
2. MB02 (Boca do Acre): **Cambota**.
3. HB02 (Lábrea): Tem um nomezinho, só que...esqueci agora... **cambota**.
4. HB01 (Tapauá): **Pernas torta**? **Pernas de alicate**? (risos)
   INQ.: Não sei, (inint).
   HB01 (Tapauá): Porque aqui quando a gente (inint.) que geralmente as perna que são bem curvas, é assim que chama.
5. HB02 (Humaitá): **Perna torta**. **Cambota**, cambota. A gente chama muito de cambota.
6. HB01 (Manicoré): O pessoal fala de **perna de baladeira**, agora não sei como que é aí pra fora (risos).
7. MA01 (Manicoré): **Perna aberta** que chama.
8. MB02 (Borba): Essa daí ... porque tem vez que nasce de nascença já, né? (...) **Curvada**.
9. HB01 (Borba): **Pernas torta**. Que chamam perna torta, **perna de arco**.

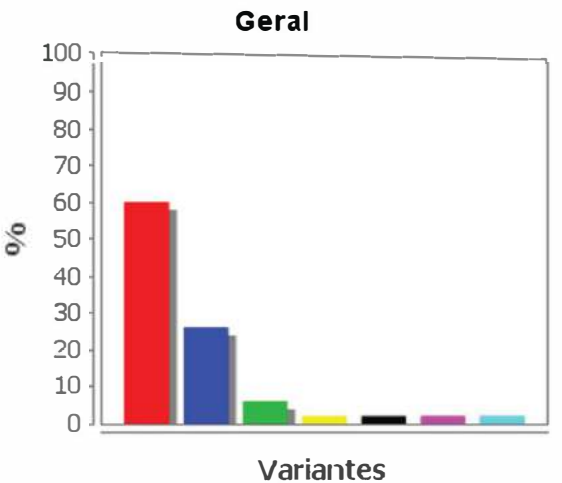
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L066 - Cambota

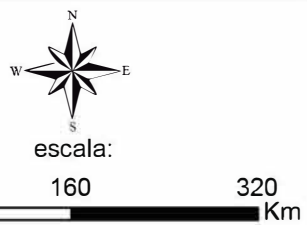



**Legenda**

- Cambota
- Perna torta
- Perna de alicate
- Perna de arco
- Perna aberta
- Perna curvada
- Perna de baladeira



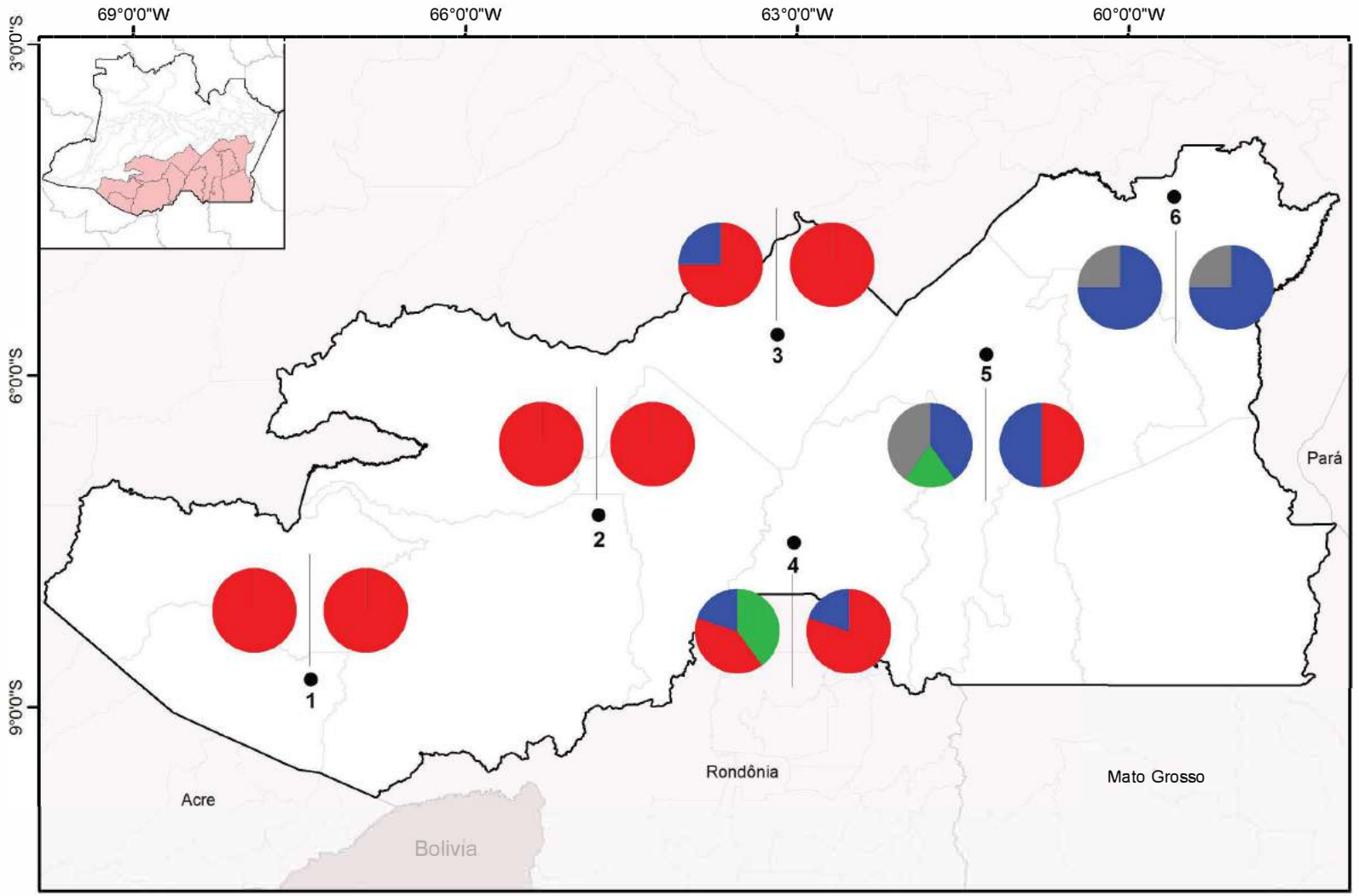

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L066a - Cambota - Distribuição por idade

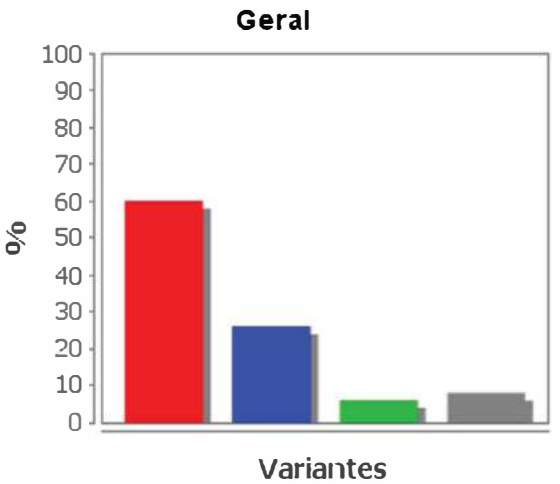



**Legenda**

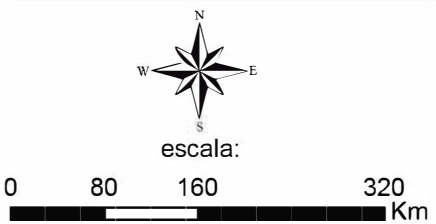
- Cambota
- Perna torta
- Perna de alicate
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L067
# SOVACO

**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-081:** Como se chama esta parte aqui embaixo do braço? (Apontar)

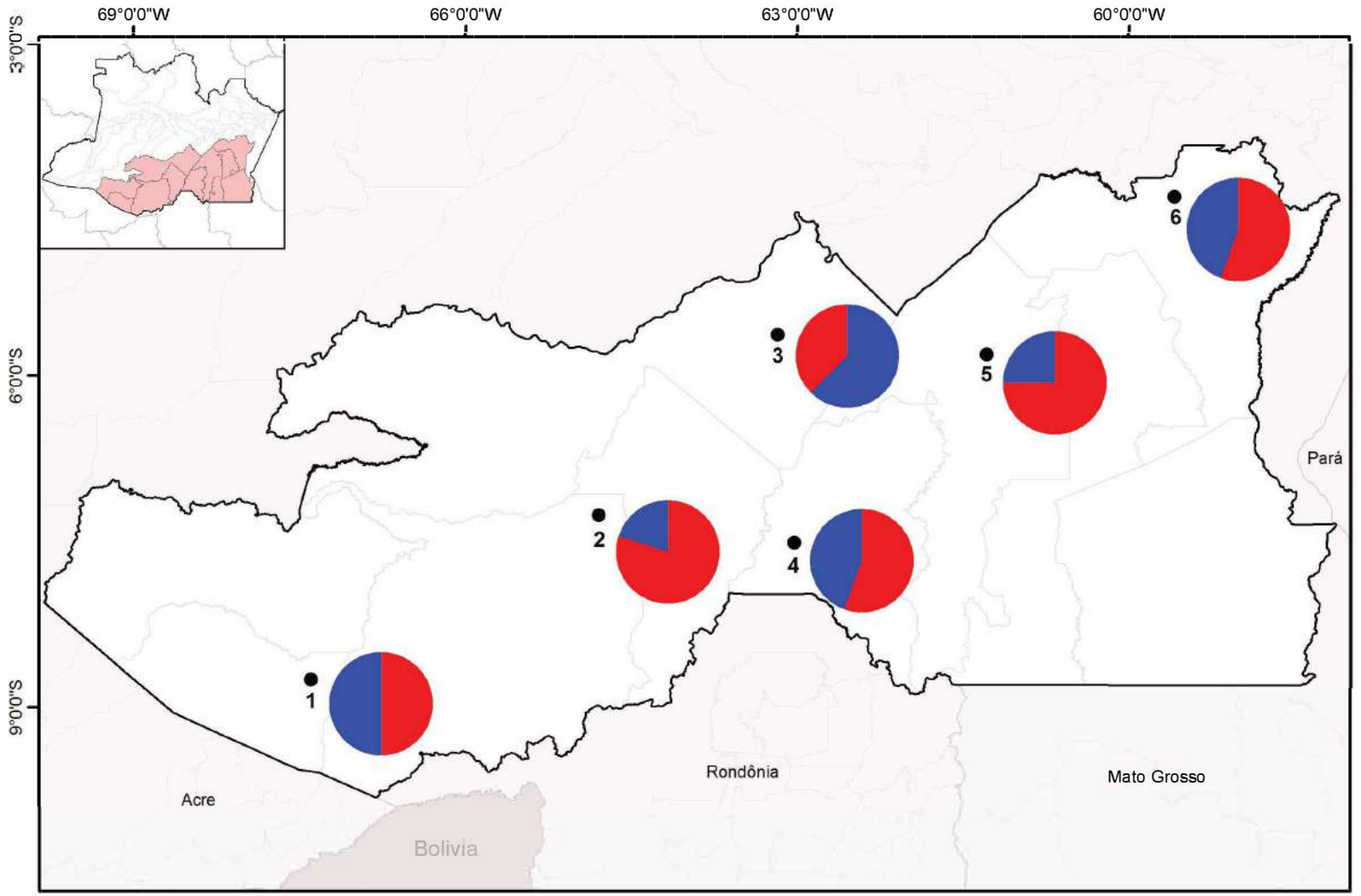
**NOTAS:**

1. HB02 (Boca do Acre): **Axila**, e os caboco chama de **sovaco**.
2. MB01 (Boca do Acre): A **axila**? Nós chamamos de **sovaco**.
3. MB02 (Lábrea): **Axila**, mas a gente chama o popular **sovaco**, né?
4. MB02 (Borba): Alaxila, como é? Esqueci porque chama **sovaco** também, né, mas tem outro nome que dá.

INQ.: Ah tá, mas é o nome que a senhora conhece.
MB02 (Borba): Então é **sovaco**.

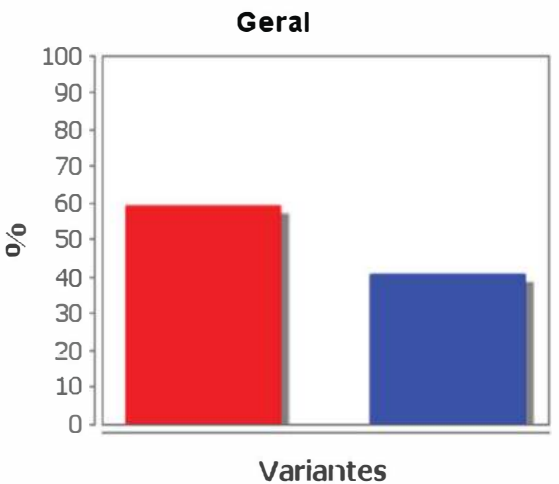
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L067 - Sovaco

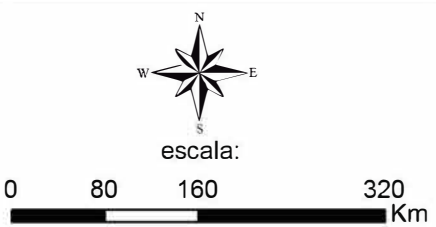



**Legenda**

- Sovaco
- Axila



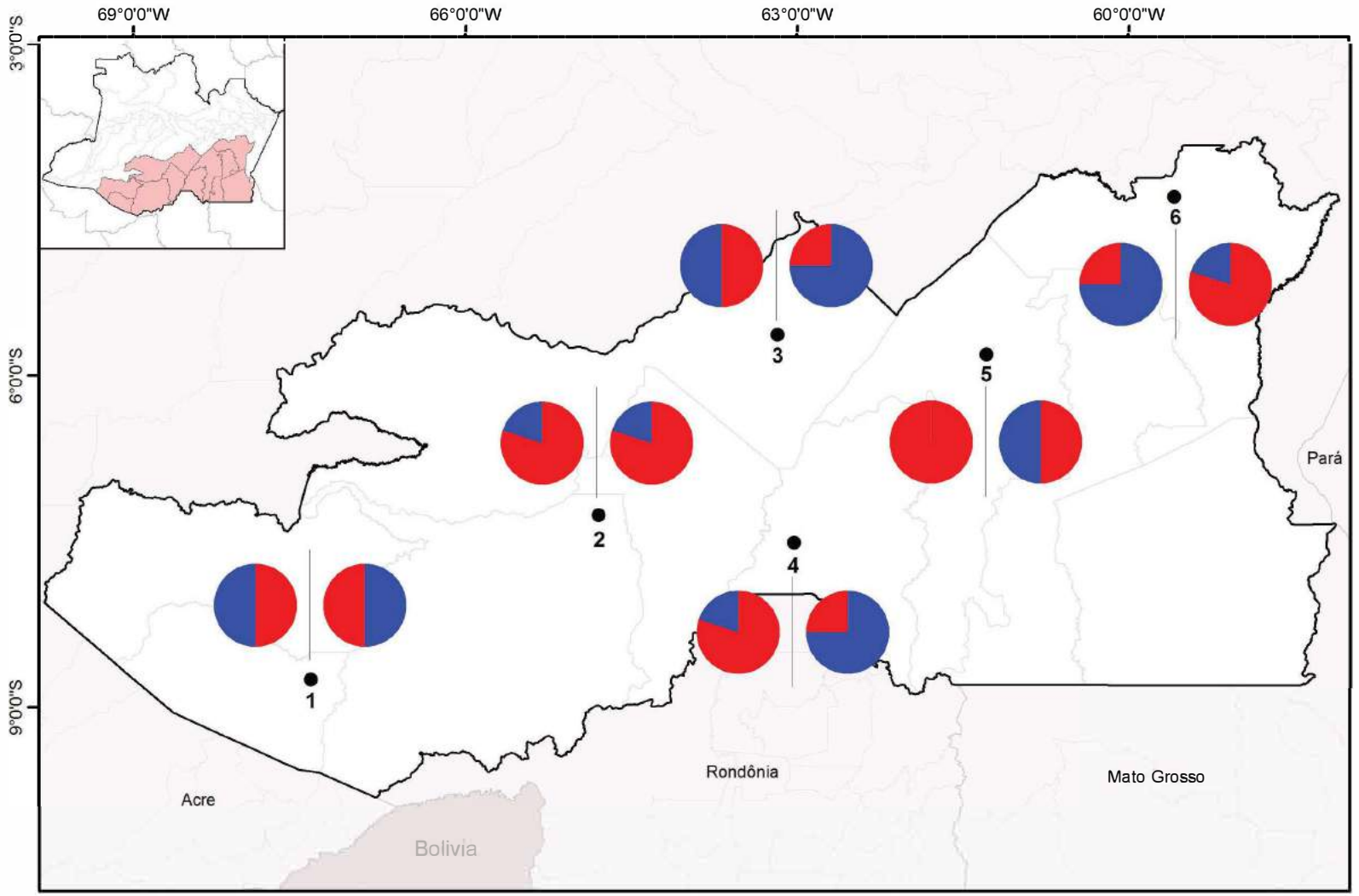

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L067a - Sovaco - Distribuição por escolaridade



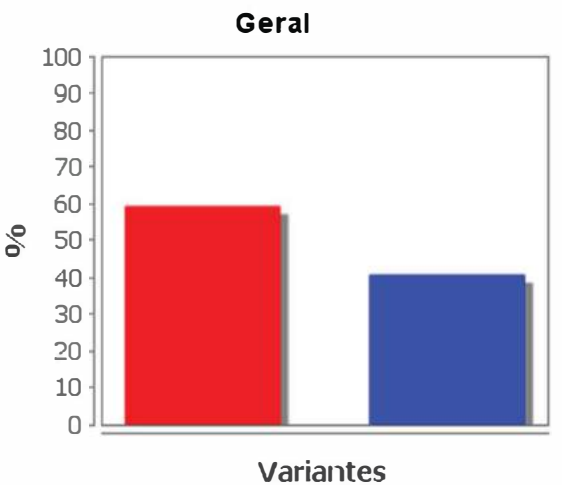

**Legenda**

Sovaco

Axila

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L068
# ÚTERO

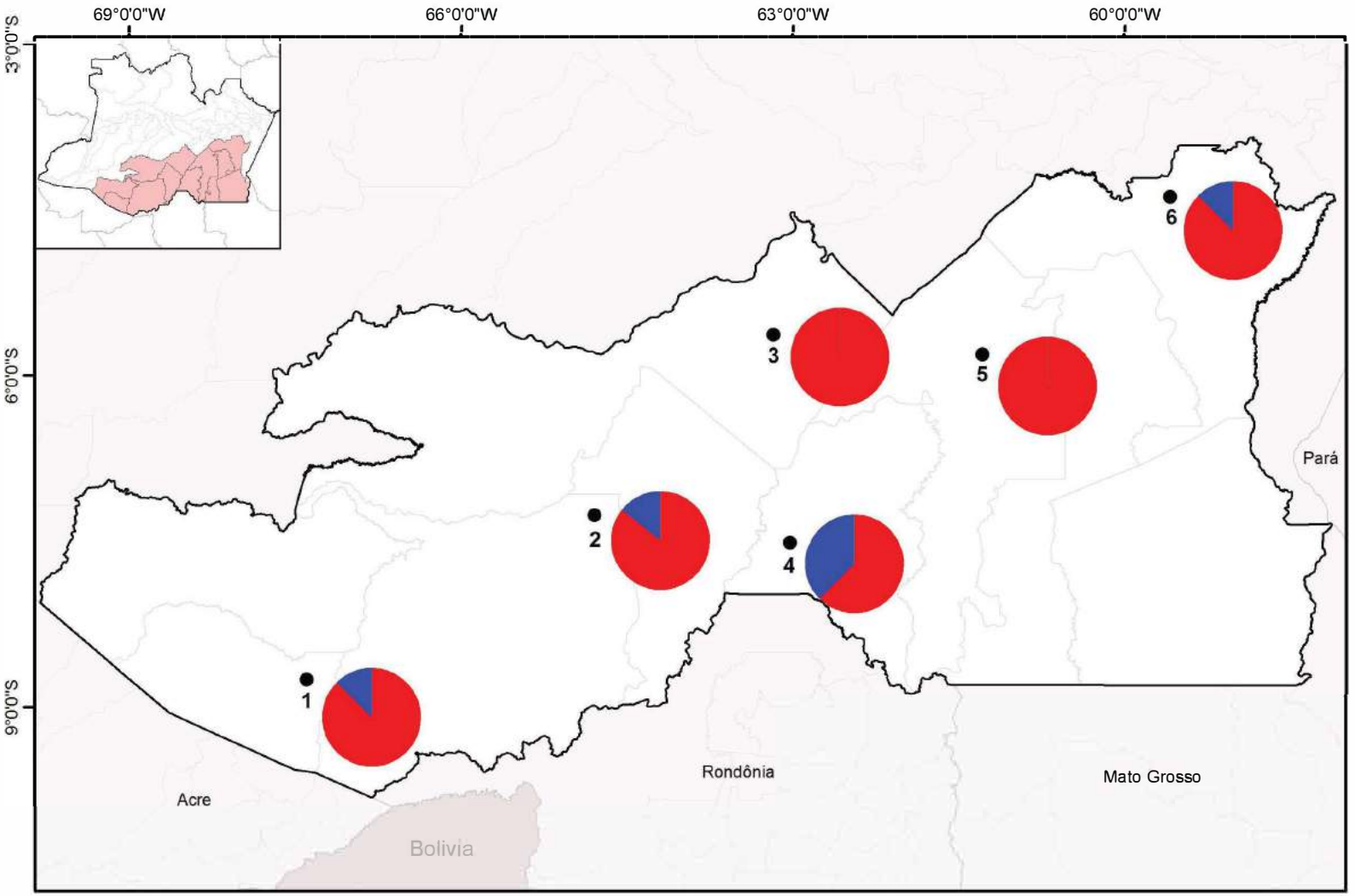
**Meio Antrópico: Características físicas - QSL-082:** Como se chama o órgão onde a criança se desenvolve dentro da barriga da mãe?

**NOTAS:**

1. NÂO SOUBE RESPONDER: HB01 (Lábrea).
2. HB02 (Lábrea): **Ventre**.
3. MA01 (Tapauá): É o **útero**.
4. HB01 (Manicoré): O órgão? É o **útero**, né?
5. MA02 (Borba): **Ventre**.

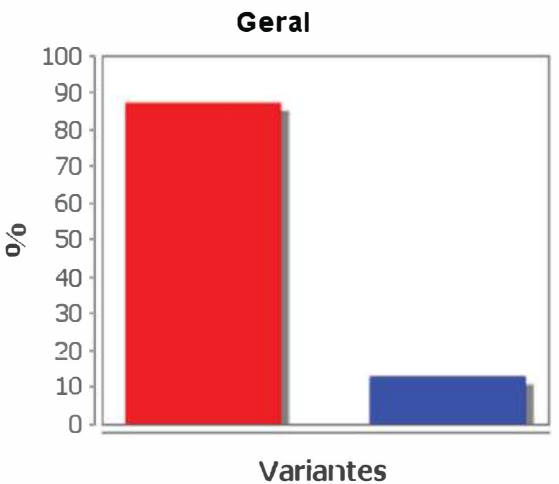
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L068 - Útero

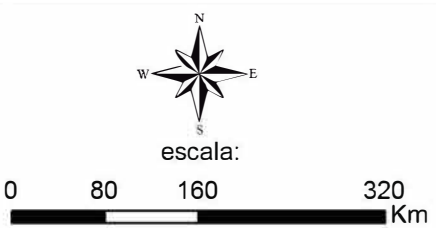



**Legenda**

- Útero
- Ventre



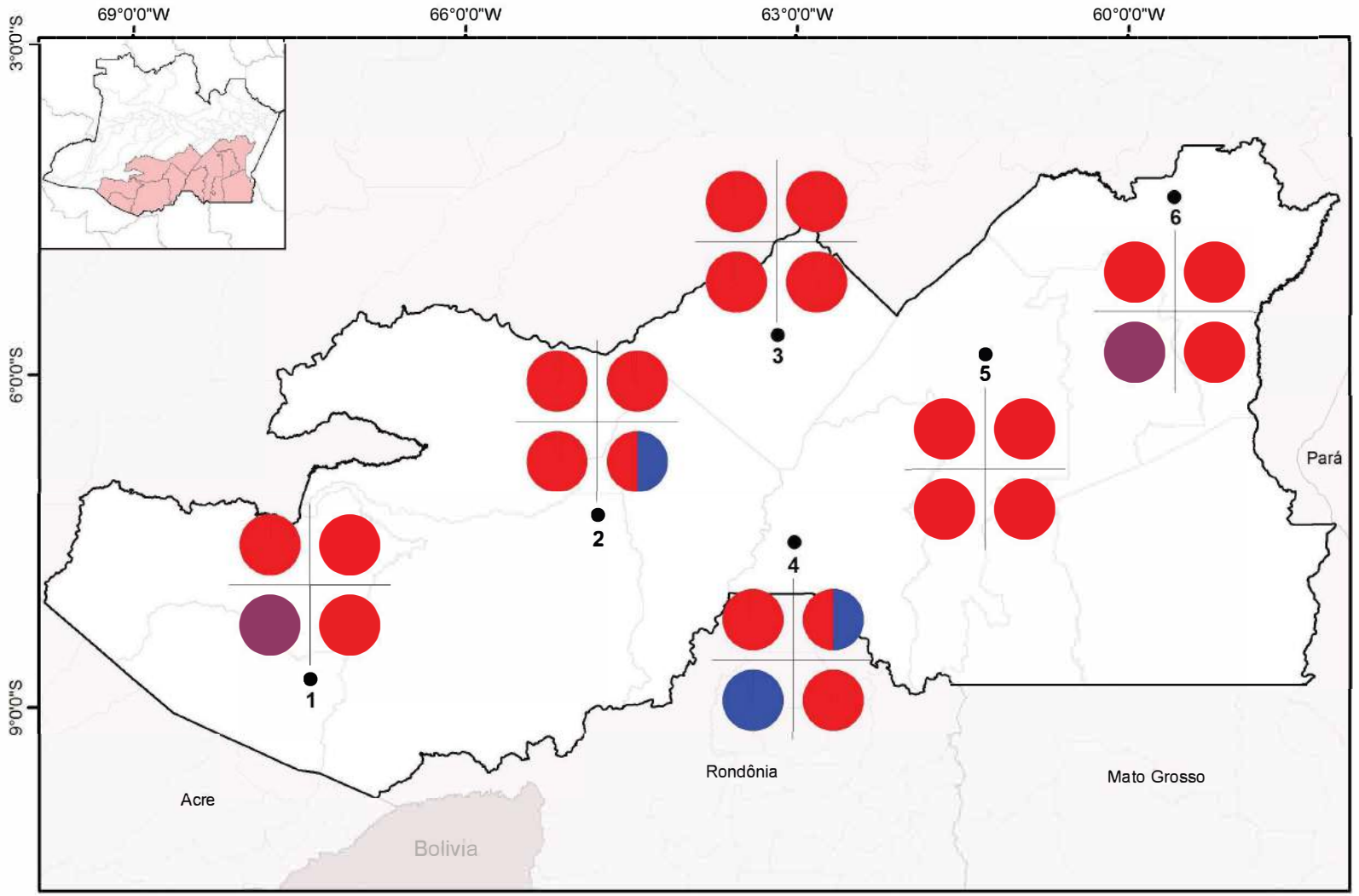

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L068a - Útero - Distribuição por idade e escolaridade



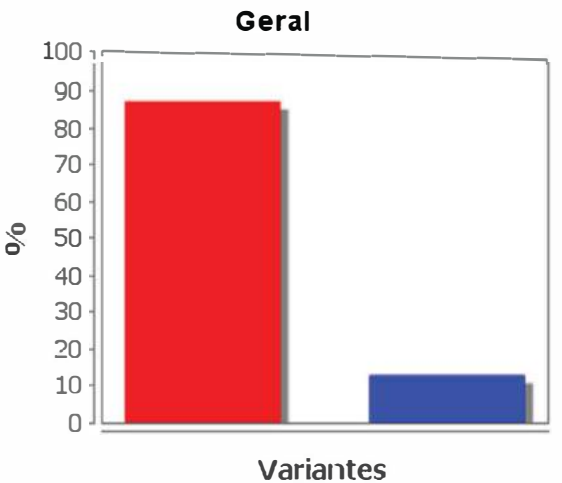

**Legenda**

Útero

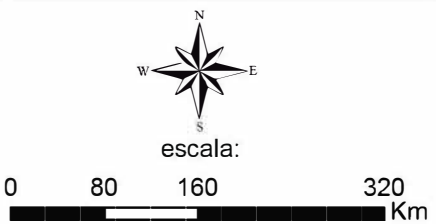
Ventre

① ②
③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L069
# TAPIOCA

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-083:** Como se chama o beiju que é feito da goma de mandioca já seca e torrada no forno ou frigideira?



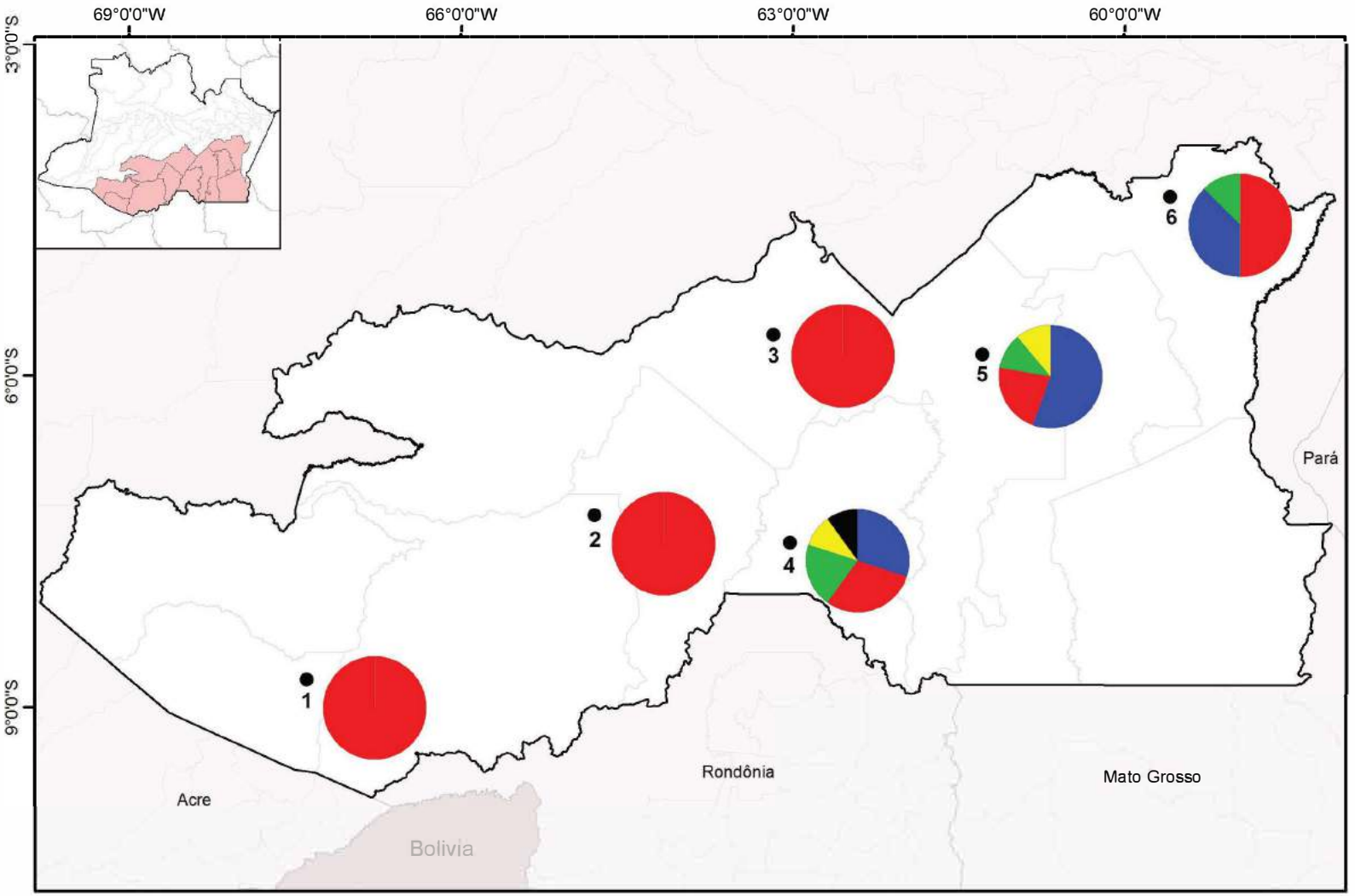


**NOTAS:**

1. PROBLEMA TÉCNICO: HA01 (Lábrea).
2. MB01 (Boca do Acre): A gente faz **tapioca**.
3. MB01 (Humaitá): **Beiju** mesmo, beiju, **tapioquinha**.
4. HA02 (Humaitá): **Beiju de goma**, uns chama **beiju de tapioca**, mas pra nós tapioca é aquela que tem ali torrada.
5. HB02 (Manicoré): **Tapioca**, **tapioquinha**.

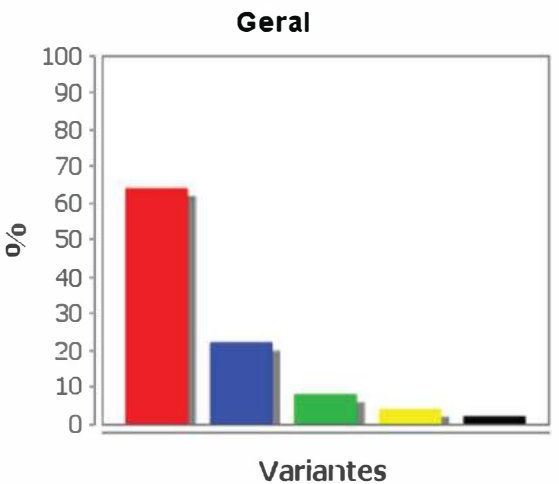
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L069 - Tapioca

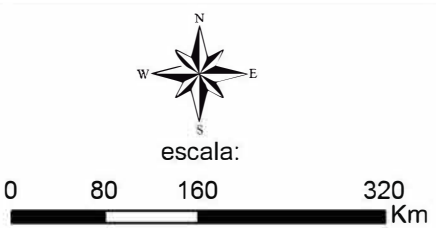



**Legenda**

- Tapioca
- Tapioquinha
- Beiju
- Beiju de tapioca
- Beiju de goma




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L070
# PÉ-DE-MOLEQUE

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-084:** E o beiju feito da mandioca ralada, enrolado na folha da bananeira?

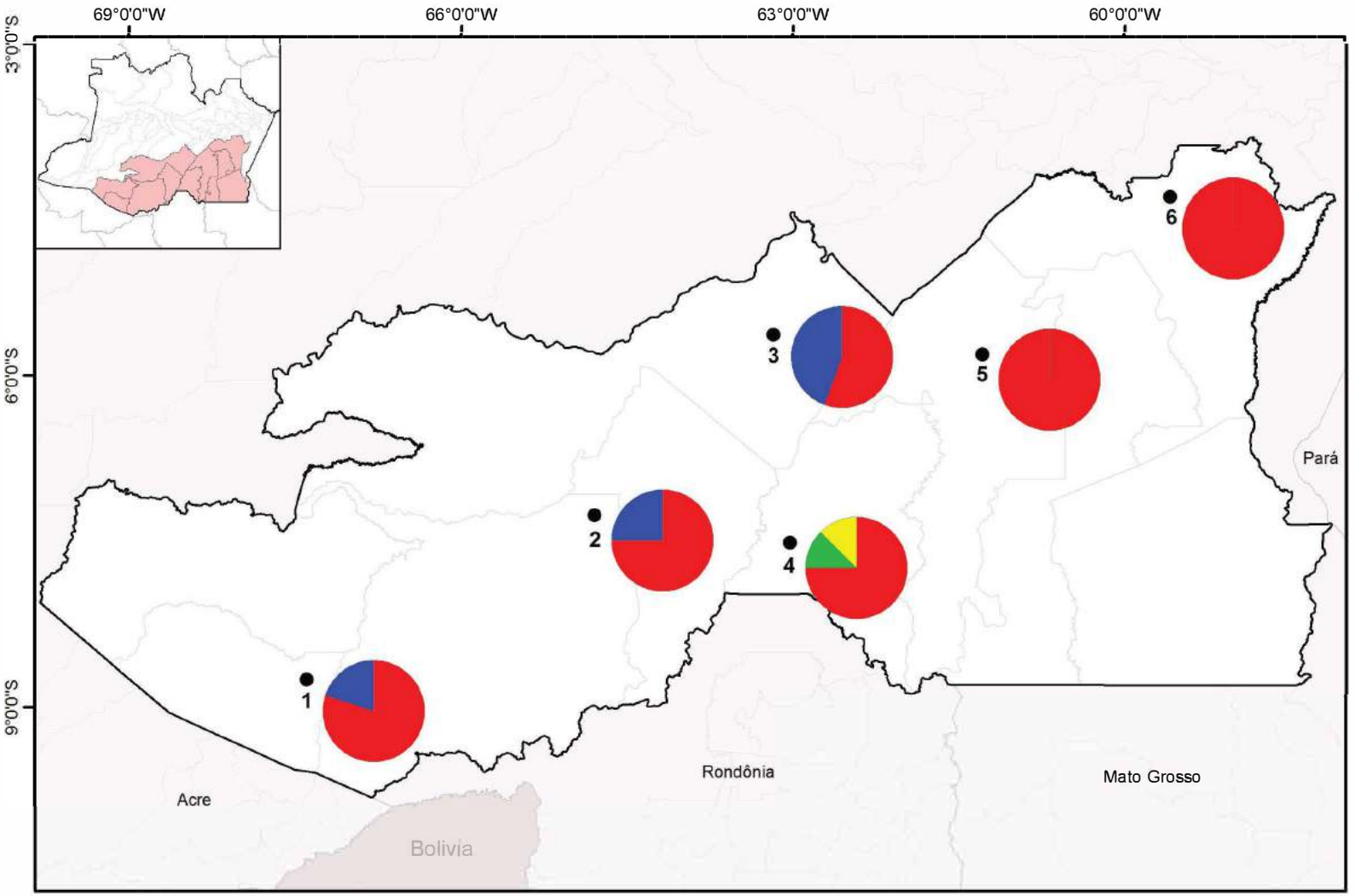


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HA02 (Lábrea).
2. PROBLEMA TÉCNICO: HA01 (Lábrea).
3. HA01 (Boca do Acre): Aquele é o **bolo**. É o **pé-de-moleque** se chama.
4. HA02 (Boca do Acre): **Pé-de-moleque**, né, o mesmo **bolo**.
5. MA02 (Lábrea): É **bolo**, é **pé-de-moleque**.
6. HB01 (Tapauá): (...) É, chama de **bolo** mesmo, **pé-de-moleque**, **bolo de massa**, **bolo de massa de mandioca** que chama.
7. MA01 (Humaitá): **Beiju**, a gente fala beiju.
8. HA02 (Humaitá): **Bolo de massa puba**, coloca castanha, ou coco...
9. HA01 (Manicoré): isso aí, é o **pé-de-moleque** (...).
10. MB02 (Borba): É **pé-de-moleque**.

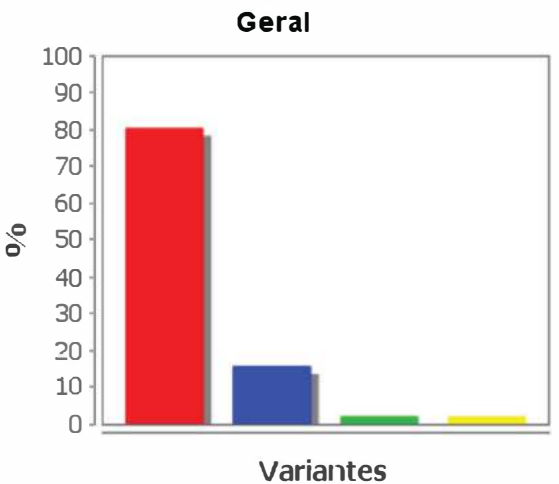
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L070 - Pé-de-moleque

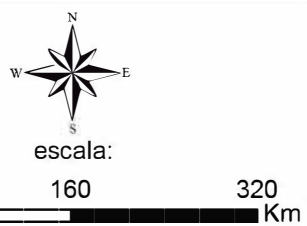



**Legenda**

- Pé-de-moleque
- Bolo
- Beiju
- Bolo de massa puba



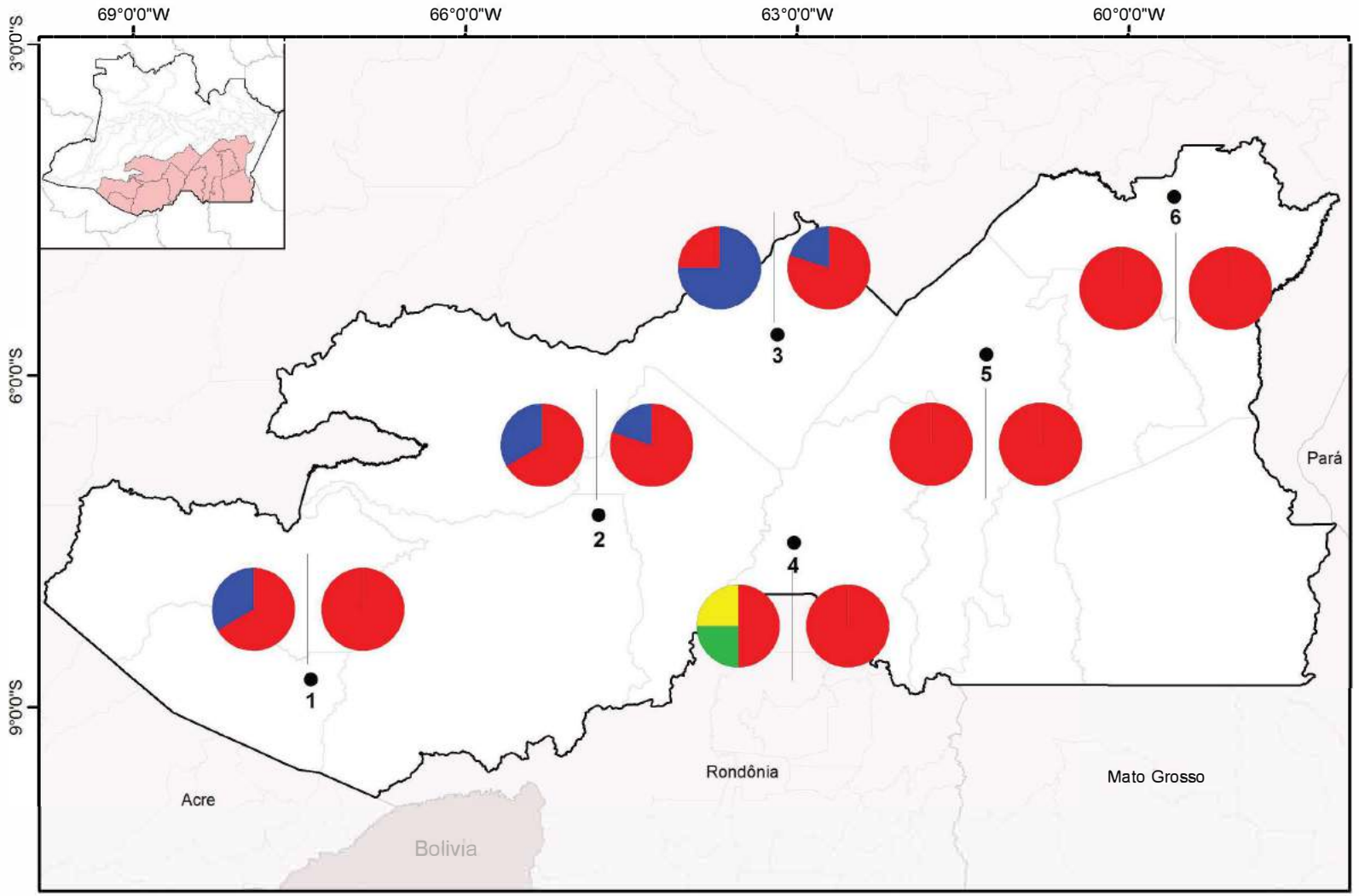

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L070a - Pé-de-moleque - Distribuição por escolaridade

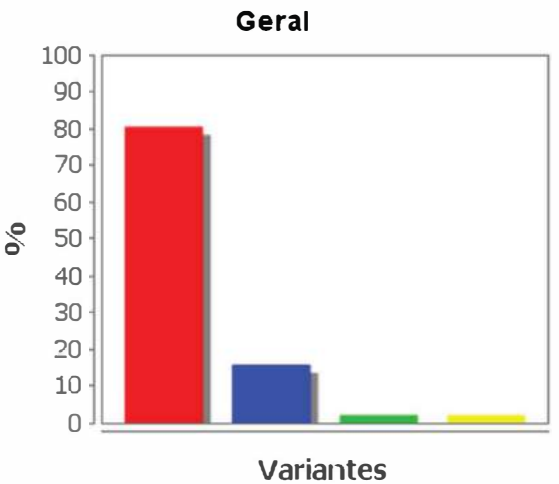



**Legenda**

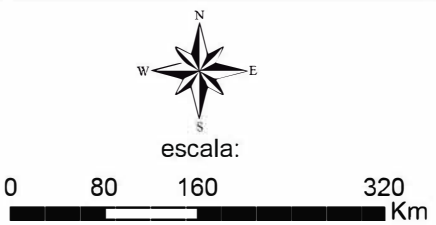
- Pé-de-moleque
- Bolo
- Beiju
- Bolo de massa puba

① ②

1: 4 a 7 anos
2: 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L071
# COCADA

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-085:** Como se chama o doce feito de amendoim ou castanha com açúcar queimado que se deixa endurecer e se corta em quadrados?

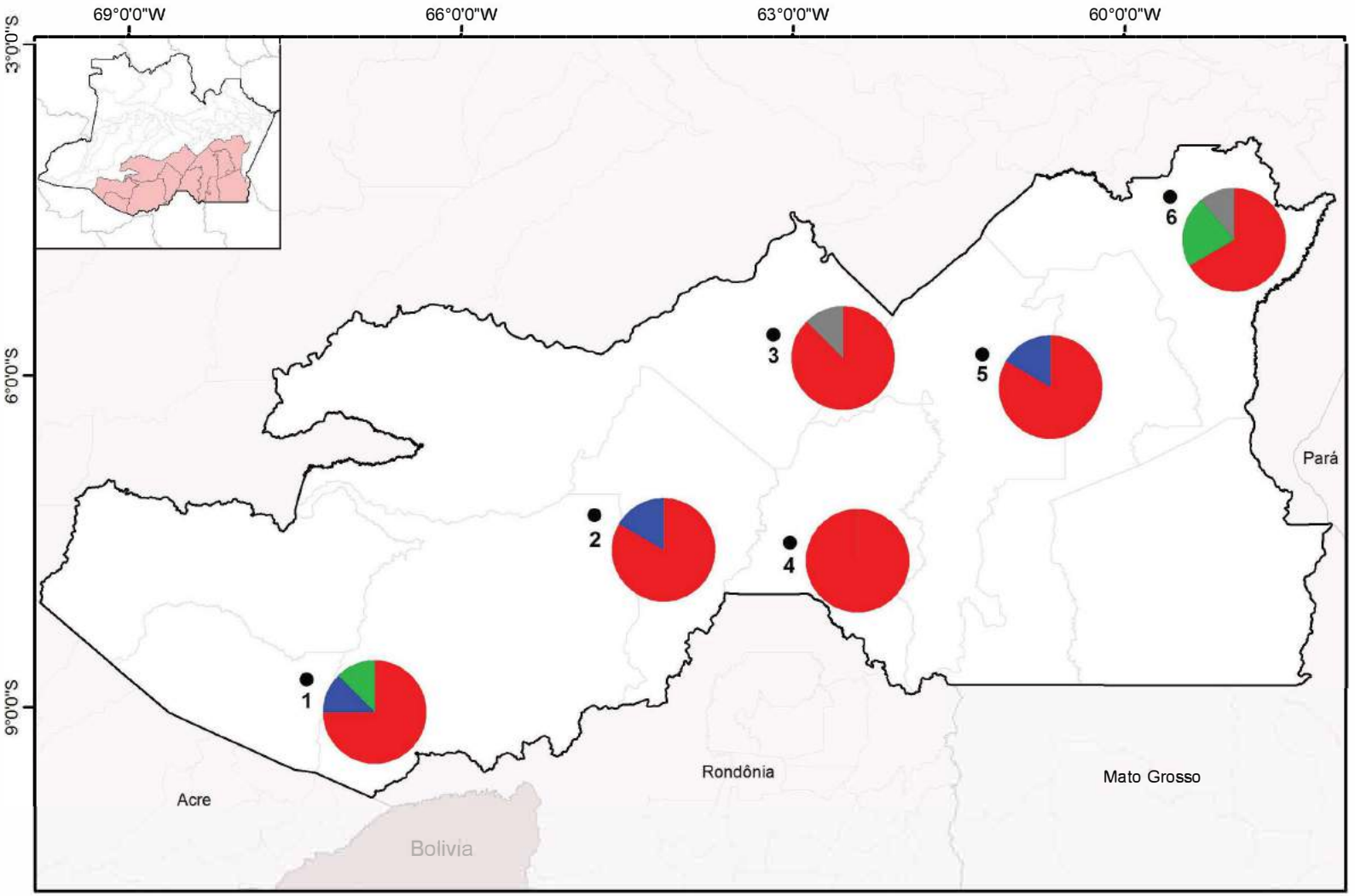


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02, HB02 e MB01 (Lábrea). MA01 (Humaitá) e HA02 (Manicoré).
2. PROBLEMA TÉCNICO: HA01 (Manicoré).
3. OUTRAS RESPOSTAS: HB01 (Tapauá): **Paçoca**; HA02 (Borba): Ah, eu... por exemplo, aqui a gente chama assim de **rapadura**.
4. MA02 (Boca do Acre): É, que... **quebra-queixo** que chama, né.
5. HA02 (Boca do Acre): **pé-de-moleque**.
6. MA01 (Lábrea): **Cocada** (...). Tem o **quebra-queixo** que é feito de açúcar.
   INQ.: Como é o quebra-queixo?
   MA01 (Lábrea): É feito que nem você tá dizendo, põe na panela e corta os pedacinhos.
   INQ.: Mas é quebra-queixo ou cocada? Ou é a mesma coisa?
   MA01 (Lábrea): É a mesma coisa.
7. HB02 (Humaitá): Aquilo é **cocada**.
8. HB02 (Manicoré): **Quebra-queixo**.
9. HA01 (Borba): Rapadura (inint.), **pé-de-moleque**, de castanha?
   INQ.: A gente pega a castanha e corta e depois joga den'do açúcar queimado, deixa endurecer e depois corta os pedaços. Vocês chamam de que aqui esse doce?
   HA01 (Borba): **Cocada**.

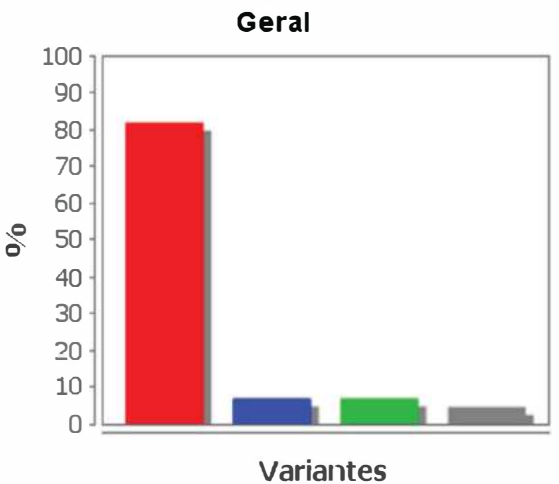
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L071 - Cocada

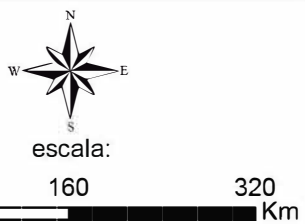



**Legenda**

- Cocada
- Quebra-queixo
- Pé-de-moleque
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L072
# BISCOITO

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-086:** Como vocês chama aquele alimento doce feito de farinha (ou amido) com água ou leite e assado em vários formatos no forno? É bom para acompanhar o chá ou café e também se compra no supermercado, vem em pacotes coloridos e podem ser ou não recheados.

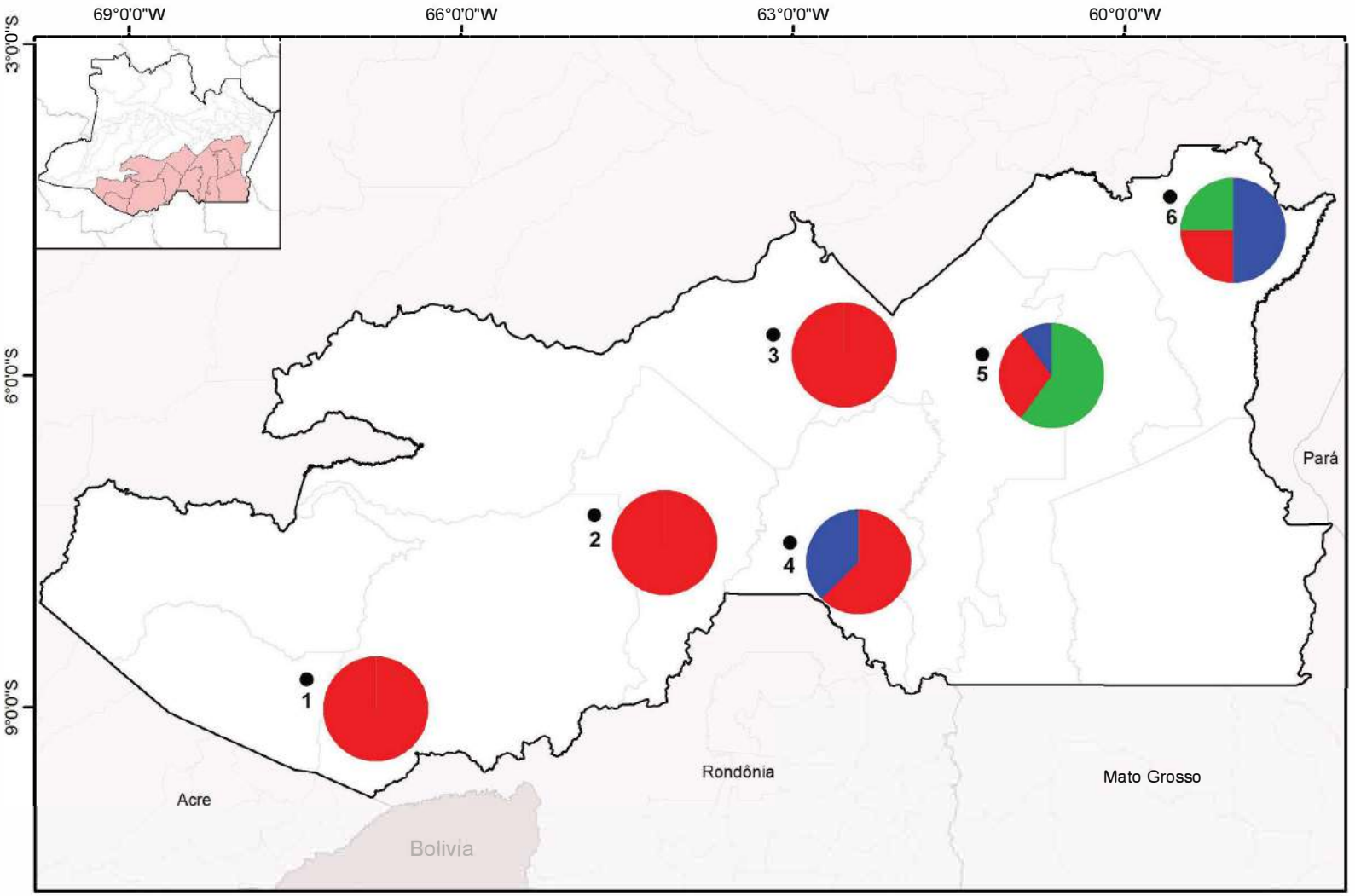



**NOTAS:**

1. HB01 (Boca do Acre): **Biscoito** de maisena, né?
2. MA02 (Lábrea): **Biscoito**? Ah tá.
3. HA01 (Tapauá): **Biscoito** é?
4. MB01 (Humaitá): **Bolacha**?
   INQ.: Bolacha é doce?
   MB01 (Humaitá): Não sei, depende da bolacha. (...) É, tem bolacha doce e bolacha salgada.
5. HA01 (Humaitá): **Bolacha doce**.
6. MB01 (Manicoré): É... **sequilho**.
   INQ.: E se for aquele comprado no supermercado que vem em pacotes que pode ser recheado ou não, vocês chamam de quê? (...)
   MB01 (Manicoré): **Biscoito**.
7. HA01 (Borba): **Bolacha doce**.
8. HA02 (Borba): (...) Hum, que a gente compra a **bolacha** nos pacotinho.
9. MB02 (Borba): É **biscoitinho**, que a gente faz até com massa de mandioca mesmo.

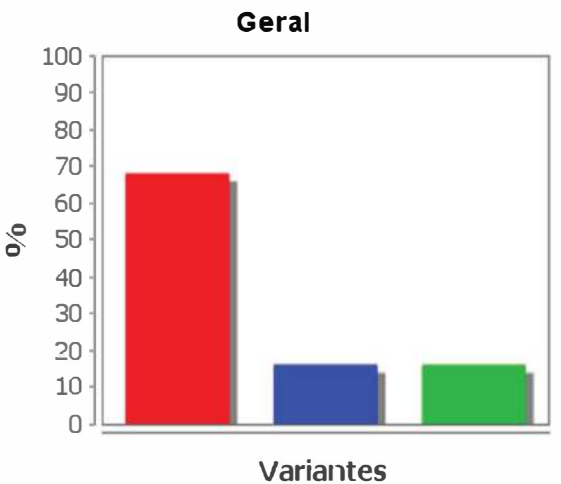
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L072 - Biscoito




**Legenda**

- Biscoitinho/ Biscoito
- Bolacha/ Bolacha doce
- Sequilho




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L075
# CARNE MOÍDA

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-090:** Como se chama aqui a carne que passa pelo moedor?

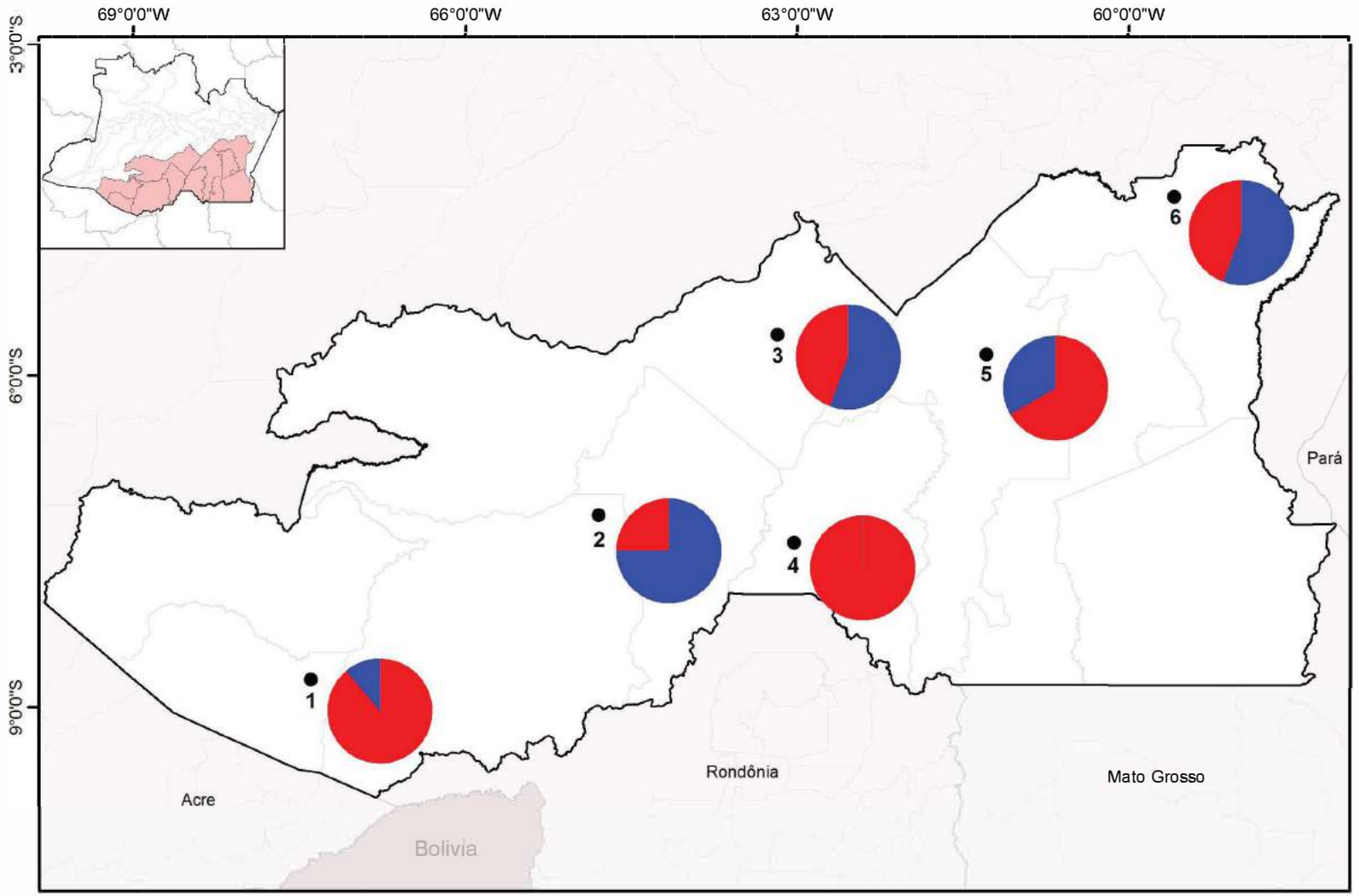


**NOTAS:**

1. MA02 (Boca do Acre): A gente chama de **carne moída** ou **picadinho**.
2. HB01 (Tapauá): **Carne moída**, **picadinho**.
   INQ.- Carne moída ou picadinho? (risos)
   HB01 (Tapauá): Picadinho (risos).
3. HA02 (Humaitá): **Carne moída**. Meu pai quando era vivo chamava de boi ralado (risos).

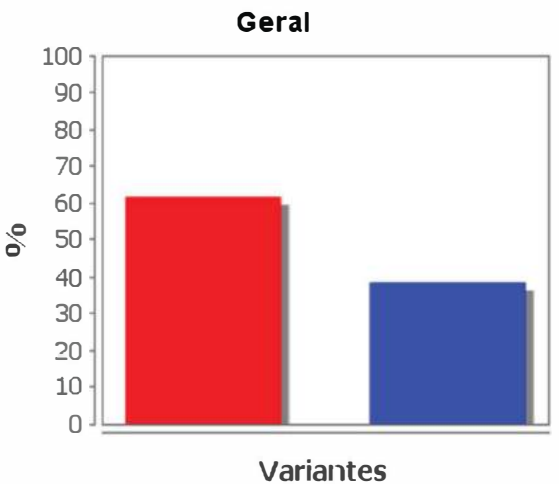
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L075 - Carne moída

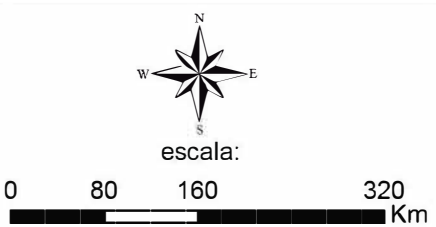



**Legenda**

- Carne moída
- Picadinho




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L076
# CALDO DE CARIDADE

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-091:** Qual o nome que se dá ao alimento feito de farinha de suruí (pó de farinha) e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes, enfraquecidas?

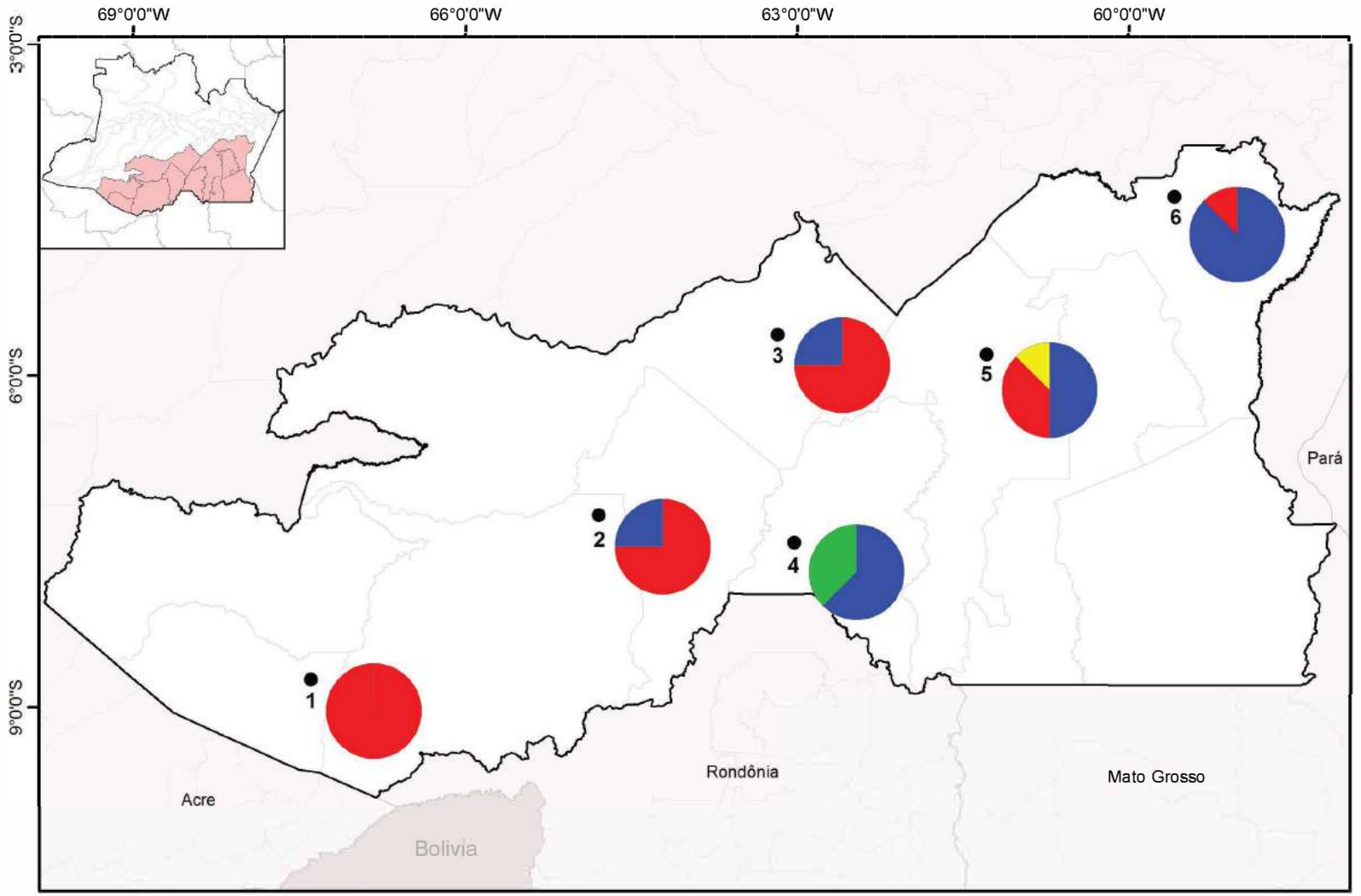


**NOTAS:**

1. MB02 (Boca do Acre): Ah, **caldo da caridade**.
2. HA02 (Lábrea): Nós aqui no Amazonas tem um negócio dum tal de **caldo de caridade**.
3. HB02 (Humaitá): Aquilo é fazer uma **caridade**.
4. MA01 (Manicoré): A gente chama **mingau da caridade**.
5. HB02 (Borba): Mingau de farinha, caridade, **mingau de caridade**.

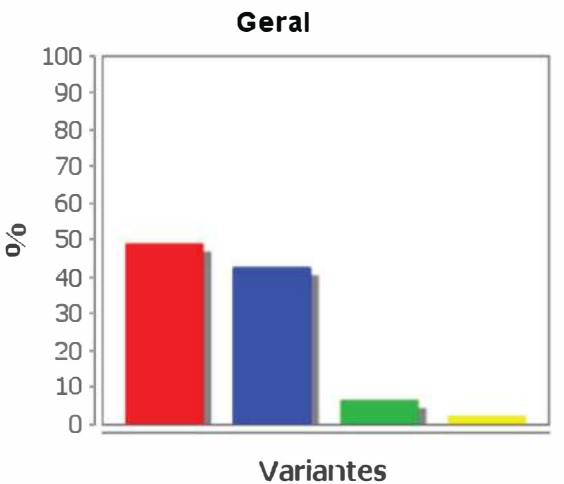
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L076 - Caldo de caridade




**Legenda**

- Caldo de(a) caridade
- Mingau de(a) caridade
- Caridade
- Mingau de farinha




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L077
# (A)MOQUEADO

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-092:** Qual o nome do tratamento que se dá ao peixe quando é assado só pelo lado de fora, quase cru no interior? Se faz muito com a matrinxã.

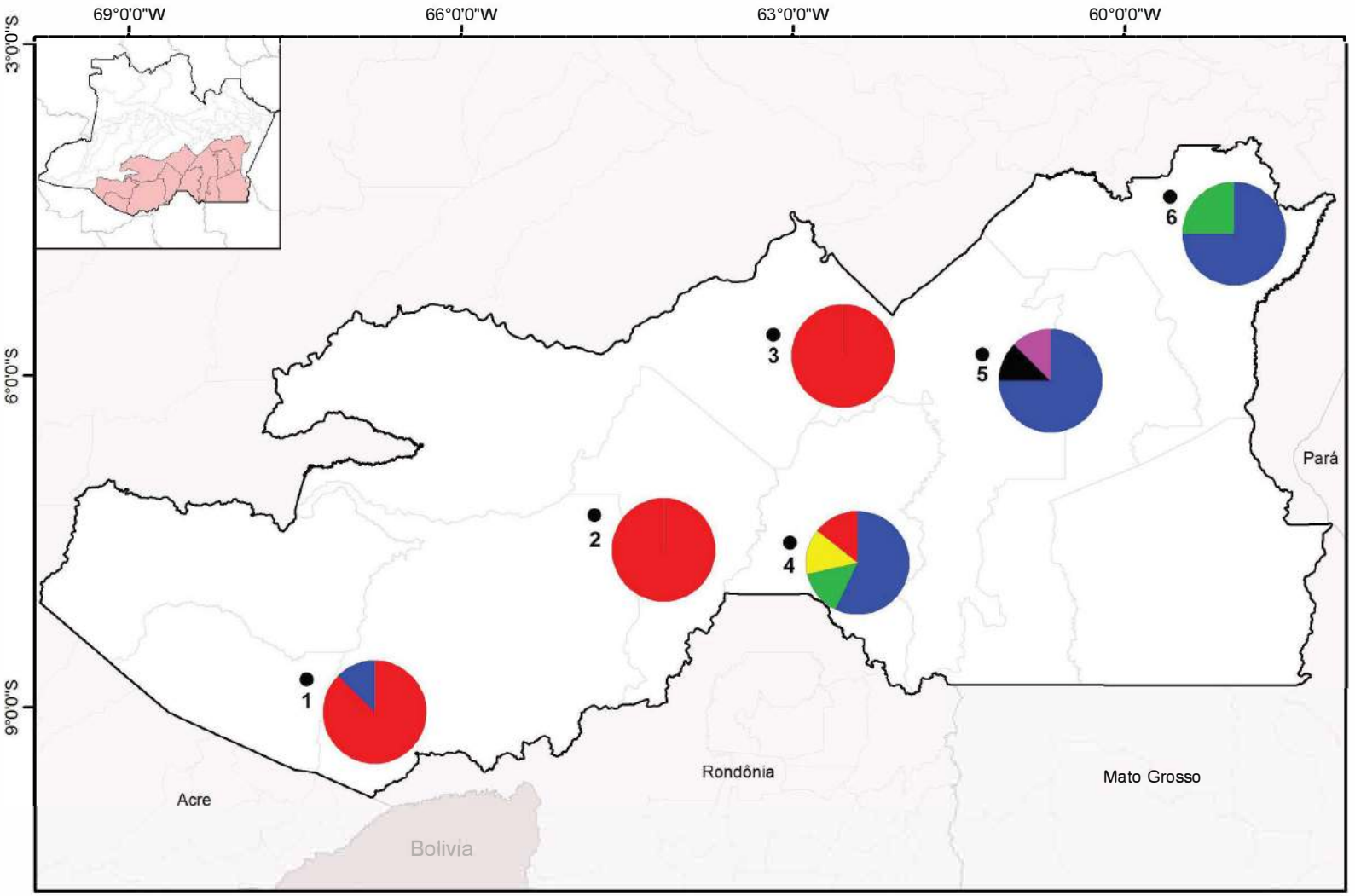



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Humaitá) e HA02, MA01, MA02 e MB02 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): Quando a gente assa ele com escama a gente chama de amoquear, peixe **amoqueado**.
3. HB02 (Tapauá): É a**moqueado**, você **amoquea**, né?
4. MB01 (Lábrea): Sapecado? Não, é... **moqueado**.
5. MB01 (Humaitá): **Mal passado**que nós fala.
6. HA02 (Humaitá): **Peixe com escama**.
7. HA01 (Manicoré): **Mal assado**?
8. MB02 (Manicoré): **Sabrecado**.
9. HB01 (Borba): É **assado** de brasa.
10. HB02 (Borba): Noventa por cento é **assado**.

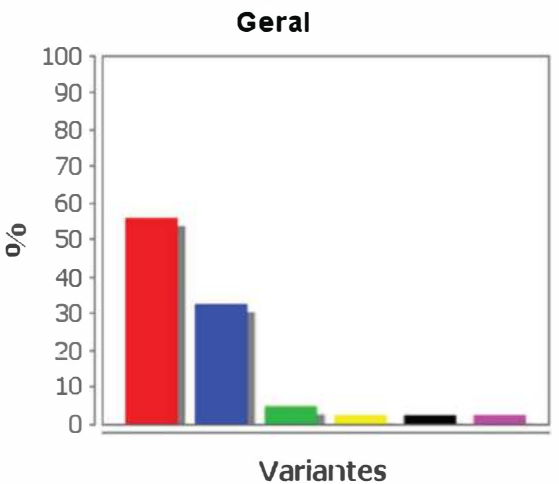
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L077 - (A)Moqueado

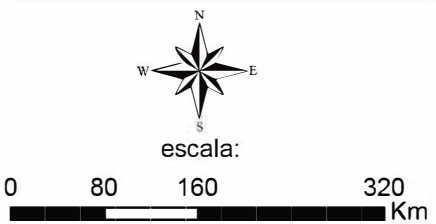



**Legenda**

- (A)Moqueado
- Assado
- Mal passado
- Peixe com escama
- Sabrecado
- Mal assado




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L078
# PEIXE SECO

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-093:** Qual o nome que se dá ao peixe salgado e seco ao sol?

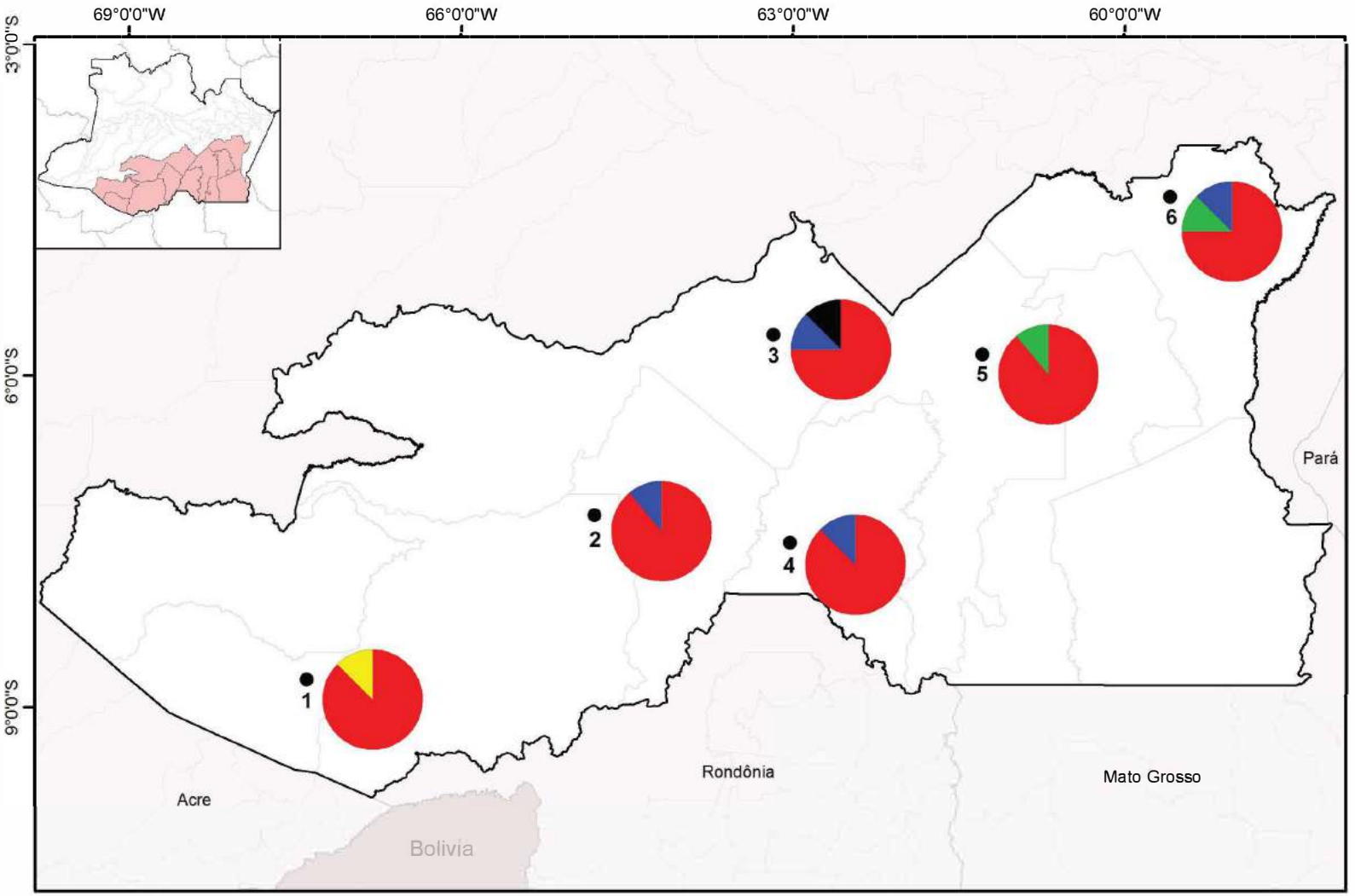


**NOTAS:**

1. HB01 (Boca do Acre): Salgado, aqui a gente escala, né, escala ele, aqui nós chama de escalar, a gente escala e coloca no sol. (...) É **peixe escalado** que chama, pra secar.
2. HB02 (Lábrea): **Peixe seco** e **peixe salgado**, né?
3. MB01 (Tapauá): **Peixe de sol**.
4. MA01 (Tapauá): É seco, **peixe seco**.
5. HA02 (Humaitá): A gente chama de **peixe seco**.
6. MA01 (Manicoré): Ah, o **peixe salmorado**e o **peixe seco**, mesmo.
7. HB01 (Borba): Samurado. **Peixe samurado**.
8. MB02 (Borba): Salgado e seco? Mas é **seco**.

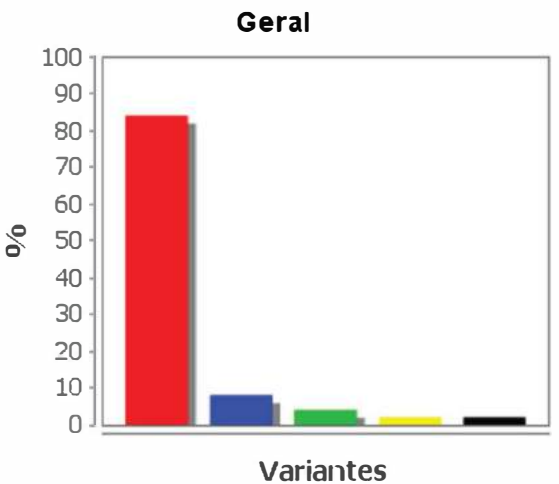
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L078 - Peixe seco

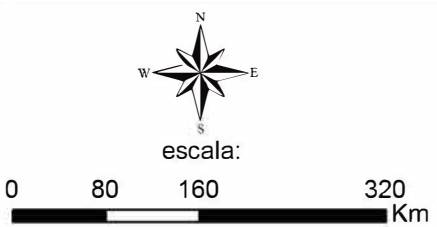



**Legenda**

- Peixe seco
- Peixe salgado
- Peixe salmorado/ Samurado
- Peixe escalado
- Peixe de sol



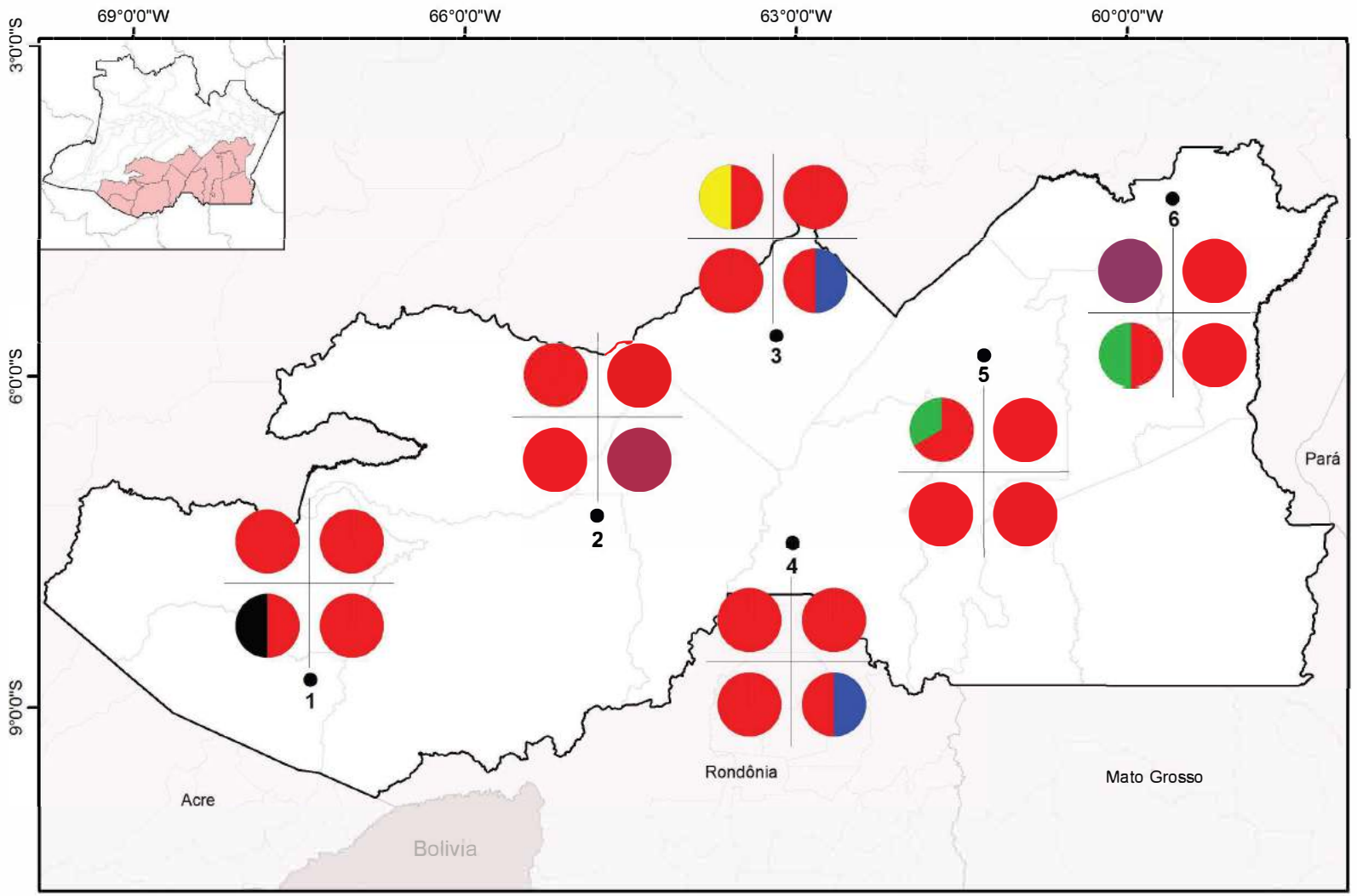

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L078a - Peixe seco - Distribuição por sexo e idade



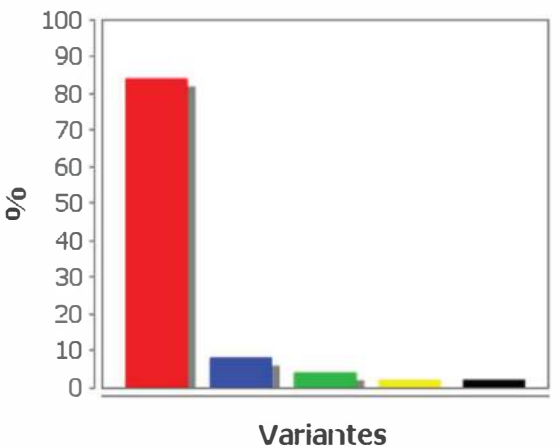

**Legenda**

- Peixe seco
- Peixe salgado
- Peixe salmorado/ Samurado
- Peixe de sol
- Peixe escalado

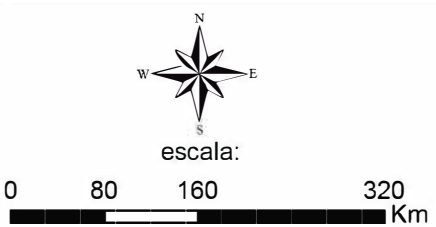
① ② ③ ④

1: Feminino - 20 a 35 anos
2: Feminino - 50 a 65 anos
3: Masculino - 20 a 35 anos
4: Masculino - 50 a 65 anos

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L079
# PIRÃO

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-094:** Qual a alimentação que é feita com a farinha d´água? É boa para se comer com caldeirada?

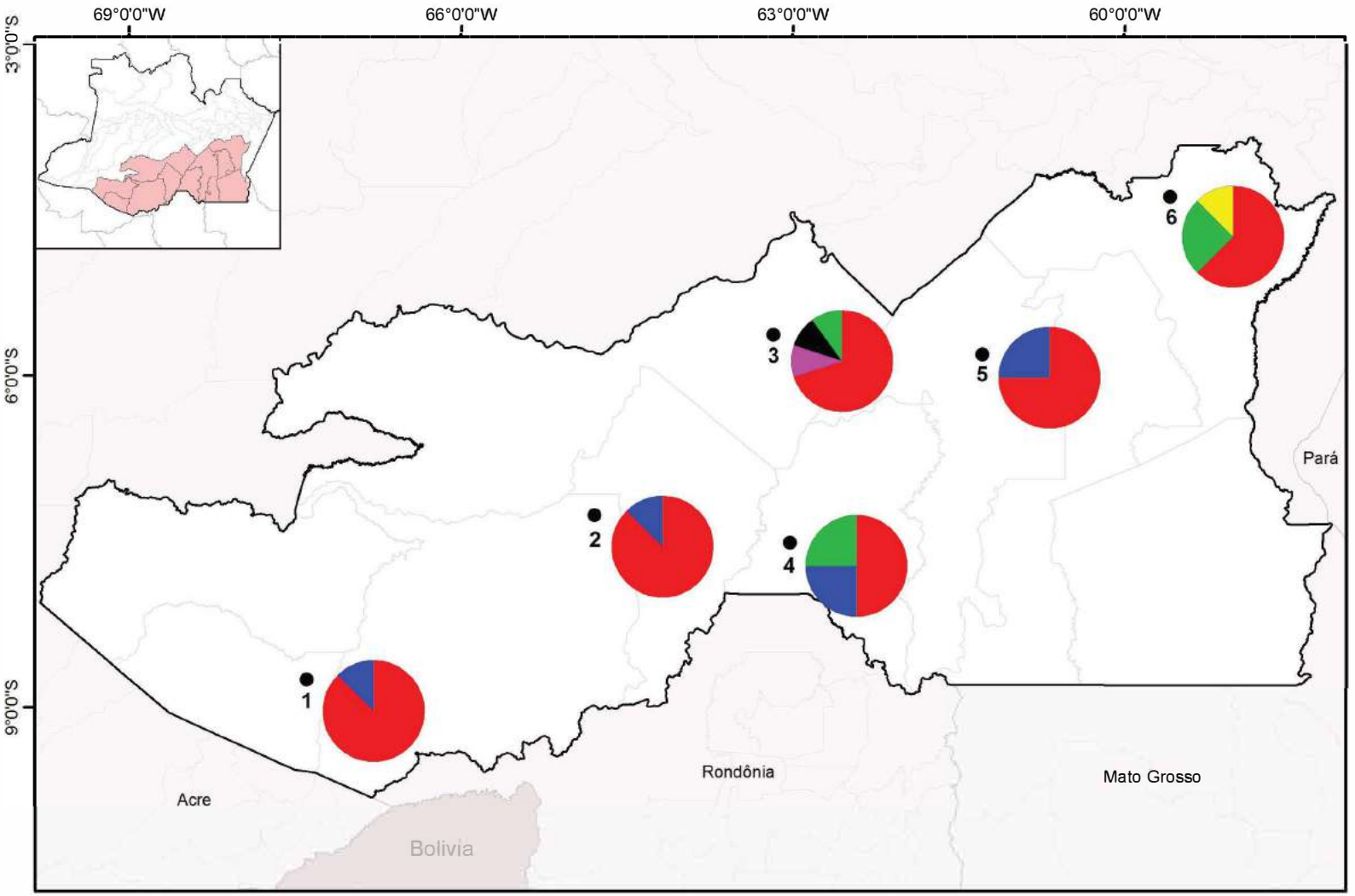


**NOTAS:**

1. MA02 (Boca do Acre): **Pirão escaldado**, né.
2. MB02 (Lábrea): Faço o **pirão**.
3. HA01 (Tapauá): Eu sei é a que faz a **jacuba**, né? Que nem tu tá falando é a jacuba, molha a farinha?
   INQ.: Com caldo...
   HA01 (Tapauá): Pois é, a bicha faz o **pirão**.
   INQ.: É pirão ou jacuba?
   HA01 (Tapauá): É pirão, agora que eu entendi, é o pirão, porque tu molha com caldo, né?
   INQ.: Jacuba é com água, não é?
   HA01 (Tapauá): É com água, aí a pessoa joga água e a bicha tufa (risos).
4. MA01 (Tapauá): **Chibé** (...). É, aí fica aquele chibezão dentro do prato, tem gente que gosta, né?Com a caldeirada de peixe, né. É a **farinha escaldada**, que fica só aquele **pirão**, né?
5. MA01 (Manicoré): A gente chama **pirão**.
6. HB01 (Borba): **Angu.**

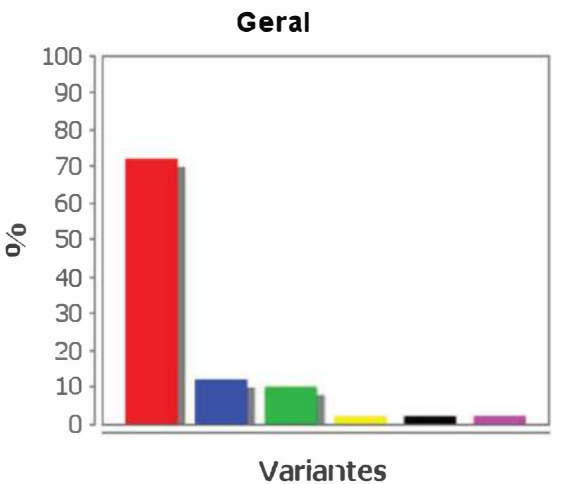
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L079 - Pirão

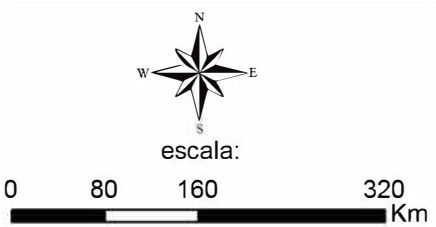



**Legenda**

- Pirão
- Pirão escaldado
- Chibé
- Angu
- Jacuba
- Farinha escaldada



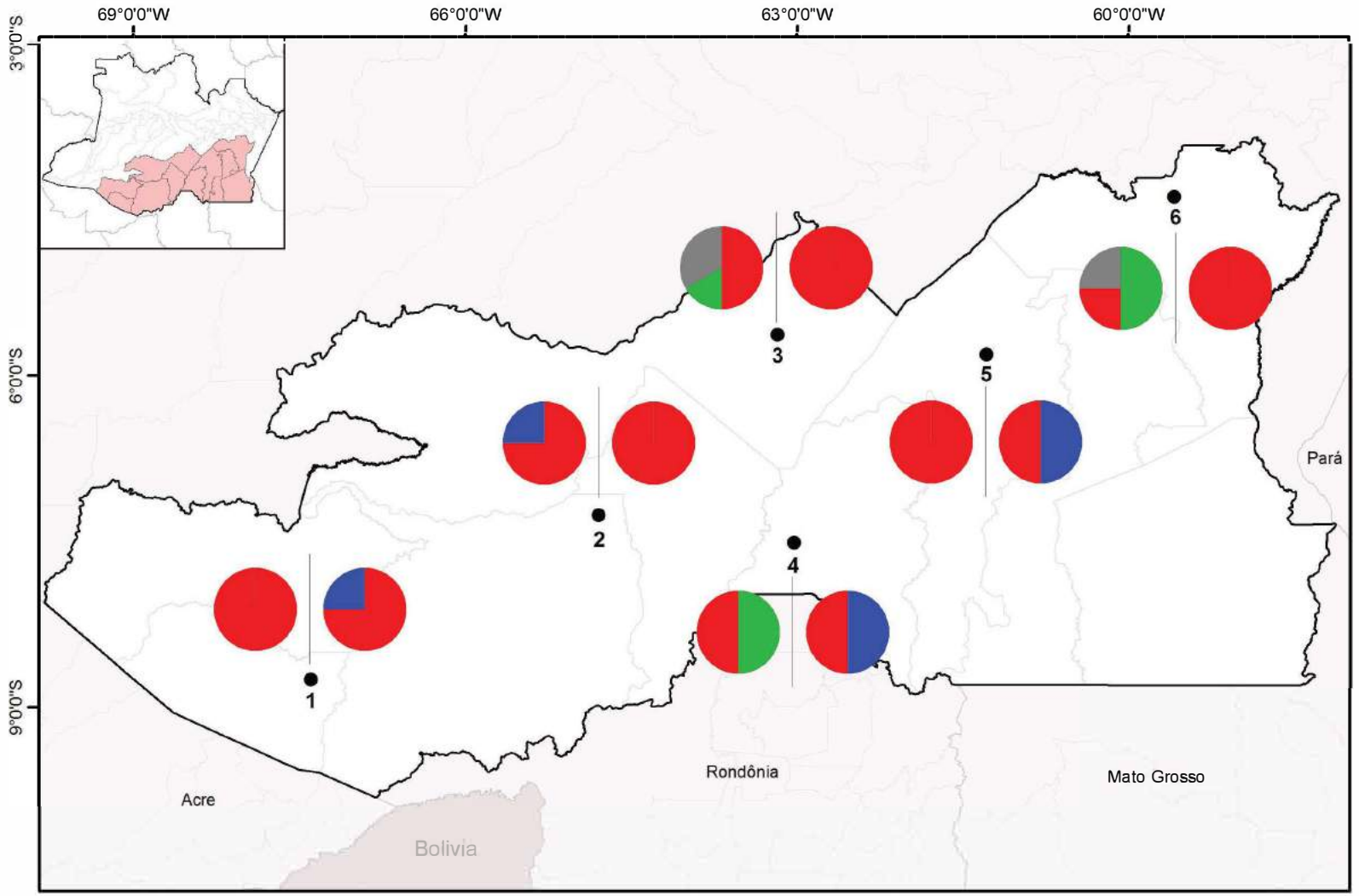

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L079a - Pirão - Distribuição por idade

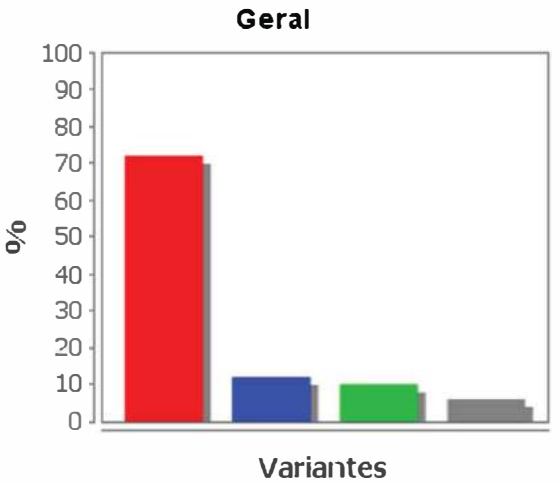



**Legenda**

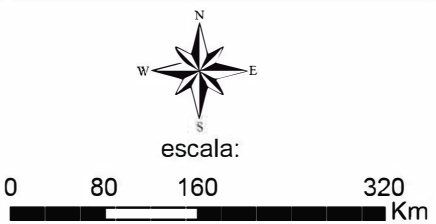
- Pirão
- Pirão escaldado
- Chibé
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L080
# BOMBOM

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-096:** Como se chama aqui a guloseima que vem enrolada em papel colorido e que chupamos (mostrar)?

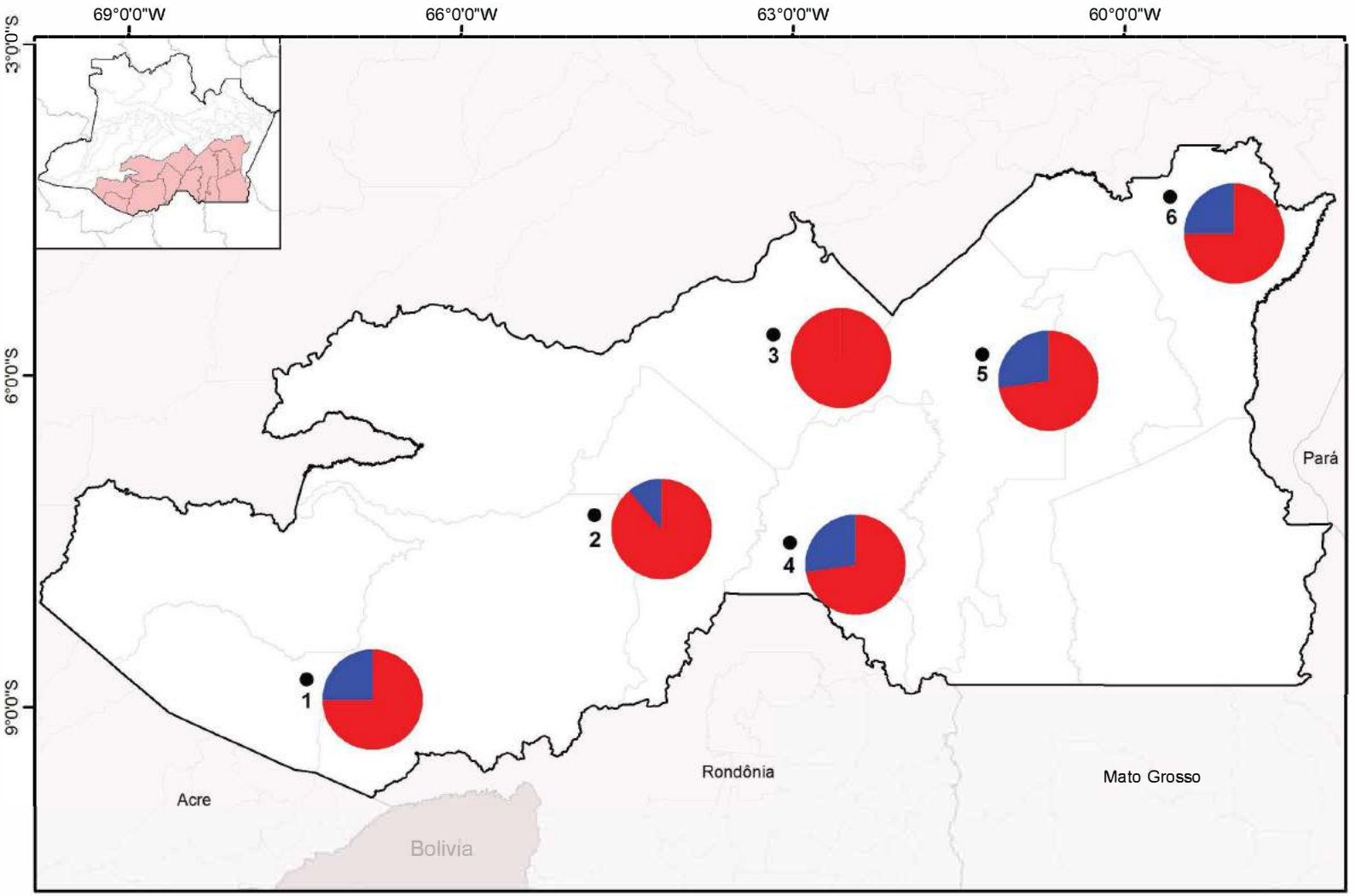



**NOTAS:**

1. HA01 (Lábrea):**Bala**, **bombons**.
   INQ.: Bala e bombom é a mesma coisa?
   HA01 (Lábrea): É, tudo é a mesma coisa.
2. HB02 (Humaitá): Ah, **bala**. **Bombom**, bombom (risos). Bala é lá pro sul.
3. HA02 (Humaitá): INF.- Ah, **bala** de hortelã, bala doce, **bombom**.
   INQ.: Chama de bala ou de bombom?
   HA02 (Humaitá): Bala, bombom, dependendo da pessoa, né? Chega pessoa e fala "me dá um real de bombom, ou então me dá um real de **balinha**", tanto faz. (...) Eu chamo bala ou bombom também.
4. HB01 (Manicoré): **Bala**, tem o, como que é... tem o ploc também.
   INQ.: Ploc, o que é isso?
   HB01 (Manicoré): É um bombomzinho que tu abre assim (inint.) Ele é rosa a casquinha dele, aí tu puxa assim. Vende ali no centro juvenil.
   INQ.: É uma marca?
   HB01 (Manicoré): Uhum, que é feito assim, um bombom de cupuaçu, castanha.
   INQ.: O que é a bala?
   HB01 (Manicoré): A bala é essas que tu compra no supermercado, de hortelã, uva, essas.
5. MB02 (Manicoré): Ah, **balinha**? Pessoal chamam de **bombom**, eu costumo chamar de balinha.

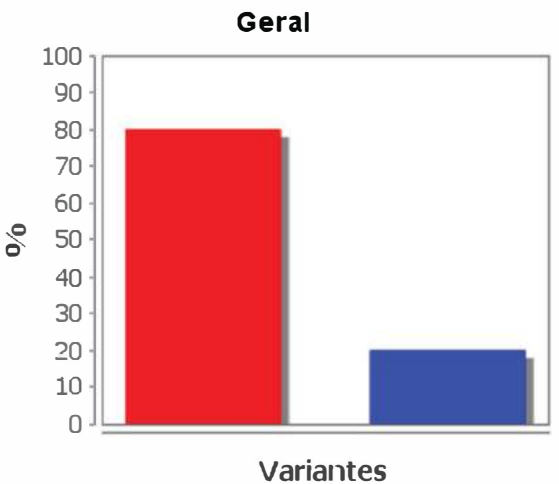
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L080 - Bombom

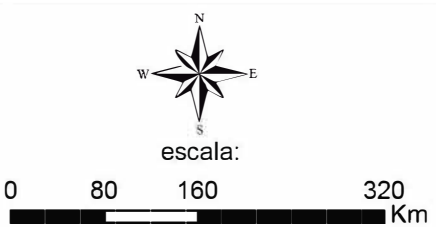



**Legenda**

- Bombom/ Bombonzinho
- Bala/ Balinha




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L081
# DINDIM

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-097:** Que nome vocês dão aqui àquele tipo de sorvete que é feito de suco congelado em sacos?

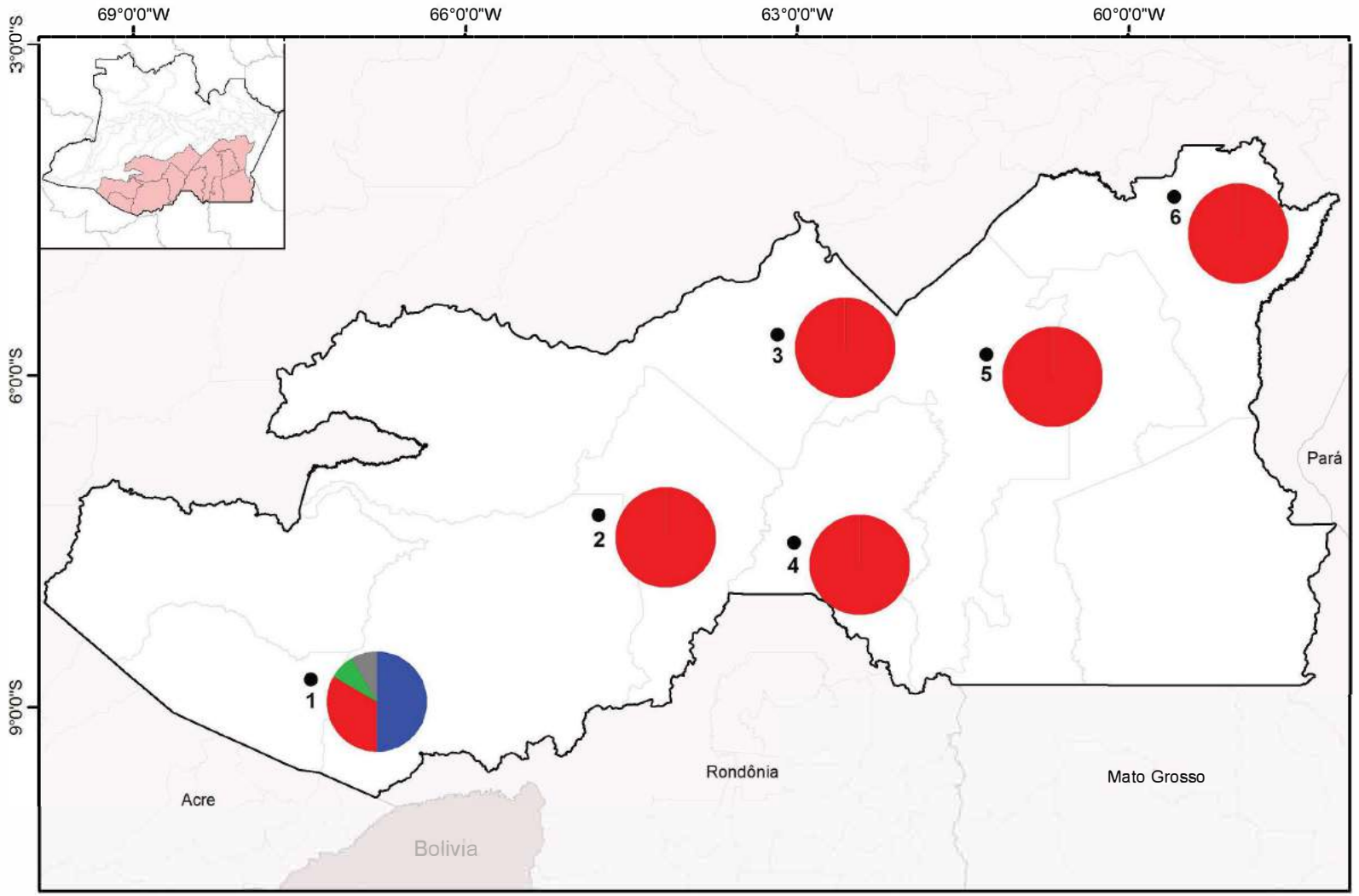


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HB01 (Lábrea).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HA01 (Boca do Acre): Iogurte.
   INQ.- Aquele que coloca o suco dentro do saquinho e congela?
   HA01 (Boca do Acre): É.
3. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **dindim**, de **refresco**.
4. MA02 (Boca do Acre): Chamo de **refresco**, chamo de **dindim**, **geladinho**.

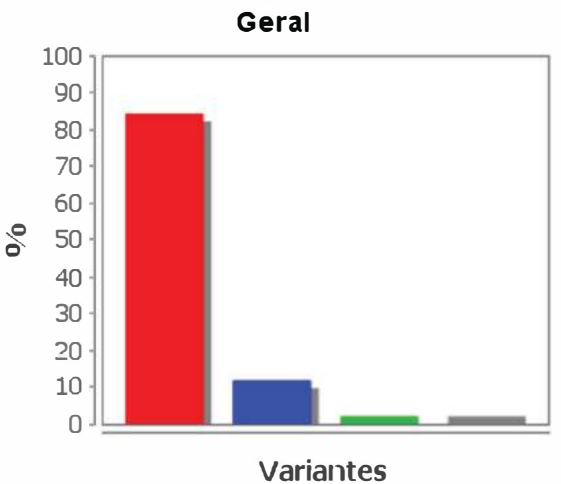
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L081 - Dindim

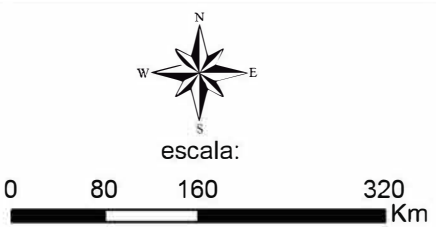



**Legenda**

- Dindim
- Refresco
- Geladinho
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L082
# CACHAÇA

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-098:** Quais os nomes que vocês dão aqui para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?

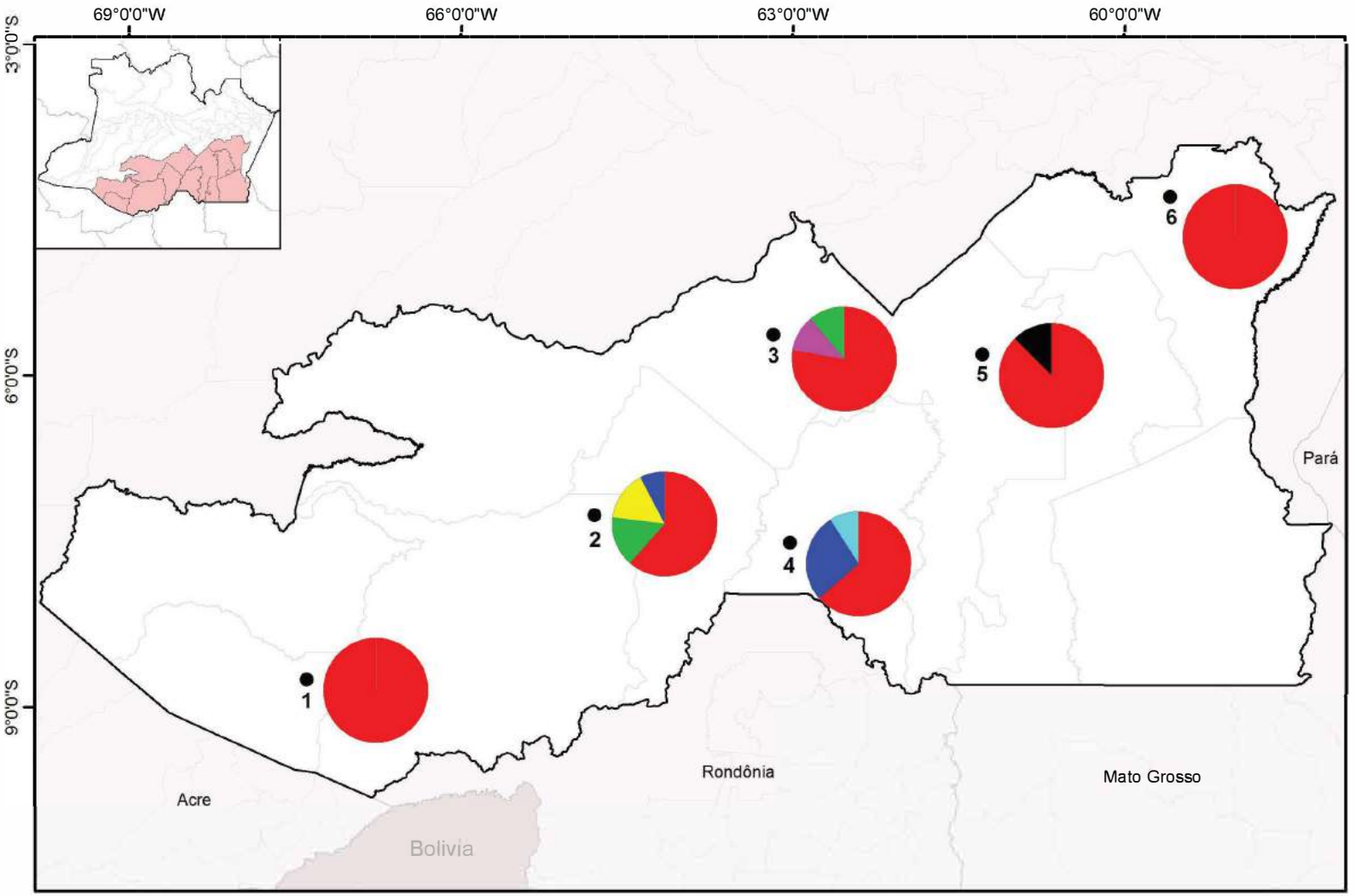



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MB01 (Tapauá), MB01 (Manicoré).
2. HA01 (Boca do Acre): **Cachaça**, bebida forte.
3. MA01 (Lábrea): Tem, **cachaça**, tem a **sessenta e um** que o pessoal fala, **cinquenta e um**...
4. MA01 (Tapauá): **Cinquenta e um**.
   INQ.: Cinquenta e um é uma marca de quê?
   MA01 (Tapauá): Não sei, a caninha sessenta e um é a **cachaça**, né?
   (...).
   INQ.: Cinquenta e um e sessenta e um são marcas, as duas são a mesma coisa, o que elas são?
   MA01 (Tapauá): (inint.) é **cana** (...).
5. HB02 (Humaitá): Ah, **pinga**, **cachaça** é... **goró**.
6. HB02 (Manicoré): (...) **cachaça**, **aguardente**.
7. MB01 (Borba): Ah, **cachaça**.

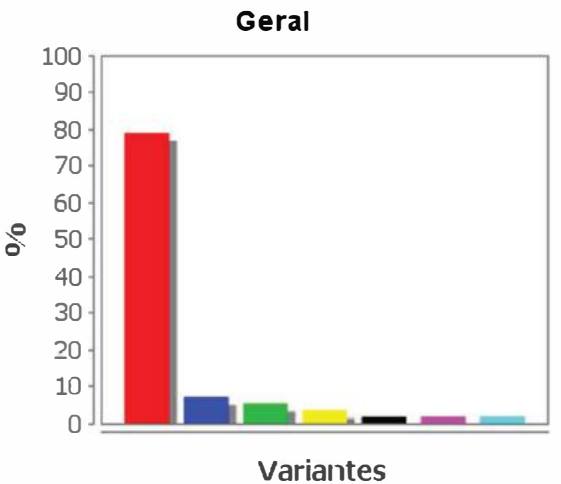
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L082 - Cachaça

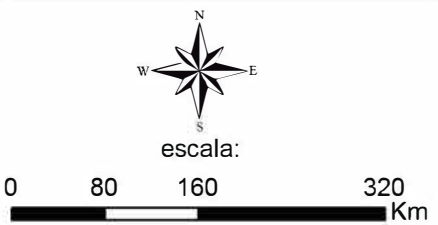



**Legenda**

- Cachaça
- Pinga
- Cinquenta e um
- Sessenta e um
- Água-ardente
- Cana
- Goró




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L083
# GORGULHO

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QSL-099:** Como se chama o bichinho que dá no feijão e no milho com o tempo?

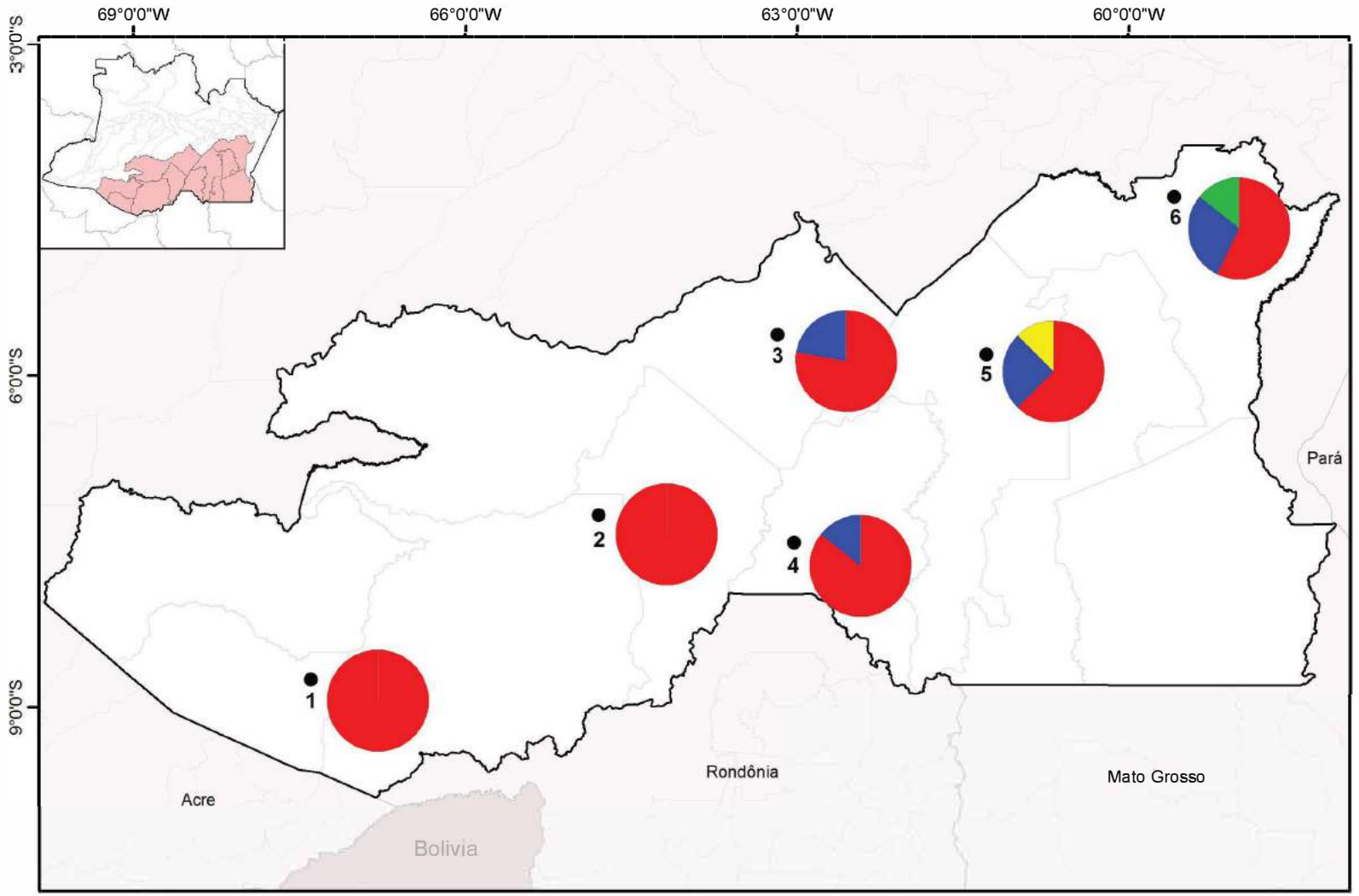



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HB01 (Humaitá). HA01 (Manicoré) e HB01 (Borba).
2. MA02 (Lábrea): **Gorgui**.
3. HB02 (Tapauá): (inint.) **broca**, não é broca, não, é outro nome. É o... **gorgulho**...
4. MB02 (Tapauá): É a **broca**. A gente chama broca, né.
5. MB01 (Manicoré): **Fungos**.
6. MB01 (Borba): (...) **Gogo**. Aqui a gente fala que tá cheio de gogo né, aquele bichinhos preto, né? É... “Cheio de gogo”, mamãe diz... Ela nunca me disse o nome daquilo não, por isso tô falando que é gogo.

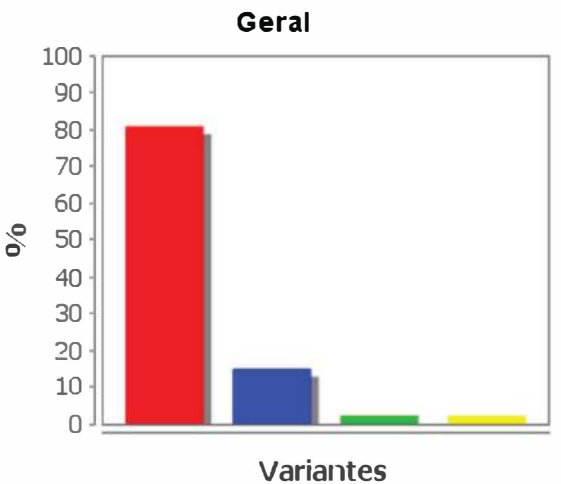
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L083 - Gorgulho

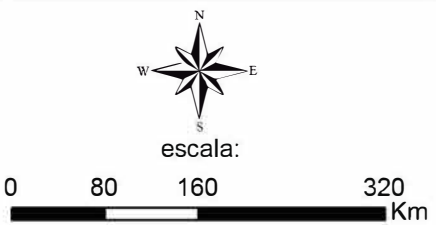



**Legenda**

- Gorgulho
- Broca
- Gogo
- Fungos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L084
# GRELHA

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QFF-025:** Qual o nome daquela grade pequena de metal ou de ferro, que se coloca em cima do fogão para assar carne, peixe, etc?

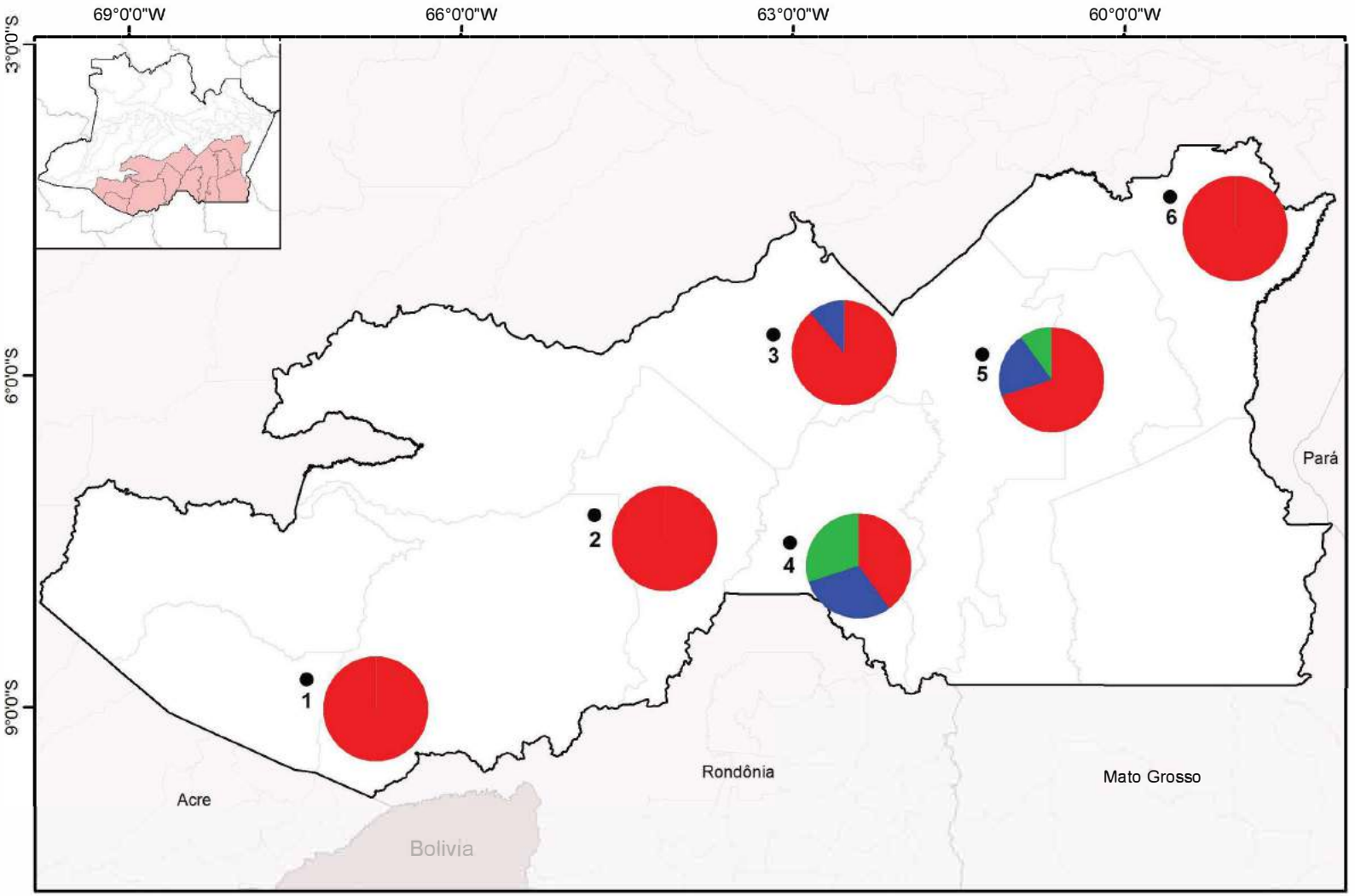


**NOTAS:**

1. HA02 (Lábrea): A **grea**.
2. HB02 (Tapauá): **Trempe**, **grelha**, né? É grelha, né?
3. MB01 (Humaitá): É **grade**, **trempe**... trempe que fala.
4. HA02 (Borba): **Grelha**.

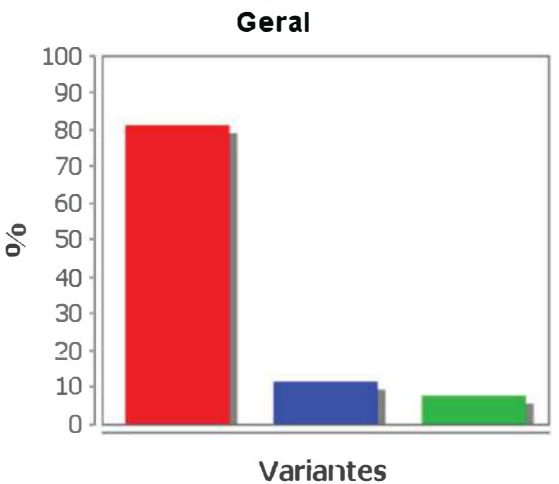
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L084 - Grelha

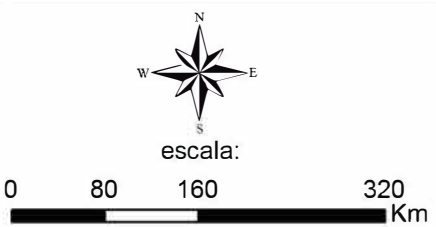



**Legenda**

- Grelha
- Trempe
- Grade



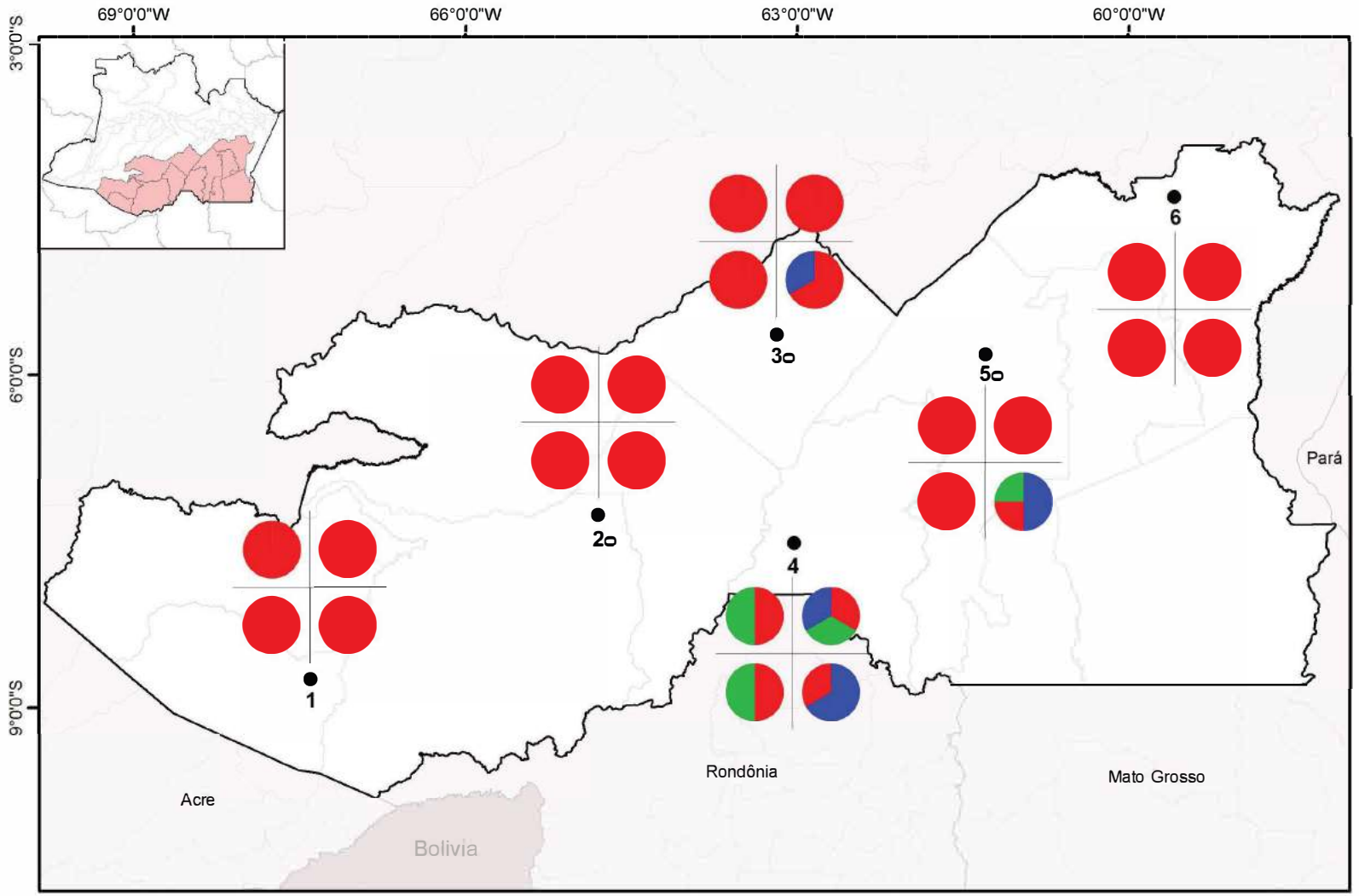

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L084a - Grelha - Distribuição por sexo e escolaridade




**Legenda**

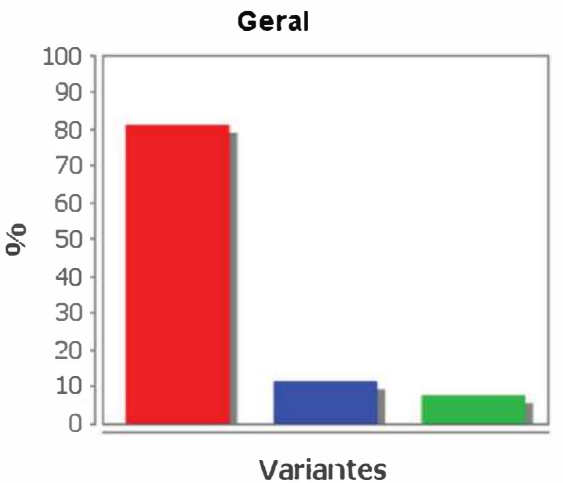
Grelha

Trempe

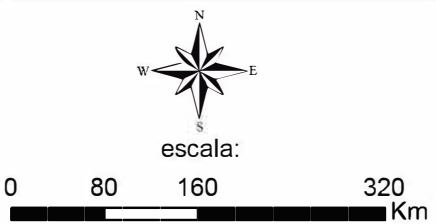
Grade

① ② ③ ④

**1: Feminino - 4 a 7 anos**
**2: Feminino - 10 a 13 anos**
**3: Masculino - 4 a 7 anos**
**4: Masculino - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L085
# COADOR

**Meio Antrópico: Alimentação e Cozinha - QFF-040:** Como se chama ao saco para coar o café?

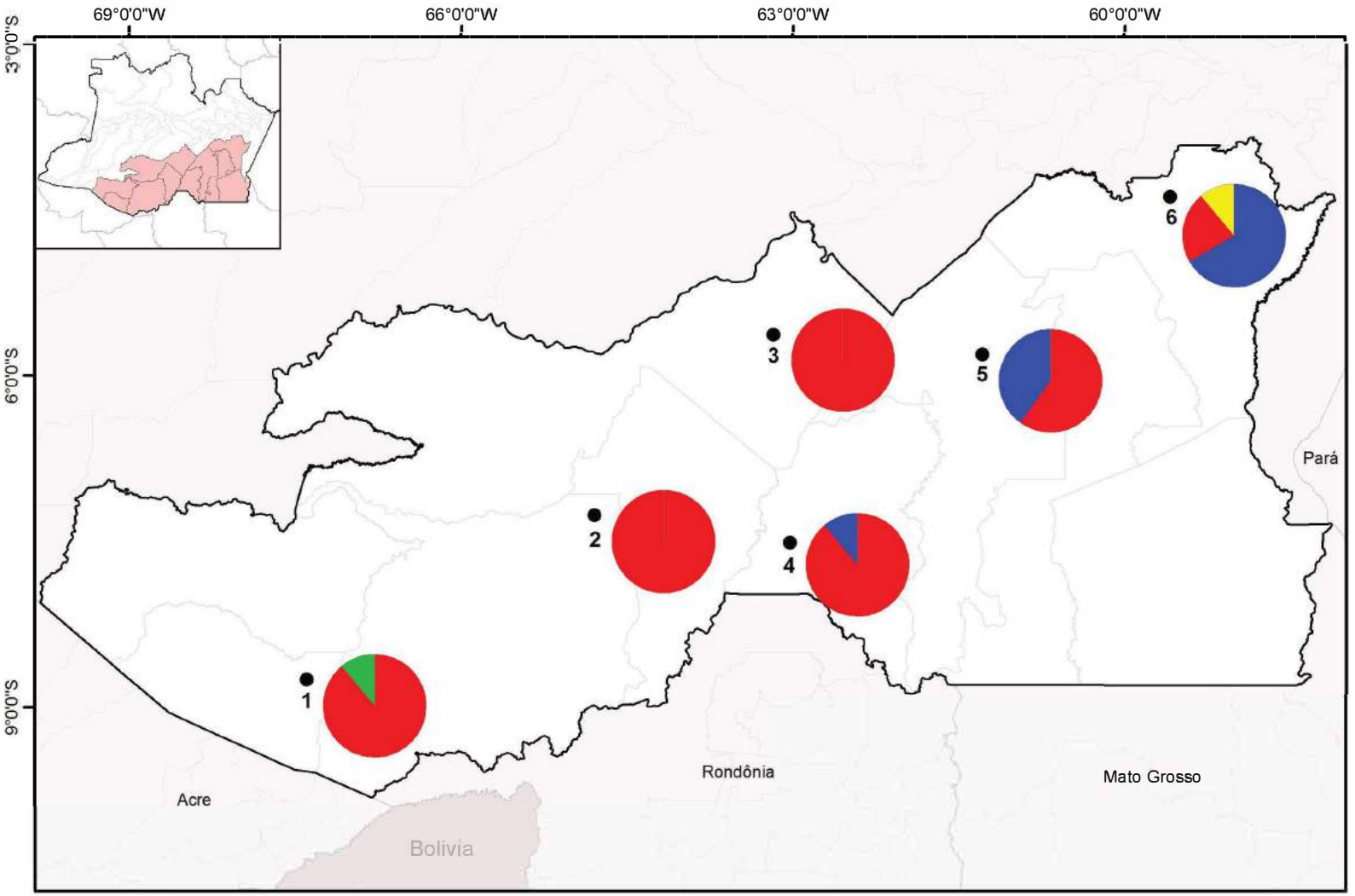


**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): É, **saco** de coar café. Tipo, dois pauzinho assim, aquele **coador** ou saco de coar café.
2. HA01 (Humaitá): **Passador**.
   INQ.: Não tem outro nome pra ele?
   HA01 (Humaitá): **Coador**.
3. MB01 (Manicoré): **Passador**.
   INQ.: Eu posso chamar o passador também de?
   MB01 (Manicoré): **Coador**de café.
4. HB02 (Borba): **Passado**r.
   INQ.: Você chamar o passador também de...?
   HB02 (Borba): **Pano** pra café...
   INQ.: Ou?
   HB02 (Borba): **Coador**.

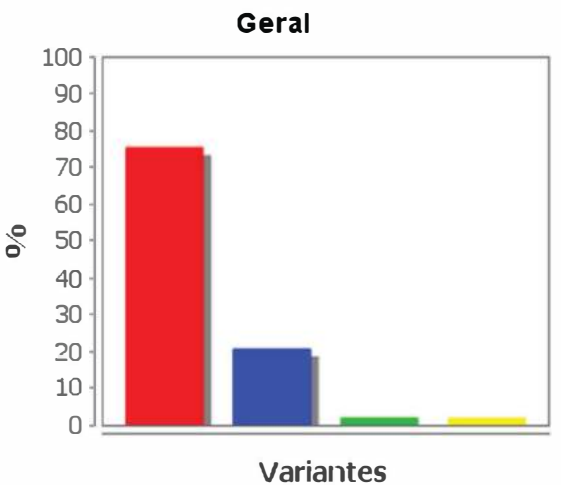
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L085 - Coador

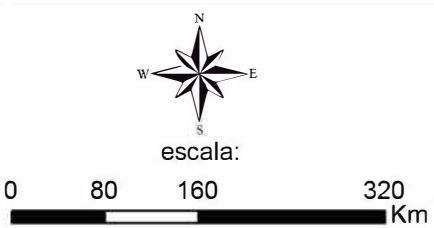



**Legenda**

- Coador
- Passador
- Saco
- Pano



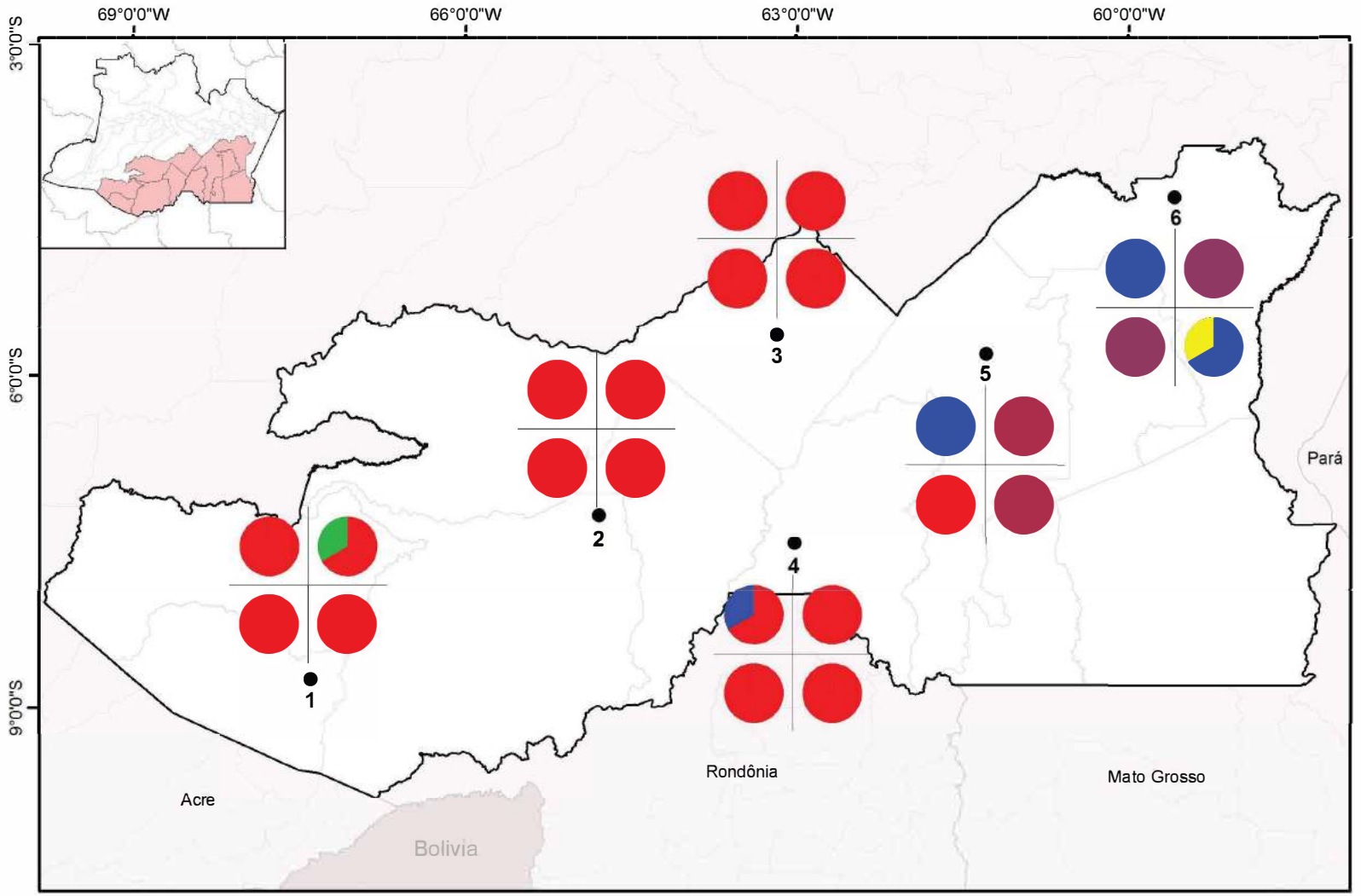

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L085a - Coador - Distribuição por idade e escolaridade

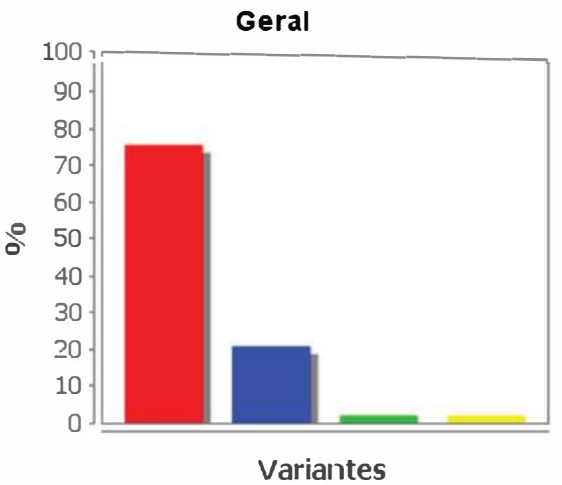



**Legenda**

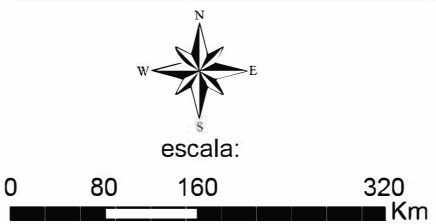
- Coador
- Passador
- Saco
- Pano

① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L087
# REMÉDIOS CASEIROS PARA DOR DE ESTÔMAGO

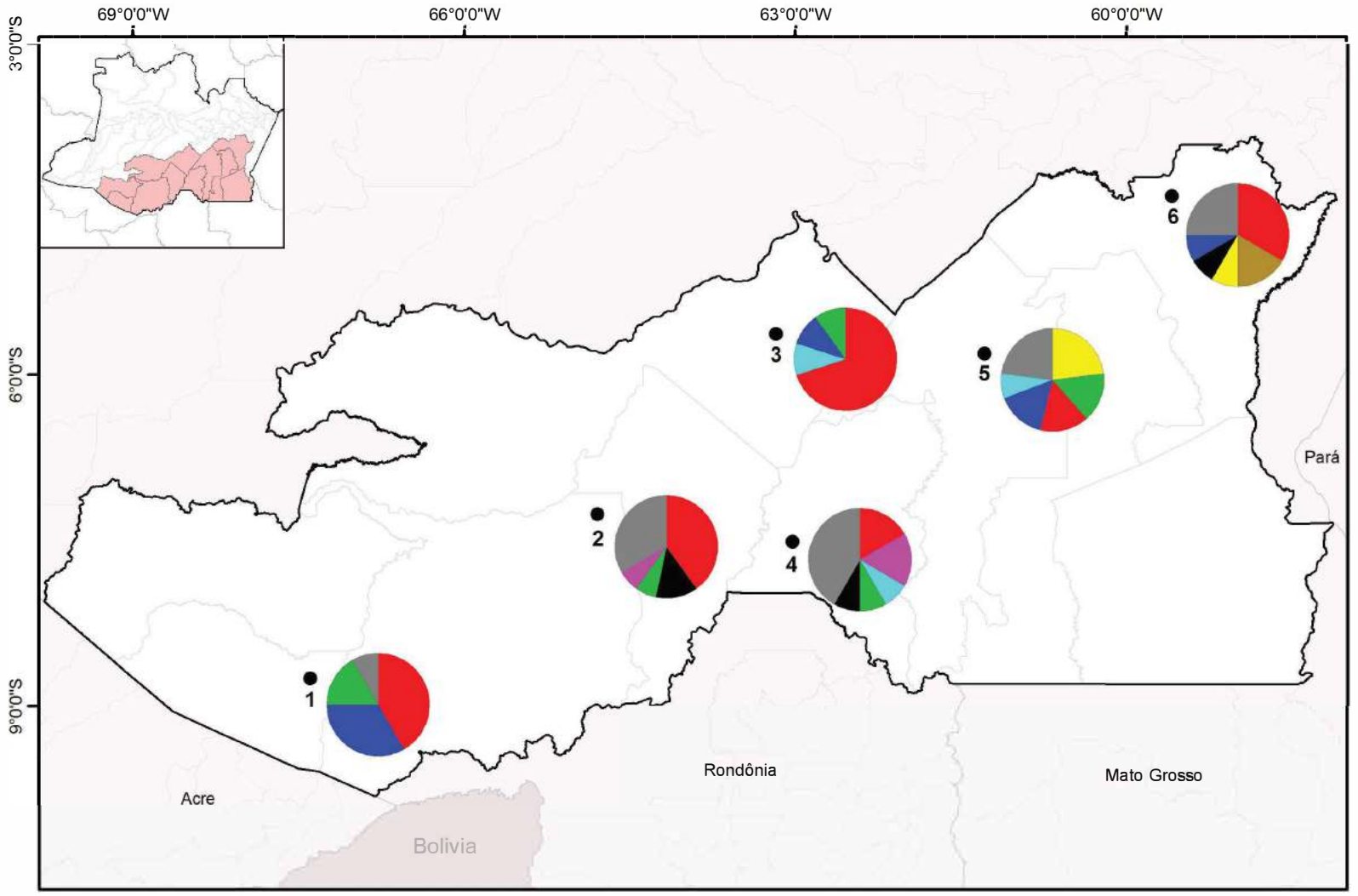
**Meio Antrópico: Saúde e medicina caseira - QSL-103:** E que remédio caseiro é bom para aliviar dor de estômago?

**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as formas para remédios caseiros bons para aliviar dor de estômago citadas na pergunta. Assim, nesta carta, a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes. Na legenda, cada cor representa uma forma diferente.
2. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA02 (Tapauá) e HB01 (Humaitá).
3. OUTRAS RESPOSTAS: Ma02 (Boca do Acre): Tem a **carqueja**, tem o boldo, Boldo-brasileiro, Boldo-do-Chile; MA01 (Lábrea): Toma chá caseiro. (...) Casca de laranja, **casca de paracanaúba**, **castanheira**; MA02 (Lábrea): (...) a gente toma chá da casca da laranja, o **chá da marcela**, tudo é bom pra dor no estômago; MB01 (Humaitá): **Chá de alho com arruda**. Pra dor no estômago, prisão de ventre; MB02 (Humaitá): Um **chá de alfazema**, um chá de cidreira, tem uma plantinha aí muito boa é... hortelanzinho; HA02 (Humaitá): (...) tem o **chá da casca do alho** também; MA02 (Humaitá): Parigore, **camomila**; MA01 (Manicoré): A gente faz **chá de jambu**, de sal/ de salva, casca de laranja; MB02 (Manicoré): Aqui a gente costuma fazer **chá da casca da laranja com boldo**, **jambu**;
4. HA02 (Borba): Ah, cê sempre faz assim, né. Chá da casca da laranja. **Chá seco**.
5. HB02 (Boca do Acre): Tem vários chá, né? **De boldo**, **chá de hortelã**.
6. HA01 (Lábrea): **Chá de capim santo**.
7. MA01 (Tapauá): **Chá da bolda**, **chá da casca da laranja,** deixa eu ver, acho que é só isso aí mesmo, chá do **parigore**, uma pranta**,** **hartelão**, uma arvorezinha assim que a gente faz pra bebê também (...).
8. HB02 (Humaitá): Um chá de alfazema, um **chá de cidreira**, tem uma plantinha aí muito boa é... **hortelanzinho.**
9. MB01 (Manicoré): **Salva-de-marajó** (...) **hortelanzinho**.
10. MA01 (Borba): Bom, a gente faz muito **chá de puxuri**.
11. MB02 (Borba): Faz o chá, a **casca da laranja**, o **capim-santo** também que chama de **capim cheiroso**, né, também é bom.

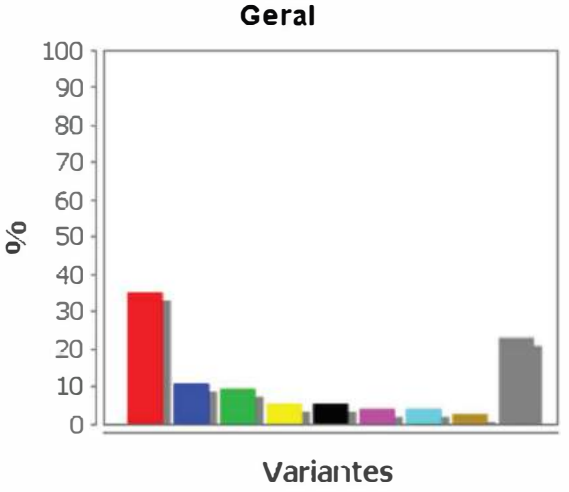
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L087 – Remédios caseiros para dor de estômago

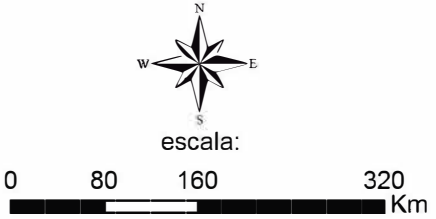



**Legenda**

- Chá de casca de laranja
- Boldo/ Chá de boldo
- Chá de hortelã/ Hortelanzinho/ Hortelã
- Chá de salva/ Salva-de-marajó
- Chá de capim-cheiroso/ Chá de capim-santo
- Chá de cidreira
- Chá de parigório/ Parigore
- Chá de puxuri
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L088
# REMÉDIOS CASEIROS PARA ANEMIA

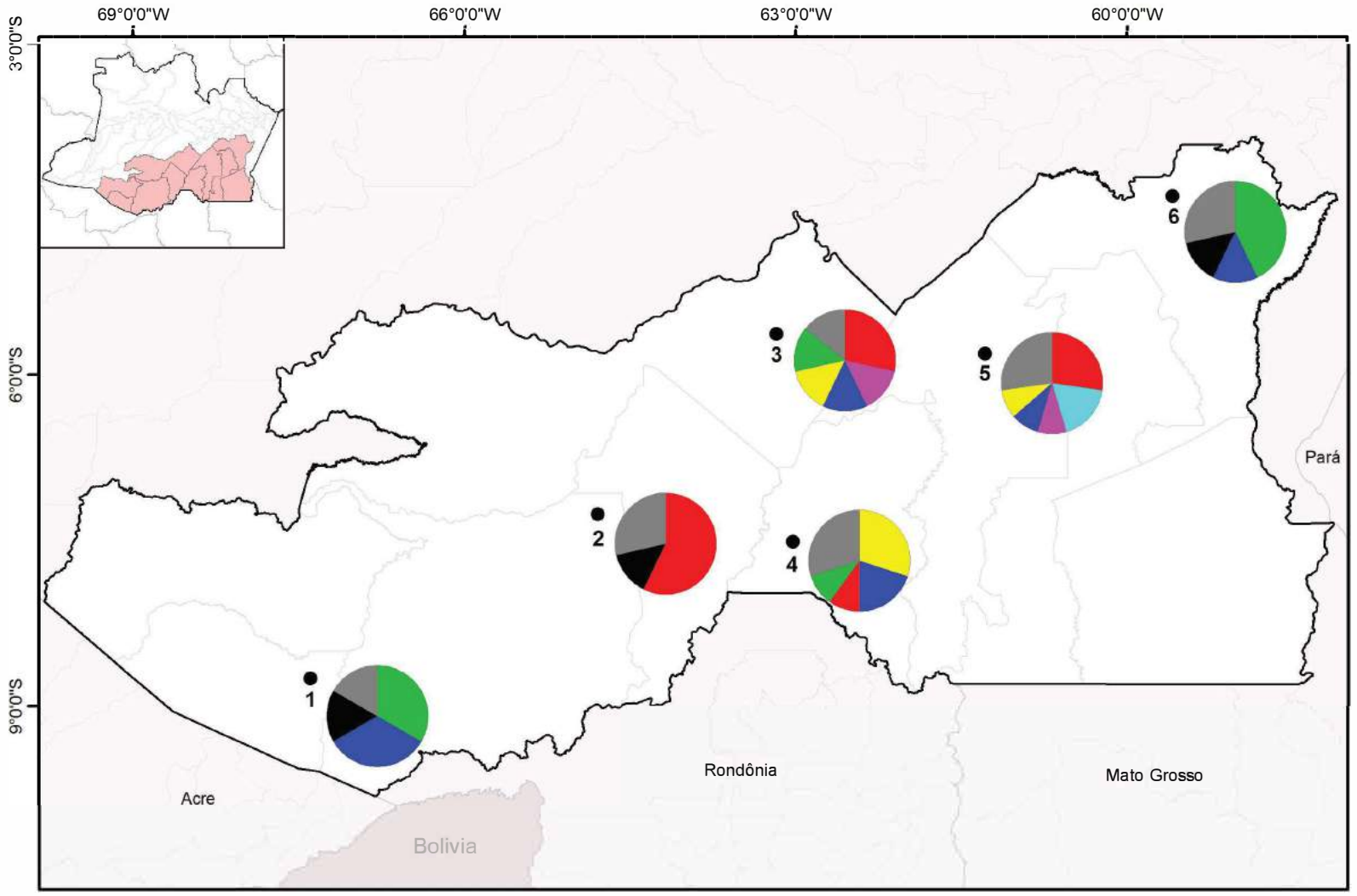
**Meio Antrópico: Saúde e medicina caseira - QSL-104:** E anemia, como se cura de forma caseira?

**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as formas para remédios caseiros bons para curar anemia citadas na pergunta. Assim, nesta carta, a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes. Na legenda, cada cor representa uma forma diferente.
2. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01, HA01 e HA02 (Boca do Acre). HA01 e HB01 (Lábrea). HB01, MB01 e MA02 (Tapauá). HB01 (Humaitá). HA01 (Manicoré) e HA01 e HA02 (Borba).
3. OUTRAS RESPOSTAS: MB02 (Boca do Acre): Pra anemia tem o chá da folha do abacate, tem da carambola, **suco da carambola**, tem da **mutamba**, uma frutinha bem, deixa eu ver... tem vários... Ah... o jenipapo; HA02 (Lábrea): Tem que comer muita **carne vermelha**; HB02 (Lábrea): Couve, né? **Couve batido com beterraba**; HA02 (Tapauá): Pra anemia tem, eu (inint.) pra anemia é a **polpa**, que nós chama, é uma folha; MA01 (Humaitá): O **feijão**, o **fígado** e só, que eu sei; MB02 (Humaitá): (...) **repolho** é bom pra anemia; MB01 (Manicoré): **Caroço de abacate** (...) também faz o chá; HB02 (Manicoré): **Saracura**. (...) Raspa e bate e faz o líquido, tipo cerveja, e toma; MB02 (Manicoré): Pra anemia pessoal tomo o **açaí**, suco, né. O vinho do açaí diz que é muito bom pra anemia; MB01 (Borba): Quando eu tava grávida e fiquei com anemia, mamãe me dava muito **vitaminada de beterraba com banana**. Aquela coisa gostosa! (...). MB02 (Borba): Caseiro a gente faz chá da folha do abacate caída no chão e com a... a coisa... ai meu Deus, qual é o nome... **jucá**.
4. HB01 (Boca do Acre): Caseiro é **suco de beterraba com jenipapo**.
5. MA02 (Boca do Acre): Caseiro é bom o suco, o **xarope do jenipapo** que a gente faz, né?
6. MA01 (Lábrea): **Chá da folha do abacate** pra anemia, da **raiz do açaizeiro**.
7. MA02 (Lábrea): A **raiz do açaí**.(...) É do lado que o sol senta. Você pode tirar ela, aí você bate e põe dentro d'água de molho, só de molho, não ferve, que ela fica escura, aí você bebe, é uma beleza pra anemia.
8. MA01 (Tapauá): Pra anemia? Tem, o **sumo do jenipapo**, a **raiz do açaí com cipó tuíra**.
   MA01 (Manicoré): A gente faz de **raiz de açaizero** e **casca de crajiruzeiro**, faz o chá pra beber.
9. MB02 (Humaitá): Pra anemia tem **chá da fruta do jenipapo**, o **suco da beterraba**, né, repolho é bom pra anemia.

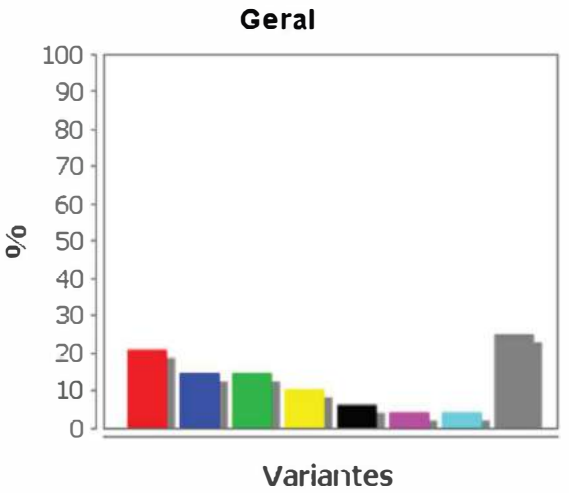
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L088 – Remédios caseiros para anemia

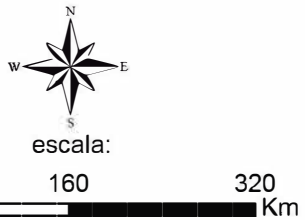



### Legenda

- Chá da raiz do açaí/ Raiz do açaizeiro
- Jenipapo/ Suco de jenipapo/ Xarope de jenipapo
- Suco de beterraba com jenipapo
- Beterraba/ Suco de beterraba
- Chá de folha de abacate
- Raiz do açaizeiro com cipó tuíra
- Casca de crajiruzeiro/ Crajiru
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L089
# XAROPE

**Meio Antrópico: Saúde e medicina caseira - QSL-105:** Como chama aquele remédio usado para curar gripe e tosse forte em criança, feito com mel e até com açúcar queimado?

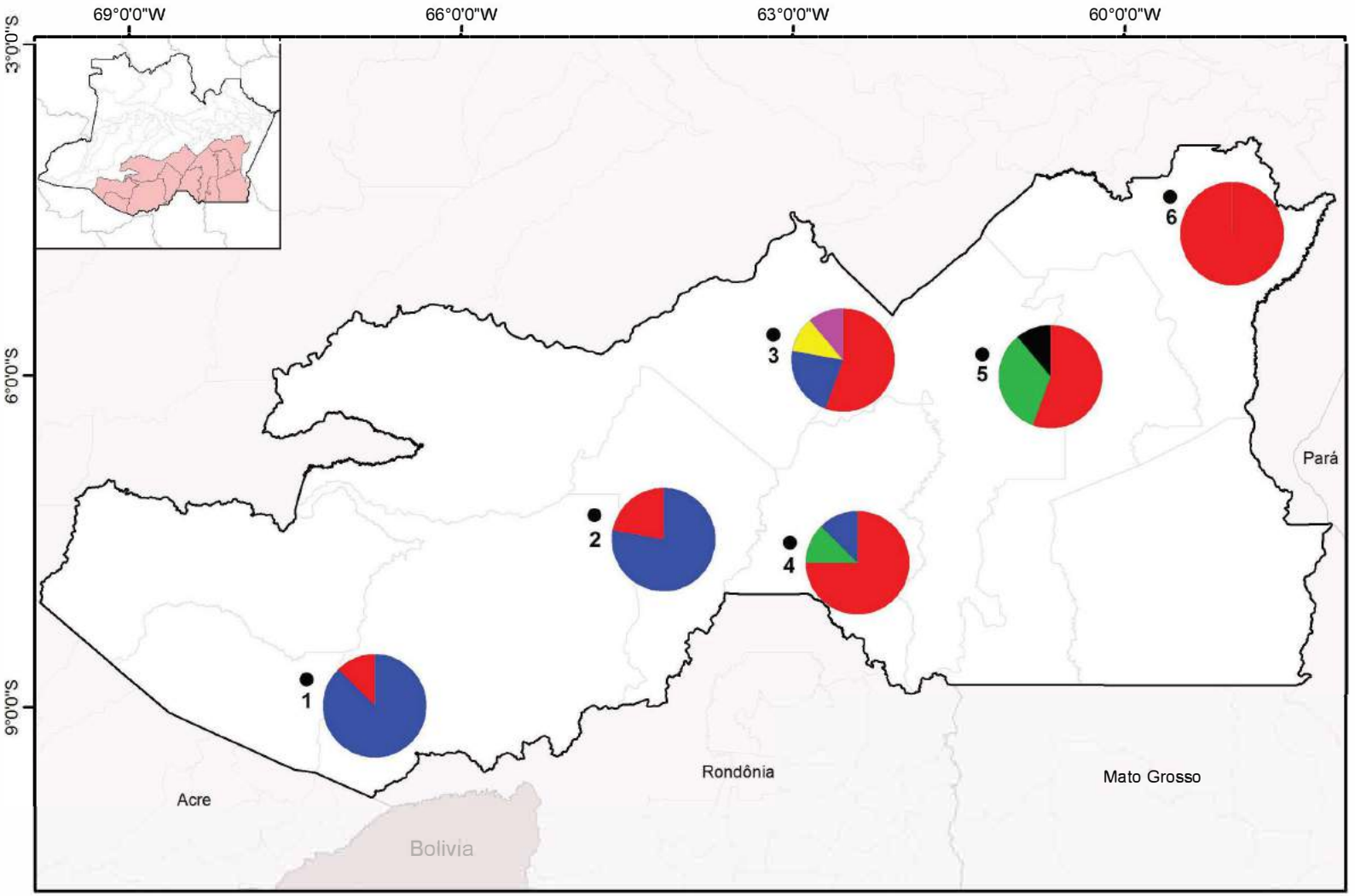
**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02, MA01 e MB02 (Borba).
2. MB02 (Boca do Acre): Ah, tu tá dizendo o nome daquela mistura... **Lambedor**.
3. HB01 (Lábrea): É o **lambedor**.
4. HB01 (Tapauá): Eu chamo de **lambe-lambe**.
5. MA01 (Tapauá): **Xarope**.
   INQ.: Feito com mel e até açúcar queimado, que fazemos em casa. (...) Não tem um nome? " Ah, vou fazer aqui um...?"
   MA01 (Tapauá): **Açúcar queimado**, um chá, é a água do açúcar queimado, queima e coloca água dentro, né? A água do açúcar queimado, fica tipo assim, um remédio né, preto.
6. HB02 (Humaitá): **Melad**o, né?
7. HA01 (Manicoré): (...) outros chamam de **melado**.
   INQ.: Melado?
   HA01 (Manicoré): **Puxa-puxa**.
8. HB02 (Manicoré): **Meladinho**.
9. MB01 (Borba): A gente chama de **xarope**, xarope caseiro

.

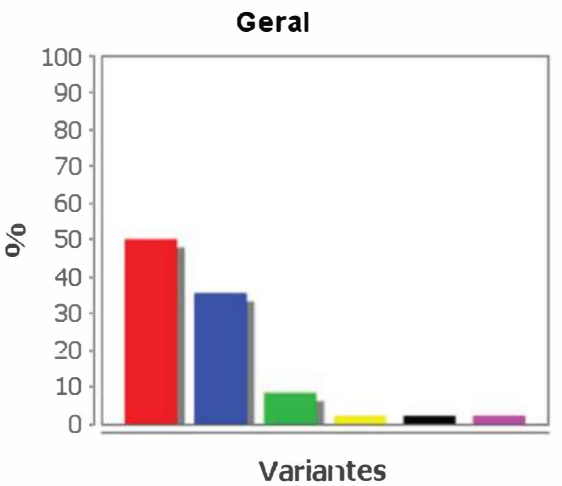
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L089 - Xarope

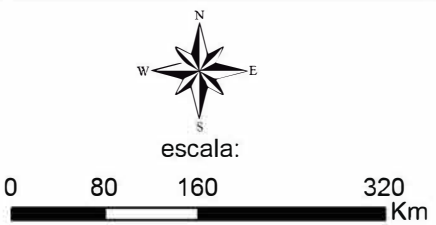



**Legenda**

- Xarope
- Lambedor
- Meladinho/ Melado
- Lambe-lambre
- Puxa-puxa
- Açúcar queimado



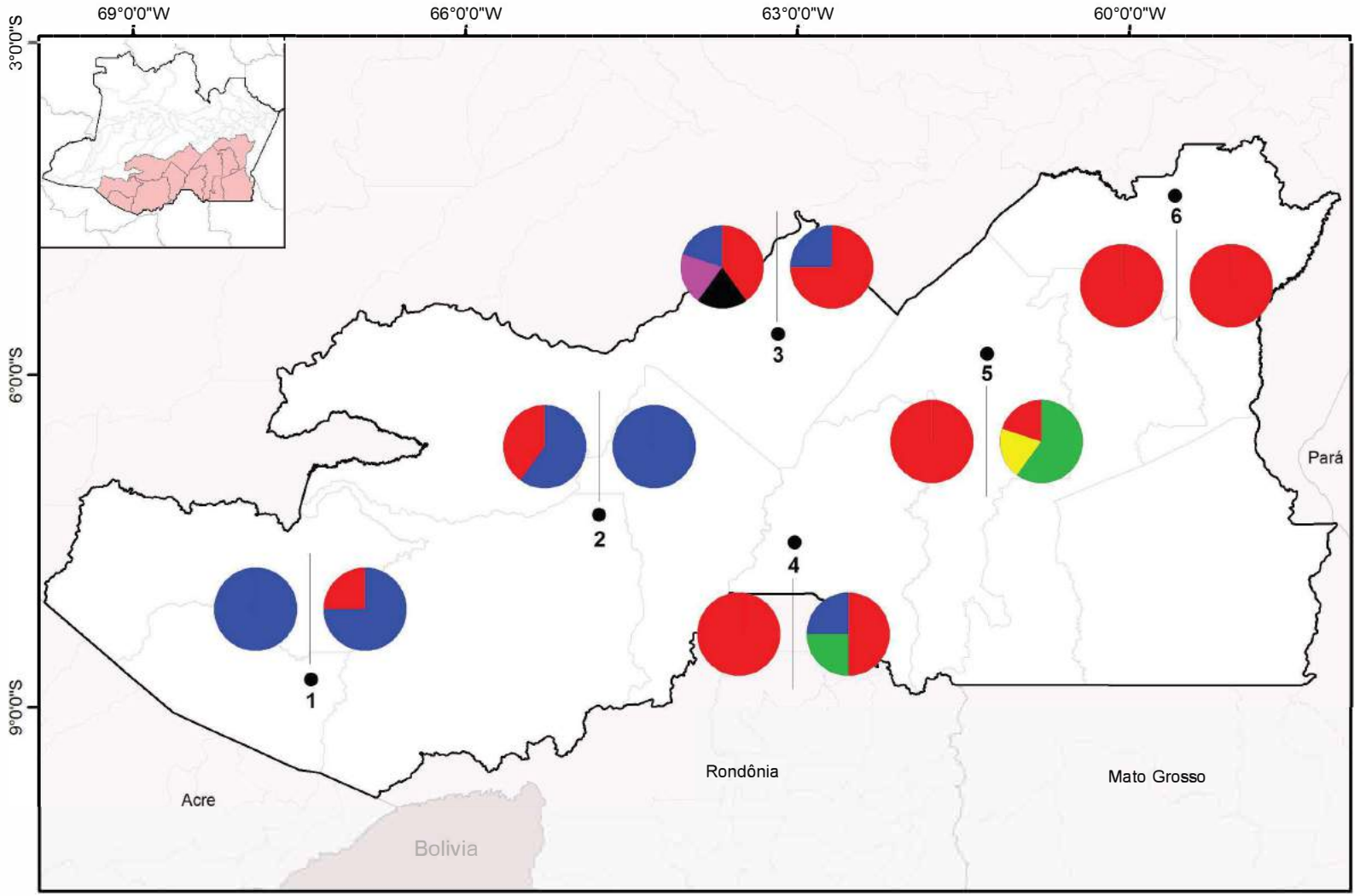

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L089a - Xarope - Distribuição por idade

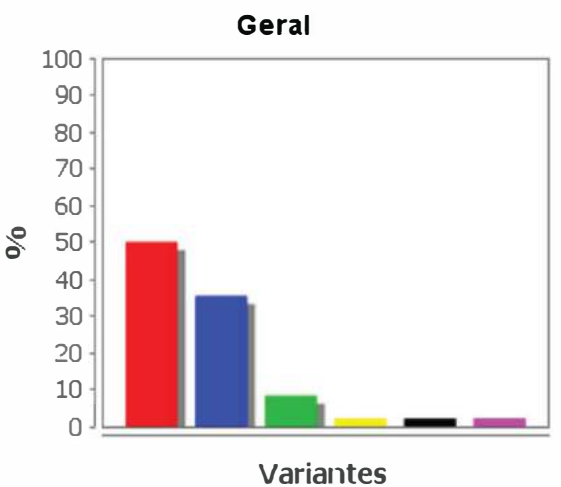



**Legenda**

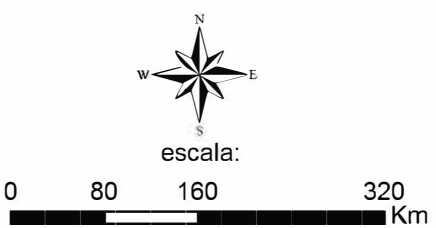
- Xarope
- Lambedor
- Meladinho/ Melado
- Puxa-puxa
- Açúcar queimado
- Lambe-lambre

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L091
# PAPEIRA

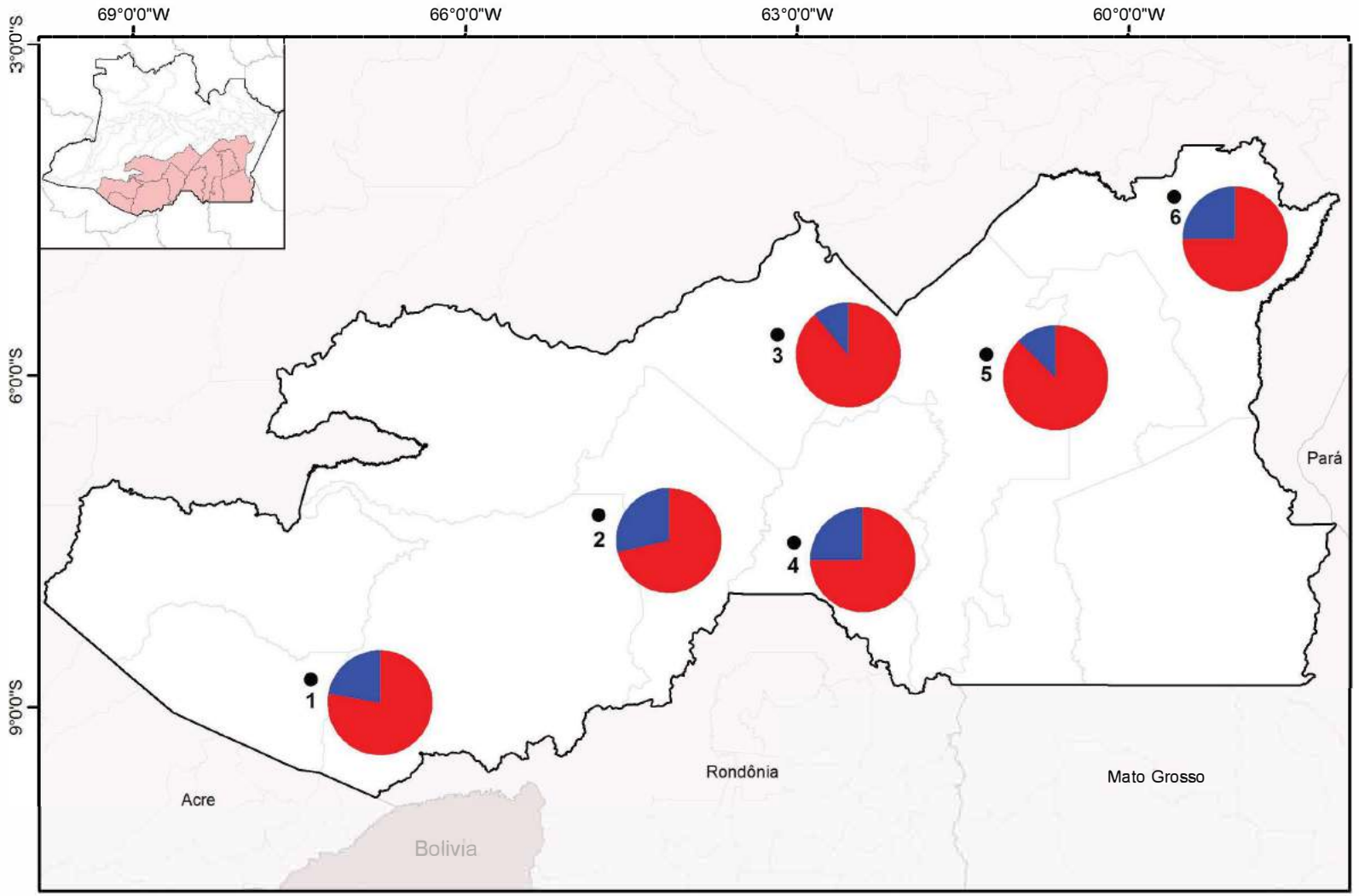
**Meio Antrópico: Saúde e medicina caseira – QSL-108:** E aquela doença que faz inchar só um lado do queixo, que dá em criança?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HB01 (Lábrea).
2. HB02 (Boca do Acre): É a **papeira**, né, que o nome cientifico é **caxumba**, né?
3. MA02 (Tapauá): É, tem dois nome, a gente de primeiro chamava **papeira**, agora chamam **caxumba**, né, pode ser um dos dois? Ou pode ser os dois?
   INQ.: Pode ser o que a senhora fala, ou que a senhora conhece.
   MA02 (Tapauá): Então pronto, é caxumba ou papeira (inint.) (risos).
4. HB01 (Borba): Não é **caxumba**?

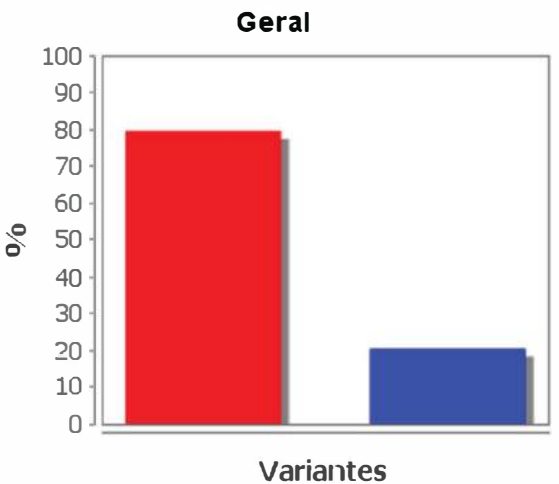
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L091 - Papeira

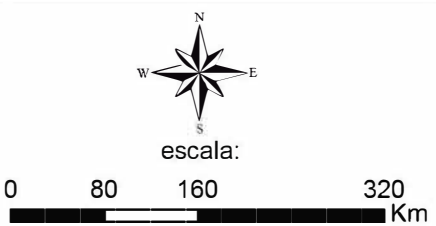



**Legenda**

- Papeira
- Caxumba



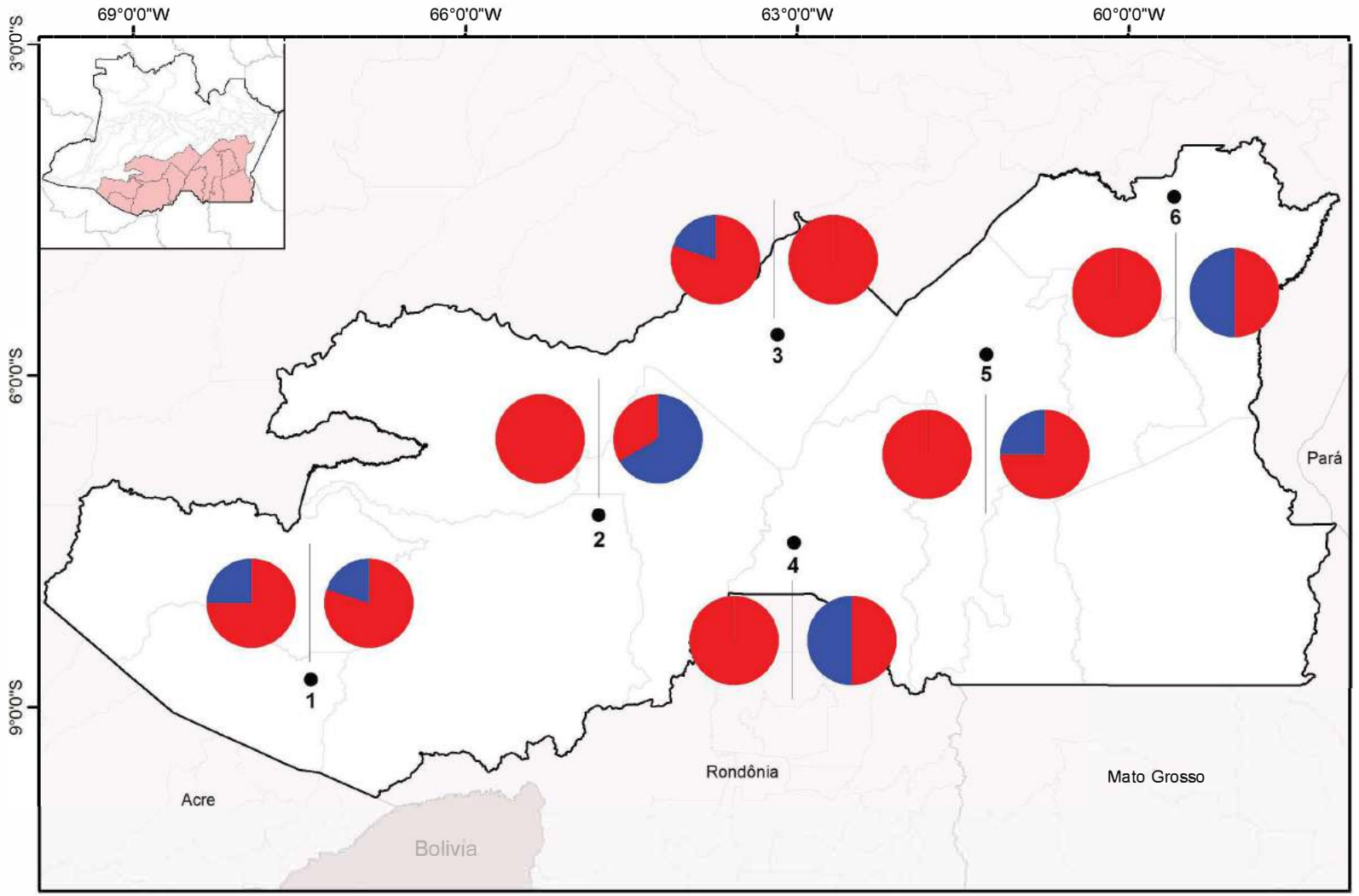

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L091a - Papeira - Distribuição por escolaridade



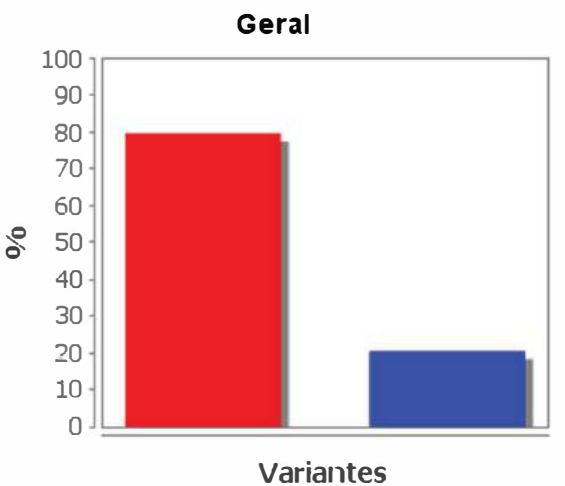

**Legenda**

Papeira

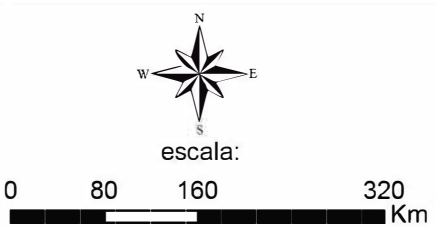
Caxumba

① ②

1: 4 a 7 anos
2: 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L092
# AFTA

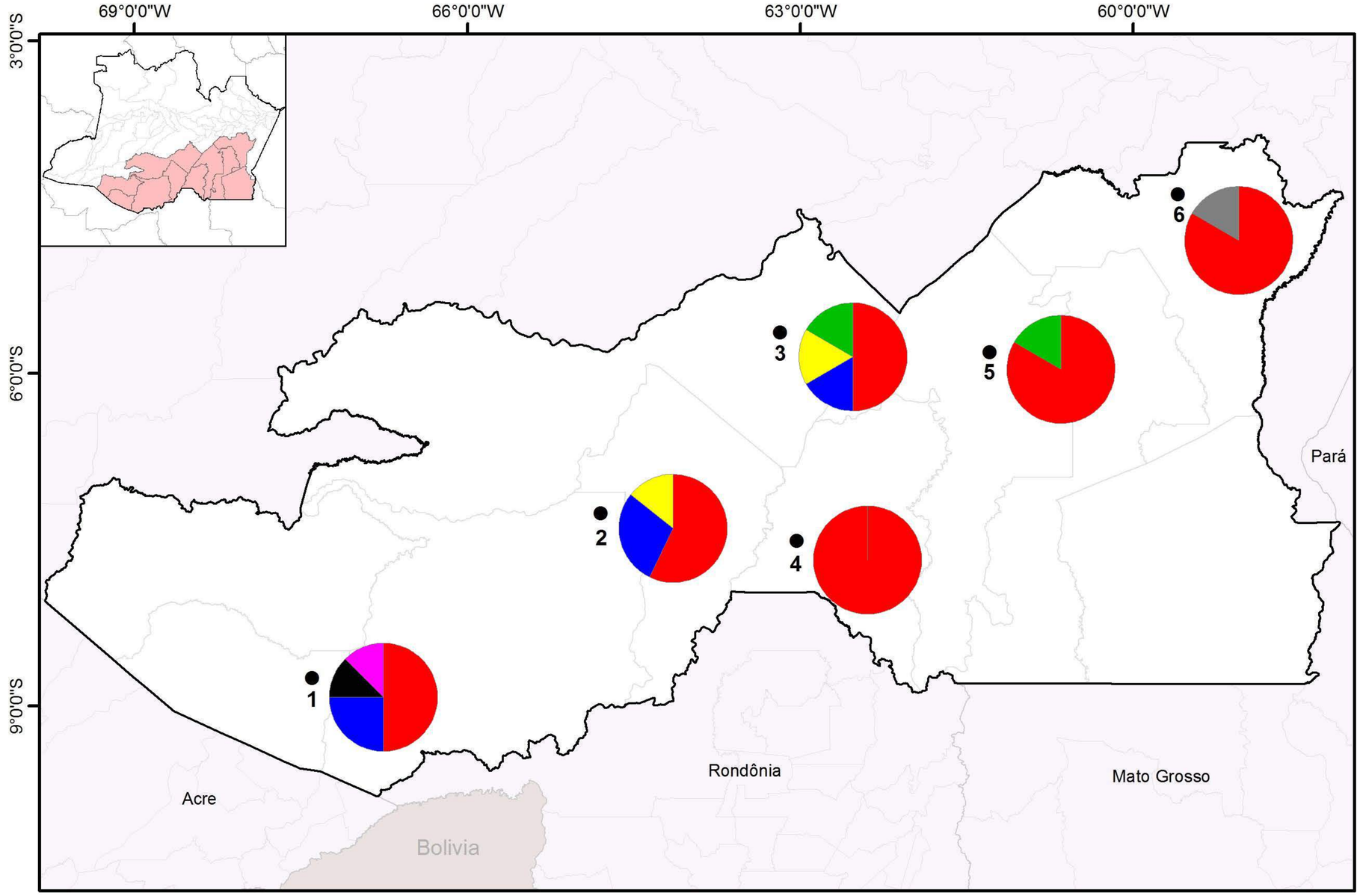
**Meio Antrópico: Saúde e medicina caseira – QFF-099:** Como se chama aquilo que aparece na boca das pessoas, aqui dentro (Apontar), que dói e incomoda?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 e HA02 (Boca do Acre); HB01 (Lábrea); HA01 (Tapauá); HA01 e HB01 (Humaitá); HA01 e MA01 (Manicoré) e HA01 e MB02 (Borba).
2. PROBLEMA TÉCNICO:MA01 (Tapauá)
3. OUTRAS RESPOSTAS: HA02 (Borba): **Absécio.**
4. MB01 (Boca do Acre): **Afta**, mas tem gente que chama de **ferida de boca**.
5. HB01 (Boca do Acre): Sei qual é, **pipoca** que chama.
6. HA01 (Lábrea): **Boqueira**? Sei não.
7. HB01 (Tapauá): **Bolhas**?
8. HA02 (Tapauá): Sapim (...) **sapinho**.
9. MA02 (Manicoré): **Afta**.

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F092 - Afta




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

N
W E
S

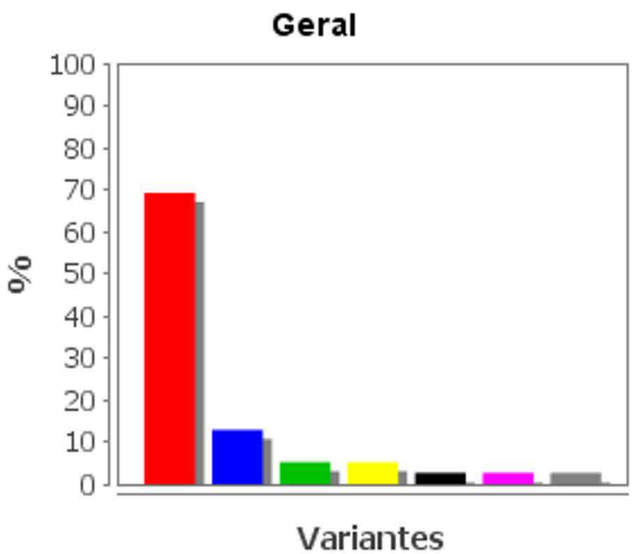
escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

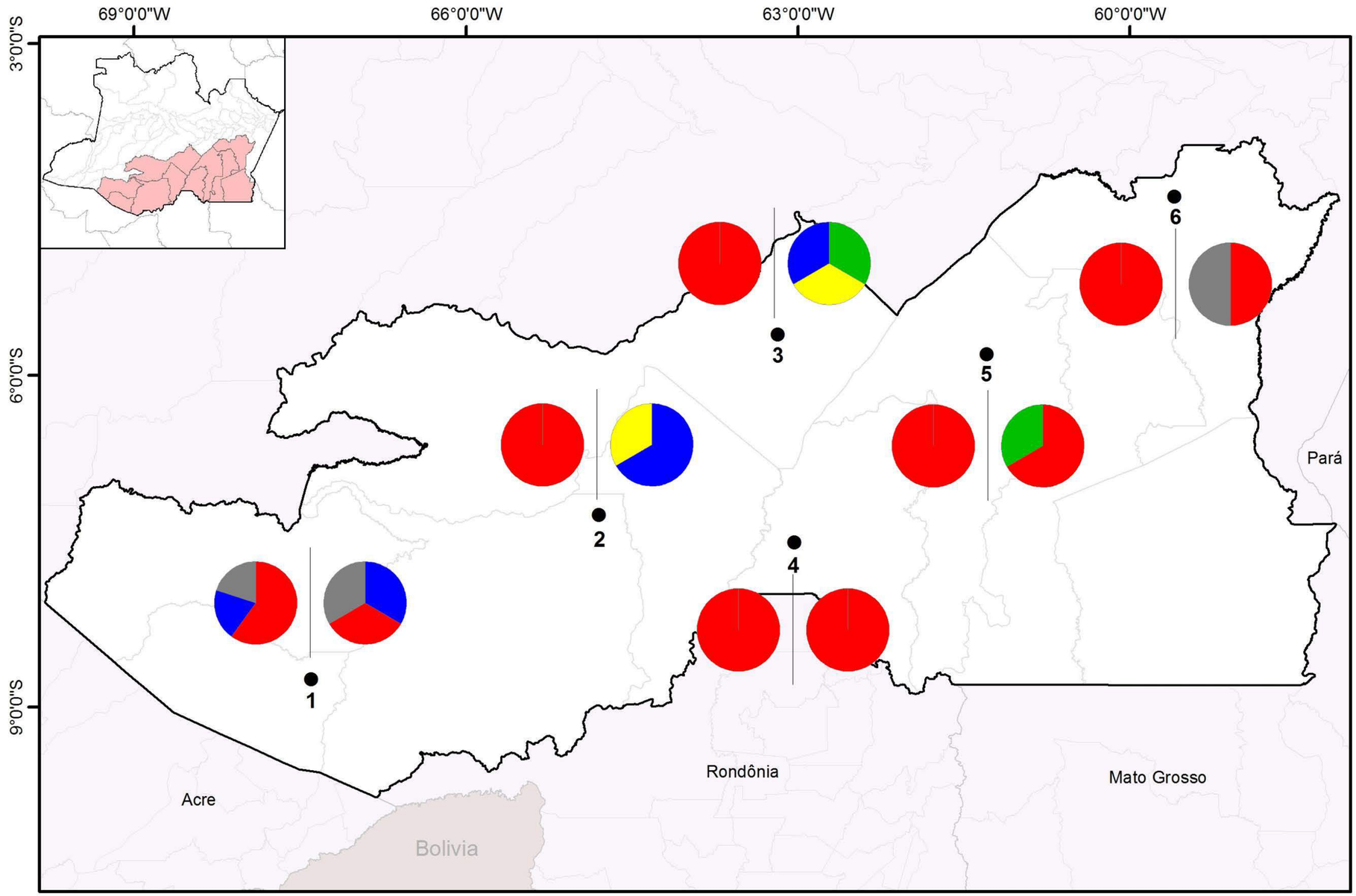
**Legenda**

- Afta
- Boqueiro(a)
- Sapinho
- Bolha
- Ferida de boca
- Pipoca
- Outros



# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## F092a - Afta - Distribuição por sexo

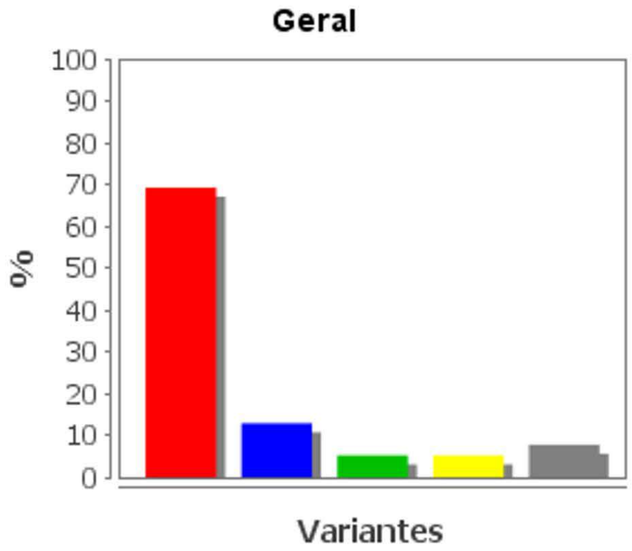



**Legenda**

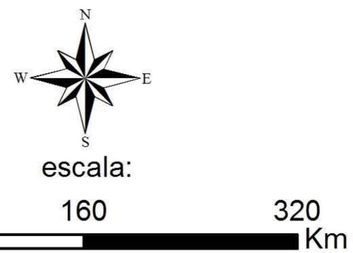
- Afta
- Boqueiro(a)
- Sapinho
- Bolha
- Outros

① ②

1: Feminino
2: Masculino




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L093
# TAPIRI

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-109:** Como se chama aquele tipo de moradia que é feita de palha e serve para morar, muitas vezes, provisoriamente?

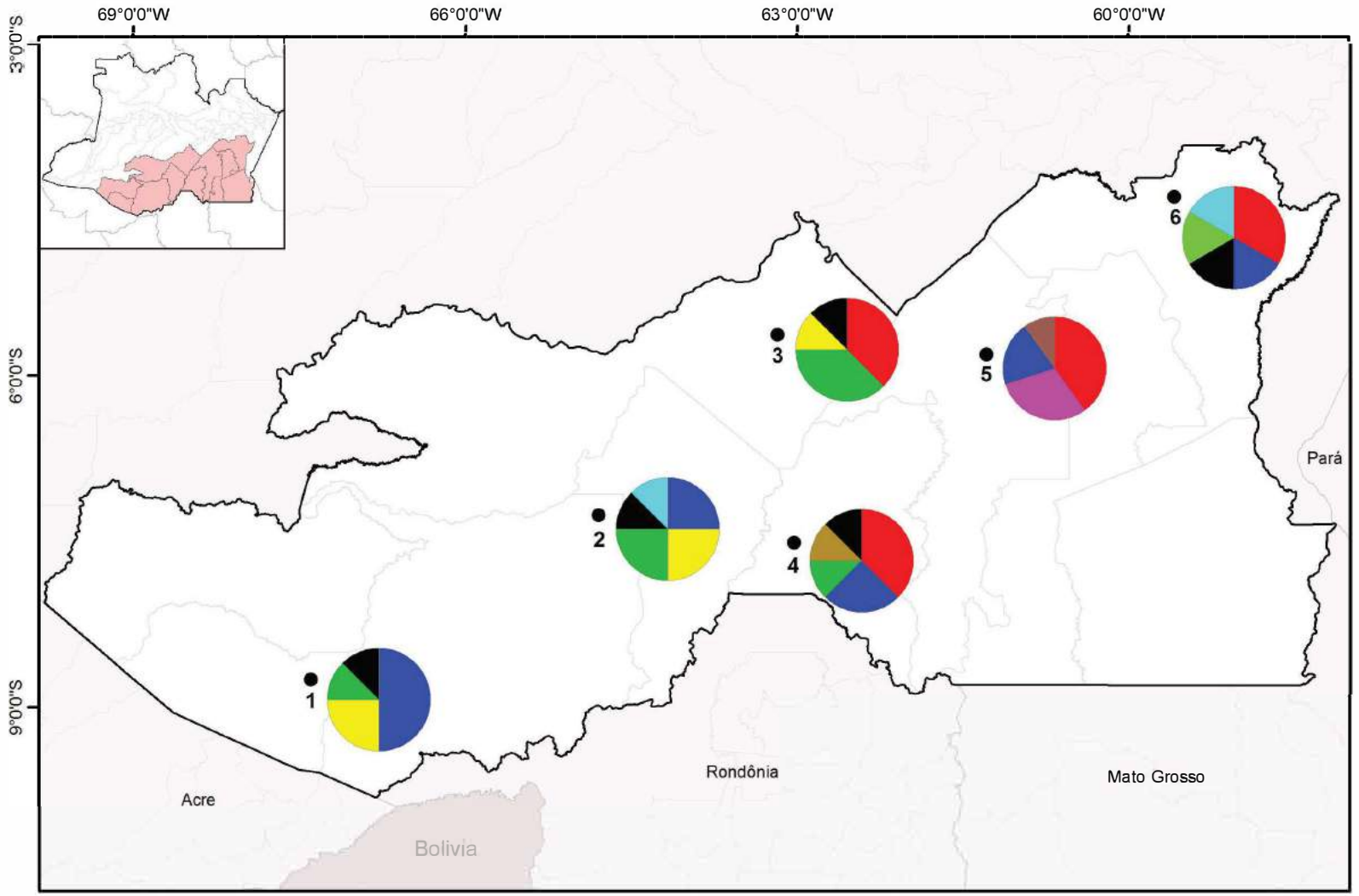



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 (Boca do Acre); HB01 (Lábrea); MA01 (Humaitá) e HA02 e MB01 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): Ah, uma **taperinha**, **cabaninha**.
3. MA01 (Boca do Acre): É **barraco de palha**.
4. HA02 (Lábrea): Chamam uma **barraca** ou então uma **choupana**, choupana é um negócio pequeno. Será que é uma choupana?
5. MB01 (Lábrea): Nós só fala **casa** mesmo.
6. HB01 (Tapauá): **Cabanazinha**, né?
7. HA02 (Tapauá): **Papiri**.
8. MA02 (Tapauá): Eu chamava **tapera**, **casa de palha**, né. Chama casa de palha.
9. MB01 (Humaitá): Toca? **Barraco**, **toca**.
10. HA02 (Humaitá): Aquilo é **tapiri**.
11. HB01 (Manicoré): **Casebre**, tem o casebre e tem a (inint.) como que é... a **palhoça**, né?
12. MA01 (Manicoré): **Palhoça**, **casa de palha**, palhoça.
13. HB01 (Borba): **Barraco**, barraco não... como é? Os índio chama de maloca, mas aqui não lembro.
14. MB02 (Borba): De palha? É **chupana**.
15. MA01 (Borba): **Cabana**?

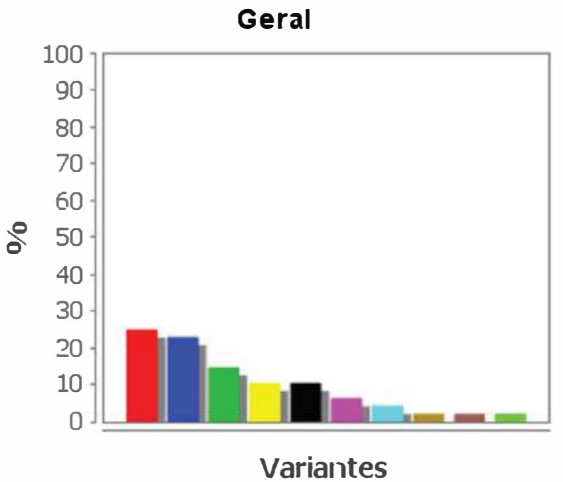
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L093 - Tapiri

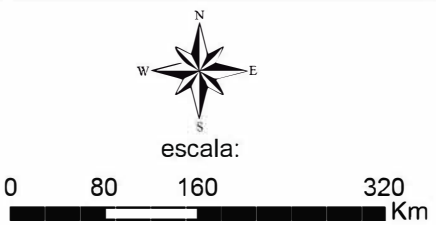



**Legenda**

- Papiri/ Tapiri
- Barraco/ Barraco de Palha
- Casa/ Casa de palha
- Tapera/ Taperinha
- Cabana/ Cabanazinha/ Cabaninha
- Palhoça
- Choupana/ Chupana
- Toca
- Casebre
- Maloca



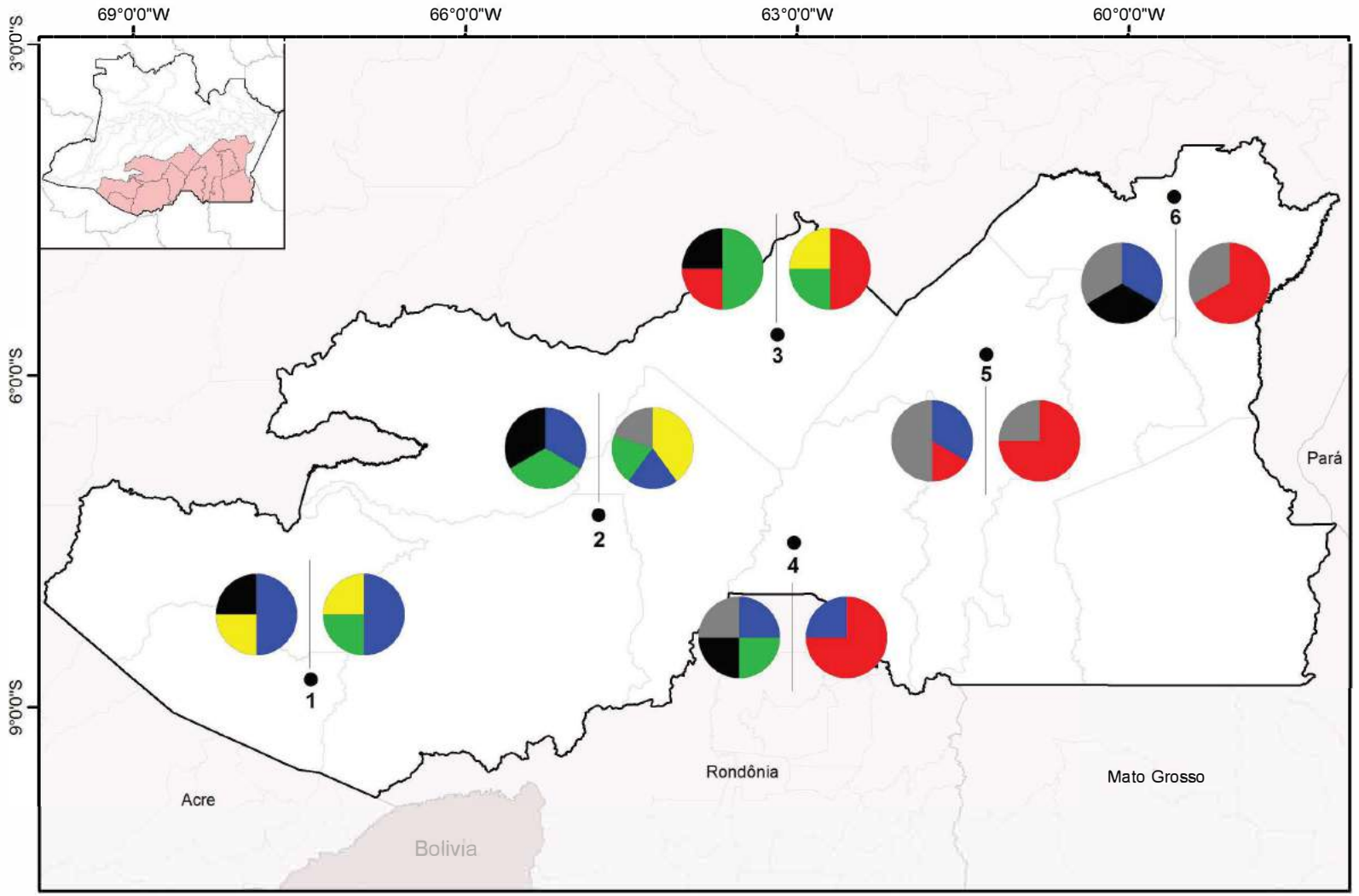

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L093a - Tapiri - Distribuição por idade

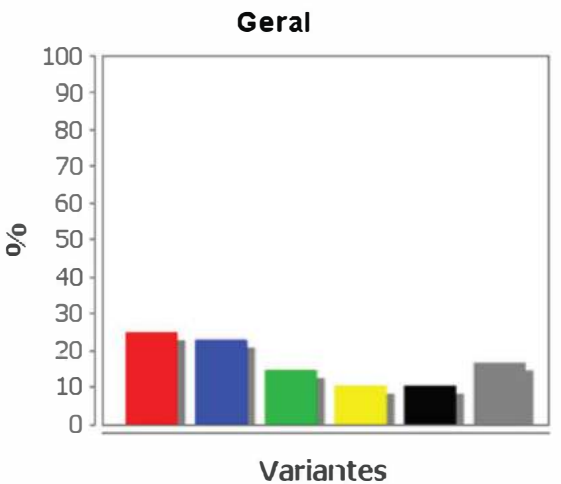



**Legenda**

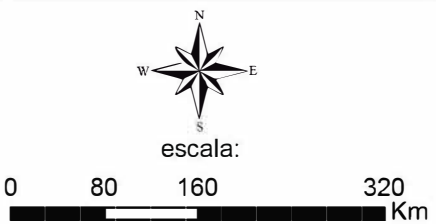
- Papiri/ Tapiri
- Barraco/ Barraco de Palha
- Casa/ Casa de palha
- Tapera/ Taperinha
- Cabana/ Cabanazinha/ Cabaninha
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**



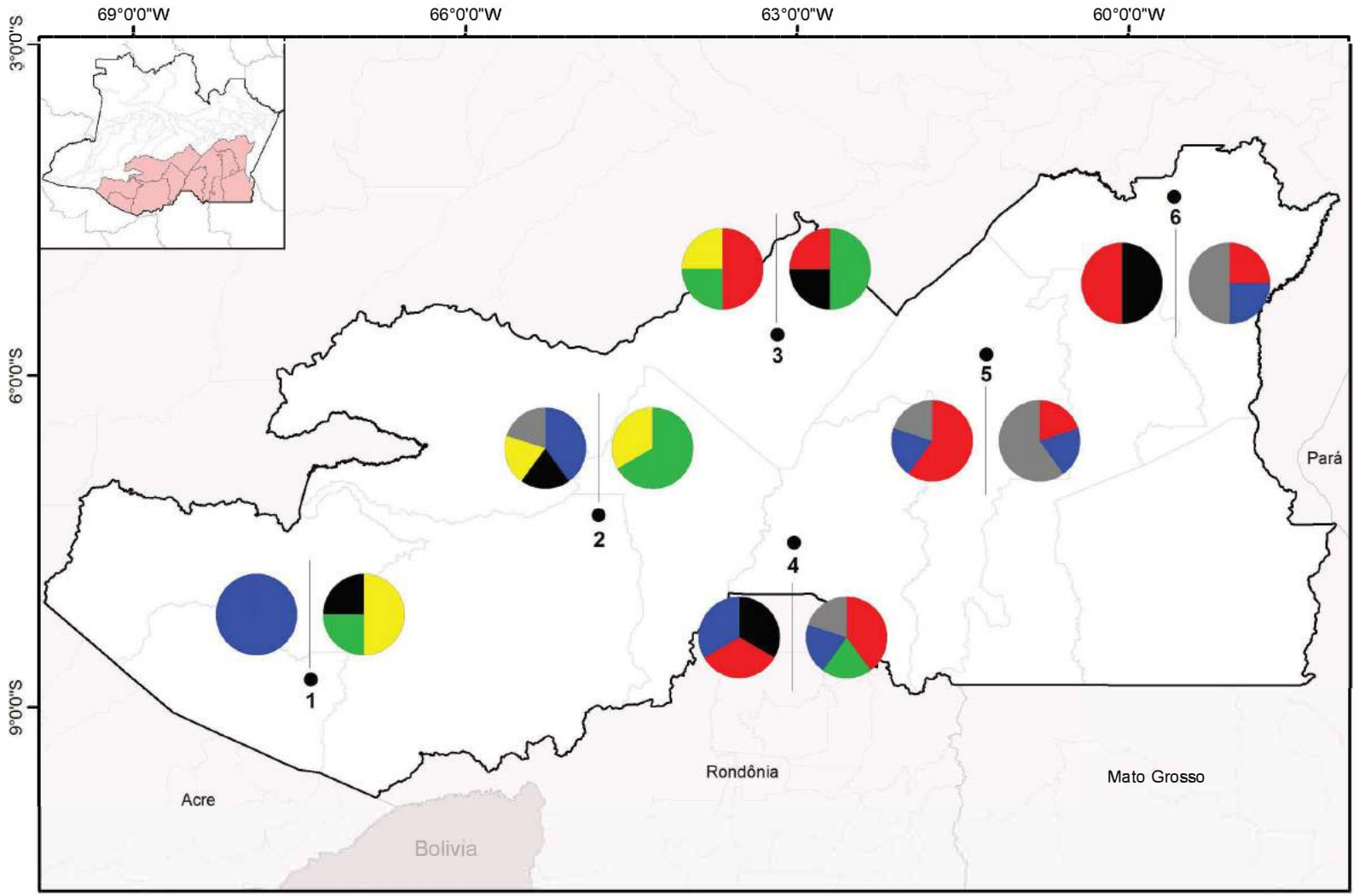

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L093b - Tapiri - Distribuição por escolaridade

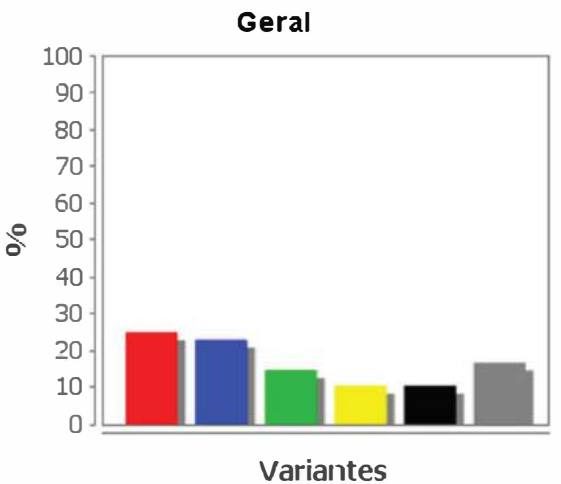



**Legenda**

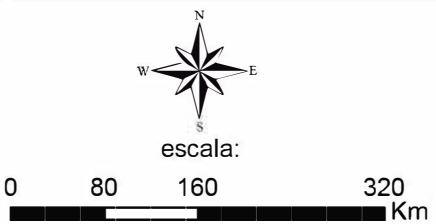
- Papiri/ Tapiri
- Barraco/ Barraco de Palha
- Casa/ Casa de palha
- Tapera/ Taperinha
- Cabana/ Cabanazinha/ Cabaninha
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**



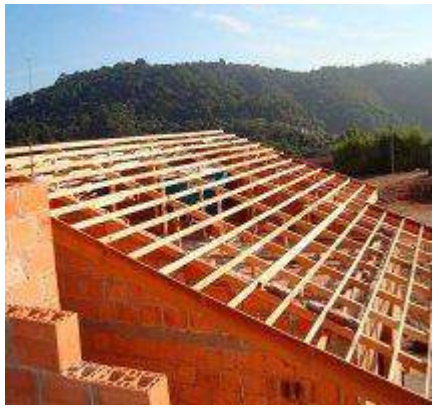

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L094
# CAIBRO (PEÇAS USADAS PARA ARMAR O FORRO E O TETO)

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-110:** Como se chama aquela peça de madeira que se usa na armação do telhado ou forro? E as peças usadas para o assoalho e as paredes, recebem um nome diferente?

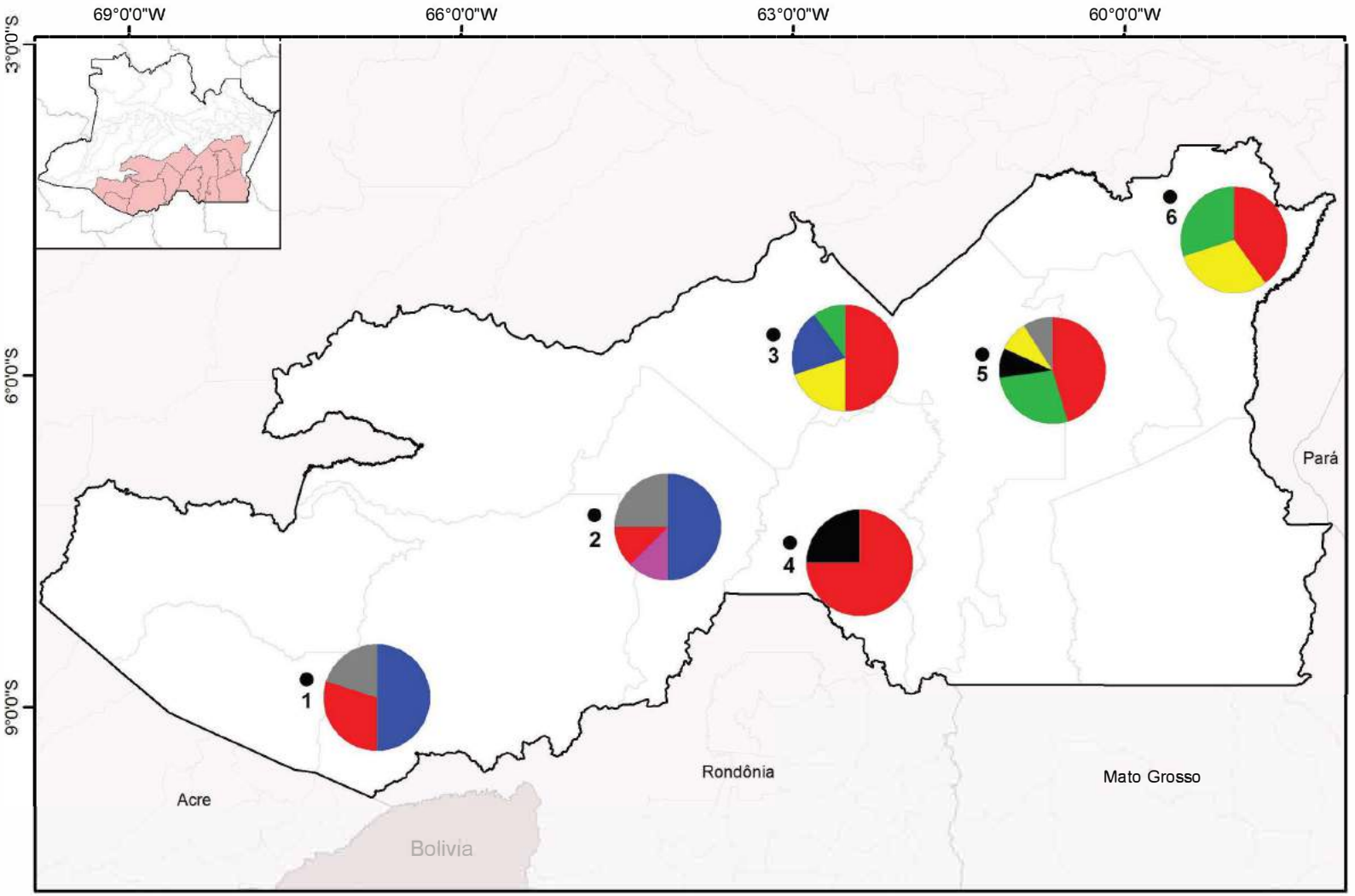



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Tapauá).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB01 (Boca do Acre): Ah tá, é o craibe né, **prumo**; MB02 (Boca do Acre): **Perna-manca**; HA02 (Lábrea): Chamam aqui de **tarugo**; MB01 (Lábrea): **Travejamento**; HB01 (Manicoré): Tem as **quina**, tem as ripa, tem as travessa, né? (...) Tudo é pro telhado (...).
3. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama de **caibo**, tem gente que chama de a **linha** da casa.
4. MA02 (Lábrea): Porque tem a **linha** de cruz e a **linha** que é de cumprido.
5. MB02 (Lábrea): **Madeira quadrada**.
6. HB01 (Tapauá): O pessoal chama de **travessa**.
7. HA01 (Tapauá): Aqui que usa assim é o **ripão**, aí tem a linha, primeiro é a linha, né, aí vem o ripão antes de botar o alumínio.
   INQ.: A linha que você está falando é a do meio?
   HA01 (Tapauá): A linha é três, uma no meio e duas lateral, aí (...) O ripão é o que prega o alumínio, no ripão.
8. HA01 (Humaitá): **Viga**.
9. HB01 (Manicoré): Tudo é pro telhado, tem o **caibro**, **ripa**, peça, tudo aí leva, pro telhado (...)Vai ripa, aquelas que são fina, a **travessa** que é grande e os caibro que segura as ripa.

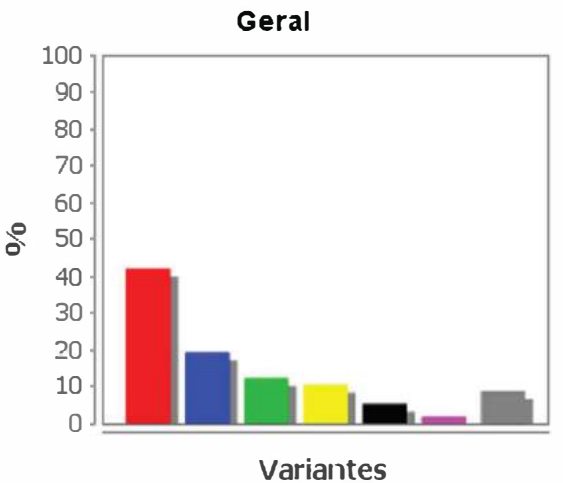
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L094 – Caibro (peças usadas para armar o forro e o teto)

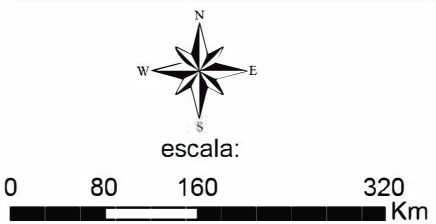



**Legenda**

- Caibro
- Linha
- Travessa
- Ripa/ Ripão
- Viga
- Madeira quadrada
- Outros



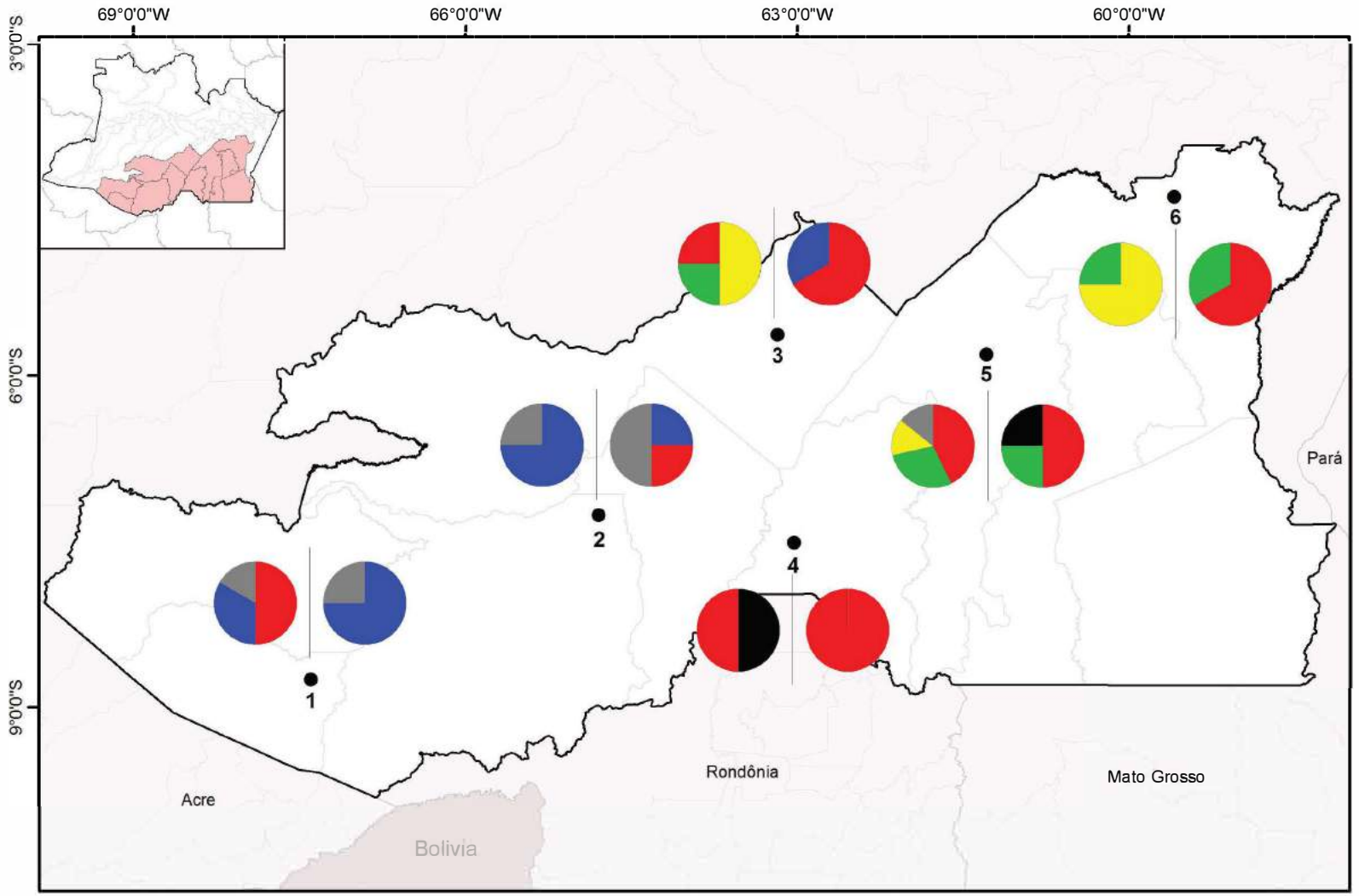

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L094a – Caibro (peças usadas para armar o forro e o teto) - Distribuição por idade

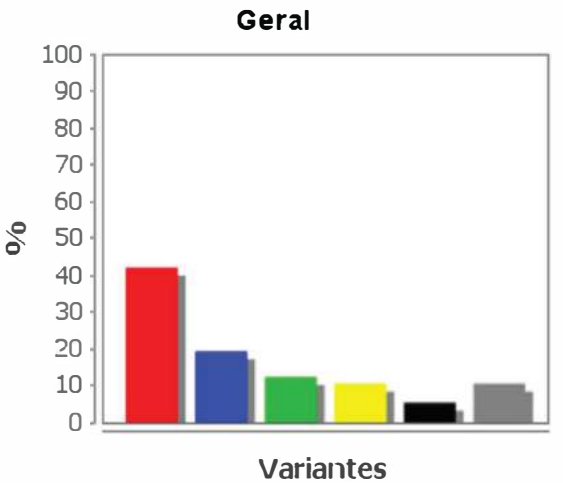



**Legenda**

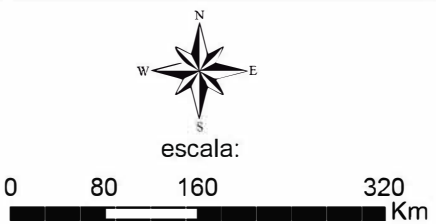
- Caibro
- Linha
- Travessa
- Ripa/ Ripão
- Viga
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L095
# PERNA-MANCA (PEÇAS USADAS PARA ARMAR AS PAREDES)

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-110:** Como se chama aquela peça de madeira que se usa na armação do telhado ou forro? E as peças usadas para o assoalho e as paredes, recebem um nome diferente?



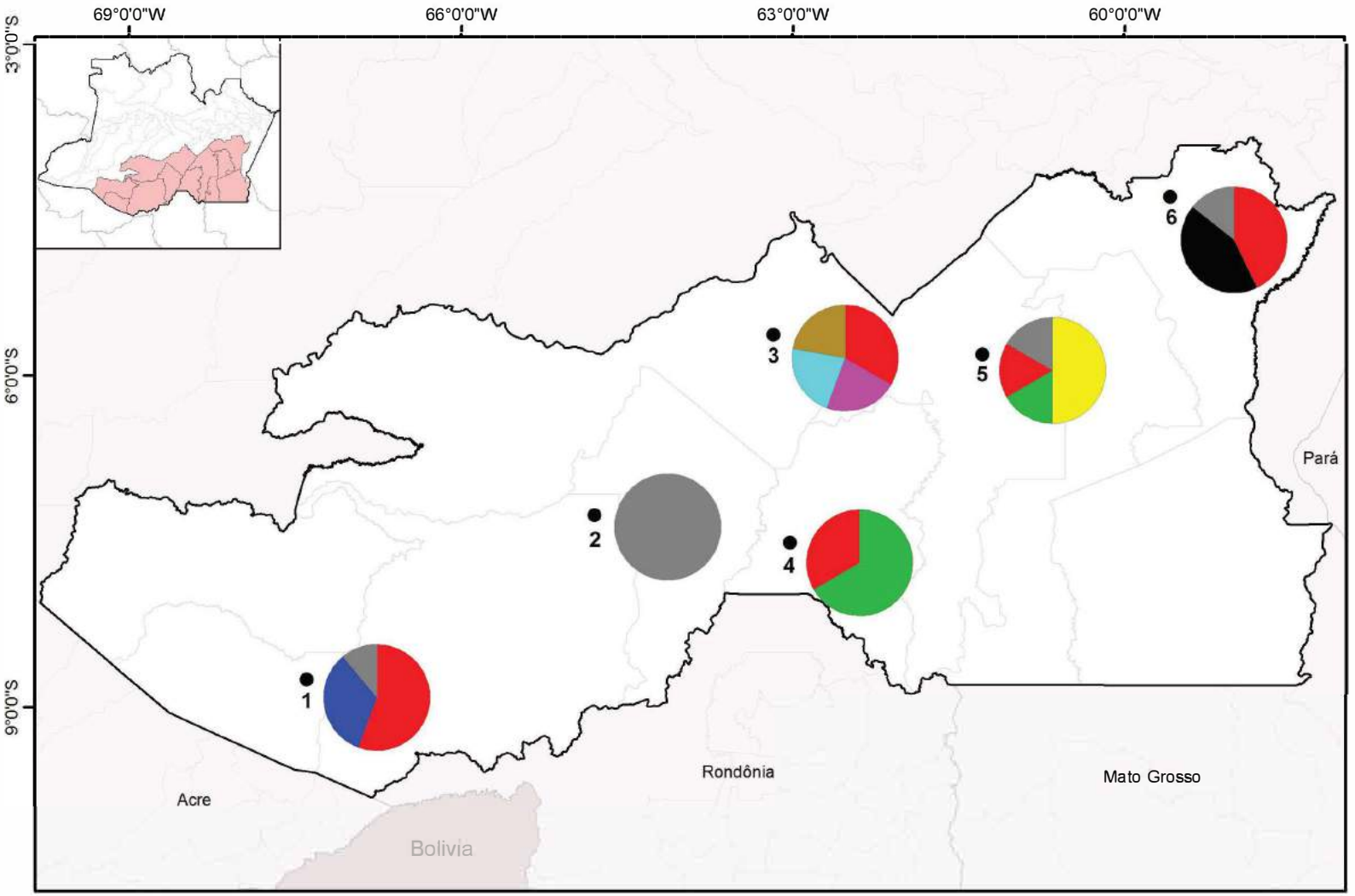


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB02 (Lábrea); MA01 (Humaitá); MA01 e MB01 (Manicoré) e HA01 e MA01 (Borba).
2. PROBLEMAS TÉCNICOS: HA01, HA02, HB01, MA01, MB01 e MB02 (Lábrea) e HA02, HB01, MB01 e MB02 (Humaitá).
3. OUTRAS RESPOSTAS: HB01 (Boca do Acre): Recebe, é o **prumo**, o prumo mesmo (...); MA02 (Lábrea): É **linha** também; HB01 (Manicoré): É o **caibro**; HB01 (Borba): Acho que chama de **coluna**.
4. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama a **trave** da parede ou **perna-manca**.
5. HA01 (Boca do Acre): Os **travejamento**, né.
6. HA01 (Tapauá): É do pauzinho de fazer as parede é **enchimento**.
7. HB02 (Tapauá): A gente chama tarugar, **tarugamento**.
8. MA02 (Tapauá): Se for da parede é **perna-manca** ou **pé-direito**.
9. HA01 (Humaitá): **Viga**.
   INQ.: Se for pra parede, tem outro nome?
   HA01 (Humaitá): Não.
   INQ.: Pro chão? Pro teto? Pro assoalho?
   HA01 (Humaitá): Só muda a tábua, o resto é viga.
10. HB02 (Manicoré): É **enviagamento**.
11. MB02 (Manicoré): A gente chama de **travessa**.
12. MB01 (Borba): É **ripa**... é **ripão** que a gente diz.

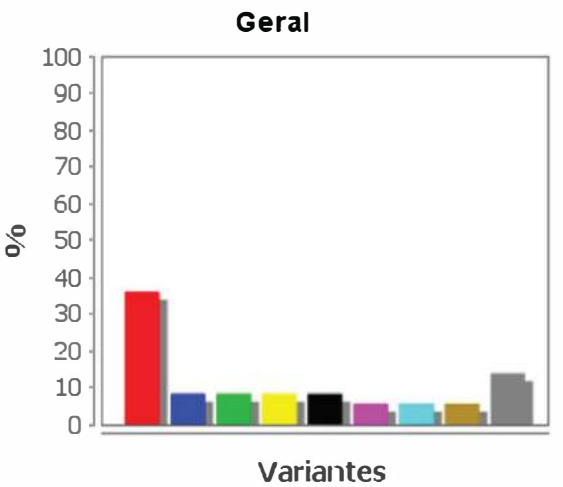
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L095 – Perna-manca (peças usadas para armar as paredes)

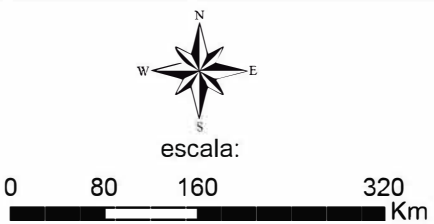



**Legenda**

- Perna-manca
- Trave/ Travejamento
- Envigamento/ Viga
- Travessa
- Ripa / Ripão
- Tarugamento
- Pé-direito
- Enchimento
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L096
# TRAVEJAMENTO (PEÇAS USADAS PARA ARMAR O ASSOALHO)

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-110:** Como se chama aquela peça de madeira que se usa na armação do telhado ou forro? E as peças usadas para o assoalho e as paredes, recebem um nome diferente?



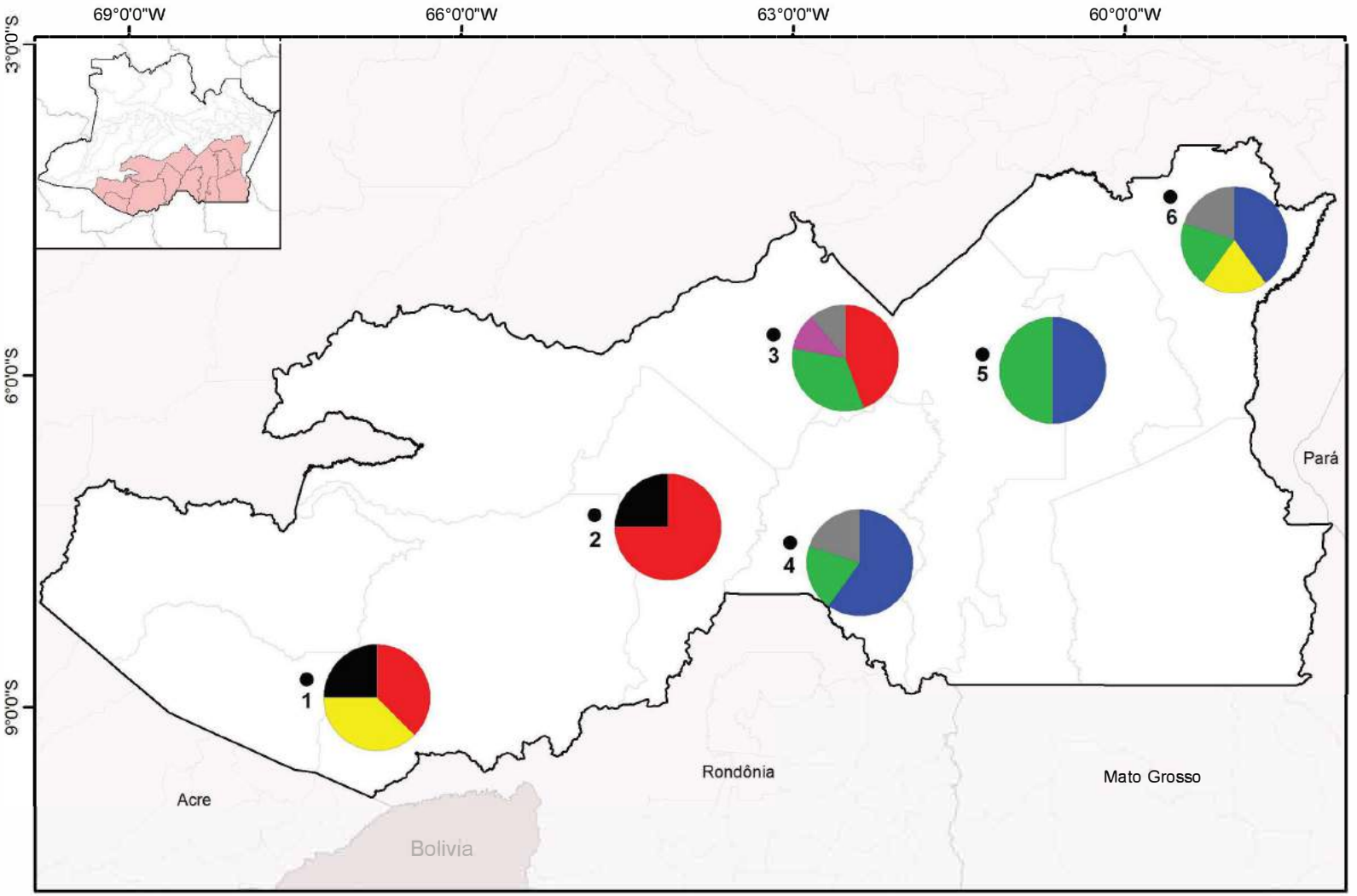


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Humaitá); MA01 e MB02 (Manicoré) e HA01, HB01 e MA01 (Borba).
2. PROBLEMAS TÉCNICOS: HA01, HA02, MB01 e MB02 (Lábrea) e HB01, MB01 e MB02 (Humaitá).
3. OUTRAS RESPOSTAS: HA01 (Tapauá): **Tarugamento** aqui embaixo. Tarugamento de botar a tauba...; HB02 (Humaitá): Não, caibro, embaixo é **perna-manca**; MB02 (Borba): Esse daqui eu já vi meu sogro falar muito que é **ripão**, né. Eu acho que é ripão.
4. MA02 (Boca do Acre): **Travejado**.
5. MB01 (Boca do Acre): Se for pro assoalho? Não. Ah, tem o toco, né, e tem os **caibo**.
6. MA02 (Lábrea): É **linha** de assoalho.
7. MA02 (Tapauá): E a do assoalho é **o travejamento**.
8. MB02 (Tapauá): No assoalho nós chamamos de... como é meu Deus, uma **peça** pro assoalho.
9. HA02 (Humaitá): Pode ser **viga**.
10. HB02 (Manicoré): É **envigamento** também.
11. MA02 (Borba): Tem os **vigamento** debaixo, né?
12. MB02 (Borba): **Travessão**.

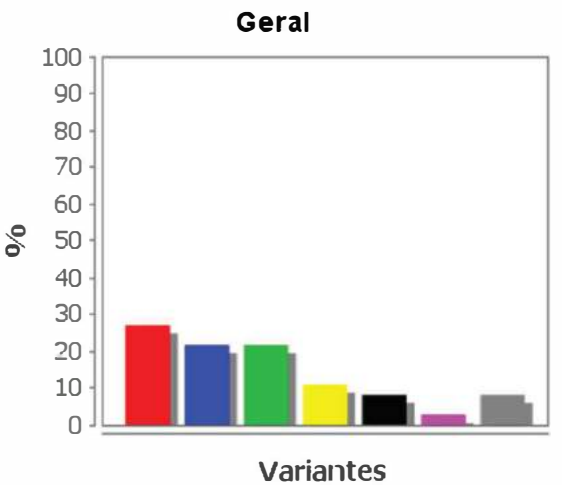
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L096 – Travejamento (peças usadas para armar o assoalho)




**Legenda**

- Travejado/ Travejamento
- Envigamento/ Viga/ Vigamento
- Travessa/ Travessão
- Caibro
- Linha
- Peça
- Outros



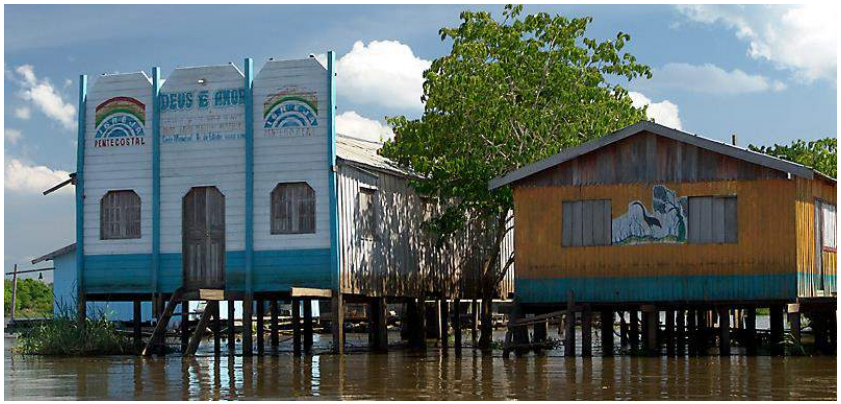

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L098
# BARROTE

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-112:** Qual a peça de madeira que sustenta o assoalho da casa? Se for do chão ao teto (coluna), recebe outro nome?

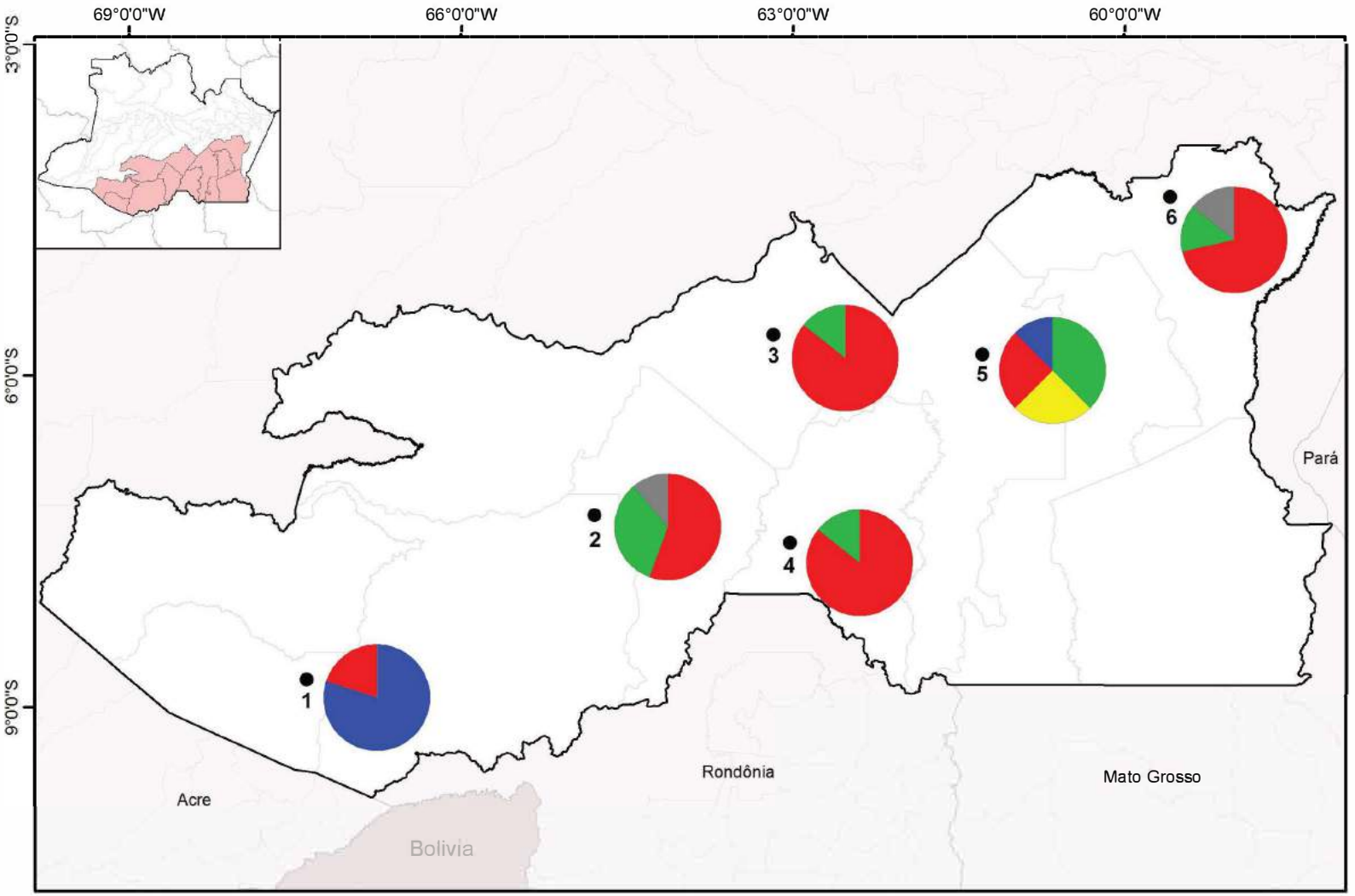



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Tapauá); MA01 (Humaitá); MA01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS:MA01 (Lábrea): Tem o estei', mas hoje o pessoal chama de **prumo**, né (...); HB01 (Borba): **Coluna** eu acho.
3. MB01 (Boca do Acre): A peça de madeira que sustenta o assoalho é os **tocos**, né. (...) Tem gente que chama de **barrote**, mas eu não sei se barrote é o mesmo toco.
4. HB01 (Boca do Acre): Que sustenta o assoalho é os **toco**, né?
5. MB02 (Lábrea): Não é **estei**' não, né?
6. MA02 (Tapauá): Ah, é o **barrote**.
7. HA02 (Manicoré): O **moirão** é até o assoalho e o esteio é até na cumeeira.

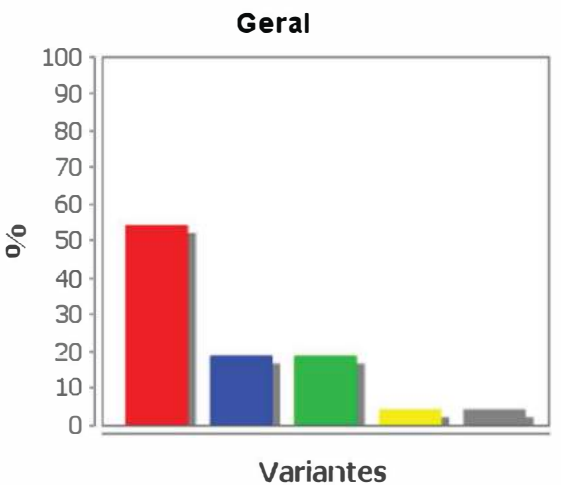
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L098 - Barrote

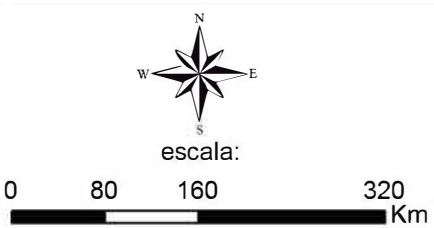



**Legenda**

- Barrote
- Toco
- Esteio
- Moirão
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L101
# TRAMELA

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-114:** E a peça de madeira que serve para trancar portas e janelas?

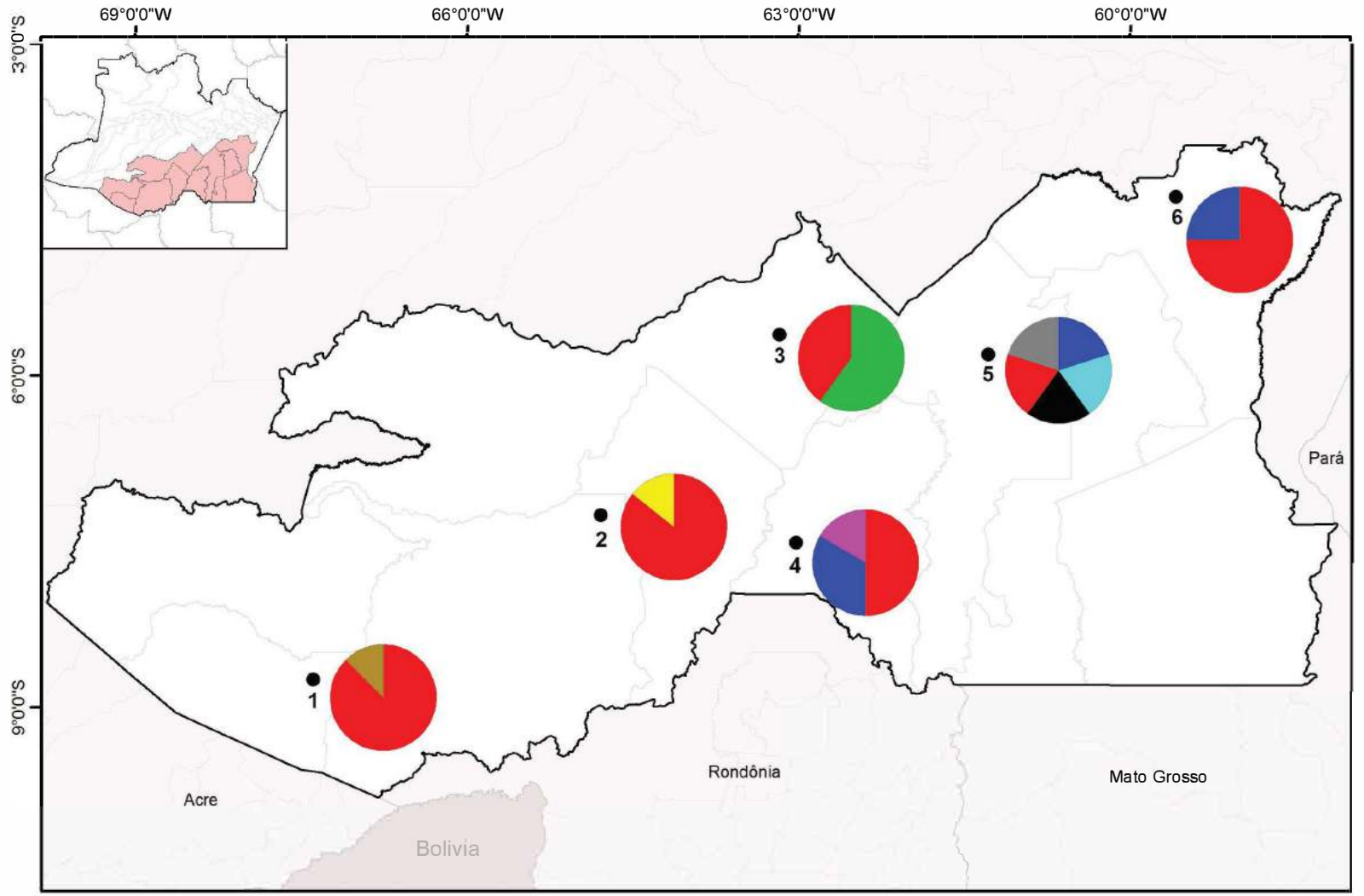


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB02 (Lábrea); HB01, MB01 e MB02 (Tapauá); MA01 e MB02 (Humaitá); HA01, MA01 e MB01 (Manicoré) e HA01, HB01, HB02 e MA01 (Borba).
2. OUTRA RESPOSTA: MB02 (Manicoré): Eu costumo chamar de **maçaneta**.
3. MB02 (Boca do Acre): (...) **Trancadura** mesmo, quem sabe é meu carpinteiro (risos).
4. HB01 (Boca do Acre): Em casas de madeira no interior geralmente a gente chama de **tramela** porque não é assim de alumínio não, de inox não. É só uma tabuletinha...
5. HA02 (Lábrea): Aquele é a **tramela**.
6. HB01 (Lábrea): Nós chama só **fechadura** mesmo.
7. HA02 (Tapauá): Pau, eu chamo **pau.** Lá em casa tem uma janela que eu falo " passa o pau aí", (inint.) (...) não tem ferrolho tem que passar o pau.
   INQ.: Mas esse é aquele pau inteiro?
   HA02 (Tapauá): Não, é só um pedacinho.
   INQ.: Ah, então é esse mesmo.
8. MA02 (Humaitá): É... **tabuleta**. Que você prega a madeira e vira.
9. HB01 (Humaitá): É a **tranca**.
10. HB01 (Manicoré): **Taco**.
11. HB02 (Manicoré): **Trinco de madeira**.

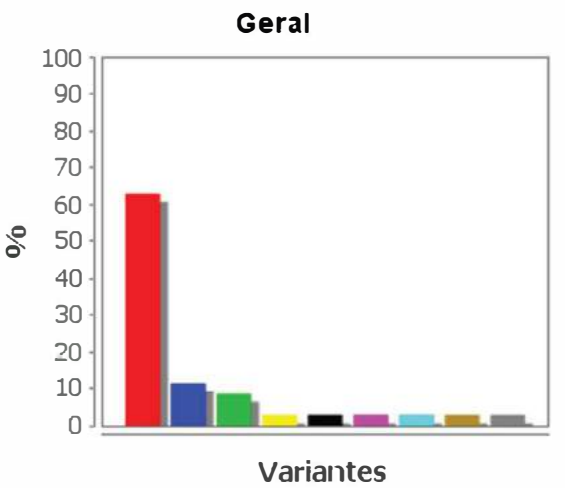
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L101 - Tramela




**Legenda**

- Tramela
- Tranca
- Pau
- Fechadura
- Taco
- Tabuleta
- Trinco de madeira
- Trancadura
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L102
# JIRAU

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-116:** Como se chama aquele estrado, construído nas casas, que fica um pouco mais acima do chão e que serve para se guardar qualquer coisa, lavar louça, tratar peixe, etc.?

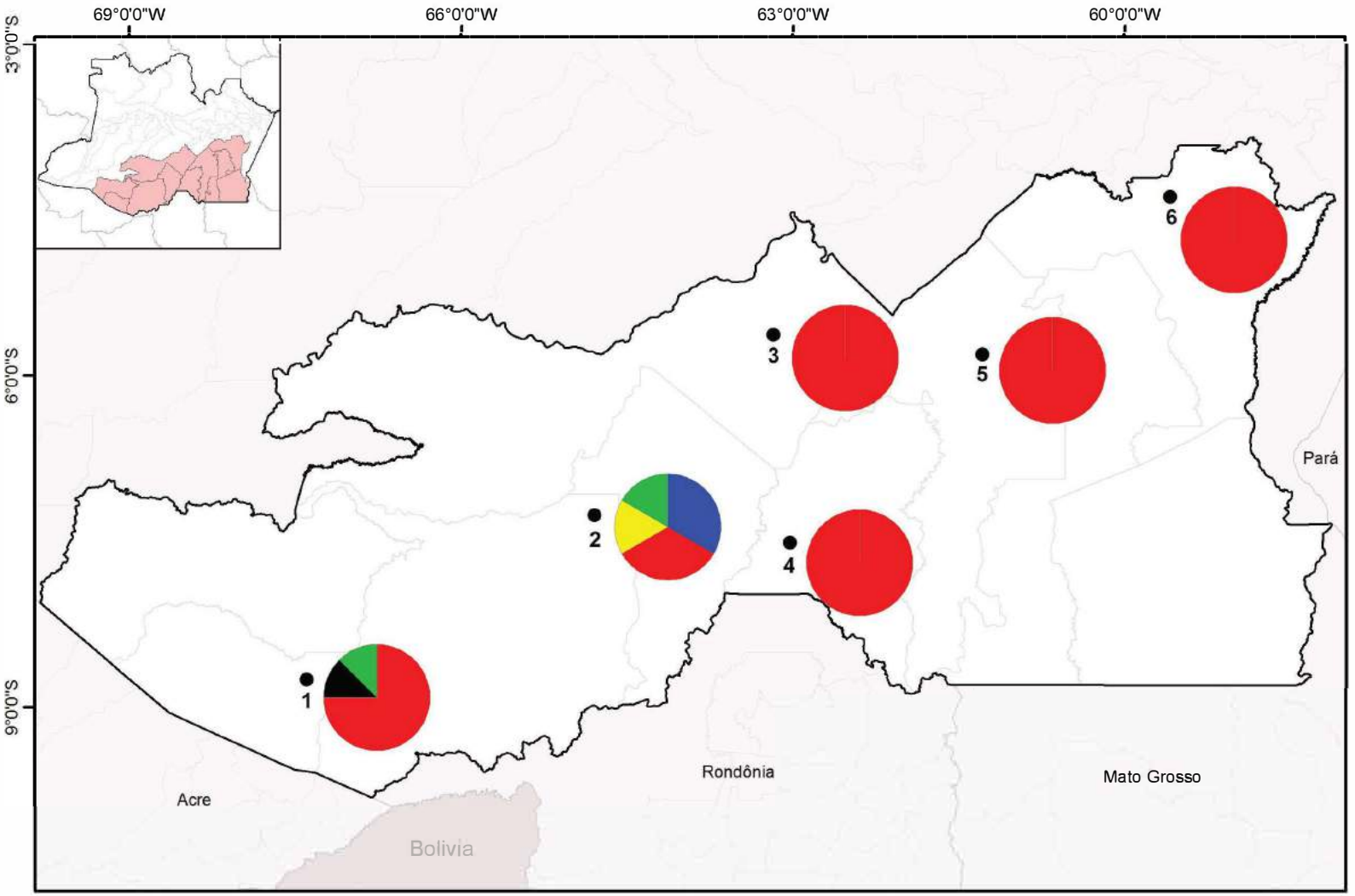


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 e MA01 (Lábrea) e HB01 (Tapauá).
2. PROBLEMA TÉCNICO: MB01 (Tapauá).
3. MA02 (Boca do Acre): **Terraço**, aqui nós conhece por terraço.
4. HB02 (Boca do Acre): Toda casa que antes não existia pia, fazia o **lavatório**.
5. HB01 (Lábrea): Faz tipo uma mesa fora né? Bota panela, bota peixe seco. **Puxadinho** mesmo a gente fala. Uma puxadinha pra...
6. MB01 (Lábrea): **Tendal**, chama assim.
7. HA01 (Tapauá): Aqui a gente chama de **jirau**.
8. MB02 (Humaitá): O **jirau**?
9. MA02 (Borba): Fazer aquele **jirauzinho**.

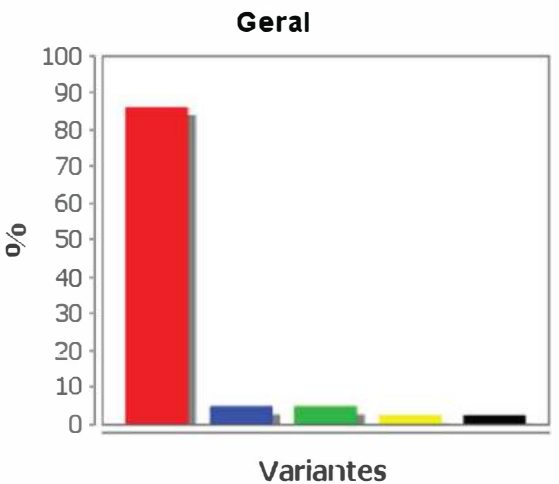
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L**102 - Jirau**

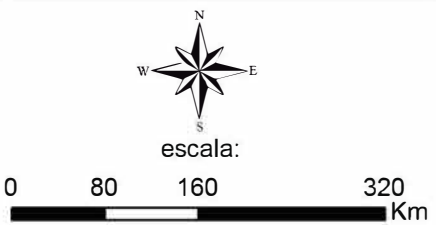



**Legenda**

- Jirau
- Tendal
- Terraço
- Puxadinho
- Lavatório




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L103
# PONTE

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-117:** Como se chama o estrado que se faz para caminhar em lugares afetados pela enchente dos rios?



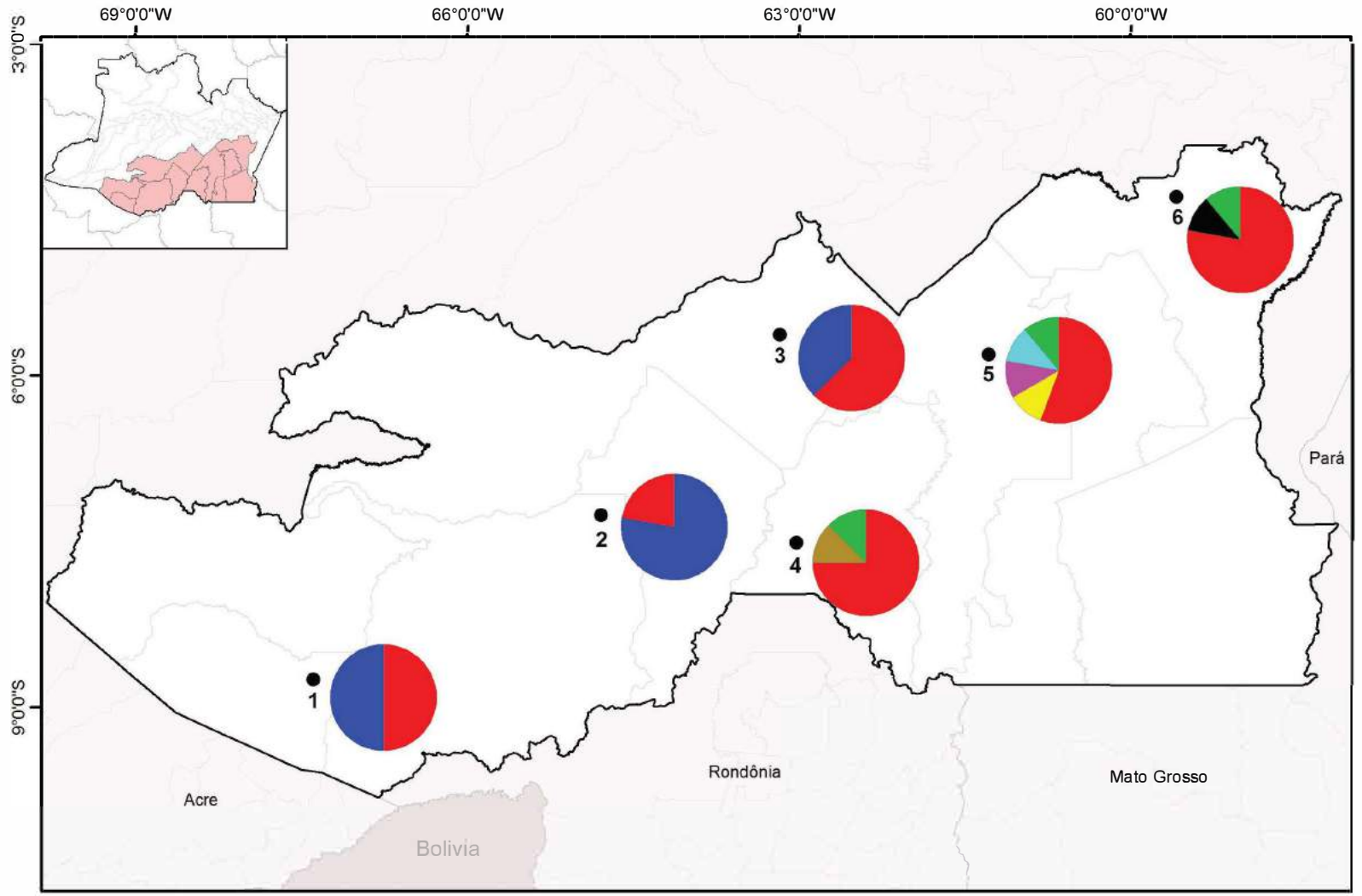


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB02 (Lábrea) e MB01 (Humaitá).
2. PROBLEMA TÉCNICO: MB01 (Tapauá).
3. MB02 (Boca do Acre): **Ponte, trapicho**.
4. HA02 (Lábrea): É, uma **ponte** ou um **trapicho**.
   INQ.: E qual é a diferença da ponte pro trapicho?
   HA02 (Lábrea): Porque a ponte é de madeira roliça, né? E o trapicho é de tábua.
5. HB01 (Humaitá): **Ponte** mesmo, tudo ponte, **passarela**.
6. HB02 (Humaitá): Ah aquilo chama se... (inint.) maromba**.**
   INQ.: Maromba não é pra bicho?
   HB02 (Humaitá): Também serve, faz um em cima da outra, é maromba realmente. O rio vai enchendo, vai fazendo a maromba.
   INQ.: E se for feito como se fosse uma passarela, como uma calçada, para você passar em lugares onde tem lama?
   HB02 (Humaitá): **Pinguela**.
7. HB01 (Manicoré): Os **tablado**, como é... **passarelas**?
   INQ.: É tablado ou passarela?
   HB01 (Manicoré): Tablado é que dá o nome das tábuas, passarelas é o que vai até lá benzão.
8. HB02 (Manicoré): **Maromba**.
9. MA01 (Manicoré): Ele faz **andaime** pra subir.
10. MB01 (Borba): **Ponte**, tem uns que chama de ponte e outros que chama de **prancha** . Aí pro interior chama mais de prancha.

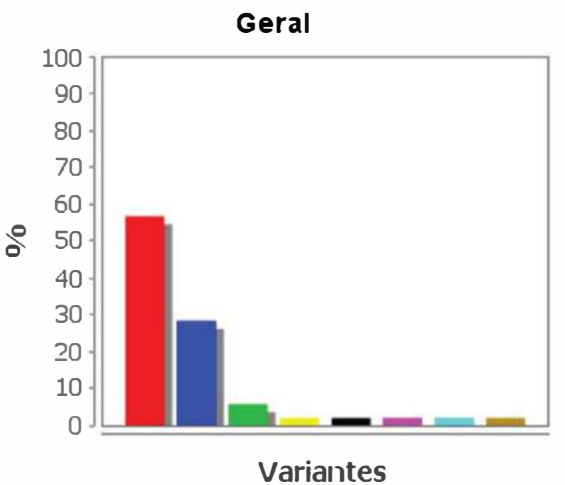
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L**103 - Ponte**




**Legenda**

- Ponte
- Trapiche
- Passarela
- Maromba
- Prancha
- Tablado
- Andaime
- Pinguela




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



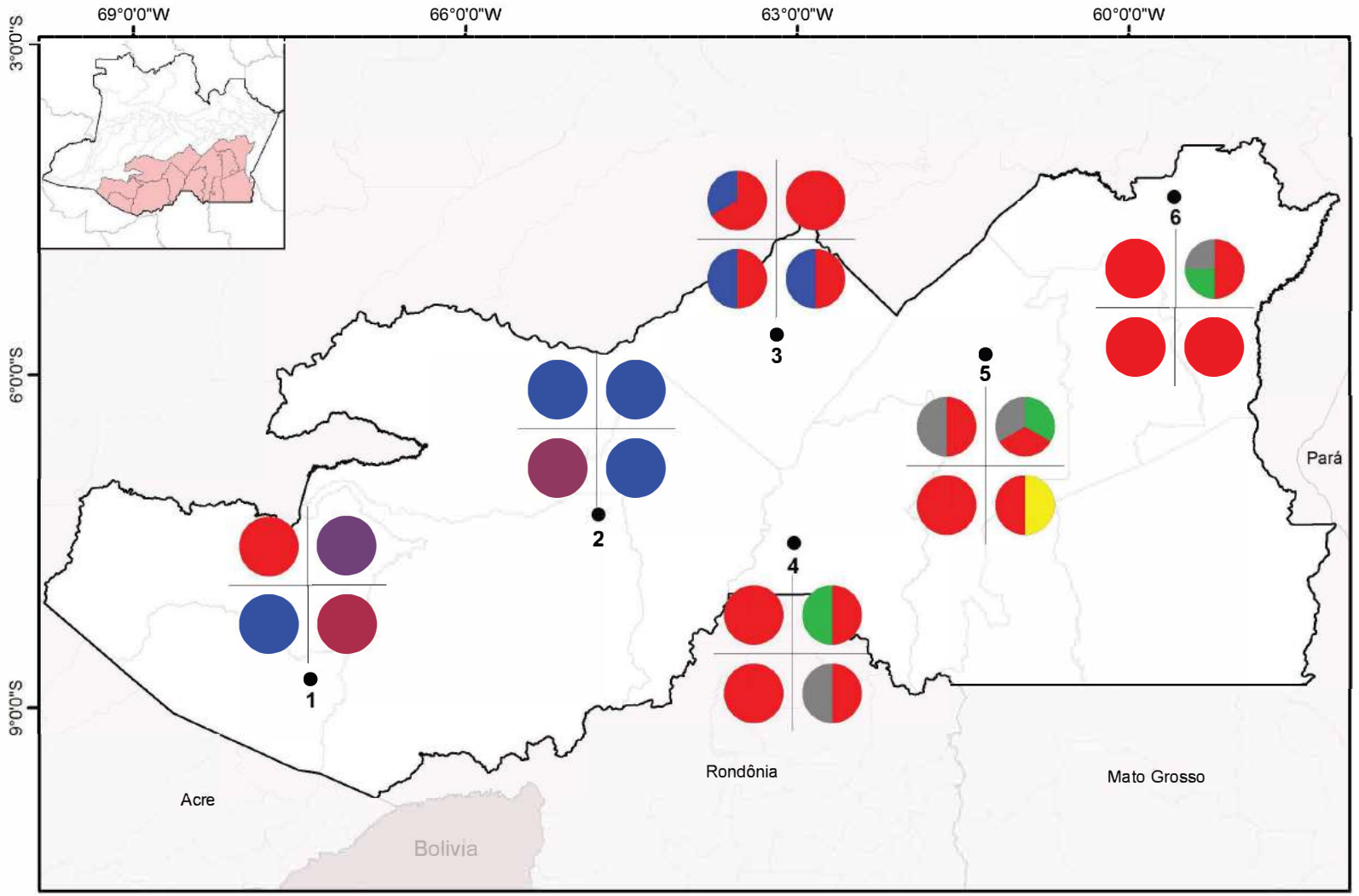

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L103a - Ponte - Distribuição por idade e escolaridade

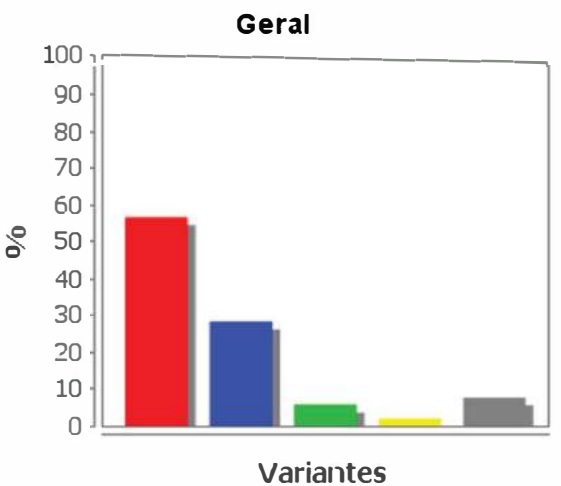



**Legenda**

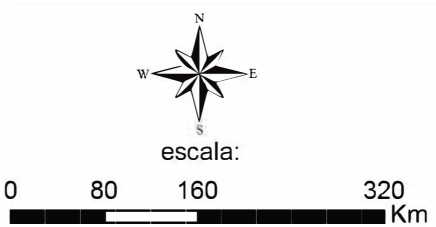
- Ponte
- Trapiche
- Passarela
- Maromba
- Outros

① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L104
# BENJAMIM

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-118:** Como se chama a peça usada para ligar mais de um eletrodoméstico na mesma tomada?

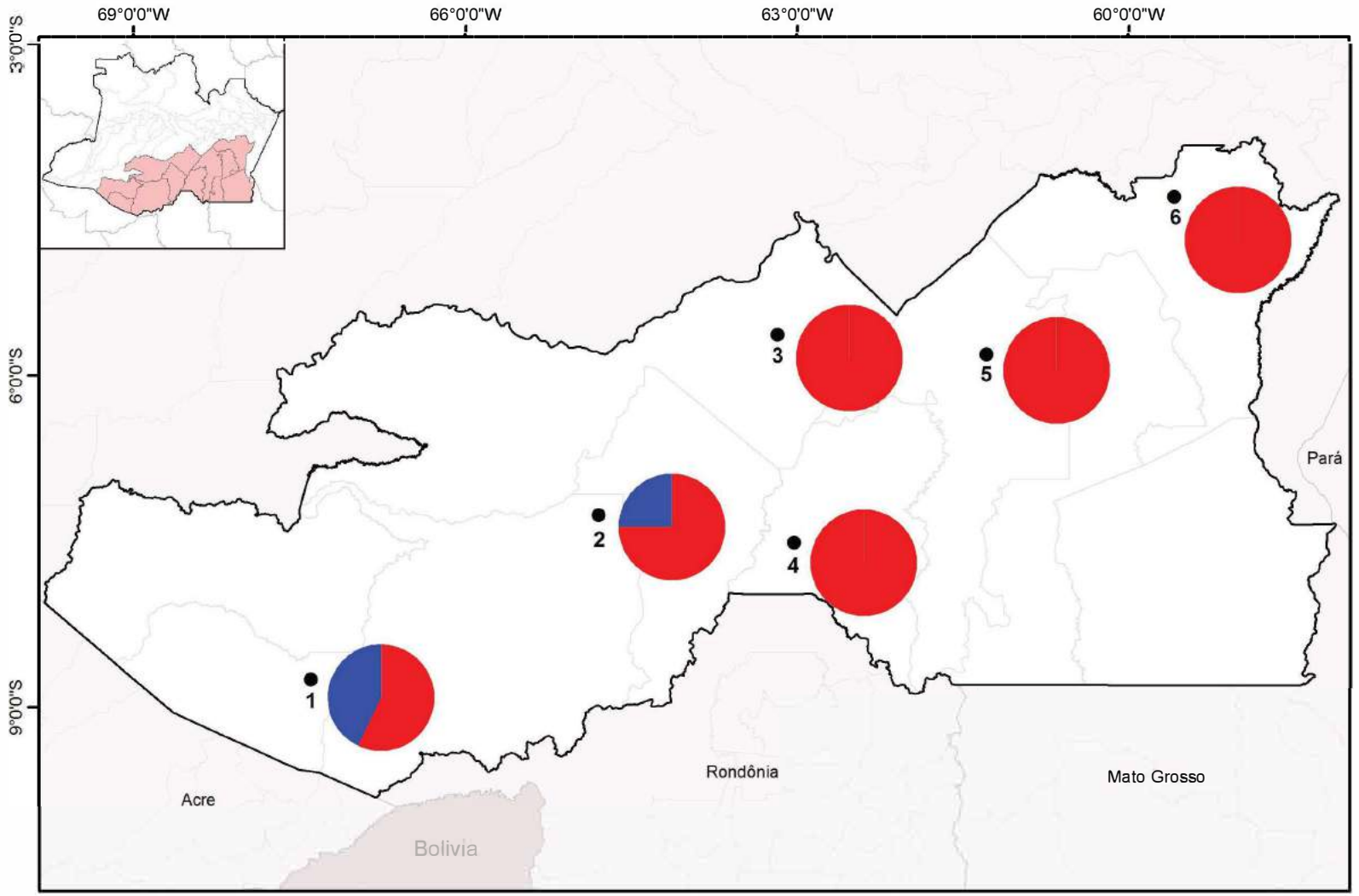


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 e MB02 (Boca do Acre)
2. HA01 (Boca do Acre): Aqueles **tezinho**?
3. HB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama de **tê**, tem gente que chama de **benjamim** (...).
4. MA02 (Manicoré): Como chama a peça? É **benjamim**.

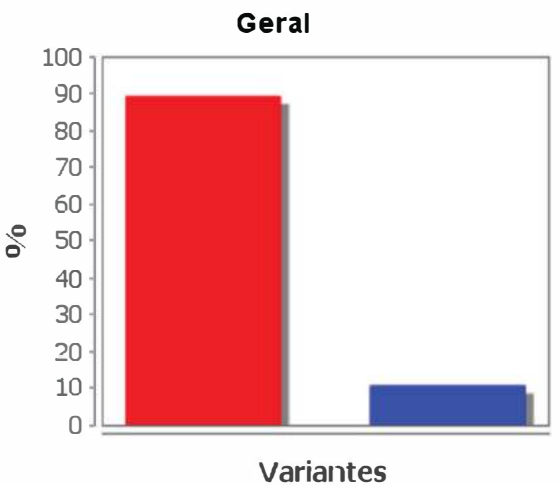
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L104 - Benjamim

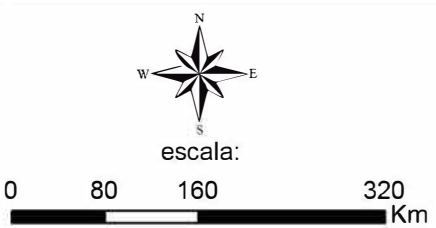



**Legenda**

- Benjamim
- Tezinho/ Tê




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L105
# EXTENSÃO

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-119:** E a peça que serve para ligar um eletrodoméstico que está longe da tomada?

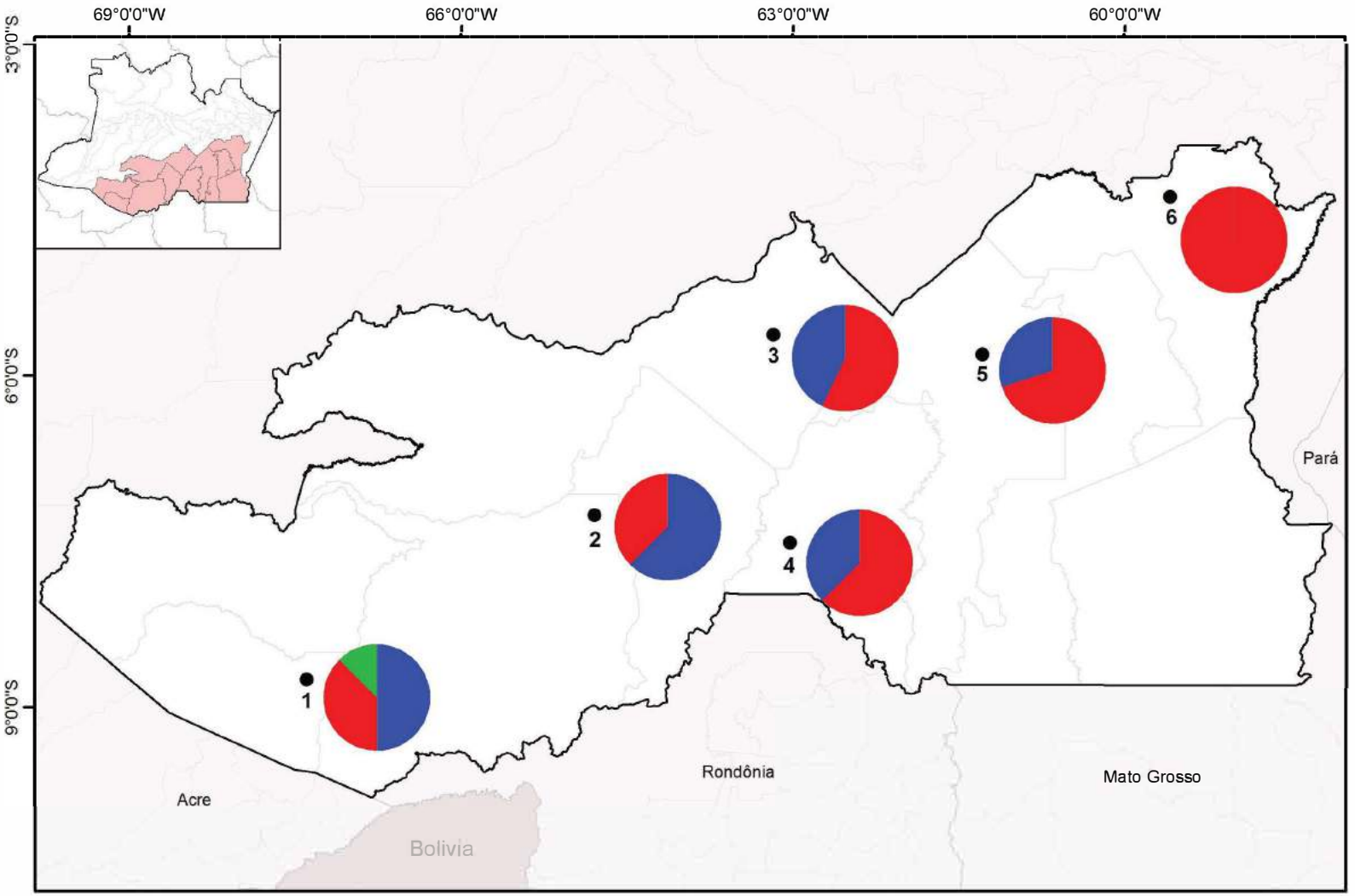


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB02 (Lábrea) e HB02 (Tapauá).
2. HB01 (Boca do Acre): Tomada, né?
   INQ.: Aquilo que liga uma peça que está longe da tomada, a tomada está ali e o eletrodoméstico aqui, o que é que eu uso? Aquele que tem o fio longo.
   HB01 (Boca do Acre): É **tomada** mesmo.
3. MA01 (Lábrea): **Extensão**.
   INQ.: Só conhece esse nome?
   MA01 (Lábrea): **Rabicho**, né?
4. HB01 (Manicoré): Tem o... o pessoal fala muito aqui, vai no mercado e o pessoal diz muita coisa, que é no mercado fala que é, que é, como que é...pessoal fala **rabicho**, né? O rabicho é grandão. Aí **extensão** fala no mercado. Não é extensão o que você quer saber? Extensão fala no mercado, né, o pessoal fala aqui raba..., se tu falar me empresta tua extensão, o pessoal fala "o que é isso, o que é isso?", principalmente esses mais velho, né, agora "empresta seu rabicho" aí..

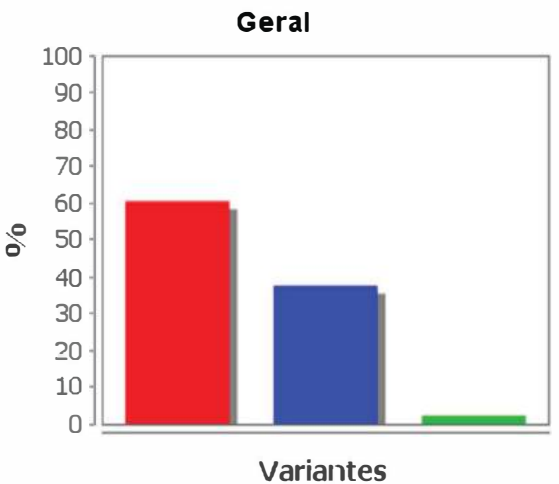
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L105 - Extensão

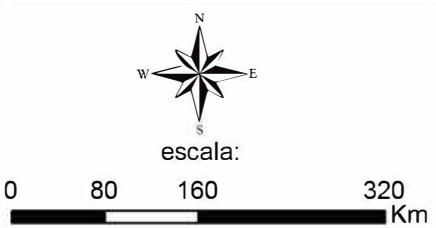



**Legenda**

- Extensão
- Rabicho
- Tomada




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L106
# CABIDE

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-121:** E a peça em forma de triângulo usada para guardar roupas dentro dos guarda-roupas ou expor roupas numa loja?

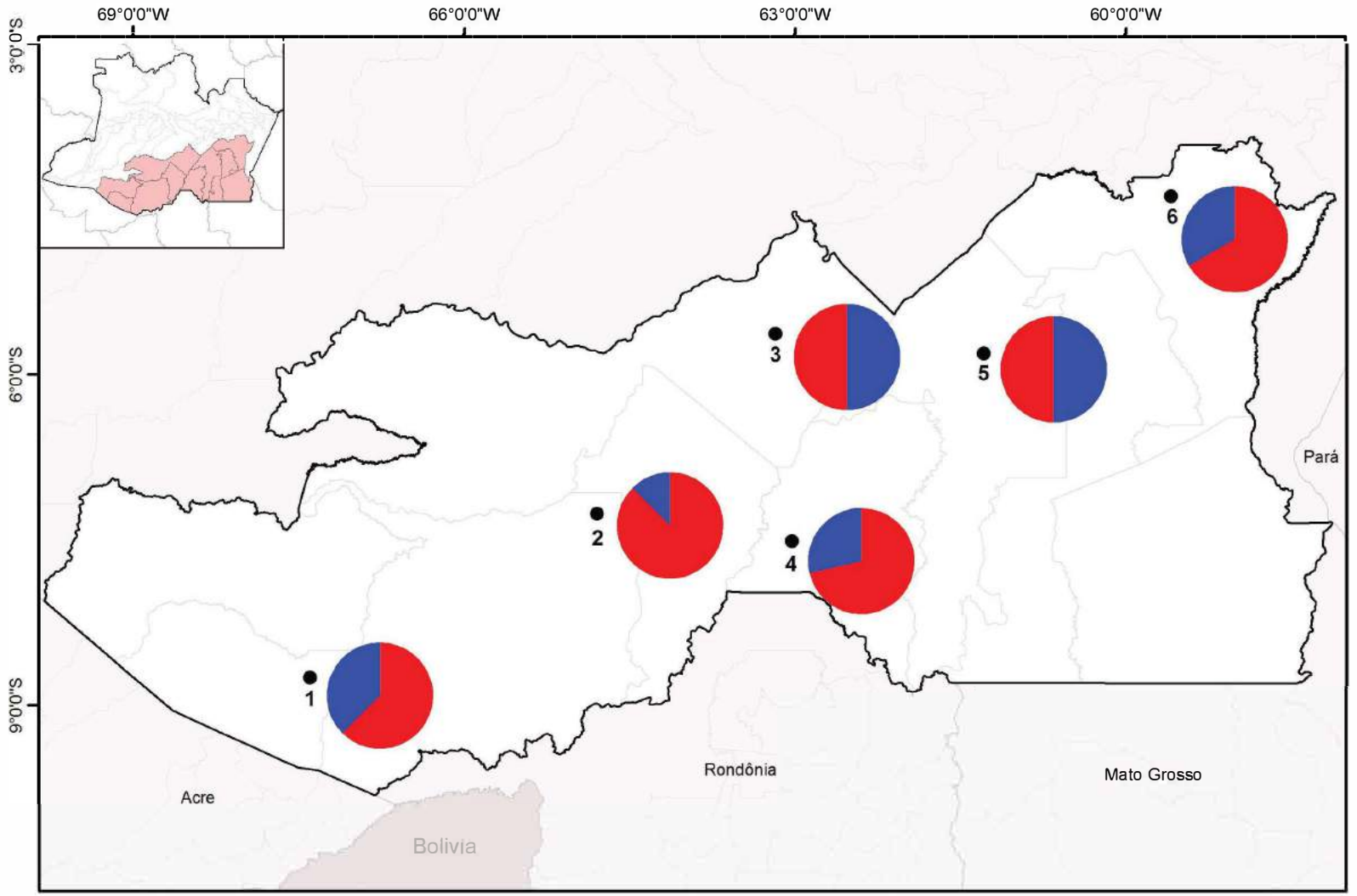


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 (Boca do Acre); MB01 (Lábrea); HA02 (Humaitá) e HA02 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama de **cruzeta**, tem gente que também chama de **cabide**.
3. MA01 (Lábrea): **Cabide**.
   INQ.: Os dois são cabides então?
   MA01 (Lábrea). É, **cruzeta**.
4. MA01 (Manicoré): Eu chamo **grozê**, que nós chama.

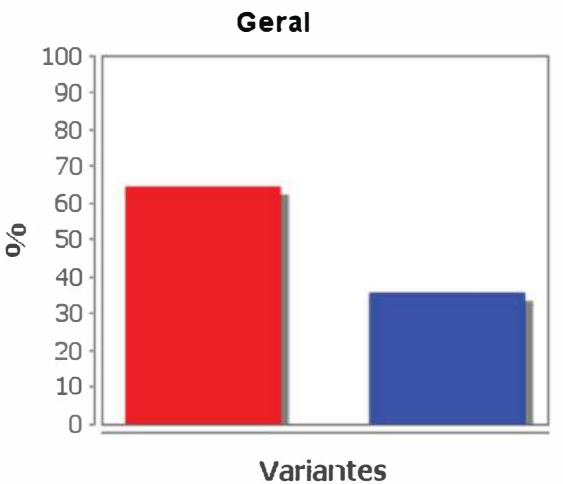
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L**106 - Cabide**




**Legenda**

- Cabide
- Cruzeta/ Grozê




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



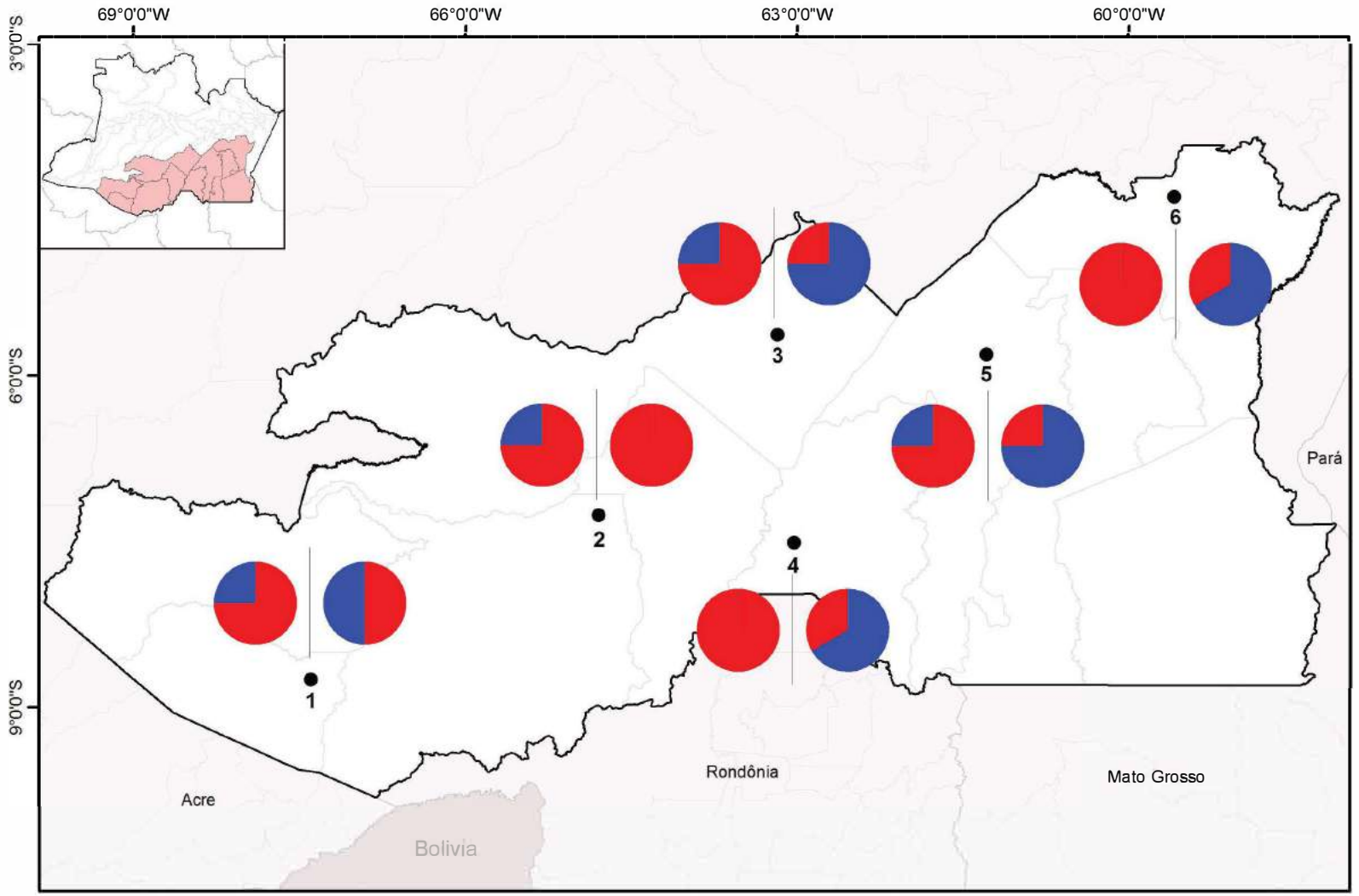

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L106a - Cabide - Distribuição por idade



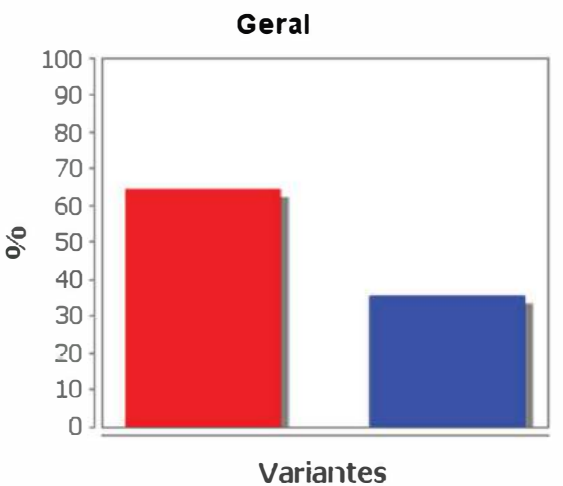

**Legenda**

Cabide

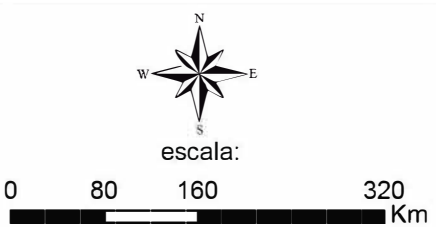
Cruzeta/ Grozê

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L107
# PREGADOR

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-122:** Como se chama aquele objeto usado para prender a roupa no varal enquanto seca?

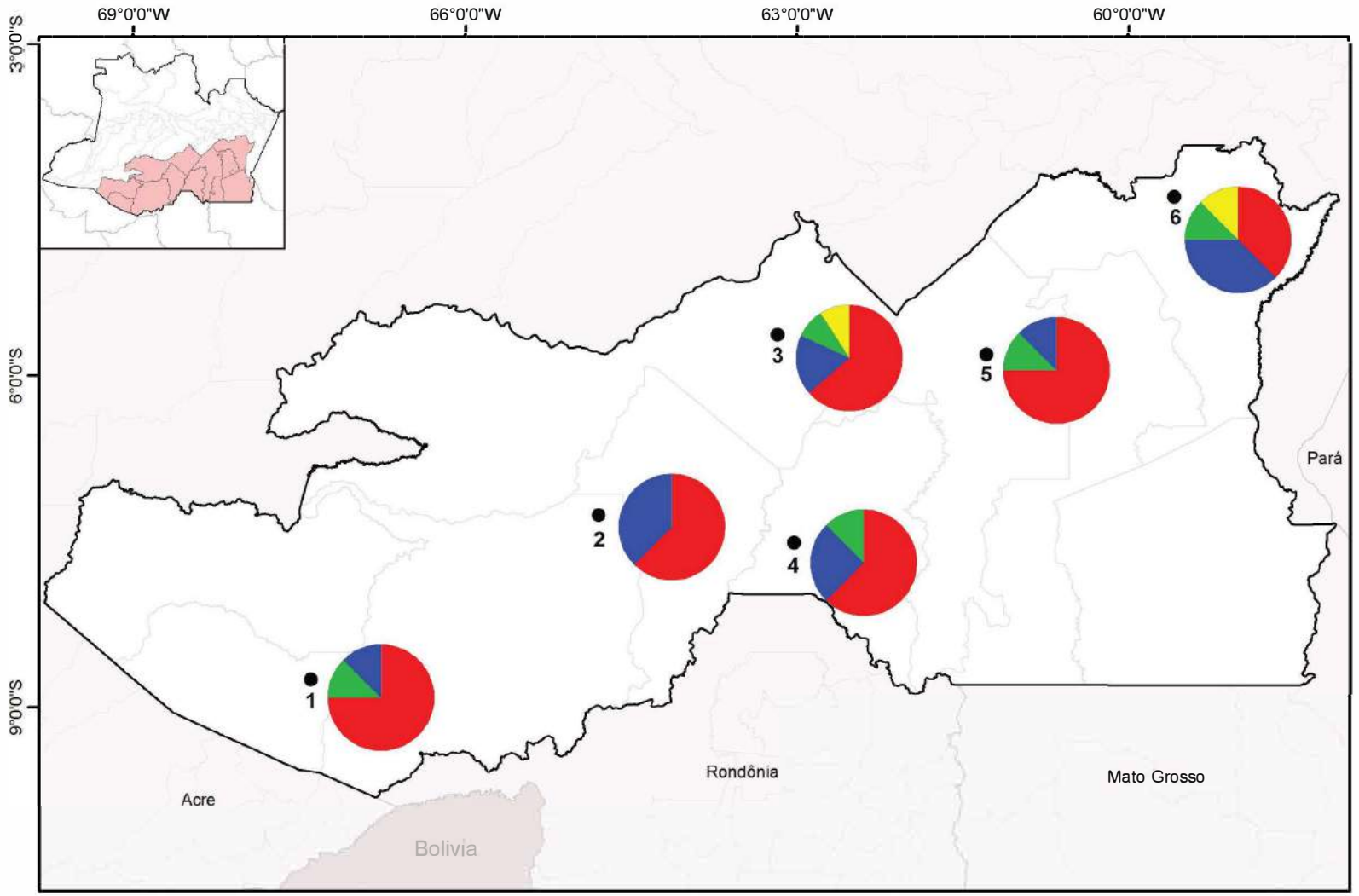


**NOTAS:**

1. HB01 (Lábrea): É o **pregador**.
2. MA01 (Tapauá): No **tracador**, no **pregador**, né?
   INQ.: É tracador ou pregador?
   MA01 (Tapauá): Atracador. Ou é apregador? Ah, não sei, eu sempre falo os dois, né? (risos).
3. HB01 (Manicoré): É o **grampo**.
4. MA01 (Borba): **Prendedor** de roupa.
   INQ.- Como?
   MA01 (Borba): **Tracador**.
   INQ.: É prendedor ou atracador? (...) Como é que tu chama?
   MA01 (Borba): Prendedor, atracador.

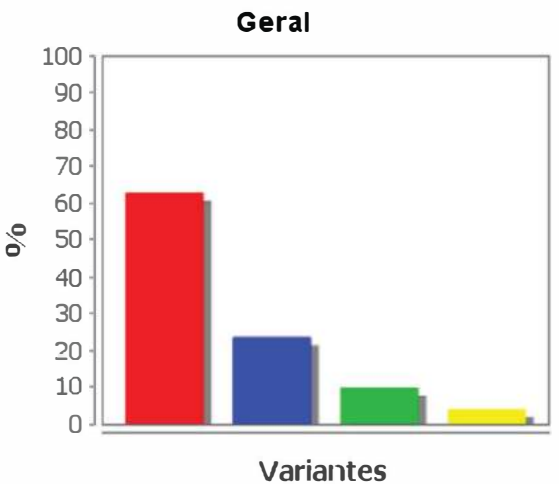
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L107 - Pregador

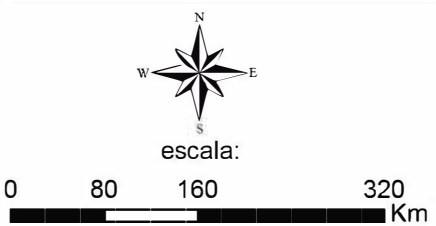



**Legenda**

- Pregador
- Prendedor
- Grampo
- Tracador




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L108
# CABECEIRA

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-123:** Como se chama a parte da cama que indica o lado que deitamos a cabeça?

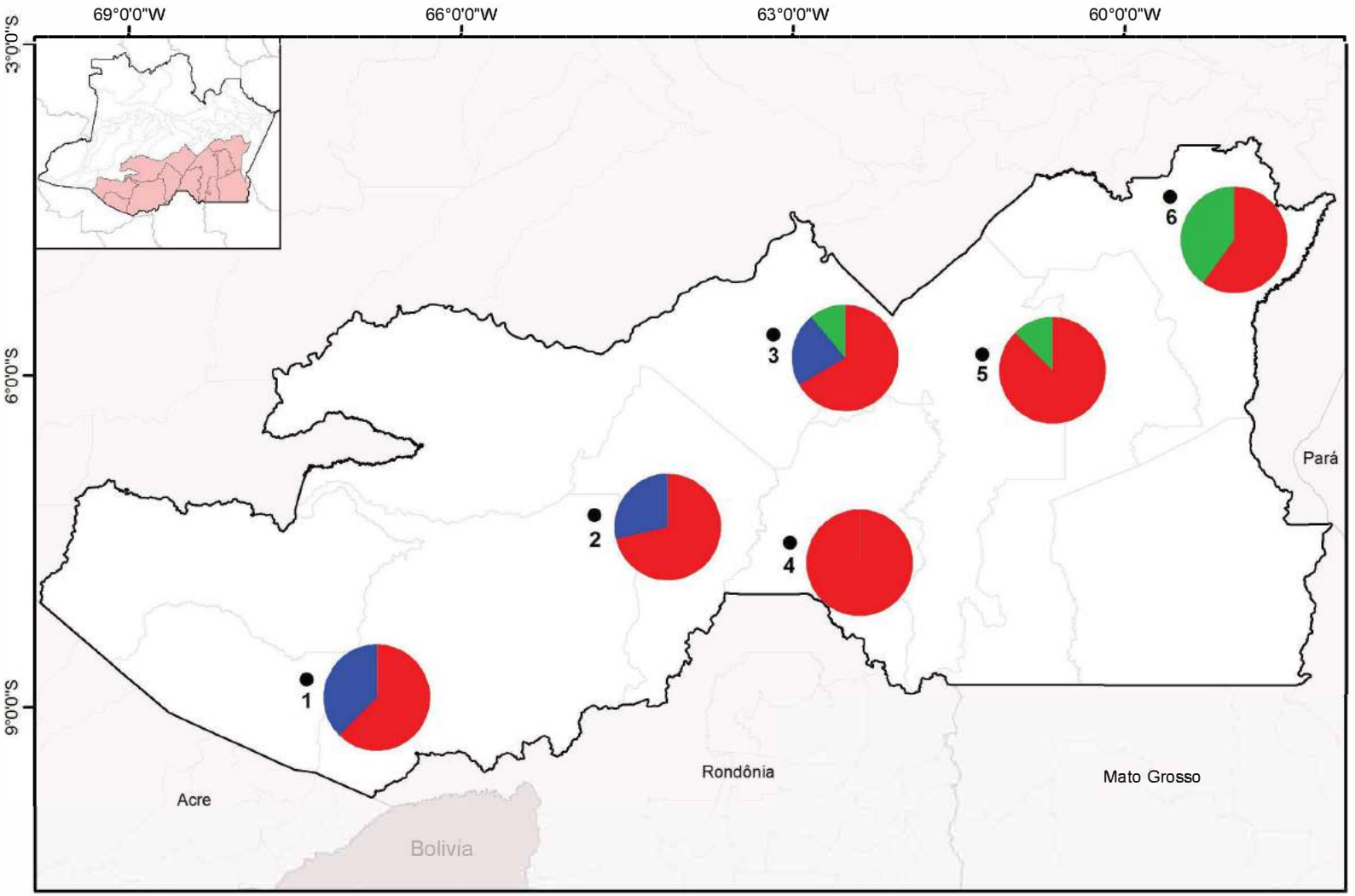


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02 e MB01 (Lábrea) e HA02 e HB01 (Borba).
2. HA01 (Lábrea): A **testeira**.
3. MA02 (Tapauá): (risos) Não sei não, sei o que é o travesseiro.
   INQ.: O travesseiro fica de que lado da cama?
   MA02 (Tapauá): Do **espelho**, né?
   INQ.- Aquela parte alta da cama, chamamos de que?
   MA02 (Tapauá): **Cabeceira**?
4. MA01 (Manicoré): Cabeceira.
5. MA02 (Borba): Do lado do **espelho** da cama.
   INQ.: É espelho que chama, aquela parte alta assim?
   MA02 (Borba): É, espelho da cama.

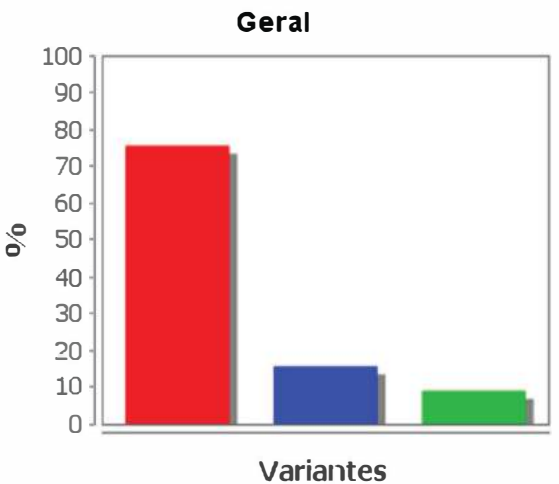
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L108 - Cabeceira

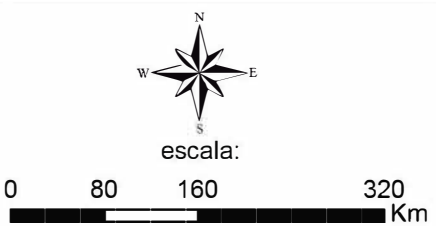



**Legenda**

- Cabeceira
- Testeira
- Espelho



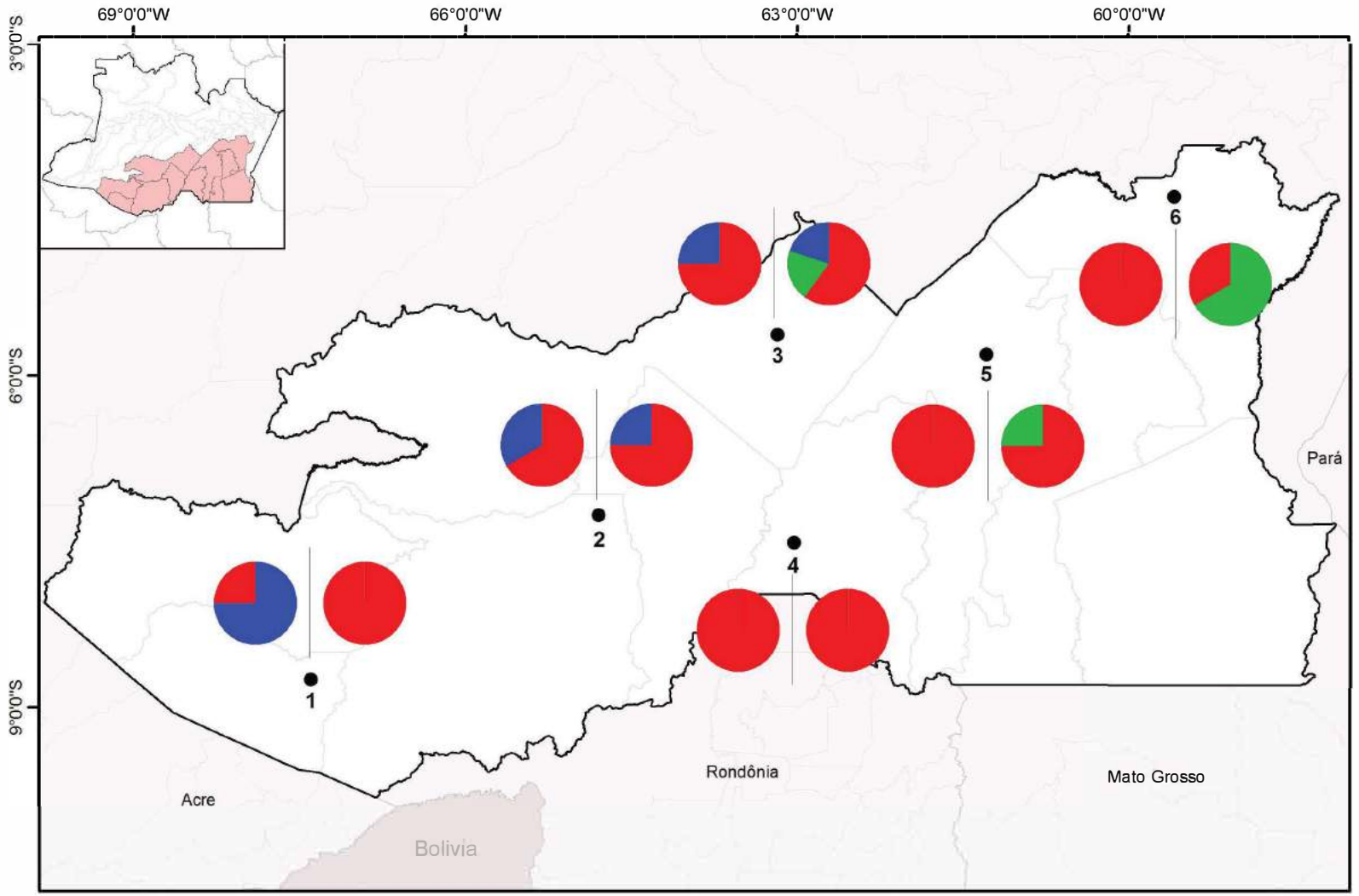

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L108a - Cabeceira - Distribuição por idade

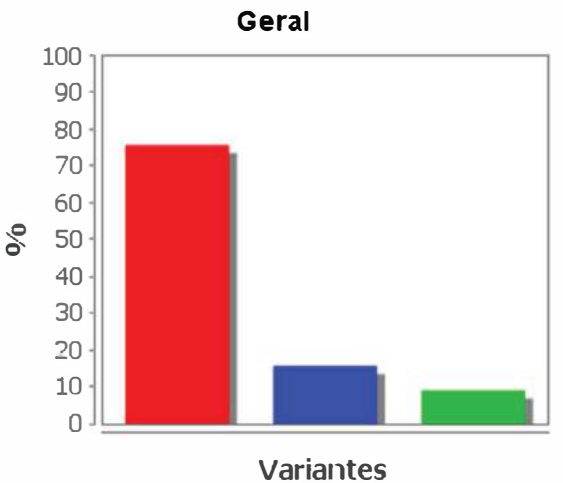



**Legenda**

- Cabeceira
- Testeira
- Espelho

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L110
# VASO SANITÁRIO

**Meio Antrópico: Habitação – QSL-125:** Qual o nome daquele lugar onde a gente senta para fazer as necessidades e para urinar?



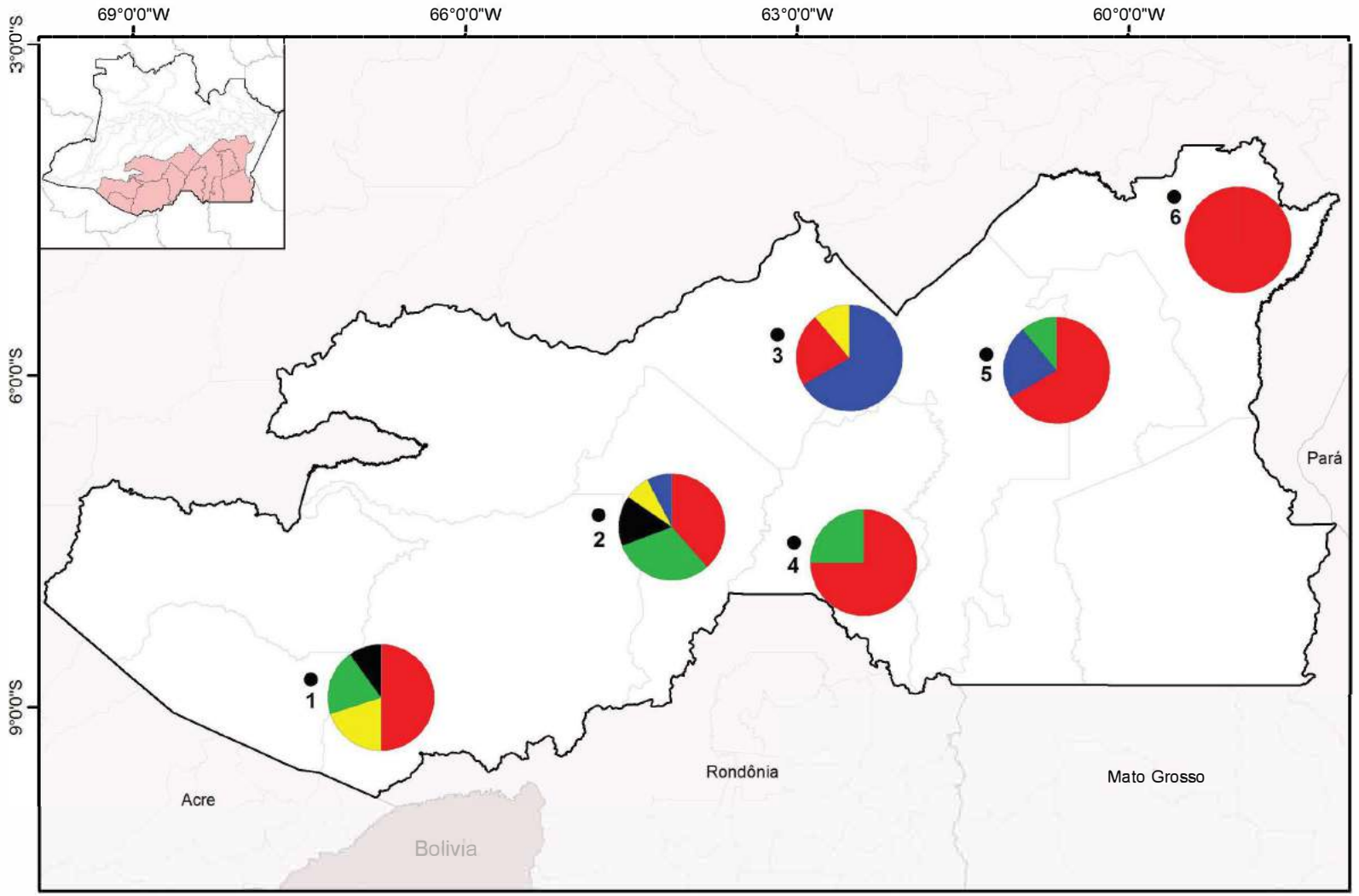


**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): Bom, ah, tem gente que chama de **vaso**, mas no interior não tem, então a gente chama de... O senhor quer saber mesmo? (risos).
   INQ.: Quero.
   MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **cagador** (risos) que é um pau que a gente fica lá de cócoras e faz a necessidade que quiser.
2. HB01 (Boca do Acre): Aqui é **sanitário**, chama **privada**, né inint.
3. HA02 (Lábrea): Chama de **vaso** e pode chamar de **privada** também.
4. MB01 (Lábrea): O **sanitário**? Oh tem assim, porque (inint.) quem mora no interior chama de **privada**, **cagador**, é assim, e já no caso assim que nem de alvenaria a gente chama de sanitário.
5. HA01 (Tapauá): É o **bacio**, né, o **vaso sanitário**.
6. HB02 (Tapauá): **Sanitário**, **bacio sanitário**, mas assim, aqui na cidade ou assim na mata?
   INQ.: Na cidade mesmo, por que na mata é o que?
   HB02 (Tapauá): Na mata eu chamo, (inint.) de um nome meio feio.
   INQ.: Qual?
   HB02 (Tapauá): Vai no mato, vai no **cagador**, né? (risos).
7. MB01 (Humaitá): Aqui nós chama **privada**.
8. HB01 (Manicoré): Ah, tem o **vaso**, tem a **privada** e tem o mato também (risos).
9. MA02 (Borba): É o **vaso**, né? **Vaso sanitário**.

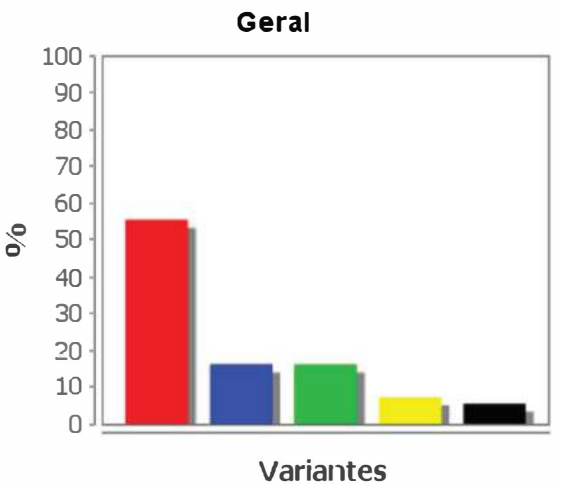
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L110 – Vaso sanitário




**Legenda**

- Vaso/ Vaso sanitário
- Bacio/ Bacio sanitário
- Privada
- Sanitário
- Cagador




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L111
# SUTIÃ

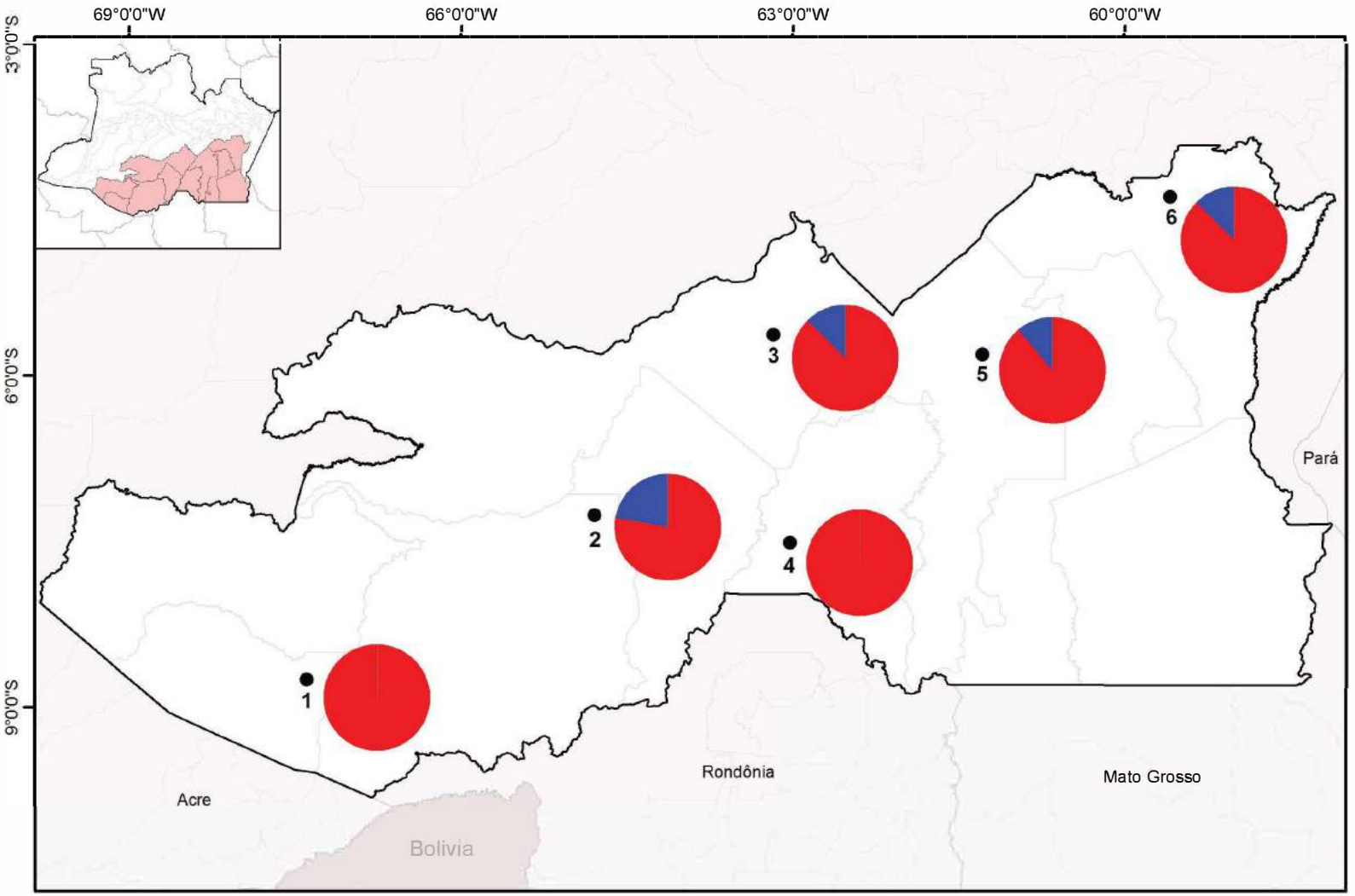
**Meio Antrópico: Vestuário e acessórios – QSL-126:** Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

**NOTAS:**

1. MB01 (Lábrea): **Corpete**? **Sutiã**.
   INQ.: Tem diferença do corpete pro sutiã?
   MB01 (Lábrea): Não, é a mesma coisa, nós que muda o nome, não tem o sutiã, nós chama corpete, mas é a mesma coisa.
2. HB02 (Manicoré): **Corpete**, **sutiã**, né?

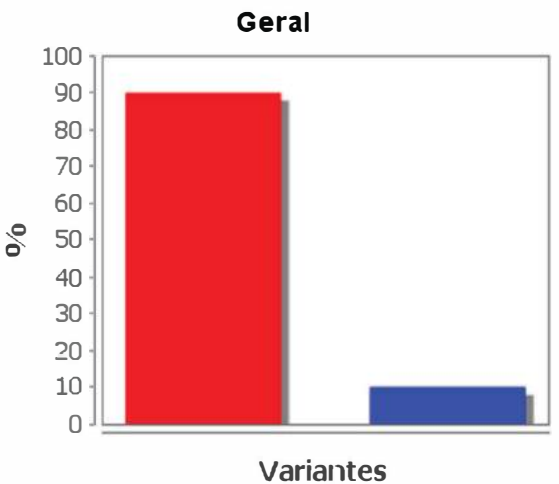
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L111 - Sutiã




**Legenda**

- Sutiã
- Corpete




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

N W E S

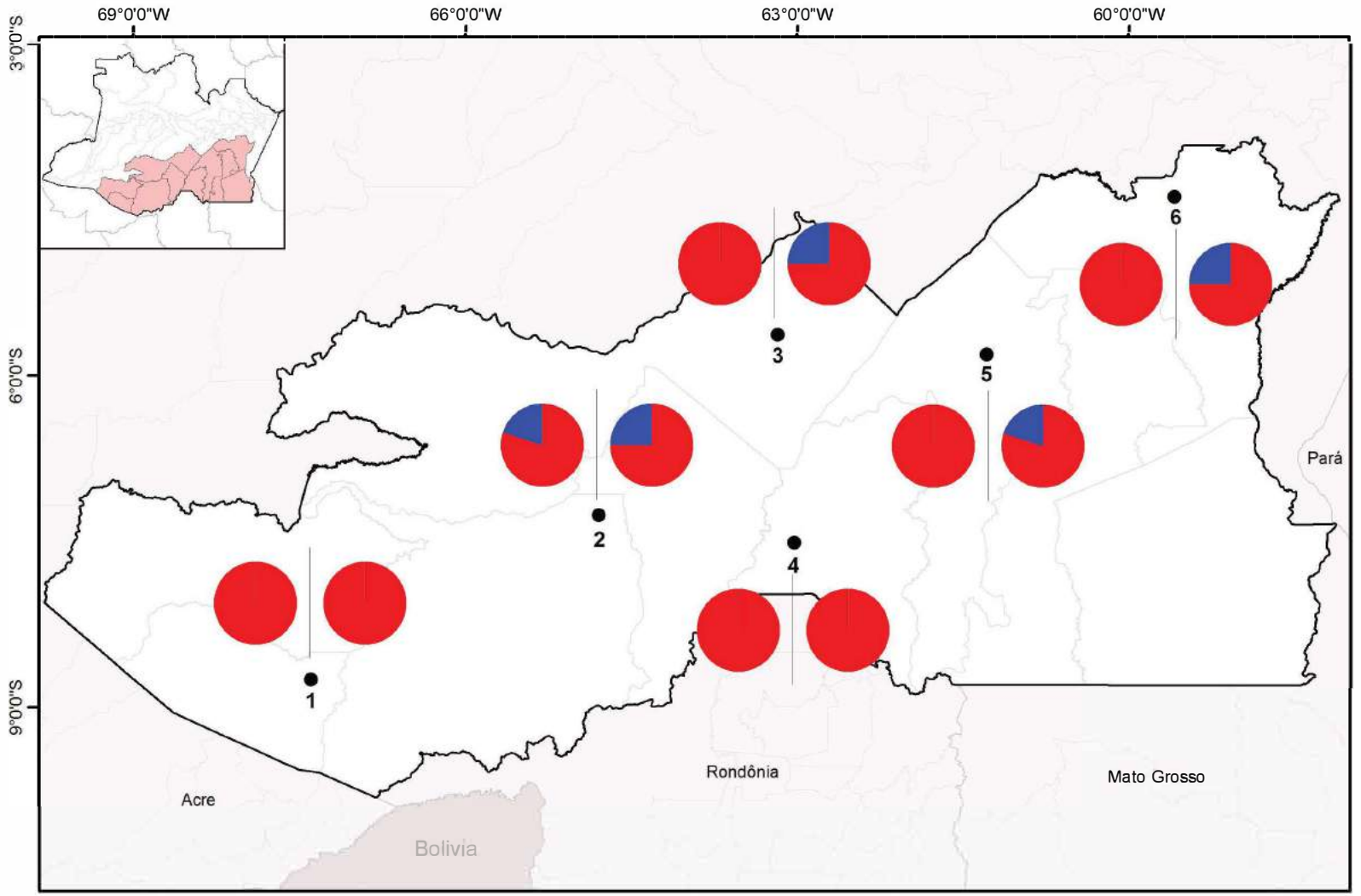
escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L111a - Sutiã - Distribuição por sexo



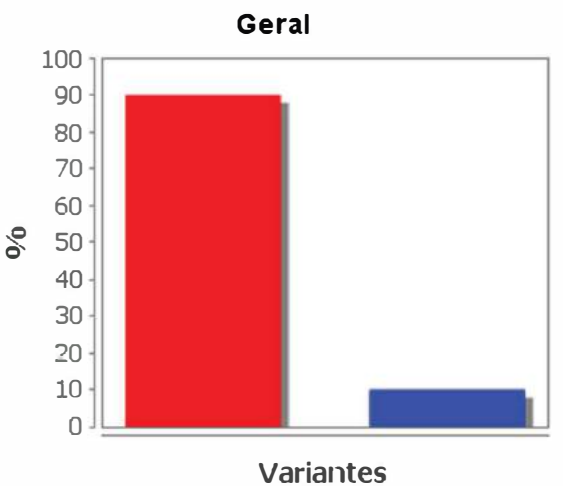

**Legenda**

Sutiã

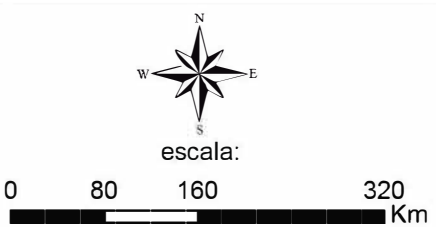
Corpete

(1) (2)

**1: Feminino**
**2: Masculino**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L112
# NÓDOA

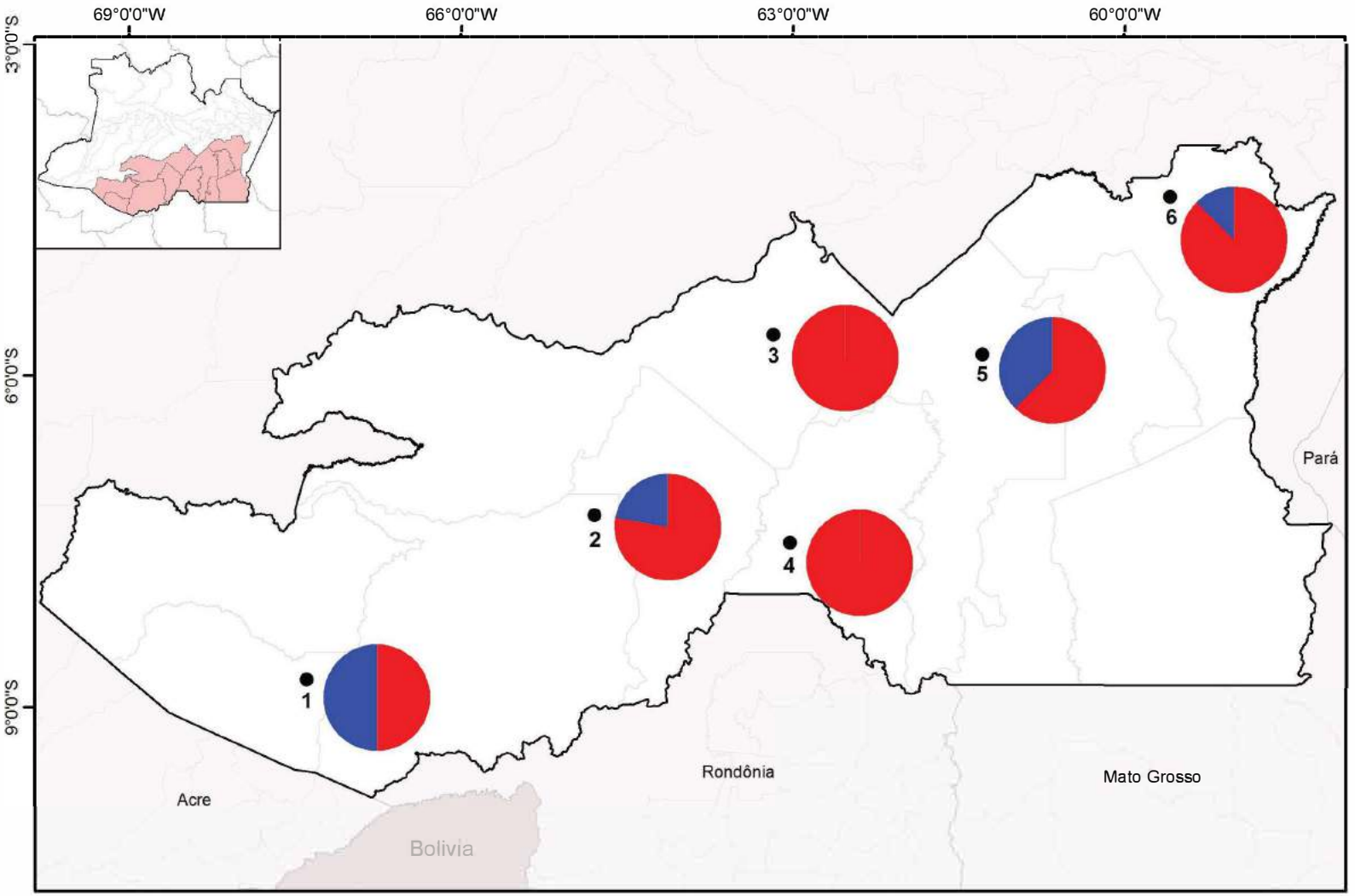
**Meio Antrópico: Vestuário e acessórios – QSL-127:** Como se chama a mancha feita por algum alimento (frutas) que fica na roupa e é difícil de tirar?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA01 (Humaitá).
2. MA02 (Lábrea): **Mancha**? Porque a gente diz "pegou a **noda** da banana". É mancha, não? Mancha, a roupa tá manchada.
3. HA01 (Tapauá): **Noda**, nós conhece que nem noda aqui.
4. MA01 (Borba): É **mancha**.

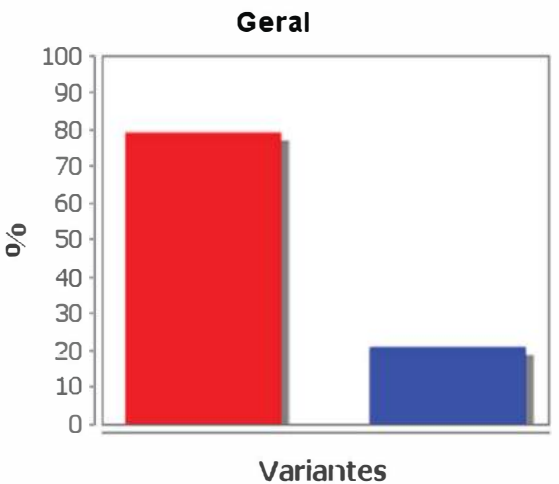
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L112 - Nódoa

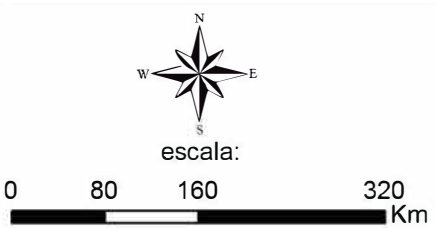



**Legenda**

- Noda
- Mancha



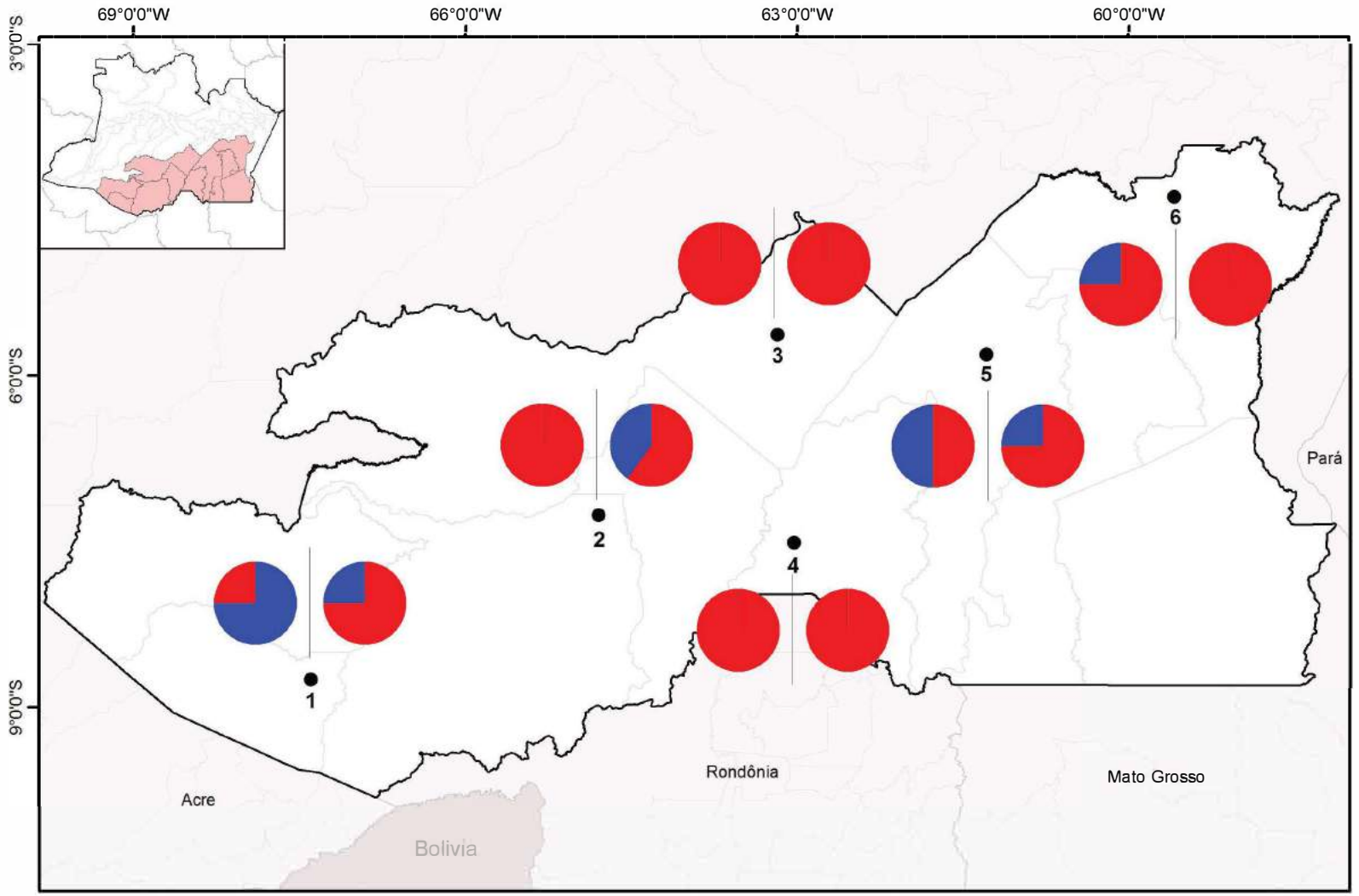

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L112a - Nódoa - Distribuição por idade




**Legenda**

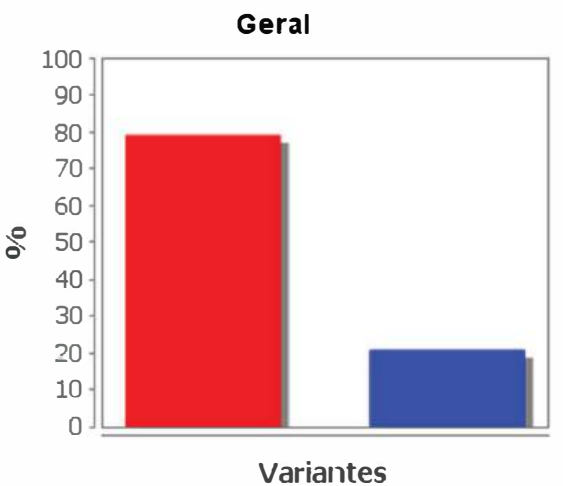
Noda

Mancha

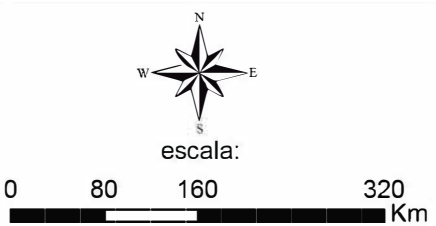
① ②

1: 20 a 35 anos

2: 50 a 65 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L113
# TIARA

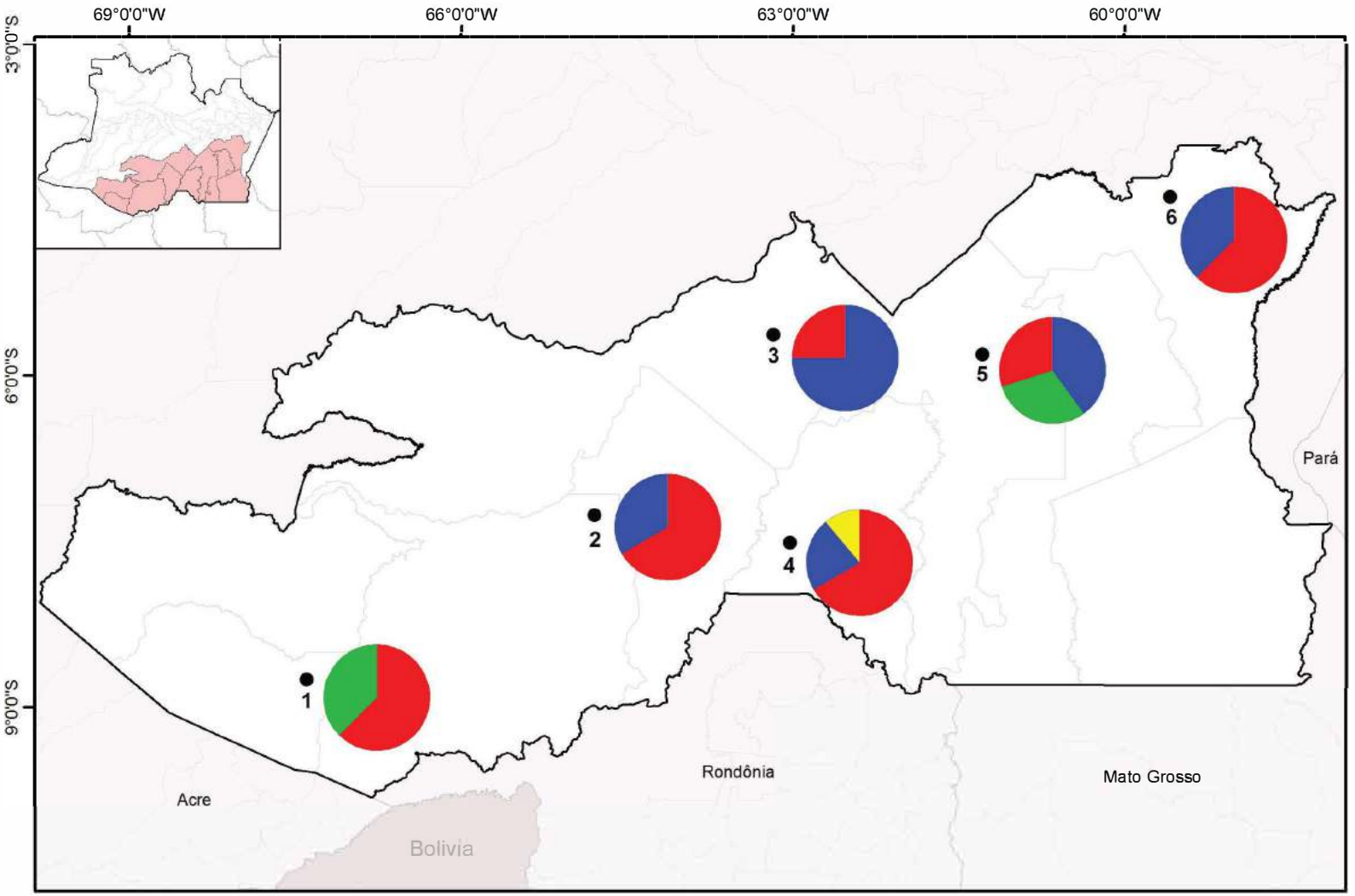
**Meio Antrópico: Vestuário e acessórios – QSL-129:** E aquele que pega todo o cabelo e o joga para trás?

**NOTAS:**

1. HA02 (Boca do Acre): Ah, diadema.
2. MA01 (Lábrea): Tem a travessa e a tiara.
   INQ.: Qual a diferença?
   MA01 (Lábrea): Os dois nomes são a mesma coisa.
   INQ.: E qual tu usa?
   MA01 (Lábrea): Tiara, porque a travessa acho que é de por comida né? Mas tem muita gente que ainda fala assim.
3. HA02 (Humaitá): Chama de **tiara**, **travessa**... Tem um bocado de nome aquilo ali. Logo quando apareceu era travessa, hoje chama de tiara né.
4. HB01 (Humaitá): **Traca**.
   INQ.: Que você coloca assim? (...) Que tem esse formato assim?
   HB01 (Humaitá): É, a gente chama de traca.
5. MA01 (Manicoré): **Diadema**? **Travessa**, nós chama travessa.
   INQ.: É? E o que é diadema?
   MA01 (Manicoré): É a mesma, a gente chama assim.

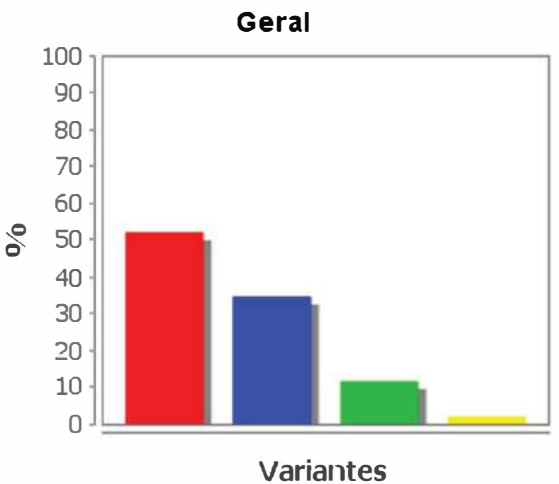
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L**113 - Tiara**

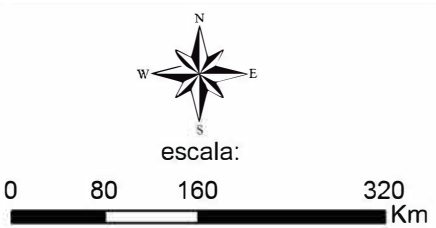



**Legenda**

- Tiara
- Travessa
- Diadema
- Traca




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L114
# COCÓ

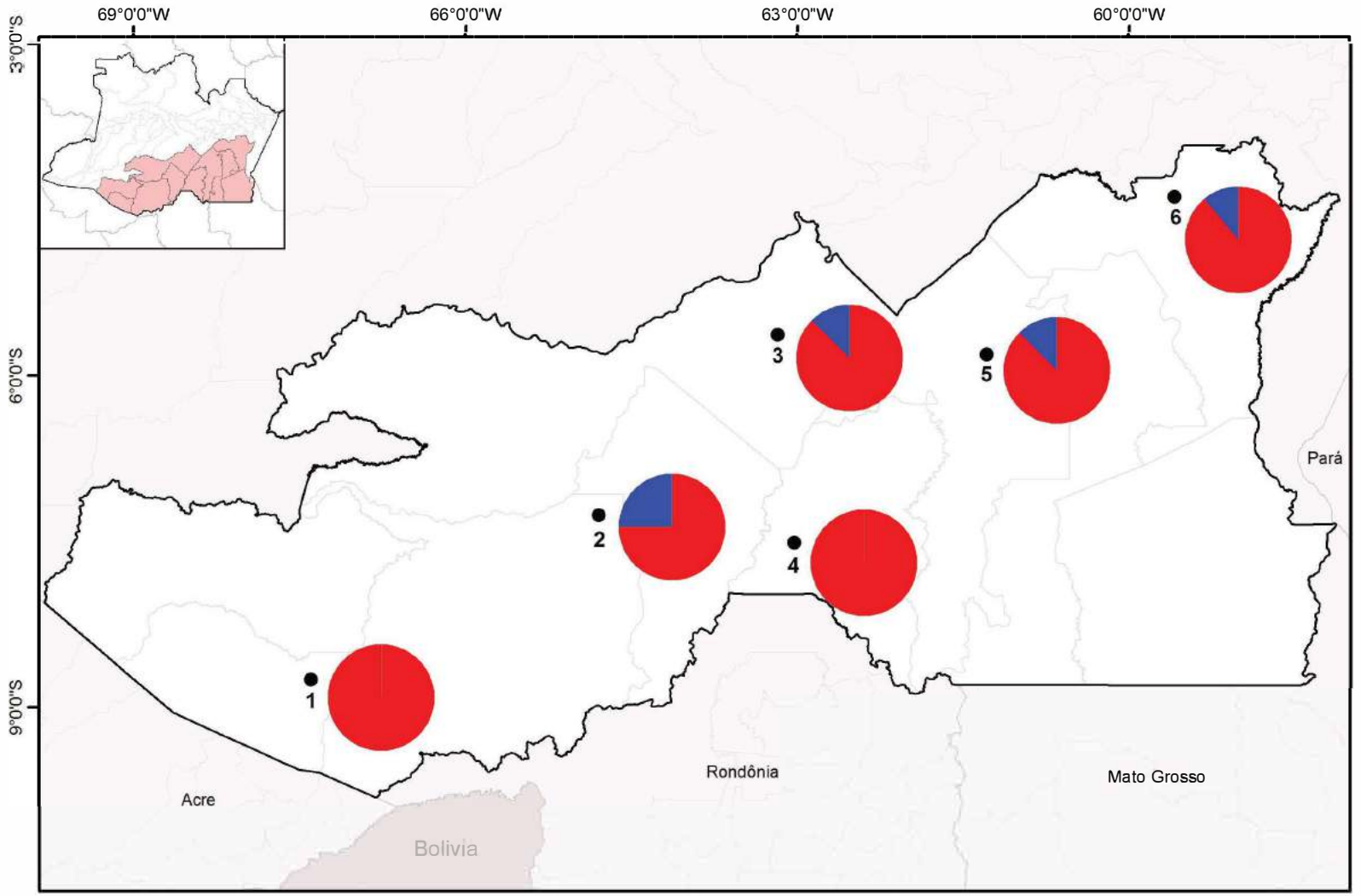
**Meio Antrópico: Vestuário e acessórios – QSL-130:** Como se chama o cabelo enrolado no alto da cabeça e preso com grampo?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 e MB02 (Boca do Acre).
2. MA02 (Borba): **Coque** que chamam, né? **Cocó** sei lá..

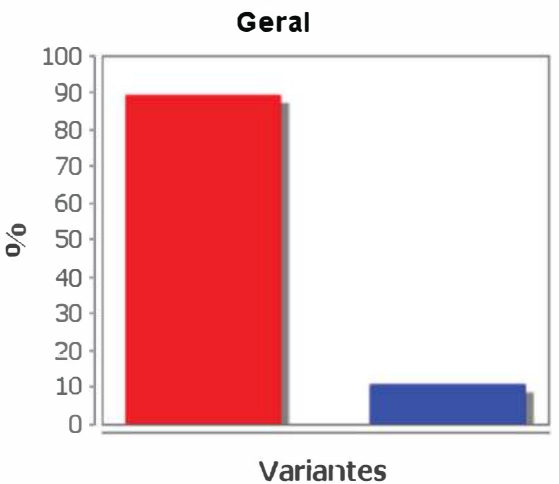
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L**114 - Cocó**

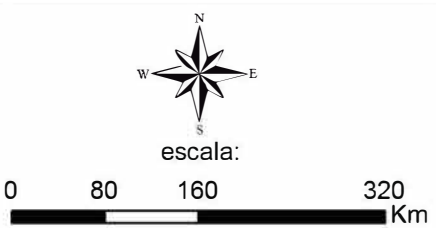



**Legenda**

- Cocó
- Coque



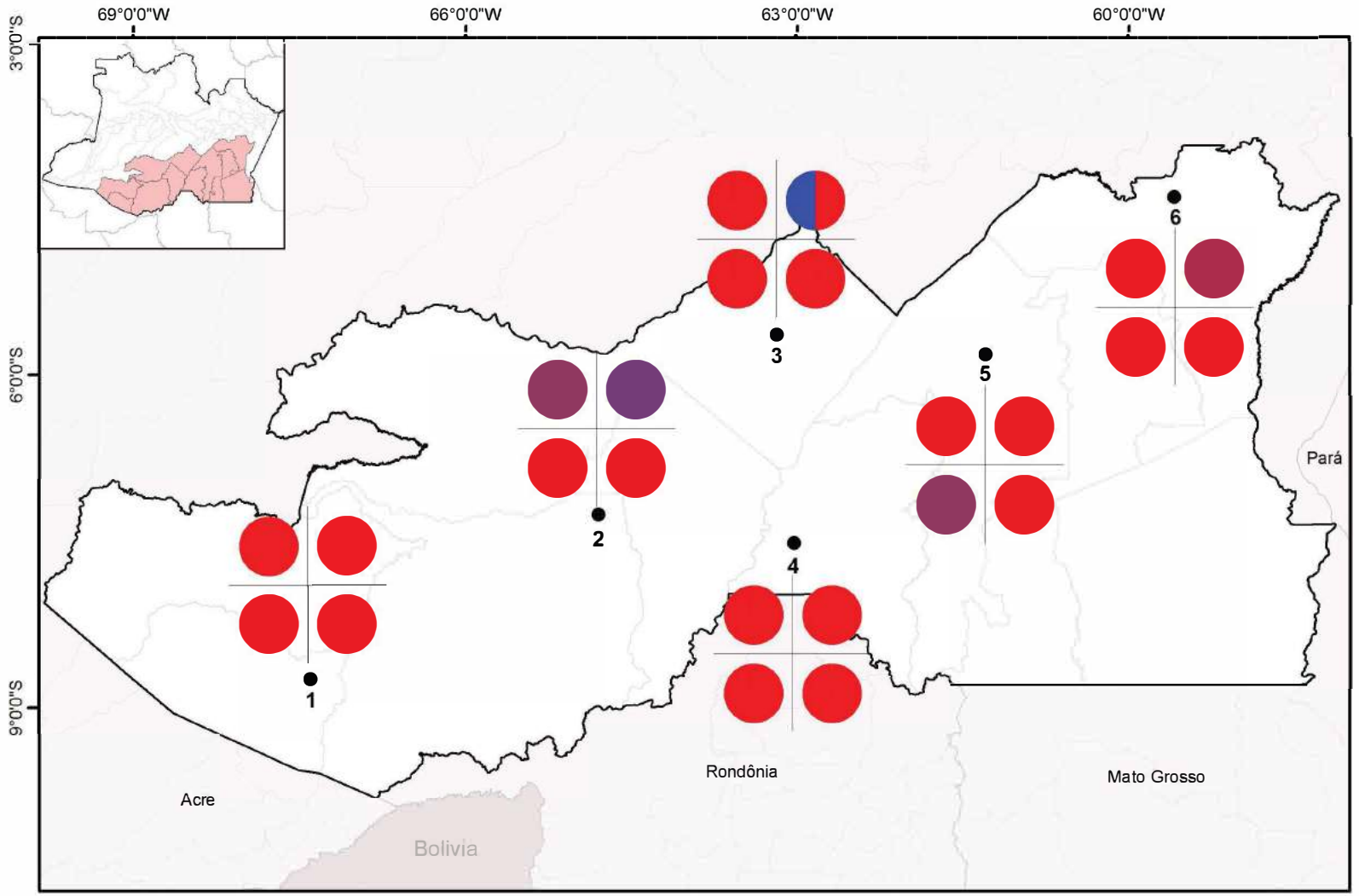

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L114a - Cocó - Distribuição por sexo e idade



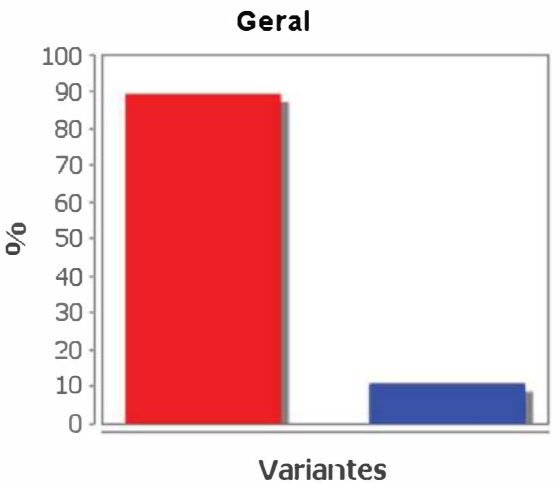

**Legenda**

Cocó

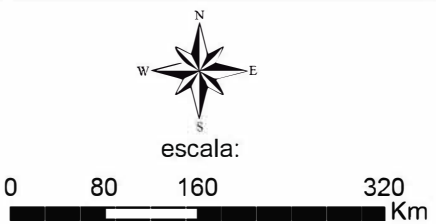
Coque

① ② ③ ④

1: Feminino - 20 a 35 anos
2: Feminino - 50 a 65 anos
3: Masculino - 20 a 35 anos
4: Masculino - 50 a 65 anos



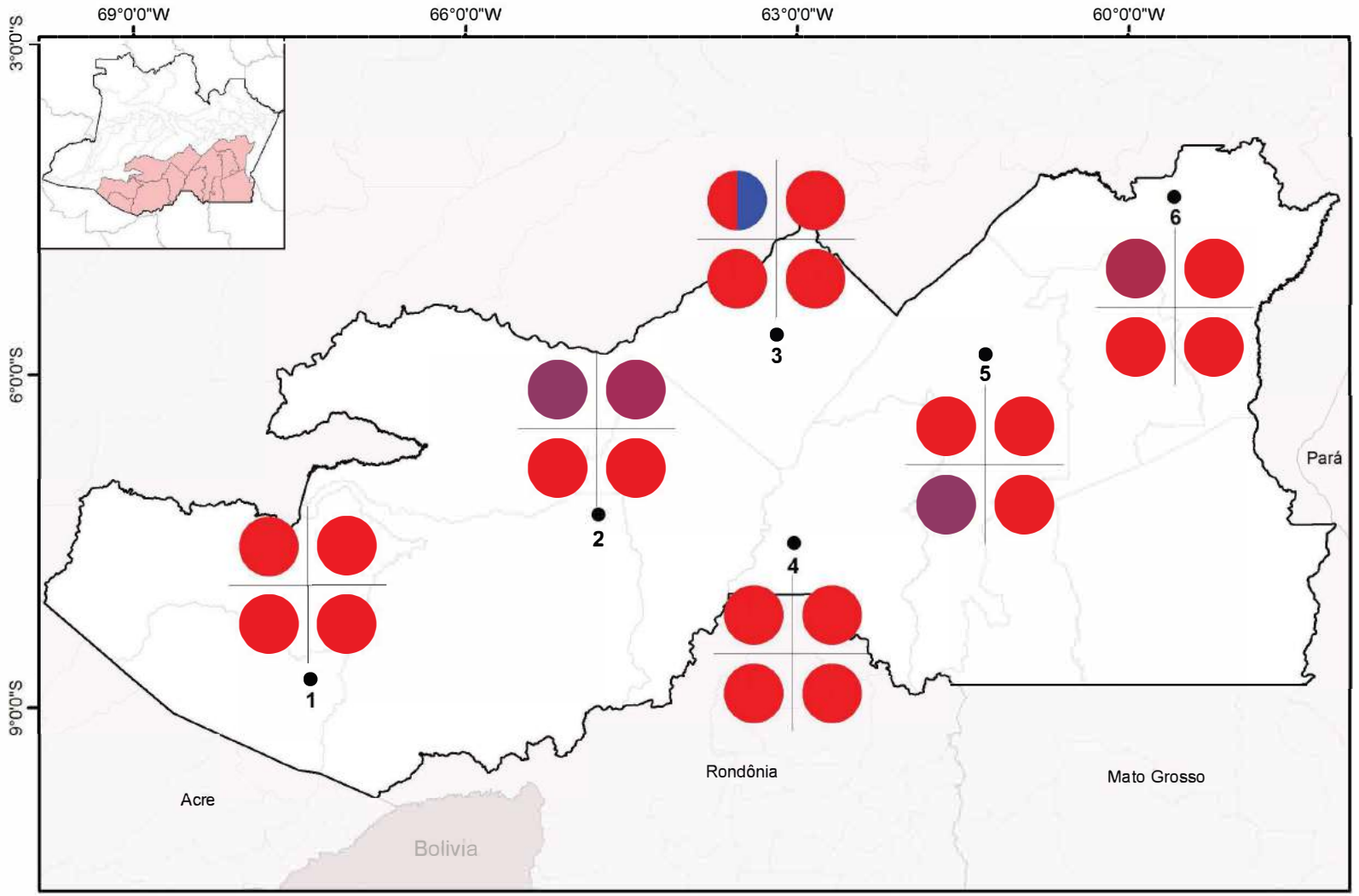

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L114b - Cocó - Distribuição por sexo e escolaridade



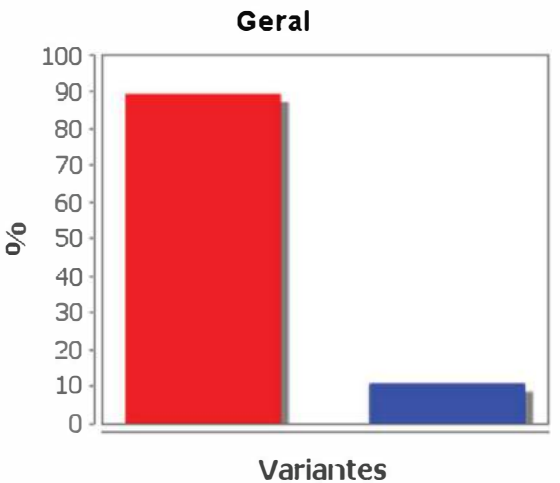

**Legenda**

Cocó

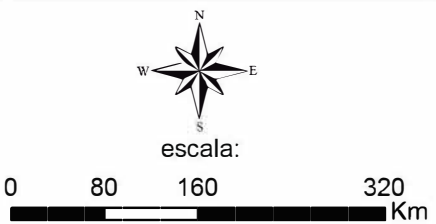
Coque

① ② ③ ④

1: Feminino - 4 a 7 anos
2: Feminino - 10 a 13 anos
3: Masculino - 4 a 7 anos
4: Masculino - 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L117
# MEIOS USADOS PARA ALIVIAR SOLUÇO DE CRIANÇA

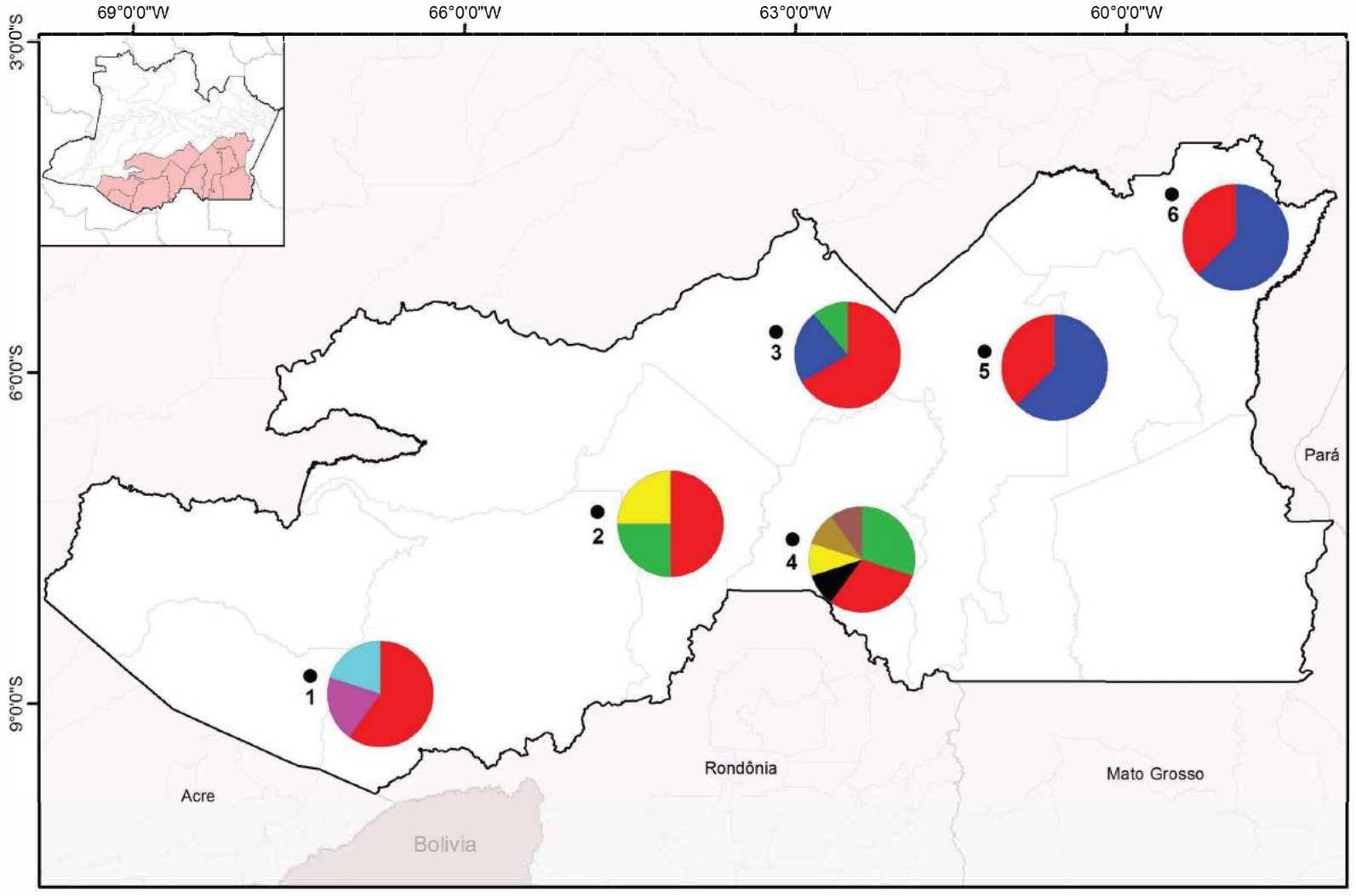
**Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas – QSL-133:** E qual o meio usado para aliviar o soluço das crianças?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 (Boca do Acre); HB01 (Lábrea) e MB02 (Tapauá).
2. PROBLEMA TÉCNICO: MA01 (Humaitá).
3. HB01 (Boca do Acre): **Água**, bebe água, né?
   INQ.: Tem alguma outra coisa que se usa na criança?
   HB01 (Boca do Acre): Tem só que tô esquecido também, né, parece que é **leite de peito**, se não me engano, que usa na (inint.).
4. MB02 (Boca do Acre): **Assustar** a criança.
   INQ.: Se for bebê?
   Se for bebê é... é **dar umas massagenzinha no pulso** da criança (...).
5. MB01 (Lábrea): Só **dar água** mesmo, ou então **põe um negocinho vermelho**, **um pedacinho de tirinha vermelha**, põe **na testa** dele, dele ou dela.
6. MA02 (Tapauá): **Dar um susto**. (...) Eu vi dizer que sim, que se assustar, passa o soluço.
   INQ.: Tem alguma coisa que pode ser colocada na criança também?
   MA02 (Tapauá): Ah, é um **pedaço de alguma coisa vermelha**.
   INQ.: Coloca onde?
   MA02 (Tapauá): Na testa.
7. MA02 (Humaitá): As mãe **coloca bolinha de pano vermelha na testa**.
8. HA02 (Manicoré): **Colocar papel na testa**.
   INQ.: Tem uma cor especifica ou não?
   HA02 (Manicoré): Não. Que eu saiba não
9. MA01 (Borba): **Colocar um papelzinho vermelho na testa** e **beber sete goles d'água**. Isso que me ensinaram.

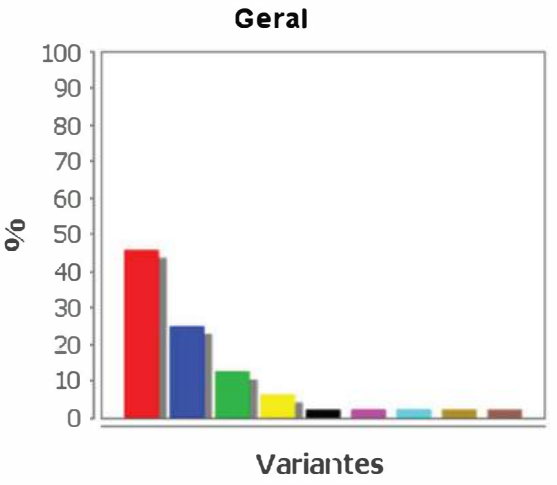
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L117 – Meios usados para aliviar soluço de criança

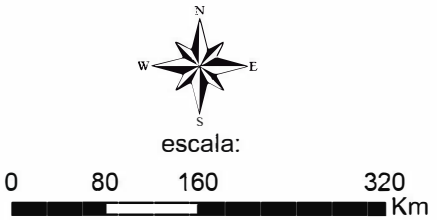



**Legenda**

- Colocar fita, papel ou pano vermelho na testa
- Colocar papel ou pano na testa
- Dar susto
- Dar água
- Comer farinha
- Dar leite de peito
- Fazer massagem no pulso
- Manda rezar
- Comer banana




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L118
# VASSOURINHA

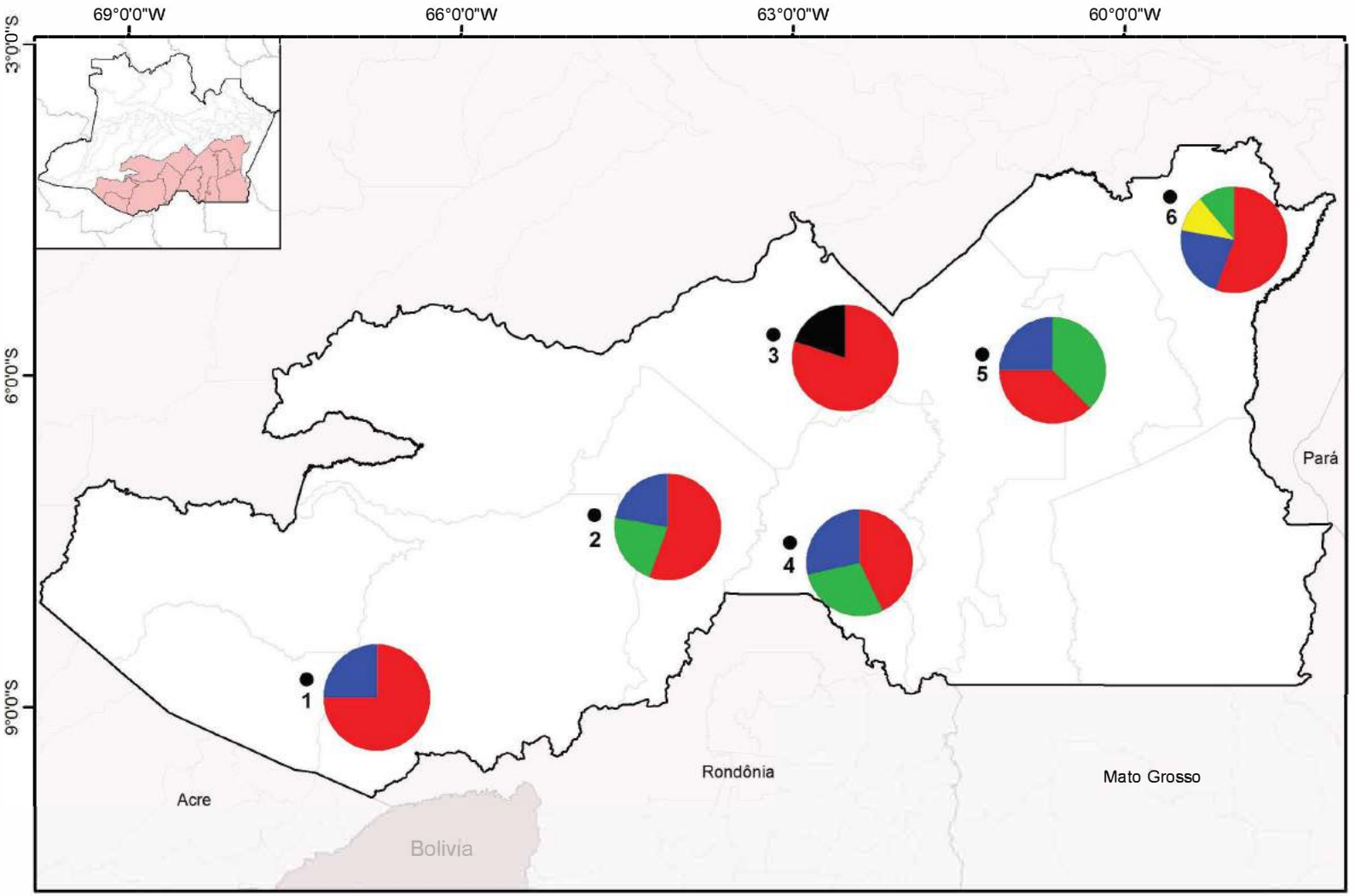
**Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas – QSL-134:** Qual o galho utilizado para tirar quebranto e espantar doenças nas benzeduras?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 (Boca do Acre); HB01 (Lábrea); HA01, MB01 e MB02 (Tapauá); HB01 (Humaitá) e HA02 e MB01 (Manicoré).
2. MB02 (Boca do Acre): A **vassourinha**, a **arruda**, essas coisa.
3. MA01 (Lábrea): Tem vários, tem o **arruda**, tem **vassourinha**, tem **pião-roxo**.
4. HB01 (Tapauá): Uhum, **ramozinho de mato**, né?
   INQ.: É? Qualquer mato?
   HB01 (Tapauá): Qualquer matozinho, faz um ramozinho, que geralmente eu já vi a minha mãe levando os meus irmão pra rezar, chega lá a moça pega qualquer ramozinho pequeno, qualquer galhinho, aquelas plantazinha do chão.
5. MB02 (Humaitá): As **vassourinhas**, né.
6. HB01 (Manicoré): Tem o **pião-roxo** e a **vassourinha**, né?
7. MA01 (Borba): **Sara-tudo**.

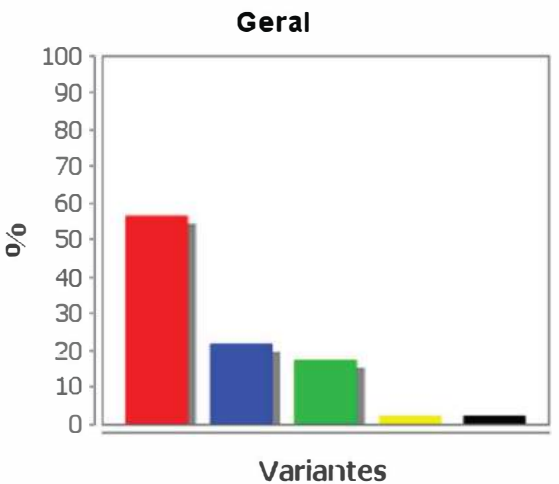
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L118 – Vassourinha




**Legenda**

- Vassourinha
- Arruda
- Pião-roxo
- Sara-tudo
- Ramozinho do mato




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L120
# PÕE-MESA

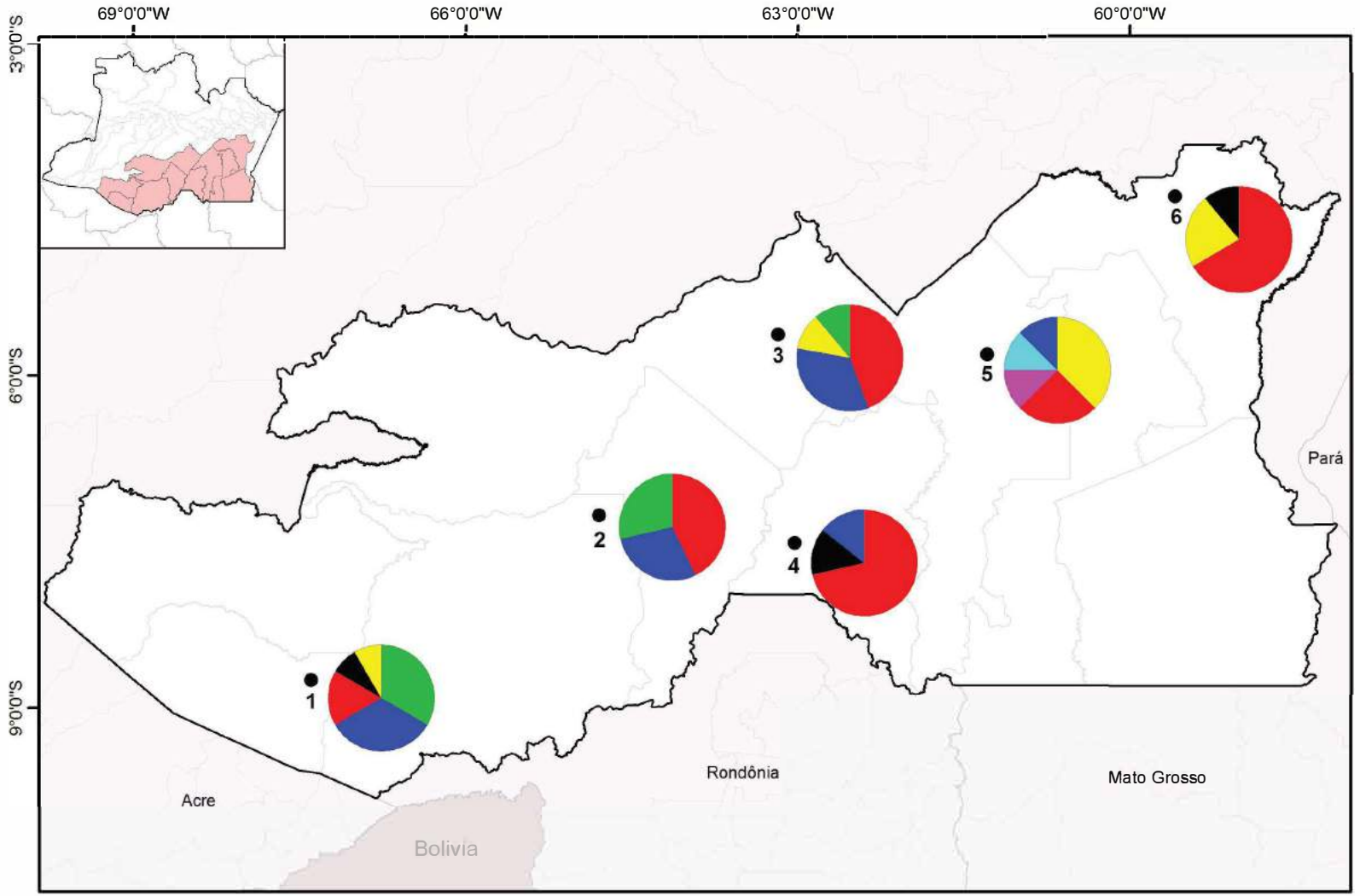
**Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas – QSL-136:** Nome que se dá ao gafanhoto verde que indica boa sorte e esperança de boas notícias?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 e MA01 (Lábrea); MB02 (Humaitá) e MA02 (Borba).
2. MA01 (Boca do Acre): Não é aquele verde não?
   INQ.: É, chama ele de quê?
   MA01 (Boca do Acre): Verde, **gafanhoto** verde.
   INQ.: Gafanhoto mesmo?
   MA01 (Boca do Acre): É (...) Grilo, às vez **grilo** a gente chama também.
3. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que diz que chama de **esperança** mesmo. Mas tem outro também que é o **põe-mesa** que chamam, que é o **louva-a-deus**, né. A gente chama de põe-mesa, pau-mesa, mas é o louva-a-deus.
4. HB01 (Lábrea): O coisa... que é o **põe mesa**, **grilo**.
5. MB02 (Tapauá): A **esperança**?
   INQ.: Aquele gafanhoto, não é?
   MB02 (Tapauá): O verde? **Põe-mesa** também a gente chama.
6. MA01 (Humaitá): **Gafanhoto**?
7. MA01 (Manicoré): Gafanhoto verde? **Tucura**.
   INQ.- Aquele que quando aparece na casa a gente diz: "Opa, está trazendo boa notícia!".
   MA01 (Manicoré): É, diz mais é tucura.
8. HB02 (Manicoré): **Tananã**.
9. MB02 (Borba): É **gafanhoto** é... porque tem um também que é **põe na mesa**, né?
   INQ.: E não é esse não?
   MB02 (Borba): Porque tem o põe na mesa que ele é bem fininho, ele é compridinho aqui no meio dele é bem fininho e a bundona dele é grande, né, aquele é põe na mesa.
   INQ.: É, e não é esse que traz boas notícias? Dizem... "olha..."
   MB02 (Borba): Esse que eu tô falando pra ti é o gafanhoto que ele é verde, sempre ele aparece nas parede da casa da gente aí as pessoa diz "tá trazendo muita sorte, uma boa sorte pra gente".

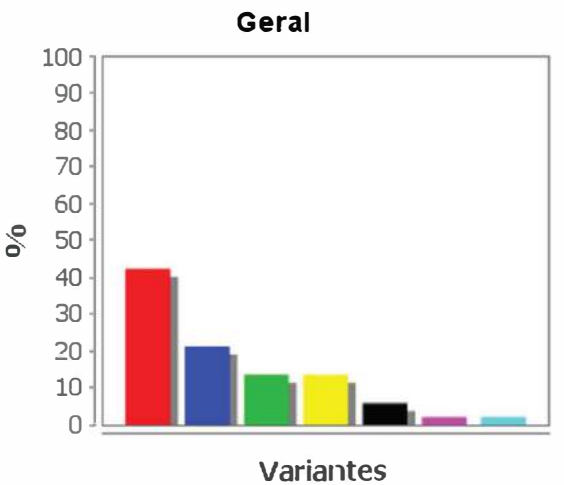
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L120 - Põe-mesa

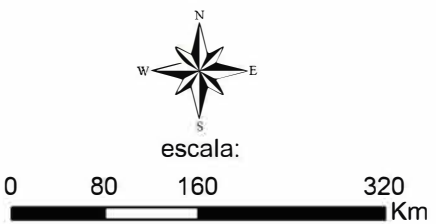



**Legenda**

- Põe-mesa
- Esperança
- Grilo
- Louva-a-deus
- Gafanhoto
- Tucura
- Tananã



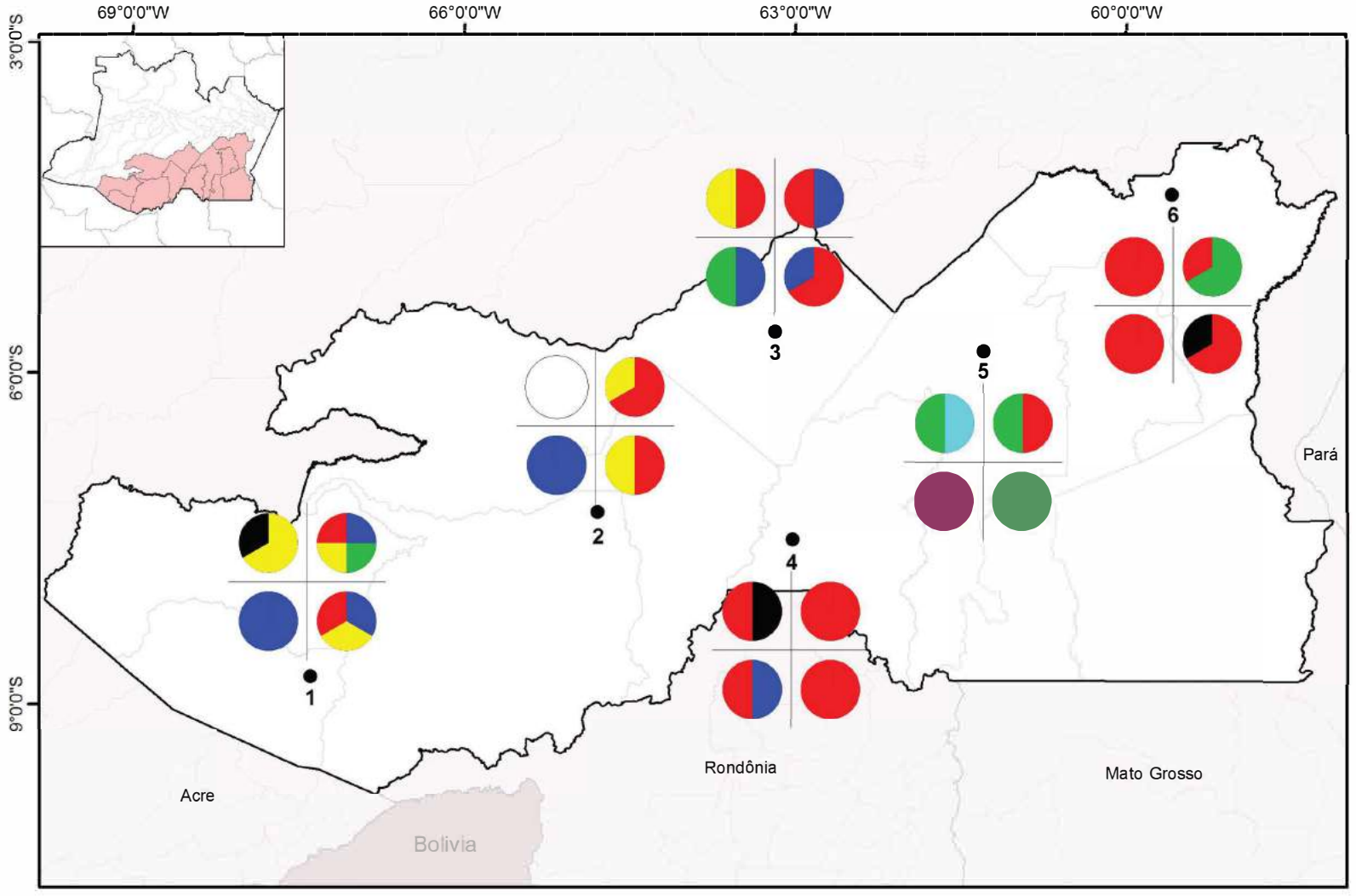

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L120a - Põe-mesa - Distribuição por idade e escolaridade



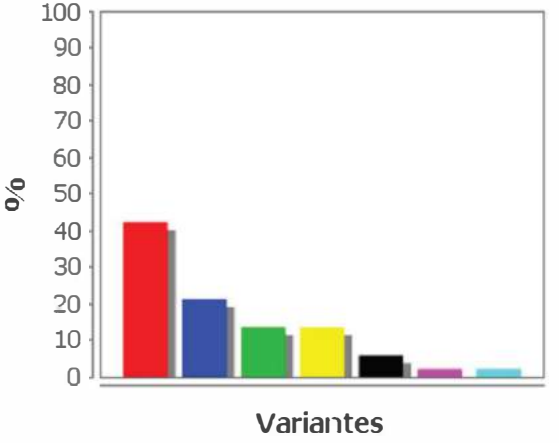

**Legenda**

- Põe-mesa
- Esperança
- Louva-a-deus
- Grilo
- Gafanhoto
- Tananã
- Tucura

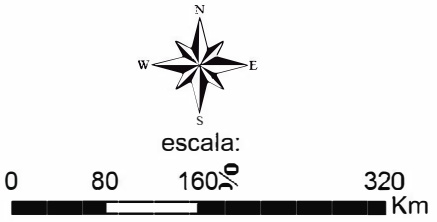
① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L122
# CURANDEIRA

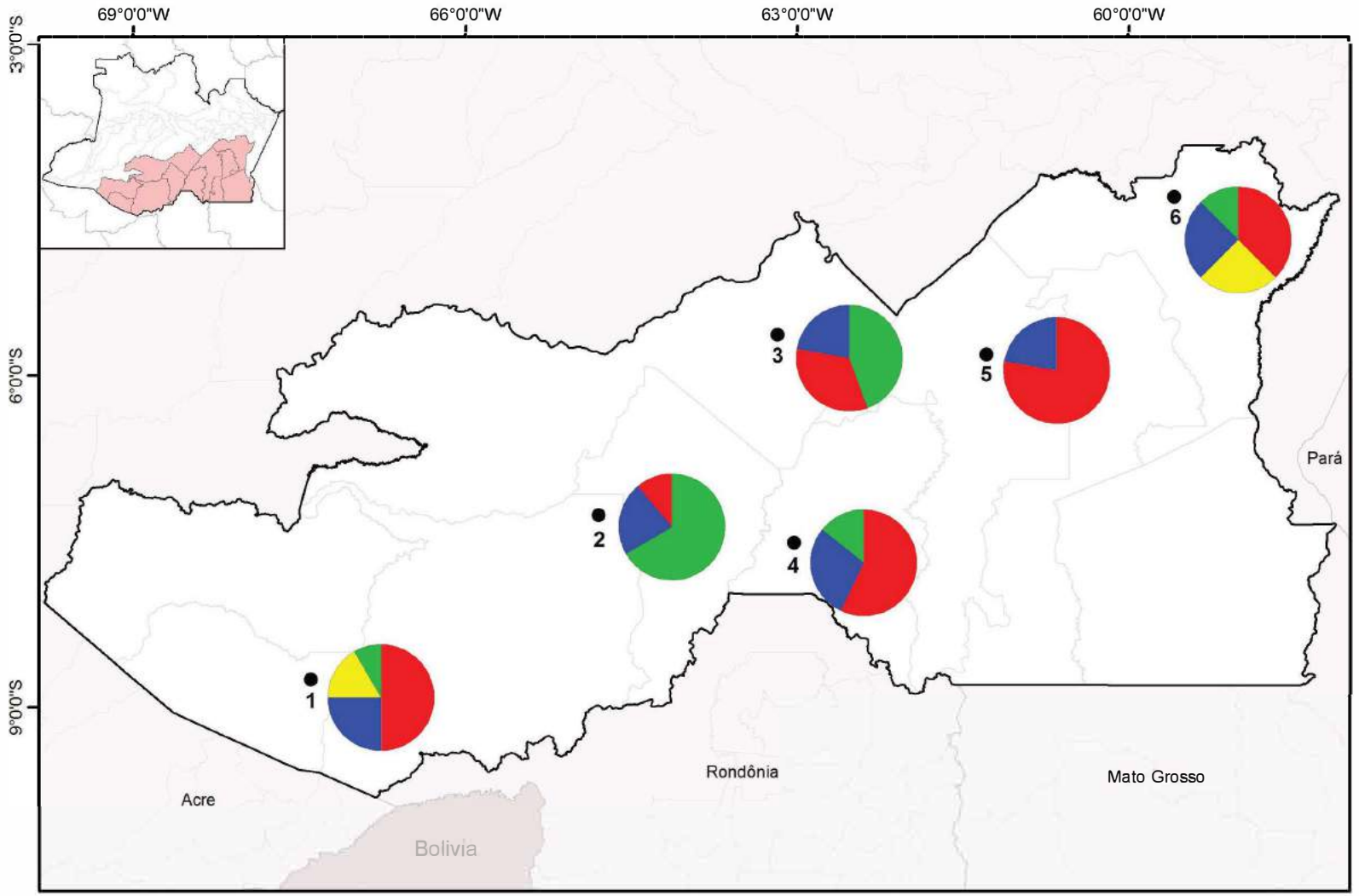
**Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas – QSL-139:** Como se chama a mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA02 (Humaitá)
2. MA02 (Boca do Acre): Que cura? (...) **Curador**.
3. MB01 (Boca do Acre): Ou é **macumbeira** ou é **curandeira**, ou é só **benzedeira** mesmo.
   INQ.- No caso, se for pro bem, as pessoas geralmente chamam de benzedeira?
   MB01 (Boca do Acre): É, quando é pra fazer macumba que dizem, é macumbeira, mas quando é só pra tirar, tal... porque tem umas que fazem os dois tipos de trabalho, tem umas que é só pra rezar, daí é benzedeira.
4. HA01 (Lábrea): **Rezador**, **benzedeira**?
5. MA01 (Tapauá): **Curandeira**, **rezadeira**.
6. HA01 (Humaitá): **Curandeira** né?
7. HB01 (Manicoré): Tem a **curadora**, tem o **benzedor**, o pessoal fala muito aqui **curador** e benzedor.
   INQ.: Uhum, é a mesma coisa?
   HB01 (Manicoré): É.
8. HB02 (Borba): **Macumbeira**.

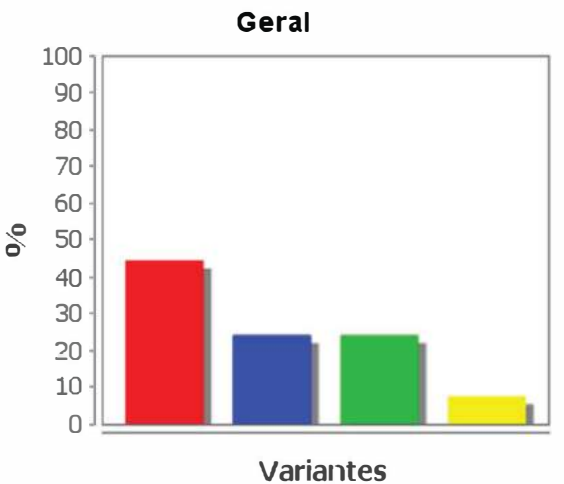
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L122 - Curandeira

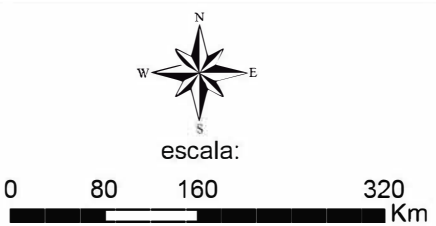



**Legenda**

- Curador/ Curadora/ Curandeira
- Benzedeira/ Benzedor
- Rezadeira/ Rezador
- Macumbeira




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L123
# DIABO

## Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas

**QSL-140:** Que nome vocês dão àquele que é o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo?

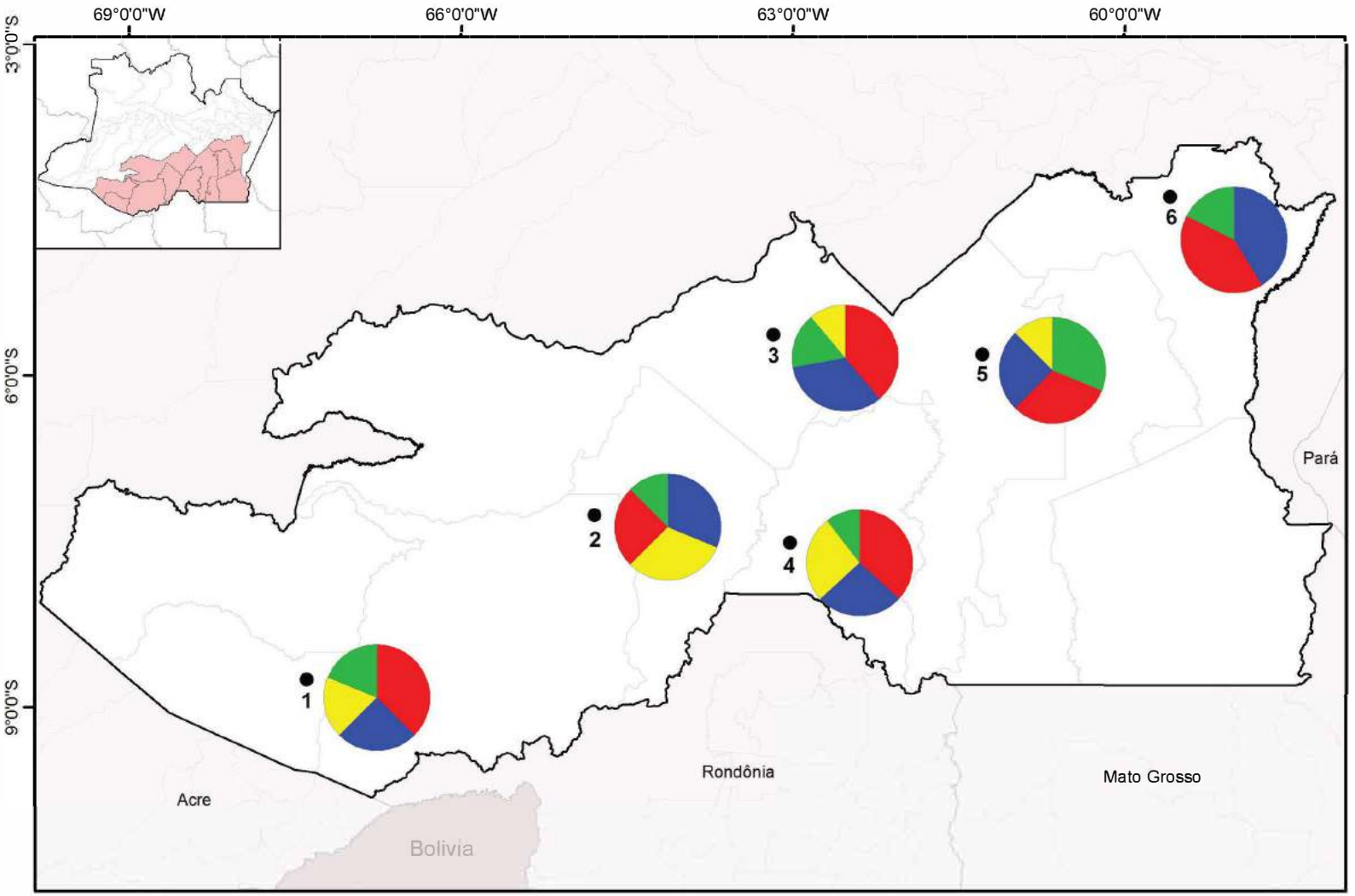
**QSL-141:** Que outros nomes dão a ele?

**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as variantes mais incidentes nas duas perguntas.
2. MB02 (Boca do Acre): **Cão**, **demônio**, cão ... **satanás**.
3. MB02 (Lábrea): **Diabo**, satã, **satanás**, essas coisa assim.
4. HA01 (Tapauá): **Diabo**. (...) **Satanás**, né?
   INQ.: O que mais? O que já ouviu falar?
   HA01 (Tapauá): Rapaz, é só isso aí mesmo (...) Diabo, **cão** (risos).
   .
5. HB02 (Humaitá): Ah, aqui é o **satanás**. (...) Lúcifer, **diabo**, **cão**, **demônio**.
6. MB02 (Manicoré): Ah, o **diabo**. (...) Capeta, **satanás**.
7. MB01 (Borba): **Diabo**.
8. INQ.: Existem outros nomes que dão a ele aqui?
   MB01 (Borba): Aqui dão **satanás** e Lúcifer. (...) **Demônio** também.

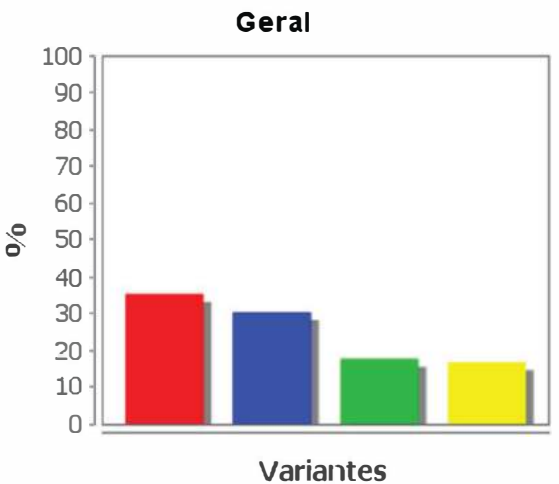
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L123 - Diabo

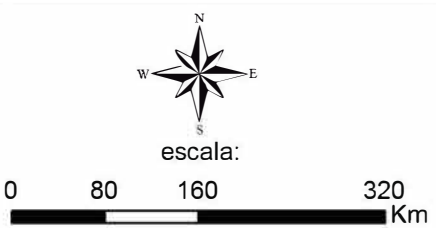



**Legenda**

- Diabo
- Satanás
- Demônio
- Cão




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L124
# OUTRAS DESIGNAÇÕES PARA DIABO

## Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas

**QSL-140:** Que nome vocês dão àquele que é o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo?

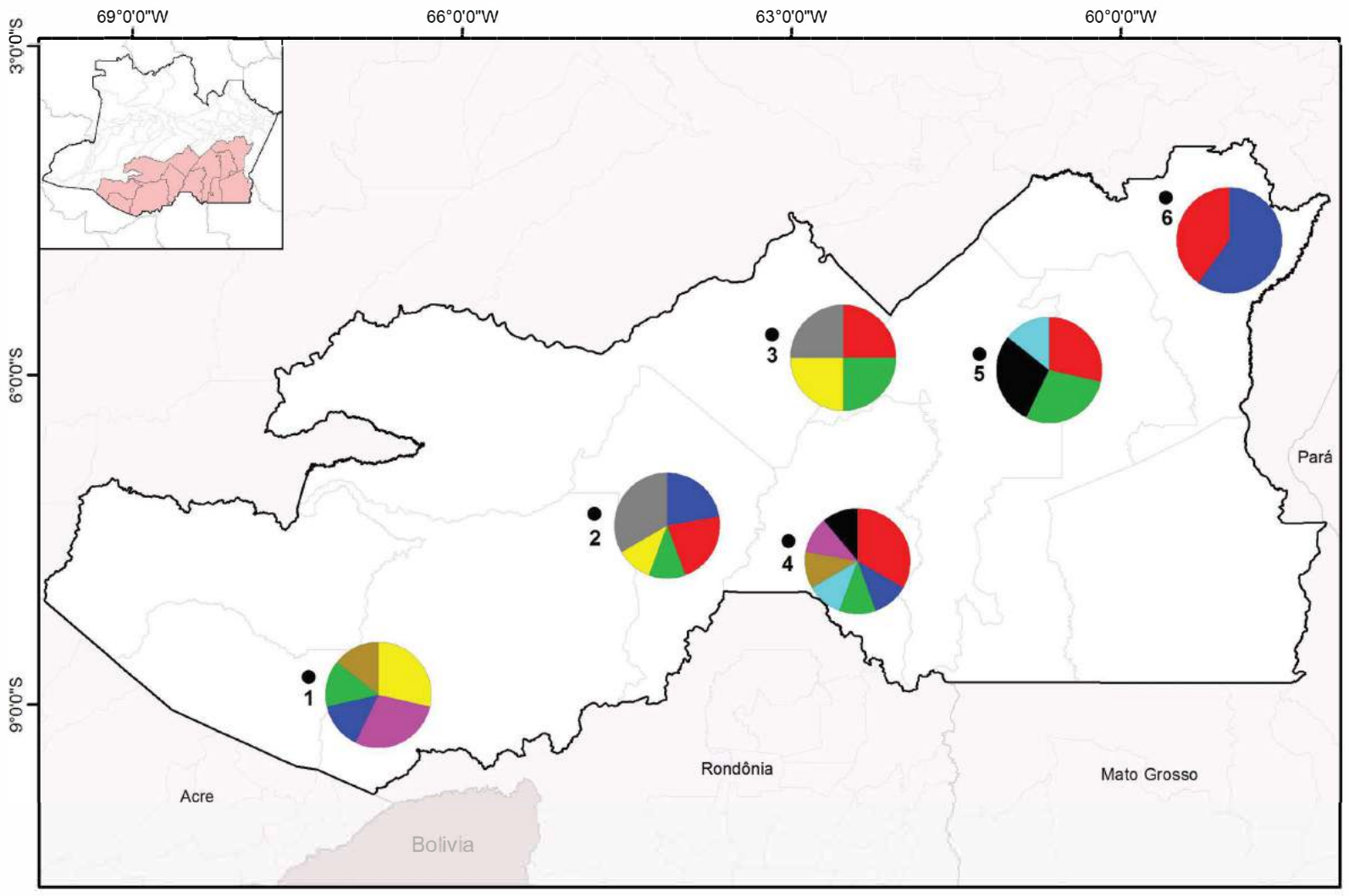
**QSL-141:** Que outros nomes dão a ele?

**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as demais variantes, não consideradas na carta 123, observadas nas duas perguntas.
2. OUTRAS RESPOSTAS: HA01 (Lábrea): (...) Demônio, **espírito maligno**... Rapaz, existe tantos nomes; MB02 (Lábrea): Tem tantos que chamam, **macabro**, é... Bom chama assim, **satã** (...); MB02 (Tapauá): Tem, tem...diabo, **belzebu** e outras coisas mais.
3. MB01 (Boca do Acre): Aqui ele tem vários nomes, é diabo, é satanás, é **bicho velho**, é **capiroto** e tudo o mais que a gente queira chamar, é cão, **cão velho** (risos).
4. HB01 (Boca do Acre): Diabo, né? Ele é o **inimigo**, tem demônio, **bicho velho**, essas coisa.
5. HB01 (Humaitá): Demônio, **coisa ruim**, **capeta**, **encardido**.
6. MA01 (Humaitá): **Bicho feio** (risos). Outras eu não sei.
7. MB02 (Manicoré): Ah, o diabo. (...) **Capeta**, satanás.
8. HB01 (Manicoré): O demônio? Tem o **capeta**, **gabiru**, (inint.).
9. HA01 (Borba): **Lúcifer**, diabo, **capeta**, tem vários nome.

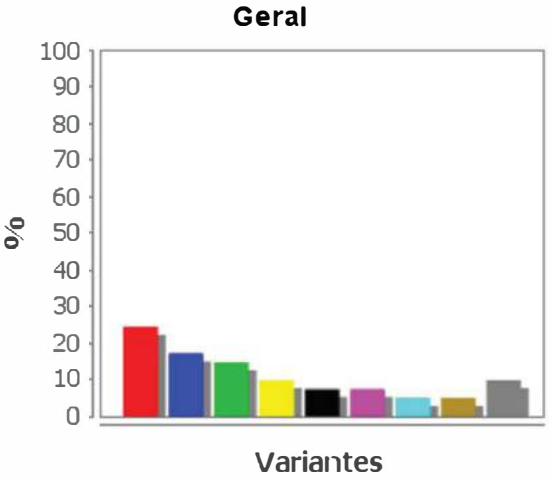
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L124 – Outras designações para diabo




**Legenda**

- Capeta
- Lúcifer
- Capiroto/ Gabiru
- Bicho velho
- Bicho feio
- Inimigo
- Encardido
- Coisa ruim
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L125
# MACUMBA

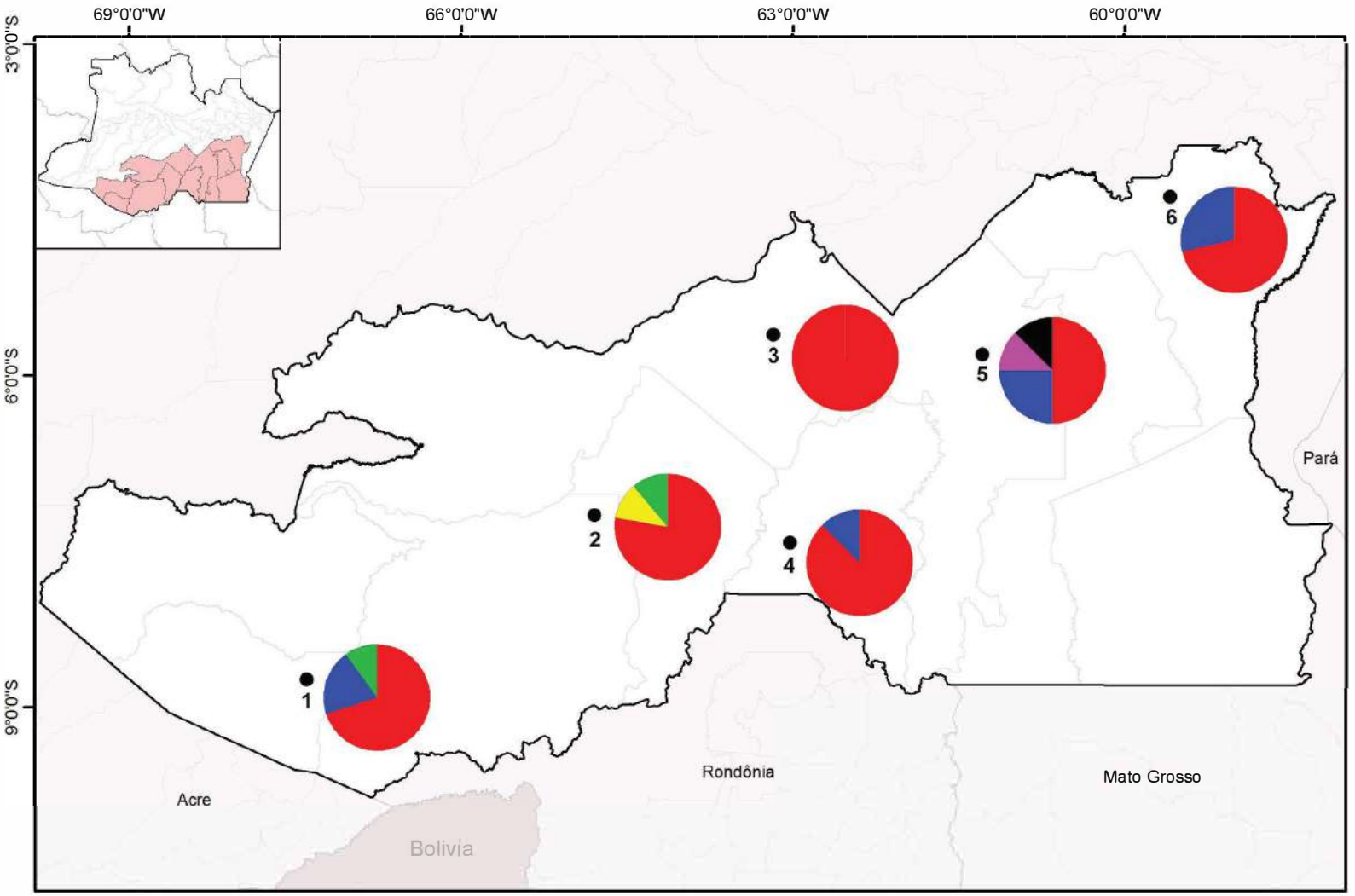
**Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas QSL-142:** O que se pode fazer, com a ajuda dos espíritos, para prejudicar alguém?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB02 (Tapauá) e HA02 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): Eles fazem **macumba**, né? "Eu vou colocar um **feitiço** nela ou nele".
3. HB01 (Boca do Acre): **Macumba**, né? (...) **Feitiçaria**.
4. MA02 (Lábrea): **Macumba** é?
5. HB02 (Lábrea): O **mal**.
6. HA01 (Tapauá): Sei não. Pra prejudicar? **Macumba**.
7. HB02 (Manicoré): Despacho.
8. MA02 (Manicoré): Faz **porcaria** pra prejudicar os outros, quando não gosta. Dizem...

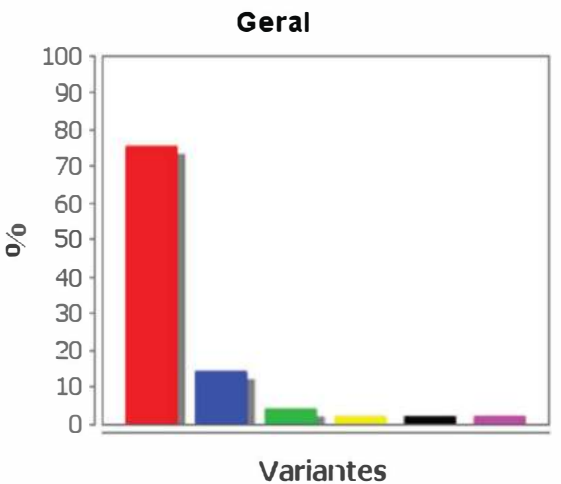
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L125 - Macumba

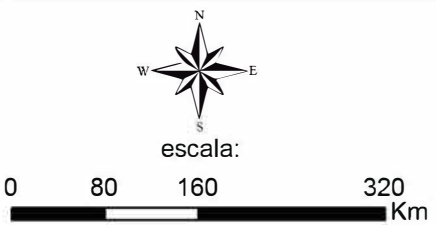



**Legenda**

- Macumba
- Feitiço
- Feitiçaria
- Mal
- Porcaria
- Despacho



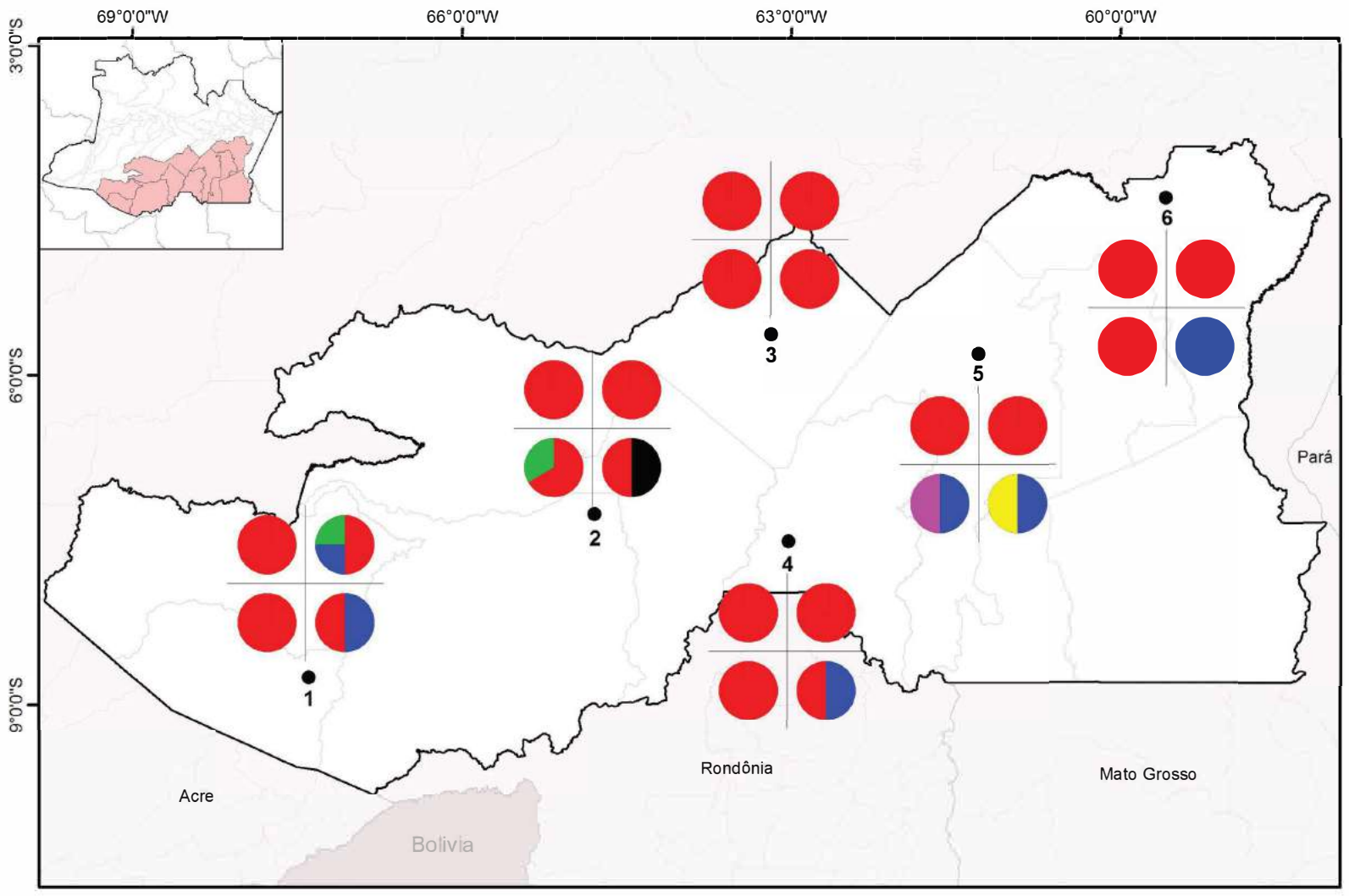

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L125a - Macumba - Distribuição por idade e escolaridade



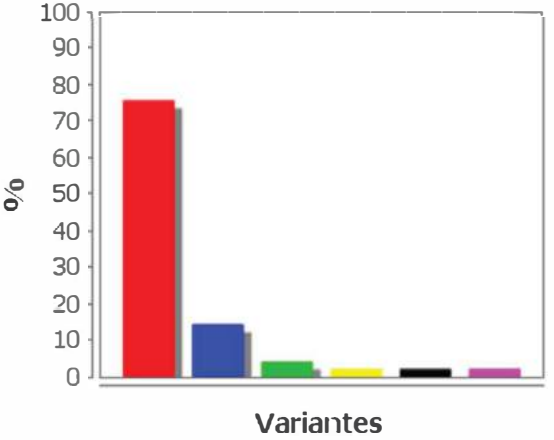

**Legenda**

- Macumba
- Feitiço
- Feitiçaria
- Despacho
- Mal
- Porcaria

① ②
③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L126
# VISAGEM

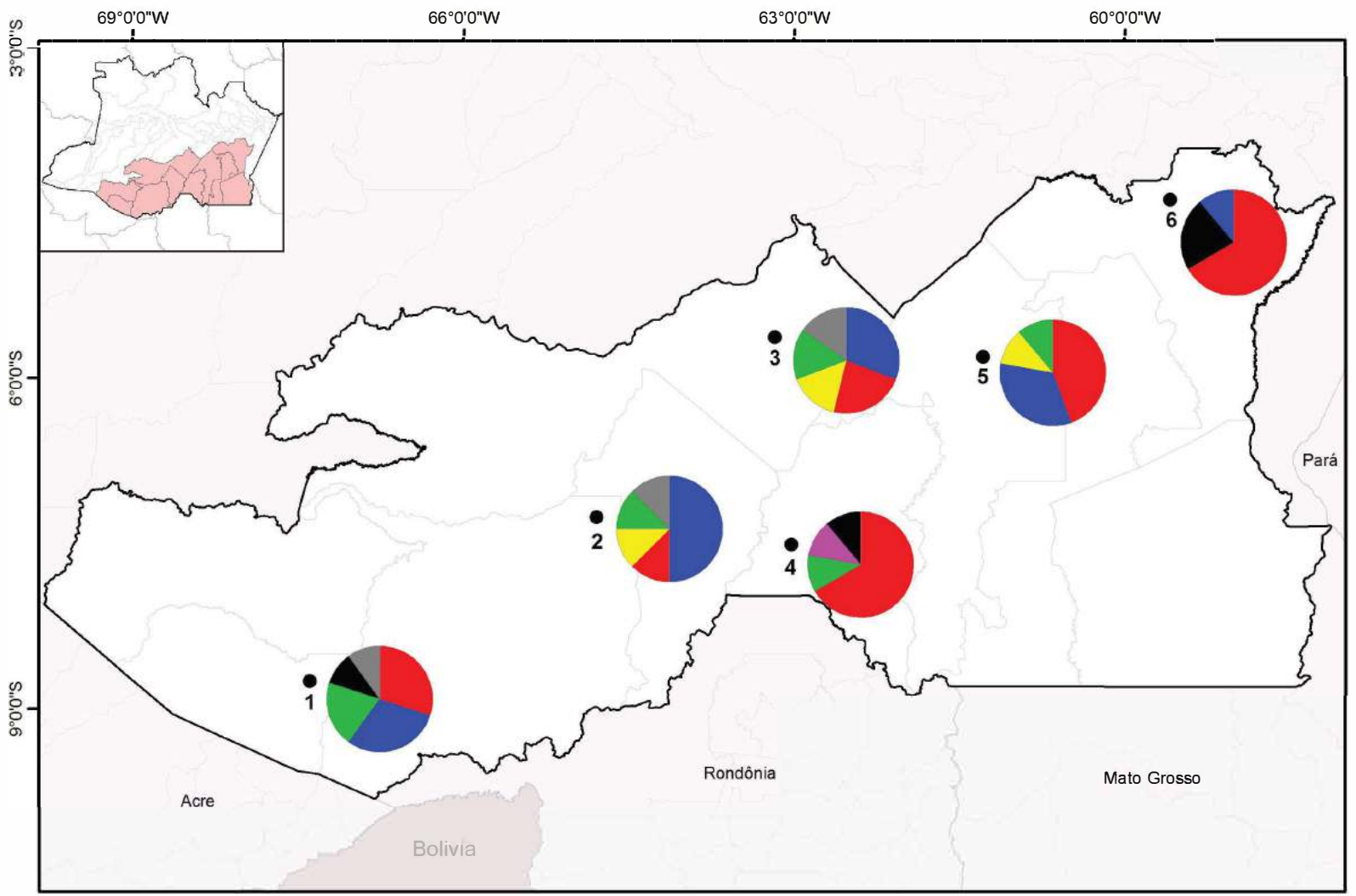
**Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas QSL-143:** O que pessoas dizem já ter visto, à noite, que se diz que é de outro mundo?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MB02 (Boca do Acre).
2. OUTRAS RESPOSTAS: MB01 (Boca do Acre): As pessoas têm medo de **lobisomem**, de visagem também, né. De outro mundo assim alma, alma penada, visagem, de outro mundo; HA02 (Lábrea): **Visão**; MA01 (Tapauá): Glória ao Pai! Isso é o **bicho velho**, o **cão**, né? Alma.
3. HB01 (Boca do Acre): É **espirito**, uma **assombração**, né?
4. MA01 (Lábrea): Lobisomem, **alma**.
5. HB01 (Tapauá): **Fantasma**. Fantasma, **assombração**.
6. HA02 (Humaitá): **Visagem**, **assombração**, né?
7. HB01 (Manicoré): **Alma penada**.
8. MA01 (Borba): **Visagem**, **espírito**.

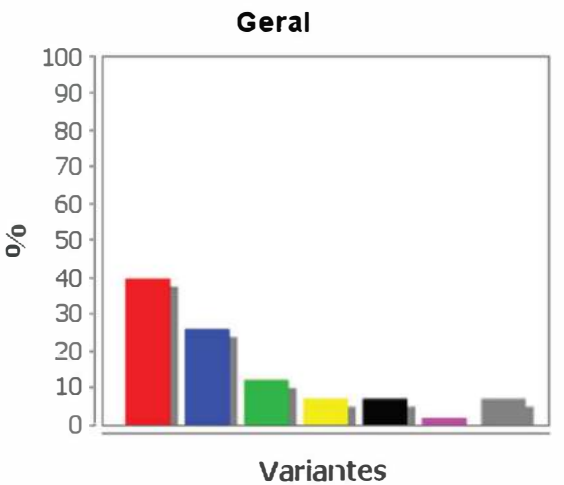
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L126 - Visagem

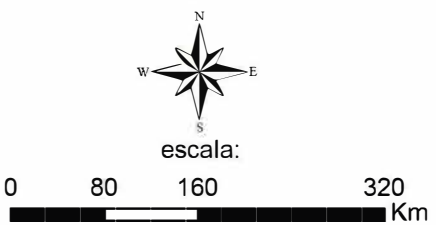



**Legenda**

- Visagem
- Alma/ Alma penada
- A ssombração
- Fantasma
- Espírito
- Misura
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L127
# ENTIDADES QUE PROTEGEM A MATA

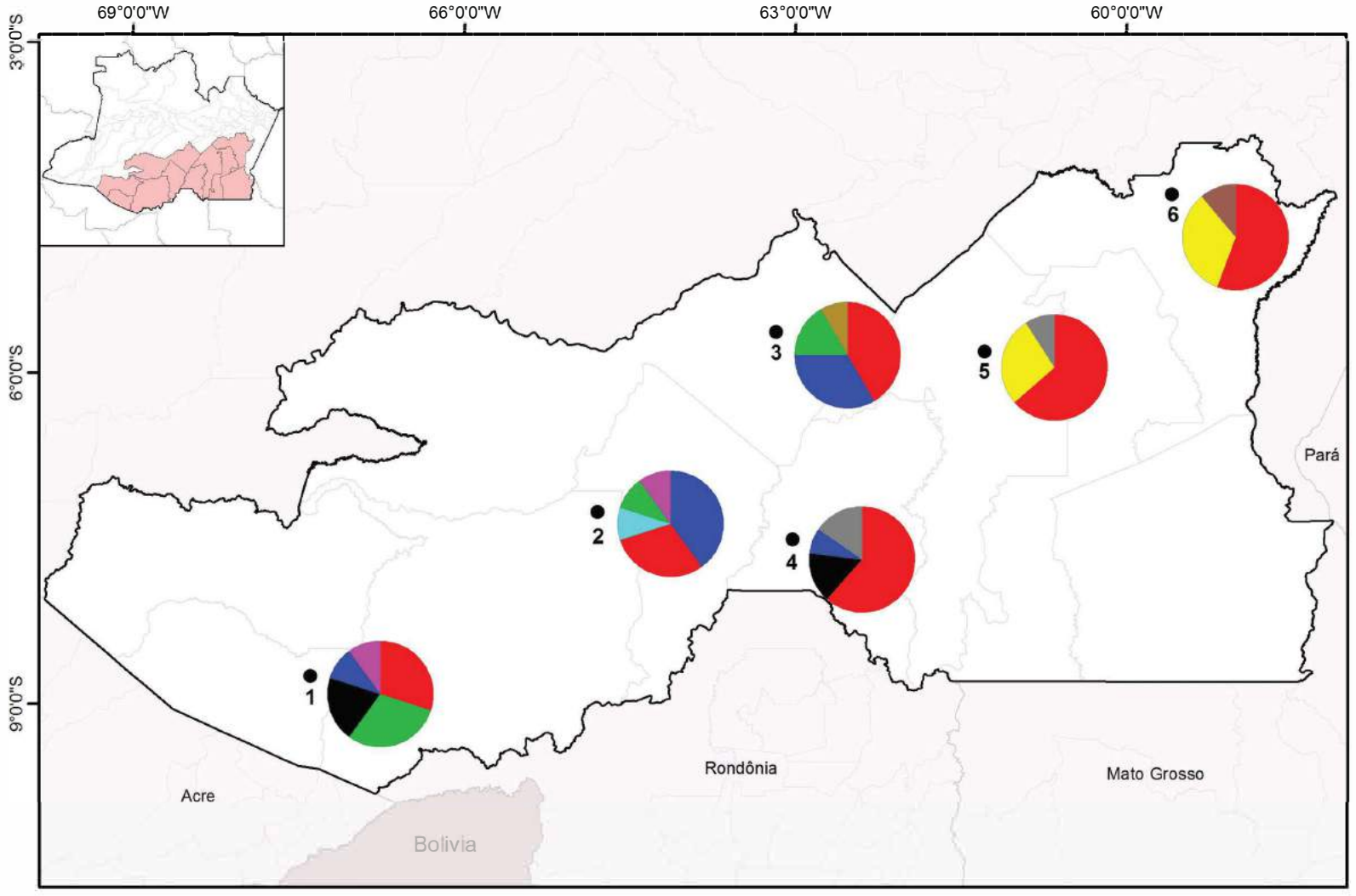
**Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas QSL-144:** Como se chama aquele ser que protege as matas e tem os pés virados para trás? Existe alguma outra entidade desse tipo?

## NOTAS:

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Lábrea); MB02 (Tapauá) e HA02 e HB01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB02 (Humaitá): Tem **chico preto**, né? (...) Chico preto é um menino bem pretinho que anda pulando, **saci-pererê**; HB01 (Manicoré): Tem o **matupiri**, que é o mesmo que o curupira, tem aquele o, que é o dono da selva (inint.), não lembro o nome dele.
3. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama de **curupira**.
   INQ.: Existe alguma outra entidade desse tipo aqui?
   MB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama de **caboco-da-mata**, que protege as matas, mas eu nunca vi nenhum, não.
4. MB02 (Boca do Acre): **Pai-da-mata** que chamam.
5. HA02 (Lábrea): **Caipora**, é a caipora? O pé dela, ela só anda ao contrário.
6. MA01 (Lábrea): Tem o **caboquinho-da-mata**, né? E virado pra trás é o... **Matinta Pereira**, tem os pés virado pra trás.
   INQ.: Mas é o mesmo?
   MA01 (Lábrea): Não, é diferente. (...) O outro é o caboquinho-da-mata, é normal, faz negócio com o caçador... isso aí existe, não é lenda não (...).
7. HB02 (Tapauá): Aquele é o, como que é meus Deus, **caboco-da-mata**, caboco-de-mata.
   INQ.: Existe alguma outra entidade desse tipo aqui ou só ele mesmo.
   HB02 (Tapauá): Só tem ele mesmo, caboco da mata só, **pé-de-ouriço** também, né, que chama. (...) É porque o pé dele é redondo, né?
   INQ.: Ah, ele protege a mata também?
   HB02 (Tapauá): Esse caboco-da-mata ele protege a mata, se o caçador caçar muito, matar muito bicho da mata ele (inint.) assombra também, por isso que a gente chama caboco da mata, o caboquinho.
   INQ.: E o pé-de-ouriço é a mesma coisa?
   HB02 (Tapauá): Pé-de-ouriço eu não sei dizer muito bem não, o mais existe também, já viram o rasto dele na mata assim.
8. HA02 (Tapauá): É, **caboquinho-da-mata**, **mapinguari**, é o caboquinho que protege.
   INQ.: Existe alguma outra entidade desse tipo aqui?
   HA02 (Tapauá): Não, que eu sabia que vivia que andava na mata era o caboquinho, caboquinho-da-mata, chamava caboquinho, é... nós tinha muito medo de um tal de mapinguari, (inint ) **curupira** (risos). (...) Que tem o pé pra trás é o curupira que tem o pé pra trás, agora que eu lembrei.
9. HA01 (Humaitá): **Curupira**.
   INQ.: Existe alguma outra entidade desse tipo?
   HA01 (Humaitá) **Mãe-da-mata**. (...) Ela protege, muita gente se perde no mato e se pega com ela, né, pra trazer de volta.
10. HB02 (Manicoré): **Curupira**.
    INQ.- Existe alguma outra entidade desse tipo aqui?
    HB02 (Manicoré): **Juma**. (...) Falam que é homem grande, forte, tem grandes poderes de atacar o homem, destruir a mata.
    INQ.: Ah, ele destrói a mata!
    HB02 (Manicoré): Não, destrói assim no sentido de quebrar quando ele passa.
    INQ.: Ah, entendi. Porque ele é forte. Entendi.
11. HB02 (Borba): **Juma**? (...) **Jurupari**, (inint.) são tipos lendas, né? Jurupari...
    INQ.: E como é o jurupari?
    HB02 (Borba): Não sei, (inint.) só ouço falar, né?
    INQ.: O que as pessoas dizem?
    HB02 (Borba): Que é esses negócios da mata, jurupari, juma, (inint.).

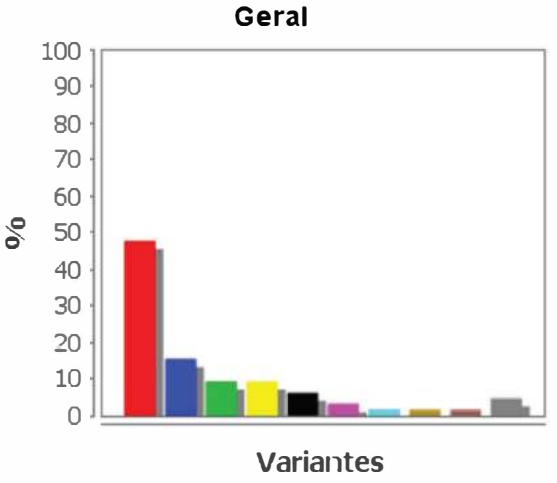
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L127 – Entidades que protegem a mata

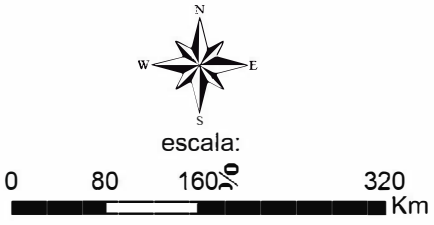



**Legenda**

- Curupira
- Caboclo-da-mata/ Caboquinho-da-mata
- Mapinguari
- Juma
- Mãe-da-mata/ Pai-da-mata
- Caipora
- Matinta Pereira
- Pé-de-ouriço
- Jurupari
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L128
# ESPÍRITO

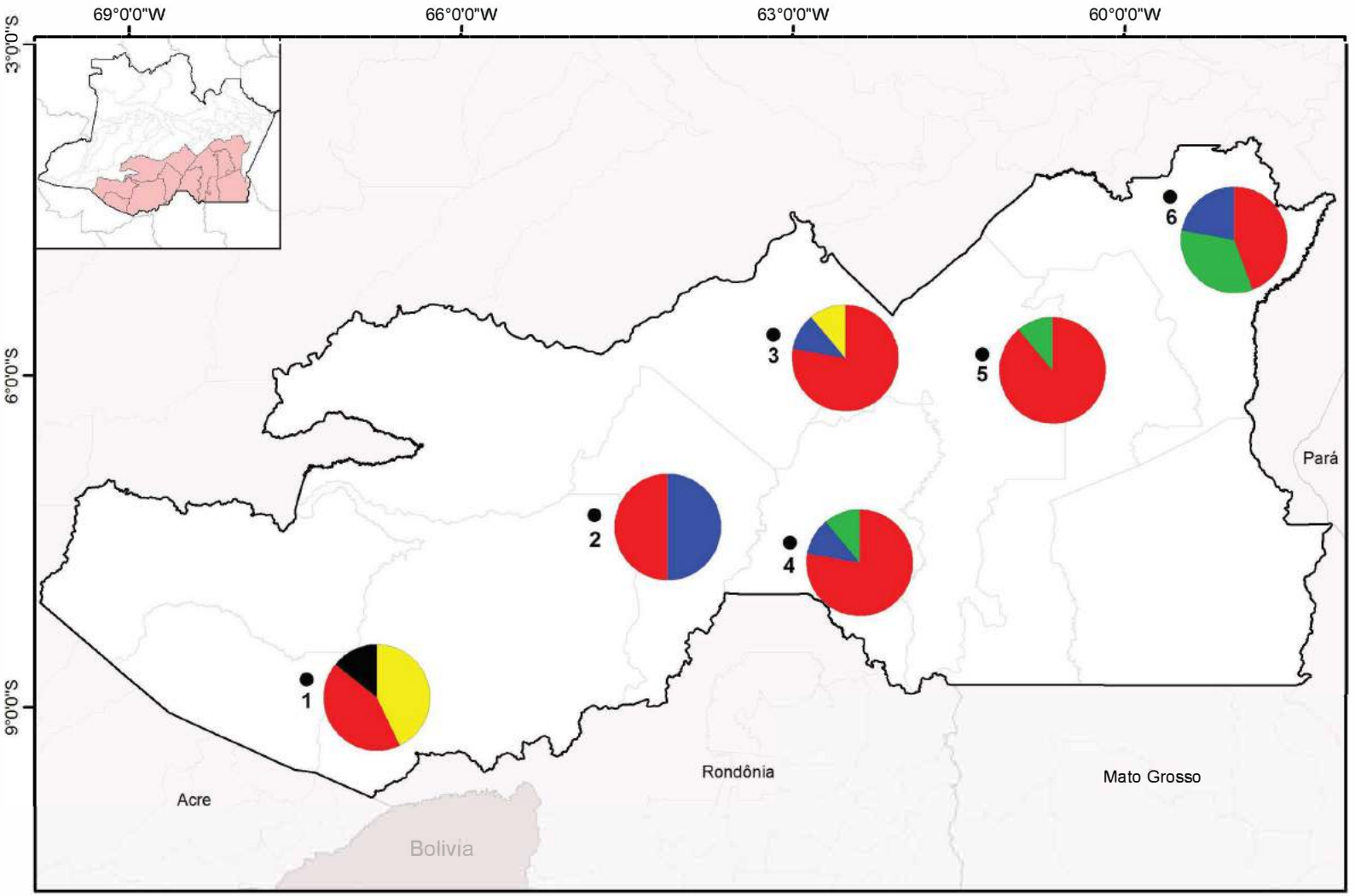
**Meio Antrópico: Crenças, superstições e lendas QSL-145:** Que nome se dá à entidade que pode invadir o corpo de uma pessoa?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 (Boca do Acre) e HA02 (Borba).
2. PROBLEMAS TÉCNICOS: MB01 (Boca do Acre); HA01, HA02, MA01 e MB01 (Lábrea) e HA01 (Borba).
3. MA02 (Boca do Acre): **Espírito mau**.
4. MB02 (Lábrea): **Encosto**.
5. HB01 (Tapauá): **Demônio**?
   INQ.: É, também, mas geralmente as pessoas dizem que ela está, que ela teve o corpo invadido por um?
   HB01 (Tapauá): **Espírito**?
6. HA01 (Humaitá): **Espírito**.
7. MA01 (Manicoré): Ela tá pegando **espírito**, pegando **caboco**.
8. HB01 (Borba): **Espírito** (...). Tá com **caboco**.

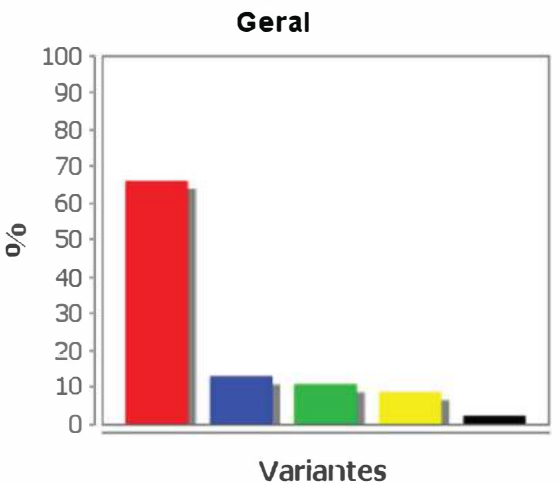
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L128 - Espírito

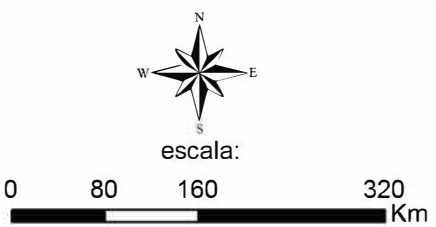



**Legenda**

- Espírito
- Encosto
- Caboclo
- Demônio
- Espírito mau



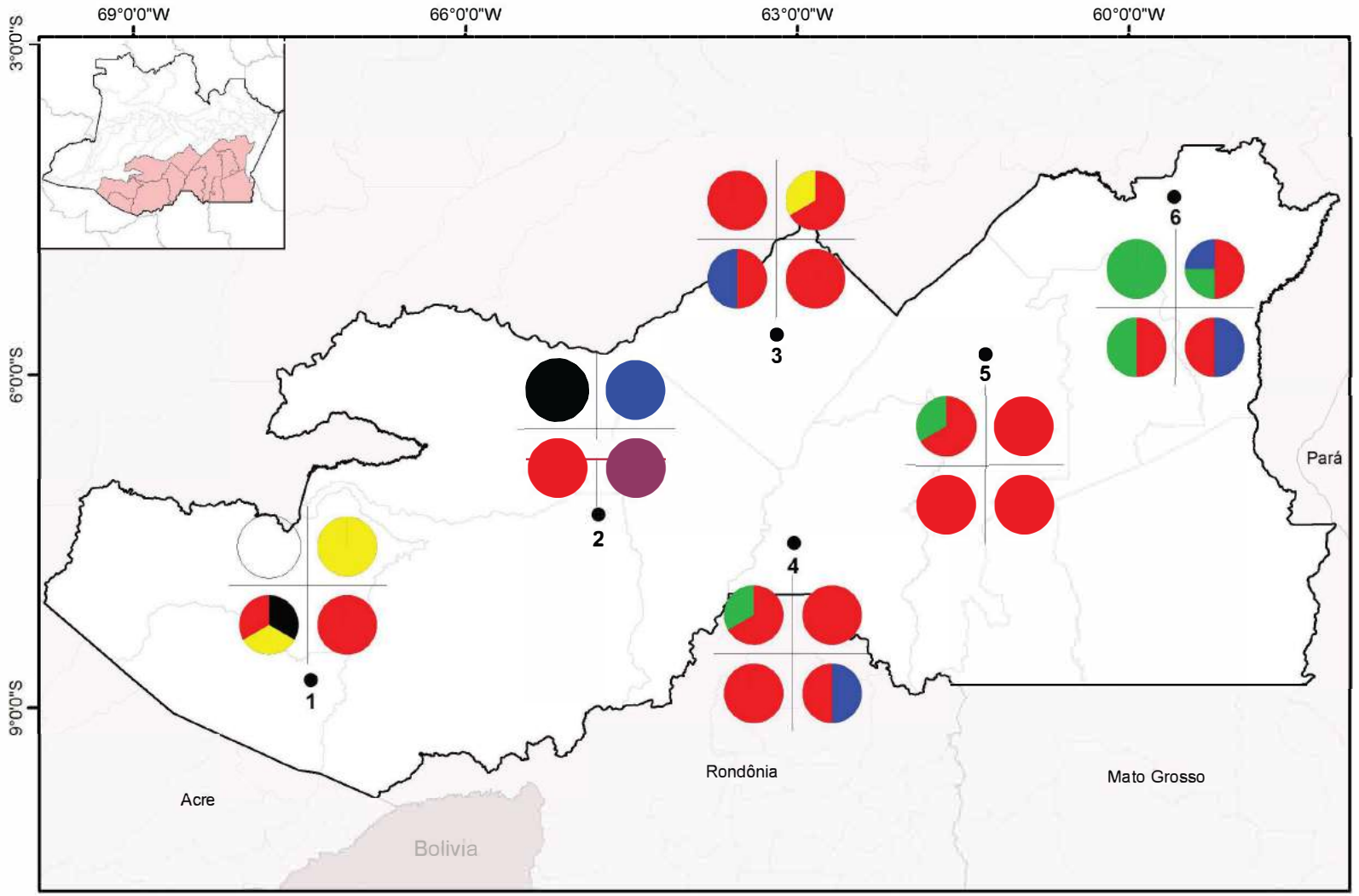

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L128a – Espírito - Distribuição por idade e escolaridade

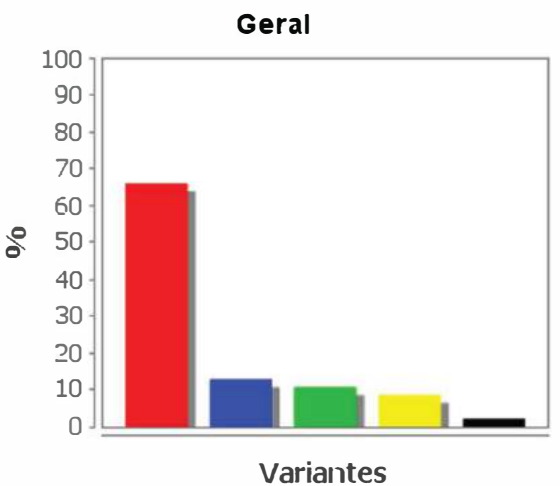



**Legenda**

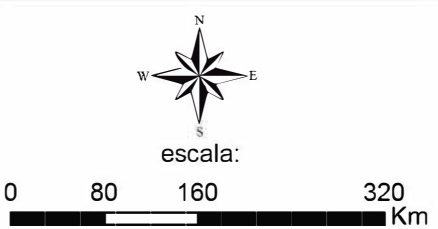
- Espírito
- Encosto
- Caboclo
- Demônio
- Espírito mau

① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L129
# MENSTRUAÇÃO

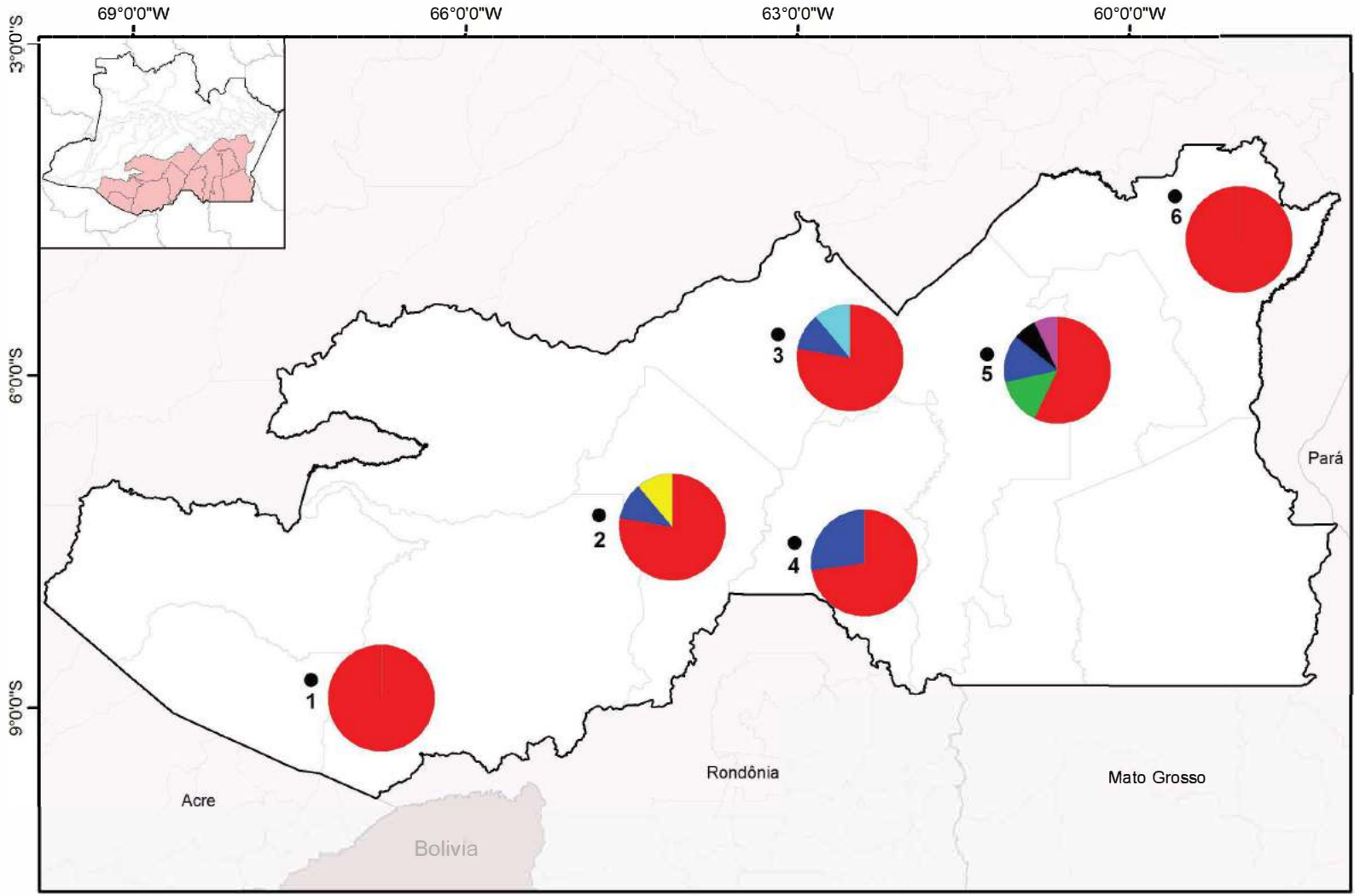
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Ciclo de Vida) – QSL-146:** As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? Existe outro termo que vocês usam?

**NOTAS:**

1. HA02 (Boca do Acre): **Menstruação**.
2. HA02 (Lábrea): Chama de... pessoal tem cada nome veio... tem uma história de **bode**, tá de bode, **bandeira vermelha**, tem essas coisas assim, coisas que inventam né?
3. MB01 (Tapauá): **Menstruação**.
   INQ.: Existe algum outro termo que vocês usam para isso?
   MB01 (Tapauá): **TPM**, (inint.).
4. MB01 (Humaitá): A gente fala **menstruação**. (...) Tem gente que fala que tá de **bode** (...).
5. MA01 (Manicoré): Tem várias coisas. Tem umas que chama de... a vovó dizia que tava **de dieta**, outros chamam **de lua**, outro a mulher tá menstruada.
   INQ.: Isso é o que então? É a... Todo mês acontece a...
   MA01 (Manicoré): **Menstruação**.
6. HA02 (Manicoré): Menstruação.
   INQ.: Existe algum outro termo que se usa aqui?
   HA02 (Manicoré): É... Bode, **furou a canoa** (...).
7. MB01 (Borba): **Menstruação**.

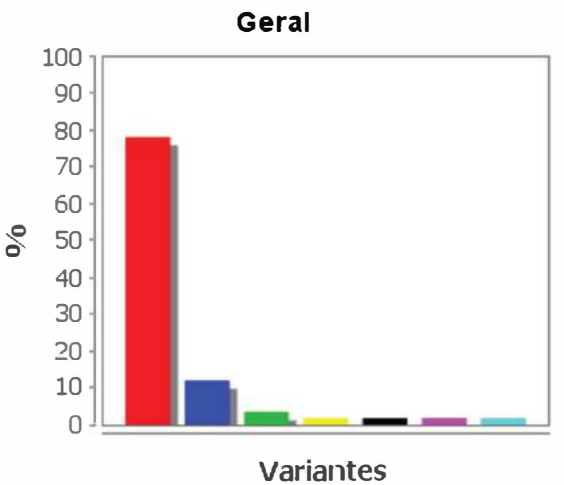
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L129 - Menstruação

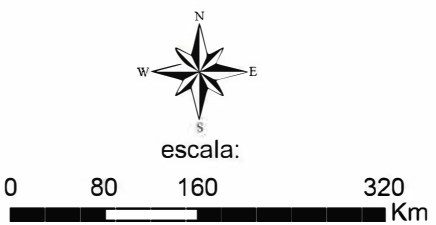



**Legenda**

- Menstruação
- Bode
- De lua
- Bandeira vermelha
- Canoa furada
- De dieta
- TPM



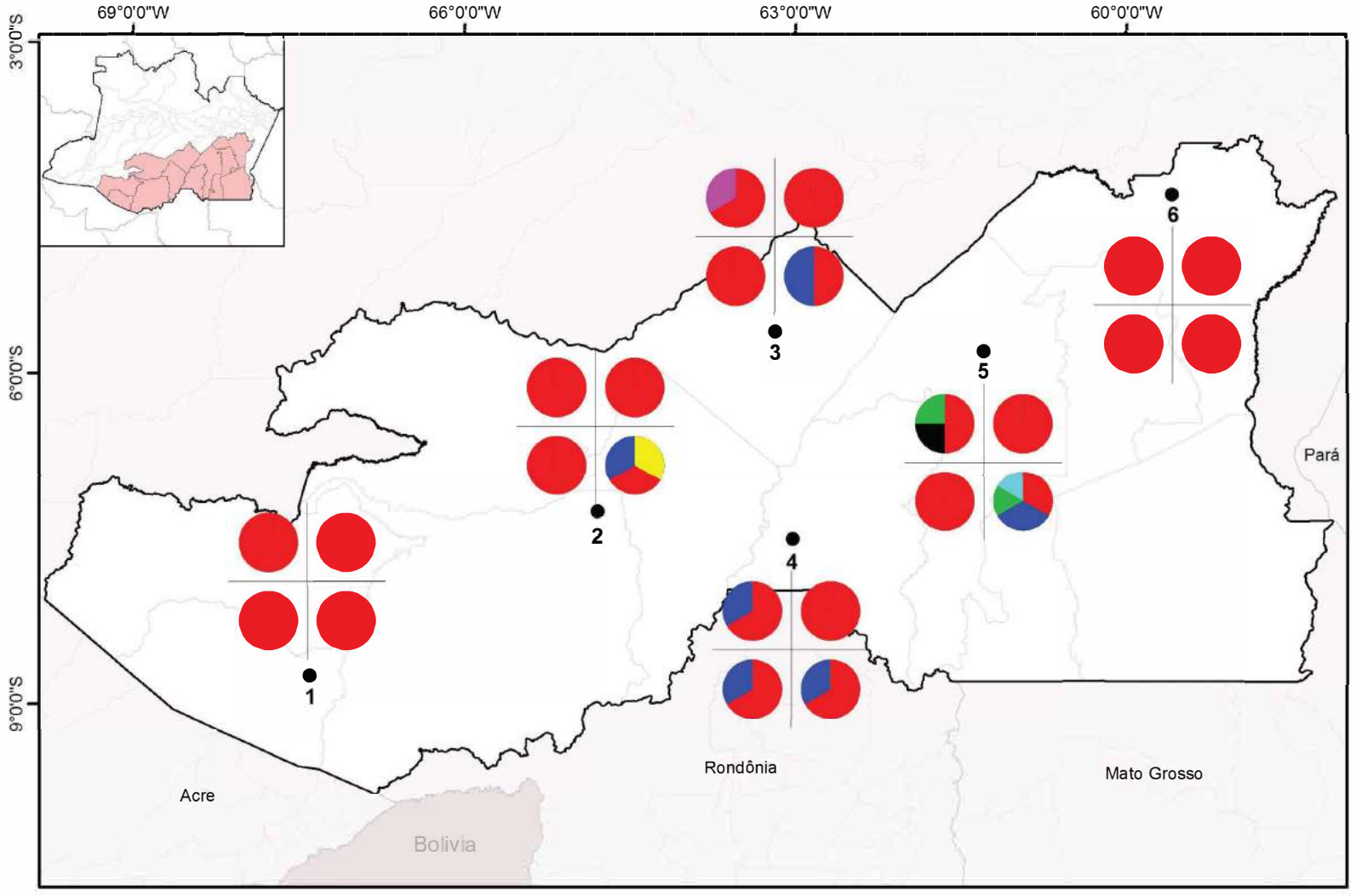

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L129a - Menstruação - Distribuição por sexo e idade



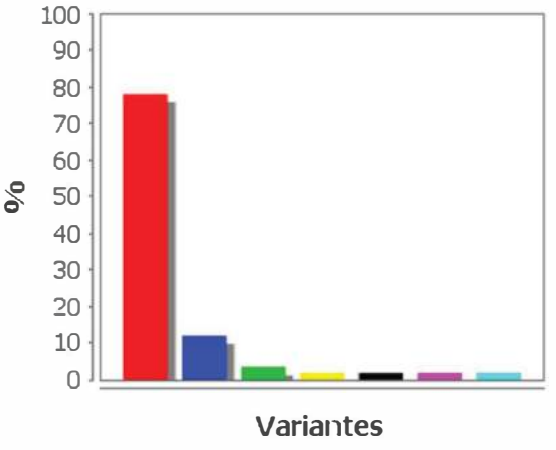

**Legenda**

- Menstruação
- Bode
- De lua
- Bandeira vermelha
- De dieta
- TPM
- Canoa furada

① ② ③ ④

**1: Feminino - 20 a 35 anos**
**2: Feminino - 50 a 65 anos**
**3: Masculino - 20 a 35 anos**
**4: Masculino - 50 a 65 anos**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L130
# GRÁVIDA

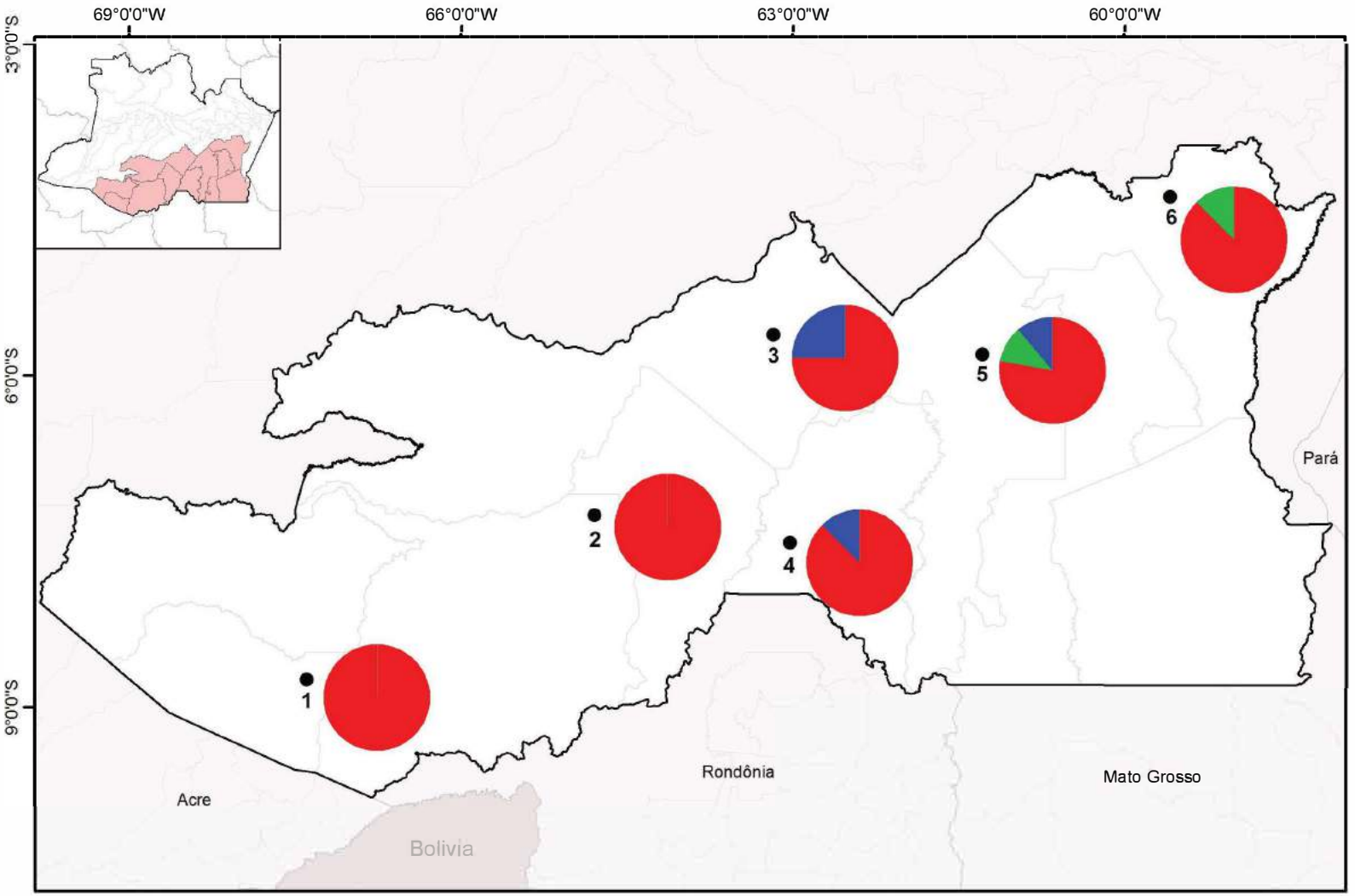
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Ciclo de Vida) – QSL-147:** Quando a mulher está esperando nenê, ela está...?

**NOTAS:**

1. MB02 (Lábrea): **Grávida**.
2. HA02 (Tapauá): **Gestante**.
3. HA02 (Manicoré): **Grávida**, **prenhe**.

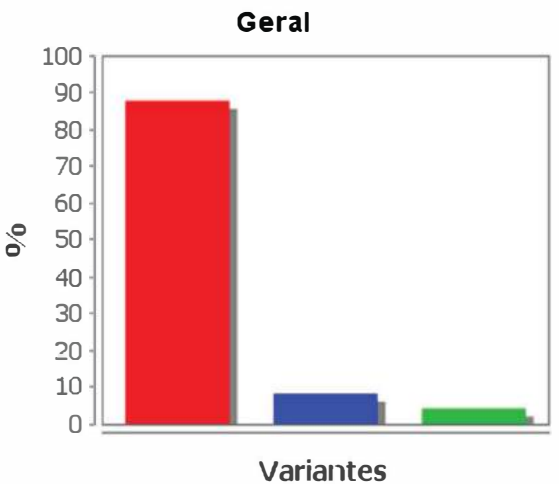
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L130 - Grávida

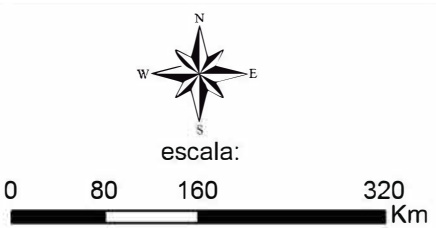



**Legenda**

- Grávida
- Gestante
- Prenhe




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L131
# PARIU

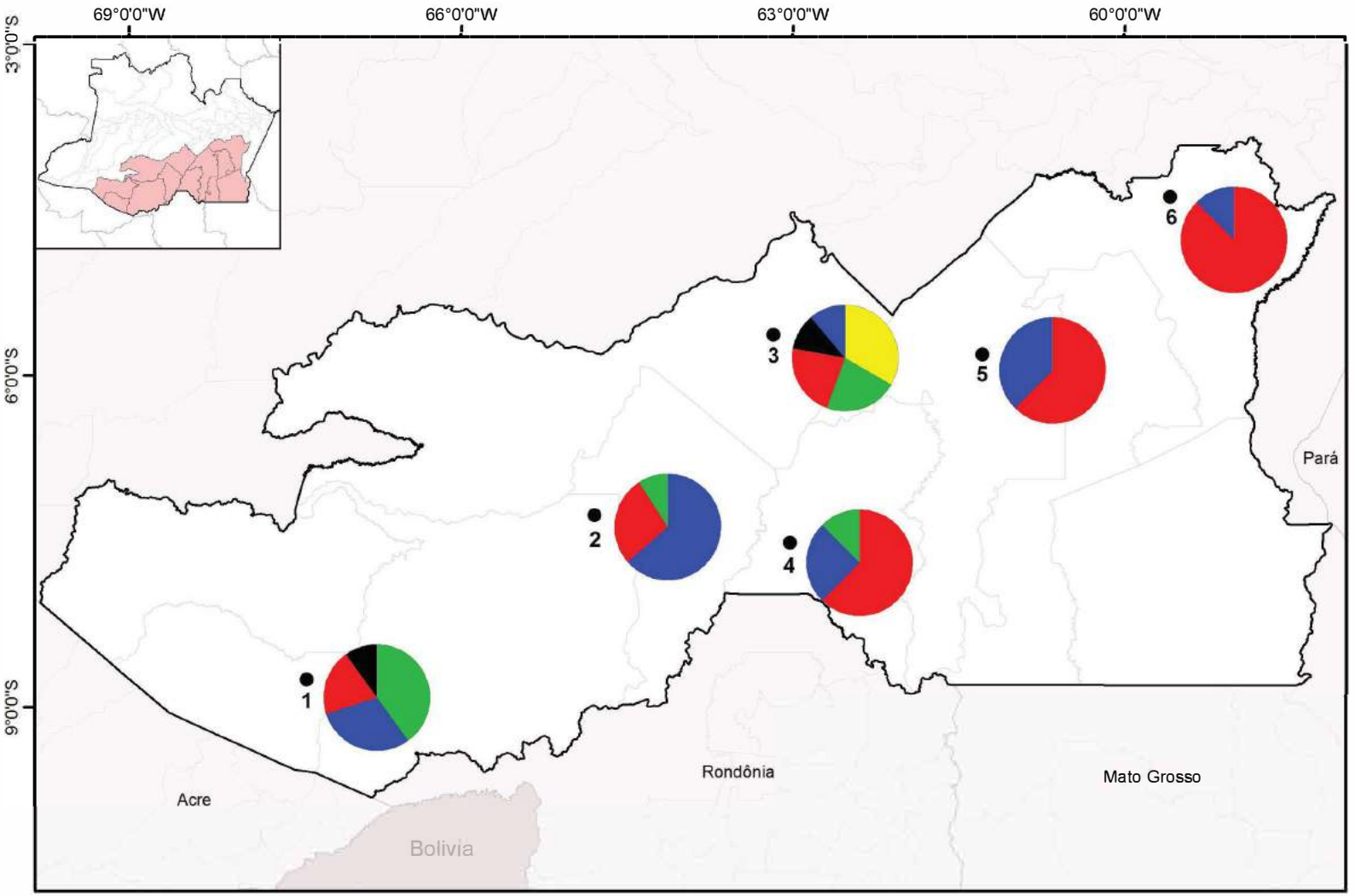
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Ciclo de Vida) – QSL-148:** E quando o nenê nasce, diz-se que ela...?

**NOTAS:**

1. HB01 (Boca do Acre): Ela **teve**, teve, teve, como é que é? Ela **deu à luz**, né?
2. HB01 (Lábrea): **Pariu**, **ganhou**, **teve**.
3. HB02 (Tapauá): (inint.) nasceu, ela **deu à luz**, (inint.) o caboco chama pari... **pariu**, né?
4. HA02 (Tapauá): **Descansou**.
5. MA01 (Humaitá): Já **ganhou**.
6. MA02 (Manicoré): **Ganhou nenê**.
7. MA01 (Borba): **Pariu**.

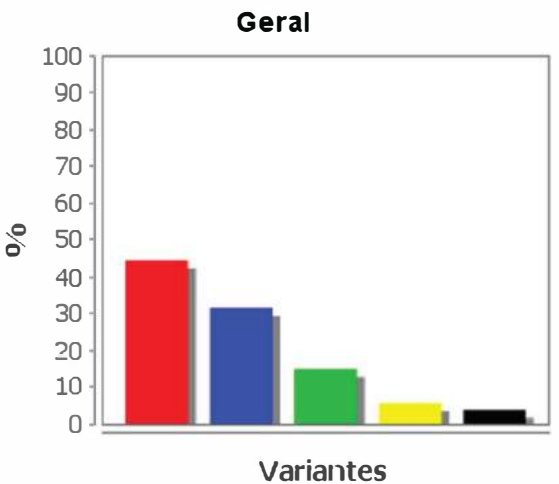
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L131 - Pariu

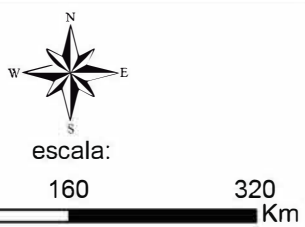



**Legenda**

- Pariu
- Ganhou nenê
- Deu à luz
- Descansou
- Teve nenê



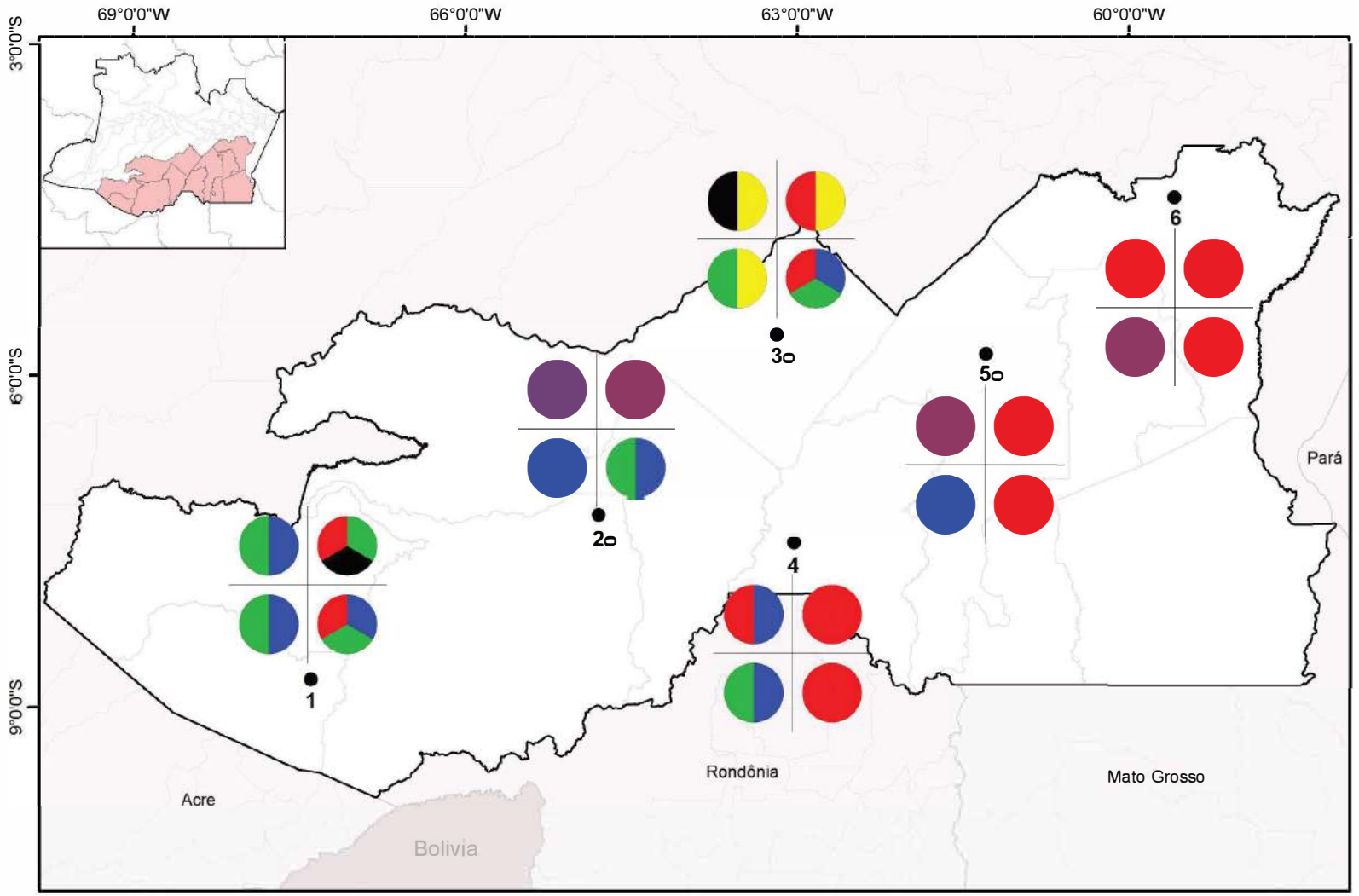

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L131a - Pariu - Distribuição por idade e escolaridade

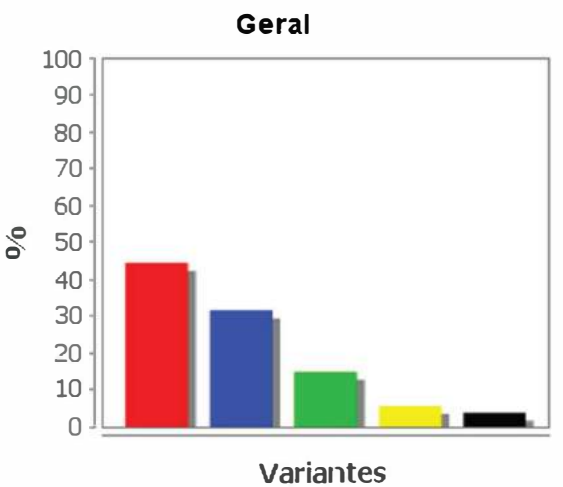



**Legenda**

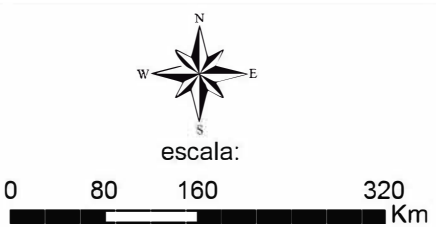
- Pariu
- Ganhou nenê
- Deu à luz
- Descansou
- Teve nenê

① ② ③ ●

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L133
# RESGUARDO

**Meio Antrópico: Relações Sociais (Ciclo de Vida) – QSL-151:** Que nome se dá ao repouso da mulher, por vários dias (às vezes até 40) após o parto?

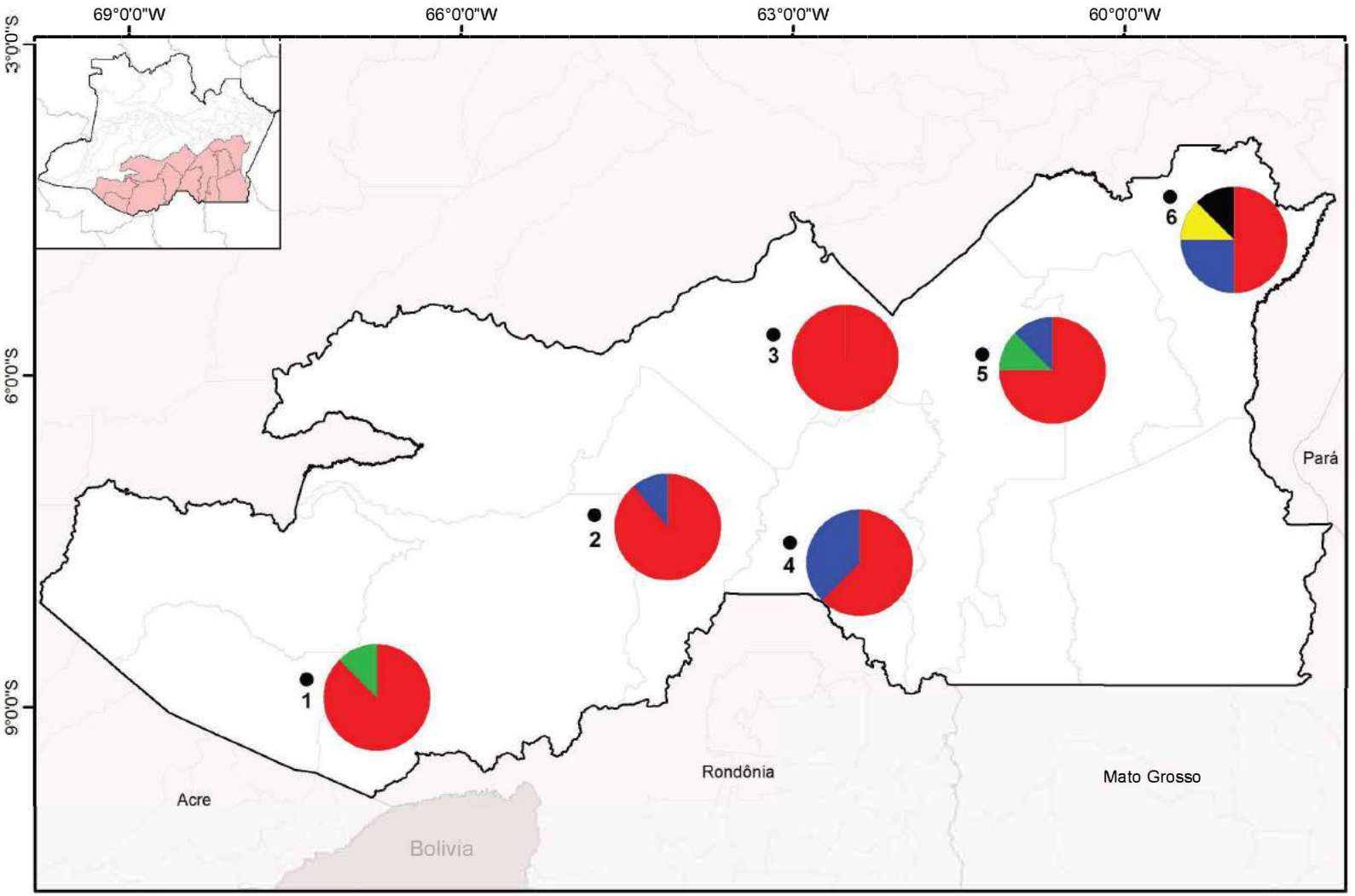
**NOTAS:**

1. HA01 (Boca do Acre): o pessoal chama **repouso** aqui.
2. MA01 (Lábrea): De **resguardo**, **quarentena**.
3. MB02 (Humaitá): **Resguarde**.
4. MB02 (Borba): **De parto**.

INQ.: A gente diz que a mulher está de quê? (...) O nome do período que ela fica quarenta dias de repouso?
MB02 (Borba): De parto. Ela está de parto.

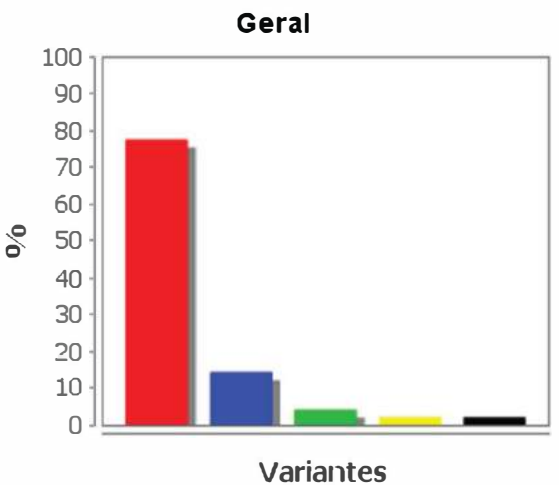
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L133 - Resguardo

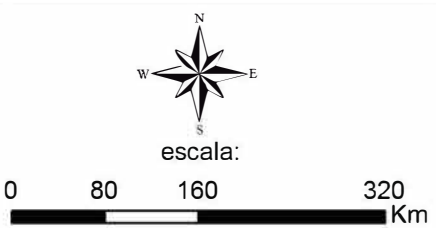



**Legenda**

- Resguardo
- Quarentena
- Repouso
- Descanso
- De parto




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L134
# FINADO

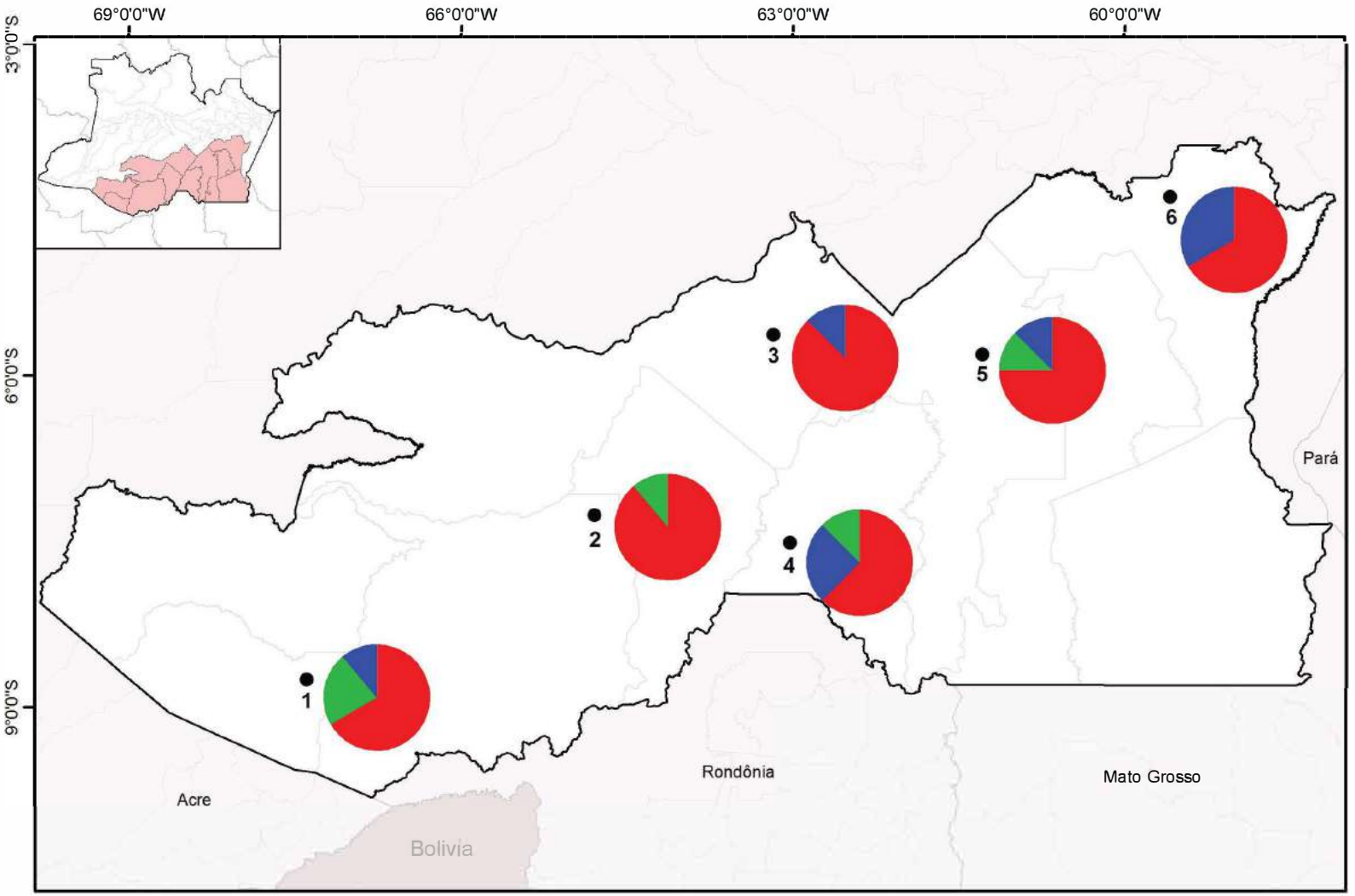
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Ciclo de Vida) – QSL-153:** Quando você quer se referir a uma pessoa que já morreu, em uma conversa, geralmente não menciona mais o nome daquela pessoa. Como é que você se refere a ela?

**NOTAS:**

1. MA02 (Boca do Acre): **Finado** ou **falecido**.
2. HA01 (Tapauá): Defunto.
3. HB02 (Borba): **Defunto**, **finado**.

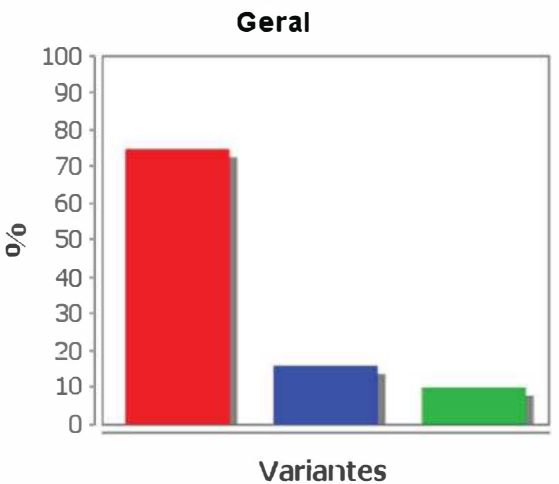
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L134 - Finado

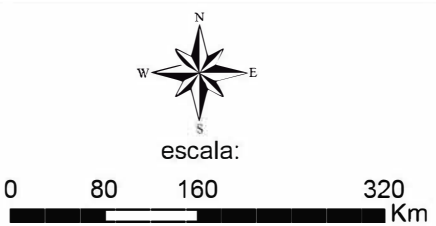



**Legenda**

- Finado
- Defunto
- Falecido




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L135
# JUNTOS

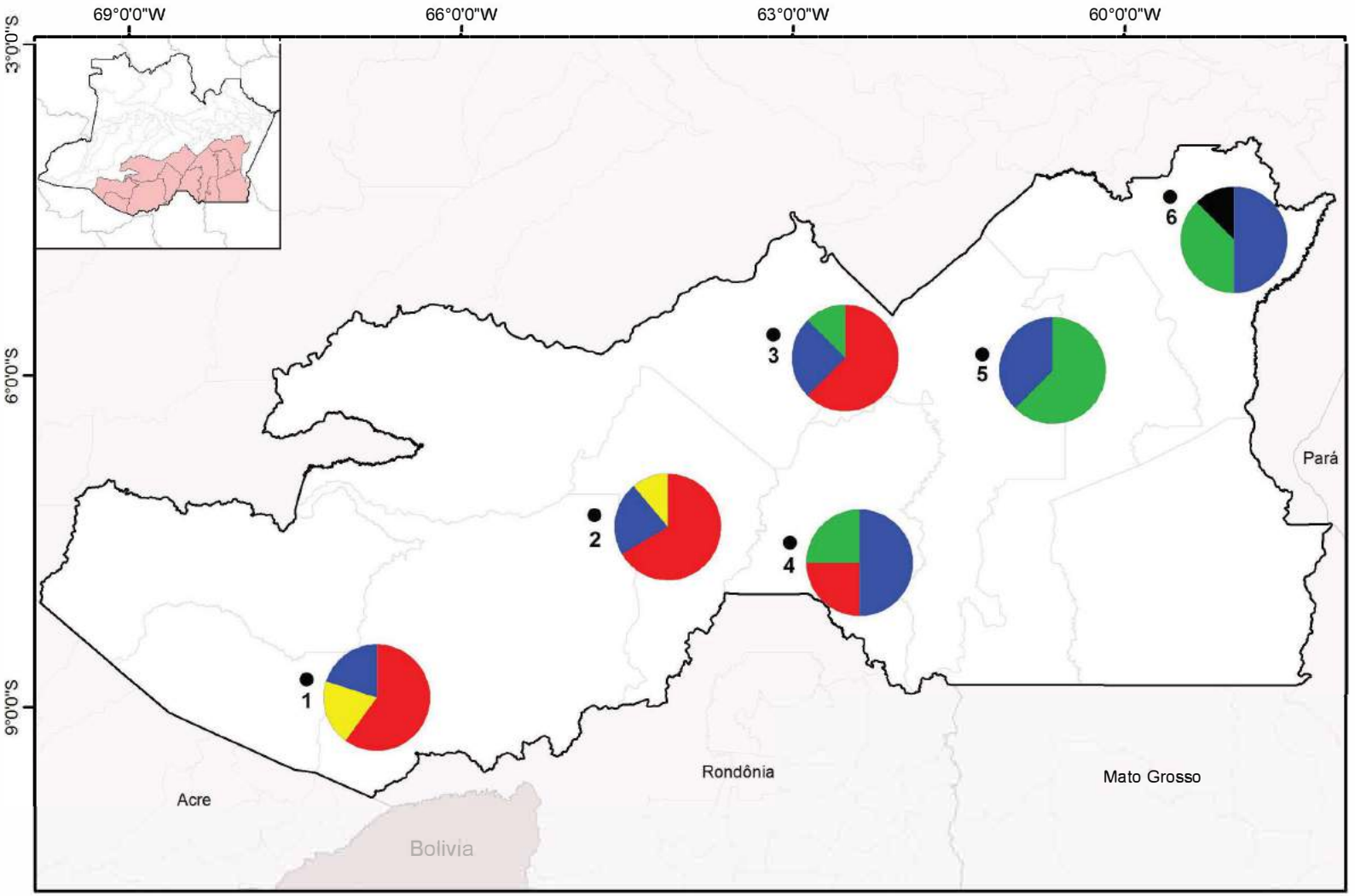
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Ciclo de Vida) – QSL-155:** Quando um homem e uma mulher vivem maritalmente sem serem casados, eles são o quê?

**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): São só **juntos**, **amancebado**, **amigado**.
2. HB02 (Tapauá): Eles são **junto**, né?
3. MA01 (Humaitá): **Amigado**.
4. HA02 (Manicoré): **Amasiado**.
5. MB02 (Borba): É **companheira**.

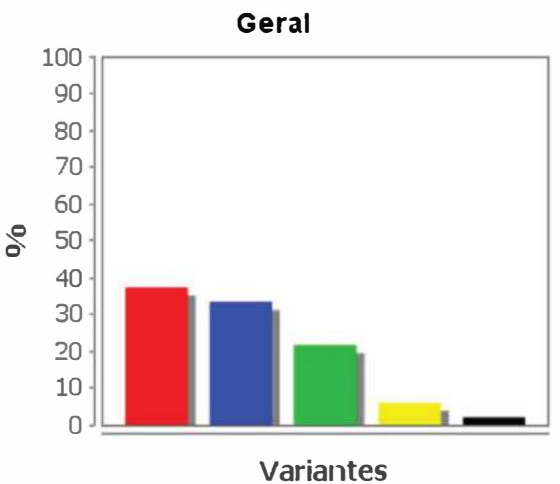
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L135 - Juntos




**Legenda**

- Juntos
- Amigados
- Amasiados
- Amancebados
- Companheiros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L136
# MENINO

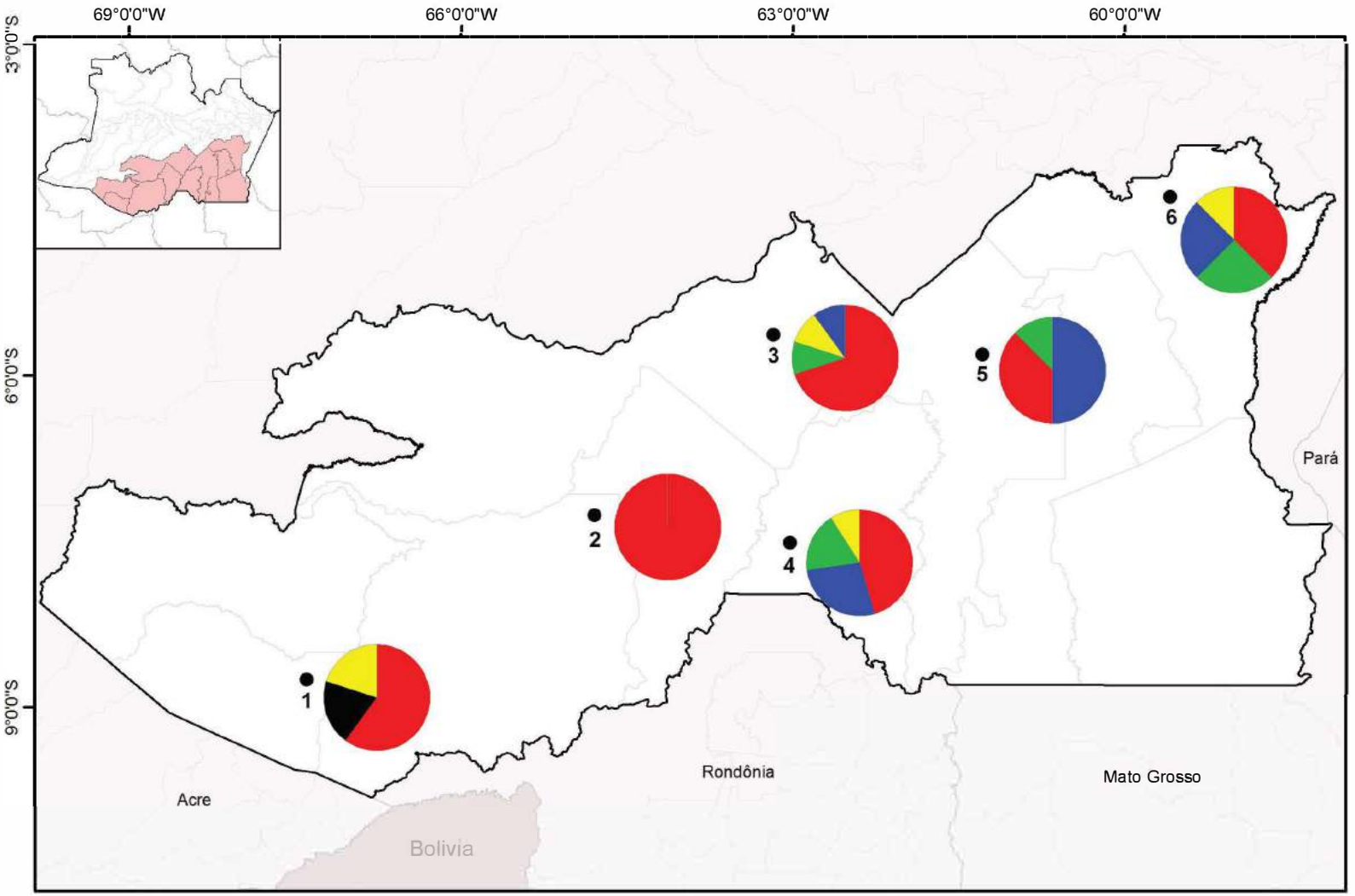
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Ciclo de Vida) – QSL-156:** Como vocês chamam aqui a criança do sexo masculino de 5 a 10 anos?

**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): **Menino**, **guri**, **moleque**.
2. MA01 (Lábrea): **Menino**.
3. HB02 (Tapauá): Papai chamava **curumim**, assim, menino caboco, né? (...) Mas tem outro nome também, é... pode sê curumim?
   INQ.: Pode, o senhor chama como? Se vai passando uma criança na rua mais ou menos com essa idade e você quer chamá-la, como você faz? O senhor fala "ei..."?
   HB02 (Tapauá): Ei, **moleque**.
   INQ.: Moleque. O senhor não chama curumim, não?
   HB02 (Tapauá): Ei, **menino**, vem cá.
   INQ.: Não vemos mais hoje em dia as pessoas falando, não é?
   HB02 (Tapauá): Não, curumim, o pessoal vão morrendo, né? Vai ficando só as lembrança, papai chamava curumim quando (inint.) assim.
4. HB01 (Humaitá): **Moleque**, **garoto**... A gente chama mais de moleque mesmo.
5. HB01 (Manicoré): Criança, **curumim**, curumim, né, pessoal fala.
6. HB02 (Borba): Ah, **garoto**.

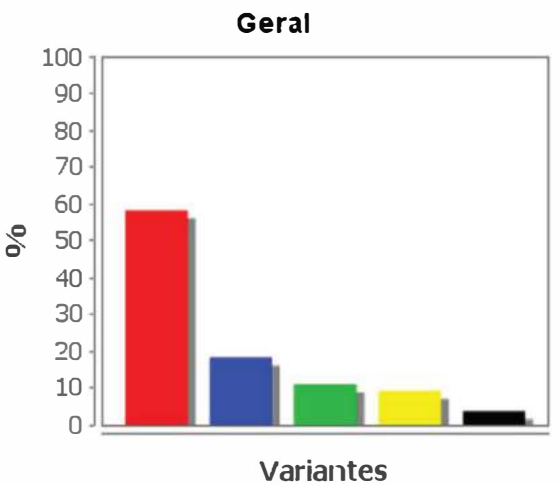
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L136 - Menino

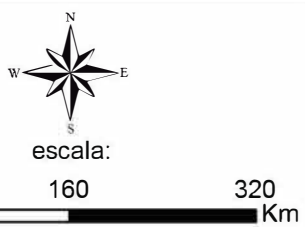



**Legenda**

- Menino
- Curumim
- Garoto
- Moleque
- Guri



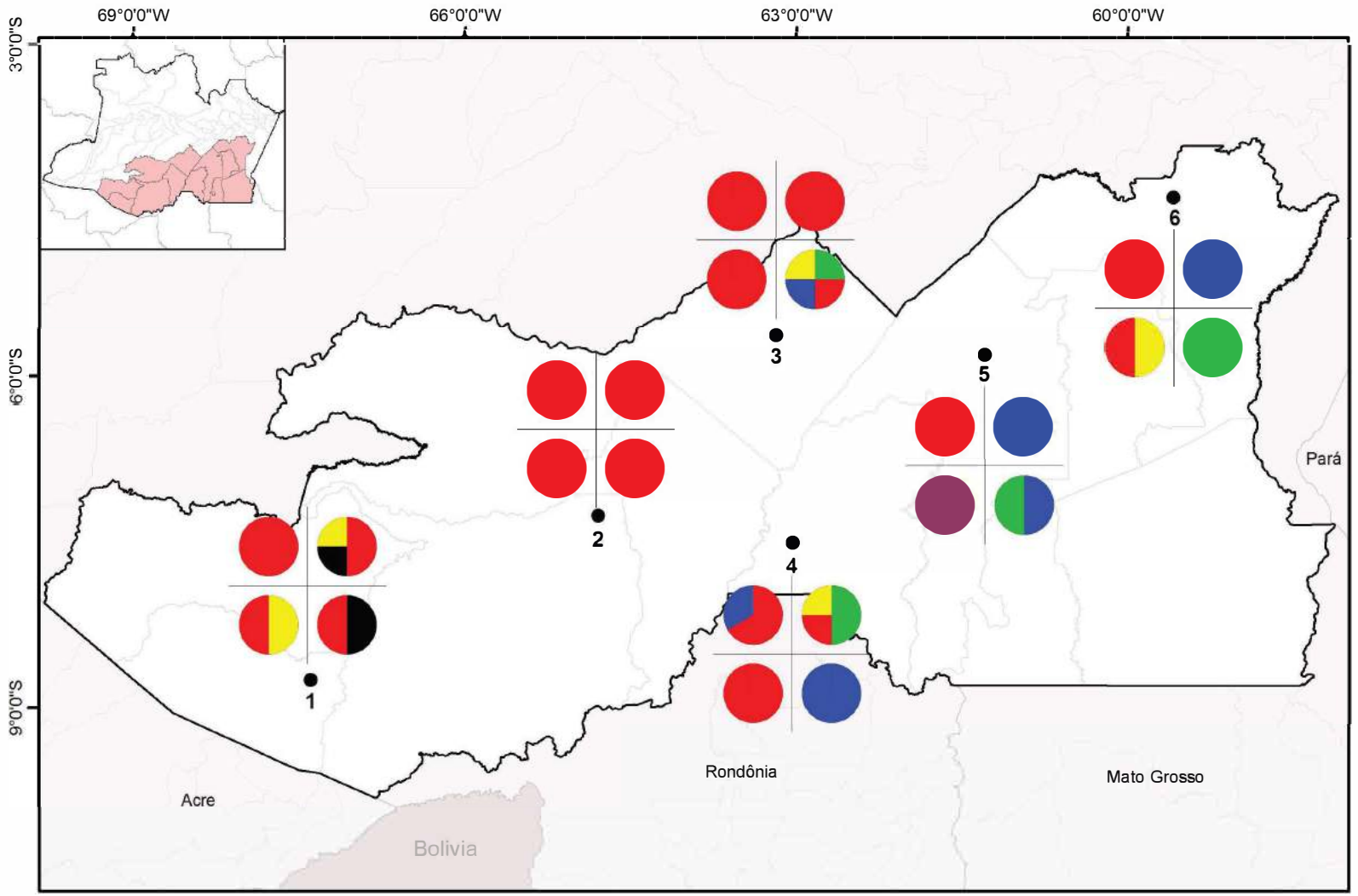

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L136a - Menino - Distribuição por idade e escolaridade

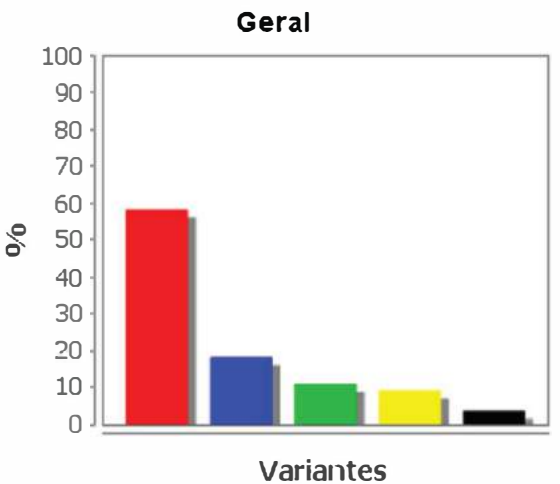



**Legenda**

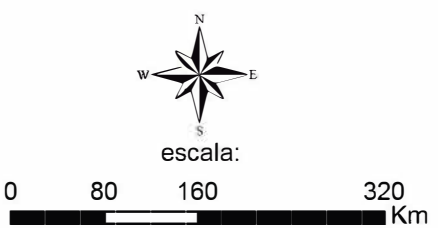
- Menino
- Curumim
- Garoto
- Moleque
- Guri

① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L137
# MENINA

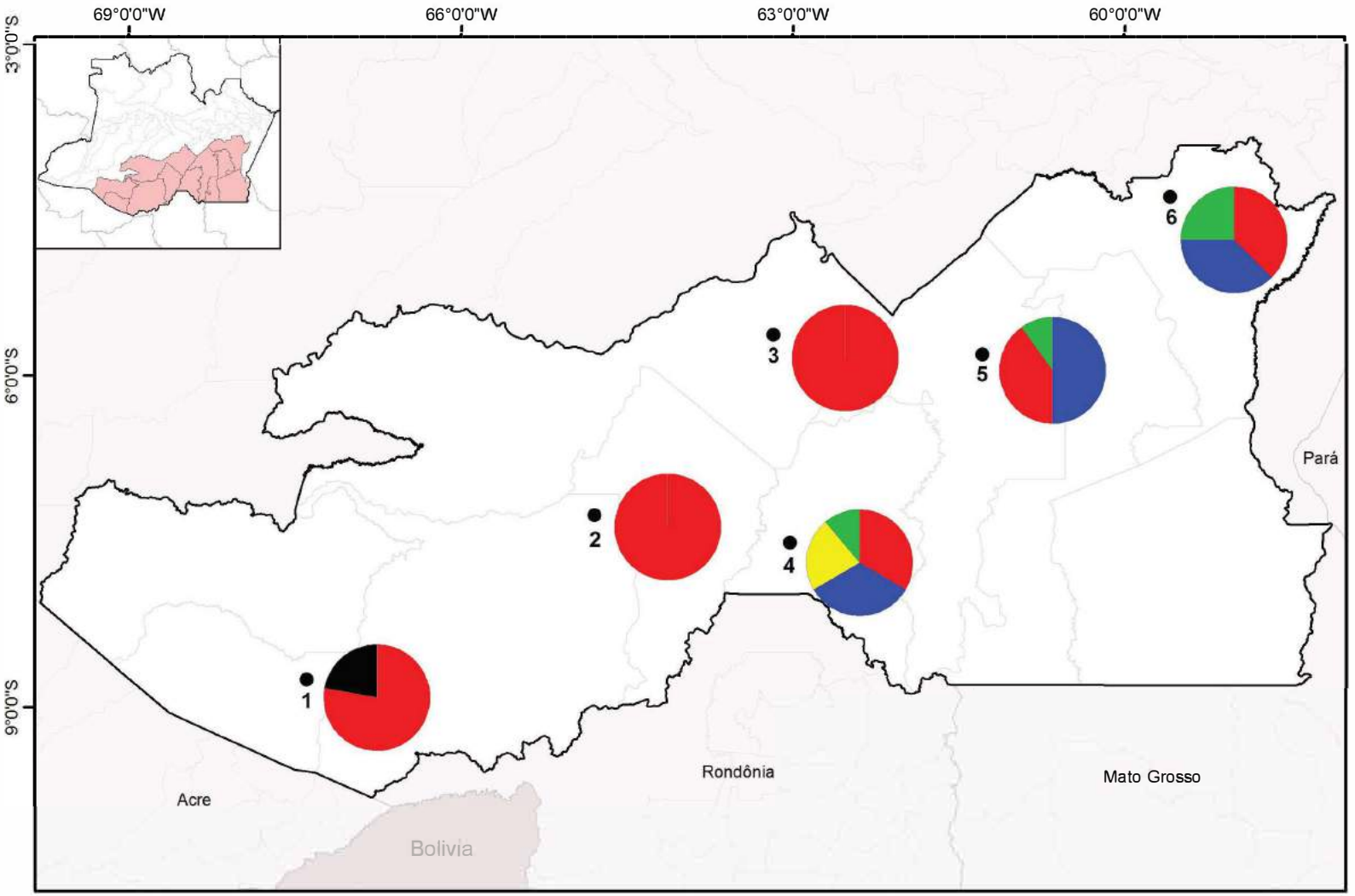
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Ciclo de Vida) – QSL-157:** E a criança do sexo feminino de 5 a 10 anos?

**NOTAS:**

1. HB02 (Boca do Acre): **Guria**.
2. MA02 (Lábrea): **Menina**.
3. MB01 (Humaitá): **Moça**.
   INQ.: De cinco a dez anos já chama e moça?
   MB01 (Humaitá): É. **Mocinha** mesmo.
4. MA01 (Manicoré): **Menina**, **cunhantã**.
5. MB02 (Borba): **Garota**.

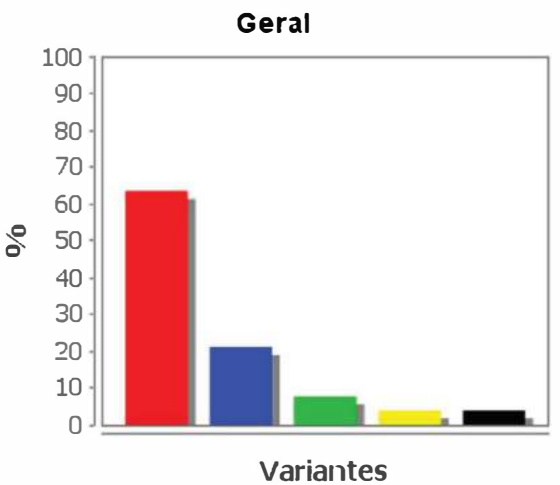
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L137 - Menina

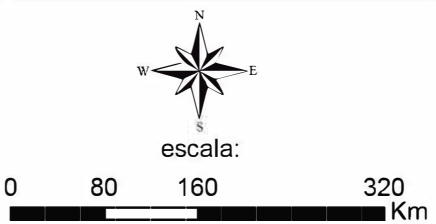



**Legenda**

- Menina
- Cunhantã
- Garota
- Mocinha/ Moça
- Guria



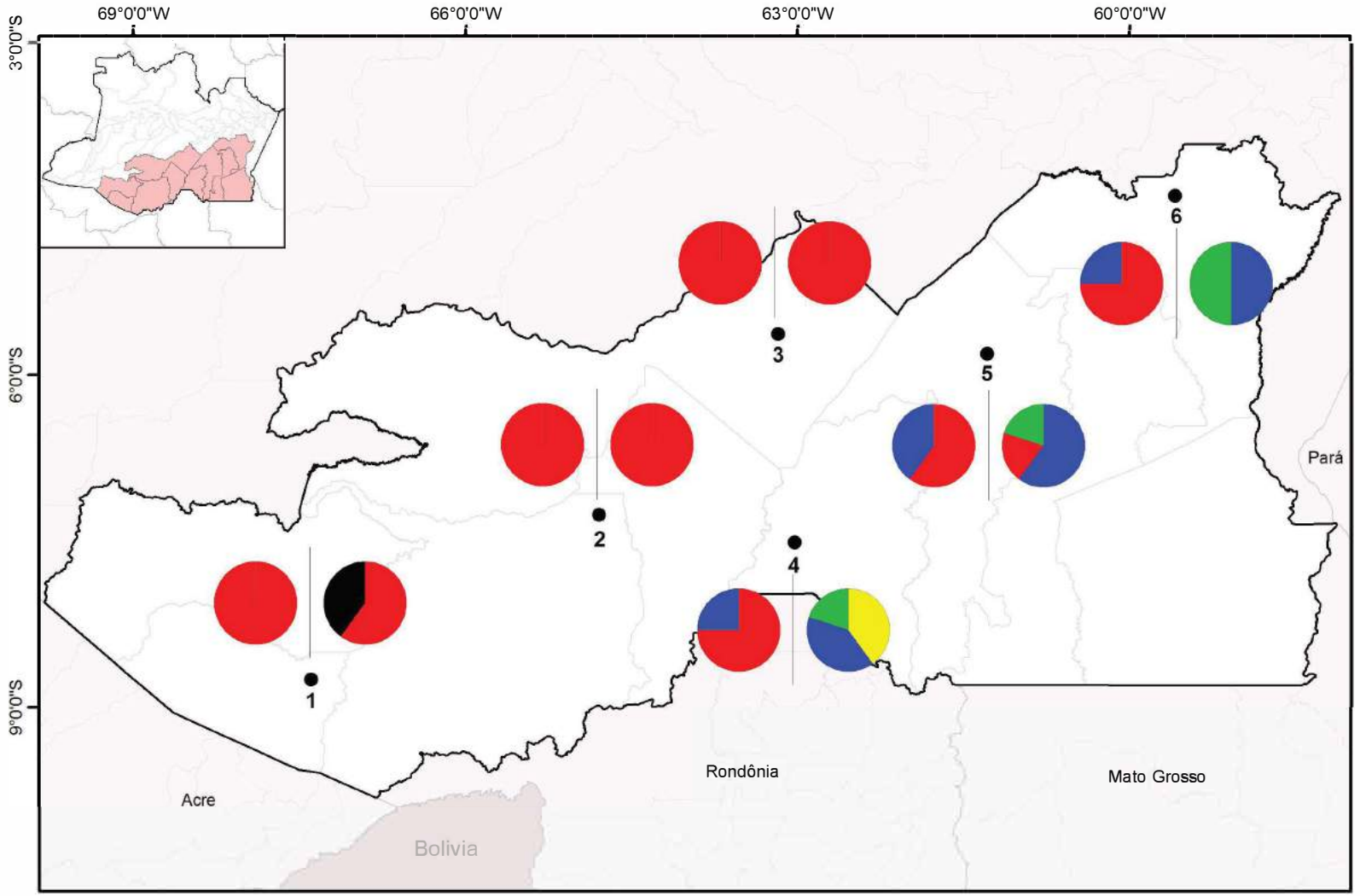

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L137a - Menina - Distribuição por escolaridade

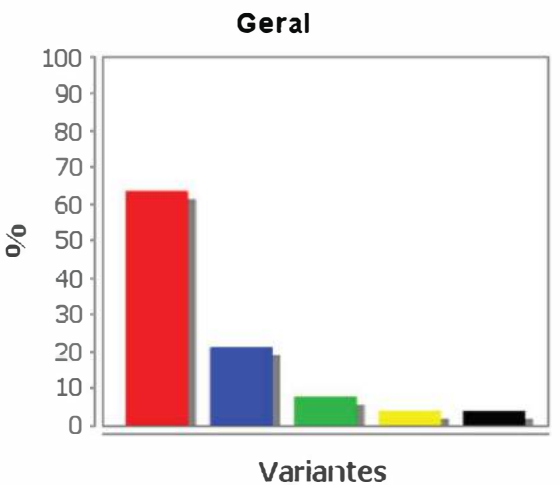



**Legenda**

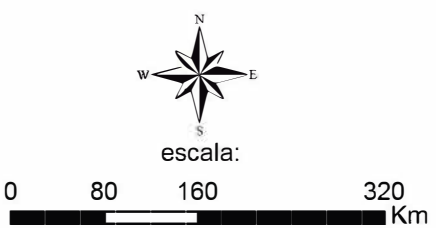
- Menina
- Cunhantã
- Garota
- Mocinha/ Moça
- Guria

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L138
# FALADEIRA

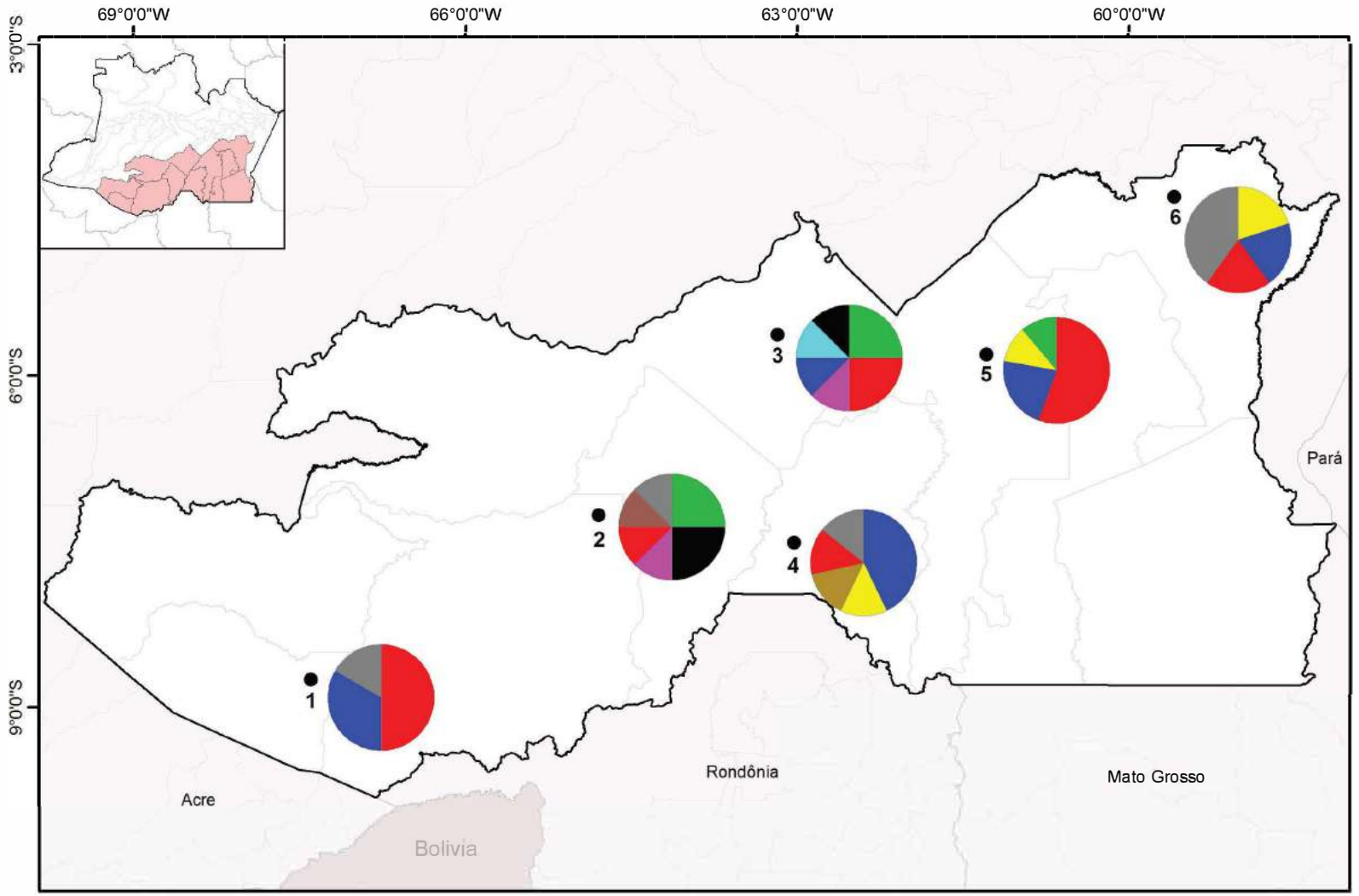
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-158:** Como se chama a pessoa que fala demais?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 e MA01 (Boca do Acre); MA01 (Lábrea); MB02 (Humaitá) e HA02, MA02 e MB02 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HA01 (Boca do Acre): A pessoa é muito **gasguita**, aquela pessoa é muito ga/gasgita; HB02 (Lábrea): É pessoa mais **desinibida** que a gente diz né?; MA01 (Humaitá): Na escola é o que mais tem (risos), **besteirenta**; HB01 (Borba): Uma pessoa que fala demais? Uma pessoa **enjoada**, que enche o saco. Que fala muito? É uma pessoa elétrica; HA01 (Borba): **Desbocada**.
3. MB02 (Boca do Acre): **Tagarela**.
4. HA02 (Lábrea): **Conversador**.
5. MA02 (Lábrea): **Linguarudo**, fulano é mesmo que uma **matraca**.
6. HB02 (Tapauá): **Falante**, né.
7. MA01 (Tapauá): Que fala demais é **Aderbal** (risos). (...) quando ele não para., é blá blá blá blá blá blá blá blá, é Aderbal.
8. MA02 (Humaitá): **Falastrão**.
9. HA02 (Humaitá): A gente costuma chamar de **falador**.
10. HA02 (Manicoré): **Tagarela**, **faladeira**.
11. MB01 (Borba): Aqui eu chamo minha irmã de **papagaio**, né? Mas só que a mamãe diz que ela é **tagarela**.

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

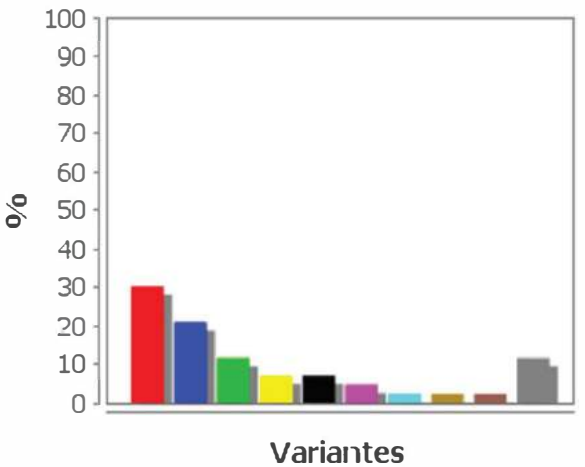
## L138 - Faladeira (Tagarela)



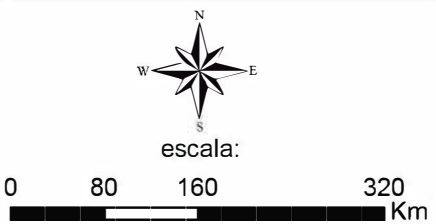

**Legenda**

- Faladeira/ Falador
- Tagarela
- Linguarudo
- Papagaio
- Matraca
- Aderbal
- Falante
- Falastrão
- Conversador
- Outros

**Geral**



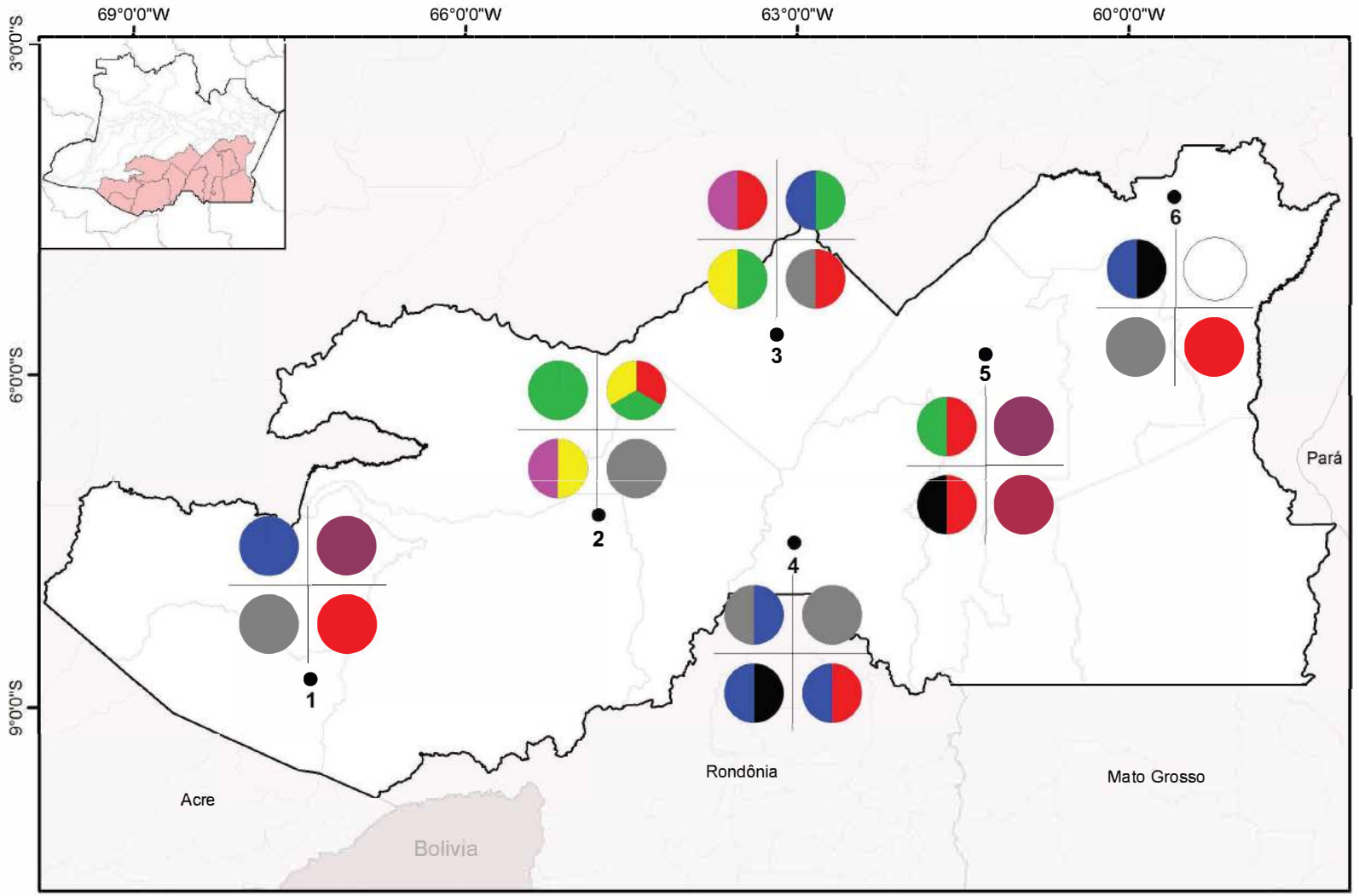

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L138a - Faladeira (Tagarela) - Distribuição por sexo e idade



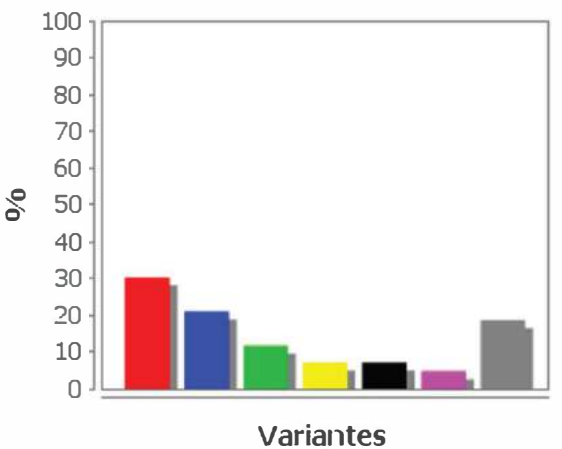

**Legenda**

- Faladeira/ Falador
- Tagarela
- Linguarudo
- Matraca
- Papagaio
- Aderbal
- Outros

① ② ③ ④

1: Feminino - 20 a 35 anos
2: Feminino - 50 a 65 anos
3: Masculino - 20 a 35 anos
4: Masculino - 50 a 65 anos

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L139
# BURRO (RUDE)

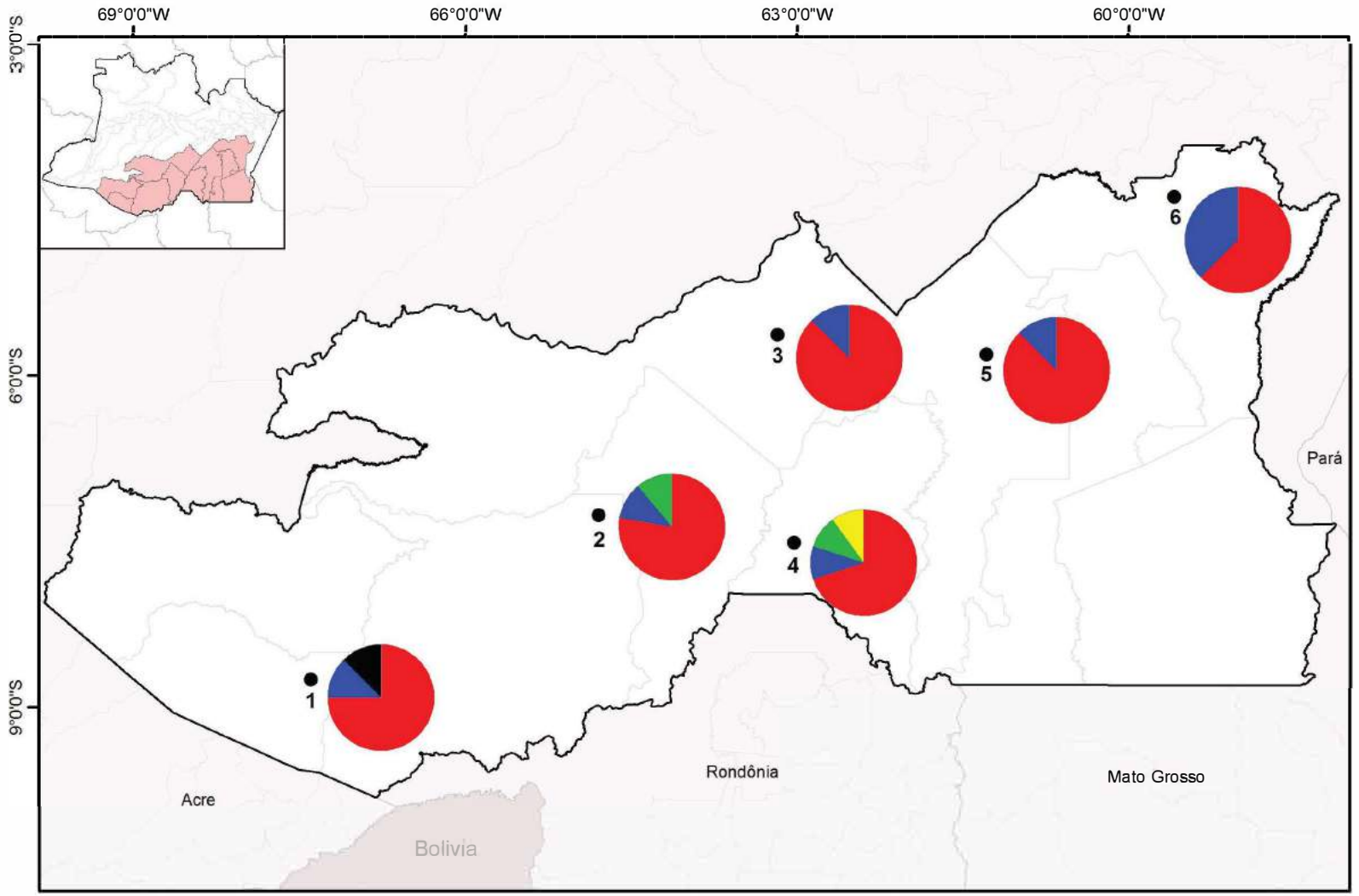
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-159:** E a pessoa pouco inteligente que tem dificuldade em aprender as coisas?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA01 (Boca do Acre).
2. HA02 (Boca do Acre): **Analfabeto**.
3. MA01 (Lábrea): Tem dificuldade de apender né, **lento**, **burro**, sei lá.
4. HB01 (Tapauá): **Burro** (risos).
5. HA02 (Humaitá): **Rude**, **cabeça-dura**. Tem vários apelidos.
6. MA02 (Manicoré): Ela é **rude**.
7. MA02 (Borba): É **rude**, né?

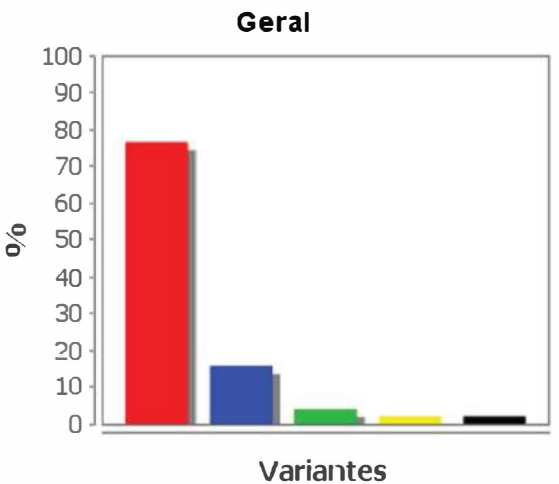
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L139 - Burro (Rude)

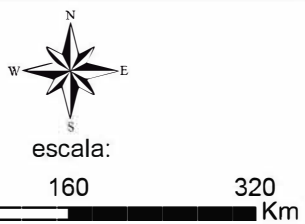



**Legenda**

- Burro
- Rude
- Lento
- Cabeça-dura
- Analfabeto



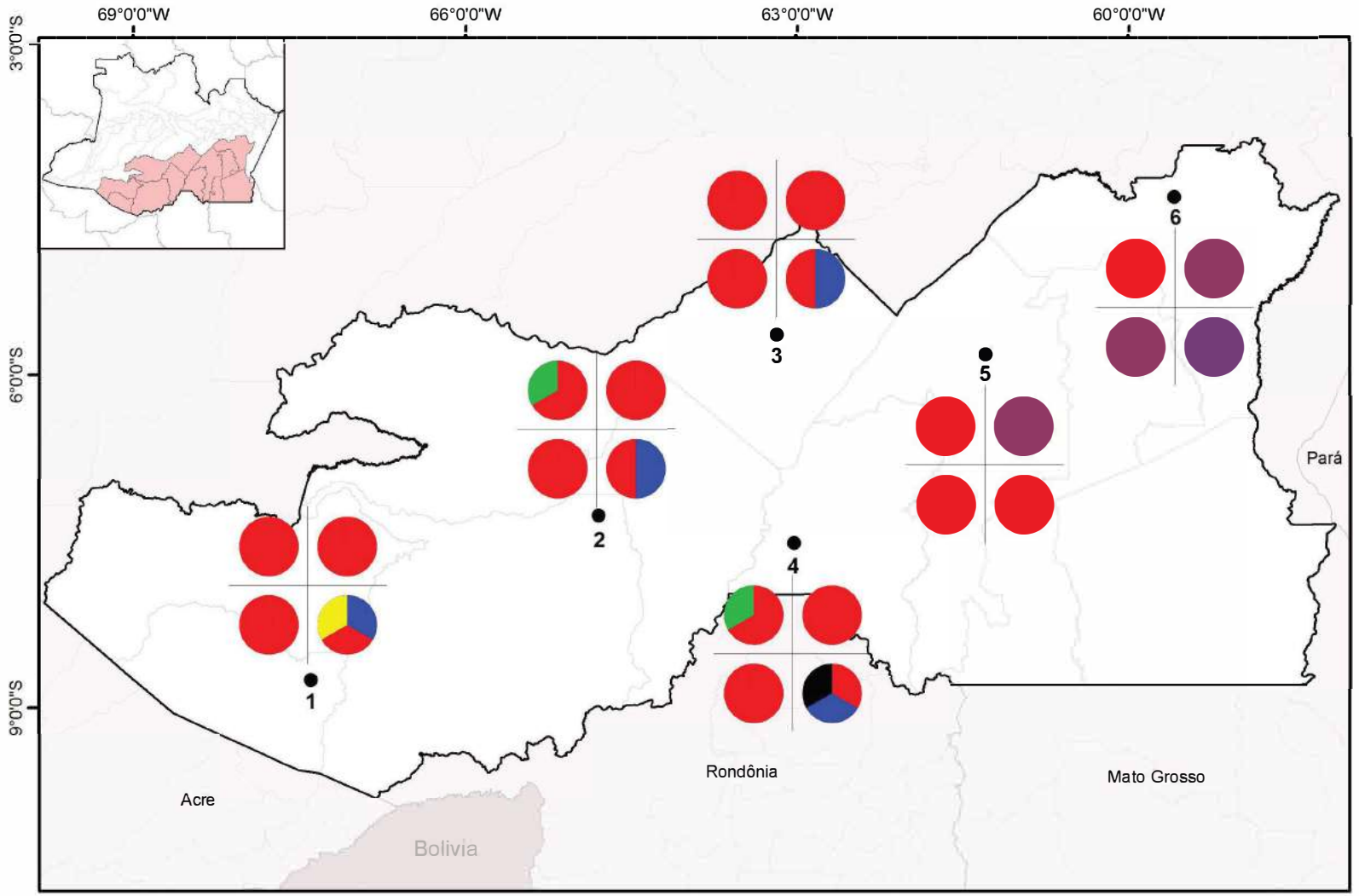

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L139a - Burro (Rude) - Distribuição por sexo e idade

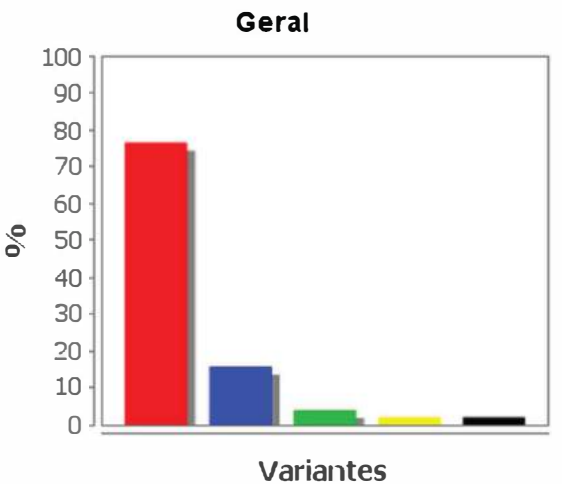



**Legenda**

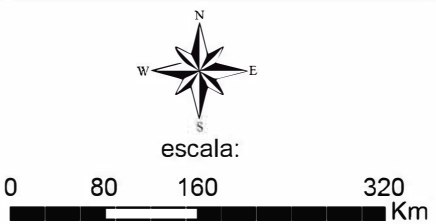
- Burro
- Rude
- Lento
- Analfabeto
- Cabeça-dura

① ② ③ ④

1: Feminino - 20 a 35 anos
2: Feminino - 50 a 65 anos
3: Masculino - 20 a 35 anos
4: Masculino - 50 a 65 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L140
# NEGRO

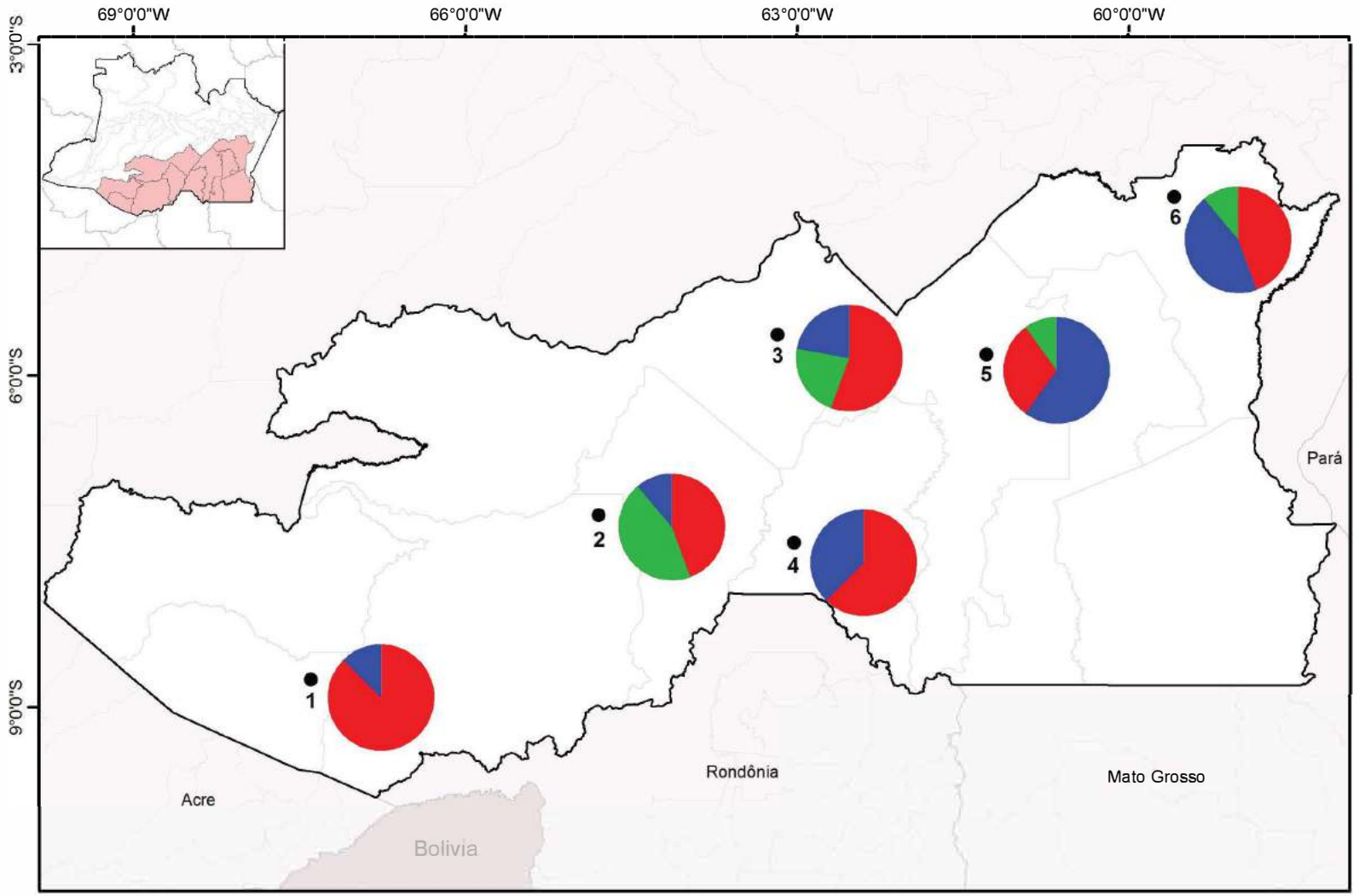
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-160:** Como se chama a pessoa que tem a pele bem escura?

**NOTAS:**

1. MA02 (Boca do Acre): **Preto**.
2. MB01 (Lábrea): **Moreno**, **negro**.
3. HA01 (Tapauá): **Preto**, **moreno**.
4. HA01 (Humaitá): **Negro**.
5. HA02 (Manicoré): **Preto**, **negro**.
6. HA02 (Borba): Moreno.
   INQ.: Bem escura mesmo?
   HA02 (Borba): **Preto**.

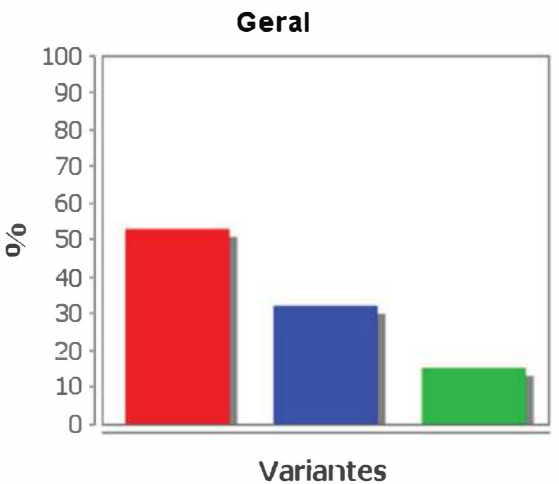
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L140 - Negro

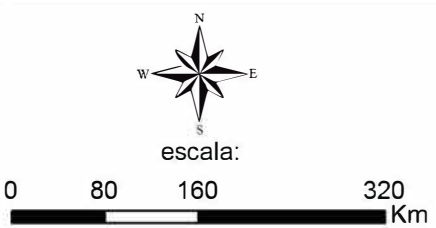



**Legenda**

- Negro
- Preto
- Moreno




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L141
# MORENO

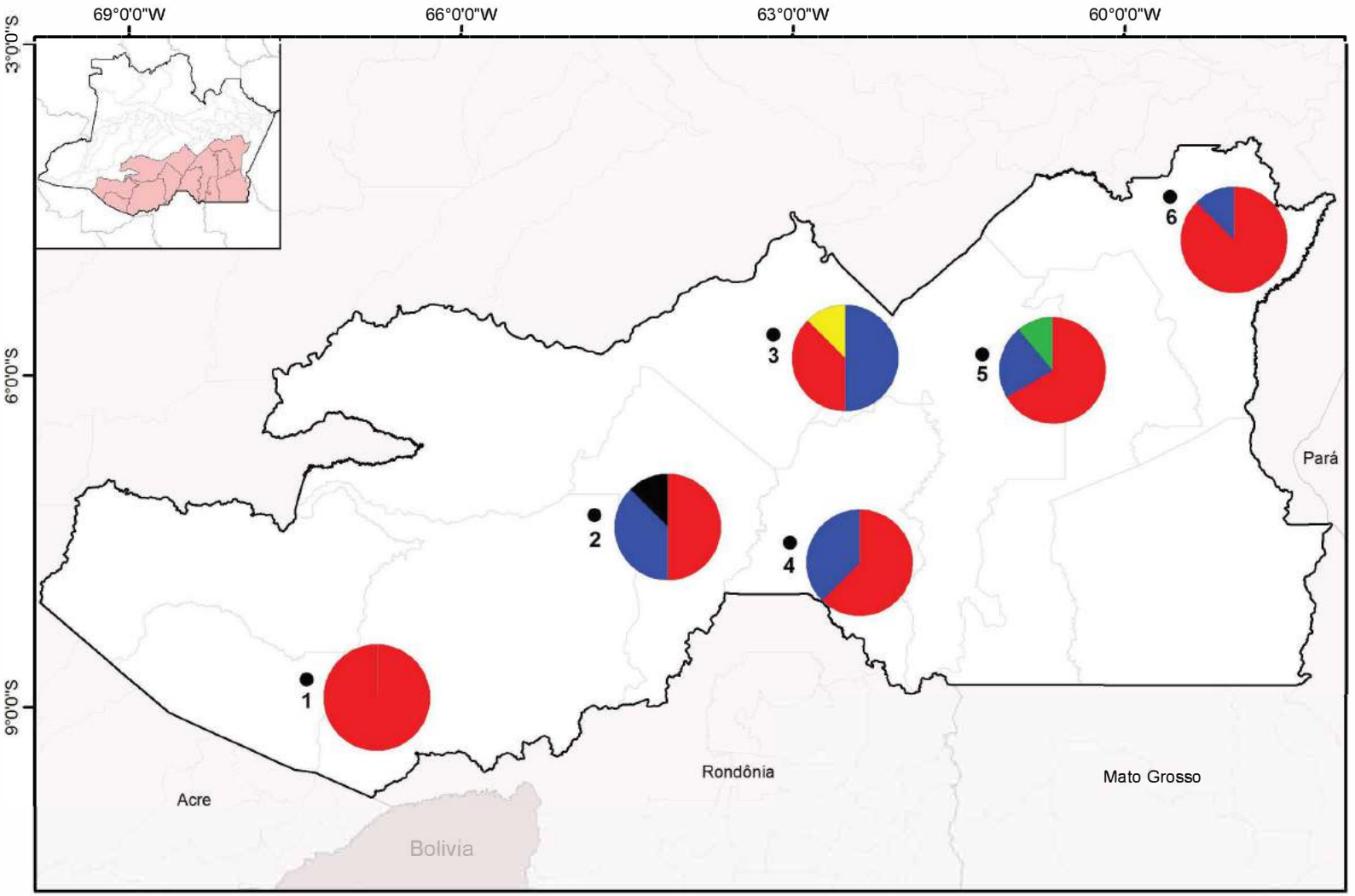
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-161:** E a pessoa que tem a pele um pouco escura porque só o pai ou a mãe é negro?

**NOTAS:**

1. MA01 (Boca do Acre): Claro, pele clara, tem o branco, que é essa cor aqui, que é branco verdadeiro, né? Aí tem um assim tipo a minha cor, né? Já é um branco mais claro, um pouco, que não é nem negro e nem é branco, é claro. (...) Aí tem o **moreno** e tem o negro, né? Aquele bem negrinho.
   INQ.: O moreno é o que?
   MA01 (Boca do Acre): O moreno é tipo essa menina aí, morena a cor.
2. HA02 (Lábrea): **Mulato**, sei lá.
3. MA01 (Tapauá): **Barro**.
   INQ.: Barro?
   MA01 (Tapauá): É barro, porque ele é bem claro, um pouco branco, a pele dele é barro.
4. MB02 (Humaitá): **Pardo**?
5. MA01 (Manicoré): É a gente chama **moreno claro**.
6. HA01 (Borba): **Moreno**.

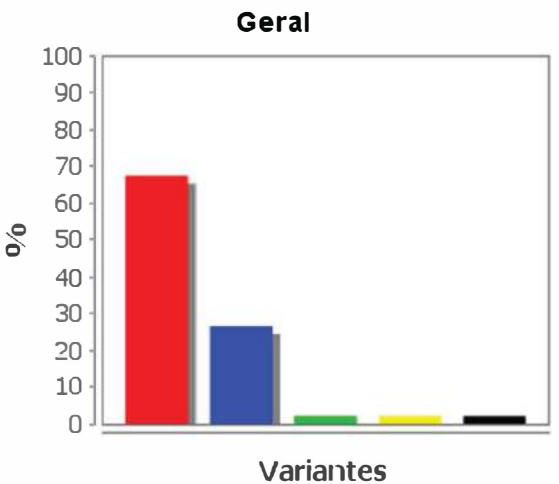
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L141 - Moreno

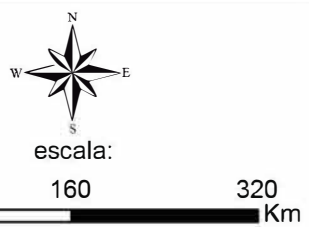



**Legenda**

- Moreno
- Pardo
- Moreno claro
- Barro
- Mulato



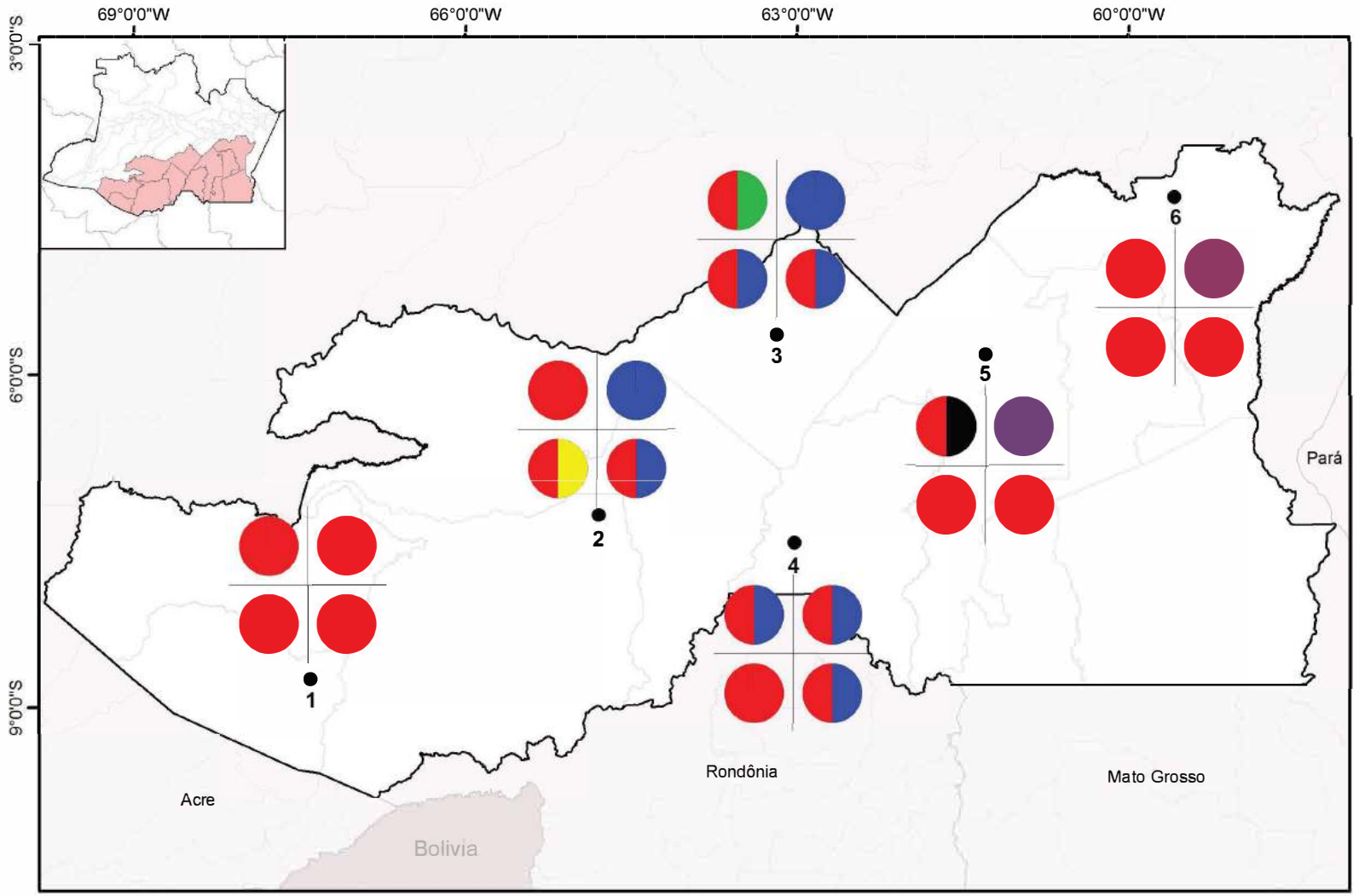

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L141a - Moreno - Distribuição por idade e escolaridade

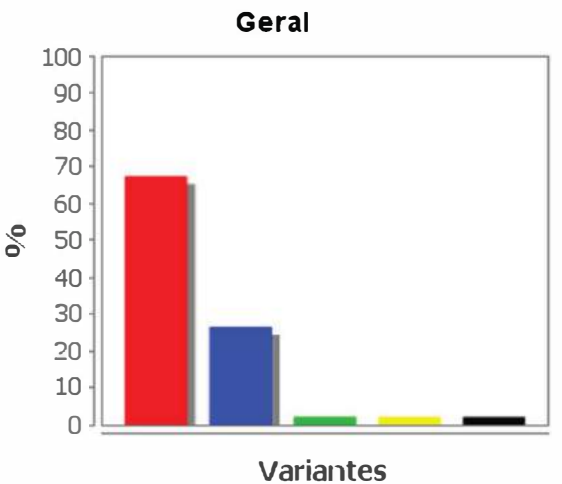



**Legenda**

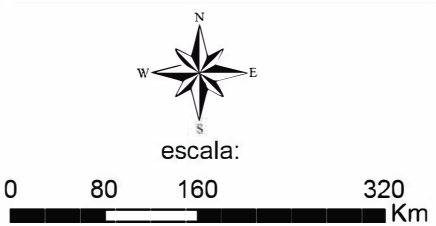
- Moreno
- Pardo
- Barro
- Mulato
- Moreno claro

① ②
③ ④

1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos
2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos
3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos
4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L143
# RIBEIRINHO

**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-163:** Como eu chamo aqui a pessoa que mora na beira dos rios e vive da plantação e criação de animais?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01, HA02 e MA01 (Boca do Acre); MA01 (Humaitá); MA01, MA02 e MB01 (Manicoré) e MB02 (Borba).
2. HB01 (Boca do Acre): É **ribeirinho**, né?
3. MB01 (Boca do Acre): É o **ribeirinho** que mora na beira do rio.
4. HB01 (Lábrea): Tem cara que chama de **praiano**.
   INQ.: Tem mais algum nome?
   HB01 (Lábrea): A gente diz que é gente **do interior** só.
5. HB01 (Tapauá): **Caboco**.
6. MB02 (Humaitá): **Beiradeiros**.
7. HA01 (Manicoré): **Ribeirinho**.
8. HB02 (Borba): **Interiorano**?

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L144
# ESTRANGEIRO

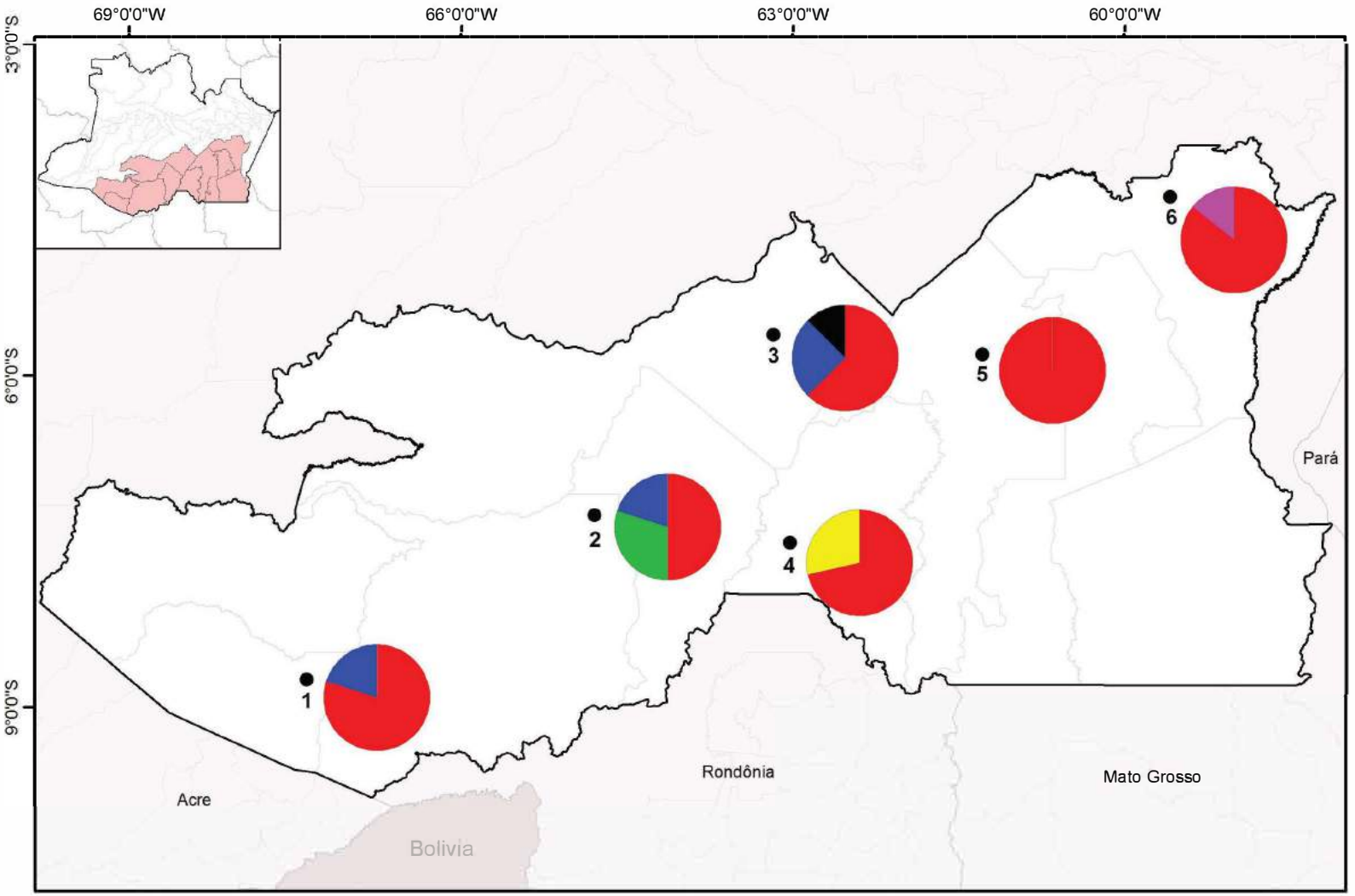
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-164:** E aquele cidadão que vem de fora do país para conhecer a região e fala outra língua?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Boca do Acre); HB01 (Tapauá) e MA01 (Manicoré).
2. HB01 (Boca do Acre): Ele é **forasteiro**.
3. MB01 (Lábrea): **Turista**, **visitante**.
4. HA02 (Tapauá): **Estrangeiro**.
5. HB02 (Humaitá): Eles são **gringo** e **estrangeiro**, né? Gringo.
6. HA02 (Manicoré): É... **Gringo**, **estrangeiro**.
7. MB02 (Borba): **Turista**?

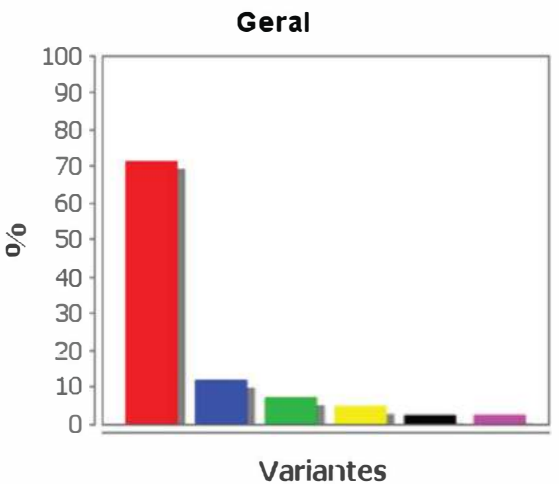
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L143 - Ribeirinho

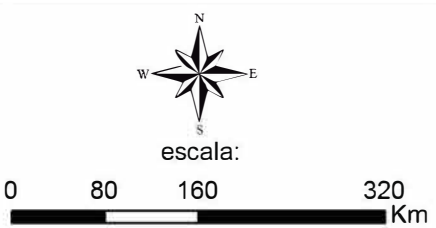



**Legenda**

- Ribeirinho
- Do interior
- Praiano
- Beradeiro
- Caboclo
- Interiorano



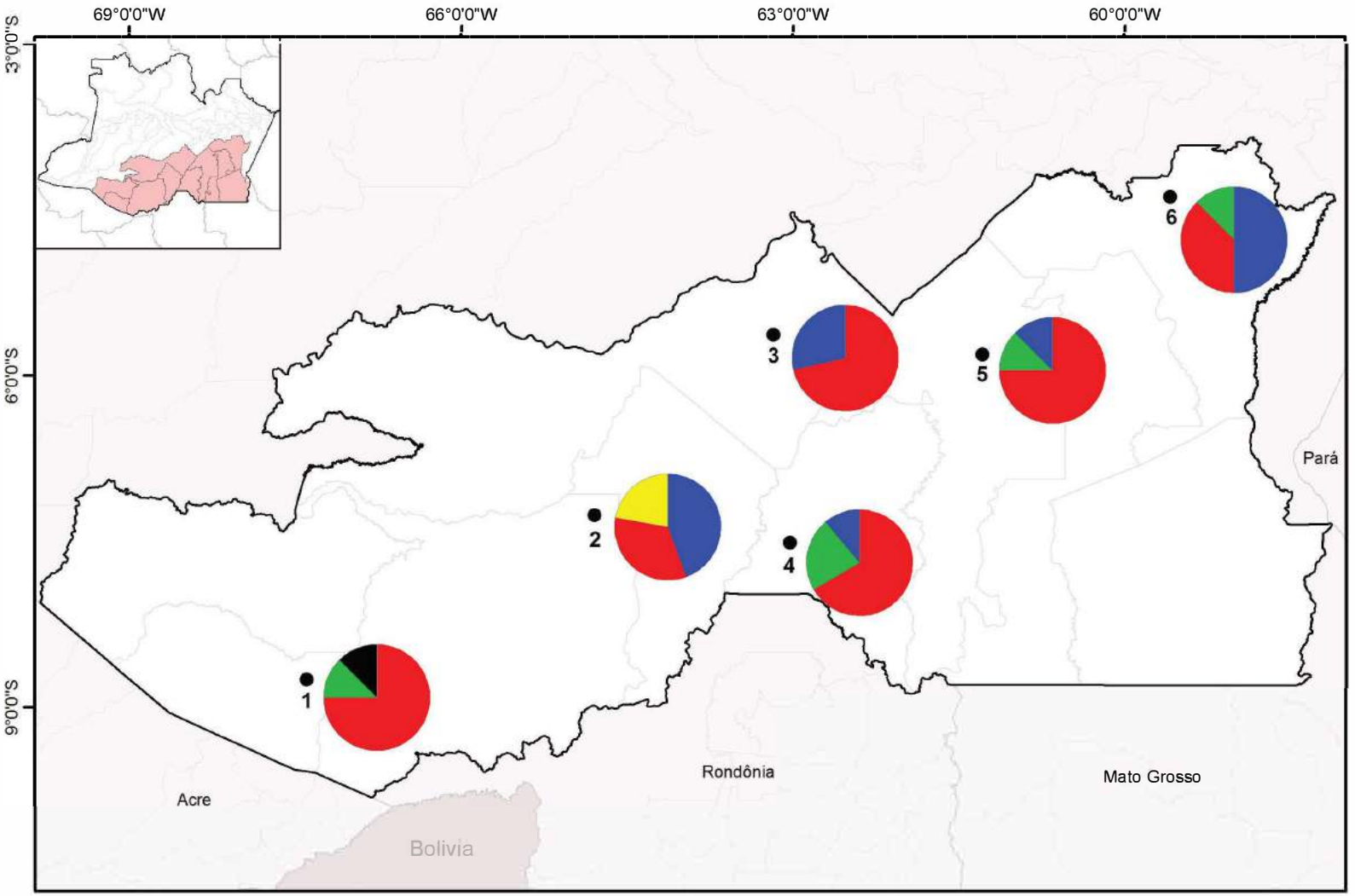

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

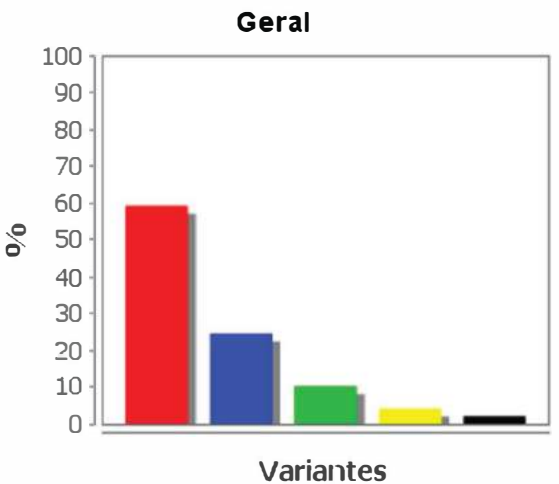
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L144 - Estrangeiro

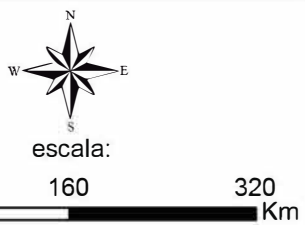



**Legenda**

- Estrangeiro
- Turista
- Gringo
- Visitante
- Forasteiro



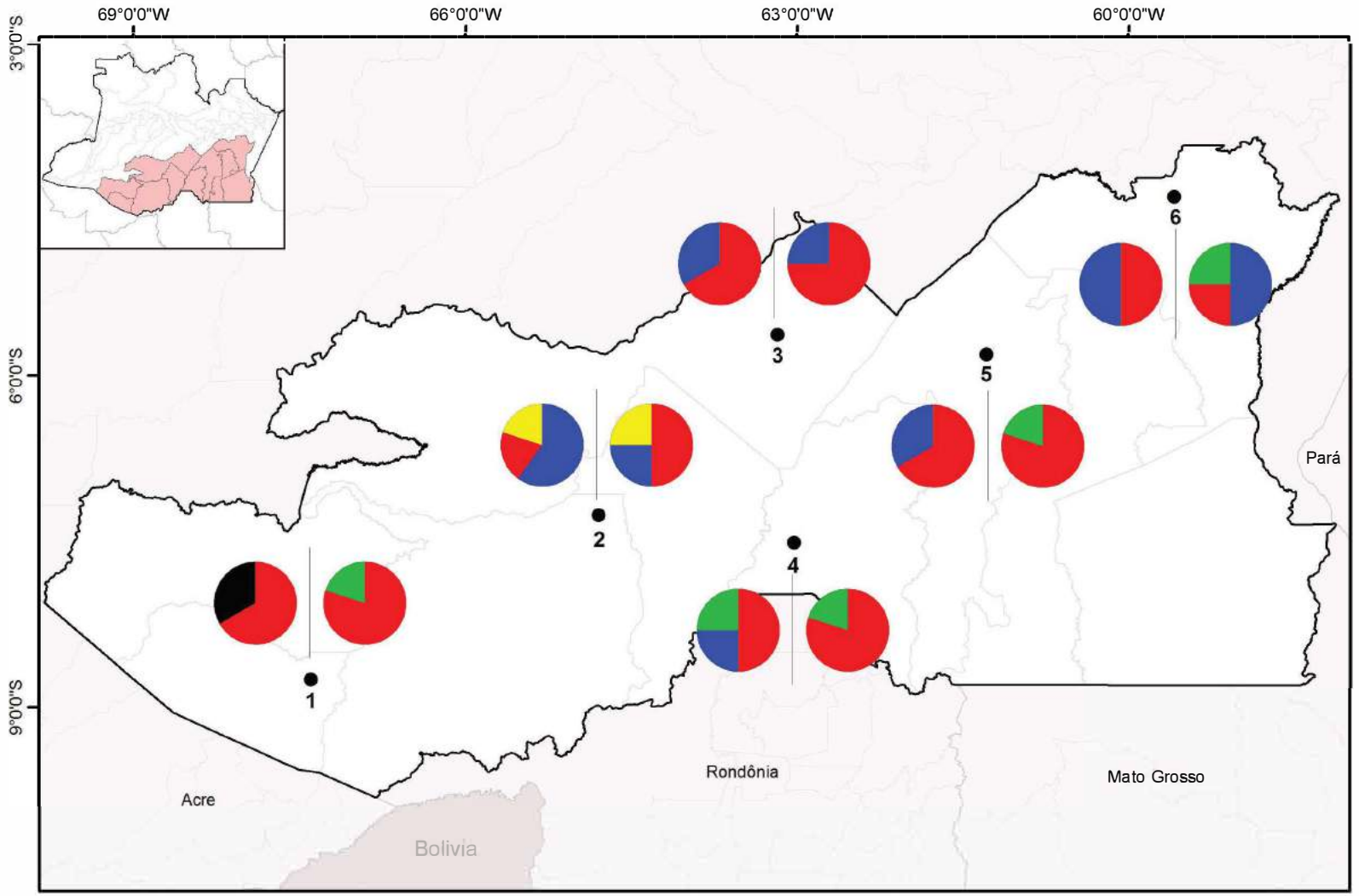

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L144a - Estrangeiro - Distribuição por idade

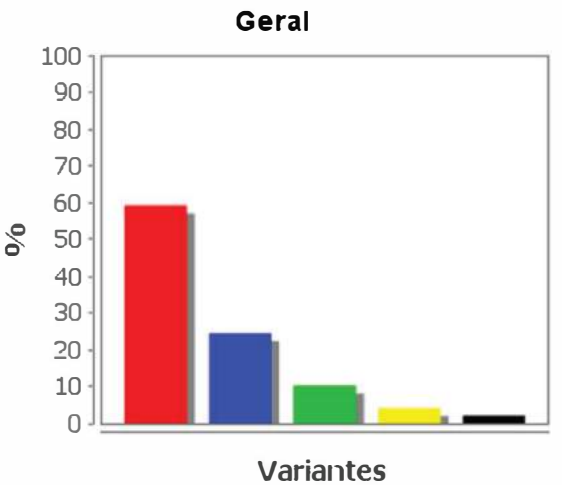



**Legenda**

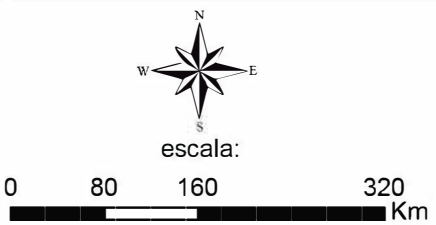
- Estrangeiro
- Turista
- Gringo
- Visitante
- Forasteiro

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L145
# CORNO

**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-165:** O nome que se dá ao marido quando uma mulher passa ele para trás?

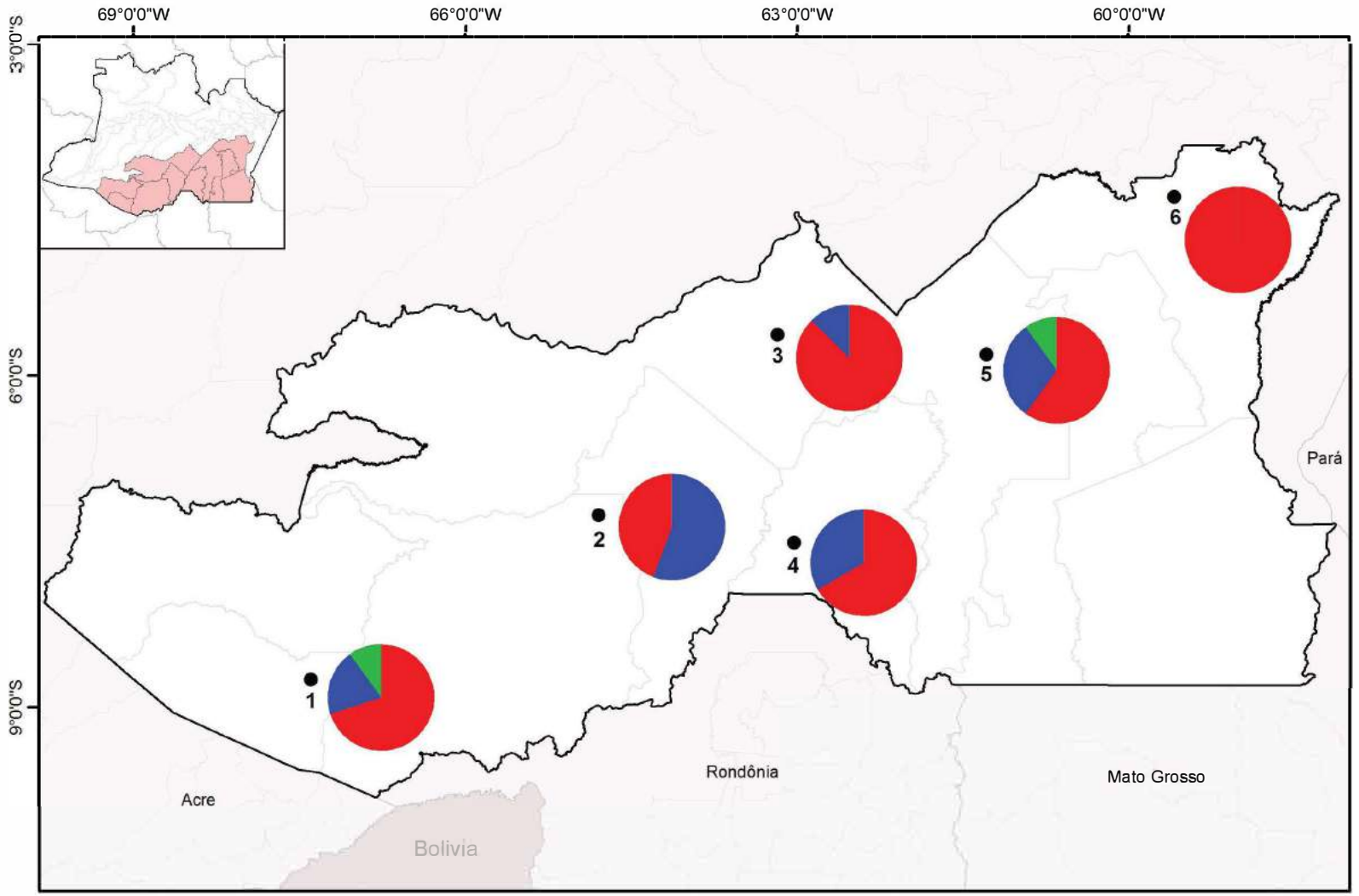
**NOTAS:**

1. HB02 (Boca do Acre): **Corno**, **chifrudo** (risos).
2. HA01 (Lábrea): **Chifrudo**, **corno**.
3. MA02 (Tapauá): **Corno**, foi o que eu fui, corna.
4. MA02 (Humaitá): **Corno**, **chifrudo** (risos).
5. HB01 (Manicoré): **Traído**.

INQ.- Traído é?
HB01 (Manicoré): Foi traído pela mulher?
INQ.: Isso.
HB01 (Manicoré): Ou então **corno**.

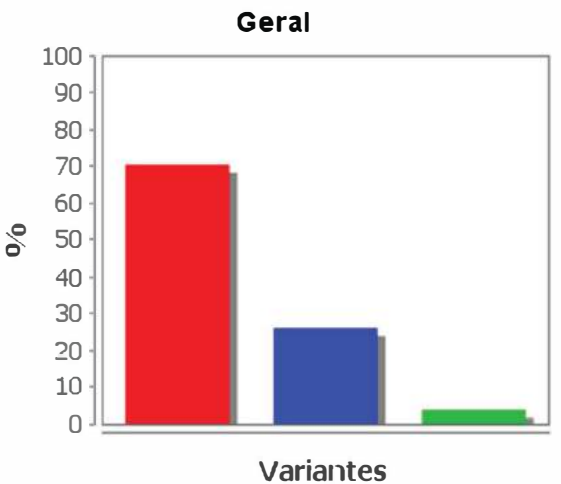
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L145 - Corno

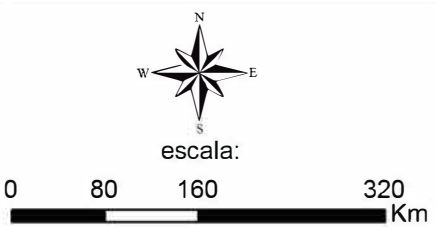



**Legenda**

- Corno
- Chifrudo
- Traído



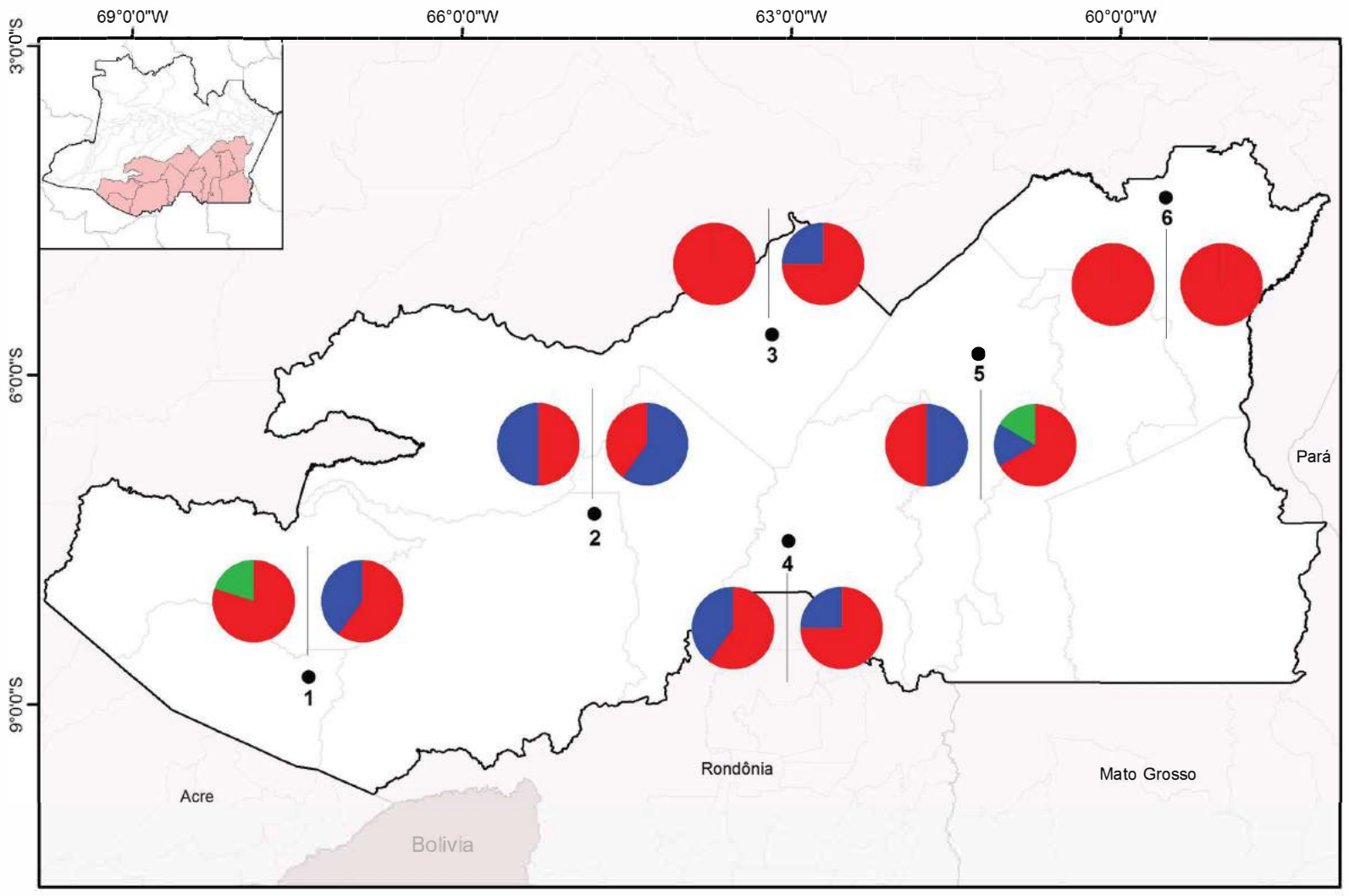

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L145a - Corno - Distribuição por sexo

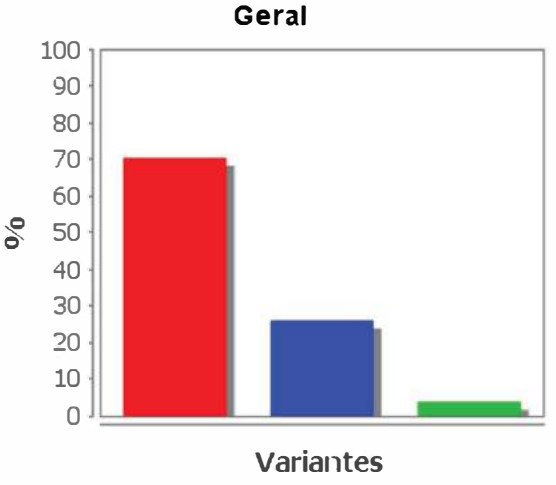



**Legenda**

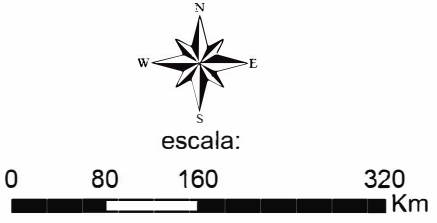
- Corno
- Chifrudo
- Traído

① ②

**1: Feminino**
**2: Masculino**



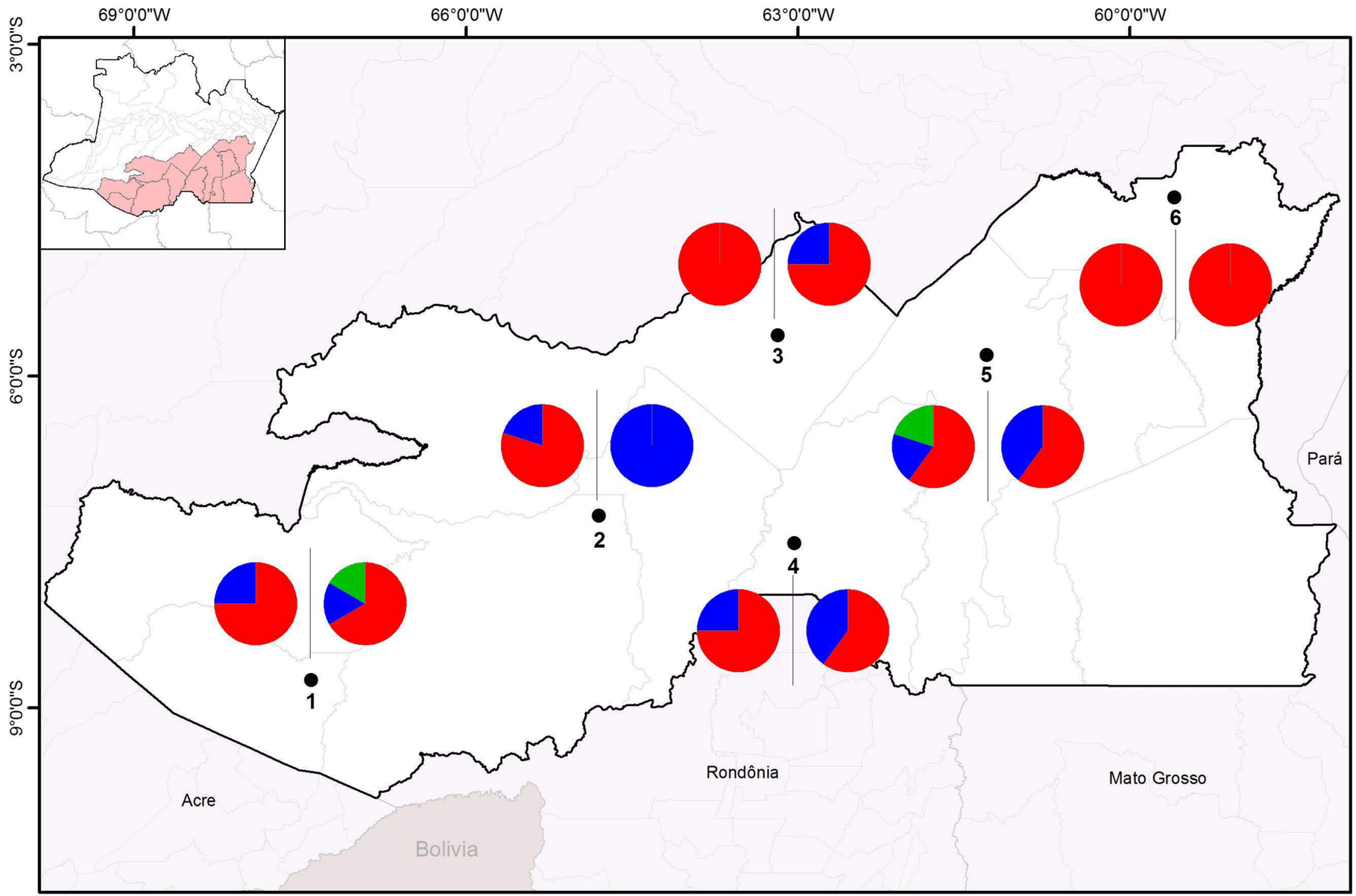

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## 145b - Corno - Distribuição por idade

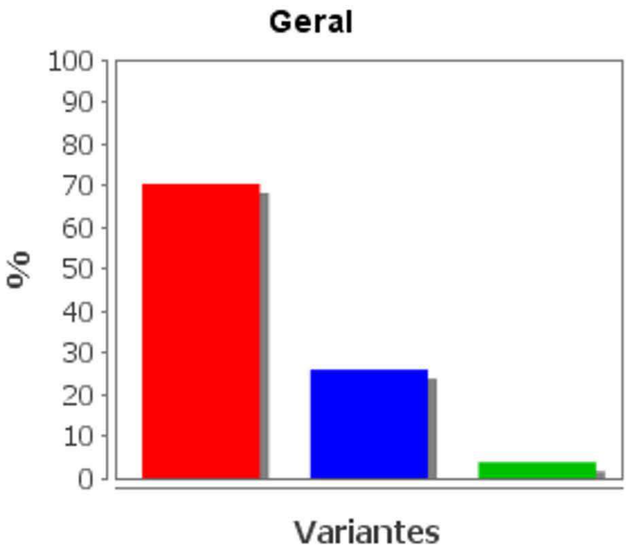



**Legenda**

- Corno
- Chifrudo
- Traído

① ②

1: 20 a 35 anos
2: 50 a 65 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L146
# PROSTITUTA

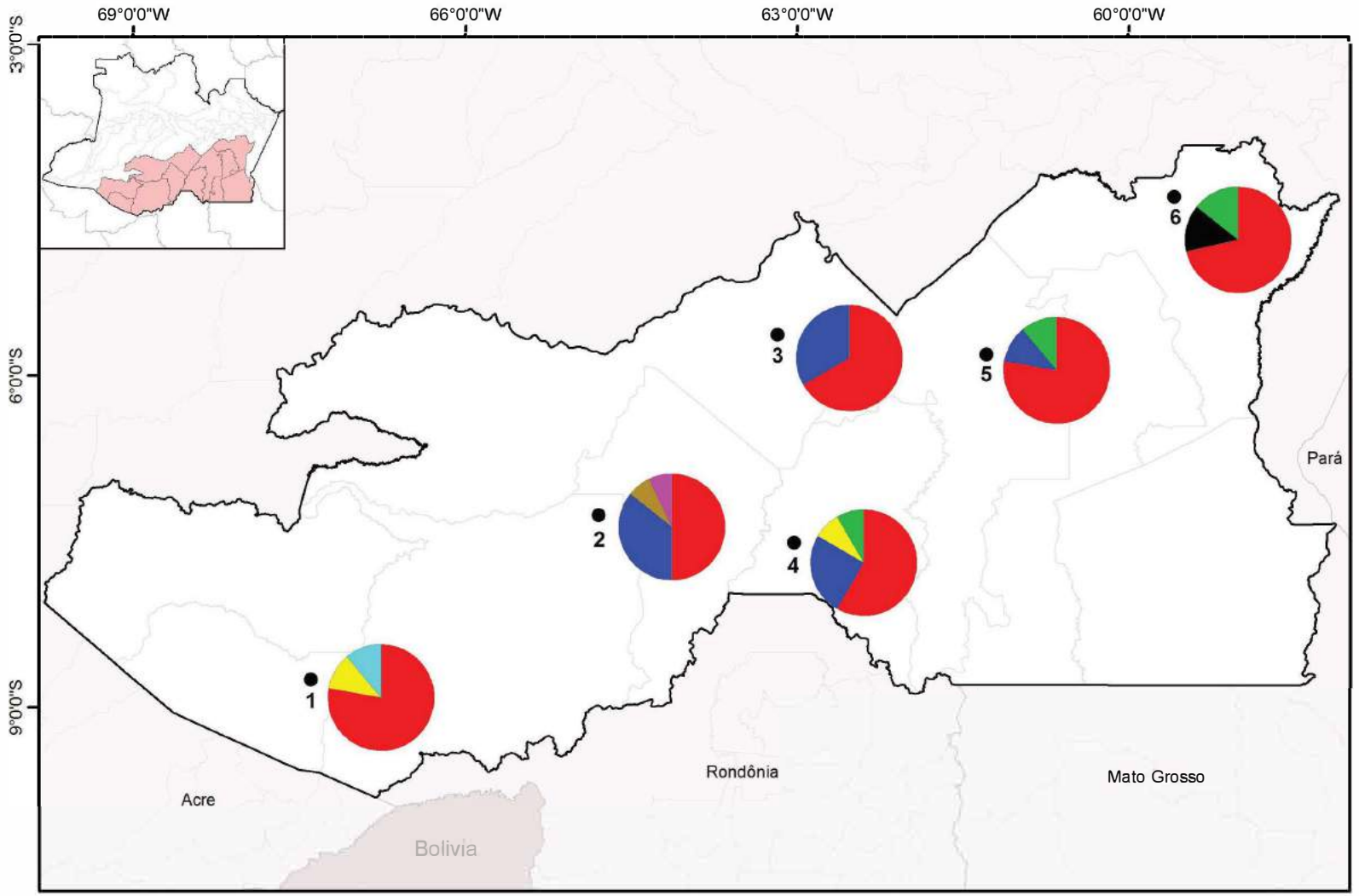
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-166:** Como se chama a mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HA02 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): É uma **rameira**, uma **prostituta**.
3. HA01 (Lábrea): **Puta**.
   INQ.: Tem outro nome?
   HA01 (Lábrea): **Mulher de vida fácil**.
4. MA02 (Lábrea): Ixe! É **prostituta**, é **puta**, **sem-vergonha**, um monte de coisa
5. HB02 (Tapauá): **Prostituta** ou **puta**.
6. HA02 (Humaitá): **Prostituta**, tem vários nomes... prostituta, **puta**, **rapariga**, **quenga**, é muitos nome que dão pras coitada.
7. HB02 (Manicoré): **Prostituta**, **puta**.
8. HB02 (Borba): **Mercenária**.

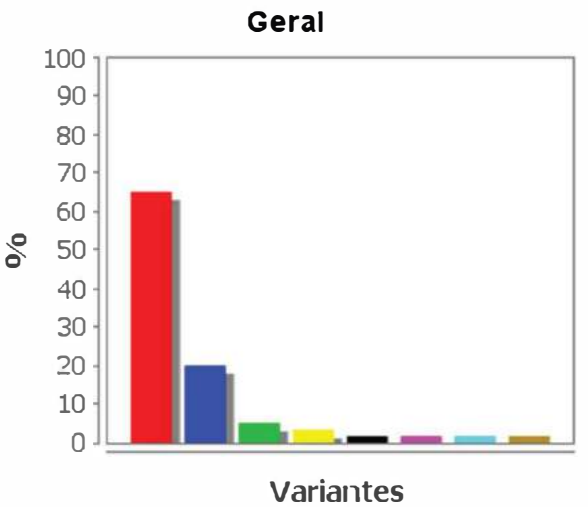
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L146 - Prostituta

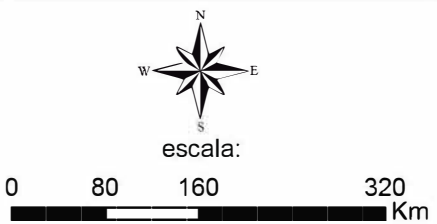



**Legenda**

- Prostituta
- Puta
- Rapariga
- Quenga
- Mercenária
- Mulher de vida fácil
- Rameira
- Sem-vergonha



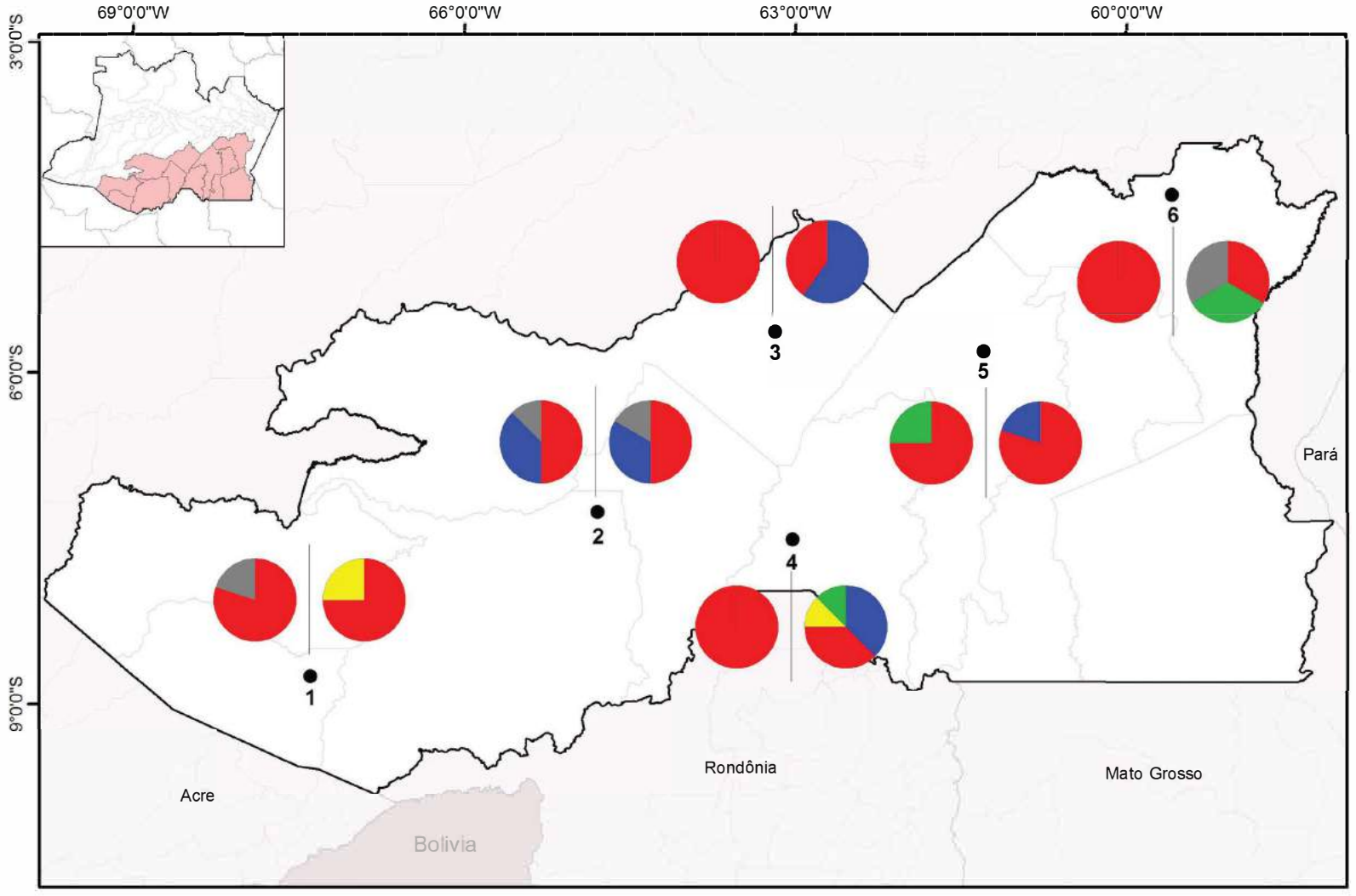

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L146a - Prostituta - Distribuição por sexo

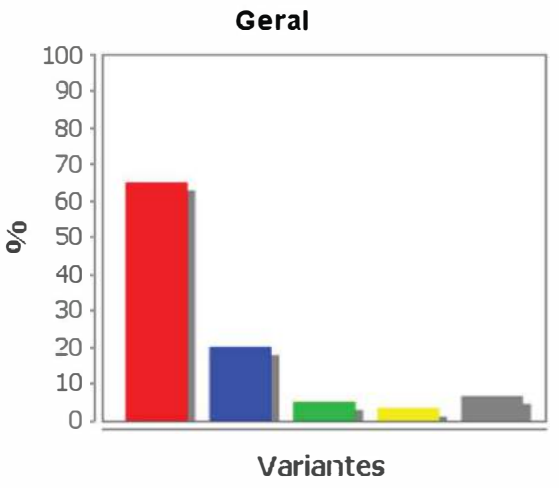



**Legenda**

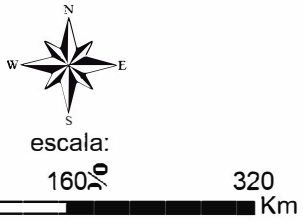
- Prostituta
- Puta
- Rapariga
- Quenga
- Outros

① ②

**1: Feminino**
**2: Masculino**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L147
# CALOTEIRO

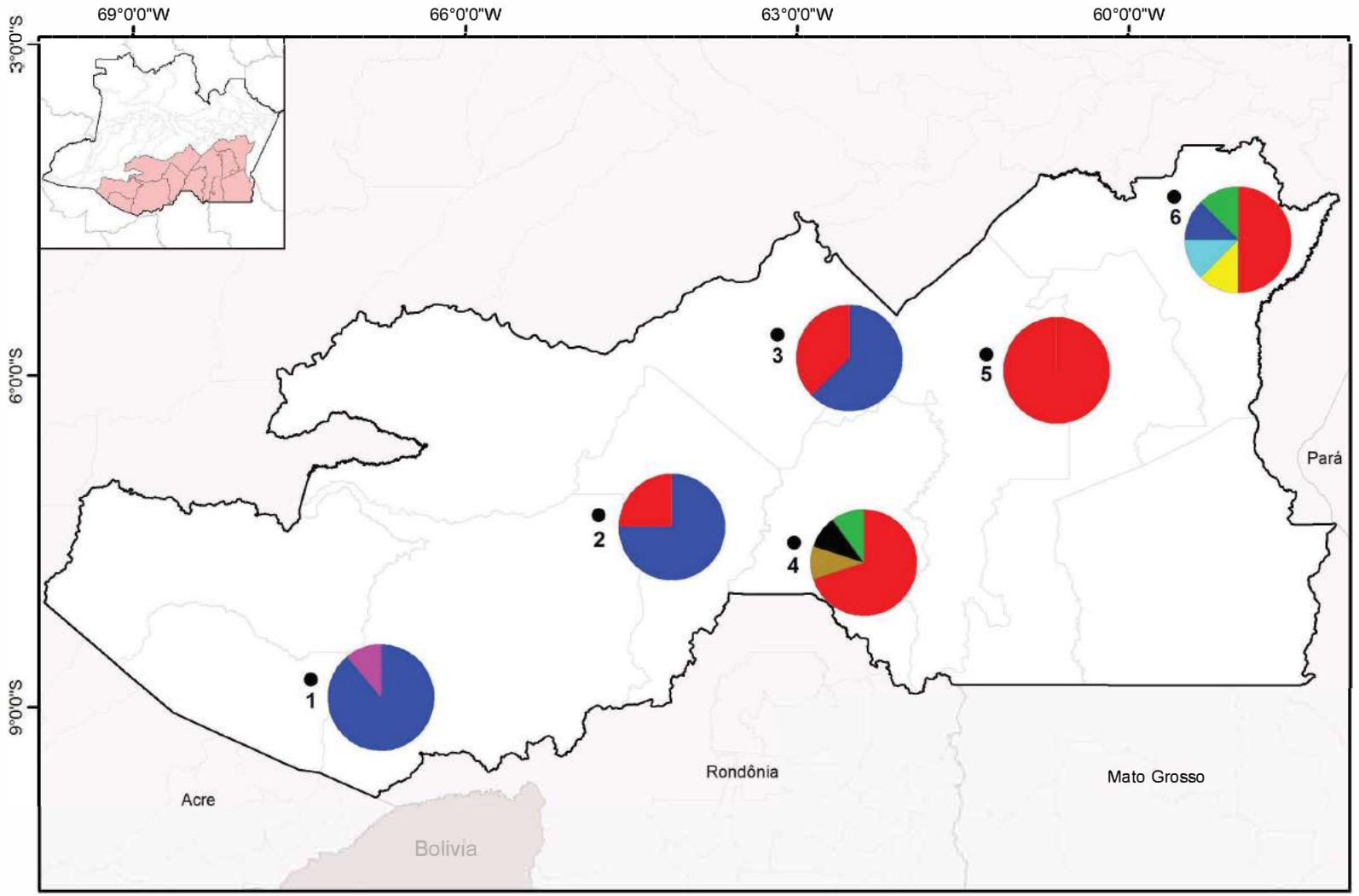
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-167:** Como se chama a pessoa que não paga suas contas?

**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): É uma pessoa **trapaceira**, uma pessoa **veiaca**. Deixou de pagar.
2. MB02 (Lábrea): **Caloteiro**, né, que dá calote no outro né.
3. HB01 (Tapauá): **Caloteiro**.
4. HA02 (Humaitá): **Caloteiro**, **pilantra**, **mau pagador**.
5. HA01 (Humaitá): **Picareta**.
6. HA01 (Borba): **Trambiqueiro**.
7. MB01 (Borba): **Devedor**. Aqui a gente chama de outro nome, né. "Ah, o fulano tá devendo! Ah, o fulano comprou e não pagou!"

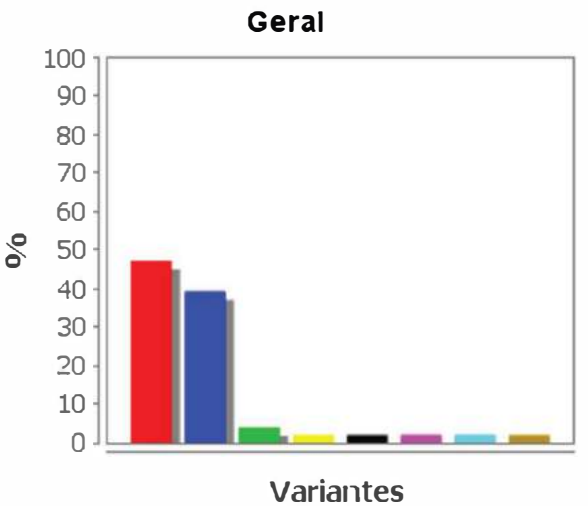
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L147 - Caloteiro

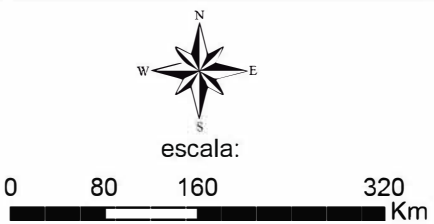



**Legenda**

- Caloteiro
- Velhaco
- Mau pagador
- Devedor
- Pilantra
- Trapaceiro
- Trambiqueiro
- Picareta




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L148
# MÃO-DE-VACA

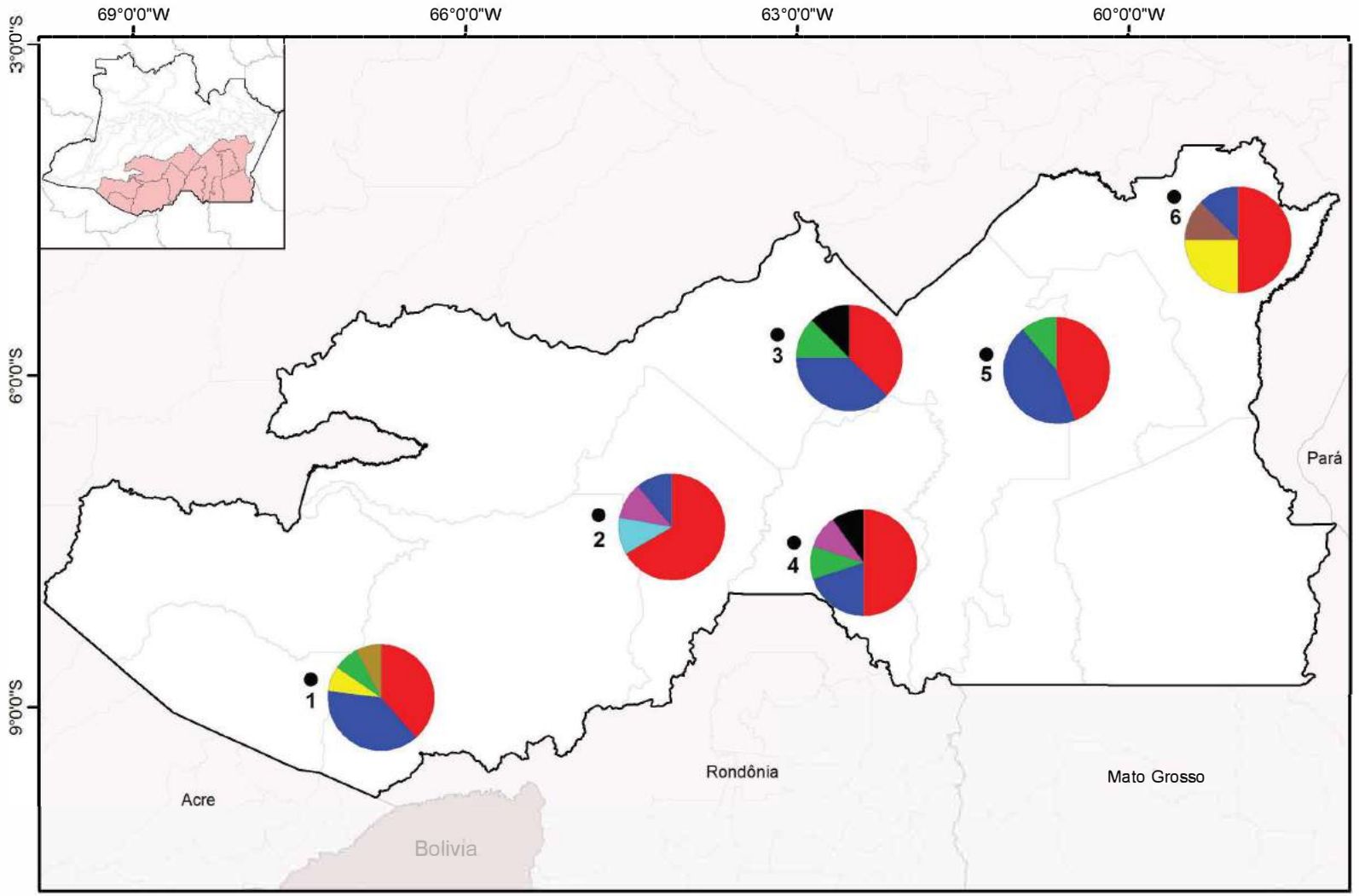
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-168:** E a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes até passa fome para não gastar?

**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): É **mão-de-vaca**, né, uma pessoa **sovina**. Uma pessoa que não compartilha. **Munheca de samambaia**.
   INQ.: Como?
   MB01 (Boca do Acre): Munheca de samambaia (risos). Uma pessoa segura, ela não gasta com (inint.). Ela só segura. Ela é sovina.
2. MB02 (Lábrea): **Mão-fechada**, **miserável**.
3. HB02 (Lábrea): **Mão-de-figa**. Tem outro nome, só que eu não lembro.
4. MB02 (Tapauá): A gente chama de **mesquinho**.
5. HA02 (Humaitá): **Mesquinho**, **pão-duro** pra caramba (risos).
6. HA02 (Manicoré): **Pão-duro**, **miserável**.
7. HA02 (Borba): **Amarrado**. (...) Sempre tem um amarrado que não gosta de gastar dinheiro.

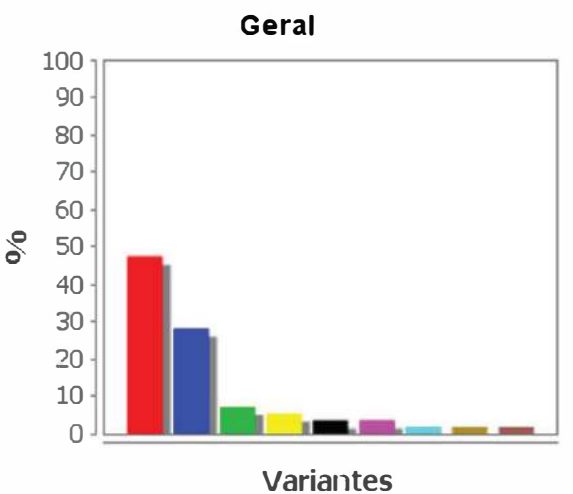
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L148 - Mão-de-vaca

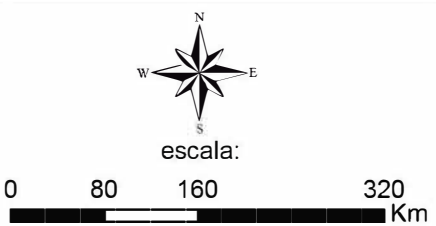



**Legenda**

- Mão-de-vaca
- Miserave (miserável)
- Pão-duro
- Suvino (sovina)
- Mesquinho
- Mão-fechada
- Mão-de-figa
- Munheca de samambaia
- Amarrado




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L150
# ALCOÓLATRA

## Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social)

**QSL-170:** Como se chama a pessoa que bebe muita bebida alcoólica e perde o controle de suas ações momentaneamente?

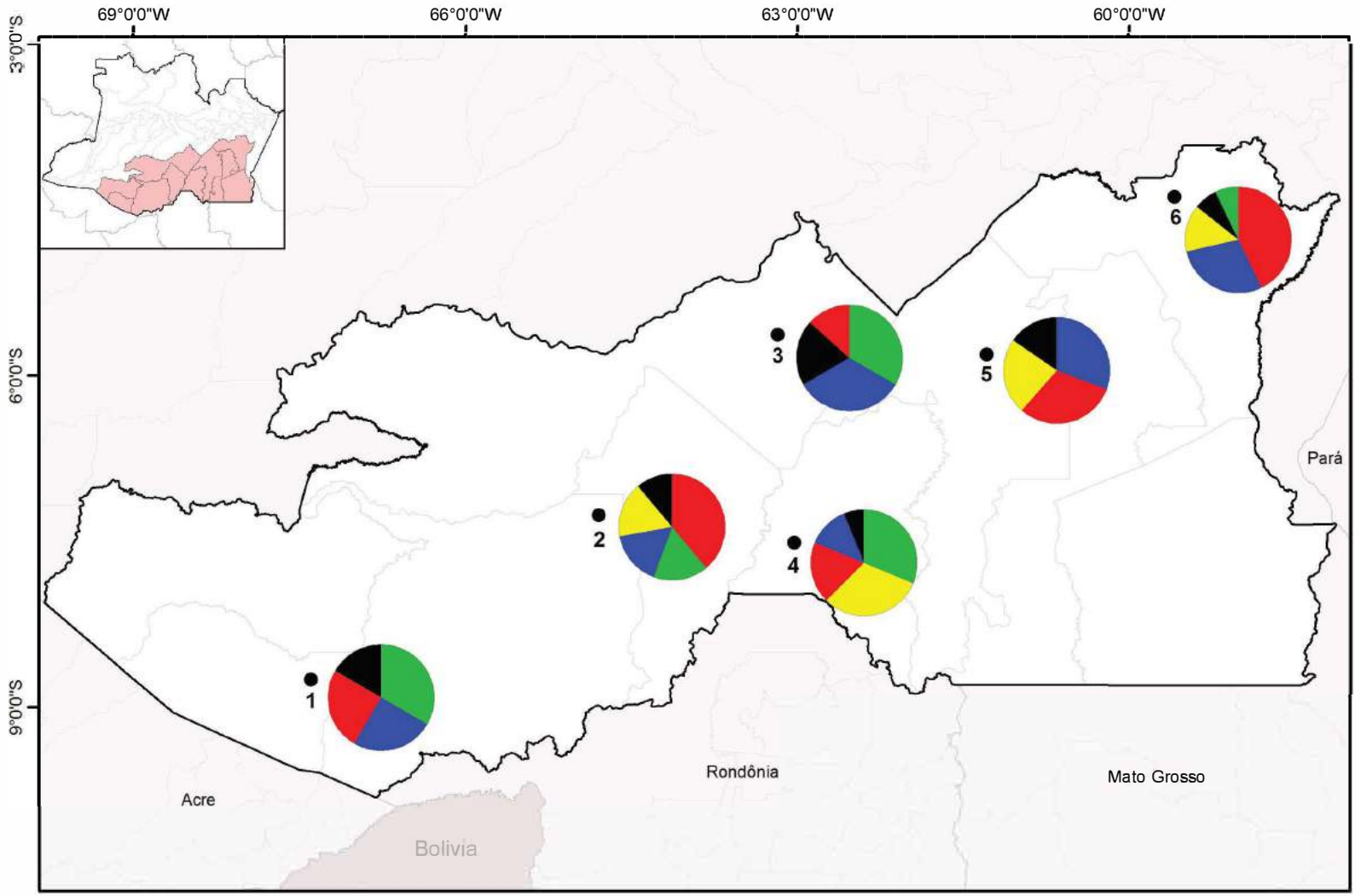
**QSL-171**: Existem outras maneiras de se referir a essa pessoa?

**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as variantes mais incidentes nas duas perguntas.
2. MA02 (Boca do Acre): **Alcoólitra**. (...) **Bebo**, **bebarrão**.
3. MA02 (Lábrea): **Pé-inchado**, **bêbado**, **alcoólitro**.
4. MB01 (Tapauá): **Alcoólatra**. **(…) Bêbada**.
   INQ.: Além disso?
   MB01 (Tapauá): Porre. (...) Nós chamamo de alcóolatra mesmo.
   INQ.: É, só chama de alcóolatra?
   MB01 (Tapauá): **Beberrão**.
5. MB02 (Humaitá): **Beberrão**, **cachaceiro**, **alcoólatra**.
6. MB02 (Manicoré): **Alcoólatra**. (...) **Pé-inchado**, **beberrão**.
7. MA01 (Borba): **Cachaceiro**.
   INQ.: Tem outras?
   MA01 (Borba): **Alcoólatra**? (...) **Pé-inchado** (risos)?

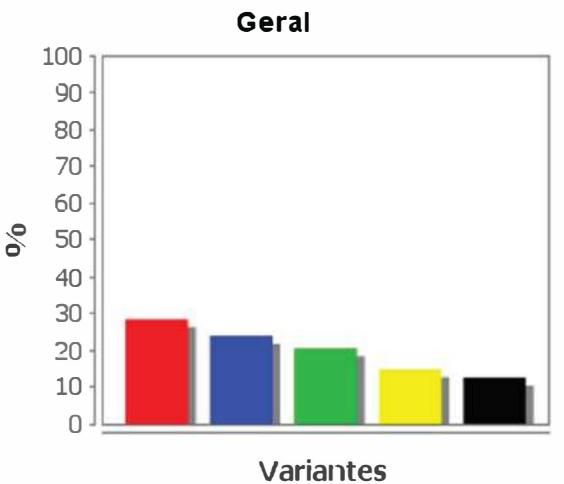
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L150 - Alcoólatra

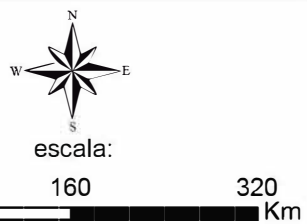



**Legenda**

- Alcoólatra/ Alcoólico
- Pé-inchado
- Bebo/ Bêbado
- Cachaceiro
- Beberrão




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L151
# OUTRAS DESIGNAÇÕES PARA ALCOÓLATRA

**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social)**

**QSL-170:** Como se chama a pessoa que bebe muita bebida alcoólica e perde o controle de suas ações momentaneamente?

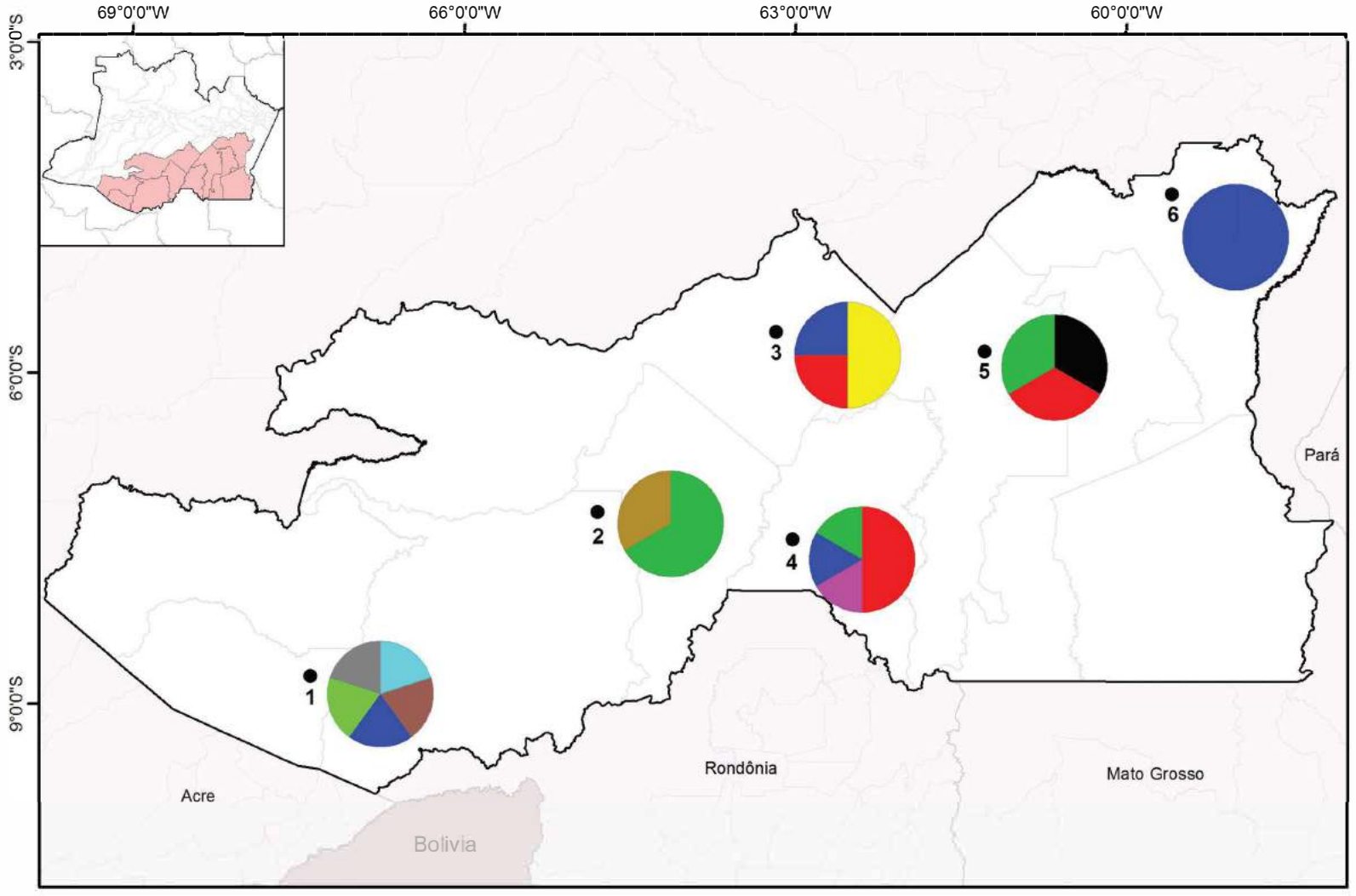
**QSL-171**: Existem outras maneiras de se referir a essa pessoa?

**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as demais variantes, não consideradas na carta 150, observadas nas duas perguntas.
2. MB01 (Boca do Acre): Chama de pessoa bêbada, **embriagada**.
   INQ.: Existem outros termos pra essa pessoa? (...) É por ele bebeu, ele fica...
   MB01 (Boca do Acre): **Alucinado**, assim.
3. HB01 (Boca do Acre): Quando o cara tá muito doido, a gente diz que tá **só a póvora**, (inint.), só isso mesmo.
4. MB02 (Boca do Acre): **Turrão**, pessoa turrão.
5. HB02 (Boca do Acre): **Alcoolizado**, né?
6. HA01 (Lábrea): Alcoólatra, **manguaceiro**, **pinguço**, pé inchado.
7. MA02 (Tapauá): Pessoa que bebe? **Viciado**? Não, né?
8. HA02 (Humaitá): Meio **porre**, (...) ficou **muito alto**, aqui na região tem vários nomes.
9. HA02 (Manicoré): Pé-inchado, é... **Pinguço**, pé-inchado... É **biriteiro**.

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

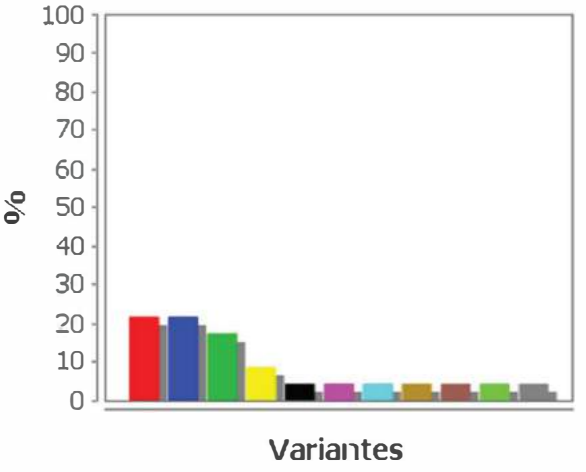
## L151 – Outras designações para alcoólatra




**Legenda**

- Porre
- Embreagado
- Pinguço
- Viciado
- Biriteiro
- Muito alto
- Alucinado
- Manguaceiro
- Alcoolizado
- Só a póvora
- Turrão

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L152
# GAY

## Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social)

**QSL-172:** Como se chama a pessoa que se envolve com outra do mesmo sexo? Se for do sexo masculino? E se for do feminino?

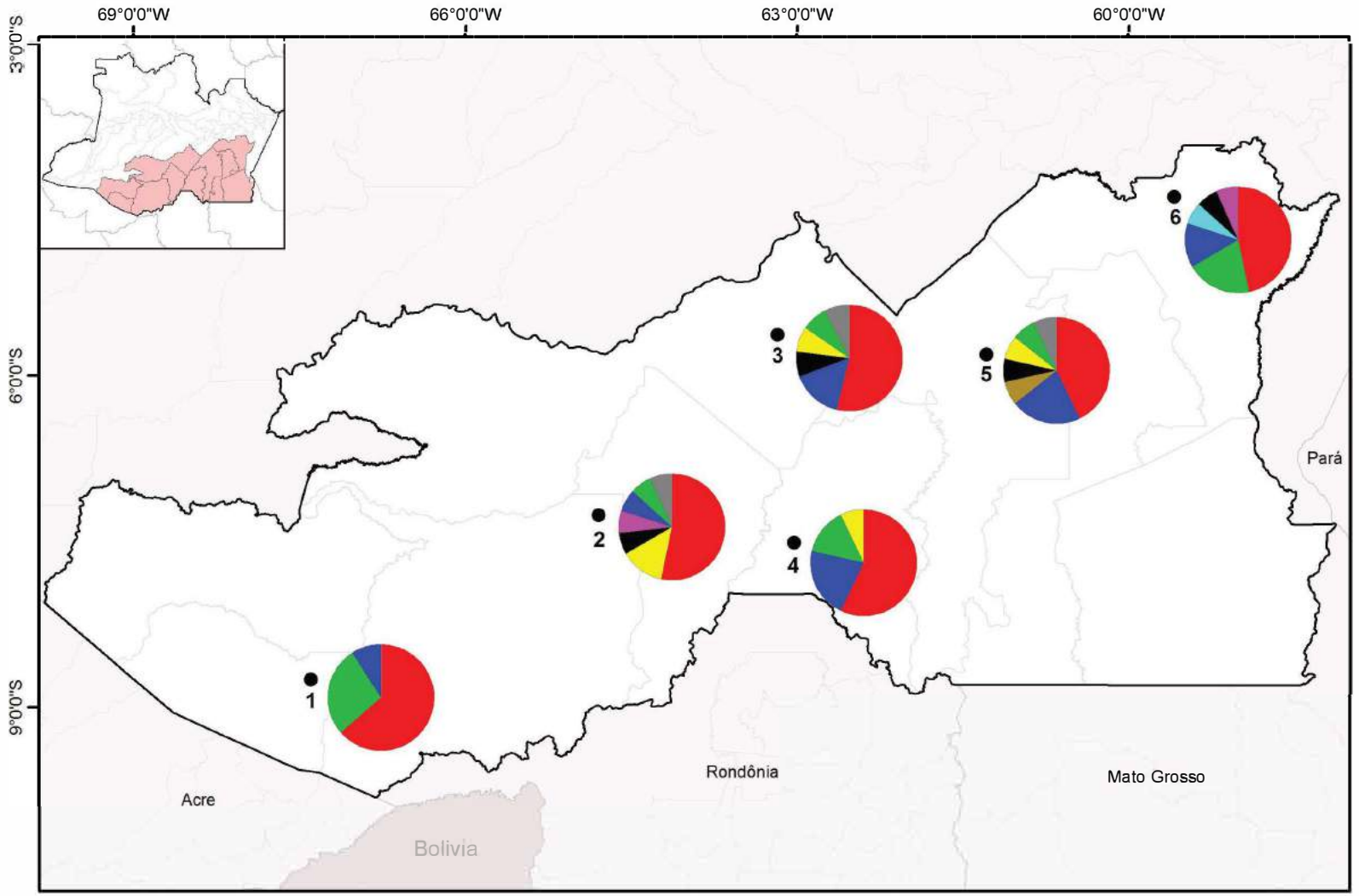
**QSL-173**: Existem outras maneiras de se referir a essa pessoa?

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: MB02 (Lábrea): (...) o homem é gay, é veado... é assim né... **gilete**, é tanta da coisa, essas coisas que a gente ouve, por aí; MB01 (Manicoré): **transexual**; HA02 (Tapauá): O homem (inint.), né, tem **travesti** e não sei o que mais, baiola (...).
2. HB01 (Boca do Acre): **Homossexual**, (inint.), **gay**, **veado**.
3. HB01 (Lábrea): A gente diz que é **fresco**, **gay**, **baitola**, **boiola**.
4. HA01 (Tapauá): Homem com homem chamo de **fresco**.
   INQ.: O que mais?
   HA01 (Tapauá): **Boiola**, **gay**.
5. HB02: Eles são **homossexual**. (...) São **gay**. (...) O gay chama... o homem **veado** (...).
6. HB02 (Manicoré): **Bichona**, **fresco**, **veado**.
7. HB01 (Borba): Aqui a gente chama de **gay**, de **bicha**, **veado**.

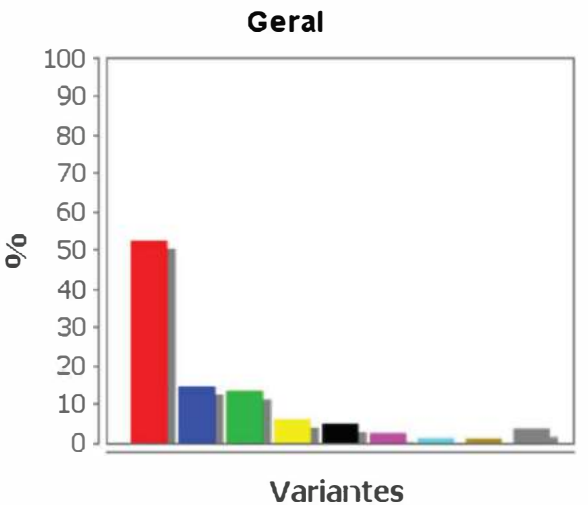
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L152 - Gay

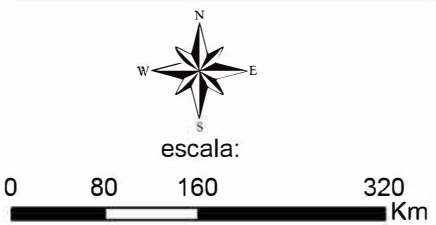



**Legenda**

- Gay
- Veado
- Homossexual
- Boiola
- Fresco
- Baitola
- Bicha
- Bichona
- Outros



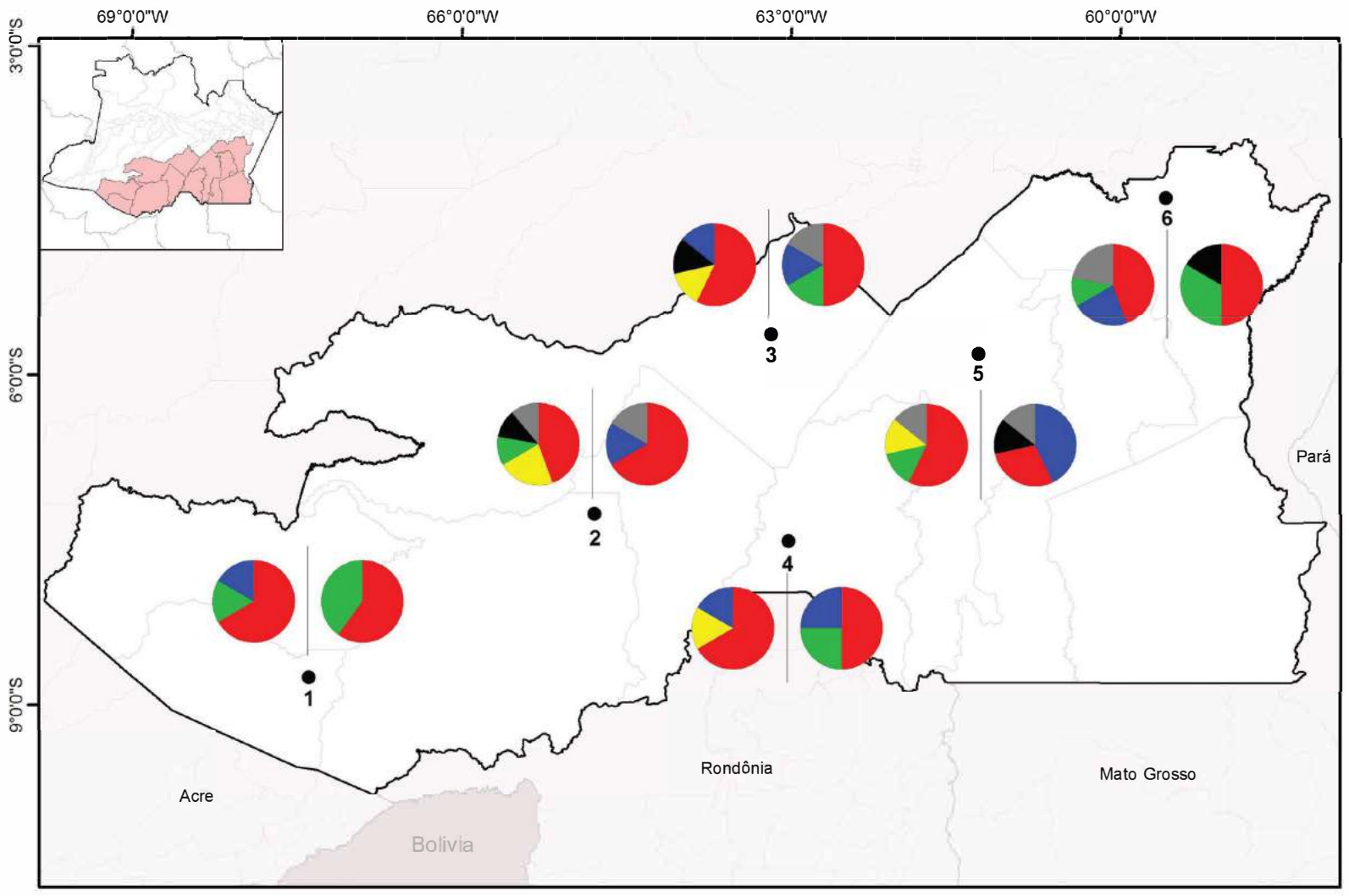

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L152a - Gay - Distribuição por idade

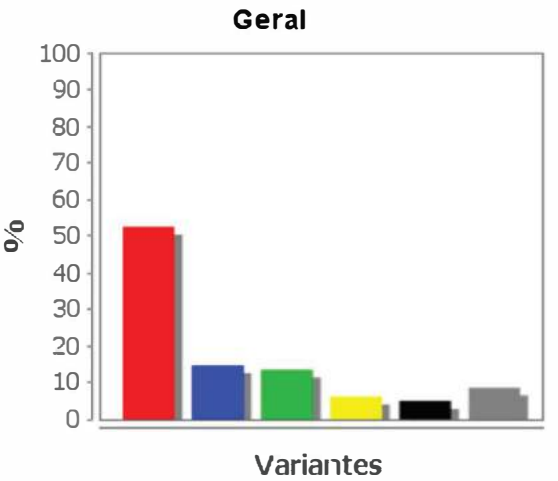



**Legenda**

- Gay
- Veado
- Homossexual
- Boiola
- Fresco
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L153
# MACHUDA

## Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social)

**QSL-172:** Como se chama a pessoa que se envolve com outra do mesmo sexo? Se for do sexo masculino? E se for do feminino?

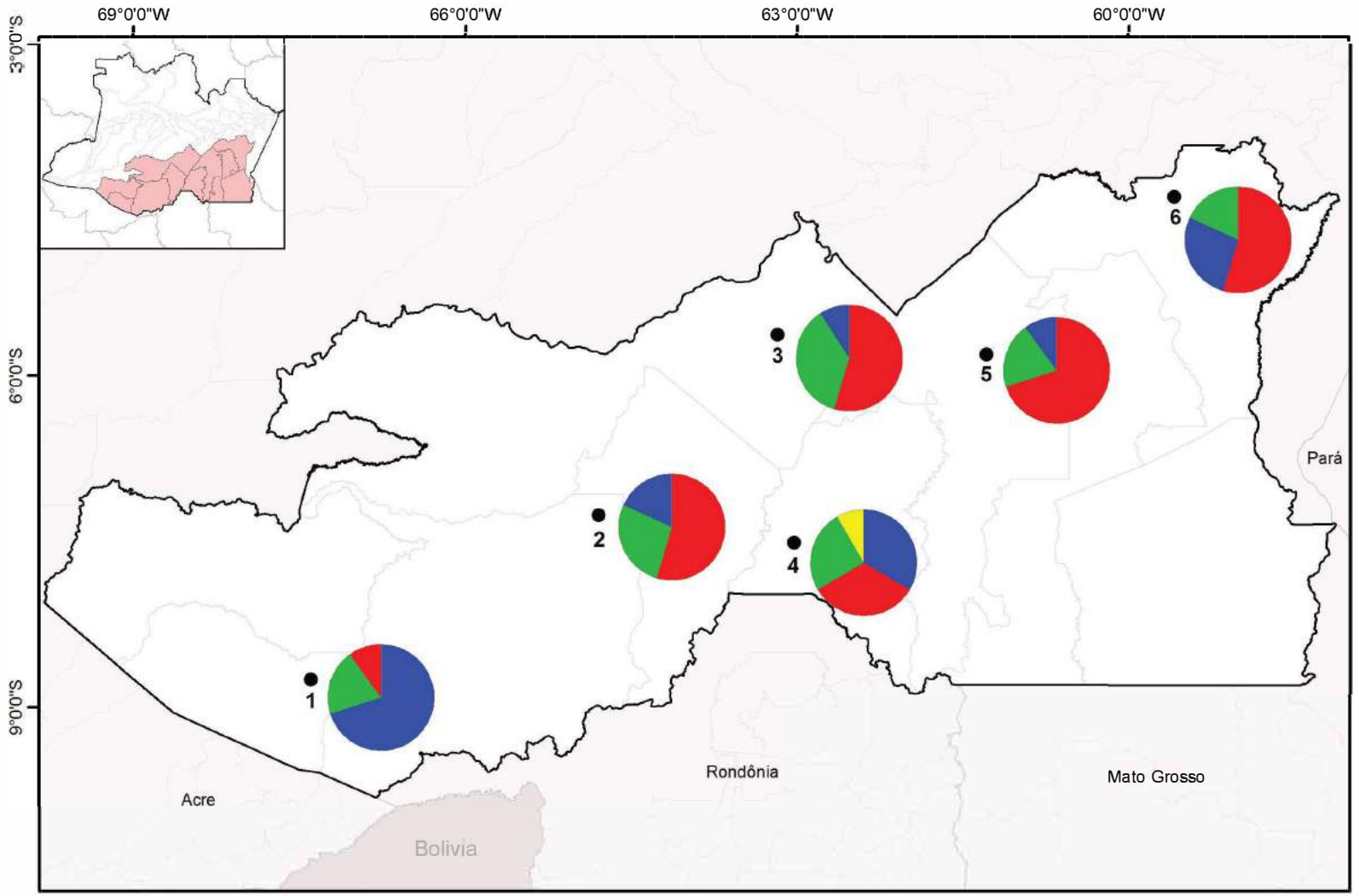
**QSL-173**: Existem outras maneiras de se referir a essa pessoa?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02 (Boca do Acre); HB01 (Lábrea) e MB02 (Manicoré).
2. HB02 (Boca do Acre): **sapatão, lésbica**, mulher, o homem gay.
3. HB02 (Lábrea): Le... **lésbica**, como é o nome? (...) **Sapatão**.
   INQ.: Existe outra forma de chamar essas pessoas?
   HB02 (Lábrea): Chama gay também, no caso da mulher sapatão, **machuda**.
4. MB02 (Tapauá): Lébics, lébis, **lésbica** ou gay. **(…)** Às vezes há, tem outras coisas, pode falar?
   INQ.- Pode.
   MB02 (Tapauá): (inint.) mas é palavras assim tão pesadas...
   INQ.: É, mais não se preocupe não, pode falar (risos).
   MB02 (Tapauá): Que falam **sapatão** para as mulheres, sapatão, para os homens é, é, tsc, eu esqueci, prefiro ficar só no gay mesmo (risos).
5. MA01 (Humaitá): (...) Pra mulher é **lésbica**. (...) **Machuda**.
6. MB02 (Humaitá): **Sapata**, **machuda**, se for mulher, né, as palavras assim.
7. HB02 (Manicoré): **Machuda**. (...) **Lésbica**, né?
8. HA01 (Borba): **Sapatona**.
   INQ.: O que mais?
   HA01 (Borba): **Machuda**.

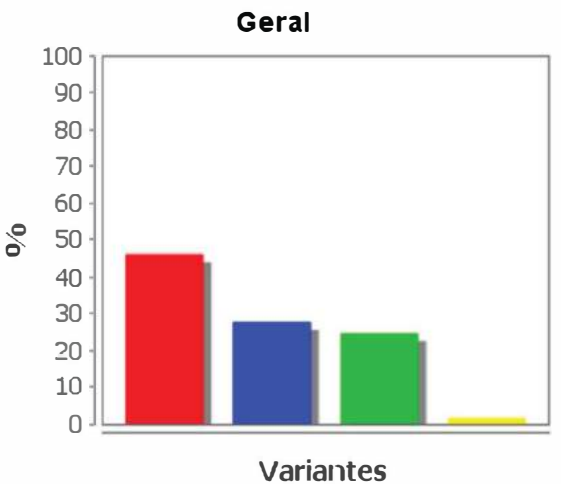
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L153 - Machuda

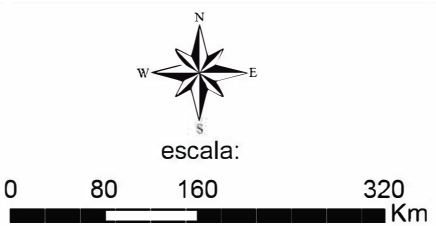



**Legenda**

- Machuda
- Sapatão
- Lésbica
- Sapata




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L154
# APRESSADO (AFOBADO)

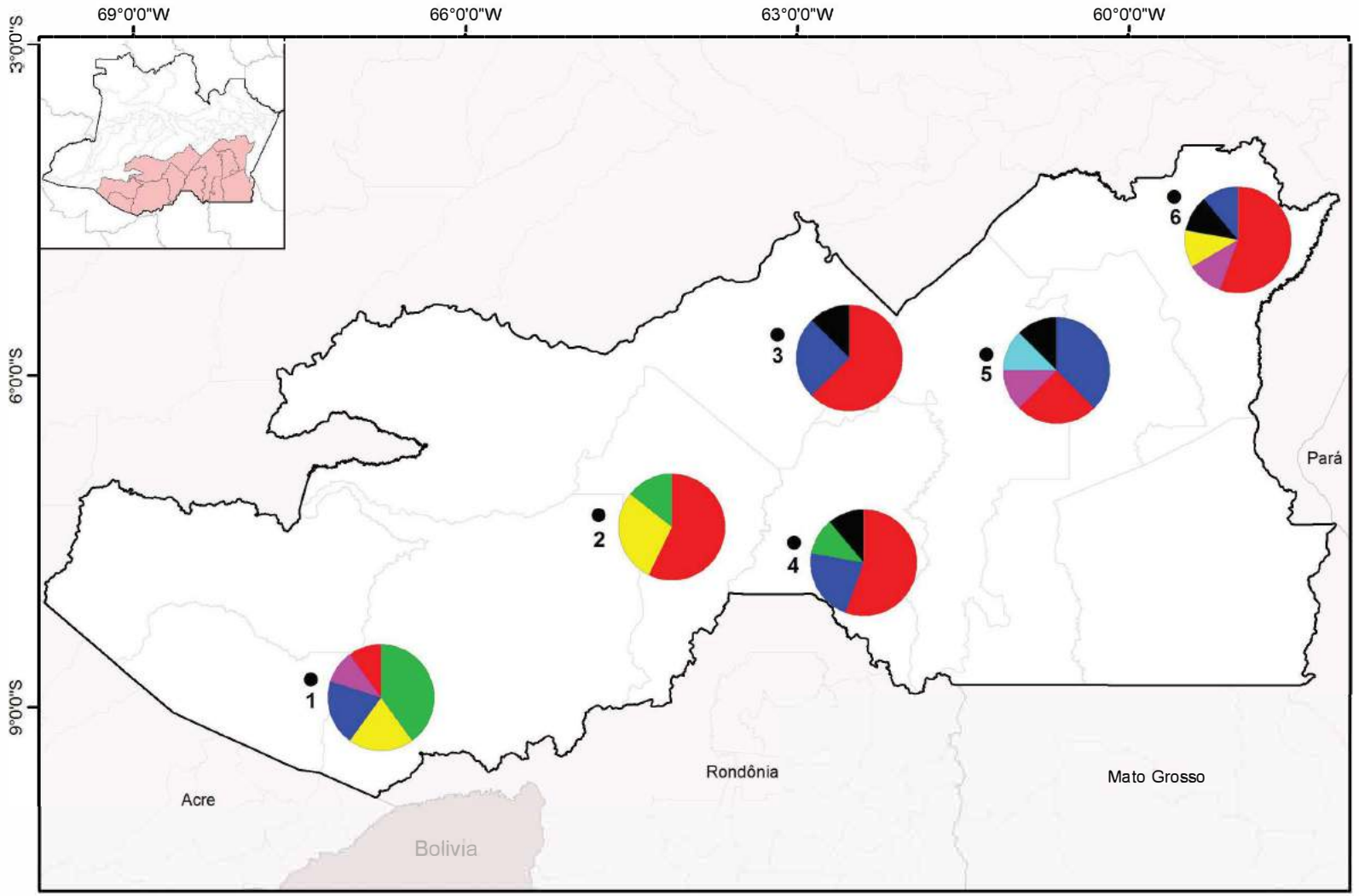
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-174:** Como eu chamo aqui a pessoa que tem pressa, que é impaciente, quer tudo rápido?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02 e MB02 (Lábrea) e HA01 (Manicoré).
2. MB01 (Boca do Acre): **Afobado**, **agoniado**, **estressado**.
3. HA01 (Lábrea): **Apressada**, tudo **agoniado**.
4. MB01 (Tapauá): Não tem para esperar nada? Não tem paciência, **impaciente**.
5. HA02 (Humaitá): "Rapaz, fulano é muito **avexado**, é **apressado** demais".
6. MB02 (Manicoré): **Inquieta**.
7. MB01 (Borba): **Apressado**.

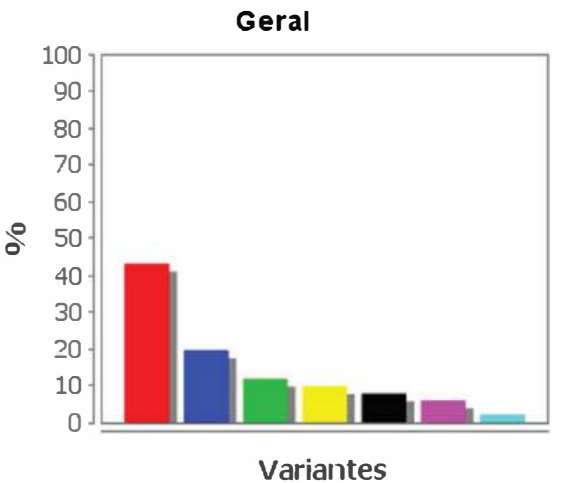
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L154 – Apressado (afobado)

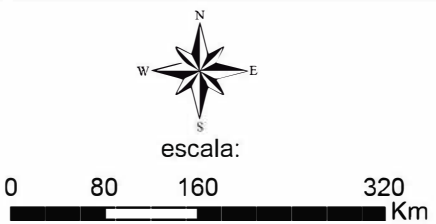



**Legenda**

- Apressado
- Avexado
- Afobado
- Agoniado
- Impaciente
- Estressado
- Inquieto



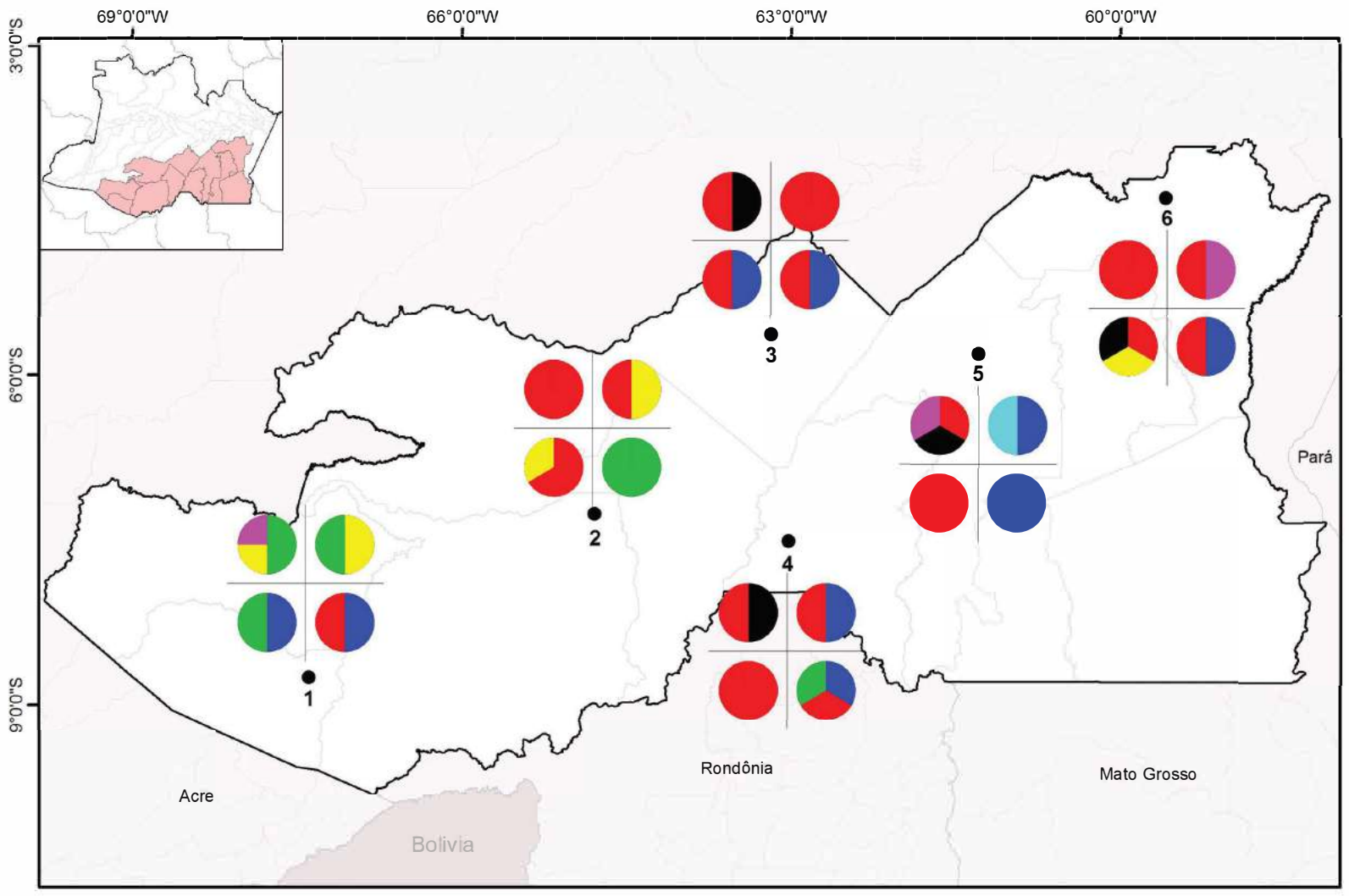

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L154a – Apressado (afobado) - Distribuição por sexo e idade



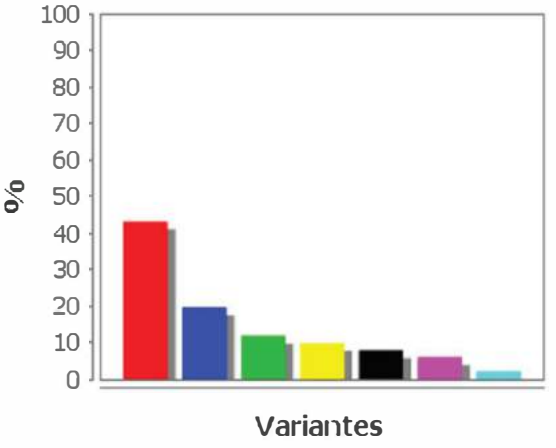

**Legenda**

- Apressado
- Avexado
- Afobado
- Agoniado
- Impaciente
- Estressado
- Inquieto

① ② ③ ④

**1: Feminino - 20 a 35 anos**
**2: Feminino - 50 a 65 anos**
**3: Masculino - 20 a 35 anos**
**4: Masculino - 50 a 65 anos**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



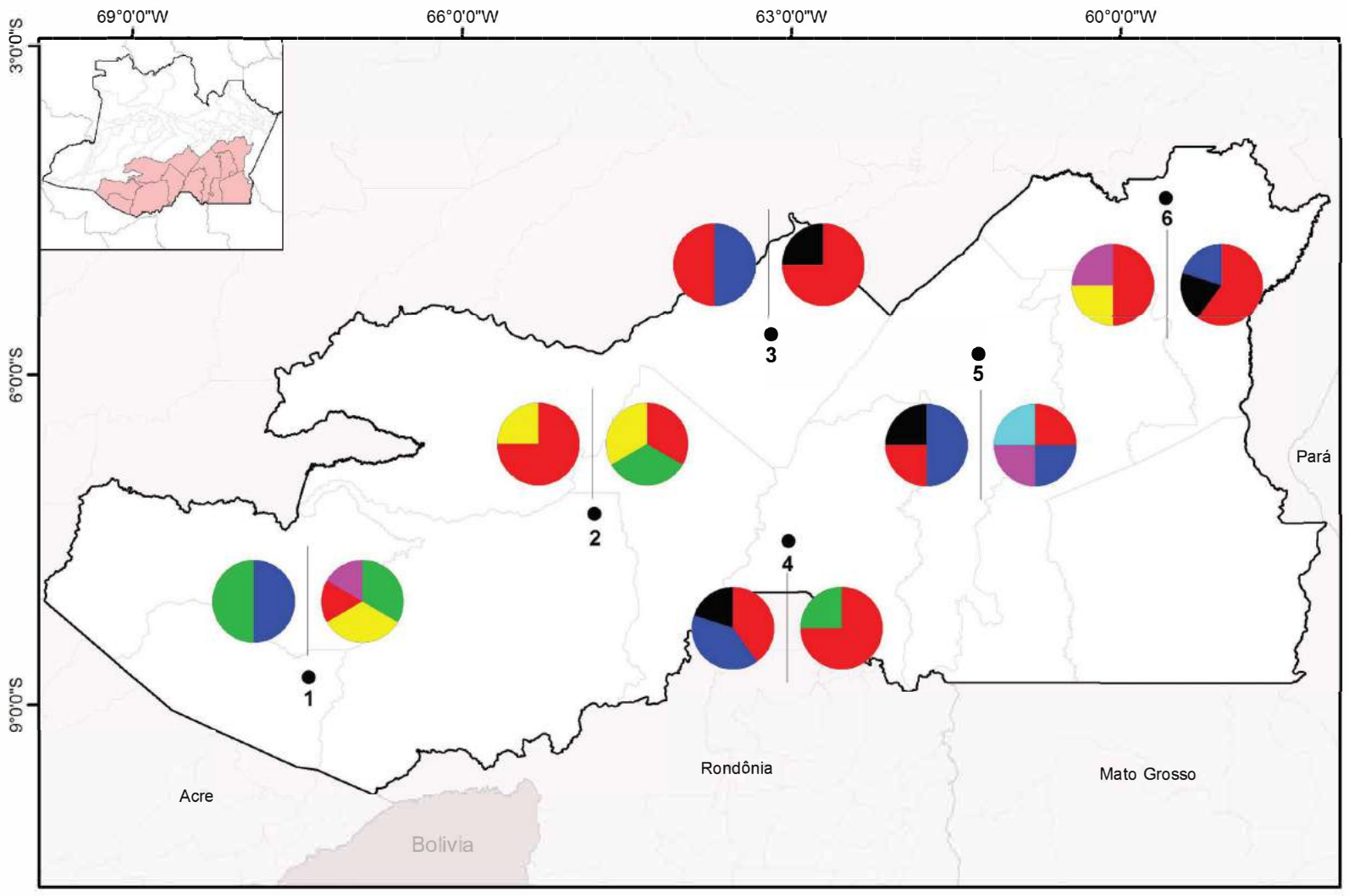

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L154b – Apressado (afobado) - Distribuição por escolaridade

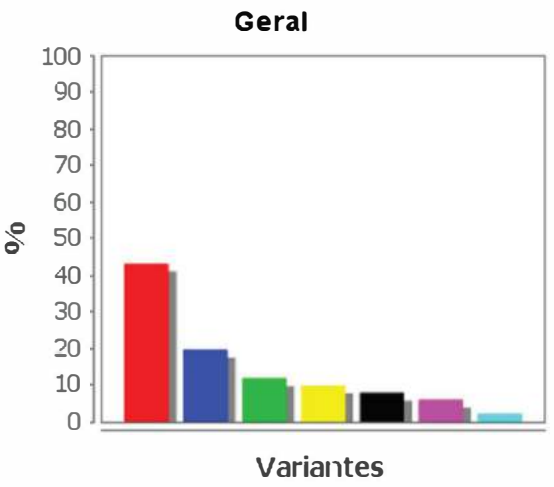



**Legenda**

- Apressado
- Avexado
- Afobado
- Agoniado
- Impaciente
- Estressado
- Inquieto

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L155
# DANADO

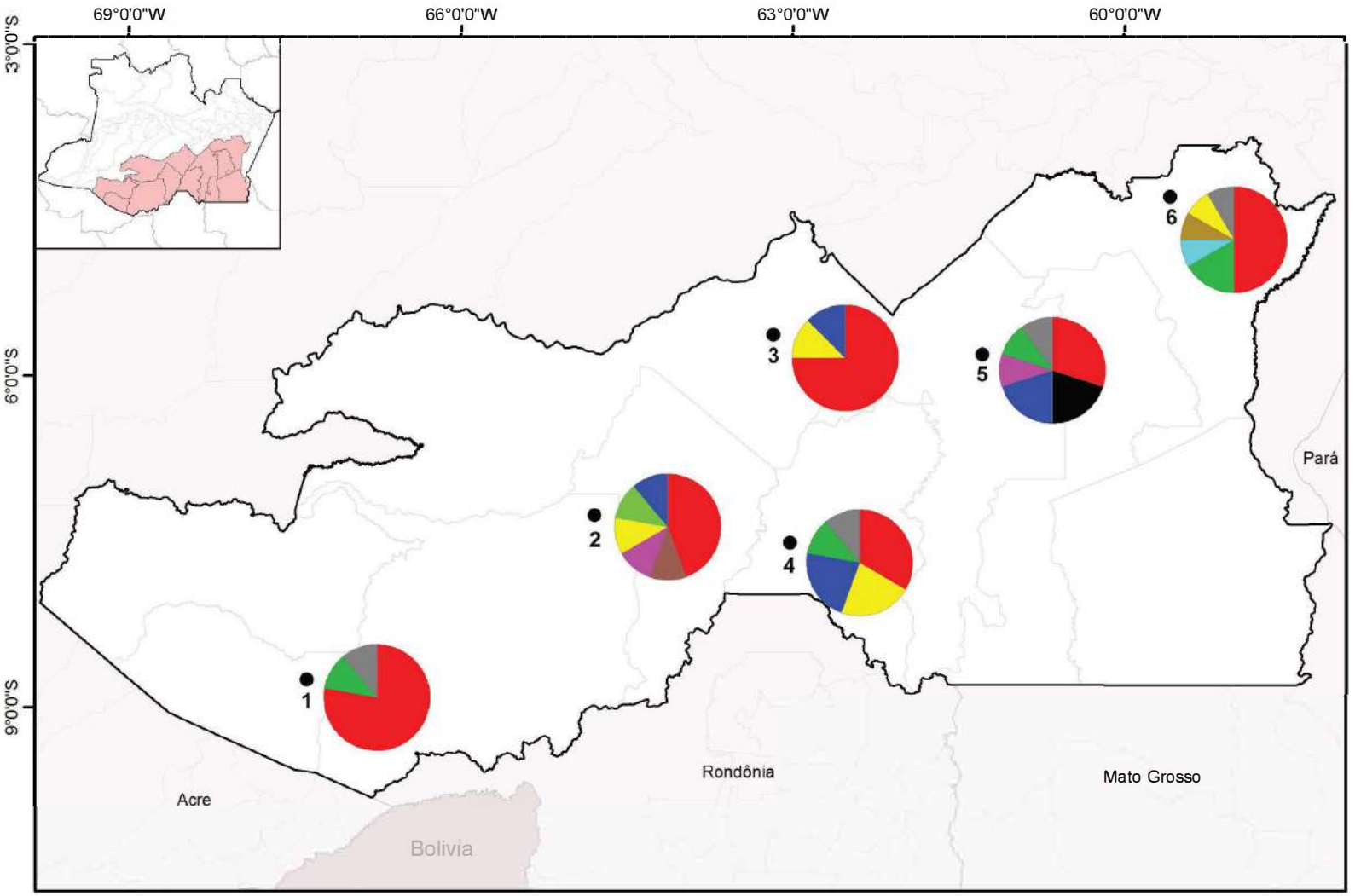
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-175:** Como se chama a criança muito levada, que vive fazendo travessuras?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02 (Lábrea) e HA01 (Manicoré).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB02 (Boca do Acre): Danado, **moleque**; MB02 (Humaitá): Hiperativa; HB01 (Manicoré): Capeta, **gabiru**, capetinha; HB02 (Borba): **Engraçado**.
3. MB02 (Boca do Acre): **Sapeca**.
4. MB01(Lábrea): Nós chama assim... (...) é **impossíve**', **horríve**'.
5. HA02 (Tapauá): **Traquina**.
6. HA02 (Humaitá): "Rapaz, esse menino é **traquino** demais, é **peralta**, né".
7. HB01 (Manicoré): **Capeta**, gabiru, **capetinha**.
8. MA01 (Manicoré): Muito **atentado** (risos).
9. MB01 (Borba): Sapeca, danado.
10. HB01 (Borba): Criança muito **levada**, uma **peste** (...)

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

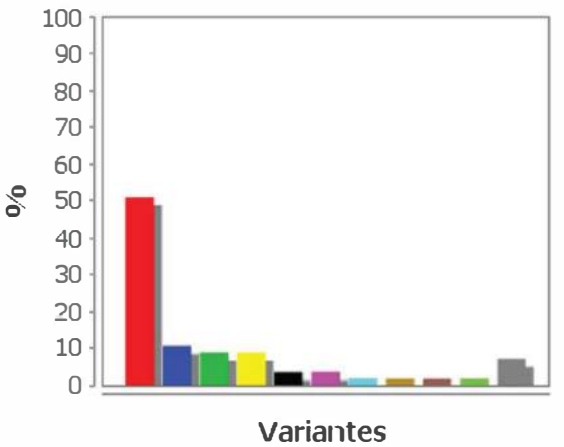
## L155 - Danado



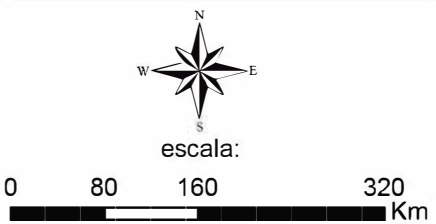

**Legenda**

- Danado
- Peralta
- Sapeca
- Traquino
- Capeta/ Capetinha
- Atentado
- Levado
- Peste
- Horrível
- Impossível
- Outros

**Geral**



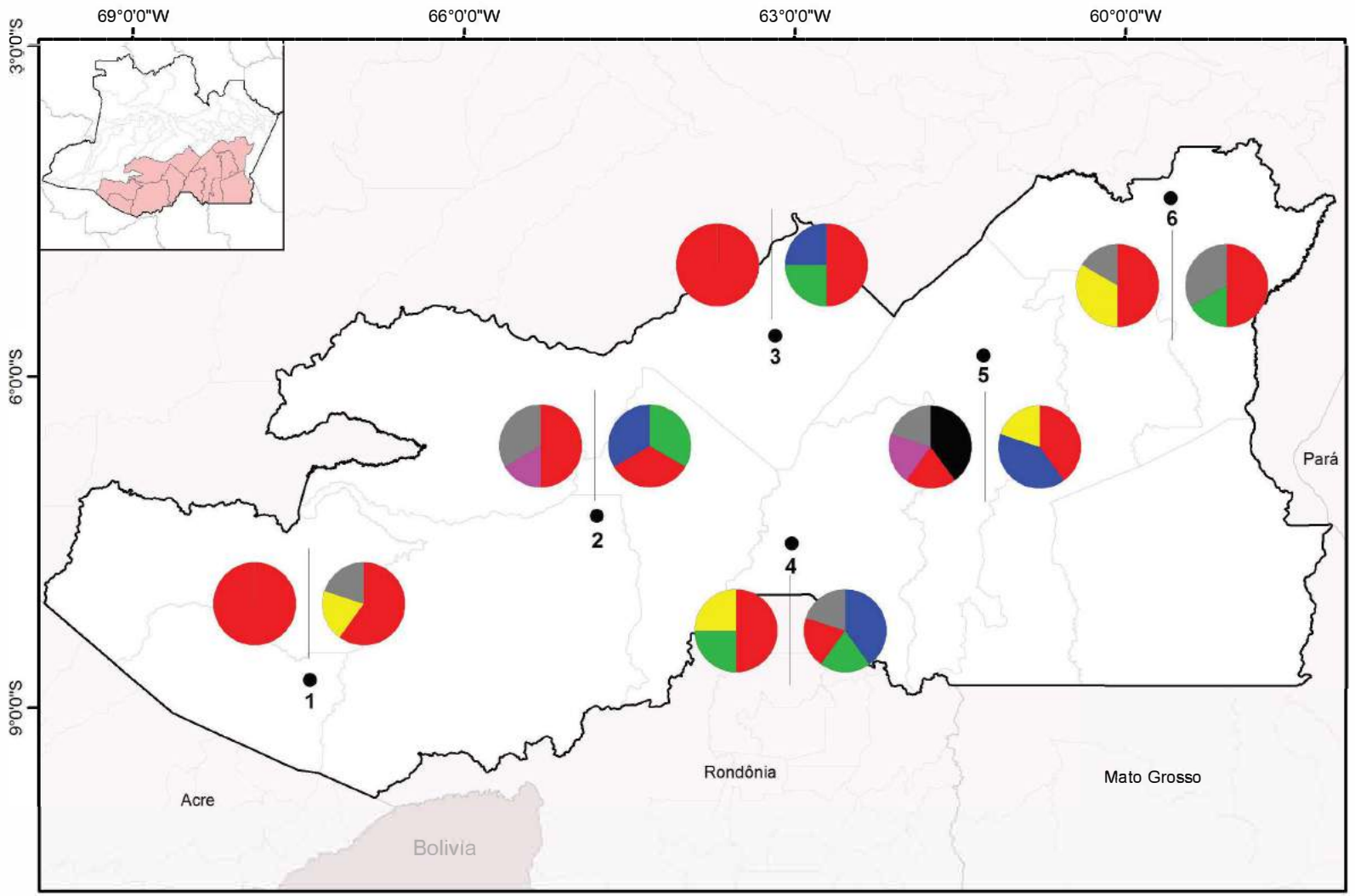

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L155a - Danado - Distribuição por idade



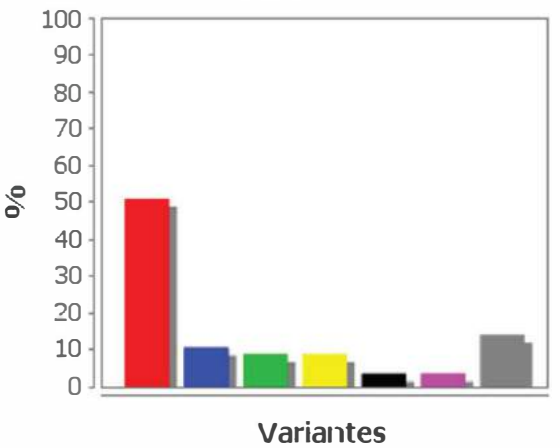

**Legenda**

- Danado
- Peralta
- Traquino
- Sapeca
- Capeta/ Capetinha
- Atentado
- Outros

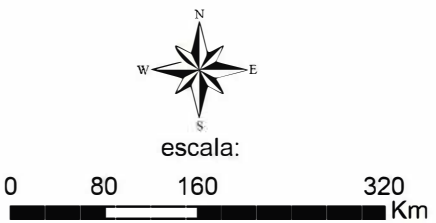
① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L157
# CARÃO

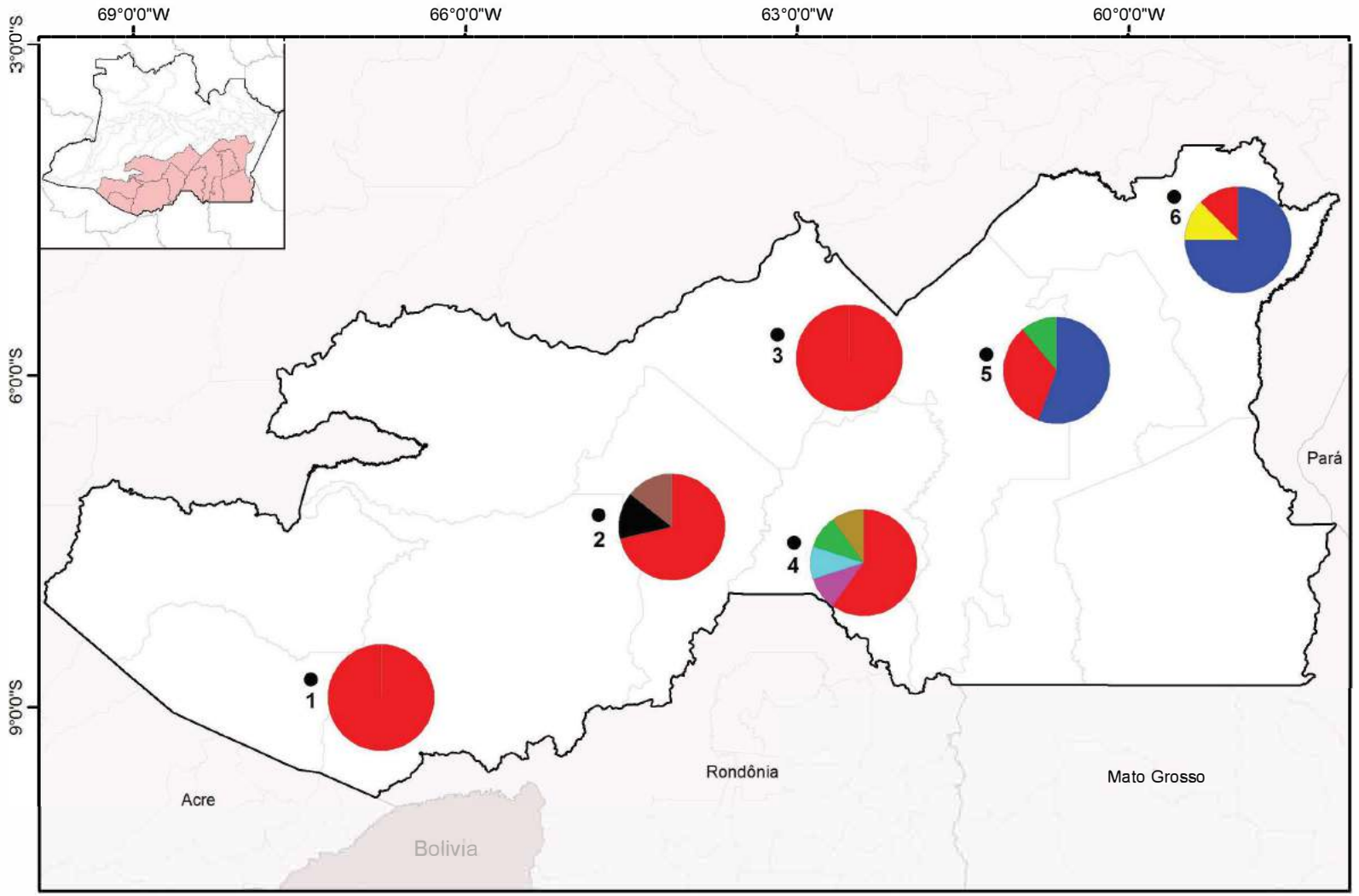
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-177:** Qual o nome que se dá para quando o pai chama a atenção do filho porque ele fez algo de errado? As crianças e adolescentes não fazem algo errado por medo de _____?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HA02 (Lábrea).
2. MA01 (Boca do Acre): **Carão**.
3. MB01 (Lábrea): **Chamar atenção**.
4. MA01 (Lábrea): **Bronca**.
5. MA01 (Tapauá): **Carão**.
6. HB02 (Humaitá): Dá uma **esculhambação**, **esculacho**.
7. HA02 (Humaitá): Rapaz, o pai dele (...) deu uma **sugesta** nele, é mais do nordestino, rapaz, o fulano pegou uma **enrabada**.
8. MA01 (Manicoré): Um **carão**, um **ralho**.
9. HA02 (Borba): **Conselho**.

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

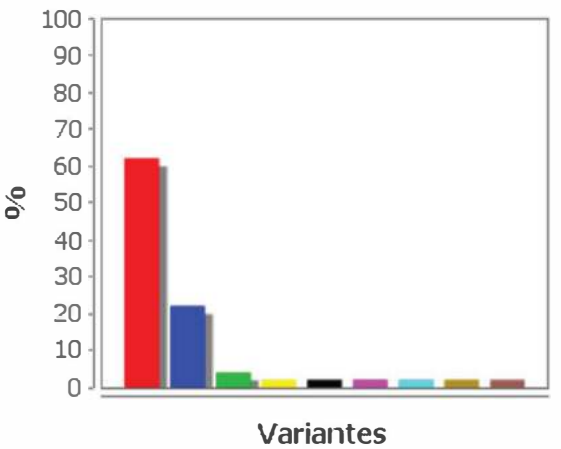
## L157 - Carão



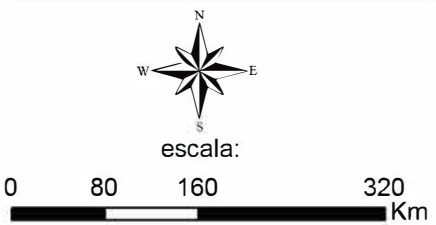

**Legenda**

- Carão
- Ralho
- Esculhambação
- Conselho
- Chamada de atenção
- Esculacho
- Sugesta
- Enrabada
- Bronca

**Geral**



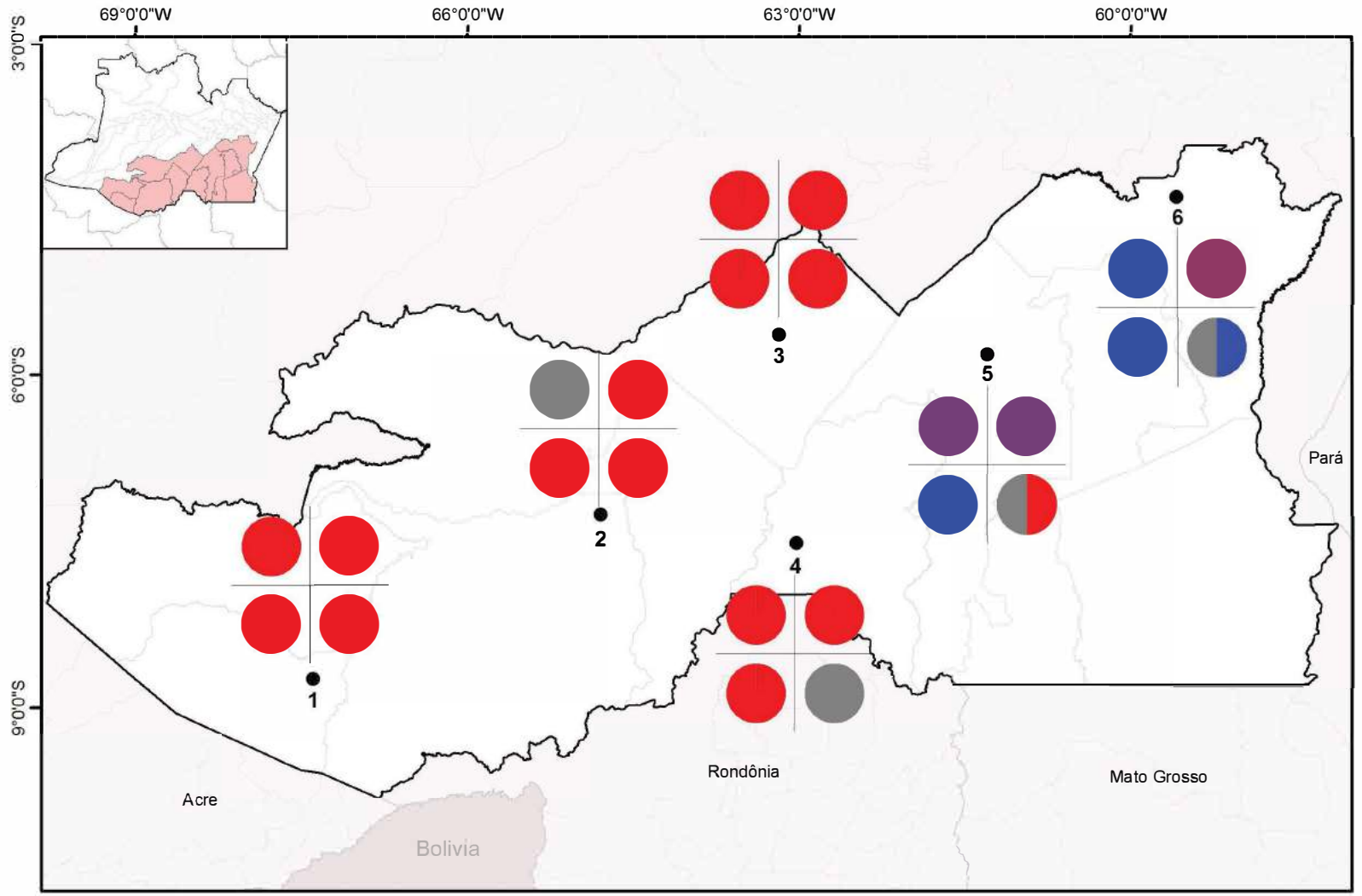

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L157a - Carão - Distribuição por sexo e idade

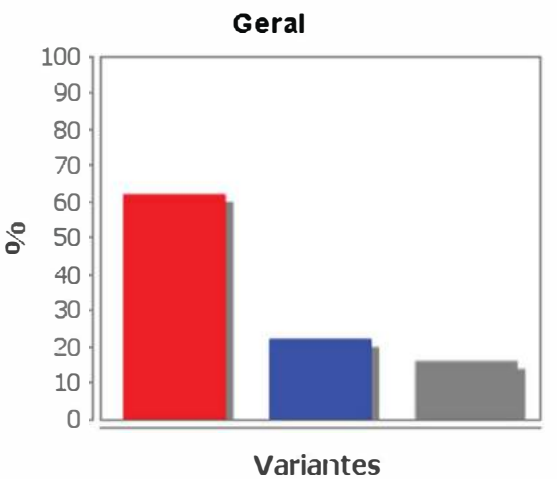



**Legenda**

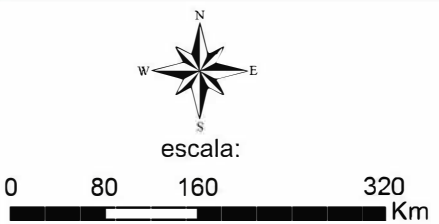
- Carão
- Ralho
- Outros

① ② ③ ④

**1: Feminino - 20 a 35 anos**
**2: Feminino - 50 a 65 anos**
**3: Masculino - 20 a 35 anos**
**4: Masculino - 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L158
# COQUE

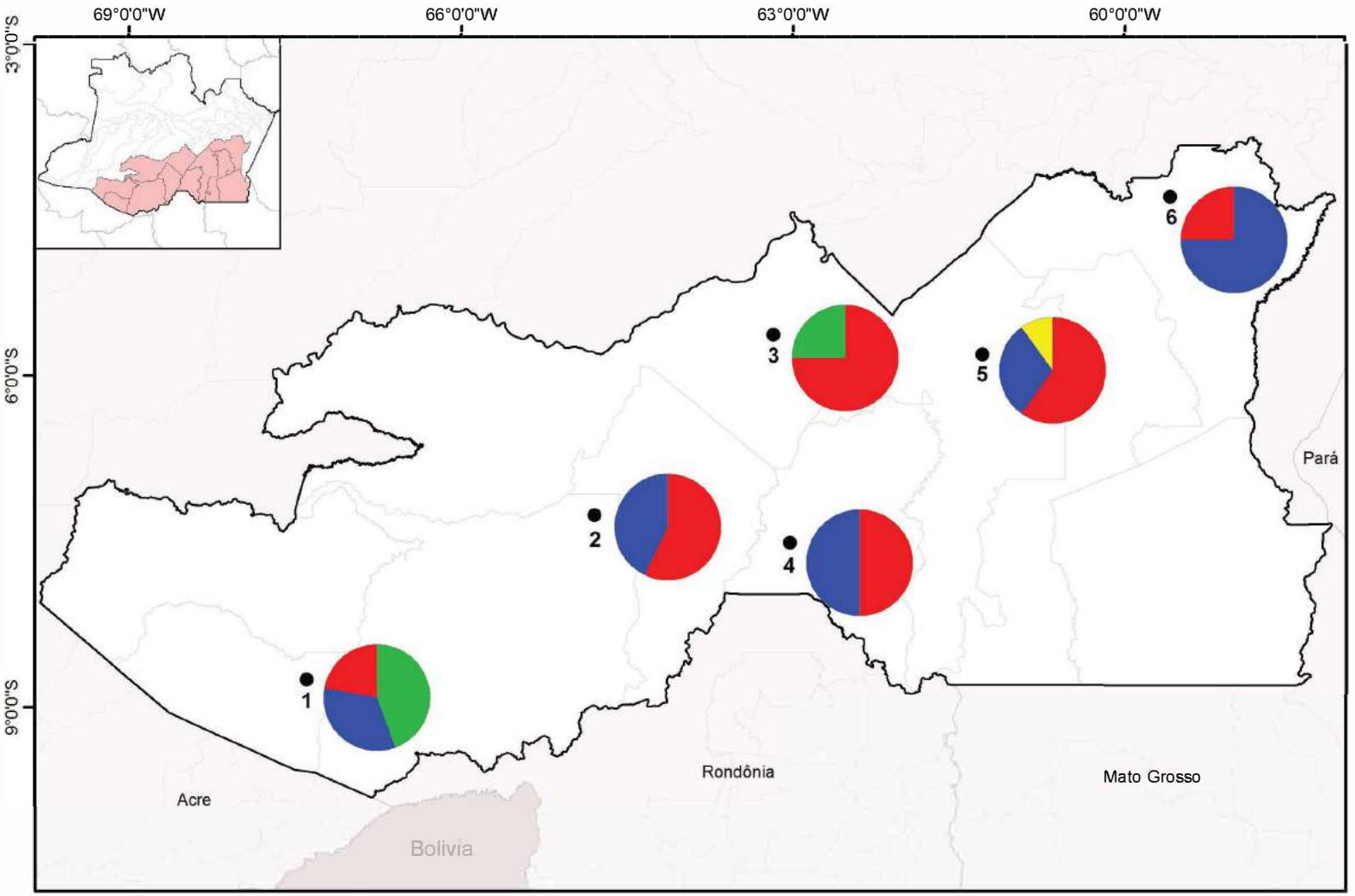
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-178:** Que nome se dá à pancada que se dá na cabeça de alguém com o dedo dobrado

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HA02 (Lábrea).
2. MB01 (Boca do Acre): Um **cascudo**, um **cocorote**.
3. MA01 (Lábrea): **Coque**.
4. MA01 (Humaitá): **Cascudo**.
5. HA01 (Manicoré): Dobrado chama **coque** ou **bico de urubu**, (inint.) bico de urubu (risos).

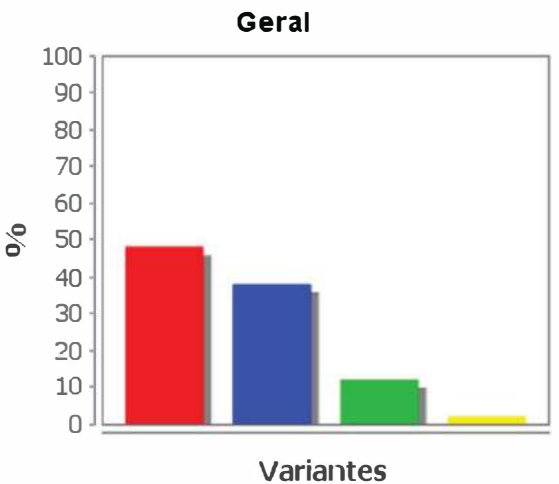
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L158 - Coque




**Legenda**

- Coque
- Cascudo
- Cocorote
- Bico de urubu




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L159
# GASGUITA

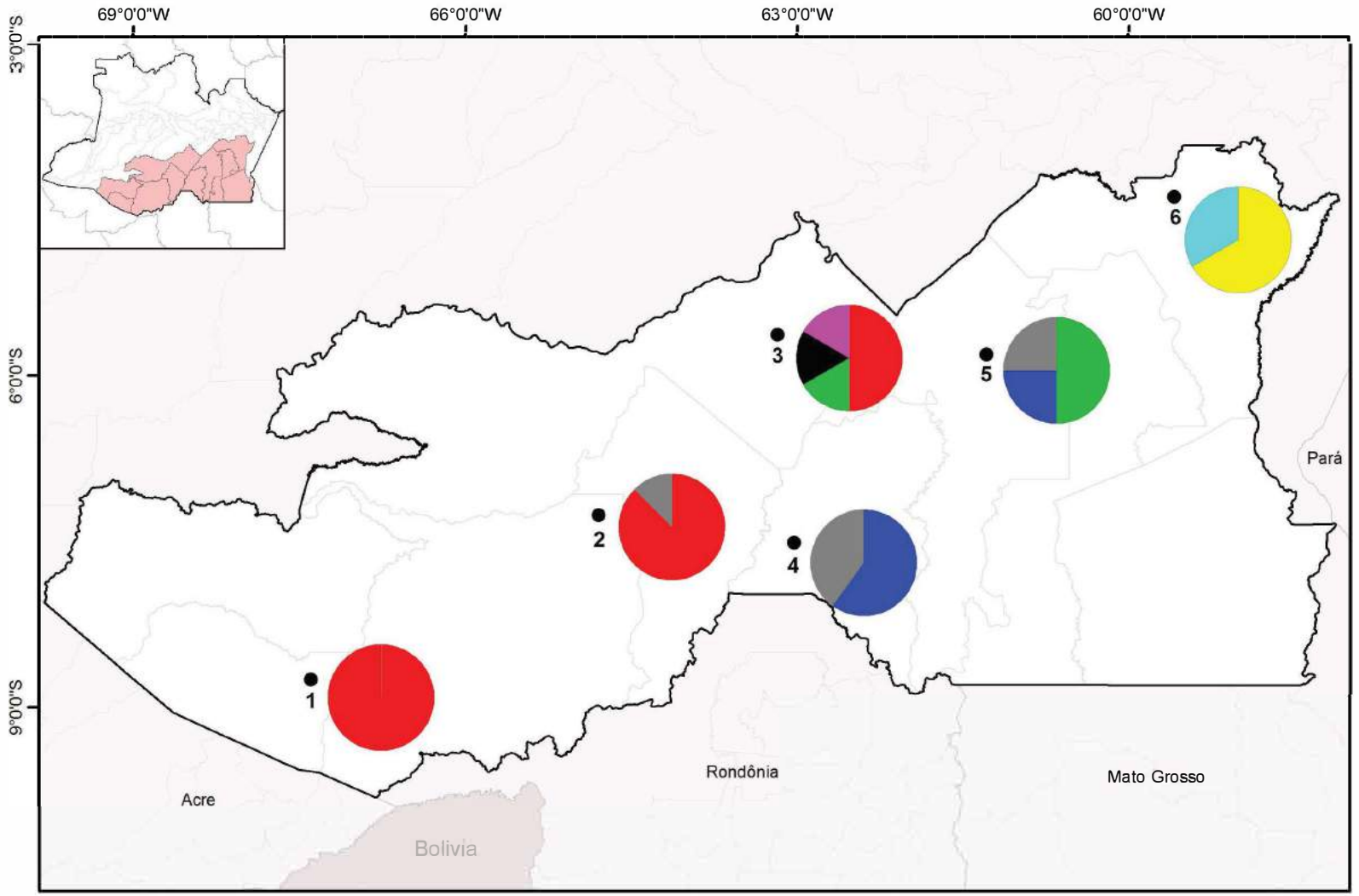
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Convívio e comportamento social) – QSL-179:** Como se chama a pessoa que fala e grita muito alto?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 e MB01 (Boca do Acre); MA02 e MB02 (Tapauá); HB01, MA01, MA02 e MB02 (Humaitá); HA01, HB02, MA01 e MA02 (Manicoré) e HA02, HB02, MA02, MB01 e MB02 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB02 (Lábrea): **Tagarela**; HA02 (Humaitá): **Barraqueira**; HB02 (Humaitá): É doido, é "para de falar alto, doido ou **lambanceiro**"; MB02 (Manicoré): Não é linguarudo não, né.? **Faladeira**.
3. HA02 (Boca do Acre): Muito **gasguita**.
4. HB01 (Tapauá): **Goela rasgada** que o pessoal chama aqui (risos).
5. MA01 (Tapauá): **Arara**, arara fala demais, grita "aaa" (risos).
6. MB01 (Humaitá): **Doida**, né?
7. HA02 (Manicoré): **Barulhenta**.
8. HB01 (Borba): A gente chama de **moura**, assim?
   INQ.- Moura?
   HB01 (Borba): É, que fala alto, é do interior, aí as pessoas chama de moura.
9. HA01 (Borba): **Escandalosa**.

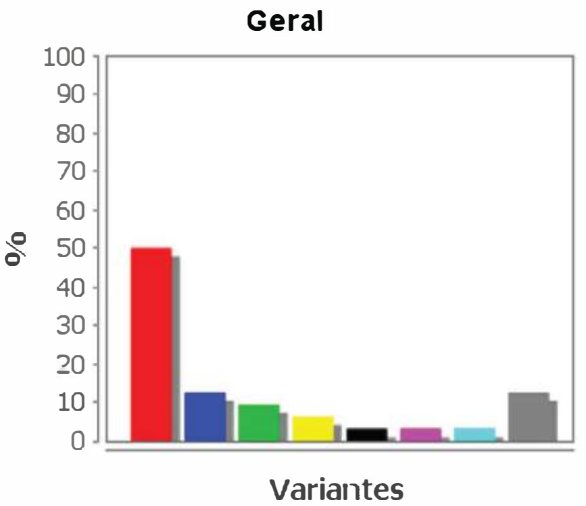
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L159 - Gasguita

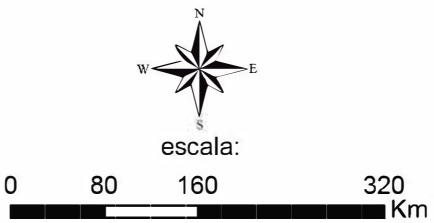



**Legenda**

- Gasguita
- Doida
- Barulhenta
- Escandalosa
- Goela rasgada
- Arara
- Moura
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L160
# CALAMBOTA

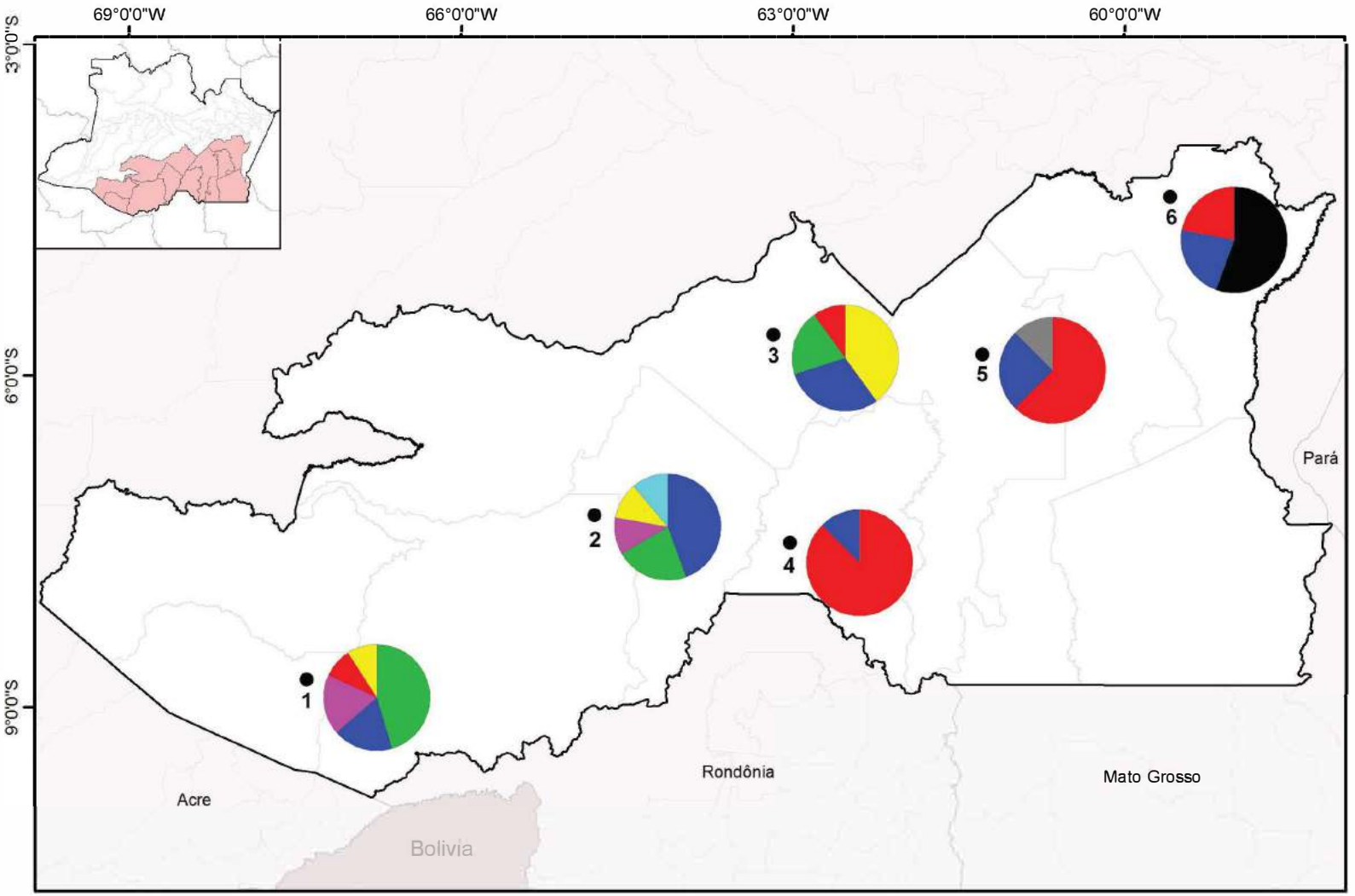
**Meio Antrópico: Relações sociais (Festas e divertimentos) – QSL-180:** Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado? (Mímica)

**NOTAS:**

1. OUTRA RESPOSTA: MA01 (Manicoré): Virando cae/**cabolota**.
2. MB01 (Boca do Acre): Ah, um **cangapé**, **mortal**, **cambalhota**.
3. HA02 (Lábrea): Deixa eu ver como é o nome daquilo. Eu sei, as crianças gostam muito de brincar... **bunda canastra**. Virar bunda canastra.
4. MB01 (Lábrea): Nós fala **carambola** mesmo.
5. HB02 (Tapauá): (inint.) **cambalhota**.
6. MA02 (Humaitá): Calam... **calhambota**.
7. MB01 (Manicoré): **Calambota**.
8. HB01 (Borba): Ah, **calambiota**, ca... calambiota mesmo... ca... camba... **cambalhota**.
9. MA02 (Borba): Fez **calambiota**.

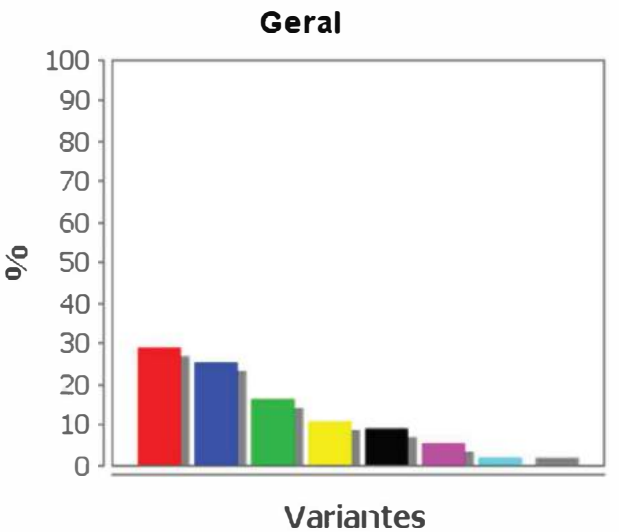
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L160 - Calambota




**Legenda**

- Calambota/ Calhambota/ Carambota
- Cambalhota
- Mortal
- Carambola
- Calambiota
- Cangapé
- Bunda canastra
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



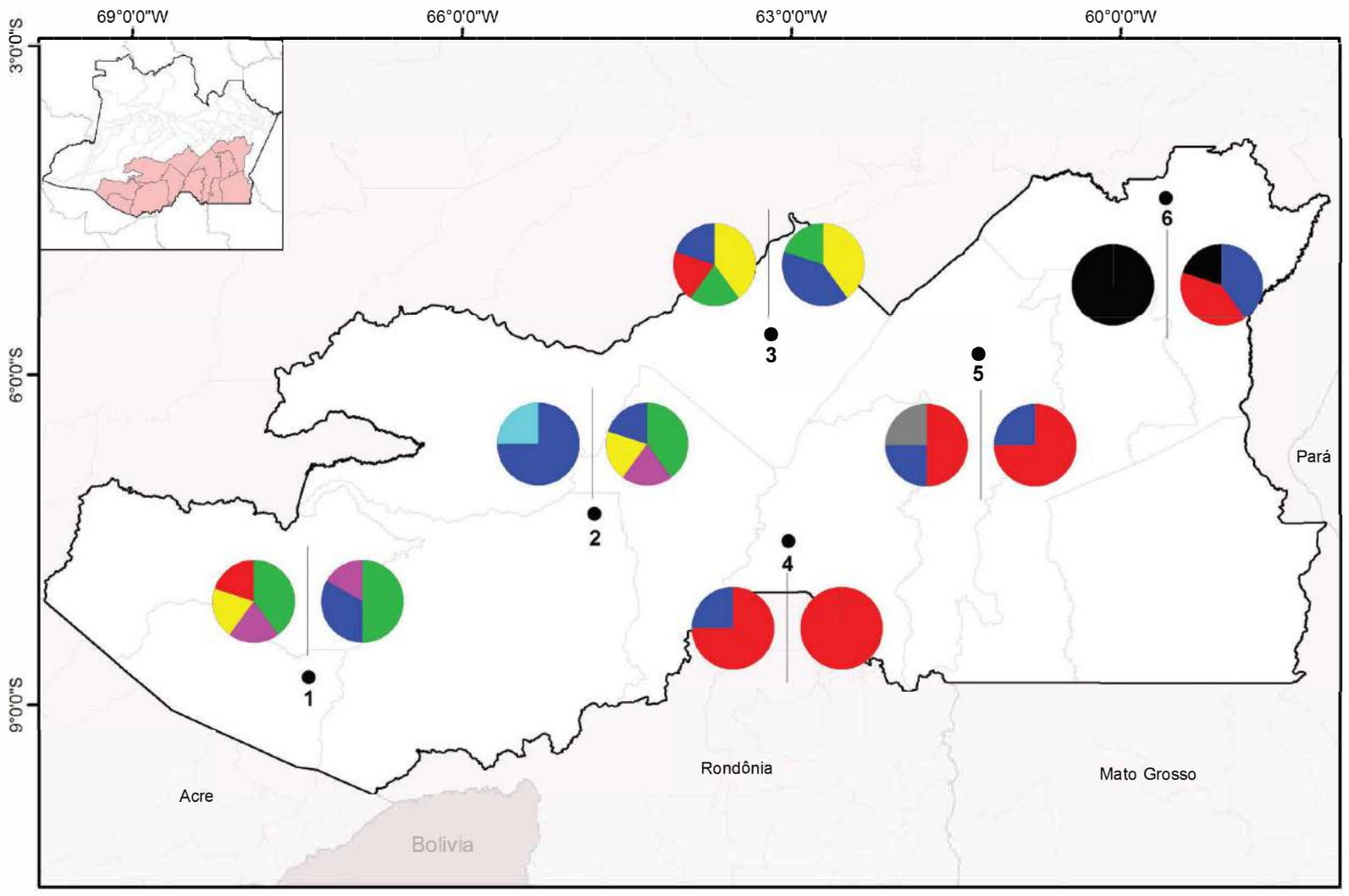

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L160a - Calambota - Distribuição por escolaridade

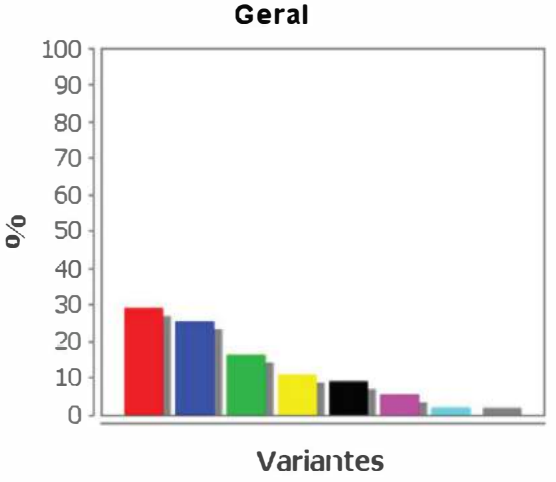



**Legenda**

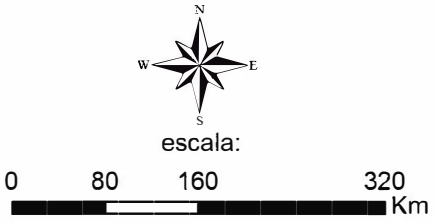
- Calambota/ Calhambota/ Carambota
- Cambalhota
- Mortal
- Carambola
- Calambiota
- Cangapé
- Bunda canastra
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L161
# PETECA

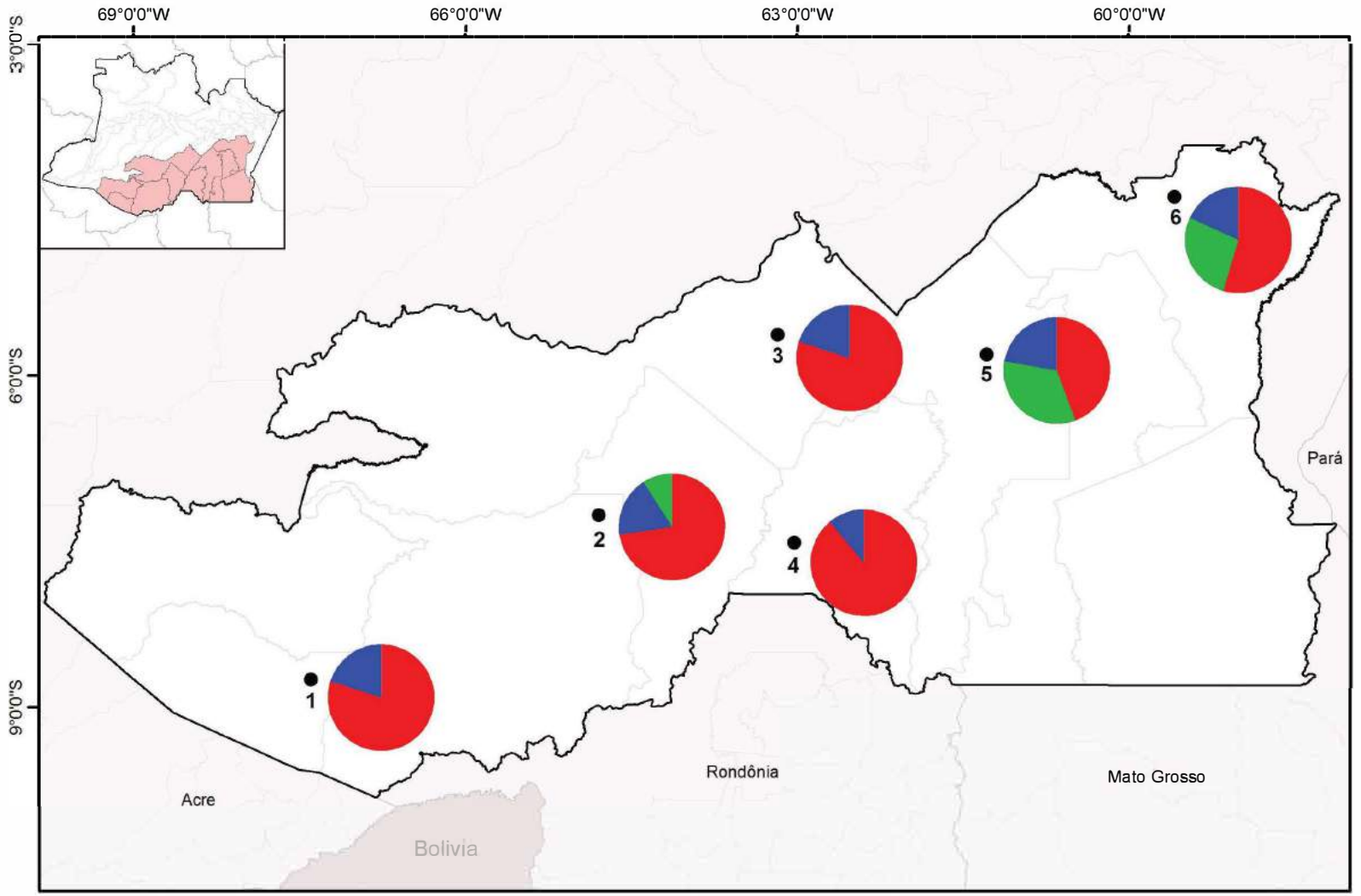
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Festas e divertimentos) – QSL-181:** E essas coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): A **bola-de-gude**, né? Mas aqui eles chamavam de "ah vamos jogar **peteca**, brincar de peteca"
2. MA01 (Lábrea): **Bola-de-gude**, **peteca**.
   INQ.: Peteca ou bola-de-gude?
   MA01 (Lábrea): Aqui nós conhece como peteca mesmo.
3. MA02 (Tapauá): De vidro? **Peteca** ou **bola-de-gude**, né?
4. HA02 (Humaitá): **Peteca**, **bola-de-gude**, tem vários outros nomes, dependendo do Estado, né. Aqui chama-se peteca.
5. HB01 (Manicoré): **Bolinha**, **peteca**.
6. HB02 (Borba): Ah, **bolinha**, de **peteca**.

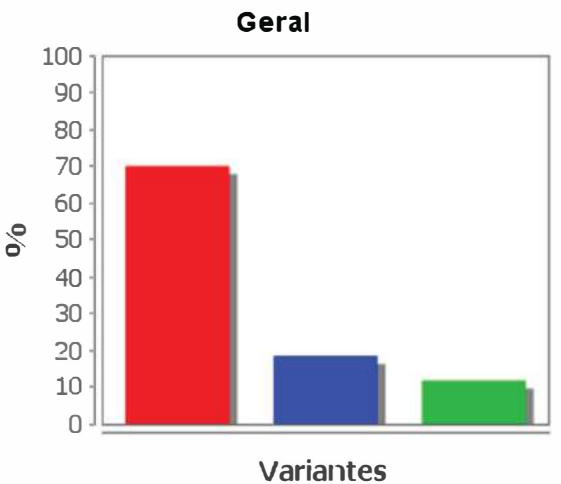
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L161 - Peteca

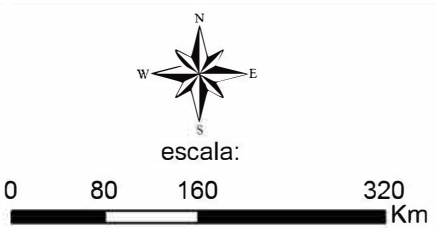



**Legenda**

- Peteca
- Bola-de-gude
- Bolinha




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L162
# BALADEIRA

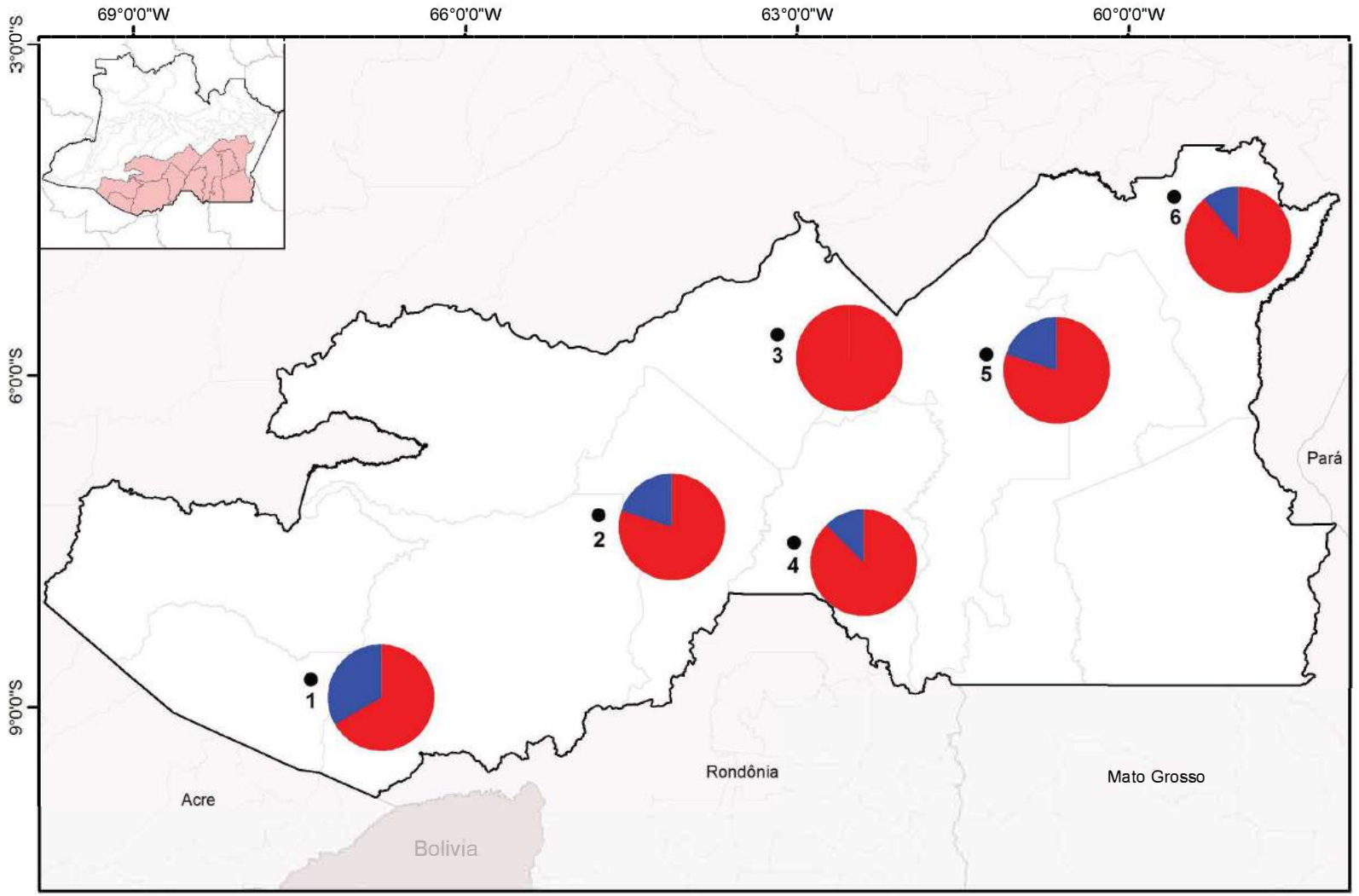
**Meio Antrópico: Relações sociais (Festas e divertimentos) – QSL-182:** Qual o nome do brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (Mímica) para atirar?

**NOTAS:**

1. MB01 (Boca do Acre): O **estilingue**, mas aqui eles dizem "ah, vamos brincar de **baladeira**", é baladeira aqui.
2. MB02 (Lábrea): **Baladeira**, **estilingue**, mas nós chama mesmo é baladeira.
3. HB02 (Manicoré): **Baladeira** ou **estilingue**.
4. HB01 (Borba): **Estilingue**, **baladeira**.

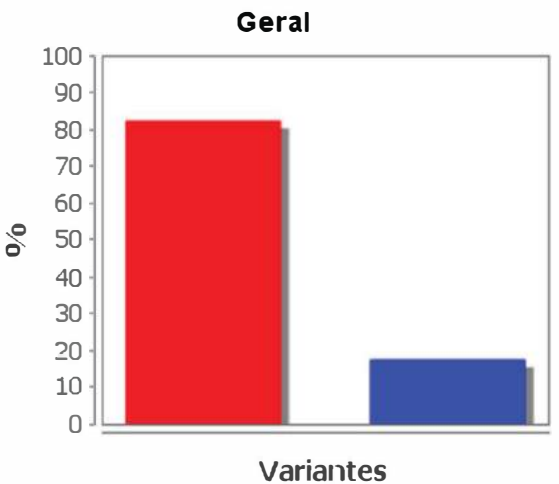
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L162 - Baladeira

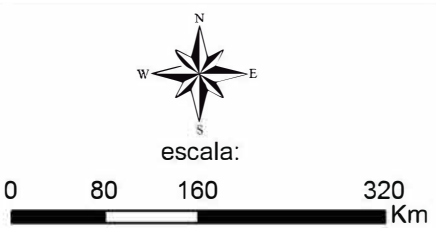



**Legenda**

- Baladeira
- Estilingue



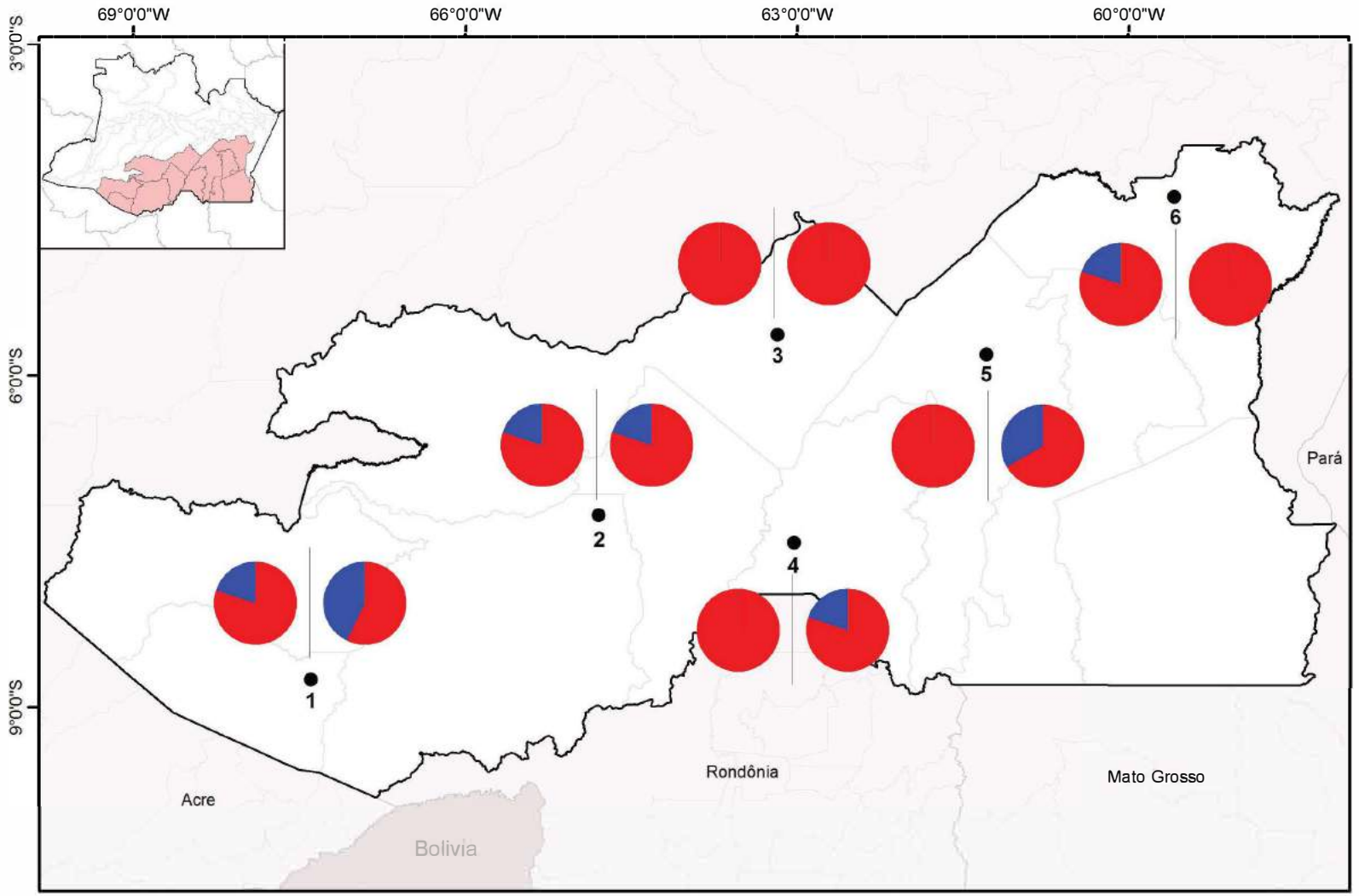

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L162a - Baladeira - Distribuição por idade



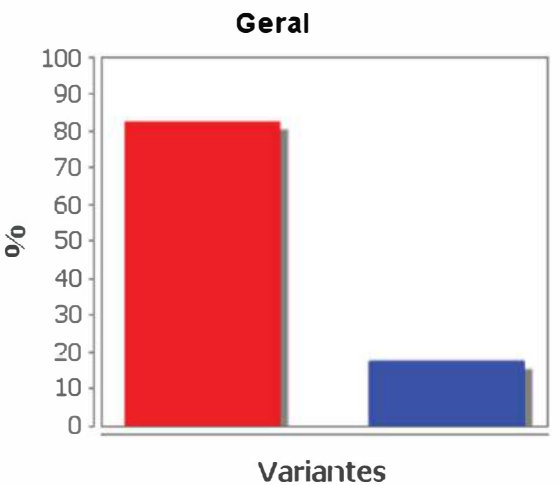

**Legenda**

Baladeira

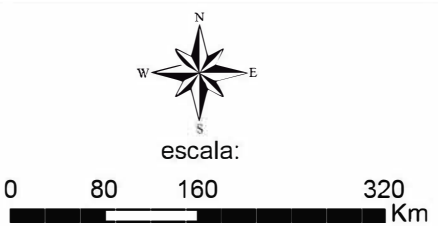
Estilingue

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**



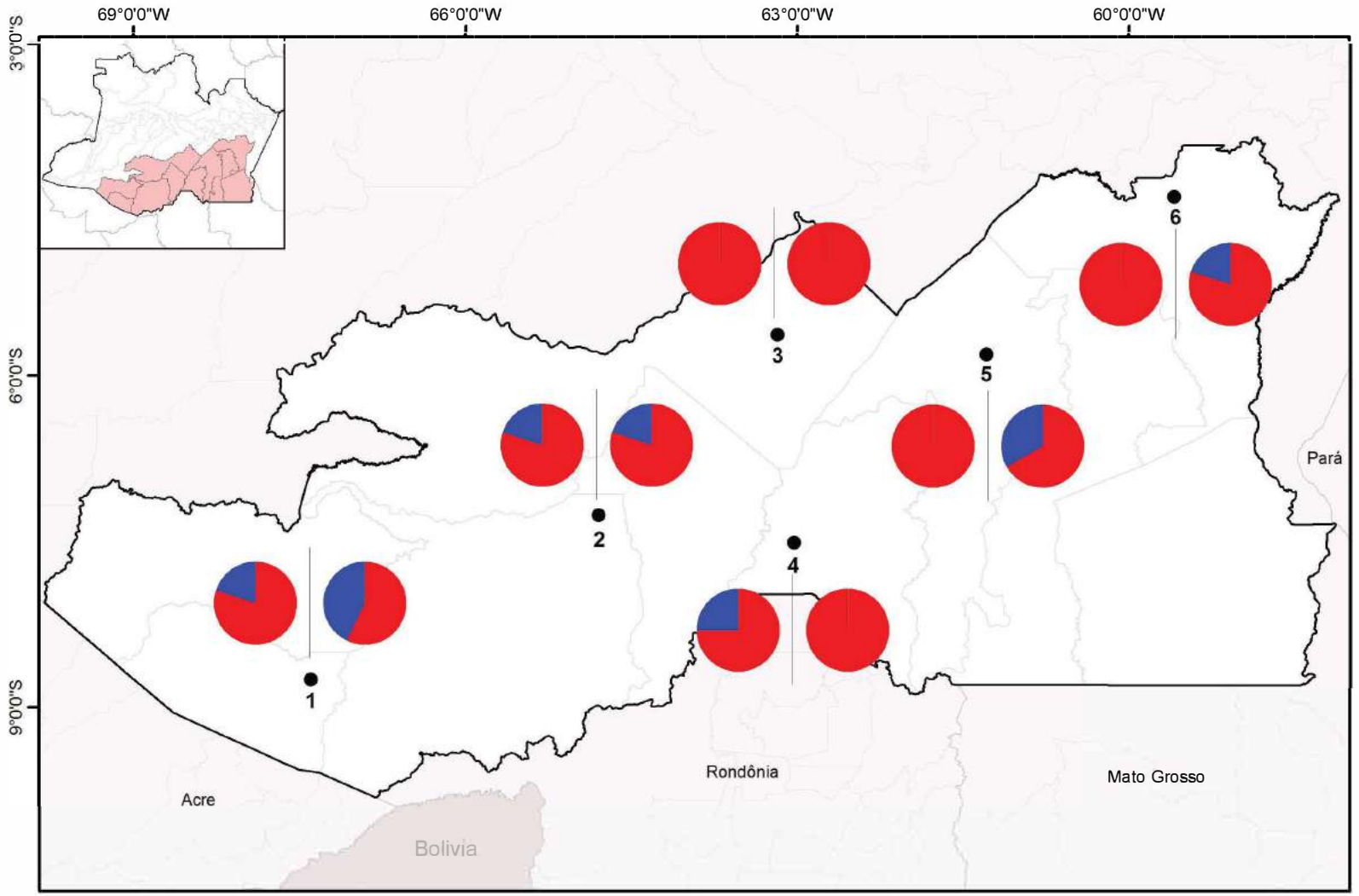

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L162b - Baladeira - Distribuição por escolaridade



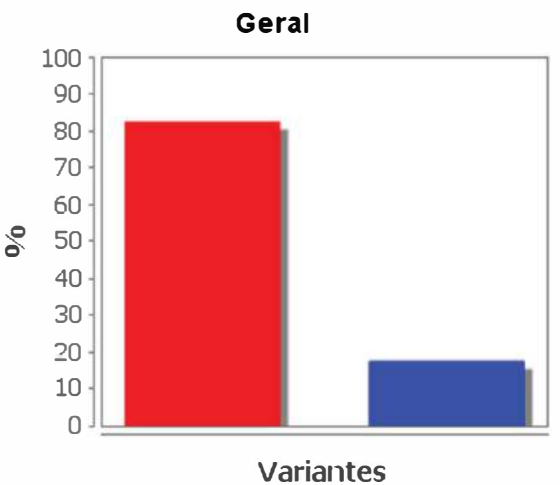

**Legenda**

Baladeira

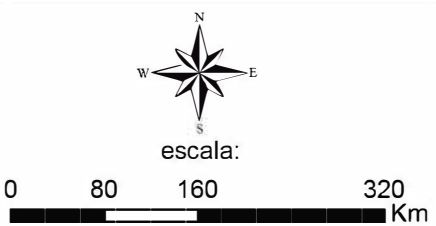
Estilingue

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L163
# ESCONDE-ESCONDE

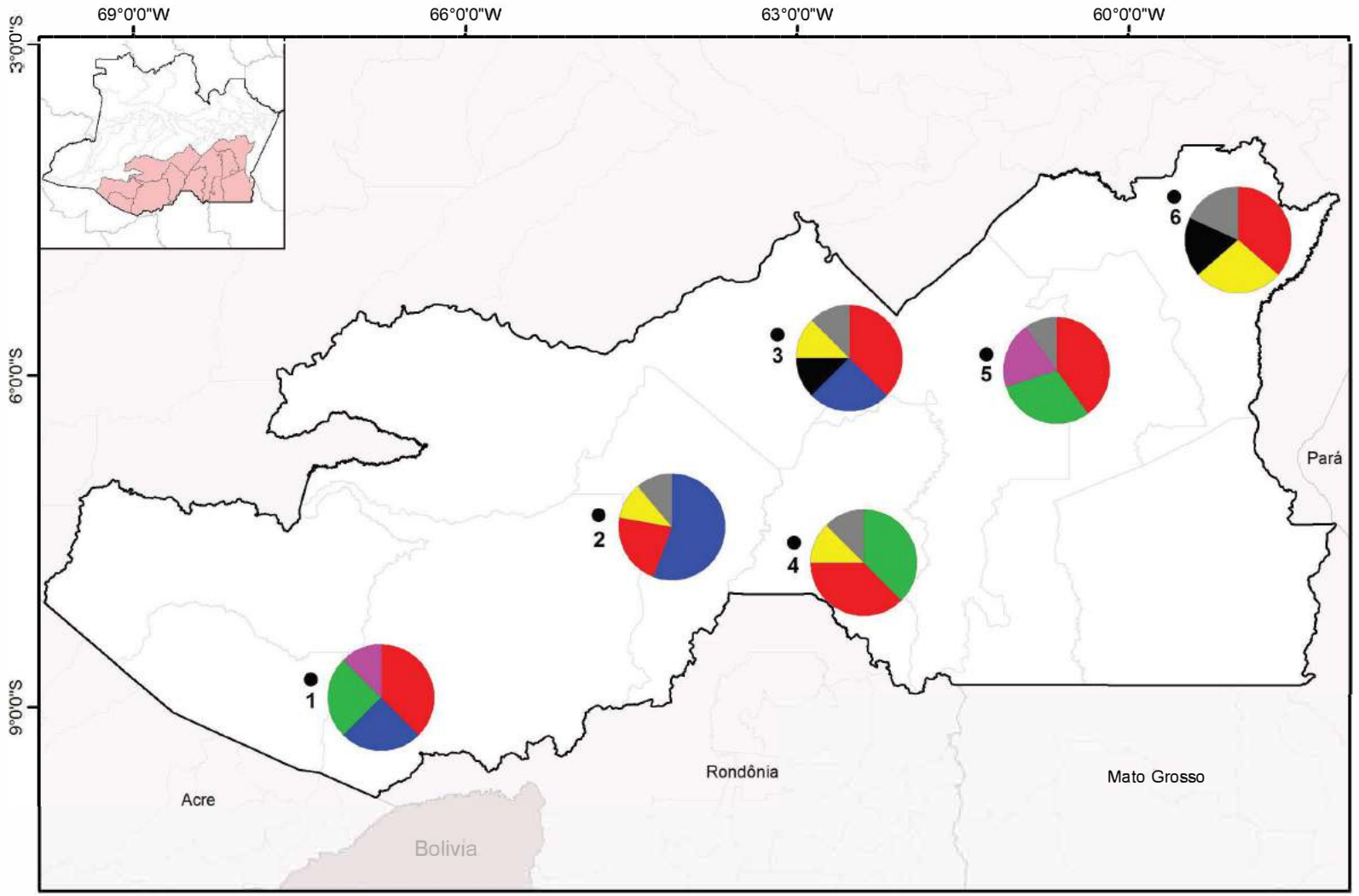
**Meio Antrópico: Relações sociais (Festas e divertimentos) – QSL-183:** Qual o nome da brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar, e depois vai procurá-las?

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: HA02 (Lábrea): **Caba-cega**. A criança fecha o olho, fica escondida aí vai contando cotando enquanto os outro se esconde, aí ele vai atrás; HB01 (Tapauá): **Manja esconde-esconde**. (...) Brinca de pegar; HB02 (Humaitá): **Trinta e um malestra**; HB02 (Manicoré): **Trinta e três**; HB02 (Borba): É manja, **pira**, **pampam**.
2. MB01 (Boca do Acre): Quando a gente era criança chamava **pira do se esconde**.
3. HB01 (Lábrea): **Escondido**, **esconde-esconde**.
4. MB01 (Tapauá): **Manja-esconde**.
5. MA01 (Tapauá): É a **manja**, a manja que a gente brincava assim, um vai se esconder e depois vai atrás do outro.
6. HA01 (Humaitá): Brinca do **se esconde** (...).
7. HB01 (Manicoré): **Se esconde**, **pira se esconde**.
8. HA01 (Manicoré): **Pira-esconde**.
9. HB01 (Borba): **Mancha se esconda**.
10. MB02 (Borba): É a **mancha**.

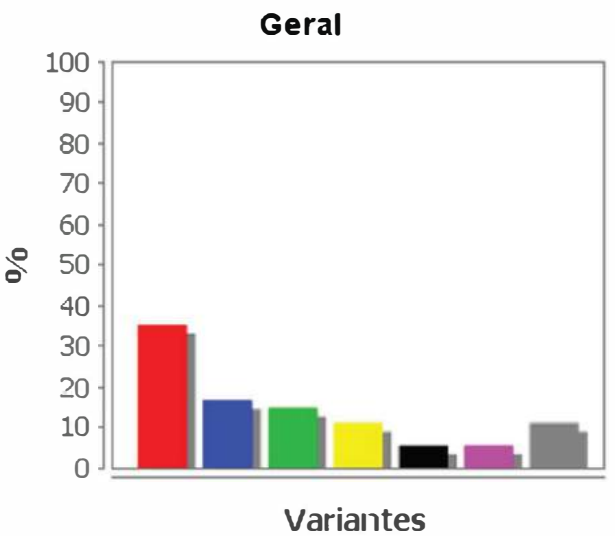
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L163 - Esconde-esconde

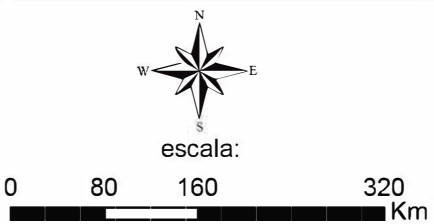



**Legenda**

- Esconde-esconde
- Escondido
- Se esconde
- Mancha/ Manja
- Mancha se esconda/ Manja-esconde
- Pira (do) se esconde/ Pira-esconde
- Outros



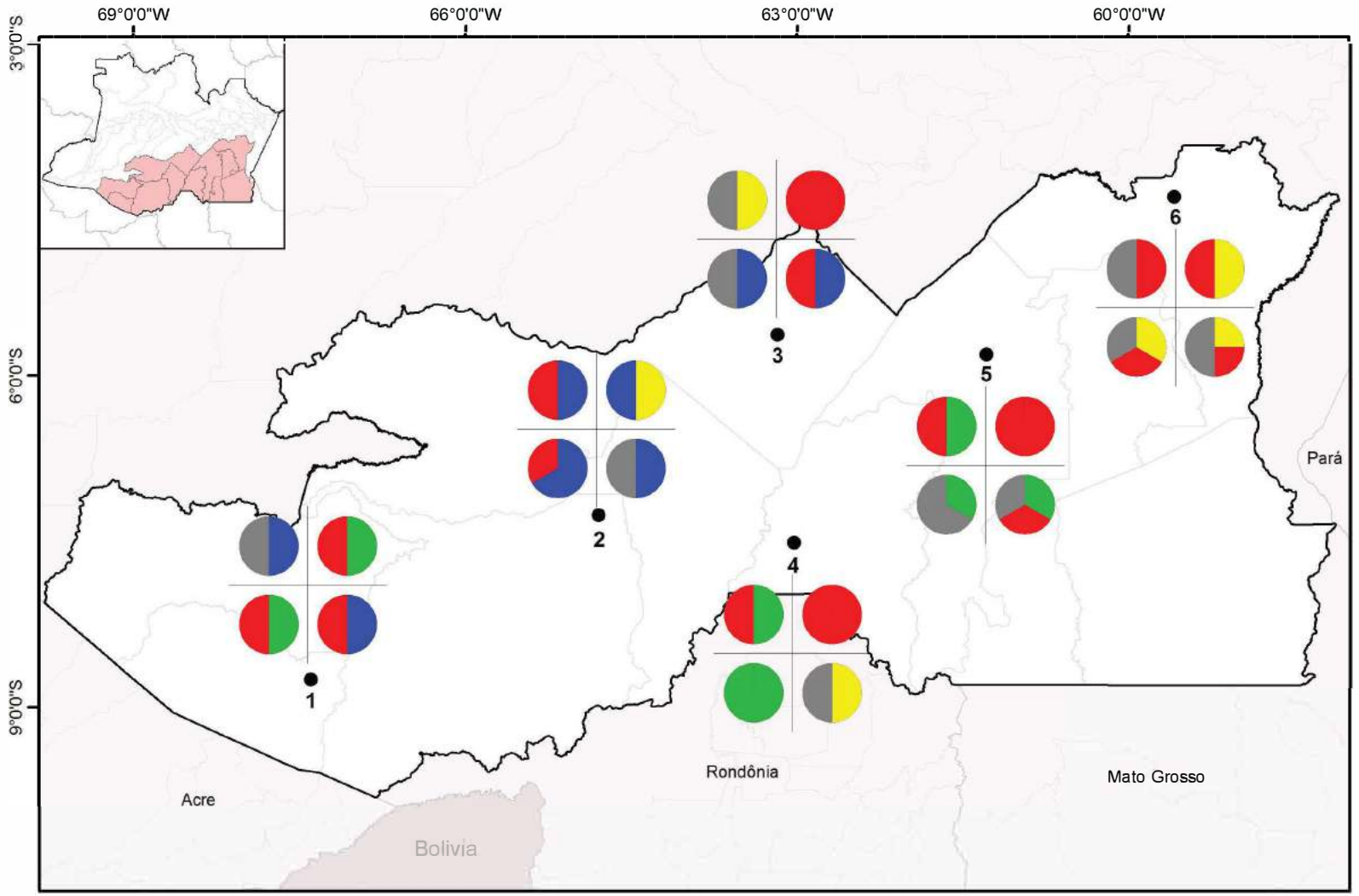

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L163a - Esconde-esconde - Distribuição por sexo e idade

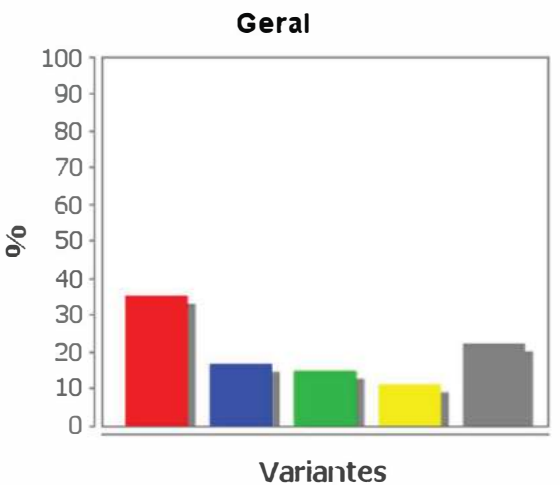



**Legenda**

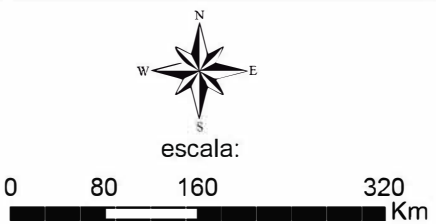
- Esconde-esconde
- Escondido
- Se esconde
- Mancha/ Manja
- Outros

① ② ③ ④

1: Feminino - 20 a 35 anos
2: Feminino - 50 a 65 anos
3: Masculino - 20 a 35 anos
4: Masculino - 50 a 65 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L164
# PATA-CEGA

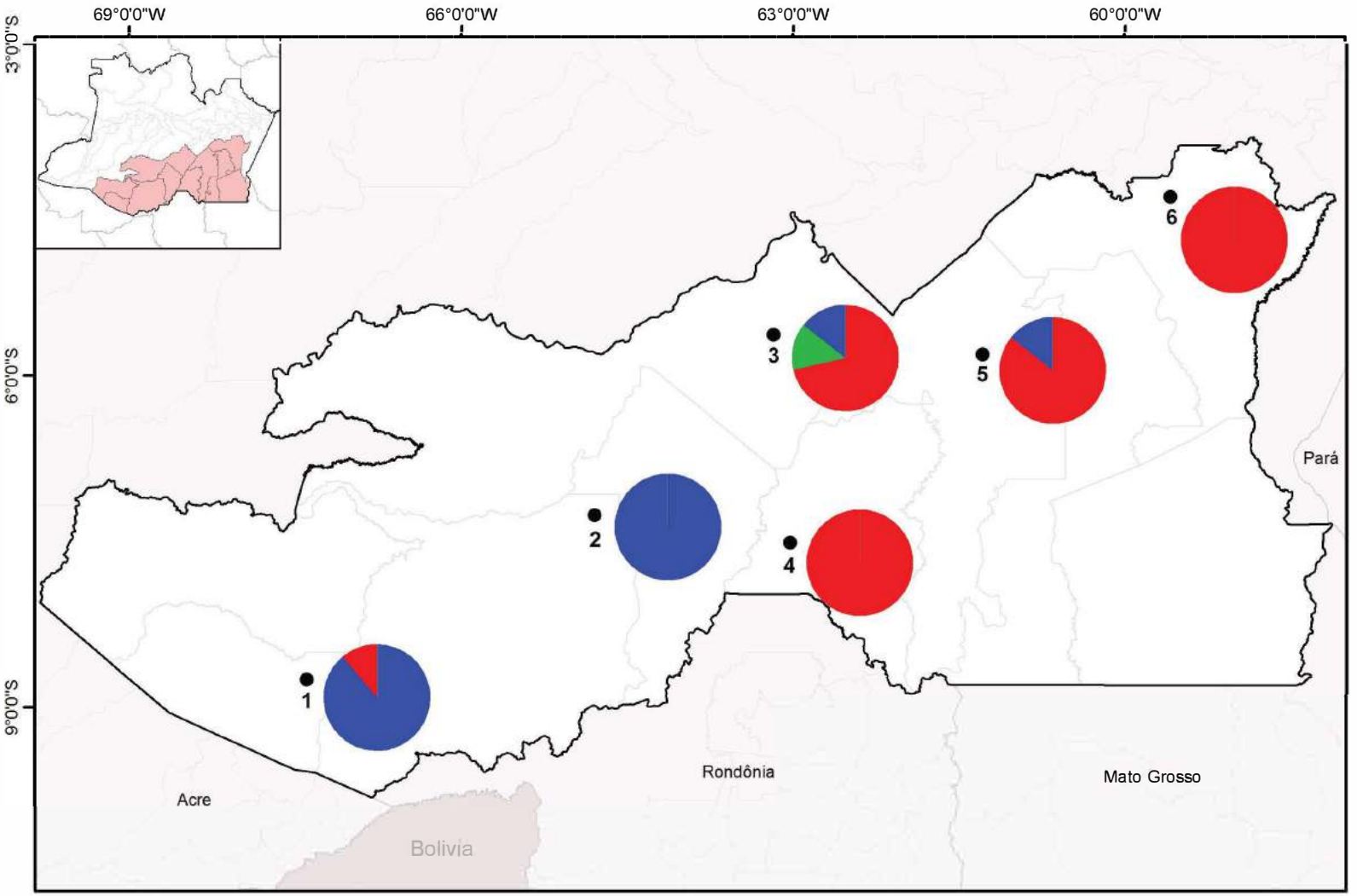
**Meio Antrópico: Relações sociais (Festas e divertimentos) – QSL-184:** E da brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB02 (Tapauá); HA01 (Humaitá) e HA02 (Manicoré).
2. MB01 (Boca do Acre): No meu tempo de criança a gente chamava de caba-cega, ou de **cabra-cega**.
3. HB02 (Lábrea): **cabra-cega**.
4. MB02 (Tapauá): É a **brincadeira do cego**.
   INQ.: É, o nome é assim?
   MB02 (Tapauá): É.
5. MA01 (Humaitá): **Pata-cega**.
6. MA01 (Manicoré): Brincar de **pata-cega**.
7. MA01 (Borba): **Pata-cega**.

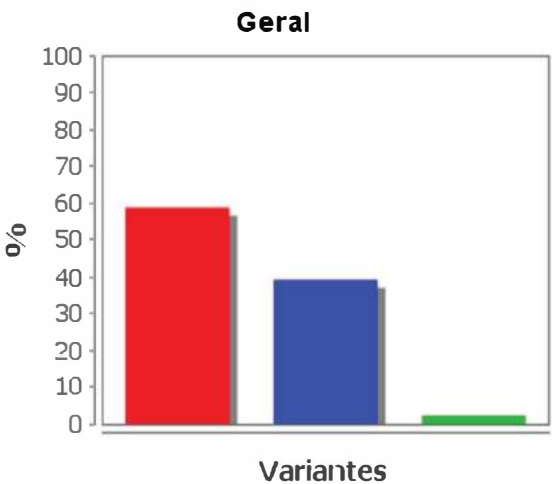
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L164 - Pata-cega

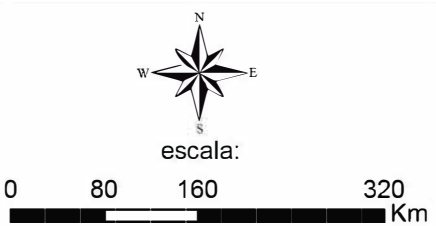



Legenda

- Pata-cega
- Cabra-cega
- Brincadeira do cego




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L165
# BALANÇO (GANGORRA)

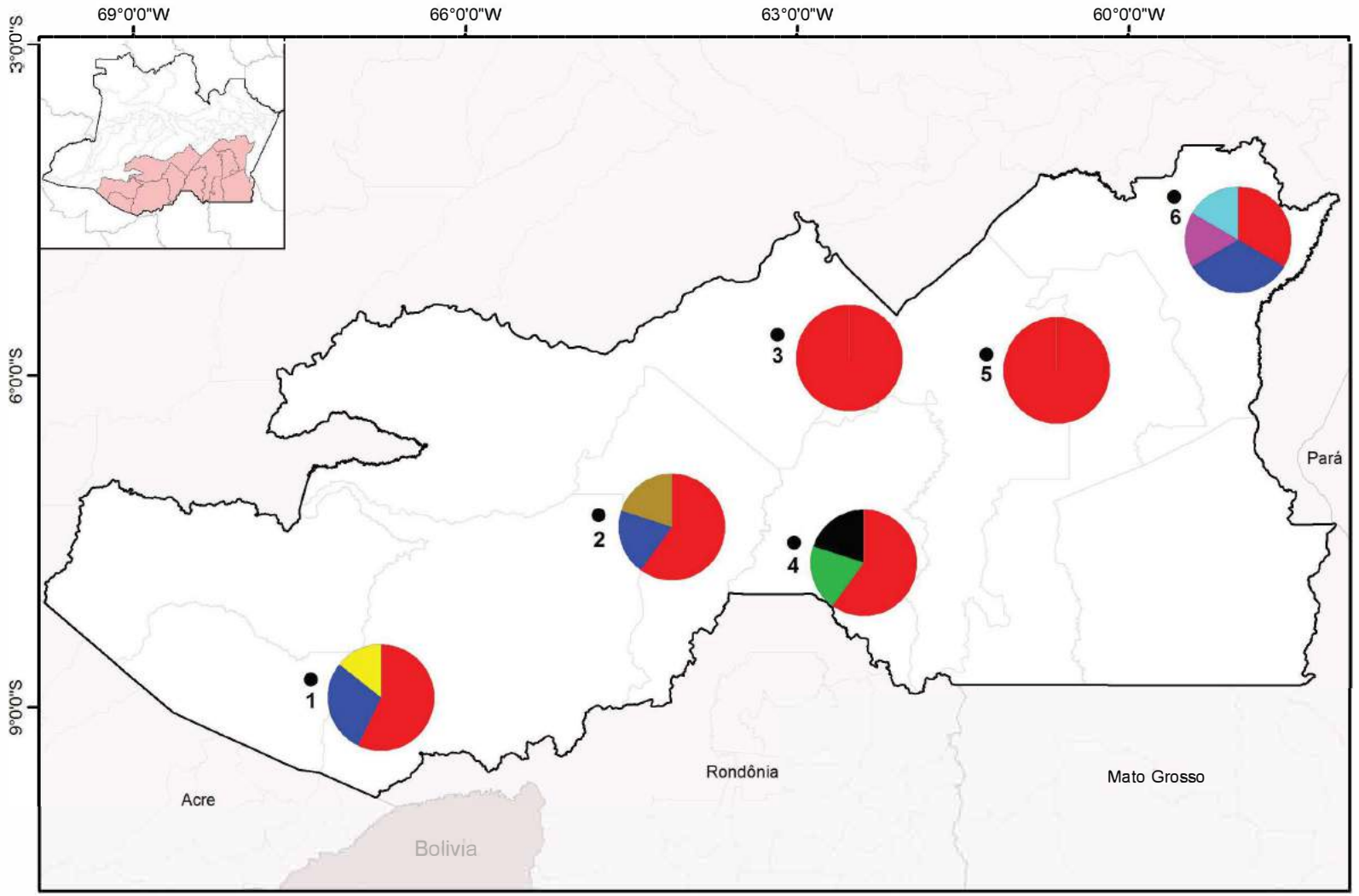
**Meio Antrópico: Relações sociais (Festas e divertimentos) – QSL-185:** E aquela que tem uma tábua apoiada no meio, e nas pontas sentam-se duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (Mímica)

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB02 (Boca do Acre); MA01, MA02 e MB01 (Lábrea); HA02, HB01 e MB01 (Tapauá); HA01, HA02, MA01 e MB02 (Humaitá); HB02 e MB02 (Manicoré) e HA01, HA02, HB01 e MA02 (Borba).
2. HB01 (Boca do Acre): Aqui chama de **elevador**.
3. HA01 (Lábrea): **Gangorra**.
4. HA02 (Lábrea): **Balancinho**.
5. MA01 (Tapauá): Balanço.
6. HB01 (Humaitá): Quando as meninazinhas brincavam falavam "vamos brincar de **tábua**" e era isso.
7. MB01 (Humaitá): Nós chama **pula-tauba**, e tem o **balanço**, mas é pula-tauba. Que a outra pessoa vai lá bem e volta.
   INQ.: Como é o balanço?
   MB01 (Humaitá): É aquele que fica no meio, que tem no parquinho né... que uma senta e a outra sobe e desce, né? E tem o pula táuba também que são dois pedaço de madeira no meio e uma tauba, e aí fica pulando em cima da tauba. Aí a pessoa que pula a outra vai lá em cima e quando ela volta a outra sobe, entendeu?
8. HA02 (Manicoré): **Balanço**.
9. HB02 (Borba): **Barquinho**, **embalo**.

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

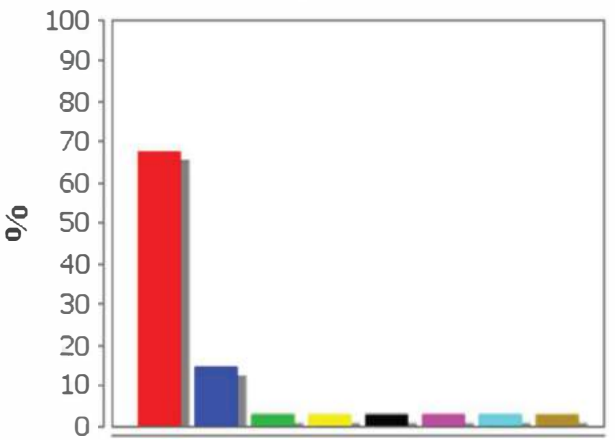
## L165 - Balanço (Gangorra)




**Legenda**

- Balanço
- Gangorra
- Tábua
- Elevador
- Pula-tábua
- Barquinho
- Embalo
- Balancinho

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas

escala:
0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L167
# MACACA

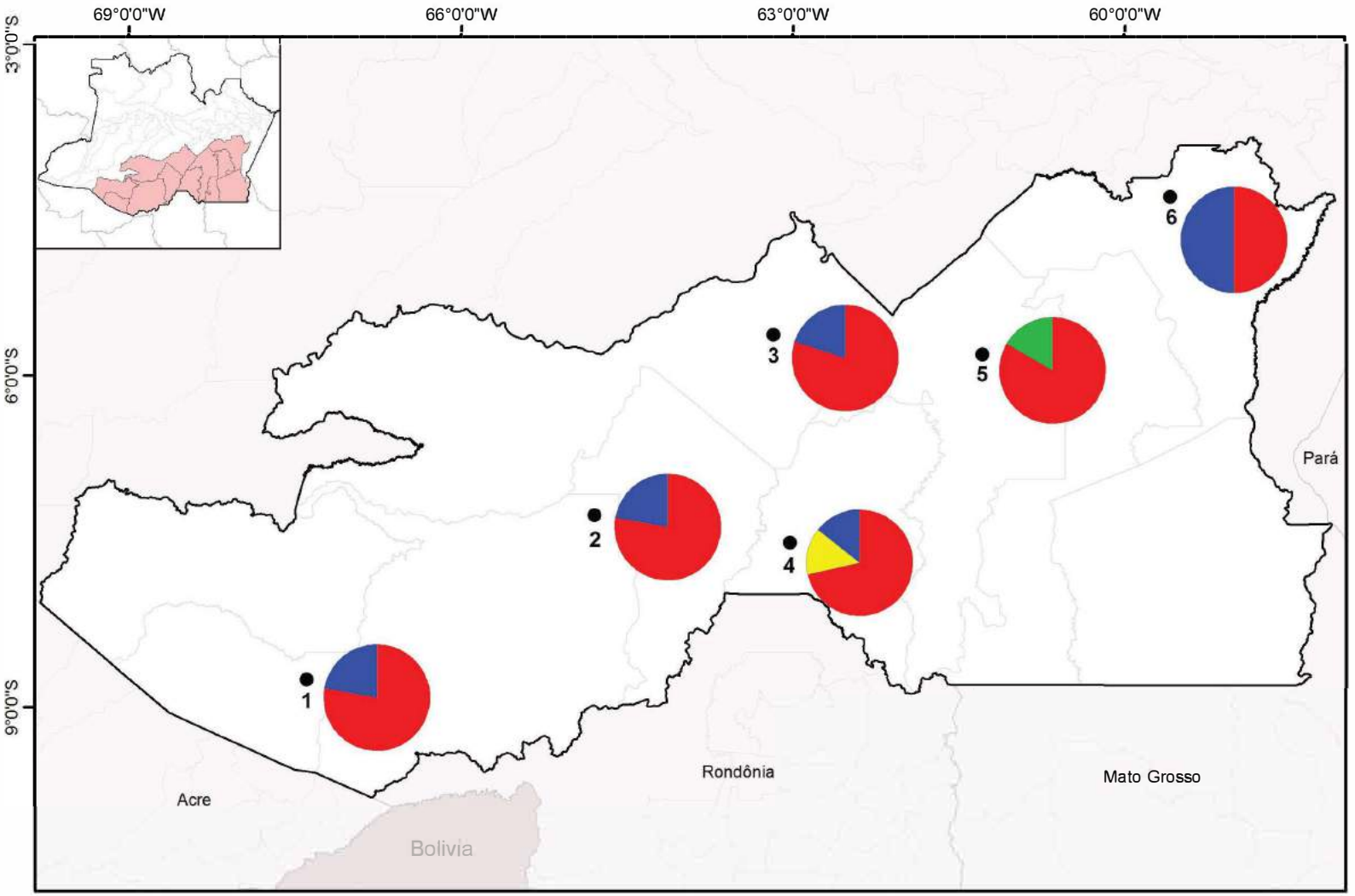
**Meio Antrópico: Relações sociais (Festas e divertimentos) – QSL-187:** Qual aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só.

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01, HB01 e HB02 (Tapauá); HA01 (Humaitá); HA02 e MB01 (Manicoré) e HA02, HB01, HB02 e MA02 (Borba).
2. MB02 (Boca do Acre): É **amarelinha**, **macaca**.
3. MB01 (Boca do Acre): Quando a gente era criança, a gente chamava de **macaca**, mas depois eu fiquei sabendo que é **amarelinha**
4. HA01 (Lábrea): **Amarelinha**, **macaca**.
5. MB01 (Tapauá): **Macaca**.
6. MB02 (Humaitá): **Bole-bole**.
7. MA01 (Manicoré): É brinco da aranha... Como é? É aranha mesmo. Jogo-da-velha, não. Eu sei... Aranha, chamo **aranha macaca**.
   INQ.: As meninas que gostam de brincar, né.
   MA01 (Manicoré): Aham. Que joga, bate.
   INQ.: Isso, aí vai pulando.
   MA01 (Manicoré): A gente chama aranha macaca.
8. MA01 (Borba): **Amarelinha**.

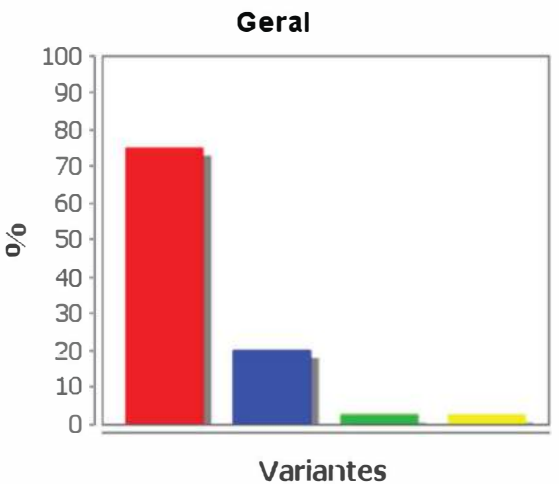
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L167 - Macaca

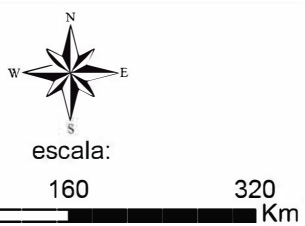



**Legenda**

- Macaca
- Amarelinha
- Aranha macaca
- Bole-bole



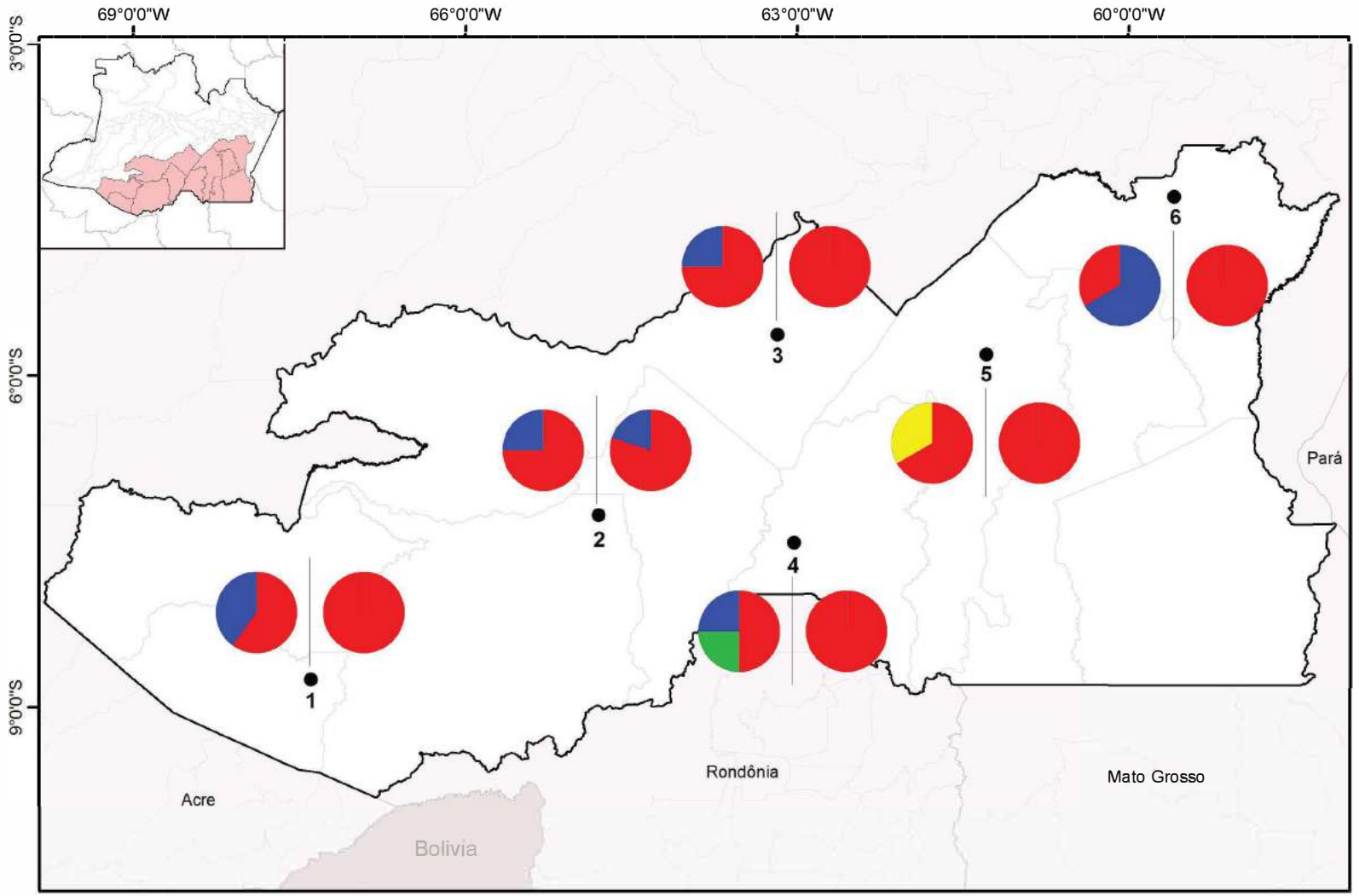

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L167a - Macaca - Distribuição por sexo

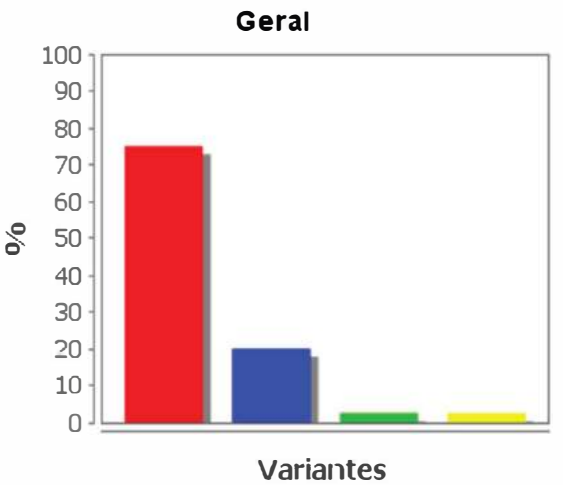



**Legenda**

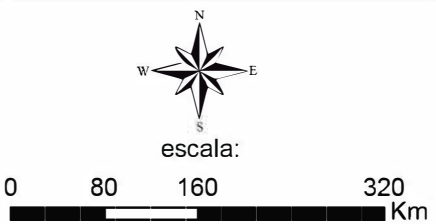
- Macaca
- Amarelinha
- Bole-bole
- Aranha macaca

① ②

1: Feminino
2: Masculino




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L168
# PIRA

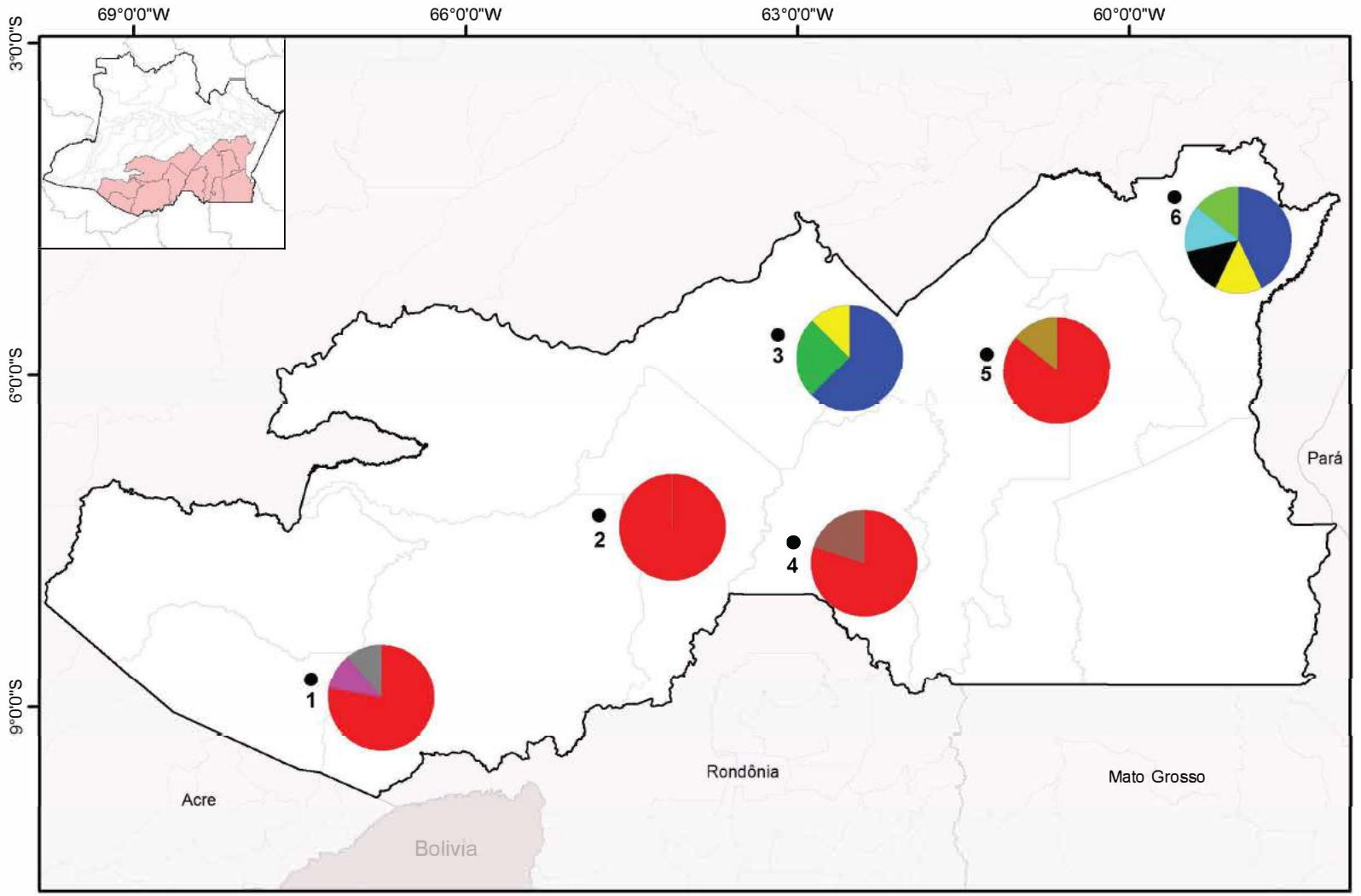
**Meio Antrópico: Relações sociais (Festas e divertimentos) – QSL-188:** E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01 (Boca do Acre); HA02 e MB01 (Lábrea); HA01, MA01 e MB02 (Humaitá); HB02 (Manicoré) e HA01 e MA02 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): A gente brinca da **pira do descola** ou da **pira-picolé** (...), mas no meu tempo de brincadeira era **pira** mesmo. "Vamos brincar da pira. Da pira-picolé ou da pira do (inint.).
3. MA01 (Lábrea): Ah (...) da **pira**, né.
4. HA01 (Tapauá): Essa é brincar **do trisca**, né?
5. MA02 (Tapauá): A **manja**?
6. MB01 (Humaitá): É a pincha? Não, é a **pira-corre**.
7. HA01 (Manicoré): A **pira-ajuda**?
8. HA02 (Borba): **Mancha**.
9. HB01 (Borba): **Mancha dos atrepa**.
10. MA01 (Borba): A **mancha do pegão**, é esse? Que corre atrás.
11. MB01 (Borba): **Mancha-pega**. É... **pega-pega**. Não...

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

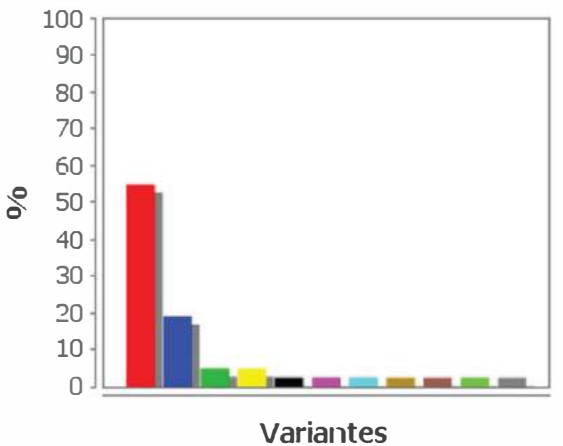
## L168 - Pira



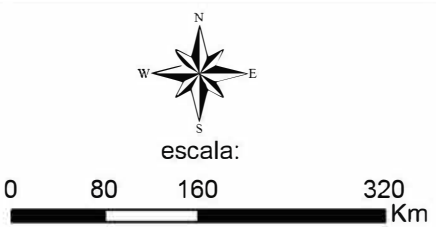

**Legenda**

- Pira
- Mancha/ Manja
- Do trisca
- Manja-pega
- Mancha do atrepa
- Pira-picolé
- Pega-pega
- Pira-ajuda
- Pira-corre
- Mancha do pegão
- Pira do descola

**Geral**



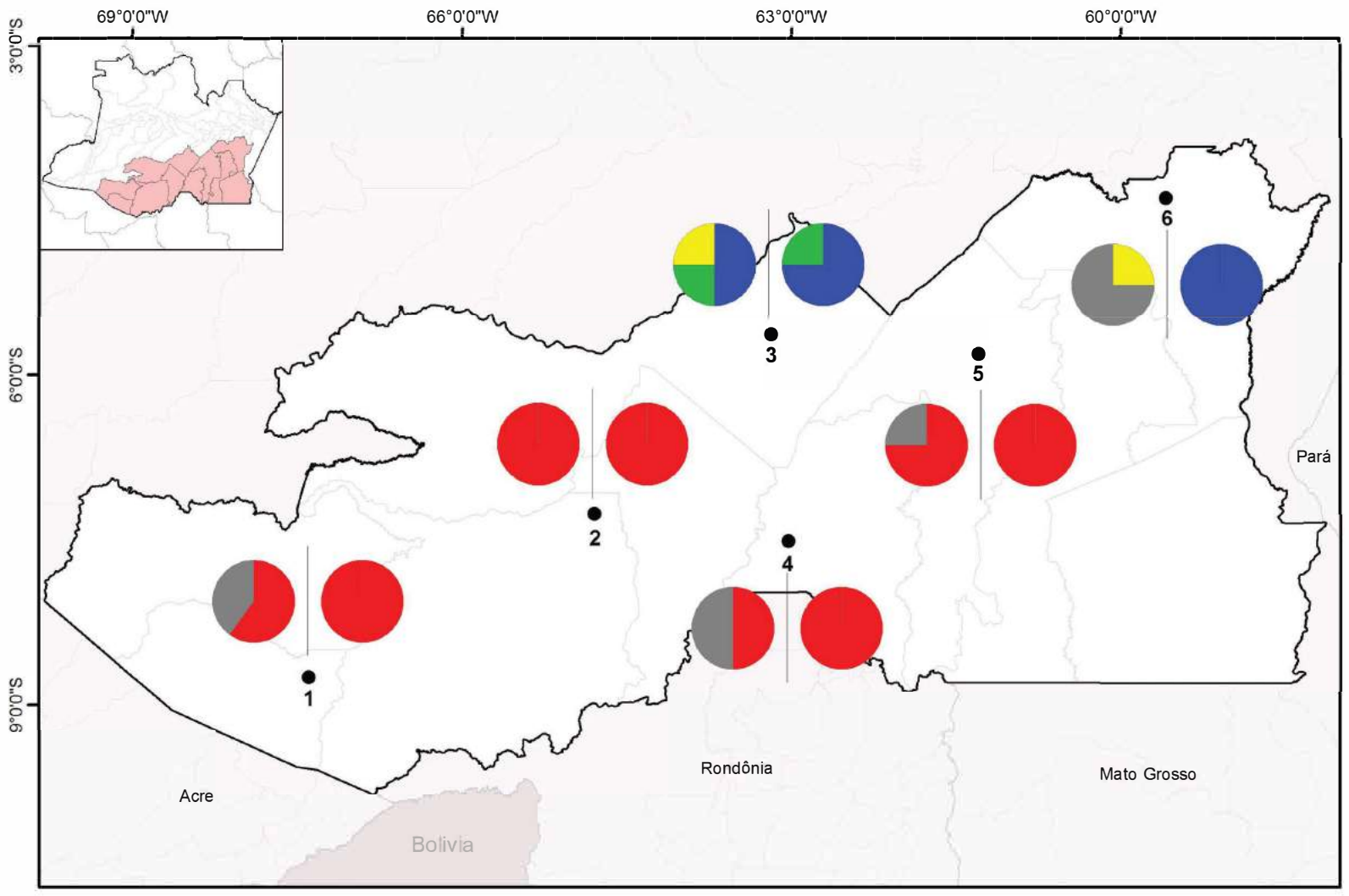

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L168a - Pira - Distribuição por idade

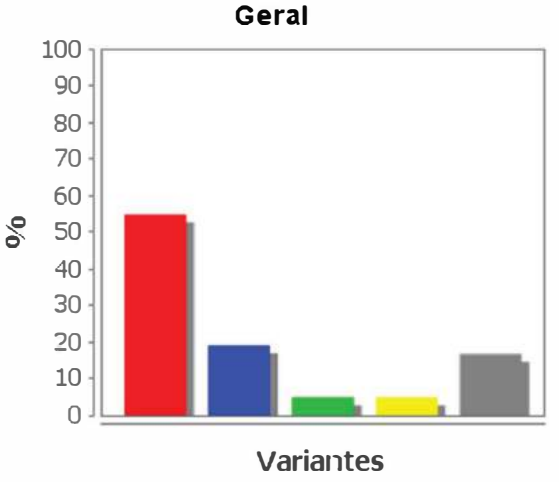



**Legenda**

- Pira
- Mancha/ Manja
- Do trisca
- Manja-pega
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L169
# PAPAGAIO

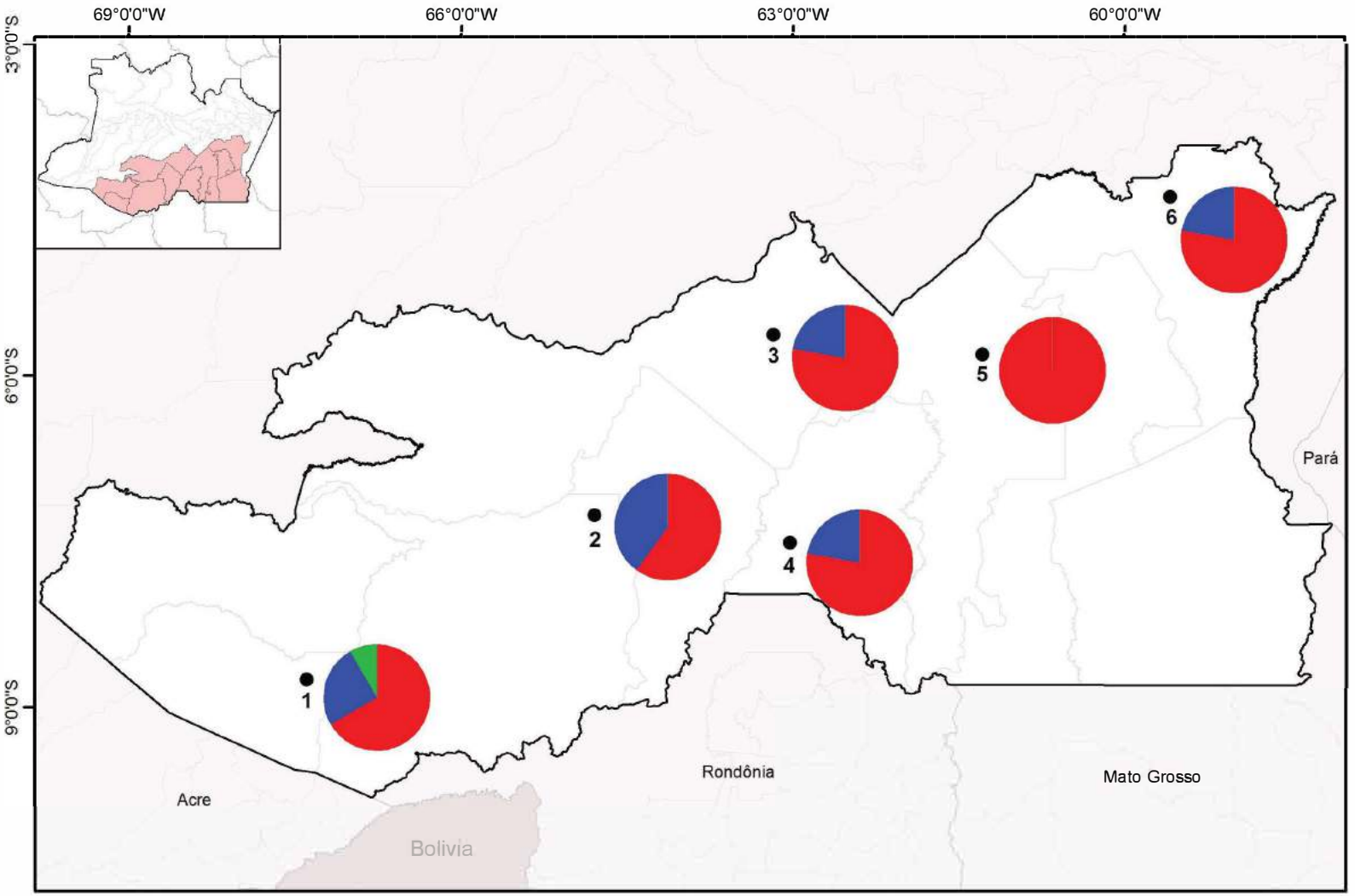
**Meio Antrópico: Relações Sociais (Festas e divertimentos) – QSL-189:** Qual o nome do brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

**NOTAS:**

1. MA02 (Boca do Acre): **Pepeta**, **pipa**, **papagaio**, o pessoal chama também, né, papagaio, pepeta, pipa.
2. MB01 (Boca do Acre): É a **pipa** que chama aqui de **papagaio**.
3. MB02 (Tapauá): É a **pipa**, **papagaio**, né, a gente chama aqui papagaio.
4. HA02 (Humaitá): **Pipa**. Pra lá pro Sul é pipa, aqui é **papagaio** mesmo.
5. HB01 (Borba): **Pipa**, **papagaio**.

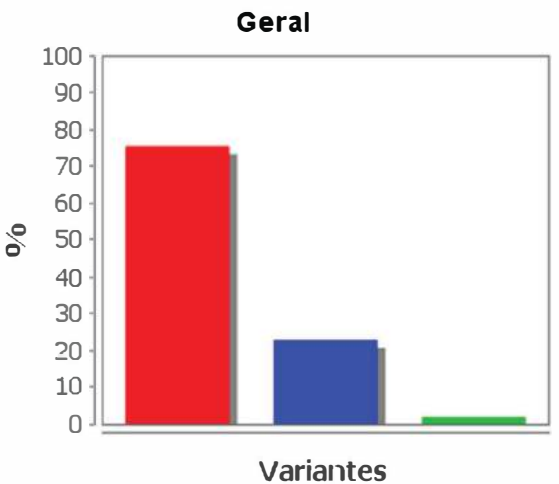
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L169 - Papagaio

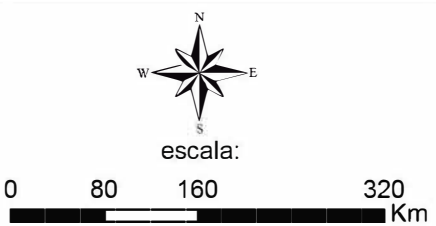



**Legenda**

- Papagaio
- Pipa
- Pepeta




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L171
# ACESA

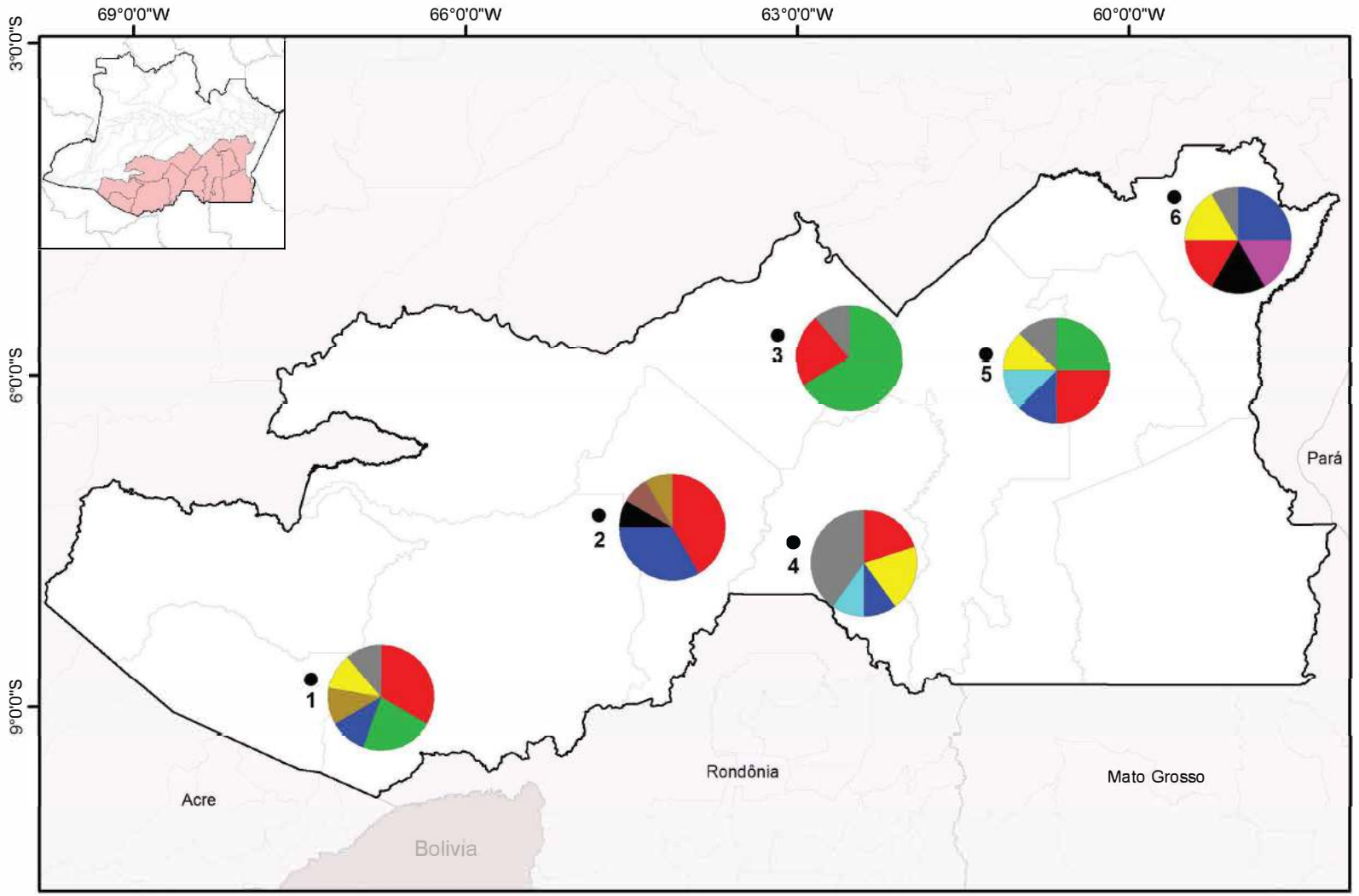
**Meio Antrópico: Expressões populares – QSL-191:** Como se chama uma menina que é danada, travessa e cedo quer namorar?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA02 (Manicoré).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HA02 (Boca do Acre): **Sapeca** (risos), enxerida; MA01 (Humaitá): **Arteira**; HB02 (Humaitá): **Namoradeira**; MB01 (Humaitá): Assanhada, **oferecida**; HA02 (Humaitá): **Perigosa**; MB01 (Borba): "ah, essa menina ela é... como eu posso dizer, ela é **levada**, ela já quer namorar" (...).
3. MB02 (Boca do Acre): É a menina **quente**, menina sapeca.
4. MB02 (Lábrea): Essa menina tá muito **acesa**, tá muito **danada**, tá muito **periguete**, tanta coisa.
5. HA02 (Tapauá): **Enxerida**.
6. MA02 (Humaitá): Muito **danada**, muito **peralta**, né?
7. MB02 (Manicoré): **Assanhada**.
8. MA02 (Borba): Muito **arretada**, **assanhada**, que ela é **danada**, né?
9. MB01 (Borba): (...) Ai, é porque a gente sempre diz muita coisa, né? "Ah que essa menina é **saliente**, ela já quer namorar", "ah, essa menina ela é... como eu posso dizer, ela é levada, ela já quer namorar". A vovó ela já diz umas coisas mais amplas, né. Só que ela diz muito palavrão e aí eu não posso te dizer.
   INQ. – Pode sim, não tem problema (risos).
   MB01 (Borba): (risos) não vou dizer não (risos). Mas nem a pau eu digo!
   INQ.: Então tá.
   MB01 (Borba): Ah a gente diz assim... assanhada. "Essa cunhantã ela é **assanhada**, ela já quer namorar". A mamãe diz assanhada, né. Quando eu comecei a namorar ela dizia isso.

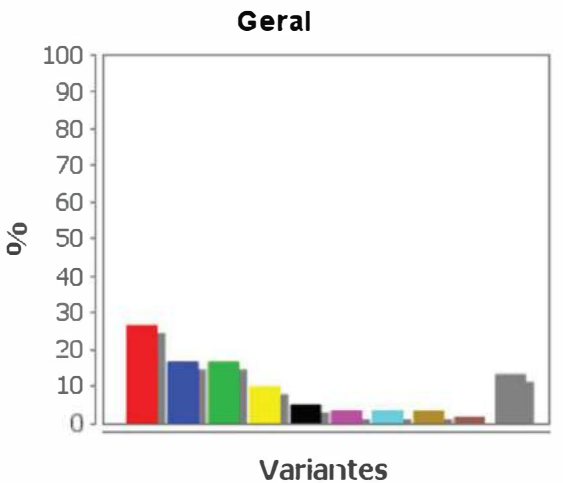
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L171 - Acesa

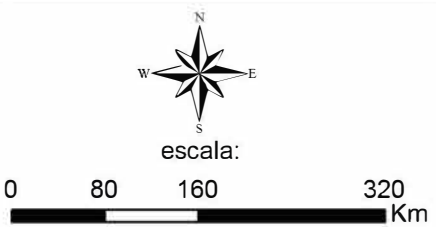



**Legenda**

- Acesa
- Danada
- Enxerida
- Assanhada
- Arretada
- Saliente
- Peralta
- Quente
- Periguete
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L172
# APRESSADO (AVEXADO)

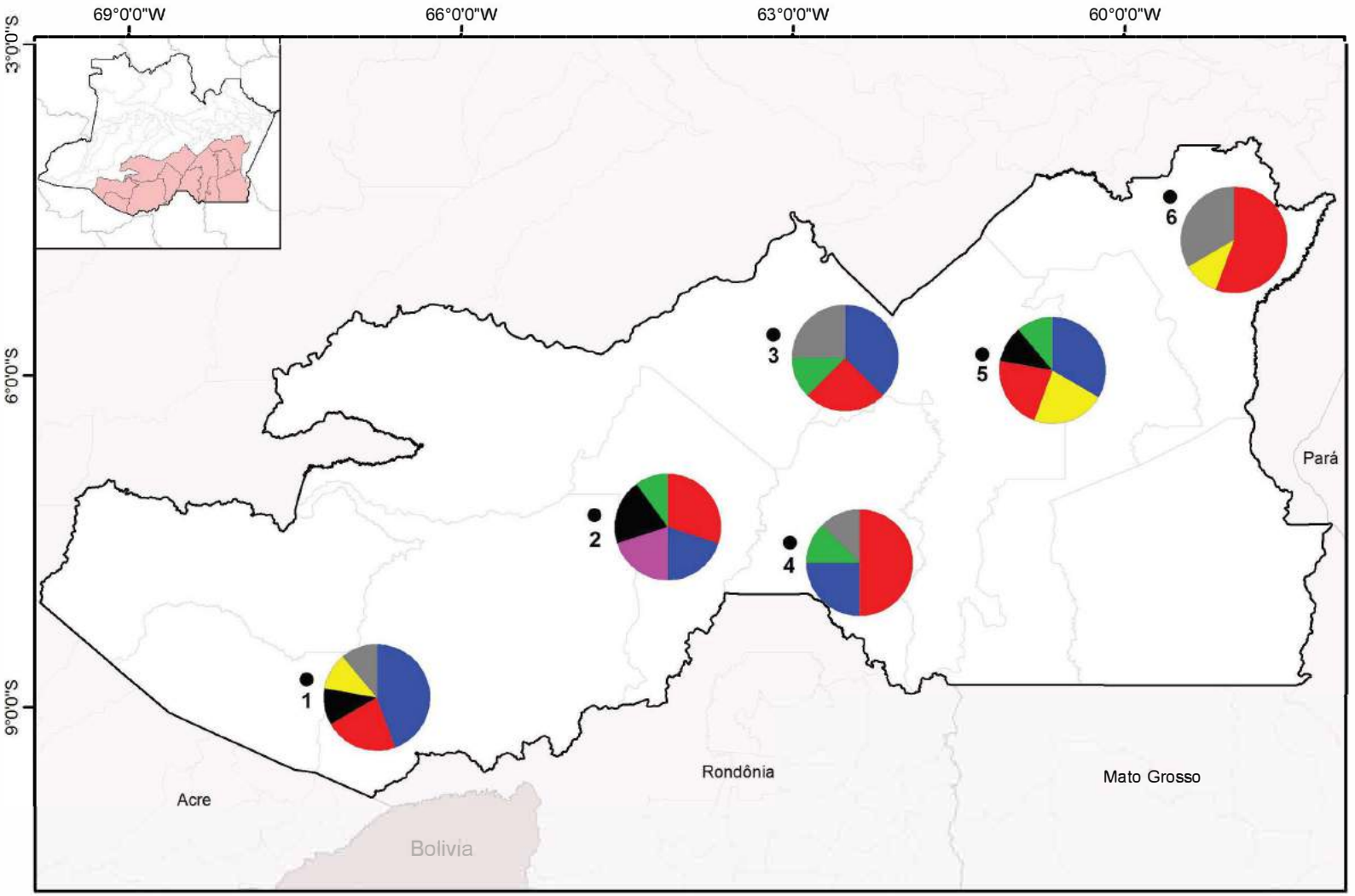
**Meio Antrópico: Expressões populares – QSL-192:** Qual o termo usado para se dizer que uma pessoa está com muita pressa?

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: MA02 (Boca do Acre): **Rápido**; HB01 (Tapauá): **Como uma bala** (risos); HB02 (Tapauá): **Na carreira**, né; HA01 (Humaitá): **Agoniado**; HA01 (Borba): **Desesperado**; HB01 (Borba): Passou **chutado**, passou voado; MA01 (Borba): **Na levada**.
2. MB01 (Boca do Acre): Passou **voado**, passou **avexado**.
3. HB01 (Lábrea): Quando tá apressada? Tá **ligeira**. (...) **Correndo**.
4. HA01 (Tapauá): **Apressado**.
5. HB02 (Humaitá): Muito **afobado**.
6. MB01 (Manicoré): Passou **voando**.
7. MA02 (Borba): **Apressada**.

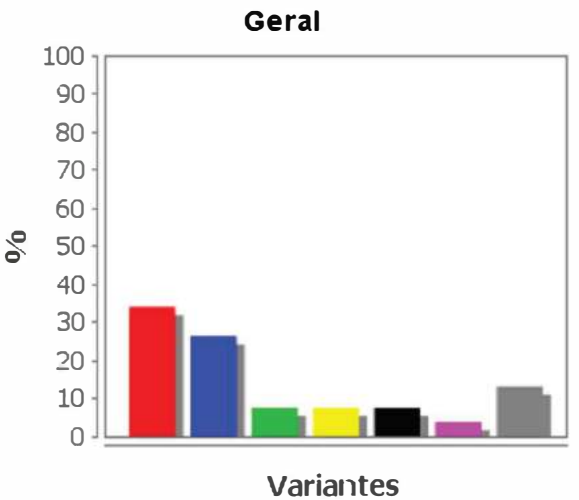
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L172 - Apressado (Avexado)

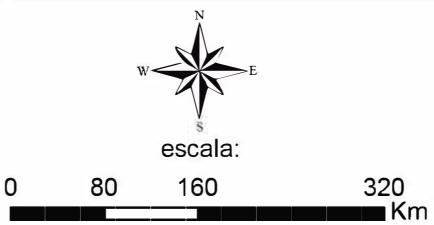



**Legenda**

- Apressado
- Avexado
- Afobado
- Voado/ Voando
- Ligeiro
- Correndo
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L173
# ENTUPIDO

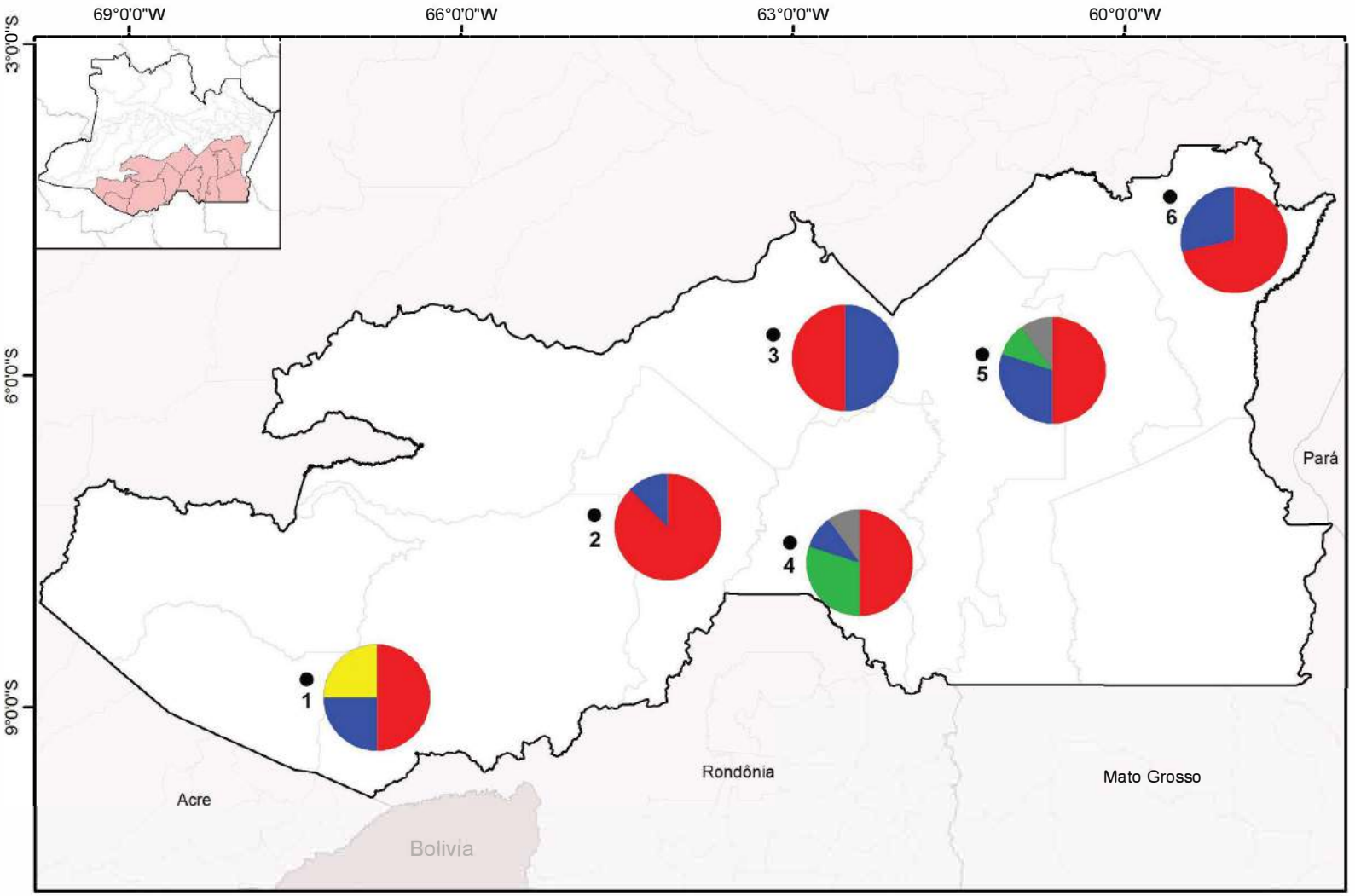
**Meio Antrópico: Expressões populares – QSL-193:** Qual a palavra que vocês usam para indicar que uma pessoa não está conseguindo ir ao banheiro para fazer cocô. Que tem problemas para conseguir ir ao banheiro todos os dias?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02 (Lábrea) e MA01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB02 (Humaitá): Prisão-de-ventre. **Aperreado**; HB02 (Manicoré): '**Morroida**.
3. HA02 (Boca do Acre): **Empachada**.
4. MB02 (Lábrea): Ah **prisão-de-ventre**. (...) Ah, fulano tá **entupido**?
5. MB01 (Humaitá): Tá **entupido**, tá **ressecado**.
6. HA02 (Manicoré): Ah, **prisão-de-ventre**, tá **entupido**.

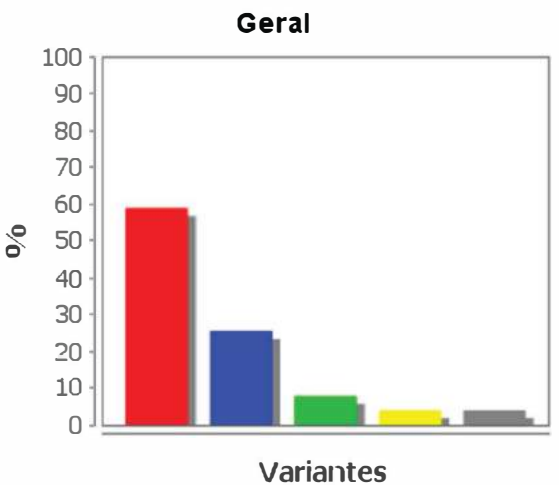
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L173 – Entupido

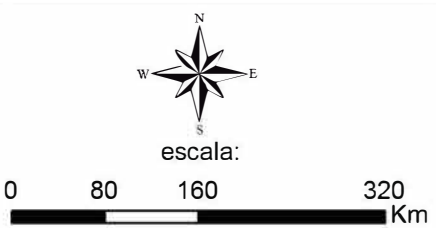



**Legenda**

- Entupido
- Prisão de ventre
- Ressecado
- Empachado
- Outros



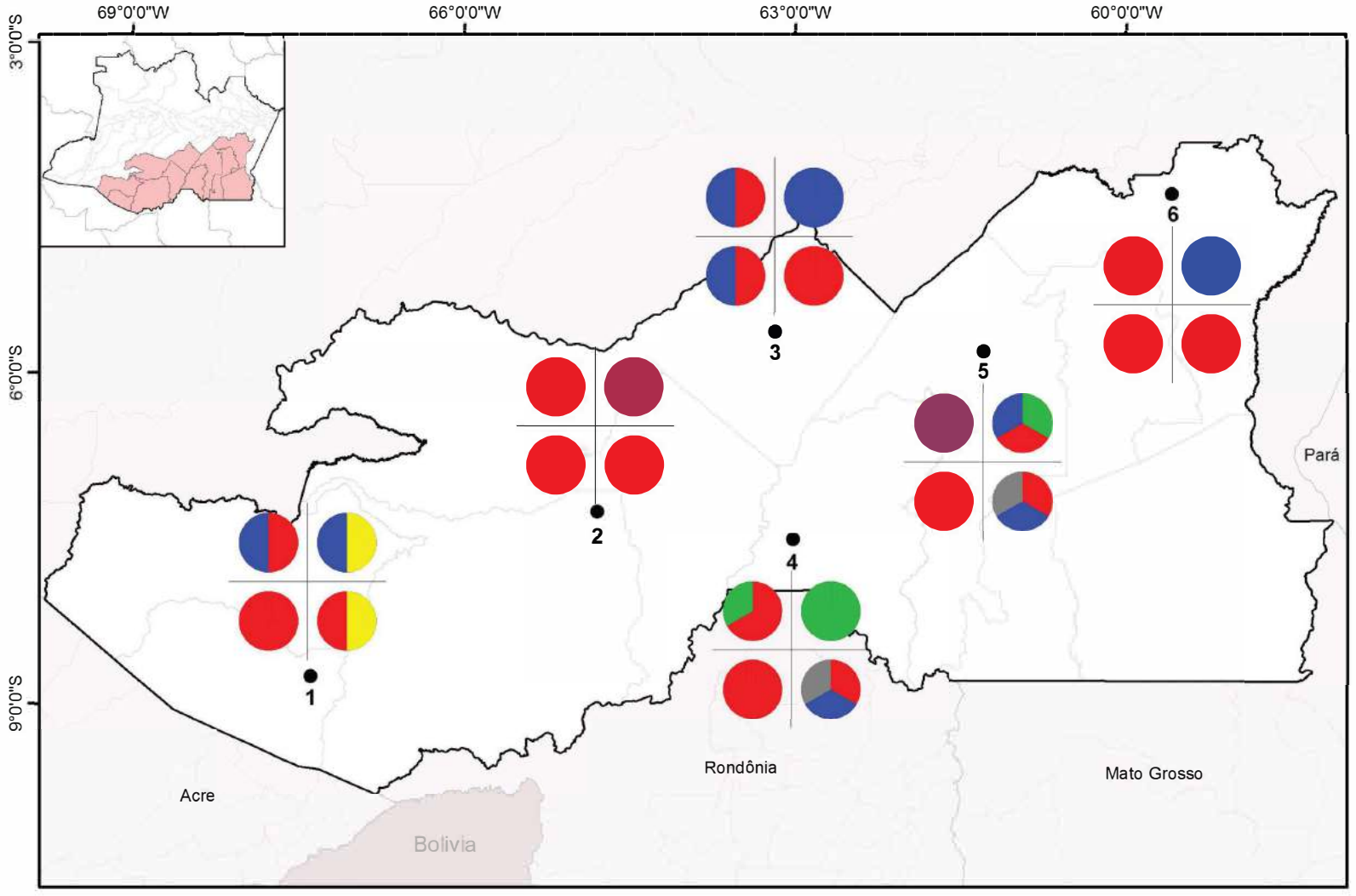

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L173a – Entupido - Distribuição por sexo e idade

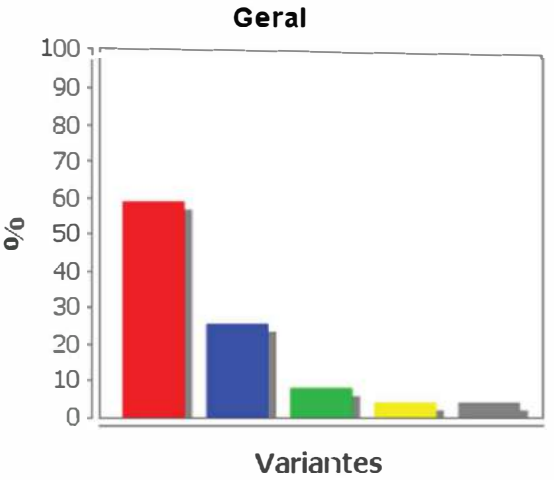



**Legenda**

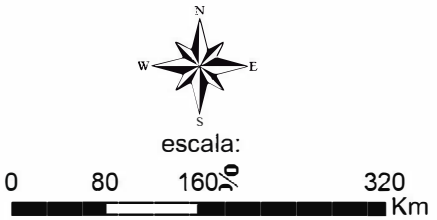
- Entupido
- Prisão de ventre
- Ressecado
- Empachado
- Outros

① ② ③ ④

1: Feminino - 20 a 35 anos
2: Feminino - 50 a 65 anos
3: Masculino - 20 a 35 anos
4: Masculino - 50 a 65 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L174
# FOFOQUEIRO

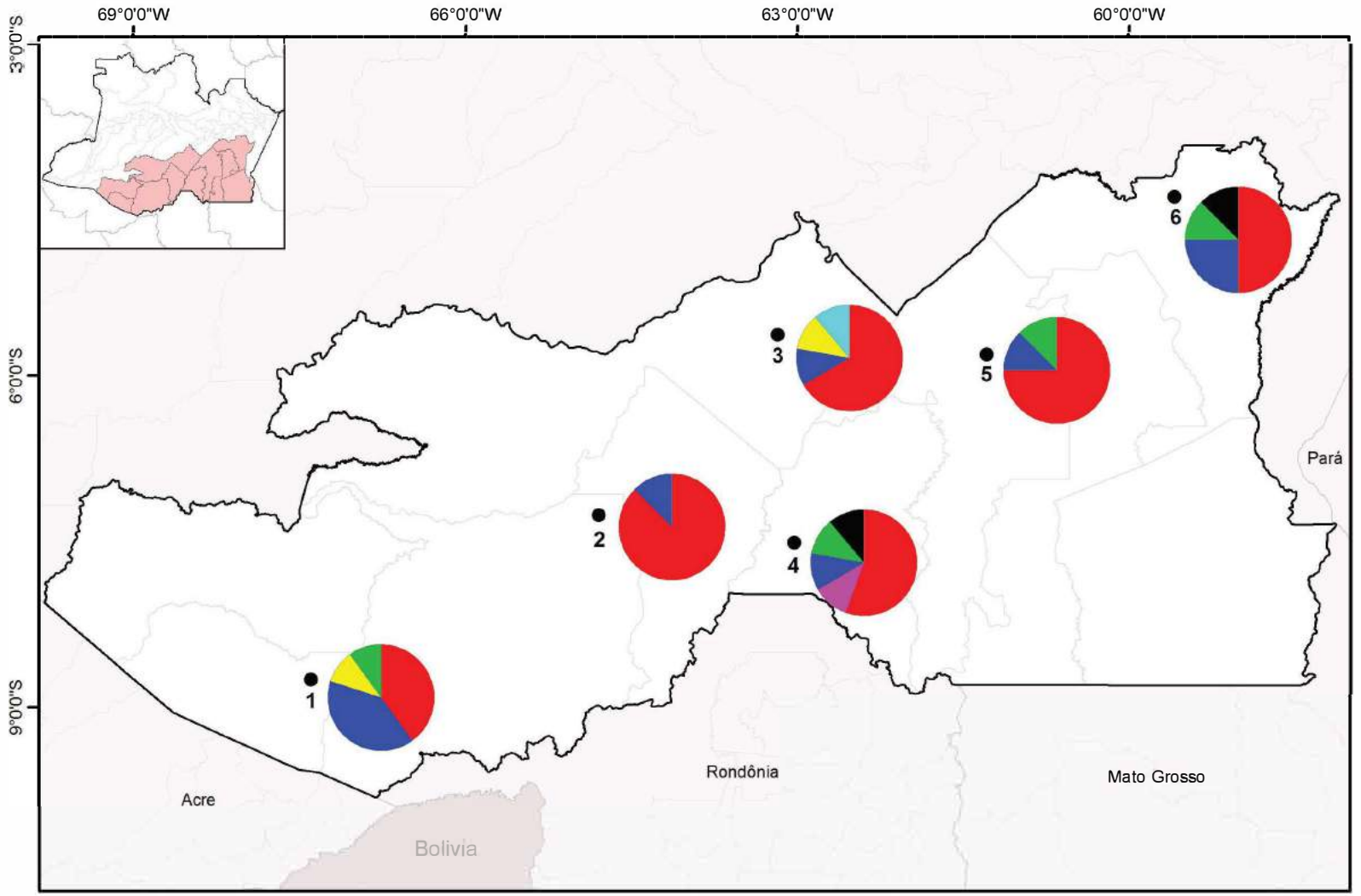
**Meio Antrópico: Expressões populares – QSL-194:** Como se chama aquela pessoa que gosta de fazer intrigas, falar mal da vida dos outros?

**NOTAS:**

1. HB01 (Boca do Acre): É **encrenqueiro**, né? **Fofoqueiro**, né?
2. HA02 (Lábrea): **Fuxiqueira**.
3. MA02 (Tapauá): **Confuseiro**, **barraqueiro**, né, que se incomoda com tudo, né?
4. MB02 (Humaitá): **Mexeriqueiro**, **fofoqueiro**.
5. MA02 (Manicoré): **Fuxiqueiro**.
6. HB02 (Borba): **Faladeira**.

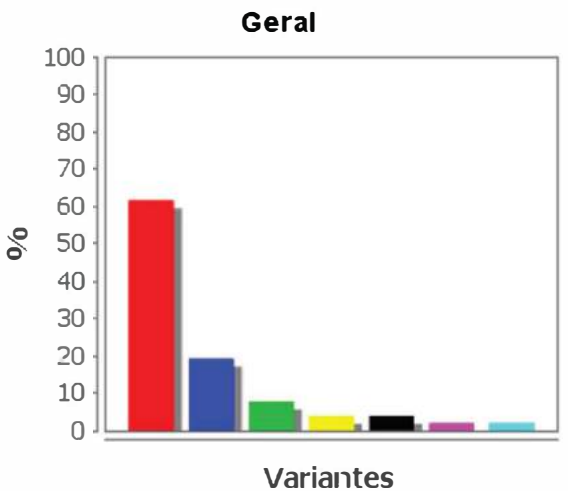
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L174 – Fofoqueiro

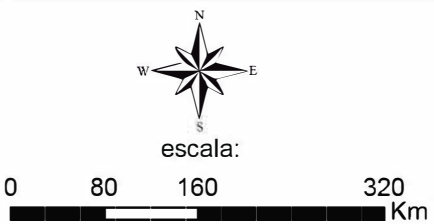



**Legenda**

- Fofoqueiro
- Fuxiqueiro
- Encrenqueiro
- Barraqueiro
- Faladeira
- Mexeriqueiro
- Confuseiro



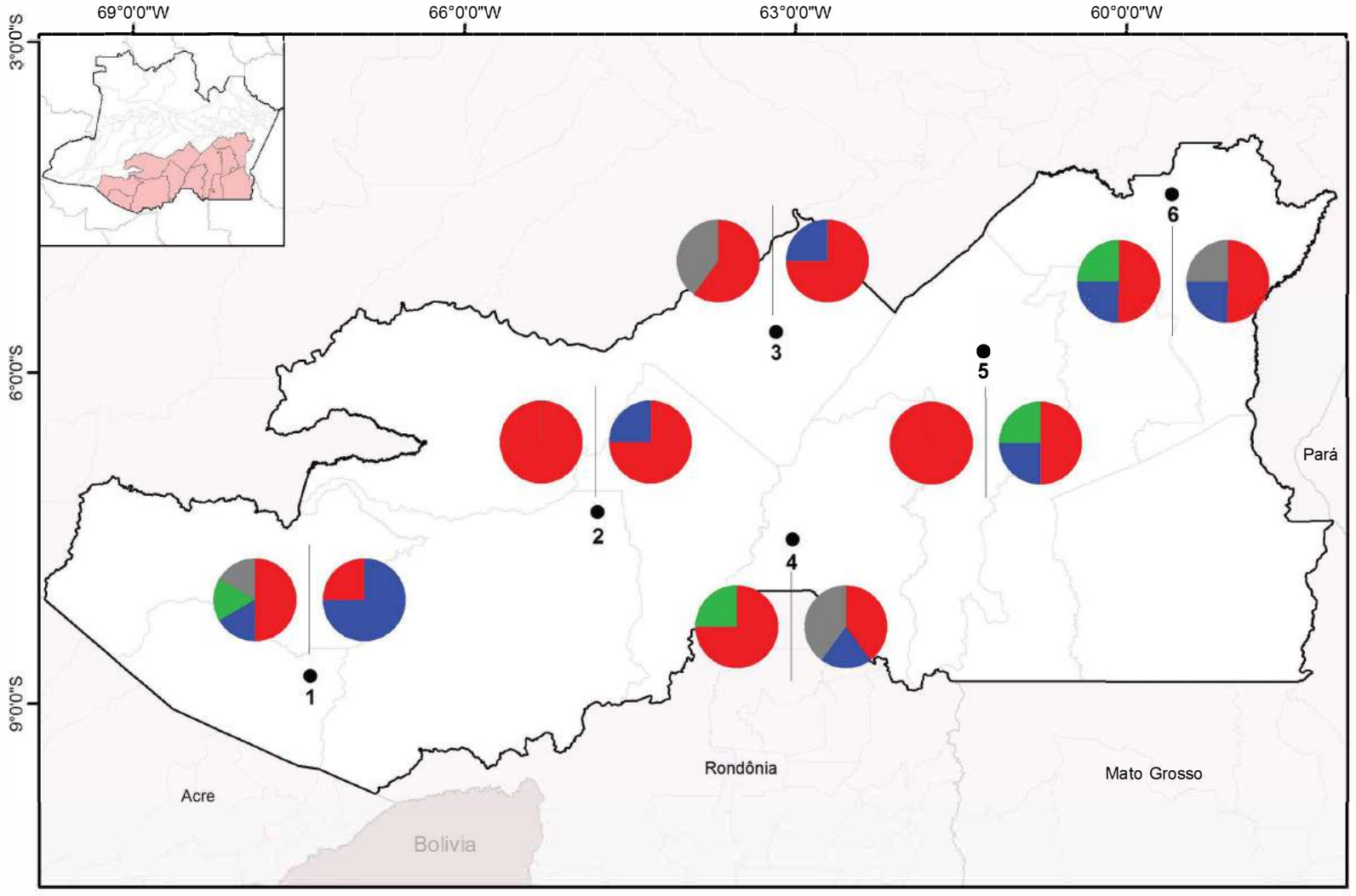

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L174a – Fofoqueiro - Distribuição por idade

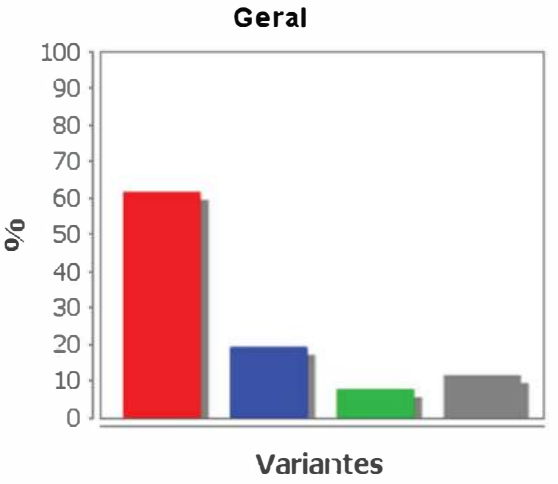



**Legenda**

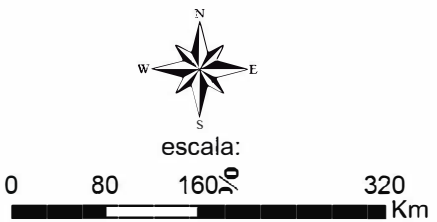
- Fofoqueiro
- Fuxiqueiro
- Encrenqueiro
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L175
# ENORME

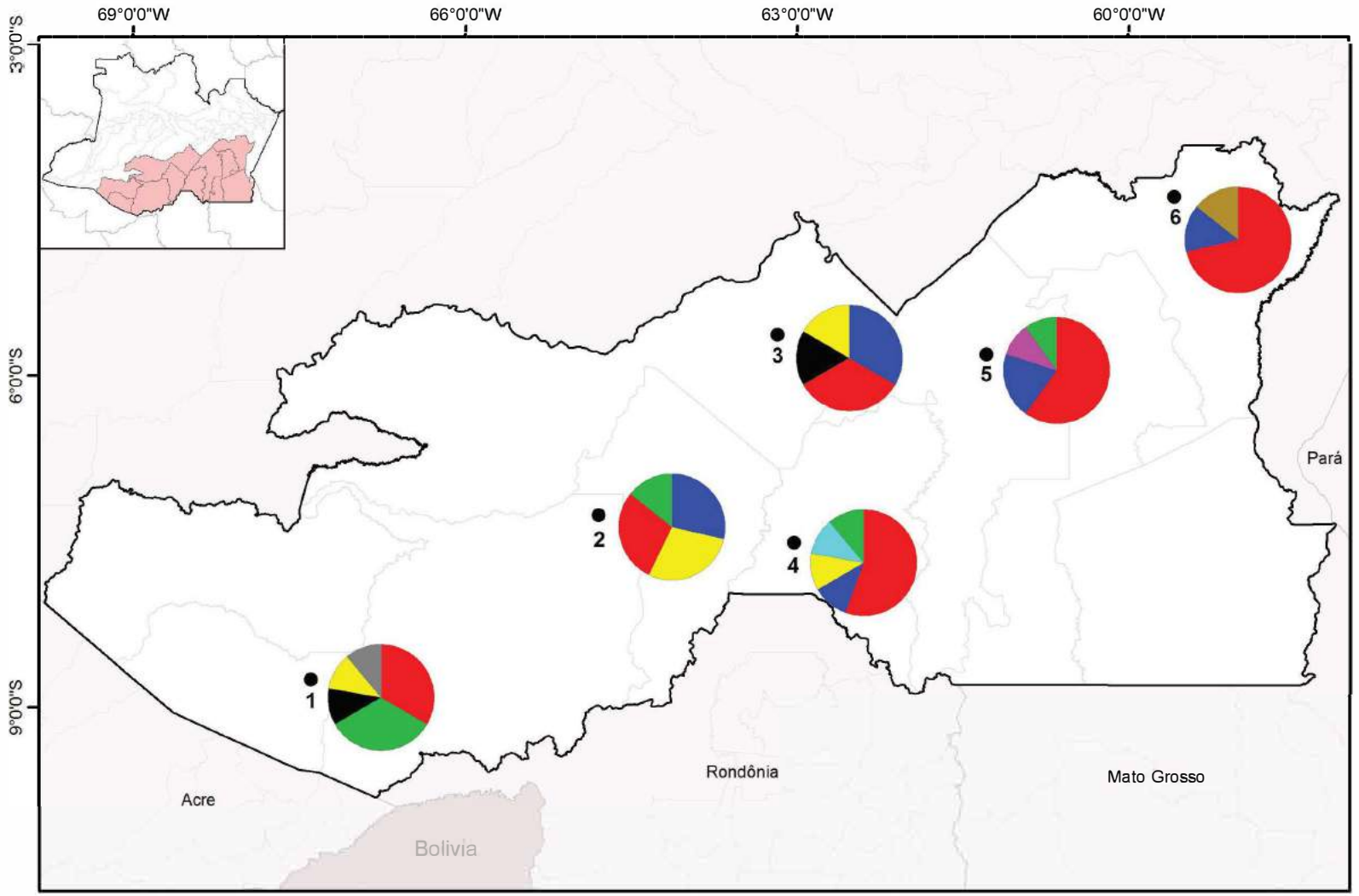
**Meio Antrópico: Expressões populares – QSL-195:** Algo bem grande?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Boca do Acre), HA02 (Lábrea); HA01 e HA02 (Tapauá) e HA02 (Borba).
2. OUTRA RESPOSTA: MB02 (Boca do Acre): **Ampla**. (...) Ela é bem ampla.
3. MB01 (Boca do Acre): Algo **grandão**, né?
   INQ.: Eu quero dizer dessa televisão que é grande. Ela é?
   MB01 (Boca do Acre): Ela é **maceta**, é uma **monstra**.
4. HA01 (Lábrea): Essa mesa é **grande**, é **grandona**.
5. MB01 (Tapauá): **Enorme**.
6. HA01 (Humaitá): **Medonho**. (...) É, é. Ela dá o cacho **maceta** e as bananas são compridas.
   INQ.: Um cacho maceta é o que?
   HA01 (Humaitá): Muito grande.
7. HB01 (Manicoré): **Enorme** ou **porruda**.
8. HA02 (Manicoré): **Grandona**, bem grande.
9. MA02 (Borba): É **imensa**, né.

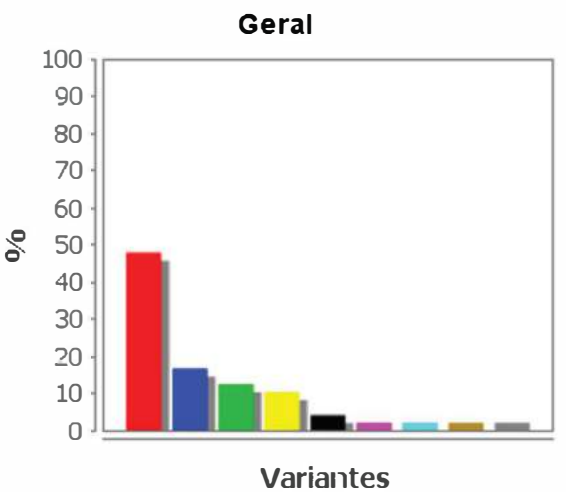
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L175 – Enorme

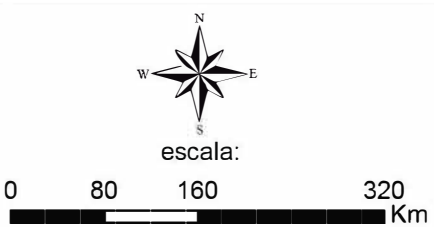



**Legenda**

- Enorme
- Grande
- Grandona/ Grandão
- Maceta
- Monstro
- Porruda
- Medonho
- Imensa
- Outros



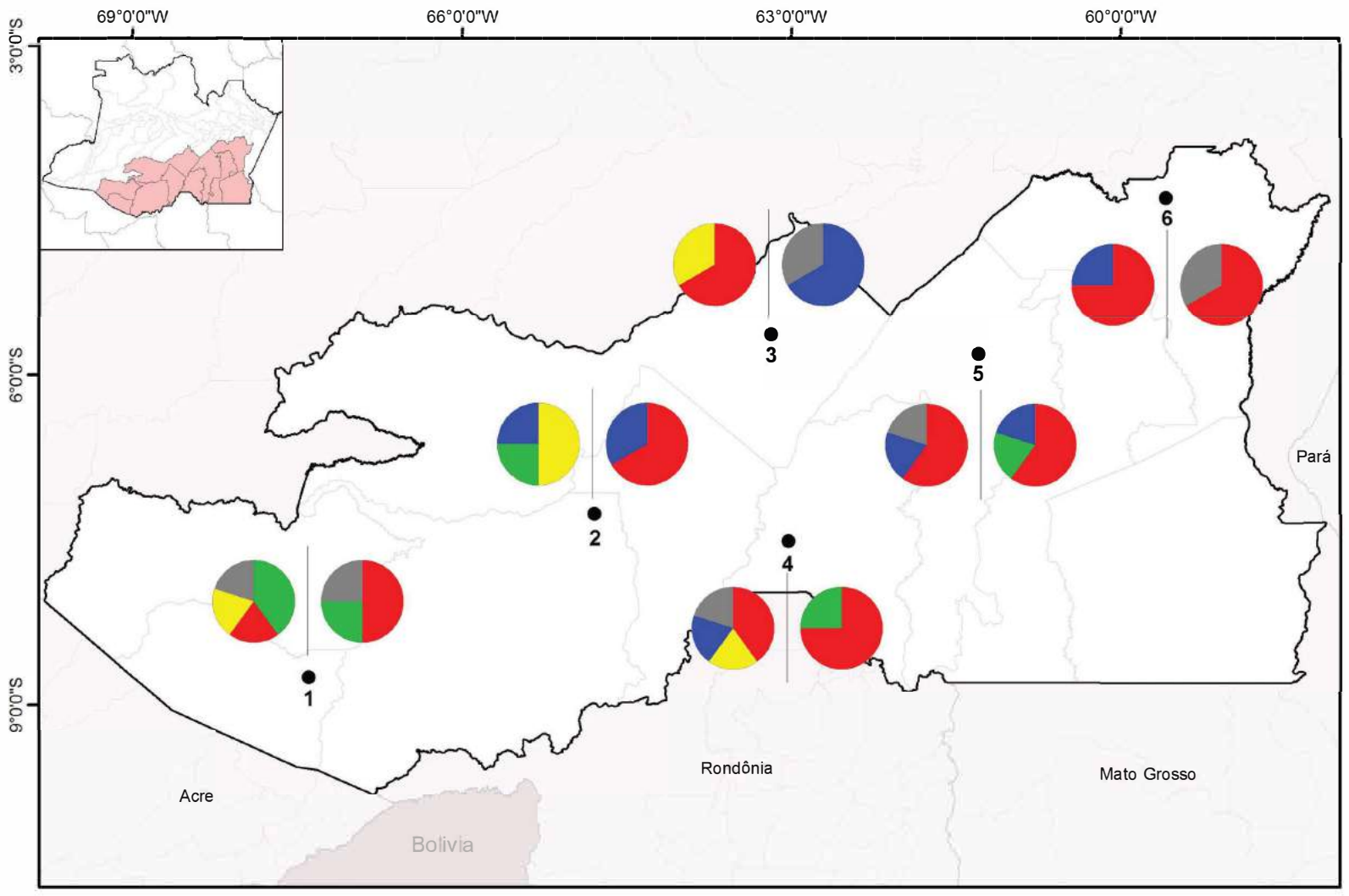

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L175a – Enorme - Distribuição por idade

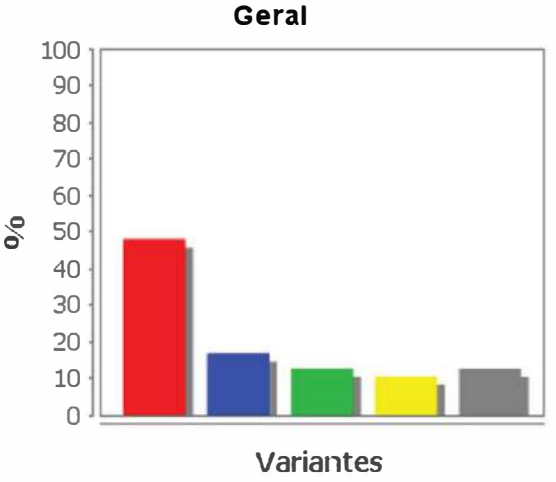



**Legenda**

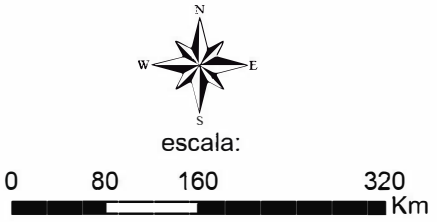
- Enorme
- Grande
- Grandona/ Grandão
- Maceta
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**



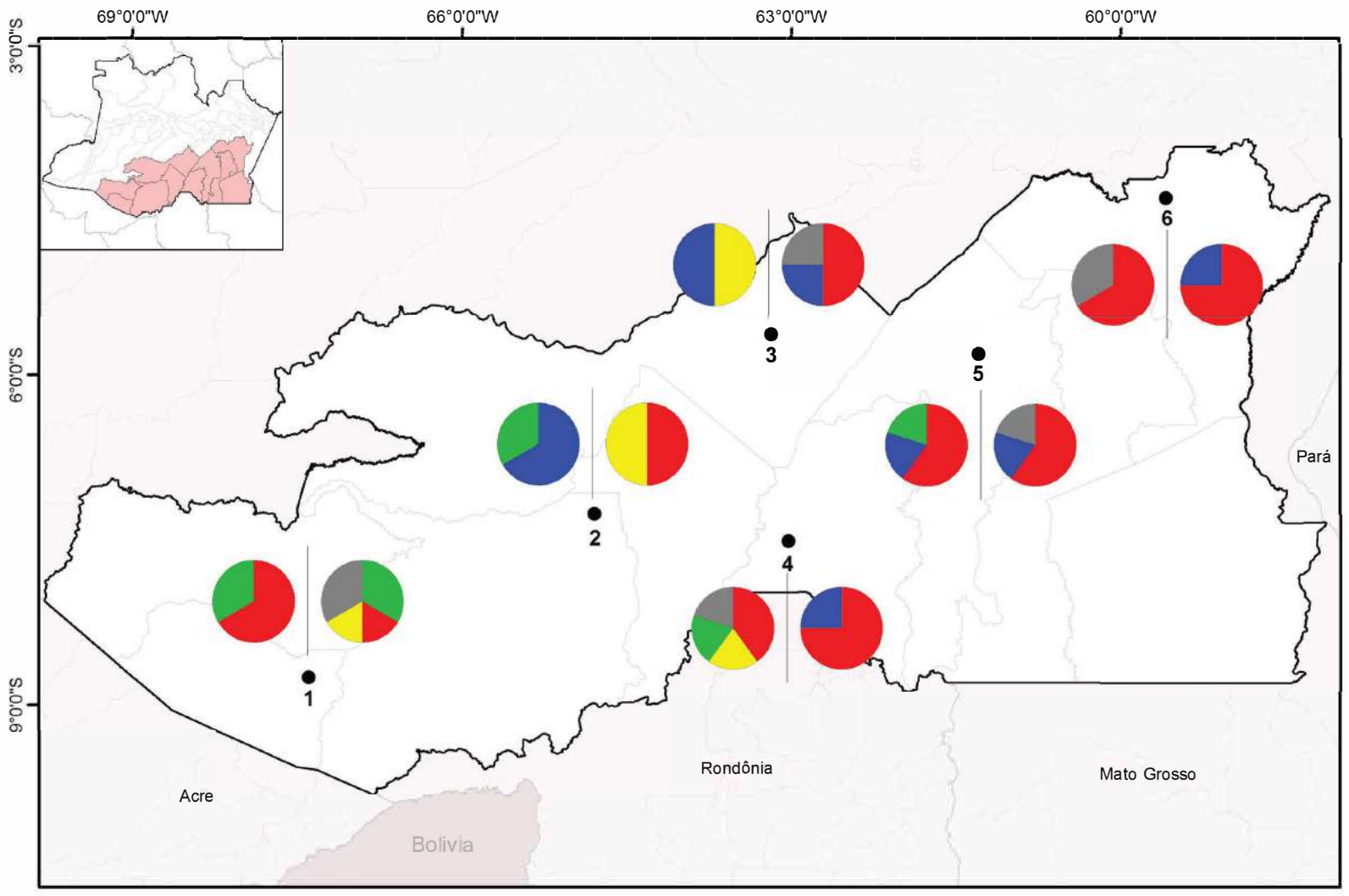

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L175b – Enorme - Distribuição por escolaridade

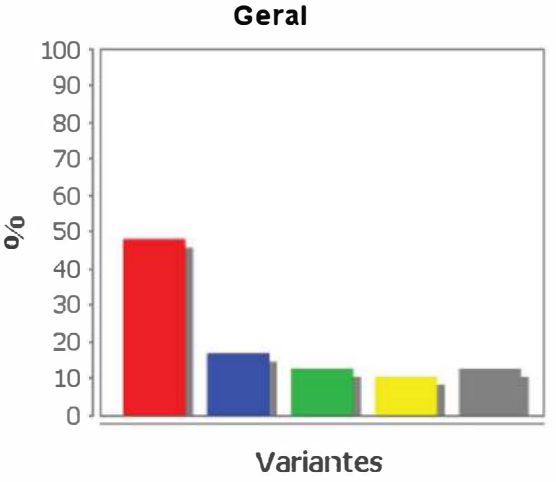



**Legenda**

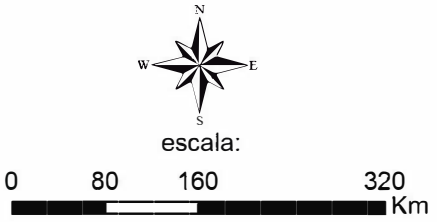
- Enorme
- Grande
- Grandona/ Grandão
- Maceta
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L176
# BESTA

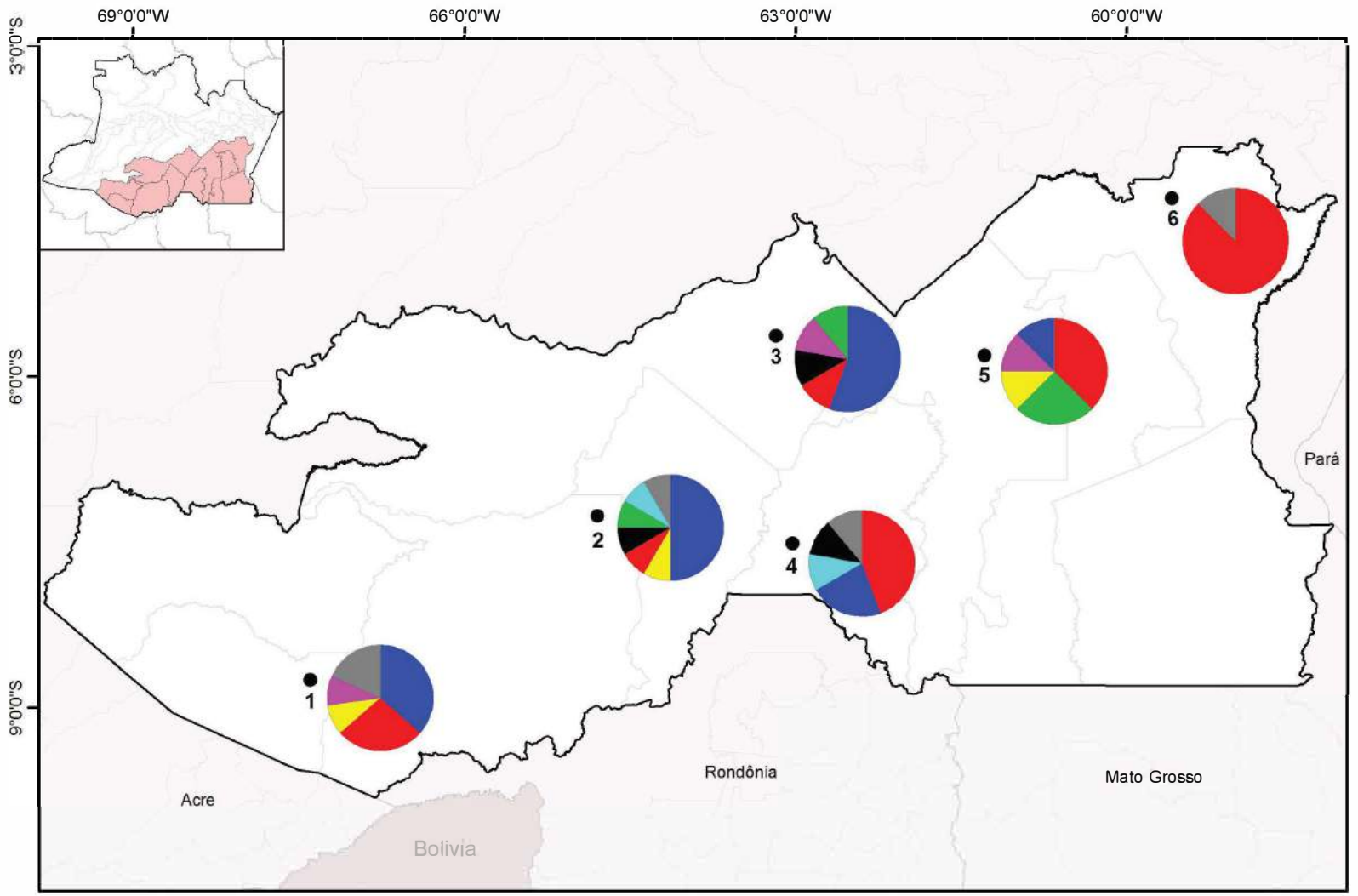
**Meio Antrópico: Expressões populares – QSL-196:** Como se chama uma pessoa que é boba?

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: HB02 (Boca do Acre): **Burra**? Besta; MB02 (Boca do Acre): **Otária**, pessoa otária, bobo; MB02 (Lábrea): Fulano é tão inocente, **bobinha**, fácil de se enganar; HA02 (Humaitá): "Rapaz, fulano é **matuto**, fulano é muito besta. Todo mundo engana ele"; MB01 (Borba): **lesada**.
2. MA01 (Boca do Acre): Nós aqui, o povo diz assim: " essa fulana é muito **lesa**, muito **besta**, todo mundo engana".
3. MB02 (Lábrea): Fulano é tão **inocente**, bobinha, fácil de se enganar.
4. MB02 (Tapauá): É **boba** mesmo.
5. MB02 (Humaitá): **Tola**.
6. HA01 (Manicoré): **Lerda**.
7. HA02 (Manicoré): **Abestado**.
8. MA01 (Borba): **Besta**.

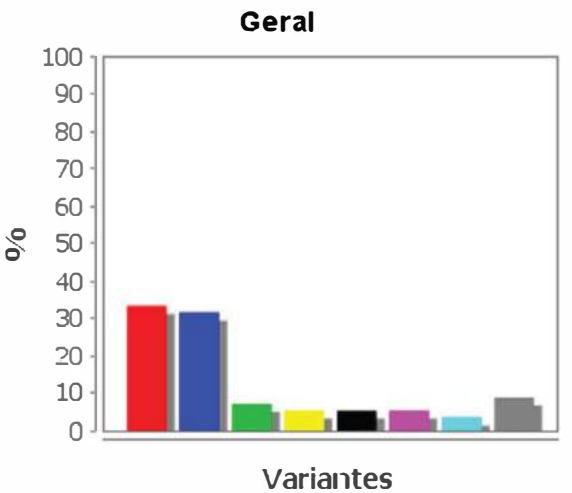
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L176 – Besta

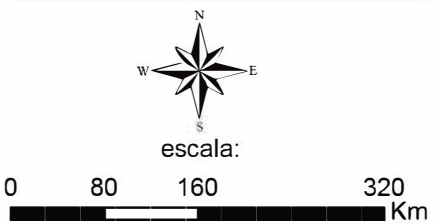



**Legenda**

- Besta
- Lesa
- Abestada
- Lerda
- Tola
- Boba
- Inocente
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L177
# SINAL

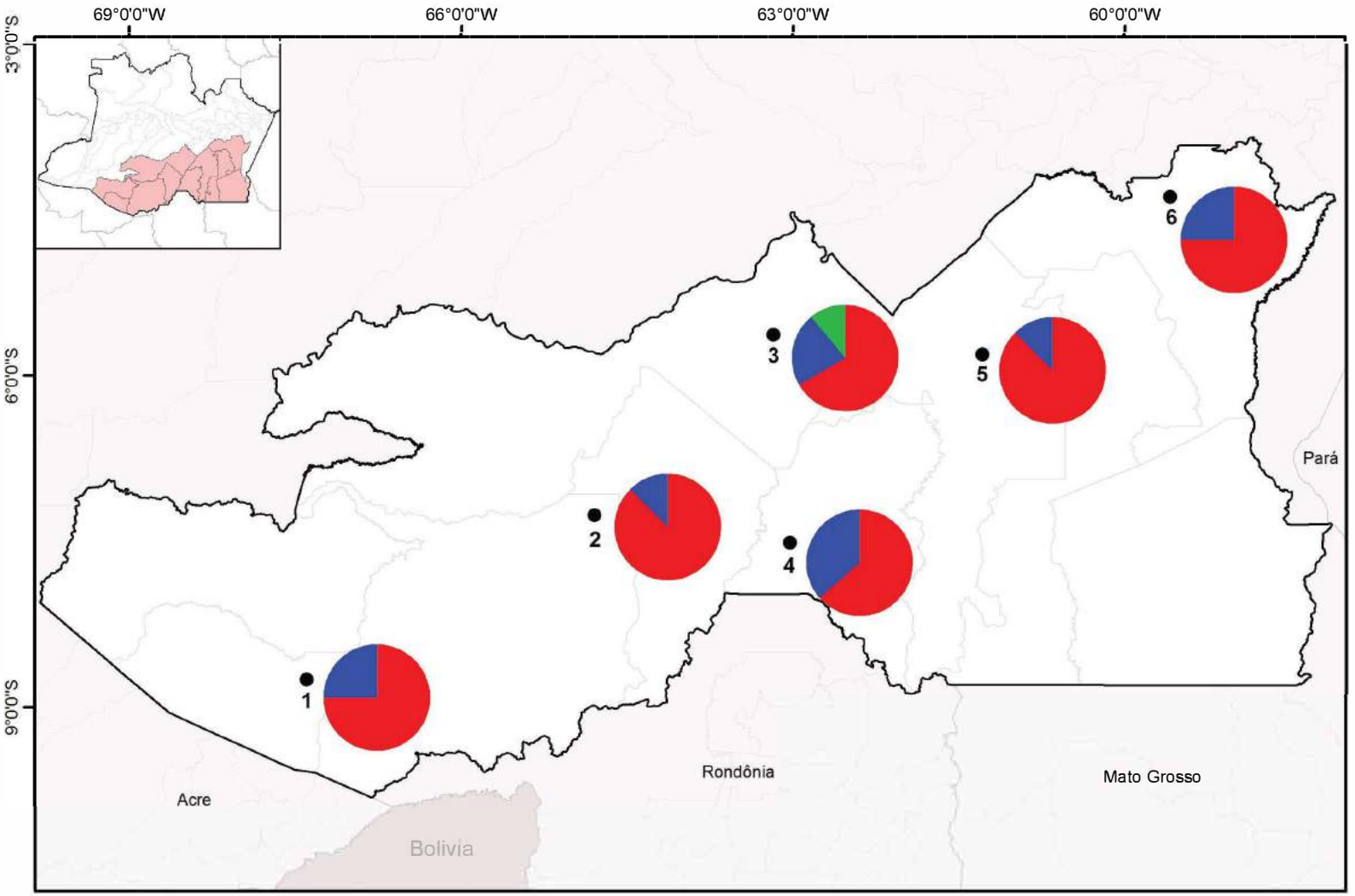
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-197:** Como se chama uma pessoa que é boba?

**NOTAS:**

1. HB01 (Lábrea): **Sinal**.
2. MA01 (Tapauá): É **parada**, né? Não é não. (...) É parada, lá em Manaus tem não, parada de ônibus, parada dos carros, que é pra pessoa atravessar e quando atravessa continua de novo. (...) É parada, que aqui não tem, aqui é tudo por conta do epa.
3. MA02 (Tapauá): Ah, é o **semago**, como é o nome, **sinal**, né, é o **sinal de trânsito**.
4. HB02 (Humaitá): Nós chamamos de **sinal** aqui, mas o nome técnico é **semáforo**. Sinal.
5. HB02 (Manicoré): E o... como é, meu Deus? **Semógrafo**.

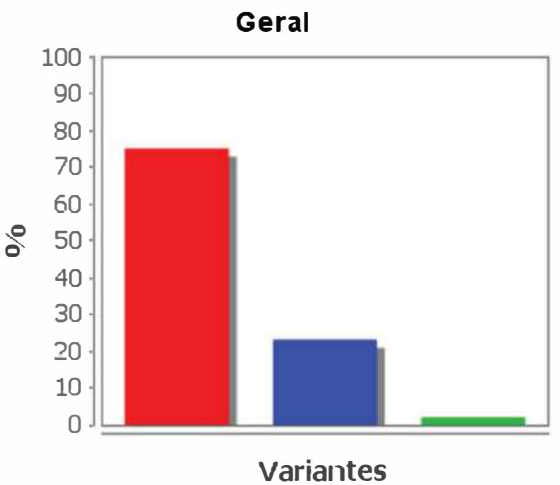
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L177 - Sinal




**Legenda**

- Sinal/ Sinal de trânsito
- Semago/ Semáforo/ Semógrafo
- Parada




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L178
# QUEBRA-MOLAS

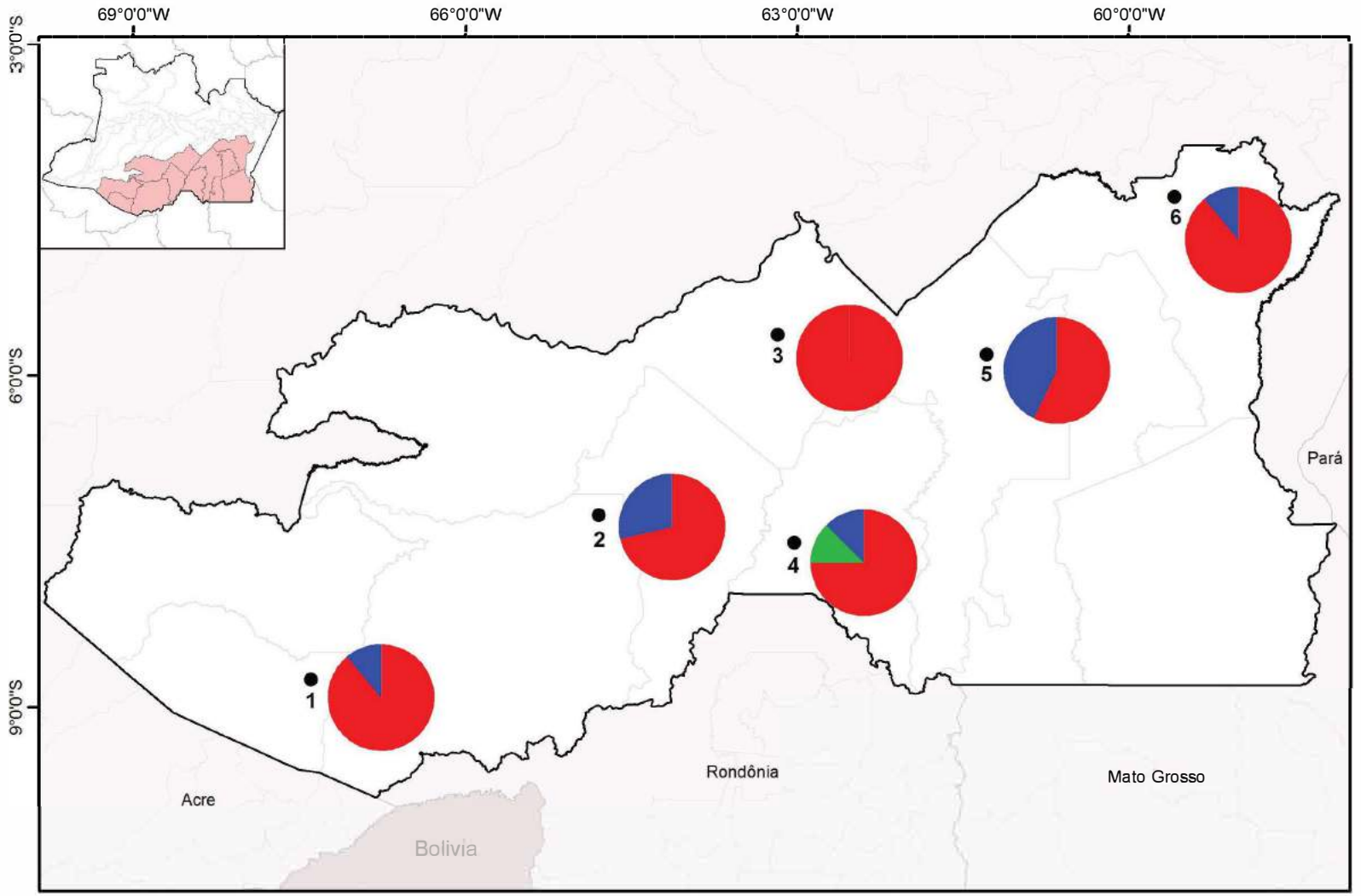
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-198:** E aquela elevação colocada no meio da rua para que os carros diminuam a velocidade?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Lábrea) e MA01 e MB01 (Manicoré).
2. HB02 (Boca do Acre): É **lombada** e **quebra-mola**.
3. HB02 (Tapauá): É o **quebra-mola**, quebra-mola.
4. MA02 (Humaitá): **Lombo**.
5. HB01 (Borba): **Lombada**, é **quebra-mola**.

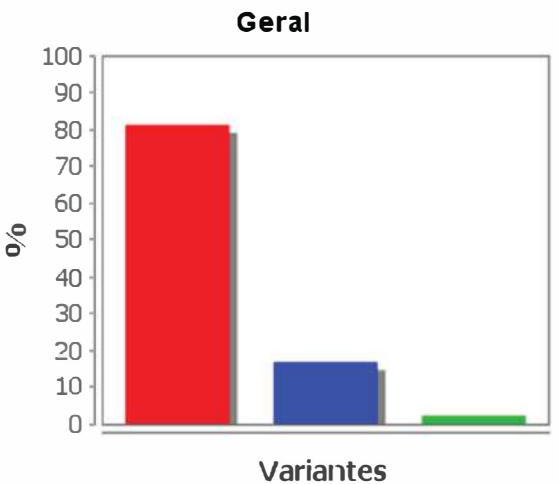
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L178 - Quebra-molas

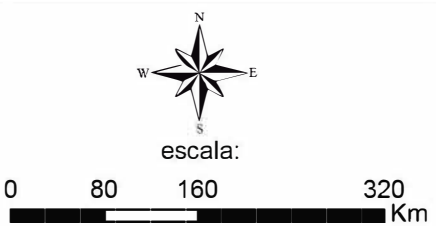



**Legenda**

- Quebra-mola
- Lombada
- Lombo




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L179
# CALÇADA

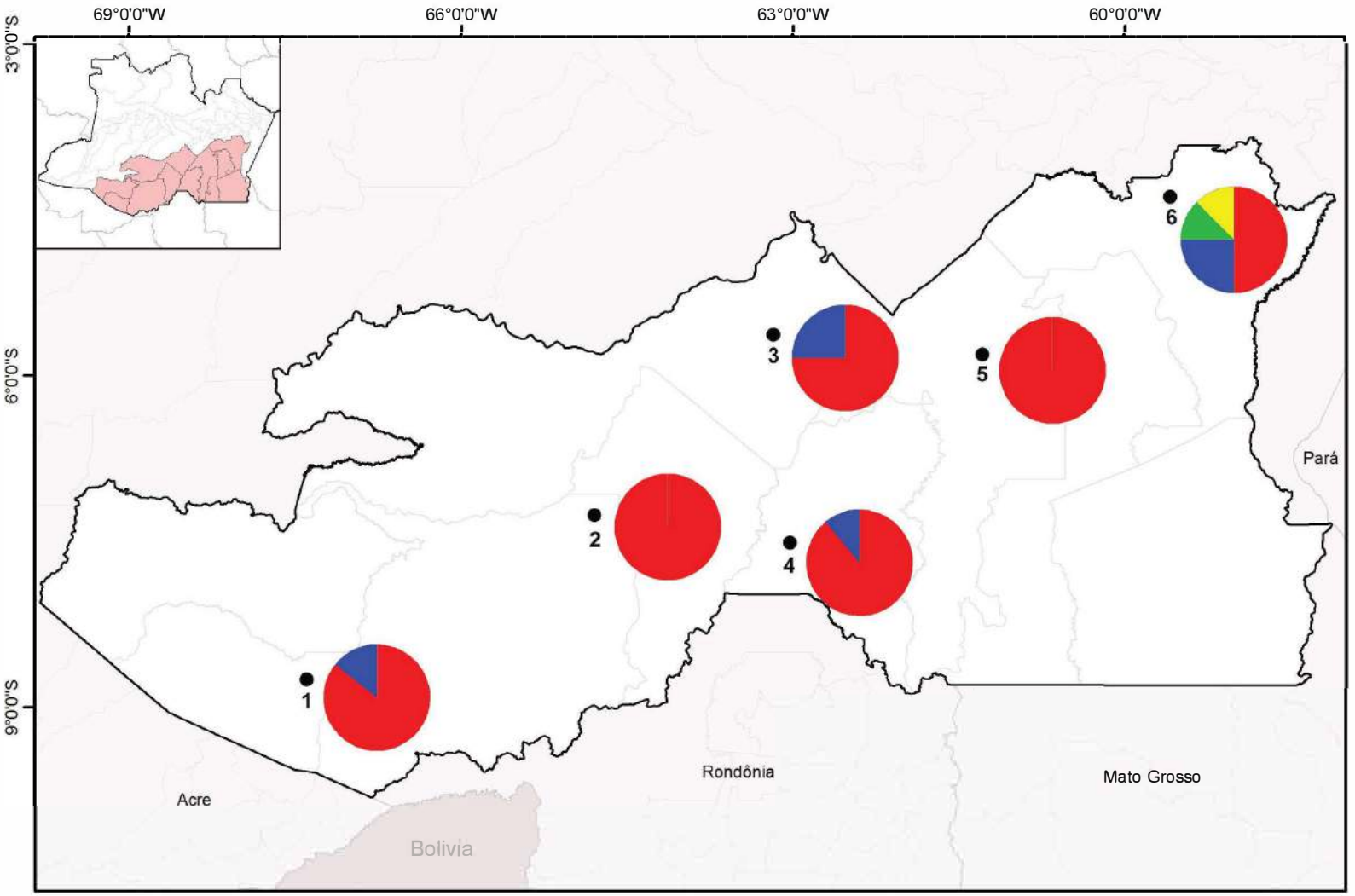
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-199:** Na cidade, os carros andam nas ruas. E as pessoas, onde andam?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA02 (Boca do Acre) e MB02 (Lábrea).
2. MA02 (Lábrea): Na **calçada**.
3. HB02 (Tapauá): **Calçada**.
4. MA02 (Humaitá): **Meio-fio**.
   INQ.: Aqui está faltando, né? O que é?
   MA02 (Humaitá): **Calçada**.
5. HB01 (Borba): Pelo **meio-fio**.
   INQ.: O que é o meio fio?
   HB01 (Borba): O meio-fio é tipo a praça só que tem rua que tem só um metro de... desse negócio aqui. É isso que é o meio-fio.
6. MA02 (Borba): Tem a rua e tem essa... **Sarjeta**?
7. MB02 (Borba): Andam no **calçadão**.

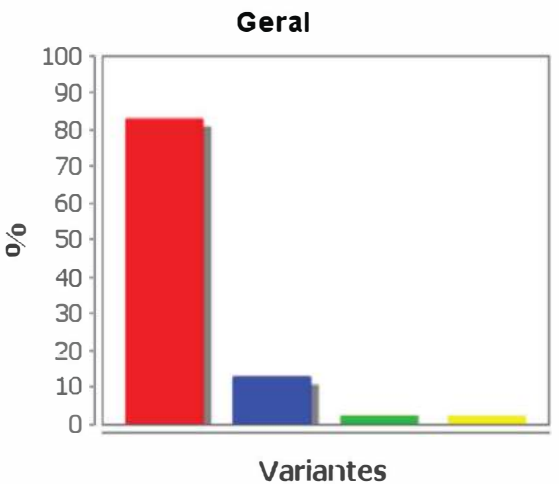
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L179 - Calçada

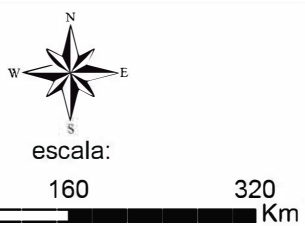



**Legenda**

- Calçada
- Meio-fio
- Sarjeta
- Calçadão




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L181
# BOLA

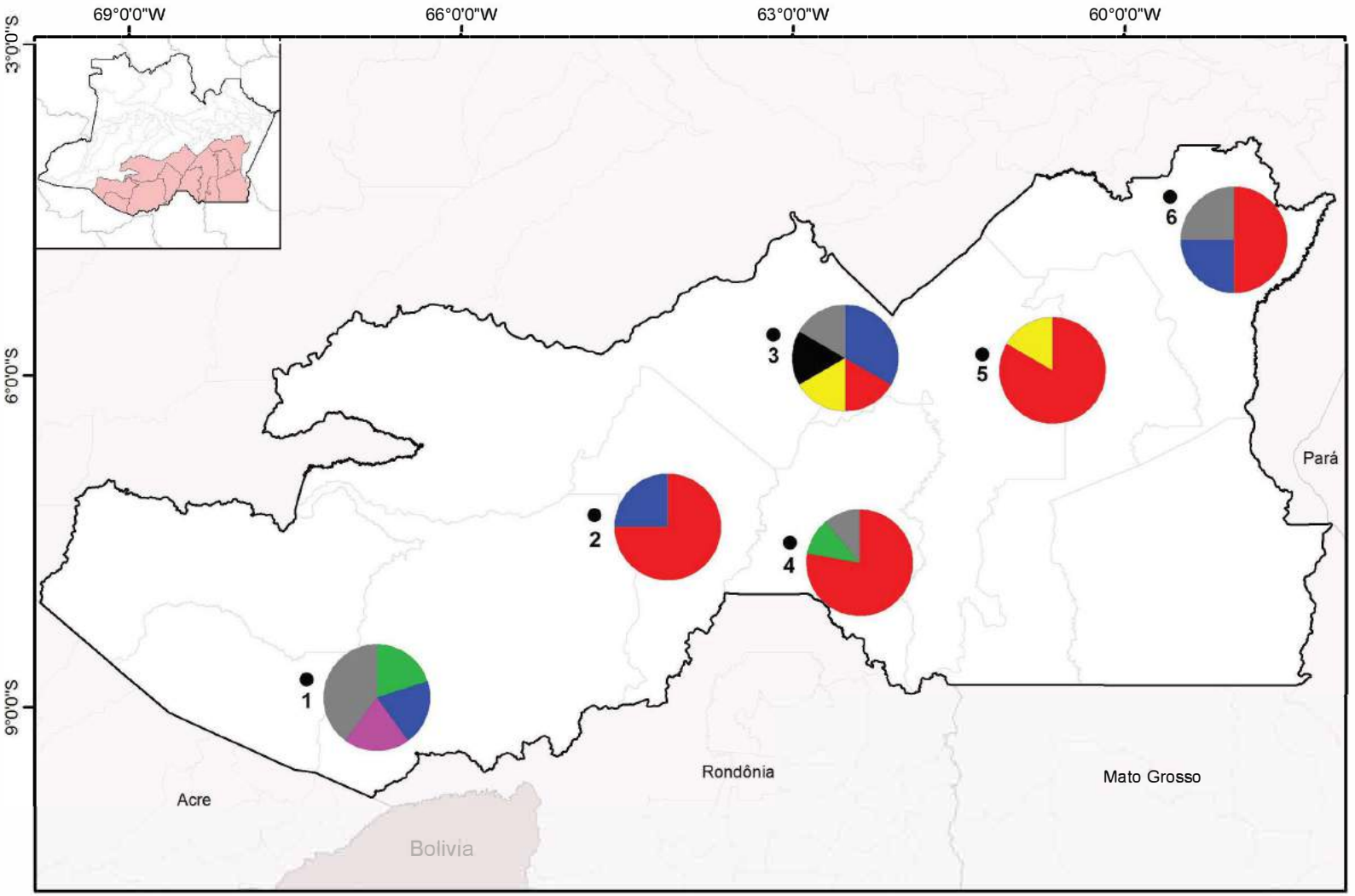
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-201:** Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA01, MA01 e MA02 (Boca do Acre); HA02, MA02, MB01 e MB02 (Lábrea); HA02, HB01 e MB01 (Tapauá); MA01 e MA02 (Manicoré) e HA02, MA01, MA02 e MB01 (Borba).
2. OUTRAS RESPOSTAS: HB01 (Boca do Acre): Isso aí é a chamada, como que é meu Deus, **desvio**, né?; MB02 (Boca do Acre): **Volta**; MA01 (Tapauá): **Arrodeio**, né?; HA02 (Humaitá): É **bola**, contorno; HB02 (Borba): **Curva**.
3. HB02 (Boca do Acre): Isso daí é **rotatória**.
4. HA02 (Boca do Acre): É... **trevo**.
5. MA01 (Lábrea): A **bola**.
6. HA01 (Tapauá): Aí é um **triângulo**, né.
7. MB01 (Humaitá): **Bola**.
8. MB02 (Manicoré): **Roda**.
9. HB01 (Borba): **Retorno**.

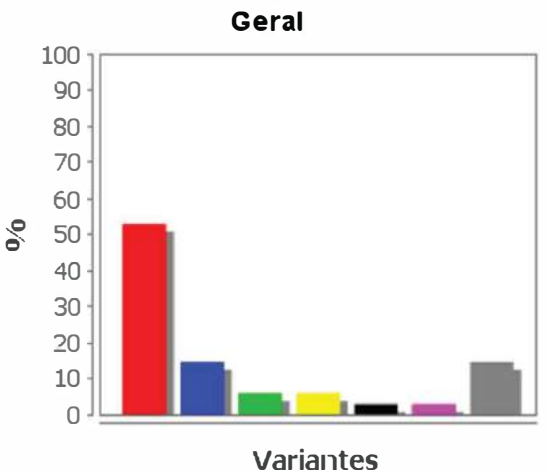
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L181 - Bola

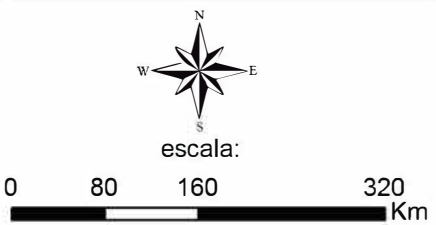



**Legenda**

- Bola
- Retorno
- Rotatória
- Roda
- Triângulo
- Trevo
- Outros



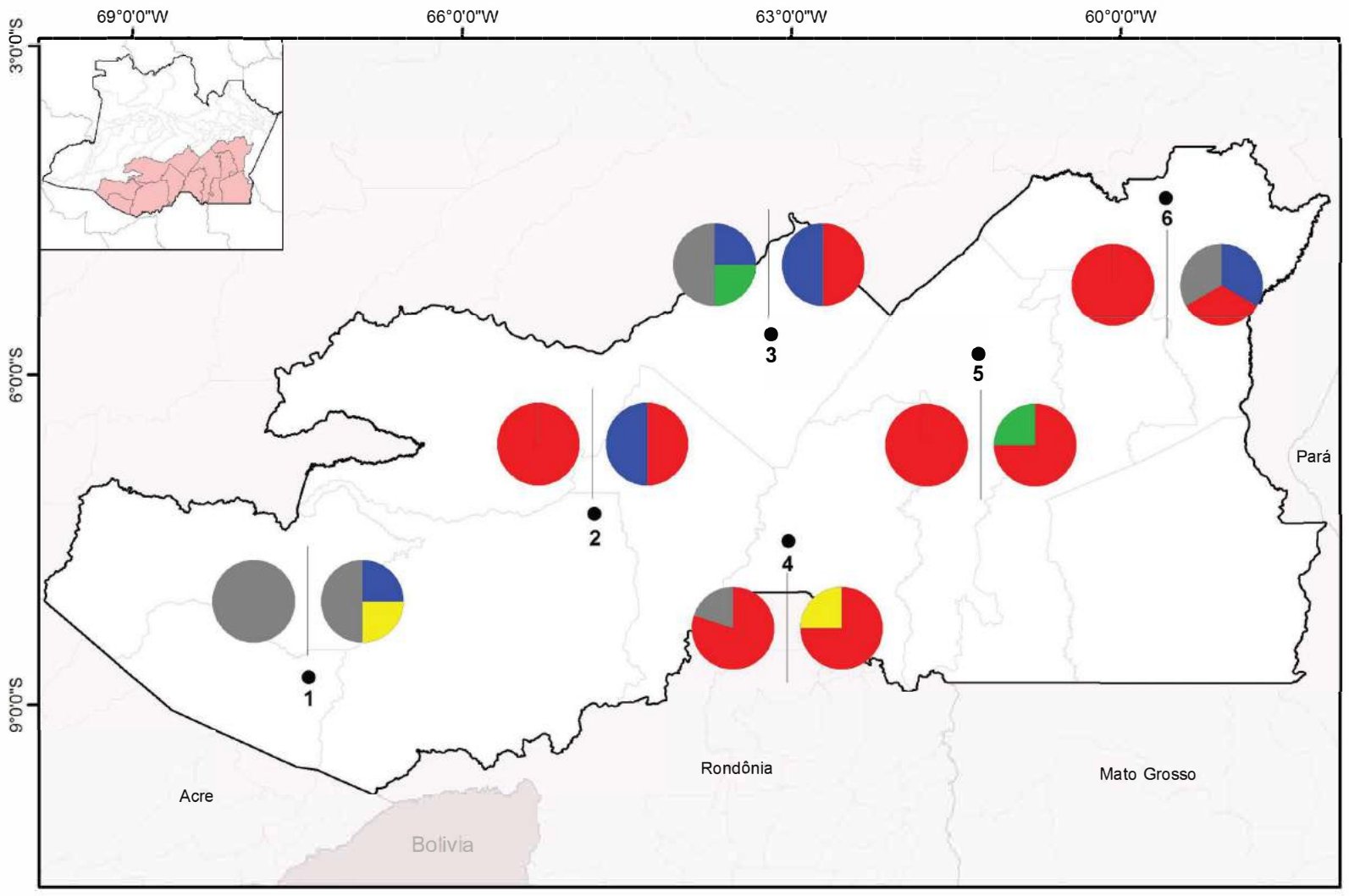

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L181a - Bola - Distribuição por escolaridade

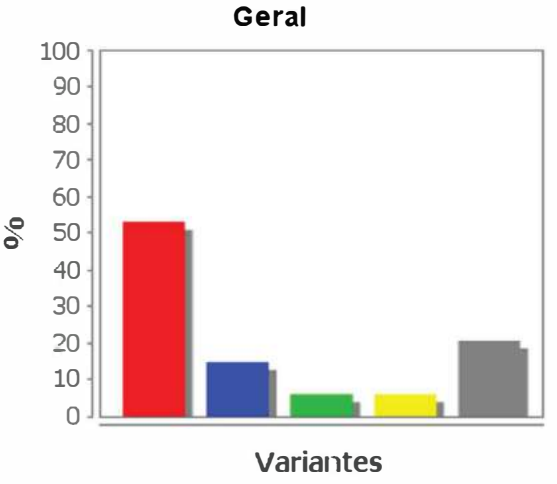



**Legenda**

- Bola
- Retorno
- Roda
- Rotatória
- Outros

① ②

1: 4 a 7 anos
2: 10 a 13 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L182
# ESTANCAR

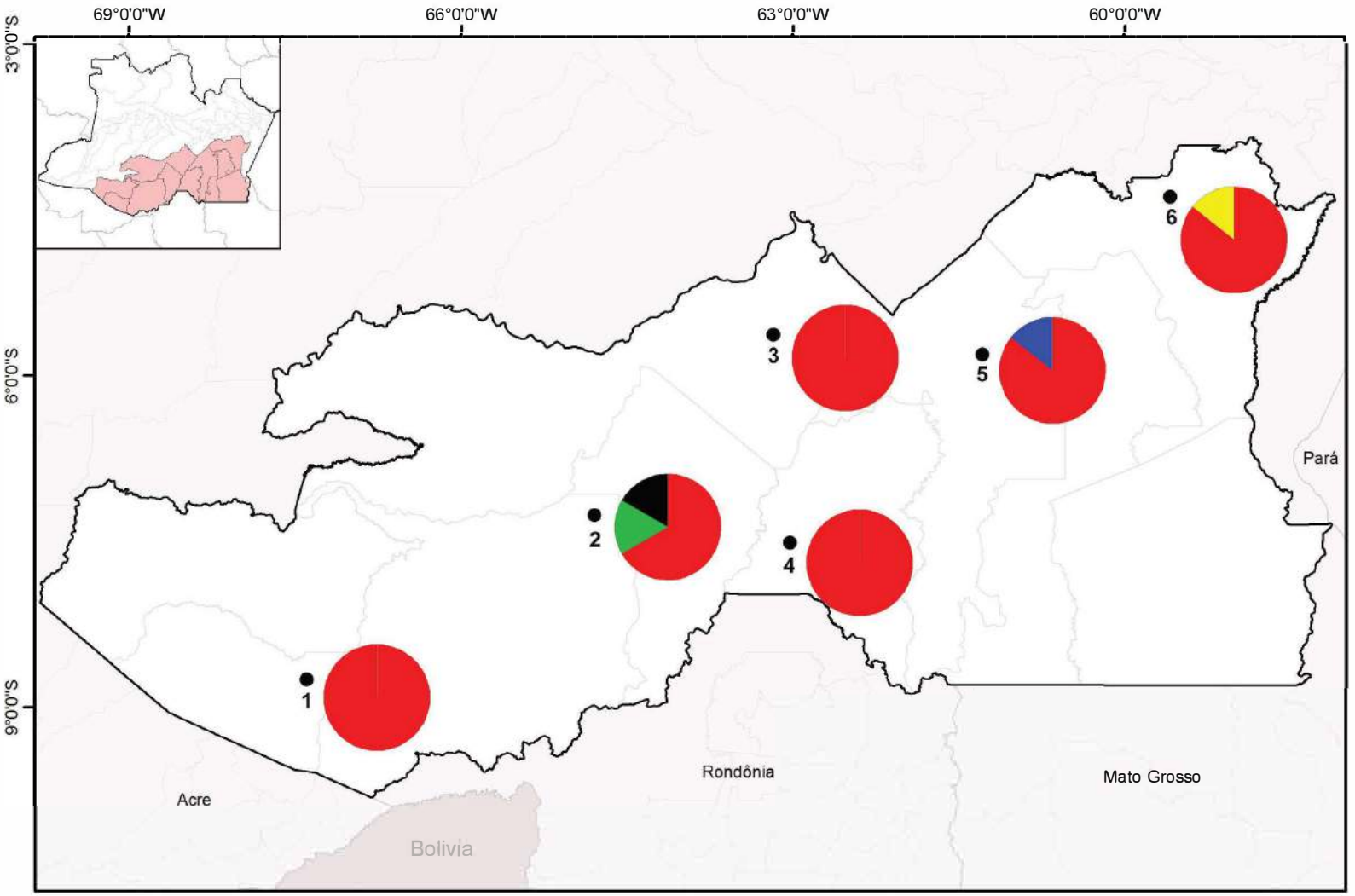
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-202:** Que nome se dá quando se está dirigindo um carro e por falta de boa manobra do motorista em lidar com as marchas o carro para de uma vez, gerando um impacto?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01, MA02 e MB02 (Boca do Acre); MA02, MB01 e MB02 (Lábrea); MA01, MA02 e MB02 (Tapauá); MB02 (Humaitá); MA01 (Manicoré) e MA02 (Borba).
2. HB01 (Boca do Acre): Ah, tô entendendo... **estanque**, **estancou**, né?
3. HB02 (Lábrea): **Engoiou**, **afogou**.
4. HA01 (Tapauá): **Estancar**.
5. MA01 (Humaitá): **Estancar**.
6. HA02 (Manicoré): **Brecou**.
7. HB02 (Borba): Marcha, um **choque**?
   INQ.: O que acontece com a moto, quando ela para de uma vez, você não esperava que ela fosse parar, mas ela para e gera um impacto. Chama de quê?
   HB02 (Borba): Pois é, não é choque não, na moto?

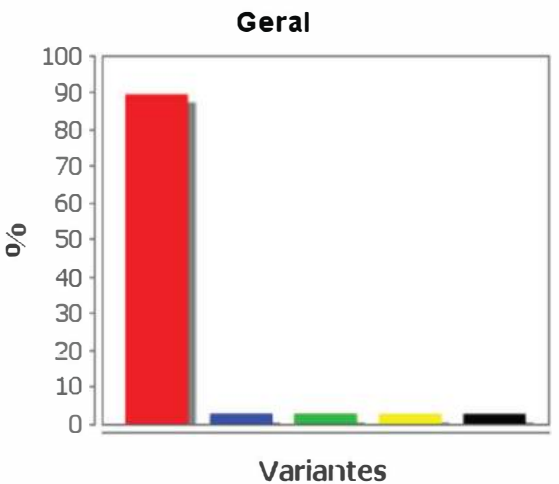
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L182 - Estancar




**Legenda**

- Estancar/ Estancou/ Estanque
- Brecou
- Afogou
- Choque
- Engoiou




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L183
# BAR (TABERNA)

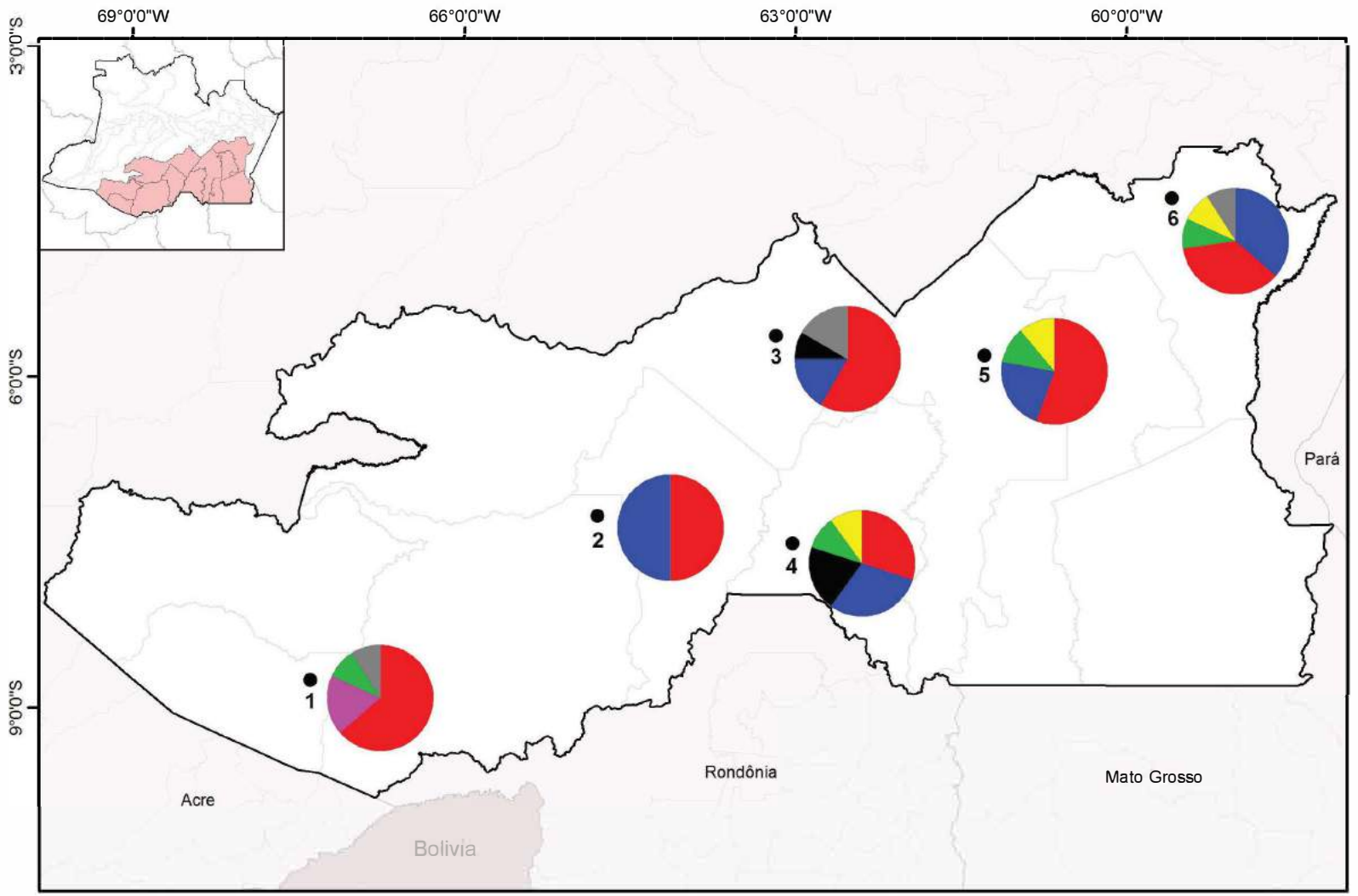
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-203:** Qual o nome do lugar com balcão onde eu posso beber e também comprar algumas coisas?

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: MB02 (Boca do Acre): Igual aqui, né? É... **venda**, é um bar com um... é; HB02 (Tapauá): É, a gente chama **butique**; MB01 (Tapauá): Tem bar, **mercadinho**; HA02 (Borba): Aqui é bar, **supermercado**, todos vendem bebida.
2. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama de **boteco**, **botequim**.
3. MA02 (Lábrea): É **bar**... **taberna**, também chamam de taberna.
4. HA01 (Lábrea): **Bar**, mercearia.
   INQ.: Qual a diferença de bar e mercearia?
   HA01 (Lábrea): Mercearia vende a bebida, mas tu vai beber em outro lugar.
   INQ.: Mercearia é como se fosse um mercado?
   HA01 (Lábrea): É... então é um **barzinho**.
5. HB02 (Tapauá): É, a gente chama butique, butique. (...) Ou então, **taberna**, né?
   INQ.: Taberna é o mesmo que butique?
   HB02 (Tapauá): é, onde bebe cerveja, a gente chama, vai lá na taberna, então **bar**, é bar mesmo, né? Aqui em Tapauá a gente chama muito bar pra beber só dose mesmo, cerveja.
   (...)
   INQ.: Não chama mais de taberna?
   HB02 (Tapauá): (inint.) não, porque taberna também é quando (inint). pode ser taberna também, no bar é só pra vender cachaça. E aí quando é taberna, vende mercadoria também, né? Acho que os dois nome também vale.
   INQ.: Então seria taberna, que pode comprar alguma coisinha a mais além da bebida.
   HB02 (Tapauá): Pra vender só cachaça é...
   INQ.: Aí é só o bar...
   HB02 (Tapauá): É bar.
6. MB02 (Humaitá): **Lanchonete**.
7. HA01 (Manicoré): **Comércio** pequeno ( inint.) quando, tem o bar também, o **bar** eles pendura aqueles negócio de militos, é... bolacha...
   INQ.: Aí é o bar?
   HA01 (Manicoré): Bar e comércio. Lá na beira tem esse negócio aí.
8. HA01 (Borba): **Bar** (...) **Boteco**.
   INQ.- Boteco, é? Exatamente isso que eu quero saber, como se chama aqui, de boteco?
9. INF.- Botequinho ali.

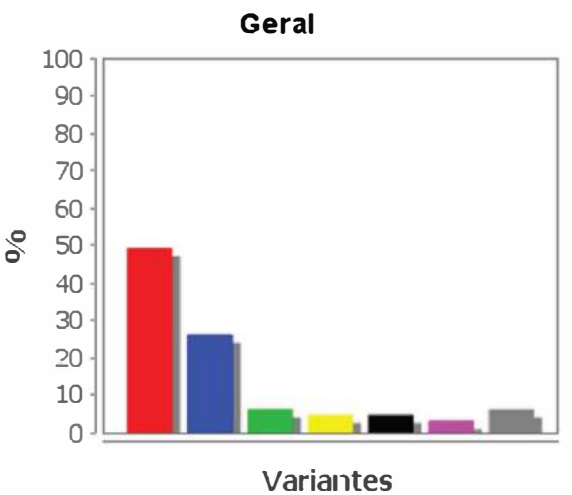
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L183 - Bar (Taberna)

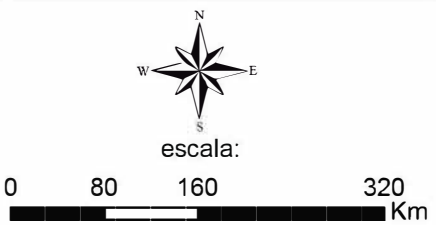



**Legenda**

- Bar/ Barzinho
- Taberna
- Boteco
- Comércio
- Lanchonete
- Botequim
- Outros



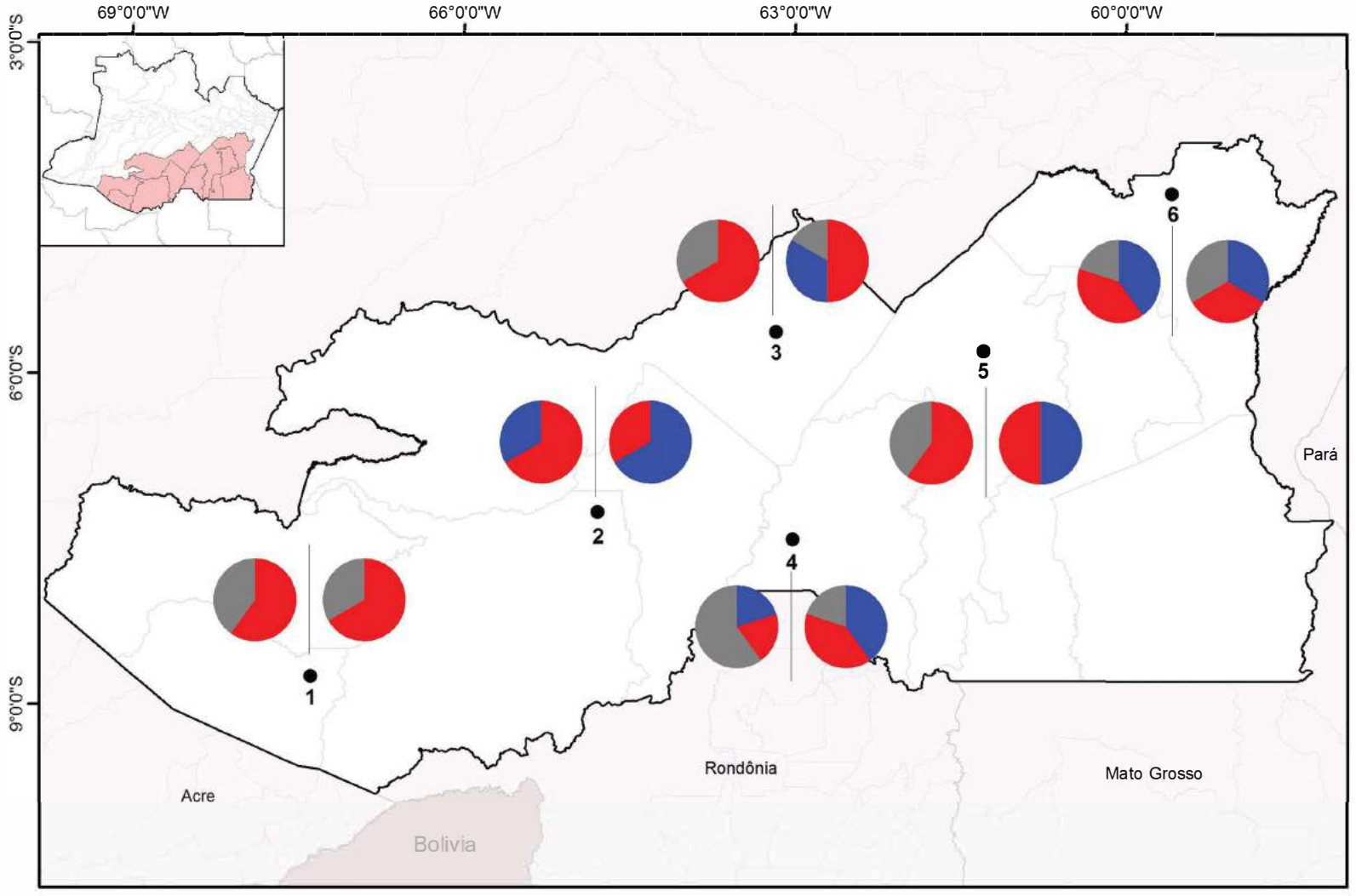

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L183a - Bar (Taberna) - Distribuição por idade

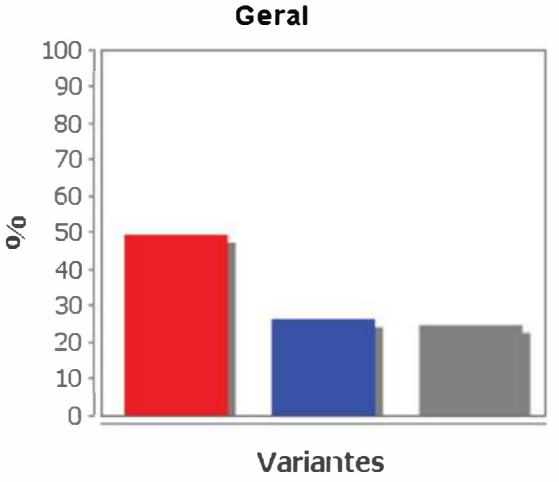



**Legenda**

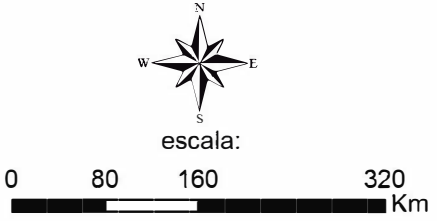
- Bar/ Barzinho
- Taberna
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L184
# A RETALHO

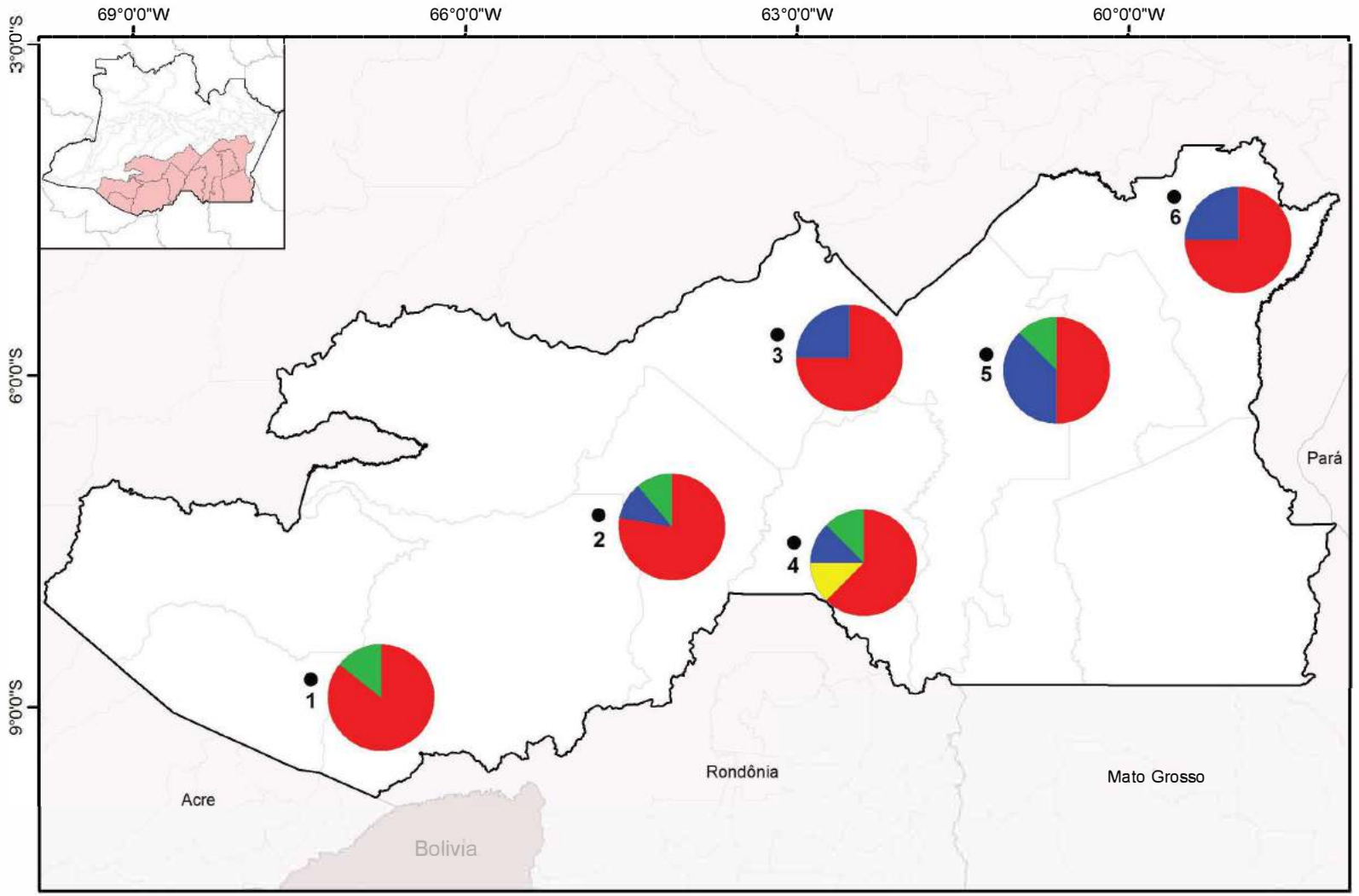
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-204:** Como eu chamo aqui quando compro algo em pequenas quantidades? Por exemplo, compro um cigarro no lugar de comprar a caixa inteira.

**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: MA01 (Boca do Acre) e MB01 (Lábrea).
2. HA01 (Lábrea): **A granel**, **a retalho**.
3. MB01 (Tapauá): Em **unidade**.
4. HB01 (Humaitá): Bom, eu lembrei da minha tia fala **miúdo**, vender miúdo.
5. MB02 (Manicoré): **Unitário**.
6. HA02 (Borba): **A retalho**.

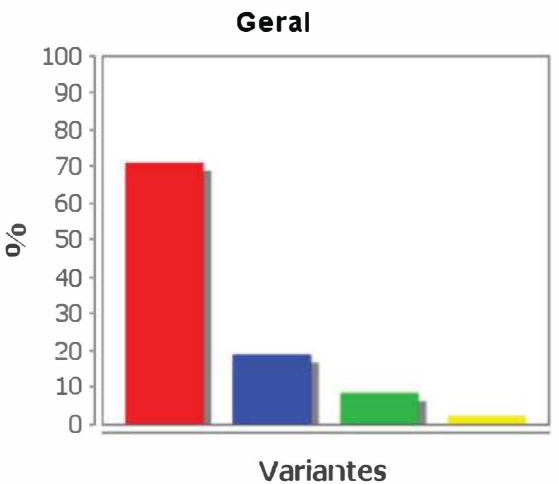
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L184 - A retalho

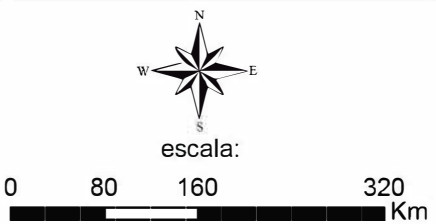



**Legenda**

- A retalho
- Unidade/ Unitário
- A granel
- Miúdo




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L185
# BICO

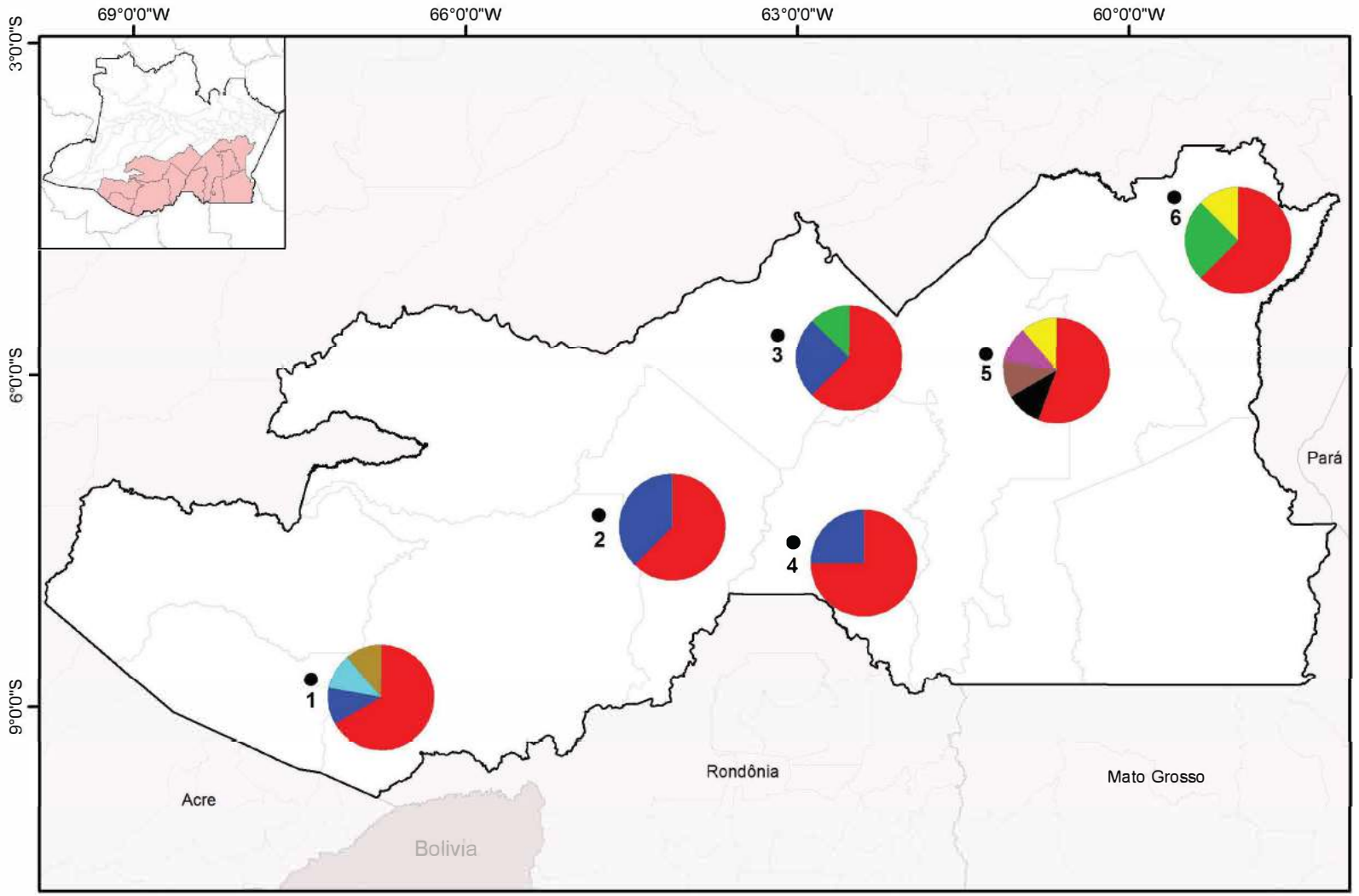
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-205:** Como se chama aqui os serviços temporários informais?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Tapauá) e MB02 (Manicoré).
2. MB02 (Boca do Acre): É **serviço prestado**, assim, **diária**, essas coisa.
3. HB02 (Tapauá): **Diária**, a gente chama mais é diária, né, (...) quando não tem serviço e trabalha por dia.
   INQ.- Ela faz?
   HB02 (Tapauá): A gente chama **bico**, né? Outro chama (inint.), mais eu fiz um, deixa eu ver como que é?
4. HB01 (Manicoré): **Quebra-galho**. (...) É, tô quebrando um galho aqui só pra...
5. HB02 (Manicoré): **Extra**, **hora extra**, **trabalho extra**.
6. MB02 (Borba): Ela vai fazer um **serviço** pra ti, né?

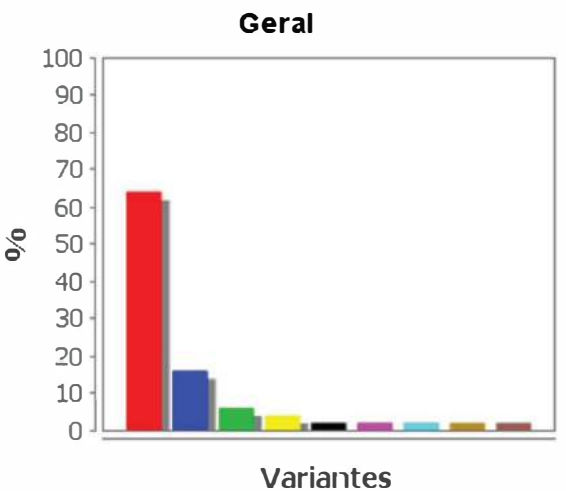
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L185 - Bico

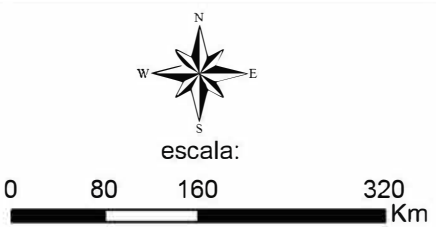



**Legenda**

- Bico
- Diária
- Serviço
- Trabalho extra
- Extra
- Quebra-galho
- Serviço prestado
- Serviços gerais
- Hora extra




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L186
# RANCHO

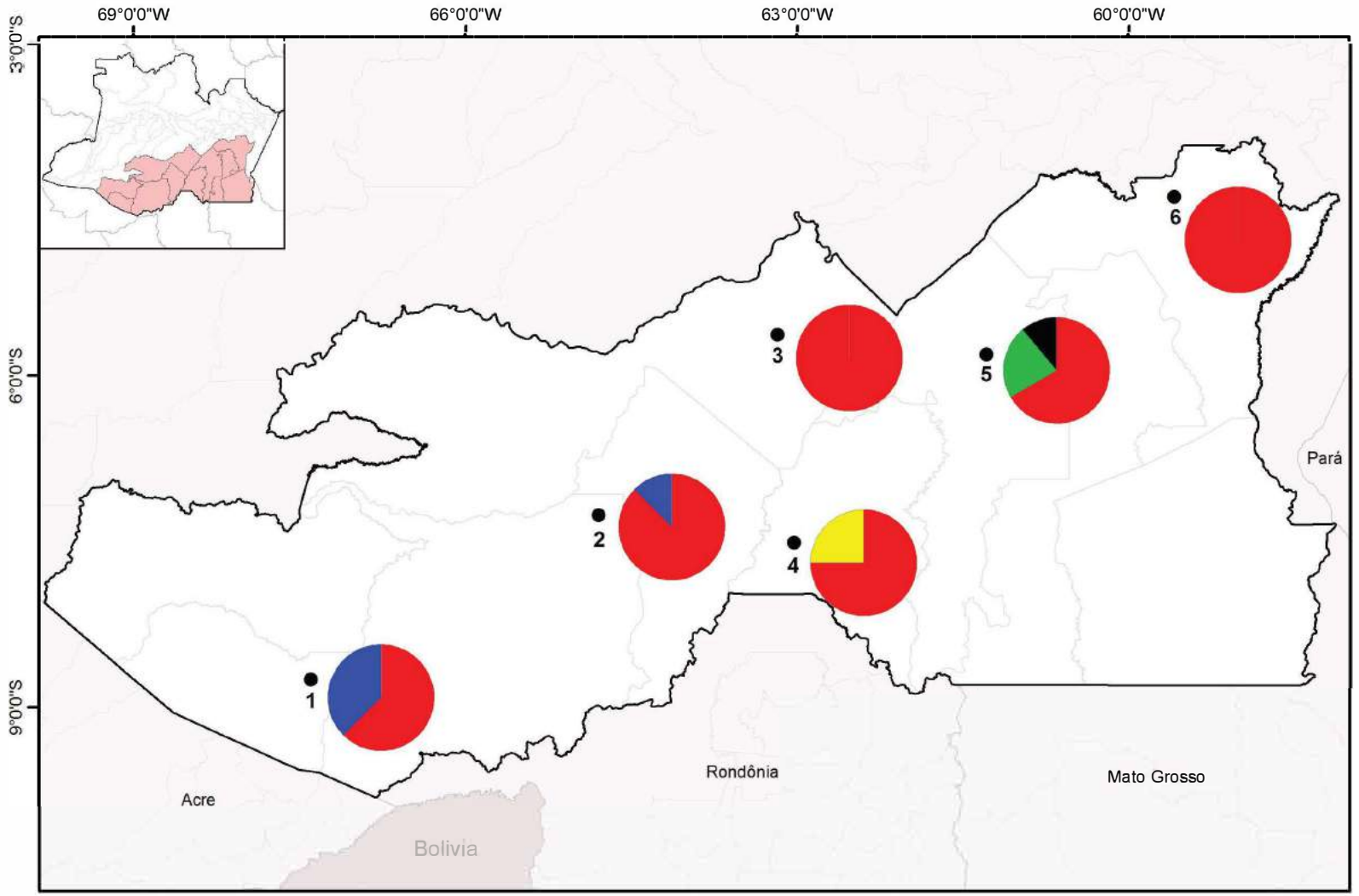
**Meio Antrópico: Vida urbana – QSL-206:** Que nome se dá às compras feitas no supermercado todo mês para serem armazenadas em casa?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA02 (Humaitá).
2. MA01 (Boca do Acre): **Feira**.
3. HA02 (Lábrea): fazer o **rancho**.
4. HA02 (Humaitá): Fiz um **rancho**, antigamente quando trabalhava nos seringais era um**a aviação**.
5. HA01 (Manicoré): **Compra do mês**.
   INQ: É compra do mês?
   HA01 (Manicoré): É compra do mês, **cesta básica**.

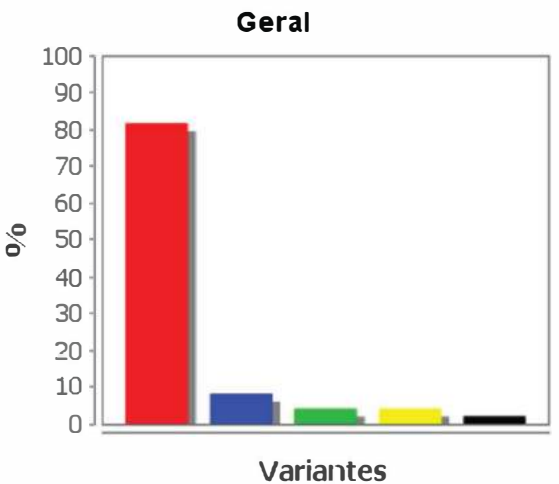
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L186 - Rancho

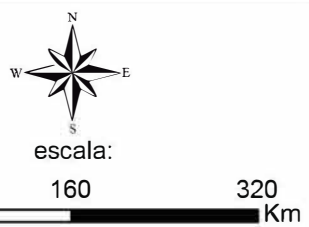



**Legenda**

- Rancho
- Feira
- Cesta básica
- Aviação
- Compra do mês



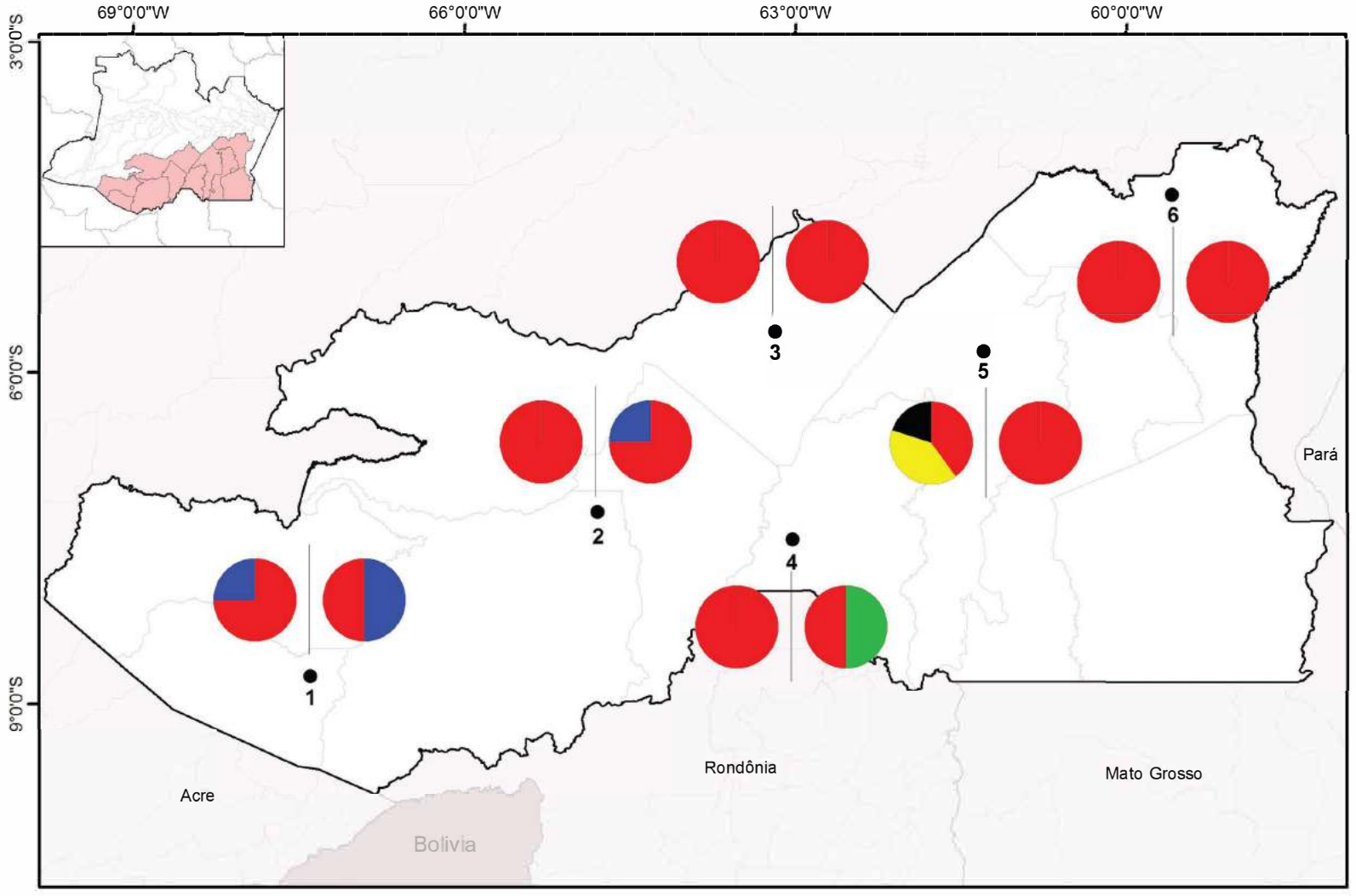

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L186a - Rancho - Distribuição por idade

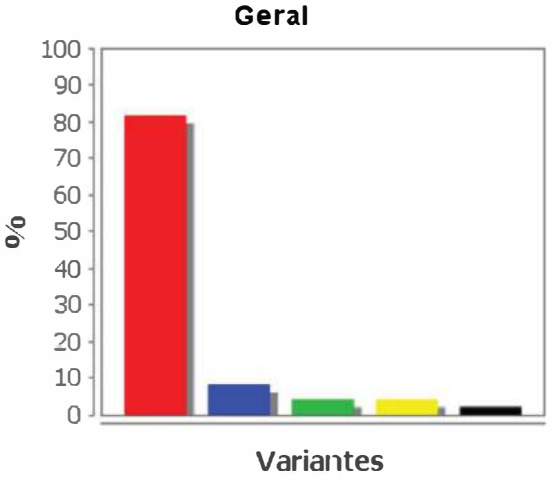



**Legenda**

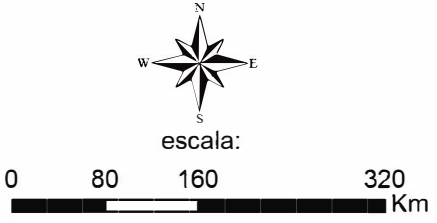
- Rancho
- Feira
- Aviação
- Cesta básica
- Compra do mês

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L187
# ESGOTO

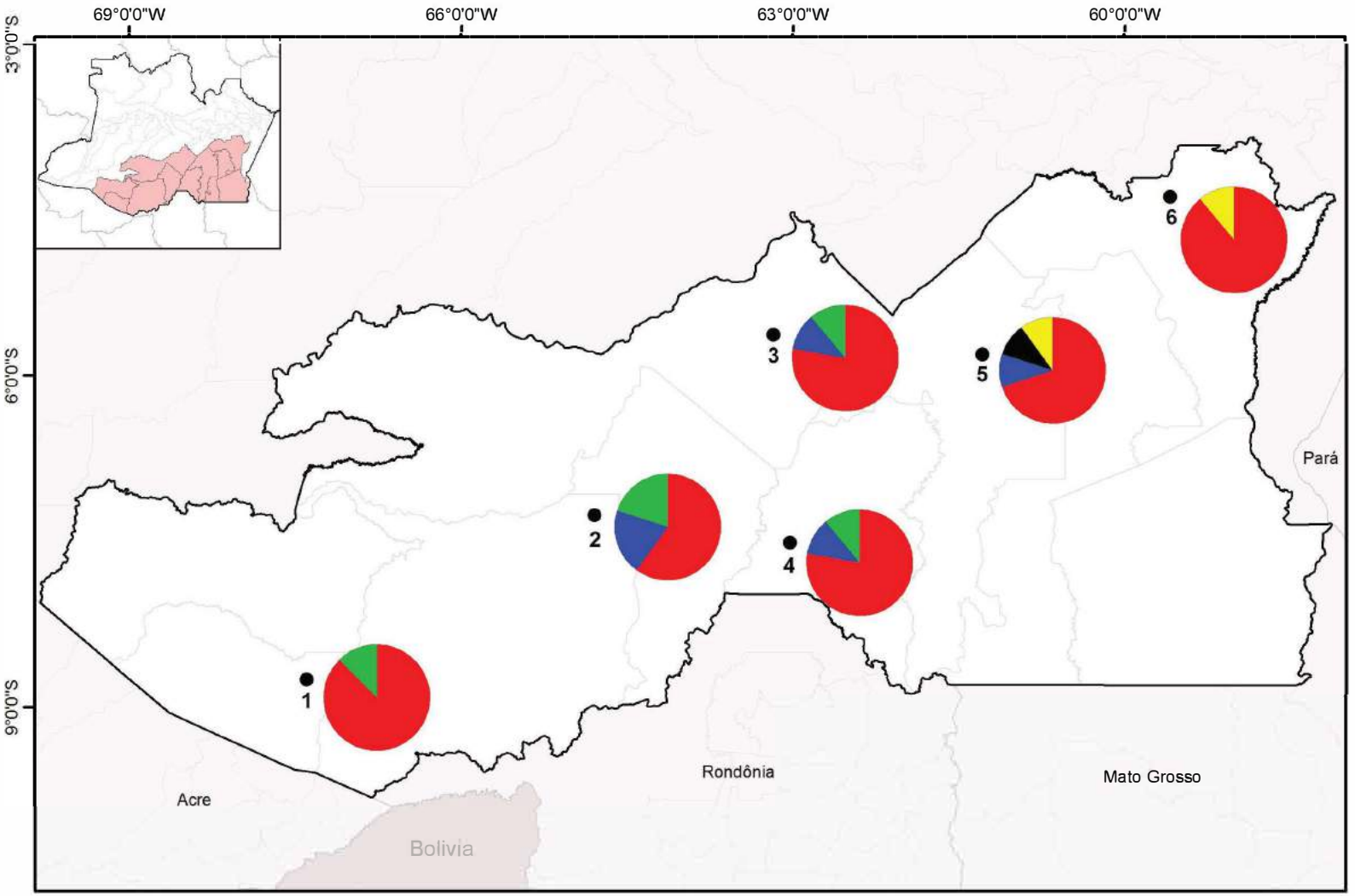
**Meio Antrópico: Vida urbana – QFF-012:** Qual o nome que se dá ao canal onde se joga o lixo, a água suja?

**NOTAS:**

1. HA01 (Boca do Acre): **Boeiro**.
2. HA01 (Lábrea): No **rego**... ou nos **esgoto**.
3. MB01 (Tapauá): **Boeiro**.
   INQ.: Boeiro é um tipo de ?
   MB01 (Tapauá): Encanação.
   INQ.- A água do vaso sanitário vai para o...?
   MB01 (Tapauá): **Rego**.
   INQ.: O rego é um? Por dentro da terra, aquela encanação eu chamo de quê? (...) A tubulação do banheiro vai dar na tubulação do...? É uma rede de...?
   MB01 (Tapauá): **Esgoto**.
4. MB01 (Humaitá): É o **boeiro**, **rego**.
   INQ.: A gente diz: "olha, aquela cidade não tem rede de...?"
   MB01 (Humaitá): **Esgoto**.
5. HB01 (Manicoré): **Esgoto**, **córrego**.
6. MB02 (Borba): Vai pra **fossa**?

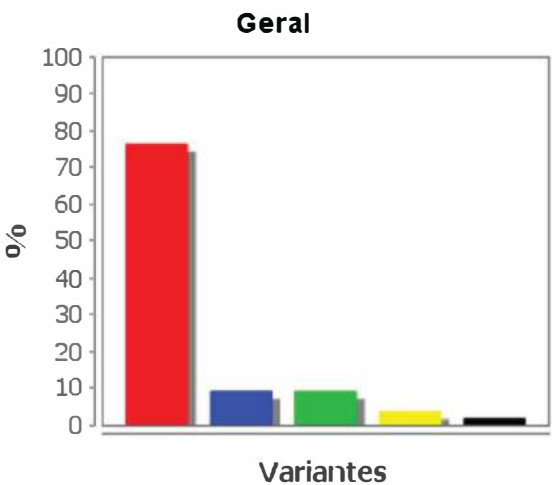
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L187 - Esgoto

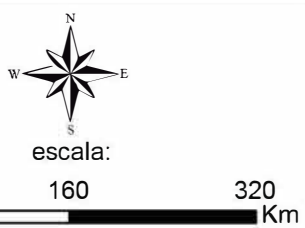



**Legenda**

- Esgoto
- Rego
- Boeiro
- Fossa
- Córrego




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L188
# ESBURACADA

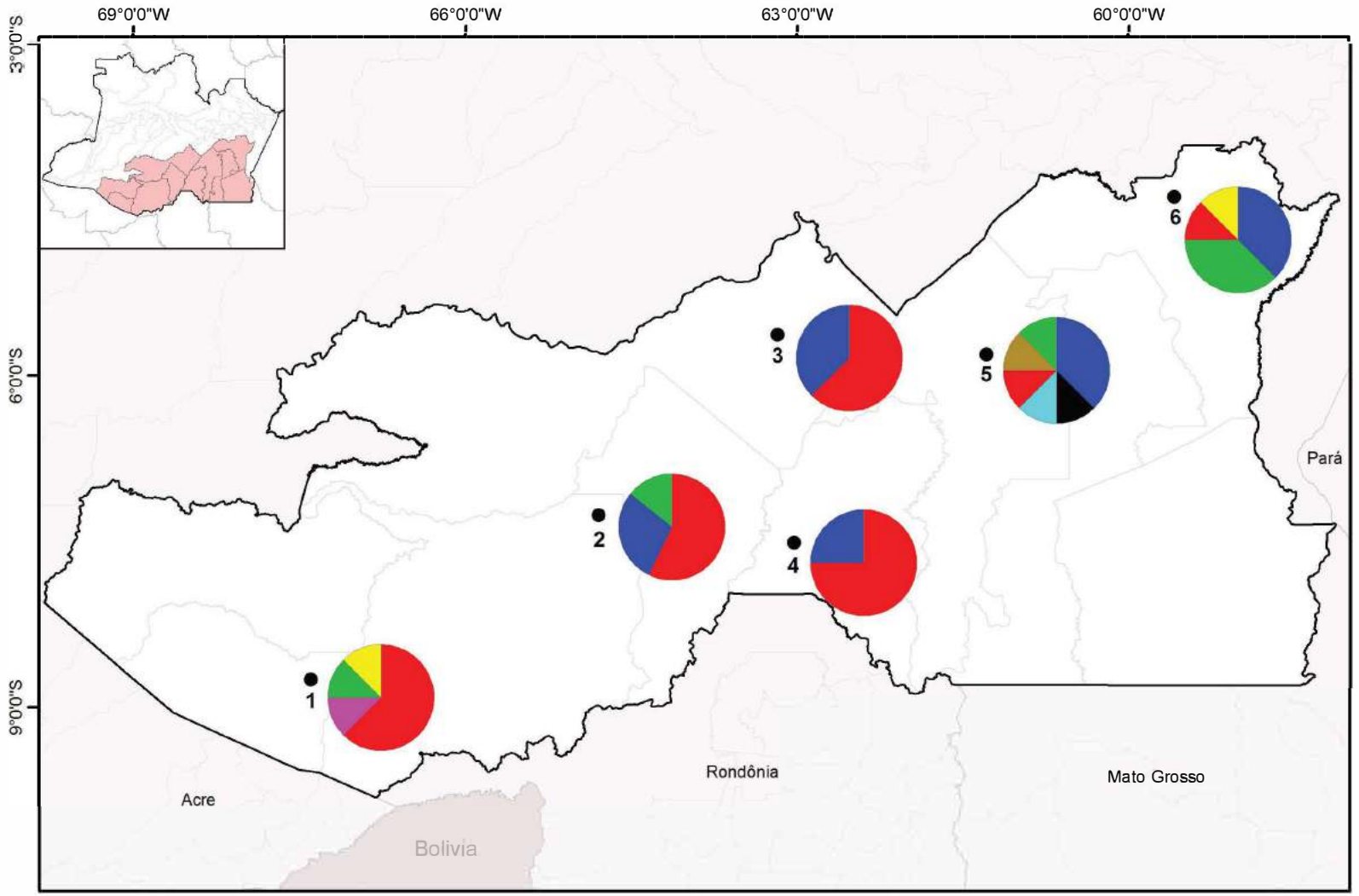
**Meio Antrópico: Vida urbana – QFF-050:** Uma rua da cidade que possui muitos buracos é uma rua...?

**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HA01 (Boca do Acre.
2. PROBLEMAS TÉCNICOS: HA01 (Lábrea) e HB01 (Borba).
3. MB01 (Boca do Acre): **Esburacada**, **esburaquenta**.
4. HA02 (Lábrea): **Buraquenta**.
5. HA01 (Tapauá): **Buracada**, né?
6. MA01 (Manicoré): Muito buraco? É uma rua... É uma rua **estragada**.
7. MA02 (Manicoré): **Desburacada**.
8. HB02 (Manicoré): **Depredada**.
9. HA01 (Borba): **Emburacada**.

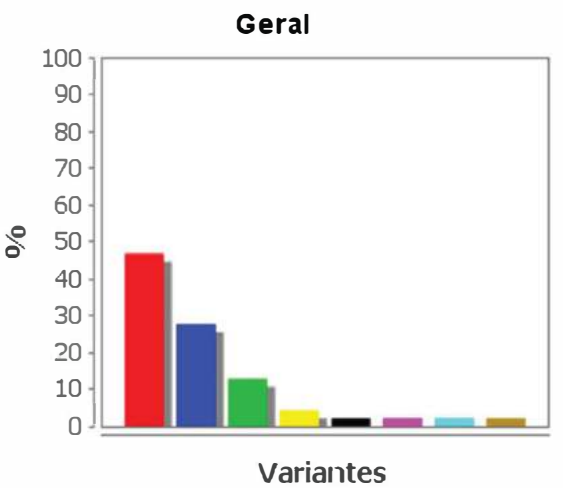
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L188 - Esburacada

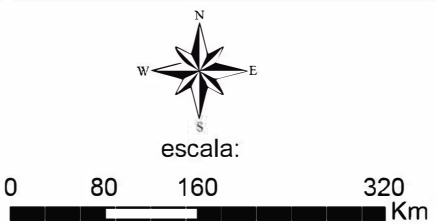



**Legenda**

- Esburacada
- Buracada
- Buraquenta
- Emburacada
- Estragada
- Esburaquenta
- Depredada
- Desburacada



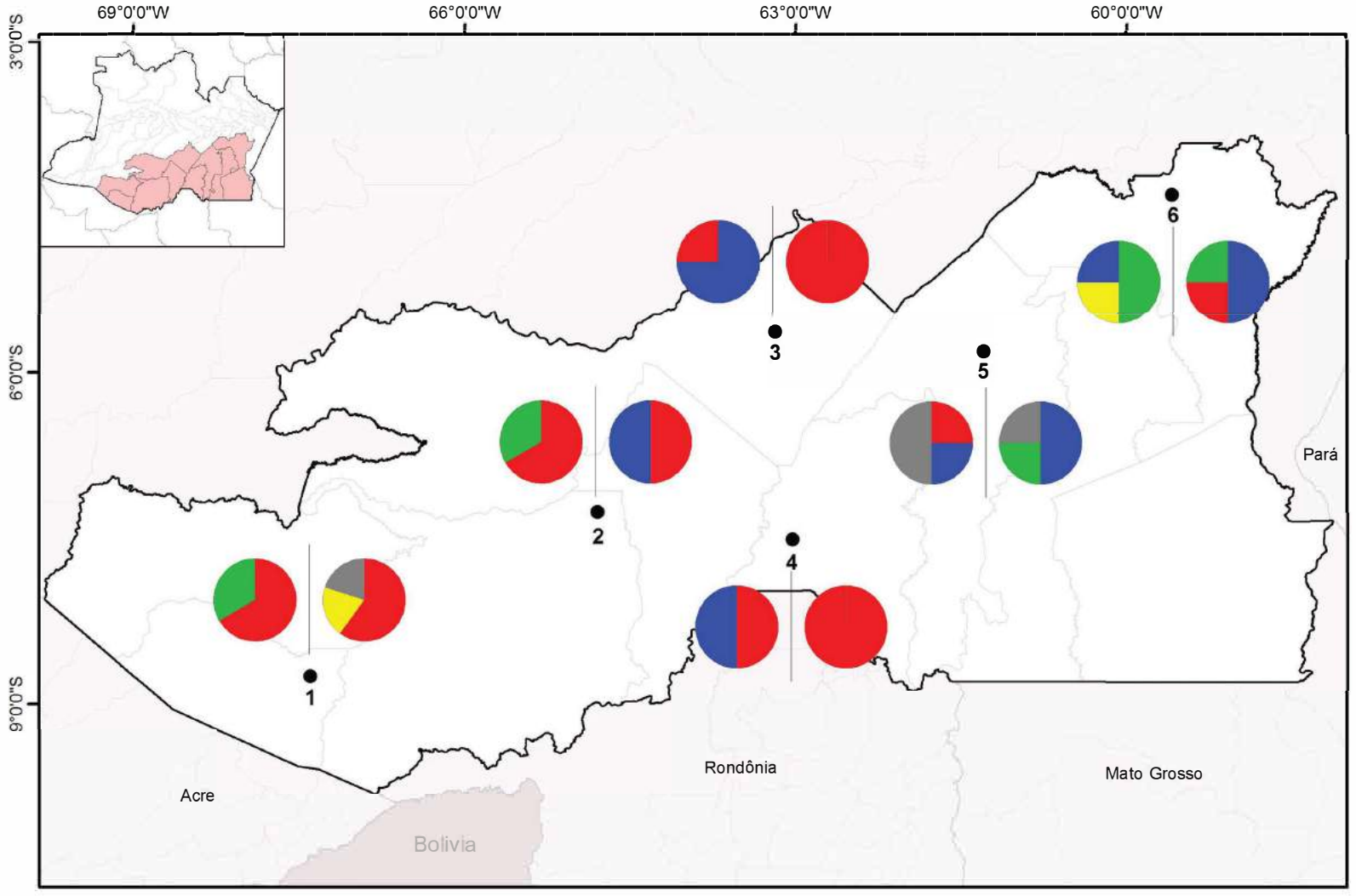

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L188a - Esburacada - Distribuição por escolaridade

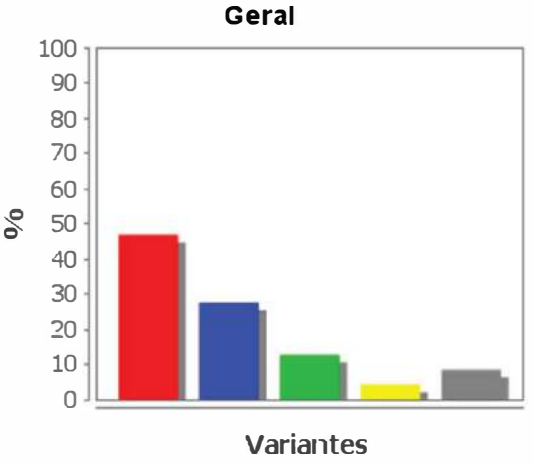



**Legenda**

- Esburacada
- Buracada
- Buraquenta
- Emburacada
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L189
# ROÇADO

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-207:** Como se chama o lugar onde se faz uma plantação na terra-firme?

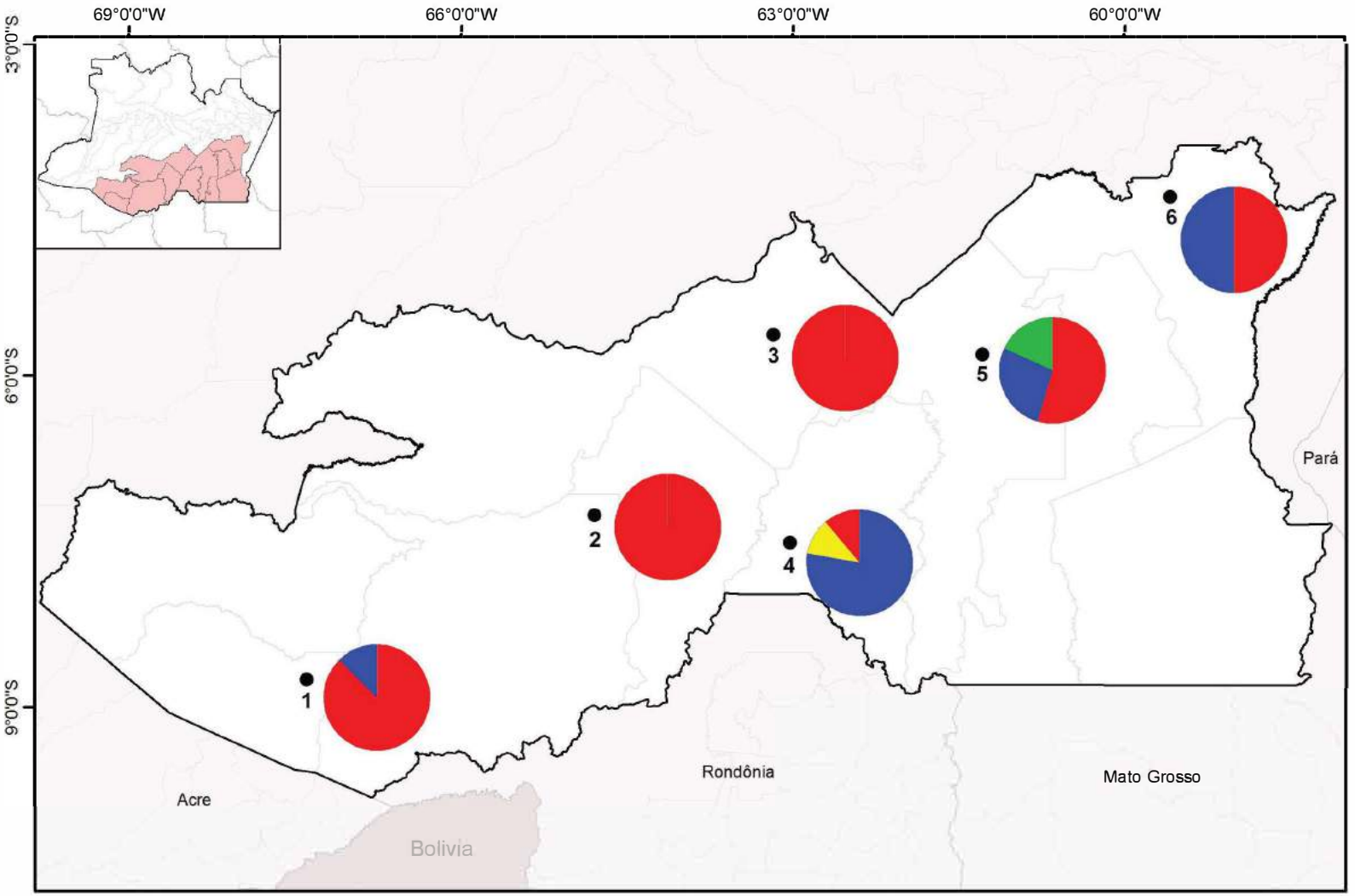


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA01 (Borba).
2. MB01 (Lábrea): Sítio, **roçado**, mais roçado.
3. HB01 (Tapauá): **Roçado**.
4. HA02 (Humaitá): Fiz uma **derrubada**? Fazer uma **roça**? Pode ser qualquer tipo de plantação, né, é uma roça.
5. HB02 (Manicoré): **Plantação**. (...) Uma plantação de milho, uma plantação de mandio... **Roça**, **roçado**.
   INQ.: Tudo é a mesma coisa?
   HB02 (Manicoré): É.

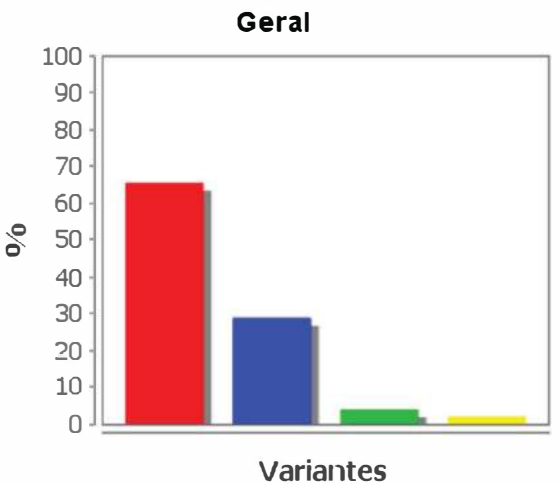
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L189 - Roçado

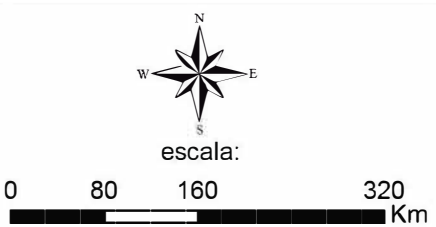



**Legenda**

- Roçado
- Roça
- Plantação
- Derrubada




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L190
# PRAIA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-208:** E se a plantação é feita periodicamente nas várzeas, às margens dos rios?

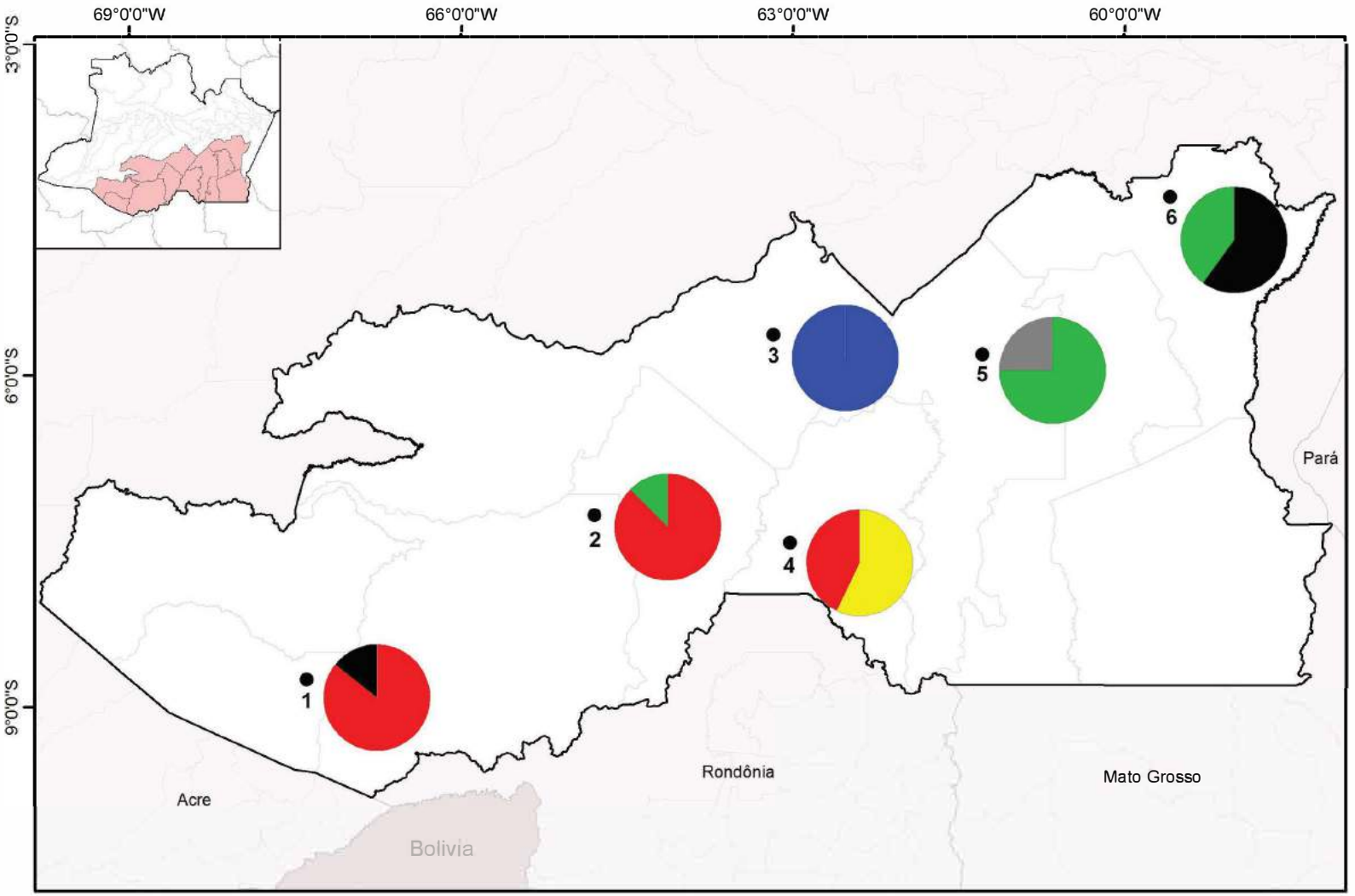


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB02 (Boca do Acre); MA01 (Humaitá); HA01, HB02, MB01 e MB02 (Manicoré) e HB01, HB02 e MA01 (Borba).
2. OUTRA RESPOSTA: HB01 (Manicoré): **Plantação temporária**, né? Que não é pra sempre, que a água vai vim e alagar tudo.
3. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **praia** mesmo. "Eu vou limpar minha praia, que eu plantei".
4. MB01 (Lábrea): Nós chama mais de **praia**.
5. HB02 (Tapauá): A gente chama **vazante** mesmo.
   INQ.: O que o senhor falou naquela hora, não é?
   HB02 (Tapauá): É, vazante.
   INQ.: O rapaz de ontem também falou, e eu achei estranho, porque eu nunca tinha ouvido.(...) E então, eu pensei que ele estivesse falando alguma coisa diferente, não é?
   HB02 (Tapauá): (inint.), é, a baixa d'água que é a vazante, né? Mas se plantar lá onde a terra aparece aí a gente chama vazante (...).
6. HB01 (Tapauá): Porque quando é na terra firme chama de roçado e quando é no canto de várzea eles chamam de **vazante** mesmo.
7. HB01 (Humaitá): Acho que é **roça** também.
8. HA02 (Manicoré): É **roçado** também.
9. MA02 (Borba): **Plantação**, né.

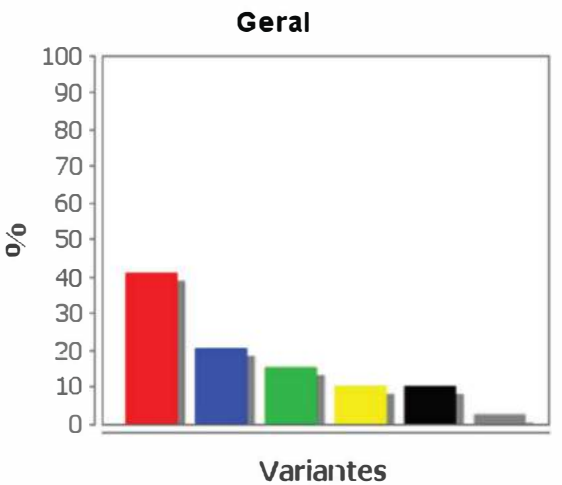
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L190 - Praia

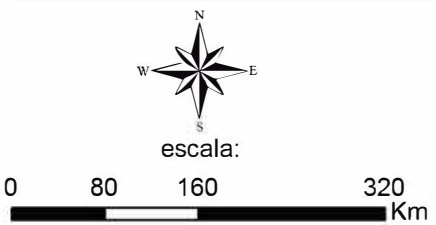



**Legenda**

- Praia
- Vazante
- Roçado
- Roça
- Plantação
- Outros



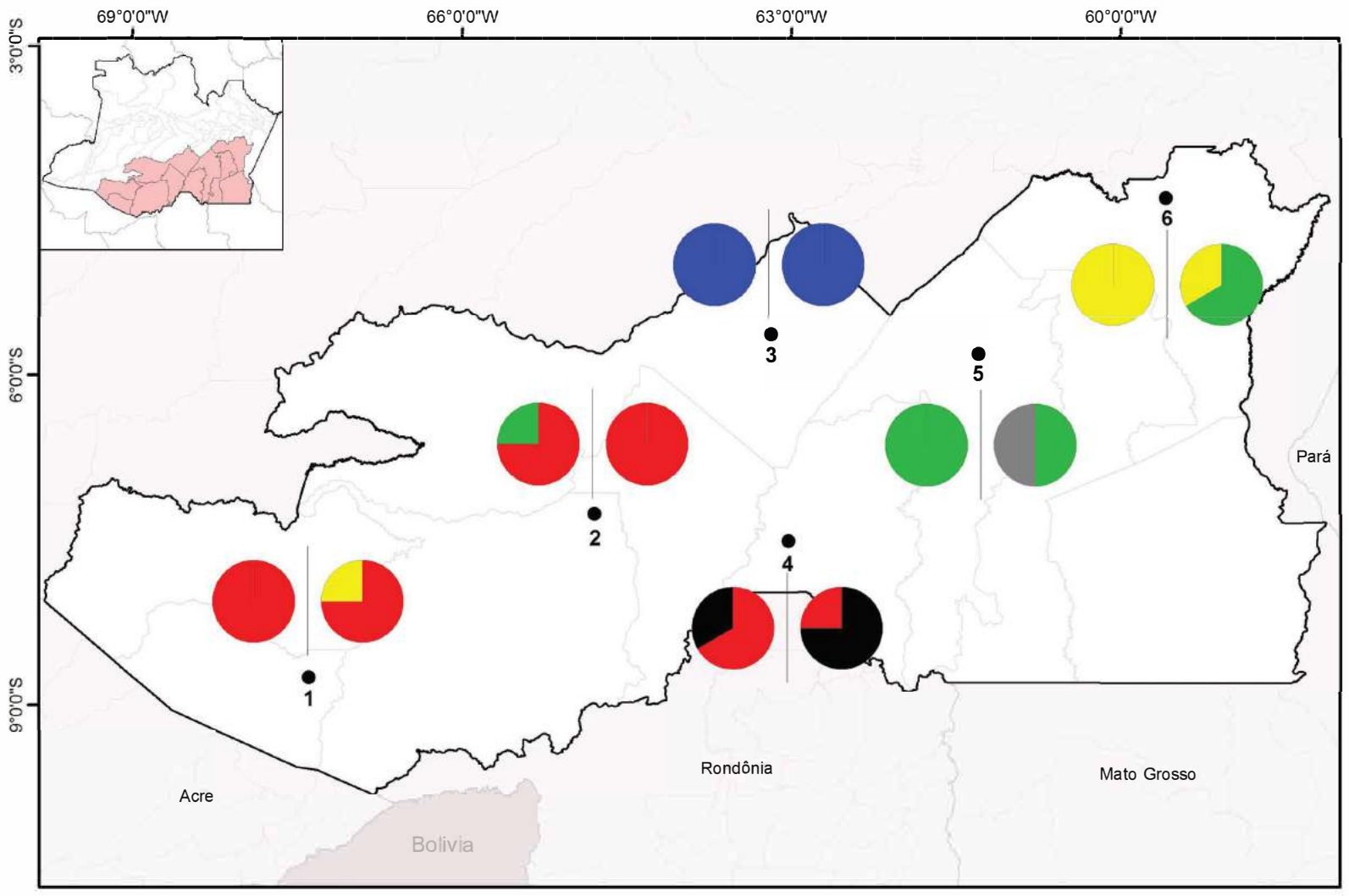

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L190a - Praia - Distribuição por sexo

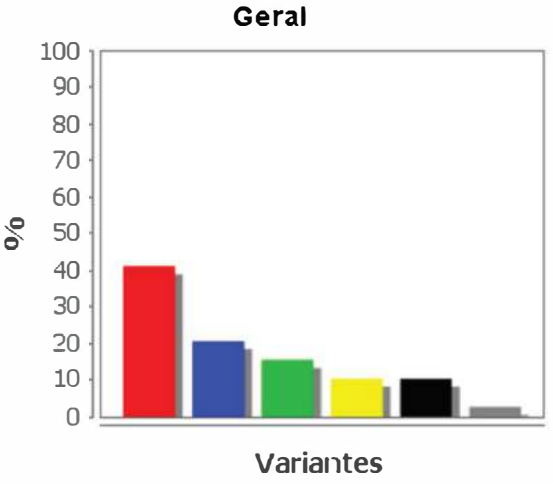



**Legenda**

- Praia
- Vazante
- Roçado
- Plantação
- Roça
- Outros

① ②

**1: Feminino**
**2: Masculino**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



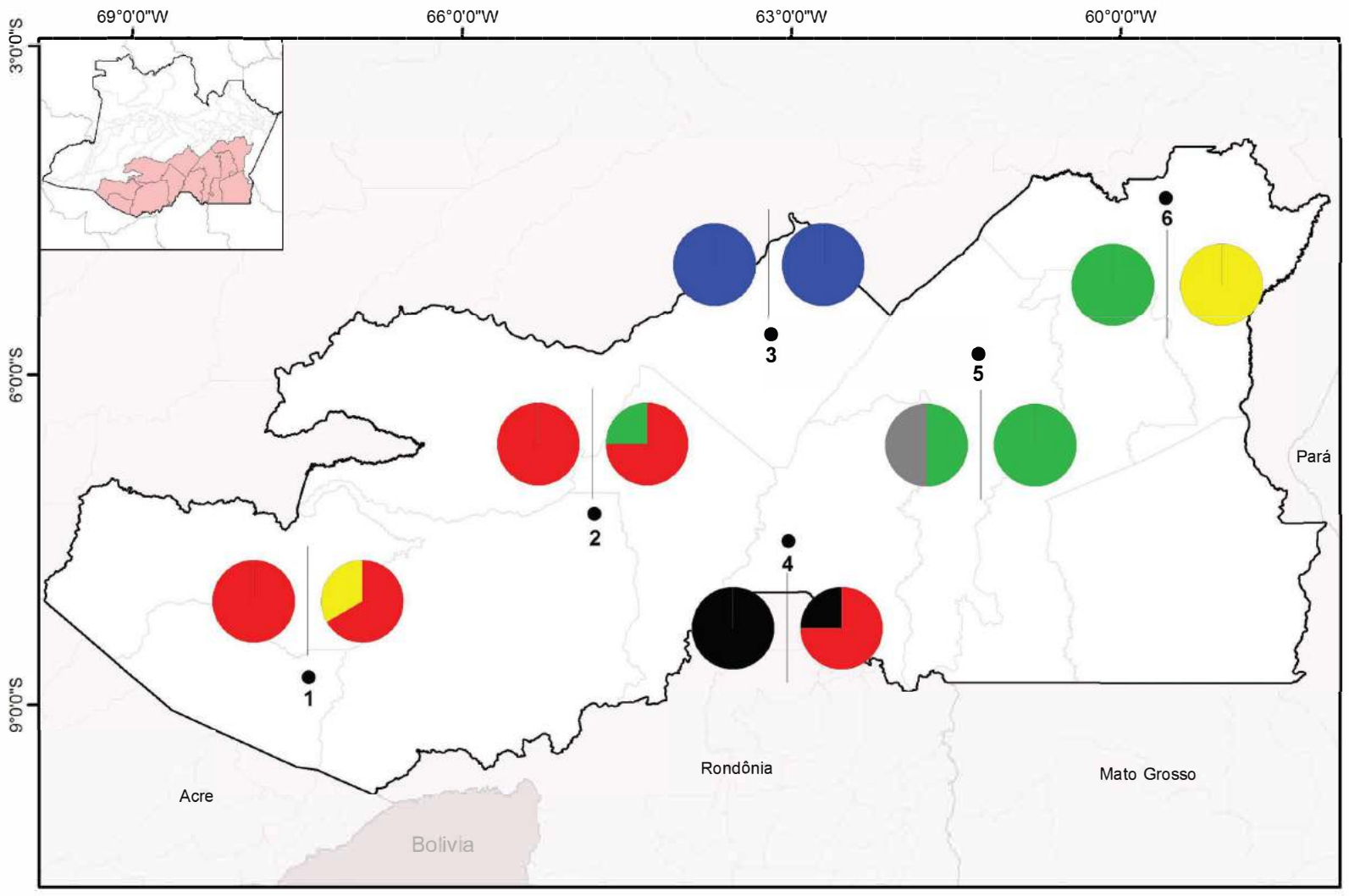

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L190b- Praia - Distribuição por idade

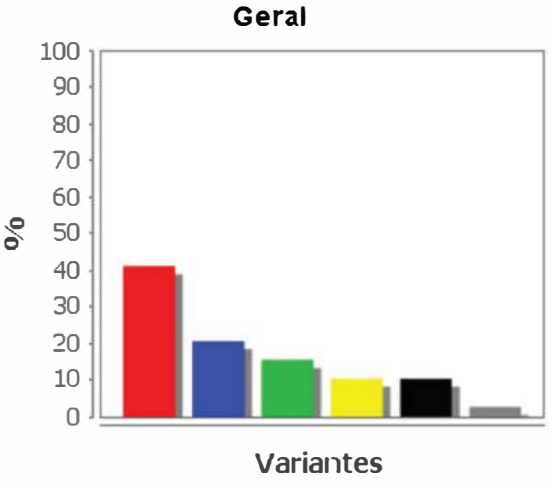



**Legenda**

- Praia
- Vazante
- Roçado
- Plantação
- Roça
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L191
# MANIVA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-211:** Como se chama a planta da mandioca e da macaxeira?



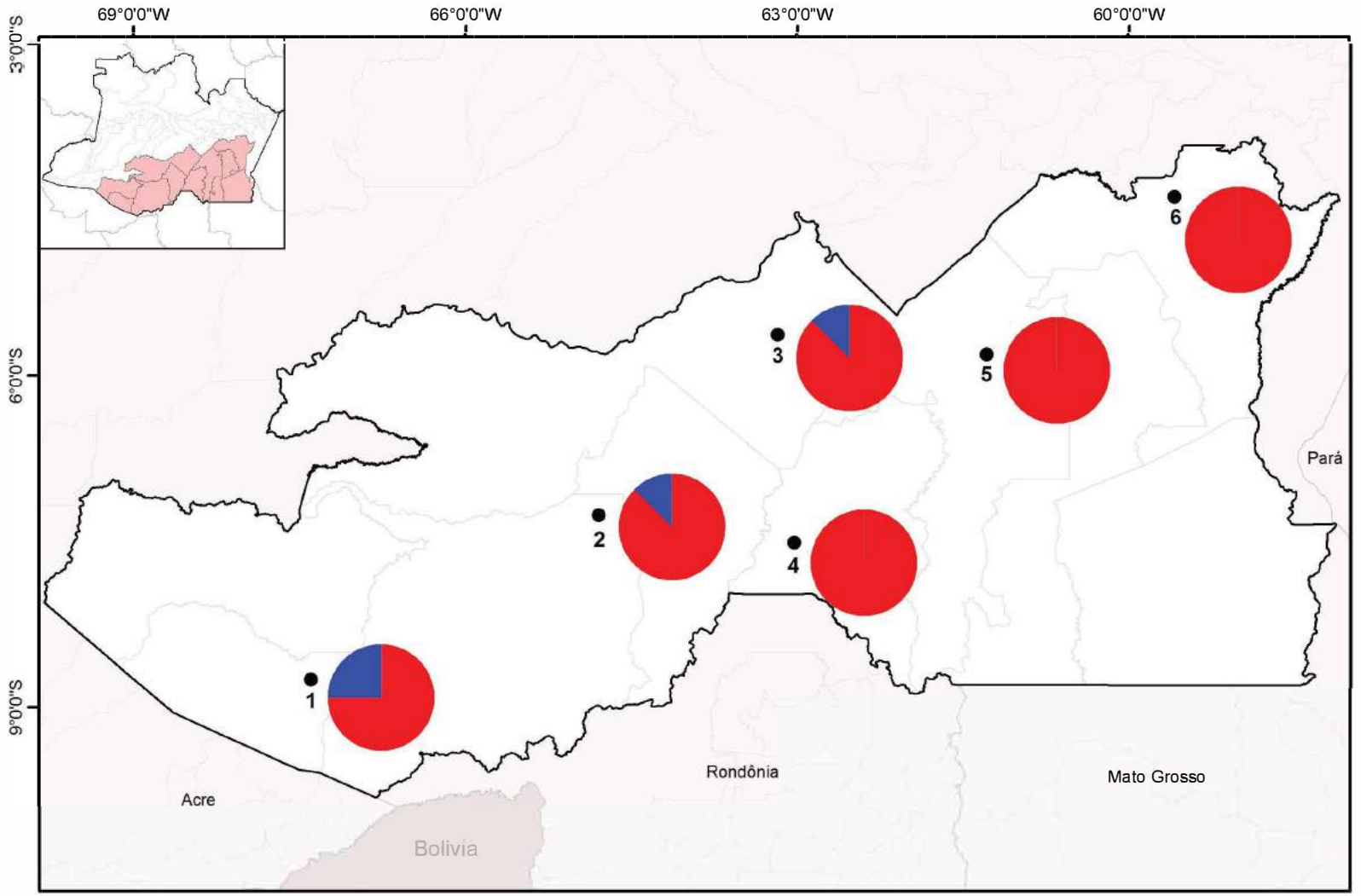


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Tapauá) e MA01 (Humaitá).
2. MB01 (Boca do Acre): É, tem, a **roça**.
3. HB01 (Tapauá): Chamado de **roça** mesmo que chama aqui. (...) É aqueles coisa cheio de catombinho que tem.
   INQ- Chama de roça?
   HB01 (Tapauá): Roça mesmo, **maniva**, eles chama de maniva mesmo, aquela partezinha de cima.
4. HA02 (Humaitá): A semente pra ela nascer? **Maniva**.
5. MA01 (Borba): Uma é **maniva** que eu sei.

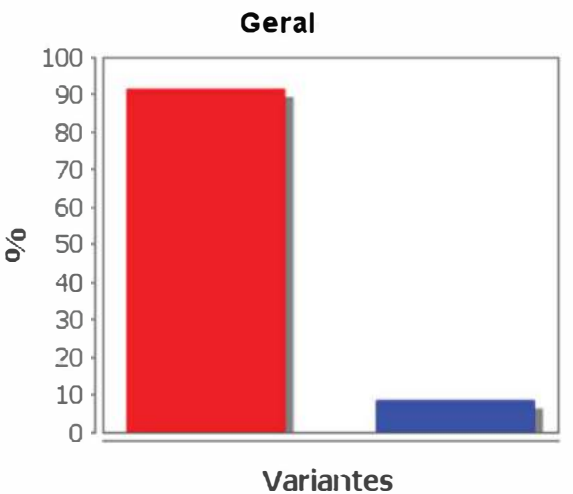
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L191 - Maniva

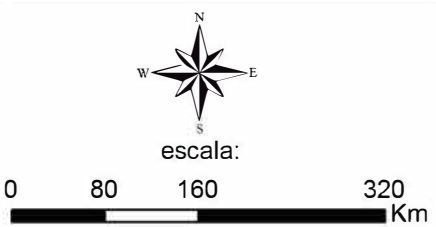



**Legenda**

- Maniva
- Roça




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L192
# CASA-DE-FARINHA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-212:** Qual o nome que se dá à palhoça ou tapiri onde se encontram todos os instrumentos que se usam na fabricação dos produtos de mandioca?

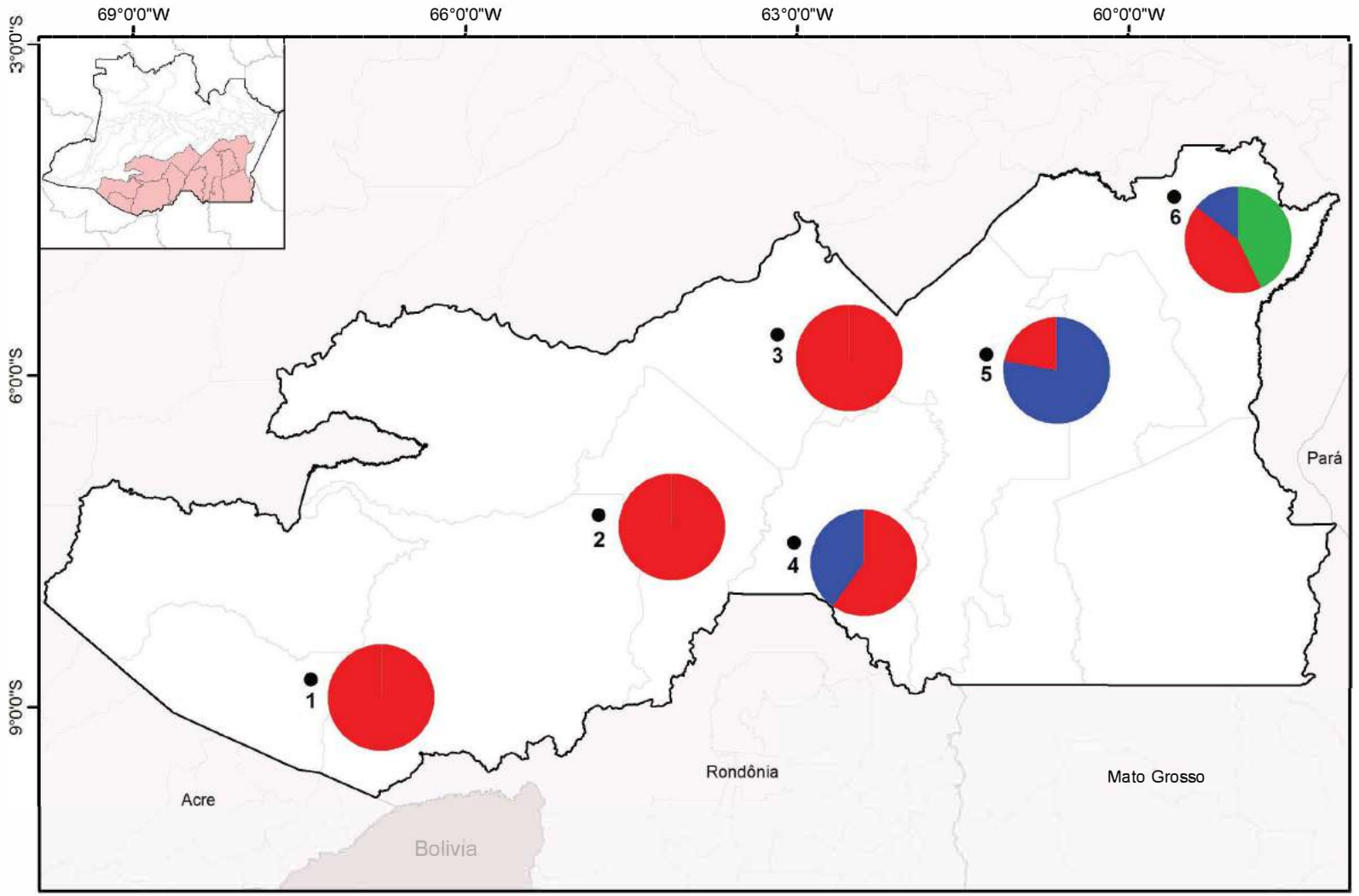


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA01 (Borba).
2. MB01 (Lábrea): **Casa-de-farinha**.
3. HA02 (Humaitá): **Casa-de-farinha**, **casa-de-forno**.
4. HA01 (Borba): **No rancho**.

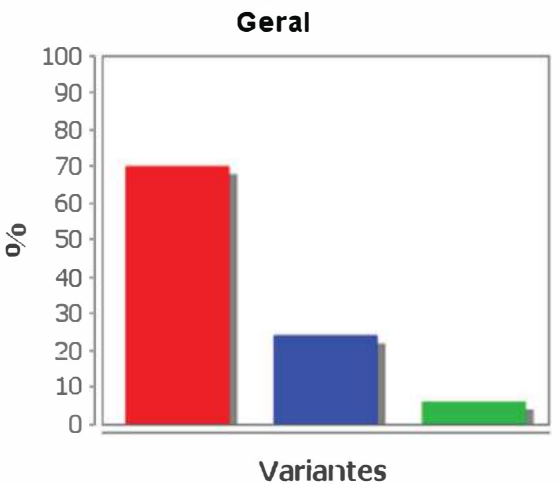
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L192 - Casa-de-farinha

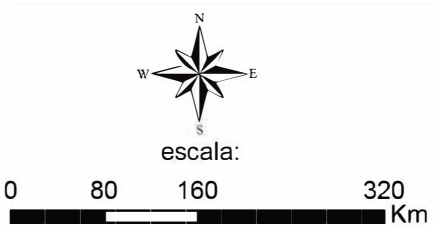



**Legenda**

- Casa-de-farinha
- Casa-de-forno
- Rancho



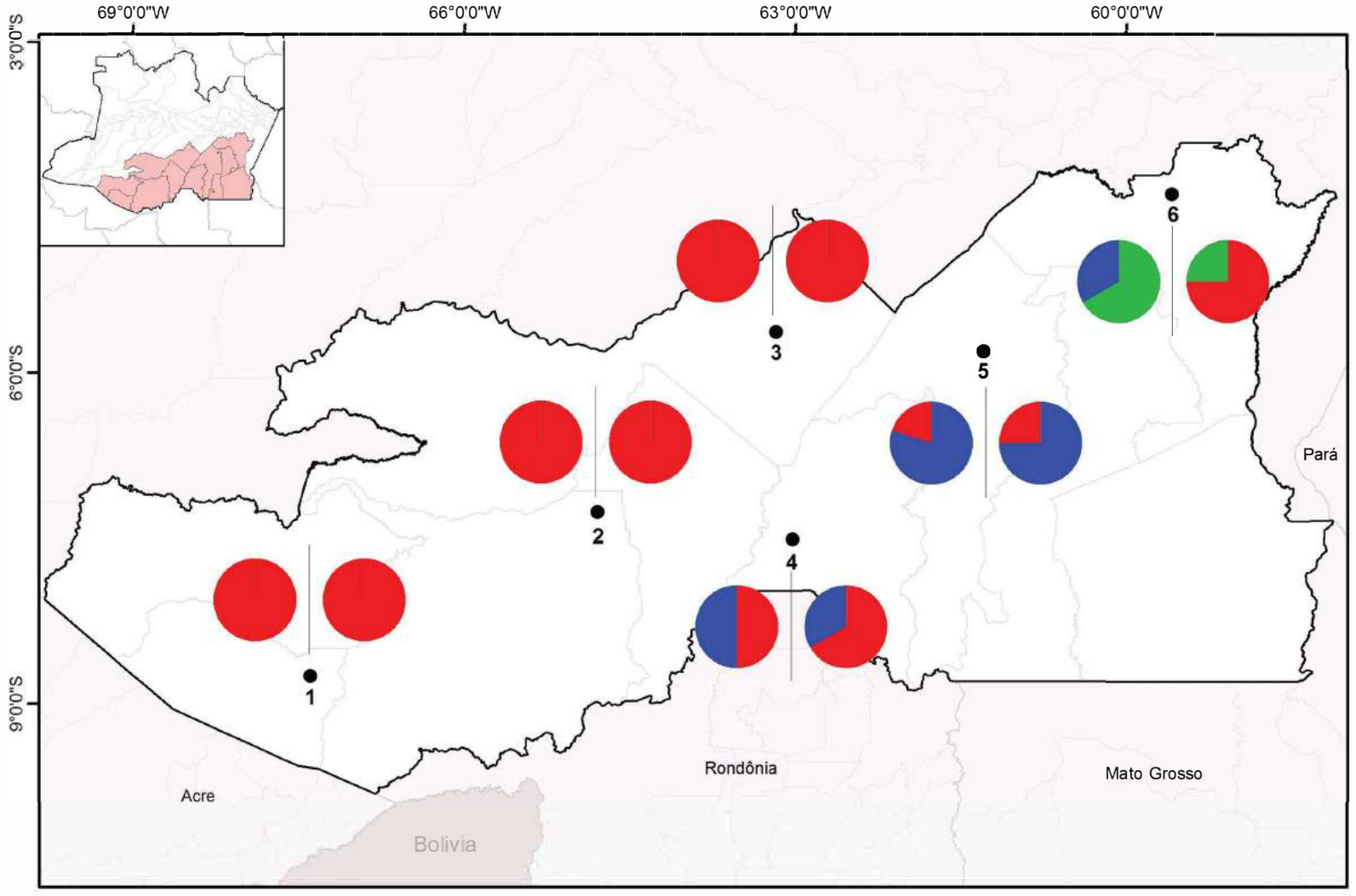

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L192a - Casa-de-farinha - Distribuição por idade

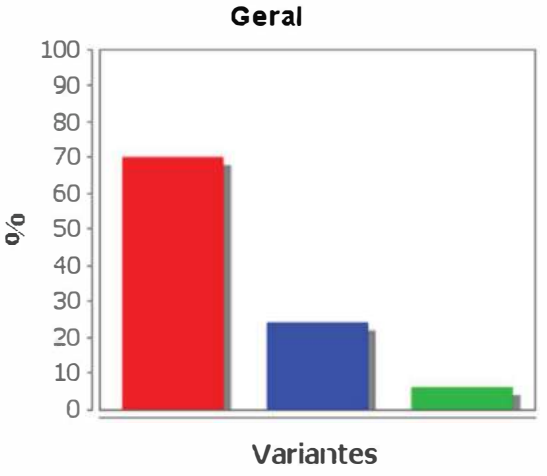



**Legenda**

- Casa-de-farinha
- Casa-de-forno
- Rancho

① ②

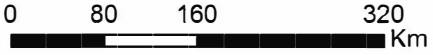
**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L193
# FARINHA-D´ÁGUA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-215:** Nome da farinha fabricada com mandioca sem ser ralada, mole, por ter ficado três dias de molho para fabricação?

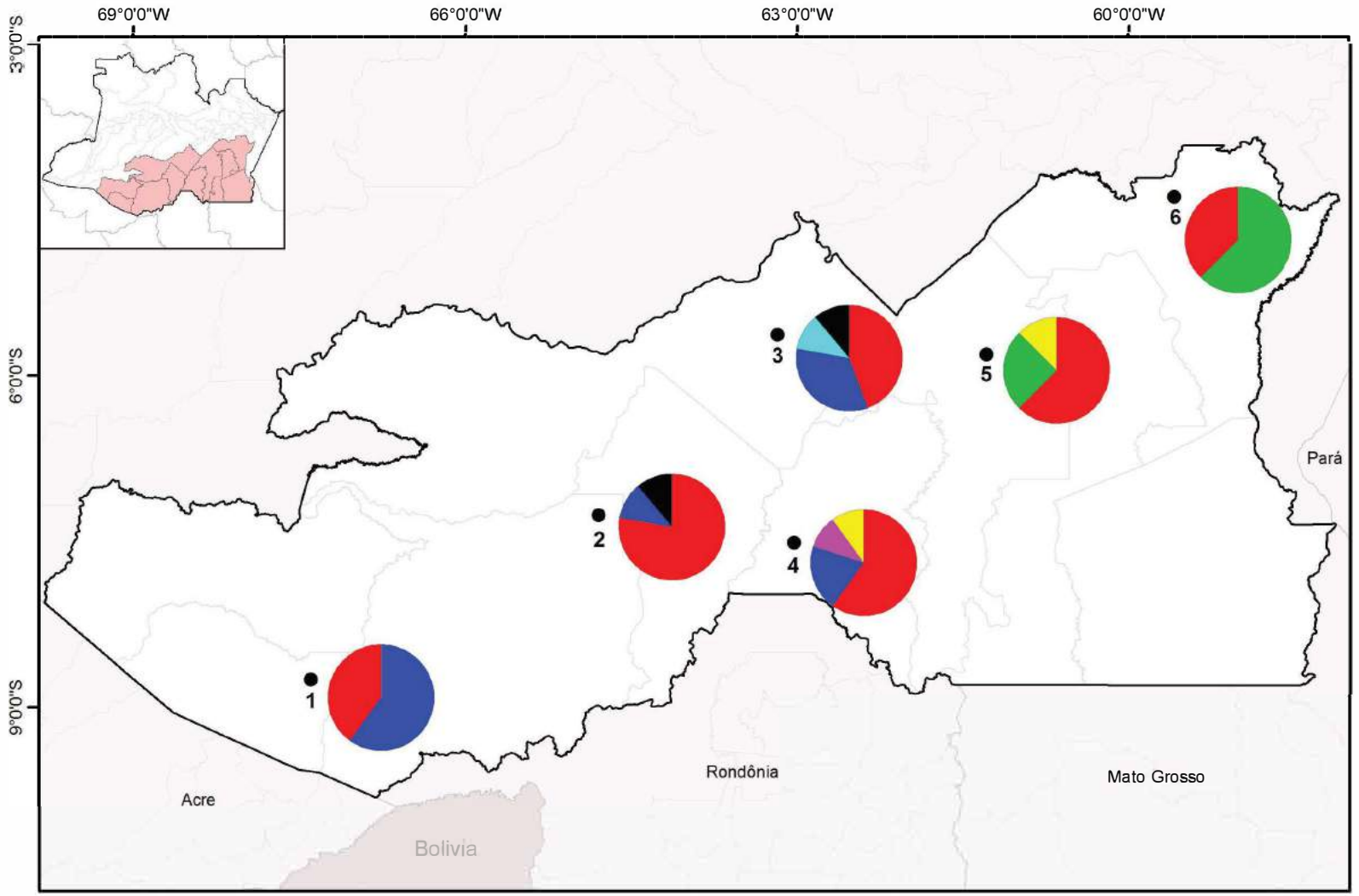


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: HB01 (Borba).
2. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **farinha-puba** ou **farinha-d'água**.
3. MB01 (Lábrea): Tem uns que chama de **toco-mole**.
4. HA01 (Tapauá): Que chama aqui? Chama **farinha-de-mandioca** mesmo (...).
5. MB02 (Humaitá): **Farinha torrada**. (...) **Farinha-d'água**, a que fica de molho a mandioca.
6. HB01 (Manicoré): Pois é, é **farinha** mesmo. (...) Só farinha aqui, "dá um quilo de farinha", é ela mesmo.
7. MB01 (Borba): **Farinha-amarela** que a gente chama.

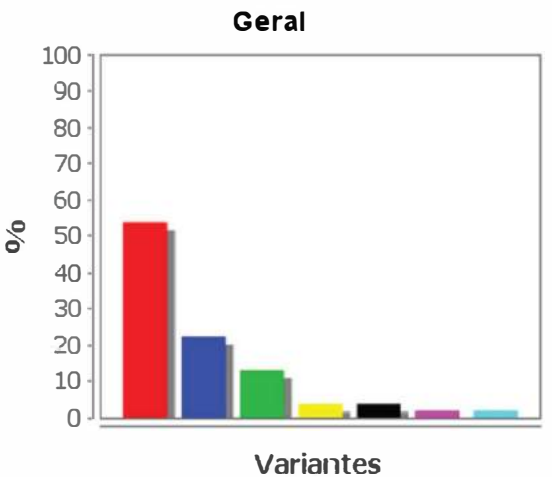
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L193 - Farinha-d´água

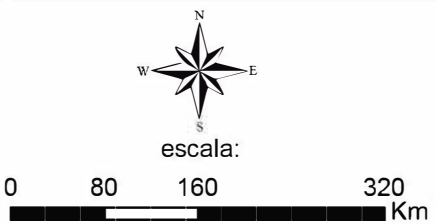



**Legenda**

- Farinha-d'água
- Farinha-puba
- Farinha-amarela
- Farinha
- Toco-mole
- Farinha torrada
- Farinha-de-mandioca



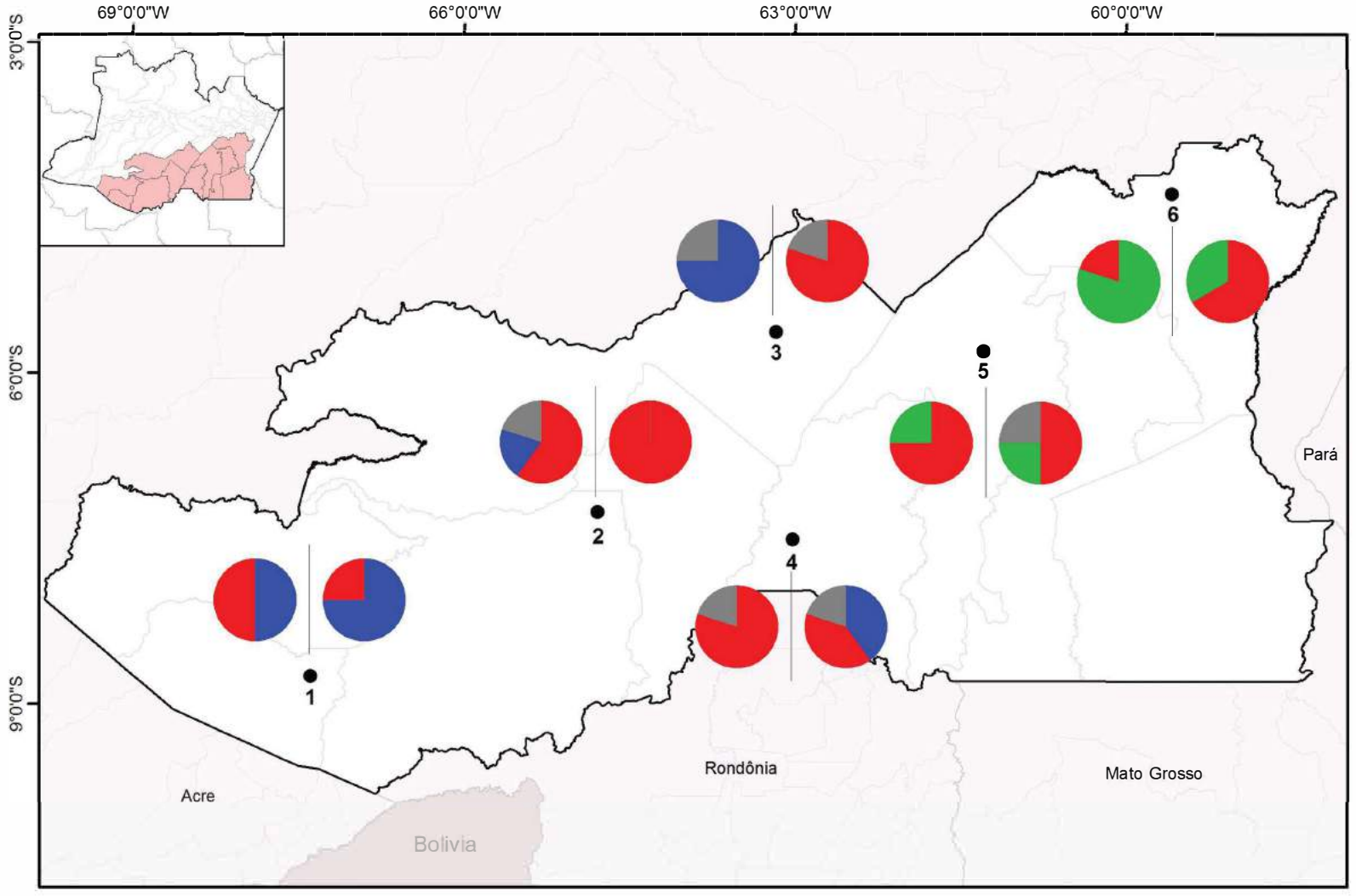

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L193a - Farinha-d´água - Distribuição por sexo

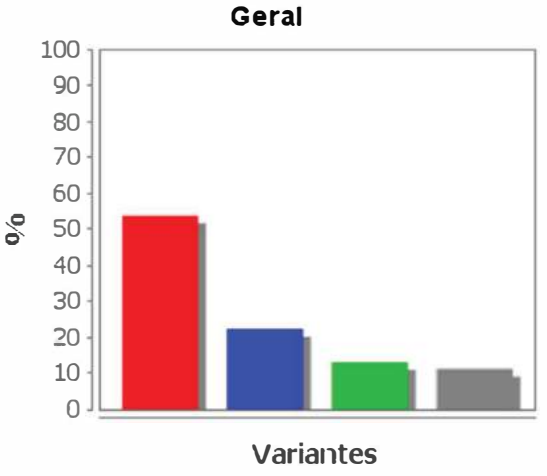



**Legenda**

- Farinha-d'água
- Farinha-puba
- Farinha-amarela
- Outros

① ②

**1: Feminino**
**2: Masculino**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L194
# FARINHA-SECA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-216:** E a que é feita com a mandioca ralada e é ideal para o preparo de farofas?

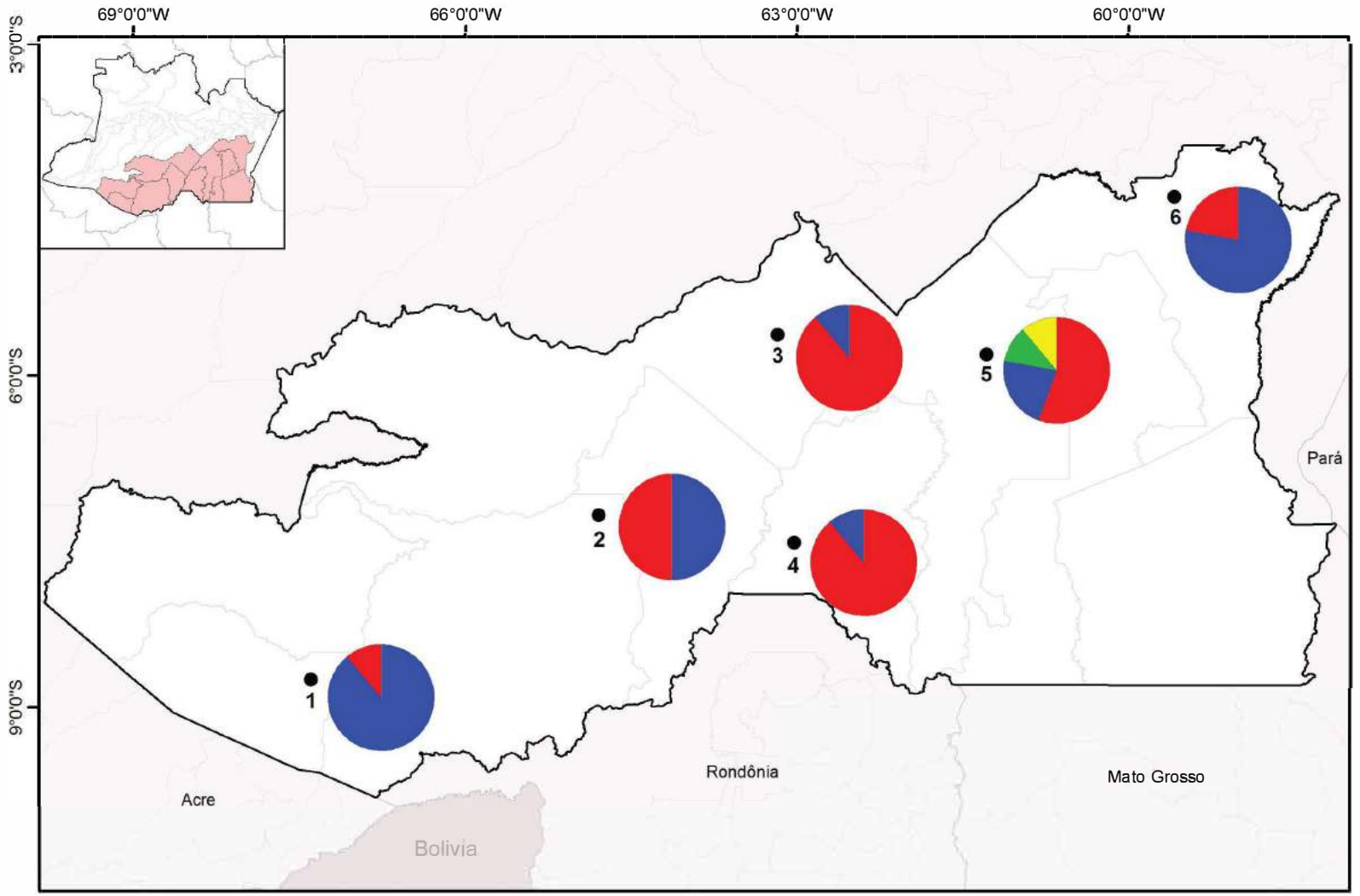


**NOTAS:**

1. MA02 (Boca do Acre): **Farinha-seca**, **farinha-branca**, né?
2. MA01 (Lábrea): **Farinha-seca**.
3. MB01 (Manicoré): **Farinha-de-macaxeira**... é **farinha-branca**.
   INQ.: Mas ela só pode ser feita de macaxeira?
   MB01 (Manicoré): Não, pode ser de mandioca também.
4. HA02 (Manicoré): **Toco-mole**.
   INQ.: É...? Aquela que é mais branca?
   HA02 (Manicoré): É toco-mole.
5. HB02 (Borba): **Farinha-seca**, **branca**.

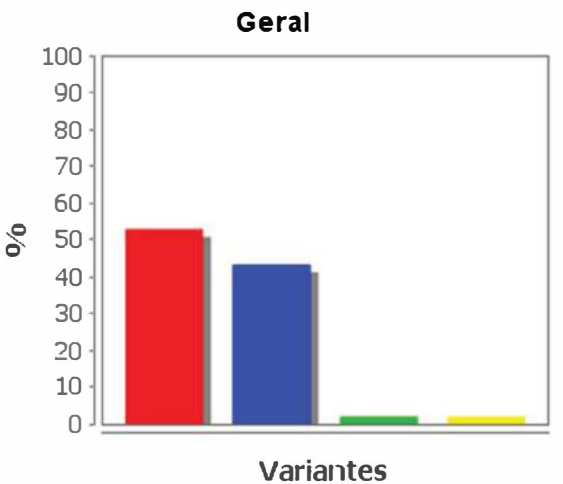
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L194 - Farinha-seca




**Legenda**

- Farinha-seca
- Farinha-branca
- Farinha-de-macaxeira
- Toco-mole




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L196
# GAMELA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-219:** Qual o nome do recipiente onde se guarda a massa de mandioca que sai do tipiti?



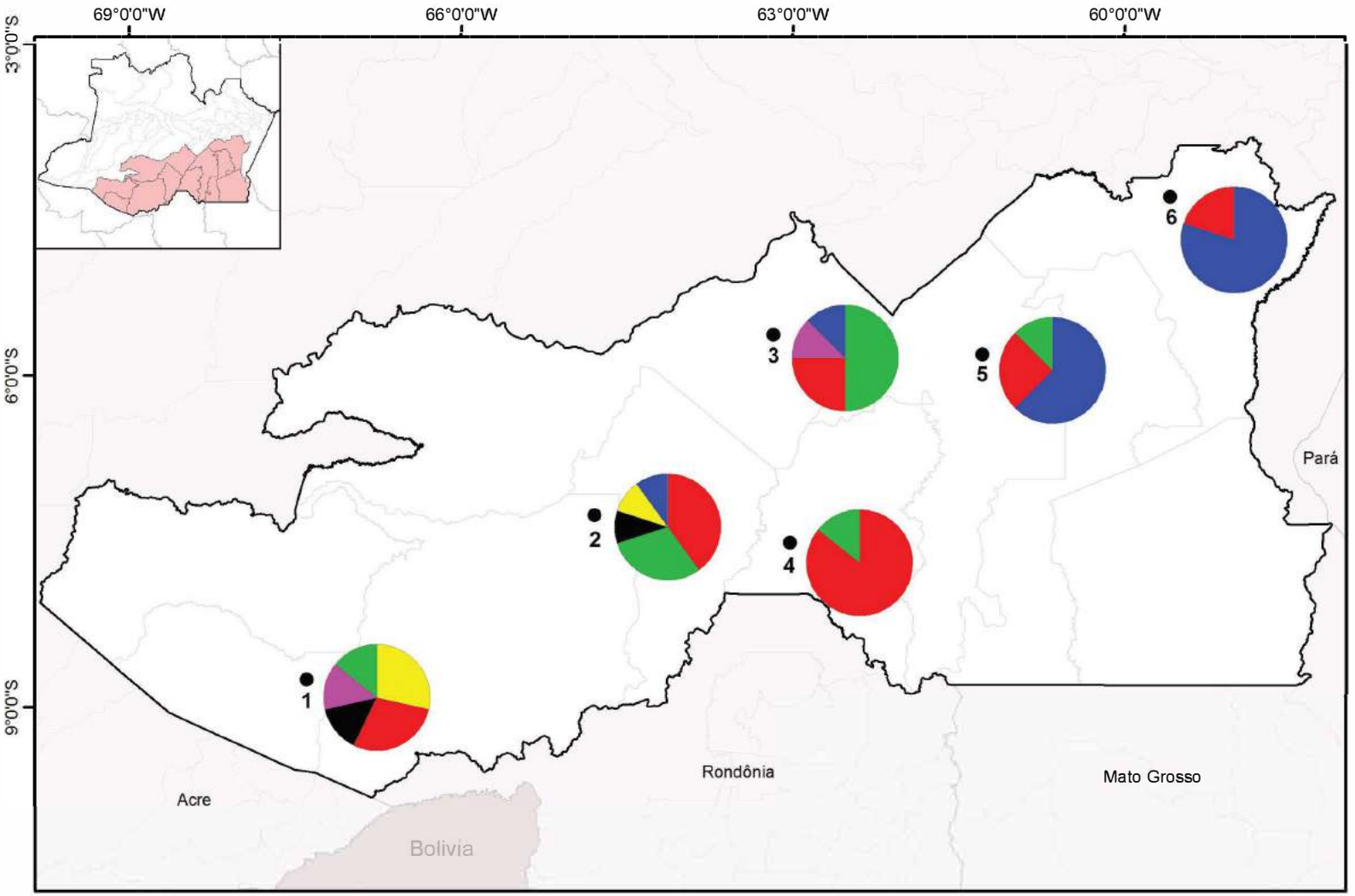


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 (Boca do Acre); MB01 e MA02 (Tapauá); MA01 e MB01 (Humaitá); HB01 (Manicoré) e HB01, MA01 e MB01 (Borba).
2. MA01 (Boca do Acre): **Cocha**.
3. MB01 (Lábrea): Põe dentro de uma **caixa**, dentro de uma **canoa**.
4. HA01 (Tapauá): Eu sei, joga lá na **caixa** pra peneirar. (...) Tira da prensa e põe na caixa de madeira, feita de madeira, uma caixa.
5. HB02 (Tapauá): Aquilo é a prensa, ou então a... pode ser a **caixa**, **bacia** , pode ser, não?
   INQ.: É o que eu uso para aguardar a massa.
   HB02 (Tapauá): Pra guardar a massa, lá na casa de farinha a gente usa é as caixa, né, pra guardar a massa, pra poder (inint.) bota dentro das caixa ou então numa..., como é que é, aquela outra lá, é... tem... a **gamela**, gamela.
   INQ.: Como é a gamela?
   HB02 (Tapauá): Ela é feita de madeira, cavada, tipo uma bacia mesmo, uma bacia, só que ela é cumprida, tem gamela do tamanho dessa cama aí, bem grandão.
6. HA02 (Humaitá): Pode ser uma **gamela** que era muito usada antigamente, ou uma **caixa,** né?
7. HB02 (Manicoré): **Gareira**, **caixa**.
   INQ.: É a mesma coisa?
   HB02 (Manicoré): É, a caixa é uma, mas tem a gareira que é feita de madeira.
   INQ.: Servem pra mesma coisa?
   HB02 (Manicoré): Pra mesma coisa.
8. HB02 (Borba): **Gareira**.

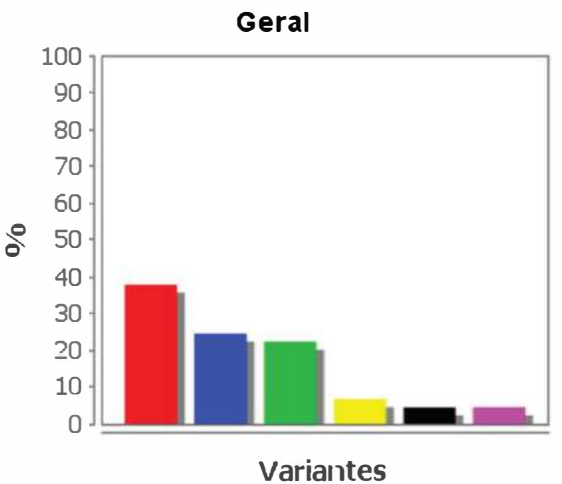
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L196 - Gamela

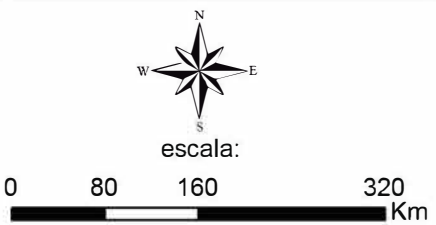



**Legenda**

- Gamela
- Gareira
- Caixa
- Cocha
- Canoa
- Bacia




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L197
# GOMA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-220:** E o nome daquela massa branca que sai da mandioca?

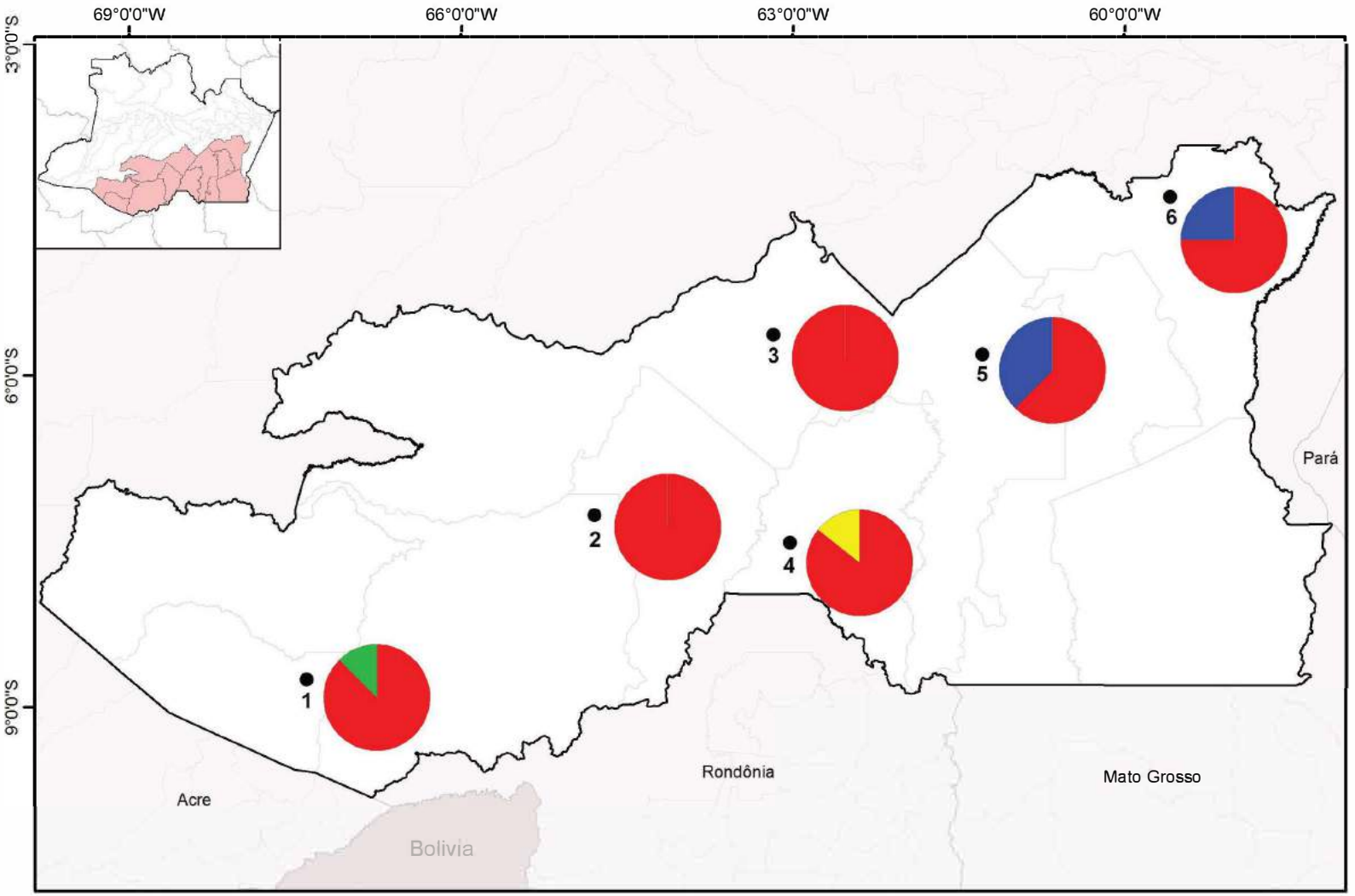


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MB01 (Humaitá).
2. HB01 (Boca do Acre): Aquilo ali é o **amido**, né?
3. HB01 (Lábrea): A **goma**.
4. HB02 (Humaitá): Massa branca, massa branca... **Polvilho**, é polvilho.
5. HA02 (Borba): A **tapioca**.

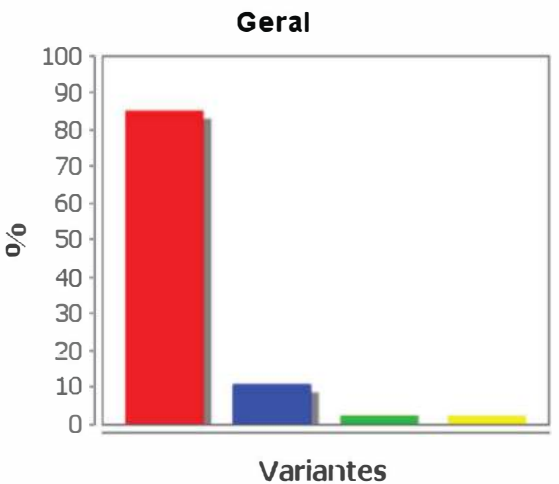
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L197 - Goma

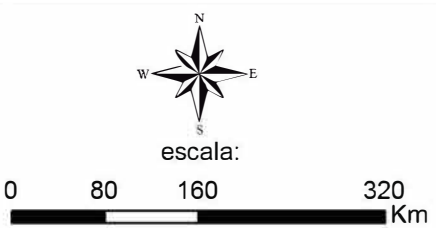



**Legenda**

- Goma
- Tapioca
- Amido
- Polvilho




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L198
# INSTRUMENTOS USADOS PARA EXTRAIR O CALDO DA MASSA DE MANDIOCA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-222:** Qual o instrumento que serve para apertar a mandioca para extrair-lhe o caldo?



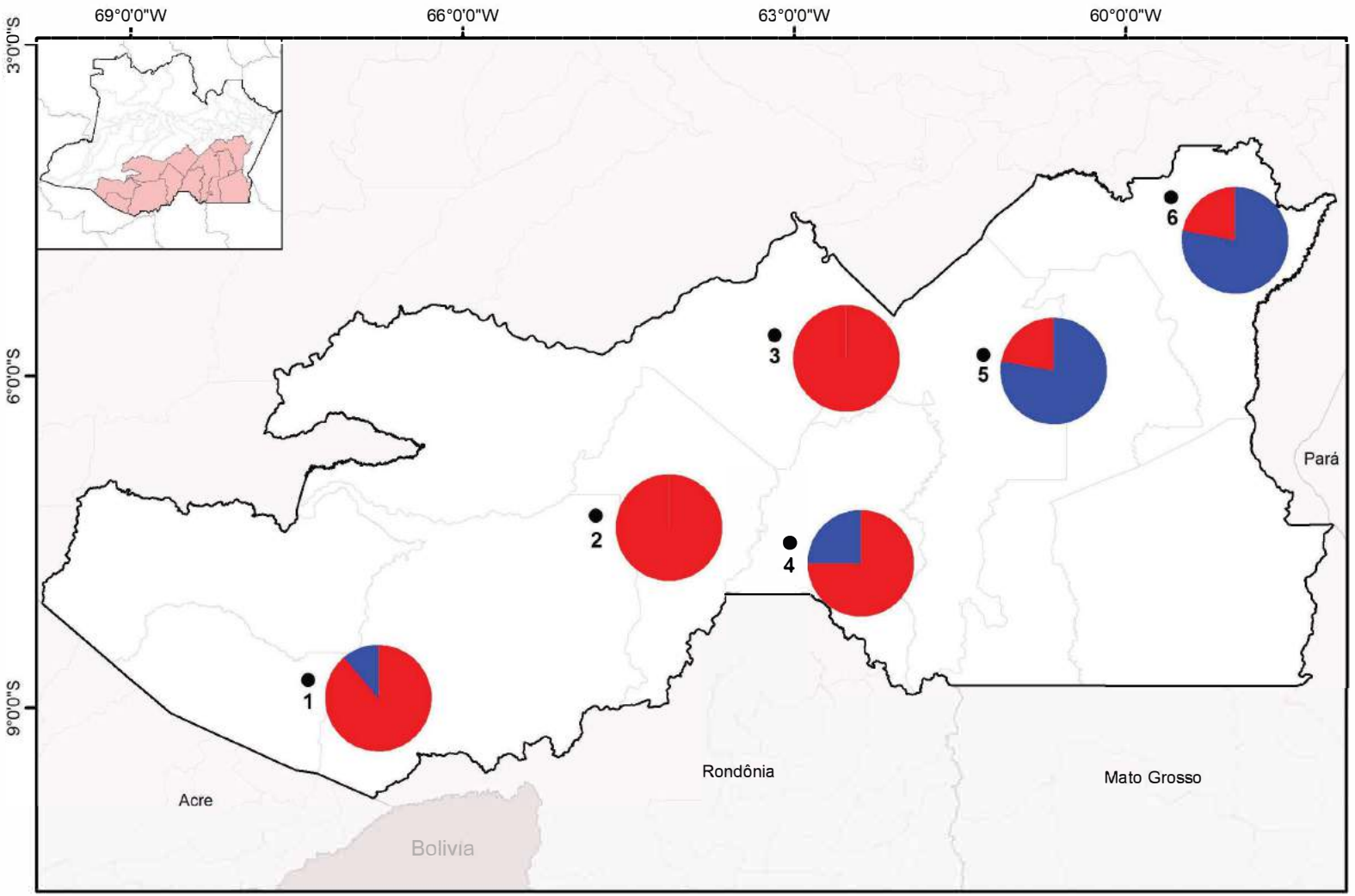


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER:MA01 (Humaitá).
2. HB02 (Boca do Acre): Tem a **prensa** e **tipiti**.
   INQ.: Tem diferença?
   HB02 (Boca do Acre): Tem, o tipiti é um artesanato indígena que cumprido que coloca a massa dentro e puxa assim, (inint.), e a prensa é dento de um quadrado que aí vem um cepo por cima que tem uma alavanca e ela prensa.
3. MA02 (Lábrea): Pois é, a **prensa**.
4. HA02 (Tapauá): **Prensa**, para de falar de mandioca e vamos falar de outra fruta?
5. HA02 (Humaitá): Pode ser o **tipiti** ou a **prensa**.
   INQ.: São diferentes.
   HA02 (Humaitá): São diferentes. O tipiti é tala de jacitara e a prensa é madeira, né.
6. HA01 (Manicoré): **Tipiti**.
7. HB01 (Borba): **Tipiti**? Lá no rancho do meu sogro é a **prensa** mesmo.
   INQ.: Tem diferença da prensa para o tipiti?
   HB01 (Borba): Tem. A prensa é uma prensa mesmo, ele fez, ele botou um pau e tem umas tábulas que aperta a massa que sai o líquido.
   INQ.: E o tipiti como é?
   HB01 (Borba): Tipiti é feito manual, assim, entrelaçado de palha.

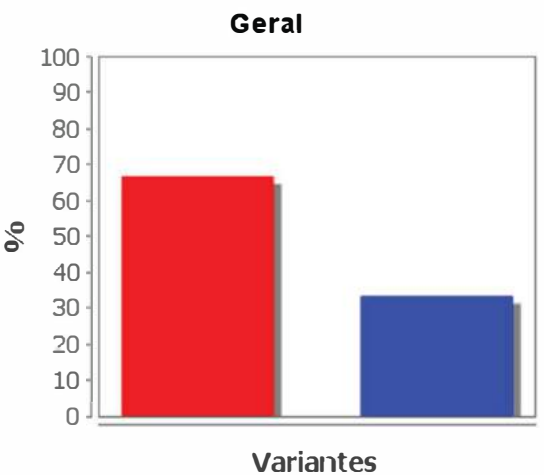
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L198 – Instrumentos usados para extrair o caldo da massa de mandioca

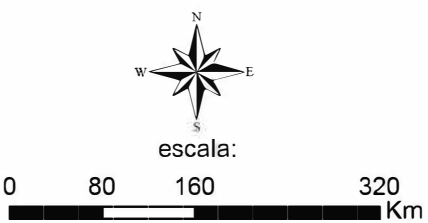



**Legenda**

- Prensa
- Tipitii




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L199
# TANGERINA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-223:** Como se chama aquela fruta menor que a laranja, que se descasca com a mão?

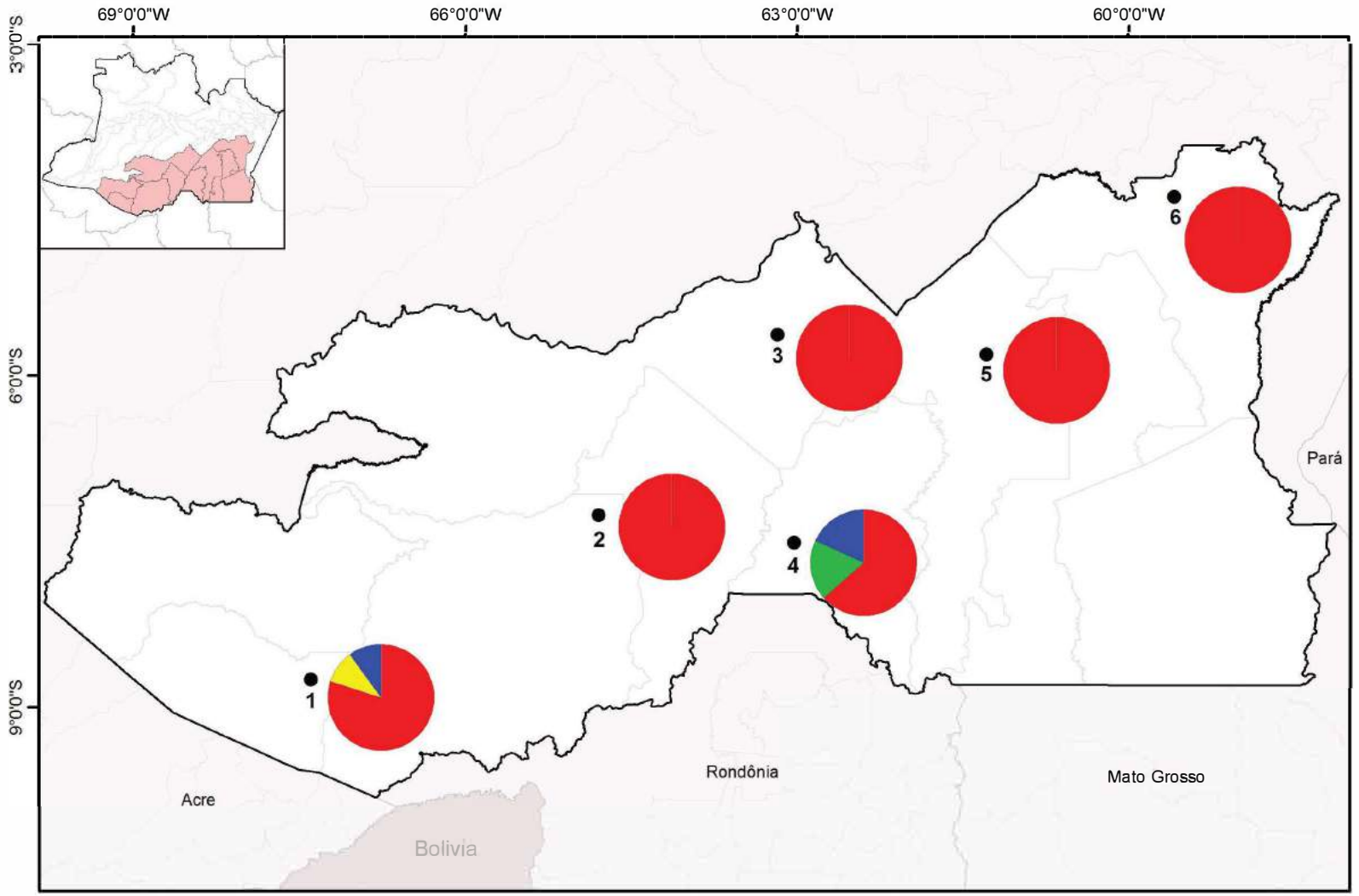


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Lábrea) e HB01 (Tapauá).
2. MB01 (Boca do Acre): Tem gente que chama de **tangerina**, tem gente que chama de **mexerica**, de **bergamota**. Eu descobri que era bergamota vendendo Jequiti (risos), mas é tangerina, mexerica.
3. MA02 (Tapauá): Tangerina?
4. HA02 (Humaitá): Aqui a gente chama de **mexerica**, **tangerina**, **pocã**. Tem vários nomes, né?
   INQ.: É a mesma fruta?
   HA02 (Humaitá): É a mesma fruta, quer dizer, tem umas que vêm do sul, que é aquelas grandona que é a pocã mesmo, né, e aquela pequenininha assim é mexerica. Mexerica ou tangerina, é a mesma fruta.
5. MA02 (Manicoré): **Tangerina**.

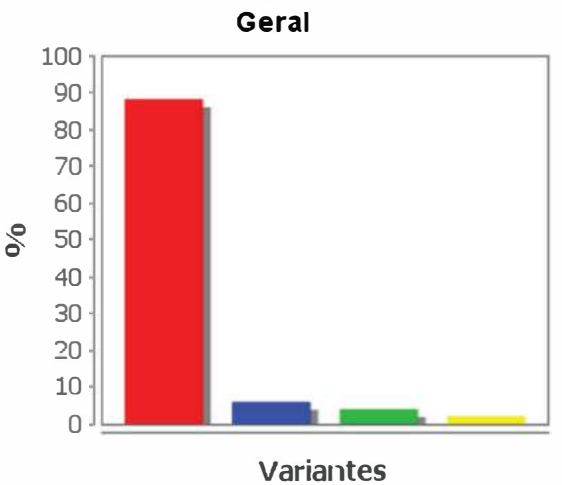
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L199 - Tangerina




**Legenda**

- Tangerina
- Mexerica
- Pocã
- Bergamota




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L200
# BANANA-NAJÁ

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-224:** Como se chama aqui a menor espécie de banana de casca amarela e polpa doce?

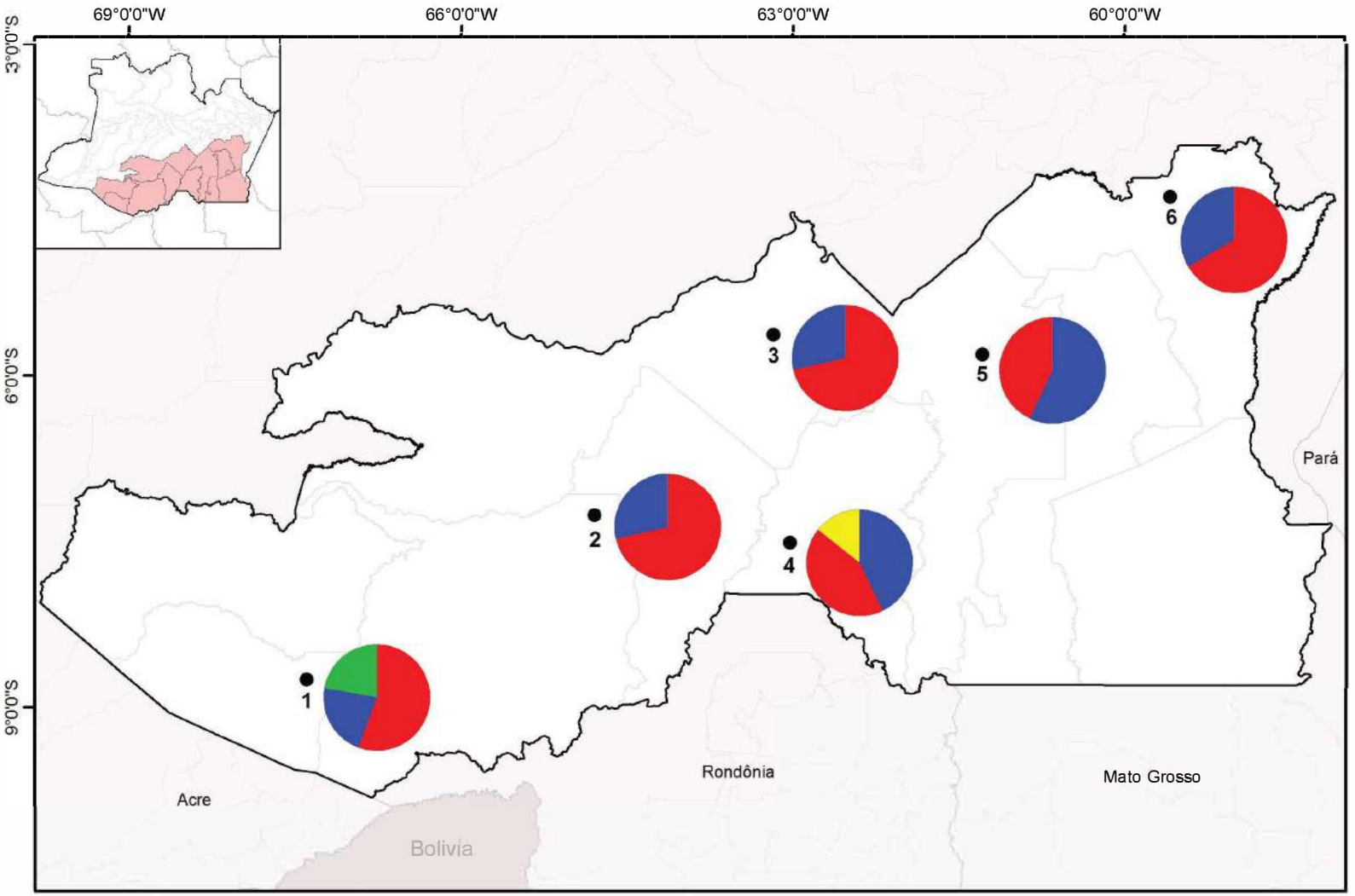


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HA02 e HB01 (Lábrea); HB01 (Tapauá); MB01 e MB02 (Humaitá); HA01 (Manicoré) e HA01 e MA01 (Borba).
2. HB01 (Boca do Acre): A **banana-maçã**.
3. MB01 (Boca do Acre): É **banana-nanica**, tem a **banana-anajá**, eu acho que é pequenininha também.
   INQ.: Mas ela não é a mesma banana?
   MB01 (Boca do Acre): Não, eu acho que a anajá ela é mais escurinha, roxinha e a banana nanica é pequenininha mesmo.
4. MB02 (Lábrea): **Najá**? **Nanica**?
   INQ.: É nanica ou é najá?
   MB02 (Lábrea): Eu até gosto de banana... (risos)
   INQ.: Como é a nanica?
   MB02 (Lábrea): Nanica geralmente é coisa pequena eu acho.
5. HB02 (Humaitá): **Baié**.
   INQ.: Como?
   HB02 (Humaitá): **Banana-najá**. Amarelinha, gostosa.
6. MB02 (Borba): A **najá**.

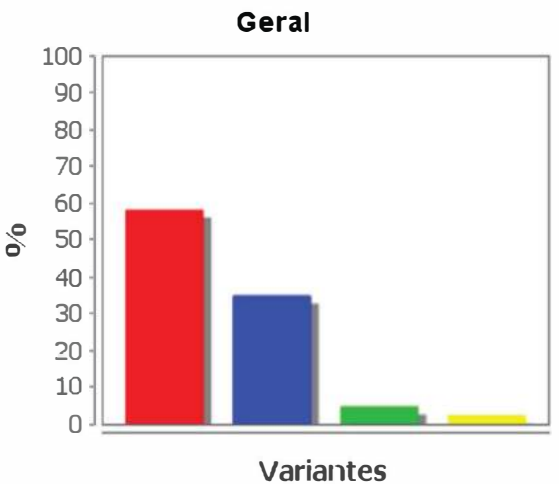
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L200 - Banana-najá

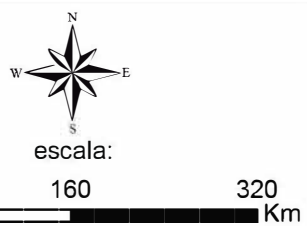



**Legenda**

- Banana-(i)najá
- Banana-nanica
- Banana-maçã
- Banana-baié



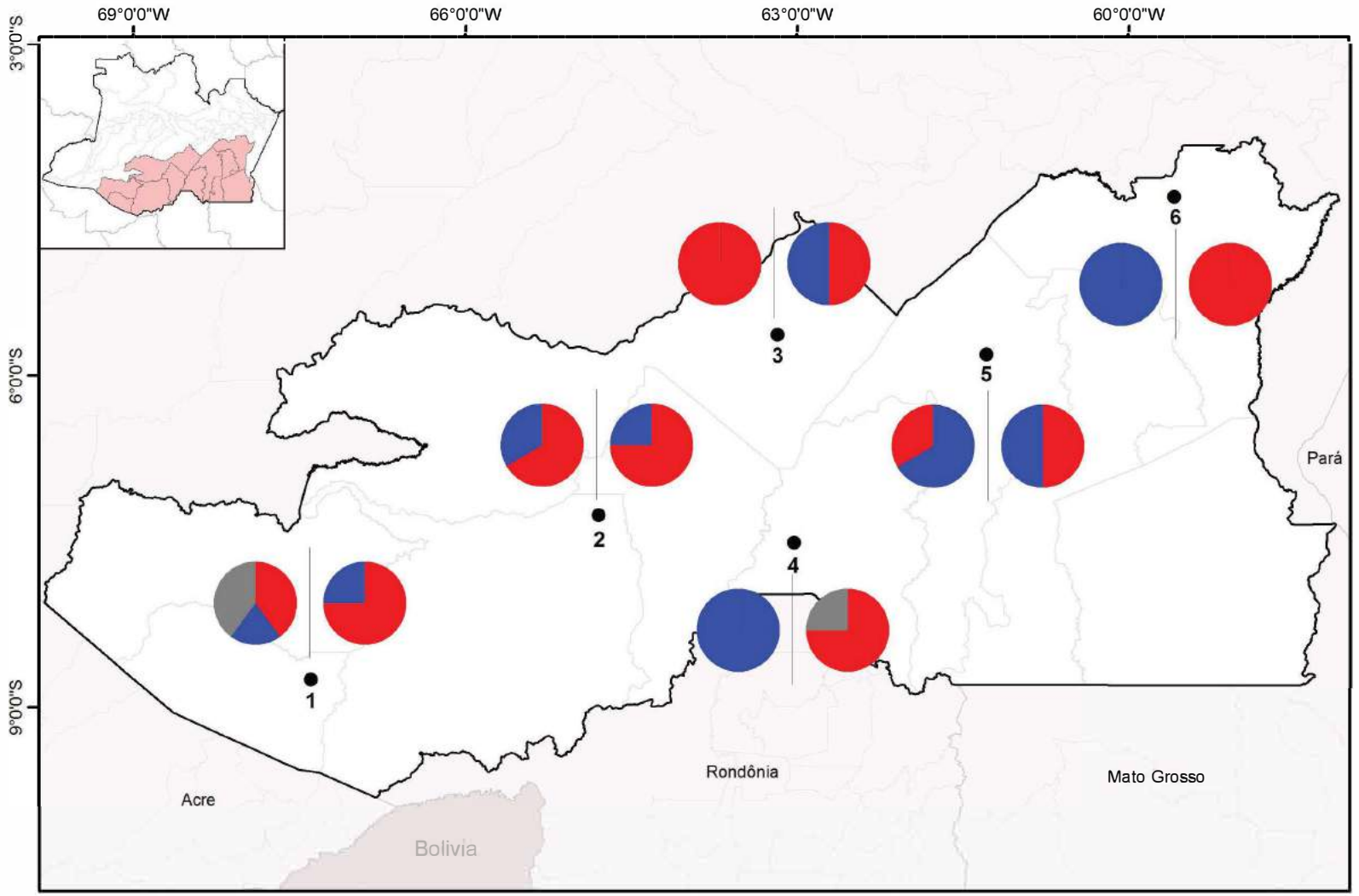

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L200a - Banana-najá - Distribuição por idade

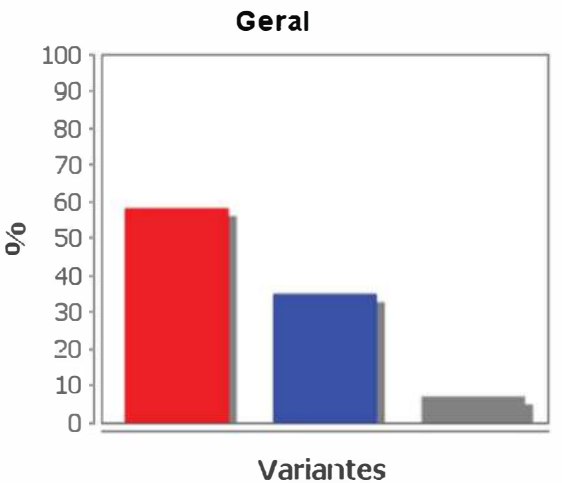



**Legenda**

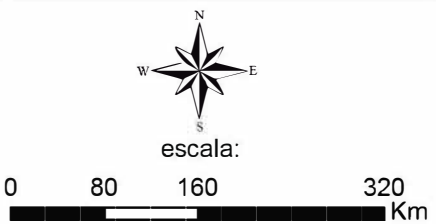
- Banana-(i)najá
- Banana-nanica
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L201
# BANANA-MAÇÃ

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-226:** E aquela outra também muito comercializada que só fica madura quando a casca está bem amarela e é mais doce que a banana-prata?

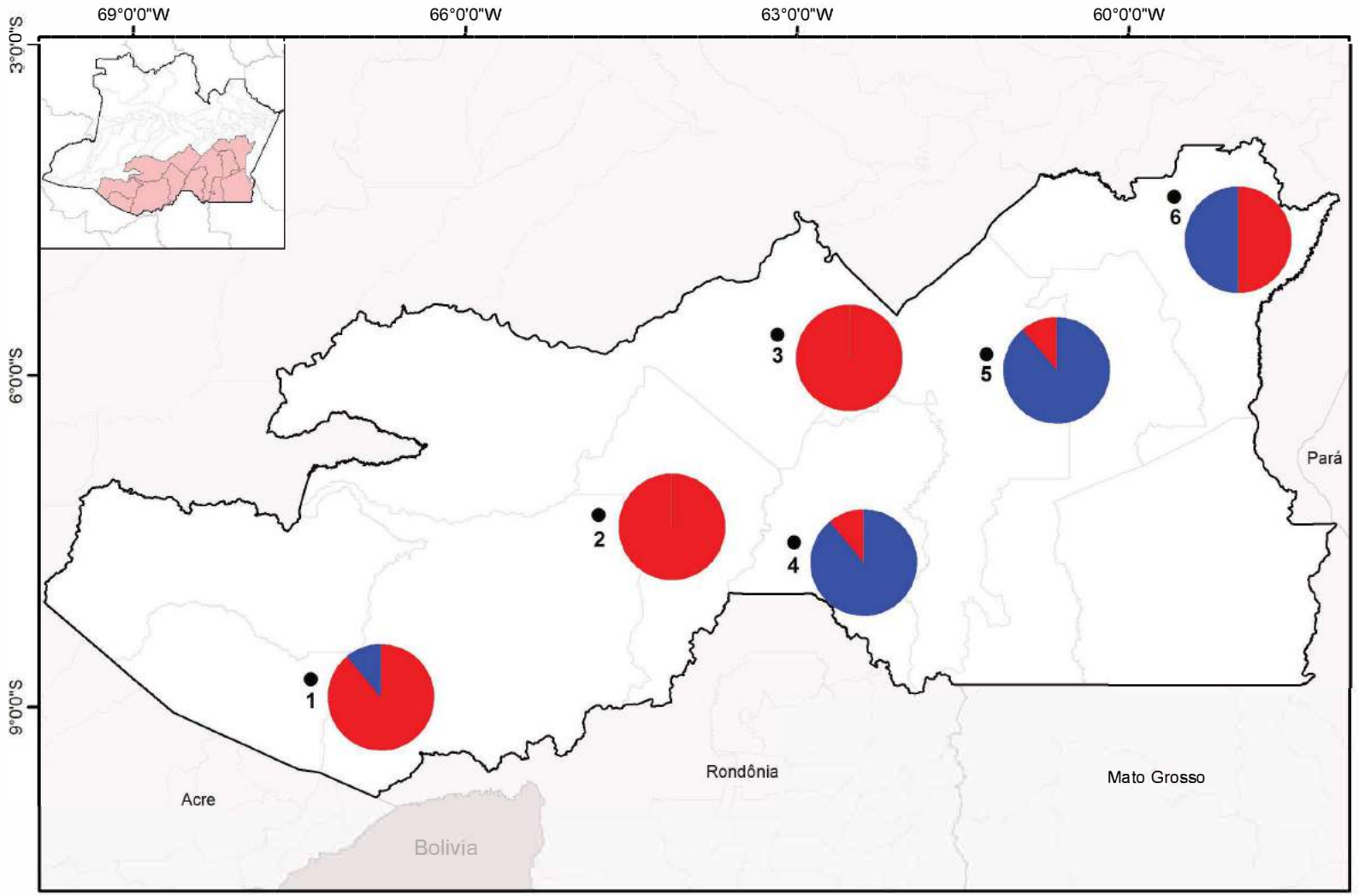


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA02 (Tapauá).
2. MA02 (Boca do Acre): Ela chama **maçã** e a **branquinha**, é uma só.
   INQ.- Ah, chama de branquinha também.
   MA02 (Boca do Acre): É, banana branquinha e banana-maçã.
3. HB01 (Tapauá): É a maçã.
4. HA02 (Humaitá): Pra nós é **branca**, pro pessoal que vem do sul é **maçã**. É a mesma coisa.
5. HA02 (Borba): Branca, **banana-branca**.

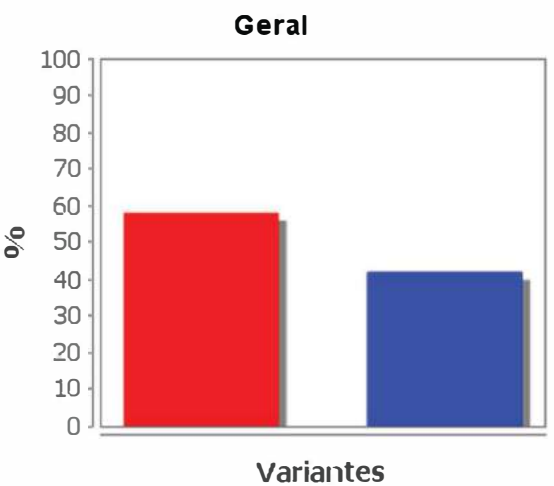
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L201 - Banana-maçã

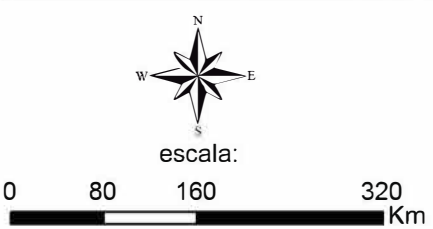



**Legenda**

- Banana-maçã
- Banana braquinha / Banana-branca




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L202
# BANANA-COMPRIDA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-227:** Como se chama aquela banana maior que é muito usada na culinária e as pessoas preferem ela frita ou cozida?

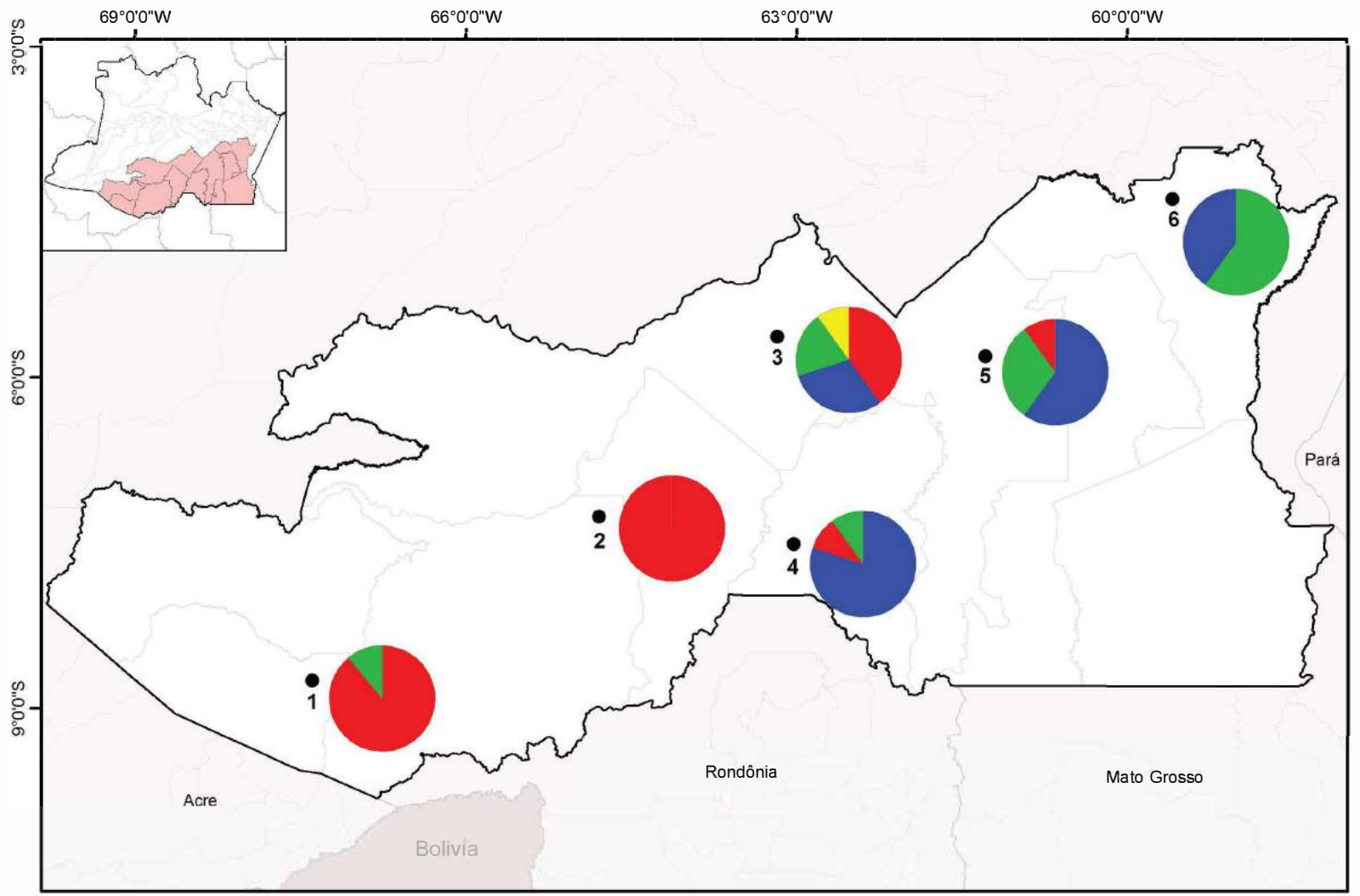


**NOTAS:**

1. HB02 (Boca do Acre): **Banana-comprida** ou **pacovão**.
2. .MA01 (Lábrea): **Banana-comprida**.
3. MA01 (Tapauá): É a **banana-costela** que chama. (...) É que ela parece uma costela (risos).
   INQ.: Ah é? Eu não sabia (inint.) (risos).
   MA01 (Tapauá): É a **banana-grande**, né? (...) É pode ver que ela é uma costela todinha.
   INQ.: Mas o nome dela é banana-grande ou banana-costela?
   MA01 (Tapauá): Banana-grande, banana-costela, o pessoal chama mais grande, né? Mas ela é (inint.) costela (risos).
4. HA02 (Humaitá): Aqui pra nós é **banana-comprida**, mas ela tem vários nomes. Variando de região pra região é (...) **banana-pacovã**. É um monte de nomes que ela tem. Pra nós é **banana-grande** ou banana-comprida.
5. HB02 (Manicoré): **Pacovã** ou banana-**grande**.
6. HB01 (Borba): Acho que é a **banana-pacovão** ou a **banana-grande**, é a mesma coisa eu acho.

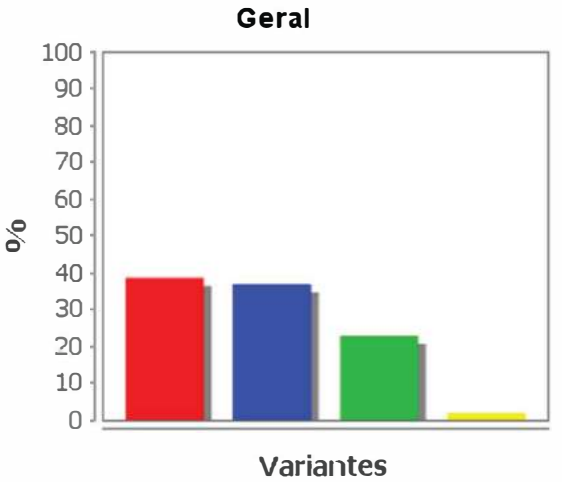
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L202 - Banana-comprida

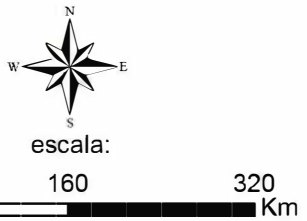



**Legenda**

- Banana-comprida
- Banana-grande
- Banana pacovã(o)
- Banana-costela



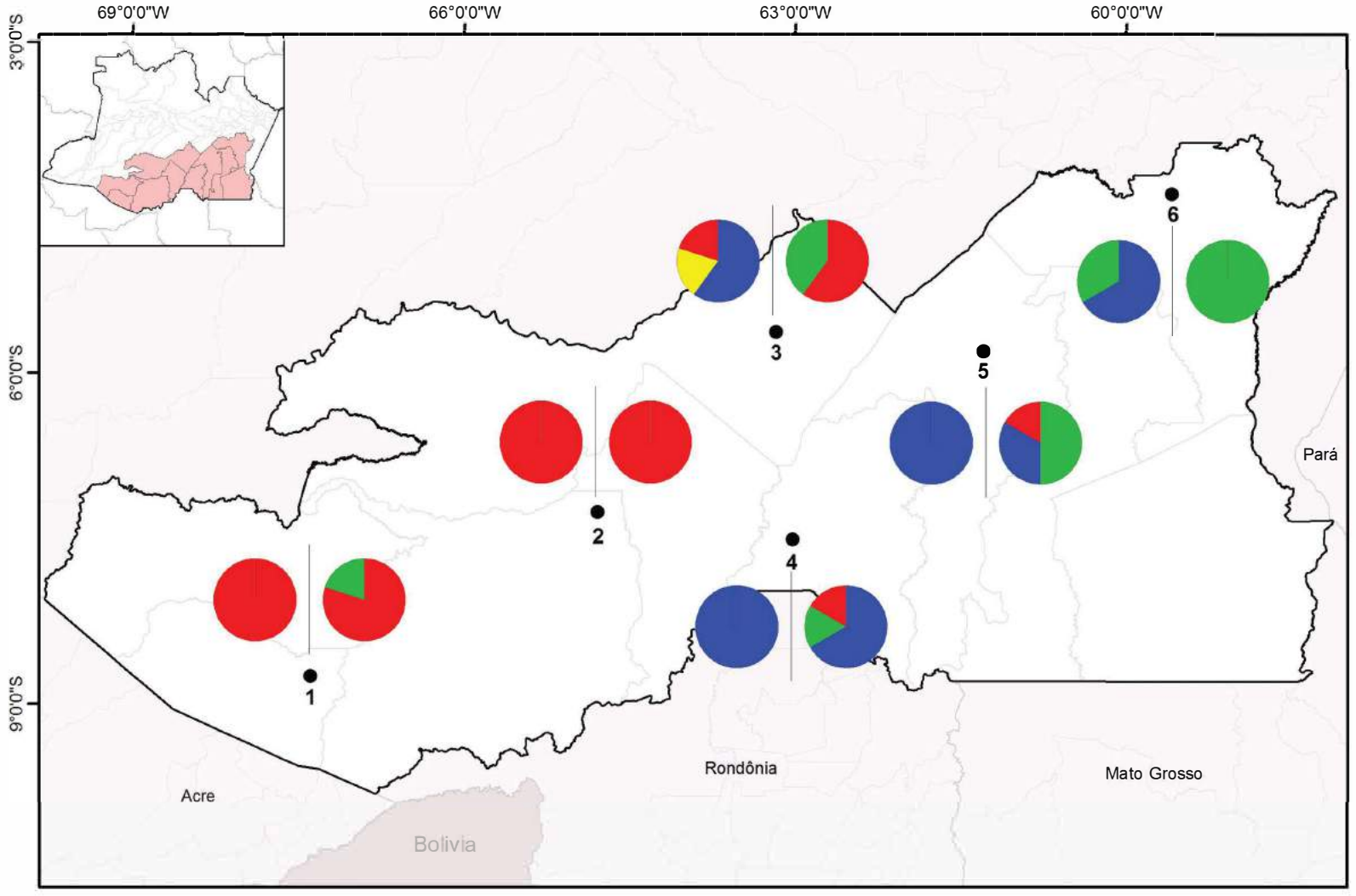

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L202a - Banana-comprida - Distribuição por idade

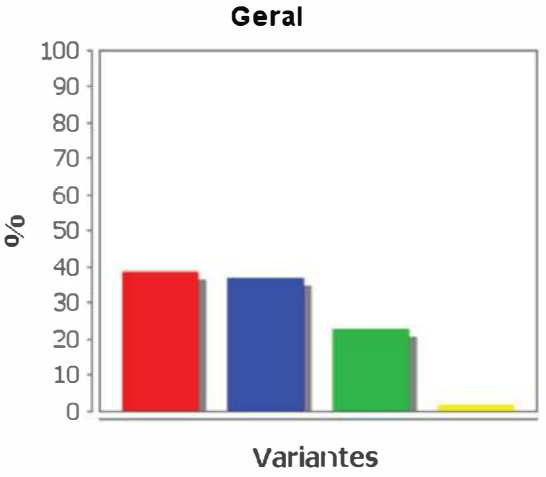



**Legenda**

- Banana-comprida
- Banana-grande
- Banana pacová(o)
- Banana-costela

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L203
# OUTRAS ESPÉCIES DE BANANA CONHECIDAS

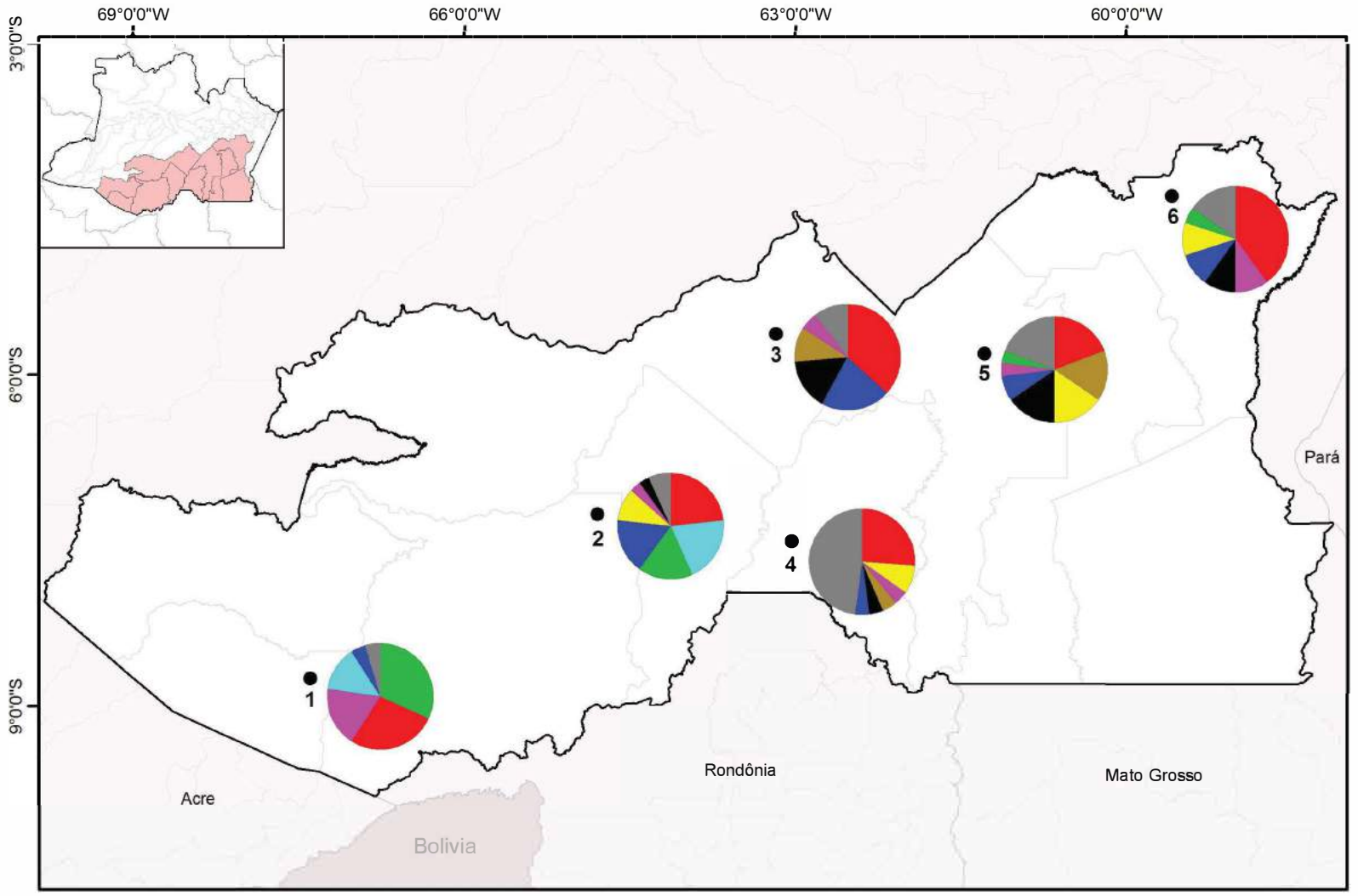
**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-228:** Quais outros tipos de banana comum aqui que você conhece?

**NOTAS:**

1. Esta carta reúne as variadas respostas dadas à pergunta, logo a frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes. Na legenda, foram reunidas formas consideradas variantes, com base nas características dadas pelos informantes.
2. NÃO SOUBE RESPONDER: MA02 (Tapauá).
3. OUTRAS RESPOSTAS: HA01 (Tapauá): A **baé** que é igual a banana najá, quase; MB01 (Humaitá): A **banana-maçã**; MB02 (Humaitá): **Pacovã**, a branca... não; HB02 (Humaitá): (...) Tem a banana-branca, tem a banana-najá, tem a **banana-grande**, tem a banana pacovi, pacovã, tem a **banana-nanica** que eu falei agora pouco e tem a banana é...; HA02 (Humaitá): tem a **banana-pirulito** que meu pai plantava muito, dava as palma grandona, assim, as banana tudo assim grandona... Ela tá verde e já tá mole pra gente comer; MA02 (Borba): Tem, tem aquela **banana-cacau** que chamam também (...).
4. MA01 (Boca do Acre): É a **peruá**, a maçã, a prata, a comprida, a... e, um tipo de banana que tem aqui que fala **chifre-de-bode**, né, que ela é bem comprida, sabe?
   INQ.: Ahan, mas ela é mais fina, não é?
   MA01 (Boca do Acre): É mais fina e mais pequena.
5. MA01 (Lábrea): Tem a **banana-roxa**, tem a banana-nanica. (...) E tem a banana que o pessoal chama de engana besta, que ela tá com a casca verdinha e tá bem madurinha.
   INQ.: O nome dela é esse mesmo?
   MA01 (Lábrea): Não, é banana **peruaca**, só que no nosso linguajar a gente usa assim. Ela é bem docinha, lá no sítio do meu pai tem. Aí tem a **banana-sapa** também, que o pessoal chamo, que é grande também.
6. MB02 (Lábrea): **Banana-ouro**. (...) Ela é parecida com aquela **banana-sapo** que chamam, ela é cheia de quina assim, e não é boa, ela é meio salobra. **Banana-roxa** que é bem docinha, tem a casca roxa mesmo, bom, a maçã, a **prata**, a nanica (...).
7. MA01 (Tapauá): eu conheço a **banana-roxa**, a banana-maçã, a banana **santomé branca**, conheço muita banana, só que agora eu não me lembro. (...) e a **santomé roxa** também, fica quase dessa cor, quando ela tá madura ela é bem roxinha.
8. HB02 (Tapauá): Tem a **banana-roxa**, a **banana-prata**, maçã e a **banana-santomé**, que é um tipo, né, tem uma que chama **enxertada**. **(…)** Essa enxertada não é muito gostosa não, ela é muito ruim, agora a melhor banana mesmo é a banana-maçã e a prata é boa.
9. HA02 (Tapauá): Eu conheço, **najá**, **prata**, pacovão, cumprida, é... **chifre-de-boi**.
10. MA01 (Humaitá): (...) E tem a **banana-tangerina**. (...) A banana-tangerina ela é ‘laranjada, por dentro dela ela é ‘laranjada, só que a casca dela é amarela, só que ela é grande. E doce. Doce, doce, doce.
11. MA01 (Manicoré): Tem a banana **santomé**, da branca e da roxa, e tem **banana clonada** que é uma misturada com a outra.
12. MB01 (Manicoré): É a **banana do IDAM** eu acho.
13. HB02 (Borba): **Pacovi**.(...) É quase igual a pacovã, quase igual, só que ela é menor. (...) **Peruí**, (...) **Banana-roxa**, tudo tem.

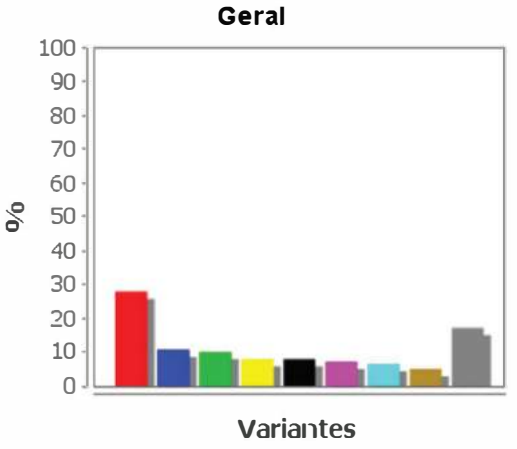
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L203 – Outras espécies de bananas conhecidas

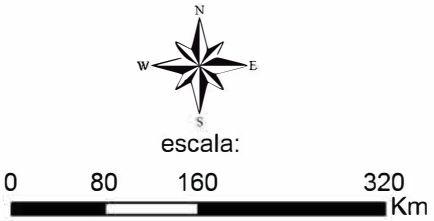



**Legenda**

- Banana prata
- Banana-roxa
- Banana peruaca/ Banana peruá/ Banana peruí
- Banana-(i)najá/ Banana-ouro
- Banana santomé/ Banana santomé branca/ Banana santomé roxa/ Banana-tangerina
- Banana chifre-de-bode/ Banana chifre-de-boi/ Banana pacovi
- Banana-sapo(a)
- Banana clonada/ Banana do IDAM/ Banana enxertada
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L206
# VAGEM

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-234:** Os grãos do feijão ficam dentro de quê? Como se chama a parte da planta que abriga os grãos de feijão?



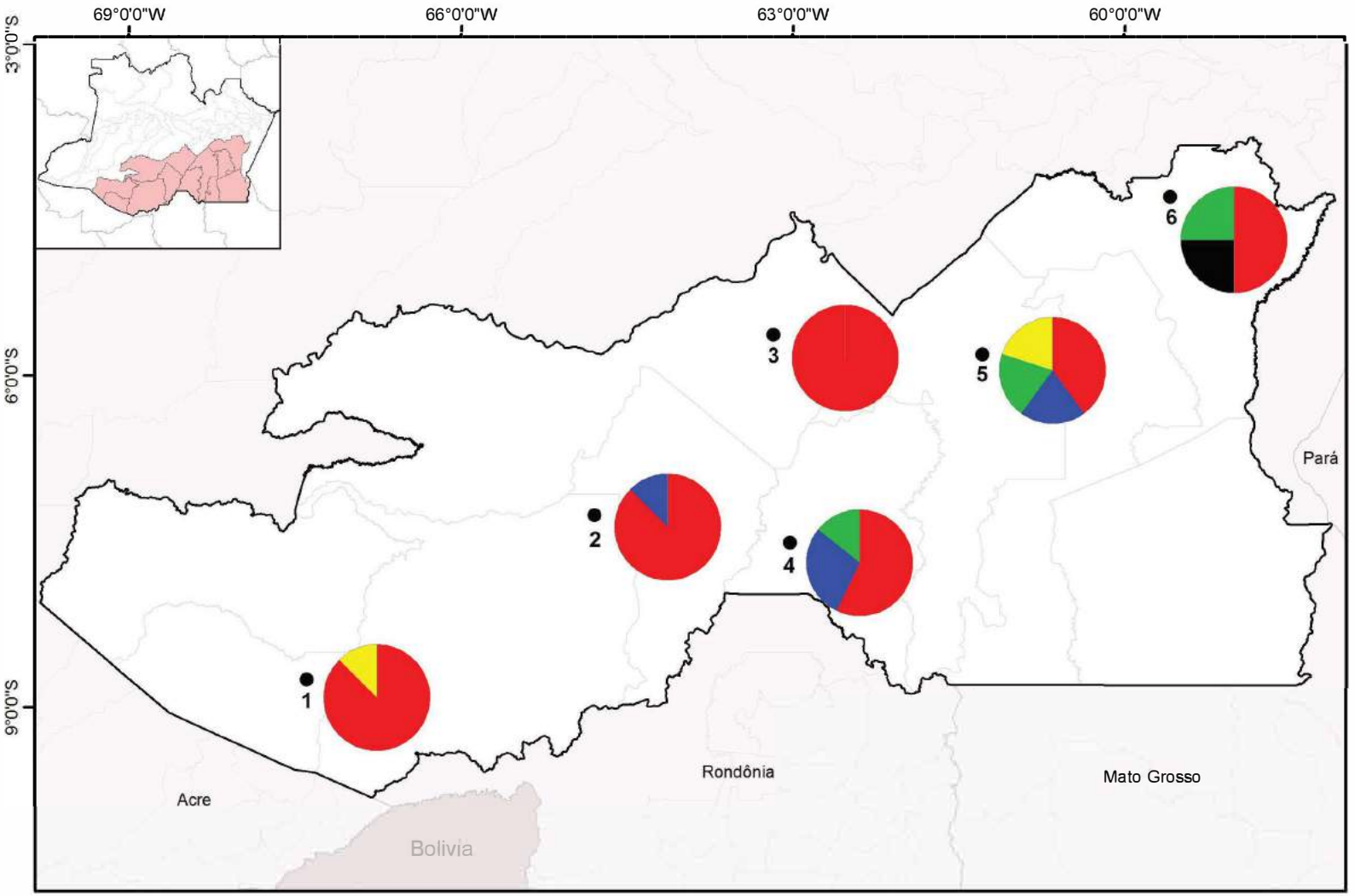


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 (Humaitá); HA01, HB01 e HB02 (Manicoré) e HA01, HA02, MA01 e MB01 (Borba).
2. MA01 (Boca do Acre): Da **baja**?
3. HB02 (Lábrea): **Casca**.
4. MB02 (Tapauá): Dentro das **vagem** dele, né?
5. HA01 (Humaitá): Ficam dentro da **palha**, né?
6. MA01 (Manicoré): Na **bajazinha**.
7. HB01 (Borba): Dentro do **cordão**.

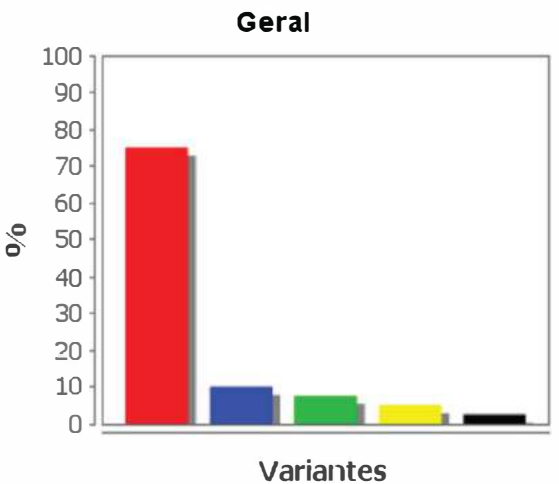
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L206 – Vagem




**Legenda**

- Vagem
- Casca
- Palha
- Baja/ Bajazinha
- Cordão




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L207
# JERIMUM

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Agricultura) – QSL-235:** Como se chama aquele legume grande e duro, alaranjado por fora e por dentro, que é comido cozido?



**NOTAS:**

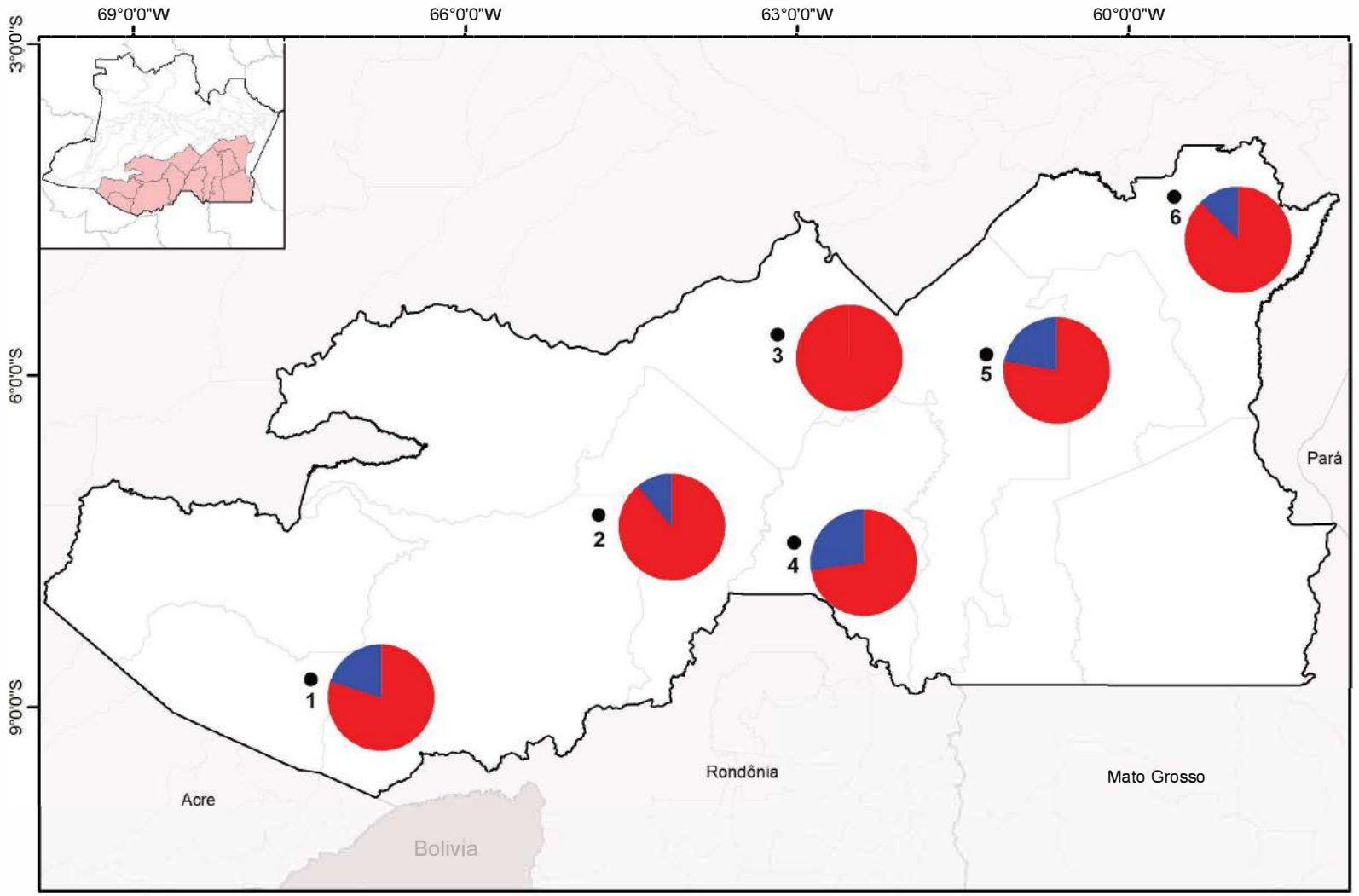
1. MB01 (Boca do Acre): **Jerimum**, **abóbora**.
2. HA01 (Lábrea): **Jerimum**, **abóbora**.
3. MB02 (Humaitá): **Jerimum**? **Abóbora**? Jerimum.

.

4. HB01 (Manicoré): **Abóbora** ou então..., tem muita gente que fala abóbora, não tem... o **jerimum**, né?
   INQ.: É a mesma coisa?
   HB01 (Manicoré): É, o pessoal fala mais jerimum aqui

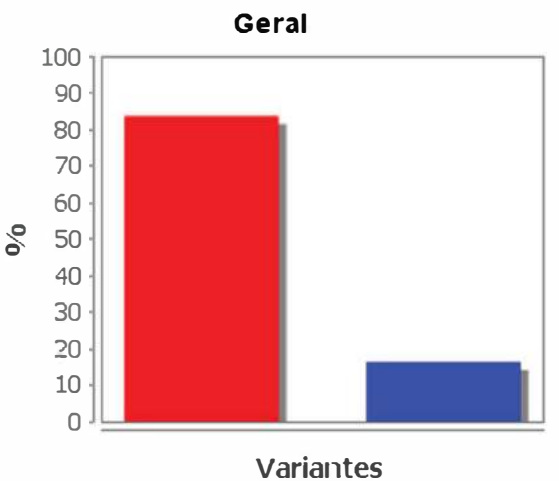
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L207 - Jerimum

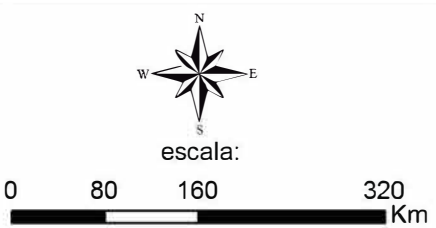



**Legenda**

- Jerimum
- Abóbora




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L208
# TOURO

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pecuária) – QSL-236:** Como se chama o gado bovino macho que não foi castrado?

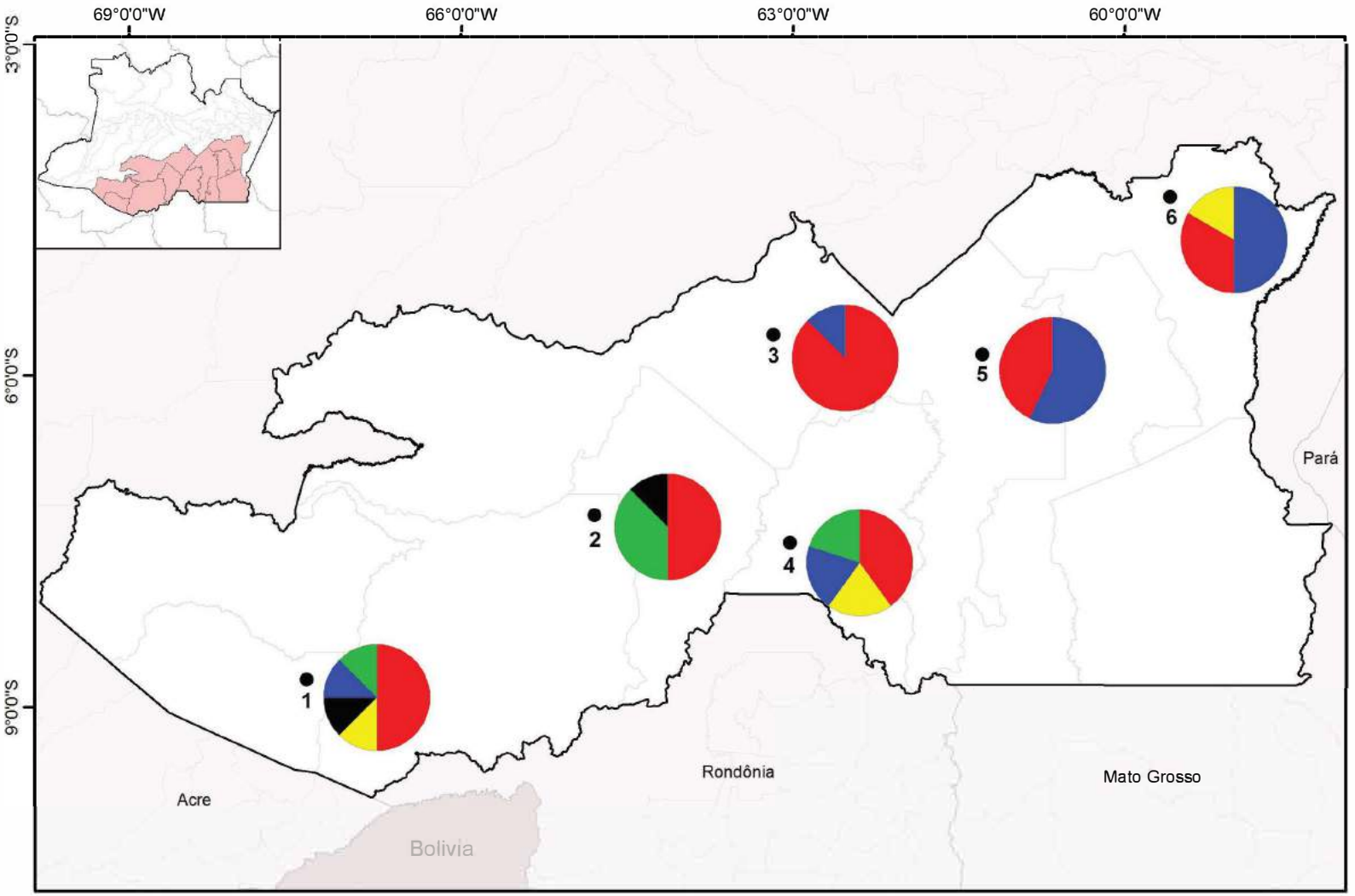


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB02 (Tapauá); HA01, MA01 e MB01 (Humaitá); HB01 (Manicoré) e HA01 e MB01 (Borba).
2. HA01 (Boca do Acre): **Boi inteiro** mesmo.
3. MA02 (Lábrea): **Garrote**?
4. MA01 (Tapauá): O **boi**.
   INQ.: É aquele que não foi castrado que serve para reproduzir.
   MA01 (Tapauá): É o **touro**?
5. HA02 (Humaitá): **Reprodutor**?
6. HA02 (Borba): **Touro**.

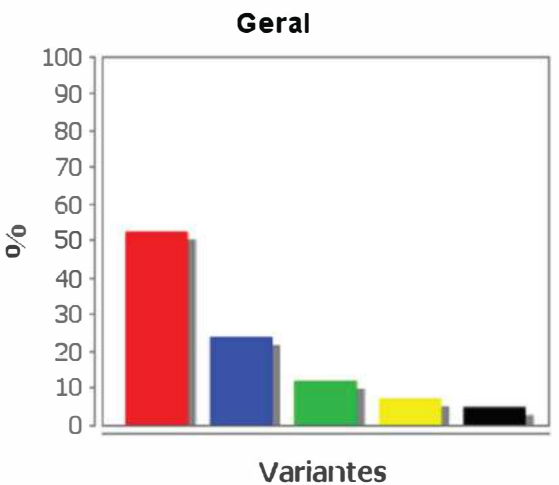
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L208 - Touro

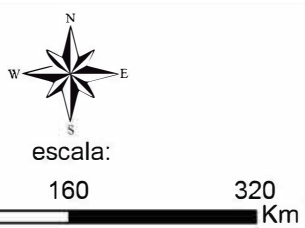



**Legenda**

- Touro
- Boi
- Garrote
- Reprodutor
- Boi inteiro



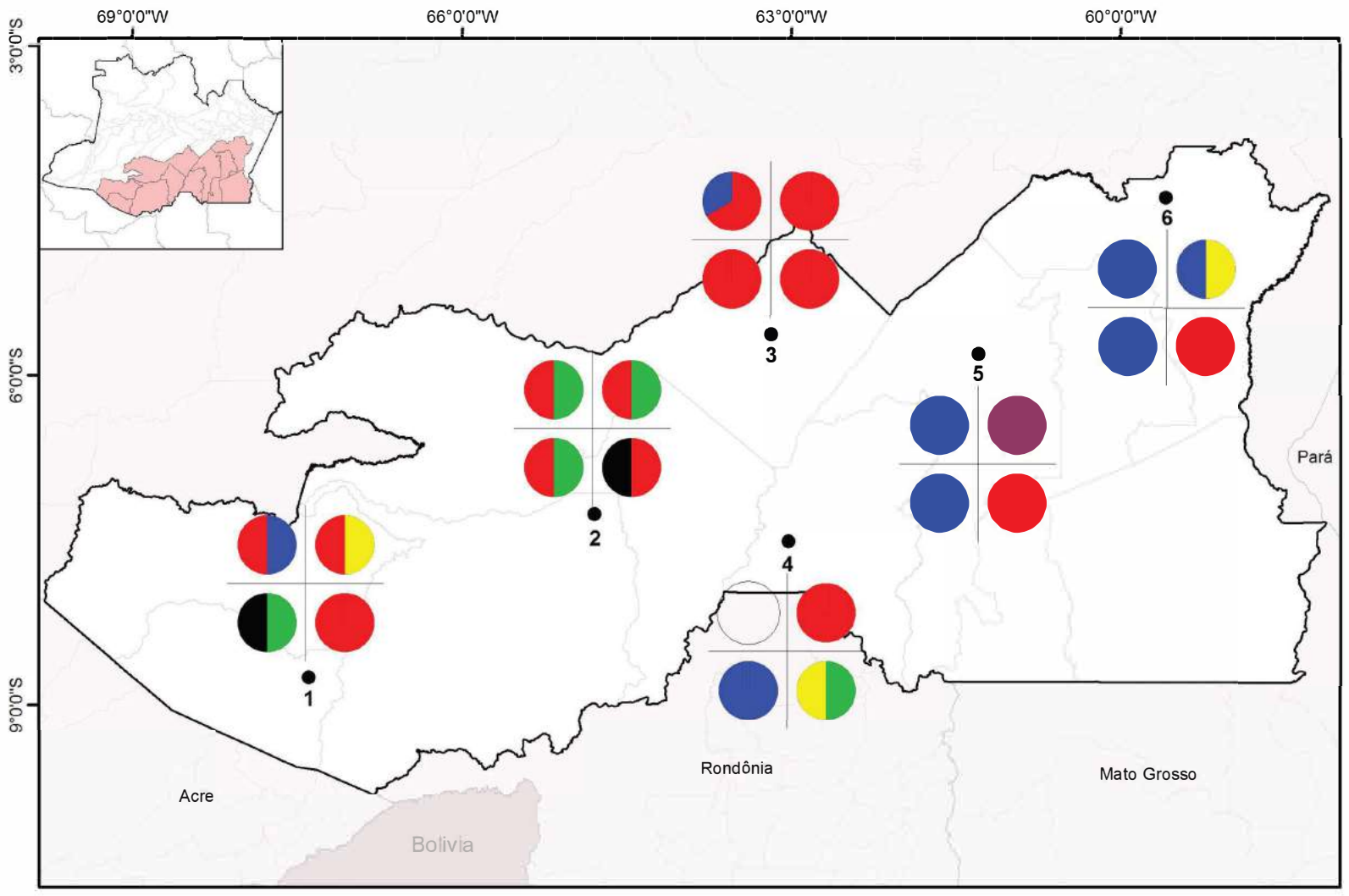

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L208a - Touro - Distribuição por sexo e idade



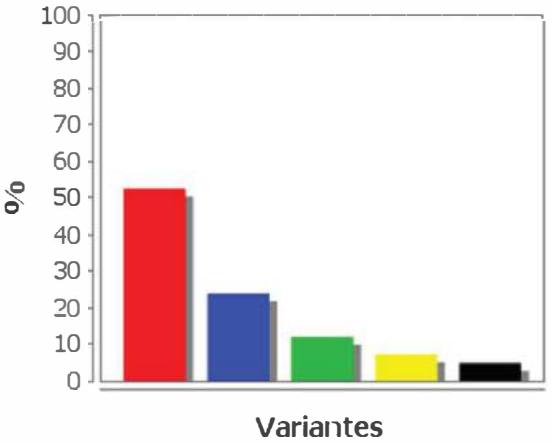

**Legenda**

- Touro
- Boi
- Garrote
- Reprodutor
- Boi inteiro

① ② ③ ④

**1: Feminino - 20 a 35 anos**
**2: Feminino - 50 a 65 anos**
**3: Masculino - 20 a 35 anos**
**4: Masculino - 50 a 65 anos**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L209
# CAPADO

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pecuária) – QSL-237:** E o gado bovino macho castrado?

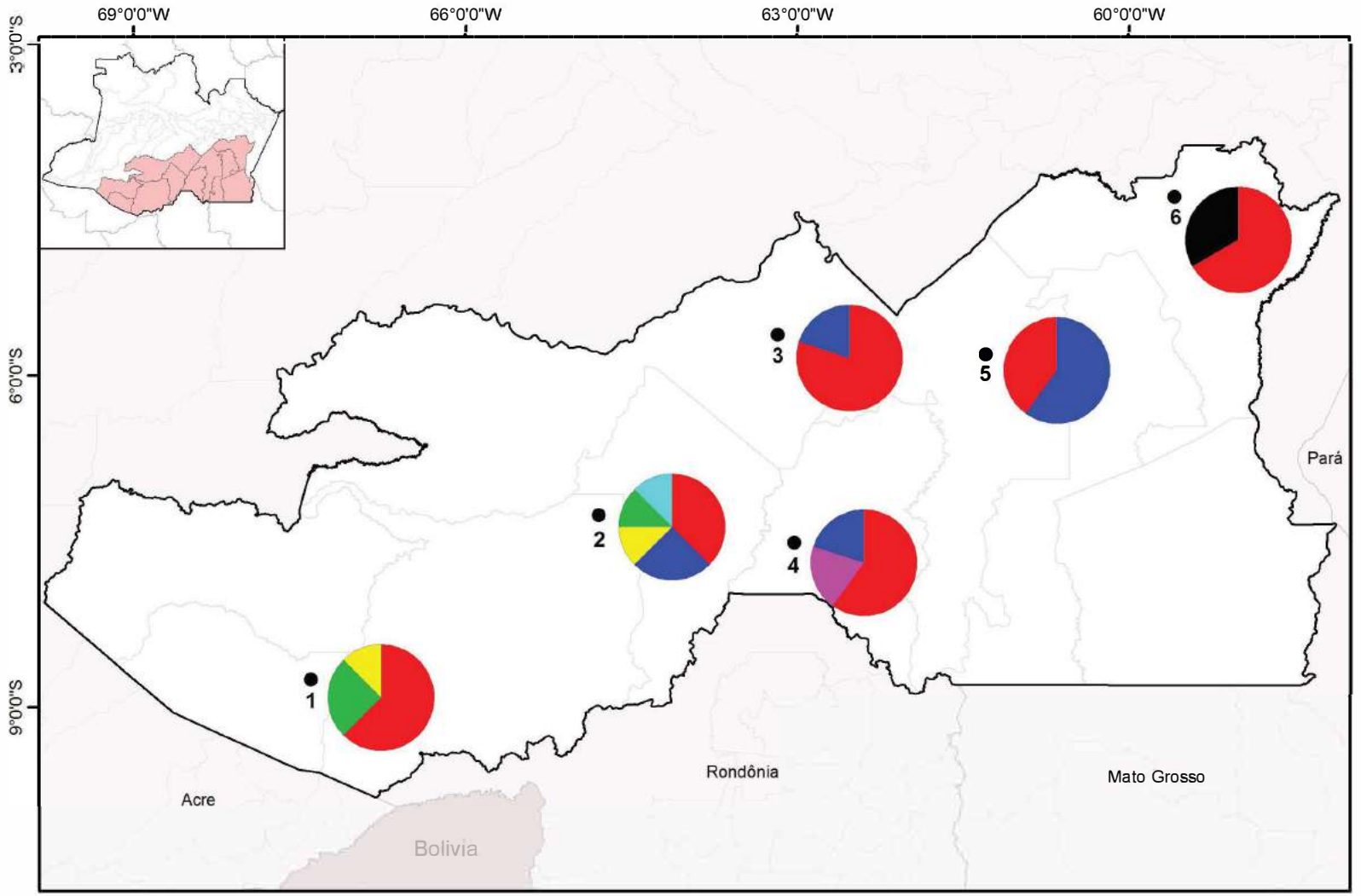


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Lábrea); HB01, MA01 e MA02 (Tapauá); HB01, MA01 e MB02 (Humaitá); HA02 e MA01 (Manicoré) e HA01, HB01, MA01, MA02 e MB01 (Borba).
2. HA02 (Boca do Acre): **Capão**.
3. HA01 (Lábrea): Chama de **castrado** mesmo.
4. MA02 (Lábrea): Esse que é o **boi**. **Touro**, boi.
5. MB01 (Tapauá): **Capado**.
6. HA02 (Humaitá): **Boi de corte**.
7. HB02 (Manicoré): Boi.
8. MB02 (Borba): Eles chamava de (inint.) **novilho**.

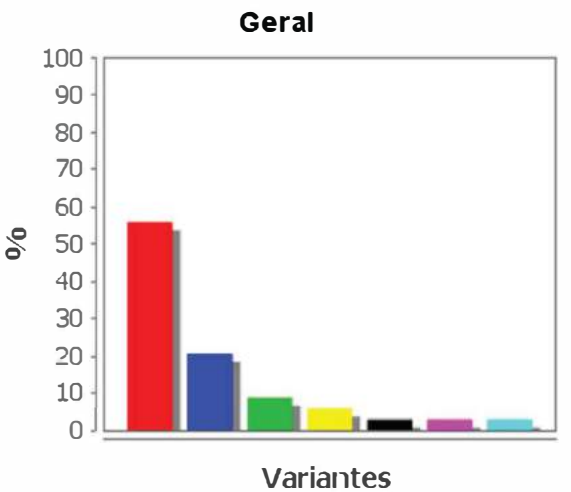
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L209 - Capado

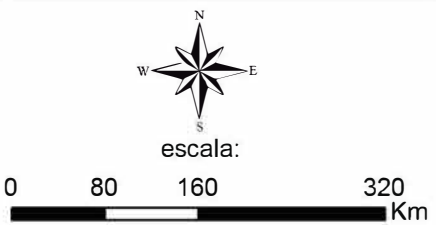



**Legenda**

- Capado
- Boi
- Capão
- Touro
- Novilho
- Boi de corte
- Castrado



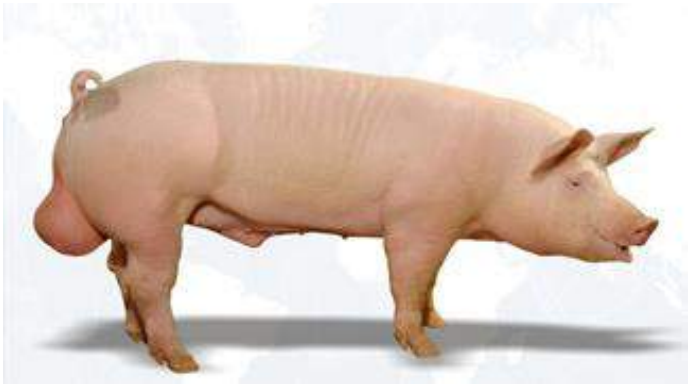

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L210
# PORCO

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pecuária) – QSL-238:** Como se chama o reprodutor suíno?

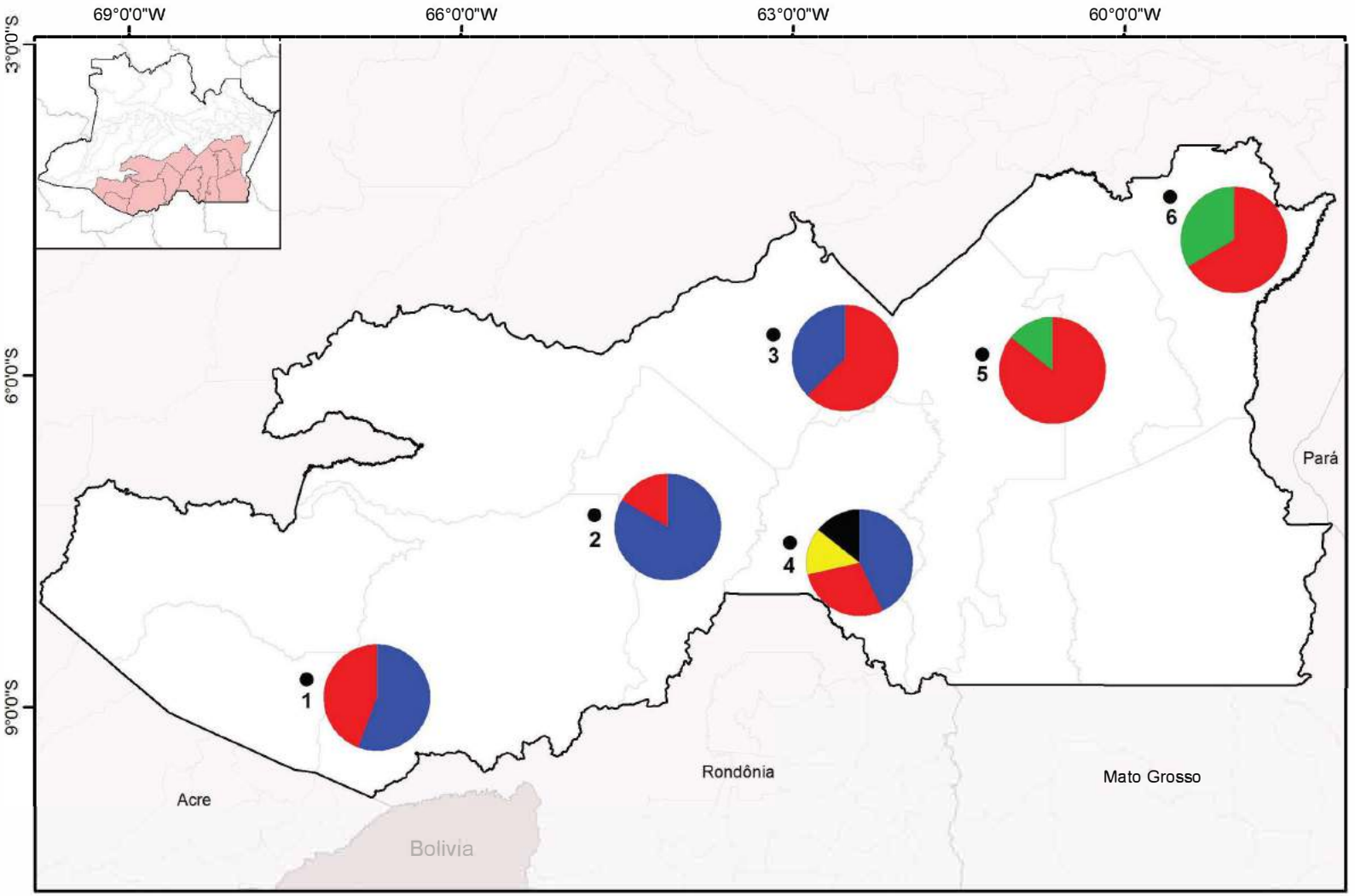


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 e MB02 (Lábrea); MA01 (Humaitá); HB01 (Manicoré) e HA01 e MA02 (Borba).
2. MA02 (Boca do Acre): **Porco**, **barrão**, né.
3. HB01 (Lábrea): Tem o **barrão**.
4. MB02 (Humaitá): **Reprodutor**.
5. HB02 (Humaitá): Aquele é barracão... ai como chama? Ele é o **barrote**.
6. HA02 (Borba): **Barrasco**.

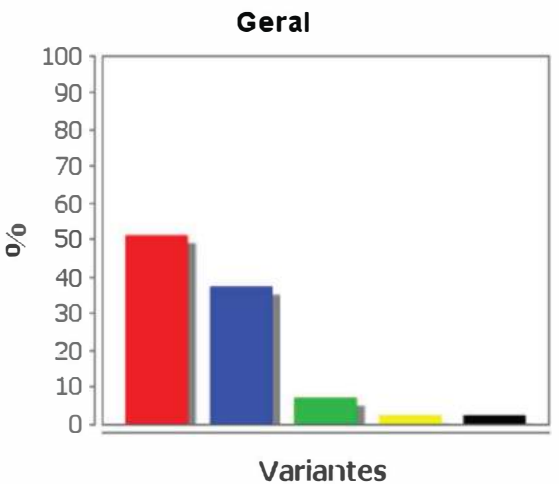
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L210 - Porco

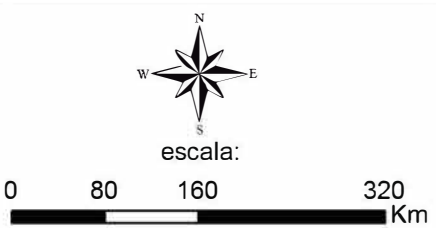



**Legenda**

- Porco
- Barrão
- Barrasco
- Barrote
- Reprodutor



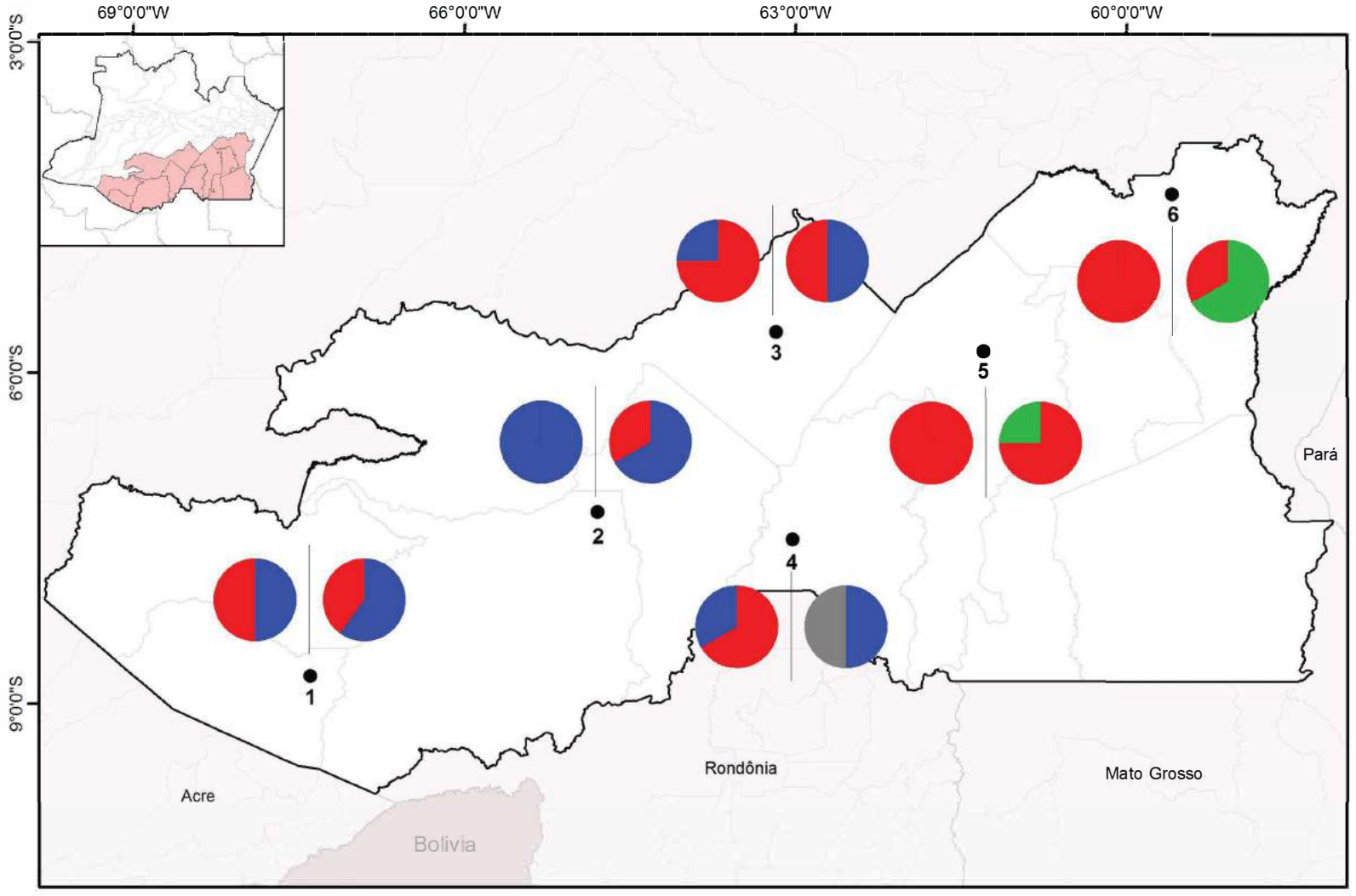

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L210a - Porco - Distribuição por idade

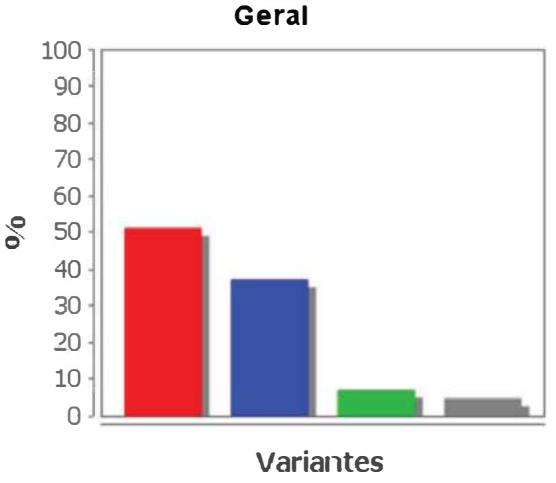



**Legenda**

- Porco
- Barrão
- Barrasco
- Outros

① ②

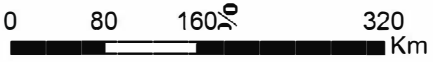
**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L211
# BACURIM

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pecuária) – QSL-240:** E ao filhote da porca?

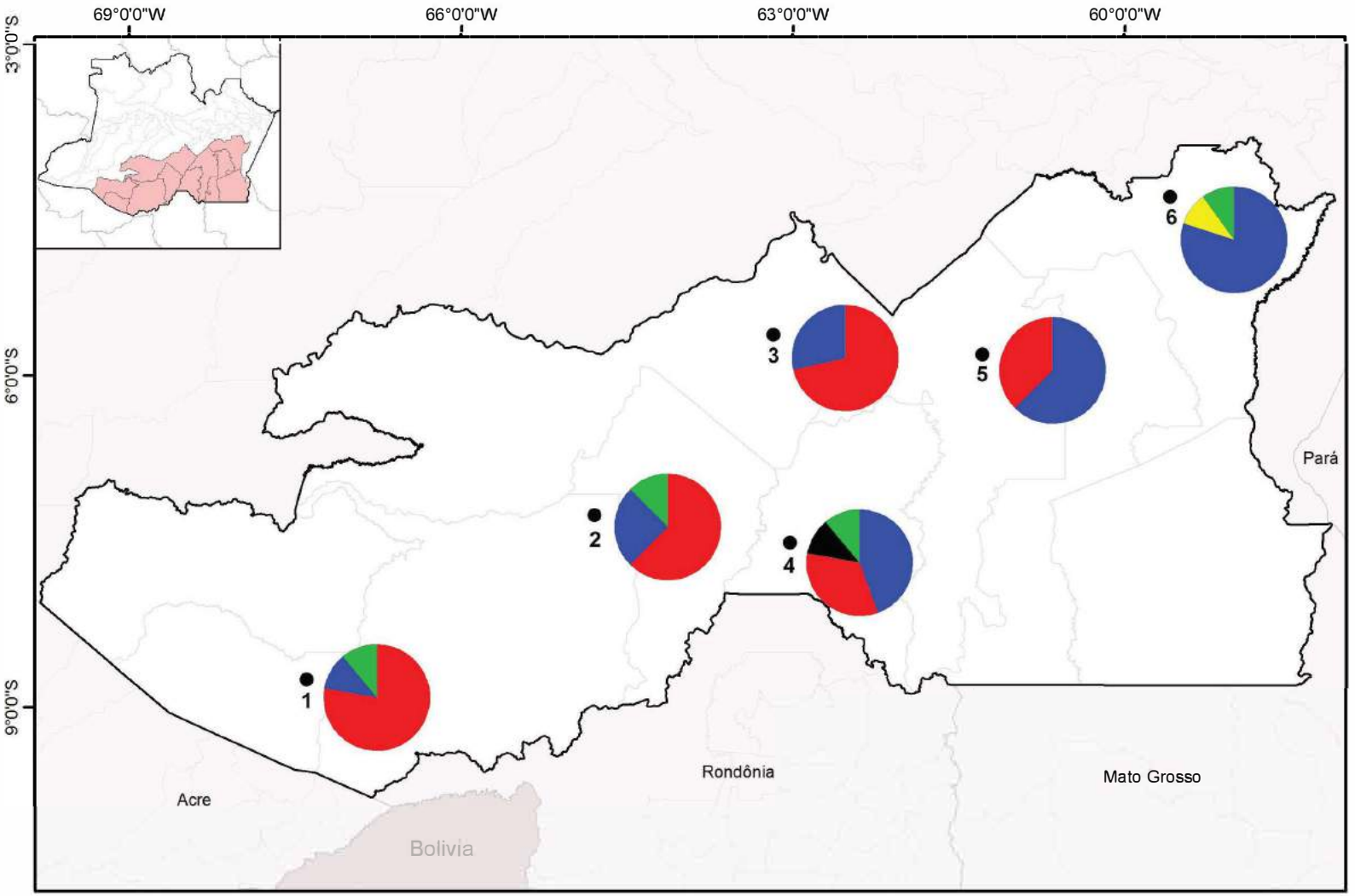


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Lábrea) e MB02 (Tapauá).
2. HB02 (Boca do Acre): É **leitão**, **bacurim**.
3. HB01 (Tapauá): **Porquinho**.
4. HB01 (Humaitá): É **porco** mesmo.
5. MB02 (Borba): Vários **barrasquinho**, como é... vários **porquinho**?

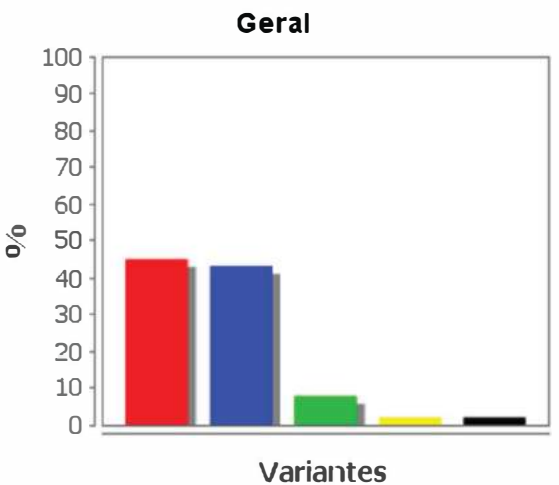
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L211 - Bacurim

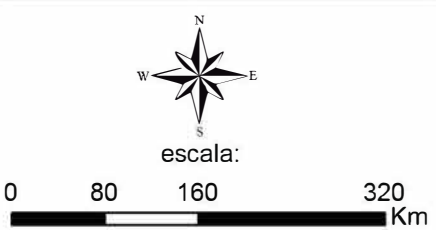



**Legenda**

- Bacurim
- Porquinho
- Leitão
- Barrasquinho
- Porco



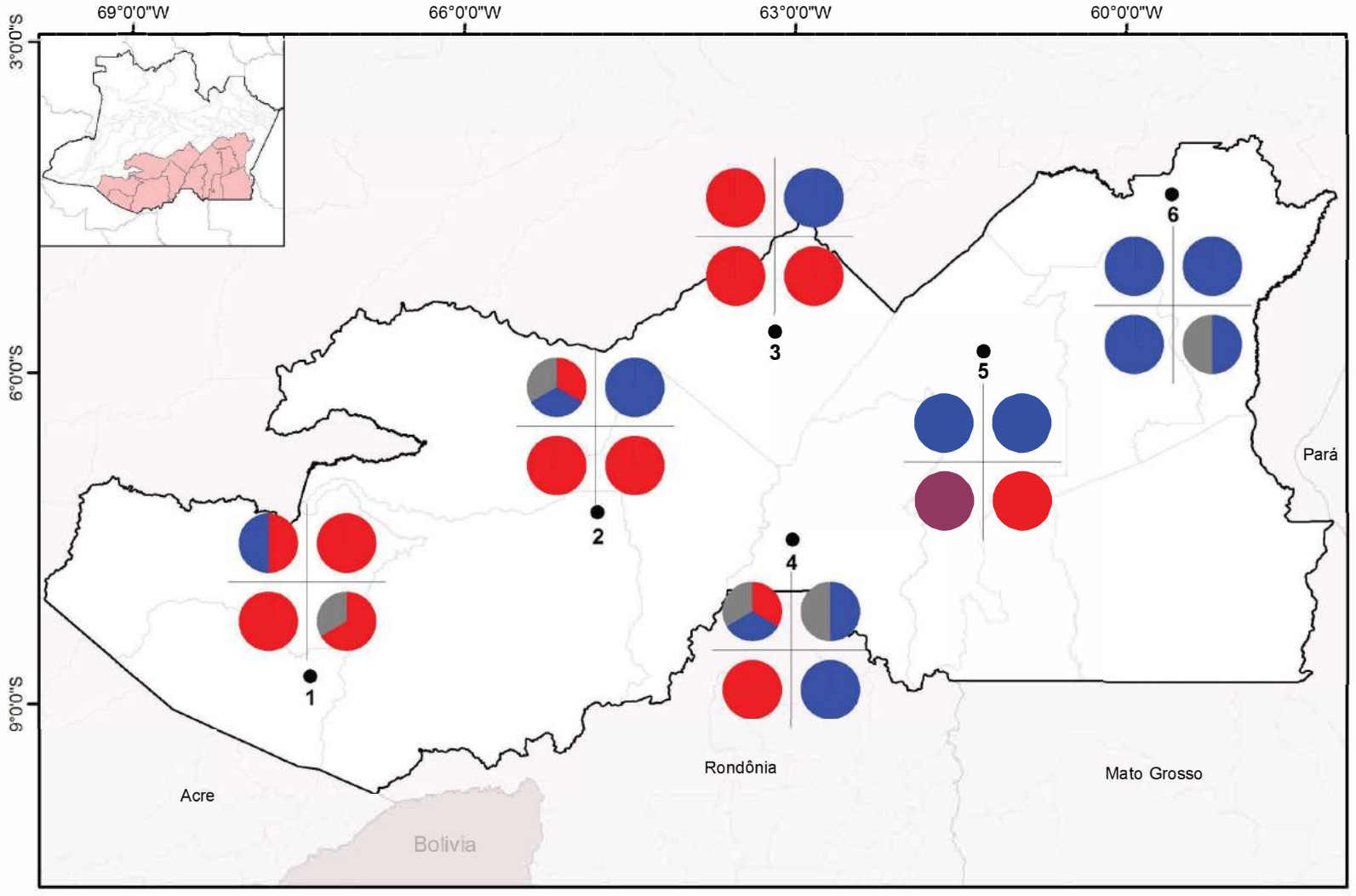

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L211a - Bacurim - Distribuição por idade e escolaridade

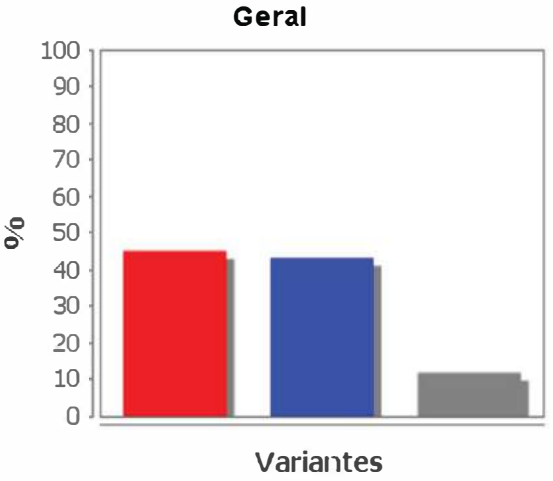



**Legenda**

- Bacurim
- Porquinho
- Outros

① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas



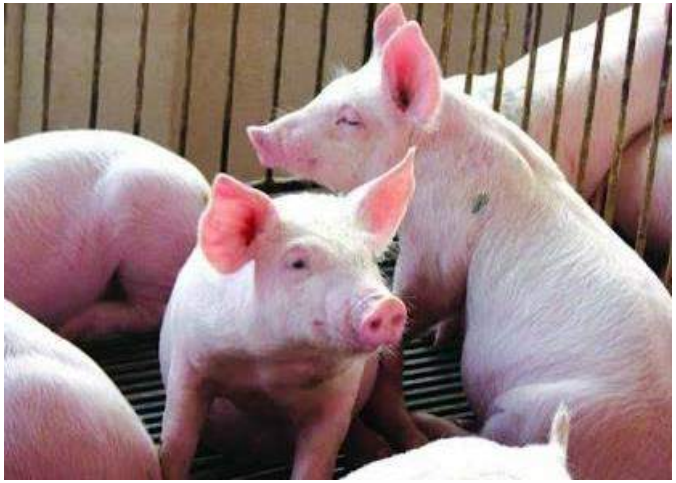

escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L212
# LEITÃO

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pecuária) – QSL-241:** Se este filhote já é jovem, que nome ele recebe?

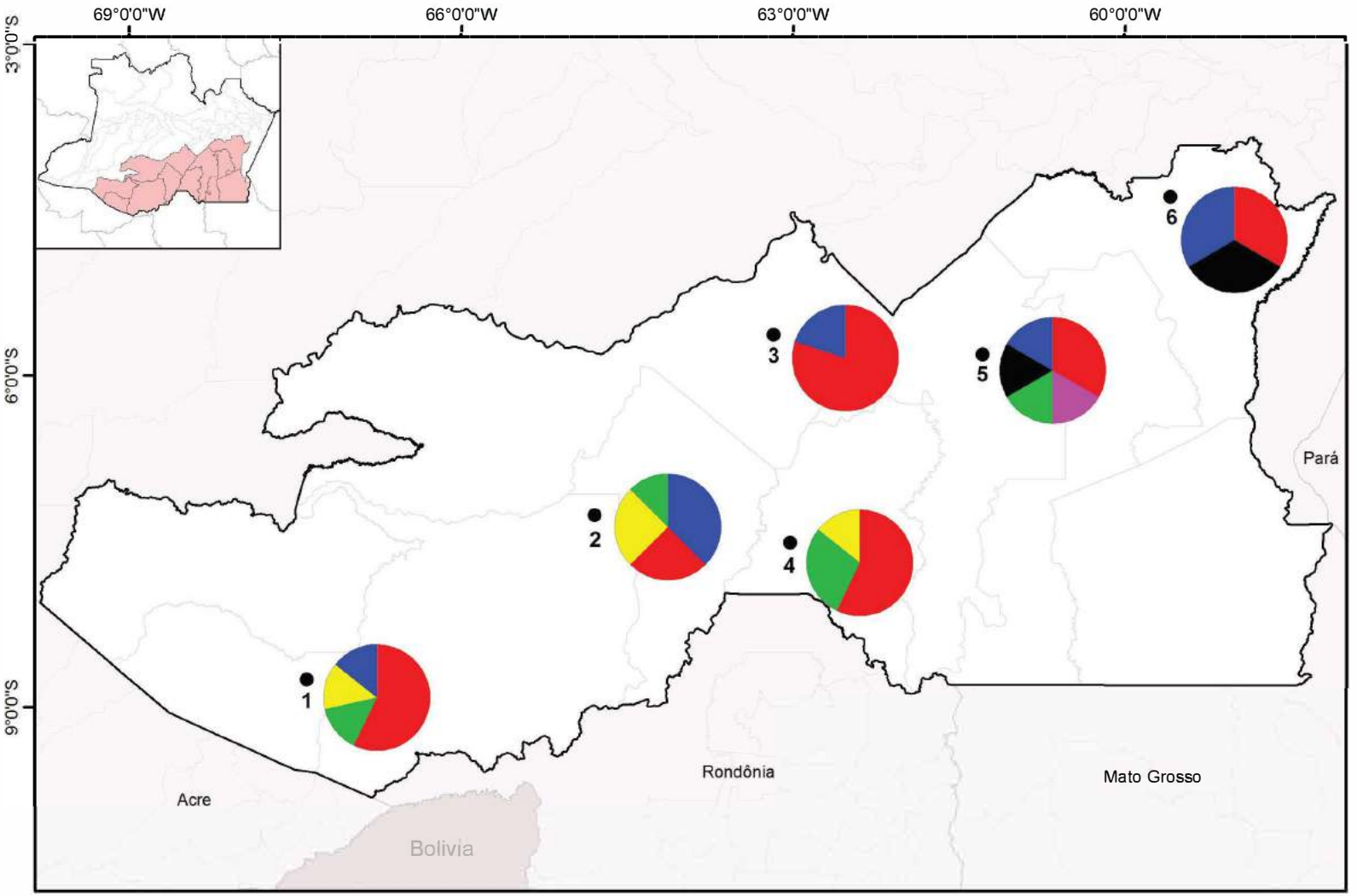


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 e MB01 Boca do Acre); HA01 (Lábrea); HB01, MA01 e MB02 (Tapauá); HB01 e MB01 (Humaitá); HA01 e MB02 (Manicoré) e HA02 e MA01 (Borba).
2. HB02 (Boca do Acre): O mais novinho é o bacurim, maiozinho é o **leitão**.
3. HB01 (Lábrea): A gente chama de **porco** mesmo, **barrãozinho**.
4. HA01 (Tapauá): Pois é , é um **leitãozinho**.
5. MA01 (Tapauá): **Porco**, é **porquinho**.
6. HA01 (Humaitá): Capado? **Leitão**, né?
   INQ.: E o que você não capa é o que?
   HA01 (Humaitá): Barrote, **barrão.**
7. HB01 (Manicoré): **Capado**.
8. MA01 (Manicoré): Tá **barrasco**.
9. MB02 (Borba): Tu vai chama ele.. deixa eu ver... se ele for macho tu vai chamar ele de **barrasco**, se ele for fêmea tu vai chamar de **leitoa**.

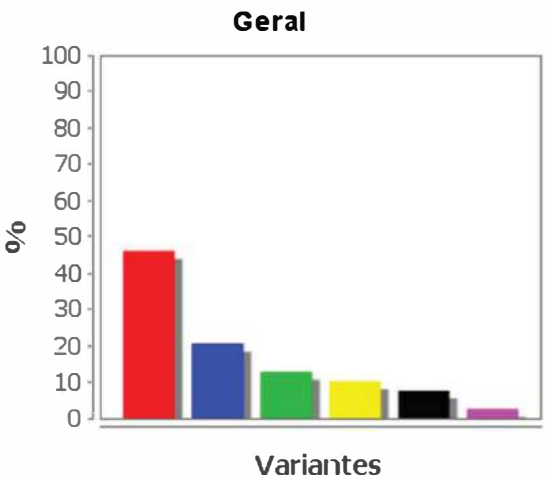
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L212 - Leitão

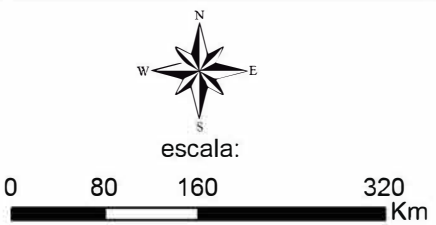



**Legenda**

- Leitoa/ Leitão/ Leitãozinho
- Porco/ Porquinho
- Bacurim
- Barrão/ Barrãozinho
- Barrasco
- Capado



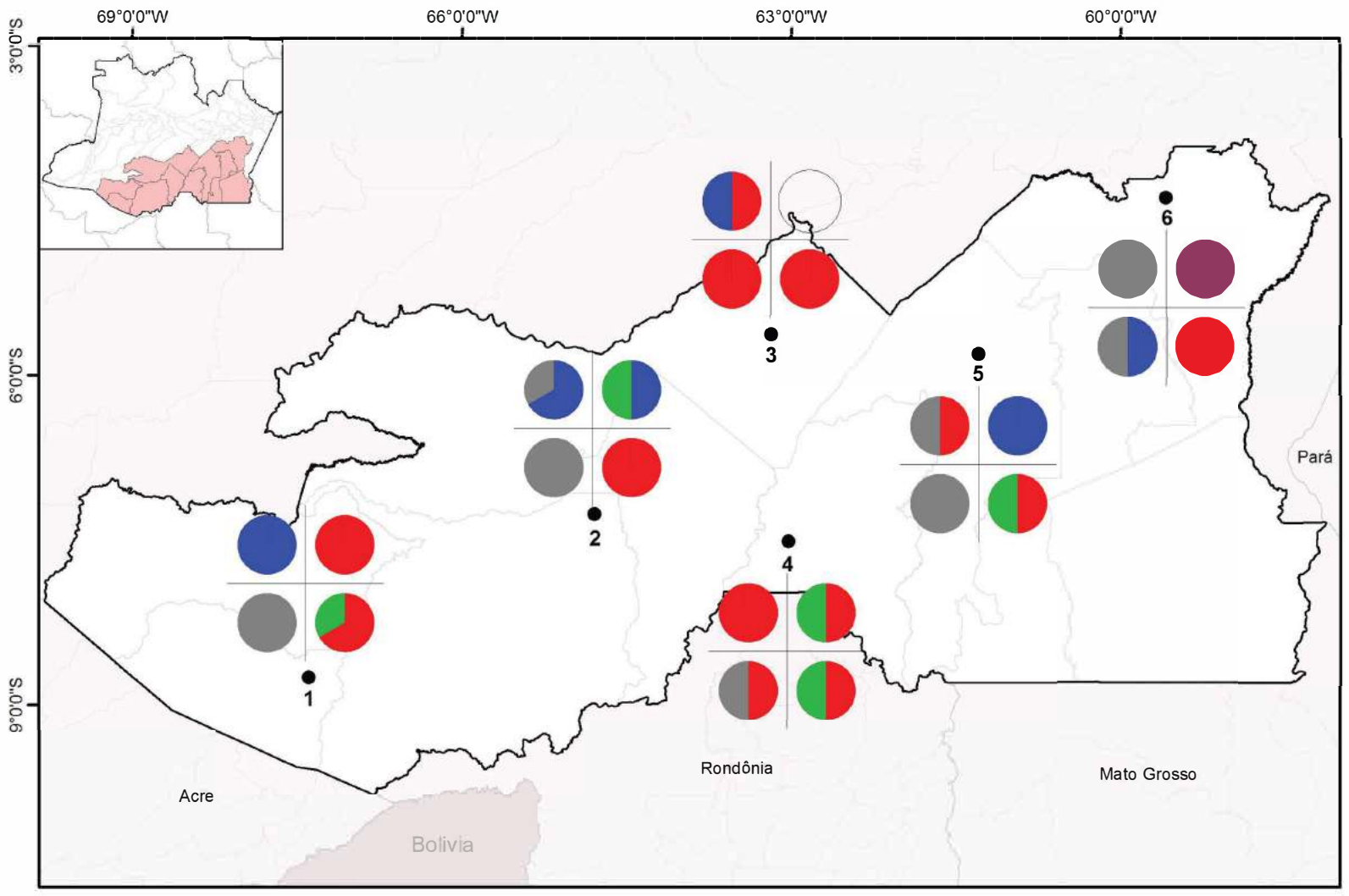

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L212a - Leitão - Distribuição por sexo e idade

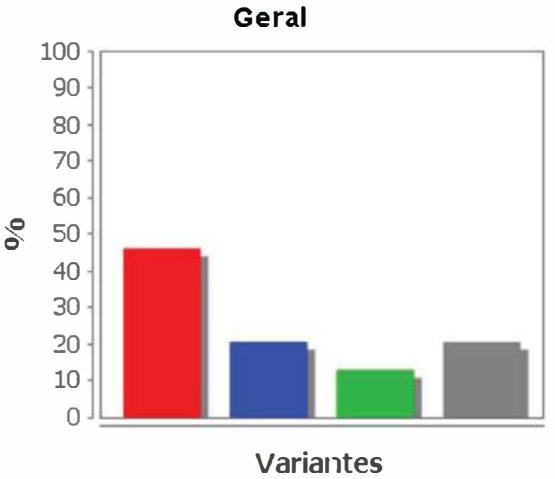



**Legenda**

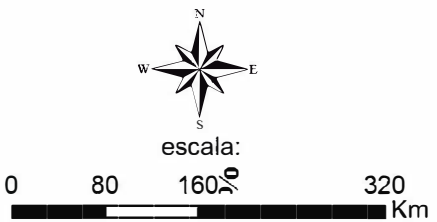
- Leitoa/ Leitão/ Leitãozinho
- Porco/ Porquinho
- Bacurim
- Outros

① ② ③ ④

**1: Feminino - 20 a 35 anos**
**2: Feminino - 50 a 65 anos**
**3: Masculino - 20 a 35 anos**
**4: Masculino - 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L213
# TIRAR (LEITE)

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pecuária) – QSL-242:** Quando queremos o leite da vaca, temos que fazer o quê (mímica)?

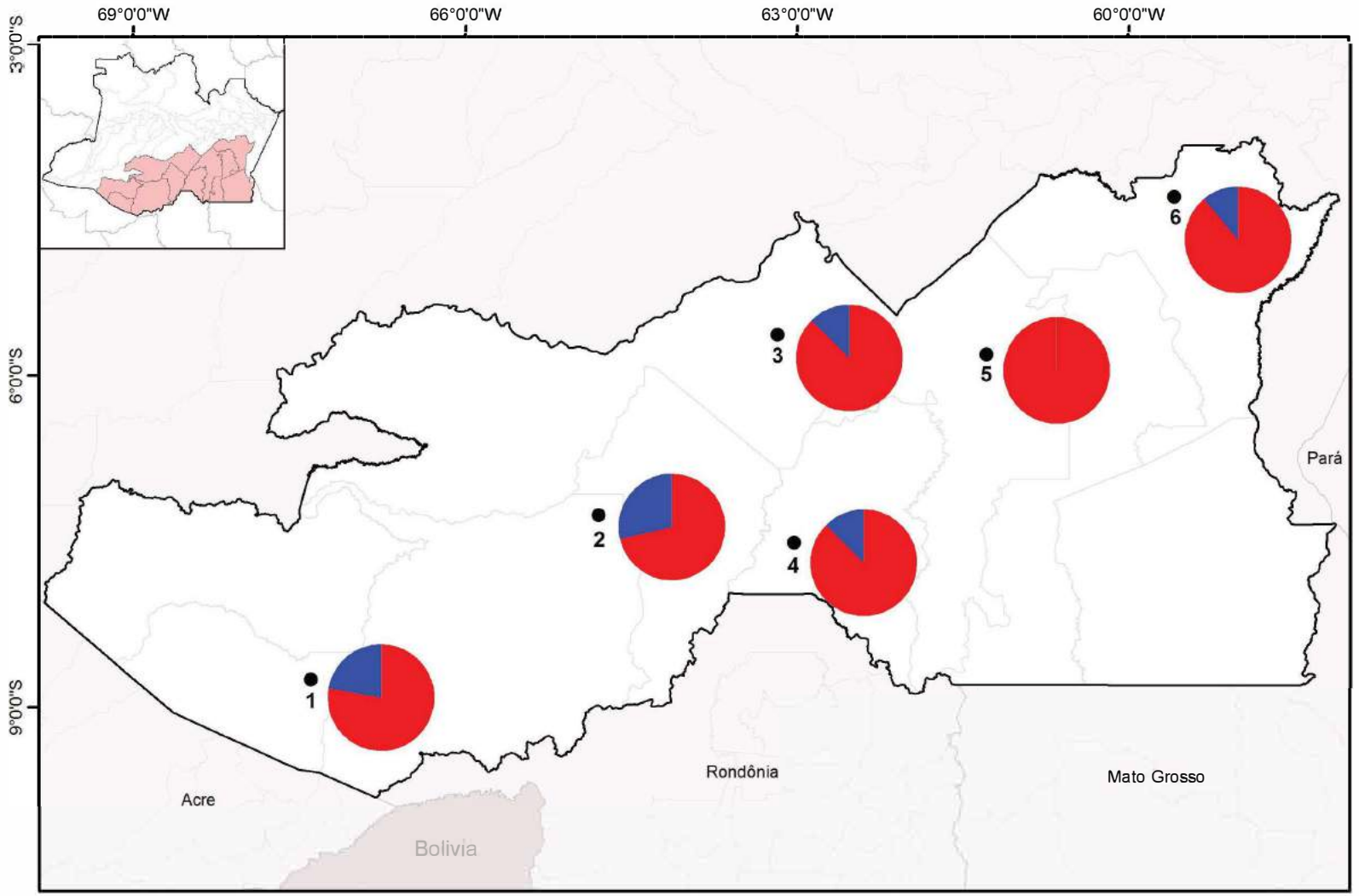


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MB01 (Lábrea).
2. MB01 (Boca do Acre): A gente tem que **ordenhar** ela, mas a gente não chama aqui de ordenhar. A gente fala **tirar** o leite mesmo.
3. MA01 (Lábrea): **Ordenhar**.
4. HB01 (Humaitá): **Tirar** leite da vaca.
5. MB01 (Borba): **Ordenhar**, **tirar** leite.

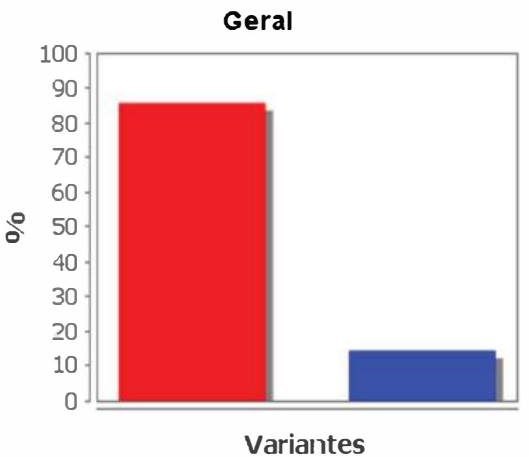
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L213 - Tirar (leite)

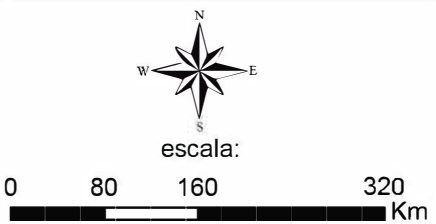



**Legenda**

- Tirar
- Ordenhar




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L214
# MAROMBA

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pecuária) – QSL-243:** Como se chama o jirau elevado, feito com troncos de madeira, para deixar a salvo os animais durante as enchentes dos rios?

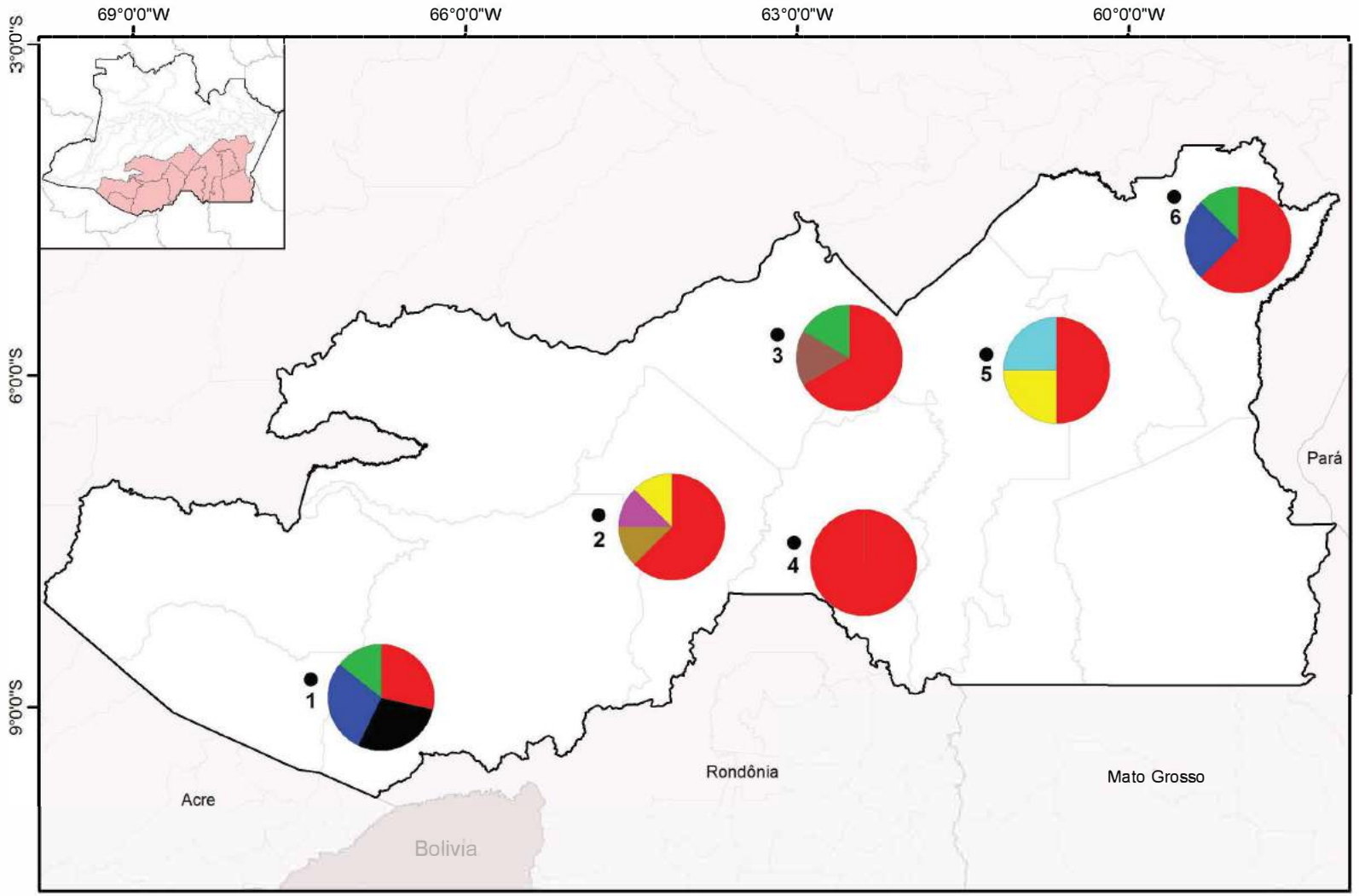


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: HB01 e MB01 (Boca do Acre); MA02 e MB01 (Tapauá); MA01 (Humaitá); HA01, MA02, MB01 e MB02 (Manicoré) e MA01 (Borba).
2. HA02 (Boca do Acre): **Cocho**.
   INQ.: Aquele que eu coloco o animal em cima?
   HA02 (Boca do Acre): É. (...) é... como é? É **flutuante**.
3. HB01 (Lábrea): Faz um **cercado**.
4. MB01 (Lábrea): Faz um **assoalho**. Assoalho que chama.
5. MA01 (Tapauá): Em cima do **jirau.** (...) faz o jirau e bota o bicho em cima pra ele não morrer afogado, né?
6. HB01 (Tapauá): Feito de madeira?
   INQ.: Quando não tem mais terra para os animais ficarem (inint.).
   HB01 (Tapauá): **Gangorra**.
   INQ.: Faz aquele estrado...
   HB01 (Tapauá): Seria uma gangorra.
7. HB02 (Tapauá): É a **maromba**, a gente vê muito nessa região, Solimões, até mesmo em Manaus tem muito, por aqui não vê muito não. Lábrea tem, será que tem maromba?
8. HA01 (Humaitá): **Maromba**.
9. HB01 (Manicoré): É o **tablado**, tablado (inint.).
10. MA01 (Manicoré): **Jangada**.
11. MA02 (Borba): **Maromba**?

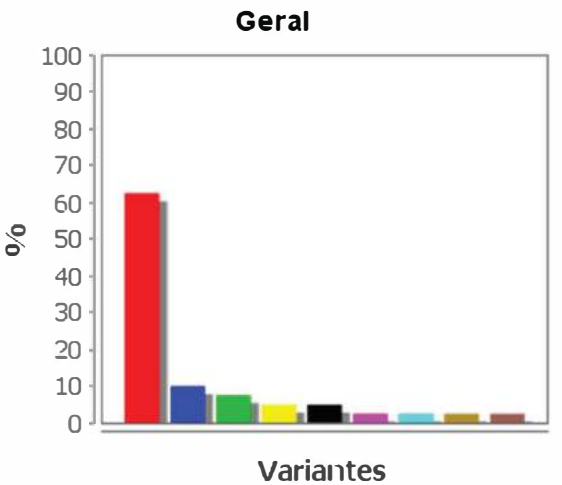
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L214 - Maromba

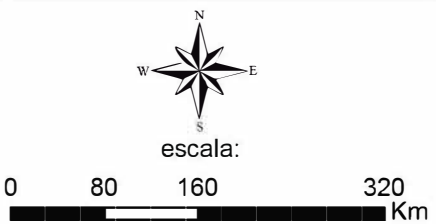



**Legenda**

- Maromba
- Flutuante
- Jirau
- Jangada
- Cocho
- Cercado
- Tablado
- Assoalho
- Gangorra




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L215
# COLHER

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Extrativismo) – QSL-244:** Como se chama o ato de ir até a planta e retirar o seu fruto?



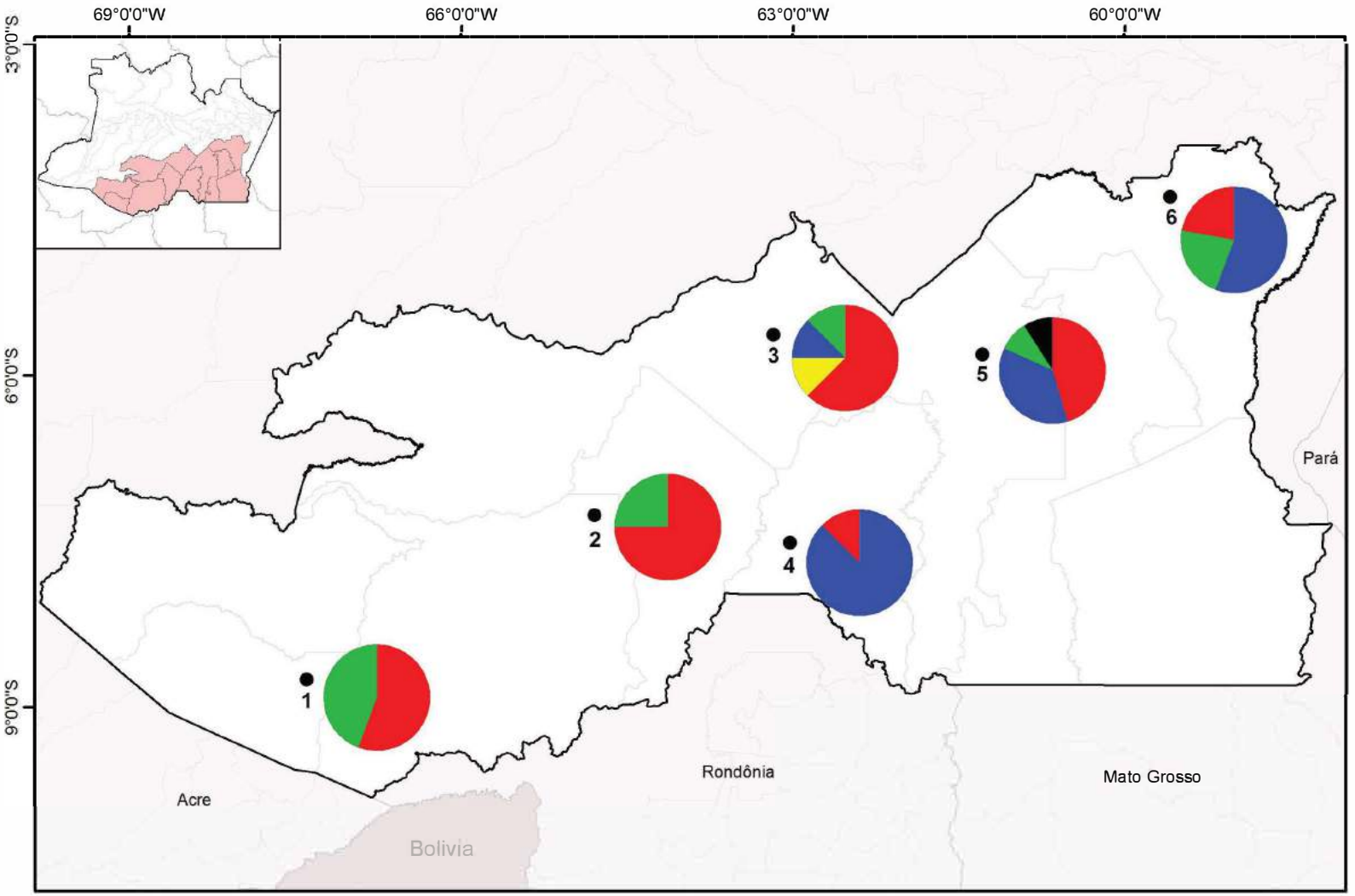


**NOTAS:**

1. MA02 (Boca do Acre): **Tirar**, tirar , né, (inint.), **colher**, colher as fruta, né?
2. MB02 (Lábrea): **Colher**.
3. HB02 (Tapauá): **Coleta**.
4. MA02 (Humaitá): **Apanho**.
5. HA02 (Manicoré): Uns diz que vai **tirar**, outro vai **cortar**, outro vai **colher**...
   INQ.: Isso depende do fruto?
   HA02 (Manicoré): É.
   INQ.: Que tipo de fruto que a gente tira?
   HA02 (Manicoré): Melancia.
   INQ.: E que a gente corta?
   HA02 (Manicoré): Banana.
   INQ.: E que a gente colhe?
   HA02 (Manicoré): Colher... É milho.
6. HB01 (Borba): **Apanhar**, **colher**... é apanhar mesmo.

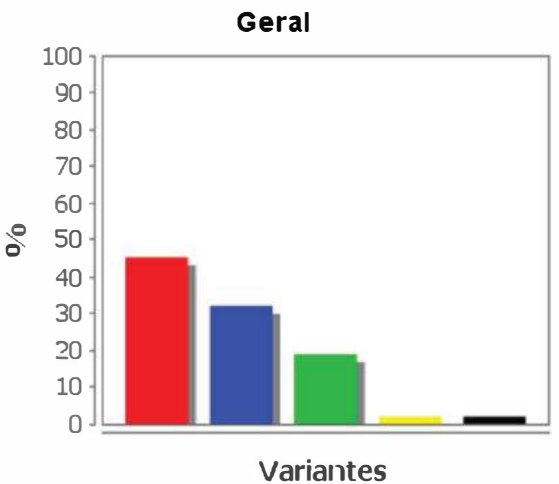
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L215 - Colher

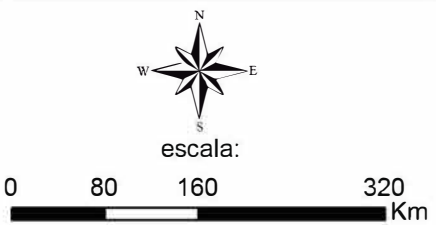



**Legenda**

- Colher
- Apanhar
- Tirar
- Coletar
- Cortar



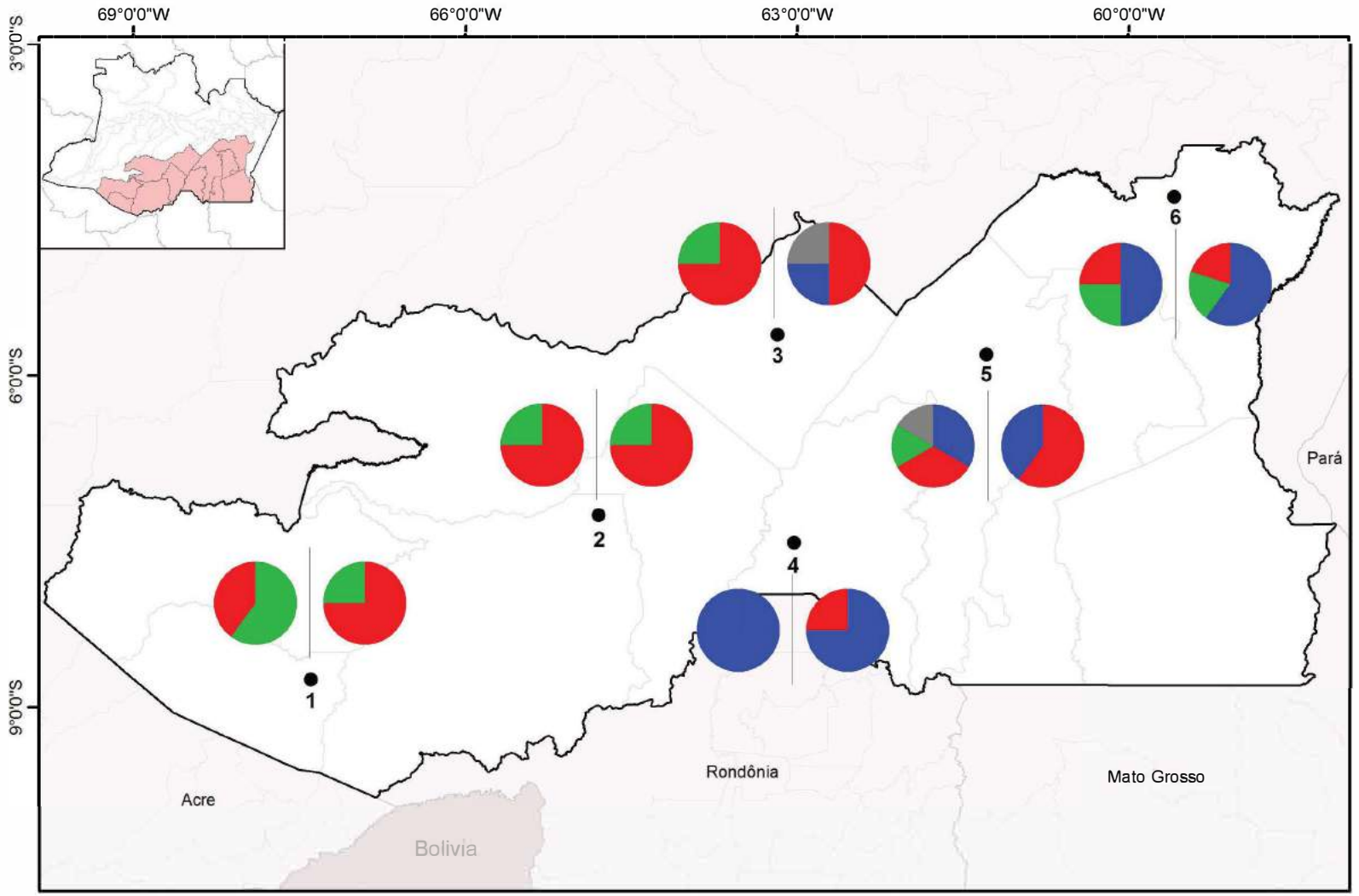

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L215a - Colher - Distribuição por escolaridade

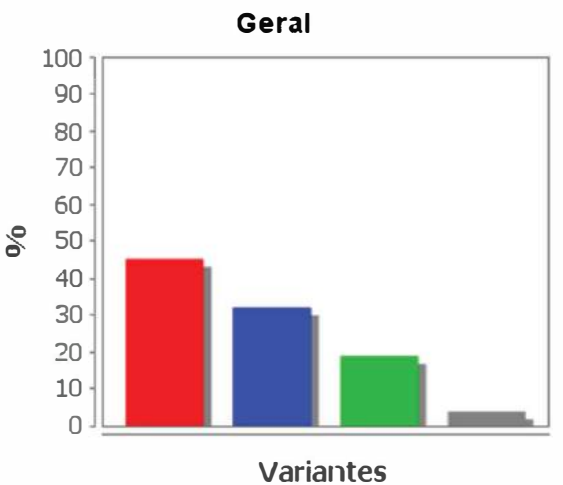



**Legenda**

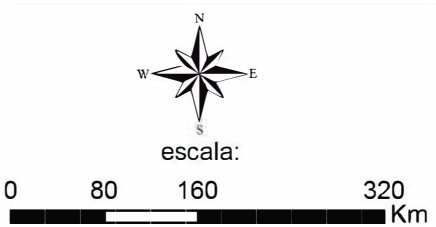
- Colher
- Apanhar
- Tirar
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L216
# PANEIRO (INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO TRANSPORTE DE PRODUTOS RETIRADOS DA FLORESTA)

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Extrativismo) – QSL-249:** Como se chama o instrumento usado para carregar a castanha ou o açaí que é retirado da floresta? Existe um nome diferente para ele se for feito de palha verde, construído naquele momento?

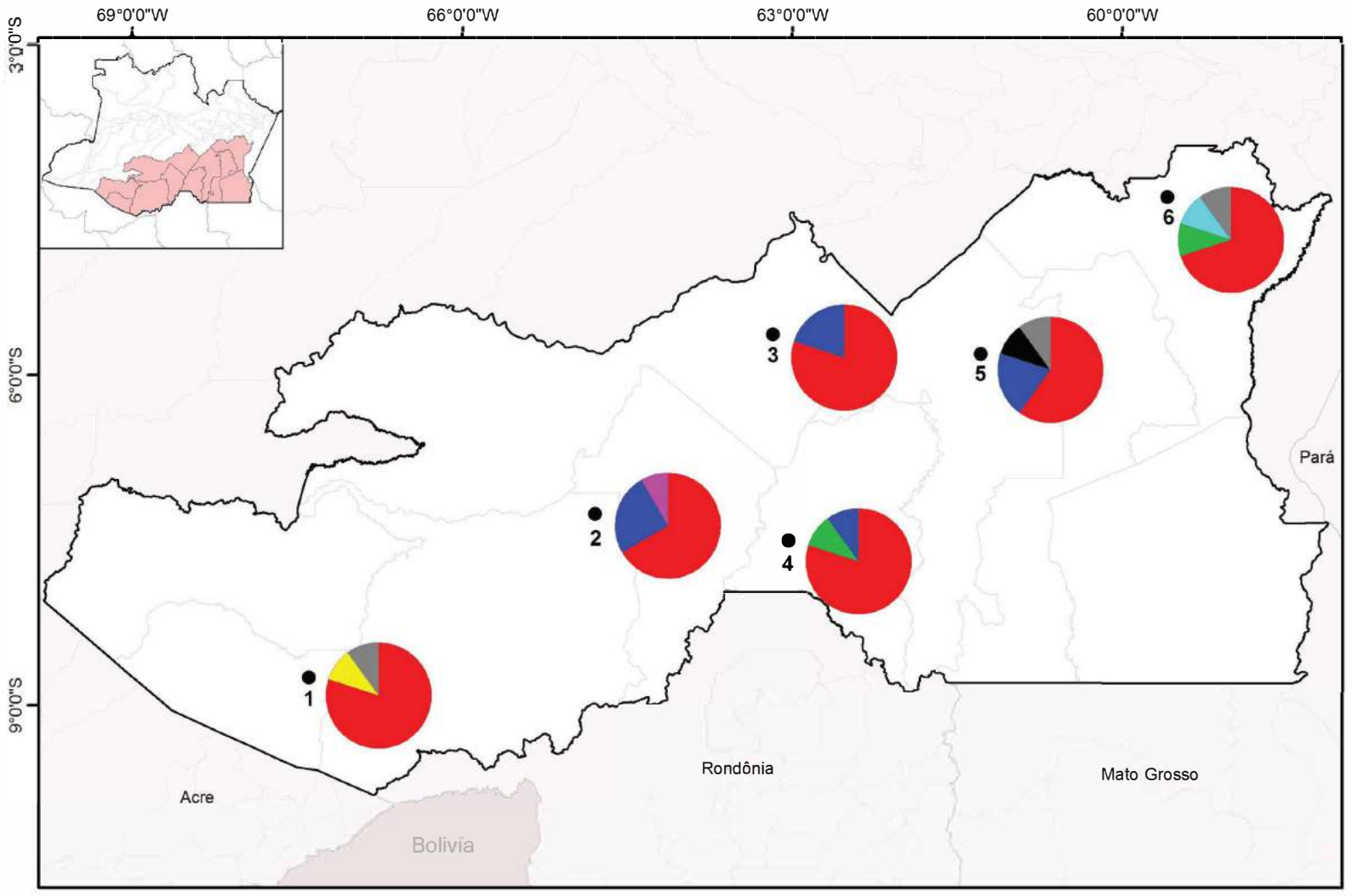



## NOTAS:

1. Esta carta reúne as designações para instrumentos utilizados no transporte de produtos retirados da floresta, sendo, portanto, referentes diferentes. A frequência reflete o nível de conhecimento de uma ou outra forma lexical pelos informantes e as formas variantes foram reunidas na legenda.
2. OUTRAS RESPOSTAS: HA01 (Boca do Acre): Tem, é o **ambé** que chama; HA02 (Manicoré): O **rabo de jacu**. (...) Pega a palha dele aí tece, né, aí tece assim tipo o rabo de jacu, né. Aí enrola as duas pontas aí depois vai pelo lado e faz aquele cesto. Aí também tem o rabo de jacu que dizem é... quando cê vai se proteger da chuva. Cê tece da mesma forma só que aí você vai colocar pra espalhar, não pra enrolar; HB02 (Borba): **Japá**, japá mesmo.
3. HA01 (Boca do Acre): **Sarrapia**.
   INQ.: Aquele de palha?
   HA01 (Boca do Acre): Não, aquele de palha é o paneiro.
   INQ.: E o que é o sarrapia?
   HA01 (Boca do Acre): Sarrapia é o saco que o cara faz.
4. HA01 (Lábrea): Um **panaco** ou um **paneiro** ou um **saco**.
   INQ.: Panaco é igual panero?
   HA01 (Lábrea): Rapaz, o pessoal fala que tem diferença, mas eu não sei, pra mim eu acho que não, porque tudo utiliza pra carregar, né?
5. HA02 (Tapauá): **Panaco** ou **paneiro**.
   INQ.: Tem diferença do panaco para o paneiro?
   HA02 (Tapauá): Tem, paneiro é o varal que a gente faz de cipó, pode fazer de cipó o paneiro, né? (...) (inint.) na corda, o panaco, a gente faz de palha, vai lá tira uma palha de açaí ou de palheira, né, e tece o panaco, aí debulha dentro (...) e bota nas costa...
6. HA02 (Humaitá):Tem o **paneiro**, tem o **jamaxi**.
   INQ.: O jamaxi é como?
   HA02 (Humaitá): É de palha, de palha preta... não, o jamaxi tô...
   INQ.: Aquele que é feito no momento.
   HA02 (Humaitá): A **pera**, a pera que é feita no momento de palha preta.
7. MA02 (Manicoré): É **cocho**, parece que eles faz aquele, pra fazer a coisa e bota aqui. É cocho.
8. HB01 (Borba): **Cesto**.

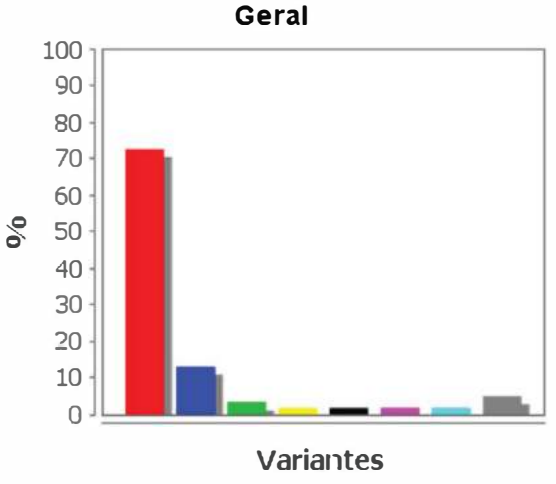
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L216 - Paneiro (Instrumentos utilizados no transporte de produtos retirados da floresta)

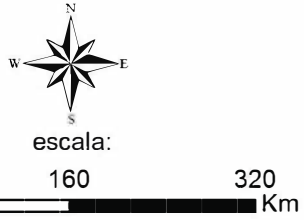



**Legenda**

- Paneiro
- Jamaxi/ Panaco
- Pera
- Sarrapia
- Cocho
- Saco
- Cesto
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICALL 217
# JAMAXI

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Extrativismo) – QSL-249:** Como se chama o instrumento usado para carregar a castanha ou o açaí que é retirado da floresta? Existe um nome diferente para ele se for feito de palha verde, construído naquele momento?

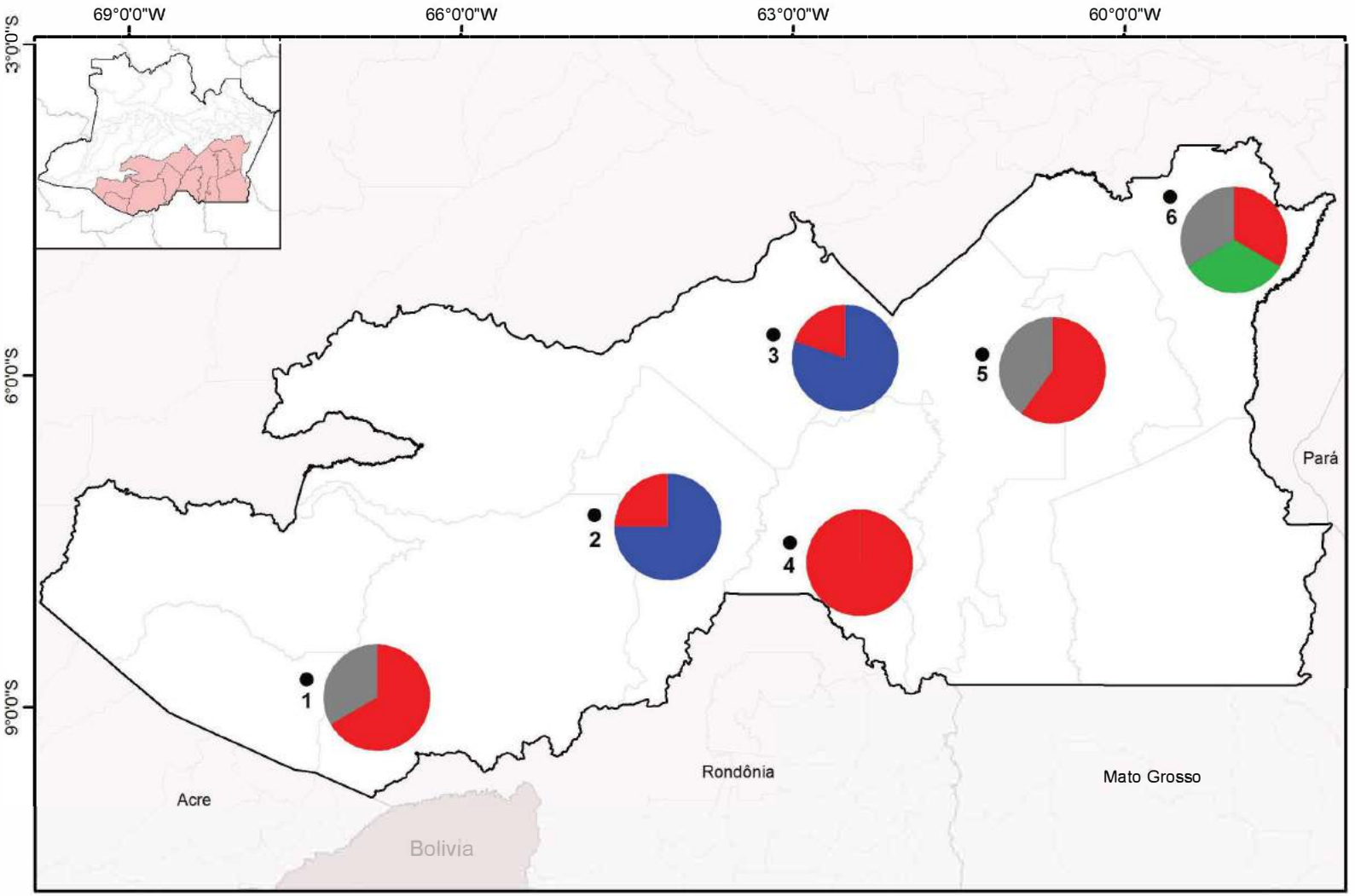


**NOTAS:**

1. OUTRAS RESPOSTAS: HA01 (Boca do Acre): Tem, é o **ambé** que chama; HA02 (Manicoré): O **rabo de jacu**. (...) Pega a palha dele aí tece, né, aí tece assim tipo o rabo de jacu, né. Aí enrola as duas pontas aí depois vai pelo lado e faz aquele cesto; MA02 (Manicoré): É **cocho**, parece que eles faz aquele, pra fazer a coisa e bota aqui. É cocho; HB02 (Borba): **Japá**, japá mesmo.
2. MA01 (Lábrea): Tem, o panero é feito de cipó, o **panaco** é feito de palha.
3. HA01 (Humaitá): **Jamaxi**.
4. MB02 (Borba): É a , como é? Pera lá que vou te dizer... ai, meu pai até fazia esse negócio pra carregar, carregava, ai, meu Deus, **pera**, era uma pera que ele fazia pra carregar as castanha.

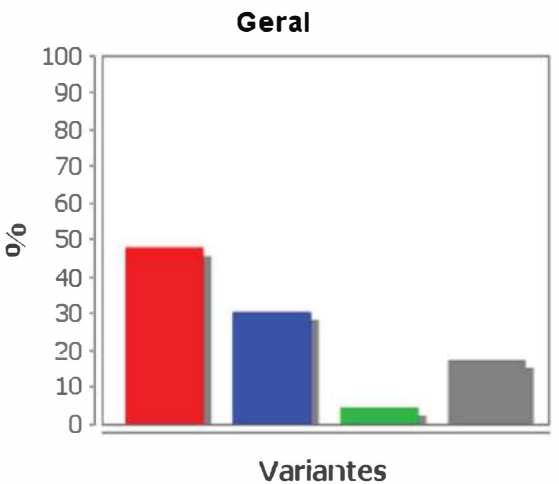
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L217 - Jamaxi

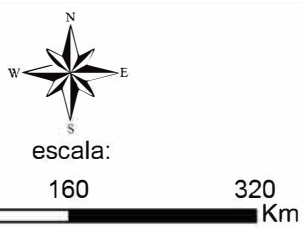



**Legenda**

- Jamaxi
- Panaco
- Pera
- Outros




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L218
# JUNTAR (CASTANHA)

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Extrativismo) – QSL-250:** Que nome se dá ao ato de reunir os ouriços de castanhas debaixo da castanheira?

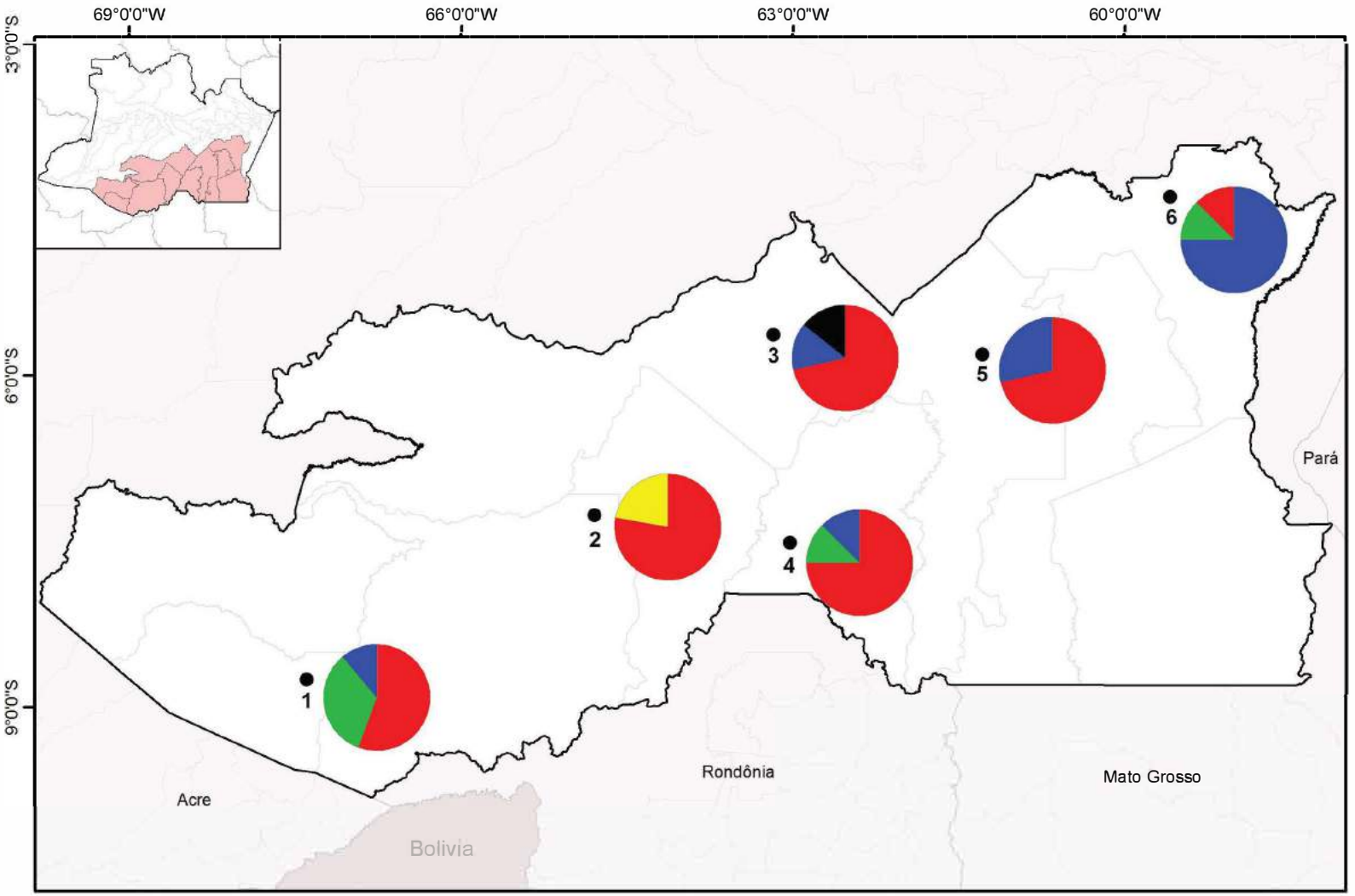


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA02 (Tapauá); HB01 (Humaitá) e HB01 (Manicoré).
2. HB01 (Boca do Acre): Tá colhendo, juntaram lá e fizeram uma ruma de ouriço.
   INQ.: Então hoje eu vou...
   HB01 (Boca do Acre): **Colher** a castanha.
3. MA02 (Lábrea): (...) vou **juntar** a castanha, que sempre colher é mais difícil, vou juntar castanha e **fazer ruma**.
4. HB01 (Tapauá): **Recolher**.
5. HB02 (Tapauá): **Fez um monte**, né? Um monte, né, pra quebrar.
6. MB02 (Humaitá): **Ajuntar**, **amontoar**.
7. HA01 (Manicoré): **Juntar**.
8. HB01 (Borba): **Colher**.

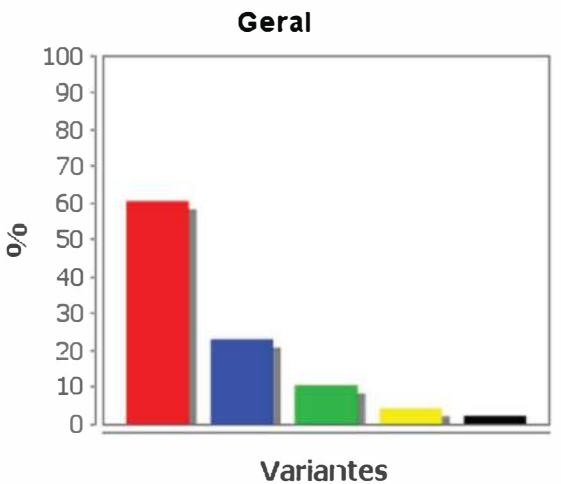
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L218 - Juntar (castanha)

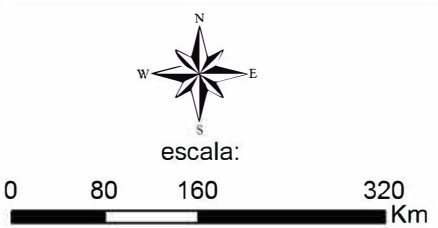



**Legenda**

- Juntar
- Amontoar/ Fazer um monte
- Colher
- Fazer uma ruma
- Recolher



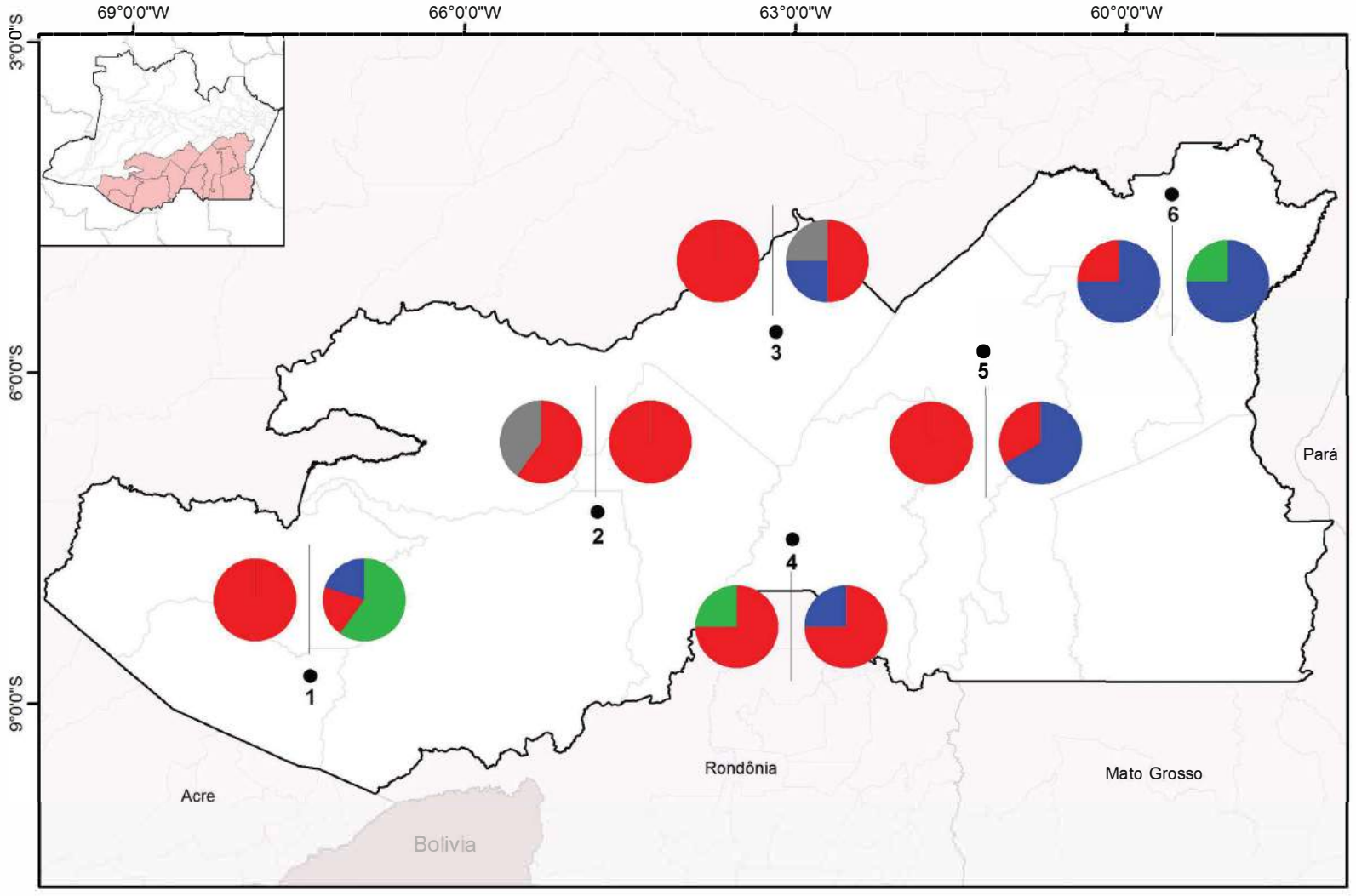

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L218a - Juntar (castanha) - Distribuição por escolaridade

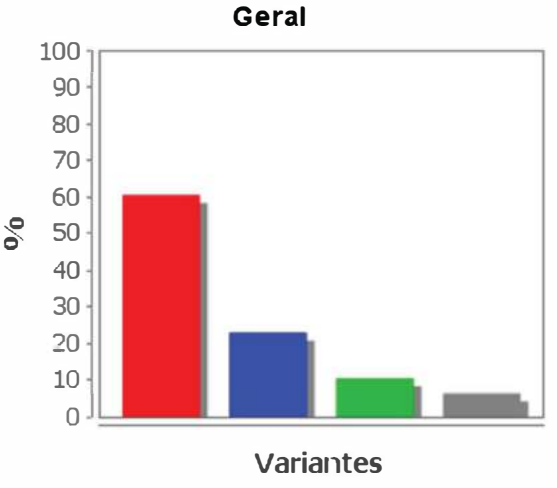



**Legenda**

- Juntar
- Amontoar/ Fazer um monte
- Colher
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L220
# ARPÃO

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pesca) – QSL-253:** E o nome do instrumento usado na pesca do pirarucu e do peixe-boi?



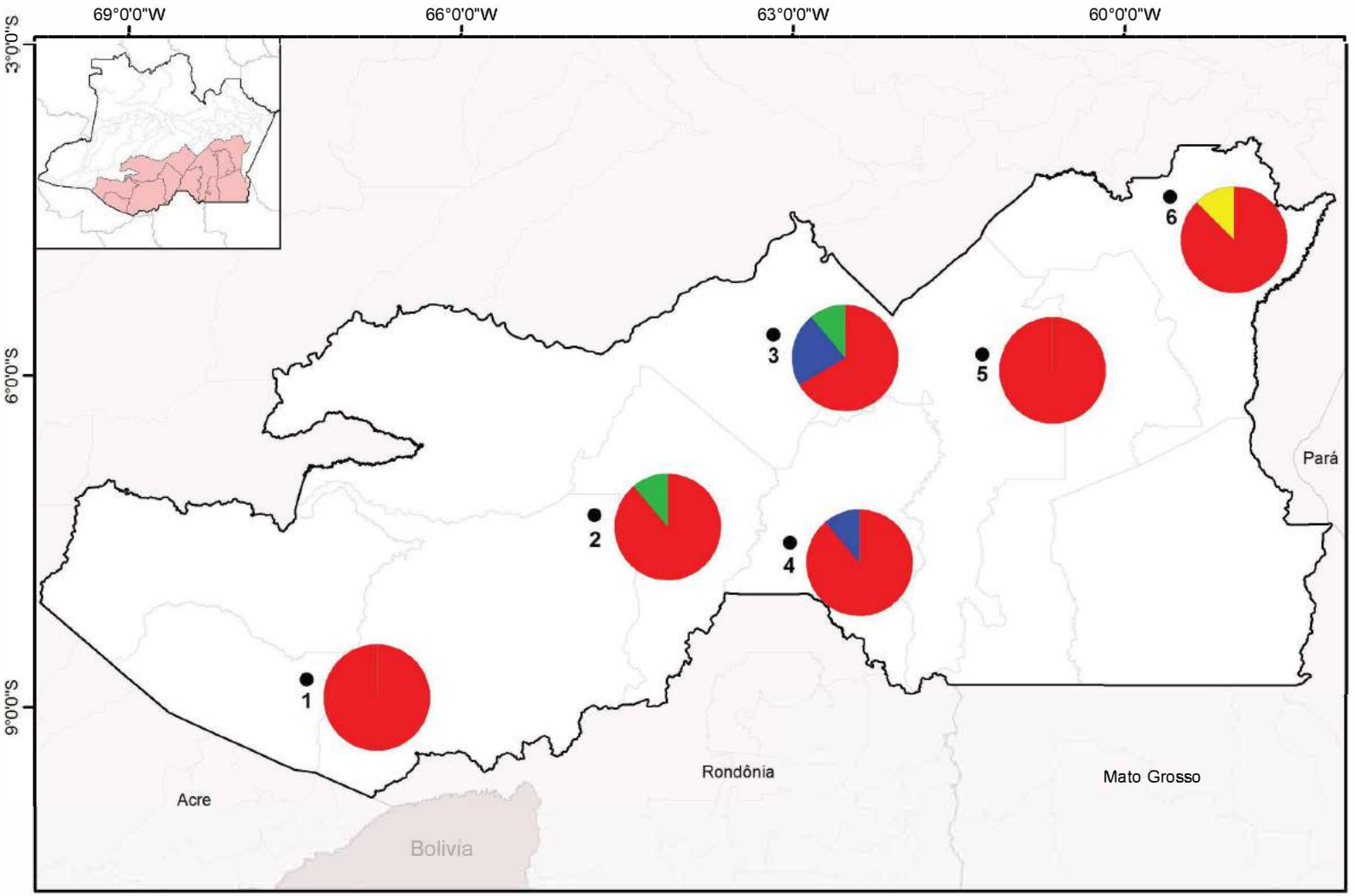


**NOTAS:**

1. MB01 (Lábrea): **Flecha**, **arpão**, mais é arpão.
2. HB02 (Tapauá): Aquele lá é o **arpão**, a **hástia**, né? Papai era pescador do tempo da hástia, não tinha malhadeira.
3. HA02 (Humaitá): **Arpão**, **hástea** e arpoeira, é três instrumentos num só. Você encastoa o arpão na arpoeira e encastoa o arpão na hástea, né, e joga pra acertar no peixe, depois ela desarma, mas ela tem uma presilha que ela corre na arpoeira, aí você trabalha com a arpoeira até o peixe cansar e você matar ele.
4. MA01 (Borba): Eu acho que é **zagaia**, é um ferro né? Falo zagaia.

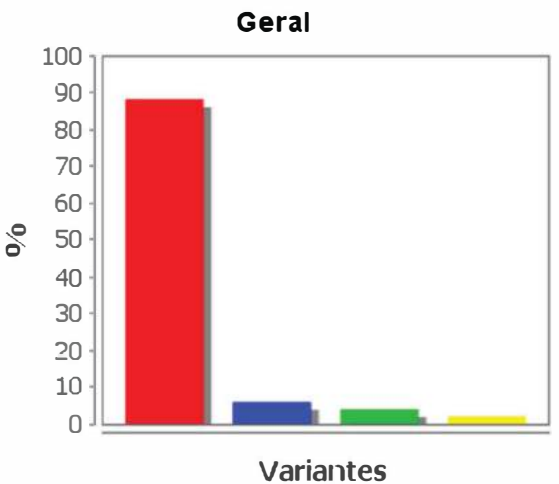
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L220 - Arpão

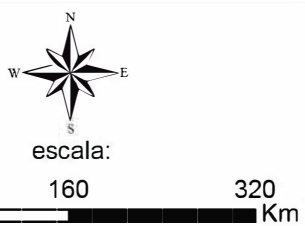



**Legenda**

- Arpão
- Hástea
- Flecha
- Zagaia



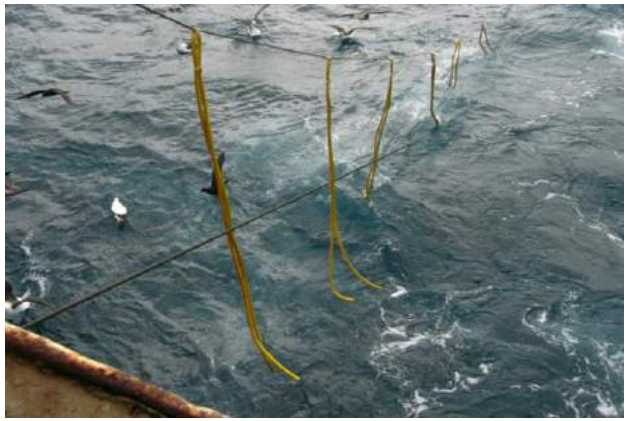

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L223
# ESPINHEL

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pesca) – QSL-259:** Que nome é dado ao instrumento de pesca que se constituí de linha grossa e anzóis grandes, amarrados a uma vara para a pesca de peixes grandes como o surubim e a pirarara?

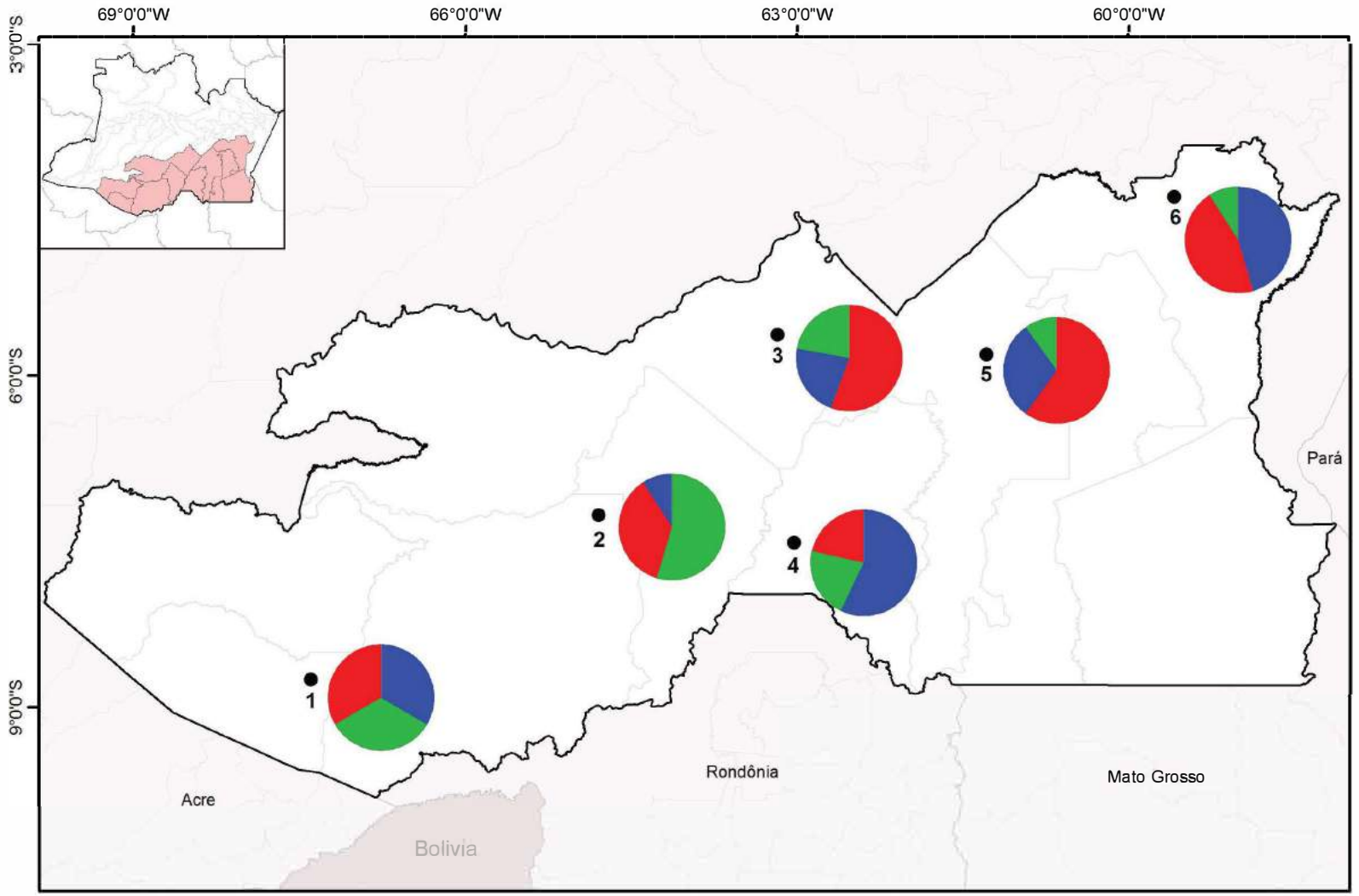


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MB01 (Tapauá); MB01, MB02 e MA01 (Humaitá); MB02 (Manicoré) e HB01, MA01 e MB01 (Borba).
2. HB02 (Boca do Acre): Espinhel.
3. HA01 (Lábrea): Pesca de **canição**. (...) ou **de ponta-de-linha**, de **espinhel**.
   INQ.: Aquele que a gente coloca na vara e deixa lá.
   HA01 (Lábrea): E estica pro meio do rio e solta. (...) É o espinhel.
4. HB02 (Tapauá): Eu já fiz isso, mas agora ninguém faz mais, o nome dele é **poita**. (...) É, poita, **poitão**.
5. MB02 (Tapauá): É a **linha-de-pesca**.
6. MB01 (Manicoré): **Linha**.
7. HB02 (Manicoré): **Mondé**. É mondé.
8. HB02 (Manicoré): **Groseira**.

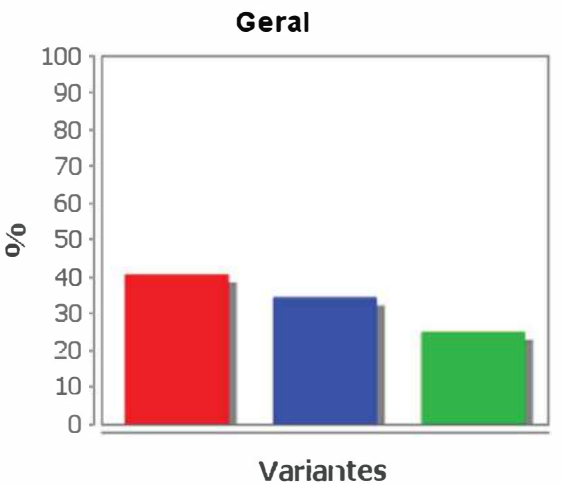
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L221 - Arrastão

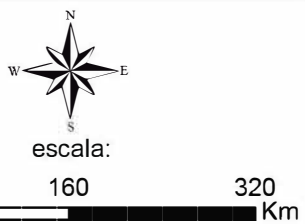



**Legenda**

- Arrastão
- Malhadeira
- Rede




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L221
# ARRASTÃO

**Meio Antrópico: Atividade de produção (Pesca) – QSL-254:** Como se chama o instrumento de pesca com que se apanham todas as espécies de peixe? E aquele tipo que se arrasta no rio para pegar peixes maiores?



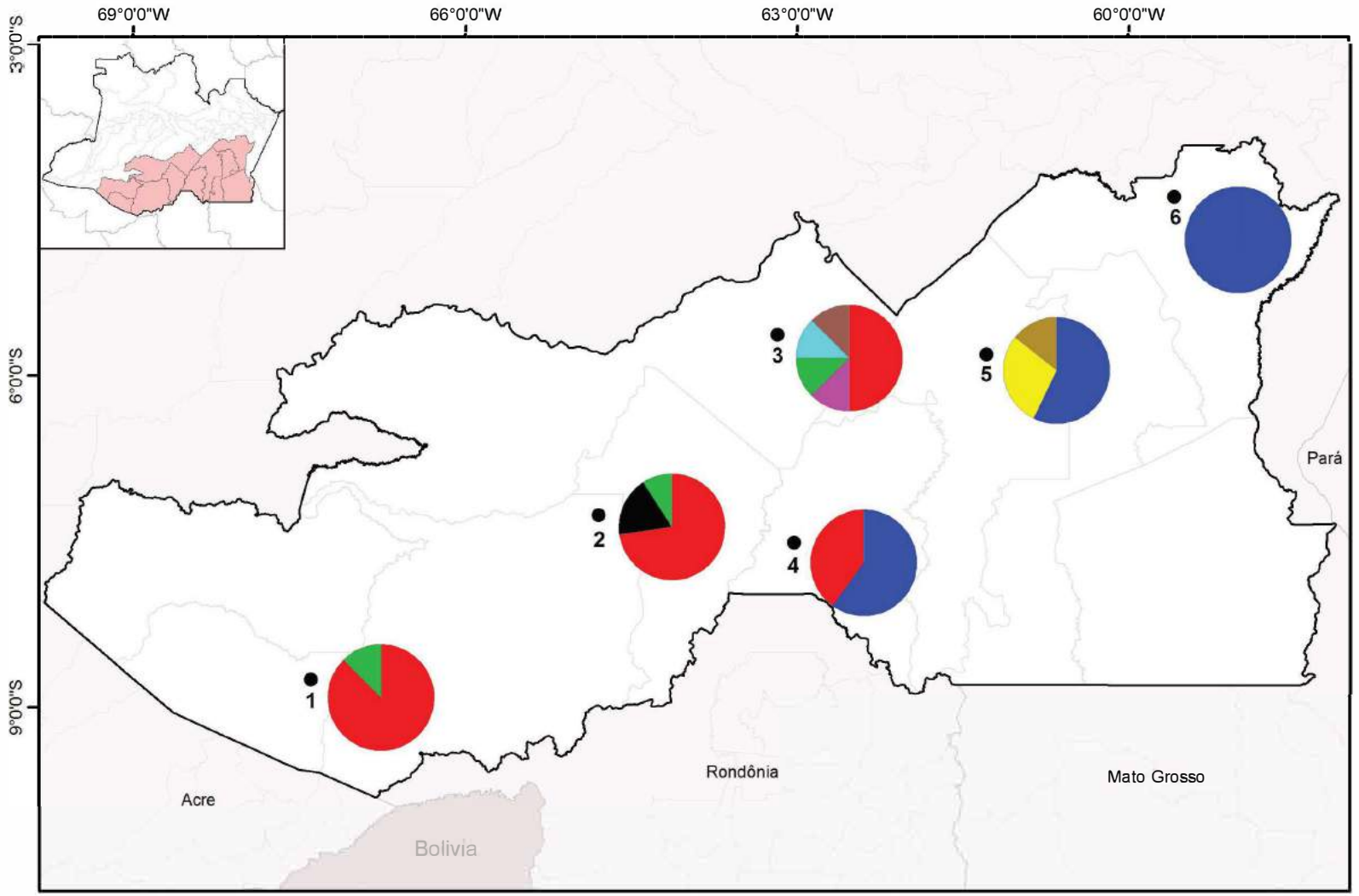


**NOTAS:**

1. HB02 (Boca do Acre): **Arrastão**, **rede**.
2. HA02 (Lábrea): Com a **rede** ou então **malhadeira**, ou a tarrafa. Pega todo troço.
   INQ.: Aquele que a gente sai arrastando assim no...
   HA02 (Lábrea): Aquela é malhadeira. (...) A rede é aquela que você lanceia no cardume. O cardume vem subindo aqui aí você sai assim, quando vem mais ou menos em certa posição, aí você sai com duas canoa assim, aí lança ele (inint.) aí puxa pra dentro da canoa e o peixe fica todo preso. (...) O **arrastão** é aquele pra pegar peixão, da malha grande assim, pra pegar só peixe grande, surubim, filhote.
3. HB02 (Manicoré): **Malhadeira**.
   INQ. – (inint.) que arrasta no rio.
   HB02 (Manicoré): **Rede**, **arrastão**.
   INQ.- Tem diferença?
   HB02 (Manicoré): Tem, a malhadera são vários tipos de malha. (...) o arrastão ele tem só pra peixe grande e tem pra peixe miúdo. A rede é que pega todo tipo.
4. HA01 (Borba): **Malhadeira**.
   INQ.: É malhadeira que pega toda espécie?
   HA01 (Borba): (inint.), **arrastão**?
   INQ.: Que eu saio arrastando no rio assim? É o arrastão ou a malhadeira?
   HA01 (Borba): Malhadeira…todo tipo.
   INQ.: Pega todo tipo, não escolhe não, pega do grande, pequeno, vem tudo junto de uma vez só.
   HA01 (Borba): **Rede**. (...) Malhadeira, malhadeira pega todo tipo também.

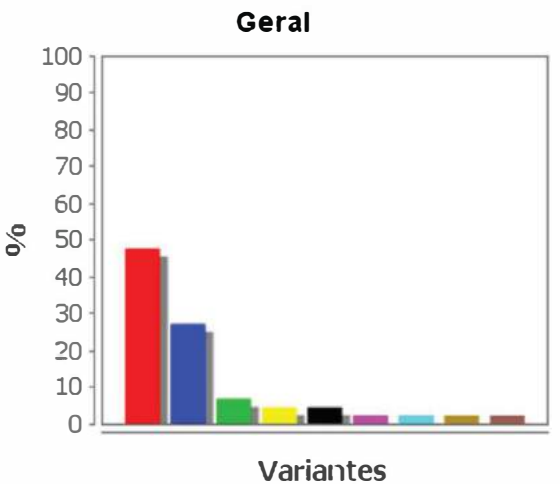
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L223 - Espinhel

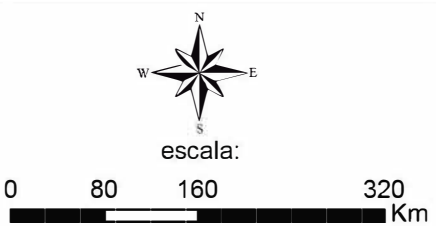



**Legenda**

- Espinhel
- Groseira
- Canição
- Linha
- Ponta-de-linha
- Linha-de-pesca
- Poita
- Mondé
- Poitão



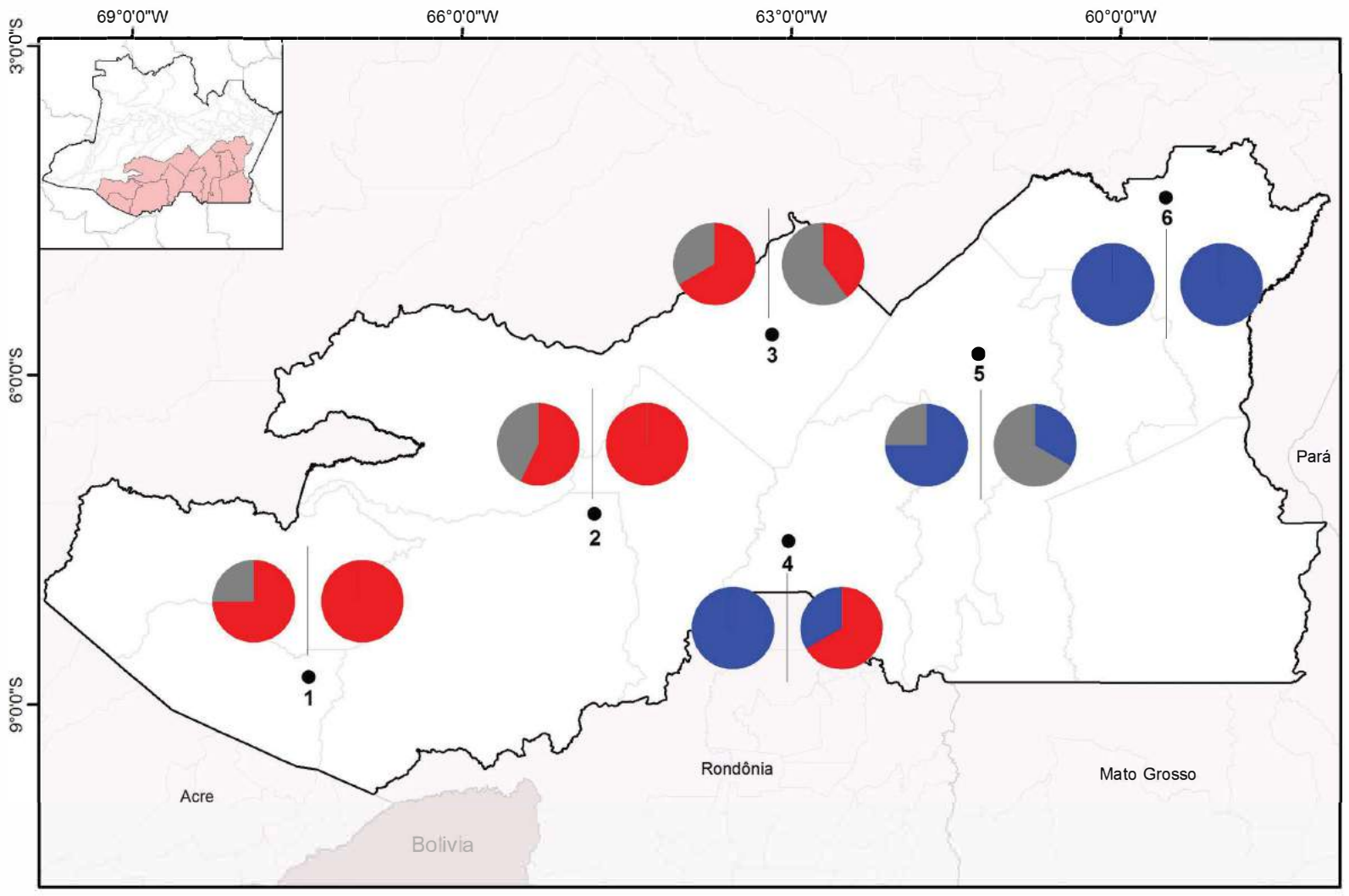

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L223a - Espinhel - Distribuição por idade

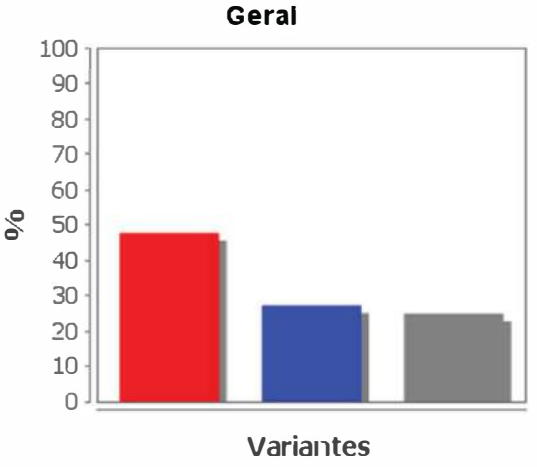



**Legenda**

- Espinhel
- Groseira
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L224
# BALSA

**Meio Antrópico: Transporte fluvial – QSL-260:** Como se chama uma barcaça de madeira que pode ser movida a remo ou rebocada e tem, geralmente, a capacidade de conduzir toneladas de juta, de mercadorias, etc.



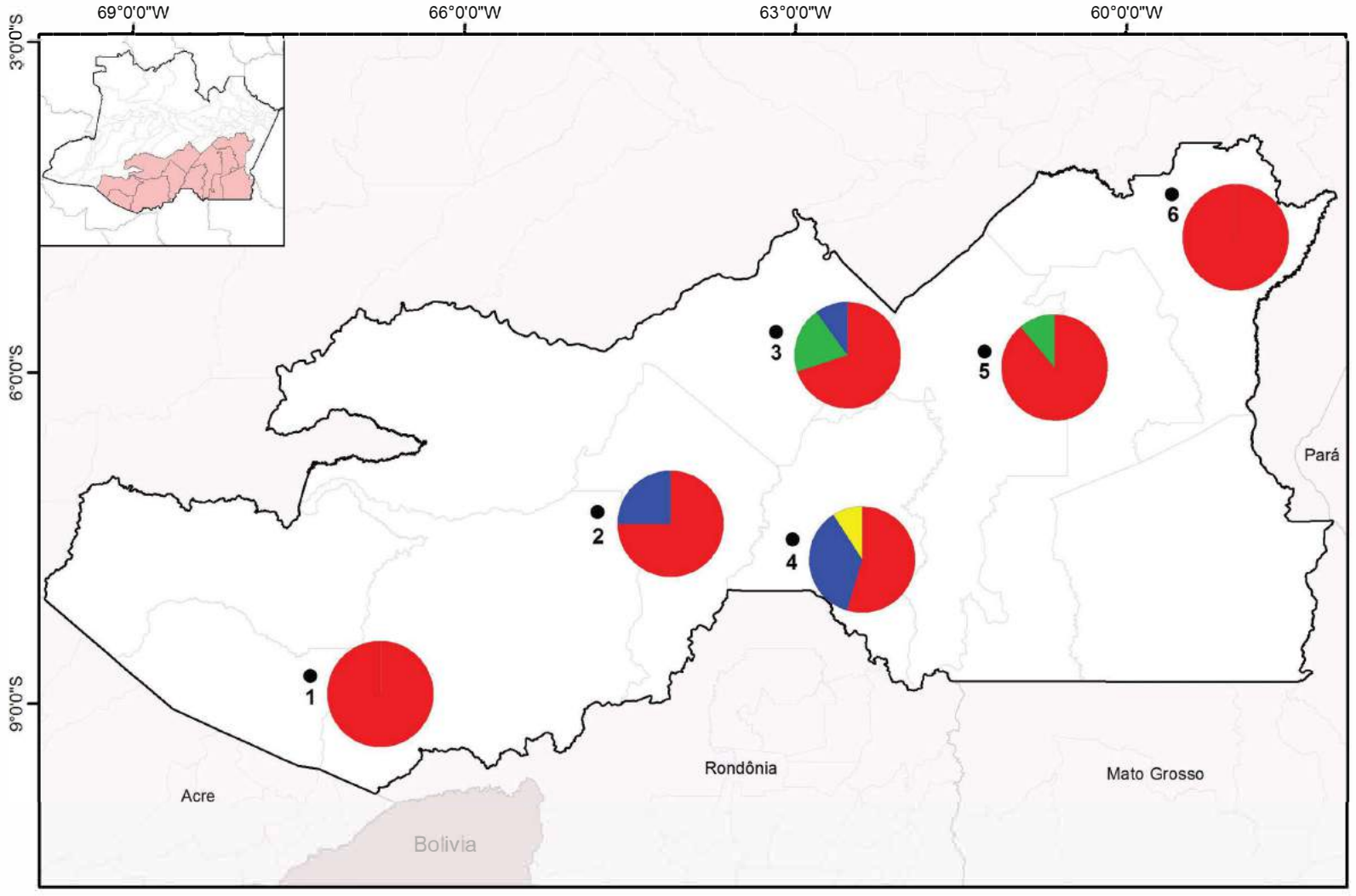


**NOTAS:**

1. HB01 (Boca do Acre): **Balsa**.
2. HB02 (Tapauá): **Batelão**, **alvarenga**, pode ser..., rebocada é? (...) Aqui é o alvarenga que a gente chama.
   INQ.: Alvarenga? Como é a alvarenga.
   HB02 (Tapauá): Alvarenga é só mesmo o barco, não tem máquina e o outo reboca ele, só é mesmo um batelão né.
   INQ.: E se for uma barcaça grande para colocar mercadoria que será arrastada também pelo rio.
   HB02 (Tapauá): É alvarenga mesmo, o outro que vai arrastando é o rebocador, mais não é **balsa** é um batelão, cheio de mercadoria.
   INQ.: Como seria a balsa?
   HB02 (Tapauá): A balsa é quando é de ferro, né? (...) É, quando é de ferro, quando é de madeira (inint.) a gente chama de batelão.
3. HA02 (Humaitá): Hoje a gente chama de **barco**, mas antigamente era **batelão**.
4. HB02 (Manicoré): Tem a **‘varenga** e a **balsa**.
   INQ.: Tem diferença da alvarenga pra balsa?
   HB02 (Manicoré): Tem, porque a ‘varenga é o motor feito de madeira, a balsa é feita de ferro.

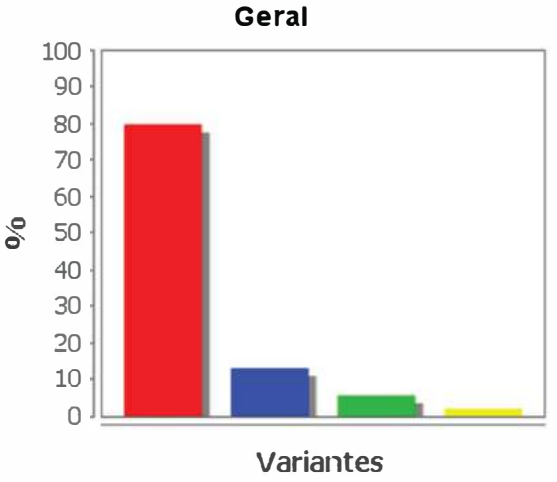
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L224 - Balsa (Embarcações, que podem ser rebocadas, usadas para o transporte de mercadoria)

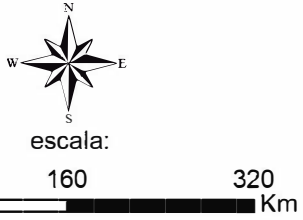



**Legenda**

- Balsa
- Batelão
- Alvarenga
- Barco



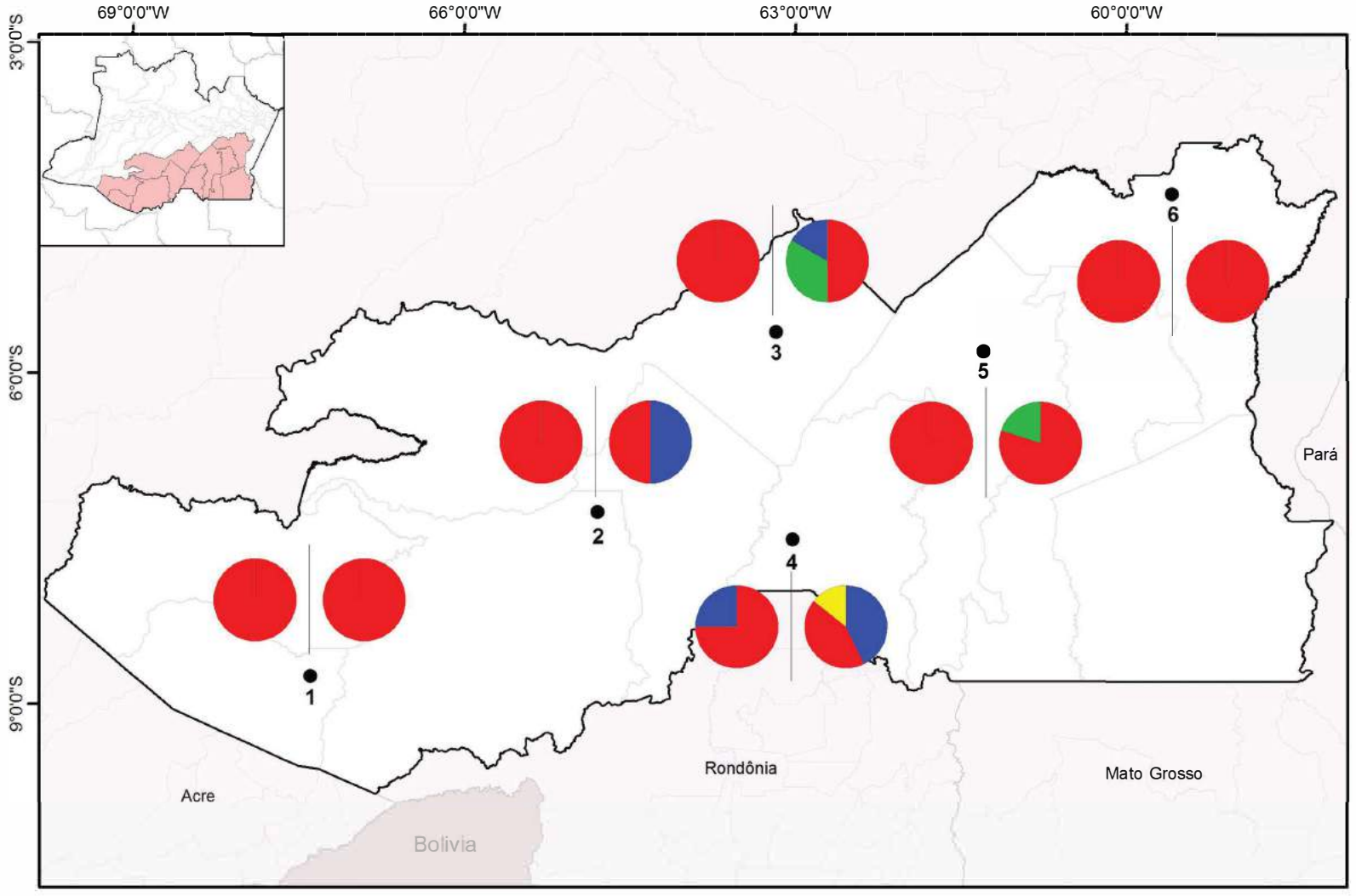

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L224a - Balsa (Embarcações, que podem ser rebocadas, usadas para o transporte de mercadoria) - Distribuição por idade

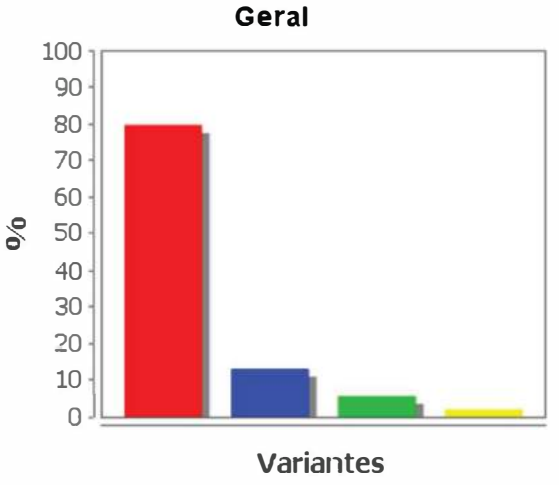



**Legenda**

- Balsa
- Batelão
- Alvarenga
- Barco

① ②

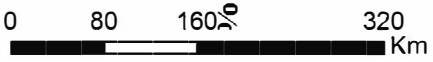
**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:




**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L225
# RECREIO

**Meio Antrópico: Transporte fluvial – QSL-261:** Qual o nome que se da embarcação movida à máquina que leva mercadoria e passageiros? E se for uma embarcação desse tipo, porém pequena, que faz viagens menores?

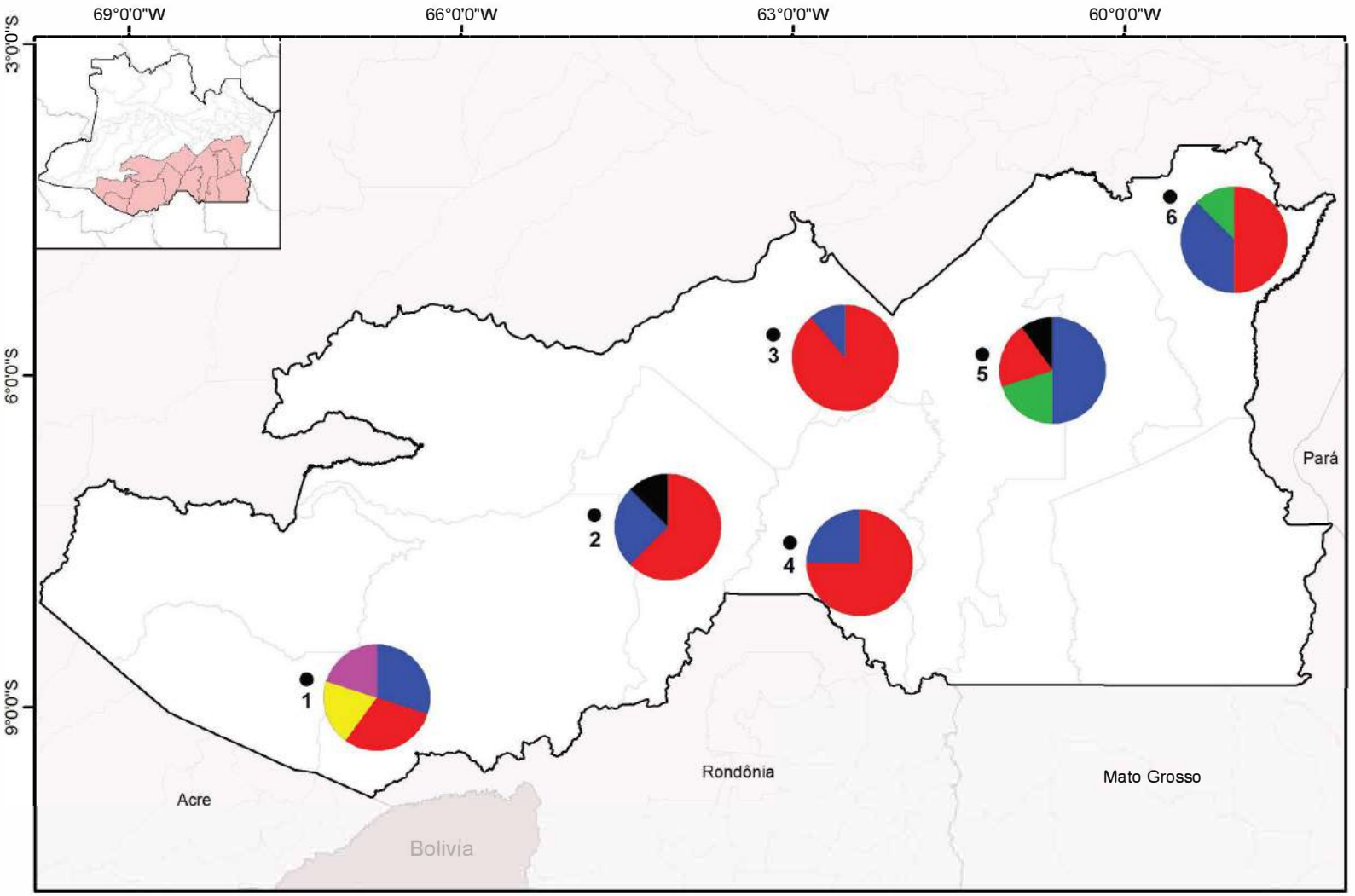



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MA01 (Lábrea).
2. HB01 (Boca do Acre): **Baleeira**, é **barco**.
3. MB01 (Boca do Acre): Tem o **rebocador** que leva tripulantes e às vezes passageiros e tem o **barco** mesmo, o barco grande, embarcação.
4. HA01 (Lábrea): Um **barco** ou (...) **recreio**.
5. HA01 (Tapauá): **Recreio** que eles chama.
6. HA01 (Humaitá): Agora esse é o **barco**.
7. MB02 (Manicoré): **Motor**, **barco**.
8. MB02 (Borba): Mercadoria e passageiro? É **motor-de-linha**.

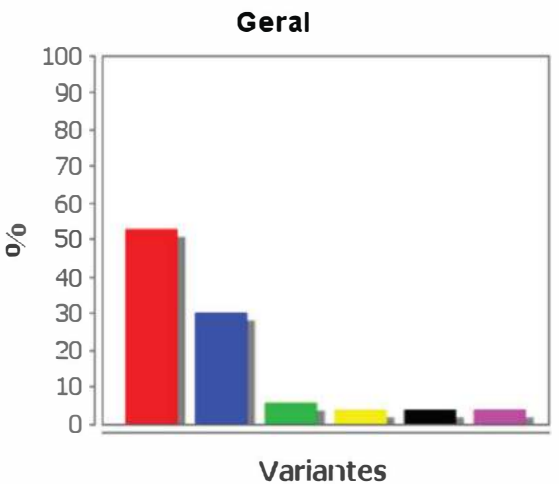
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L225 - Recreio

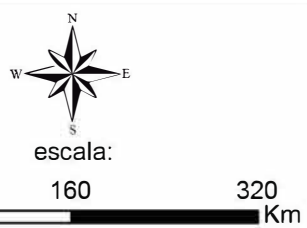



**Legenda**

- Recreio
- Barco
- Motor-de-linha
- Rebocador
- Motor
- Baleeira



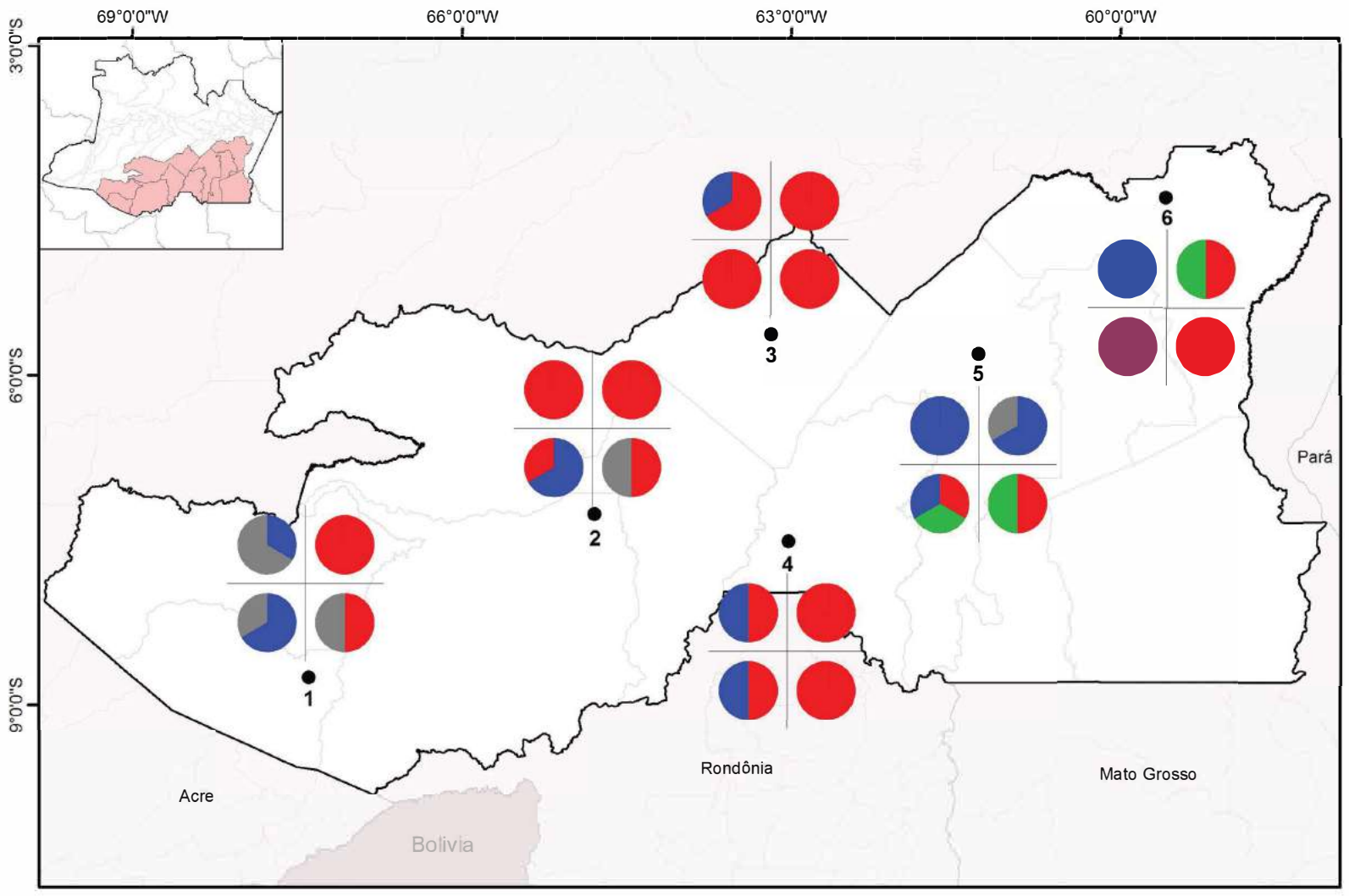

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L225a - Recreio - Distribuição por sexo e idade

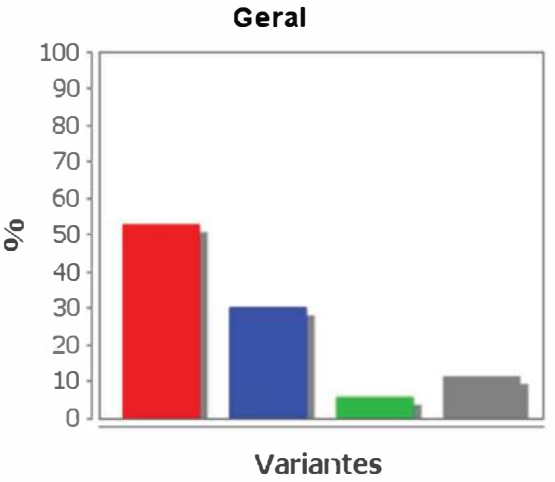



**Legenda**

- Recreio
- Barco
- Motor-de-linha
- Outros

① ② ③ ④

1: Feminino - 20 a 35 anos
2: Feminino - 50 a 65 anos
3: Masculino - 20 a 35 anos
4: Masculino - 50 a 65 anos




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L226
# BARCO

**Meio Antrópico: Transporte fluvial – QSL-261:** Qual o nome que se da embarcação movida à máquina que leva mercadoria e passageiros? E se for uma embarcação desse tipo, porém pequena, que faz viagens menores?

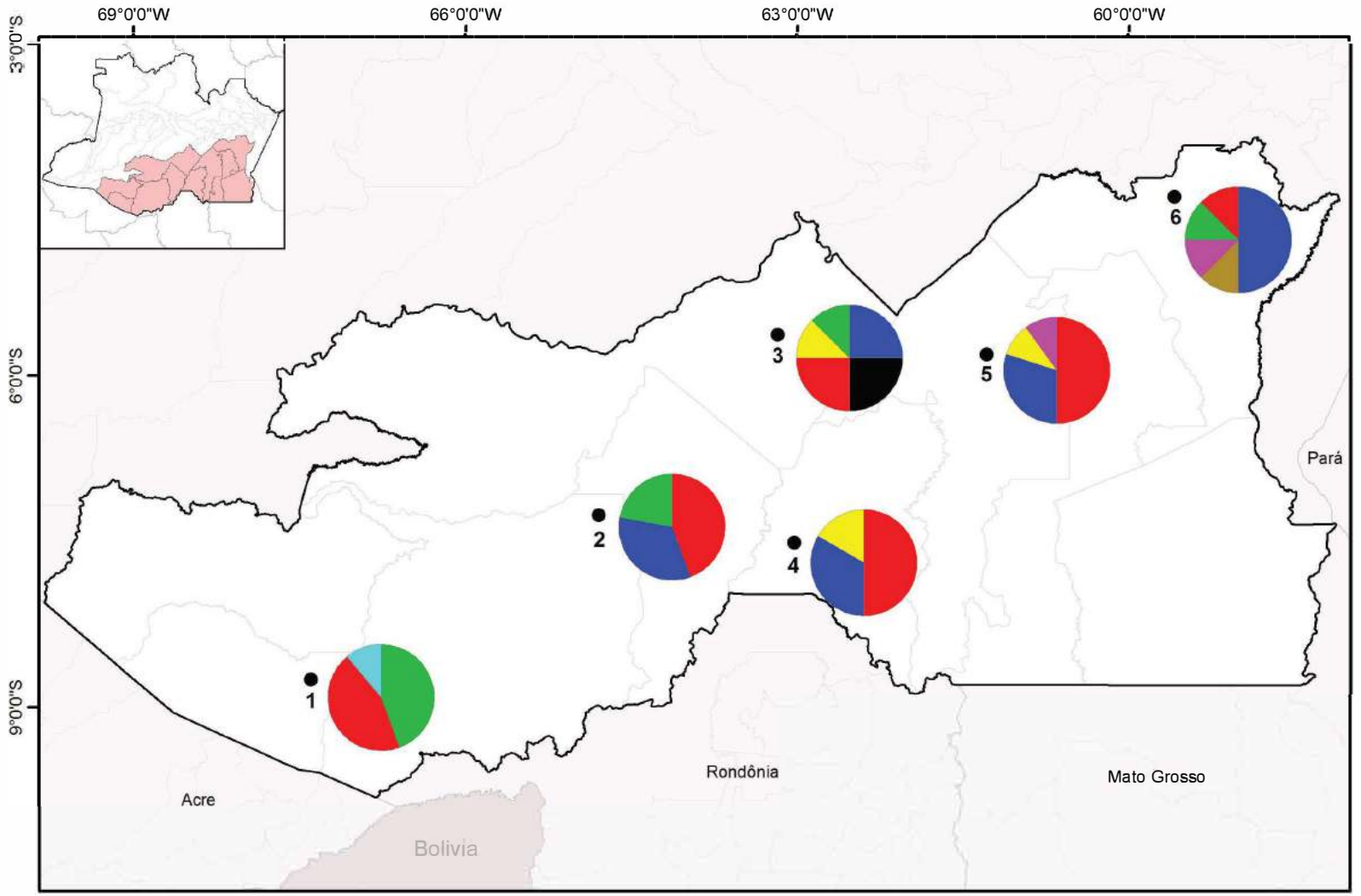


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 e MB02 (Humaitá).
2. MA01 (Boca do Acre): É **baleeira**.
   INQ.: Daquelas que só tem um toldo?
   MA01 (Boca do Acre): É baleeira.
3. MB02 (Lábrea): **Motor**? O **batelão**.
4. HB01 (Tapauá): **Barco peixeiro** que é barco pequeno mesmo.
5. MA02 (Tapauá): **Barco de pesca**. Tudo é **barco**.
6. HB02 (Humaitá): Ah, tá, **regatão**.
7. MA01 (Manicoré): A gente chama de **barco pequeno** do interior.
8. HA02 (Manicoré): Também é **recreio**.
   INQ.: Mesmo se for só de um andar?
   HA02 (Manicoré): É. Só que aí quando é pequeno diz que é recreio, quando é grande aí já faz linha.
9. HB02 (Borba): **Motor-de-linha**.

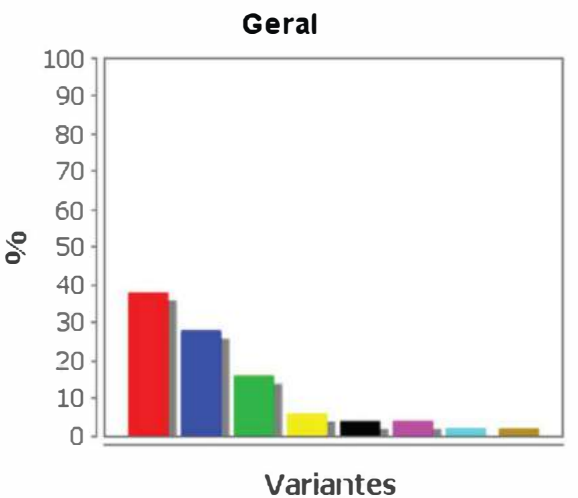
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L226 - Barco

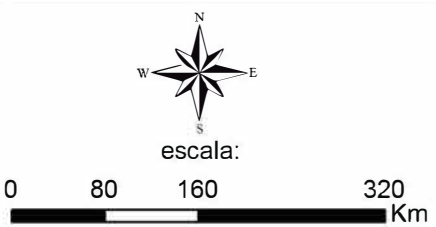



**Legenda**

- Barco/ Barco pequeno
- Motor
- Batelão
- Regatão
- Barco de pesca/ Barco peixeiro
- Recreio
- Baleeira
- Motor-de-linha



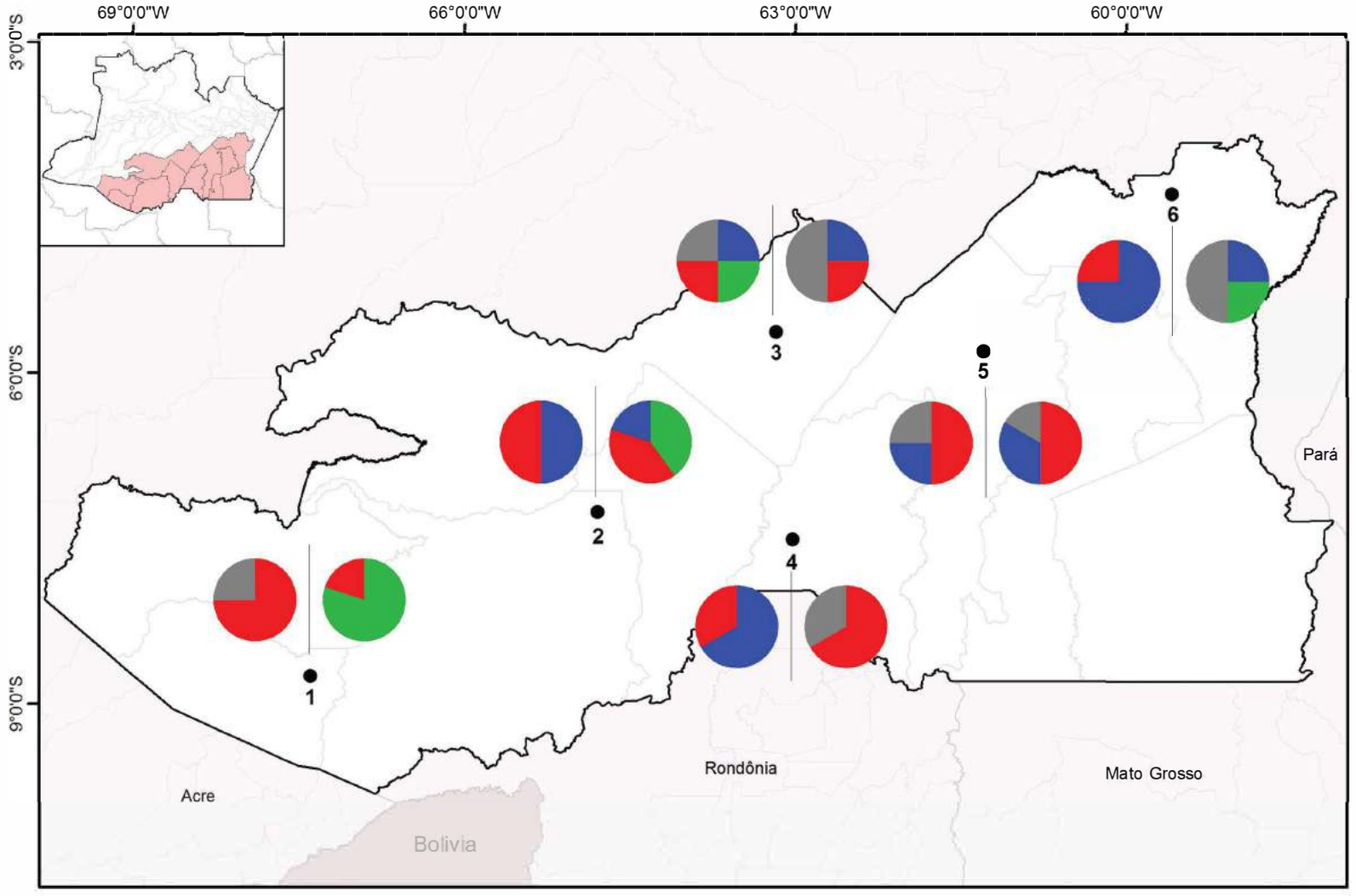

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L226a - Barco - Distribuição por escolaridade

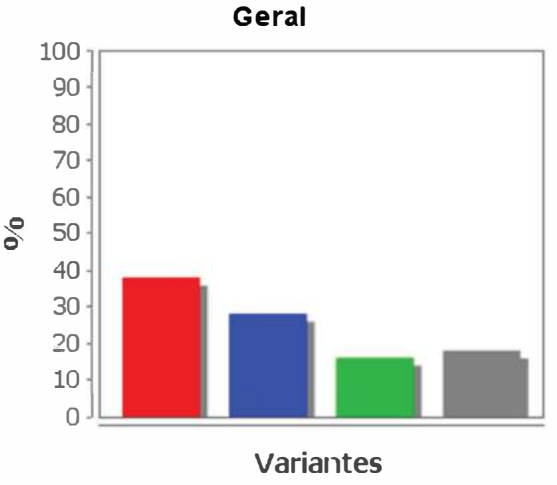



**Legenda**

- Barco/ Barco pequeno
- Motor
- Batelão
- Outros

① ②

**1: 4 a 7 anos**
**2: 10 a 13 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L227
# MOTOR-RABETA

**Meio Antrópico: Transporte fluvial – QSL-262:** Como se chama a máquina que fica localizada atrás das embarcações menores como a canoa?

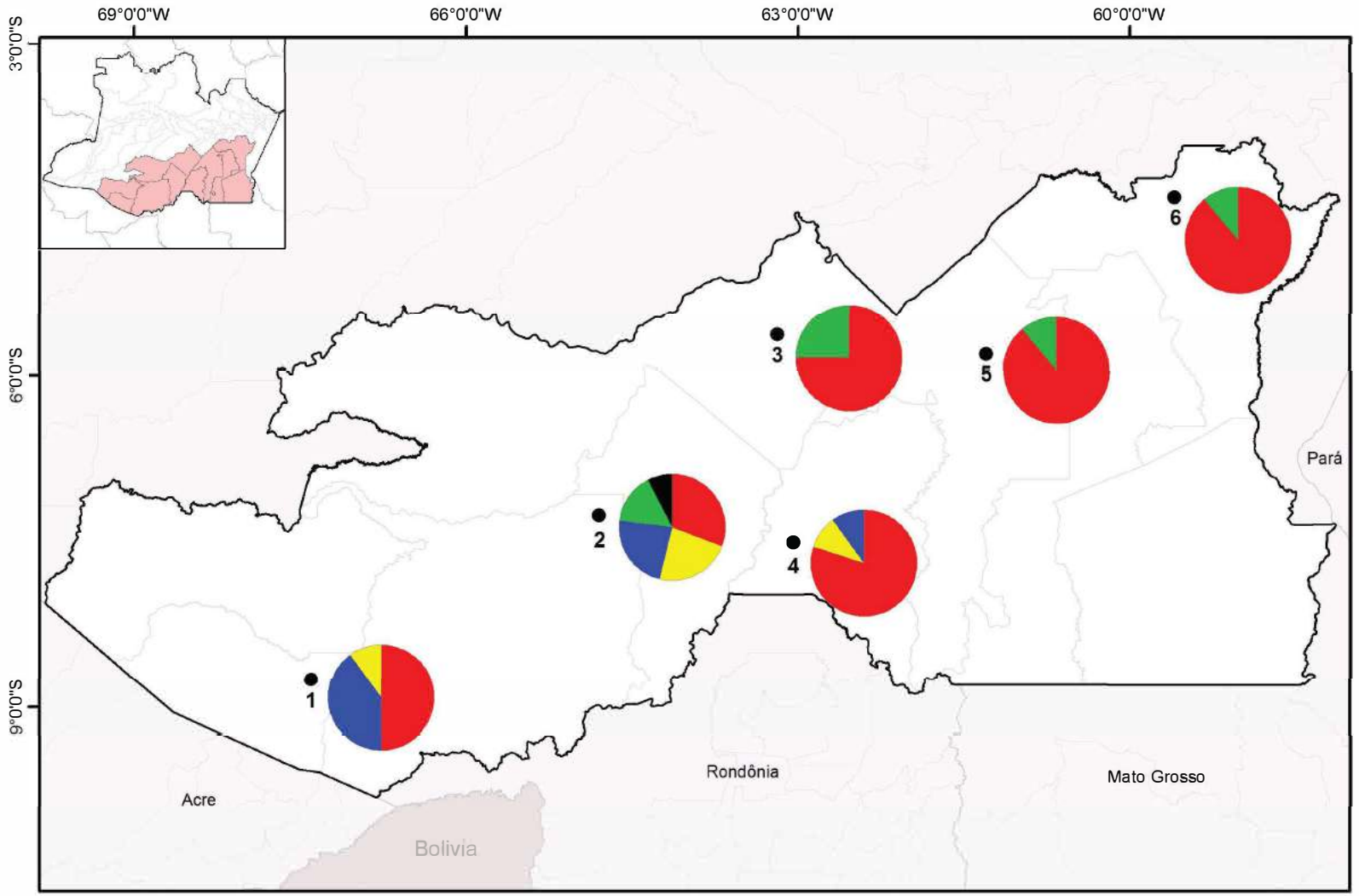


**NOTAS:**

1. NÃO SOUBE RESPONDER: MB02 (Lábrea).
2. MB01 (Boca do Acre): A gente chama de **motor**, **motor-rabeta**, **rabetinha**.
3. MA01 (Lábrea): É que tem vários tipos de motor, tem o **rabeta**, tem a **voadeira**, aí tem o motor do barco grande, são **motor-de-centro**, que é montado no meio da canoa.
4. HB01 (Tapauá): **Motorzinho-de-popa** mesmo que o pessoal chama.
5. MA01 (Humaitá): **Motor**? **Rabeta**.
6. HA02 (Manicoré): **Rabeta**, **motor-de-polpa**.

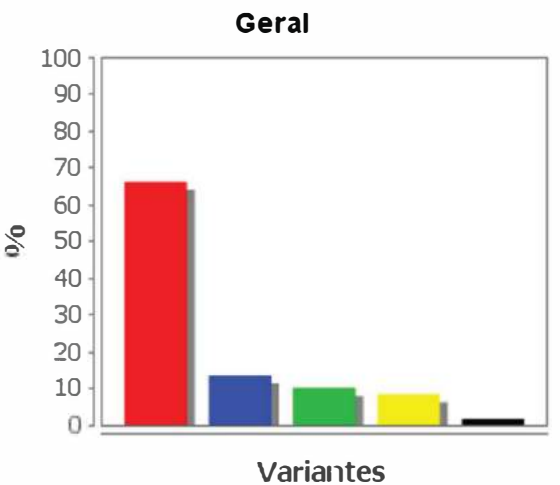
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L227 - Motor-rabeta

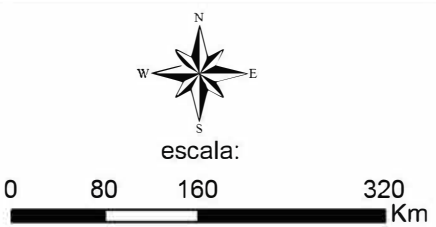



**Legenda**

- Motor-rabeta/ Rabetinha
- Motor
- Motor-de-popa/ Motorzinho-de-popa
- Voadeira
- Motor-de-centro



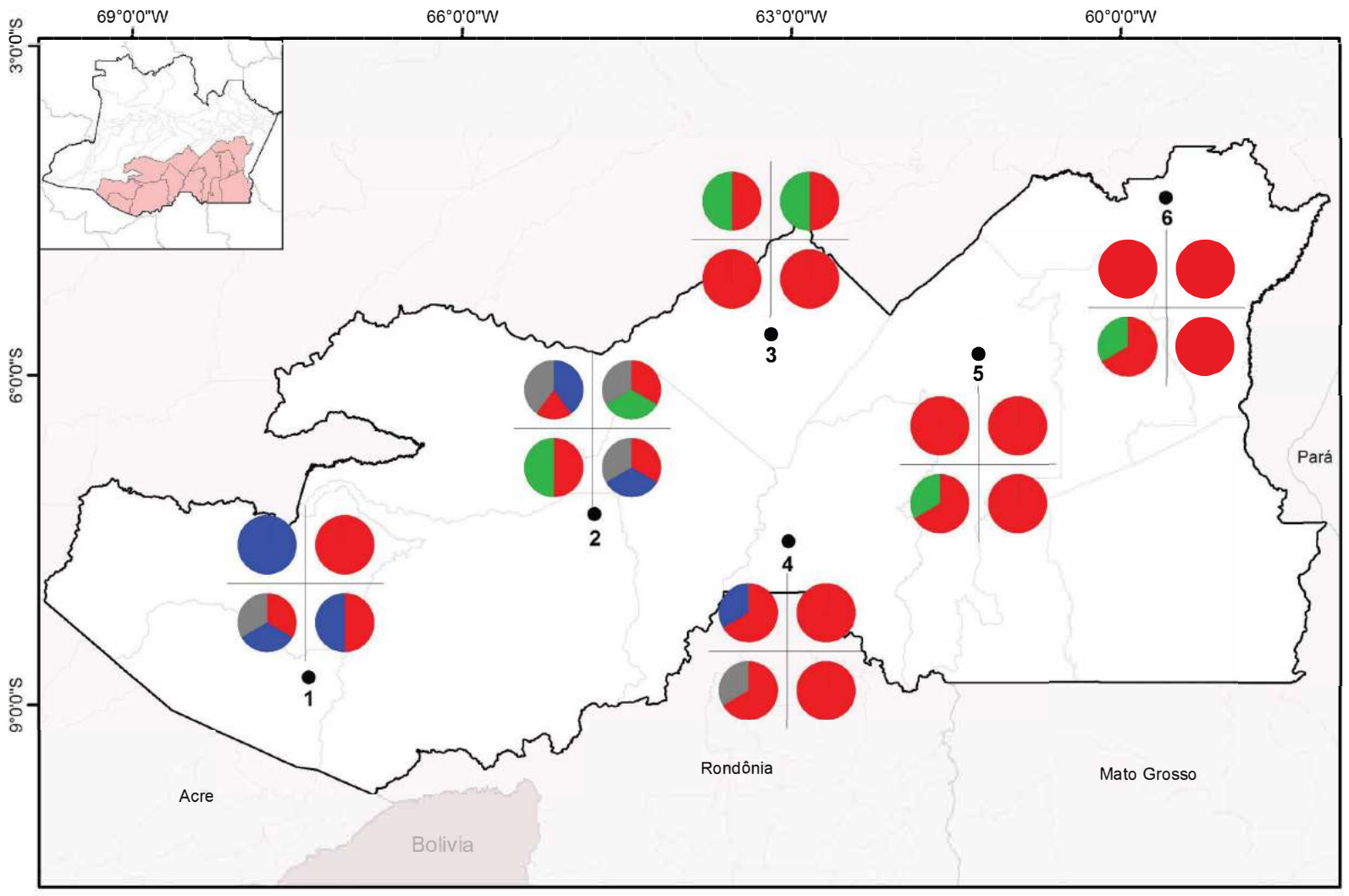

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L227a - Motor-rabeta - Distribuição por idade e escolaridade



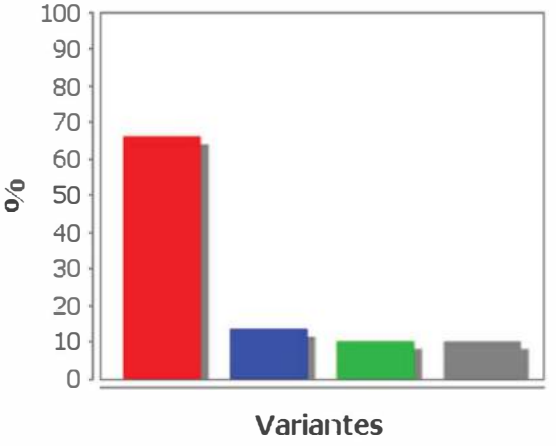

**Legenda**

- Motor-rabeta/ Rabetinha
- Motor
- Motor-de-popa/ Motorzinho-de-popa
- Outros

① ② ③ ④

**1: 20 a 35 anos - 4 a 7 anos**
**2: 20 a 35 anos - 10 a 13 anos**
**3: 50 a 65 anos - 4 a 7 anos**
**4: 50 a 65 anos - 10 a 13 anos**

**Geral**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**

# CARTA SEMÂNTICO-LEXICAL L228
# PRANCHA

**Meio Antrópico: Transporte fluvial – QSL-263:** Qual o nome daquela peça de madeira que serve de ponte para as pessoas saírem das embarcações?

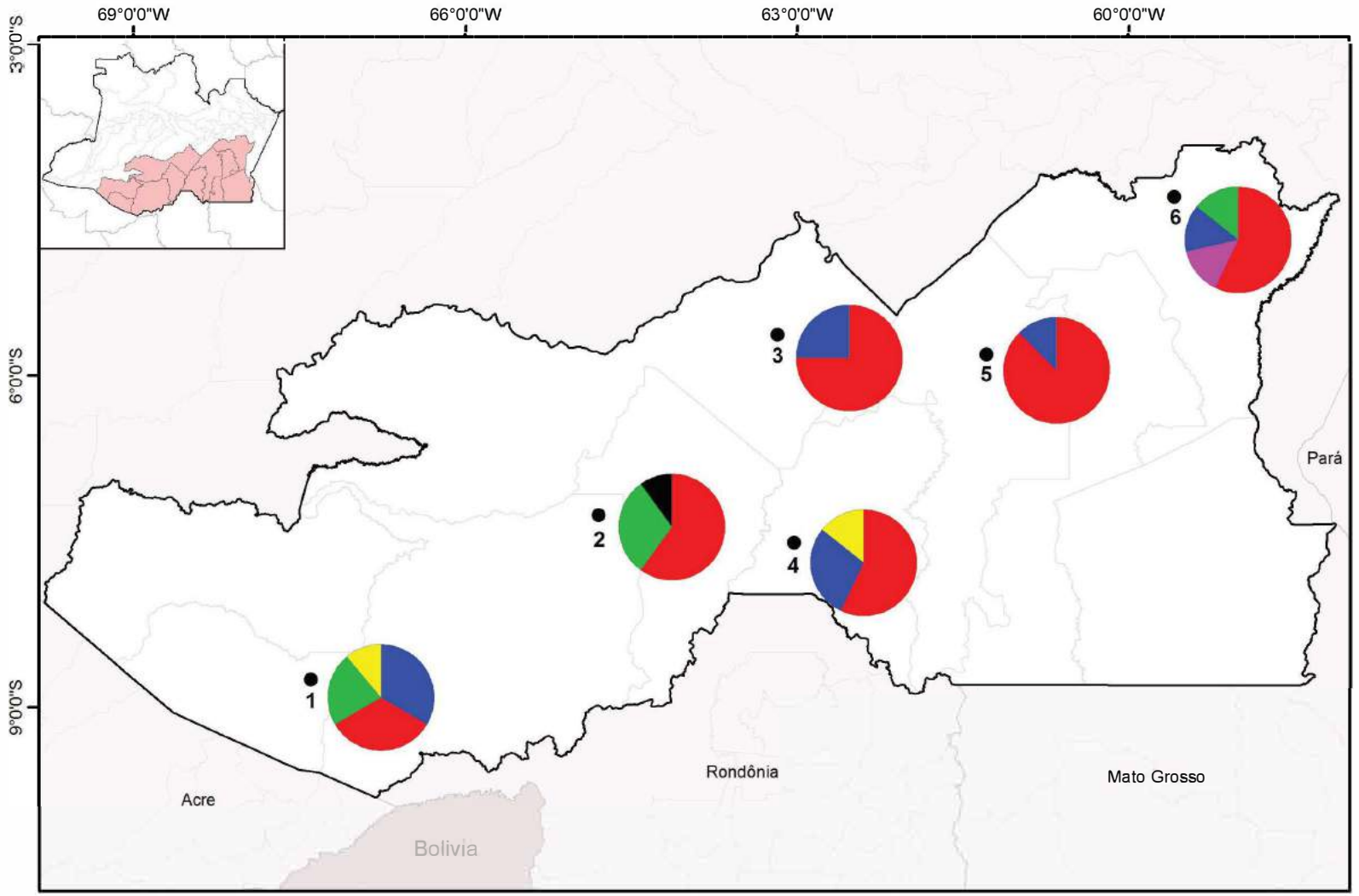



**NOTAS:**

1. NÃO SOUBERAM RESPONDER: MA01 (Humaitá) e MA01 (Borba.
2. MB01 (Boca do Acre): Uma **tábua** mesmo, ou uma **escada**, uma escadinha.
3. HB01 (Lábrea): **Escada**, **pranchão**.
4. HA02 (Tapauá): **Prancha**.
5. MA02 (Humaitá): **Ponte** não? É a ponte.
6. MA02 (Manicoré): **Prancha**.
7. MB01 (Borba): É a **rampa**.

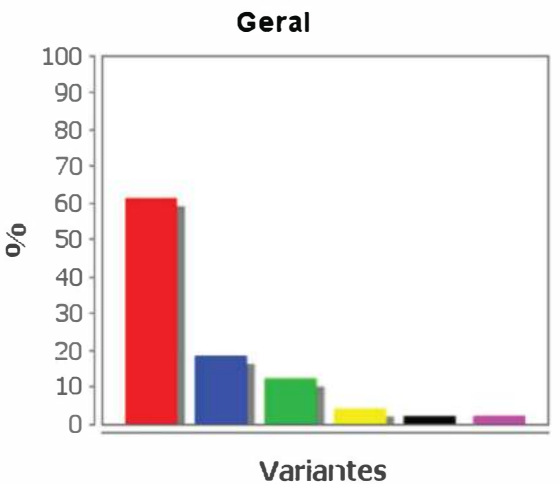
# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L228 - Prancha

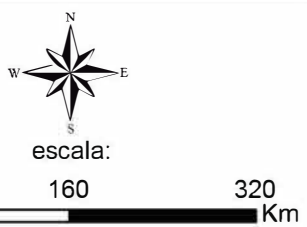



**Legenda**

- Prancha
- Ponte
- Escada
- Tábua
- Pranchão
- Rampa



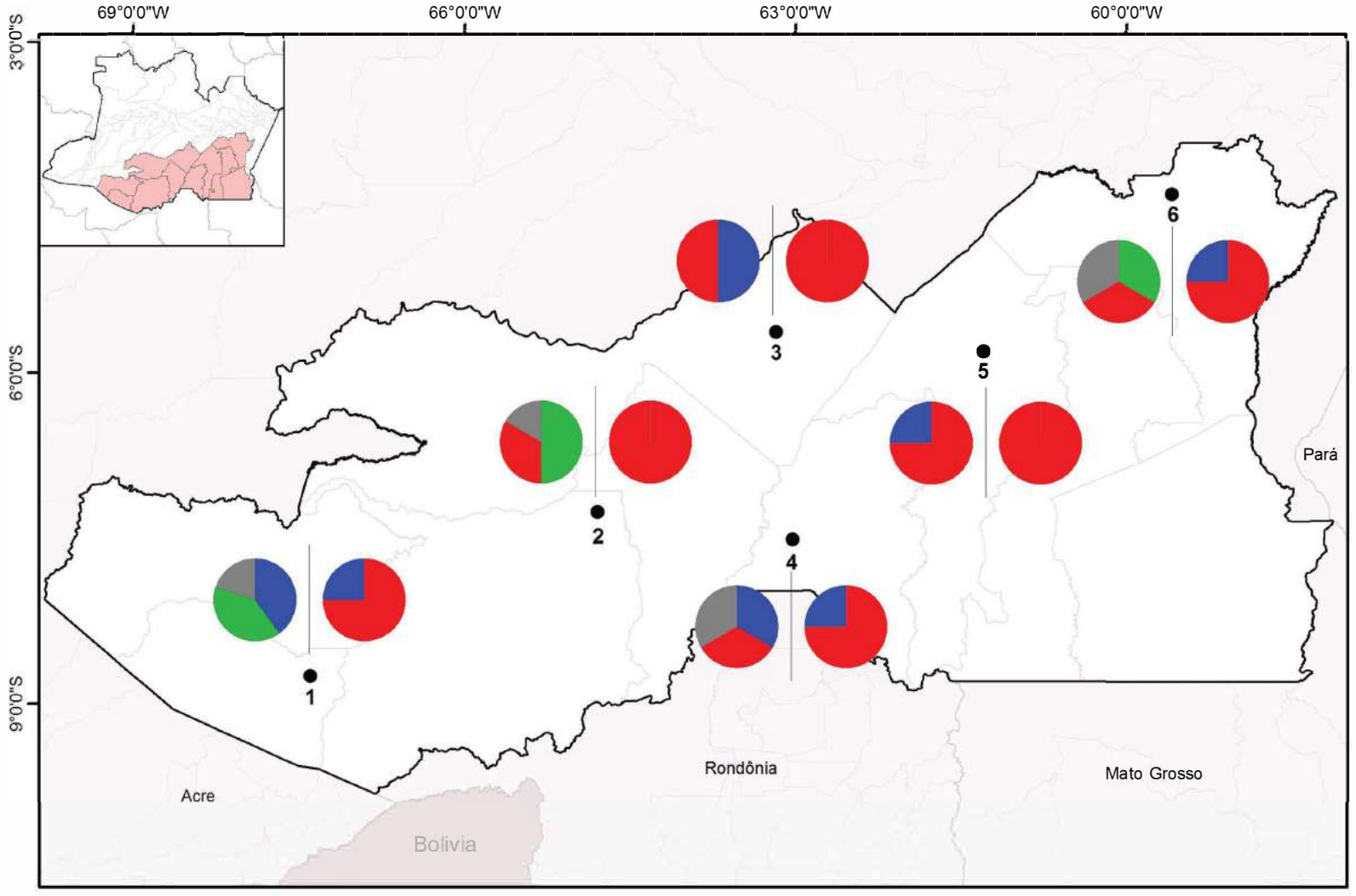

Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




**[SGVCLin]® - 2015**

# ATLAS LINGUÍSTICO DO SUL AMAZONENSE

## L228a - Prancha - Distribuição por idade

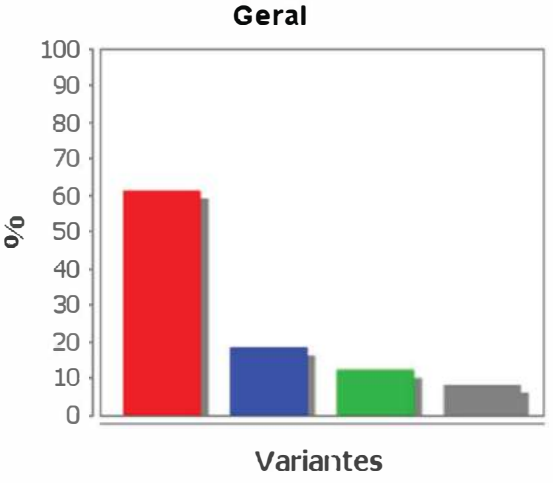



**Legenda**

- Prancha
- Ponte
- Escada
- Outros

① ②

**1: 20 a 35 anos**
**2: 50 a 65 anos**




Org.: MAIA, Edson Galvão, 2016.
Arte-Final: ALIEVI, Alan Alves, 2016.
Fonte: Base Cartográfica Contínua do Brasil - IBGE, 2015
Sistema de referência: SIRGAS2000
Eliposóide: GRS80
Sistema de Projeção: Coordenadas Geográficas




escala:

0 80 160 320 Km

**[SGVCLin]® - 2015**